

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo -ASPEUR Universidade Feevale

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

Cultura, Comunicação e Diversidade no Contexto Contemporâneo

ORGANIZADORES
Ernani Cesar de Freitas
Juracy Assmann Saraiva
Gislene Feiten Haubrich

2ª Edição







COMO MELHOR UTILIZAR ESTE E-BOOK

Não desperdice papel, imprima somente se necessário.

Este e-book foi feito com intenção de facilitar o acesso à informação. Baixe o arquivo e visualize-o na tela do seu computador sempre que necessitar. No entanto, caso seja necessário, o arquivo pode ser impresso. É possível também imprimir somente partes do texto, selecionando as páginas desejadas nas opções de impressão. Os botões interativos são apenas elementos visuais e não aparecerão na impressão, utilize-os para navegar pelo documento. Se preferir, utilize as teclas "Page Up" e "Page Down" do teclado ou o "Scroll" do mouse para retornar e prosseguir entre as páginas.



PRESIDENTE DA ASPEUR

Luiz Ricardo Bohrer

REITORA DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Inajara Vargas Ramos

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

João Alcione Sganderla Figueiredo

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Alexandre Zeni

PRÓ-REITOR DE INOVAÇÃO

Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Cristina Ennes da Silva

DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Marinês Andrea Kunz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cristina Ennes da Silva Joelma Rejane Maino

EDITORA FEEVALE

Graziele Borguetto Souza Adriana Christ Kuczynski Vinícius Boff Flores

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Vinícius Boff Flores

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Graziele Borguetto

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507

Diálogos interdisciplinares [recurso eletrônico] : cultura, comunicação e diversidade no contexto contemporâneo [recurso eletrônico] / organizadores Ernani Cesar de Freitas, Juracy Assmann Saraiva e Gislene Feiten Haubrich. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2017.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: <www.feevale.br/editora> Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7717-207-8

1. Cultura - Manifestações. 2. Comunicação. 3. Diversidade. I. Freitas, Ernani Cesar de. II. Saraiva, Juracy Assmann. III. Haubrich, Gislene Feiten.

CDU 008

A revisão textual e adequação às normas ABNT são de responsabilidade dos autores e orientadores.

© Editora Feevale – TODOS OS DIREITOS RESERVADOS -

É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 – CEP 93510-250 – Hamburgo Velho Câmpus II: ERS 239, 2755 – CEP 93525-075 – Vila Nova Fone: (51) 3586.8800 – Homepage: www.feevale.br Novo Hamburgo/RS - Brasil



Organização:

Ernani Cesar de Freitas Juracy Assmann Saraiva Gislene Feiten Haubrich

Equipe de elaboração:

Éderson Cabral Editora Feevale Eliane Davila dos Santos Gislene Feiten Haubrich Januário Marques Jéssica Schmitz Poliana Lopes

Comissão Científica

Profa. Dra. Adriana Amaral - UNISINOS Profa. Dra. Ana Cristina Fachinelli - UCS Profa. Dra. Ana Mafalda de Morais Leite Universidade de Lisboa/PT

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues - UERJ

Profa. Dra. Carmen Silvia Rial - UFSC

Profa. Dra. Denise Castilhos de Araújo - FEEVALE

Profa. Dra. Denise Regina Quaresma da Silva - FEEVALE

Prof. Dr. Dusan Schreiber - FEEVALE

Profa. Dra. Elizabeth Wada – Universidade Anhembi/ Morumbi

Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas - FEEVALE

Profa. Dra. Fabiane Verardi Burlamaque - UPF

Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa – UFPA

Profa. Dra. Jacinta Sidegum Renner

Prof. Dr. José Manoel Gonçalves Gandara - UFPR

Prof. Dr. Júlio Mendes - Universidade de Algarve/PT

Profa. Dra. Juracy Ignez Assmann Saraiva - FEEVALE

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - PUCRS

Prof. Dr. Leandro Valiati - UFRGS

Prof. Dra. Leila Lehnen – Universidade do Novo

México/ USA

Prof. Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze - FEEVALE

Prof. Dr. Luis Miguel Moital Rodrigues - Bournemouth

University/ UK

Prof. Dr. Magnus Luiz Emmendoerfer - UFV

Profa. Dra. Mabel Burin - UCES/ AR

Profa. Dra. Maria da Glória Di Fanti - PUCRS

Profa. Dra. María del Carmen Gonzáles Viaña -

Universidad Nacional de Rio Negro/ AR

Profa. Dra. Maria Berenice Costa Machado - UFRGS

Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz - FEEVALE

Profa. Dra. Marisa Cristina Vorraber Costa - UFRGS

Profa. Dra. Miroslawa Czerny – Universidade de

Varsóvia/PL

Profa. Dra. Neli Teresinha Galarce Machado - UNIVATES

Prof. Dr. Rudimar Baldissera - UFRGS

Profa. Dra. Rosemari Lorenz Martins - FEEVALE

Profa. Dra. Ruth Maria Chittó Gauer - PUCRS

Profa. Dra. Vânia Natércia Costa – Universidade de

Minho/PT

Profa. Dra. Vera Lucia Pires - UFSM

Profa. Dra. Yazmín López Lenci – UNILA

12 APRESENTAÇÃO

- Promoção institucional através da cultura Adriana Donato dos Reis
- Gilda e Estrada Perdida: as marcas do hedonismo no cinema *noir* e *neonoir*Alexandre Rossato Augusti
- Saúde, mídia e produção de sentidos: uma revisão da literatura a respeito do discurso midiático sobre a saúde

 Amanda Braga Silveira
- Mulheres negras: a mídia e as interferências nas suas identificações

 Amanda Rosiéli Fiuza e Silva
- Memórias da personagem inominada, em *A*manta do soldado, Lídia Jorge

 Ana Denise Teixeira Andrade

 Regina da Costa da Silveira
- Considerações sobre identidade no contexto dos profissionais bailarinos no RS

 Ana Ligia Trindade

 Patrícia Kayser Vargas Mangan
- Mulheres de Moçambique: o imaginário feminino em Niketche uma história de poligamia, de Paulina Chiziane

 Andrea Czarnobay Perrot

- A educação estética a serviço do ensino de leitura de textos literários na escola: desafios pedagógicos

 Andrea Denise de Camargo
- 1 1 4 O perfil dos blogueiros de viagem: o discurso de apresentação nos blogs de turismo

 Andréia Ramos Machado
- A interdisciplinaridade e a totalidade como forma de superação da fragmentação do conhecimento

Anna Paula Cardoso de Paula Patruni Elaine Cristina Francisco Volpato

- Práticas discursivas e representação religiosa: semântica global e constituição do ethos na obra O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós

 Ariane da Rosa Ferreira Caporal
- 154 Eu, cidadão indígena
 Beatriz Alice Weyne Kullmann de Souza
 Eliana Cristina Caporale Barcellos
- Empreendedorismo criativo: estabelecendo campo de pesquisa para futuros estudos

 Bibiana Silveira-Nunes

 Sandra Portella Montardo

179	Crenças e atitudes linguísticas no recrutamento de professores de inglês Bruna Helena Rech Rocha Fernanda Gruendling	257	A Vila Pedreira e o Centro de Educação Trindade: espaços de elaboração cultural Cléa Coitinho Escosteguy Daniel Conte
191	O imaginário poético de <i>Vozes do Sul do Mundo</i> , de Luiz de Miranda <i>Camilo Mattar Raabe</i>	271	Magna Lima Magalhães A cidade como palco da sociabilidade: espaços de sociabilidade em Pelotas na segunda metade do século XIX
203	Desenvolvimento regional: a cultura e a comunicação organizacional na constituição da identidade dos sujeitos no		Dalila Müller Dalila Rosa Hallal
	Programa Catavida de Novo Hamburgo - RS Caroline Delevati Colpo Andreza Oliveira	285	O Museu Municipal Parque da Baronesa como espaço de lazer em Pelotas - RS Dalila Rosa Hallal Dalila Müller
216	Comunicação entre organizações e empregados no contexto do trabalho como atividade Cássia Aparecida Lopes da Silva	299	Treinamento de futuros professores para atuação com crianças e jovens Daniel Costa de Paiva
230	(In) tolerância, laicidade e direitos humanos: o lugar da religião nos debates públicos da contemporaneidade <i>Celso Gabatz</i>		Glaucia Ribeiro Gonzaga Francisco de Assis Silva Oliveira Amanda Luiza S. Pereira Fábio Luis Pereira
244	Mídias de áudio e vídeo no estudo da literatura Cláudio de Musacchio	310	Projeto Aruanda: o discurso na desconstrução do racismo em comunidades negras da cidade de Novo Hamburgo/RS Daniela Santos da Silva

Andrea Moraes

325	Uma infância de luxo: discutindo consumo, moda e criança nas páginas da Vogue Kids Brasil Débora Cristine Flesch	424	A representação da violência contra a mulher de jovens participantes do Projeto Pescar, no município de Canoas/RS Gislaine Cristina Pereira Silvia Zuffo
337	Fórum de Porto Alegre 240 anos: memória, identidade e interdisciplinaridade Eliana Cristina Caporale Barcellos Beatriz Alice Weyne Kullmann de Souza	436	A mídia e a construção do <i>ethos</i> do professor grevista Gláucia Knob Luciana Maria Crestani
349	Ensino do inglês jurídico e empresarial: desafios da cultura estrangeira na compreensão da terminologia Elisa Correa Santos Townsend Christiane Heemann	451	Soluções aplicadas ao ensino de ciências Glaucia Ribeiro Gonzaga Daniel Costa de Paiva
365	Pedagogias da noite personagens urbanos, práticas culturais e lugares de aprendizagem na noite da metrópole Eloenes Silva	463	A paisagem periférica como influência nas produções da chamada literatura marginal Izandra Alves Fabiane Verardi Burlamaque Marcelo Lima Calixto
380	Trabalhar, educar, dirigir: a formação da identidade e o projeto moderno de Novo Hamburgo Emerson Ranieri Santos Kuhn Luiz Antonio Gloger Maroneze	476	Cenografia e ethos em "Linda, uma história horrível" Jéssica Fernanda Mezadri Tiago de Medeiros Soares Ernani Cesar De Freitas
393	Alhos e bugalhos: uma proposta de análise conjunta de AC e AD Felipe Bonow Soares	489	O jogo de vozes e conflitos: uma análise da composição narrativa de lavoura arcaica Jéssica Schmitz Daniel Conte
408	Captação e credibilidade: estratégias discursivas das mídias <i>Gisandra Cemin da Rocha</i>		Marinês Andrea Kunz

501	A representação do Brasil na publicidade das Havaianas João Batista Nascimento dos Santos	599	Relato de experiência de docentes do curso de turismo sobre observatório de turismo e cultura da região metropolitana de Recife: interdisciplinarização e metacognição em foco
515	Paradigma da complexidade e		Marcela Marinho
313	interdisciplinaridade: compreensão da		Tamisa Vicente
	Escola dos Annales por Edgar Morin Jorge Ondere Neto		Daniel Vasconcelos
526	Babel de identidades que se entrelaçam Josiane Patricia Brandt	611	Um novo jeito de ler: a ludicidade cênica com enfoque das múltiplas linguagens. Mediação de leitura para crianças de zero a
_			três anos
535	Dinâmica de uma conduta: a má-fé como		Márcia Elisa Heck Thiele
	engrenagem da trama ficcional audiovisual		0: 1
	Juliano Rodrigues Pimentel	624	O mito como instrumento de percepção ficcional da velhice
	Cemitério das irmandades: uma visita	0 – 1	Márcia Regina Schwertner
54/	à memória e ao patrimônio cultural		
	Jaguarense (RS) Larissa Bitar Duarte	638	Narrativas, técnicas e estratégias nas redes: uma análise das coberturas do G1 e do
	Daniel Luciano Gevehr		Mídia Ninja nos protestos de 13 e 31 de março de 2016
550	O consumo de moda e o envelhecimento		Maria Clara Aquino Bittencourt
JJ9	Laura Schemes Prodanov		Christian Gonzatti
	Carlos Reinke		
	A 1 ' 1 ' 1 D' 77'1	653	A parentalidade por famílias homossexuais:
5/3	As pedagogias do site do Discovery Kids: internet, infâncias e outras conexões	000	uma proposta de pesquisa no campo da psicanálise e da cultura
	Luciana Sauer Fontana	Mariana de Almeida Pfitscher	
	Lucium Sauci Iomana		Adriana Ferreira Petry Estrella
EQQ	Comunidades tradicionais: uma discussão		Cláudia Maria Perrone
SOC	acerca de seus direitos humanos e sua cultura		

Lucimery Dal Medico

Valdir Pedde

663	A periferia como cenário, a violência como roteiro: educadores sociais e jovens que acessam os serviços de convivência e fortalecimento de vínculos como protagonistas: uma trama, traçando	740	Aspectos interdisciplinares na elaboração de um dicionário on-line de pronúncia do português para falantes do inglês Paulo Roberto de Souza Ramos
	diferentes finais Marlise Silva Lemos	753	Ciclo de vida das destinações turísticas: o espaço rural do Corede das Hortênsias, Rio Grande do Sul
674	Identidade de marca no cenário convergente: a transmidialidade na Zero Hora Nicole Pereira Citton		Rafael Lima de Souza Marlei Salete Mecca
600	Anelise Rublescki Fernando Pessoa e o diálogo com os mitos	766	Estereótipo político e mídia no discurso audiovisual humorístico do Porta dos
000	Odi Alexander Rocha da Silva		Fundos Rafael Sbeghen Hoff
699	O direito de solidariedade na Constituição Federal de 1988, seus aspectos jurídicos, sociológicos e pedagógicos e sua aplicabilidade no estado democratico de	781	Herança e errância em barba ensopada de sangue, de Daniel Galera <i>Ricardo Postal</i>
	direito Patrícia Fontes Marçal Dinora Tereza Zuccheti	793	Electra no circo Roseli Bodnar
710	Atuação profissional em design editorial no jornalismo: uma aproximação da noção de campo de Pierre Bourdieu Patricia Lopes Damasceno	805	Linguagem na afasia: uma revisão sistemática de estudos experimentais realizados no Brasil Sabrine Amaral Martins Fernanda Schneider
725	A deliberação do feminismo através da conversação em rede no Facebook		Lisandra Rutkoski Rodrigues

Paula Rickes Viegas

818 Entendendo e analisando jogos sérios: o caso do Zombie Run! Samara Kalil A literatura no ensino médio sob nova perspectiva Seli Blume Alles Juracy Assmann Saraiva Memória e modernidade na Porto Alegre de Virgílio Calegari Sinara Sandri Suvenir cultural: produto memorialístico e criativo Susana de Araújo Gastal Felipe Zaltron de Sá Análise do processo criativo em uma 861 agência de publicidade e propaganda Tais Bitencourt Valente Cristiano Max Pereira Pinheiro Dusan Schreiber "A Geni" mora aqui?!: feminismos e violências Tatiana Marques da Silva Parenti Filha Tatiane Plentz Kênia Carvalho da Silva

A presença da alteridade na tradução estrangeirizante

Valdirene Alves Fontanella

Cultura e audiovisual: o campo do cinema contemporâneo e os desafios políticos da representatividade

Vanessa Kalindra Labre de Oliveira



APRESENTAÇÃO

INTERDISCIPLINARIDADE: trata-se de um movimento, um conceito e uma prática que está em processo de construção e desenvolvimento dentro das ciências e do ensino das ciências, sendo estes dois campos distintos nos quais a interdisciplinaridade se faz presente.

Este segundo volume do e-book Diálogos Interdisciplinares corrobora com o propósito central do I CIDI - Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares: cultura, comunicação e diversidade no contexto contemporâneo, realizado de 29 a 31 de agosto de 2016, na Universidade Feevale. Refere-se a uma nova oportunidade para a promoção de ideias e reflexões acerca dos desafios para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos nas sociedades contemporâneas.

O evento, que nasceu interdisciplinar, resultou do esforço compartilhado entre quatro cursos de pós-graduação: PPG em Processos e Manifestações Culturais, PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Mestrado Profissional em Indústria Criativa e Mestrado Profissional em Letras. Ancorado na tradição multi e interdisciplinar da pesquisa e da pós-graduação na Universidade Feevale, o e-book contempla textos que proporcionam leituras qualificadas e fecundas para o diagnóstico e, principalmente, à busca por respostas às problemáticas contemporâneas no entorno da cultura, sua diversidade e suas manifestações.

Boa leitura!

Doutor Ernani Cesar de Freitas Professor do PPG em Processos e Manifestações Culturais e do Mestrado Profissional em Letras – Universidade Feevale





PROMOÇÃO INSTITUCIONAL ATRAVÉS DA CULTURA

INSTITUTIONAL PROMOTION THROUGH CULTURE

Adriana Donato dos Reis (PUC-RS)1

Resumo: Neste artigo será analisado a Cia Zaffari de Supermercados e as atividades culturais patrocinadas pela empresa, considerando o patrocínio cultural enquanto meio de comunicação. Quais os desdobramentos da imagem desta Cia e quais os benefícios das ações culturais. O objeto de análise será uma das principais atividades promovidas pela empresa, os concertos comunitários. O propósito é compreender como a imagem desta rede de supermercados é construída através do enfoque cultural empreendido pela marca. O texto busca fazer uma reflexão sobre o código implícito na mensagem entre o emissor e receptor, e o investimento da auto-imagem institucional sustentada na emoção. O objeto de investigação para essa reflexão foram duas campanhas: os Concertos Comunitários Zaffari e Concerto Comunitário de Natal.

Palavras-chave: Comunicação. Ações Promocionais. Cultura. Cia Zaffari.

Abstract: In this article, the Cia Zaffari of Supermarkets and the cultural activities sponsored by the company will be analyzed, considering the cultural sponsorship as means of communication. What the outcomes of the image of this company are, and what the benefits of the cultural actions are. The object of analysis will be one of the main activities promoted by the company, community concerts. The purpose is to understand how the image of this supermarket chain is built through the cultural approach undertaken by the brand. The text seeks to reflect on the implicit code in the message between the sender and the receiver, and the investment of institutional self-image sustained in the emotion. The investigation objects for this reflection were two campaigns: Zaffari Community Concerts and Community Christmas Concert.

Keywords: Communication. Promotional actions. Culture. Cia Zaffari.

INTRODUÇÃO

Ao observar a promoção cultural e a linguagem utilizada na publicidade das ações da Cia Zaffari, surgem algumas indagações. De que forma a cultura se relaciona com a comunicação e com as ações

¹ Mestranda em Comunicação Social - PUCRS. Especialista em Economia da Cultura - UFRGS. Graduada em Artes Visuais - UFRGS. Parecerista do Ministério da Cultura, e-mail: adriarte@gmail.com.



promocionais? Será que esta estratégia, sustentada no consumo emocional, consegue contribuir para a imagem da empresa?

O texto discorre sobre como se dá o código implícito no discurso promocional e suas estratégias para um discurso sustentado na emoção, através de uma imagem que se constituiu em uma maneira de fazer crer, o que Charaudeau considera um discurso de incitação.

Muitos críticos do patrocínio cultural acreditam que esses são os principais motivos para que uma empresa se interesse em investir em cultura. O presente artigo não tem a pretensão de analisar o assunto sobre este aspecto, no entanto a análise também foi válida para tal reflexão. Pode-se compreender que a imagem da empresa é construída pelo discurso com enfoque cultural empreendido pela marca.

Quando uma empresa se torna a promotora de um evento, o grande motivador não é somente à isenção fiscal obtida; se fosse só isso, o atrativo para que uma empresa desenvolvesse patrocínios na área cultural se reduziria. Entretanto, quando o desenvolvimento cultural é visto de forma estratégica para a imagem da empresa, o reconhecimento da marca frente ao seu público se faz relevante.

As estratégias destas ações serão analisadas sob a hipótese da teoria empírica e teoria do agendamento. O objeto de investigação para essa reflexão foram duas campanhas da Cia Zaffari: os Concertos Comunitários Zaffari e Concerto Comunitário de Natal. Foram observadas mídia televisiva, jornal e site da empresa, lançados entre os anos de 2014 e 2015.

A CIA ZAFFARI E SUAS AÇÕES CULTURAIS

O Grupo Zaffari teve início em meados da década de 1930, quando Francisco José Zaffari e sua esposa Santina De Carli Zaffari abriram um armazém de secos e molhados na Vila Sete de Setembro, interior de Erechim, RS, Brasil. Em 1940, a família muda-se para Erval Grande, também Rio Grande do Sul, e abre uma nova casa comercial, mais ampla e com maior variedade de produtos. Nos anos 1950, os negócios prosperam e a família inaugura as primeiras filiais em localidades vizinhas. Na década de 1960, já em Porto Alegre, é inaugurada a primeira loja de supermercado da rede, situado na Av. Protásio Alves. Até a década de 1970, várias lojas são inauguradas na capital gaúcha. O Zaffari Ipiranga, situado na Av. Ipiranga, trouxe uma grande inovação no conceito de autosserviço para Porto Alegre, enquanto o Zaffari Higienópolis destacou-se com as seções de importados, bazar e decoração. Em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, surgem os hipermercados na região metropolitana de Porto Alegre. Em dezembro de 1991, é inaugurado o Bourbon Shopping da Assis Brasil, um novo conceito de supermercado,



com lojas e serviços. Estes empreendimentos são encontrados hoje em várias cidades do Rio Grande do Sul e em São Paulo. Em 2001, surge o Bourbon Shopping Country que, além de supermercado, lojas, serviços e livrarias, abriga também o Teatro do Bourbon Country. Hoje, a Cia Zaffari possui uma rede de 27 supermercados e hipermercados no Rio Grande do Sul, além de 7 shoppings centers no Rio Grande do Sul e o Bourbon Shopping São Paulo, na capital paulista (www.zaffari.com.br, 2016).

Conforme a pesquisadora Maria Lília Dias de Castro (2004), em um estudo sobre companhias de redes de supermercados, a Cia Zaffari teve por objetivo a construção de um estilo próprio. O desenvolvimento deste estilo decorre da vontade de marcar posição junto ao público e de obter sua simpatia. Alinham-se as ações que vão da promoção de projetos culturais até a confecção de encartes de produtos de distribuição gratuita entre as suas redes (CASTRO, 2004).

Para tanto, a empresa tem sua própria agência de publicidade, a Agência Matriz. Ela investe em confecção de encartes de produtos contendo receitas gastronômicas, distribuídos gratuitamente em suas redes, edição de revista própria, produção de CDs, produção de campanhas publicitárias, institucionais e promocionais, em especial a promoção de projetos culturais, estes com um caráter bem específico.

Desde 1987, a Companhia Zaffari oferece à população eventos que ajudam a difundir a música erudita e popular de forma democrática e alegre.

Os espetáculos são realizados em parques, igrejas, praças e nos estacionamentos das lojas da rede.

Essa iniciativa obteve reconhecimento da sociedade, traduzido na forma de duas premiações. Em 1995, a FEDERASUL conferiu à Companhia Zaffari o prêmio Líderes e Vencedores, na categoria Destaque Comunitário. No final de 1999, a Rede Globo e a RBS homenagearam a empresa com o troféu Construir, na categoria Destaque Cultural (www.zaffari.com. br, 2015).

A promoção cultural tem a cultura como base e instrumento para transmitir determinada mensagem a um público específico, sem que a cultura seja a atividade fim (REIS, 2003). O discurso é construído pelo emissor (Zaffari) através da cultura-produto (supermercado) para um receptor (público). O produto principal neste tipo de ação aparece de maneira implícita, uma vez que as ações culturais estão em destaque, como se estas fossem o objeto principal. Contudo, existe uma marca que é a protagonista dessas ações.

Os espetáculos, como os *Concertos Zaffari*, apresentam obras de grandes mestres da música clássica, popular e contemporânea, interpretadas pelo Coral e pela Orquestra do Instituto de Cultura Musical da PUCRS. Segundo informações da empresa, cada evento mobiliza cerca de 300 pessoas, que fazem parte da equipe de produção, entre músicos, maestros, arranjadores, coral, corpo de baile e pessoal de montagem dos espetáculos (www.zaffari. com.br, 2016).



Observa-se que o tipo de atividade cultural, com renomados artistas e maestros de música erudita, tem uma relação direta com a empresa, que se apresenta como uma rede de supermercados que vende a imagem de uma boa estética, com produtos de marcas confiáveis. Essa confiabilidade é também proposta nas redes de supermercados, em que a música ambiente é sempre de boa qualidade, embora isso seja muito relativo. É antes o estilo musical que se aproxima do tipo de público que a empresa espera manter ou a ser conquistado.

Em 2007, a rede de supermercados inaugurou o teatro localizado dentro do Bourbon Country, em Porto Alegre, com capacidade de 1.100 lugares. Este tem a parceria com a Opus Promoções, responsável pela sua produção cultural. Em 2009, é inaugurado o teatro no Shopping Bourbon Pompéia, em São Paulo.

O Teatro do Bourbon Country é considerado o maior dentro de um shopping center no estado gaúcho. Ao todo são 4.100 m² distribuídos em quatro andares. No site, a empresa enfatiza as qualidades deste espaço, que está implicitamente associado à rede de supermercados. "O ambiente, as acomodações, o serviço, os recursos técnicos: tudo o que você imaginar está dentro do mais alto padrão" (www.zaffari.com.br, 2016). Segundo a companhia, o espaço tem os mesmos moldes das grandes casas de espetáculo do exterior:

O Teatro do Bourbon Country é o mais versátil espaço dedicado ao entretenimento e à cultura no Rio Grande do Sul. Ele conta com uma configuração exclusiva, que permite diferentes opções de uso e de acomodação para os mais variados formatos: poltronas, cadeiras, palco italiano, mesa, bistrô. E como não podia deixar de ser, está instalado dentro do Bourbon Shopping Country, um dos pontos mais frequentados de Porto Alegre por contar, entre outras operações, como os cinemas, Livraria Cultura, Cervejaria Dado Bier, Bourbon Hipermercado (www.zaffari.com.br, 2016).

A tradicional série *Concertos Comunitários Zaf-fari* trouxe Gilberto Gil como artista convidado, em dezembro de 2015, em um espetáculo gratuito realizado no Parque Moinhos de Vento. O músico interpretou sucessos da música brasileira ao lado do Coral e da Orquestra Unisinos Anchieta, regida pelo maestro Evandro Matté (www.zaffari.com.br, 2016).

O jornal Zero Hora assim destacou: "Gilberto Gil participa de show no Parcão pela série Concertos Comunitários". Tanto a imagem, conforme a figura 1, quanto o texto da reportagem falavam do estilo da Cia Zaffari, descrevendo que o show envolveria quase 200 pessoas em cena, mais o convidado Gilberto Gil, com entrada gratuita. "Como em outras ocasiões, o programa da noite será diversificado, ideal para agradar a um público que inclui famílias inteiras" (Zero Hora, 11.12.2015).



O concerto teve música clássica, com obras de Shostakovich e Puccini, apresentado o Intermezzo da ópera Manon Lescaut e a Valsa de Musetta "Quando m'envo". O evento teve ainda a participação da Orquestra e o Coro Unisinos, a Companhia H, com coreografia de dança, de Ivan Motta, o Coral Porto Alegre, o Coral de Vez em Canto e o Grupo Vocal Gospel. O anúncio enfatizava que o espetáculo contava com músicas clássicas e pretendia agradar a famílias inteiras, embora o público alvo fosse de fato um segmento mais selecionado da população.



Figura 1 - Concertos Comunitários de Natal Zaffari 2016 Fonte: http://zh.clicrbs.com.br/2016

Dentre as estratégias promocionais, podemos eleger naturalmente qual se adapta melhor ao interesse da empresa. O investimento em cultura, por exemplo, trabalha com a estratégia da emoção e da estética, através de uma aproximação com a sociedade, despertando simpatia por parte do público.



Cabe considerar, também, que estas ações culturais estão inseridas nas campanhas de responsabilidade social, tendo como objetivo responder às necessidades sociais da comunidade onde as empresas operam, incluindo funcionários, consumidores, prestadores de serviços e comunidades próximas. As ações culturais têm alcançado uma boa atenção. No caso da Cia Zaffari, esta apresenta seus projetos e suas atividades culturais na seção "Responsabilidade Social" de seu website. Observamos que há um investimento no social, que também enaltece a marca, mas há sobretudo o redimensionamento das questões de satisfação, emoção e estética.

Um bom exemplo desse tipo de ação promocional são os Concertos Comunitários Zaffari, figura 2, que têm como slogan "Acreditamos que não basta assistir, é preciso também atuar". Estes Concertos completaram, em 2015, 28 anos de existência.



Figura 2 - Concertos Comunitários Zaffari de 12 de outubro de 2014 Fonte: www.oiaraujovianna.com.br/programacao

Este é o tipo de publicidade sustentada no consumo emocional. Segundo o linguista francês Patrick Charaudeau, observa-se, nessa ação, que o emissor quer fazer o receptor acreditar que este ato será em seu próprio benefício. Esta relação é percebida quando o discurso da publicidade é uma combinação de discurso publicitário e promocional. Ela propõe gerar um benefício coletivo (o aspecto promocional) de modo a satisfazer seus interesses próprios (o aspecto publicitário) (CHARAUDEAU, 2010).



Charaudeau (2010) entende que o fenômeno da linguagem depende do ponto de vista dos atores envolvidos no diálogo. Envolve conhecimentos, saberes, experiências, signos, e outras condições. De acordo com este autor o discurso propagandista é uma tipologia, já que o uso da linguagem vale-se de estratégias. Em sua obra "O discurso propagandista: uma tipologia" faz a análise das estratégias discursivas, e, em especial na propaganda, das expectativas discursivas, trazendo exemplos dos tipos de discurso propagandista.

Em relação às estratégias discursivas, o autor esclarece que a legitimidade não é o todo do ato de linguagem, mas que é preciso que os sujeitos falantes ganhem em credibilidade e saibam captar o interlocutor ou o público. Ao tratar do tipo de discurso "propagandista", termo intitulado pelo autor, considera ser um processo discursivo abrangente, utilizado para averiguar sobre como se ligam a ele diversos gêneros tais como o publicitário, o promocional e o político (CHARAUDEAU, 2010). A partir dessa reflexão, ele considera a influência de algumas estratégias discursivas:

(i) o modo de estabelecimento de contato com o outro e o modo de relação que se instaura entre eles; (ii) a construção da imagem do sujeito falante (seu ethos); (iii) a maneira de tocar o afeto do outro para seduzi-lo ou persuadi-lo (o pathos) e (iv) os modos de organização do discurso que permitem descrever o mundo e explicá-lo segundo os princípios da veracidade (o logos). (CHARAUDEAU, 2010, p.59).

Pathos é o termo empregado por Charaudeau para tratar da "emoção, sentimento, afeto, paixão". O autor lança a hipótese de que as emoções se originam de uma "racionalidade subjetiva", ao contrário da intencionalidade. Estes conhecimentos são relativos ao sujeito, ou seja, as informações que ele recebeu, de acordo com as experiências que teve e aos valores que lhe são atribuídos. Pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças. Estas crenças, por sua vez, "se apoiam sobre a observação empírica da prática das trocas sociais e fabricam um discurso de justificação que instala um sistema de valores erigidos em forma de norma de referência" (CHARAUDEAU, 2007).

Charaudeau, ao tratar sobre o discurso publicitário, suas características e organizações, faz uma descrição do contrato de fala e descreve algumas estratégias discursivas. Nessa análise apresenta a teoria das visadas, que, para ele, são as expectativas na hora de criar uma estratégia propagandista, "a expectativa ou o que está em jogo para qualquer ato de linguagem pode ser descrito em termos de visadas". Para ele, existe uma intencionalidade que é orientada por "efeitos de sentidos visados" (CHARAUDEAU, 2010, p.61).

Assim, conforme Castro (2003), o redimensionamento das questões de desejo, de satisfação, de emoção e de estética traz uma publicidade sustentada no consumo emocional, que envolve prazer, fascínio e encantamento.



No Teatro do Bourbon Country não importa o tamanho do evento. É sempre um grande acontecimento. Um dos princípios do Grupo Zaffari é investir na Cultura como forma de participação social e de interação com a comunidade. Edificados por iniciativa da empresa, o Teatro do Bourbon *Country* (2007, em Porto Alegre) e o Teatro Bradesco (2009, em São Paulo) sedimentaram um conjunto diversificado de projetos ligados a música, literatura, artes plásticas e entretenimento, que vêm sendo realizados ao longo dos 80 anos do Grupo Zaffari (www.zaffari.com.br, 2016).

A forma como a Cia Zaffari tem investido em cultura tem revelado estas e outras possibilidades.

IMAGEM INSTITUCIONAL ATRAVÉS DA CULTURA

Ana Carla Fonseca Reis aponta um estudo desenvolvido pelo New and alternative mechanisms for financing the arte, de 1997, que propõe uma das respostas para esse tipo de estratégia: "o prestígio social atribuído ao incentivador de projetos culturais" (REIS, 2003, p. 156 -157). Mas seria somente este o grande motivador para o investimento em cultura?

Para as ações promocionais sustentadas no emocional, Charaudeau fala em uma perspectiva de análise do discurso, isto é, sobre os efeitos possíveis em torno do desencadeador de sentimentos ou emoções: "um discurso que visa a produzir uma

emoção" (CHARAUDEAU, 2007, p. 02). Para ele, é possível uma situação em que se encontra a prova de autenticidade do que se sente.

Não se pode confundir, de um lado, o efeito que pode produzir um discurso em relação ao possível surgimento de um sentimento e, de outro, o sentimento como emoção sentida. Se ela é autêntica, surge de forma espontânea, sem nenhum discurso, pois a razão não tem nenhum domínio sobre a emoção. Por outro lado, "um discurso que visa a produzir uma emoção é por si próprio refutável: por exemplo, podemos replicar a alguém que tenta nos sensibilizar você pode se fazer de vítima, mas você não vai me comover" (CHARAUDEAU, 2007 p.02).

Palavras que suscitam sentimentos de "tristeza" ou "angústia" etc. podem designar estados emocionais, mas não provocam, necessariamente, emoção; inclusive podem ter um efeito contrário, ou outro que não o esperado. Isso depende do ambiente em que essas palavras estão, do seu contexto, da situação na qual se inscrevem de quem as emprega e de quem as recebe (CHARAUDEAU, 2007).

Observa-se em algumas situações de comunicação que, para tocar o outro, é importante recorrer a estratégias: as que focam a emoção e os sentimentos do público, com o objetivo de seduzi-lo. Desta forma, são adotadas algumas estratégias de comunicação, entre elas, a promocional, muito utilizada como um meio e não como um fim. Essa é uma estratégia em que se percebe o processo de identifi-



cação, a construção de uma imagem que tenha certo poder de atração sobre um público.

A agenda-setting theory (teoria do agendamento), proposta inicialmente pelo jornalista norte-americano Walter Lippmann, em 1922, pressupõe que os meios de comunicação geram notícias e imagens, impregnando consciente ou inconscientemente a opinião pública. Nos anos 1970, os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw apresentaram um estudo no qual se verificou que a mídia seleciona a pauta, destacando determinados temas, omitindo ou ignorando outros, influenciando o leitor e direcionando sua opinião. Este estudo resultou na hipótese do agendamento. Considera-se que uma hipótese é um sistema aberto, uma experiência, um estudo a ser comprovado, e mesmo que não dê certo em uma determinada situação, não invalida a teoria (HOHLFELDT, 2001).

Maria Lília de Castro concluiu sua análise afirmando que a Cia Zaffari "aposta na publicidade institucional, de dimensão emocional, buscando adesão pelo apelo a sentimentos de localidade e de proximidade com o consumidor" (CASTRO, 2004, p. 12).

"A estratégia da campanha é então a criação de um clima de relativa intimidade com o público. Partindo de um conhecimento partilhado, a empresa busca representações sociais de interação dentro do imaginário sociocultural da sociedade. Sua força é colocar em cena um universo de referência que seja característico do cenário gaúcho" (CASTRO, 2004, p.11).

Neste tipo de campanha, percebemos claramente uma publicidade de consumo emocional, "a intimidade também produz encanto, emoção" (CASTRO, 2004, p.11).

A teoria do agendamento nos ajuda a compreender as diferentes formas e estratégias de atrair a atenção do consumidor. O agente, ao investir em cultura, pode determinar sua imagem e seu público.

O último relatório do Grupo Zaffari, publicado em fevereiro de 2016, mostrou o reflexo das ações culturais patrocinadas ao longo de 2014. Esta edição, intitulada *Relatório Social de Marca "Ser"*, traz informações e números que destacam a trajetória do posicionamento da marca junto à sociedade, com base em três pilares: sustentabilidade, assistência social e investimento em cultura. O resultado mostrou que houve "um crescimento pessoal e social, desenvolvimento intelectual e troca de ideias" através do patrocínio em projetos culturais.

Em 2014, o Grupo Zaffari apoiou 308 espetáculos, impactando a vida de mais de 600 mil pessoas. Proporcionou 12 apresentações totalmente gratuitas dos Concertos Comunitários. Durante a 60ª Feira do Livro de Porto Alegre, patrocinou a obra em formato de sino do escultor Bez Batti em homenagem a José Júlio La Porta – o "Xerife" da Feira (www.zaffari.com.br, 2016).

Segundo a Top of Mind 2016, evento anual de abrangência regional, que tem por objetivo destacar e premiar as marcas mais lembradas pelos gaúchos,



entre as marcas que mais se destacaram na categoria Grande Empresa do RS, a Cia Zaffari ficou em 4º lugar, perdendo para Gerdau, GM e Tramontina (www.topofmindamanha.com.br, 2016). Por outro lado, entre as marcas que aumentaram sua popularidade entre os anos de 2011 a 2016, o Zaffari teve um crescimento significativo comparado às outras, conforme o gráfico na tabela 1.

QUEM SUBIU, QUEM CAIU

TRAMONTINA

DESCRIPTION

TRAMONTINA

DESCRIPTION

TRAMONTINA

DESCRIPTION

Fonte: www.topofmindamanha.com.br, 2016.

Outro componente analisado pela Top of Mind foi a classe social atraída pela marca, segundo o qual o Zaffari atinge 61% das classes A e B. Conforme analisamos a notícia vinculada na Zero Hora quando do *Concertos Comunitários* no Parcão, o evento cultural, enquanto meio de comunicação, seleciona estrategicamente o tipo de música e o local do espetáculo, determinando o tipo de público pretendido. Mesmo gratuito, nem todos se interessam por este tipo de evento. Ao promover um espetáculo com música clássica, conforme o anúncio enfatizava, a companhia faz uma relação do clássico com sua marca, selecionando o seu tipo de público.



CONCLUSÃO

Diante da análise sobre as relações de estratégias de comunicação, em especial aquelas que se utilizam do aspecto emocional, social, satisfação e outros fatores que a cultura pode aproximar, observou-se que estas ações trazem uma mensagem implícita, em que a cultura é um meio e não um fim. Pode-se compreender que a imagem da empresa é construída pelo discurso com enfoque cultural empreendido pela marca.

Quando Charaudeau discorre sobre o discurso "propagandista", ele faz uma observação, reflete sobre o comportamento de um senso comum, no qual as pessoas veem manipulação, ou persuasão, por todo lado, e sobre isso ele nos indaga: se a publicidade nos manipula, os políticos nos manipulam, as mídias nos manipulam, os empresários manipulam, o Estado nos manipula, todos os discursos, dessa forma, são manipuladores, e poderíamos, então, colocar em dúvida a nossa democracia moderna (CHARAUDEAU, 2010).

Considerando a intencionalidade das estratégias de comunicação, nas suas ações promocionais sustentadas no consumo emocional — e somando-se o valor simbólico relacionado ao valor cultural — vemos que estas possuem um potencial ainda maior quando atribuídas à cultura.

Talvez essa ideia possa causar certa resistência por parte de algumas pessoas, por entenderem que a cultura não poderia estar incluída em uma estratégia que tem a lógica do mercado. Por outro lado, podemos concluir que estas ações promocionais com enfoque cultural, podem gerar impactos e os desdobramentos positivos no desenvolvimento cultural, social e econômico, ainda que enalteça uma marca.

Constata-se que a Cia Zaffari aposta em uma imagem institucional de dimensão emocional. Dessa forma, ainda que a lógica do mercado seja a comercial, existem diferentes formas de se comunicar com seu público. As ações culturais, na ótica da agenda-setting, gera a notícia e introduz certo grau de magnitude ao evento. Cria o fato e a notícia. Não parece haver dúvidas que parte do sucesso da companhia se deve ao êxito de suas estratégias publicitárias.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria Lília Dias de. Lógicas e estratégias em publicidade. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Trabalho a ser apresentado no NP 3 – Publicidade, Propaganda e Marketing, do IV Encontro dos NPs da Intercom. **Anais...** Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5440240098905954091845464392215406 1873.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia & MELLO, Renato, **Análises do Discurso Hoje**, v. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna) 2010. p. 57-77.



_____. Pathos e discurso político. In: Ida Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.), **As Emoções no Discurso**, v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. etc FRANÇA, Vera V. (Org). **Teorias da Comunicação - Conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro, Vozes, 2001. p. 312.

REIS, Ana Carla Fonseca, **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 310.

ZAFFARI. Site oficial. Disponível em: <www.zaffari.com.br>.

ZERO HORA. Site Oficial. Disponível em: <www.zh.clicrbs.com.br>.



GILDA E ESTRADA PERDIDA: AS MARCAS DO HEDONISMO NO CINEMA NOIR E NEONOIR

GILDA AND LOST HIGHWAY: THE HEDONISM MARKS AT NOIR AND NEONOIR FILM

Alexandre Rossato Augusti (UNIPAMPA)¹

Resumo: Elege-se o hedonismo para contextualizar o cinema *noir* em seu período clássico e contemporâneo, a fim de avaliá-lo como elemento essencial ao *noir* e considerar se as produções *neonoir* efetivamente poderiam compor uma continuidade do gênero clássico. Através de uma analogia entre os filmes *Gilda* (Charles Vidor, 1946) e *Estrada perdida* (*Lost highway* – David Lynch, 1997), considera-se a *femme fatale* a partir de uma lógica hedonista, sob a qual funcionam as narrativas do cinema *noir* e *neonoir*. Utilizam-se estratégias metodológicas da análise fílmica, a partir de Aumont e Marie (2004), e Vanoye e Goliot-Lété (1994), que permitem consta

tar que a *femme fatale* orienta as ações do protagonista, valorizando-se o hedonismo desde o período clássico do *noir* no cinema.

Palavras-chave: Cinema *noir*. Cinema *neonoir*. Hedonismo. *Femme fatale*.

Abstract: Hedonism is elected to contextualize the noir film in his classic and contemporary period, in order to evaluate it as essential to the noir element and consider whether the productions neonoir effectively could compose a continuation of the classic genre. Through an analogy between the film Gilda (Charles Vidor, 1946) and Lost Highway (David Lynch, 1997), considers the femme fatale from a hedonistic logic, under which the work narratives of film noir and neonoir. Using methodological strategies of film analysis, from Aumont and Marie (2004), and Vanoye and Goliot-Lèté (1994), that permits to confirm that the femme fatale orientates the actions of the protagonist, valuing the hedonism since the classic period of the film noir.

Keywords: Film noir. Film neonoir. Hedonism. Femme fatale

¹ Doutor em Comunicação Social (PUCRS, 2013); mestre em Comunicação e Informação (UFRGS, 2005); pós-doutorando (PPG-COM/UFRGS); professor de Jornalismo (Unipampa); araugusti@gmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS²

O cinema *noir* é um gênero controverso, que comporta percepções diversas a respeito de sua constituição. Alguns autores e críticos sequer o consideram um gênero cinematográfico, enquanto outros até o reportam a uma dimensão superior a dos gêneros como habitualmente são compreendidos, dada a complexidade do *noir*. Dentre as contradições comuns a este debate, surge uma que diz respeito à continuidade ou não do gênero em questão a partir do encerramento de seu período clássico, normalmente compreendido entre 1941 e 1958, como defendem Carlos Heredero e Antônio Santamarina, em seu livro *El cine negro: maduración y crisis de la escritura clássica* (1996), e Alain Silver e James Ursini, na obra *Film noir* (2004).

Partindo-se da ideia de que a sociedade contemporânea ocidental é acentuadamente orientada para o individualismo, elege-se o hedonismo como um dos elementos para avaliar o cinema *noir* em seu período clássico e contemporâneo, a fim de verificá-lo como elemento essencial ao gênero e considerar se as produções compreendidas como *neonoir* efetivamente poderiam compor uma continuidade do gênero clássico, também sob essa perspectiva.

Esse panorama contemporâneo de valorização hedonista, que pode ser percebido no mínimo em âmbito ocidental, ampara em muito as narrativas construídas na atualização do *noir*. E a identificação da *femme fatale* como essencial para a constituição do gênero possibilitou considerar o hedonismo como elemento para analisar a constituição do cinema *noir* tanto em seu período clássico quanto contemporâneo.

A sociedade líquida, proposta por Bauman (2001) para definir a sociedade contemporânea (dos filmes *neonoir*), é formada por relações sociais (e, por consequência, aquelas representadas nesses filmes) estabelecidas a partir da ideia de efemeridade, em que os laços não são seguros e escoam como os líquidos. Conforme o autor – ao se referir aos líquidos para explicar o porquê de se considerar a sociedade contemporânea como uma sociedade líquida, em que tudo escoa, flui sem apego, e que abandona a tradição – os líquidos são uma variedade dos fluidos, que não mantêm sua forma com facilidade. Defende sua metáfora com o argumento de que os fluidos não fixam espaço nem prendem tempo e sua mobilidade pode ser associada à ideia de leveza.

Encontra-se correspondência a esta ideia em Giddens (1993), que cita determinados veículos de

² A proposta deste trabalho é sistematizada a partir de um recorte de minha tese, intitulada *Cinema noir: as marcas da morte e do hedonismo na atualização do gênero* (AUGUSTI, 2013), realizada na PUCRS, com bolsa sanduíche Capes na *Università degli Studi di Salerno* (Itália); e representa ainda uma ampliação do artigo desenvolvido para o XVII Encontro da Socine (AUGUSTI, 2016), intitulado *As Marcas do hedonismo no cinema noir e neonoir.*



emancipação e garantia da autonomia individual e da liberdade de escolha: "o sexo de plástico", os "amores múltiplos" e "relações puras". O sexo resume hoje, de acordo com Bauman (2004), o "relacionamento puro" que, segundo Giddens, tornou-se o modelo ideal predominante da parceria humana. Decorrente do último autor, temos que um relacionamento puro se refere a uma situação em que se ingressa em uma relação social apenas pela própria relação, tendo-se em vista o que cada uma das partes envolvidas pode usufruir dessa união, e que apenas se mantém enquanto ambas considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para que nela possam permanecer.

Essas observações a respeito das novas orientações da sociedade ocorridas desde as últimas cinco ou seis décadas pretendem oferecer algum entendimento para que se observem algumas nuances ou mesmo diferenças marcantes que acompanham as fases compreendidas como *noir* e *neonoir*.

São evidentes as concessões perceptíveis e características da sociedade que ampara o chamado *neonoir*, tornando-se claramente mais intensas à medida que as décadas avançam, diferentes daquelas que davam o tom do filme *noir*, que embora até ousasse sua abordagem em uma determinada medida em relação à sociedade que o amparava, nem de longe assumia todas as possibilidades de repercussão hedonista possíveis após seu encerramento. Tanto imagens quanto diálogos, a partir do *neonoir*,

encontraram cada vez mais flexibilidade. O *neonoir* permite os encontros sexuais de forma explícita, ao contrário do *noir* clássico, que muitas vezes apenas os sugeria.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

As estratégias metodológicas para a condução de meu trabalho são propostas a partir da análise fílmica, objetivando oferecer maior atenção à narrativa e às personagens. As principais orientações são dos autores Jacques Aumont e Michel Marie (2004), no livro *A análise do filme*, e de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), em *Ensaio sobre a análise fílmica*. As tipologias traçadas para o desenvolvimento da tese são formadas, por um lado, pela *morte, a violência e o crime* e, por outro, pelo *hedonismo e a figura da femme fatale*. No que se refere à presente demonstração, detém-se à segunda tipologia para a condução dos objetivos do trabalho.

O noir comporta, enquanto gênero particular, características próprias no que diz respeito aos conteúdos que apresenta, como personagens ambíguas e cenários com influência expressionista; e no que concerne às formas de expressão, como iluminação com contrastes, e música que desperta, sustenta ou realça o suspense, etc. São características que o isolam dentro de uma determinada perspectiva também estética e que representam pontos-chave para análise dos filmes que o compõem. Da mesma for-



ma, o que comumente se compreende como *neonoir* também é composto por algumas especificidades no que se refere ao conteúdo e à expressão e às quais se deve atentar durante a análise. A respeito também dessas considerações, é oportuno evidenciar a relevância de se perceber que muitas vezes o cenário tem uma função até mais semântica do que estética, o que interessa também a essa proposta.

Pensando a narrativa como o lugar de encontro e da associação sutil conteúdo-expressão (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994), em que reúne o conteúdo - característico da história e da diegese - e a expressão ou materialidade do filme - como conjunto específico de imagens, palavras, ruídos e música, é que se propõe verificar alguns aspectos da narrativa que, dependendo de cada situação particular favoreceriam um ou outro uma certa interpretação. "É a narrativa que permite que a história tome forma, pois a história enquanto tal não existe. É uma espécie de magma amorfo. Contá-la com palavras, oralmente ou por escrito, já é colocá-la em narrativa." (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 41). Para Aumont et al (1995), a narrativa é o enunciado em sua materialidade, o texto narrativo que se encarrega da história a ser contada; mas enquanto no romance esse enunciado é formado apenas na língua, no cinema ele compreende imagens, palavras, menções escritas, ruídos e música, o que torna a organização da narrativa filmica mais complexa.

Quanto aos instrumentos de análise orientados por Aumont e Marie (2004), citam-se aqueles de maior interesse, ou seja, de *descrição*: pode-se afirmar que os elementos principais para descrição são os de narração, realização ou determinadas características da imagem. A atenção a determinadas cenas se dá no presente trabalho com sua descrição, um resumo do conteúdo da imagem, seguido da reprodução do diálogo, por exemplo.

É necessária, a partir de um conjunto de filmes, a busca de alguns elementos comuns a todos eles para que se operacionalize a análise. Tais elementos e as opções analíticas aparecem a partir do que se objetiva descobrir. Então, tem-se a descrição de determinados elementos dos filmes e, concomitantemente à decomposição dos dados, a interpretação sempre que se fizer necessária alguma explicação de ordem elucidativa, de acordo com as perspectivas e objetivos da pesquisa.

Outra observação relevante e que diz respeito às especificidades da análise proposta, é que a compreensão de um filme pode partir de sua constituição enquanto produto cultural relativo a um contexto social e histórico particular (AUMONT; MARIE, 2004). A complexidade do *noir* é construída em muito devido a isso, incluindo as técnicas disponíveis no momento de produção. Salienta-se, entretanto, que apesar de ser proposta também a compreensão do gênero, essa se dá também a partir



de sua contextualização social e histórica, mas ainda dos resultados que advém da análise dos filmes proposta, sem que seja realizada uma efetiva análise com foco social-histórico, o que desviaria do cerne da proposta de trabalho, que é dar atenção maior à narrativa e às personagens. A expectativa aqui não é a de analisar a sociedade em que se inscreve o filme e sim eventualmente compreender um gênero e sua renovação também a partir de seu contexto social e histórico.

GILDA E ESTRADA PERDIDA: A BELEZA E O SEXO MOVIMENTAM AS NARRATIVAS NOIR E NEONOIR

Em meio à ambiguidade, surge uma bela mu-lher disposta a seduzir e enganar para ascender socialmente. Suas vítimas, reféns da busca pelo prazer, representado pelo encontro com a *femme fatale*, são punidas por tal envolvimento. Há um redimensionamento da perspectiva hedonista, com a erotização presente nas narrativas do *noir* clássico assumindo frequência e intensidade superiores ao que se esperava do cinema na época.

Através de uma analogia entre os filmes *Gilda* (Charles Vidor, 1946) e *Estrada perdida* (*Lost highway* – David Lynch, 1997), considera-se a figura da *femme fatale* funcionando a partir de uma lógica hedonista, que apoia os parâmetros a partir dos

quais funcionam as narrativas do cinema noir e neonoir. Essa figura, que geralmente compõe o elemento mais subversivo do gênero, pode ter como objeto de seu menosprezo o patriarcado masculino. A femme fatale do noir clássico representa ameaça ao patriarcado, mas ao final ela vai pagar por isso. Ao contrário dessa femme fatale do noir clássico, que, conforme Zizek (2009), permanece uma presença espectral fugidia, a nova femme fatale do neonoir apresenta uma agressividade sexual frontal também física, além da verbal. Esse tipo de personagem agora mercantiliza e manipula diretamente a si mesma.

No momento em que Gilda (Rita Hayworth) aceita o convite de outro homem para dançar e afronta Johnny (Glenn Ford), olhando-o de forma provocante, enquanto dança belamente com o homem, tem-se uma cena de sedução comum às narrativas noir. Contudo, ela nega o beijo na boca que o seu parceiro de dança tentar lhe dar (figura 1), pois sabe os limites de sua provocação, além da conveniência para os filmes do período de não exacerbar demasiadamente a evocação do adultério. Ao final, o filme esclarece que Gilda não traia Mundson (seu primeiro marido, interpretado por George Macready), apenas fingia fazê-lo para provocar Johnny, uma outra adaptação às convenções, quase que exagerada até para o período clássico do noir, que apresentava tantos filmes com declarações explícitas de traição.





Figura 1 - Gilda recusa o beijo do homem que usa para provocar ciúmes em Johnny Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo

A correspondência atualizada das investidas da *femme fatale* sobre o homem que objetiva seduzir pode ser encontrada em *Estrada perdida*, na cena noturna em que Alice (Patricia Arquette) vai até a oficina em que trabalha Pete (Balthazar Getty) usando um vestido curto, de alças, e que insinua suas belas curvas. Ela sugere a ele que a convide para jantar e, em seguida, dirigem-se para o motel. Nas cenas seguintes – sempre ocultadas em filmes *noir* clássicos – Alice conduz a mão de Pete à sua vagina (figura 2), mesmo que sobre o vestido e, quando transam, os corpos são bem explorados e as cores, ajustadas para privilegiarem os tons em vermelho, direcionam para a ideia de paixão e perigo que tal encontro sugere.





Figura 2 - A atitude ousada da femme fatale contemporânea. Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo.

Na cena que ocorre logo após o casamento de Johnny e Gilda, tão logo entram no hotel Centenário e Gilda se depara com o quadro de Mundson, a narração em off de Johnny revela que a gaiola da femme fatale estava fechando a porta, uma metáfora desta vez definitivamente forte para os padrões do período. Entretanto, tal ousadia visa justificar o castigo ao qual ele objetiva sujeitar Gilda, já que a sequência da narração assim informa: ela não fora fiel ao marido enquanto ele estava vivo, mas o seria agora que está morto. Após ser abandonada, ela tenta uma reaproximação fortemente baseada no apelo sexual. Procura-o e, após tomar um cigarro, pergunta-lhe se ele tem fogo, ao que Johnny responde com um isqueiro aceso e um sorriso malicioso (figura 3). Defendendo sua virilidade, ele mantém o braço bastante baixo, o que a obriga a se abaixar para acender o cigarro, numa simulação de sexo oral. Mas seguindo o castigo, rejeita-a.





Figura 3 - Johnny, com um sorriso malicioso, garante sua virilidade ao empunhar imediatamente o fogo Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo.

No que concerne à referência da metáfora usada por Johnny sobre a gaiola de Gilda, destaca-se em comparação a cena de *Estrada perdida* que em o Sr. Eddy (namorado de Alice, interpretado por Robert Loggia) vai à oficina para ameaçar Pete. Ele comenta que se soubesse que alguém estivesse trepando com Alice, sacaria a arma e a enfiaria tão fundo no traseiro desse homem que a faria sair pela boca, em seguida estourando o cérebro dele (em uma aproximação imediata das marcas da morte, do crime e da violência, além do sexo sádico – com exceção do último, todos os demais elementos são recorrentes no *noir*). As expressões aqui tomadas, mesmo que despertem sentidos similares aos pretendidos na fala de Johnny – sugerindo também traição, sexo sem regras e necessidade de se ater a elas – encontram na contemporaneidade sua possibilidade de uso para que se alcance o adequado impacto sob a personagem de Pete. Uma metáfora como a da gaiola para evocar a ideia de que nenhum outro passarinho (ou pênis) que não o de seu marido poderia nela penetrar certamente não causaria o temor pretendido pelo Sr. Eddy.

A cena que representa o ponto alto de *Gilda*, quando a *femme fatale* aparece, no Cassino, extremamente sensual num vestido preto e dança *Put the blame on mame* – incentivada por muitos homens excitados com



sua performance – e começa um striptease (figura 4), representa um marco do erotismo no cinema, calcado na figura de uma *femme fatale* muito ousada sexualmente, a ponto de provocar os homens para ajudá-la a abrir o zíper do vestido negro. Embora bêbada, ela reage às investidas de Johnny para afastá-la do público do Cassino e quase completa a frase em que pretende informar que agora todos sabem quem ela é e que Johnny se casou com uma ... puta (ou vagabunda). Enfim, o contexto e a forma como foi impedida de completar a frase – ela leva um tapa de Johnny – permitem ao espectador perceber que viria uma definição do tipo, ainda que não seja dito o adjetivo.



Figura 4 - Gilda, embriagada, simula um striptease Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo

Já em *Estrada perdida*, tem-se uma perspectiva atualizada das marcas que apresentam a mulher que trai ou que faz sexo com vários homens. Na cena em que Pete chega à casa de Andy (Michael Massee) para colocar em ação o plano de Alice, depara-se com a projeção de um filme (figura 5) em que ela aparece fazendo sexo por trás (que poderia ser anal) com um homem negro muito forte. Pelo sofá e chão, estão espalhadas as roupas de Alice, o que ainda remete à ideia de que ela está transando com Andy no presente momento.



Tal referência é imediatamente confirmada, quando surge Andy, vestido apenas com uma jaqueta preta de couro e uma cueca ou sunga vermelha. A morte encontra o sexo nesse exato momento, quando Pete o acerta com um objeto na testa, supostamente o matando. Surge, então, Alice, de calcinhas e soutien, descendo as escadas. Todas as marcas percebidas relacionam Alice ao sexo e à morte. É a evidência já clara do caminho encontrado por Pete ao se deixar envolver pela *femme fatale*.



Figura 5 - Pete, após golpear Andy, olhando com ciúmes e raiva para Alice, que aparece de calcinhas e soutien (indicativo de que transara com Andy), e a projeção na parede de Alice sendo penetrada.

Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo.

Quando Pete, chocado com o cadáver, desabafa que o mataram, Alice o olha friamente e diz que ele o matou, para espanto do primeiro. Ela lhe diz que devem pegar as coisas e sair de lá e, rápida e automaticamente retira a corrente e o anel do cadáver, enquanto Pete, atônito, observa-a, chocando-se com ambas as imagens perceptíveis no plano: Alice roubando o cadáver e sendo penetrada por trás, o que ainda pode ser visto no filme projetado na parte superior da parede.



Na sequência, Pete e Alice se dirigem para o deserto, onde devem encontrar a cabana do receptador que Alice conhece. É noite e a imagem da estrada escura é a mesma já mostrada por duas vezes na trama. Em seguida, surge também outra vez uma imagem da casa em chamas tornando a sua integridade. Talvez seja o prenúncio de Pete voltando a ser o que era (Fred – personagem correspondente, na primeira fase do filme, interpretado por Bill Pullman). Enquanto esperam o receptador, eles transam iluminados pelos faróis do carro roubado de Andy (figura 6).



Figura 6 - O casal transa iluminado pelos faróis do carro roubado. O reflexo do carro sugere a duplicidade dos espelhos e remete à duplicidade das personagens. Logo, Pete será substituído por Fred.

Fonte: print screen da imagem, captado pelo autor do artigo.

Pete é obcecado por ela e repete que a quer. As imagens são apresentadas em câmera lenta e a luz muito forte projetada no corpo de Alice enquanto ele revela seus desejos a torna quase um espectro, acentuando o seu caráter independente e fugidio. De repente, ela sussura em seu ouvido: "Você nunca mais vai me ter." Ela o deixa deitado e segue nua para o interior da barraca.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da beleza, que vem a serviço do amor e do sexo, assumindo papel incontestavelmente relevante para a abordagem hedonista do noir – principalmente ao funcionar para a femme fatale como uma de suas armas contra o patriarcado masculino –, sobrevive ilesa às décadas relativas às abordagens clássica e contemporânea do noir. Também é uma das responsáveis por projetar a mulher dentro do universo cinematográfico, sendo que a última encontra no noir uma valorização até então não existente em outro gênero.

Obviamente, de acordo com os padrões de cada época, as rupturas ocorrem em relação ao que havia. Em 1946, época do lançamento de *Gilda*, uma mulher como ela rompia com diversos desses padrões e ameaçava o patriarcado masculino de forma preocupante. Já em 1997, quando foi lançado *Estrada perdida*, uma *femme fatale* como Alice precisa se utilizar do sexo de forma muito mais direta para se diferenciar do comportamento padrão feminino e representar ao homem contemporâneo uma efetiva ameaça.

Evidentemente o *neonoir*, se comparado ao *noir* clássico – ainda limitado em relação ao que se podia ousar no período –, tem condições de apresentar cenas de sexo, por exemplo, de forma bem mais explícita, mas já na década de 40 a mulher das narrativas sexuais *noir* provocava e oferecia resistência à supremacia masculina.

O chamado cinema *neonoir* em menor ou maior grau traz reflexos do cinema noir clássico, mas o que parece mais interessante, a princípio, não é determinar em que medida tais reflexos outorgam a determinados filmes a condição de neonoir (inclusive por se tratar de um conceito fugidio), mas sim estabelecer pontos de ligação entre tais filmes e aqueles que provavelmente os influenciaram a fim de determinar com mais propriedade como se efetivam essas influências. É nesse sentido que o trabalho proposto procura evidenciar como as duas obras apontadas trabalham elementos relacionados ao hedonismo, a fim de verificar tais abordagens em épocas distintas e as possibilidades de relações entre elas, considerando-se tanto as similaridades quanto as diferenças expressas.

Defende-se, ainda, a ideia de que o *neonoir* corresponde a um rearranjo do *noir*, que significa justamente sua imersão em outras fronteiras, antes não tão contaminadas pelo *noir*, já que este tinha seu próprio território bem definido e as delimitações dos gêneros pareciam ser mais claras.

A partir do momento em que perde a possibilidade de manter todas suas características originais, em função da evolução da técnica (incluindo de forma destacada o uso da cor), momento social, histórico, político, cultural, o *noir* descobre formas de se infiltrar em outros territórios, através de produções orientadas por realizadores que apreciam o gênero original ou que o utilizam pelo seu potencial ain-



da favorável para a realização de cinema. O motivo de tal utilização não é objetivo deste trabalho, mas interessa provocar a reflexão sobre de que forma o *noir* disseminou sua influência.

REFERÊNCIAS

AUGUSTI, Alexandre Rossato. As marcas da morte e do hedonismo no cinema *noir* e *neonoir*. In: XVII ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL (SOCINE): A SOBREVIVÊNCIA DAS IMAGENS, 2013, Palhoça. **Anais...** Palhoça: UNISUL, 2013. Disponível em: http://www.socine.org.br/anais/2013/Anais-DeTextosCompletos(XVII).pdf>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. Cinema *noir*: as marcas da morte e do hedonismo na atualização do gênero. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. 287 p.

AUMONT, Jacques.; MARIE, Michel. **A análise do filme.** Lisboa: Texto e Grafia, 2004. 216 p.

AUMONT, Jacques. et al. **A estética do filme.** Campinas: Papirus, 1995. 304 p.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 192 p.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 260 p.

BORDE, Raymond; CHAUMETON, Etienne. **Panorama del cine negro.** Buenos Aires: Ediciones Losange, 1958. 212 p.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228 p.

GILDA. Direção: Charles Vidor. Intérpretes: Rita Hayworth; Glenn Ford; George Macready. EUA, 1946, 110 min, preto e branco.

HEREDERO, Carlos F.; SANTAMARINA, Antônio. **El cine negro:** maduración y crisis de la escritura clásica. Barcelona: Paidós, 1996. 298 p.

LOST highway. Direção: David Lynch. Intérpretes: Bill Pullman; Patricia Arquette; John Roselius. EUA e França, 1997, 134 min, color. Versão do título em português: Estrada perdida.

SILVER, Alain; URSINI, James. **Film noir.** Lisboa: Taschen, 2004. 191 p.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica.** Campinas: Papirus, 1994. 152 p.

ZIZEK, Slavoj. **Lacrimae rerum:** ensaios sobre cinema moderno. São Paulo: Boitempo editorial, 2009. 180 p.



SAÚDE, MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: UMA REVISÃO DA LITERATURA A RESPEITO DO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A SAÚDE

HEALTH, MEDIA AND MEANINGS PRODUCTION: A LITERATURE REVIEW CONCERNING THE MEDIA DISCOURSE ABOUT HEALTH

Amanda Braga Silveira (UFRGS)1

Resumo: Os campos da Comunicação e da Saúde reúnem uma ampla diversidade de temas, perspectivas teórico-metodológicas e articulações entre ensino, produção acadêmica e políticas públicas. Neste artigo abordaremos o discurso midiático sobre a saúde tratando de um ponto relevante: a produção de sentidos. A partir do embasamento teórico trazido por Araújo (2002), que analisa essa produção de sentidos na forma de um "mercado simbólico", em que espaços habitados por várias vozes concorrem entre si, buscando a hegemonia do seu próprio modo de perceber, avaliar e intervir sobre a realidade. Este artigo procura apontar as principais contribuições das pesquisas brasileiras de pós-graduação que tratam a produção de sentidos no discurso da mídia sobre a saúde, a fim de perceber como os

pesquisadores estão abordando e relacionando esses campos sociais. A revisão da literatura foi feita pelo Portal de Periódicos CAPES/MEC onde foram selecionados 27 artigos referentes ao tema. O resultado mostrou os assuntos mais discutidos pelos pesquisadores e suas inferências a respeito do discurso midiático sobre a saúde. As pesquisas em sua maioria se fundamentam pelo poder que a mídia tem na construção de realidades e valores e na influência de comportamentos e atitudes, justificando o seu monitoramento.

Palavras-chave: Comunicação. Mídia. Saúde. Produção de Sentidos.

Abstract: The fields of Communication and Health have a wide range of topics, theoretical and methodological perspectives and connections between education, academic research and public policy. In this article we will cover the media discourse on health dealing with a relevant point: the production of meanings. From the theoretical knowledge brought by Araújo (2002), which analyzes this production of meaning in the form of a "symbolic market" in which living spaces for several voices compete with each other, seeking hegemony in their own way to perceive, assess and intervene on reality. This article seeks to highlight the main contributions of Brazilian research graduate who treat the creation

¹ Mestranda em Comunicação e Informação no PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul| rp.asilveira@gmail.com.



of meaning in media discourse on health in order to see how researchers are addressing and linking these social fields. The literature review was taken by Portal de Periódicos CAPES/MEC which were selected 27 articles on the topic. The result showed the subjects most discussed by the researchers and their inferences about the media discourse on health. Surveys are based mostly by the power that the media has in the construction of realities and values and influence behaviors and attitudes, justifying its monitoring.

Keywords: Communication. Media. Health. Meaning Production.

INTRODUÇÃO

O debate a respeito da ligação dos campos da Comunicação e da Saúde que, se por um lado se mostra como óbvia – a comunicação como forma de viabilização da saúde – por outro lado se mostra extremamente complexa, uma vez que os dois campos apontam para questões epistemológicas e metodológicas próprias e específicas que nem sempre são convergentes entre si e demandam reflexões tanto no campo institucional quanto no campo científico (ARAÚJO, 2008). Assim, ao tratarmos dos campos da Comunicação e da Saúde estamos delimitando um território de disputas específicas, embora atravessado e composto por elementos característicos de

um, de outro e da formação social mais ampla que os abriga. Abordando campos sociais que constituem um universo multidimensional no qual, agentes e instituições desenvolvem estratégias, tecem alianças, antagonismos e negociações. Essa concepção implica colocar em destaque a existência de discursos concorrentes, constituídos por e constituintes de relações de saber e poder, dinâmica que inclui os diferentes enfoques teóricos acerca da Comunicação, Saúde e suas relações (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Desta maneira, pensar hoje nos campos da Comunicação e da Saúde não é apenas recortar um e outro e uní-los através de propostas e práticas informacionais e comunicacionais instrumentais para viabilizar a saúde. Mas sim, buscar refletir sobre os alcances e limites de cada um a partir daquilo que é demandado teoricamente e, principalmente, pela prática informacional e comunicacional que atua nas políticas públicas de saúde, no cotidiano social da saúde (relação paciente x profissionais da saúde x instituições públicas), na participação popular e controle público, nas práticas midiáticas envolvendo a saúde (rádio, televisão, publicidade, propaganda, revistas, jornais, internet etc.), na divulgação científica da área ou na investigação sobre os universos informacionais da população sobre a saúde (percepção, imaginários) e sobre o universo institucional sobre a saúde (prática institucional), em um contexto de veloz convergência tecnológica envolvendo ambos os campos (ARAÚJO, 2008).



Neste artigo, iremos tratar mais especificamente da relação entre Mídia e Saúde. Duas áreas temáticas, amplas, autônomas e, ao mesmo tempo, que se invadem, pois, segundo Cavalcante e Lerner (2013) "a mídia está para qualquer assunto do mundo como uma espécie de possibilidade de diálogo, e a saúde tem em sua essência um interesse público, por nos envolver subjetivamente, arbitrariamente, estatisticamente, por ser inerente à nossa condição humana". Desta forma, para as autoras, isso fortalece a nossa busca contínua por saúde e informação, e de informação sobre saúde, para vivermos mais e melhor (CAVALCANTE; LERNER, 2013). Para Oliveira (2012), enquanto campo de disputas simbólicas, a mídia cria uma relação tensa com o campo da saúde porque ambos os campos estão ligados a diversas formas de poder, de dizer, de nomear e de interpelar os atores e as situações sociais em que existem e, ao fazerem isto, articulam, significativamente, os imaginários sociais a este respeito.

Assim, abordaremos o discurso midiático sobre a saúde tratando de um ponto relevante: a produção de sentidos. Araújo (2002) analisa essa produção de sentidos na forma de um "mercado simbólico", em que espaços habitados por várias vozes concorrem entre si, buscando a hegemonia do seu próprio modo de perceber, avaliar e intervir sobre a realidade. Minayo (1992, p. 90), presume que "tanto o sujeito que comunica como aquele que o interpreta são marcados pela história, pelo seu tempo, pelo seu

grupo." Ainda de acordo com a autora, pressupõe-se que "o ser humano, como ser histórico-social, busca compreender o sentido das coisas nos determinantes dos sistemas sociais, não somente nos comportamentos individuais" (MINAYO, 1992, p. 34). Portanto, o objetivo deste artigo procura apontar as principais contribuições das pesquisas brasileiras de pós-graduação que tratam a produção de sentidos no discurso da mídia sobre a saúde, a fim de perceber como os pesquisadores estão abordando e relacionando esses campos sociais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A revisão de literatura consiste em organizar, elucidar e resumir as principais obras existentes, bem como fornecer citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área. Assim, esses estudos podem apresentar uma revisão para fornecer um panorama histórico sobre um tema ou assunto considerando as publicações em um campo. Muitas vezes uma análise das publicações pode contribuir na reformulação histórica do diálogo acadêmico por apresentar uma nova direção, configuração e encaminhamentos. Desta forma, sua realização permite apontamentos, mapeamentos, análises críticas, buscando colocar em evidência os temas focalizados, as abordagens metodológicas, os procedimentos e as análises, os aportes teórico-metodológicos, resultados que possam ser replicados



ou evitados, bem como as lacunas que podem estimular a produção de novas pesquisas (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014). Para Alves-Mazzotti (2002), a revisão de literatura teria dois propósitos: a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa.

Desta maneira, a primeira etapa deste trabalho se deu a partir da definição pela busca de artigos publicados em periódicos impressos (com versão eletrônica) ou eletrônicos disponíveis no Portal de Periódicos CAPES/MEC. Visto que, o Portal de Periódicos da CAPES é uma biblioteca virtual que reúne e oferece a instituições de ensino e pesquisa no Brasil um acervo de mais de 38 mil periódicos com texto completo, disponibilizando acesso livre e gratuito ao conteúdo do Portal de Periódicos (PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC). Logo depois, conforme a tabela 1, determinamos e utilizamos as seguintes palavras-chave: "mídia" + "saúde"; nesta busca foram encontrados 469 resultados no Portal de Periódicos. Após análise de todos os resumos disponíveis na página principal do portal, eliminamos os artigos não mais disponíveis nos sites de origem, as repetições, e todos aqueles que não apresentavam concordância com o objetivo desta pesquisa.

Tabela 1 - Critérios Utilizados para Seleção dos Artigos Analisados

Critérios Utilizados	Número de Artigos
Busca "Mídia" + "Saúde" no Portal	469
Artigos Disponíveis	294
Artigos Não Repetidos	261
Artigos em concordância com o Objetivo	27

Fonte: Autor

Assim, restaram 27 artigos, que foram lidos na íntegra, permitindo o mapeamento e a análise crítica de uma possível relação entre a produção de sentido no discurso midiático sobre a saúde nos artigos científicos. Além de, colocar em evidência os temas e assuntos mais discutidos pelos pesquisadores e as perspectivas teórico-metodológicas, viabilizando o objetivo deste artigo.

MÍDIA: O PODER E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Iniciamos esta análise tratando do que nos pareceu ser uma unanimidade em todos os textos lidos: a ideia de que falar sobre mídia requer, preliminarmente, falar sobre o poder que ela tem. Desta forma, podemos aferir que a maioria dos artigos traz a mídia como um poder, que vai se manifestar a partir de diversas possibilidades e sob os mais



variados pontos de vista. Este poder é simbólico e, conforme Cavalcante e Lerner (2013), é "invisível, não palpável, e por isso muitas vezes ignorado, desconsiderado nas relações de comunicação, que são, em essência, relações de poder". Assim, através de seu enunciado, este poder é capaz de impor, de modo consensual, hábitos, crenças e costumes. Para Bourdieu, este poder está apto para:

Fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto mundo, poder quase mágico que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Como diria Hall (1997), somos seres interpretativos vivendo numa cultura midiática (CAVALCANTE; LERNER, 2013, apud 1997). Para Thompson (2007), a midiatização da cultura é uma característica fundamentalmente típica das sociedades modernas. Trata-se de um processo através do qual a transmissão das formas simbólicas se tornou mais realizada pelos aparatos das indústrias da mídia. Ela provoca mudanças na forma como as pessoas se relacionam e no conteúdo e na forma como as mensagens são transmitidas pela mídia, fazendo com que o conhecimento que temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato acabe originando-se da recepção das formas simbólicas (ações e

falas, imagens e textos) veiculadas pelos meios de comunicação (THOMPSON, 2007).

Assim, a ampla circulação de mensagens veiculadas pela mídia fez com que a comunicação de massa se tornasse um fator importante de transmissão da ideologia nas sociedades modernas. Ideologia, que segundo Thompson (2007), refere-se às "maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação" (THOMPSON, 2007, p. 79).

Desta maneira, este poder midiático, está relacionado às práticas sociais, e o exercício de poder se afirma na própria organização simbólica de determinados aspectos da realidade, e na definição dos lugares e modos de fala dos interlocutores (PINTO, 1978, apud OLIVEIRA, 2012). Neste sentido, para Medeiros e Guareschi (2008), a cultura midiática é como as práticas sociais, que ao adulterar sentidos ganham efeitos de verdade, instituem modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo. Ou, de maneira mais objetiva, "a mídia é uma prática social que atravessa o cotidiano das pessoas, não apenas veiculando notícias, mas também atuando como co-produtora de sentidos e subjetividades" (MENEGON, 2008, p. 32). Já Serra e Santos (2003), acreditam que o poder da atual mídia caracteriza-se como poder de produzir sentidos, projetá-los e legitimá-los, dando visibilidade aos fenômenos que conseguiram, em primeiro lugar, atrair os profissionais da mídia. O que consequen-



temente, faz com que a função do jornalista não se limite em estar entre o acontecido e o público. Uma vez que ele seleciona, reforça, interfere por meio de palavras e imagens na construção simbólica dos acontecimentos.

Em um dos textos, que trata da relação da mídia e do crack, os autores criticam a falta de meios de comunicação que proporcionem um olhar realista e ponderado sobre o assunto, que evite cair nos estereótipos mais comuns das visões romantizadas ou associadas unicamente à violência. De acordo com os autores, por causa dessas visões, a sociedade acaba demandando uma política de repressão, e não de saúde. Pois se entende que a mídia não apenas registra e reproduz a realidade, mas também a cria (GUARESCHI, 2003, apud ROMANINI & ROSO, 2012), assim "pressupõe-se que são os meios de comunicação que produzem essas visões distorcidas do tema quando estabelecem uma relação causal entre violência e uso de crack" (ROMANINI; ROSO, 2012, p. 94).

Ainda concordando com o poder que a mídia tem, mas em outra perspectiva, Medeiros e Guareschi entendem a mídia:

Como dispositivo pedagógico; particularmente a televisão, no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e produções de subjetividades quando, por exemplo, propõe o tema "ser brasileiro e o cuidado de saúde". Ela produz imagens, significações, enfim, saberes que,

de alguma forma, se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (MEDEIROS; GUARES-CHI, 2008, p. 93).

Contudo, ao longo de nossa pesquisa identificamos algumas resistências ao peso deste poder simbólico. Os autores Costa e Diniz, por exemplo, não acreditam que a mídia cria realidades, mas que "ela reproduz e redimensiona realidades que existiam antes e além dela" (COSTA; DINIZ, 2000, p. 157). Nesta lógica, ao compreender a relação entre a violência, enquanto uma questão de saúde pública, Minayo e Njaine (2004) enfatizam não ser possível provar uma relação de causa e efeito entre o aumento da violência e o aumento da exposição das pessoas à mídia, mas reconhecem o potencial informativo da mídia como algo significativo. As autoras reforçam que a convivência com várias mídias faz parte do cotidiano dos jovens. Sendo importante assinalar que a televisão, a mídia de mais amplo acesso, não pode ser vista somente como um veículo de comunicação, mas como um produtor de sentidos e construtor de valores. Os valores que circulam na mídia, são, portanto, expressões de sentido dadas tanto pelo produtor quanto pelo receptor da mensagem, e ocupam o mesmo espaço (SOUZA, 1995, apud MINAYO; NJAINE, 2004, p. 209).

Um dos artigos analisados trata especificamente da produção de sentidos entre adolescentes sobre o cuidado de si na gravidez em comunidades de



referência de Cuiabá. Neste trabalho, para Araujo e Mandú (2016), os sentidos compreendem modos próprios e contextualizados de pessoas e grupos perceberem, classificarem e intervirem sobre o mundo, cuja construção se dá em rede, a partir de discursos circulantes, que representam vozes em interação e concorrentes que propagam diferentes pontos de vista, visões de mundo e ideias em função da conquista do poder simbólico. Para elas, esses discursos são construídos e acionados a partir de espaços simbólicos em contínua mutação, como: o senso comum, a cultura popular, a política, a ciência e a religião. Esses espaços constituem fontes de comunicação que organizam e produzem elementos simbólicos a partir do acervo individual, social, cultural pré-construído dos grupos, o que remete à ideia de uma rede de comunicação. (ARAUJO; MANDÚ, 2016).

É importante pontuar que, nosso entendimento se dá através da comunicação como um "mercado simbólico", onde a heterogeneidade e a disputa de sentidos nos ocorrem como certezas paradigmáticas, operando num universo fortemente atravessado por dúvidas e reflexões (ARAÚJO, 2002). Na relação da mídia com a saúde, Oliveira (2012), mapeou estes sentidos.

Neste contexto de disputas simbólicas duas questões basilares se entrelaçam e emergem simultaneamente das coberturas jornalísticas midiáticas sobre a saúde: os fatores de risco e os de promoção da saúde que, por sua vez, se desdobram em variáveis de segurança/insegurança envolvendo questões epidemiológicas, doenças, formas de tratamento, modos de viver, procedimentos de assistência, cura ou métodos comportamentais para se ter uma vida saudável (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Nesta mesma linha, Menegon (2008, p. 34), num dos artigos analisados, nos oferta uma contribuição importante quando afirma que "a mídia (escrita, falada, televisiva) desempenha papel relevante, pois circula saberes e fazeres sobre saúde e doença, que são produzidos em diferentes esferas". Além disso, para a autora "a produção de sentidos sobre os processos de saúde e de adoecimento e de como lidamos com isso não se limita aos espaços específicos da rede de saúde, mas está presente em outras relações do cotidiano" (MENEGON, 2008, p. 34). Assim, podemos perceber a necessidade dos autores em inferir a respeito da mídia enquanto poder e produtora de sentidos buscando justificar não só o porquê do seu monitoramento, mas também as disputas simbólicas entre os discursos da mídia e da saúde.

DISCURSO MIDIÁTICO X DISCURSO DE SAÚDE PÚBLICA

Na relação entre os campos da mídia e da saúde, os interesses e as influências dos jornalistas estão conectados aos interesses e as influências das fontes e dos veículos para os quais eles produzem a informação, embora os graus entre um e outro



não sejam iguais. As notícias sobre saúde, influenciadas pelo ponto de vista das instituições científicas, governamentais, de pesquisa, e também pelo caráter político de sua abrangência, quase sempre se convertem em conteúdos didático-educativos ou informativos, dirigidas às demandas de um público imaginado ou ideal. Público este que, sob o ponto de vista da mídia, quer manter-se atualizado sobre promoção, inovação e risco em saúde (CAVALCANTE; LERNER, 2013). Assim,

o jornalismo se transforma em uma espécie de amplo consultório público midiático caracterizado por matérias centradas no aconselhamento e nas orientações dos indivíduos responsabilizando-os pela qualidade de sua saúde mediante a adoção de determinados comportamentos e atitudes referenciados pelos avanços da ciência da saúde, tecnologias médicas, medicamentos ou por pessoas bem sucedidas na vida e na saúde cujos exemplos devem ser seguidos em nome da busca do bem-estar individual (OLIVEIRA, 2012, p. 1).

Este modo de perceber e interpretar o mundo da saúde nem sempre se opera a partir das lógicas próprias do campo da saúde, mas a partir das lógicas do próprio campo da mídia, de seus valores e seus modos de operação. Assim sendo, não é difícil imaginar porque o fato sensacional, o emergencial, o pitoresco que tão facilmente se captura da saúde (a doença, a dor, o acidente, o trauma, o sofrimento, a cura), é do mesmo modo tão facilmente difundido

pela mídia. Deste modo, o campo da saúde, com sua pluralidade de ocorrências e suas múltiplas possibilidades de sentidos, torna-se uma fonte inesgotável de matéria-prima para a mídia, que fabula distintas apropriações (CAVALCANTE; LERNER, 2013).

Esta fabulação jornalística, referenciada por Cavalcante e Lerner (2013), no entanto, não se destitui de uma semelhança com o fato real. Dizer que o jornalismo constrói fábulas não equivale a dizer que a notícia é falsa, mas que é um produto outro, que já não é mais fato puro, "neutro", mas a sua reconstrução a partir de uma prática discursiva específica. Esta prática, como sabemos, é resultante de mediações que preservam elementos que a caracterizam como credível, legitimando-a.

O artigo intitulado, *A Construção Discursiva sobre a Dengue na Mídia*, traz um exemplo disto:

A dengue encontra sempre lugar cativo na imprensa, tornando a experiência da doença mais comum para a população pela ampla divulgação no assunto. Pela análise empreendida neste artigo, constatamos que a epidemia costuma ser priorizada pela imprevisibilidade, novidade, peso social proximidade geográfica impacto sobre o público e perspectivas de evolução do acontecimento, praticamente todos os critérios que norteiam a noticiabilidade de um fato. Além disso, a noção de epidemia resgata discursivamente a memória de antigas pestes na constituição de sentidos, trazendo à tona nas matérias noções como medo, mal, morte e risco, ligadas às moléstias que fizeram história no passado. A



partir da ideia de proximidade do perigo, provocada a cada nova epidemia, a imprensa valoriza assim o *descontrole* como forma de conferir significado à dengue. Talvez por isso mesmo o uso de metáforas bélicas – bastante comuns tanto na fala dos gestores da saúde quanto no próprio discurso midiático – é uma forma de corresponsabilização da sociedade que é chamada a fazer parte do "exército" nas "batalhas" contra a dengue (FERRAZ; GOMES, 2012, p. 72).

Desta maneira, o jornal acaba ocupando atualmente um lugar privilegiado do discurso autorizado e o especialista é a pessoa escolhida pelo repórter ou pelo veículo para garantir a segurança e a credibilidade necessárias ao enunciado proposto. Estas alegações também foram percebidas em outros artigos em análise:

ele (o especialista) está capacitado a ligar estes dois mundos, a academia e o povo, traduzindo para este último o que a ciência sabe sobre ele, que precisa ser esclarecido, referendando-se, assim, a ordem da modernidade. Ou seja, só o especialista pode nos explicar o nosso cotidiano, o que ele propõe como verdadeiro e universal sobre a saúde do brasileiro, fabricações de identidade nacional que controlam e regulam subjetividades (MEDEIROS; GUARESCHI, 2008, p. 93).

Oliveira (2012), ao abordar a produção de sentidos no discurso midiático sobre a saúde, ressalta a promoção e os fatores de risco como temas difundidos em larga escala, e sobre os quais se ancora o processo discursivo midiático. Estes também foram pontos de destaque levantados nos artigos analisados. Assim, Menegon destaca a prevalência do modelo hospitalocêntrico como espaço de promoção privilegiado pela mídia,

em primeiro lugar porque as notícias analisadas redescrevem a hegemonia do modelo hospitalocêntrico, reservando lugar periférico aos serviços de saúde que privilegiam a prevenção de doenças e a promoção da saúde (Unidades Básicas de Saúde, Programas de Saúde da Família, Centros de Referência). O segundo aspecto está relacionado aos repertórios utilizados nas notícias para relatar a crise instaurada nos serviços de saúde naquele período e o jogo de posicionamentos dos diferentes atores sociais envolvidos e/ou afetados pela crise (MENEGON, 2008, p. 35).

E Diniz e Guedes (2006), em seu artigo que analisa o discurso da mídia sobre a anemia falciforme², apontam a importância de como as informações genéticas são veiculadas pelos meios de comunicação. Para eles.

² A anemia falciforme é uma doença hereditária que atinge as hemoglobinas. A prevalência média do traço falciforme, no Brasil, gira em torno de 2%. Além da prevalência elevada, outra característica comumente associada à doença é o potencial de morbidade. Considerando que a anemia falciforme não tem cura, uma das estratégias adotadas para impedir o crescimento da doença é a prevenção (DINIZ; GUEDES, 2006, p. 1056).



tão importante quanto promover o debate sobre anemia falciforme é a necessidade de os meios de comunicação atentarem para o modo como fornecem as informações tendo em vista a influência que exercem. A mídia tem o poder de influenciar as pessoas a criar significados em torno da genética. O Estado também recebe influência da mídia na elaboração de políticas públicas. Atualmente, no Ministério da Saúde, por exemplo, existe um grupo de trabalho voltado à formulação de diretrizes destinadas a pautar o uso da informação genética sobre traço e anemia falciforme pelo Sistema Único de Saúde. Esse foi criado principalmente em razão das reivindicações de movimentos sociais por meio da mídia impressa. No caso da anemia falciforme, este artigo mostrou que há um apelo no sentido de chamar as pessoas a identificar a doença e buscar atendimento especializado. Mas há também a ênfase na ideia de que as pessoas informadas podem contribuir para prevenir o avanço da doença, uma vez que a análise revelou o destaque dado aos cuidados reprodutivos a serem adotados. Mediar essa tênue fronteira entre prevenção e reconhecimento das liberdades individuais pode ser considerado um desafio não só para a saúde pública, mas também para os meios de comunicação (DINIZ; GUEDES, 2006, p. 1061).

Por fim, não podemos deixar de fora as mídias comunitárias que também apareceram nesta análise. Conforme Oliveira Neto e Pinheiro (2013), o campo da saúde tem muito ainda a dialogar com as mídias comunitárias (exemplificado no artigo pelas rádios comunitárias). Para os autores, em alguns

momentos se carece de um olhar mais atento ao território para mapear as mídias, em outros, encontra-se uma desconfiança por parte da saúde coletiva em considerar esses espaços potencialmente eficazes para se trabalhar questões de saúde. Nesta linha, os autores inferem que, "independente da natureza de aproximação que possa acontecer entre a saúde e a rádio comunitária, são necessárias habilidades políticas e análise crítica de ambos os lados" (OLI-VEIRA NETO; PINHEIRO, 2013, p. 535).

Assim, o campo da Comunicação deve ter atenção para não reproduzir discursos hegemônicos sem uma análise crítica, o que reafirmaria seu papel de instrumento para viabilizar a saúde, reduzindo seu discurso apenas aos critérios de noticiabilidade. E o campo da Saúde, deve ter o cuidado para não verticalizar conhecimentos, normas e práticas. Somente desta maneira, os campos da Comunicação e da Saúde tendem a se tornar mais dialógicos, nem sempre assumindo consensos, nem sempre produzindo um espaço harmônico, porém garantindo um espaço plural potencialmente democrático. (OLIVEIRA NETO; PINHEIRO, 2013). Nesta análise, vimos que em todos os artigos selecionados se destacam linguagens, discursos, formas de poder, intenções e lugares sociais onde diferentes atores exercem o seu papel através de interações sociais que podem e devem ser avaliadas a partir da contribuição reflexiva destes dois campos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos apontar as principais contribuições das pesquisas brasileiras de pós-graduação que tratam a produção de sentidos no discurso da mídia sobre a saúde. Assim, podemos perceber que as pesquisas em sua maioria se fundamentam pelo poder que a mídia tem na construção de realidades e valores e na influência de comportamentos e atitudes, justificando o seu monitoramento e suas disputas simbólicas, principalmente entre os campos da Comunicação e da Saúde.

Desta maneira, observamos, que o campo da Saúde, profundamente sedimentado no horizonte popular, institucional e científico, enquanto um paradigma biomédico, nem sempre consegue analisar questões complexas que envolvem a saúde, principalmente quando se trata de olhares plurais sobre este mesmo campo. E, que o campo da Comunicação, ao se unir ao campo da saúde, se vê reduzido à sua dimensão instrumental, empobrecendo-se assim as reflexões epistemológicas que a apontam como um espaço de interatividade cujo paradigma estaria ancorado no diálogo e nas práticas discursivas (ARAÚJO, 2008). Ao obscurecer este paradigma está a lógica do poder, trazida por Bourdieu (1989), que verticaliza as interações e definem os papéis dos atores sociais.

Uma questão importante deste trabalho foi mostrar os assuntos mais discutidos pelos pesquisadores e suas inferências a respeito do discurso midiático sobre a saúde. Temas como violência, drogas, obesidade, epidemias, depressão e HIV/AIDS estão nas pautas tanto dos meios de comunicação quanto dos pesquisadores que analisam as mídias. Ou seja, as concepções epidemiológicas, as formas de enfrentamento das doenças e as inovações científicas inquietam profissionais da mídia e pesquisadores, tornando-se, conforme Cavalcante e Lerner (2013), uma pauta coletiva. Contudo, a questão crucial que deixamos aqui, segundo Medeiros e Guareschi, é que "o discurso midiático não e igual ao discurso de saúde pública" (2008, p. 93).

Nesta direção, podemos entender que estas questões produzidas pelos dispositivos jornalísticos não podem ser interpretadas criticamente sem levar em conta à natureza da própria fabulação jornalística que é tanto marcada pelos critérios de noticiabilidade, quanto pelas condições socioculturais, fatores estes que definem as suas condições de enunciação. Neste aspecto, para Oliveira (2012), os sentidos produzidos pelo discurso midiático não criam, manipulação ou expressão de pura intencionalidade dos profissionais da mídia, embora as suas marcas estejam presentes em seu discurso, estes estão subordinados às suas próprias condições de enunciação que determinam o limite e a maneira de suas narrativas e que, por sua vez, guardam uma relação intrínseca com as suas condições de circulação e de reconhecimento.



Portanto, ao buscar entender os sentidos da saúde publicados pelo discurso midiático, devemos levar em conta que este espaço discursivo é uma arena de disputas simbólicas permeadas por determinadas condições de produção e de enunciação que, por sua vez, são atravessadas por variáveis socioculturais (LINDENMEYER; MARTINS, 2015). A articulação destas condições são os principais fatores de modulação do processo de produção e recepção das mensagens midiáticas sobre a saúde. Neste sentido, cabe uma observação importante, as análises dos artigos selecionados quase sempre se restringem aos estudos de discurso e conteúdo. Os estudos de recepção são raros, fazendo com que poucos artigos expressem a visão do receptor, elemento tão significativo quanto o emissor e a mensagem na produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A "revisão bibliográfica" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever:** desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44.

ARAÚJO, I.; CARDOSO, J. **Comunicação e Saúde.** Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2007.

ARAÚJO, I. Comunicação e Saúde: trajetória, panorama e desafios atuais. INTERCOM - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Natal. 2008. Disponível em: http://goo.gl/pOqhqM>. Acesso em: 08 de mai. 2016.

ARAÚJO, I. **Mercado Simbólico:** interlocução, luta, poder – Um modelo de comunicação para políticas públicas. 2002. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ARAUJO, N. B de; MANDÚ, E. N. T. Produção de Sentidos entre Adolescentes sobre o Cuidado de Si na Gravidez. **Revista Interface**. Botucatu, v. 20, n. 57, p. 363-375, abr./jun. 2016. Online. Disponível em: http://goo.gl/AWti6x>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CAVALCANTE, C. C; LERNER, K. Mídia e Saúde: do que tratam os artigos científicos que percorrem e relacionam os dois campos. In: INTERCOM - XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Manaus, 2013. Disponível em: < http://goo.gl/Oy5CjN>. Acesso em: 21 jun. 2016.

COSTA, S. I. F.; DINIZ, D. Mídia, Clonagem e Bioética. **Revista Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 155-162, jan./mar. 2000. Online. Disponível em: http://goo.gl/K4XjHX>. Acesso em: 30 jun. 2016.

DINIZ, D; GUEDES, C. Informação Genética na Mídia Impressa: a anemia falciforme em questão. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1055-1062, 2006. Online. Disponível em: http://goo.gl/vCJxmP>. Acesso em: 30 jun. 2016.

FERRAZ, L. M. R.; GOMES, I. M. de A. M. A Construção Discursiva sobre a Dengue na Mídia. **Revista Brasileira de Epidemiologia.** São Paulo, v. 15, n. 1, p.63-74, mar. 2012. Online. Disponível em: http://goo.gl/7tSnCN>. Acesso em: 30 jun. 2016.



FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de Dengue e Divulgação de Informações pela imprensa. **Revista Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1334-1341, set./out. 2004. Online. Disponível em: http://goo.gl/lJ2NsP>. Acesso em: 30 jun. 2016.

GONÇALVES, E. H; VARANDAS, R. O Papel da Mídia na Prevenção do HIV/AIDS e a Representação da Mulher no Contexto da Epidemia. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 229-235, 2005. Online. Disponível em: http://goo.gl/t72tw6. Acesso em: 30 jun. 2016.

GONÇALVES NETO, V. S.; MONTEIRO, S. G.; GONÇALVES, A. G.; REBÊLO, J. M. M. Conhecimentos e Atitudes da População sobre Dengue no Município de São Luís, Maranhão, Brasil, 2004. **Revista Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p. 2191-2200, out. 2006. Online. Disponível em: http://goo.gl/sXWqXz>. Acesso em: 30 jun. 2016.

LENZI, M. de F.; CAMILLO-COURA, L.; GRAULT, C. E.; VAL, M. B. do. Estudo do Dengue em Área Urbana Favelizada do Rio de Janeiro: Considerações Iniciais. **Revista** Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 851-856, jul./set. 2000. Online. Disponível em: http://goo.gl/CNCRAC. Acesso em: 30 jun. 2016.

LINDENMEYER, L.; MARTINS, C. M. Comunicação e Saúde nos Manuais dos Organismos Internacionais para Situações de Emergência e Desastre: Intervenção e Hegemonia. **Revista Interface.** Botucatu, v. 19, n. 53, p. 299-310, 2015. Online. Disponível em: http://goo.gl/LOFZgJ. Acesso em: 30 jun. 2016.

MEDEIROS, P. F. de; GUARESCHI, N. M. de F. A Mídia como Ferramenta de Pesquisa: Produção de Saberes no Cotidiano sobre a Saúde das Filhas deste Solo. **Revista Psicologia & Sociedade.** Belo Horizonte, n. 20, Edição Especial, p. 87-95, 2008. Online. Disponível em: http://goo.gl/mmqs8x. Acesso em: 29 jun. 2016.

MENEGON, V. S. M. Crise dos Serviços de Saúde no Cotidiano da Mídia Impressa. **Revista Psicologia & Sociedade.** Belo Horizonte, n. 20, Edição Especial, p. 32-40, 2008. Online. Disponível em: < http://goo.gl/v0DZqC>. Acesso em: 22 jun. 2016.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1992.

NJAINE, K; MINAYO, M. C. de S. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 201-211, 2004. Online. Disponível em: http://goo.gl/0NFHo8>. Acesso em: 27 jun. 2016.

OLIVEIRA, V. de C. Os Sentidos da Saúde nas Mídias Jornalísticas Impressas. **Revista RECIIS.** Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, Sup., fev. 2012. Online. Disponível em: http://goo.gl/XHgh6K. Acesso em: 30 jun. 2016.

OLIVEIRA NETO, A. de; PINHEIRO, R. O que a Saúde tem a ver com Rádio Comunitária? Uma análise de uma experiência em Nova Friburgo - RJ. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 527-536. 2013. Online. Disponível em: http://goo.gl/qHsDnz. Acesso em: 30 jun. 2016.





PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC. **Institucional.** Online. Disponível em: https://goo.gl/9T0YEL. Acesso em: 22 jul. 2016.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Mídia e Crack: Promovendo Saúde ou Reforçando Relações de Dominação? **Revista Psicologia:** Ciência e Profissão. v. 32, n. 1, p. 82-97, jan. 2012. Online. Disponível em: http://goo.gl/7eMWLz. Acesso em: 27 jun. 2016.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Midiatização do Crack e Estigmatização: corpos habitados por histórias e cicatrizes. **Revista Interface.** Botucatu, v. 18, n. 49, abr./jun. 2014. Online. Disponível em: http://goo.gl/Z9f5hS. Acesso em: 30 jun. 2016.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. dos. Saúde e Mídia na Construção da Obesidade e do Corpo Perfeito. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 691-701. 2003. Online. Disponível em: < http://goo.gl/kwOCiG>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SOARES, G. B.; CAPONI, S. Depressão em Pauta: Um Estudo sobre o Discurso da Mídia no Processo de Medicalização da Vida. **Revista Interface**. Botucatu, v. 15, n. 37, p. 437-446, abr./jun. 2011. Online. Disponível em: < http://goo.gl/GI-xyEm>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MENEGON, V. M.; LYRA, J.; LIMA, H. A Construção da AIDS-Notícia. **Revista Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul./ago. 2001. Online. Disponível em: http://goo.gl/MHft9l>. Acesso em: 30 jun. 2016.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna** – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VOSGERAU, D.S.A.R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. Online. Disponível em: http://goo.gl/QIj9PC. Acesso em: 22 jul. 2016.



MULHERES NEGRAS: A MÍDIA E AS INTERFERÊNCIAS NAS SUAS IDENTIFICAÇÕES

BLACK WOMEN: THE MEDIA AND ITS INTERFERENCES ON THEIR IDENTIFICATION

Amanda Rosiéli Fiuza e Silva (UFSM)1

Resumo: O artigo é estruturado a partir do recorte de gênero e cor e tece problematizações relevantes para discutirmos a questão da representação da mulher negra na mídia. Nossa ênfase acerca das representações está em analisar como são construídas as imagens das mulheres negras na mídia hegemônica. Logo, demonstrar como os discursos midiáticos, muitas vezes, calcados nos estereótipos, contribuem para reforçar todos os estigmas sociais que as mulheres negras carregam há anos. Visto que a mídia tem o poder de disseminar e sustentar representações sociais historicamente preconceituosas. Nesse viés, expor a inter-relação entre a tríade do racismo, da mídia e a interferência na constituição da identidade da mulher negra. Percebemos representações midiáticas que preferem apresentar as mulheres apenas pelo viés corporal, ou seja, hipersexualizam o corpo da mulher negra e negligenciam suas demais qualidades, até mesmo as intelectuais. O marco teórico contemplou a questão das representações, da mídia e da identidade. Metodologicamente utilizamos a análise de discurso, sendo os materiais analisados os episódios do seriado "sexo e as negas", exibido na Rede Globo no ano de 2014.

Palavras-chave: Mulher Negra. Discurso. Representação Midiática. Identidade.

Abstract: This paper is built upon a gender and color profile that weaves relevant problematics to discuss the black woman representation on the media. Analising how black women image was built on the hegemonic media was our emphasis. So, demostrating how midiatic speeches are very often full of stereotypes, contributing on increasing the social stigma that black women bear for years. The media has the power to sustain and disseminate social representation that is historicaly prejudiced. In this issue, exposing the triad between racism, the media and the interference on the formation of black women identity. We perceived that midiatic representation prefer to identify women only with the body bias, hypersexualizating the black women body and neglecting their other qualities, even intellectual. The teoric mark contemplating the representation issue, the media and identity. Methodologically, we

¹ Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: rosieliamanda@gmail.com.



used the speech analysis, the analized material were "sexo e as negas" episodes, a tv show aired on Rede Globo in 2014.

Keywords: Black Woman. Speech. Media Representation. Identity.

INTRODUÇÃO

As discussões teóricas e analíticas partem de um recorte de gênero e raça para tecer problematizações relevantes para debater a questão da representação da mulher negra² na mídia. Sendo assim, objetivamos compreender de que forma as representações da mulher negra, principalmente, na grande mídia hegemônica, muitas vezes, calcadas nos estereótipos, contribuem para reforçar o racismo, a discriminação, a subalternização, a exclusão social, o preconceito, a objetificação e hipersexualização do corpo da mulher negra. Logo, averiguar como os estereótipos construídos nos discursos midiáticos contribuem para reforçar todos os estigmas sociais que as mulheres negras carregam há anos. Nesse viés, expor essa inter-relação entre a tríade do racismo, da mídia e a interferência na constituição da identidade da mulher negra.

Problematizar a representação da mulher negra na mídia e as interferências nas suas identificações. Portanto, demonstrar que os discursos midiáticos por meio de narrativas baseadas em estereótipos produzem sentidos pejorativos em relação à mulher negra que influenciam e interferem na constituição da identidade negra. Segundo Alakija (2012, p.120), "a mídia pode ser considerada um agente/fator fundamental na alteração do comportamento, interferindo inclusive no próprio processo de emergência da identidade".

Sendo assim, o marco teórico contemplou a questão das representações e da identidade. Para tanto, apoiamo-nos em autores Alakija (2012), Almada (2012), Borges (2012) e Ramos (2002) para tratar as temáticas relativas às representações midiáticas. As questões de constituição identitária foram abordadas com base nos autores Barbero (2006), Castells (1999), Grimson (2010), Hall (2013), Sodré (1999), Woodward (2000). Metodologicamente utilizamos a análise de discurso, partindo do viés que os sentidos são construídos social e historicamente. Sendo assim, tendo como objeto de análise o seriado 'sexo e as negas' consideramos investigar e interpretar os sentidos construídos nos materiais analisados dos episódios do seriado, exibido na Rede Globo no ano de 2014.

² A referência às mulheres negras engloba todas que se identificam desta forma, isto é, todas as pessoas negras que tem sua identidade de gênero feminina. Neste sentido, essa concepção de mulher também engloba as mulheres negras transgêneras.



IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS

Primeiramente, antes de adentramos especificamente no recorte de gênero e raça, iremos conceituar o que entendemos por identidade e representação. A partir disso, explicitaremos como ocorrem os processos de constituição das identidades nas sociedades atuais tendo como base alguns autores.

Grimson (2010) aborda sobre a cultura e as imbricações na constituição das identidades/identificações dos sujeitos. O autor dialoga sobre o sentimento de pertença das pessoas ou determinado grupo social. Nesse viés, a identidade é constituída por meio das experiências sociais do indivíduo, por isso não devemos separar a constituição da identidade do quadro social em que os sujeitos estão inseridos. O autor diz que a sociedade, por meio da cultura e de suas instituições, oferece-nos determinadas "categorias identitárias" que permanecem ao longo da nossa vida.

Ao concebermos que a identidade é constituída a partir das experiências e representações dos sujeitos dentro de um contexto social ordenado pela cultura e pelas instituições sociais, incluindo os meios de comunicação, podemos intuir que as construções do discurso da mídia influenciam no desenvolvimento e constituição da identidade. Nesse viés, ao proliferar padrões e reforçar determinados estereótipos contribuem para que alguns estigmas

sejam relacionados a certos grupos sujeitos. Nesse sentido, faz com que muitos sujeitos não se sintam representados ou até mesmo não queiram ser associados a determinadas marcas identitárias.

Woodward (2014) trabalha com processos simbólicos e concebe que a identidade é marcada pela diferença. O autor aponta que a identidade é constituída de forma relacional, isto é, os sujeitos constituem suas identidades a partir da diferença em relação às outras identidades. É importante ressaltar que o autor não considera a diferença como algo negativo, pelo contrário, configura-se como um elemento essencial para a constituição das identidades. Woodward (2014) constata que as identidades dos sujeitos são construídas por meio de negociações consigo (subjetividade), com o outro e entre os diferentes grupos sociais. Configura-se como um processo simbólico, pois se constitui na instância do imaginário por meio das construções de sentidos. Além disso, o autor aponta que a identidade também é construída se recorrendo à história.

Castells (1999) aborda que a identidade é construída a partir de diversos fatores que fornecem os atributos que a constituem. Dessa forma, a sociedade, a cultura e a tecnologia estão inter-relacionadas no processo de construção da identidade. Logo, identidade como "o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda conjunto culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de signifi-



cado" (CASTELLS, 1999, p.22). A partir do exposto, partindo para a perspectiva da mídia como sistema simbólico, podemos considerar que o processo de construção de identidade constrói e desconstrói significados por meio dos discursos midiáticos. Além disso, que a identidade pode ser considerada como o vínculo ou sentimento de pertença dos grupos sociais em relação àqueles significados que são construídos para representá-los.

Conforme Castells (1999), se os sentidos são construídos a partir de atributos culturais e são os atributos culturais que dão sentido às identidades, existe a necessidade de negociar esse jogo de significações, visto que é importante problematizar quem define os elementos/atributos que irão construir determinadas identidades. Assim como, Woodward (2014) tenciona o porquê de alguns significados serem preferidos a outros.

Partindo dos pressupostos de Alakija (2012, p.120) que entende "o processo de construção da identidade de um povo se dá através de aparelhos sociais, como a educação e a comunicação". A autora menciona que estes aparelhos são importantes na disseminação de valores étnicos e estéticos e demais elementos que auxiliam no processo de formação das identidades étnicas. Sendo assim, "o ato ou efeito de identificar-se implica no reconhecimento, em si próprio, de algo que se percebe em alguém (e vice-versa), funcionando esses aparelhos como espelhos refletores da sua imagem e semelhança" (ALAKIJA, 2012, p.120).

Já para Barbero (2006), as identidades modernas constroem-se na negociação e reconhecimento do outro.

A identidade não é, pois o que é atribuído a alguém pelo fato de estar aglutinado num grupo – como na sociedade de castas – mas, sim, a expressão daquilo que dá sentido e valor á vida do indivíduo. Identidade vive do reconhecimento do outro – identidade se constrói no diálogo, já que é aí que indivíduos ou grupos se sentem desprezados pelos demais. (BARBERO, 2006, p.65).

Castells (1999) e Woodward (2014) coincidem ao afirmar que a construção da identidade pode ser considerada um jogo de negociações simbólicas que se valem da história. Nesse viés, entendemos que muitas das representações e papeis sociais atribuídos às mulheres, principalmente as negras, são calcadas na história do período colonial do Brasil, época em que as mulheres negras tinham seus corpos violados e seus traços culturais tidos como exóticos.

Padrões de representação: a quase face única da mídia

Conforme afirma Sodré (1999, p. 31), no contexto brasileiro existe "uma dinâmica múltipla de identificações, evidenciadas pela forte heterogeneidade sociocultural da realidade sul-americana". Compreendemos que vivemos em um contexto social de pluralidade e múltiplas identidades. Todavia, quando examinamos as produções midiáticas dos grandes conglomerados da mídia a realidade é bem diferen-



te. No campo midiático, percebemos que existe um padrão de representação, principalmente, referente à questão racial. Almada (2012, p.28), designa como "dicotomia entre a identidade multirracial real da sociedade brasileira e a identidade virtual forjada pelas mídias". De um modo geral, percebemos que apenas determinados grupos sociais são representados no discurso midiático.

Sodré (1999, p.29), nos diz que "os meios de comunicação de massa, com suas *elites logotécnicas* [...] ignoram a questão identitária ou ainda são atravessados por uma espécie de velha consciência eurocêntrica". Williams (2003), ao abordar a maneira como as culturas e valores da sociedade se constituem utiliza o termo *tradição seletiva* para designar o caráter seletivo das culturas. Para o autor, existem elementos que são preferidos em detrimento de outros, ou seja, a valorização a partir de uma seleção de determinadas coisas.

A mídia se apropria das representações sociais de determinadas identidades, mas também, por outro lado, traz nos seus discursos representações estereotipadas. A escolha de determinados elementos "tradição seletiva" para representar é feita de forma a valorizar alguns elementos e excluir ou negar outros. Então, a partir do exposto, podemos considerar que a mídia afirma, silencia e nega determinadas identidades. Como nos alerta Grimson (2010), sob o rótulo de homogeneidade pode-se negar e silenciar as diferenças culturais. Como disse Borges (2012),

o discurso midiático institui modelos de vidas a serem seguidos, significados do que é a normalidade, apagando muitas vezes a possibilidade das diferenças, auxiliando na constituição da imagem do outro como o "fora do padrão". Nesse viés, Sodré (1999, p.21) contribui ao examinar que "[...] é evidente que em toda esta suposta pluralidade, permanece sempre a decisão de que só o ocidental é modelo de dever-ser. O não-ocidental pode apenas chegar a "sub", isto é, a cumpridor de normas, executor de modelos".

Na busca de um quadro comum de referências, a mídia institui padrões operacionais: falas e sotaques, vestimentas, modelos de beleza, modos específicos de escrever, filmar e fotografar, estabelecendo sempre modelo e estilos de vida a serem seguidos (BORGES, 2012, p.182).

A perversidade da exclusão do negro na mídia pode ser constatada ao observar a televisão na questão das novelas. São anos de exclusão dos atores negros dos elencos. Atualmente, percebemos um avanço, mas ainda bem pouco, sendo que mais de 90% do elenco ainda é composto por atores brancos. De um modo geral, a imagem do Brasil é apresentada pela perspectiva do branco. Além disso, notamos que quando existe a participação dos negros, na maioria das vezes, interpretam papéis subalternos. A ascensão social, ou seja, o topo é destinado aos brancos. Essas representações nas novelas que situam os negros como subalternos, mandados pelos brancos, acabam por naturalizar essa situação como se fosse



aparentemente normal. É o que Hall (2013) vai denominar como *códigos naturalizados* que são as representações que estão tão naturalizadas que já não parecem que foram construídas socialmente. Pelo viés da mídia, essa "naturalidade" vai encobrir as práticas de codificação dos códigos, ou seja, o processo de construção dos significados. Já no âmbito da decodificação "irá frequentemente assumir o status de percepções naturalizadas" (HALL, 2013, p.435).

Recentemente, em um portal de notícias pela internet foi divulgada a informação que pela primeira vez, em 21 anos de existência, o programa "malhação"³ terá uma protagonista negra. O programa foi fundado em 1995, mas nunca teve como protagonista uma jovem negra. Nesse sentido, Sodré (1999), auxilia no entendimento de que estamos tão habituados a determinadas representações da mídia que não percebemos as discriminações e preconceitos embutidos nesses discursos. O autor afirma que, ao abordar sobre a problemática da identidade, as discriminações cotidianas estão tão arraigadas que muitas vezes nem percebemos. A exclusão de protagonistas negras da trama pode ser considerada uma forma de preconceito e racismo. Devido ao fato que ainda existe uma discriminação e ojeriza em relação aos traços da mulher negra, muitas vezes considerada exótica e fora dos padrões de beleza aceitáveis pela sociedade.

DO "BLACKFACE" AO ESTEREÓTIPO: A IMAGEM DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

Antes de prosseguirmos no encalço de nossas preocupações, deixamos a seguinte questão para reflexão: Qual o papel estipulado ou pré-determinado para mulher negra atualmente, em pleno século XXI, na sociedade? Tendo como princípio norteador a notável frase de Simone Beauvoir "não se nasce mulher, torna-se mulher: nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto" (BEAU-VOIR, 1980, p.09). Logo, se entendemos que a figura da mulher é uma construção social, possibilita-nos refletir sobre as atribuições e imposições sociais que ao longo de décadas vem sendo designadas as mulheres negras como algo natural. Neste sentido, Borges (2012, p.184) afirma que "existem regras que definem o coletivamente comum e, portanto, aceitável, o modelo de dever-ser".

A partir do exposto, compreendendo a mídia como um sistema simbólico, ou seja, produtora de sentidos e significados, que trabalha por meio de códigos (HALL, 2013). Então, faz-se necessário as seguintes indagações realizadas por Borges (2012, p. 186) "em que medida os discursos da mídia per-

³ Programa exibido cotidianamente, segunda à sexta, na Rede Globo no horário da tarde, por volta das 17h30m pelo horário oficial de Brasília.



manecem atados a estigmas e estereótipos? Como contribuem para a cristalização do racismo?". Esses questionamentos podem nos ajudar a entender a partir da perspectiva da mídia de que forma o racismo é "retroalimentado" na sociedade pelo sistema midiático. Nesse viés,

discutir as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade é, em grande medida, discutir as matrizes do racismo no Brasil. Os meios de comunicação são, por assim dizer, um caso modelo de representação das nossas relações sociais (RAMOS, 2002, p. 9).

Constatamos que as construções identitárias do discurso midiático reforçam padrões, estereótipos e estigmatizações em relação à imagem da mulher negra. Recentemente, repercutiu, nas redes sociais online, o caso do ator Paulo Gustavo que ao utilizar do blackface⁴ para encenar a personagem denominada 'Ivonete' caracterizada por ser negra, pobre e trabalhadora doméstica. O blackface é uma técnica que cria e reforça estereótipos em relação à imagem do negro, pois ridiculariza ao considerá-lo como fantasia que pode ser vestida, algo engraçado, às vezes, até representado como exótico. Para, além disso, Ivonete é uma personagem que afronta seus patrões, tem personalidade forte, todavia, aparece em grande par-

te do tempo sambando, discutindo, leia-se xingando, sua vizinha e com roupas justas ao corpo. A visão estereotipada da mulher negra como barraqueira e fortemente associada a sua característica corporal. Fator esse que reforça a imagem de que toda mulher negra sabe dançar, isto é, sempre associada ao samba. Logo, verificamos sua imagem muito vinculada ao corpo, contribuindo para reforçar o imaginário social da mulher negra como "símbolo sexual". No momento que hipersexualiza e objetifica o corpo, ressaltando o exotismo, exclui ou negligencia todas as demais características e atributos da mulher negra, inclusive suas capacidades intelectuais.

A representação da mulher negra no seriado "sexo e as negas"

Em 2014, estreou na Rede Globo, uma das emissoras de televisão aberta do país com maior índice de audiência, um seriado intitulado "sexo e as negas". A série foi exibida todas as terças-feiras a partir das 23h na mesma emissora. Segundo o idealizador e roteirista, Miguel Falabella, foi inspirada em "sexy and the city", sendo uma proposta que visava colocar as negras como atrizes principais. Em suma, as protagonistas são quatro mulheres negras e po-

⁴ Técnica de maquiagem em que pessoas brancas pintam-se de negras para imitá-las de forma caricata.

⁵ Seriado norte americano que é protagonizado por mulheres brancas e ricas, todavia, nesse programa a trama não gira em torno da vida sexual das atrizes. Diferentemente do foco dado ao programa "sexo e as negas".



bres que moram em uma comunidade do Rio de Janeiro, sendo elas: Soraia, Lia, Zulma e Matilde, mais conhecida como Tilde. As personagens no início da trama exerciam as profissões de empregada doméstica, recepcionista, camareira e atendente.

Sendo assim, analisamos os 13 episódios da primeira temporada da edição e os vídeos de pré-estreia para compreendermos as representações das mulheres negras nessa série. Para fins de análise, partimos pelo viés da análise de discurso e direcionamos nossas observações apenas para as representações das protagonistas da série.

Um aspecto positivo notado foi o fato de que as protagonistas mantêm suas características naturais, isto é, a identidade negra está presente na forma natural. Logo, as quatro personagens têm os cabelos naturais e não alisados. Todavia, a preferência pela estética negra não significa que a representação ao longo da trama seja positiva. Pelo contrário, constatamos que o seriado é carregado de estereótipos preconceituosos e racistas. Neste aspecto, contribui com a proliferação do racismo e interfere na constituição da identidade negra.

Antes da estreia oficial foram lançados quatro vídeos com duração de um minuto que apresentavam o perfil de cada protagonista da série. Zulma é a mulher que se diverte com os sapos enquanto o príncipe encantado não chega, afinal, ela só quer curtir a vida. Lia é apresentada como a objetiva que se 'vira nos 30'. Tilde é a independente que não faz

nada contra a vontade. Soraia é a mulher que sabe o que quer. Resta-nos desvelar o que está escondido por trás desse discurso de independência e autonomia feminina e as contradições apresentadas nas cenas dos episódios.

Primeiramente, o título da série já remete ao forte apelo sexual e contribui para que a imagem da mulher negra seja associada diretamente à sexualidade. Para, além disso, a trama gira em torno das aventuras sexuais das mulheres. Verificamos que o episódio de estreia fez jus ao título. A narrativa do primeiro episódio se desenrolou em torno de muitas cenas de sexo. Os telespectadores presenciaram momentos de cenas picantes protagonizadas por Zulma e Elder. Esse forte apelo sexual presente nas cenas reproduz e reforça todos os pensamentos preconceituosos do senso comum que associam as mulheres negras com a imagem da 'mulata fogosa', da 'boa de cama' que está sempre predisposta ao sexo.

As narrativas são marcadas pelos conflitos que afligem as protagonistas. Em sua maioria são referentes aos relacionamentos amorosos. A trama da pouca ênfase para as questões profissionais e a outros aspectos da vida das mulheres negras. A representação da mulher como um ser incompleto que precisa da figura masculina para tornar sua vida plena é uma característica marcante no discurso da série. Parece existir a necessidade da vida das mulheres estar associada à busca do homem perfeito. Assim se perpetua a imagem de que as mulheres



não têm outros sonhos e ideais de vida para além do casamento ou a constituição de uma família.

Tilde é uma jovem sonhadora que idealiza se casar com o atual namorado cujo apelido é 'Vinagre'. Nos primeiros capítulos da série, Tilde é apresentada como a acumuladora de sonhos. Esta personagem apresenta uma representação relacionada às suas angústias amorosas, todavia, no decorrer dos episódios vai mudando sua postura e começa a planejar outros sonhos, agora relacionados aos estudos. Tilde pode ser considerada a representação mais positiva da mulher negra presente na série. Levando em consideração que no desenvolver da narrativa vai ganhando visibilidade no espaço da Faculdade e começa a ser valorizada devido as suas capacidades intelectuais. O ápice de sua valorização aconteceu quando ela ganhou uma bolsa de estudos para estudar na Índia durante um ano. Raramente, teve uma representação muita marcante em relação à sexualidade. Ainda que as roupas mais justas e explorações sutis do corpo estivessem presentes em algumas cenas.

Soraia é a personagem que tem mais marcada a questão da sexualidade e a utilização do corpo para sedução. Ela é exibida no decorrer da série como uma caçadora de homens, visto que em todo lugar que vai está sempre tentando seduzir alguém. A exploração do corpo da personagem está evidente, em várias cenas aparece somente de calcinha e sutiã. No quarto episódio da série, ela é apresentada

como a acumuladora de homens. A mulher negra insaciável que está sempre em busca de aventuras sexuais. Na mesma ocasião, aparece protagonizando uma cena de sexo. Soraia é a personagem que aparece mais vezes em cenas de sexo. Ao longo dos capítulos da série, ela se envolve até mesmo com seus patrões, tanto o primeiro chamado de Evandro, quanto o seu segundo patrão e, neste caso, também inclui a patroa. Nas narrativas fica subentendido que Soraia participa e frequenta casas de *swing* com sua segunda patroa.

Em uma cena com o primeiro patrão, este aparece na cozinha de camisa aberta aproximando-se dela. Soraia tenta resistir e desvia, todavia, acaba cedendo às investidas do patrão branco. Interpretando uma cena de beijo caloroso se direcionam a uma peça do apartamento. Neste momento, Soraia questiona o patrão 'No quartinho?' e o mesmo responde firme 'É, no quartinho'. Nesta cena podemos notar um clássico reforço do pensamento pejorativo em relação à mulher negra e a sua completa desvalorização. O patrão nesse caso estipula o papel social que a mulher negra pode exercer, ficando restrito a ela o lugar da empregada. Apesar de ter rompido com a relação de patrão e empregada e ele usufruir do corpo de Soraia, porém, a ela só é permitido frequentar o quartinho da empregada. Nunca virá a ser algo mais do que isso apesar do patrão se relacionar sexualmente com ela. Assim, cria-se através dessas representações a categoria das 'mulheres para casar'.



Certamente, esta representação reforça o pensamento pejorativo de que as mulheres negras são boas de cama, mas não servem para casar, ou seja, são apropriadas somente para momentos de diversão.

Zulma também é apresentada pelo viés da sexualidade. A narrativa em torno da personagem conta a história da mulher que se diverte mesmo não tendo encontrado o príncipe encantado. Em uma cena do quarto episódio, Zulma aparece de calcinha e sutiã conversando com sua amiga Jesuína. Ela está tentando escolher um vestido que a deixe com ar de mulher séria para um encontro com Jorge. Na continuidade da cena exibida no quarto de Jorge, Zulma aparece partindo para cima dele, porém, Jorge está mais recatado. Novamente percebemos a representação da mulher negra como a feroz, a 'mulata fogosa', etc. Esse tipo de exibição só auxilia a reforçar os estigmas sociais que as mulheres negras são associadas. Essa frequente hipersexualização repercute no cotidiano das mulheres negras que são alvos de cantadas infelizes e ficam constrangidas, muitas vezes, ao escutar frases do tipo: 'sempre quis saber como é uma mulher negra na cama' ou 'mulher negra é boa de cama' e até mesmo na subjugação e associação das mulheres negras a prostituição.

Lia não tem um apelo muito marcante à questão corporal. Esta é representada por uma mulher de meia idade que já foi casada, porém, separou-se por não compactuar com a conduta do ex-marido com quem tem uma filha em fase de adolescência. Lia aparece na série como uma acumuladora de coisas que a prendem ao passado, impedindo-lhe de vivenciar o presente. Uma visível metáfora ao casamento mal sucedido e a resistência da personagem em se envolver com outros homens. Repetidamente, os aspectos da continuidade da vida mulher estar associada ao homem. Em vias de final da temporada da série, Lia encontra um novo parceiro com quem passa a se relacionar e pretende até mesmo casar. A postura ética talvez seja o aspecto positivo na personagem.

Notamos no seriado sexo e as negas a representação da mulher negra pelo viés corporal, ou seja, a sexualidade da mulher negra sendo explorada ao extremo. Neste momento, cabe relatarmos sobre uma cena em que a personagem da empregada doméstica aparece sendo assediada novamente pelo patrão branco. Soraia está na cozinha vestida de uniforme fazendo almoço e o patrão chega por trás e a todo custo tenta agarrá-la. Ela numa atitude defensiva fica se esquivando de todas as formas, mas o patrão é insistente e continua avançando nas investidas. Soraia sempre mantendo uma linguagem para sinalizar que prefere manter apenas uma relação de empregada e patrão, com frases: 'Seu Evandro, dá licença que eu tô cozinhando', 'Para com isso que eu preciso é trabalhar' 'Aí me solta, para com isso. Me solta, para com isso seu Evandro'. Mesmo assim, o patrão é cada vez mais invasivo, chegando a passar as mãos pelas suas pernas. A cena se finda com a patroa, Maria Inês, chegando ao apartamento e vi-



sualizando o marido tentando agarrar a empregada enquanto a mesma está se esquivando. Todavia, a culpa recai sobre a empregada, como se ela tivesse se insinuado para o patrão.

Essa cena é um típico reforço da herança do período escravocrata do país, em que os senhores usufruíam livremente dos corpos de suas escravas. Logo, construindo e reforçando no imaginário social a representação da mulher negra como a "disponível" sexualmente para os brancos usufruírem. Por esse lado, Borges considera que

os estereótipos decantados por um imaginário racista e sexista sobre a mulher negra desde a escravidão impediram que ela fosse vista além do seu corpo, impondo-lhe papéis fixos que circulam recorrentemente e alimentam o sistema de dominação patriarcal e racista (BORGES, 2012, p. 196).

Tanto quanto na personagem Ivonete quanto no seriado "sexo e as negas" as mulheres negras são estereotipadas. Permanece a homogeneização das representações das mulheres negras que são incessantemente associadas à baixa qualificação, aos papéis subalternos, ao não o reconhecimento do seu intelecto, tudo isso são formas de construir a imagem da mulher negra na sociedade. Assim como apura Borges (2012, p.184) "com as informações advindas dos tentáculos midiáticos, esculpimos o outro, traço por traço". O autor salienta que tudo isso reflete "nas formas de conceber o outro, criando

tradição que se enraíza nos nossos modos de avaliar, aceder, aprovar, reprovar códigos de conduta e formas de apresentação (estética e, às vezes, moral)" (BORGES, 2012, p. 184).

Logo, se a mídia concebe a imagem que temos do outro, nesse caso, colabora com os processos de discriminação social. Sendo assim, prejudica o processo identitário das mulheres negras, pois ao apresentá-las pelo viés negativo ou estereotipado contribui para a formação de "identidades negativas" (ALAKIJA, 2012, p.122). Segundo Oliveira (1976, p.127) "a soma de todas aquelas identificações e os fragmentos de identidade que o indivíduo tem que reprimir em si mesmo por serem indesejáveis ou irreconciliáveis, ou pelo qual indivíduos atípicos e minorias marcadas são forçados a se sentir *diferentes*". Assim como Borges (2012):

A temática mídia e representações do outro afigura-se como um nexo importante para pensarmos, em perspectiva ampliada, nos modos em que o imaginário ordena-se em torno da questão, visto que envolve discriminações acerca do certo ou do errado, melhor ou pior, belo e feio, normal e desviante, adequado e inadequado, próprio e impróprio, fornecendo a todos nós padrões com os quais constituímos nossos horizontes identitários, ideais culturais de ser e bem estar no mundo (BORGES, 2012, p.179).

Logo, percebemos que apesar de termos quatro mulheres negras como protagonistas as representações delas podem ser caracterizadas como apre-



sentações de identidades negativas das mulheres negras. Devido ao fato que o enredo dos episódios hipersexualizou e auxiliou a criar e reforçar estereótipos no imaginário social. A exploração em demasia dos atributos corporais das personagens reverência o viés da objetificação. A maneira como a mulher negra está sendo retratada influência no processo de identificação das jovens negras. Pela razão que as pessoas não querem ser associadas a algo negativo ou pejorativo.

Não estamos negando a existência de mulheres negras e pobres, por outro lado, estamos salientando que devemos olhar também para as demais representações e posições sociais que atualmente as mulheres negras alcançaram e, muitas, ainda lutam para alcançar. Queremos a pluralidade de representações midiáticas e não apenas o viés exacerbado da sexualidade da mulher negra. Discursos midiáticos que desenvolvem as narrativas centralizando o foco no corpo da mulher negra funcionam como proliferados de sentidos pejorativos, pois negam ou excluem os demais atributos e capacidades das mulheres. É nesse sentido que necessitamos de discursos midiáticos que apresentem o reconhecimento das capacidades intelectuais das mulheres negras e tomem como ponto de partida outros vieses para representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a mídia por ser um dos principais meios de circulação de ideias na sociedade tem o poder de disseminar e sustentar imagens historicamente preconceituosas. As quais foram construídas pelo senso comum e continuam permeando os imaginários sociais, em grande parte, apoiadas pelos meios de comunicação. Percebemos que se por um lado existe a invisibilidade e exclusão da mulher negra da mídia, por outro existem representações que exploram a herança do período escravocrata do país, imagens que hipersexualizam o corpo da mulher negra e a apresentam como subalterna e, na maioria das vezes, excluem ou negam suas demais capacidades ou qualidades. Logo, raramente, vemos representações de mulheres negras pelo viés da intelectualidade.

Primeiramente, devemos mudar os enfoques dos discursos dos meios de comunicação e, concomitantemente, descontruir e reconstruir a imagem da mulher negra na sociedade. Dessa forma, por meio de novos modos de conceber a mulher negra iremos construir uma identidade positiva e contribuir para que haja uma identificação com estas representações. Logo, oferecer subsídios para pensarmos em descontruir esse imaginário social das mulheres negras. Visto que as representações estereotipadas servem apenas para reforçar preconceitos e estigmas sociais. Para tanto, precisamos também que as



mulheres negras sejam protagonistas nos inúmeros veículos de comunicação.

Além disso, para combater essas representações negativas devemos fortalecer cada vez mais os movimentos sociais negros para que possam denunciar sempre que representações discriminatórias sejam realizadas, como foi o caso do seriado "sexo e as negas", o qual chegou a ser investigado pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), após denúncias. Além disso, a repercussão na internet em relação à série fez com que o autor modificasse o roteiro de algumas cenas. Estas são algumas alternativas viáveis para reconstruirmos nosso processo de constituição identitária.

REFERÊNCIAS

ALAKIJA, A. Mídia e identidade negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis: Rio de janeiro, 2012. p. 108-153.

ALMADA, Sandra. Prefácio. Mídia e identidade negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis: Rio de janeiro, 2012. p. 24-31.

BARBERO, Jesús Martín. Tecnicidades, identidade, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.05-20.

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis: Rio de janeiro, 2012. p. 180-205.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 15-92.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de janeiro: Zahar, 2002.

Globo. Sexo e as negas. Disponível em: https://globoplay.globo.com/sexo-e-as-negas/p/8302/. Acesso em: 03 de Junho.

Globo. Pela primeira vez em 21 anos, 'Malhação' terá protagonista negra. Disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/pela-primeira-vez-em-21-anos-malhacao-tera-protagonista-negra-19519723. Acesso em: 28 de maio.

GRIMSON, Alejandro. Culture and Identity: two different notions. **Social Identities**, v. 16, n. 1, January 2010, p. 63-79.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p.428-450.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade étnica, identificação e manipulação. In: _____. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira, 1976. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/912/1117>. p. 117-131.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



RAMOS, Silvia. **Mídia e racismo.** Rio de janeiro: Pallas, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 13-69.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72



MEMÓRIAS DA PERSONAGEM INOMINADA, EM *A MANTA DO* SOLDADO, LÍDIA JORGE

THE MEMORIES OF THE UNNAMED IN A MANTA DO SOLDADO BY LÍDIA JORGE

Ana Denise Teixeira Andrade (UniRitter)¹ Regina da Costa da Silveira (UniRitter)²

Resumo: O romance lusitano *A manta do soldado* (2003), de Lídia Jorge, explora a memória individual da narradora-protagonista, a inominada. Também conhecida como a filha/sobrinha de Walter Dias, a personagem constrói e desconstrói a imagem que tem de seu pai biológico, através dos recursos próprios da memória e com o auxílio da memória coletiva. Familiares e agregados, todos convivendo na mesma propriedade rural do patriarca Francisco Dias, estimulam as recordações e a imaginação da personagem sem nome. Em cada espaço da habitação é possível reviver a presença de Walter naquele lugar, principalmente, no quarto da inominada. Ambiente impregnado de emoções e lembranças vivas, é o refúgio para os devaneios da filha de Walter. Assim como o local é responsável pela consolidação das memórias, os sentidos também contribuem para a edificação das lembranças. A fim de compreender os processos de formação da memória, faz-se necessário o suporte teórico de Iván Izquierdo (2011), que trata a memória sobre a perspectiva da neurociência, Alan Baddeley (2011) e seus colaboradores, que pesquisam sobre a formação da memória, Maurice Halbwachs (2015), que relaciona a aquisição da memória ao contexto social. Através desse entrelaçamento de teorias, pode-se vislumbrar algumas formas de aquisição e conservação da memória.

Palavras-chave: *A manta do soldado*. Memória individual e coletiva. Espaço. Sentidos.

Abstract: The lusitan novel *A manta do soldado* (2003), by Lídia Jorge, explores the individual memory of the narrator-protagonist, the unnamed. Also known as Walter Dias's daughter/niece, the character builds and destroys his biological father's image through resource of the memory itself with the aid of the collective memory. Family and relatives, all living on the same farm whose owner was Francisco Dias, fostering the imagination and recalls of the character, the unnamed. In every room it is possible to feel Walter's presence, mainly in the unnamed bedroom. Such place is full of vivid memories and remembrances. It is Walter Dias' daughter's delusions refuge. Just as this place is res-

¹ Mestre em Letras, na área da Linguagem, Discurso e Sociedade, pela UniRitter.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora Titular da UniRitter.



ponsible for the consolidation of memories, feelings it also contributes for building these memories. In order to comprehend the processes of memory building, it is going to be necessary some support from Ivan Izquierdo (2011), who treats memory under the neuroscience perspective, Alan Baddeley (2011) and their collaborators that research about the memory building, Maurice Halbwachs (2015), who contextualizes memory acquisition and social context. Through these theories interweaved, it is possible to foresee some formats of memory acquisition and conservation.

Keywords: *A manta do soldado*. Individual and collective memory. Space. Feelings.

INTRODUÇÃO

A manta do soldado (2003) é uma obra impregnada pela memória de sua protagonista e narradora. Trata-se de um romance que carrega em si uma essência memorialística e que tem como tônica as lembranças trazidas pela personagem, a filha do Walter. Essas memórias são sempre reveladas através de sua ótica, porém, nem sempre se apresentam fiéis à realidade do mundo romanesco criado. Às vezes, são deturpadas pela simples passagem do tempo; outras, por obra da imaginação. Mesmo assim, "não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que

declarássemos nos lembrar dela" (RICOEUR, 2012, p.40). Por isso, "uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado" (RICOEUR, 2012, p.40). Esse mesmo desejo, em vários momentos, também é compartilhado pela narradora-protagonista, ainda que a imaginação coabitasse nesse mesmo universo.

Embora o foco narrativo alterne entre a primeira e a terceira pessoa, a visão, mesmo que parcialmente comprometida, sempre é a da personagem principal, a filha do Walter. São as impressões, percepções e memórias que afloram, continuamente, seja por suas próprias lembranças, ou com a interferência de seus familiares. Estes, constantemente, estimulam e fomentam essa faculdade mental. A partir de tais intervenções, a sobrinha do Walter utiliza essa "bagagem" como meio para construir e desconstruir as lembranças, sua história de vida e a imagem que tem de seu pai, porque "recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação" (HALBWACHS, 2015, p.29). Dessa forma, a protagonista conseguia tantas informações a respeito do pai, porque ouvia e agregava aos seus próprios conhecimentos, tudo aquilo que era dito pelos outros, aproveitando-se da memória coletiva para abastecer suas próprias lembranças.

As recordações, constantemente, estão associadas a algum lugar específico e, por isso, o ambiente exerce papel importante e diferenciador para a



memória. Os espaços são memoráveis, mas, dentre todos os lugares da casa, a sobrinha do Walter elegeu seu quarto para ser o refúgio ideal para viver e reviver momentos que considerava inesquecíveis, especiais. A propósito, Paul Ricoeur (2012, p.59) diz que "os lugares habitados são, por excelência, memoráveis". Entretanto, não é apenas o espaço um elemento imprescindível para a consolidação das memórias, pois, as sensações percebidas pelo corpo desempenham igualmente um papel promissor para a fixação das lembranças, mesmo que sejam as de uma personagem.

A memória e os sentidos

Os cinco sentidos são os instrumentos de que o corpo se vale para captar informações, sinalizar as emoções, promover sensações e provocar a imaginação. Esses estímulos são conduzidos através dos neurônios e processados pelo cérebro, ficando registrados na memória. Esta, por sua vez, é capaz de preservar e resgatar, a qualquer momento, as lembranças importantes, marcantes, oriundas de momentos particulares e específicos. Mas, para que isso ocorra, é necessário que haja um estímulo adequado a cada situação. Segundo Izquierdo (2011, p.14), "as memórias são feitas por células nervosas (neurônios), se armazenam em redes de neurônios e são evocadas pelas mesmas redes neuronais ou por outras", bem como "são moduladas pelas emoções,

pelo nível de consciência e pelos estados de ânimo" (IZQUIERDO, 2011, p.14). Essa habilidade essencialmente humana é reelaborada na ficção, em que personagens agem, sofrem, se emocionam, fazendo uso dessa mesma possibilidade de memorização mediante os sentidos. Na leitura, é estabelecida uma espécie de pacto entre o leitor e o texto ficcional, admitindo-se que a literatura é sinônimo de atividade criativa que, de diferentes formas, representa realidades possíveis, desde que respeitados os limites de cada uma.

No caso do romance lusitano A manta do soldado, a ambientação é na cidade fictícia de São Sebastião de Valmares, no Algarve, no período que corresponde à ditadura de Salazar, até a instauração da democracia. Nesse ambiente, permeado pela memória e a imaginação da protagonista - a inominada - o leitor é convidado a conhecer a vida e a trajetória dessa personagem, que carrega junto a si uma recordação significativa: a cena em que seu pai, Walter Dias, a visita em seu quarto. Essa situação representa um marco para a protagonista, que sempre se reporta a esse momento com insistência e apresenta certa nostalgia. Essas lembranças são impregnadas por estímulos sensoriais, presentes em toda a obra. Assim, a narrativa tem início a partir das lembranças da noite em que o pai a visitou em seu quarto. Oportunidade única e, por isso mesmo, seria constantemente evocada pela memória da protagonista, ao longo de toda a sua história. Para a



sobrinha-filha do Walter, uma noite de inverno memorável. Lembrava-se daquele momento como um acontecimento especial.

Era a primeira vez que tinha a oportunidade de travar contato com a figura que idealizava. Seu pai era objeto de ilusões, construídas durante anos e que povoavam seus sonhos, suas obsessões. Chovia naquele primeiro encontro a sós e a protagonista já era uma jovem mulher. Tinha uma vaga lembrança de um encontro anterior, quando muito pequena, mas as informações eram imprecisas e, talvez, impregnadas pela imaginação da inominada. Crescera fazendo parte de uma família patriarcal, que a ignorava, tendo como líder o avô Francisco Dias. Esse clã ia sucumbindo, à medida em que seus habitantes deixavam a casa paterna. Porém, a inominada permanecia ali, mesmo excluída do seio familiar. Ia se apropriando de informações a respeito de seu genitor e da manta de soldado que, possivelmente, ele usasse para fins menos nobres. Ouvia isso, nem sempre de forma direta, mas fazendo uso dos sentidos para descobrir tudo o que se passava ao seu redor. Imaginava. Dessa forma, a imagem do Walter ia sendo construída e desconstruída, assim como a sua própria identidade. Já na maturidade, ciente das verdades, pôde finalmente se libertar das fantasias sobre seu pai, escrevendo narrativas que o desmistificavam.

Para o leitor, a princípio, o romance apresenta uma certa atmosfera nebulosa, carregada de interrogações, que vão se diluindo pouco a pouco. Todas as observações e as percepções são reveladas pela ótica da protagonista, que transita em "seu mundo". Sem identificação própria, precisa de uma personagem. Isso não significa dizer que, sobre esse aspecto, torne-se menos reconhecível. Muito pelo contrário, pois encontrava, apesar de tudo, um ambiente que a abrigava, embora a propriedade rural, comandada pelo avô da menina, não fosse propriamente um lar. Antes disso, a moradia era, principalmente, um lugar de trabalho e do sustento de seus habitantes. Viviam todos sob o regime autoritário de Francisco Dias, que não dava voz a nenhum de seus subordinados. Em meio a esse ambiente familiar conturbado, mas ao mesmo tempo impregnado pelos estímulos exteriores, que determinavam sensações e modo de viver, a sobrinha do Walter tem a oportunidade de crescer e identificar, por intermédio dos sentidos, o comportamento de alguns integrantes do clã dos Dias. Assim, o retrato dos personagens e seus conflitos, suas dores, características e anseios são revelados, pouco a pouco, pela personagem sem nome, que a tudo observava, de forma distanciada. Entretanto, esse distanciamento não significa necessariamente alheamento ou desinteresse. Muito pelo contrário, seu olhar atento e seus ouvidos aguçados espreitavam a todos, demonstrando um minucioso exame da situação, inclusive emocional, dos envolvidos na trama.

A memória é o recurso utilizado pela personagem protagonista para fazer um retrospecto de sua



vida. São idas e vindas a um passado, nem sempre com recordações prazerosas. Longe disso, é um tempo que se apresenta obscuro, indefinido, mas que a inominada pode, sempre que deseja, evocar, pois a memória "significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações" (IZQUIERDO, 2011, p.11). Assim, ela consegue lembrar a passagem mais marcante de sua vida, que foi a visita do pai biológico ao seu quarto de dormir. Naquela noite, em meio a um turbilhão de emoções, nada passou despercebido. Olhares, ruídos e odores ficaram gravados na lembrança da protagonista: "Chovia nessa noite distante de Inverno sobre a planície de areia, e o ruído da água nas telhas protegia-nos dos outros e do mundo como uma cortina cerrada que nenhuma força humana poderia rasgar" (JORGE, 2003, p. 7). Foi nessa noite nebulosa e inesquecível que seu pai "aproximou-a como se o bojo fosse uma lente, e pôs-se a olhá-la, a observá-la de frente e de lado, enquanto a chuva forte lutava contra as janelas de vidro" (JORGE, 2003, p. 7). Todas essas sensações, aguçadas pelos sentidos e o poder da imaginação, fazem parte da essência da trama, juntamente com a memória. É através dos sentidos que se percebe o clima que envolve cada passagem do texto, as emoções e as relações nem sempre amistosas entre as personagens. A partir desse entrelaçamento - memória e sentidos - são permitidas várias possibilidades de interpretação, com destaque ao encontro entre Walter e a personagem sem nome.

A atmosfera que envolvia pai e filha estava impregnada de elementos sensoriais que, naquele instante, foram extremamente significativos, ao ponto de serem relembrados sempre que a protagonista assim o desejasse. Até mesmo porque ela não queria esquecer. Justamente por isso, havia a necessidade de rememorá-la. A cena tinha para a inominada alta relevância, pois significava um momento único de aproximação com seu genitor. A partir dessa ideia, percebe-se que "todos recordamos por mais tempo e em maior detalhe acontecimentos que ocorreram com um forte grau de alerta emocional" (IZQUIER-DO, 2011, p.75).

O encontro representou uma forte carga emocional, por isso observou a riqueza dos detalhes e recorreu a vários sentidos, para que nada se perdesse. A sensação que a inominada tinha de ser inatingível, de estar protegida do mundo lá fora, a sós com Walter, fora proporcionada pela chuva que caía no momento desse encontro. O barulho da água sobre o telhado formava uma espécie de escudo, protegendo-os do restante da família, das adversidades e do perigo que essa aproximação representava. Era como se a noite e a chuva, que molhava a areia da planície, também colaborassem para abrigar e proteger os clandestinos, um ruído abafado e um "véu" de escuridão sobre os dois. Mas, ao mesmo tempo, a terra se apresentava quente e árida, parecida com o aspecto do deserto. Por certo, ambos tinham a mesma sensação de calor, provocada pela aproximação,



ao mesmo tempo em que percebiam que havia ali, também, uma "terra" que não fora semeada, estéril pela falta de cuidados e sentimentos.

O próprio olhar de Walter era um desnudar da verdade que se apresentava: uma filha, quase desconhecida, que surgia em sua frente como uma jovem mulher. Por isso, para ele, era necessário olhá-la atentamente. E também havia o cheiro do petróleo queimado. Esse odor não era nenhuma novidade para a sem nome, mas assim como os demais elementos presentes na narrativa, serviram ao mesmo propósito: marcar com impressões sensoriais a memória da sobrinha do Walter. Izquierdo (2011, p. 21) afirma que em relação a essa situação, "as emoções, o contexto e a combinação de ambos influenciam a aquisição e a evocação".

Assim, o encontro entre pai e filha era um acontecimento memorável, do ponto de vista da protagonista. Seu pai se destacava dos demais, não pelo grau de parentesco, mas por ser uma figura idealizada, quase inatingível. Um homem de presença forte e marcante, que estimulava a imaginação da inominada, mesmo quando se reportava ao período da infância: "naquela noite de chuva, ela sempre imaginou que o seu corpo teria ficado perto do seu corpo, e durante um instante – mais que não fosse, pelo menos o instante da fotografia – teria sido envolvida pelo seu perfume de homem, e ela ter-lhe-ia contaminado o seu bafo azedo de criança" (JORGE, 2003, p. 31).

Novamente o sentido do olfato conduz a lembranças de um tempo que ela insiste em não esquecer, mesmo que esse momento possa vir a ser apenas fruto de sua imaginação, pois a "nossa memória pessoal e coletiva descarta o trivial e, às vezes, incorpora fatos irreais" (IZQUIERDO, 2011, p.19). Bem como "também vamos incorporando, ao longo dos anos, mentiras e variações que geralmente as enriquecem. Pessoas [...] que não foram, no seu momento, mais do que comuns, adquirem um verniz heroico ou de alguma maneira brilhante" (IZ-QUIERDO, 2011, p.19). É o caso da figura de Walter, que adquire esta forma idealizada, pelo menos para a protagonista. Essa possibilidade de existir uma incompatibilidade de cheiros, causa certa perturbação na sem nome, visto que até o aroma exalado pode vir a interferir nessa relação.

Um odor de criança, comparado ao "perfume de homem" de seu pai, revela o distanciamento que existia entre os dois, mesmo diante de sua relação parental. Segundo Izquierdo (2011, p.11), "o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico". A ideia que a inominada tinha de si era exatamente esta: eram apenas semelhantes. Por isso a procura pela identificação com o pai, o zelo com a imagem de Walter, mesmo que isso significasse uma certa inferioridade em relação ao genitor.



O ambiente, associado aos sentidos, também apresenta inúmeras possibilidades de trazer à tona lembranças. Justamente por esse motivo eram tão vivos e presentes os lugares da casa em que vivia. Cada detalhe fora memorizado pela protagonista, que, ainda na fase adulta, conservava a mesma imagem do interior de seu lar: "Por dentro, porém, manter-se-ão as traves, o corrimão, a escada, a porta do quarto do primeiro andar, o seu manípulo, o seu limiar e o seu soalho. Talvez a mesma luz e o mesmo som dos passos no tabuado, o mesmo cheiro a sabão e a cera" (JORGE, 2003, p.12-13). O aspecto visual permaneceria o mesmo, ainda que acontecessem mudanças na casa. Isso era imensamente importante para a sem nome, pois, assim, ficaria mais fácil recordar o tempo em que seu pai por ali estivera. Porém, houve um tempo em que a casa recendia a outros cheiros.

Por ocasião da chegada de Walter Dias ao lar paterno, "a casa cheirava a alfazema, cheirava a mudança" (JORGE, 2003, p.99), e em outra circunstância, um tanto adversa, os aromas mudam, dando uma reviravolta na trajetória das personagens. É Walter que agora decide ir embora e "em frente, o lume expande um cheiro a lenha, a carvoeira, a acidente, a objetos queimados, consumidos no ar" (JORGE, 2003, p.140). Assim, esse desdobramento da situação familiar vem sofrendo alterações perceptíveis, através dos sentidos aguçados da inominada. Desse modo, "as memórias dos humanos e dos animais

provêm das experiências. [...] umas são muito visuais (a casa da infância), outras só olfativas (a do perfume da flor), outras quase completamente motoras ou musculares (nadar, andar de bicicleta). Algumas dão prazer; outras são terríveis" (IZQUIERDO, 2011, p.20). Os vários sentidos vão sendo usados pela sem nome, em diferentes situações de sua vida, visto que não pretendia perder qualquer assunto ou acontecimento, relacionado a seu pai. Era essa a intenção da protagonista. Em diferentes fases de sua vida procurou memorizar os diversos sons da casa e do ambiente, seus variados perfumes, observou atentamente, também, os olhares que se cruzavam. Lembrava-se da colcha que a abrigava para dormir "e a filha de Walter Dias, embrulhada na colcha pegajosa da humidade, pegajosa da combustão do petróleo e pegajosa ainda pela consciência da sua vontade" (JORGE, 2003, p. 39).

A colcha provocava uma sensação desagradável ao toque de suas mãos, por tudo o que pensavam, supostamente, a seu respeito. Até recordava das súplicas de sua mãe, Maria Ema, para que se afastasse dos toques do Doutor Dalila:

Meu Deus, meu Senhor, faz com que o Dr. Dalila não toque na minha filha, que a minha filha tenha nojo do Dr. Dalila, que não a leve de carro, não tenha intimidade com ela, não lhe toque nos braços, não lhe toque na pele, não lhe ponha a mão no cabelo. Meu Deus, protege-a dele, da sombra dele do bafo dele – pedia, mas quando batiam as cinco horas da tarde, ficava a saber que Deus não a socorria. (JORGE, 2003, p.153).



O médico era o homem que cuidara da saúde de sua mãe, mas que também soubera cuidar da filha. Não da forma que se espera de um doutor, mas como um homem, desejoso de possuí-la, e "ela lembrava-se dessa cobiça, do olhar dolorido e ávido dessa cobiça, onde entravam as mãos doces do médico Dalila, a sua boca untada, a sua testa vermelha" (JORGE, 2003, p.149). As sensações, as percepções da sobrinha do Walter foram registradas e preservadas pela memória, que chegaram até o cérebro, porque a "informação olfativa penetra pelo nariz, não pelos olhos; a gustativa pela língua, etc. Há regiões do cérebro em que todas essas vias convergem. Essas regiões [...] são usadas na formação e na evocação de memórias" (IZQUIERDO, 2011, p.21). Dessa forma, os cinco sentidos se tornaram necessários para que essas informações fossem registradas na memória.

Mesmo com a passagem do tempo, não houve o esquecimento. A memória permitiu que as recordações fossem buscadas na mente. Bastou uma evocação, principalmente dos sentidos, para que uma verdadeira torrente de recordações, impregnadas pela emoção, transbordasse. Por isso mesmo, a personagem sem nome percorreu, com certa dificuldade, o estranho caminho de sua existência. Da infância à vida adulta, um turbilhão de informações chegou até ela, por diversas vias. Muitas delas, desvirtuadas e sem compromisso com a verdade. Outras, com o simples intuito de provocar e trazer dor.

A Casa de Valmares

A casa da família, normalmente, é um dos primeiros locais em que se estabelece um contato com o mundo extrauterino. Exatamente por isso, esse espaço possui um grau de importância na vida dos indivíduos e não pode ser negligenciado. Nesse microcosmo, as memórias iniciais começam a ser formadas, ainda que

boa parte daquelas memórias pré-linguísticas e hoje intraduzíveis são as mais importantes de nossas vidas. Porém, não há a menor dúvida de que, embora codificadas numa linguagem inacessível para os adultos, as memórias importantes da primeira infância ficam gravadas para sempre e permeiam de maneira inconsciente a recordação ou a recepção de muitas outras memórias posteriores, dado seu enorme valor afetivo. (IZQUIERDO, 2011, p.125-126).

A maioria dessas memórias infantis tendem a permanecer inacessíveis, não podendo ser traduzidas em palavras, mas são importantes para a formação da criança. Mesmo na tenra idade, algumas delas ainda podem ser recordadas posteriormente, mesmo apresentando alguma distorção. As recordações podem vir associadas aos ambientes em que são geradas, dependendo da importância.

É em seu próprio lar que a personagem inominada toma conhecimento e vai se apropriando dos fatos. Cada espaço da Casa de Valmares, propriedade rural de seu avô Francisco Dias, representa uma



fonte de informação, de memórias a serem recuperadas. Cada local possui uma particularidade ou um objeto que deseja preservar, porque "os lugares 'permanecem' como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras" (RICOEUR, 2012, p. 58).

Assim, considerado como um "abrigo", o quarto da inominada está impregnado de memórias e é nesse local que passa boa parte de sua existência. Desde o nascimento, esse é um lugar de refúgio, onde esconde segredos e pode dar vazão à imaginação. O domicílio como um todo é impregnado pelas memórias. Em cada cômodo pode-se obter informações sobre Walter Dias, o pai biológico da inominada. É exatamente nisso em que consiste a razão de sua existência: desvendar o passado desse homem, que está intimamente ligado ao seu próprio. Então, em cada espaço, é possível reviver momentos da vida do genitor, seja por intermédio da voz alheia, dos objetos e dos ambientes. Tudo vira fonte de memórias porque está associado ao ser da protagonista, já que "a memória autobiográfica se refere às memórias que mantemos em relação a nós mesmos e nossas relações com o mundo à nossa volta" (BA-DDELEY, 2011, p.152).

A casa é o palco das recordações de todos os membros da família Dias. Essas memórias que têm do lar fazem parte do repertório coletivo e se estendem, também, para além dos limites territoriais

da propriedade. A localidade, em si, é memorável, pois traz à tona passagens da vida do clã dos Dias, embora, para a filha do Walter, represente muito mais do que simples recordação. É nesse ambiente carregado de lembranças, quase hostis para a inominada e para a maioria de seus habitantes, que a história é construída, visto que "no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros" (HALBWACHS, 2015, p. 51). Nesse espaço em que as memórias são constituídas, é viável evocar, a qualquer tempo, a saga e a trajetória da inominada, dos agregados da família e de Francisco Dias, com seus descendentes. Justamente, porque em cada um deles ficaram as marcas definitivas de uma criação rigorosa, da falta de amor, intolerância e, principalmente, de um ambiente marcado pela resignação aos costumes ditados pelo patriarca.

Até mesmo a decoração da Casa de Valmares era sóbria e "à entrada da casa, em frente do mapa-múndi, havia um cartaz com um galo de bico aberto, expelindo uma aurora radiosa. Tudo o que pudesse ser acordado, teria de acordar nas madrugadas de Inverno de cinquenta e três" (JORGE, 2003, p. 44-45). A figura do galo representava para Francisco Dias a aurora, o amanhecer de mais um dia de exaustiva labuta. Seguindo seu modelo, todos deviam acordar cedo e dirigir-se aos seus postos de trabalho, a fim de não tardarem com suas tarefas.



Mas a imagem do mapa-múndi, que aparentemente poderia significar apenas uma mera ilustração, para Walter e seus irmãos, talvez significasse a cobiça por liberdade. A começar pelo caçula, houve uma debandada geral. A família Dias espalhou-se por vários países, em busca de riquezas, mas, principalmente, para se livrarem do autoritarismo do pai e dos trabalhos forçados. Antes, seres submissos e sem voz, coabitavam em uma espécie de cativeiro. Agora, donos de suas próprias vidas e de seus destinos adquirem personalidade e jamais retornam à antiga casa. Os únicos meios de manterem contato com os que ficaram era através de cartas breves e de telefonemas esparsos.

Somente Walter retornava ao antigo lar, porque "sabemos bem que estamos mais tranquilos, mais seguros na velha moradia, na casa natal do que na casa das ruas que não habitamos senão passageiramente" (BACHELARD, s/d, p. 47). Estava sempre em viagens, morou e trabalhou em vários continentes, sem nunca fixar residência. Até sua irmã Adelina Dias dizia que a manta de soldado que possuía, havia se tornado um atlas, já que "a manta tem terra de todos esses lugares [...] acrescentava – "Paizinho, a esta hora devemos ter familiares espalhados por todas as partes do mundo" (JORGE, 2003, p. 186-187). Eram esses os pensamentos que ganhavam força e tomavam vulto, já que a fama e a expectativa que todos tinham em relação a Walter se tornavam cada vez mais negativas. Desconfiavam de um homem que vivia desenhando pássaros, que não havia constituído uma família e que não sabiam, realmente, de que forma se sustentava. De acordo com seu pensamento mundano, "o mundo é grande, mas há sempre aqueles que se apegam a um lugar. Ele, não. Em todo o local se podia viver, desde que se possa partir para o local seguinte" (JORGE, 2003, p.109).

Walter Dias era um homem do mundo, que não se prendia a nenhum lugar. Em toda parte, se sentia livre e bem à vontade. Porém, a mesma situação não se repetiu com os demais irmãos, que procuraram estabelecer residência e emprego fixo, provando um certo apego à estabilidade. Já para o casal Maria Ema e Custódio, permanecer na mesma casa significava um apego às raízes familiares, pois estavam convictos de que aquele espaço estava povoado de lembranças. Até mesmo a sem nome se comprazia naquele lugar tão carregado de memórias, ao lado de Francisco Dias, mesmo havendo muitos desentendimentos. Mas, ao mesmo tempo, estavam tão próximos e ligados às lembranças daquela casa, visto que "a casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância" (BOSI, 1999, p. 435) e, por ser tão significativo, o lar é considerado como "um refúgio seguro" (MASSEY, 2008, p. 25), pelo menos para alguns membros daquela família. E, realmente, quase todos os Dias têm momentos marcantes para lembrarem no período da infância,



na casa materna, ainda que dolorosos. Mesmo que não desejassem, as memórias daquela propriedade estariam sempre vivas e presentes em suas mentes, enquanto resistissem à passagem do tempo.

O quarto da filha do Walter era um ambiente memorável, pois sempre lembrava do encontro que tivera com seu pai. Ficava em um andar superior da casa e "os andares mais altos, o sótão, o sonhador os 'edifica', e os reedifica bem edificados" (BACHE-LARD, s/d, p.31). É nesse espaço que cresce e se desenvolve, imagina situações diversas e constrói sua vida. Entretanto, esse local adquire um significado mais do que especial porque nele acontece o encontro entre pai e filha, na calada da noite. Momento único, mas seria lembrado para sempre. Chovia e água da chuva batia forte no telhado. Assim, até mesmo "o telhado revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que tem medo da chuva e do sol" (BACHELARD, s/d, p.37). Nesse caso específico, não apenas os protegia das intempéries do tempo, mas, particularmente, os defendia do contato com o mundo exterior. A sem nome se sentia protegida, pois pensava estar a salvo das tribulações, do desconforto de se sentir uma intrusa no próprio seio familiar. Exatamente por isso que o quarto e os objetos que lá se encontravam adquiriam tamanha importância e, conforme Bachelard (s/d, p. 25):

Todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos

a solidão, são em nós indeléveis. E é o ser precisamente que não quer apagá-los. Ele sabe por instinto que os espaços da sua solidão são constitutivos.

Apreciava a solidão e mantinha guardado em uma gaveta do quarto o "Álbum dos Pássaros de Walter Dias" (JORGE, 2003, p.21), considerado seu maior tesouro. Também poderia ser encontrado no armário

a farda [...] encerrada no roupeiro do quarto onde dormia. A geografia do tumulto e do acaso acabara por colocá-la no quarto exacto, aquele quarto, da largura duma sala onde o roupeiro então dançava na parede do fundo. E ela teria enumerado peça a peça, a mochila, as botas, as polainas, a farda, o capote, o bivaque, o cantil, o lenço e o cinturão, o que fora suficiente para Walter ter ficado inteiro dentro do roupeiro". (JORGE, 2003, p.36).

Nesse sentido, para a sem nome, "o espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre à toa [..] No armário, só um pobre de espírito poderia colocar uma coisa qualquer" (BACHELARD, s/d, p.70). Os pertences de seu pai, jamais poderiam ser considerados por ela um objeto qualquer. Por isso, mantinha-os reservados somente para seu deleite, pois "o verdadeiro armário não é um móvel cotidiano. Não se abre todos os dias" (BACHELARD, s/d, p.71). Para mantê-lo trancado, inacessível ao contato alheio, usava uma chave e, assim,



essa herança poderia ser usufruída somente por ela. Não obstante, "o espaço caracterizador é em geral restrito - um quarto, uma casa -, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem" (LINS, 1976, p. 98). Na verdade, o quarto ocupado por ela não era exatamente de sua escolha, muito menos os móveis e sua disposição. Eles eram velhos, de uma outra época, mas serviam para a inominada, que só ocupava seu tempo lembrando acontecimentos ou imaginando.

Foi também nesse local que a imagem idealizada do pai começara a ruir. Na fase adulta de sua vida, passara a compreender o que realmente havia acontecido, quem era seu verdadeiro genitor. Essa figura, agora, já não era mais idolatrada. Então, começou a escrever narrativas que desmistificavam a imagem de Walter, mencionando, inclusive, o meio de transporte de que se utilizava para satisfazer os desejos sexuais: "a charrete de diabo". Dessa forma, o quarto da inominada não só servia para seus devaneios, mas foi o local usado para refletir sobre a imagem que ela própria construíra sobre o pai. Ainda assim, os ambientes e os pertences da filha do Walter adquiriam importância, justamente porque estavam relacionados com a figura dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manta do soldado é um romance que se caracteriza pela evocação das memórias da narradora-protagonista. É através da própria lembrança, auxiliada pela memória coletiva de seus familiares, que ela constrói e desconstrói a imagem idealizada do pai biológico, o Walter Dias. Ainda que ele viva afastado do convívio familiar. A inominada, nesse contexto, busca resquícios do passado de cada um de seus parentes, mediante sua memória, que pode ser evocada completamente, ou não, uma vez que o tempo tem a capacidade de distorcê-la, comprometendo as lembranças. Porém, a imaginação também está associada à memória, e a personagem sem nome utilizou esse recurso em seu próprio benefício, não só para fantasiar a imagem do pai, como para superar o abandono sofrido. Na verdade, a imaginação não rondava somente a menina. Ela se fazia presente na vida adulta, porque essa capacidade aumenta progressivamente com a idade, e a personagem sem nome demonstrou esse potencial imaginativo ao redigir seus textos libertários sobre o pai. A protagonista apegava-se firmemente nesse poder e, com isso, criava um mundo particular.

Convocava a imaginação e a memória para ter a sensação de que fazia parte da família Dias, desde a mais tenra idade. As memórias da primeira infância podem sofrer uma espécie de "apagão", porque não podem ser todas traduzidas em palavras, ine-



xiste a socialização completa, a troca de memórias. Entretanto, elas estão lá, reservadas, mas somente algumas vêm à tona, ainda que fragmentadas. É por isso que a inominada tinha vaga lembrança de passagens de sua vida e não podia afirmar, com certeza, de que maneira teriam ocorrido. Mesmo assim, essas bagagens serviam para construir sua história, que estava ligada intimamente com seus parentes mais próximos: Walter, Francisco Dias, Maria Ema e Custódio Dias. Por intermédio dessa memória familiar, na qual o pai biológico é o centro das atenções, a inominada pôde escrever a respeito do genitor, mostrando ao próprio Walter como ele era reconhecido negativamente pelo grupo.

O início de vida da inominada, a adolescência e a maturidade são carregados de memórias ligadas aos sentidos. A percepção está ligada aos momentos mais importantes da vida da protagonista. Tudo é revelado e intensificado pelos cinco sentidos, aguçados diante de situações especiais, principalmente, quando relacionadas ao pai. Quanto maior o estado de alerta da personagem, mais ficava registrado na memória o acontecido. Isso é importante, também, para edificar essa história de vida, que vai se interligando com a do pai e familiares. Através das sensações, ficaram marcadas passagens significativas, que não se apagaram, e basta que aqueles sons, o cheiro, o gosto, a visão ou o toque se repitam, para que uma torrente de recordações aflore. O armazenamento dessas percepções fica registrado na memória, sendo perfeitamente evocadas a qualquer tempo, provando que os sentidos também se aliam às memórias.

O espaço, na narrativa, assume um papel significativo, pois ele deixa de ser caracterizado como mero cenário para reverter-se de simbologias. A Casa de Valmares é como se fosse o centro universal dos Dias, local do (des)abrigo. A começar pelos quartos, o ambiente revela um lugar nada acolhedor, com móveis pesados, tal qual suas vidas, embora, para a inominada, esse ambiente se revelasse com outras características. É claro que compartilhava a mesma sensação dos seus, mas o quarto dela era utilizado como um meio de recordar. As memórias e o imaginário afloravam, comprazendo-se com a eterna visita imaginária do pai ao quarto do andar de cima. Como se fosse o sótão, um local onde as memórias estivessem presentes e aptas a desenvolverem-se, convivendo com a solidão e o silêncio, prontas para serem construídas, porque é ali o espaço do "sonhador" (BACHELARD, s/d).

Simbolicamente, tanto os espaços internos quanto os externos da casa possuem uma representação particular, evocam memórias e estão ligados entre si, instigando e alimentando a memória familiar. Por isso, a Casa de Valmares é o espaço de memória comum, pois a memória individual não age sozinha, ela se une às outras para se perpetuar, e o ambiente favorece esse compartilhar de sensações. Nesse conjunto, a memória da personagem





inominada sofre interferências, não só do contexto familiar, que mantém entre si lembranças coletivas dos fatos da casa, em especial da vida de Walter, mas também dos espaços comuns. A propriedade de Francisco Dias e, principalmente, o quarto da protagonista, serviram de palco aos acontecimentos memoráveis. Mesmo na mais completa solidão do aposento, a protagonista jamais esteve só. Lá se faziam presentes todas as experiências, as ideias coletivas da família Dias e seus agregados. A fim de fortalecer esses elementos necessários à memorização, os cinco sentidos também exerceram importante papel para a edificação e conservação das lembranças, já que têm o poder de solidificar o elo existente entre a memória e as sensações experimentadas pela personagem inominada.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, (s/d).

BADDELEY, Alan. In: BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W. **Memória**. Trad. Cornélia Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 7, p. 152-177. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 8. reimp. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2015.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 2. ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JORGE, Lídia. **A manta do soldado**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 5. reimpr. Tradução: Alain François et al. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.



CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE NO CONTEXTO DOS PROFISSIONAIS BAILARINOS NO RS

CONSIDERATIONS ABOUT IDENTITY ON THE CONTEXT OF PROFESSIONAL DANCERS IN RS

Ana Ligia Trindade¹ Patrícia Kayser Vargas Mangan²

Resumo: Reconhecendo aos poucos os espaços de tensões que acompanham ainda hoje o profissional da dança, a pesquisa em andamento do qual emerge este trabalho está em busca da compreensão da identidade profissional do bailarino no Estado do Rio Grande do Sul. O estudo terá dois aspectos definidos, formação e atuação do profissional bailarino, sobre os quais visamos neste artigo iniciar uma discussão de cunho teórico. O termo identidade não pode ser compreendido senão por uma perspectiva interdisciplinar, que inclui áreas como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a História, entre outras Desta forma, se compreende identidade profissional como um processo contínuo que se vincula

à identidade pessoal, igualmente ligada aos vínculos e sentimentos de pertencimento a uma determinada categoria ou grupo social. A proposta deste estudo insere "identidade" na área da Memória Social com base principalmente nos autores Michael Pollak, Zygmunt Bauman, Claude Dubar, Joël Candau, Homi Bhabha e Stuart Hall. O objetivo é refletir sobre as perspectivas do processo da Identidade do profissional da dança no RS, com base em alguns teóricos e seus referenciais/ conceituais/descrições, bem como sua constituição social e suas implicações culturais. Espera-se com este levantamento fundamentar uma investigação para tentar delinear uma imagem e identidade a partir da formação e atuação do profissional bailarino. A intenção não é chegar a uma conclusão final, uma vez que se considera o caráter da transitoriedade das configurações identitárias e das imagens do bailarino.

Palavras-chaves: Identidade. Profissional Bailarino. Dança.

Abstract: This study aims to understand the dancer's professional identity in the State of Rio Grande do Sul by recognizing the few areas of tension that

¹ Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais e Mestre em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. Graduada em Biblioteconomia e Documentação na UFRGS e Especialista em Dança pela PUCRS. Bailarina, coreógrafa e professora de Ballet.

² Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/Sistemas da UFRJ e Graduada e Mestre em Ciência da Computação pela UFRGS. É professora do UNILASALLE/Canoas-RS, em Memória Social e Bens Culturais pertencendo à linha de Memória e Linguagens Culturais



still accompany dancers. The study will have two defined aspects - the dancers' training and their professional performance, about which we will start a discussion of a theoretical nature. The term identity can only be understood under an interdisciplinary perspective, which includes the fields of Sociology, Psychology, Anthropology, History, among others. Thus, professional identity can be understood as a continuous process that is linked to personal identity, also connected to the bonds and feelings of belonging to a certain category or social group. This study inserts "identity" in the area of Social Memory based primarily on authors like Michael Pollak, Zygmunt Bauman, Claude Dubar, Joël Candau, Homi Bhabha and Stuart Hall. The aim is to reflect on the perspectives of dancers' professional identity process in RS, based on some theorists and their theoretical frameworks, concepts and descriptions, and on their social constitution and cultural implications. This study aims to provide a research basis to try to outline an image and identity considering the professional dancers' training and performance. Due to the transient nature of the identity configurations and the dancer's images, this paper does not have the intention to reach a conclusion.

Keywords: Identity. Professional Dancer. Dance.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Reconhecendo aos poucos os espaços de tensões que acompanham ainda hoje o profissional da dança, a pesquisa em andamento do qual emerge este trabalho está em busca da compreensão da identidade profissional do bailarino no Estado do Rio Grande do Sul. Um estudo que terá dois aspectos definidos, formação e atuação do profissional bailarino, sobre os quais visamos neste artigo iniciar uma discussão de cunho teórico importante para este projeto e para demais pesquisadores da temática.

Ao construir uma representação da profissão nos resguardamos enquanto grupo profissional. Criamos uma identidade social para nós mesmos e para o coletivo de bailarinos, permitindo, desse modo, nos reconhecer como profissionais e desempenhar nossas atividades. Em outras palavras, são construídas imagens e significados da profissão para lhe dar concretude (LIMA, 2012). Essas imagens e significados, enfim, essas representações, são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001 apud LIMA, 2012).

O termo identidade não pode ser compreendido senão por vias interdisciplinares. Assim sendo, nos vemos envolvidos por áreas como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a História, etc. Desta forma, se compreende identidade profissional como



um processo contínuo que se vincula à identidade pessoal, igualmente ligada aos vínculos e sentimentos de pertencimento a uma determinada categoria ou grupo social.

Para cada um de nós a identidade expressa a representação que temos de nós mesmos. Deste modo, as identidades são representações subjetivas que se constroem a partir de diferentes discursos e práticas sociais (HALL, 2006). Em diferentes períodos e espaços atribuímos inúmeros significados às nossas experiências e aquilo que somos como profissionais. Significando dizer que a construção da identidade profissional é um território de disputa permanente (LIMA, 2012). A tentativa de delinear uma identidade profissional do bailarino pressupõe situá-lo na complexidade de um contexto social, histórico, político e cultural. Uma contextualização contemporânea de profundas mudanças que estão provocando transformações na profissão e no próprio bailarino, uma vez que a constituição de identidade tem relação com a realidade na qual se insere.

A proposta deste estudo insere "identidade" na área da Memória Social com base nos autores Michael Pollak, Claude Dubar e Stuart Hall. Nosso objetivo é refletir sobre as perspectivas do processo da Identidade do profissional da dança no RS, com base em alguns teóricos e seus referenciais/ conceituais/ descrições, bem como sua constituição social e suas implicações culturais.

IDENTIDADE E SEUS ASPECTOS TEÓRICOS

Iniciamos com os aspectos teóricos acerca de identidade, trazidos pelos sociólogos Stuart Hall, que estuda as identidades culturais da perspectiva da pós-modernidade, e Claude Dubar, que trabalha com o conceito de formações identitárias e Michael Pollak, confirmando ser identidade um fenômeno construído.

Para Dubar (1997) "identidade nunca é dada, é sempre construída". Para o autor está construção (processo de constituição da identidade), que ele chama de formações identitárias - pois para ele são várias as identidades que assumimos – se constitui em movimento de tensão permanente entre o que ele define de identidades virtuais, ou seja, os atos de atribuição (o que os outros indivíduos dizem que o sujeito é) e os atos de pertença (o próprio sujeito se identifica com as atribuições recebidas, aderindo às identidades atribuídas). Dubar esclarece que a atribuição corresponde à identidade para o outro e a pertença indica a identidade para si, sendo que o movimento de tensão se caracteriza pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja e o desejo do próprio sujeito em ser e assumir determinadas identidades. O processo de constituição identitária, segundo o autor, está na identificação ou não identificação com as atribuições que são sempre do outro, visto que esse processo só é possível no âmbito da socialização. A essência da identidade cons-



trói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras.

Com interesse na identidade cultural, Hall (2006) entende que as condições atuais da sociedade estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006 apud FARIA; SOUZA, 2011, p. 37). Identidade cultural é o sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Esta identidade, segundo Hall (2006), não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída. Segundo o autor, uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos. A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, ela não é automática.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar (HALL, 2006, p. 13).

Hall ainda alerta que o confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço

marcante da contemporaneidade e que o fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais desintegrando-as, homogeneizando-as e, consequentemente, enfraquecendo-as. O autor afirma que a globalização inegavelmente tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas.

Quanto à relação memória-identidade, Pollak (1992, p. 5) afirma:

se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

Partindo disso, considerando o sentimento de identidade sendo tomado no sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é,

a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

O autor afirma que existem três elementos essenciais na construção da identidade: a <u>unidade fí</u>-



<u>sica</u> individual (sentimento de fronteiras físicas) ou coletiva (sentimento de fronteiras de pertencimento ao grupo); a <u>continuidade</u> dentro do_tempo (no sentido físico, moral e psicológico); e o sentimento de <u>coerência</u> (os diferentes elementos que formam o indivíduo são efetivamente unificados).

Desta forma, o autor considera possível afirmar que "a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si" (POLLAK, 1992, p. 5).

Partindo do que foi exposto e se passarmos a considerar a relação de identidade social à imagem de si, para si e para os outros, devemos também considerar um elemento óbvio que, conforme Pollak, escapa ao indivíduo e ao grupo: o Outro.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p. 5).

O importante do exposto é que "memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo" (p. 5). Sen-

do possível confronto entre memória individual e dos outros, portanto a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.

Identidade coletiva traz em si o sentimento de unidade, continuidade e coerência. Importante enfatizar que

(...) quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual (POLLAK, 1992, p. 7).

De um modo geral, existe certo consenso, entre os autores citados neste estudo, de que a identidade é uma construção social, permanentemente redefinida em uma relação dialógica com o outro, que também a memória é uma reconstrução continuamente atualizada do passado e que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas.

Assim, a nossa identidade é constantemente colocada à prova por diferentes representações sociais que nos pressionam (HALL, 2006).

A identidade profissional pode ser entendida como uma construção social assinalada por diversos fatores como a nossa história de vida, as condições objetivas de trabalho e o imaginário que permeia a profissão que, ao interagirem entre si, tem



como resultado uma série de representações que fazemos de nós mesmos e das funções que exercemos (LIMA, 2012).

Consideramos, portanto, a pressuposição (FA-RIA; SOUZA, 2011) de que a identidade se constrói no processo de formação continuada a ser desenvolvido pelo profissional, indicando que a constituição da identidade pessoal e profissional são processos concomitantes que deveriam ser preocupação da formação em exercício.

O PROFISSIONAL DA DANÇA

A dança como profissão abrange uma extensa variedade de funções e, conforme Corrêa e Nascimento (2013, p. 55):

(...) por sua característica prática, não se restringe ao espaço da Licenciatura ou Bacharelado como opção formativa. A maioria dos profissionais da dança tem a sua formação realizada através do ensino não formal, em cursos livres, academias e grupos de dança, que fazem surgir no cenário artístico novos bailarinos, coreógrafos, ensaiadores, iluminadores, etc., todos os anos.

Segundo as autoras a regulamentação da profissão de artista ocorre em maio de 1978, quando promulgada a Lei 6533/78, que disciplina o exercício das profissões de Artistas e de Técnico em Espetáculos de Diversões. Conforme a lei, o artista é...

(...) o profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública (BRASIL, 1978).

Conforme o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) do Brasil, em uma classificação brasileira de ocupações (CBO), os "artistas da dança" estão classificados sob o código 2628 e, resumidamente, "concebem e concretizam projeto cênico em dança, realizando montagens de obras coreográficas; executam apresentações públicas de dança e, para tanto, preparam o corpo, pesquisam movimentos, gestos, danças, e ensaiam coreografias, podendo ensinar dança" (BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABA-LHO E EMPREGO, 2016).

Além das atividades resumidas o MTE apresenta condições gerais de exercício, com o seguinte texto:

Trabalham nas áreas de criação, pesquisa e ensino. Suas atividades são sempre realizadas em equipe e podem se desenvolver tanto em companhias estáveis de bailado, em que predominam os vínculos formais de trabalho, estabilidade no emprego e possibilidade de construir uma carreira, como em cooperativas ou como autônomos, realizando produções independentes. Esta última é a situação da grande maioria dos profissionais, os quais, em geral, se auto-financiam, costumeiramente, exercendo atividades como professores, terapeutas etc. concomitantemente à dança (BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2016).



Também é apresentada a formação e experiência exigidas:

O exercício das ocupações da família não exige escolaridade formal determinada, embora sigase a tendência que vem ocorrendo no mundo das artes em geral, rumo à profissionalização. Nesse sentido, torna-se-á cada vez mais desejável que o profissional tenha curso superior na área. Para o exercício pleno das atividades, requer-se mais de cinco anos de experiência (BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2016).

As atividades estão bem especificadas em "áreas de atividades" que estão divididas em categorias de A a G, sendo: (a) realizar apresentação pública de dança, (b) conceber projeto cênico em dança, (c) concretizar projeto cênico realizando montagem da obra coreográfica, (d) ensaiar coreografia, (e) preparar o corpo para dança, (f) pesquisar movimentos, gestos e dança e (g) ensinar dança.

O MTE ainda aponta as competências pessoais para a profissão, como desenvolver consciência cinesiológica, conhecer seus limites psico-físicos, adaptar-se a situações imprevistas, demonstrar conhecimento dos componentes do espetáculo (espaço cênico, luzes), trabalhar em equipe, Liderar equipes, desenvolver sensibilidade artística, desenvolver habilidades para maquiagem, caracterização e uso de adereços, manter corpo preparado e desenvolver capacidade de observação e percepção.

Após a promulgação da Lei 6533/78, criou-se no Rio Grande do Sul, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões (SATED)³, que teve como origem a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul (APATEDERGS), com objetivo de luta por melhores condições de trabalho para a classe artística e oferecendo alguns serviços específicos, como o registro profissional⁴ regulamentado pela Lei 6533/78.

O Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul (SATED-RS) apresenta em seu site na Internet uma curta definição de alguns profissionais de dança com base no quadro anexado ao Decreto nº 82.385, de 05 de outubro de 1978, de títulos e descrições das funções em que se desdobram as atividades de artistas e técnicos em espetáculos de diversões. Dentre todos os profissionais considerados artistas de tea-

³ Os SATEDs, Sindicatos dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões são constituídos para fins de estudo, coordenação, proteção e representação legal da categoria dos Artistas e Técnicos, conforme estabelece a legislação em vigor sobre a matéria e com intuito de colaboração com os poderes públicos e as demais associações no sentido da solidariedade social e da sua subordinação aos interesses nacionais (SATED-RS, 2016).

⁴ Para solicitar o registro profissional no Ministério do Trabalho (DRT), o artista deve cumprir alguns critérios estabelecidos pelo Sindicato, apresentando currículo com comprovação para a área de registro pretendida.



tro, circo, cinema, fotonovela e radiodifusão, estão os da dança como: bailarino ou dançarino, coreógrafo e maitre de ballet.

Para bailarino ou dançarino apresentam as seguintes funções: "executa danças através de movimentos coreográficos pré-estabelecidos ou não, ensaia seguindo orientação do coreógrafo, atuando individualmente ou em conjunto, interpretando papéis principais ou secundários; pode optar pela dança clássica, moderna, contemporânea, folclórica, popular ou shows; pode ministrar aulas de dança em academias ou escolas de dança, reconhecidas pelo Conselho Federal de Educação, obedecidas as condições para registro como professor". As funções do coreógrafo, apresentadas no site, são: "cria obras coreográficas, e/ou movimentações cênicas utilizando-se de recursos humanos, técnicos e artísticos, a partir de uma idéia básica, valendo-se, para tanto, de música, texto ou qualquer outro estímulo; estrutura o esquema do trabalho a ser desenvolvido e cria as figuras coreográficas ou sequências; transmite aos artistas a forma, as movimentações, o ritmo, a dinâmica ou interpretação, necessários para a execução da obra proposta; pode dedicar-se à preparação corporal de artistas". E para maitre de ballet, as funções são: "dirige os bailarinos ou dançarinos do corpo de baile, zelando pelo rendimento técnico e artístico do espetáculo; ensaia bailarinos ou dançarinos; remonta coreografias; ministra aulas de dança em companhia específica".

Formação profissional

A ideia de que a teoria ameaça a prática está bastante forte na realidade de nossas artes. Na área da dança ainda há muito mais uma formação informal, puramente técnica e prática do que formal e teórica. Nos contexto europeu ou norte-americano os profissionais da dança costumam desenvolver a prática juntamente à teoria, sendo muito mais fácil encontrar bailarinos, professores ou coreógrafos pesquisadores e com grande produção científica.

No Brasil, pela tradição, bailarinos mais velhos ensinam os mais jovens. O ensino da dança sempre foi informal, fora da sala de aula. O artista da dança no Brasil pode estudar e se tornar um profissional através de cursos livres nos estúdios, academias, escolas, o que é considerado ensino informal; após muitos anos de estudos e experiência, poderá obter o DRT (registro profissional) através de um sindicato, prestando um exame específico e comprovando algum trabalho na área.

Apesar da dança ser reconhecida pelo Ministério da Educação "como um curso superior com diretrizes próprias desde a década de 1970" (STRAZZACAPPA (2002-2003, p. 74), no Brasil, "ela sempre foi compartilhada pela Educação Física e por outras áreas do conhecimento" (EHRENBERG, 2003, p. 46), ou seja, ela pode ser estudada em outras graduações, como é o caso das Artes Cênicas, Educação Artística, Comunicação Social (PACHECO, 1999), Educação Física e Artes Plásticas.



Entretanto, antes do reconhecimento do MEC, o primeiro curso Superior de Dança surgiu em 1956 na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, conforme Aquino (2001), permaneceu quase três décadas como único no País. Após sua abertura, somente a partir da segunda metade da década de 1990, o ensino da dança começa a se consolidar nas universidades brasileiras.

No ano de 2016, conforme o Ministério de Educação e Cultura, existem 29 Instituições Superiores com Curso de Graduação em Dança oferecendo o montante de 39 (trinta e nove) graduações em dança, nas habilitações de bacharelado e de licenciatura. No Rio Grande do Sul são cinco (oferecendo seis cursos), sendo elas: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS (licenciatura); Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (licenciatura); Universidade Federal de Pelotas - UFPel (licenciatura); Universidade Luterana do Brasil – ULBRA (licenciatura); e, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (licenciatura e bacharelado).

Além dos cursos livres, o artista da dança pode se tornar um profissional através de um Curso Técnico (ensino médio, profissionalizante) ou em Curso de Bacharelado e/ou Licenciatura em Dança (ensino superior). O ensino técnico e universitário é considerado ensino formal, totalmente fiscalizado pelo MEC. Após conclusão do ensino formal de nível superior, o profissional obtém seu DRT.

Contudo, concordando com Aquino (2001), podemos considerar que o ensino da dança na história da universidade brasileira ainda hoje (2016) é recente, principalmente no Rio Grande do Sul, onde o primeiro Curso Superior de Dança surgiu em 1998 em Cruz Alta, e teve suas atividades encerradas em 2010. Conforme a autora a formação do profissional de dança no Brasil ocorreu, anteriormente à criação de cursos superiores, quase que exclusivamente, nos teatros das grandes cidades, como exemplo Rio de Janeiro e São Paulo (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013), desde a década de 1927, segundo Portinari (1989).

Entretanto, mesmo que esta formação universitária seja recente, com o crescimento no número de universidades oferecendo Curso de Graduação em Dança, mais e mais profissionais formam-se todos os anos, configurando um momento de "expansão, avaliação e criação de metodologias e pesquisa de produção própria na área e, em especial, de preocupação com a inserção desses novos profissionais no mercado de trabalho" (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013, p. 57). Como consequência deste crescimento de Cursos Superiores em Dança no Rio Grande do Sul se constata uma maior preocupação com a formação destes profissionais (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013).

Geralmente, nos cursos de graduação, o perfil do profissional formado bacharel em dança é fortemente marcado pelo traço do intérprete de dança (seja ele intérprete-criador ou apenas intérprete);



e a formação do licenciado em dança qualifica-o para o trabalho em instituições educativas escolares e não-escolares, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica, quanto em outras dimensões do trabalho educacional, fazendo parte dessa formação profissional a experiência investigativa bem como de reflexão acerca de aspectos políticos e culturais da ação educativa.

Pereira e Souza (2014) consideram que no contexto do ensino superior a situação da formação em dança também passou a se reconfigurar com atualizações promovidas na legislação educacional específica. Para eles:

Tal fato pode ter contribuído para o distanciamento entre a atuação artística e o ofício do professor, todavia estabeleceu fronteiras que até então não estavam circunscritas nem na prática, nem no campo conceitual; fronteiras estas corporificadas na formação do bacharel e do licenciado. O Parecer CNE/CES n. 0195/2003, aprovado em 5/8/2003 e publicado no Diário Oficial da União no mês de fevereiro do ano seguinte, definiu dois *loci* com campos de atuação distintos, cada um deles relacionado a conhecimentos específicos, para os cursos de graduação em dança em todo o território brasileiro (PEREIRA; SOUZA, 2014, p. 28).

Conforme o Parecer CNE/CES n. 0195/2003, o curso de graduação em Dança deve propiciar uma formação profissional com duas vertentes: a primeira comprometida em formar o profissional envolvi-

do com a produção coreográfica e o espetáculo de dança e a outra voltada não só para o profissional que trabalha com a reprodução do conhecimento como também para o que trabalha com o ensino das danças, especialmente para portadores de necessidades especiais ou ainda que utiliza a dança como elemento de valorização, de autoestima e de expressão corporal, visando a integrar o indivíduo na sociedade, consolidados em cada movimento e em cada plasticidade, na dança em educação especial, a harmonia dos componentes motor, cognitivo, afetivo e emocional (BRASIL, 2003).

Talvez se pudesse considerar que "as escolas, estúdios, academias deveriam ter o papel principal de iniciar a formação técnica e artística do futuro profissional da dança; e os Cursos Superiores teriam como função, ampliar a formação e áreas de atuação deste profissional, oferecendo embasamento teórico, científico, cultural, além da prática artística" (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013, p. 63).

De fato, segundo Navas (2010, p. 59) "diferentemente do que ocorre em outras profissões, muitos dos alunos já chegam formados aos cursos superiores, constituindo-se em profissionais-alunos". Porém, onde e de que maneira se formam estes profissionais? Navas aponta algumas possibilidades:

A primeira: nas companhias/grupos de dança, para onde convergem profissionais e não somente. Para elas acorrem pessoas com talento e vocação, que na nucleação de métiers e co-



nhecimentos de que se compõem estes locus, ali encontram oportunidade para a sua formação, na prática da dança de todo o dia. A segunda: a formação que se dá em permanência nos circuitos da dança popular, onde os jovens e crianças "aprendem a dançar dançando", em meio a extensas famílias de "brincantes", o mesmo ocorrendo nos locais da dança de devoção (por exemplo, terreiros de candomblé) ou em danças cerimoniais de tribos indo-brasileiras (NAVAS, 2010, p. 59-60).

Navas (2010) afirma que apesar de, com a introdução das artes, entre elas a dança, na academia/ universidade, os artistas e professores estarem se formando dentro desta "academia", continuam a se formar para além dela, em grupos/companhias de dança, nas escolas livres e em núcleos enraizados na cultura popular.

Strazzacapa (2006, p. 13) destaca que a simbiose entre academias/escolas e universidades "é mais que salutar, é necessária, é fundamental".

Atuação profissional

Conforme Menezes (2002, p. 79) "(...) a dança é uma atividade que ainda está em processo de reconhecimento enquanto campo de atuação profissional". Isso deve-se ao fato de que:

Exercer profissionalmente uma atividade que é entendida, na maior parte das situações, como recreativa ou apenas ilustrativa ao longo da vida dos indivíduos, deixa bailarinos, coreógrafos,

ensaiadores, fisioterapeutas e diversos outros profissionais muitas vezes à margem em termos de oportunidades dignas de trabalho. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o reconhecimento das pessoas que trabalham com dança como sendo profissionais é quase totalmente restrito àqueles que atuam no ensino e, ainda, muitas vezes lecionar torna-se necessário para completar um orçamento que permita autonomia (MENEZES, 2002, p. 78).

Entretanto, levando em consideração a formação de profissionais dentro do meio acadêmico, em cursos de licenciatura, conforme Corrêa e Nascimento (2013) o avanço em termos de mercado de trabalho pode ser comemorado. Segundo as autoras vários editais de concursos públicos foram abertos no Rio Grande do Sul requisitando professores de dança para o ensino formal, nas cidades de São Leopoldo (Edital 01/2005, Edital 01/2007, Edital 01/2008), Porto Alegre (Edital 159/2008), Horizontina (Edital 023/2008) e Esteio (Edital 01/2009). Ocorreram ainda dois concursos para o Magistério Estadual do Rio Grande do Sul, nos anos de 2012 e 2013. Foram editais que exigiram formação específica de Graduação em Dança, confirmando, desta forma, a crescente demanda de profissionais formados em Dança.

Na atuação como bailarino, no Rio Grande do Sul, começa a aparecer timidamente oportunidades de editais para seleção de corpo de baile em Companhias Municipais de Dança como as de Caxias do Sul (1998) e Porto Alegre (2014).



Existe ainda toda uma possibilidade que se revela aos poucos aos profissionais da dança: a carreira acadêmica. Uma profissão que sempre se apresentou como fundamentalmente prática, atualmente pode ser concebida no âmbito teórico.

Segundo Terra (2010, p. 75) a...

(...) condição de artista da dança não se esgota no ser dançarino, coreógrafo ou professor. Novos campos de atuação passam a significar uma continuidade de atuação na área: curadoria, produção, pesquisa, gestão, ação sócio-cultural. No caso daqueles que detém uma formação universitária, existe a perspectiva de uma carreira acadêmica, devotada ao ensino e à pesquisa.

Para Terra (2010) os Programas de Graduação, os Cursos Técnicos, os Centros e demais espaços de formação devem considerar questões dessa magnitude que redesenham a dança, como linguagem artística, como área de conhecimento, como profissão e, consequentemente, redesenham novos perfis para o artista-professor da dança, exigindo a revisão de projetos artístico-pedagógicos, dos currículos, dos métodos e das diferentes atividades previstas nos processos de formação profissional.

Rocha (2010, p. 101) problematiza a empregabilidade do graduado em dança. Porém a autora também discorre que:

Ao nos questionarmos acerca do depois da universidade, é necessário cautela para que não formulemos perguntas modernas para respostas

contemporâneas. Homens modernos empregam sua criatividade na configuração de ações que se darão em um espaço já determinado de antemão; procuram portanto uma vaga. São estes homens que hoje não têm função. Por outro lado, aqueles que aprenderem rapidamente a habitar o tempo, ou seja, a constituírem suas ações em uma temporalidade contínua e semovente, saberão inventar um seu lugar: estes são homens contemporâneos de sua própria contemporaneidade. A crise do lugar é contemporânea do tempo que surge como entidade definidora da função (ROCHA, 2010, p. 101).

A profissão de bailarino(a), em um estudo realizado em uma companhia de dança de São Paulo, foi considerado um ofício pouco reconhecido como profissão e que implica muitos sacrifícios. Sendo uma carreira bastante concorrida e curta, por conta das restrições impostas pelo envelhecimento do corpo, e cujas recompensas materiais não são expressivas e sendo limitados os espaços que garantem estabilidade de emprego (NEVES, 2013).

COMENTÁRIOS ESPECULATIVOS

As considerações levantadas acerca de identidade têm a finalidade de contextualização para estudo que, se presume, deverá apontar para configuração de alguns perfis identitários que estão se formando, sobretudo, com a diversificação que se apresenta na formação e atuação do bailarino nesta primeira década do século XXI. Partindo do levantamento teó-



rico acerca de identidades e da contextualização da formação e atuação do profissional bailarino, se pretende reconhecer e analisar traços identitários construídos ao longo do processo de profissionalização desde a escolha da profissão de bailarino, formação inicial e inserção profissional. Tratando do processo de construção de identidades profissionais na formação profissional do indivíduo, dos tipos identitários resultantes e de sua continuidade ou ruptura quando da inserção no mercado de trabalho. Nas perspectivas de cada uma das abordagens citadas, o processo da construção de identidade profissional está em jogo dimensões sociais e pessoais, objetivas e subjetivas, vivenciadas individualmente e com o grupo e que dão significado à profissão.

A formação profissional do bailarino, neste seu novo contexto de formalidade (acadêmico), assume as responsabilidades e papéis, que vão além da transmissão e construção de conhecimentos teóricos e práticos, perfazendo uma responsabilidade maior na construção e no desenvolvimento de identidades, desde a educação básica a educação superior, além do desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipatória do bailarino.

Espera-se com este levantamento fundamentar uma investigação para tentar delinear uma imagem e identidade a partir da formação e atuação do profissional bailarino. A intenção não é chegar a uma conclusão final, uma vez que se considera o caráter da transitoriedade das configurações identitárias e das imagens do bailarino.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Dulce. Dança e universidade: desafio à vista. In: GODART, Humberto... [et al.]. **Lições de Dança**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001. p. 37-51.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei n. 6.533, de 24 de maio de 1978**. Brasília: Governo Federal, 1978. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm> Acesso em: 29 abr. 2016.

BRASIL. MINISTÈRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parecer n. 0195/2003**: Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Música, Dança, Teatro e Design. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES_0195.pdf. Acesso em: 28 abr. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação brasileira de ocupações.** 2016. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf Acesso em: 28 abr. 2016.

CORRÊA, Josiane Franken; NASCIMENTO, Flávia Marchi. Ensino de dança no Rio Grande do Sul: um breve panorama. **Conceição- Conception**, v. 1, n. 3, p. 53-68, dez. 2013.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto, 1997.

EHRENBERG, Mônica C. **A Dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar:** aproximações entre formação e atuação profissional. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.



FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35-42, jan./jul. 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 18-66.

LIMA, Maria do Socorro Carneiro de. **Imagem e identida- de**: estudo sobre o professor universitário. 462f., 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

MENEZES, Bibiana. A dança no Rio Grande do Sul: mercado de trabalho. In: CONGRESSO NACIONAL DE DANÇA, 1., 2002, Porto Alegre,RS. **Anais...** Porto Alegre: Movimento, 2002. p. 78-87.

NAVAS, Cássia. Centros de formação: o que há para além das academias? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. p. 57-66.

NEVES, Juliana Cunha Lima. Bailarinas e bailarinos: uma etnografia da dança como profissão. **Cadernos Pagu**, n.41, p. 201-238, jul./dez. 2013.

PACHECO, Ana Julia P. A Dança na Educação Física: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 1, p. 117-124, set. 1999..

PEREIRA, Marcelo de Andrade; SOUZA, João Batista Lima de. Formação superior em dança no Brasil: panorama histórico-crítico da constituição de um campo de saber. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 19-38, jan./abr. 2014.

PORTINARI, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Transcrição e tradução de Monique Augras.

ROCHA, Thereza. A dança depois da universidade: e agora? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. p. 93-103.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na Educação: Discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática**, v. 6, jul./jun. 2002-2003, p. 73-85.

TERRA, Ana. Onde se produz o artísta da dança? In: TOMA-ZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. p. 67-76.



MULHERES DE MOÇAMBIQUE: O IMAGINÁRIO FEMININO EM NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

MOZAMBIQUE WOMEN: FEMALE IMAGERY IN NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, BY PAULINA CHIZIANE

Andrea Czarnobay Perrot (UFPEL)¹

Resumo: Este trabalho visa a analisar como é construído (e em que se baseia tal construção) o imaginário feminino moçambicano no romance *Niketche* – uma história de poligamia, da escritora Paulina Chiziane. A protagonista, Rami, ao descobrir que seu marido é polígamo, empreende uma busca não só pelas outras mulheres de seu marido, mas em busca de si mesma e de seu posicionamento frente ao que é esperado das mulheres moçambicanas. Elementos da tradição autóctone e da ocidentalização trazida pelo colonizador representam a presença da tradição e da modernidade na formação dos códigos de conduta e de ação vigentes em Moçambique para obediência das mulheres.

Palavras-chave: Imaginário. Moçambique. Mulheres.

Abstract: This work aims to analyze how it is built and which is based on such a construction of the Mozambican female imagery in the novel Niketche – uma história de poligamia, written by Paulina Chiziane. The protagonist, Rami, to find that her husband is polygamous, undertakes a search not only by other women of her husband, but in search of itself and of its position to what is expected of mozambique women. Elements of indigenous tradition and westernization brought by the colonizer represent the presence of tradition and modernity in the formation of codes of conduct and action in force in Mozambique for the obedience of women.

Keywords: Imagery. Mozambique. Women.

INTRODUÇÃO

O romance *Niketche* – uma história de poligamia, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, apresenta a jornada da protagonista Rami, narrada a partir de um incidente que acaba por revelar-lhe que seu marido, Tony, é polígamo (prática permitida e aceita em Moçambique). Partindo dessa nova informação, Rami decide ir em busca das outras esposas de Tony, que são quatro, numa 'investigação' que a leva a conhecer e a tornar-se amiga e confi-

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS (2006). Atualmente, é Professora Adjunta IV da UFPel, ministrando disciplinas de literatura nos cursos de Letras (licenciaturas e bacharelados).



dente de cada uma delas e, além disso, a conhecer mais profundamente a si mesma. Nessa jornada, são apresentadas ao leitor as tradições de Moçambique do Norte e de Moçambique do Sul referentes ao amor, ao sexo e ao papel desempenhado pela mulher na sociedade, diferentes principalmente em relação à conduta das mulheres e à poligamia.

Este trabalho investigará a formação do imaginário feminino nesta narrativa, composto pelas 'regras' do Sul e do Norte, relativas ao comportamento das mulheres na vida social e doméstica, ao que é esperado das mulheres e às mudanças que as mulheres de Tony resolvem colocar em prática. Investigará principalmente a mudança que a presença de Rami opera na ação dessas outras mulheres, que se rebelarão e apresentarão condutas contrárias ao que é pregado pela sociedade moçambicana.

DO IMAGINÁRIO E DA LITERATURA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A literatura reflete em suas produções o contexto histórico, social e cultural no qual foi produzida, fazendo assim uma releitura da realidade através da ficção. Para tanto, ela usa, molda e estimula no mais alto grau a dimensão do imaginário. Wolfgang Iser refere-se ao imaginário como a dimensão última do texto, assim como a origem do discurso ficcional, ou seja, ele perpassa o todo da criação artística literária. O autor ainda ressalta o caráter impreciso do imaginário, que o torna capaz de assumir configurações di-

versas, fazendo da ficção terreno profícuo para suas representações. Para Michel Maffesoli, o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo, daí sua presença inequívoca na literatura.

Em entrevista à Revista FAMECOS número 15, de agosto de 2001, Michel Maffesoli afirma, em resposta à questão "O que é o imaginário?":

Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível. [...] demonstrar como as construções dos espíritos podiam ter um tipo de realidade na construção da realidade individual.

A noção primeira de imaginário seria, então, algo descolado da realidade, mas que exerce influência na construção da mesma. Encarado como ficção, o imaginário se manifesta genuinamente na literatura, forjando os liames entre realidade e ficção.

Quando tratamos de imaginário feminino presente e retratado em *Niketche* – uma história de poligamia, estamos nos referindo a um conjunto de ideias, conceitos e valores que perpassam a obra literária e que instauram, no texto artístico, uma espécie de pensamento coletivo sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana, sobre o peso que a tradição exerce na formação desse pensamento coletivo e sobre as transgressões operadas pelas mulheres em foco no romance – principalmente a protagonista, Rami.



DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO IMAGINÁRIO FEMININO EM *NIKETCHE*

O romance conta a história de Rami, moçambicana do sul, cristã, bom nível social e cultural, cinco filhos, casada há 20 anos com Tony, também bom nível sociocultural e alto funcionário da polícia. Rami desconfia que seu marido tem outra mulher. Investiga e descobre que ele tem não apenas uma, mas quatro outras mulheres, e um total de 17 filhos.

O episódio de abertura do romance se dá com o filho mais novo de Rami e Tony, Betinho, quebrando o vidro do para-brisa de um carro estacionado quando tenta derrubar uma manga de uma árvore próxima. O fato instaura uma confusão na área, e as vizinhas de Rami logo a responsabilizam pela má criação do filho. Esse episódio antecipa a problemática que permeia a primeira parte da narrativa: Rami se percebe sozinha, sem seu 'macho', o que dificulta sua vida e a tomada de decisões que ser esposa e mãe demanda na ausência do marido. Caso Tony estivesse mais presente, para ela, sua vida seria bem mais fácil de ser levada.

Mais tarde, ao conhecer as outras esposas de Tony (Julieta, Luísa, Saly e Mauá), Rami toma conhecimento da diversidade de mundos e culturas que formam Moçambique e da crueldade imposta à vida feminina, consequência dessa diversidade. Por meio do contato com as outras esposas de Tony, Rami conclui que os problemas das mulheres em seu país são advindos, todos, da sociedade tradicionalmente patriarcal em que convivem.

As esposas de Tony possuem, cada uma, diferentes características físicas e psicológicas, o que causa ciúme e raiva em Rami. Por outro lado, tais diferenças as aproximam de nossa protagonista, uma vez que provocam também sentimentos bons na 'esposa oficial' (Rami é a única casada oficialmente com Tony, a única que possui uma relação monogâmica com ele, por até então achar-se e acreditar-se a única esposa).

Investigando as outras famílias constituídas por Tony, Rami entra em contato com as várias culturas que compõem seu país, onde costumes ancestrais e práticas tradicionais (poligamia, rituais ligados ao amor e ao sexo) convivem com elementos de culturas americanas e europeias, representadas primordialmente pelo seguimento de um código de conduta cristão.

Rami, nessa jornada pessoal, desconstrói sua subjetividade tradicional – de mulher submissa e inexpressiva – por meio da busca pelo marido, da descoberta de suas outras esposas e das conversas com seu espelho – momento em que seu verdadeiro eu vem ao lume, sempre se questionando. Ela encontra-se, portanto, em desacordo com o ambiente tradicional no qual foi criada. A produção de Paulina Chiziane problematiza a subjetividade e o drama existencial através dessa personagem, que questio-



na a condição da mulher na sociedade moçambicana, buscando subvertê-la.

Após a descoberta da poligamia de Tony, Rami inicia uma luta para mudar essa realidade que vivia sem o saber, passando a interrogar se não estaria contribuindo para que suas filhas passassem pela mesmo vivência, ensinando-lhes de acordo com a base patriarcal da sociedade. Rami problematiza a questão da educação como instrumento de dominação feminina em sua terra. Percebe que ela mesma, agora consciente disso, mas até então alheia a esse movimento de dominação, 'trabalha' para perpetuar no tempo e no espaço a 'natureza' patriarcal da sociedade em que, agora, passa a atuar:

Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória. Como poderia eu imaginar que estava a paralisar as asas das meninas à boca de nascença, a vendar os seus olhos antes de conhecerem as cores da vida? (CHIZIANE, 2004, p.255-256).

A tomada de consciência de Rami tem a ver com a descoberta de que é dentro da família que são gerados todos os pequenos e grandes mecanismos que reprimem a mulher. Ou seja, são as próprias mulheres que ensinam homens e mulheres a desempenharem seus papeis de dominação e submissão, respectivamente.

Em outra passagem, Rami descreve o mapa do coração de seu marido polígamo, em que cada mulher, agora transformadas em esposas por suas mãos de primeira-dama, desempenha um papel diferente. A essa construção que é o coração de Tony, Rami chama hexágono amoroso:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois, vem Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente, a Manuá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004, p. 193).

Ao refletir sobre a condição da mulher moçambicana, que aceita a poligamia por não ter outra opção para garantir uma família com marido e filhos, Rami afirma, com desilusão e pessimismo: "Tremo de piedade, de tristeza e de vergonha. Todas as mulheres são gêmeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos" (CHIZIANE, 2004, p.181). Rami descreve numa construção quase poética a realidade do amor para muitas mulheres, registrando uma irmandade de desilusão e dor.

As ações de Rami, por exemplo, ao procurar emprego, ao demonstrar contrariedade ao comportamento polígamo do marido, ou mesmo ao se ques-



tionar sobre os ensinamentos que passa aos filhos, entre outras, não fazem parte da lista de ações que os mais velhos, por exemplo, esperam de uma esposa, seja o marido polígamo ou não. Rami correspondia a uma imagem de mulher submissa e obediente que lhe foi conferida socialmente de acordo com as tradições do sul de Moçambique. No entanto, após o choque da descoberta da poligamia de Tony, ela não a assume efetivamente, construindo-se a si mesma por meio das brechas encontradas.

Ao descobrir, uma a uma, as outras quatro mulheres de Tony, Rami decide unir-se a elas, na busca por direitos e deveres do marido polígamo, porém seguindo as regras da poligamia tradicional, ou seja, ela subverte a tradição utilizando-se dela. Por exemplo, Rami manipula a tradição quando as mulheres, sob sua orientação, aceitam a poligamia de Tony e estabelecem regras para que a prática seja realizada de modo correto e tradicional e seja igual para todas: nos dias relativos a cada uma, ele terá à sua disposição os melhores pratos e os melhores cuidados. No entanto, também em comum acordo, elas cobram de Tony seus deveres sexuais e econômicos. Elas sabem que não há como legalizar a poligamia perante as leis oficiais, mas exigem que Tony aja de acordo com as tradições.

No caso de Rami, a subjetividade feminina forma-se a partir do meio do qual faz parte. Esta é construída ao mesmo tempo de forma individual e coletiva, pois depende não só de sua interpretação sobre seu papel, de acordo com as impressões que tem das imagens que lhe são atribuídas em um determinado momento histórico, mas também de como o outro a vê, de quais papeis o outro lhe imputa. Cabe a ela rejeitar, modificar ou apropriar-se desses papeis, novos ou antigos.

Na primeira parte do romance, Rami se depara com as angústias e as incertezas de sua vida, chegando à conclusão de que sempre desempenhou um papel neutro em relação às lutas diárias que precisou travar dentro da sociedade patriarcal em que está inserida:

Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depus as armas antes mesmo de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corressem de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (CHIZIANE, 2004, p. 18).

Mas diante de tais reflexões, uma nova Rami começa a surgir, porque coloca em questão a sua própria neutralidade:

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal. (CHIZIANE, 2004, p. 18).



Ao questionar-se sobre os desejos que nunca teve ("Mas será que algum dia tive desejos?"), Rami nos indica o seguinte caminho: algumas práticas tradicionais da cultura moçambicana já não constituem mais o seu imaginário ("No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua"). Nas citações acima, encontramos um desabafo de Rami, em relação ao papel que as tradições desempenham em sua vida, para chegar à seguinte conclusão: "Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal". Pode-se apontar, então, certa ambiguidade em seu discurso: ao mesmo tempo em que diagnostica um desprendimento de suas raízes culturais, Rami reivindica também um pertencimento a tais raízes.

Na sociedade moçambicana do sul, onde Rami leva sua vida, a existência das mulheres, enquanto seres sociais, só é possível através da ligação a uma figura masculina. O homem, em algumas regiões de Moçambique, é uma entidade centralizadora, cabendo às mulheres o papel acessório de circundá-lo. Existe um grau de dependência da mulher em relação ao homem que aniquila a liberdade de ação da mulher. Em uma sociedade patriarcal, o sujeito feminino vive à mercê do homem, sua existência é voltada para servir, sua razão de ser e existir no mundo é em torno do "macho".

Mas em Moçambique do Norte a situação é outra. As mulheres são altivas, dominam o homem através de jogos sensuais, extravasam suas emoções e estados de espírito por meio do uso de roupas colo-

ridas e vistosas, fazem-se esteticamente belas e atraentes. As mulheres do Norte exercem certo domínio sobre os homens, se colocam no centro da relação, possuem direitos e possibilidades de ação que lhes confere um papel além do meramente acessório, ao redor do homem, tanto na vida doméstica quanto na vida social. Através das escolas de a aprendem a utilizar seus encantos físicos/sexuais para tomarem uma posição central diante do homem para, de alguma maneira, dominá-lo:

- Refiro-me às escolas de amor e vida.
- Nunca frequentei nenhuma.
- És mesmo criança, ainda não és mulher.
- O que aprendem então nesses ritos, que vos faz sentir mais mulheres do que nós?
- Muitas coisas: de amor, de sedução, de maternidade, de sociedade. (...) Na iniciação aprendes a conhecer o tesouro que tens dentro de ti. A flor púrpura que se multiplica em pétalas intermináveis, produzindo todas as correntes benéficas do universo. Nos ritos de iniciação habilitam-te a viver e a sorrir. Aprendes a conhecer a anatomia e todos os astros que gravitam dentro de ti (CHIZIANE, 2004, p. 37-38).

É em busca dessa nova concepção de si e do mundo que Rami parte em sua jornada de procura das outras mulheres de Tony. Ela quer saber por que Tony precisou de mais mulheres além dela, precisa descobrir o que as outras oferecem ao seu macho para levá-lo de sua casa. É nas escolas de amor que ela percebe o quão principiante é na arte de amar. A



partir dessa experiência, Rami passa a compreender as outras esposas e a vê-las com outros olhos, não mais de raiva, mas de irmandade.

Rami quer descobrir onde está seu marido e onde estão sus amantes/esposas. A primeira mulher de Tony que Rami procura é Julieta (a mais antiga das quatro). A história de Julieta desperta em Rami um sentimento de solidariedade, levando as duas mulheres a se sentirem irmanadas no descaso que Tony lhes dedica. O afeto que as une está expresso no seguinte diálogo:

- Lutamos porque temos coisas em comum, sabes? diz ela.
- Não, não temos digo eu -, tenho que reconhecer que és mais nova e mais bonita. Mais sofrida. Para o Tony deixar-me a mim e amar-te a ti, deves ser mesmo melhor do que eu.

Fico emocionada. Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo culpa-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração. (CHIZIANE, 2004, p. 26).

O romance traz também a questão da ocidentalização de Moçambique, encarnada num embate entre a visão de mundo advinda da modernidade ocidental e a tradição ligada às raízes culturais africanas. Rami é cristã, frequenta a igreja de forma eventual e acredita no Deus que lhe foi apresentado pelos missionários da época colonial, mas

Fico desesperada com este sonho que se repete. Consultei adivinhos que me contaram histórias extraordinárias de feitiços de amor feitos por outras mulheres. Não acreditei em nenhuma. As minhas vizinhas falam-me de mudjiwas, esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação, foram nossos cônjuges e reclamam os seus direitos nesta vida (CHIZIANE, 2004, p. 30).

Apesar de os colonizadores terem tentado suprimir as religiões tradicionais africanas, substituindo divindades por um único Deus vingativo e perseguidor dos infiéis, eles não obtiveram êxito total. A sobrevivência dos elementos culturais religiosos das tribos autóctones foi garantida. As crenças em fantasmas e em espíritos revelam que as tradições populares continuam a orientar as práticas cotidianas e a vida das pessoas, principalmente as mais velhas, representantes de um mundo menos 'civilizado', cujo orgulho de suas práticas se mostra na manutenção de suas raízes culturais. Nesse sentido, o romance utiliza vocabulário proveniente das várias línguas faladas em Moçambique, oferecendo, inclusive, para o leitor não familiarizado com tal léxico, um glossário ao final do livro.

Através da focalização em Rami, Chiziane pinta o quadro geral de uma situação opressora para as mulheres de Moçambique: a dicotomia tradição versus modernidade. O imaginário feminino orbita essas duas chaves interpretativas da cultura praticada e vivenciada por uma sociedade patriarcal onde



a maioria das mulheres vive e existe meramente em função do homem. As mulheres de norte a sul presentes no romance são, na verdade, representações diversas do mesmo feminino, trazendo aspectos históricos, memorialísticos e culturais de Moçambique. As mulheres de Tony acabam por revelar uma "variedade em línguas, em hábitos, em cultura, pois, na verdade, elas formam uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional" (CHI-ZIANE, 2004, p. 161). Nas palavras do próprio Tony,

- A Mauá é o meu franguinho - diz -, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar, procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmago, meu alicerce. (CHIZIANE, 2004, p. 139).

Tony é um polígamo que "ama mulheres de todo o país como se pudesse ser um marido nacional". Não há critérios excludentes "nem de raça, nem grupo étnico, nem região, muito menos religião", ele se desloca tranquilamente entre o norte e o sul, apesar de suas especificidades culturais, já que seus outros lares desconhecem limites territoriais (CHIZIANE, 2004, p. 209). No entanto, há uma demarcação bem explícita:

No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo (...) são tristes No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgicas. Dementes. Fantasmas (...). O mesmo não se pode dizer do norte onde as mulheres são mais belas e mais alegres. No norte, ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. Mas cuidado, no norte, o homem é Deus também. Não um deus opressor, mas um deus amigo, um deus confidente, um deus companheiro. (CHIZIANE, 2004, p. 175-176).

Em relação ao papel desempenhado por Rami frente às outras esposas de Tony, MENDES (2009) assim coloca:

Rami parece incorporar a representação alegórica de Mãe e de Território que aprende a conviver com as múltiplas paisagens culturais modernas sem submetê-las a um absolutismo nacionalista ou preconceituoso. Acolhe, protege e cuida amorosamente da diferença que constitui o outro não mais como ameaça para o eu, mas como espelho do eu que se (re)constitui agora como comunidade agregadora da alteridade. É capaz, portanto,



de resguardar suas marcas originais sustentadas não pelo fundamentalismo étnico, mas pelo diálogo dinâmico e dialético com a história. (...) Tendo como base esse papel de "coletora de almas amarguradas", é a própria Rami quem protagonizará as veias abertas do preconceito, além de evidenciar as cicatrizes sociais, históricas e culturais impressas no corpo feminino (das mulheres e da África considerada mãe), degradado pela própria história e pelas suas tradições que universalizaram-se e contaminaram, de forma fragmentada e dualista, o cosmo feminino e africano. (MENDES, 2009, p. 69-70).

Rami vive numa espécie de entre-lugar, visto que, se por um lado é a única mulher legítima de Tony, por outro é apenas mais uma a constituir o hexágono amoroso que é o coração do marido. Essa consciência a faz perceber que é preciso lutar para que suas vidas (a dela e as das outras mulheres) não tenham significado e sentido somente no momento em que giram em torno de um homem (no caso delas, do mesmo homem).

Em sua jornada, Rami conhece o lado fraco de Tony (ele não consegue se movimentar em situações em que a mulher não cumpre o papel tradicionalmente destinado a ela, de submissão e dependência masculina), e faz uso dessa descoberta para declarar a liberdade como valor a ser buscado por ela e por todas as mulheres, irmanadas pela pressão e submissão às regras culturais tradicionais de Moçambique. Mesmo sendo vitimadas pela tradição, as mulheres devem fazer bom uso desse elemento cul-

tural para se afirmarem numa sociedade patriarcal e de costumes ainda arcaicos em relação à presença ativa da mulher em sociedade.

FINALIZANDO...

Como resultado de todas essas vivências levadas a cabo por Rami, cada uma das mulheres de Tony vai operando grandes transformações em suas vidas: elas ingressam no mercado de trabalho e vão, aos poucos, construindo uma nova identidade, autônoma e financeiramente independente.

Há um episódio em que todas elas 'cercam' Tony e a ele se oferecem, ao mesmo tempo, numa espécie de ritual-celebração de suas conquistas:

Observo o quarto. As paredes pintadas de azul. A luz acesa brilhando no teto é um sol afastando a noite. O chão, sem colchão, tem a dureza das pedras. Saias, blusas, calcinhas formando montículos espalhados ao acaso. À volta do Tony, cinco corpos cobertos com lençóis brancos, como cadáveres na morgue. Move o braço para virar à esquerda. Esbarra com uma muralha humana, não há espaço para movimentar o corpo. Pede licença respeitosamente, levanta-se de rosto coberto de lágrimas. A valentia foi quebrada. (...) Ele olha-me intensamente. Naquele olhar assustado ele pede socorro. Treme num violento espasmo e deixa a descoberto o terror estampado na alma. (CHIZIANE, 2004, p. 144-145).



A desconstrução do mito do macho está em andamento. Com essa atitude, as cinco mulheres se sentem poderosas, no comando da situação. Tony sente-se vexado na situação em que se encontra, nunca tinha provado ser o indivíduo submisso da relação. Prova do seu próprio veneno. Elas venceram.

Tony, o objeto de desejo e de amor de todas elas até então, passa a ser revisto e ressignificado, mostrando-se agora como um fardo, um peso:

- Já ninguém quer o Tony?– pergunta a Saly, num grito.
- O que se passa? Ele está há mais de quinze na minha casa e nunca sai e vocês nada reclamam. Não fizemos nós o pacto da partilha [...]? Eu também preciso do meu tempo. Quero cuidar dos meus negócios, ganhar dinheiro [...] e projetar o meu futuro. Se nenhuma de vós o quer, eu juro, hei-de enxotá-lo à pedrada. Não posso viver com ele eternamente.
- Calma, Saly-, diz a Ju. [...] Cuidar dele tornou-se um fardo. Cozinhar para o almoço e jantar. Preparar a mesa, levantar a mesa. Suportar-lhes os caprichos a que vocês o habituaram é coisa que nunca mais irei fazer. (CHIZIANE, 2004, p. 263-264).

Ninguém mais o quer, elas estão livres, afinal, de quem as subjugou ao seu poder falocêntrico. Surge a consciência de uma nova mulher moçambicana. Redefine-se o imaginário feminino em África, redefinem-se os papeis exercidos por homem e mulher na sociedade de Moçambique, de norte a sul do pais

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Scheilla Graziella Cayô. Tradição e contradição no universo feminino de Rami, de Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. Belo Horizonte: **Cadernos do CESPUC**, n. 27, 2015.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org). Conceitos de Literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1991.

MAFFESOLI, Michel. Entrevista. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, agosto de 2001.

MATA, Inocência. Paulina Chiziane: uma colectora de memória imaginadas. **Metamorfoses**: Revista da Cátedra. Lisboa, p. 135 -142, 2000.

MENDES, Marli Maria. **Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.). **A** mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri : Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.



A EDUCAÇÃO ESTÉTICA A SERVIÇO DO ENSINO DE LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA ESCOLA: DESAFIOS PEDAGÓGICOS

THE AESTHETIC EDUCATION IN THE SERVICE OF TEXTS READING LITERARY EDUCATION IN SCHOOL: PEDAGOGICAL CHALLENGES

Andrea Denise de Camargo (UNIRITTER)1

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão acerca do desafio do ensino da literatura, tomando por base os estudos sobre educação estética, de Vygotsky, os quais apontam para a importância de envolver as emoções aos recursos pedagógicos, e sobre o ensino de leitura de textos literários na escola. O cenário atual de ensino tem apresentado certo desconforto no que diz respeito à formação de leitores, o que reforça a necessidade de diferentes práticas pedagógicas relacionadas ao universo literário, as quais são discutidas neste artigo a partir de Dalvi, Rezende e Faleiros. A leitura literária é um fenômeno vivo. mas os caminhos que devem ser percorridos para que ela alcance o leitor não são simples. Por essa razão, a educação estética precisa estar associada ao ensino de literatura com vistas a desenvolver na

criança muito mais do que o desejo pelo prazer, pelo belo ou pelo falso entendimento de que a literatura precisa ter sua finalidade em ensinar ou moralizar. Nesse contexto, este artigo propõe uma discussão sobre a função da escolarização da literatura, considerando a estética a serviço do ensino.

Palavras-chave: Literatura. Educação Estética. Ensino.

Abstract: This article proposes a reflection on the literature teaching challenge, based on studies of aesthetic education from Vygotsky, which point to the importance of involving emotions to learning resources, and on the teaching of reading literary texts in school. The present of the present scenario has presented certain discomfort with regard to the formation of readers, which reinforces the need for different pedagogical practices related to the literacy world, which are discussed in this article from Dalvi, Rezende and Faleiros. Literary reading is a living phenomenon but the paths that must be traversed to reach the reader are not simple. For this reason the aesthetic education must be linked to the teaching of literature in order to develop the child much more them the desire for pleasure, the beautiful or the false understanding that literature must have its purpose in teaching and moralizing. In this

¹ Mestranda em Letras - Linguagem, Interação e Processos de Aprendizagem, UNIRITTER-RS. -Graduada em Letras Português/ Inglês pela Universidade UNISINOS. Professora de Língua Portuguesa e Inglesa. E-mail: andrea.d.camargo@gmail.com



context this article proposes a discussion of the literature school function, considering the aesthetic in the education service.

Keywords: Literature. Aesthetic Education. Teaching.

INTRODUÇÃO

Quando se adentra nas questões que envolvem o ensino de literatura, percebe-se o grande esforço que as instituições de ensino, pesquisadores e professores têm destinado à legitimação da importância da formação de alunos leitores de literatura. Logo, põe-se em evidência o papel da escolarização da literatura, tendo em vista que ela tem ocupado um lugar secundário na formação dos alunos, realçando a necessidade de reflexão acerca dos objetivos do seu ensino e da presença dela nas escolas.

A literatura é capaz de abrir caminhos e despertar a sensibilidade do leitor, e o contato com ela desde a infância fortalece o senso crítico e desenvolve a criatividade da criança. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 26) explicitam que "o texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética". A literatura é uma arte e por meio dela é possível desenvolver as emoções e o pensamento crítico sobre o mundo. Porém, o grande desafio das escolas e dos professores

tem sido encontrar alternativas pedagógicas, pensando nas relações entre literatura e escola em tempos atuais. Diante dessas questões, Dalvi, Rezende e Faleiros (2013) propõem-se a pensar a respeito do papel da literatura na educação, por meio de questões passíveis de diálogo com as relações entre arte e imaginação no período da infância.

Vygotsky (2010) reflete acerca dos desafios da educação estética como ferramenta de ensino nas escolas, como um meio para atingir os objetivos de ensino. Diversas são as discussões que já foram feitas sobre a importância da educação estética e sobre a presença da arte nas escolas como forma de interação dos sujeitos com o mundo de forma crítica e criativa. Refletir sobre a presença da literatura como arte na escola sugere uma formação estética do aluno através do refinamento da percepção e da sensibilidade, pois fomenta a criatividade e desperta os sentidos. Porém, um dos obstáculos enfrentados pela pedagogia da educação estética diz respeito ao fato de que, no universo literário, os objetivos do ensino de literatura buscam apenas desenvolver na criança o desejo pelo prazer, pelo belo ou têm sua finalidade em ensinar ou moralizar.

Frente a isso, a educação estética não poder ser entendida como uma solução aos problemas pelos quais o ensino de literatura vem passando nas escolas, mas como uma ferramenta de auxílio às práticas pedagógicas.



LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA

O Instituto Pró-Livro² tem divulgado anualmente o "Retrato da Leitura no Brasil", através de indicadores de leitura que quantificam e avaliam o perfil dos leitores brasileiros. Os índices de 2015 apontaram que 56% da população com 5 anos ou mais é considerada leitora de acordo com os critérios estabelecidos pela pesquisa, mas, embora isso represente uma parcela significativa da população, muitos deles afirmam ler fragmentos, partes de livros. Além disso, a maioria dos entrevistados afirma que lê motivada por iniciativa própria, ou seja, a indicação de leitura na escola tem papel secundário, mesmo entre os estudantes.

Apesar disso, o hábito de leitura dos brasileiros tem sido motivado, de acordo com a pesquisa, pelo gosto e atualização cultural, "indicando uma transformação da motivação da leitura ao longo da vida" (Retratos da leitura no Brasil, 2016, p. 129). O prazer pela leitura também se mostrou um motivo relevante no hábito de leitura dos entrevistados.

Um aspecto que chama atenção na pesquisa é o fato de que, entre as crianças e adolescentes menos escolarizados, a capa do livro e o título são os elementos mais relevantes na escolha da leitura. Logo, qual seria o papel do professor na construção de práticas de leitura que transcendam esse tipo de escolha?

É comum perceber nas escolas práticas pedagógicas desvinculadas da realidade dos alunos, o que impede o desenvolvimento do pensamento crítico que deve ser avultado a partir daquilo que é observado no dia-a-dia escolar. Novas tecnologias também têm ocupado o lugar dos livros, reforçando a necessidade de se problematizar as práticas escolares e de se pensar sobre o papel da escolarização da literatura. O desafio é pensar nas relações entre literatura e escola, considerando o contexto atual da educação.

Entretanto, essa questão não é fácil de ser abordada, pois envolve, além das práticas metodológicas dos professores e da consideração da subjetividade dos alunos, a escolha adequada daquilo que deve ou não ser lido e entendido como literatura. O ideal é que a escola seja um espaço de manifestação artística que considere as diferenças sociais e culturais, vagando entre o cânone literário, a particularidade do aluno, a diversidade e a riqueza das obras não canônicas, envolvendo as emoções aos recursos pedagógicos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, destinados ao ensino de língua portuguesa no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, tratam da especificidade do texto literário, reforçando que o ensino de literatura na escola não deve ser tratado como "mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem

² O Instituto Pró-Livro é uma associação privada, criada em 2006, sem fins lucrativos mantida por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo de fomentar a leitura e difundir o livro.



e da língua" (PCN, 1998, p.26). Pelo contrário, ele precisa constituir uma "mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto", permitindo que o aluno reinterprete o mundo real e aquele que permeia seu imaginário, potencializando a expressão da subjetividade, da criticidade, da imaginação e da recepção e do texto.

Segundo o texto dos PCN (1998), a escolha correta das obras literárias deve levar o leitor a refletir sobre a leitura como experiência no curso do tempo, como aquilo que o afeta por meio dos sentidos passados, das sensações do presente, incluindo suas projeções para o futuro.

Assim como o ensino de qualquer disciplina, ensinar literatura tem suas implicações. A identificação com o texto ou com a obra lida faz com que o aluno tenda a fazer escolhas baseadas naquilo que gosta de ler. Essas escolhas partem de várias fontes de indicação, dentre as quais se encontram a influência da família, a indicação por parte de alguém, o sucesso de uma obra e, por fim, a influência do professor. Embora sejam importantes as indicações escolares de leitura, a leitura não obrigatória, ou seja, aquela que não é imposta pela escola e parte de uma vontade própria do sujeito, promove o desenvolvimento do gosto pela leitura, pois considera a subjetividade do leitor. Porém, o caminho a se percorrer para que o aluno desenvolva o hábito da leitura por vontade própria inicia na escola.

A escola é o local que escolariza o ensino de literatura, compilando em um programa de ensino os objetivos, conteúdos, habilidades e competências a serem desenvolvidos no intuito de formar leitores, o que, por vezes, torna o ensino fragmentado, desvinculado da realidade do aluno. Logo, a liberdade de escolhas e a subjetividade do aluno correm o risco de estar comprometidas e precisam receber a atenção devida, pois, como afirma Rezende:

[...] a escola é menos livre que a sociedade: lida com objetivos e conteúdos inseridos num currículo ou programa. A literatura que ali adentra está submetida a essas necessidades escolares, mas isso não significa que teorias e práticas sejam imutáveis. Ao contrário: a escola, assim como todo elemento de cultura, é histórica, e precisa mudar. (REZENDE, 2013, p. 109).

A autora ainda observa que, numa perspectiva tradicional de ensino, caberia aos professores do ensino fundamental despertar o gosto pela leitura e aos do ensino médio proporcionar um aprendizado que inclui a execução das obras e a história literária. Nessa perspectiva, a subjetividade do aluno seria deixada de lado ao alcançar o ensino médio. Possivelmente esse seja o motivo da resistência dos alunos à leitura de literatura nessa etapa, pois falta espaço para que eles vivam a experiência de fruição e recepção do texto. Em contrapartida, a literatura infantil na escola tem se voltado ao ensino e resgate dos valores morais, por meio do lúdico e o ilusório.



Segundo Vygotsky (2010), os livros voltados a esse público são modelos de moralidade e lições que "se tornam uma espécie de estilo obrigatório de uma falsa literatura infantil" (Vygotsky, 2010, p. 324). Dessa forma, o único propósito da leitura seria colocar a ética acima do sujeito, pois a criatividade emotiva do aluno seria reprimida, como se a criança não fosse capaz de compreender o texto além desses limites morais. Vygotsky afirma ainda que o adulto supõe que "o sentimento sério é inacessível à criança" (p. 325), subestimando a capacidade dela.

Rezende (2013) retoma algumas dimensões do processo de ensino leitura, reforçando a necessidade de envolver o leitor em um processo afetivo que envolve as emoções, considerando a leitura como um processo simbólico, onde o sentido que o leitor dá à leitura se instala no contexto cultural em que ele evolui, agindo no imaginário coletivo. Logo, a metodologia da educação estética que peca ao relacionar a arte unicamente aos fins morais e éticos precisa ser questionada. Ainda segundo ela, os processos de leitura "são 'escolarizáveis' e não se opõem em absoluto a uma leitura letrada e mais especializada" (p. 110), ou seja, por mais que se preze a subjetividade do aluno em formação, assim como não se aprende gramática sem o estudo efetivo dela, não se aprende literatura sem que se estude as obras pré-definidas pelo programa escolar. A escola precisa ser responsável pela formação do leitor ao longo dos anos, desenvolvendo suas capacidades leitoras durante todo o período escolar.

Vale lembrar que, na medida em que as leituras são impostas de forma descontextualizada ao aluno, com o simples objetivo de cumprir um programa de ensino, a leitura passa a ser compreendida como obrigação e as escolhas pessoais do aluno são colocadas completamente de lado. Deixando de lado práticas de ensino idealizadas como método de instrumentalização de um ensino pronto, recomendase a possibilidade de troca de experiência do aluno com a obra estimulada por meio de práticas que o envolvam e o incentivem a ler.

A educação estética como prática pedagógica

A educação estética pode servir como um novo modelo educativo, tomando por base a arte como atividade criativa e libertadora. Por meio dela, é possível despertar os sentidos, a percepção sensorial e cultural do aluno. Para isso, é necessário que os envolvidos no processo de ensino tenham conhecimento daquilo que esse tipo de pedagogia representa e dos desafios que ela impõe.

Vygotsky traz à reflexão o conceito de educação estética, mostrando a importância de dar à arte, aqui observada como literatura, objetivos de ensino que perpassam o efeito moral e estético. Motivado pelas falhas observadas no período em que viveu, apresenta argumentos que contestam a metodologia de ensino na qual o professor direciona o aluno a uma interpretação pronta, voltada à moral do texto, o que ainda é observado nos modelos de ensi-



no atuais. Segundo Vygotsky, é impossível prever quais preceitos morais serão observados quando as crianças recebem o texto, pois, como são sinceras, não se preocupam em dar ao professor a resposta que ele pretende ouvir:

[...] nossa escola, ignorando inteiramente o fato psicológico da diversidade de possíveis interpretações e conclusões morais, sempre procurou enquadrar qualquer vivência estética em um conhecido dogma moral e se contentou com assimilar esse dogma, sem suspeitar de que o texto artístico frequentemente não só ajuda a assimilá-lo como [...] infunde uma concepção moral de ordem justamente oposta. (Vygotsky, 2010, p. 327)

Dessa forma, a literatura perde seu valor, pois tira a concentração do aluno sobre a obra e a joga para seu sentido moral, tornando secundária a emoção estética. A obra de arte, para o autor, "nunca reflete a realidade em toda sua plenitude e verdade real, mas é um produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade, de incorporação a essa realidade de uma série de elementos inteiramente estranhos a ela" (p. 329), ou seja, um ensino que direciona o aluno a uma interpretação pronta e uma emoção oriunda do professor reprime a emoção estética e a criatividade do aluno.

A inclusão da literatura na infância escolar do aluno surgiu como lição de moral e de bons costumes, mas é necessário perceber que "a noção de criança altera-se com o tempo" (Lajolo, 1993). Logo,

o ensino de literatura não pode ter fim no ensino daquilo que moralmente se entende como certo ou errado. Lajolo (1993.p. 24) ainda afirma que "Tanto criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais.", tomando essa afirmação como premissa para discutir o papel do professor na mediação do ensino de literatura.

Segundo Vygotsky (2010), além da finalidade moral e ética, outro equívoco pode ser percebido quando transferem ao ensino de literatura a responsabilidade de ampliação do conhecimento social e cognitivo dos alunos, como ocorre no sistema escolar que separa as disciplinas em áreas de conhecimento que não se conversam. É importante ressaltar que a literatura não serve como cartilha de ensino de valores éticos e morais, assim como não é uma cópia da realidade, servindo somente como ferramenta de estudos sociais.

Outro equívoco dos modelos de ensino é reduzir a finalidade da literatura ao simples prazer pela leitura. A leitura precisa ser motivada pelo prazer, mas não pode ser entendida como ferramenta geradora de prazer, mesmo porque há diversos outros meios que despertam o prazer do aluno e que não necessitam do esforço que o leitor investe na leitura, ou, conforme Vygotsky, "quem pensa em implantar a estética na educação como fonte de prazer se arrisca a encontrar na primeira guloseima e no primeiro



passeio os mais fortes concorrentes". (VYGOTSKY, 2010, p. 331). Isso ocorre porque, para as crianças, a vivência real e concreta com um objeto é muito mais significativa do que a emoção imaginária que a leitura propõe. Logo, é necessário que o professor, mediador do processo de leitura, através da educação estética, envolva o imaginário dos alunos em um processo de recepção do texto que desenvolva o hábito pela leitura.

Obras literárias que tenham temas como idealismo, sentimentos, incertezas e questões humanas podem propiciar ao aluno uma interação com o mundo, instigando-o à leitura daquilo que reflita sua condição de indivíduo em desenvolvimento buscando seu lugar no mundo. Além disso, quanto maior for o contato do aluno com os livros, maior a possibilidade de escolha de obras pelo seu gosto pessoal, selecionadas a partir da emoção despertada pela obra. Portanto, revisitar obras literárias já lidas e estudadas permite ao aluno alcançar outros níveis de significado dessa leitura. A literatura precisa suprir os interesses dos alunos pela realidade e pelas relações sociais, para que possam desenvolver sua criticidade.

Vygotsky (2010) afirma que os equívocos cometidos no ensino de literatura não se relacionam somente ao desconhecimento dos responsáveis pela educação nas escolas, mas ao fato de que a educação estética foi, por muito tempo, entendida como uma atividade passiva, com foco unicamente no receptor da literatura. O fato é que a passividade do sujeito

é necessária na educação estética, pois a percepção da obra não é uma tarefa fácil e exige uma atividade interior complexa, tendo em vista que os impulsos primários ativados no leitor (as emoções agradáveis) são o despertar de uma atividade ainda mais complexa de recepção do texto, o que inclui a expressão da subjetividade e o desenvolvimento da criticidade.

Nesse sentido, o autor define que a emoção estética "se baseia em um modelo [...] que pressupõe necessariamente a existência de três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta". (VYGOTSKY, 2010, p. 333). A estimulação, trabalho desempenhado pelo olho, é o momento inicial da vivência estética, que é constituída pelas interferências sensoriais que estimulam as reações do organismo do receptor do texto. A partir dessa vivência inicial, surge a transformação do texto, ou seja, a junção dos elementos, a ligação dos pontos, o que Vygotsky chamou de elaboração. A resposta é "o trabalho de memorização e associação de pensamento" (p. 334), para entender as relações percebidas no texto, reunindo os seus elementos.

De fato, quanto antes o aluno for iniciado ao processo de educação estética, maior será seu desenvolvimento como leitor literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento que a literatura produz no sujeito, bem como o processo que o gera ainda não



tiveram suas discussões findadas. Esse é um estudo que não parece ter sido esgotado. A leitura de uma obra literária, em qualquer nível de ensino, permite que o leitor reconheça aspectos culturais e sociais do contexto de criação da obra, por meio de uma realidade inventada no imaginário. Além de auxiliar a construção da identidade do aluno, a literatura permite que ele reflita sobre sua própria condição no mundo.

O professor deve orientar o aluno para que ele compreenda o papel estético da literatura e a função social que ela expressa como manifestação cultural. Não havendo relações entre o texto literário, a realidade e o contexto social do aluno, a literatura não será entendida como espaço de construção de conhecimento, de relações entre o mundo real e o imaginário. A leitura de literatura na sala de aula consolida-se de forma a reconstruir mundos possíveis através da ludicidade e do prazer pela leitura. Como mencionado no decorrer deste artigo, impor a interpretação pronta e idealizada pelo professor inibe a descoberta da leitura, permitindo ao aluno pensar que sempre há uma resposta pronta para cada tipo de leitura, o que distancia a obra da sua realidade. Além disso, a inadequação de práticas de ensino tende despertar a aversão do aluno pela leitura literária.

Essas discussões remetem a necessidade de ações planejadas de leitura literária na sala de aula da educação básica. A escolarização da literatura a coloca como disciplina individual no ensino médio,

deixando de lado as séries finais do ensino fundamental, o que acaba fazendo com que o texto literário fique em segundo plano na formação do aluno, sendo usado como pretexto para o ensino de conteúdos escolares.

O modelo de emoção estética de Vygotsky pode perfeitamente ser utilizado na escola, pois a ela é transferida a tarefa de educar esteticamente a criança por meio da vivência com as artes. O desafio pedagógico está no desenvolvimento das habilidades técnicas de percepção e vivência com a literatura. O papel do professor é identificar no aluno a emoção original ao lidar com o texto literário, mostrando a ele a direção para que consiga desenvolver seu potencial criativo através da emoção estética. Mas é preciso estar atento para que o professor não desordene a capacidade psíquica da criança, direcionando a recepção do texto literário para uma interpretação pronta, estabelecida a partir da recepção do professor. É necessário considerar a liberdade de criação da criança, renunciando "à tendência a equipará-lo à consciência do adulto" (VYGOTSKY, 2010, p. 346), reconhecendo a originalidade e criatividade dela. Se o aluno compreende o texto lido de forma diferente do professor, isso não significa que ele cometeu um erro, pois seu universo psíquico não corresponde ao do adulto. Esta é a riqueza da educação estética.

Assim como afirma Vygotsky (2010), o efeito moral da arte existe como forma de elucidação do mundo interior do sujeito, na "libertação de certas forças constrangidas e reprimidas" (p. 340), mas não



pode ser entendida como moralização ética do aluno, de atribuição de valores morais pré-estabelecidos. A educação estética voltada ao ensino de literatura pode utilizar a seu favor o efeito moral da obra, desde que sirva como ferramenta para despertar aquilo que há no mundo interior do aluno, despertando nele os múltiplos prazeres da leitura. Além de educar o aluno para compreende e refletir sobre a leitura realizada, é preciso que ele perceba a beleza da linguagem literária, despertando suas emoções e inquietações diante da leitura. E educação estética nas escolas deve traçar caminhos para que o leitor em formação sonhe e aprenda a sonhar, reduzindo as limitações no processo de formação de leitores literário críticos.

Se o gosto pela leitura de literatura não for desenvolvido na escola, corre-se o risco promover alunos que, ao sair da escola, abandonem o hábito da leitura, pois ela os remeteria simplesmente a atividades escolares.

Como afirma Lajolo (1993, p.15), "ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum", e o mesmo ocorre com as aulas de literatura. Mas não se pode fugir de alguns encaminhamentos tradicionais de ensino de leitura de literatura, como a intervenção do professor ao contextualizar a obra em sua época e contexto de produção, pois esse método ainda é necessário para que o aluno vivencie a complexidade da obra, percebendo que a leitura de literatura não é um processo simples.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília: MEC / SEF, 1998.

DALVI, REZENDE E FALEIROS (org.). Leitura de literatura na escola. São Paulo, SP: Editora Parábola, 2013. 166 p.

Portal Instituto Pró-Livro. Disponível em http://prolivro.org. br/home/pro-livro/quem-somos. Acesso em 19 de agosto de 2016.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, SP. Editora Ática S.A, 1993.

VYGOTSKY, L. S. A educação estética. In: **Psicologia pedagógica.** Trad. Paulo Bezerra. 3ª ed.. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 323 -363

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K.(Org.). **Escola e Leitura:** velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009



O PERFIL DOS *BLOGUEIROS* DE VIAGEM: O DISCURSO DE APRESENTAÇÃO NOS *BLOGS* DE TURISMO

PROFILE OF TRAVEL BLOGGERS: DISCOURSE OF PRESENTATION IN TOURISM'S BLOGS

Andréia Ramos Machado (PUCRS)¹

Resumo: Os *blogs* se estabeleceram como uma das importantes ferramentas de produção e acesso de conteúdos online. No turismo, os blogs de viagem contribuem para a elaboração de roteiros e escolhas de destinos e tem se consolidado como significativa fonte de informação na blogosfera turística. Mas quem são estas pessoas que dedicam o seu tempo a compartilhar suas experiências de viagem nos blogs especializados em turismo? Este é o principal objetivo que motiva esta pesquisa. Para identificar qual o perfil dos blogueiros de viagem e do turista atual, será realizado um levantamento bibliográfico e para reconhecer se estes indivíduos possuem características comuns serão analisados os discursos de apresentação em cinco blogs de turismo, utilizando-se da Análise de Discurso, segundo as premissas sociolinguistas de Patrick Charaudeau. Ao final do artigo, evidenciou-se que existem, de fato, características comuns entre os *travel bloggers* e o fato de possuírem afinidade com a internet, os aproximam do atual perfil do turista, conectado e bem informado, que se mantém atualizado e que exige qualidade e transparência em suas relações.

Palavras-chave: Comunicação Social. Turismo. Blogs. Análise de Discurso.

Abstract: The Blogs have established themselves as one of the important tools of production and online content access. At the Tourism, travel blogs contribute to the development of the travel's itinerary and choices of destinations and has been consolidated as a significant source of information in the tourist blogosphere. But who are these people who devote their time to share their travel experiences on specialized blogs on tourism? This is the main objective that motivates this research. To identify the profile of travel bloggers and the current tourist, a literature review will be carried out and to recognize whether these individuals have common characteristics the presentation speeches will be analyzed in five tourism blogs, using the Discourse Analysis, according to the references sociolinguists of Patrick Charaudeau. At the end of the article, it was shown that there are, in fact, common features between travel

¹ MBA em Marketing pela FGV. Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS. Graduação em Publicidade e Propaganda pela Unisinos/RS e em Gestão do Turismo pela UCB/DF. andreia.ramos@acad.pucrs.br.



bloggers and the fact that they have affinity with the internet, leave next to the current profile of the tourist, connected and well informed, that requires quality and transparency in its relations.

Keywords: Social Communication. Tourism. Blogs. Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO

No atual contexto comunicacional, os *blogs* têm importante destaque. Se antes eram considerados somente diários pessoais, hoje fazem parte de um sistema multifacetado e dinâmico que os conecta a milhões de pessoas no mundo. Sendo a internet um meio em que todos podem participar e gerar conteúdo, os *blogs* se estabeleceram como significativa ferramenta de acesso à comunicação, democratizando a produção de conteúdo *online*.

No turismo os *blogs* se estabeleceram como influentes meios de acesso às informações turísticas, contribuindo para o estabelecimento dos roteiros de viagem de muitos turistas, principalmente daqueles que Lipovetsky (2010) afirma pertencerem à sociedade do hiperconsumo.

Este hiperconsumidor busca experiências emocionais e de bem-estar, de qualidade de vida e saúde, imediatismo e comunicação. O comprador se mostra cada vez mais informado, crítico e estético. O consumo constrói-se cada vez mais em função das

finalidades, gostos e critérios individuais. O hiperconsumidor certifica-se como informado e livre, que vê suas opções aumentarem, que consulta portais e tabelas de preços e procura potencializar a relação qualidade/preço. "Assistimos agora à expansão do mercado da alma e da sua transformação, do equilíbrio e da autoestima" (LIPOVETSKY, 2010, p. 11).

A felicidade então se torna um segmento, um "produto" que o hiperconsumidor quer ter prontamente ao seu dispor, sem ter que envolver muito esforço. É necessário ser feliz já, imediatamente. Para isso, novas preocupações começam a povoar as mentes dos consumidores. A era do consumo de massa mudou de rosto (LIPOVETSKY, 2010).

Nesta nova característica do indivíduo como ser social, o tempo e o dinheiro direcionados às atividades de lazer aumentaram sua proporção . Esta predominância das atividades de lazer levou alguns autores a falar de um novo capitalismo focado, já não na produção material, mas no divertimento e na área da cultura (LIPOVETSKY, 2010).

Passa-se a dispensar mais atenção para o tempo livre. Neste contexto o hiperconsumidor já não procura tanto o "consumo por consumir", mas, antes de tudo, a multiplicação das experiências, o prazer das sensações e das emoções novas: a felicidade das pequenas aventuras compradas para consumir, tudo isso, evidentemente, sem riscos nem inconvenientes. Esta geração de consumidores não quer barreiras difíceis de transpor em seu caminho. Quer



a experiência, o prazer, ao seu alcance. E no lazer, procuram alternativas que lhe proporcionem isto, sem estresse. Em consequencia desta nova característica social, estes indivíduos hiperconectados dispensam atenção maior ao turismo.

E é neste contexto que os *blogs* se destacaram no segmento. Para se comunicar com o perfil atual de indivíduo, os blogueiros precisam estar atualizados com tudo o que gira em torno do turismo. Mas quem são estas pessoas que dedicam o seu tempo a compartilhar suas experiências de viagem nos *blogs* especializados em turismo? Este é o principal objetivo que motiva esta pesquisa. Além disso, pretende-se identificar se estes indivíduos que produzem informações em seus *blogs* de turismo possuem características comuns que poderiam identificá-los dentro da blogosfera.

Primeiramente, parte-se para a compreensão de quem é este novo turista que busca os *blogs* de viagem como fonte de informação e referência. Após passa-se ao levantamento de informações que permitam um melhor entendimento das principais características do *blogs* de turismo para, depois, reconhecer quem são os blogueiros e quais suas motivações.

Em seguida, para auxiliar na composição do perfil destes blogueiros será observado como eles se apresentam em seus *blogs*. Para tanto, será realizada a análise do perfil publicado em cinco *blogs* de viagem que foram alguns dos fundadores da ABBV – Associação Brasileira de Blogs de Viagem: A Janela

Laranja, Conexão Paris, Jeguiando, Matraqueando e Viaje na Viagem. Além do levantamento bibliográfico, a metodologia utilizada para este estudo é a Análise de Discurso baseada nos princípios de Patrick Charaudeau.

O HIPERTURISTA

Se o ser humano como ser social assume determinadas características de acordo com o que foi debatido anteriormente, é natural que isto se manifeste em diversos setores da vida, dentre eles o Turismo. Se a atual sociedade é a do hiperconsumo, é possível dizer que, atualmente, observamos a existência de "hiperturistas", mais conectados, informados e individualistas.

O turista está cada dia mais exigente e certo do que ele deseja. Já não fica satisfeito somente com um bom serviço e um bom atendimento. Ele quer ser surpreendido, sentir emoções diferentes por meio de experiências vivenciais e isso abrange muito mais elementos que simplesmente se hospedar em um hotel cinco estrelas.

Até mesmo as motivações para viajar modificaram. Antigamente a viagem era um sonho alimentado por muitos anos. Atualmente as decisões são feitas com menos antecedência e as motivações são múltiplas. Segundo Swarbrook e Horner (2002), existem distintas motivações de viagens para os turistas, como por exemplo, pessoas que viajam para



descansar, para fazer novas amizades, ir a festas ou shows e que são diferentes também de acordo com aspectos sociais e econômicos tais como: idade, renda, nível de escolaridade, entre outros. Mas o que une todas estas motivações ultimamente é a busca pela experiência.

Característica latente do hiperconsumista, a relação do turista com o tempo também se reflete no seu comportamento. Ele busca agilidade, economia de tempo e dinheiro, procurando as melhores combinações de preço e produto, segundo sua necessidade e orçamento. O principal objetivo já não é ir mais depressa, mas fazer com que o tempo de viagem passe mais rapidamente e permitir um melhor controle subjetivo do tempo (LIPOVETSKY 2010).

A rapidez que as novas tecnologias imprimiram no mundo, mudou o hábito dos viajantes, tornando-os mais exigentes e aumentando sua necessidade de informações em curto espaço de tempo. Os turistas de hoje não permitem que as decisões sejam lentas e demandam soluções ágeis, o que pode ser viabilizado mediante sistemas de informações adequados e de pessoal qualificado. O turista conectado é informado e atua como informante também, sendo protagonista em algumas vezes e espectador em outras. Seu espaço foi multiplicado sem que ele tenha precisado sair do lugar.

O comportamento dos turistas ao adquirir produtos e serviços de Turismo revela um grande en-

volvimento no processo. "O consumidor estará ativamente envolvido no processo de compra e pesquisará antes de chegar à decisão, o que significa um processo de decisão mais preciso" (SWARBROOKE, 2002, p. 110). Ele se utiliza de todas as informações disponíveis em guias impressos, na internet e se utiliza da experiência de amigos para compor o seu roteiro. A decisão da viagem não se condiciona mais a um agente de viagens. O turista atual, na maioria das vezes, escolhe sozinho, todas as etapas da sua viagem.

Mas mesmo este tipo de turista também pode se sentir inseguro no ato da sua decisão de compra. A natureza intangível dos produtos no Turismo faz com que o consumidor possa apresentar alguma insegurança durante sua compra. Já que não podem experimentar o produto ou serviço antes da compra, buscam meios de garantir suas escolhas. Por isso, seus padrões comportamentais tornam-se bastante complexos, envolvendo *blogs*, amigos, parentes, programas sobre férias na TV, entre outros (SWARBROOKE, 2002).

Uma destas pesquisas foi realizada pela Amadeus, fornecedor líder em soluções de TI para o Turismo global, em 2012. Foram entrevistados mais de 43 mil turistas que viajam a lazer pelo menos três vezes ao ano, nos seguintes países: Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Brasil, Rússia e Índia².

Um dos assuntos abordados por este levantamento é sobre como os turistas estão escolhendo o

² Disponível em http://www.amadeus1a.com.br/arquivos/empowering.pdf. Acesso em 01/11/2015.



seu destino de férias. Atualmente esta é uma decisão complexa. Os turistas atuais estão considerando não apenas a viagem a ser feita, mas também as viagens anteriores. Muitos viajantes não querem visitar o mesmo destino ou tipo de área diversas vezes seguida. Além disso, muitas vezes as interferências para a escolha do destino não seguem uma proposta lógica como era anteriormente. Uma referência de um amigo que viajou recentemente e gostou muito, ou um episódio de uma série de televisão, podem ser inspiração para a escolha do destino.

Todas essas características tornam a tomada de decisão mais complexa. A fonte de informações mais comum para escolha de destino é a internet, sendo seguida pelas referências "boca a boca". Outro dado importante demonstrado nesta pesquisa é mais de 30% dos turistas pesquisados preferem usar os *sites* de viajantes sobre viagens, isto é, os *blogs* especializados.

Em recente pesquisa feita pelo Google ³ identificou-se que o preço deixou de ser o item mais importante na hora da "escolha" da viagem. Segundo a pesquisa, 47% das pessoas que compraram um voo e 74% das que reservaram hotéis o fizeram com base em outros atributos que não somente o preço.

Segundo a pesquisa do Google, os turistas atuais estão à procura de conteúdo e informações online. Mais de 60% deles recorrem à internet para to-

mar decisões: buscar inspirações no planejamento das viagens a lazer ou negócios, garantir as melhores reservas comparando preços, procurar indicações de locais para se hospedar e conhecer durante a viagem, entre outros. Estas pesquisas atualmente ocorrem em vários dispositivos, antes, durante e depois da viagem, já pensando na próxima.

Característica muito evidente do turista da atualidade é o uso de *smartphones* nas viagens permitindo que eles gerem novos conteúdos em imagens ou vídeos que são novamente compartilhados na rede através de *blogs* especializados e redes sociais.

Super informado e conectado, este perfil de turista utiliza diversos dispositivos em sua viagem. A internet, acessada do computador, do *notebook*, do *tablet* e dos *smatphones*, serve como fonte principal de pesquisa deste novo perfil de consumidor no Turismo. Em comparação com outros países, os brasileiros também utilizam com mais ênfase a tecnologia para se informar sobre o planejamento de suas viagens. Quase 80% dos participantes consideram extremamente útil o uso de meios tecnológicos na hora de buscar informações sobre acomodações. Além disso, 60% utilizam-se da opinião de outros viajantes para tomar decisões em relação a seu destino e hospedagem.

As novas tecnologias adquirem papel importante no comportamento deste novo indivíduo social.

³ Disponível em https://www.thinkwithgoogle.com/topics/travel-hospitality.html. Acesso em 04/11/2015.



A internet, se torna o grande aliado na busca destas sensações e, assim, surge o indivíduo entregue a si próprio, independente, livre de escolher, de demorar o tempo que quiser, de examinar os produtos, de comprar sem estar sujeito à pressão do vendedor. Já não se está vendendo algo, mas é este indivíduo que está comprando.

O PERFIL DOS *BLOGS* DE TURISMO E SEUS *BLOGUEIROS*

Por ser uma ferramenta democrática, para ter um *blog* é necessário ter um pouco de conhecimento do meio e estar disposto a mantê-lo atualizado. Parece simples e , de fato, é. Mas isso somente isso não garante que seu *blog* vai ser visualizado pelos internautas e que vai ter conteúdo interessante que atraia o leitor a acompanhá-lo. Esta é uma tarefa difícil mas desafiadora. Na blogosfera existem uma grande quantidade de *blogs* com os mais variados conteúdos, mas somente alguns tornam-se referência em seus segmentos. No turismo isto também é uma realidade. Nos últimos dez anos o mercado do turismo verificou o crescimento dos blogs de viagem. Além de crescerem em número, aumentaram sua influência junto aos viajantes.

A estimativa é de que existam cerca de 600 *blogs* de viagem no Brasil, entre aqueles que são profissionais, ou seja, que sobrevivem com o retorno que recebem com a publicação e aqueles que são amadores e utilizam o meio apenas como distração.

Para dar conta de compreender quem são estes indivíduos e suas características, a ABBV⁴ realizou uma pesquisa em janeiro e fevereiro de 2014, utilizando seus associados como referência. Ao todo foram 91 *blogs* de turismo pesquisados. Conforme os organizadores, este é um universo difícil de mensurar, mas que as descobertas foram muito importantes para oferecer um panorama do mercado. A pesquisa foi denominada como *Perfil dos blogs de viagem no Brasil⁵e* representa uma radiografia significativa da blogosfera de viagem.

A pesquisa inicia com a identificação de quem é o *blogueiro* de viagem no Brasil. O estudo identificou que o *blogueiro* de viagem é jovem, pois 50% têm entre 31 e 40 anos. Mas pode-se reconhecê-lo como um jovem adulto, pois nesta faixa etária o indivíduo já tem relativa formação intelectual e profissional, conseguindo uma independência financeira para se dedicar a viajar. Isto pode diferenciá-lo de outros segmentos onde os *blogueiros* são muito mais jovens e não precisam de investimentos muito grandes para escrever sobre o assunto do *blog*.

⁴ A ABBV, Associação Brasileira dos Blogs de Viagem, foi fundada em maio de 2012 é a primeira da América Latina a regulamentar e defender os interesses dos blogs que atuam neste nicho no mercado nacional. Fonte:www.abbv.net.br.

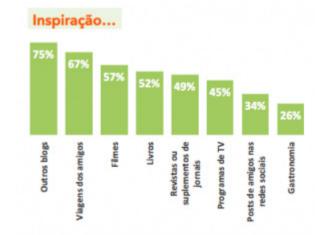
⁵ O relatório da pesquisa "PERFIL DOS BLOGS DE VIAGEM NO BRASIL" está disponível em http://www.slideshare.com/ABBV_Brasil/abbv-perfil-blogs.



Além disso, a maioria são mulheres (73%), o que pode ratificar a facilidade que as mulheres encontram em falar e escrever e o gosto pelas viagens. Residem, em maioria, na região sudeste, principalmente nos estados do Rio e São Paulo (41%). É importante destacar que 19% dos autores de *blogs* de viagem vivem fora do país. Com estes dados iniciais pode-se identificar uma característica importante: os *blogueiros* possuem condições financeiras adequadas para viajarem e se dedicarem aos *blogs*. A maioria se identifica como jornalistas, seguidos dos publicitários, empresários, professores e administradores, entre outros.

Na sequência da pesquisa, encontram-se os dados de como estes indivíduos fazem suas viagens. Os resultados mostram que 100% dos blogueiros fazem seus roteiros de viagem e 77% utilizam a internet para fechar suas reservas. 35% dos entrevistados viajam mais de quatro vezes por ano dentro do país onde residem e 38% realizam viagens ao exterior anualmente. Somente 8% deles são inspirados pelas viagens oferecidas pelas empresas de turismo. Um dado muito interessante que se apresenta é o de que 75% assumem que sua principal inspiração para decidir sobre qual vai ser a nova viagem são outros blogs, assim como 67% utilizam os amigos como fonte de motivação. No quadro 1 pode-se verificar as principais fontes de inspiração dos blogueiros para suas viagens.

Quadro 1 - Inspiração dos blogueiros para suas viagens



Fonte: Pesquisa PERFIL DOS BLOGS DE VIAGEM NO BRASIL⁶

55% viajam para conhecer um destino dos sonhos, o que costuma-se chamar no meio de *wish list.* 26% viajam para conhecer melhor um destino já conhecido e escrever novidades no *blog.* Quando eles decidem o destino, 95% consultam outros blogs e 76% revistas, guias impressos e suplementos de jornais para formar o roteiro.

88% dos blogueiros tem domínio próprio e 90% dos blogs são mantidos por 1 ou 2 pessoas. 65% dos blogueiros encaram seus blogs como um negócio, mesmo que ainda não ganhem dinheiro com eles. Entretanto, a "satisfação pessoal" é considerada a principal dimensão do sucesso, seguida por "ter seu conteúdo compartilhado pelos leitores" e ter seu blog "indicado por outros blogueiros".

⁶ Disponível em http://www.slideshare.com/ABBV_Brasil/abbv-perfil-blogs



Para acompanharem a audiência, 70 % usa o Google Analytics, 11% usam as estatísticas do WordPress, 10% usam outras ferramentas e 9% não usam ferramentas de controle de acessos. A maioria dos blogs tem até 50 mil pageviews e 30 mil visitas por mês. Em 61% deles, os leitores passam de dois a quatro minutos por view. A pesquisa ainda informa que 79% não fazem permutas e 67% fazem parte de programas de afiliados.

Apenas 40% utilizam ferramentas pagas para divulgação, sendo que a maioria destes utiliza o *Facebook*, onde 94% têm seus perfis próprios. 42% recebem por anúncios e publicidade no *blog* e 39% afirmam que gostariam de ganhar dinheiro com esse trabalho.

Enfim, foi possível conhecer um pouco mais sobre os *blogueiros* de viagem por meio desta pesquisa. A partir de agora, analisando como eles se apresentam em seus *blogs*, pretende-se confirmar se estas características identificadas anteriormente se refletem nas definições próprias dos *blogueiros*.

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO NOS *BLOGS* DE TURISMO

Começa-se, então, por observar o modo de construção do texto, a estruturação e seu modo de circulação assim como os elementos que constituem a construção dos sentidos. Durante a análise do discurso dos perfis dos blogueiros, pretende-se com-

preender como o indivíduo acessa as informações, produz conhecimento e interage com seus parceiros. Busca-se identificar quem o texto faz falar, as escolhas que o sujeito comunicante fez e as estratégias utilizadas, o contexto em que está inserido, o que quer dizer com a mensagem e para quem ela se destina (CHARAUDEAU, 2010). Segundo o autor os sujeitos se dividem em EUe (sujeito enunciador, tendo sua imagem construída pelo interpretante) e o EUc (sujeito comunicante, que é o produtor da fala). O TU divide-se em TUd (sujeito destinatário, que está sempre presente, mesmo que implícito) e o TUi (sujeito interpretante, responsável pela interpretação que produz).

A análise será feita no discurso de apresentação pessoal de cinco *blogs* fundadores da ABBV: A Janela Laranja, Conexão Paris, Jeguiando, Matraqueando e Viaje na Viagem.

A Janela Laranja

De início, a análise começa com o contexto de produção. Com um visual um tanto poluído, o *blog* é cheio de informações diferenciadas em sua *home*. O nome do *blog* não diz diretamente do que se trata, mas olhando os temas das publicações é possível perceber que se trata de viagens. Não existem explicações sobre o nome. A maioria dos *posts* é relativa às viagens com crianças, mas não se vê uma determinação para ser especializado neste assunto.



A apresentação do blogueiro está na homepage, à direita, mas sem grande destaque. O texto completo é conciso e acompanha uma foto sem cores do autor. Em um visual tão cheio de cores e informações, esta estratégia parece favorecer a informação do perfil. O sujeito enunciador (EUe) é o blogueiro, que não revela o seu nome, apesar do texto ser na primeira pessoas do singular. Ele inicia o texto se intitulando como blogueiro, fotógrafo e viajante. O blog tem 10 anos, mas o texto não revela a formação do autor antes do lançamento. Após esta descrição ele cita ser pai de duas meninas, colocando os nomes. Desta maneira ele se aproxima do público que procura informação para viajar com crianças, em uma estratégia de emoção. Ele conta que morou em dois países fora do Brasil e que a partir daí não parou mais de viajar. Isto revela uma das características observadas anteriormente de que os blogueiros escrevem por prazer de viajar. Para finalizar o texto informa quem o EUe define como o sujeito destinatário (TUd) desta mensagem: quem quer desbravar o mundo, principalmente os pais e mães que querem viajar com os filhos. Desta forma quer estabelecer um contrato de confiança e segurança com os leitores que possuem filhos.

Conexão Paris

Com um *design clean*, as informações são bem distribuídas no *menu* e o destaque fica para a pos-

tagem atual. Pelos itens disponibilizados é possível perceber que o *blog* possui uma estrutura organizada, aproximando-se de uma empresa. O nome do *blog* já deixa claro que ali se encontram informações sobre Paris, mas também disponibilizam dicas sobre toda a França.

A apresentação da criadora do blog não tem destaque, ficando em um item do menu que está colocado na parte superior direita da imagem de capa. Entrando no espaço do perfil, então, revela-se quem é a pessoa por trás do Conexão Paris: Lina Hauteville. Por mais que se fale na Lina, o texto está na terceira pessoa do singular denotando que se trata de uma postagem institucional do blog e não uma publicação autoral, pessoal da blogueira. Aliás, em nenhum momento ela se define como tal. Por conseguinte, pode-se interpretar que o sujeito enunciador e o sujeito comunicante são o blog Conexão Paris, sem definição de autoria. As formações acadêmicas e profissionais ficam em evidência, ratificando uma das características dos autores de blogs do segmento: bom nível de instrução. Diversas expressões utilizadas denotam a estratégia de emoção colocada no discurso, tais como: sua paixão por Paris. Desta maneira, aproveitam da aura da Cidade Luz para conquistar o sujeito destinatário que se revela aqui como aqueles apaixonados, também, por Paris. O contrato estabelecido nesta apresentação é de que a Lina é a melhor referência quando se trata de Paris e que se pode confiar nas postagens do blog, pois a



sua fundadora está há quase três décadas na cidade e se dedica a explorar cada canto e novidades, dando dicas, inclusive, para nativos.

Jeguiando

Criado há oito anos pelo casal Janaína Calaça e Erik Araújo, o *blog* possui uma linguagem bem-humorada com muitas ilustrações e um personagem de pelúcia que remete ao nome do canal. Os nomes dos autores aparecem em destaque na imagem de capa.

A apresentação dos blogueiros está identificada como a Trupe do Jeguiando, confirmando o tom informal do blog. O primeiro perfil apresentado é o do personagem tema do Jeguiando, o bicho de pelúcia do casal, chamado de Jegueton, considerado pelo texto como filho deles. Após esta introdução bem-humorada aos perfis, revela-se quem é a Janaína. Uma das muitas mulheres blogueiras de viagem, o discurso apresenta a autora como uma "alma livre e olhos cheios de imagens", revelando novamente a característica de que o mais importante é o prazer que se sente viajando e compartilhando o que se viu e sentiu com os outros. Aqui também se evidencia o alto nível de formação da criadora do blog, que possui três graduações na área literária, com livros publicados e fundadora de um selo editorial voltado para publicações de viajantes. O discurso está apresentado na terceira pessoal do singular, mas o tom descontraído e criativo evidencia que o EUe é a equipe do blog, ou seja, os próprios autores. O perfil do segundo autor segue a mesma linha evidenciando também o lado curioso e apaixonado pelo que faz, característica importante dos *blogueiros* de viagem. Possui, igualmente, formação acadêmica e muitos anos de experiência profissional, além de se dedicar às viagens.

Matraqueando

O Matraqueando tem 16 anos. As publicações não são frequentes, mas quando acontecem são muitos interessantes. O tom é bem informal, como se a blogueira conversasse com um amigo, dizendo realmente o que é bom e o que não é. Este pode ser a razão do seu sucesso.

A autora do *blog* tem grande representatividade no segmento do turismo e na blogosfera turística. Ela é a atual presidente da ABBV e dirige uma empresa de comunicação. Seu nome, Silvia Oliveira, está em destaque na *home* do Matraqueando. Na sua apresentação no *blog* ela se coloca como a matraca. Já de início ela demonstra sua formação como jornalista e mestre em Turismo Internacional na Espanha. Seu currículo de expressão ainda recebe destaque na apresentação quando ela cita suas experiências profissionais em importantes empresas de televisão brasileiras.

O discurso é organizado de maneira descritiva, que identifica e qualifica o sujeito comunican-



te (EUc), a autora, de maneira despojada e criativa. Como está descrito na terceira pessoa do singular, o sujeito enunciador (EUe) pode ser identificado como o *Blog*. Para dar ainda mais credibilidade, o discurso segue a estratégia de apresentar a *blogueira*, ou a *travel blogger* como o texto menciona, como altamente especializada no assunto, inclusive apresentando os sete guias de viagens criados por ela.

Um detalhe importante se expressa em algumas palavras cheias de sentido: mão-de-vaca-muquirana, economia inteligente, sem gastar os tubos, entre outros. O explícito é que ela não gosta de gastar muito dinheiro em suas viagens, mas também deixa claro, que apesar de toda sua formação e de ser diretora de uma empresa, o turista vai encontrar dicas de como fazer uma boa viagem gastando o adequado, porque, em algumas expressões está implícito que ela não se sujeita a determinados afazeres, tais como: tem restrições a banheiros coletivos. Além disso, deixa claro que não fazem posts patrocinados e, para aumentar ainda mais a contrato de credibilidade que quer estabelecer com o seu leitor, o sujeito destinatário (TUd), acaba sua apresentação com a frase: Pode confiar!

Viaje na Viagem

O Viaje na Viagem tem 12 anos e, dos *blogs* analisados, é o que tem a melhor posição no *ranking* nacional. Seu fundador, o Ricardo Freire, é um dos fundadores da internet de viagem no Brasil.

No discurso de apresentação, são apresentados todos os integrantes da equipe. Aqui será analisado somente o texto do Ricardo Freire, mas podem-se destacar importantes características nos outros perfis: todos têm formação universitária e a maioria são mulheres.

Ricardo Freire é publicitário e cita alguns slogans muito conhecidos no mercado para corroborar na sua qualidade como redator. Publicou vários livros e guias relacionados ao turismo. Mas assume também que atualmente se dedica somente ao turismo quando o discurso cita que ele *foi* publicitário.

Esse discurso de dedicação ao segmento pode ser percebido no segundo parágrafo, quando aparecem as outras atividades do *blogueiro*, como a descrição de suas colunas em jornal, rádio e revista. Apesar de citar que foi ele o fundador do *blog*, não dá destaque diferente para o seu perfil.

A estratégia neste discurso é a de que todos estão habilitados a dar a informação adequada sobre o turismo e o contrato proposto ao TUd é o de que todos os *posts* do *blog* são confiáveis e tem a supervisão do grande mentor do negócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos de apresentação nos *blogs* analisados demonstram importantes características comuns entre os *blogueiros* de viagem e que puderam ser verificados na pesquisa feita pela ABBV, mencionada anteriormente.



Uma das características importantes verificadas na análise é que não se trata de amadores, que pensam saber sobre turismo e que escrevem somente porque gostam do assunto. A maioria possui formação acadêmica, alguns com mestrado e doutorado que os habilitam a trabalhar com comunicação. São curiosos e gostam de compartilhar informações. Veem a internet e a ferramenta como meio de comunicação que deve ser confiável e honesta com seus leitores.

A idade dos *blogueiros* não é citada e não se torna fundamental para os discursos. Mas pelos relatos das experiências profissionais e de vida e pelas fotografias, é possível perceber que estão na faixa dos 30 aos 40 anos em maioria. Assim como, também, poucos mencionam onde residem, pois ser um cidadão do mundo pode ser uma vantagem deste profissional. A não ser no caso de *um* blog especializado em um roteiro, como o Conexão Paris, onde o autor estar residindo no local tratado dá mais credibilidade.

A maioria dos que trabalham nos blogs analisados são mulheres e elas se autodenominam como curiosas, inquietas e *amantes das letras*. Além disso, os *blogueiros* enfatizam o prazer que possuem em viajar e em compartilhar suas descobertas com os outros.

Estas características e o fato de que possuem afinidade com a internet os aproximam do atual perfil do turista, conectado e bem informado, que se mantém atualizado e que exige qualidade e transparência em suas relações. Desta forma torna-se possível compreender porque alguns *blogs* se destacam no segmento e permanecem no mercado por tantos anos.

Enfim, por mais diferenciados que sejam os *blogs* de viagem é possível evidenciar características comuns em seus autores e o estudo alcança relevância para quem pretende estudar o turismo nas mídias digitais, já que revela quem são os produtores dos atos de fala e, sabendo quem o discurso faz falar, juntamente com as circunstâncias de produção, a interpretação dos sentidos torna-se mais adequada.

REFERÊNCIAS

ABBV. **ABBV**. http://www.abbv.net.br (acesso em 26 de 12 de 2015).

AMADEUS. Disponível em: http://www.amadeus1a.com. br/arquivos/empowering.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e Discurso, modos de organização. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal - Ensaio sobre a sociedade do Hiperconsumo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

SWARBROOKE, John. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

Think With Google. Disponível em: <www.thinkwithgoogle.com>. Acesso em: 04 nov. 2011.



A INTERDISCIPLINARIDADE E A TOTALIDADE COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DA FRAGMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

INTERDISCIPLINARITY AND ENTIRETY AS FORM OF KNOWLEDGE FRAGMENTATION OVERCOMING

Anna Paula Cardoso de Paula Patruni (UNIOESTE)¹ Elaine Cristina Francisco Volpato (UNIOESTE)²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo a análise da interdisciplinaridade como proposta de superação para a fragmentação da consciência decorrente do surgimento das ciências e do imenso volume de conhecimento advindo desse processo. A intenção é entendermos a totalidade como chave para o enfrentamento desse fenômeno e como forma de supra-assunção e coesão desses conhecimentos, entendida nesse estudo como conexão. Para tanto estudaremos a evolução histórica das ciências desde seu surgimento e as possibilidades de união do saber, utilizando a interdisciplinaridade como ferramenta para ampliar a produção do conhecimento de forma integrada e útil. A metodologia aplicada foi o resgate bibliográfico, observando o desenvol-

vimento histórico e a dicotomia revelada ao percebemos que o conhecimento que iniciou totalitário evoluiu para a fragmentação através da especialização das disciplinas e retorna nos dias atuais com a finalidade de discutir a interligação dos saberes. A proposta é a de integração do conhecimento tendo como princípio o homem como ponto de partida e chegada, assim como o entendimento da totalidade na sua concepção dialética.

Palavras-chave: Filosofia. Ciência. Interdisciplinaridade. Totalidade

Abstract: This article aims to analyze interdisciplinarity as a proposal for overcoming to the fragmentation of consciousness due to the rise of science and the immense volume of knowledge provided this process. The intention is to understand the totality as key to addressing this phenomenon and as a form of supra-taking and cohesion of this knowledge, understood in this study as connection. For this study the historical evolution of science since its inception, and the union of possibilities of knowledge, using interdisciplinarity as a tool to expand the production of integrated and useful knowledge. The methodology used was the bibliographical rescue, noting the historical development and the

¹ Mestranda em Sociedade, Cultura e Fronteira da UNIOESTE-PR, advogada especialista em direito do trabalho e previdenciário e professora. E-mail: annapaulapatruni@gmail.com

² Doutora e Mestre em Direito, advogada, professora da UNIOESTE-PR. E-mail: elacrisfr@hotmail.com



dichotomy revealed to realize that the knowledge that began totalitarian evolved into fragmentation through specialization of disciplines and returns these days in order to discuss the interconnection of knowledge. The proposal is the integration of knowledge based on the principle the man as a starting point and arrival, as well as the understanding of all in its dialectical conception.

Keywords: Philosophy. Science. Interdisciplinarity. Entirety

INTRODUÇÃO

O objetivo de refletir sobre a crise resultante da fragmentação do conhecimento na modernidade, bem como pela superação do uso indiscriminado (e até vulgar) do termo interdisciplinaridade, possibilitou no presente ensaio chegarmos ao entendimento da totalidade em sua concepção dialética. O que se fez, minimamente possível, após o retorno ao estudo da evolução do pensamento universal, peculiares aos filósofos. Assim, do surgimento das ciências e das disciplinas, se busca superar o modo de analise restrito ao horizonte disciplinar, para possibilitar complementar o salto de conhecimento, que inegavelmente ocorreu após o rompimento dos estudos através da totalidade dado desenvolvimento das ciências como disciplinas autônomas.

A interdisciplinaridade, na análise de Frigotto (1995, p.26), impõe-se pela própria forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social. Ela funda-se no caráter dialético da realidade social, pautado pelo princípio da contradição, pelo qual a realidade pode ser percebida, ao mesmo tempo, como una e diversa. Algo que nos impõe delimitar os objetos de estudo demarcando seus campos sem, contudo, fragmentá-los.

Porém ainda antes de estudarmos a interdisciplinaridade é importante revisitar algumas das teorias de pensadores que contribuíram para a formação do pensamento filosófico como conhecemos atualmente e os diferentes métodos utilizados para construção de um pensamento racional. O presente texto traz uma explanação acerca da totalidade com ênfase na concepção dialética, ou seja, sem limitar à análise do todo e das partes, e sim buscando entender seu caráter dialético do saber.

A BUSCA DO CONHECIMENTO

Estudar sobre as origens da humanidade e da construção do conhecimento é um exercício fascinante, que proporciona um verdadeiro resgate de métodos e experiências, revivendo o misticismo e o feiticismo religioso, evoluindo para o racionalismo de forma objetiva, entendendo o desenvolvimento da especialização e a consequente eliminação do sujeito de sua análise.



A construção da ideia e do conhecimento, segundo Andery (1996, p. 12), está diretamente relacionada com o processo das necessidades humana, onde parte do conhecimento produzido por ele deriva do conhecimento do mundo e parte do surgimento das ciências deriva da satisfação de suas necessidades. Não sendo dessa forma a produção do conhecimento científico uma prerrogativa do homem moderno. A satisfação das necessidades humanas e o conhecimento produzido atuam como geradoras de ideias.

A interação homem e natureza levaram ao desenvolvimento de meios de sobrevivência e mesmo que de maneira não intencional a humanidade pode desenvolver e reproduzir novas formas de conhecimento. Uma vez clara e presente essa simbiótica relação do homem e a natureza e a inerente curiosidade do homem em entender esse ambiente e seus fenômenos, cresce a vontade da busca do saber. Porém para o desenvolvimento do pensamento faz-se necessário tempo livre, o que na época o homem não possuía.

Nas sociedades primitivas o homem angariava sua sobrevivência de forma rudimentar e imediata, normalmente organizado em pequenos grupos familiares onde apesar de presente à divisão do trabalho, a mesma não previa a produção de excedente, muito menos a possibilidade de armazenamento ou a troca de produtos (comércio). Conforme nos ensina Andery (1996, p.20), "o desenvolvimentos das técnicas e utensílios e sua melhor utilização levaram a produção do excedente" e, estes novos meio de trabalho e produção, agregados ao desenvolvimento do escravismo dos povos vencidos em guerras, propiciaram o início do pensamento científico filosófico.

No decorrer da história vários pensadores dedicaram-se ao estudo da filosofia como um fim em si mesmo, apartando-a do caráter religioso ou anímico anteriormente conferido. Porém o que faz com que esse conhecimento racional se torne ciência e resista à comprovação através de métodos científicos, é a necessidade de explicar como esses processos e esses conhecimentos empiricamente adquiridos na natureza se explicam.

O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DA FILOSOFIA

Diante da necessidade do homem de explicar e compreender o mundo ao seu redor, os filósofos destacam-se nessa função, e encontram na Grécia um berço para seu desenvolvimento em busca da sabedoria. Segundo Reale (2003, p. 21), a busca para a clássica pergunta, "Qual é a origem de todas as coisas?" será encontrada com plena consciência através do estudo da totalidade da realidade e de ser entendida como objeto da filosofia. Para Andery (1996, p. 21), diversas foram às tentativas humanas



em propor respostas racionais a *physis*, porém para fins didáticos estudaremos essa evolução através dos períodos de divisão da história Grega, iniciando pelo período Homérico onde se desenvolve a base da civilização grega.

Esse período apesar de bastante conturbado por guerras, trouxe muitas alterações sociais para a Grécia (como mudança da monarquia para a aristocracia) alterando toda organização política social e por consequência toda divisão do trabalho e de meios de produção ali existente, o que por sua vez influencia fortemente a vida social e a formação de ideias.

Hesíodo e Homero representantes dessa época apesar de possuírem pensamentos e concepções socialmente diferentes, em seus textos ambos ao referirem-se aos deuses, humanizava-os e aproximava-os dos homens, minimizando a existência da dogmática e permitindo a liberdade do pensamento.

Já no período Arcaico, ainda segundo Andery (1996, p.23), o grande destaque está no desenvolvimento da *polis*, no forte desenvolvimento do comércio e na alteração política e social, gerando grandes diferenças econômicas entre seu povo. Tal período é marcado pelo crescimento da escravidão, o que permitiu que os "ricos", livres do trabalho diário, dedicassem seu tempo à busca do pensamento racional.

Muitos filósofos surgiram nesse período e são classificados como naturalistas ou ainda filósofos da *physis*. Seus estudos baseiam-se na natureza e na formação do universal, utilizando para isso a inves-

tigação através do *Arché*, elemento primordial da qual derivam todas as coisas. Porém cada filósofo dessa época encontrou seu próprio *Arché*, afastando-se dessa forma do místico, para as explicações através da natureza.

Para Tales de Mileto, o elemento primordial era a água, então compreendida como princípio conceitual, que através de sua forma líquida, originária, onde dela tudo deriva, sendo inclusive água igual a Deus. Na explicação de Giovanni Reale:

Com efeito a sua água coincidia com o divino: dizia ele que "Deus é a coisa mais antiga, porque incriada", ou seja, porque princípio. Desse modo, se introduz no pensamento uma nova concepção de Deus: trata-se de uma concepção na qual predomina a razão, destinada, enquanto tal, a logo eliminar todos os deuses do politeísmo fantástico-poético dos gregos. (REALE, 2003, p.31).

Anaximandro de Mileto, discípulo de Tales, discorda de seu mestre, identificando seu *Arché* em um elemento indeterminado, não encontrado na natureza, que denominou *a-peiron*, que segundo Reale (2003, p.31) significa "aquilo que é privado de limites, tanto externos [...] quanto internos", dos quais se derivariam todos os demais elementos de forma indeterminada". Ainda citando Andery vemos que esses pensadores de Mileto, mudaram sua maneira de construção do pensamento, em suas palavras:



[...] foram capazes de, partindo da observação dos fenômenos da natureza, elaborar conceitos ou ideias abstratas, construindo, assim, as marcas do primeiro momento de ruptura com o pensamento místico. (ANDERY,1996, p. 43).

Já Pitágoras, tentou explicar o início de tudo através dos números e de seus componentes. Inspirado pela música e seus acordes, acreditava que tudo era número e harmonia, onde a partir deles, todas as coisas poderiam ser mensuradas, como o tempo de colheita, ciclo de movimento dos astros, etc. Nessa teoria podemos ainda presenciar o misticismo, assim explicada por Andery (1996, p. 31) "[...] a teoria dos números iniciado por Pitágoras continha um aspecto místico: ao número era associado um poder extraordinário, pode-se dizer divino.". Vários outros filósofos explicaram o princípio de tudo em *Archés* diversos, como Heráclito de Eféso que atribuiu ao fogo o princípio fundamental de todas as coisas, para Reale:

Todas as coisas são uma troca do fogo e fogo uma troca de todas as coisas, [...] e Essa "harmonia" e "unidade dos opostos" é o "princípio", e, portanto, Deus ou o divino: "Deus é dia-noite, é inverno-verão, é guerra e paz, é saciedade e fome. (REALE, 2003, p.37)

Chegando ao período clássico, algumas cidades da Grécia atingiram seu apogeu e a consolidação da democracia tendo em Atenas seu destaque. Já do ponto de vista da produção do conhecimento, nesse

período destacam-se três filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles, que sem duvida influenciaram todo desenvolvimento da filosofia e da ciência. Esses três filósofos divergem em vários momentos, porém a tríade foi uníssona na superação da natureza como base do estudo, e em concentrar seus esforços tendo o homem como objeto central da produção desse conhecimento, e para tanto, todos propuseram novos métodos.

Sócrates acreditava no apriorismo, ou seja, que todo o homem pode conhecer a bondade e a sabedoria desde que bem orientados, porque todos os homens trazem a verdade dentro de si, em sua alma. Acreditava ainda que a sabedoria do homem dependia do seu autoconhecimento, e do reconhecimento dos seus limites, sendo o homem e suas virtudes, o centro de suas preocupações. Ademais o bem e a virtude eram por ele considerados como algo imutável e universal, sendo este o conhecimento a ser almejado pelos homens, para seu aprimoramento e de toda a sociedade, segundo Andery:

Sócrates é importante também pelo fato de que, indubitavelmente, respondendo às necessidades de seu tempo, foi capaz de somar à preocupação com o conhecimento da natureza a preocupação com o conhecimento do homem e da sociedade e seus aspectos éticos e políticos. (ANDERY,1996, p. 66).

Platão continua a ideia e a preocupação de Sócrates em construir homens e uma sociedade me-



lhor. Assim como Sócrates utilizou o diálogo para confrontar os homens em busca do conhecimento. Para Platão, vivemos entres dois mundos: O mundo sensível – onde encarnamos, e todas nossas experiências são construídas através de nossos sentidos. E o outro mundo, onde temos a verdadeira realidade, o Mundo Inteligível (das ideias). Platão difere de Sócrates ao detalhar e sistematizar o pensamento filosófico, dentro de um pensamento de síntese idealista, mas ambos desprezavam o conhecimento que temos através das coisas, pois estas não refletiriam a verdade, somente uma "sombra" da verdadeira realidade, conforme ele narra no Mito da caverna, escrito em seu livro, A República.

Portanto, somente através da dialética seria possível alcançar o conhecimento universal e imutável, uma vez que, o conhecimento universal não se apresenta no objeto e sim na ideia do objeto, na racionalidade do pensamento que se expressa, onde a universalidade dá origem à particularidade, porém, não está contida nela. Historicamente até Platão não há divisão conhecimento em disciplinas específicas. Já existia o estudo de matemática, mas ainda dentro da universalidade. Para Platão a totalidade do objeto está na totalidade das ideias, no mundo das ideias, ou seja, no mundo metafísico, fora da physis, e nas explicações de Andery:

Para Platão, filósofo era aquele que tivesse alcançado esse estágio do conhecimento; que tivesse, portanto, se desligado do mundo sensível e as

cendido ao mundo inteligível, por meio do conhecimento das ideias. O filósofo era que conhecia contemplativamente o real. (ANDERY,1996, p. 76).

Já a partir de Aristóteles, inicia-se o caminho para o desenvolvimento das ciências, é o momento onde verificamos que a totalidade começa a se fragmentar. Aristóteles apesar de discípulo de Platão refuta várias vezes seus conhecimentos, no entanto, também segue a ideia do conhecimento universal, não se contentando com o particular, mas alegando que o universal pode não estar nos sentidos e nas experiências, somente se iniciando através destes. Acreditava no estudo do conhecimento partindo do particular e objetivando alcançar o universal (onde está o campo do verdadeiro conhecimento), através do método Indutivo. Porém ressalta sempre que somente no campo universal podemos fazer a verdadeira ciência. Criou ainda o método dedutivo, onde parte-se do universal para alcançar o particular, a especificidade, a especialidade, através do silogismo, abrindo as portas para o particular, criando a segmentação das ciências e abandonando a totalidade, criando um problema que a interdisciplinaridade atualmente busca resolver.

Aristóteles ainda estudou a classificação de animais e plantas, onde se pode observar a classificação partindo do particular para o universal e desse conhecimento para um conhecimento superior. O que reforça o início dos estudos e desenvolvimentos das ciências. Porém, segundo Andery:



O pensamento de Aristóteles não se esgotou na sua concepção de mundo ou na elaboração de explicações referentes aos mais diversos fenômenos. Ao contrário, parte fundamental de sua obra, que exerceu forte influência sobre pensadores posteriores, refere-se a como chega-se ao conhecimento.[...] Aristóteles desenvolveu o que considerava o método que os homens deveriam usar para chegar a esse conhecimento. (ANDERY,1996, p. 88).

Indiscutivelmente Aristóteles foi responsável por um grande avanço no processo do conhecimento e por muitos séculos sua visão do mundo e suas explicações e propostas metodológicas imperaram como modelo da ciência. Devido a grandes mudanças sociais e políticas, houve um "congelamento" dessas propostas por muitos anos, retornando com pensadores como Galileu e Bacon.

O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS NA MODERNIDADE

Define Andery (1996, p.13) que a ciência caracteriza-se por ser a tentativa do homem entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância permita a atuação humana, e que a ciência como tentativa de explicar a realidade, caracteriza-se por ser uma atividade metódica, ou seja, através de ações que possam ser reproduzidas. Como vimos anteriormente Aristóteles desenvolveu diversos estudos e métodos, uma

dessas determinações concentrava-se na fixidez das coisas, dizia que quanto mais fixo o objeto, mais perfeito seria.

Este pensamento é atribuído pela sua visão aristocrática das coisas que influenciou a formação de uma sociedade de classes (hierarquia), onde eram ordenadas em classes predeterminadas, fixas e que assim deveriam permanecer. O pensamento de manutenção do "status quo" vem influenciar outras gerações e perdurou durante toda Idade Média, influenciando todo período histórico do feudalismo até o surgimento da hipótese heliocêntrica de Copérnico, que apesar de não parecer ter relação direta com a divisão de classes sociais, questionava toda a premissa de hierarquia social e colocava em risco sua manutenção, motivo pelo qual a repressão desse novo modelo de sistema foi intensa.

Com o final do período medieval e a expansão do comércio e das produções fabris, outras mudanças sociais ocorreram. No campo das ideias e com o fim do pensamento aristotélico e o abandono do teocentrismo medieval, a relação homem- natureza volta para o centro das atenções. Nesse sentir Bacon foi um dos grandes pensadores e percursores em valorizar a capacidade do homem de conhecer e transformar a realidade. O início da ciência moderna teve com Galileu um grande pensador e através dele houve a destruição da ideia aristotélica do cosmo e a substituição do método lógico, pela utilização da geometria e da matemática como formas de fundamentação do método científico.



Newton e Galileu com suas descobertas alteram não somente a visão cosmológica de Aristóteles, mas também a função da filosofia e da relação consciente que o pensamento deve servir para a práxis social. Nesse momento também abandonase a perspectiva ontológica e a busca do universal, fundando-se as ciências modernas e as ciências particulares. Voltando a Bacon, este não somente altera e critica a forma de fazer ciência, como propõe a aplicação desta ao processo fabril. Desenvolve ainda, o método da Indução, onde o conhecimento deve ser gerado através da separação do fenômeno que desejamos estudar, assim com uma vasta experimentação, até alcançarmos o que ele chamou de "fatos privilegiados".

Nesse momento a ciência moderna tem seu início e transforma seus métodos e crenças, ou seja, descarta-se a importância do universal e parte para a prevalência das ciências particulares. Nesse momento, o universal ainda não está completamente abandonado nas ciências, pois ainda está contido nas leis, na quantificação e na matemática. E, somente por volta do ano de 1900 surgem ciências sociais, tendo sua base nas ciências naturais, utilizando suas metodologias, até o momento que reivindicaram também sua autonomia através da divisão em disciplinas que apesar de afins, possuem objetos distintos.

A FRAGMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E A INTERDISCIPLINARIDADE

O conhecimento tem uma relação prática e utilitária com domínio do homem sobre a natureza e suas leis, produzindo impacto e facilitação na vida. De acordo com Kosik, a ciência deve "reproduzir" artificialmente e experimentalmente este caminho natural da historia. Sobre o que se funda este experimento? "Sobre o fato de que a ciência alcança um distanciamento conveniente e motivado em cuja perspectiva as coisas e os acontecimentos se mostram de maneira adequada e isenta de falsificações" (KOSIK, 1972, p. 22).

Porém os objetos das ciências não se explicam só pela ciência, sofrem influências de fatores exteriores a ciência e das mudanças epistemológica. Ou seja, sofrem influencia do contexto histórico que está inserido além dos interesses que advém de fora da academia. A discussão da natureza do surgimento da ciência pode ser vista de diferentes abordagens, mas a dialética moderna nasce a partir da divisão entre o empirismo e racionalismo, ambos excluindo quase que completamente a característica religiosa como a relação do objeto de estudo com o homem e a sociedade.

Se por um lado o empirismo busca um método através do estudo da observação da natureza, o racionalismo se fundamenta unicamente no ato de "conhecer o sujeito", o objeto se torna um simples



referencial, que por muitas vezes pode ser ignorado. Karel Kosik acerca da dialética e o processo do conhecimento traz a luz a seguinte reflexão:

A dialética trata da "coisa em si". Mas a "coisa em si" não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão, é necessário fazer não só um certo esforço, mas também um *détour*. Por este motivo o pensamento dialético distingue entre representação e conceito da coisa, com isso não pretendendo apenas distinguir duas formas e dois graus de conhecimento da realidade, mas especialmente e, sobretudo duas qualidades da *práxis* humana. (KOSIK, 1976, p. 13).

Na teoria marxista, o materialismo histórico busca ilustrar a historia da sociedade humana em todas as épocas, sob a totalidade da vida em sociedade, as ideias, as concepções, a politica, etc. Mas não era essa a visão predominante no auge do desenvolvimento das ciências modernas. Sem dúvida, através da divisão das disciplinas e do surgimento de novas ciências como campos autônomos do conhecimento, tivemos um salto em quantidade e qualidade nas mais diversas áreas, porém com o passar dos anos, e com o afastamento da preocupação já esboçada por Bacon, da utilidade do conhecimento desenvolvido para melhoria da sociedade, ou como diria mais tarde Marx, da falta da consciência sobre o conhecimento produzido e sua alienação das formas de produção, chegamos a um momento histórico onde se discute a falta da relevância social dos conteúdos curriculares das faculdades conforme nos alerta Follari (2011, p.125).

Marx já fazia criticas ao formato disciplinar e dissociado da *praxis* social adotado na modernidade e na pós-modernidade, para Carvalho, apud Godelier (1981, p.169), o método marxista consiste em partir, não da divisão do trabalho no interior dos diversos processos concretos de produção, mas dos "meios de trabalho, isto é, das forças produtivas da sociedade, das pressões que impõem e das possibilidade que oferecem a essa sociedade para extrair da natureza sua condições materiais de existencial.

Segundo, Morin e Alvarenga (2011) as "tecnociências" passaram a comandar o futuro social, sem ter comando de si próprias, isto é, incidindo sobre o espaço social, sem a devida reflexão filosófica de sua natureza e do exercício de seu poder. Deste modo, os efeitos negativos da produção (massificada) e a aplicação (vinculada aos princípios de mercado) do conhecimento humano, gerou um cenário propício para existir uma "ciência sem consciência".

Ensinamento que nos remete a Bianchetti *et al.* (2011, p. 25), onde após estudar outros autores a respeito da interdisciplinaridade, depreende-se destes estudos dois principais pressupostos para sua análise. O primeiro que a fragmentação do conhecimento leva o homem a não ter domínio sobre o próprio conhecimento produzido e que em decorrência disso (segundo) passa a ser considerada uma "doença" e a comprometer a produção do conhecimento. Porém



acompanharemos o pensamento do autor que mais a frente, na mesma obra, discorda do segundo pressuposto e acredita que " [...] tanto a disciplinaridade com a interdisciplinaridade se impõe historicamente, ambas sendo filhas do tempo". (BIANCHETTI, 2011, p. 31) e não uma doença.

Porém para falarmos em ruptura da ciência moderna para um pensamento totalitário para Alvarenga et al (2011, p.13) se faz necessário entender a primazia do método científico, que direciona toda a produção do conhecimento no mundo moderno e contemporâneo. Logo, somente será possível que os conhecimentos produzidos, ainda que fragmentados pelas ciências, sejam incorporados à práxis social, através da interdisciplinaridade. Porém esta, não deve nunca ser pensada sem o contexto histórico social, caso contrário deixaria de considerar a materialidade histórica na relação entre produção do conhecimento e produção da existência.

A INTERDISCIPLINARIDADE E TOTALIDADE

A interdisciplinaridade surge como forma alternativa para produção do conhecimento, para Alvarenga *et al.* (2011, p.20), é "percussora, não somente nas críticas, mas, sobretudo, na busca de responsabilidade aos limites do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar da ciência clássica." agindo como um modo inovador na produção do conheci-

mento científico. Portanto, faz-se necessário considerar o pensamento do filósofo e humanista francês Georges Gudorf, de modo a integrar o conhecimento e humanização da ciência tendo como princípio, o homem como ponto de partida e chegada e entender que a fragmentação promove rupturas entre o conhecimento da natureza e do mundo social.

Porém, como já ensina Frigotto: a interdisciplinaridade impõe-se como necessidade e como problema no plano material, histórico-cultural e epistemológico (2011, p.29). Uma vez entendida a interdisciplinaridade como necessidade histórica social e não um ato de mera vontade, não se pode esquecer que essa necessidade surgiu pela ruptura do conhecimento unificado e de uma sociedade cada vez mais complexa e fragmentada.

Diante disso o estudo da interdisciplinaridade que seja afastado da totalidade, que entenda o homem como uma construção histórico-social, não contempla e permite a compreensão do real. Ademais, como bem ensina Severino, para superar a fragmentação não se faz necessária a destruição das especialidades, mas trata-se, muito mais, de restaurar a perspectiva da totalidade numa dimensão nova, a dialética. Para Karel Kosik a totalidade se expressa da seguinte forma:

> Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de



fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo. (KOSIK, 1976, p. 39).

Assim, a compreensão da categoria totalidade concreta se faz importante para o estudo da interdisciplinaridade na busca pelo conhecimento social. Gaudêncio Frigotto na sua explicação a respeito da interdisciplinaridade e totalidade se aproxima do conceito de Kosik, como podemos observar:

Investigar dentro da concepção da totalidade concreta significa buscar explicitar, de um objeto de pesquisa delimitado, as múltiplas determinações e mediações históricas que o constitui. A historicidade dos fatos sociais consiste fundamentalmente na explicitação da multiplicidade de determinações fundamentais e secundárias que os produzem. (FRIGOTTO, 2008, p.44).

Frigotto por sua vez, ressalta a importância da interdisciplinaridade para o estudo dos fatos sociais, pois dessa forma garante a possibilita do estudo da totalidade, não como o todo real, mas sim de forma a analisar suas múltiplas determinações e mediações. Kant, segundo aponta Goldmann (1967, p.25), foi um dos primeiros pensadores modernos

a reconhecer a totalidade como categoria importante e problemática, uma vez que normalmente a consciência dos indivíduos encontra seus limites no próprio indivíduo. Em Goldmann (1967, p.48) "a filosofia da história de Kant é também, uma tentativa de conciliação das duas categorias: a universalidade racionalista e atomista e a totalidade concreta.".

E é nessa totalidade concreta que devemos encontrar a síntese entre matéria e consciência, fazendo parte do ser social, ou seja, além de sermos regidos por leis físicas, químicas e orgânicas, somos influenciados por leis sociais e de comportamento. Somos ao mesmo tempo regidos e regentes. Logo, apesar de possuirmos liberdade, esta é somente impelida pela necessidade da sobrevivência. Mas falar de liberdade para a satisfação das necessidades é retornar ao início desse trabalho, e entender sobre a busca de satisfação pessoal, a qual, de modo secundário, gera evoluções sociais. O trabalho nesse momento passa a ser o novo objeto ontológico da história.

Dessa forma para Lukács (1968, p.05) a consciência é um produto tardio, mas que ainda assim, no sentido gnosiológico do trabalho, o homem é levado a se deparar a certos conhecimentos pelo próprio trabalho, levado a conhecer as leis naturais e processos sociais que já existiam antes mesmo dele. E na medida em que o homem transforma os objetos e a sociedade, ele transforma a si mesmo, desenvolvendo um papel crescente nas relações e atos sociais, que dão significado aos atos humanos na



sua totalidade. Verificamos dessa forma, o trabalho como força plasmadora da totalidade ontológica e a relação desse objeto com o todo onde está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A totalidade sempre esteve presente no estudo da filosofia, apesar de renegada durante certo período histórico, foi a partir da totalidade que os primeiros estudiosos buscaram a explicação para os fenômenos da natureza. Vários filósofos contribuíram de forma intensa na busca do conhecimento, sendo que em alguns casos seus ensinamentos perduraram por séculos, e para esse fim criaram teorias e métodos que pudessem entender e repetir esse conhecimento.

Com o desenvolvimento da ciência na modernidade e a divisão do saber organizado em disciplinas distintas que estudavam objetos específicos, testando-os e analisando-os através de métodos próprios, a quantidade de saber se expandiu de forma grandiosa, fazendo com que a especialização fosse cada vez mais restrita e específica, tendo como consequência indesejada, a fragmentação do saber e a alienação do conhecimento, assimétrica ao desenvolvimento da sociedade contemporânea, complexa e fragmentada. A busca primordial das ciências sempre foi em busca de soluções para suas problemáticas, onde suas respostas seriam obtidas através de métodos racionais e possíveis de serem repetidos. Dessa forma, a ciência abandonou o entendi-

mento do mundo considerando o local e momento histórico onde esse objeto estava inserido, retirando sua característica social.

Vemos a importância do conhecimento inserido na sua utilidade social e também através do materialismo histórico de Marx, como método científico, e como reconhecimento que o objeto só pode ser plenamente estudado dentro de sua concepção histórica e social. A interdisciplinaridade surge como objeto histórico, uma vez que não ocorre por vontade dos indivíduos e sim por necessidade social. Aparece como forma de denuncia moral da fragmentação das disciplinas, pois através da fragmentação da consciência somos levados a uma visão caótica da realidade.

Majoritariamente a interdisciplinaridade ainda é compreendida como um conceito em aberto, não tendo uma definição clara e sim diversas definições. O desafio encontra-se no resgate da concepção de totalidade concreta para utilização da interdisciplinaridade para o alcance do conhecimento para a compreensão das múltiplas mediações que sintetizam determinado fato histórico.

A totalidade desde seu surgimento na forma mística, lida com a multiplicidade do real, e demonstra como cada um percebe a realidade de forma diferente dependendo da sociedade e do momento histórico em que está inserido. Somente pode ser compreendida após a ação da ciência para um melhor entendimento do objeto, e da determinação de um método para seu conhecimento.



Mas para escolha do método o cientista precisa conhecer o objeto, e esse conhecimento não advém unicamente da ciência, mas sofre influencias externas a ela, como as do contexto histórico em que estão inseridas para alcançar o objetivo da totalidade concreta.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M.A. A indução para o conhecimento eu conhecimento para a vida prática: Francis Bacon (1561-1656). PEREIRA, M.E.M. In: Para Compreender a Ciência - Uma perceptiva histórica. São Paulo: Educ, 1996. p.163-199.

ALVARENGA, Augusta Thereza et al. **Histórico, fundamentos filosóficos e teórico metodológicos da Interdisciplinaridade**. In. PHILLIPPI, JR, Arlindo. NETO, Antônio J. Silva. (orgs.). Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação. Barueri, SP: MANOLE, 2011. pp. 03-68

BACON, F. *Vida e Obra* (1561-1626). Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BIANCHETTI, L.B; JANTSCH, A.P. (Orgs.). **Interdisci- plinaridade para além da filosofia do sujeito.** Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BIANCHETTI, L.B FOLLARI, R.A. **Interdisciplinaridade e dialética: sobre um mal-entendido**. In. Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p.122-137.

BIANCHETTI, L.B FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problemas nas ciências sociais. In. Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p.34-59.

CARVALHO, E.A. (Org.). Godelier: **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1981.p.169

GOLDMANN, L. **A Filosofia Clássica e a Burguesia Ocidental**. Origem da Dialética - a Comunidade Humana e o Universo Em Kant. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1967. p. 19-40.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**; tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2.ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p.39.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. In: Congresso Filosófico Mundial. Viena, 1968. p. 01-18

REALE, G. **Gênese, Natureza e Desenvolvimento da Filosofia Antiga**. In: REALE, G. História da filosofia: filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus, 2003. p.03-70



PRÁTICAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA: SEMÂNTICA GLOBAL E CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* NA OBRA *O CRIME DO PADRE AMARO*, DE EÇA DE QUEIRÓS

PRACTICAL DISCURSIVE AND RELIGIOUS
REPRESENTATION: GLOBAL SEMANTICS AND
CONSTITUTION OF THE ETHOS IN THE BOOK CRIME
DO PADRE AMARO, OF EÇA DE QUEIRÓS

Ariane da Rosa Ferreira Caporal (UPF)¹

Resumo: o presente artigo tem como objetivo analisar as marcas discursivas que compõem o movimento Realista, tomando como corpus a obra O Crime do Padre Amaro (1982), de Eça de Queirós, sob a luz dos postulados de Dominique Maingueneau (1984/2008a; 2008b), acerca dos planos constitutivos da semântica global, cenas enunciativas e constituição do ethos em discursos e práticas evidenciados no corpus. Nesta perspectiva, buscar-se-á neste artigo fazer uma reflexão sobre os discursos que correspondem a sentidos e posicionamentos resultantes de experiências decorrentes da experiência humana, levando em conta o homem (sujei-

to) em sua realidade natural e social, constituídas em uma comunidade discursiva. Ligado ao ato de enunciação, o *ethos* implica questões que levam em conta o ponto de vista do destinatário em relação ao seu enunciador. Verificou-se que, ao se levantar questões relativas ao comportamento de alguns religiosos expressos no *corpus*, o *ethos* põe-se em jogo, por não conferir uma única "imagem", moldando-se de acordo com o lugar em que se estabelece discursivamente, considerando a condição de discurso da religião e a prática dos membros da instituição mais antiga do mundo, a Igreja Católica.

Palavras-Chave: Discurso. Religião. Semântica global. *Ethos*.

Abstract: This present article aims to analyze the discursive brands that make up the realistic movement, taking as corpus the book O crime do padre Amaro (1982) of Eça de Queiros, in the perpective of Dominique Maingueneau postulates (1984/2008a; 2008b), about the constituent plans of global semantics enunciative scenes and constitution of the *ethos* in discourse and practice evident in the corpus. In this perspective, it will be reason in this article to reflect on the speeches that correspond to directions and positions resulting from experience arising from human experience, taking into account

¹ Graduada em Letras - Universidade da Região da Campanha (URCAMP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: arianeferre@hotmail.com



the man (subject) in their natural and social reality, consisting in a discourse community. On the act of enunciation, the *ethos* implies questions that take into account the recipient's point of view in relation to its utterer. It was found that by raising questions concerning the behavior of some religious expressed in the corpus, the *ethos* is put into play, not to give a single "image" shaping up according to the place where it is established discursively, considering the speech condition of religion and the practice of members of the oldest institution in the world, the Catholic Church.

Keywords: Speech. Religion. Global semantics. *Ethos*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No proposto artigo, foi abarcada a temática amparada nos estudos discursivos e enunciativos do teórico francês Dominique Maingueneau sobre a dimensão discursiva voltada às extensões da semântica global, que oferecem um percurso teórico metodológico, possibilitando verificar a constituição da cenografia e do *ethos* discursivo.

O objetivo aqui é mostrar um estudo relativo à análise discursiva a partir dos pressupostos da Análise do Discurso Francesa, que, por meio dos estudos dos postulados de Maingueneau, se faz esse recorte teórico. Como *corpus*, uma obra Realista, *O crime do Padre Amaro*, para abrir possibilidades de

estudo, considerando o escopo de análise discursiva a que leva o *corpus*.

Quanto à organização das seções, apresentam-se em primeiro momento, algumas breves considerações sobre o movimento literário Realismo/Naturalismo, tomando como referência Carlos Reis (2003). Fazer referência ao movimento literário é necessário na busca de compreender que esta representação literária, empreendida pelo movimento, objetiva a valorizar observações dos costumes de seu tempo; por conseguinte, reporta-se aos planos constitutivos do discurso; em seguida tomam-se as noções de cenografia e *ethos*; por fim algumas considerações acerca do *corpus*, bem como a análise sob a luz do recorte teórico de Maingueneau (2008a, 2008b).

REALISMO-NATURALISMO: MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA DE UMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Por ser considerado um país atrasado, e por não integrar-se às transformações industriais, Portugal, nos meados do século XIX, encontra-se em retrocesso, diferentemente do restante da Europa. Em decorrência disto, o país, ainda ancorado naquela circunstância, estava em condições declinantes em razão da perda colonial. Conforme pontua Moisés (1994), era possível se ter uma mutação cultural, na qual eram buscadas informações em centros mais desenvolvidos da Europa e trazidas para o meio aca-



dêmico, sendo transformadas em temas para discussões nos círculos dos jovens estudantes.

Partindo de um ponto de vista intelectual, este século foi o mais produtivo no que diz respeito à literatura e história. Foi marcado também pelo liberalismo, mas, com tal liberdade, surge a própria contestação do sistema econômico-social, reivindicando uma real democratização. Em decorrência desses fatos, a produção literária cresce vertiginosamente na época. O homem cotidiano passou a buscar informações, consome jornais, revistas, romances, transformando-se em um sujeito crítico, que passou a ver seus problemas representados nas produções literárias.

O Realismo surge então, nesse momento, como manifestação artística de uma sociedade em transformação, focalizando o homem e as mazelas de uma sociedade que se ancora nos pressupostos sociológicos, calcando a preocupação em retratar a vida como ela é, na busca das causas determinantes da realidade social. Segundo Reis (2003), o Realismo concentra-se em obervar a realidade, constituindo assim um suporte metodológico de uma crítica social de convicções reformistas num quadro ideológico. Este movimento tem procedência francesa, a qual possui estreito vínculo com o Romantismo e Naturalismo:

Com o Romantismo, essa relação é de confronto e de superação, tanto no plano ideológico-doutrinário como, obviamente, no das práticas literárias; com o Naturalismo, essa relação é de convergência parcial, uma vez que o Realismo funda e consolida procedimentos técnico-literários depois reajustados e ideologicamente refinados, em contexto e com propósito Naturalista. (REIS, 2003, p. 436).

Conforme Reis (2003), o Naturalismo inserese neste quadro cientificista e determinista; como plano primeiro as experiências humanas calcadas como produtos de leis naturais, englobando o contexto histórico e características hereditárias. O autor ainda retoma sobre tais aspectos num plano social. Em uma carta destinada a Rodrigues de Freitas², Eça de Queirós faz referências às concepções que o Realismo, enfatizando justamente que o movimento literário estava destinado a ter na sociedade e nos costumes uma influência profunda:

Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar segundo o passado; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer a caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc.; e apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático – preparar a sua ruína. (QUEIRÓS apud REIS, 2003, p. 437).

² Carta de 30 de Março de 1878, a respeito da obra O Primo Bazílio (REIS, 2003, p. 437).



O Realismo passou a significar uma série de surgimento de novos temas na produção literária, cultivando, coforme acentua Reis (2003, p.439), demonstrações gritantes da dificuldade que o escritor realista experimenta quando se propõe a olhar e a descrever a realidade de forma efetiva e objetiva. Tais escolhas vêm ao encontro a temas dominantes, resultando em episódios da vida doméstica, familiar, cultural; se expandido a questões mais profundas, como o adultério, degradação do sentimento amoroso, ambição, corrupção, declínio moral religioso, enfim, temas que certamente se decorrem daquela realidade que Eça de Queirós propunha em suas cartas.

Ao considerar o contexto literário ao qual corresponde o *corpus*, pontua-se a seguir sobre os postulados de Dominique Maingueneau (2008a, 2008b) acerca das questões de semântica global, cenografia e *ethos*.

OS PLANOS CONSTITUTIVOS DO DISCURSO: POR UMA SEMÂNTICA GLOBAL

Trabalhar com a semântica global é trabalhar com o texto em uma visão global, não mais naquele restrito numa frase, mas visando um sentido situado ao longo do texto. Mainguenau (2008a, p.22), confere isso a uma libertação de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da significância que domina toda a discursividade. O teórico recusa a ideia de que há, no interior do fun-

damento discursivo, um lugar onde o enunciado, ou até mesmo a enunciação, em sua especificidade, se condensaria de maneira única e exclusiva.

Os planos constitutivos do discurso, de acordo com Maingueneau (2008a), estão ancorados nas possibilidades semânticas e na multiplicidade das dimensões discursivas:

Não constitui de forma alguma um modelo genérico em virtude do qual o enunciador escolheria previamente um tema, [...] depois um vocabulário [...] a própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo de textualidade. Sua única finalidade é ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global [...]. (MAINGUENE-AU, 2008a, p. 77).

Conforme tais pontuações do autor sobre os planos constitutivos do discurso, serão aclarado, os sete planos de Dominique Maingueneau (2008a), com propósito de uma nova abordagem ao estudo sob a perspectiva discursiva. Como reflexos de linguagem, os sete planos constituem-se em: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. Pondera-se cada plano a seguir.

A intertextualidade pressupõe ao campo discursivo em que outros textos estão presentes no dizer de cada sujeito, no campo religioso, por exemplo, trás ênfase sobre alguma ótica, a um marco social



que irá remeter a características mostradas ou constitutivas. Maingueneau (2008a, p.78) pontua a intertextualidade em dois níveis: intertextualidade interna, que remete ao trabalho da memória discursiva e intertextualidade externa, que um discurso define certa relação com outros campos citáveis ou não.

O vocabulário propõe que haja explorações semânticas contraditórias que, para Maingueneu (2008a, p. 80), a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente, os enunciadores serão levados a utilizar, escolher, aqueles vocábulos que marcam sua posição no campo discursivo.

Em um discurso o tema é um delimitador do que se pretende propor, aquilo de que o discurso irá abordar. Conforme Maingueneau (2008a, p. 83) um tema desenvolvido por um só discurso estará logicamente em estrita conformidade com ele; os temas que não são impostos pelo campo discursivo, podem estar ausentes de um discurso, mas aqueles que são impostos podem estar presentes de maneiras muito variadas.

Visto que os diversos modos de subjetividade enunciativa são dependentes de uma competência discursiva, pontua Maingueneau (2008a, p.87) sobre o plano do estatuto do enunciador e do destinatário, que confere que cada discurso determina o estatuto que o enunciador deve se atribuir e que deve atribuir a seu destinatário para validar seu dizer.

Para localizar tempo e espaço em um ato de enunciação, Maingueneau (2008a, p.89) compõe no

plano discursivo a dêixis enunciativa, que determina a instância de enunciação legítima, demarcando a cena e cronologia que o discurso constrói para possibilitar sua própria enunciação.

A maneira de dizer, em um discurso tem haver com o modo de enunciação. Maingueneau (2008, p.92-93) alude que o modo de enunciação respeita as mesmas restrições semânticas que regem o conteúdo de um discurso, pois este conteúdo toma "corpo" (corpo textual) graças ao modo de se enunciar que operam, por meio do enunciador, uma construção de "tom" (ênfase, maneira específica de se enunciar), caráter (figura, características do enunciador) e corporalidade (a maneira de habitar seu corpo de enunciador).

Ao modo de coesão, Maingueneau (2008a), remete este plano à maneira pela qual um discurso se constrói e se encadeia, conferindo a uma determinada formação discursiva. O teórico afirma que cada FD arquiteta seu discurso de modo condizente a seu sistema global se sentidos.

É, portanto, nesses sentidos globais que o discurso vai se mostrando, deixando transparecer-se por meio de pistas que efetivará e possibilitará a uma análise e que viabiliza apreender as singularidades do uso da linguagem, da atividade enunciativa/discursiva. Para tanto, segue na próxima seção teórica as noções de cenografia e *ethos*.



MAINGUENEAU, UMA TEORIA DE PERCURSOS E TRAÇOS DISCURSIVOS: DAS MARCAS À IMAGEM DE SI

O teórico francês Domimique Maingueneau traz, também, em seus estudos e pesquisas, conceitos que atuam em várias dimensões do universo discursivo. Dentre tais dimensões pontua-se, neste trabalho, as questões do percurso e marcas discursivas, que o autor nomeia como cena e cenografia, bem como a imagem de si, a noção de *ethos*, em consequência de cenas e cenografia discursivas.

Ancorada nos estudos de Charaudeau e Maingueneau (2008b, p.95) a noção de cena enunciativa pode ser compreendida como situação de comunicação, pois confere a um "espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que se 'coloca em cena', instaura seu próprio espaço de enunciação".

De acordo com Maingueneu (2008b, p. 70), "a cena enunciativa compõe três cenas: a englobante, a cena genérica e a cenografia". A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; a cena genérica corresponde ao gênero ou subgênero de discurso; já a cenografia é a própria enunciação, é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado, validando a enunciação.

Maingueneau (2008b) firma a noção de *ethos* em consequência de cenas e cenografia discursivas. A cenografia é uma construção enunciativa, dela

depreende-se o *ethos* ou os *ethé* discursivos. "A cenografia, com o *ethos* da qual ele participa, implica um processo de enlaçamento: desde sua emergência, a fala é carregada de certo *ethos* que se valida por meio da própria enunciação [...] a cenografia é aquilo de onde vem o discurso". (MAINGUENEAU, 2008b, p. 71).

Segundo o teórico, a cenografia legitima um enunciado que deve legitimá-la. A escolha da cenografia é plena de sentido esteja ela consciente disso ou não. Ao buscar tal encenação o sujeito pode modificar seu próprio estatuto, por sua própria enunciação, de modo a encená-la. Sendo a cenografia uma categoria que se encontra em um domínio no qual se é mais possível dialogar, conforme Freitas e Facin (2014, p.343), "a encenação de um discurso nada mais é do que as pistas deixadas por um enunciador que toma a palavra – referimo-nos aqui não apenas ao discurso oral, mas ao escrito também – e a partir dela legitima e valida seu dizer". Desse modo,

a cenografia é construída pelo próprio texto e não diz respeito a um espaço físico, como se o enunciador pertencesse a um ambiente "emoldurado", mas sim a um espaço que é validado por meio da própria enunciação: "a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir o seu próprio dispositivo de fala" (MAINGUENEAU, 2011, p. 87 apud FREITAS, FACIN p. 343-344).



O ethos, emergido de uma cenografia, transmite uma imagem do enunciador que pode ser construída por ele mesmo ou por seu destinatário em um ritual social da linguagem, em contextos sócio-históricos. E nesta relação entre imagem e transmissão desta a um destinatário é que se considera que:

- o ethos é uma ação discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma "imagem" do locutor exterior à fala; - o ethos é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; - o ethos é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 63).

Assim, a cenografia fornecerá vestígios ao destinatário sobre o *ethos* que dela será proveniente na ação discursiva, nesta interação com o outro, valendo-se da troca entre parceiros comunicativos ao que a cenografia e *ethos* possibilitam.

Maingueneau (2008b) assevera sobre o desdobramento da noção de *ethos* que resulta da interação de *ethos* pré-discursivo ou *ethos* prévio com o *ethos* discursivo (*ethos* mostrado e *ethos* dito), resultando no *ethos* efetivo.

O ethos de um discurso é proveniente de condições e causas que são peculiares ao discurso que, por fim, se relacionam. O ethos pré-discursivo ou ethos prévio pressupõe a ideia que o coenunciador constrói ou já preestabeleceu sobre o enunciador. No ethos discursivo inscrevem-se o ethos mostrado, que são as pistas fornecidas (consciente ou inconsciente) pelo enunciador (que este deixa escapar) no campo do não-explícito; e o dito que confere a referências diretas do enunciador, calcadas no campo do explícito. Já o ethos efetivo é resultado da integração de diversas instâncias enunciativas que, conforme Maingueneau (2008b, p. 71) "é tal ou qual o destinatário constrói, cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso".

É importante ressaltar que *ethos* provém da retórica de Aristóteles, para o filósofo este *ethos* consiste em caráter, transpor uma boa impressão no decorrer da construção de seu discurso (ligado à oralidade), produzindo, assim, um efeito de confiança ou autoidade aos seus destinatários. Esta imagem de si, deste *ethos* retórico, age no público como um artifício de persuasão ou até mesmo de moral por meio de argumentos. Para tanto,

A questão da autoridade moral ligada à pessoa do orador se recoloca: em um primeiro sentido, trata-se realmente dos seus caracteres reais. Assim, Bourdaloue afirma que "1. o orador convencerá por argumentos, se, para bem dizer, ele começar por pensar bem. 2. Ele agradará pelos seus modos, se, para, pensar bem, ele começar por bem viver". (AMOSSY, 2014, p.18).

Desta forma, tais caracteres oratórios, evidenciados quando o *ethos* se posta como o "orador digno de fé", evidenciam fortemente que seus desti-



natários irão confiar, produzindo, então, uma boa imagem deste que os fala, conferindo-lhe autoridade no discurso proferido.

Posto tais considerações sobre os estudos teórico-metodológicos do autor francês, encerra-se esta seção teórica que refletiu sobre esses recortes nas teorias a fim de contribuir para a análise deste trabalho. Segue na próxima seção, algumas considerações acerca do *corpus* em análise.

CRIME DO PADRE AMARO, UMA OBRA ICONOCLASTA

Uma obra curiosa, de caráter iconoclasta³ e socialmente desconstruidora de valores e morais éticas de seu tempo (assim como outras obras de assinatura de Eça de Queirós)⁴, *O Crime do Padre Amaro* rompe com os ideais e princípios da organização religiosa explicitada no *corpus*.

[...] A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 e mostrar-lhe, como num espelho que triste país eles formam - eles e elas. É o meu fim

nas "Cenas da Vida Portuguesa". É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso - e, com todo respeito pelas instituições de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações que lhe dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo? [...]. (QUEIRÓS, 2008, p. 312).

Eça de Queirós procura realizar uma denúncia sobre aqueles que julga fazerem parte de uma sociedade "podre", era então criticar para corrigir. Neste seu discurso, o autor já propõe uma cena que legitima seu dizer: e, com todo respeito pelas instituições de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações que lhe dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo?

Nesse recorte, Queirós, em carta para Teófilo Braga ao escrever uma de suas grandes obras (O primo Basílio), também de cunho social/imoral, designa não só a Teófilo, como a também a seus outros destinatários (leitores), sua pretensão a uma crítica direta a uma sociedade sem escrúpulos e à pequena burguesia da província, desenhando largas críticas da vida daquela gente.

³ Iconoclasta, pois esta referência é feita para "um destruidor de imagens religiosas", como assim foi a obra O crime do Padre Amaro, o primeiro livro em língua portuguesa a encarar de frente o problema do sexo; além de adultério, na sua banalidade quotidiana, evidente muito aquém do crime fradesco da quebra do celibato [...] provocando horror a instituição religiosa [...] aspectos marcantes da vida religiosa da província em contraste com a pobreza que campeava as aldeias[...]. (MOOG, 1977, p. 217-218).

⁴ José Maria Eça de Queirós tornou-se um dos maiores escritores em Língua Portuguesa, uma espécie de divisor de águas linguístico entre a tradição e a modernidade. Com a publicação da versão definitiva de O Crime do Padre Amaro, inicia-se uma importante carreira e passa a escrever em coerência com ideias aceitas, obras de combate às instituições vigentes e reforma social. (MOOG, 1977, p. 21).



DAS MARCAS DISCURSIVAS: ANÁLISE DO CORPUS

Visto que o vocabulário é um repertório linguístico em que o sujeito faz suas escolhas para constituir seu dizer, seu discurso, sua obra, as cristalizações de palavras, que fazem sentido, denotam o peso de cada uma em um discurso. Quando o escritor se utiliza dos vocábulos sociedade podre, A minha ambição, que triste país eles formam - eles e elas, por mais que cada um tenha sua significação, farão sentido em um contexto. Então, quando se tem a intenção de escrever algo, como Eça de Queirós teve e anunciou isto, impôs e determinou seus propósitos em mais diversos contextos: familiar, político, religioso, sendo o último o intento de análise neste artigo.

Dessa forma, tal plano permitiu constatar que o escritor faz uso de um vocabulário de afrontamento, imoral, que não condizia com a condição do quadro social pintado naquele século. Eça de Queirós faz uso de um repertório que faz sentido, mesmo um vocabulário que visa construir ou desconstruir uma

imagem, para determinada cultura e também ideologia⁵ de dada época.

Observa-se que o comportamento dos religio-

sos integrantes do clero, expresso no corpus, deveria ser exemplo para aqueles que seguem esta mesma ideologia, pois é assim que o dito sistema se conserva e compreende. Conforme Maingueneau (2015), o enunciador, membro de uma comunidade discursiva, aqui representada pela religião, o catolicismo, dirigi-se aos seus destinatários definindo seu estatuto, para legitimar seu dizer, em sua atividade discursiva, nos sermões, enfim. Porém, os atos e práticas de padre Amaro e de outros padres colidem com os princípios, discursos e ensinamentos do catolicismo, bem como os Dogmas, Mandamentos, Leis e Documentos que regem um ideal, um estatuto, uma verdade única, que institui o certo e o errado para quem os segue. Mesmo assim, em suas vidas, na prática, os membros religiosos, representados no corpus, contrariam todo o discurso conservador da Igreja:

E se me vem agora com coisas de moral, isso faz-me rir. A moral é para a escola e o sermão. Cá na vida faço isto, o senhor aquilo e os outros

⁵ Pontuar a questão ideológica não é o objetivo neste artigo, apesar desta se fazer presente neste decorrer. O que é de suma importância é ponderar que esta questão recebe um destaque na literatura, mais especificamente, nas produções literárias de cunho Realista/Naturalista como no corpus aqui apresentado. Observa-se uma época marcada pela valorização da liberdade e denuncia à sociedade, abordada intimamente a questão sexual no meio religioso, sendo esta a prática que rompe com os princípios da Igreja Católica. São muitos os teóricos que abarcam essa questão de ideologia, visto que este ponto é inerente ao discurso. A ideologia se faz presente em todos os tipos de discursos, com o objetivo de "relevar" as práticas de um determinado grupo social. Possui razões muito determinadas para seguir e se conservar, é uma certa maneira de produção de ideias pela sociedade ou por formas históricas e relações sociais.



o que podem. O padre-mestre que já tem idade agarra-se com a velha, eu arranjo-me com a pequena. É triste, mas que quer? É a natureza que manda. Somos homens. E como sacerdotes, para a honra da classe, o que temos é fazer costas. (QUEIRÓS, 1982, p.195).

O estatuto do enunciador e do destinatário alude que uma fala não é livre, segue-se um estatuto, se faz parte dessa comunidade discursiva, deve entrar em questão o que e como deve ser dito, respeitando, como já dito, tal estatuto.

Mas o que se tem nesse fragmento, é uma situação discursiva contraditória, que entra em questão a subjetividade do "eu", em que padre Amaro dialoga com o cônego Dias, justificando suas atitudes, dizendo que o padre-mestre não tem moral para questionar seu comportamento.

Visto que o tema faz alusão àquilo de que um discurso trata, o que se tem, nesse caso é um tema de cunho religioso, ao mesmo tempo desmoralizador. A trama em si, do *corpus*, gira em torno da temática da religião, do catolicismo, porém esta noção basilar que opera tais questões religiosas se perde nesse percurso discursivo. Maingueneau (2008a) reflete sobre essa contradição: dois discursos em conflito, mas que falem da mesma coisa. O teórico pondera que as restrições semânticas obram temas de maneiras divergentes, e que é nessa divergência que cada grupo discursivo se integra e é aceito por ambas as partes.

Por conseguinte, se observa que na própria enunciação de padre Amaro existe um discurso adversário, distintamente. No ato enunciativo de Amaro, tem-se uma situação discursiva instável, ora se é um padre dedicado à vida devota e a todos os princípios cristãos, ora se é o "homem do mundo" atrelado a todas as vicissitudes da vida terrena, sujeitado a pecar, a cair nas paixões que vida fora da castidade oferece. Tudo isso em torno de uma temática, coexistindo no mesmo campo discursivo. O que acontece, de fato, é que cada discurso da personagem será moldado conforme cada destinatário, com cada espaço enunciativo, com cada parceiro de comunicação.

A adequação do sujeito às práticas e formações discursivas, tem haver com os modos de coesão. É neste plano que se inclui a maneira pela qual um discurso se constrói e se encadeia. Quando se diz que o pároco é representante de Deus na terra, compreende-se que ele é veículo, o porta-voz da palavra do Senhor, pois trata de um discurso de autoria sabida, mas não estabelecida, uma vez que o discurso é construído como uma verdade não sua, mas sim de Deus. Maingueneau (2008a, p.96) salienta que "a consciência dos sujeitos aparece como uma cena na qual vêm inscreverem-se ideias produzidas alhures, mais do que como uma instância dotada de um dinamismo próprio".

Ao consolidar a dêixis enunciativa a esta análise, pondera-se a seguinte passagem: "Cá na minha



vida eu faço isto, o senhor aquilo..." ficam evidentes as marcas discursivas que instituem e delimitam a cena a partir desses dizeres; o "Cá" marca este espaço numa compreensão de que o que foi instituído pela Igreja não tem valor na vida particular de cada um, mesmo se tratando de padres.

Registra-se, nesse tipo de discurso, o religioso, uma forte marca persuasiva, isto é, busca-se convencer por meio da palavra, de argumentos dominadores. Tais argumentos inserem-se no plano de modos de enunciação, ou seja, a maneira de dizer. O modo de enunciação da instituição religiosa é autoritária e irredutível. Segundo Maingueneau (2008a, p. 91), o discurso produz um espaço onde se desdobra uma voz que lhe é própria. O autor salienta ainda sobre a questão do tom, a ênfase que se dá de maneira específica ao dizer. E este tom incorpora o dizer e o adere, dando assim, credibilidade ao seu discurso.

A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS*: A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA EM OPOSIÇÃO A SUA PRÁTICA

As cenas enunciativas que compõem a ação discursiva expressa no *corpus*, partem de uma cena englobante que confere ao tipo de discurso, um discurso religioso, que tende a efeitos retóricos, técnicas argumentativas de persuasão, de sedução. A cena genérica também corresponde ao suporte e finalidades

deste discurso, as circunstâncias em eu foi produzido. O suporte confere ao romance, um texto literário.

A cenografia é, conforme Maingueneau (2008a) "a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado". As pistas que o texto deixa, evidenciados na obra, recobrem a representatividade dos religiosos, o que torna a cenografia agente importante para a compreensão desse recorte, que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação. Qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. "A cenografia, não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo texto" (AMOSSY, 2013, p.75). Uma carta de amor, fazendo apologia ao sexo, desejo e afeição pode ser enunciado, como no corpus, é evidente perceber, por um padre, no caso em que Pe. Amaro se dirige à Amélia por meio de cartas:

[...] tinha-lhe dado uma noite, à mesa do quino, um bilhetinho onde escrevera com boa letra, a tinta azul; — Desejo encontrá-la só, porque tenho muito que lhe falar. Onde pode ser sem inconveniente? Deus proteja o nosso afeto [...]. Deve ter compreendido que lhe voto um fervente afeto, e pela sua parte me parece, (se não me enganam esses olhos que são os faróis da minha vida, e como a estrela do navegante) que também tu, minha Ameliazinha, tens inclinação por quem tanto te adora; [...] eu anseio por te exprimir todo o fogo que me abrasa. (QUEIRÓS, 1982, p. 91-92).



Maingueneau (2015, p. 123) postula, citando carta de Pascal⁶, que é possível um afastamento da cena genérica efetiva de um texto, um texto que de fato repousa sobre uma cenografia original. Um homem religioso que escreve cartas em tom irônico, no caso de Amaro em tom amoroso, remetido à sexualidade. Segundo o teórico, a escolha desta cenografia é plena de sentido, esteja o enunciador consciente ou não disso. Portanto, Amaro modifica o próprio estatuto, por sua própria enunciação.

O corpus desencadeia uma cenografia plena de sentido, propositalmente, a fim de levar, por meio de sua enunciação, uma leitura mais atenta da materialidade do corpus. Ao tomar como análise a representatividade dos clérigos, em especial o Pe. Amaro, observa-se que a personagem se apropria de um processo discursivo, que joga com palavras e imagens simbólicas que compõe preceitos estereotipados calcados numa cultura dogmática com o objetivo de causar implicações de sentido.

O ethos que emerge desta cenografia antecipa que a personagem de Amaro confere a um jovem padre ético, que prima pela religião e que segue com afinco os propósitos do catolicismo. O que confere, assim, a um ethos prévio ou pré-discursivo que pressupõe a ideia que o coenunciador constrói ou já preestabeleceu sobre o enunciador, observáveis em

sua própria posição social, a religiosa. Um *ethos* tal ou qual o destinatário constrói cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso, obedecendo a suas marcas.

Porém, Pe. Amaro e outros padres levam uma vida mundana, individualista, plena de atos viciosos e imorais, pensam em si mesmos. O cônego Dias, por exemplo, só se preocupava com suas terras, em manter o conforto e os privilégios conseguidos graças à sua posição, objetivos muito contrários aos ensinamentos sacerdotais que duramente atingida nas figuras de Amaro e Dias, principalmente. Constróises aí um *ethos* amoral resultante de ações que desempenham um "desconstruir" do *ethos* moral que a Igreja produz. Segundo Amossy (2013), o *ethos* se modifica conforme as necessidades da causa. Pode, ao mesmo tempo, ser o detentor da verdade, pregador de moral e bons costumes, como também ser o pecador, manipulador e avesso à vida religiosa.

A representação, a construção do *ethos*, irá se moldar de acordo com a cena enunciativa, ou seja, ancorado no modo de enunciação. Padre Amaro e outros clérigos revelam claramente que não creem nos Sacramentos da Igreja. Tal fato é evidente em um diálogo com o cônego Dias durante o almoço percebe-se como o padre Natário revela sua falta de fé no que se refere ao Sacramento da confissão, se-

⁶ Em 23 de janeiro de 1656, Pascal escreve a primeira carta de suas "cartas a um provincial de seus amigos", primeiro texto de uma série conhecida pelo nome *Provinciais*. Nesta carta, Pascal informa a um amigo sobre pesquisa que realizou acerca do conflito em curso sobre jansenistas e a Sorbonne. (MAINGUENEAU, 2015, p.123).



gundo o qual, a confissão sacramental dos pecados está prescrita por direito divino e é necessária para a salvação da alma. Para isso, basta indicar a culpa da consciência, apenas aos sacerdotes, mediante a confissão secreta:

Pois o senhor toma a confissão a sério? [...] O senhor, por exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, tomou o seu café, fumou o seu cigarro, e que depois se vai sentar no confessionário, às vezes preocupado com negócios de família ou com faltas de dinheiro, ou com dores de cabeça, ou com dores de barriga, imagina o senhor que está ali como um Deus para absolver? [...]. (QUEIRÓS, 1982, p.66).

Dentre algumas ponderações sobre a questão de *ethos*, Maingueneau (2008b), citando A. Auchlin, pontua que nessa concepção há zonas de variação, dentre elas pode-se citar a percepção de um *ethos* mais ou menos fixo; que exista em determinado grupo social, que seja estável e respeite certas convenções, que é o caso de um *ethos* construído, fixo que adentra na religião, por meio de postulados convencionais. O que se pondera nessa passagem do *corpus* é um exemplo de que tais convenções fixas estão sujeitas a serem desconstruídas, neste jogo discursivo, por meio de práticas sociais que desconstruirão a imagem discursiva de autoritária e dogmática.

Amaro, em carta à Amélia, faz mescla de ideias contraditórias ao se enunciar, pondo em jogo o seu *ethos*, demonstrando seu amor ao mesmo tempo em

que não esquece sua posição como padre, não se desprendendo da imagem que representa na sociedade religiosa:

> Ameliazinha do meu coração, [...] era pela muita necessidade que tinha de lhe falar a sós, e as minhas intenções eram puras, e na inocência desta a/ma que tanto lhe quer e que não medita o pecado [...] tu apertaste a mão [...] até na celebração da missa estou sempre com o pensar em ti [...] Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliazinha, que até às vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos! [...] Pois eu anseio por te exprimir todo o fogo que me abrasa, bem como falar-te de coisas importantes, e sentir na minha mão a tua que eu desejo que me guie pelo caminho do amor, até aos êxtases duma felicidade celestial. Adeus, anjo feiticeiro, recebe a oferta do coração do teu amante e pai espiritual, Amaro. (QUEIRÓS, 1982, p.93).

Padre Amaro vivia nesta formação incerta de identidade. Se fosse considerado que *ethos* é um comportamento que articulado para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras, seria assim uma questão também de como se porta o enunciador diante os seus coenunciadores.

Por fim, padre Amaro acaba por constituir um *ethos* que escapa aos estereótipos que configuram o orador digno de fé, casto, cristão, conservador, concludente ao sistema religioso, um paradigma já consagrado no domínio deste tipo de enunciação. O que se sobressai é um *ethos* de um homem fraco que cede aos desejos carnais, que rompe com os pro-



pósitos das escolhas que fez, rompe com o modelo estereotipado de bom homem, de bom sacerdote.

Por conseguinte, Amaro, neste conturbado desencontro discursivo, em busca daquilo que nem ele mesmo saberia onde procurar, fosse na vida mundana ou religiosa, deixando, muitas vezes, a constituição de seu *ethos* ficar a cargo de sua própria consciência, no sentido em que seus conflitos internos eram efeitos de seu comportamento, resultando em uma representação modulada e contraditória a todo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto é visto não como um reflexo de uma realidade concreta, mas como base simbólica sobre a qual se constroem significados a partir de marcas textuais que podem ser relacionadas a determinados discursos, levando em consideração as condições de produção que abrangem desde a cena enunciativa até as determinações discursivas mais amplas, num sentido global.

Por conseguinte, trabalhar com a noção de *ethos* no campo discursivo religioso, no qual já são sacramentados alguns propósitos e ideologias, copõe um quadro de especificidades de uma identidade em acordo com uma dada comunidade discursiva. Estes desvios de comportamentos dos religiosos, ancorados no *corpus*, fazem menção de como o *ethos*

discursivo se molda aos modos de enunciação e ao público que quer atingir. Assim como o autor Eça de Queirós, no caso "eu" enunciador responsável pela encenação, em um processo assimétrico, fez suas encolhas a fim de atingir um público específico, direcionando em já citada carta, o seu propósito na composição desta obra.

Desse modo, da análise resultam hipóteses, possibilidades de sentidos e significações; planos constitutivos do discurso que permitem um estudo dos elementos discursivos que vão se inferindo no universo discursivo.

E neste arcabouço teórico, calcado no estudo "novo" de Maingueneau, conclui-se este artigo, demonstrando que estudos discursivos visam pensar outros modos de apreensão do discurso. Sobre a questão de *ethos*, esse é o resultado de uma cena e cenografia discursivas que possibilitam uma relação interdiscursiva da imagem de si e constituição desta representação por meio do destinatário num percurso que legitimam o lugar, dando consistência à cena.

Por fim, é na dimensão de uma semântica global é que se abrem as possibilidades de se tomar o discurso num domínio global, isto é, situar no tempo, no espaço, nos modos de se enunciar, em fim, as práticas do homem, procurando apreender as singularidades do uso da linguagem, da atividade discursiva.



REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAS, Ernani Cesar de; FACIN, Débora. O enlaçamento enunciativo de um ritual carnavalizado: cenografia e ethos discursivo em samba-enredo de escola carnavalesca do meio-oeste catarinense. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 337-354, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-ld-14-02-00337.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2016.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. Cenas da Enunciação. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa em Perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1994.

MOOG, V. **Eça de Queirós e o século XIX**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

QUEIRÓS, E. **O Crime do Padre Amaro**. São Paulo: Ática, 1982.

. O Primo Basílio. São Paulo: Nobel, 2008.

REIS, C. **O conhecimento da Literatura**: introdução os estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.



EU, CIDADÃO INDÍGENA

I, INDIAN CITIZEN

Beatriz Alice Weyne Kullmann de Souza (Faculdades EST)¹ Eliana Cristina Caporale Barcellos (Faculdades EST)²

Resumo: Um dos temas transversais apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, é a cultura indígena. Na periferia de Porto Alegre, encontra-se descendentes da tribo Kaingang inseridos em escolas da rede estadual. Trabalhar os aspectos culturais indígenas, torna-se relevante no contexto da inclusão social desses discentes. Nesse sentido, as educadoras de Física e de Língua Portuguesa, preocupadas em estimular práticas pedagógicas com abordagem interdisciplinar, propuseram--se a oferecer uma oficina sobre essa temática. Esta teve por objetivo geral conhecer aspectos predominantes da cultura indígena. A dinâmica contou com a exposição de imagens sobre: costumes, curiosidades e crenças das tribos indígenas brasileiras, bem como panorama da distribuição dessas tribos no início do século XVI comparado aos dias atuais, Tronco Linguístico, Família Linguística, palavras herdadas da língua indígena comumente faladas, hábitos

alimentares e alguns conhecimentos empíricos de Física. Após a realização dessa oficina, percebeu-se que houve um empoderamento entre os descendentes Kaingang, bem como uma maior aceitação dos demais colegas para com eles. Além disso, pode-se observar que a oficina contribuiu para o desenvolvimento da formação cidadã efetiva discente, enquanto partícipes da sociedade brasileira. Esse trabalho constituiu-se uma pesquisa participante, com base nos conceitos de Paulo Freire, Rubem Alves e Urie Bronfenbrenner.

Palavras-chave: Inclusão Social. Cultura Indígena. Interdisciplinaridade.

Abstract: One of the cross-cutting issues pointed out in the National Curriculum Guidelines for Secondary Education, is the indigenous culture. On the outskirts of Porto Alegre, there are descendantes of the Kaingang tribe enrolled in state schools. Working indigenous cultural aspects, becomes relevant in the context of social inclusion of these students. In this sense, the teachers of Physics and Portuguese Language, concerned with stimulating pedagogical practices with an interdisciplinary approach, set out to offer a workshop. Its general objective was to know predominant aspects of in-

¹ Mestra em Teologia/Religião e Educação. Doutoranda em Teologia/Religião e Educação na Faculdades EST. Bolsista CAPES. Orientadora Prof^a Dr. Laude Brandenburg. beatrizalicedesouza@yahoo.com

² Mestra em Teologia/Religião e Educação. Doutoranda em Teologia/Religião e Educação na Faculdades EST. Orientador Prof. Dr. Valério Schaper. eccbarcellos@hotmail.com



digenous culture. The dynamics involved exposing images of: customs, beliefs of Brazilian Indian tribes, an overview of the distribution of these tribes in the early sixteenth century compared to today, Trunk Language, Linguistics Family, words derived from the indigenous language, eating habits and some empirical knowledge of physics. After the workshop, it was noticed that there was an empowerment among Kaingang descendants, as well as a greater acceptance of other colleagues with them. Moreover, it could be observed that the workshop contributed to the development of effective citizen education, the students could feel they are part of the scholl community. A participant research, based on the concepts of Paulo Freire, Rubem Alves and Urie Bronfenbrenner.

Keywords: Social Inclusion. Indigenous Culture. Interdisciplinarity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obrigatoriedade de retratar a cultura indígena e sua história nas escolas brasileiras, ao longo da Educação Básica, apontada pela Lei de Nº 11.645 de 2008 (BRASIL, 2008, Art.26-A), representa um desafio para a maioria de educadores e de educadoras. Não se trata de incluir no calendário escolar uma data para celebrar o *Dia do* índio, a Lei estabelece que os conteúdos devem ser trabalhados "no

âmbito de todo o currículo escolar" (BRASIL, 2008, Art.26-A §2°). Cabe salientar que, principalmente, em comunidades onde haja descendentes indígenas dentre o público que frequenta a escola, trabalhar aspectos da cultura e da história indígena, vai além de uma questão de obrigatoriedade legal, torna-se uma questão de inclusão social. Entretanto, a maioria docente não percebe-se capaz de desenvolver uma abordagem interdisciplinar em relação a esses conteúdos, pois, não vislumbram as conexões possíveis entre eles e as áreas do conhecimento.

O presente trabalho propõe uma abordagem interdisciplinar que envolve o tema em questão. Consiste em uma oficina desenvolvida em uma Escola Estadual, com as turmas do Ensino Médio Politécnico, situada na periferia de Porto Alegre. As educadoras de Língua Portuguesa/Literatura e Física, nos períodos de Seminário Integrado, propuseram-se a abordar alguns aspectos da história e da cultura indígena, visto que na escola havia descendentes da tribo Kaingang, que pareciam deslocados no espaço escolar. Nesse sentido, a proposta oportuniza a inclusão social e o desenvolvimento de pertença discente.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Segundo Programa Ensino Médio Inovador: Documento Orientador (2009, p.9) prevê como uma das ações do projeto político-pedagógico:



Fomentar o comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos deveres e direitos da cidadania; praticando um humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade.

Entender e respeitar o outro e a outra em suas particularidades em uma sociedade plural é buscar promover relações mais humanas e justas. Por isso, é necessário entender "que existem princípios e valores em cada povo ou sociedade, os quais orientam e definem as formas e modos próprios de ser, de viver e estar em relação com o mundo." (PALAZUE-LOS, BALLIVIAN, 2013, p.137).

Além disso, o modelo de ensino taylorista, que fragmenta as diferentes áreas do conhecimento, não mais se adequa às necessidades sociais da modernidade.

Conforme previsto na Resolução 04/2010:

O Ensino Médio deve ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas como preparação geral para o trabalho ou, facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e tecnológica; na cultura, como ampliação da formação cultural.

Dessa forma, relacionar os conteúdos abordados em sala de aula, nos diversos componentes curriculares, com o mundo do trabalho, de maneira interdisciplinar, possibilita a apropriação do co-

nhecimento pelos educandos e pelas educandas. Por outro lado, para discentes da EJA, essa relação constitui base fundamental da contextualização, uma vez que a maioria discente se encontra inserida no mercado de trabalho. Dessa forma, para esses educandos e educandas, as possíveis conexões com seus cotidianos estimulam o desenvolvimento da pertença, muitas vezes fundamental para mantê-los e mantê-las na escola, uma vez que grande parte, há muitos anos, está afastada dos estudos.

A escola é o espaço para construir conhecimento, mas também espaço propício para estimular o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Os temas transversais, os quais acolhem diferentes temáticas, nem sempre são vistos como oportunidade para o trabalho interdisciplinar. Os educadores e as educadoras, muitas vezes, permanecem restritos a sua disciplina, o que os impedem de contextualizar e relacionar os conteúdos. Em mundo onde a violência acontece, diariamente, faz-se necessário a reflexão, no intuito de minimizar a intolerância, "bem como desenvolver a consciência de uma prática que tenha como objetivo a formação da cidadania" (SILVA, 2012, p.55). Observa-se também, que atitudes de intolerância acabam por prejudicar os estudos daqueles e daquelas que sentem excluídos. Por isso, cabe aos educadores e educadoras perceber essas situações e se comprometam "com valores que reforçam a cidadania e a solidariedade" (SILVA, 2012, p. 30).



Ao se pensar em uma prática pedagógica integradora, deve-se levar em conta também, a integração social dos discentes, pois a educação não deve se restringir ao espaço escolar, mas sim integrada com a sociedade. Aos educadores e educadoras cabe perceber as exigências que o espaço laboral assim o faz e de suas relações. Desta forma, a educação serve a uma transformação social, segundo Paulo Freire (1996, p. 84) "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo." Parte-se da ideia que ao educar estimule a reflexão crítica dos educandos e das educandas, na qual constitui-se na postura de sujeito, aquele e aquela que intervém e compõe a realidade.

Um dos grandes desafios da sociedade atual encontra-se na inclusão. A diversidade está presente nas salas de aula e cabe ao educador e à educadora pensar em atividades que promovam essa inclusão, pois,

A única maneira de formar pessoas capazes de transformar a sociedade, é através de uma formação interdisciplinar, que desenvolve a capacidade de perceber, de avaliar criticamente, de propor soluções e de agir propositivamente frente aos problemas sociais. (SOUZA, 2016, p.56).

Na perspectiva da bioecologia do desenvolvimento humano, Urie Bronfenbrenner destaca as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente no qual ela se insere. Subdivide essas relações em quatro sistemas: *microssistema*, *mesossistema*, *exossiste-*

ma e *macrossistema*, nos quais a pessoa em desenvolvimento, através de processos proximais, forma sua identidade e se desenvolve.

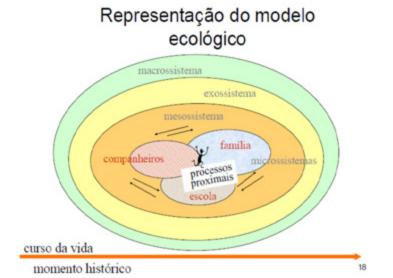


Figura 1 - Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner Fonte: BRONFENBRENNER, 1996

As relações com a família, com amigos, na escola, são categorizadas como pertencentes aos *microssistemas*, enquanto que, as relações com a vizinhança, o bairro, a cidade, compõem os chamados *mesossistemas*. Quanto mais sólidas as relações interpessoais e das pessoas com o meio, melhor a pessoa se desenvolve. Além disso, assim como a pessoa influencia o meio, sofre a influência deste. Essa inter-relação constitui-se basilar na formação do indivíduo, pois moldará seu caráter e fortalecerá sua identidade. Para o autor, "[...] a pessoa em de-



senvolvimento não é considerada meramente como uma tábua rasa sobre a qual o meio ambiente provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura [...]" (BRON-FENBRENNER, 1996, p.18). Dessa forma, cabe à escola, principalmente à pessoa docente, pensar na formação cidadã, que abrange buscar ações afirmativas que promovam a inclusão da diversidade.

INTERDISCIPLINARIDADE E INCLUSÃO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Com a inserção do componente curricular de Seminário Integrado no Ensino Médio Politécnico, abre-se a possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento. No início do ano de 2011, as educadoras de Língua Portuguesa e de Física, foram agraciadas a ministrar esse componente curricular. Frente a esse desafio, buscaram elaborar oficinas interdisciplinares, entre elas aquela que chamaram de *Cultura Indígena*. A presente oficina, tem por intuito o resgate da identidade indígena muitas vezes perdida por incidências culturais, processo conhecido por inculturação. Dessa forma, não se pretende analisar o cotidiano das comunidades indígenas atuais, que já sofreram esse processo.

Inspiradas nas palavras de Rubem Alves (2003, p. 56), "A primeira tarefa da Educação é ensinar

a ver... [...] A educação se divide em duas partes: Educação das Habilidades e Educação das Sensibilidades. Sem a Educação das Sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido." as educadoras se sensibilizaram com o grupo de descendentes indígenas que parecia não se sentir acolhido pelos demais colegas. Resolvem, então, desenvolver uma atividade que contemple e valorize essas pessoas e seus conhecimentos prévios. Muitos são os desafios que surgem ao desenvolver uma atividade interdisciplinar, entretanto, ao se ter o olhar voltado para os interesses e às necessidades dos educandos e das educandas, eles se tornam motivadores e surgem como possibilidades, apesar das dificuldades.

A formação acadêmica das licenciaturas em geral, não incentiva o trabalho interdisciplinar, pelo contrário, prioriza a fragmentação dos conhecimentos. Por isso, torna-se extremamente complexo para educadores e para educadoras pensar e executar interdisciplinarmente. Além disso, existem as dificuldades burocráticas a serem enfrentadas, pois o sistema educacional brasileiro fraciona a carga horária dos componentes curriculares em períodos a serem cumpridos. Possibilitar a execução de oficinas nas escolas, requer o apoio da gestão escolar, uma vez que a carga horária de oitocentas horas letivas por ano, previstas pela legislação, não deixa de ser cumprida. Nesse caso, apenas o enfoque passa a ser diferenciado, sem desrespeitar ou desvalorizar os componentes curriculares previstos para aquele dia



letivo. Cabe ao corpo docente dedicar-se ao planejamento coletivo das atividades, em reuniões pedagógicas disponibilizadas pela gestão, supervisionadas pela coordenação pedagógica, a fim de organizar o tempo e os conteúdos contemplados em cada oficina de maneira interdisciplinar. Sem dúvida, atividades interdisciplinares requerem trabalho árduo e o comprometimento da equipe docente, pois, para que as oficinas ocorram de maneira satisfatória, torna-se necessário o engajamento de várias pessoas.

Um dos maiores desafios, talvez o maior, encontrado pelas educadoras foi a falta de apoio dos colegas e das colegas do corpo docente, justamente por possuírem uma visão fragmentada do conhecimento e não estarem dispostos a se envolverem na operacionalização das atividades. Essa situação, inclusive, muitas vezes, gerou conflitos. Entretanto, as educadoras abraçaram o desafio em prol dos educandos e das educandas.

CULTURA INDÍGENA: A PRÁTICA

A oficina foi realizada em cinco períodos consecutivos, com as turmas do Ensino Médio - regular e da EJA. No turno da tarde, participaram duas turmas de 1º ano e uma turma de 2º ano do curso regular, já no turno da noite, foram contempladas as turmas da EJA, uma de 1º ano e uma de 2º ano do Ensino Médio. A proposta tem por objetivos: descrever um panorama geral da distribuição das tribos

indígenas no Brasil, na época do descobrimento, em comparação com os dias atuais; apresentar a real constituição da Língua Indígena e suas ramificações linguísticas; refletir sobre as contribuições do vocabulário indígena na formação da Língua Portuguesa; identificar aspectos culturais e religiosos característicos das tribos indígenas.

Inicialmente, as educadoras convidaram as turmas a, juntas, deslocarem-se para o pavilhão, sala multiuso, onde expuseram aos educandos e às educandas o porquê da oficina em destaque. Questionaram se eles e elas sabiam da existência de uma comunidade indígena nas proximidades da escola e se alguém já a havia visitado. Alguns discentes sabiam da existência, mas nunca tinham entrado na comunidade. As educadoras expuseram, então, que esse seria o tema da oficina: a cultura indígena e teria por objetivo refletir sobre as inter-relações entre a nossa comunidade e aquela nossa vizinha, os Kaingang. Importante salientar que as turmas foram surpreendidas pelo o fato de termos agregado os primeiros e os segundos anos em uma mesma oficina, entretanto, mostraram-se receptivas à atividade, demonstraram interesse, curiosidade e disposição a participar.

Percebe-se, aqui, a comprovação de que, quando se utiliza uma metodologia diferenciada, como a interdisciplinar, observa-se um retorno positivo das turmas, uma vez que se desperta a curiosidade, ferramenta motivadora à aprendizagem. Em uma en-



trevista concedia ao Portal Brasil, no ano de 2011, Rubem Alves (2011, informação verbal) postula: "[...] o objetivo da educação não é ensinar coisas [...] é ensinar a pensar, criar na criança essa curiosidade. Para mim, esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar." Portanto, tem-se aqui evidenciado, tanto pelo tema, quanto pela operacionalização da oficina, um momento no qual a curiosidade discente aflora, situação perfeita para dar início às reflexões.

A proposta inicia com a apresentação de *slides*, com auxílio do projetor multimídia, contendo um mapa que retrata a distribuição das tribos indígenas no Brasil, na época do descobrimento. Levanta-se a questão: *Como estaria essa distribuição atualmente?* A seguir, apresenta-se o mapa da distribuição atual das tribos indígenas. A turma é levada a refletir sobre as mudanças constatadas no mapa e o porquê de terem acontecido. Nessa etapa foram contemplados conteúdos de Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Através de atividades como a descrita, viabiliza-se a formação crítica, com base na reflexão.

Os próximos *slides* abordaram a questão linguística. Esclarecer que o Tupi não constitui uma língua, mas um *tronco linguístico*, do qual derivam famílias linguísticas, entre elas, o Tupi-Guarani, causou estranheza nas turmas, pois a maioria acreditava que os índios falavam o Tupi. A ilustração abaixo, mostrada em um dos *slides*, foi bastante esclarecedora:

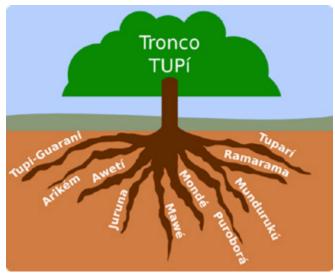


Figura 2 - Tronco linguístico Tupi Fonte: https://pibmirim.socioambiental.org/themes/pibmirim/images/tronco-tupi.gif

Ao abordar o vocabulário da Língua Portuguesa oriundo das Línguas Indígenas, as turmas se surpreenderam com a quantidade de palavras herdadas. A maioria discente fazia uso do vocabulário, mas não tinha ideia de que eram palavras de origem indígena. Por exemplo: urubu, saúva, traíra, lambari, piranha, jararaca, tamanduá, jacaré, capivara, arara, tatu, abacaxi, maracujá, entre outras. A educadora de Língua Portuguesa e Literatura apresentou um trecho do poema *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias, que relata o drama vivido pelo último descendente da tribo Tupi. A intencionalidade dessa atividade constitui em apresentar o texto literário, destacar que esse texto pode relatar uma história, com per-



sonagens, nesse caso, um indígena da tribo Tupi, a qual representa a tribo que originalmente se estabeleceu no Brasil e foi capaz de se manter. A escolha do poema torna-se interessante, pois relata a disseminação da tribo e, anteriormente, a turma foi apresentada a mapas que descreviam, também, uma disseminação dos indígenas, agora, pelo *homem branco. A priori*, esse conteúdo faz parte da matriz curricular do 2º ano do Ensino médio, entretanto, por estar inserido em uma proposta interdisciplinar, pode, perfeitamente, ser abordado com turmas de 1º ano, sem prejuízo de entendimento.

Os tipos de habitações indígenas também foram retratados: maloca, tapera, oca, taba e opy. Nesse momento, se instiga a reflexão sobre as diferentes maneiras de convívio em sociedade, diferenças e semelhanças entre os indígenas e o homem branco. Questões sobre desenvolvimento sustentável, consumismo como resultado do sistema capitalista, relações familiares e valores, têm espaço. Ao analisar as habitações indígenas, puderam ser introduzidos conceitos de Física, Química e Matemática, tais como: correntes de convecção, condução/isolamento térmico, propagação/reflexão da luz, materiais condutores/isolantes, combustão, geometria espacial, Teorema de Pitágoras, entre outros.

Os hábitos alimentares dos povos indígenas foram citados, assim como sua maneira peculiar de trabalhar a farinha. Nesse momento, possibilita-se falar das questões referentes à saúde: a influência

dos hábitos alimentares sobre a saúde. A reflexão comparativa entre os hábitos indígenas e os nossos atuais, considerando desde o cultivo até o preparo, impactou o grupo. Outro ponto de destaque foi a subdivisão do trabalho entre homens e mulheres, que, entre os indígenas, não desqualifica ninguém: as mulheres cuidam do preparo da alimentação e das crianças, enquanto os homens se dedicam à caça e à pesca. Por outro lado, em nossa sociedade, os afazeres domésticos e os cuidados com as crianças, não são considerados trabalho, o que coloca a mulher em situação de desvantagem social. Entra-se, aqui, nas polêmicas questões feministas, que buscam a equidade de gêneros. Esse discurso proporciona o empoderamento das adolescentes da escola que, muitas vezes, são submetidas a cuidar dos irmãos e irmãs menores, dos afazeres domésticos e se veem obrigadas a abandonar os estudos.

A relação dos indígenas com a natureza, de extremo respeito, evidencia um vínculo religioso. Sua identidade é construída com base nessas relações e sua religiosidade traduz esse respeito. Para o indígena, cada animal está relacionado a um *espírito da natureza*, por isso os representam em seu artesanato. A partir dessa discussão, as educadoras contextualizaram o tema fazendo menção ao *Brique da Redenção*, onde é possível observar tal artesanato em confecção. Na sociedade indígena, a figura do pajé representa a liderança espiritual e aquele que detém o poder de cura. O ritual da pajelança foi apresenta-



do, assim como a figura do pajé. O mesmo respeito abrange, também, as pessoas idosas da tribo. Para o indígena, essas pessoas são as detentoras do conhecimento maior e têm como função repassá-lo aos descendentes, por isso são fundamentais na comunidade. Culturalmente percebe-se a grande diferença para nossa sociedade, na qual houve a necessidade de implementar um Estatuto do Idoso para que essas pessoas tenham seus direitos garantidos. Essas discussões promovem a formação cidadã, apontada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A análise da sociedade indígena e suas relações com o contexto e com a natureza, viabiliza a discussão sobre temas atuais, tais como a sustentabilidade e o consumismo. A cultura indígena, em sua essência, não se caracteriza pelo consumo desenfreado, toda a sociedade é baseada na cultura de sobrevivência e visa o coletivo. Por outro lado, a sociedade em que vivemos é individualista, consumista e nociva ao meio ambiente. Esse paralelo reflete uma das intenções primeiras da oficina na visão das educadoras: resgatar o espírito de inclusão. Para o grupo de discentes Kaingang da escola, perceber-se excluído no espaço escolar constitui-se uma situação extremamente complexa, pois em sua comunidade, essa situação é inexistente. O grupo expressa tal dificuldade demostrando apatia, timidez, reclusão e desinteresse. A turma, por sua vez, rejeitava a presença desses colegas no grupo e, muitas vezes, praticavam bulling, ou reagiam de maneira jocosa e depreciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência se mostrou válida e satisfatória, tanto sob o ponto de vista das educadoras, quanto dos educandos e das educandas. As atividades realizadas foram bem aceitas e prazerosas, pois a abordagem interdisciplinar propiciou a socialização dos novos conhecimentos, bem como a integração das turmas em questão. A metodologia interdisciplinar motivou a aprendizagem e possibilitou a desmistificação da cultura indígena. A diversidade passou a ser reconhecida e valorizada, por ser capaz de agregar pessoas de diferentes contextos, com respeito e dignidade. O trabalho com várias turmas, de anos diferentes, juntas compartilhando o mesmo espaço, comprovou ser totalmente possível e positivo desenvolver atividades interdisciplinares no âmbito da escola. Com isso, torna-se possível trazer a teoria presente na legislação à prática, sem prejuízo algum a conteúdos e carga horária, tampouco a planos de estudos. Pelo contrário, essa prática pedagógica mostrou-se eficaz e significativa.

Apesar dos contratempos, as educadoras obtiveram sucesso na realização da proposta, pois, os educandos e as educandas de origem Kaingang demonstraram interesse e empolgação, ao se perceberem como foco de estudo. No decorrer da oficina foi ficando evidente o sentimento de pertença despertado entre esses educandos e essas educandas: inúmeras vezes um sorriso tornava-se perceptível em



seus semblantes. A partir desse momento, o que era diferença transformou-se em diversidade. Muitas vezes, após a oficina, as educadoras eram questionadas quando haveria outras e por que as aulas não sempre assim. Esse questionamento comprova que a metodologia interdisciplinar é bem aceita por parte do corpo discente, pois, atribui significado ao conhecimento e não apenas uma exposição compartimentalizada dos saberes. Na verdade, as maiores dificuldades residem na aceitação de atividades como esta por parte do corpo docente e da equipe gestora. Ao negar a possibilidade de execução dessas oficinas, educadores e educadoras, por se sentirem ameaçados, privam-se de uma vivência extremamente gratificante e eficaz em relação à aprendizagem. Além disso, a construção do conhecimento necessita ser reinventada, a fragmentação de conteúdos e a forma cartesiana de outrora, tornou-se obsoleta e incapaz de arcar com as novas habilidades e competências exigidas pela liquidez da modernidade.

Atualmente, espera-se que novas práticas sejam incorporadas no meio escolar, para isso é preciso estar atentos e atentas às imposições do mundo global, pois, este configura-se plural e não admitem-se exclusões de qualquer ordem. Para tanto, gestores e gestoras, devem oportunizar a reflexão das metodologias aplicadas, que por sua vez não garantem o sucesso escolar, muito menos aprendizagens significativas, como também não cumprem ao propósito da formação cidadã. Haja visto, os altos índices de reprovação e evasão escolar no Brasil, principalmente, no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

_____. O papel do professor. (Entrevista) Portal Brasil, 2011. Disponível em: < http://www.brasil.gov.br/educa-cao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>. Acesso em: 09 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução 04/2010**, Art. 26 §1.

BROFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt, SOUZA, Rui Antônio de (Org.). **Ensino Médio**: mudanças e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PALAZUELOS, Alexandra Carvalho P. de. BALLIVIÁN, José Manuel P. Palazuelos. Tecendo relações além da aldeia: o artesanato indígena em cidades da Região Sul. In: MARKUS, Cledes, GIERUS, Renate (Orgs.) **O Bem viver na criação**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

REPRESENTAÇÃO DO MODELO ECOLÓGICO. **Imagem**. Disponível em: https://efetivagestaodepessoas.wikispaces.com/file/view/EcologiadoDesenvolvimentoHumano.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016



SOUZA, Beatriz Alice W. K. de. Religiosidade na adolescência como facilitadora no fazer pedagógico interdisciplinar com vistas à aprendizagem significativa. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: EST, 2016.

SILVA, Clemildo Anacleto da. A contribuição dos valores éticos para promoção da diversidade, cidadania e o respeito. In: SILVA, Clemildo Anacleto, MUÑOZ, Manuel Alfonso Diaz. **Diversidade na educação, respeito e inclusão**: valores éticos e comportamentos pró-sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS: Editora Universitária Metodista IPA, 2012.

TRONCO TUPI. **Imagem**. Disponível em: https://pibmirim.socioambiental.org/themes/pibmirip/images/tronco-tupi.gi. Acesso em: 15 ago. 2016.



EMPREENDEDORISMO CRIATIVO: ESTABELECENDO CAMPO DE PESQUISA PARA FUTUROS ESTUDOS

CREATIVE ENTREPRENEURSHIP: ESTABLISHING FIELDSITE FOR FUTURE STUDIES

Bibiana Silveira-Nunes (FEEVALE)¹ Sandra Portella Montardo (FEEVALE)²

Resumo: Realizamos primeira aproximação empírica ao objeto de estudo Empreendedorismo Criativo. Nos interessa conhecer o uso que empreendedores criativos fazem de novas tecnologias na produção e consumo de conteúdo online. Abordamos as seguintes questões de pesquisa: a) quem são os empreendedores criativos ativos participantes do grupo estudado; e b) quais as plataformas online utilizadas pelos empreendedores. Como campo de estudo tomamos grupo fechado do Facebook ligado a curso online de formação de empreendedores. Também, estabelecemos limites de campo para identificar o empreendedor participante como criativo. Para tanto, definimos conceitos de indústria criativa, empreendedorismo e empreendedorismo criativo. Trata-se de estudo exploratório de aproximação empírica, para identificação dos participantes, coleta e análise de dados, e apresentação dos resultados. Encontramos quatorze empreendimentos que atendem aos requisitos básicos, e que poderão ser estudados no futuro. Também, acreditamos ser necessários futuros estudos acerca de criatividade, inovação e empreendedorismo criativo para aprofundar a pesquisa.

Palavras-chave: Empreendedorismo criativo. Indústria criativa. Facebook.

Abstract: We incur a first empirical approach to object of study Creative Entrepreneurhip. It is our interest knowing the uses creative entrepreneurs make of new Technologies in the production and consumption of online content. We consider the following issues: a) Who are the creative entrepreneurs who actively participate in the group; and b) which online platforms these entrepreneurs use. As fieldsite we use a closed Facebook group connected to an entrepreneurship education online course. Also, we establish field limits to identify the participant entrepreneur as creative. For that purpose, we define concepts of creative industries, entrepreneurship and creative entrepreneurship. It is an exploratory study of empirical approach, to identify participants, gather and analise data, and present results. We have found fourteen entrepreneurs who

¹ Mestranda em Indústria Criativa. Contato: bibianasilveira@gmail.com

 $^{^{\}rm 2}$ Doutora em Comunicação. Contato: sandramontardo@feevale.br



meet the basic criteria, and who are possible future subjects. Also, we believe there to be a need for future studies on creativity, innovation and creative entrepreneurship in order to deepen the study.

Keywords: Creative entrepreneurship. Creative industries. Facebook.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Realizamos primeira aproximação empírica ao objeto de estudo Empreendedorismo Criativo. Exploramos o modo como empreendedores atuantes na indústria criativa fazem uso das novas tecnologias em sua forma de produção. Particularmente, como esses atores valem-se de ambientes virtuais - sites, blogs, *e-commerces* e redes sociais - para criar e manter seus empreendimentos.

Buscamos uma primeira aproximação ao grupo estudado, a fim de esclarecer entendimentos iniciais e generalizações rasas que possam dificultar estudos futuros. Abordamos as seguintes questões de pesquisa: a) Quem são os empreendedores criativos ativos participando do grupo selecionado como campo de pesquisa? b) Quais as plataformas online utilizadas pelos empreendedores e suas marcas?

Quanto à metodologia, optamos pela observação silenciosa (RECUERO *et al*, 2015). Definimos os passos metodológicos em função das questões de pesquisa propostas. Como limite de campo, determi-

namos o grupo "Empreenda sua paixão – grupão". Formado pelas alunas do curso online "Empreenda sua Paixão", realizado pelo "Negócio de Mulher", o grupo se reúne em página de grupo fechado do Facebook. É limite, também, a existência de um empreendimento ativo, bem como sua inserção na indústria criativa.

Acreditamos que o presente trabalho se justifica pelo crescimento da indústria criativa (DCMS, 2008; BENDASSOLI *et al*, 2009; HANSON, 2012); a crescente atuação do empreendedorismo na economia nacional (SEBRAE, 2014); e a necessidade de compreensão das características intrínsecas aos empreendimentos criativos (DCMS, 2008). Também, por ser o uso intensivo de novas tecnologias uma das características da forma de produção da indústria criativa (BENDASSOLI *et al*, 2009).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a correta seleção dos atores do grupo observado como participantes da pesquisa é necessária a definição do termo empreendedorismo criativo. Por ser a bibliografia sobre o assunto escassa, cremos necessário definir, primeiramente, os conceitos geradores. Assim, nos preocupamos primeiramente com os conceitos de indústria criativa e empreendedorismo para, a partir deles, entendermos o empreendedorismo criativo.



Indústria Criativa

A indústria criativa caracteriza setores da economia que têm na criatividade uma dimensão essencial, cuja produção resulta bens simbólicos e artísticos, e cujo consumo é de natureza interpretativa, experiencial e estética. A discussão acerca do assunto é extensa. Por não ser este o ponto central do presente trabalho, resumiremos a seguir os pontos principais.

Segundo Hanson (2012), o British Council apresenta uma divisão da indústria criativa em quatro grandes áreas - serviços, conteúdo, experiências, e originais -, e as subáreas de intersecção, estando seus setores distribuídos entre elas. Estão excluídos da classificação setores de fabricação - equipamentos e bens de capital, e meios de reprodução - e setores de disseminação - atacado, varejo e aluguel. Os setores da economia classificados como criativos são: publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, artesanato, design, design de moda, cinema, software, softwares interativos para lazer, música, artes performáticas, indústria editorial, rádio, tv, museus, galerias, e atividades relacionadas às tradições culturais (BENDASSOLLI et al, 2009; DCMS, 2008; HANSON, 2012).

Bendassoli *et al* (2009) colocam quatro componentes principais da indústria criativa: a criatividade é o elemento central, necessária para geração de propriedade intelectual; a cultura é tratada como

objeto cultural, cuja percepção de utilidade é derivada do valor atribuído pelo consumidor durante o ato de consumo; a transformação desses significados em propriedade intelectual, que por sua vez é transformada em valor econômico; e pressupõe a convergência entre artes, negócios e tecnologia. Os autores caracterizam a forma de produção das indústrias criativas em três grandes blocos: a criatividade como recurso-chave da produção, valorizando a arte e fomentando o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs); os contornos específicos de produtos gerados, como variedade infinita, diferenciação vertical, e perenidade; e a forma particular de consumo, de caráter cultural e demanda instável. O uso de TICs na produção é fundamental pois

a apropriação da criatividade para a criação de valor de mercado se dá [...] no seio de redes sociais, utiliza certos aparatos tecnológicos e emprega recursos de produção, promoção e distribuição [...] Tal condição permite a descentralização das atividades [...] sistema no qual pequenas empresas ou pequenas comunidades de produtores utilizam tecnologias de informação e de comunicação para disseminar suas criações (BENDASSOLI et al, 2009, p. 13).

É importante salientar a diferença entre indústria e economia criativa. A economia criativa não está limitada por setores ou indústrias específicas, abrangendo também "criativos infiltrados", que atuam em setores alheios à indústria criativa (NEW-



BIGIN, 2010). Também se pode dizer da economia criativa que é um conceito "baseado em ativos criativos com o potencial de criar crescimento econômico e desenvolvimento, sendo capaz de estimular a geração de renda e empregos, enquanto promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano" (HANSON, 2012, p.224). Existem produtores que, apesar de pertencerem à economia criativa, não se encaixam na indústria criativa.

Resumindo, a indústria criativa apresenta quatro componentes: ter a criatividade como elemento central; ter valor atribuído pelo consumidor; gerar propriedade intelectual transformada em valor econômico; e utilizar TICs em sua forma de produção. Também, sua forma de produção se encaixa no modelo proposto: a criatividade como recurso-chave da produção, os contornos específicos de produtos gerados, e a forma particular de consumo.

Empreendedorismo

O termo empreendedorismo é associado à criação de empresas focadas na inovação, sendo este o principal diferencial. Existem diversas definições para o termo, apresentando algumas divergências entre elas. Procuramos, aqui, delimitar o empreendedorismo no que cabe ao campo estudado.

Para Dornelas et~al~(2010), o empreendedorismo é uma maneira de agir a partir de uma oportunidade específica, com "abordagem holística e equilibrada

em termos de liderança, com o objetivo de criação e captura de valor" (IDEM, p.75). Seus resultados afetam todos os participantes, não apenas os proprietários do empreendimento. Ainda, dizem que a essência do processo está na "criação e/ou reconhecimento de oportunidades, seguidos da disposição e da iniciativa para aproveitar essas oportunidades" (IBIDEM). Os autores mencionam, também, a necessidade - e disposição - de correr riscos por parte do empreendedor.

Dornelas *et al* (2010) apontam as três características básicas que definem o espírito empreendedor como: a necessidade de realização, a disposição para assumir riscos, e a autoconfiança. Segundo Birley & Muzyca (2010), empreendedores têm em comum a "capacidade empreendedora". Esta, de acordo com os autores,

denota o processo e as atividades realizadas por empreendedores [...] indivíduos que organizam, operam e assumem os riscos associados com um empreendimento que criaram, visando à concretização de uma oportunidade que eles e outros identificaram. O processo empreendedor é dirigido à realização do valor associado com as oportunidades de negócios (BIRLEY & MUZY-CA, 2001, p.XIII).

Esse processo, segundo eles, envolve a identificação de oportunidades e a agregação de valor, tanto no setor público, quanto no privado e nas grandes organizações. Ainda de acordo com os au-



tores, a "capacidade empreendedora" difere da "pequena empresa", por esta ter um potencial limitado de crescimento, e estar principalmente focada em gerar "um retorno razoável para os esforços das poucas pessoas que trabalham no empreendimento" (IBIDEM).

Em contraponto, Dornelas et al (2010) cita Smith quando este aponta variações de estilo de fazer negócios entre diferentes empreendedores, sugerindo um continuum que tem dois padrões básicos em seus extremos: empreendedores artesãos e empreendedores oportunistas. Empreendedores artesãos baseiam seu empreendimento em seus conhecimentos prévios e experiência técnica, e tendem a fazer pouco ou nenhum planejamento a longo prazo; já empreendedores oportunistas têm educação técnica, além de educações suplementares, e aplicam ferramentas e estratégias visando o crescimento do empreendimento. Os autores sugerem que cada empreendedor faça exercícios de autoconhecimento, para saber onde se encontra no continuum, e para poder superar suas fraquezas.

Para o presente estudo, então, definimos empreendedorismo como a criação de empresas baseadas na inovação, com o objetivo de criação e captura de valor, concretizando uma oportunidade identificada. São empreendedores indivíduos responsáveis por organizar, operar e assumir os riscos associados a essa concretização. E, por seu estilo, empreendedores podem ser definidos no continuum entre artesão e oportunista.

Empreendedorismo criativo

A bibliografia sobre o assunto aparenta ser escassa e/ou não específica, o que dificulta sua correta classificação. Tal é esperado, por se tratar de um campo ainda jovem, portanto sem tradição acadêmica. Procuramos aqui sintetizar a pouca informação encontrada.

Acreditamos estar o empreendedorismo criativo na intersecção entre indústria criativa e empreendedorismo, conforme descritos acima. Tal crença é suportada pela definição do empreendedor criativo pelo British Council (2016) como:

- indivíduo trabalhando no setor criativo que tenha demonstrado sucesso nos negócios nos termos clássicos de crescimento de negócios, e/ou em termos de sua reputação entre seus pares;
- individuo trabalhando no setor criativo que tenha desenvolvido um empreendimento social ou sem fins lucrativos bem sucedido em termos de impacto e alcance;
- indivíduo trabalhando no setor criativo que tenha mostrado liderança na indústria ao promover seu desenvolvimento em seu país;
- indivíduo trabalhando no setor criativo que tenha desenvolvido iniciativas que desenvolvem e crescem o mercado para este setor em seu país.



Baseado nos conceitos estudados acima, podemos definir empreendedorismo criativo como a criação de empresas baseadas na inovação atuantes na indústria criativa. Sua principal preocupação está na geração e exploração de capital intelectual, estando seu investimento primário no talento - seu ou de outros.

Procedimentos metodológicos

Optamos por realizar observação silenciosa (RECUERO et al, 2015) do campo de pesquisa proposto. Sendo o objetivo do presente estudo primeira aproximação empírica ao campo de pesquisa, os passos metodológicos são limitados aos relevantes para tal objetivo. Como passos metodológicos, definimos:

- 1. identificação dos participantes com empreendimentos ativos;
- 2. coleta de dados referentes ao empreendimento;
- 3. análise de dados para classificação do empreendimento como criativo ou não;
- 4. apresentação dos resultados.

Com os passos metodológicos definidos, passamos à delimitação do campo de pesquisa. Partimos de um grupo no qual já estamos inseridos, portanto há familiaridade e a entrada já foi realizada.

Como campo de pesquisa, utilizamos o grupo "Empreenda sua Paixão - Grupão", no Facebook. Observamos seus participantes e estabelecemos quais, dentre eles, são empreendedores atuantes - primeiro limite do campo. A seguir, analisamos as informações disponíveis sobre o empreendimento, para categorizar - ou não - o empreendimento como criativo - segundo limite do campo.

A entrada no campo se deu de maneira orgânica, por havermos participado da primeira turma do curso "Empreenda sua Paixão". Nos posicionamos como pesquisador *insider*, porém - no momento - silencioso (FRAGOSO et al, 2011), por propormos apenas a observação do grupo.

No que compete a protocolos éticos, partimos do princípio de que não existe expectativa de privacidade no conteúdo acessado e, por não se tratar estritamente de pesquisa com seres humanos - não existindo interação ou intervenção por parte do pesquisador -, o consentimento se faz desnecessário (KOZINETS, 2014). Optamos pela camuflagem mínima, como colocada pelo autor, por o conteúdo não apresentar possibilidade de danos.

A pesquisa não aborda perfis pessoais, não apresenta riscos aos participantes - empresas -, por serem seus blogs e perfis SNS públicos. Em caso de interações por terceiros, apesar de estas serem públicas, optamos por proteger suas identidades. Identificamos apenas a empresa, utilizando informações públicas, acessíveis por métodos de busca abertos.



Os participantes são identificados de acordo com dados feitos públicos em seus blogs e perfis SNS, visando a garantia de seus direitos autorais. Também, foi tomado cuidado de não difamar, invadir a privacidade e/ ou prejudicar indivíduos ou marcas, ou agir de forma negligente.

Quanto ao estudo inicial no grupo "Empreenda sua paixão", o pesquisador participa do mesmo desde sua concepção. Mesmo assim, a pesquisa foi apresentada aos administradores do grupo, e obtivemos permissão. Também, apresentamos a pesquisa para o grupo, obtivemos consentimento para a veiculação da mesma, acatando quaisquer objeções individuais.

O uso do Facebook serve apenas para identificar os participantes, não sendo utilizado conteúdo proprietário da empresa. Contamos aqui com o princípio de uso justo do conteúdo, por se tratar de pesquisa acadêmica, sendo a coleta de dados realizada manualmente. O mesmo vale para todo conteúdo acessado, independente da plataforma.

Observações e análise

O campo da atual pesquisa está limitado aos participantes do grupo no Facebook Empreenda sua paixão - grupão https://www.facebook.com/groups/1596348240648847/. O grupo é descrito como "Grupo exclusivo para alunas e ex-alunas do curso online Empreenda Sua Paixão". Propõe ser um espaço para dividir experiências, aprendizados e

conquistas das alunas do curso Empreenda Sua Paixão http://www.empreendasuapaixao.com.br/, desenvolvido pela Negócio de Mulher http://nego-ciodemulher.com.br/.

O propósito da Negócio de Mulher é "inspirar e ajudar mulheres a transformar sonhos em realidade, paixões em negócios". Descrevem o curso Empreenda Sua Paixão como

O curso online para empreendedoras com mentes inquietas: uma experiência de transformação, passo a passo para se reconectar com suas paixões e habilidades e criar um negócio e vida que você ame. Descubra um meio de trabalhar com o que ama; transforme seus talentos em produtos e conquiste mais liberdade (FACEBOOK, 2015).

Além do curso, oferecem e-books, cursos técnicos, um blog com dicas sobre empreendedorismo, e uma newsletter semanal. Assim como a empresa desenvolvedora, o curso - e o grupo - têm como público alvo mulheres empreendedoras.

O grupo "Empreenda sua paixão - grupão" é formado por alunas de todas as turmas do curso "Empreenda Sua Paixão" - até dez.2015, foram realizadas cinco edições. O grupo possui, até dez.2015, 159 membros. Destes, apenas parte interage com o grupo ou mantém seu perfil pessoal público - sendo possível constatar se estão atuando como empreendedores.

Portanto, o campo de estudo está delimitado pelos seguintes fatores:



- 1. pertence ao grupo "Empreenda Sua Paixão";
- 2. possui empreendimento ativo;
- 3. atua na indústria criativa.

É irrelevante sua atuação no grupo "Empreenda Sua Paixão". Este serve apenas como campo inicial para definição de atores, para fins de delimitação.

Identificação dos participantes

No primeiro momento, catalogamos os atores que atendem ao segundo limite, a saber, a manutenção de um empreendimento ativo. Isto foi feito, primeiramente, pela observação das interações no ambiente do grupo e nos perfis pessoais dos atores, quando estes eram públicos ou existia relação de amizade. Buscamos, assim, definir quais destes atendem os dois primeiros quesitos definidos: pertencem ao grupo "Empreenda Sua Paixão"; e possuem empreendimento ativo - determinado por atividade online. A coleta de dados ocorreu entre 27 nov. 2015 e 08 dez. 2015.

Dos 159 membros, optamos por excluir as duas idealizadoras do curso. Dos 157 membros restantes, encontramos 12 empreendedoras com 14 empreendimentos ativos - portanto, 14 participantes iniciais. Em dois casos, 1 empreendedora possuía 2 empreendimentos - estas são identificadas na lista abaixo pelos símbolos * e +:

- 1. Cansei de ser Básica
- 2. Diferindo
- 3. Dream Coaching
- 4. Maria Lua Astrologia
- 5. Outro Mundo Possível
- 6. Papoliê
- 7. Primeira à Esquerda
- 8. Rockndazs *
- 9. Sementinha de Gente
- 10. Te alugo por uma hora *
- 11. Toda Moça Tem +
- 12. Val Costa Designer de Álbuns +
- 13. Você Rica
- 14. Zaená

Coleta de dados

No segundo momento, coletamos dados relativos aos empreendimentos. A coleta e catalogação de dados foi realizada por capturas de tela e impressões em formato .pdf das interações e usos. Os dados coletados foram:

- referência ao empreendimento no mural do grupo no Facebook;
- referência ao empreendimento no perfil pessoal;
- site, blog ou *e-commerce* do empreendimento;
- fanpage do empreendimento no Facebook;
- perfil do empreendimento em SNS, identificado em site, blog, *e-commerce* ou *fanpage*.



Análise dos dados

Analisamos os dados qualitativamente para caracterizar os participantes como empreendimento criativo - o terceiro limite do campo. Começamos pela identificação das empresas e plataformas online utilizadas por cada uma. A informação está descrita na tabela 1 abaixo, listando: nome da empresa; empreendedor; endereço de site, blog, *e-commerce*; e presença em redes sociais.

Tabela 1 – Identificação do empreendedor e das redes sociais utilizadas.

Nome do empreendimento	Empre-endedor		Perfil em redes sociais			
		Endereço de site, blog, e-commerce	facebook	twitter	pinterest	instagram
Cansei de ser Básica	Ana Fernanda	canseideserbasica.com.br – blog e site	CanseiDeSerBasica	anafernandas	anafernandas	canseideserbasica_
Diferindo	Pri Batsoá	diferindo.com - blog elo7.com.br/diferindo - e-commerce diferindo		diferindo	Diferindo	diferindo
Dream Coaching	Juliana Nunes	dreamcoaching.com.br - blog	Dreamcoa-chingjn	jusouzanunes		dream_coaching
Maria Lua Astrologia	Maria Aguiar	Marialuaastrolo-gia.com.br/ - blog	marialuanova	marialuanova		
Outro Mundo Possível	Coletivo	outromundopossivel.com/ - blog	outromundopossivel	omundopossivel		outromun dopossivel
Papoliê	Adriane Nóbrega		papolie.adriane			papolie.adriane
Primeira à Esquerda	Luh Testoni	primeiraesquerda.com/ - blog	primeiraesquerda	luhtestoni	Luhtestoni	luhtestoni
Rockndazs Digital *	Ana Paula Araujo	rockndazs.com.br - blog	rockndazsdigital	rockndazs	Rockndazs	rockndazs
Sementinha de Gente	Milena Luisa	sementinhadegente.com.br - blog	BlogsementinhadeGente	SementinhaSG	Sementinha	sementinhadegente
Te alugo por uma hora *	Ana Paula Araujo	tealugoporumahora.com/ - blog	tealugoporumahora			tealugo
Toda Moça Tem +	Valcicleide	todamocatem.com.br/ - blog	Toda-Moca-Tem- 628820740550773			todamocatem
Val Costa Designer de Álbuns ⁺	Val Costa		valbcostadesigner			
Você Rica	Simone Costa	vocerica.com.br	vocerica	vocerica	Vocerica	vocerica
Zaená Oficina Criativa	Ana Lucia Mota Baldim e Isabela Baldim	desconto.zaena.com.br/ - site	zaenaoficina			zaenaoficina



No segundo momento, identificamos a área de atuação de cada empreendimento. A identificação foi realizada pela análise das descrições publicadas nos sites, blogs, *e-commerce* e perfis de redes sociais. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Identificação da área de atuação e descrição de cada empreendimento

1 abeta 2 – Identificação da area de atuação e descrição de cada empreendimento									
Nome do empreendimento	Área de atuação	Descrição do empreendimento							
Cansei de ser Básica	Consultoria de moda, imagem e estilo pessoal	"Cansei de Ser Básica é o nome desse site e do trabalho de consultoria em moda, imagem e estilo pessoal que realizo. Mas ele pretende ser mais do que isso: pretende ser um estilo de vida, focado em conjugar outros verbos além do comprar. Sim, é possível vestir-se bem, cuidar de si mesma – aparência, roupas, cuidados pessoais – sem descuidar do que realmente importa: o planeta, as pessoas, a sociedade."							
Diferindo	Modern Quilting – Patchwork moderno	"Trabalhamos exclusivamente com Modern Quilts (colchas em patchwork moderno), de todos os tamanhos, para todos!"							
Dream Coaching	Coaching	"Tornar realidade os sonhos de todas as pessoas. Acreditando que tudo é possível por meio de esforços e agindo com amor."							
Maria Lua Astrologia	Astrologia	"Eu ajudo as pessoas a se lembrarem quem são, se conectarem com elas mesmas e fazerem escolhas melhores para suas vidas e suas casas."							
Outro Mundo Possível	Auto ajuda	"Plataforma pra incentivar e possibilitar experiências e ação, muito além do que nossos olhos estão acostumados a ver. Eu e o outro, gerando conexões reais!"							
Papoliê	Papelaria artesanal	"O Papoliê existe para ti inspirar e levar mais cores, leveza, beleza e bem-estar para sua vida, através da nossa papelaria artesanal e criativa."							
Primeira à Esquerda	Fotografia	"O Primeira é um blog de fotografia e lifestyle! Focado principalmente em fotografia para iniciantes, com dicas, conceitos básicos, resenha de equipamento – quem resiste a equipamento novinho? eu não – e criatividade de forma geral, porque na fotografia, é ela que manda! Também rolam dicas de viagem – focado em "onde podemos fazer fotos bacanas?" - a série Blogando, com dicas pra blogueiros iniciantes colocarem seu blog na linha e óbvio, fotografia pra todo lado. É a casa do #desafioprimeira, maior desafio fotográfico diário do país e do @30daysoftoys, cheio de fotos fofinhas de colecionáveis igualmente fofinhos."							
Rockndazs Digital *	Curadoria e produção de conteúdo	"o mundo digital para criativos gestão e monitoramento de mídias sociais produção e curadoria de conteúdo comunicação criativa pensamento fora da caixa"							
Sementinha de Gente	Estilo de vida focado em maternidade e vida em família	"Momentos em família com crianças, DIY e dicas de decoração, festas, viagens, gastronomia e muito sentimento. Semeie Ideias, Cultive Emoções!"							
Te alugo por uma hora *	Viagem	"Um blog colaborativo sobre cidades e suas pessoas. Se você fosse para o deserto, o que levaria? Se tivesse três desejos, quais realizaria? Se pudesse rodar o planeta, o que você veria? Se eu pudesse te alugar por uma hora, para onde você me levaria? Em um mundo cheio de possibilidades e caminhos, só queremos trazer inspiração e vontade. Para se perder. E se encontrar."							
Toda Moça Tem +	Decoração	"Toda Moça Tem: uma loja onde você vai encontrar fofuras para o seu dia-a-dia e para presentear alguém especial"							
Val Costa Designer de Álbuns ⁺	Design de álbuns	"Contando histórias de amor, aventura e felicidade. Através de diagramação de imagens em um álbum fotográfico. Diagramação de Álbuns para fotógrafos profissionais e amadores."							
Você Rica	Planejamento financeiro	"Minha missão é te apoiar a ir muito mais longe do que pensa, mostrando de forma simples e descomplicada os elementos necessários para que você tenha uma Vida Rica, que vai muito além da riqueza superficial embutida nos parâmetros superficiais de sucesso."							
Zaená Oficina Criativa	Papelaria	"Oficina de trabalhos manuais em geral: caixas decoradas, acessórios personalizados, cartonagem, encadernação e o que mais o coração mandar"							



No terceiro momento, categorizamos o empreendimento como criativo ou não. Para tanto, comparamos os dados com os parâmetros colocados para atuação na indústria criativa. Consideramos as características: Tem a criatividade como elemento central - criação de conteúdo de consumo online (informação) ou offline (produtos); Tem valor atribuído pelo consumidor; Gera propriedade intelectual; Utiliza novas tecnologias, especialmente redes sociais. Descrevemos os resultados na Tabela 3.

Tabela 3 - Categorização do empreendimento como criativo.

Nome da empresa	Criatividade como elemento central	Valor atribuído pelo consumidor	Gera propriedade intelectual	Utiliza novas tec- nologias	Empreendimento criativo?
Cansei de ser Básica					
Diferindo					
Dream Coaching					
Maria Lua Astrologia					
Outro Mundo Possível					
Papoliê					
Primeira à Esquerda					
Rockndazs Digital *					
Sementinha de Gente					
Te alugo por uma hora *					
Toda Moça Tem +					
Val Costa Designer de Álbuns					
Você Rica					
Zaená Oficina Criativa					



RESULTADOS

Observando o campo inicial de pesquisa, identificamos 14 empreendimentos - ativos nos últimos 3 meses. Estes 14 empreendimentos foram então analisados individualmente, e os resultados categorizados, tabulados e analisados.

No primeiro momento, listamos: nome da empresa; empreendedor; endereço de site, blog, *e-commerce*; e presença em redes sociais. No segundo momento, identificamos a área de atuação e descrição de cada empreendimento, conforme seus sites, blogs, *e-commerces* e perfis em redes sociais. No terceiro momento, classificamos o empreendimento como pertencente à indústria criativa ou não. Para tanto, consideramos as características: Tem a criatividade como elemento central - criação de conteúdo de consumo online (informação) ou offline (produtos); Tem valor atribuído pelo consumidor; Gera propriedade intelectual; Utiliza novas tecnologias, especialmente redes sociais. Estes resultados foram tabulados e apresentados no subcapítulo anterior.

Consideramos os empreendimentos criativos por sua produção resultar bens simbólicos e artísticos. Principalmente, pela identificação do empreendedor com a definição de empreendedor criativo proposta pelo British Council (2016), a saber: empreendedor trabalhando no setor criativo que a)

tenha demonstrado sucesso nos negócios nos termos clássicos de crescimento de negócios, e/ou em termos de sua reputação entre seus pares; b) tenha desenvolvido um empreendimento social ou sem fins lucrativos bem sucedido em termos de impacto e alcance; c) tenha mostrado liderança na indústria ao promover seu desenvolvimento em seu país; d) tenha desenvolvido iniciativas que desenvolvem e crescem o mercado para este setor em seu país.

O valor da produção é atribuído pelo consumidor, sendo o consumo de natureza interpretativa, experiencial e estética. Essa gera propriedade intelectual, por tratar-se de criação de conteúdo, não apenas disseminação de conteúdo criado por terceiros. Em relação ao uso de TICs, estas são fundamentais para a forma de produção, já que estas mediam o consumo do conteúdo.

Considerando essas particularidades, e analisando os dados coletados, concluímos que todos os empreendimentos estudados se encaixam em uma categorização inicial de empreendimento criativo, com exceção de um. Toda Moça Tem é uma loja de produtos industrializados, em sua maioria importados, portanto não gera propriedade intelectual e pertence ao setor de disseminação. Também, não mantém blog, o que poderia cumprir com a necessidade de geração de propriedade intelectual para categorização.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, os objetivos do estudo foram encontrados. Mostramos que existe campo a ser explorado, identificamos os empreendedores criativos atuantes no campo delimitado, e catalogamos as plataformas online utilizadas para produção e consumo.

O estudo identificou 14 (quatorze) empreendimentos criativos passíveis de futura análise aprofundada. Estes se encaixam na definição proposta de setores da indústria criativa, por terem na criatividade uma dimensão essencial, por sua produção resultar bens simbólicos e artísticos, e por ser seu consumo de natureza interpretativa, experiencial e estética. Seus produtores são considerados empreendedores criativos por se identificarem com a categorização proposta pelo British Council (2016). Também, sua forma de produção atende aos parâmetros colocados para a indústria criativa: a criatividade como recurso-chave, a valorização da arte, e uso de TICs; os produtos tem variedade infinita, diferenciação vertical e perenidade; e a forma de consumo é de caráter cultural e demanda instável. Quanto ao estilo do empreendimento, os participantes estudados localizam-se no continuum como empreendedores artesãos, sendo sua posição variável em relação à proximidade ao oposto extremo do mesmo.

Acreditamos ser a definição de empreendedorismo criativo proposta aqui insuficiente. No entanto, por ser este um momento inicial no estudo, e por

ser a bibliografia escassa, por hora nos contentamos com essa definição rasa, e propomos um estudo mais aprofundado do assunto. O mesmo vale para os conceitos de criatividade e inovação utilizados, que merecem maior atenção.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, P. F.; WOOD JR., T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. e. **Indústrias criativas**: definição, limites e possibilidades. ERA, v. 49, n.1, p. 10-18, jan./mar. 2009.

BIRLEY, S.; MUZYKA,D.F.. **Dominando os desafios do empreendedor**. São Paulo: MakronBooks, 2001.

BRITISH COUNCIL. British Council Poland. **Definition of a creative entrepreneur**. Disponível em https://www.britishcouncil.pl/en/programmes/arts/yce-competition/definition-creative-entrepreneur. Acesso em 06 jan. 2016.

DCMS. Department for culture, media and sports. **Creative Britain:** new talents for the new economy. 2008.

DORNELAS, J.; TIMMONS, J. A.; SPINELLI, S.. **Criação de novos negócios**. Empreendedorismo para o século 21. São Paulo: Elsevier, 2010.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

HANSON, D.. **Indústrias criativas**. Revista Eletrônica Sistemas & Gestão, v. 7, n. 2, p. 222-238, 2012.

KOZINETS, R. V.. Netnografia. Porto Alegre: Penso, 2014.



NEWBIGIN, J.. **A economia criativa**: um guia introdutório. Londres: British Council, 2010.

SEBRAE. **Empreendedorismo no Brasil:** relatório executivo. Disponível em http://www.sebrae.com.br/Sebrae/ Portal%20Sebrae/%20Estudos%20e%20Pesquisas/gem%20 2014_relat%C3B3rio%20executivo.pdf>. Acesso em 08 jan. 2016.



CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO RECRUTAMENTO DE PROFESSORES DE INGLÊS

LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES IN THE ENGLISH TEACHER RECRUITMENT PROCESS

Bruna Helena Rech Rocha (UNIRITTER)¹ Fernanda Gruendling (UNIRITTER)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento de crenças e atitudes linguísticas existentes no recrutamento de professores de Inglês na cidade de São Leopoldo/RS. Foram selecionados seis classificados online para compor o corpus dessa pesquisa, oriundos da busca pela função de "Professor de Inglês", com o filtro "São Leopoldo/RS" no Site Nacional de Empregos (SINE). Esse repositório de vagas foi desenvolvido pelo Banco Nacional de Empregos (BNE), e busca promover a integração entre empregador e trabalhador, de forma gratuita. Os textos que descrevem as vagas são demonstrativos de como é construída a identidade do profissional desejado pela empresa. Vivian Cook é suporte para a conceituação de natividade e Kanavillil Rajagopalan, para o estudo da identidade do professor de Inglês e das crenças linguísticas que os envolvem.

Os dados evidenciam que a identidade do professor de Inglês que é descrita como a almejada pelas empresas é fruto de construções culturais baseadas em crenças e atitudes linguísticas. Isso acaba por contribuir para o enfraquecimento da classe como profissão de nível superior.

Palavras-chave: Crenças Linguísticas. Atitudes Linguísticas. Natividade. Professor de Inglês.

Abstract: This paper aims to survey the existing linguistic beliefs and attitudes in the English Teacher Recruitment process in the city of São Leopoldo/RS. Six job opportunities were selected to compose the research corpus, coming from search by function "English Teacher" with the filter "São Leopoldo / RS" in the National Employment Site (SINE). This repository of vacancies was developed the National Employment Bank (BNE), and seeks to promote integration between employer and employee, free of charge. The job opportunities descriptions show how the professional's identity desired by the companies is built. Vivian Cook is the base for the conceptualization of Nativity and Kanavillil Rajagopalan, for the study of English teacher identity and language beliefs related to it. The data show that the English teacher identity described as desired by companies is the result of cultural constructions ba-

¹ Especialista em Gestão de Instituições de Ensino, mestranda em Letras pela UniRitter. Email: brunahelenarr@yahoo.com

² Especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa, mestranda em Letras pela UniRitter. Email: fgruendling@hotmail.com



sed on language beliefs and attitudes. This contributes to the weakening of a job class which requires a university degree.

Keywords: Linguistic Beliefs. Linguistic Attitudes. Nativity. English Teacher.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade da era digital onde pessoas do mundo inteiro interagem, compartilham informações e fazem negócios. A internet aproxima populações em diversos campos do conhecimento, o que possibilita que pesquisadores brasileiros divulguem seus achados para todos os continentes e também aprendam sobre avanços e estudos publicados pelo mundo. Toda essa troca acontece quase que exclusivamente em Língua Inglesa e a influência linguística e cultural dos povos sobre ela faz com a ideia de pureza do idioma Inglês não se sustente. No entanto, ao longo de vários anos muitos defenderam a ideia da Língua Inglesa sem uma influência externa de outras línguas e culturas, como Perren (1956) demonstrando perplexidade e vendo com temor o tipo de Inglês que os professores do oeste da África falavam, por se afastar do Inglês padrão e que, consequentemente, ensinavam aos seus alunos (RAJAGOPALAN, 2007, p. 195-196). Tal ideia de pureza está invariavelmente associada à natividade do falante, caracterizando uma pessoa que tenha nascido e se criado em um dos países do *inner circle* (KACHRU, 1985) como *native speaker*.

Se levarmos em consideração o ensino de Inglês, a crença de que o *nativo é melhor* ainda está arraigada na mente do público que procura por aulas de Inglês e nas escolas que oferecem tais cursos, promovendo essa superioridade por meio de comerciais que anunciam *aulas com professores nativos, 24 horas por dia*, por exemplo. No entanto, o ensino de idiomas não é de tão fácil definição e, na concepção de Firth e Wagner, conceitos de aquisição de segunda língua:

(...) são aplicados e entendidos de maneira muito simplificada, levando, entre outras coisas, a um pensamento analítico que eleva um idealizado falante 'nativo' para uma posição acima do esteriotipado 'não-nativo', à medida que vê este como comunicador defeituoso, limitado por uma competência comunicativa sub-desenvolvida (FIR-TH; WAGNER, 2007, p. 757-758, tradução nossa).3

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo fazer um levantamento de crenças e atitudes linguísticas existentes no recrutamento de professores de Inglês, levando em consideração questões

³ Do original: "(...) they are applied and understood in an oversimplified manner, leading, among other things, to an analytic mindset that elevates an idealized "native" speaker above a stereotypicalized "nonnative," while viewing the latter as a defective communicator, limited by an underdeveloped communicative competence".



de natividade e identidade linguística apresentadas por Kanavillil Rajagopalan e Vivian Cook. Para isso, foi consultado o Site Nacional de Empregos (SINE), disponível na internet. Criado em 2000, o site se intitula um serviço de utilidade pública, atuando como um classificado online para vagas de emprego brasileiras. Foi desenvolvido pelo BNE - Banco Nacional de Empregos, e busca promover a integração entre empregador e trabalhador, de forma gratuita. No site do SINE, é possível buscar vagas de emprego para diferentes funções, filtrando as vagas por cidade. Para a função de professor de Inglês, na cidade de Porto Alegre, por exemplo, estavam disponíveis 41 vagas na data do acesso ao site. Para a função de professor de Inglês, na cidade de São Leopoldo, estavam disponíveis seis vagas. Desta forma, foram selecionados esses seis anúncios para objeto de análise deste estudo, compondo uma amostra de conveniência, pois é um *corpus* adequado à análise em um trabalho de curta extensão como um artigo.

QUAIS SÃO AS CRENÇAS QUE PERMEIAM O PERFIL DO PROFESSOR ALMEJADO PELAS EMPRESAS?

As instituições que recorreram ao SINE para anunciar suas vagas redigiram pequenos textos para explicitar o tipo de profissional que buscavam para atuar na sua empresa. Essas descrições estão permeadas de atitudes linguísticas baseadas em crenças que ainda circundam o mercado de ensino de línguas. Na vaga 2654492 (FIGURA 1), o professor precisa "possuir certificado para dar curso". Um certificado não é necessariamente um diploma de graduação, portanto não fica claro se o recrutador procura um professor licenciado em Letras, um professor com certificação de órgãos Internacionais como Cambridge, ou qualquer outro tipo de atestado que o classifique dentro dos padrões do *Common European Framework of Reference - CEFR* (COUNCIL OF EUROPE, 2009), por exemplo.



Figura 1 - Vaga 2654492 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)



Na vaga 2320995 (FIGURA 2), uma escola de educação infantil solicita um professor que tenha Inglês fluente de nível avançado. Ao contrário da vaga anterior, não está especificada a titulação acadêmica necessária a esse profissional. A legislação prevê que os professores da educação infantil precisam ter no mínimo formação em magistério ou curso graduação para atuar em sala de aula.

É relevante mencionar também que a questão salarial é colocada como sujeita a combinações entre o empregado e o empregador. No entanto, existem leis trabalhistas e convenções coletivas que determinam os pisos salariais da categoria. Pelo princípio legal da isonomia salarial, Lei nº 1.723, de 8 de novembro de 1952, que modifica o artigo 461 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), um trabalhador que inicie o seu contrato de trabalho em uma empresa não pode receber salário maior do que o último trabalhador contratado para a mesma função. Portanto, a questão salarial não está aberta a negociações, existem parâmetros que a norteiam. No entanto, muitos trabalhadores ainda se sujeitam a condições de trabalho contrárias às dispostas em lei por necessidades financeiras e razões pessoais das mais diversas. Esse tipo de comportamento acaba desvalorizando a categoria profissional.



Figura 2 - Vaga 23200995 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)

Nas vagas 1943701 (FIGURA 3) e 1856581 (FIGURA 4), sugere-se a necessidade de contratação de um professor que atue em diversos segmentos de mercado, pois estão recrutando um profissional que ministre aulas para diversos níveis e faixas etárias. É comum que professores, assim como outros profissionais, tenham maior identificação com nichos de atuação que podem ser determinado por um nível de ensino ou uma faixa etária específica. Um escopo de trabalho que compreende diversos níveis e faixas etárias provavelmente irá



exigir desse profissional um grande tempo de preparação de aula e elaboração de materiais, bem como constante atualização pedagógica. Sendo assim, fica o questionamento: será que a empresa irá fornecer os subsídios que esse professor necessita?

A associação de Teachers of English to Speakers of Other Languages, Inc. (TESOL) emitiu em duas ocasiões declarações repudiando a discriminação contra os professores não-nativos, incentivando o trabalho "na direção de criar e publicar padrões de proficiência de linguagem mínimos que possam ser aplicados igualmente a todos os professores de inglês sem referência à natividade do seu inglês" (TESOL, 1991, tradução nossa)4. A associação também afirma que "o uso dos rótulos 'falante nativo' e 'falante não-nativo' nos critérios de contratação é enganador, à medida que essa rotulação minimiza a educação formal, especialidade linguística, experiência de ensino, e preparação profissional de professores" (TESOL, 2006, tradução nossa)⁵. Esses princípios são certamente muito válidos, porém os anúncios de vagas para professores de Inglês na realidade rio-grandense parecem não seguir essas recomendações: as vagas apresentam distinção entre nativos e não-nativos e não descrevem padrões de proficiência linguística iguais para ambos.

É possível verificar que para essa empresa é imprescindível que o professor seja fluente ou nativo. O termo "ou" sugere que os conceitos "fluente" e "nativo" seriam equivalentes: ser nativo é ser fluente, e que o não-nativo precisa ser fluente para concorrer igualmente com um nativo e poder lecionar a língua. Um não-nativo pode ter mais trabalho para provar a sua fluência, enquanto que o nativo já carrega consigo a crença de que é fluente na sua língua materna. Nesse sentido, possivelmente haverá discriminação entre nativos e não-nativos no processo seletivo. Seria interessante que os critérios de avaliação dessa fluência fossem estabelecidos de forma clara, o que estaria de acordo com a política do TESOL.

⁴ Texto original: "To work towards the creation and publication of minimal language proficiency standards that may be apply equally to all ESOL teachers without reference to the nativeness of their English". Disponível em: http://www.tesol.org/docs/pdf/5889.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2016.

⁵ Texto original: "The use of the label's 'native speaker' and 'nonnative speaker'in hiring criteria is misleading as this labeling minimizes the formal education, Linguistic expertise, teaching experience and professional preparation of teachers". Disponível em: http://www.tesol.org/docs/default-source/advocacy/position-statement-against-nnest-discrimination-march-2006.pdf?s-fvrsn=2 Acesso em: 06 Ago 2016.



SINE) Vagas de Profes	sor de Inglês em São Leopoldo / RS) Vaga de Professor	de Inglês em São Leopoldo / RS - Nº 194370
Vaga para Professor	de Inglês (1 Vaga) - Publicada há mais de 1 mês	▲ Denunciar vaga
Empresa	(confidencial)	
Salário	R\$ 2500,00 Média salarial para Professor de Inglês	
Cidade e Estado	São Leopoldo / RS	
	Escola de linguas, seleciona profissional para ministrar au para diversos níveis e faixas etárias.	ulas do idioma inglês,
	é imprescindível possuir fluência ou ser nativo. Preferenci no exterior,	almente com vivência
	oferecemos: carga horária integral com uma remuneração mercado e benefícios diversos a combinar.	o diferenciada do

Figura 3 - Vaga 1943701 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)

Na vaga (FIGURA 4), a questão dos diversos níveis dentro do escopo de trabalho do professor também aparece na descrição. O anúncio sugere que a empresa irá ocupar a carga horária integral para o professor, tornando possível a inferência de que talvez seja uma espécie de regime de dedicação exclusiva, o que pode ser considerado positivo, pois com o trânsito crescente nas regiões metropolitanas, não ter que se deslocar entre dois empregos é um benefício. O item "remuneração diferenciada do mercado" sugere que a escola em questão paga mais do que o piso salarial previsto, o que pode caracterizar uma valorização do profissional.

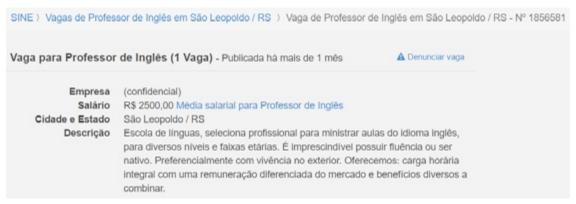


Figura 4 - Vaga 1856581 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)



Com relação à natividade, Rajagopalan (1997) afirma que a natividade é um mito. O autor entende mito como um tipo de visão de mundo carregada de crenças, e não como algo sem sentido. Ele explicita que a linguística moderna tem o mito da natividade como um elemento de fundação de seus conceitos e que toda essa contradição linguística acerca da natividade acabou contribuindo para que muitos linguistas pudessem perceber as fragilidades de suas estimadas categorias de estudo. Sendo assim,

"não é difícil perceber porque os falantes nativos – com todos os atributos sobre humanos que a linguística teórica os concedeu – são espécies impossíveis no mundo real. Os falantes nativos idealizados pelos Gerativistas são, por sua própria confissão, usuários ideais da língua, que conhecem sua língua perfeitamente (RAJAGOPA-LAN, 1997, p.229, tradução nossa).⁶

Na mesma linha de pensamento de Rajagopalan (1997), Cook (1999) preconiza que os falantes nativos não necessariamente estão cientes de seu conhecimento de uma maneira formal, da mesma forma que não conseguiriam explicar como se anda de bicicleta. O autor classifica como questões discutíveis o fato de que muitos falantes nativos não têm consciência de como o seu discurso se difere da variante padrão da língua, o que explica as variações linguísticas mesmo entre falantes profissionais da língua. Muitos falantes nativos também não são fluentes na fala, citando o exemplo de Stephen Hawking e Helen Keller, que se comunicam por vias alternativas, ainda na visão do autor.

Cook (1999) adverte que, ao ensinar uma L2, o professor precisa ter claro o fato de que para um sujeito que já tem uma L1 em seu cérebro é inevitável que essa outra língua seja aprendida com base na L1. Dessa forma, o falante nativo monolíngue não seria o sujeito mais adequado para ser um professor de língua, pois ele conhece a sua língua, mas não conhece a língua do estudante com o qual está trabalhando, língua sobre a qual se baseará a construção de novo conhecimento. Cook (1999) define o termo multicompetente para o sujeito que possui conhecimento de duas línguas, conseguindo transitar entre elas. Nesse sentido, a multicompetência é, na visão do autor, o conhecimento total que um indivíduo tem de mais de uma língua.

Para Cook (1999), o que é indiscutível em termos de definição do falante nativo é o fato de que um indivíduo é o falante nativo da língua que aprendeu primeiro, as características que vão além dessa estão atreladas ao uso que se faz da língua e não deveriam compor o conceito.

⁶ Texto original: "it is not difficult to see why native speakers – with all the supra human attributes that the theoretical linguist has bestowed upon them – are impossible species in the real world. The native speakers dreamed up by the Generativists are, by their own confession, ideal language users, who know their language perfectly well".



A vaga tem na sua descrição "ser nativo ou fluente na língua" como requisito para ser professor de Inglês nessa empresa. O termo "ou" passa a ideia de que os requisitos se equivalem, pois se um ou o outro for preenchido é possível concorrer à vaga. Sendo assim, ser nativo significa ser fluente? Todo nativo é fluente? O que é ser fluente? Um não-nativo pode ser fluente?

Cook (1999) apresenta uma lista de fatores que definem o que é ser um falante nativo, iniciando por características apresentadas por Stern (1983). O autor considera que um falante nativo possui:

(a) um conhecimento subconsciente das regras,

(b) um entendimento intuitivo de significados,

(c) a habilidade de comunicar-se em situações sociais, (d) uma variedade de habilidades linguísticas, e (e) criatividade no uso da língua." [...] O Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics (Johnson & Johnson, 1998) acrescenta (f) identificação com uma comunidade de língua. Davies (1996) acrescenta (g) a habilidade de produzir discurso fluente, (h) conhecimento das diferenças entre sua própria fala e a forma 'padrão' da língua, e (i) a habilidade 'de interpretar e traduzir para a L1 da qual ele ou ela é uma falante nativo' (p.154) (COOK, 1999, p. 186, tradução nossa).7

No entanto, Cook (1999, p. 186) passa a desmistificar tais conceitos, e entre algumas das ideias que o autor apresenta está no conhecimento que um falante tem entre as diferenças do seu discurso e o "padrão". Vamos tomar como exemplo os falantes de português. Ora, um brasileiro que não tenha concluído o ensino básico, ou então que não tenha tido oportunidades de desenvolvimento profissional, talvez não use o português padrão na sua comunicação. Poderíamos considerá-lo, então, um falante nativo de português? Ele não preencheria o "requisito" apresentado acima em (h), porém poderia ter sucesso em sua criatividade no uso da língua, como mostrado em (e). Ele poderia sentir-se parte de uma comunidade de língua descrito em (f), porém saberia ele traduzir e interpretar para sua L1, como vimos em (i)? Ou seja, seriam todas as características apresentadas por Cook necessárias para a definição de um native speaker? Se este for o caso, acreditamos que milhões de pessoas seriam "desqualificadas" de seu status de falantes nativos por não estarem "adequados" a um ou mais requisitos.

Cook (1999) sugere, então, que o status de falante nativo está no fato de ele falar a língua com a qual ele cresceu, distinguindo-se dos falantes de

Texto original: "(a) a subcouncious knowledge of rules, (b) an intuitive grasp of meanings, (c) the ability to communicate within social settings, (d) a range of language skills, and (e) creativity of language use. The Encyclopedic Dictionary of Aplied Linguistics (Johnson & Johnson, 1998) adds (f) identification with a language community. Davies (1996) adds (g) the ability to produce fluent discourse, (h) knowledge of differences between their own speech and that of the "standard" form of the language, and (i) the ability 'to interpert and translate into the L1 of which she or he is a native speaker' (p. 154)"



inglês como L2 nesse sentido, pois esses aprendem a língua inglesa já tendo outro idioma como o seu "nativo". O autor menciona a distinção feita entre "usuário de L2" e "aprendiz de L2" (1999, p. 187), porém seria possível identificar a linha de separação entre essas duas categorias, ou mesmo *estabelecer* uma linha de separação? Qualquer língua é uma entidade viva, que se modifica diacrônica e sincronicamente, então afirmar que há uma separação clara entre essas duas fases seria, no mínimo, questionável. Cook (1999) propõe que o aprendiz de L2, ao sair de sua sala de aula (presumindo-se que seu aprendizado venha de um contexto formal), seria um usuário de L2, mas perguntamos: será que ele precisa sair da sala de aula para ser usuário? Não está ele fazendo uso do idioma com seus colegas, muitas vezes pessoas de outros países, ao realizar as atividades propostas?

Rajagopalan (2007) sugere que a ideia do nativo puro (e consequentemente do falante nativo puro) é uma invenção do século XIX, considerando a língua como uma entidade *tudo-ou-nada*, mas que historicamente até mesmo na longínqua Grécia os gregos precisavam distinguir-se dos bárbaros para cunhar sua própria identidade e acreditavam que a língua era uma classe de diferenciação.



Figura 5 -Vaga 1752472 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)

Na vaga 1679512 (FIGURA 6), há uma especificidade com relação ao método que o candidato à vaga precisa conhecer para poder trabalhar na empresa. Delimitar a metodologia pode ser um fator de diminuição da autonomia docente diante do processo de ensino-aprendizagem. O fato de a função do professor estar descrita como de auxiliar alunos sugere que há uma crença de que o professor tem um papel pequeno no processo de aprendizagem: auxiliar o aluno, não é necessariamente a função de um professor, mas, como o próprio nome diz, de um auxiliar, que poderia ser um professor em formação, um estagiário, um secretário.



A atitude linguística de intitular *pessoa* pode sugerir que a empresa realmente esteja procurando qualquer pessoa e não um profissional qualificado.

ortunidade para F	Professor de Inglês	▲ Denunciar oportunidade
Empresa	Confidencial	
Salário	A combinar Média salarial para Professor de Inglês	
Cidade e Estado	São Leopoldo / RS	
Descrição	Pessoa , , , para auxiliar alunos de ingl a combinar.	ês através de método audiovisual, horário

Figura 6 -Vaga 1679512 Fonte: Site Nacional de Empregos (SINE)

Além disso, o método audiovisual, baseado em repetições, também pode contribuir para o mito da natividade, se esse for o ideal perseguido pelos modelos de exercício de escuta. Cook (1999) traz para a discussão o uso do conteúdo produzido por *native speakers* no material utilizado em sala de aula. O autor explica que os livros didáticos acabam apresentando uma "visão normativa idealizada do inglês" (COOK, 1999, p. 189) o que é diferente do real inglês que os aprendizes/usuários de L2 encontrarão no mundo real, e isso inclui não somente a distinção entre o coloquial e padrão, mas também questões de variação linguística abordadas por Labov (2008) e Crystal (2003).

Ao mesmo tempo em que há essa normatização no ensino-aprendizado, Cook (1999) reitera que as ideias de *sucesso* e *fracasso* estão associadas ao aprendizado de L2 levando-se em conta tal normatização, mas que isso conduz à falácia comparativa (*comparative fallacy*) trazida por Bley-Vorman (1983), onde há a comparação entre um aprendiz de L2 e o falante nativo (ou talvez o *ideal* de falante nativo). Cook traz o argumento levantado por Labov (1969) em que "um grupo não deveria ser mensurado em relação à norma de outro grupo" (1999, p. 194), o que leva a crer, ainda na visão do autor, que a produção de aprendizes/usuários de L2 não deveria ser comparada a do falante nativo, e que as diferenças na comunicação de ambos os grupos são exatamente isso: *diferenças*, e não déficits. No entanto, Cook expõe que, mesmo que os dois grupos não devessem ser comparados, eles o são. Seguindo essa linha de raciocínio:

 $^{^{8}}$ Texto original: : "one group should not be measured against the norm of another".



(...) professores, pesquisadores, e pessoas em geral acham natural que aprendizes de L2 representem um caso especial que possa ser propriamente julgado pelos padrões de outro grupo. A gramática que se diferencia da dos falantes nativos, a pronúncia que expõe de onde eles vieram, e vocabulário que difere do uso nativo são tratados como sinais do fracasso dos usuários de L2 em tornarem-se falantes nativos, não das suas realizações no aprendizado de L2. Assim como já foi dito que a mulher deveria falar como um homem para ser bem-sucedida nos negócios, que crianças negras deveriam aprender a falar como crianças brancas, e que crianças da classe trabalhadora deveriam aprender a elaborada língua da classe média, os usuários de L2 são comumente vistos como falantes nativos fracassados (COOK, 1999, pp. 194-195, tradução nossa)9.

Essas atitudes, segundo Cook (1999), são responsáveis pelas pressões que atuam sobre usuários de L2, e estes passam a acreditar nas mesmas ideias de que são falantes nativos fracassados e que a sociedade, por incrível que pareça, vê o bilinguismo (e não o monolinguismo) como um problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados gerados, considera-se que a identidade do professor de Inglês que é descrita como a almejada pelas empresas é fruto de construções culturais baseadas em crenças linguísticas. A crença quantitativamente maior em ocorrências no corpus desse estudo é a da natividade. Essa crença influencia não só o processo de recrutamento do professor de Inglês, mas também em sua identidade profissional e sua atuação em sala de aula, pois, retomando Cook (1999), os professores de línguas acabam encorajando os estudantes a serem como os falantes nativos em função de todo o cenário que está dado no mercado de ensino de língua. Os professores são impelidos a realizar seus planejamentos de forma a alcançar o sucesso em termos de tornar o aluno um falante nativo, mas, como explicitamos nesse trabalho, o objetivo deveria ser a promoção de um usuário multicompente na língua adicional, sem a dicotomia de sucesso e fracasso que a sombra do mito da natividade traz. No entanto, o professor que acolhe esse objetivo precisa estar ciente de que irá romper com a ordem pedagógica presente

⁹ Texto original: "(...) teachers, researchers, and people in general have often taken for granted that L2 learners represent a special case that can be properly judged by the standards of another group. Grammar that differs from native speakers', pronunciation that betrays where L2 users come from, and vocabulary that differs from native usage are treated as signs of L2 users' failure to become native speakers, not of their accomplishments in learning to use the L2. Just as it was once claimed that women should speak like men to succeed in business, Black children should learn to speak like White children, and working-class children should learn the elaborated language of the middle class, so L2 users are commonly seen as failed native speakers".



na maioria das escolas, rompendo também com as expectativas que os alunos têm baseadas em crenças linguísticas.

Os dados demonstram que determinadas atitudes acabam por contribuir para o enfraquecimento da classe como profissão de nível superior, quando atitudes linguísticas de redigir *pessoa* e não *profissional* no recrutamento são dadas como naturalizadas. Ações mais consistentes com relação ao fortalecimento da categoria deveriam ser empreendidas pelas entidades sindicais e também pelas patronais, pois o sucesso das empresas também passa pela qualidade de seus recursos humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 1.723, de 8 de novembro de 1952. Modifica o artigo 461, do Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – (Consolidação das Leis do Trabalho). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L1723.htm Acesso em: 11 Ago 2016.

COOK, Vivian. **Going Beyond the Native Speaker in Language Teaching**. TESOL Quarterly. v. 33, n. 2, p. 185-204, summer 1999.

COUNCIL OF EUROPE. **Relating Language Examinations to the Common European Framework of Reference for Languages:** Learning, Teaching, Assessment (CEFR). The revised version. 2009. Disponível em:http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Manuel1_EN.asp. Acesso em: 19 Ago 2015.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FIRTH, Alan; WAGNER, Johannes. On Discourse, Communication, and (Some) Fundamental Concepts in SLA Research. **The Modern Language Journal**, n. 91, Focus Issue, p. 757-772, 2007.

KACHRU, Braj. Standards, codification, and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In: Quirk, R.; Widdowson, H. (eds.). **English in the World:** Teaching and Learning the language and the literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguistics and the myth of nativity: comments on the controversy over 'new/non-native' Englishes. **Journal of Pragmatics**, n. 27, p. 225-231, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Revisiting the nativity scene. **Studies in Language**. v. 31, n. 1, p. 193-205, 2007.

TESOL. A TESOL statement on non-native speakers of English and hiring practices. Outubro, 1991. Disponível em: http://nnest.moussu.net/docs/TESOL_PositionStatement(1991).pdf>. Acesso em: 3 Ago 2016.

TESOL. Position statement against discrimination of nonnative speakers of English in the field of TESOL. Março, 2006. Disponível em: http://www.tesol.org/docs/pdf/5889.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2016.



O IMAGINÁRIO POÉTICO DE *VOZES* DO SUL DO MUNDO, DE LUIZ DE MIRANDA

THE POETIC IMAGINARY OF LUIZ DE MIRANDA'S VOZES DO SUL DO MUNDO

Camilo Mattar Raabe (PUCRS)¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura do imaginário de Vozes do sul do mundo (2011), do poeta gaúcho Luiz de Miranda. Autor da mais extensa obra poética do mundo e um dos mais importantes poetas da América Latina, Miranda tem um trabalho peculiar e pouco estudado pela academia, no qual a pessoa do poeta funde-se com escrita em intenso fluxo de consciência, numa perspectiva intimista e de elaboradas construções imagéticas. O estudo de Vozes do sul do mundo pontua o complexo das construções simbólicas recorrentes na obra, norteadas a partir das aventuras do andarilho - viajante sem paradeiro que tem o vento como padrinho -, quando se fundem os espaços externo - principalmente "a pampa", a cidade e o mar - e interno - em que a memória pessoal (de forte cunho autobiográfico) e a fantasia interagem. Além de uma leitura mais ampla dos temas simbólicos recorrentes que organizam o imaginário da obra, atenta-se para a construção das imagens a partir da linguagem poética e suas potencialidades, organizadas de modo peculiar pelo poeta em extensas sobreposições de informações, ou então por meio de construções sintéticas e de caráter antitético, com forte expressividade semântica e imagética.

Palavras-chave: Imaginário. Poesia. Luiz de Miranda.

Abstract: The present work proposes a study of the imaginary of Vozes do sul do mundo (2011), written by the South Brazilian poet Luiz de Miranda. Author of the largest number of pages published and considered one of the most important South American writers, Miranda has a particular work almost ignored by the Academy, with a close relation between poet and poetry through intense stream of consciousness, exploring an intimate perspective and the imaginary complex. The study of Vozes do sul do mundo points some recurrent symbolic constructions along the book, organized around a hiker adventure - constantly in journey, with the wind as godfather -, fusing external and internal spaces - specially the pampa, the city and the sea -, usually associating autobiographical memory and fantasy. Beyond the investigation of symbolical aspects frequently present in the imaginary of the book, the present work intends to explore the construction of the images considering poetic language and its

¹ Doutorando em Teoria da Literatura pela PUCRS com bolsa do CNPq. camiloraabe@hotmail.com.



expressivity, organized peculiarly by the poet along extensive superposition of elements or through synthetized and antithetical constructions, counting with strong and expressive semantics and imagery. **Keywords:** Imaginary. Poetry. Luiz de Miranda.

Abstendo-se de qualquer apelo de ordem subjetiva, é preciso considerar que Luiz de Miranda, se não é "o melhor poeta gaúcho em atividade" e um "dos melhores da história do Rio Grande do Sul", como afirma Juremir Machado da Silva no prefácio de Vozes do sul do mundo, é autor de uma poesia de notável e peculiar qualidade, sujeito com o estilo de vida próprio de um poeta maldito à moda de Baudelaire em pleno pampa gaúcho. Com traduções e premiações internacionais, com a obra poética mais extensa já publicada ao longo de mais de meio século, Miranda tem impressionante respaldo de críticos e escritores renomados, como mostram os depoimentos expostos na edição de Vozes do sul do mundo, primeiro volume da coleção Luiz de Miranda editado pela editora universitária da PUCRS. Único gaúcho a concorrer o Nobel de Literatura, considerado por Raul Bopp, em depoimento de 1978, uma "contribuição definitiva para a literatura brasileira", e apontado pelo acadêmico Antônio Olinto como autor de uma obra de vanguarda igualada apenas a Gonçalves Dias, "dois ápices da poesia de língua luso-brasileira", a poesia de Miranda carece de estudos acadêmicos mais aprofundados, hoje restritos a resenhas, prefácios de obras, notas raras em livros de história da literatura, um caderno sobre o autor editado pelo IEL em 1988 e, enfim, uma biografia com um estudo de Eduardo Jablonski, de 2010, pela EDIPUCRS. Observo que não encontrei nenhum artigo sobre o escritor em revistas científicas ou em anais de eventos acadêmicos, o que reflete a necessidade de estudar a obra poética de Luiz de Miranda.

Ao tratar de Vozes do sul do mundo deve observar-se a estreita relação entre a poesia de Luiz de Miranda e sua figura pessoal. O poeta vive de poesia - no sentido financeiro, é seu ofício e ganha-pão – e, é lícito dizer, vive poesia, de modo que ele é considerado um poeta maldito: a "maldição é um estilo de vida, uma visão de mundo e um jeito de ser", afirma Juremir Machado no prefácio do livro, "maldito é quem não se dobra ao cânone da mídia ou quem larga tudo para assinar na ficha do hotel: poeta". Essa relação entre sujeito biológico e o eu lírico, ganha forte proximidade na poesia de Miranda, quando a poesia torna-se o ar que o poeta exala em sua épica do pampa ao mar, passando por registros da memoria pessoal e cultural, relação que talvez contribua para explicar a obra poética publicada mais extensa do mundo.

O mito pessoal que o poeta sustenta, o de viver poesia, leva-o a associar-se ao cancioneiro andarilho, o que confere com sua biografia. A poesia torna-se meio de ponderar a realidade pelo prisma da



imaginação, pelo qual o poeta vive e escreve, cabe observar os diversos poemas em que homenageia pessoas com quem tem relação - ou não -, assim como ambientes distintos em que o eu-lírico situa-se. Assumindo a figura do cancioneiro sem paradeiro, sempre em viagem do pampa ao mar, ocorre um processo entre a observação do espaço e as sugestões da memória biográfica, quando acaba por ser um porta-voz do povo, da multidão, desenvolvidas pela subjetividade do poeta tal sugere o início da obra: "O que aqui se alteia / são vozes da minha aldeia / que levam para o futuro, / passando os muros da cidade, / o começo do território / que desenrola o mar / e uma cortina azul / o esplendor da vida, / aquarela do que sentimos, / vela ao sul do mundo" (p. 9)².

Em Vozes do sul do mundo é possível organizar de modo simplificado o universo imaginário que norteia a obra, o universo pessoal do andarilho que confunde o eu lírico ao autor: "De onde venho, / nasci para andar / os caminhos do sem-fim." (p. 232). Mesmo que a poesia esteja associada deveras a aspectos vividos pelo eu biológico, a imaginação ganha espaço, contando com elementos simbólicos constantes na obra, enriquecendo a épica com o universo imaginário, sendo a metalinguagem um elo de conexão entre o universo externo e a linguagem figurada própria das ressonâncias com a dimensão

interna, subjetiva: "Ouço o que não sei / nos ouvidos do vento, no férreo labor / de quem vai / ao fim do mundo. / Sigo essa profecia / que me deu a poesia, / não altero esse caminho / de mesmo sozinho / descobrir os segredos / que cobrem o horizonte." (p. 237).

A figura do andarilho, neste caso associada ao cancioneiro tradicional do universo gaúcho, é central no desenvolvimento da poética de *Vozes do sul do mundo* e nos trabalhos mais recentes da epopeia mirandiana. No excerto mencionado, o andarilho é impulsionado pela própria poesia a "descobrir os segredos / que cobrem o horizonte", sendo o andar seu paradeiro, uma vez que é nele que o novo se desdobra, é a sina do poeta determinada pela arte. No trajeto pampa-mar-fim do mundo, o qual vai ser discutido em outro momento do estudo, cabe uma sutil referência ao trem, quanto ao "férreo labor", quando "Ouço o que não sei / nos ouvidos do vento", imagem complexa que merece maior aprofundamento.

Para Octavio Paz, "o sentido da imagem é a própria imagem", sendo algo indizível e inexplicável senão por si mesma (1976, p. 49), momento em que sua significação é puramente simbólica, uma vez que é dotada de um movimento antitético de modo com que "nos faça aceder ao domínio da expressão, para lá do domínio da comunicação" (DURAND, s/d, p. 74). Ainda, tratando-se de poesia, a sonoridade também tem parcela importante na percepção

² No caso de citações de poemas de *Vozes do sul do mundo*, será apresentado apenas o número da página.



do leitor: no presente caso, ao tratar do vento, a recorrência do fonema [s] mimetiza o próprio som do vento, para o qual também contribui o [v]. Nesse caso, deve ser pontuado que o poeta ouve o que não sabe, mas pelos ouvidos do vento, personificação que contribui para a abertura semântica da imagem poética, quebra ainda mais o sentido, impossibilitando qualquer tipo de apreensão racional: uma construção imaginária de forte potencial simbólico.

O vento é uma constante na obra, mencionado algumas vezes como padrinho ou pai do eu lírico; o vento, tanto em terra como em mar, acompanha o viajante, é inconstante, livre e rebelde, o único elemento da natureza ao qual ainda a sociedade moderna não conseguiu tachar alguma espécie de tributo. No entanto, como bem sugere a imagem construída por Miranda, "o vento é sinônimo do sopro e, por conseguinte, do Espírito, do influxo espiritual de origem celeste. Essa é a razão porque os Salmos, assim como o Corão, fazem dos ventos mensageiros divinos, equivalente aos Anjos" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 935). Tal referência de conotação espiritual cabe à obra em análise, quando o eu lírico também faz menção a estrelas - em especial a Aldebarã - e a anjos protetores em seus poemas; a qualidade do vento como mensageiro é algo que é próprio também do poeta, cancioneiro de sua terra: "O sul do mundo chega a todo lugar / na voz alta e lúcida do meu pai chamado vento" (p. 201).

O vento acompanha o poeta ao longo de sua epopeia, em mar ou em terra, é o ser mítico - talvez resquício da herança indígena do Rio Grande do Sul -, padrinho - ou seja, pai espiritual - e guia que protege e "inspira" o poeta: "Sou ouvinte do meu sonho, / habito o que não sei. Severo no que escrevo, / pois a linguagem / é minha raiz / e minha pátria. Dou ouvido ao vento, / e rumo por campos desconhecidos" (p. 56). Esse trecho retoma a ideia analisada a alguns parágrafos, quando ouvia nos ouvidos do vento, a profecia que a poesia lhe tinha dado, aventurar-se no mistério do horizonte. O vento, a poesia e o sonho estão relacionados no imaginário do andarilho, impulsionando-o a seguir seu rumo, desbravar "campos desconhecidos", quando habita o que não sabe, a dimensão onírica, inconsciente, um segundo sentido sobre as coisas, a dimensão simbólica de sua linguagem, sua pátria e raiz.

Comentei a referência ao trem como meio de transporte da viagem, algumas vezes presente na obra, quando não diretamente, indiretamente, como em menções a janelas que possibilitam ao viajante vislumbrar a paisagem: "Cidades passam, / como uma viagem de trem, / janela de espanto / em cada lugar." (p. 82). A janela tem um sentido especial, enquadra uma cena da paisagem, ou uma sequência delas, como um filme, conferindo outra percepção ao viajante. Se os olhos são as janelas da alma, o quadro composto amplia a dimensão da imagem, é um elo entre o interior e o exterior do poeta, sendo a



poesia o espanto - em outros poemas "flor de espanto" -, espécie de "disposição anímica" (Stimmung), termo da fenomenologia de Steiger, quando o ser vive a experiência artística numa fusão entre o sujeito e o objeto em expressão (1997, p.59).

O viajante, mesmo sem morada fixa, carrega consigo determinados utensílios, comentados pelo eu lírico em diversas ocasiões, por vezes num sentido mais simbólico do que factual. Seguindo a desenvolver o tema da criação literária, a poesia como um espanto, cabe citar o excerto de outro poema, o qual também anuncia outros elementos do complexo imaginário de *Vozes do sul do mundo*:

Carrego pouca coisa comigo, papel em branco, uma velha caneta sem nome que ganhei de presente, e que já pressente o poema quando ele ilumina minha cabeça, sempre pronta para o seu espanto que me dá a vida em alimentos vários e diários. Só isto espero de Deus, meu cavalo, o cão e o canto. (p. 217).

Além de enfocar alguns instrumentos do alforje do andarilho, o trecho citado ilustra que o poema "ilumina" a cabeça do poeta antes de sua escritura, momento em que é tocado pelo espanto da poesia, a relação entre o mundo interno e externo, motivado pelos "alimentos vários e diários" que a vida dá. É notável a aproximação entre o eu lírico e o eu biográfico, quando não apenas a vida do poeta está bastante presente na obra - com homenagens pes-

soais, menções à sua biografia e ao seu paradeiro ao escrever -, mas no diálogo constante que trava com a vida cotidiana por meio da poesia, um deslocamento de ponto de vista, um prisma lírico sobre a vida corriqueira. Nos últimos anos, Luiz de Miranda escreve seus poemas com muita velocidade e assiduidade, numa espontaneidade que sugere a escrita em um jorro, o que confere com seus depoimentos e com os poemas datados em suas obras: tais questões aproximam o eu lírico do eu biográfico, quando se vive poesia e por meio de uma dimensão poética relaciona-se com o mundo, inclusive profissionalmente.

Consigo o andarilho leva uma caneta e papel em branco, numa nova modalidade do cancioneiro gaúcho, no entanto também tem como companhia o cavalo e o cão, referências constantes na obra e que ganham conotações especiais ao longo da jornada. O cavalo e o cão são animais típicos do universo gaúcho, o primeiro como meio de transporte - sinônimo de sobrevivência em determinados contextos, dada a extensão desértica do pampa - e o segundo como companheiro amistoso, que participa da vida e das lidas campeiras. Miranda, segundo Affonso Romano de Sant'Anna, em 2002, como aponta a orelha de Vozes do sul do mundo, é um "Orfeu dos Pampas", sendo que o poeta leva consigo o pampa, com seu cavalo e o cão, independente se em terras estrangeiras: "Estarei em Dublin até o fim deste ano. / Passarei as portas sagradas com meu cão e o cavalo, com o sul do mundo às costas" (p. 251).



O cavalo e o cão estão associados ao universo do gaúcho, do pampa, que o eu lírico leva consigo. Ao dizer que espera de Deus apenas "o cavalo, o cão e o canto", parece que tais elementos vão tornando-se mais carregados semanticamente, ganham outra conotação no discurso do andarilho. Os dois animais, além da sugestividade própria em relação ao universo gaúcho, têm forte potencial simbólico, possibilitando uma leitura mais profunda do imaginário da obra, enriquecida por recorrentes símbolos teriomórficos.

Ao abordar o universo mítico da antiguidade, Durand (2012) aponta que "o cavalo é isomorfo das trevas e do inferno", sendo tal atributo possível de ser justificado pelo "medo diante da fuga do tempo simbolizada pela mudança e pelo ruído" (p. 75). Enquanto para ele o "cavalo é, portanto, o símbolo do tempo" (p. 78), para Jung o cavalo é o símbolo do psiquismo inconsciente ou da psique-não humana, e para Diel representa a impetuosidade do desejo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 203). Chevalier e Gheerbrant (2009) apontam que o cavalo "é montaria, veículo, nave, e seu destino, portanto, é inseparável do destino do homem", enquanto o homem guia o cavalo quando em pleno dia, no domínio da noite "o cavalo torna-se vidente e guia. A partir daí, é ele que comanda, pois só ele é capaz de transpor impunemente as portas do mistério inacessível à razão." (p. 203). O cavalo, ao qual está associado o destino do eu lírico em Vozes do sul do mundo, abre a possibilidade de ultrapassar os limites da consciência humana, mensurando o tempo a partir das distancias percorridas e pelas memórias acionadas de acordo com os estímulos do ambiente. É o pampa, é o veículo e o guia na dimensão em que habita com a poesia, a dimensão simbólica relacionada ao inconsciente: "Meu cavalo é de tiro longo, / Não se detém / nos desvãos da estrada, / tudo ele enfrenta / e também chega / onde o sonho me traduz / na amplidão da luz / da última estrela" (p. 75).

Enquanto o cavalo serve como veículo, o cão acompanha o eu lírico em sua jornada, animal associado ao "mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades ctonianas ou selênicas" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 176) . Sobre o cão, "há milhares de anos que estamos intimamente ligados a este nosso amigo e aliado fundamental", talvez pela "superioridade dos seus sentidos", a capacidade para detectar um cheiro a distâncias enormes, a firmeza do seu sentido de orientação, a sua penetrante percepção da sinceridade, atributos que "permitiram-nos abranger domínios onde não nos poderíamos aventurar sem a sua ajuda" (RONNBERG; MARTIN, 2012, p. 296). Em inúmeras mitologias, uma vez dotado de uma devoção incondicional e com a qualidade de comungar com o mundo dos espíritos, o cão assume o papel de "guia entre os mundos da vida e da morte, do conhecido e do desconhecido, do humano e do animal, e, simbolicamente, entre a mente consciente



e a selva da pisque inconsciente e da alma" (RON-NBERG; MARTIN, 2012, p. 296).

"Lembro mais / o que não conheço, / pois lhe invento a face, / cidade vizinha, / caminho do meu cavalo / e do meu cão / e de tudo o que falo" (p. 34). Num sentido mais utilitário, o cavalo é o meio de locomoção do gaúcho, sendo o cão seu aliado e protetor; no entanto a poesia habita a ordem do não utilitário propriamente dito, abrindo uma dimensão imaginária fortemente simbólica, polissêmica, quando a construção poética usa da ambiguidade inerente ao símbolo para ultrapassar os horizontes semânticos que caracterizam o uso ordinário da linguagem. O cavalo e o cão simbolizam, além do sul do mundo às costas do andarilho, o ofício poético de desbravar os caminhos obscuros da arte, espaço em que a dimensão inconsciente assume o proscênio sob a direção da imaginação.

Em sua jornada de deslocamentos geográficos constantemente ponderados pelo canto, o poeta tem um rumo que lembra o mito de Sísifo, o deslocamento do pampa ao mar, desembocando no fim do mundo: "Sonho o que não posso, / essa é minha trilha / no rebrilhar do caminho. / Sozinho na longitude da pampa, / o sul é essa estampa / marcada de verdes imensos, / é engenho intenso / rumo ao altar das águas / que morrem no mar sagrado" (p. 165). Luiz de Miranda é um poeta do pampa, levando-o mesmo em poemas sobre boemia e centros urbanos, como se no pampa habitasse o tino lírico do poeta.

Sonhar o que não pode, eis a trilha no rebrilhar do caminho, levando sempre para um horizonte intangível o andarilho sem paradeiro, sendo sua busca sonhar o que não pode alcançar, sempre rumo ao desconhecido, ao onírico e imaginário, ao mar e ao fim do mundo.

É possível dizer que "a paisagem exprime o sujeito, mas ultrapassa-o e abre-o, assim, a uma dimensão desconhecida dele mesmo e do mundo" (COLLOT, 2013, p.83), "é o lugar de uma troca em duplo sentido entre o eu que se objetiva e o mundo que se interioriza" (COLLOT, 2013, p.89). Nesse sentido, a paisagem é dotada de um estado de alma, o Stimmung, contribuindo para ler a dimensão do imaginário de acordo com a especificidade de cada caso, dada a infinita abertura para a construção de novos sentidos. O pampa e o mar, espaços simbólicos mais constantes e expressivos do imaginário de *Vozes do sul do mundo*, acabam com conotações próprias, às quais proponho uma leitura mais elaborada.

Palco do imaginário gaúcho, o pampa, bioma típico do sul do Brasil e da América, é dotado de um carinho maternal, seguindo a flexão de gênero próprio da língua espanhola, familiar ao escritor de Uruguaiana: a pampa. A pampa é seu berço, espaço associado algumas vezes ao deserto no sentido que corresponde à imagem construída por Miranda, pela solidão de sua longitude e imensidão monocolor. A solidão - tema recorrente, pois caro ao andarilho e ao poeta - é uma ressonância da própria paisagem



no eu lírico e por ele repercutida, numa dialética concebida por Bachelard como o fenômeno duplo de "ressonância-repercussão" (s/d, p. 9). Em sua *A poética do espaço* aponta que a "imensidão está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão" (s/d, p. 139). Nesse sentido, a imensidão do pampa, tão vasta que oprime, habitação da ausência, torna-se um prolongamento do eu lírico, de seu estado de espírito sempre em busca do desconhecido, exterior e interior a revelarem-se fundidos pelo verbo.

Se o pampa simboliza a polaridade feminina, o mar assume o oposto masculino: o eu lírico parte da mãe criadora sempre em direção ao mar, associado à polaridade masculina, "altar das águas / que morrem no mar salgado". Apesar da associação do mar ao feminino em diversas tradições, como a associação a Iemanjá nos cultos de terreiros afros, mãe das águas e consequentemente da vida, o imaginário mirandiano resgata seu aspecto masculino, como demonstra ao salientar o salgado característico, intenso e forte, atributos que lembram a fúria das ondas, Poseidon e Netuno. "Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 592), também cabe a ele a associação ao fim do mundo, no percurso do andarilho do pampa, como pondera o poema citado na íntegra:

Desato os nós da saudade e choro um pouco. Me dá uma vontade louca de partir, e é isso que faço, carregando o mapa, da minha vida e dando guarida a um sonho de não voltar. de dar rédeas ao cavalo e no estalo de suas patas, o que a paixão desata chegar ao fim do mundo. O sul é meu país, minha residência na pampa, mas gosto do mar e já armo um galeão azul para singrar o que não conheço, e amanheço onde o trovão se faz rajo no átrio do mês de maio. (p. 80).

O presente poema, em sua extensão, dá o tom da poesia de Miranda, pela sonoridade fluida do verso



livre em períodos extensos, contando com a naturalidade da língua falada e com artifícios como assonância, aliterações, paralelismos estruturais, desenrolar de imagens e argumentos lembrando um fluxo de consciência, a espontaneidade da escrita. Parece que o poeta pensa com o lápis, o que confere com seus depoimentos em que alega que escreve muito rápido (JABLONSKY, 2010), poemas datados, sem revisões, construindo uma sintaxe particular, segmentos de tirar o fôlego pela sobreposição de imagens ou pela narrativa que se desenrola sem pausas. Seu universo imaginário tem determinados lugares-comuns, sendo em Vozes do sul do mundo bastante presente a trajetória do andarilho pampiano rumo ao mar e o fim do mundo, trajeto em que passa por centros urbanos da América Latina e da Europa.

Motivado por uma "vontade louca / de partir", por "o que a paixão desata / chegar ao fim do mundo", segue com seu cavalo rumo ao mar, sempre motivado pela busca ao desconhecido, carregando "o mapa, / da minha vida / e dando guarida / a um sonho / de não voltar". Seguindo a jornada rumo ao mar, que também é o símbolo da psique, com a turbulência superficial e as dimensões impenetráveis de sua intimidade inconsciente, arma seu "galeão azul", frequentemente referenciado na obra, para singrar o que não conhece, e amanhece – no caso a si mesmo, verbo transitivo, um renascimento, rito de iniciação – no lugar em que o trovão, tradicionalmente associado ao verbo, materializa-se na lumi-

nosidade do raio, comunicação entre o céu e a terra, o inconsciente e o consciente, linha ténue em que habita a poesia.

Se a superfície do mar é comumente associada à dimensão consciente da psique, afetada pelas correntes profundas do oceano bem como pelas motivações externas do vento, nela o poeta segue seu rumo ao fim do mundo, num sentido eminentemente simbólico, com a recorrente menção ao galeão e ao lenho. A ideia da barca, em geral, "é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos", também sendo considerada o "símbolo e o meio de passagem para o Outro-Mundo" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 121), o qual pode ser associado ao fim do mundo da poesia mirandiana, o outro lado de nossa realidade sensível palpado na imaginação.

"Assim eu sou, / esta engrenagem / que na linguagem / navega o mundo inteiro" (p.108). Mesmo contando com a ideia de movimento de um polo ao outro, do pampa ao mar, ambos os espaços têm em si consonâncias simbólicas em paralelo, a vastidão, a onipresença do vento e dos astros, o horizonte inalcançável, limiar do fim do mundo, meta determinada pela poesia ao eu lírico, então apenas uma "engrenagem", a impessoalidade pronunciada por Mallarmé. "Escravo me dou, / por amor à palavra, / nele estou / na dor e na alegria, / na magia noturna da linguagem, / que nestas paragens / são o mar e pampa" (p. 224). É por meio da linguagem que o



eu lírico – ou o poeta – viaja ao longo das paragens típicas do sul, o universo do pampa, sendo no domínio da noite que seu verbo pode libertar-se da realidade mundana e adentrar o mistério, o desconhecido geográfico e psicológico: "A noite é imensa / para quem sonha. / Aí coloco / os lírios do adeus / e as alfombras / do que toco / quando teço a aurora. Tudo se ilumina / na escuridão / mesmo as coisas / do quarto da solidão" (p.239).

O "quarto da solidão" tem possível associação ao mundo interior, as dimensões psicológicas do ser, que naturalmente tende a um processo de introspecção durante a noite, quando o mundo telúrico desperta e o lado oculto da noite se manifesta. A noite também é o momento da boemia, caro ao poeta, conhecido como o Secretário da Noite de Porto Alegre, cargo conferido por Lupicínio Rodrigues: "As noites pesam / no alerta das horas. Vinho tinto seco / entre as alfombras do adeus / leva meus passos. No breu e na luz, o que me conduz / vem do véu da alma, / e habita o escondido / do secreto coração" (p.45). À luz do dia a superfície das coisas fica aparente, enquanto durante a noite a dimensão oculta, profunda e íntima emerge, pois o que o conduz habita seu interior, quando a alusão a véus mimetizam a própria ideia de alma assim como pode ser associado ao véu de maya das tradições hinduístas, o véu que ilude os seres humanos da realidade condicionando apenas ao material acessível aos cinco sentidos.

"Sou o ontem / sagrado e azul, / mas trouxe os amanhãs / nos braços de Aldebarã, / vazando as noites / eternas do poema" (p. 48). Entre o passado e o futuro, entre a memória e o incógnito, o poema transcende o espaço-tempo: a partir do presente e suas sugestões, recorrentemente o eu lírico busca elementos de sua memória e mergulha no imaginário, quando a referência à noite e à estela Aldebarã remete ao mistério do "quarto escuro" em que habita a memória e no qual o poeta traça suas andanças imaginárias. Cabe salientar a palavra azul, cor de predileção do poeta dentre outras significativas e recorrentes, como o verde e o dourado. O azul assume diferentes conotações simbólicas, como no caso citado no começo do parágrafo, frequentemente associado ao mistério noturno e à viagem imaginária - logo interior - do eu lírico: "Outros dias chegarão / por estas noites / claras de véus azuis / que cobrem nossa alma" (p.117).

A cor azul, frequentemente associado à alteza celestial bem como ao mar e suas profundezas; também é a cor da melancolia, do isolamento e da tristeza (RONNBERG; MARTIN, 2012, p. 652). De certo modo, o azul simboliza um pouco da dualidade em que o poeta transita em sua vida, é o *spleen et idéal* baudelairiano, figura a quem o poeta gaúcho faz referência em intertexto no livro em questão e de quem herda a atitude maldita de sua vida e poesia. A presença da palavra azul é estimulada por quadros do pampa, bem como do mar, quando a imponência



celeste habita a parte superior do horizonte; mas é também o manto da noite, suas emoções, e com o frequente uso vai ganhando tonalidades sutilmente distintas, como no caso surrealista do "galeão azul".

"Poeta telúrico", para Moacir Scliar, no prefácio de Luiz de Miranda: o senhor da palavra (2010), de Eduardo Jablonsky, "tradutor do imaginário do pampa", segundo Juremir Machado da Silva no prefácio de Vozes do sul do mundo, "Miranda fala de um mundo, entre mítico e real". A construção do imaginário na obra em questão tece uma intricada rede, arquitetada pelas andanças do eu lírico em sua rota "da pampa" ao mar, por vezes passando por cidades, quando os ambientes importam mais em suas conotações simbólicas, sugeridas segundo complexas construções de imagens poéticas, de caráter transcendental. Espaços da vivência de Luiz de Miranda, andarilho segundo consta sua biografia, sua memória pessoal e andanças contribuem para uma aproximação do eu lírico do eu biográfico, que parece acionar suas lembranças a partir de espaços revisitados, fisicamente ou imaginariamente.

Viajante da poesia, parece que o poeta pensa com o lápis em mãos, quando escreve num ritmo diário, como alega em seus depoimentos e afirma em poemas datados, bem como reflete a espontaneidade de sua escrita, por vezes com longos períodos adotando a estratégia de sobreposição de imagens ou a narrativa de sua jornada. Entretanto, cabe salientar que em suas imagens concisas, altamen-

te simbólicas e antitéticas, alcança maior nível de expressividade e originalidade, deslocando o leitor para uma dimensão inacessível pela linguagem ordinária. Tais construções imagéticas merecem estudos mais aprofundados.

Cancioneiro, o eu lírico não deixa de cantar suas andanças, acompanhadas pelo cão e o cavalo, bem como pelo galeão ou o lenho, elementos do imaginário que ganham destaque em sua busca constante pelo "fim do mundo", o desconhecido, orientada por seu padrinho vento. O universo do pampa é bem representado por *Vozes do sul do mundo*, sem preciosismos de linguagem regionalista, mas com a perspectiva de um ser um tanto cosmopolita – mesmo que nascido em Uruguaiana - que leva o pampa em suas andanças como modo de observar o mundo, como um prisma que converge a realidade externa segundo as estruturas do imaginário do poeta.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, s/d. 176 p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2009. 996 p.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013. 204 p.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo, Cultrix, 1988. 284 p.





DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**. 4. ed., São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2012. 551 p.

JABLONSKY, Eduardo. **Luiz de Miranda**: o senhor da palavra. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 127 p.

KATHLEEN, Martin; RONNBERG, Ami. **O livro dos símbolos**: reflexões sobre imagens arquetípicas. Taschen, 2012. 807 p. (The Archive for Research in Archetypal Symbolism).

MIRANDA, Luiz de. **Vozes do sul do mundo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 260 p. (Coleção Luiz de Miranda).

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. 320 p.

STEIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 199 p.



DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
A CULTURA E A COMUNICAÇÃO
ORGANIZACIONAL NA CONSTITUIÇÃO
DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS NO
PROGRAMA CATAVIDA DE NOVO
HAMBURGO - RS

REGIONAL DEVELOPMENT: THE CULTURE AND THE ORGANIZATIONAL COMMUNICATION IN THE CONSTITUTION OF THE IDENTITY OF THE SUBJECTS IN PROGRAMA CATAVIDA OF NOVO HAMBURGO – RS

Caroline Delevati Colpo (Universidade Feevale)¹
Andreza Oliveira (Universidade Feevale)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento regional através da cultura e da comunicação organizacional do Programa Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Catavida na constituição da identidade dos catadores. O Programa Catavida, entendido neste estudo como uma organização, foi criado e implantado pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, RS com o propósito de organizar a atividade de catação no município, e, neste sentido, busca proporcionar aos catado-

res condições adequadas de trabalho, justa remuneração e consequente melhoria na qualidade de vida. O estudo, de caráter exploratório qualitativo e quantitativo, utilizou-se de técnicas de pesquisa bibliográfica, documental, observação participante, questionários e entrevistas. Os questionários foram aplicados a 67 catadores e as entrevistas foram realizadas com 12 catadores pertencentes a organização. Dentre outros resultados, verificou-se que a cultura e a comunicação organizacional do Programa Catavida influenciam a constituição de uma nova identidade aos catadores, uma vez que hoje sentem valorizados enquanto profissionais da catação. Quanto à contribuição do Programa para a vida dos catadores, pode-se constatar que a renda é o elemento mais importante na constituição de suas identidades.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional. Cultura. Comunicação organizacional. Identidade; Programa Catavida

Abstract: This work aims to analyze the regional development through culture and organizational communication in the Programa Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Catavida in the constitution of the identity of collectors. The Programa Catavida, understood in this study as an organization,

¹ Doutora em Comunicação Social na PUC/RS. Mestre em Desenvolvimento Regional na UNISC e graduada em Relações Públicas na UFSM. Professora dos Cursos de Comunicação Social da Universidade Feevale – Novo Hamburgo / RS. carolinecolpo@gmail.com

 $^{^{\}rm 2}$ Graduada em Relações Públicas na Universidade Feevale — Novo Hamburgo / RS.



was created and implemented by Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, RS for the purpose of organizing catador activity in the city, and in this sense, seeks to provide them working conditions, fair remuneration and consequent improvement in quality of life. The study, qualitative and quantitative exploratory, we used bibliographic research techniques, documentation, participant observation, questionnaires and interviews. The questionnaires were applied to 67 pickers and interviews were conducted with 12 scavengers belonging to the organization. Among other results, it was found that culture and organizational communication Programa Catavida influences the formation of a new identity to collectors, since today feel valued as professional grooming. As for the Programa contribution to the life of the collectors, it can be seen that income is the most important element in the formation of their identities.

Keywords: Regional development. Culture. Organizational communication. Identity. Programa Catavida

A COMPREENSÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A concepção de desenvolvimento que existiu no cenário mundial, no pós-guerra, baseava-se na premissa que, para um país ou uma região se desenvolver, era necessário que estivesse integrado aos capitais nacionais e internacionais, ou seja, para uma região ser desenvolvida, necessariamente precisava estar ligada ao mercado capitalista mundial.

Este crescimento se deu, principalmente, no âmbito econômico, deixando de lado as dimensões sociais e culturais que existiam nestas regiões. Almeida (1996) se refere a este desenvolvimento como sendo universal e para todos os lugares e diz que:

É por isso que foi pensado e aplicado de maneira uniformizante. Ao invés das originalidades se exprimirem e se fortificarem, aparecem as características singulares dos povos e das culturas. É um modelo idêntico que se propaga em detrimento de todas as diferenças de situação, de regime e de cultura. (ALMEIDA, 1996, p.11).

Este modelo único de desenvolvimento levou muitos países a escolher, de um lado, a separação funcional do domínio econômico e da vida privada, colocando entre os dois um espaço político aberto e um mercado forte e, de outro lado, um aprofundamento no antidesenvolvimento, ou seja, recusou o modelo desenvolvimentista imposto na defesa pura e simples de identidades culturais (ALMEIDA, 1996, p. 12).

Hoje, o conceito de desenvolvimento também se dá por dois lados. Para Becker (2000), por um lado existe um movimento geral de transnacionalização, que continua se caracterizando pelo primado econômico, considerando as demais dimensões da



vida humana como meio para o desenvolvimento. No outro lado reaparece um processo de regionalização sociocultural, que se caracteriza pela defesa dos recursos ambientais e culturais e pela busca de alternativas para sobreviver ao processo de globalização. Este processo se dá em dois momentos. O primeiro se caracteriza pela resistência e defesa criando estratégias defensivas. O segundo momento é de ações cooperadas, que poderão configurar estratégias baseadas nos recursos naturais e culturais de cada espaço (localidade, municipalidade, região, entre outros).

Deste modo, nota-se que a dimensão sociocultural entra no processo de desenvolvimento, na busca de crescimento através de suas potencialidades, dos seus diferenciais, levando em conta o capital humano que é o intermediador deste processo e valendo-se destas potencialidades para se defender. Com isto ressurge a concepção de desenvolvimento regional que possibilitou também o surgimento da expressão desenvolvimento sustentável, que de acordo com Almeida (1996, p. 14) tem como uma das suas premissas fundamentais o reconhecimento da "insustentabilidade" ou inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Esta noção nasce da compreensão da finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países.

No Relatório Brundtland (1987) a ideia de desenvolvimento sustentável aparece nos seguintes termos: é aquele "capaz de garantir as necessidades das gerações futuras" (ALMEIDA, 1996, p.15). Esta expressão nos remete à ideia de uma integração entre os diferentes níveis de necessidades: naturais, humanas, sociais, econômicas, políticas, que se propõe a eliminar desigualdade social através de uma ideia de igualdade e equidade dos indivíduos e o sistema social e econômico. A partir disto, o desenvolvimento sociocultural da sociedade e dos indivíduos começa a ser levado em conta e Almeida (1996, p.16) refere-se a tal quando afirma que:

o caminho que me parece ser ideal a ser seguido é aquele em que as necessidades dos grupos sociais possam ser atendidas a partir da gestão democrática da diversidade, nunca perdendo de vista o conjunto da sociedade. A direção, pois, do desenvolvimento sustentável deixa de ser aquela linear, única, que assumiu o desenvolvimento dominante até nossos dias; não mais a marcha de todos em uma só direção, mas o reconhecimento e a articulação de diferentes formas de organização e demandas como base, sustentáculo a uma verdadeira sustentabilidade. O "modelo" de desenvolvimento buscado seria então um modelo rico em alternativas, capaz de enfrentar com novas soluções a crise social e ambiental. É preciso conceber um desenvolvimento que tenha nas prioridades sociais sua razão-primeira, transformando, via participação política, excluídos e marginalizados em cidadãos. Esta me parece uma verdadeira chance para a reorganização consequente da sociedade, visando a sustentação da vida e a manutenção da sua diversidade plena.



É com este pensamento de desenvolvimento sustentável, capaz de transformar excluídos e marginalizados em cidadãos, que se torna possível a estruturação de uma sociedade com um forte capital social, que conforme Monasterio (2002) é capaz de formar "bonding social capital" que são grupos homogêneos, voltados para dentro, nos quais as identidades dos membros são reforçadas. Essa "supercola sociológica" cria um ambiente de lealdade e reciprocidade entre os membros, sendo útil, especialmente, para a resolução de problemas de ação coletiva e para o apoio mútuo intragrupo.

Dessa forma, pode-se pensar em desenvolvimento regional paralelo ao desenvolvimento sustentável, uma vez que este é capaz de gerar cidadania entre indivíduos de uma sociedade ou região. Esta cidadania, gerada pelo desenvolvimento sustentável, por sua vez irá gerar e fomentar o desenvolvimento da região através de organizações. Ou seja, há uma necessidade de criar trabalhos em organizações cooperadas³, que envolvam os indivíduos dentro das ações da sociedade da qual fazem parte, e desta forma, passem a se sentir incluídos e cidadãos e sejam capaz de constituir identidades fortes e consolidadas.

A COMUNICAÇÃO E A CULTURA ORGANIZACIONAL NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE

Para Srour (1998), as organizações podem ser definidas como coletividades especializadas na produção de um determinado bem ou serviço, combinando agentes sociais e recursos e, posteriormente, convertendo-se em instrumento de "economia de esforço" (SROUR, 1998, p. 107). Ainda para o autor, as organizações podem ser consideradas como sistemas abertos e campos de forças que competem entre si para absorver energia do ambiente externo, processar insumos e gerar produtos. Para isso é necessário administrar pressões e fomentar grupos de apoios para criar credibilidade junto à sociedade (SROUR, 1998). Conforme Chanlat (1993),

As organizações contemporâneas exercem influência cada vez maior sobre as condutas individuais, sobre a natureza, as estruturas socioeconômicas e a cultura, o que as leva a se transformar em elementos-chave das sociedades, contribuindo dessa forma a edificar uma ordem social mundial. (CHANLAT, 1993, p. 40).

As organizações também podem ser vistas como locais onde os indivíduos possam realizar seus objetivos pessoais. Para o autor Chanlat (1993, p. 89), a organização pode ser definida "como um

³ A organização aqui estudada será entendida com uma organização cooperada e posteriormente apresentada a seguir.



local onde diferentes agentes contribuem com seus recursos para a produção de objetos e serviços. É também o lugar que cada indivíduo explora, adapta e habita, a fim de realizar seus objetivos".

Estas organizações só conseguem se tornar lugar de referência para os indivíduos que as integram, quando desenvolvem processos comunicativos que gerem significados nas identidades dos sujeitos organizacionais. Segundo Hohlfeldt (2001) a comunicação, ao permitir a troca de mensagens, concretiza uma série de funções sociais importantes, tais como informar, persuadir, convencer, prevenir acontecimentos e até construir identidades.

Assim, a comunicação organizacional tenta abranger todas as possibilidades de comunicação utilizadas e desenvolvidas pela organização para se relacionar e interagir com seus sujeitos. Segundo Freitas (1991) as organizações são vistas como fenômeno de comunicação sem o qual inexistiriam. Neste sentindo, entende-se que é a comunicação possibilita maior sinergia nas relações das organizações com seus diversos públicos sendo capaz, inclusive de promover a constituição da identidade de seus sujeitos.

A identidade é composta por diferentes fatores, e, apresenta-se de forma bastante peculiar em cada indivíduo. A identidade está sempre sofrendo ações de transição, portanto, pode-se afirmar que a identidade não é estática, e sim um processo que se modifica a medida em que os sujeitos se comunicam. Hall diz que "(...) a identidade é realmente algo

formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato. Ela permanece sempre "em processo", sempre sendo "formada" (HALL, 2001, p. 38).

Com isto, a formação da identidade é algo que ocorre ao longo do tempo, através de processos inconscientes, permanecendo sempre incompleta (HALL, 2001). O autor sugere, assim, que em vez de falar em identidade como algo já acabado, deve-se falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Freitas (2006) ressalta que é necessário distinguir identidade de identificação, sendo:

A identidade é um resultado, um estado social psicossocial que pode variar no tempo, ou seja, não é fixa e depende de seu ponto de definição, pois pode dizer respeito ao indivíduo, ao grupo e à sociedade em geral. [...] A identificação, por sua vez, é um processo que apresenta duas acepções: a) o reconhecimento de algo ou de alguém; b) o reconhecer-se em algo ou alguém. (FREI-TAS, 2006, p. 40).

Conforme a autora, os sujeitos possuem diversas identidades e são essas diversas identidades que fazem com que o sentimento de identidade seja experimentado. O sentimento pode ser composto por sentidos de singularidade, coerência, filiação ou pertencimento. Esses fatores se constituem como fonte de coerência interna para os sujeitos, criando assim uma auto categorização que pode variar de acordo com sua nacionalidade, sexo, idade, profissão, cultura etc.



A identificação é conceituada pela autora baseado no conceito que aparece na psicanálise, ou seja, como um processo psicológico "através do qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade ou um atributo de outro e se transforma, total ou parcial, segundo o modelo daquele" (FREITAS, 2006, p. 40). Esse processo influenciará a personalidade do sujeito, essa sendo constituída e diferenciada por uma série de identificações. Para a autora, é por meio desse processo de identificações que a identidade dos sujeitos é constituída.

Assim, os sujeitos, ao integrarem organizações, carregam consigo seus elementos de identidade, que são muitas vezes, constituídos em outros espaços de cultura, e, na menor relação que estabelecem com o outro, tudo pode ser alterado e (re)criado pela identificação. Neste sentido, compreende-se que os indivíduos, quando chegam às organizações, já trazem consigo uma série de características oriundas da cultura no qual faz/fazia parte. Diante dessa perspectiva, entende-se que os sujeitos não ocupam um lugar de passividade dentro das organizações, mas que interagem com as organizações, e da mesma como são afetados pelo sistema organizacional interferem/contribuem nesse sistema através da comunicação organizacional estabelecida.

De acordo com Freitas (2006), para pensar as organizações, a cultura e as identidades, se faz necessário atentar para a relação de cultura entre indivíduo/organização, visto que os vínculos estabeleci-

dos entre ambos ultrapassam a questão puramente econômica. Neste sentido, a autora descreve a cultura organizacional como um conjunto de representações imaginárias sociais construídas e reconstruídas nas relações cotidianas dentro da organização, que são expressas em termos de valores, normas e significados e interpretações, colocando a organização como a fonte de identidade e reconhecimento para seus membros.

Assim, pode-se afirmar que a identidade dos indivíduos está associada à sua identificação com o meio no qual está inserido, inclusive com a cultura da organização da qual faz parte. Nesta perspectiva, também se pode inferir que com o decorrer do tempo esses sujeitos passam a adotar, como suas, algumas características culturais da organização, fazendo com que essas características passem a fazer parte de sua identidade individual, da mesma forma em que fazem com elementos de sua identidade e cultura passem a fazer parte da identidade e cultura organizacional.

APORTES METODOLÓGICOS E O OBJETO DE ESTUDO: PROJETO CATAVIDA UMA ORGANIZAÇÃO COOPERADA

Segundo dados do Ipea (2013), existem no Brasil pelo menos 387.910 catadores; na região Sul, 58.928. Pode-se dizer que muitos destes indivíduos encontram na atividade de catador a única alterna-



tiva possível para realizar a sobrevivência por meio do trabalho, ou seja, a alternativa mais viável diante do contexto, muitas vezes de miserabilidade, em que estão inseridos.

Neste cenário, surge o Programa Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, denominado Catavida. O Programa Catavida é uma ferramenta pública de enfrentamento dos processos de desigualdades sociais numa cidade onde, em 2010, estimava-se ter cerca de 2 mil catadores de materiais recicláveis . Elaborado no ano de 2009 e concluído em 2010, antes da publicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, o Programa Catavida é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, juntamente com uma antiga cooperativa de catadores da região, por isto é entendida como um organização cooperada.

O Programa Catavida surge com o objetivo de desenvolver ações integradas, com base nas dimensões que abrangem a sustentabilidade social, econômica e ambiental, considerando todas as medidas envolvidas no enfrentamento da questão social do lixo, desde a geração dos resíduos até o destino final, potencializando o trabalho dos catadores de materiais recicláveis. Segundo Becker (2000) trata-se de ações cooperadas baseadas nos recursos naturais e culturais de cada espaço (localidade, municipalidade, região, entre outros).

As ações desenvolvidas pelo Programa, demonstram que há preocupação em trabalhar não somente a organização dos catadores, infraestrutura, como também questões relacionadas ao meio ambiente e demonstra a intenção de ter a sociedade como uma parceira do Programa. Nesta perspectiva, se pode concordar com o autor Stuart Hall (2009) quanto à sua proposta de que as identidades estão dentro e não fora do discurso.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2009, p. 109)

Para a realização desta pesquisa exploratória obteve-se um nível quantitativo, que apresenta dados estatísticos com questionário aplicado à 67 catadores do Programa Catavida, e um nível qualitativo que utilizou entrevistas com questões subjetivas não puderam ser reveladas em números. Quanto aos procedimentos técnicos, foram utilizadas ainda, as técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, questionário e entrevista. As observações foram realizadas nas Centrais do Bairro Centro e Bairro Roselândia⁴. A etapa da realização das entrevistas, que ocorreram

⁴ Espaços onde a cooperativa realiza suas atividades.



após a aplicação do questionário, foi realizada com 4 catadores e 8 catadoras escolhidos por acessibilidade e proximidade com as pesquisadoras durante as observações participantes.

ANALISANDO OS RESULTADOS

O Programa Catavida, desde sua criação, em 2010, já capacitou 270 pessoas. Desses, em torno de 80 pessoas atualmente são atuantes no programa. Na Central Centro, atuam cerca de 25 cooperados e os demais atuam na Central do Bairro Roselândia. O Programa capacitou 270 pessoas, pois havia a pretensão de que no município de Novo Hamburgo teriam sete unidades de triagem e não apenas as duas hoje existentes. A razão colocada pelo Programa para a não existência das cinco novas unidades é de ordem orçamentária.

Dos 80 cooperados, 67 responderam ao questionário de perfil para este trabalho. Os dados mostram que há um equilíbrio quanto ao gênero dos catadores que atuam nas centrais. Do total de respondentes, 37 (55%) são homens e 30 (45%) são mulheres. Quanto à faixa etária, os dados mostram a maioria dos respondentes se encontram na faixa dos 26 aos 55 anos. Essa faixa etária representa 77% dos respondentes. Quanto ao estado civil, 67% dos respondentes, 45 catadores, ou são casados ou vivem em união estável.

Os respondentes tiveram seu grau de escolaridade formado por, principalmente, o ensino fundamental incompleto (53 respondentes). É possível afirmar que esse dado pode ser relacionado às características encontradas no exercício da atividade de catador. Esse dado despertou o interesse em questionar, durante a realização das entrevistas, alguns catadores sobre a razão pela qual não haviam concluído o ensino fundamental. A maioria apontou a necessidade de ingressar no mercado de trabalho como o principal motivo para não ter dado sequencia nos estudos, conforme se pode perceber em relatos como: "Trabalhava em casa de família, daí tinha que posa, daí não dava pra estudar" (Entrevistada E)5, "Porque comecei a trabalha com 12 anos. Com 12 anos comecei a trabalhar no calçado" (Entrevistada J), "Tive que trabalhar para ajudar em casa" (Entrevistada L),

Questionados sobre o exercício de outra profissão, 57 respondentes disseram já ter trabalhado em outras áreas. O setor com maior representatividade é o setor coureiro calçadista, no qual 27 catadores já afirmaram ter trabalhado. A pesquisa quantitativa não buscou saber as razões pelas quais houve essa migração da indústria calçadista para o setor de reciclagem, porém muitos dos respondentes fizeram questão de informar que a empresa fechou e, que, por não terem escolaridade se viram obrigados a irem pra rua trabalhar como catador. Conforme

 $^{^{5}}$ Os entrevistados não serão identificados pelos nomes originais. Neste trabalho optou-se por usar letras.



dados do Ministério do Trabalho e Emprego, o setor viveu entre os anos de 1994 e 1998 uma crise que ocasionou o fechamento de mais de 200 empresas e 40 mil empregos foram eliminados, apenas nos setores diretamente envolvidos com a transformação do couro em calçado.

A presença de mais de um membro da família no local de trabalho, também foi questionado, pois, para muitos catadores, a escolha por trabalhar nas Centrais também se deu pela influência de algum familiar. Conforme Baldissera (2009, p. 152), "a identidade é a tessitura e, ao mesmo tempo, a força que mantém juntas as várias identificações possíveis de um indivíduo-sujeito". Neste sentido, se pode inferir que os catadores optam por trabalhar num local no qual seja possível se identificarem com os demais indivíduos, nesse caso, optam inclusive por atuar na mesma central em que atua o seu familiar.

Quanto às motivações para a realização do curso de capacitação, necessário para participar do Programa Catavida, para a maioria dos entrevistados essa se deu por questões pessoais, como a necessidade de trabalho e renda. Considerando as dificuldades de inserção formal no mercado de trabalho, muitos catadores buscaram na capacitação a possibilidade de significar positivamente a profissão de catação. Conforme é possível verificar no relato da Entrevistada E: "Porque eu não consegui mais em firma (Indústria Calçadista), tavam exigindo assim, com se diz, também por idade não aceitavam mais,

estudo". "Pela renda. Daí eu pensei vou lá fazer o curso, né? A gente trabalhava lá (Cooperativa anterior), mas a renda era muito pouca. Trabalhava, enchia os caminhões, mas dava R\$ 200,00 por mês" (Entrevistada L). O Entrevistado F disse que a motivação foi "pelos ganhos". Conforme o autor Morgan (1996, p. 43), "o processo de motivação depende de se permitir às pessoas atingirem recompensas que satisfaçam a suas necessidades pessoais". É possível perceber que a possibilidade de ter uma fonte de renda foi o principal motivo pelo qual houve o interesse na realização do curso de capacitação. As circunstâncias de vida, como o desemprego e a baixa escolaridade também são fatores que influenciaram a decisão dos catadores.

Outros aspectos, como a inclusão, foram citados apenas pela Entrevistada K: "Eu acho que o que eu mais gosto é assim essa inclusão das pessoas onde não se distingue assim é branca, é preta, é gorda, é preto é magro. Eu acho que isso, esse é o intuito do Catavida, esse negócio assim, essa inclusão mesmo. Porque às vezes as pessoas sofrem preconceito pela gordura ou pela cor, pela raça, às vezes porque tu faz mais devagar uma coisa". Essa mesma entrevistada, quando questionada sobre como se sente na cooperativa, disse: "Me sinto bem. Me sinto muito valorizada". Essa mesma entrevistada, quando questionado sobre a importância do Programa Catavida em sua vida, respondeu "Eu gosto de trabalhar aqui no Catavida. De manhã a maior alegria minha é levan-



tar e vim trabalhar aqui". Esse relato demonstra não só um sentimento de pertencimento, mas um sentimento de orgulho em trabalhar como catadora na organização. O que permite crer que o Programa, enquanto organização, para essa entrevistada em especial, é capaz de lhe conferir significação e identidade. Para Cadinelli; Calheiros; Lopes; Silva (2013, p. 3),

a busca do indivíduo por um sentido que lhe faça explicar o seu "estar no mundo" será, então, em boa parte, construída através das relações de identificação/significação que ele vai estabelecer no ambiente das corporações. A própria relação de trabalho permitirá ao indivíduo o contato com novos e diferentes espaços e agentes capazes de conferir significação e identidade.

A renda também aparece com frequência nas respostas que se referem à contribuição do Programa para vida do catador e motivação para permanecer atuando na profissão. Conforme as respostas descritas a seguir podem confirmar: "Pro sustento da família, né? Antes a gente não podia quase da nada porque não tinha a renda boa" (Entrevistado C). "Olha, assim, pra mim é muito. Até eu pega aqui eu não tinha renda nenhuma no caso" (Entrevistada H). Essas questões trazem relatos que comprovam o quanto a renda é significativa para os catadores e, neste sentido, corroboram com a proposta do autor Lisboa (2013, p. 140) quando este cita o catador como "um trabalhador excluído de outras possibilidades de inserção profissional, desejoso de ampliar

seu poder aquisitivo e sua participação como consumidor no mercado de produtos, bens e serviços". Nesta perspectiva, a renda pode ser considerada um dos principais fatores de identificação dos catadores com o Programa Catavida e que esta obtenção de renda possibilitou uma mudança de cultura. Esses relatos que deixam explícito o quanto a renda é relevante na vida do catador, podem contradizer a proposta de Freitas (2006) no que se refere ao pertencimento aos espaços organizacionais

(...) não há como retirar o indivíduo do campo social e da dinâmica das instituições aí existentes. Os laços que os indivíduos desenvolvem em suas relações com as organizações são mais do que simplesmente econômicos; na verdade, são carregados de afetos e, portanto, também de natureza psicológica. (FREITAS, 2006, p. 11).

Uma proposta que vai ao encontro dos relatos relacionados às questões financeiras é a proposta trazida por Baldissera (2014) quando o autor cita, novamente, as organizações como lugares onde os sujeitos além de se sentirem satisfeitos, tem a possibilidade de se sentirem pertencentes ao sistema.

A atual configuração sociocultural e estrutural torna as organizações um dos mais importantes lugares para que os sujeitos, mediante seu trabalho, consigam demonstrar sua potencialidade criativa e produtiva, desenvolver suas habilidades e competências e, nessa direção, sentirem-se social e culturalmente pertencentes ao sistema. Nas organizações, os sujeitos encontram a pos-



sibilidade de realização profissional, o que tende a gerar satisfação e bem-estar. (BALDISSERA, 2014, p. 7).

A ausência de normas formais na cultura da organização pode ser percebida nas intervenções realizadas no local assim como na fala de alguns catadores. Alguns catadores citam a liberdade e, que a rotina de trabalho parece já estar entendida pelos catadores, pois se notou que todos sabem conduzir suas tarefas sem necessidade de supervisão. Essa questão apareceu na observação da Entrevistada H: "Aqui cada um tem suas responsabilidades. É um serviço bom, não é dentro duma firma aonde tá toda hora alguém em cima de ti te cutucando". Neste sentido, se constata que a transmissão de normas da cultura se dá através de sistemas informais de comunicação organizacional, ou seja, pela comunicação que ocorre espontaneamente entre os indivíduos da organização. Conforme Grando (2008, p. 11), "na rede informal prevalece o sistema complexo adaptativo, no qual os colaboradores comportam-se como seres humanos reunidos em rede cooperativa". Esta comunicação interfere na identidade, liberdade e responsabilidade, possibilitando que os indivíduos se sintam mais à vontade para realizar as tarefas a si designadas, o que não quer dizer que não haja responsabilidade, pois se pode verificar que, apesar de não haver formalidade, o trabalho não deixa de ser desenvolvido.

Mesmo o Programa Catavida tendo entre seus objetivos a conscientização em relação às questões ambientais, é explicita a ausência dessa consciência entre alguns catadores, constado através de entrevista. Nas observações realizadas aos dois locais foi possível perceber que nem mesmo os resíduos gerados pelos usuários do local são devidamente separados. Nas duas centrais não há lixeiras que possibilitem o descarte correto dos resíduos, fazendo com que os resíduos gerados pelos catadores acabem sendo depositados no mesmo recipiente. Nessa perspectiva, é possível afirmar que, nem sempre o sujeito cria as suas teias de significação ou produz sentidos convergentes com a cultura das organizações, na medida em que seus valores simbólicos e culturais não condizem com os valores simbólicos e culturais da organização com que mantém relações sociais.

As questões que envolvem o tema sustentabilidade parecem estar presentes somente nos materiais impressos (folder) de comunicação organizacional e na fala dos responsáveis pelo programa quando esses participam de palestras, eventos privados e eventos abertos à comunidade, reuniões, visitas às escolas, empresas privadas etc. Neste sentido nota-se que, para com o público externo, o Programa opta por uma comunicação formal, através de instrumentos de comunicação bem definidos.



CONSIDERAÇÕES

A atividade de catação está atrelada à oportunidade de superação no que se refere a garantia de subsistência dos catadores. Conforme dados obtidos através das entrevistas, para muitos catadores o exercício da atividade foi a única alternativa encontrada após a crise do setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos. O resultado das entrevistas apresentou claramente que a principal motivação para a integrar a cooperativa estava atrelada à possibilidade de melhoria de vida e com isto uma troca cultural. No que se refere ao sentimento em relação ao Programa Catavida, foi possível constatar que há nos catadores uma satisfação em fazer parte do Programa e prazer em trabalhar na atividade de catação. Neste ponto a cultura da organização esta de acordo com a cultura dos sujeitos.

Pode-se inferir que a comunicação e a cultura organizacional do Programa pode constituir uma nova identidade para os catadores, fazendo com que se sintam como profissionais da catação que merecem ser valorizados e, principalmente, que não se sintam à margem da sociedade. Porém, percebeu-se que essa comunicação não é a única fonte constituidora da identidade dos catadores, uma vez que estes também recebem influência do meio no qual estão inseridos, como em sua relação com a família, comunidade etc. Neste sentido, conforme se constatou na análise, há resistência quanto à fixação dos valo-

res relacionados ao meio ambiente, pois na aplicação dos questionários, realização das entrevistas e observações participantes pode-se perceber que há um desencontro com o campo ambiental.

Quanto a principal contribuição do Programa Catavida à vida dos catadores, no que foi possível apreender, pode-se constatar que a renda é o meio que mais constitui a identidade dos catadores em relação ao Programa, tendo sido citada em diversos momentos. A melhora na qualidade de vida, a ascensão social, assim como a possibilidade de adquirir bens e serviços até então inacessíveis faz com que os catadores enxerguem o Programa como o meio pelo qual hoje possam ter uma vida com mais dignidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jalcione. A problemática do desenvolvimento sustentável. In: **REDES**, Santa Cruz do Sul , v.1, n.2, p. 9-16, dez,1996.

BALDISSERA, Rudimar. A teoria da complexidade e novas perscpectivas para os estudos de comunicação organizacional. IN: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação organizacional**: históricos, fundamentos e processos. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação organizacional, tecnologias e vigilância**: entre a realização e o sofrimento. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós. Brasília, v. 17, n.s, mai./ago. 2014.



BECKER, D. Fermiano. Necessidade e projetos regionais de desenvolvimento regional. IN: BECKER, D. Fermiano e BANDEIRA, Pedro (org). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2000.

CHANLAT, Jean-François (coord). **O indivíduo nas organizações**, v. 2: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura Organizacional**: formação, tipologias e impactos. São Paulo, SP: Makron Books, McGraw-Hill, 1991.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura Organizacional**: identidade, sedução e carisma? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernida-de**. 5 ed. Ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **Ipea. Situação Social das Catadoras e Catadores de Material Reciclável e Reutilizável – Brasil**. Livraria Ipea: Brasília, 2013.

GRANDO, Giselle Bruno. Redes formais e informais por um diálogo interno mais eficaz. IN: MARCHIORI, Marlene (org). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. 2a ed. São Caetano do Sul: SP. Difusão Editora, 2008.

LISBOA, Cassiano Pamplona. **Itinerários de catadores:** des(encontros) com o campo ambiental. 2013. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOPES, Boanerges; CALHEIROS, Carmen; CADINELLI, Flávia; SILVA, Rafael. Os desafios da comunicação no âmbito das identidades: construir, dialogar e disseminar percepções. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Manaus, AM: set. 2013. Disponível em < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/lista_area_DT-3-CO.htm>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MONASTERIO, Leonardo M. Capital Social e crescimento econômico no Rio Grande do Sul . In: BECKER, D. Fermiano e BANDEIRA, Pedro (org). **Respostas regionais aos desafios da globalização**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2002.

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações.** Rio de Janeiro: 1998.



COMUNICAÇÃO ENTRE ORGANIZAÇÕES E EMPREGADOS NO CONTEXTO DO TRABALHO COMO ATIVIDADE

COMMUNICATION BETWEEN ORGANIZATION AND EMPLOYEES IN THE CONTEXT OF WORK ACTIVITY

Cássia Aparecida Lopes da Silva (UFRGS)1

Resumo: Discute-se sobre os processos de comunicação entre organizações e empregados intermediados por gestores de equipe, com base no Interacionismo Simbólico (MEAD, 1980; GOFFMAN, 1996) e a partir de pesquisa empírica realizada por Silva (2016), a qual interpretou relatos de gestores de equipes, e, classificou distintas características das interações de comunicação que eles realizam com seus subordinados, desvelando implicações sobre relações de poder (FOUCAULT, 1979) e sobre aspectos da cultura organizacional (BALDISSERA, 2010; 2014). Esses conceitos são cotejados com a noção de atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2004; 2011) visando uma reflexão sobre as potencialidades desses processos de comunicação intermediados por gestores, ou seja, por um lado podem ser espaços de resistência dos trabalhadores e subjetivação do trabalho, materializadores do poder de ação (CLOT, 2010) e da humanização dos ambientes organizacionais, e, por outro lado, também proporcionam controle por parte dos gestores/das organizações, atualizando a concepção de empregado como mero recurso das organizações.

Palavras-chave: Comunicação organizacional. Empregados. Gestor. Atividade de trabalho.

Abstract: It discusses about the communication processes between organizations and employees intermediated by team managers, based in Symbolic Interaction (MEAD, 1980; Goffman, 1996) and from empirical research by Silva (2016), which interpreted reports management teams, and ranked distinct characteristics of communication interactions that they perform with their subordinates, revealing implications for power relations (Foucault, 1979) and on aspects of organizational culture (BALDISSERA, 2010; 2014). These concepts are collated with the notion of work activity (SCHWARTZ, 2004; 2011) targeting a reflection on the potential of these intermediated communication processes by managers, that is, on the one hand can be workers' resistance spaces and subjectivity of work, materializing the power of actin (CLOT, 2010) and the humanization

¹ Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS (PPGCOM), membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional Cultura e Relações de Poder (www.gccop.com.br), professora substituta na Fabico, da UFRGS. lopes.cassia.a@gmail.com



of organizational environments and, on the other hand, also provide control by managers/organizations, updating the notion of employee as a mere resource organizations.

Palavras-chave: Organizational communication. Employees. Manager. Work activity.

INTRODUÇÃO

Este texto considera a noção de comunicação organizacional, a partir do Interacionismo Simbólico (MEAD, 1972; BLUMER, 1980), como "processos de disputa de sentidos no âmbito das organizações" (BALDISSERA, 2009, p. 117), os quais são transacionados por meio de representações de papéis (GOFFMAN, 1996) e relações de poder (FOUCAULT; 1989; 1987). E o que tange especificamente à comunicação entre organizações e empregados, tem como foco os processos de comunicação que são intermediados pelos gestores de equipe, com base em relatos de gestores de equipes entrevistados para nossa pesquisa de mestrado², os quais são interpretados através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Além disso, em virtude de acreditarmos que as organizações, os empregados e as relações que se

dão entre eles, existem em função do trabalho, são abordadas implicações acerca do trabalho contemporâneo, mais especificamente no contexto pós-industrial – Antunes (2009), Corsani (2003), entre outros –. Nessa direção, este texto acrescenta à reflexão sobre comunicação entre organizações e empregados intermediada por gestores (já realizada na pesquisa dissertação referenciada) as ideias pertinentes à noção do trabalho como atividade (SCHARTZ, 2011; 2004), especialmente a crítica sobre a normatividade e a racionalidade técnica imposta ao trabalho (CANGUILHEM, 2001); e a concepção sobre o poder de agir (CLOT, 2010), posto que essas abordagens parecem relacionadas à perspectiva de comunicação organizacional que assumimos.

Assim, este texto se propõe a cotejar aspectos que contornam a noção de trabalho como atividade com a noção de comunicação como processo interacional – abrangendo cultura e relações de poder – e com os achados da pesquisa realizada (Silva, 2016). Além disso, ponderamos sobre as seguintes questões: 1) De que maneira a concepção do trabalho como atividade colabora para a compreensão e a análise dos processos de comunicação entre organizações e empregados? 2) Pode haver conexões entre o entendimento da comunicação organizacional

² Dissertação apresentada ao PPGCOM/UFRGS, em janeiro de 2016, intitulada "Comunicação organizacional na gestão do trabalho: papéis dos gestores de equipe e natureza da comunicação".



como processo que se realiza a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos³ em relação e a materialização do poder de agir dos trabalhadores? 3) É possível pensar em possibilidades de escape, pelos trabalhadores, em relação à ordem posta, a partir das naturezas de comunicação identificadas na pesquisa abordada (SILVA, 2016)?

Acerca dessas questões, não esperamos (nem consideramos possível, num texto como este) encontrar respostas, mas buscamos entrelaçar e destacar as relações pertinentes às macroperspectivas – comunicação organizacional e trabalho como atividade – e suas respectivas bases teóricas e implicações, o que começamos, a seguir.

COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DO TRABALHO E A NOÇÃO DE TRABALHO COMO ATIVIDADE

Para iniciar essa reflexão, é necessário situar que o tipo de trabalho coerente com nossa discussão é o formal⁴ e vinculado a uma organização. Além disso, no contexto da sociedade do conhecimento

– conforme Corsani (2003), pautada por uma nova concepção de mercadoria que transfere o valor do produto em si (físico) para a informação –, a comunicação mostra-se essencialmente presente em todo o processo produtivo e em todos os níveis (hierárquicos) de trabalho, posto que a nova dinâmica de produção pós-industrial exige dos trabalhadores, segundo Dantas (1996, p. 59), capacidade de interpretação e transmissão de informações: "cada indivíduo inserido na produção capitalista não passa de um elo informacional que recebe, processa e transmite algum subconjunto de informações necessário às atividades de outros indivíduos, ou do conjunto do subsistema social no qual interage."

A essencialidade da comunicação no âmbito das organizações pós-industriais – essas marcadas pela alta competitividade e velocidade – se evidencia pela alternância constante das características técnicas dos produtos, das demandas, das estratégias, das rotinas de produção, indicando a necessidade de que as descrições das tarefas de trabalho e dos fluxos de informação que envolvem essas tarefas estejam em atualização contínua e, por isso mesmo,

³ Destacamos, dentre os possíveis significados para o termo, de acordo com distintas correntes teóricas, que neste texto, a palavra "sujeito" é utilizada para representar uma noção de ser agente, que participa ativamente das interações e processos que envolvem a si mesmo e seu entorno.

⁴ Não desconsideramos a existência de outros tipos de trabalho, a exemplo das proposições de Offe (1989) e Schwartz (2011), tais como o trabalho doméstico e o informal (fora de situação de emprego). Porém, essas formas não são aderentes ao nosso problema de pesquisa, que abrange processos de comunicação materializados no âmbito das organizações, os quais envolvem as pessoas formalmente vinculadas.



permanentemente desatualizadas. Isso evidencia a necessidade de se compreender o trabalho além da racionalidade técnica (descrição e prescrição de tarefas), a qual é criticada por Canguilhem (2001, p.111) como uma concepção que simplifica a ideia de homem no âmbito do trabalho, ao considerar a razão algo externo a esse homem.

Também parece corroborar para contestação da racionalidade técnica do trabalho a perspectiva de flexibilização do trabalho, implantada primeiramente nas fábricas toyotistas⁵ e cada vez mais presente no contexto de transformação da atividade produtiva em prestação de serviços, uma vez que parecem inatingíveis as incumbências de prescrever e de medir o resultado de tarefas que se tornam mais subjetivas como as de pensar "diuturnamente naquilo que é melhor para a empresa e seu projeto" (ANTUNES, 2009, p. 128), de comunicar-se com a equipe para avaliar os processos de trabalho, de ser proativo e sugerir melhorias.

Nesse sentido, dada a simplificação do entendimento sobre trabalho humano a partir da ideia de tarefas (prescritas e/ou) realizadas pelos trabalhadores, Schwartz (2004; 2011) considera trabalho a partir da noção de atividade. Para o autor, uma atividade de trabalho é uma experiência em que se dá uma infinidade de debates, contestações e julga-

mentos sobre as normas antecedentes que regem o respectivo trabalho. Debate que se situa no âmbito do trabalho, mas que não se resume a ele, pois, de acordo com Schwartz (2011, p. 33), a atividade de trabalho "não cessa de ligar um vaivém entre o micro do trabalho e o macro da vida social cristalizada, incorporada nessas normas." E continua, "[...] É, portanto, toda vida social que é surdamente recolocada em questão na oficina, no serviço, no canteiro de obras, para ser (re)disseminada pelos milhares de canais de sociabilidade com os outros espaços da vida social."

Amador (2014) propõe que a noção de trabalho como atividade remete à subjetividade do trabalhador, mas não uma subjetividade individualizada, e sim "uma subjetividade pela via dos processos de subjetivação" (AMADOR, 2014, p. 258 e 259), ou seja, dos processos configurados na gestão do próprio trabalho durante "situações concretas vividas pelos trabalhadores", e que é compreendida como um conjunto de saberes compartilhados num devir.

Assim, a ideia de que o macro da vida social atua com o micro do trabalho, bem como de que a subjetivação seja um processo conformador de saberes a partir de práticas dos trabalhadores em convívio, percebemos relação entre o conceito de trabalho como atividade, especialmente em sua ca-

⁵ Fábricas *toytistas* seguem um sistema de organização do processo produtivo, originado na indústria automobilística Toyota, influenciado pelas teorias japonesas de administração, o qual supõe, entre outros aspectos, a participação dos trabalhadores em decisões sobre a qualidade do produto, os fluxos e os processos de produção.



racterística de subjetivação, e as noções de cultura e de comunicação organizacional que acionamos, Isso porque as práticas de comunicação realizadas no âmbito das organizações materializam a transação de saberes que são (re)significados, às vezes explicitados, renormalizando as formas de agir no contexto do trabalho.

Cabe destacar que consideramos a comunicação que permeia o âmbito das organizações não apenas como fluxos informativos, pois assumimos como lente de análise o Interacionismo Simbólico (MEAD, 1972; BLUMER, 1980), que permite conceber comunicação, de acordo com Baldissera (2004; 2009) como processos nunca acabados, mas reconfigurados de acordo com o contexto. Assim, essa noção subentende implicações de cultura⁶ - conforme Geertz (1989), pois os sentidos disputados nos processos de comunicação se originam nos significados dos objetos que os sujeitos reconhecem desde seus universos simbólicos. Portanto, no que tange aos processos de comunicação que ocorrem no âmbito das organizações, cada um dos interagentes (inclusive os empregados) atribui significado ao que é transacionado nas interações não necessariamente (ou apenas) seguindo os objetivos de comunicação da organização e as diretrizes formais estabelecidas, mas também, conforme já destacamos (SILVA,

2016, p. 51), "aportando a essas relações seus significados próprios, seus valores e regras oriundas de seu convívio social em diversos núcleos, tais como o familiar, de amigos, das associações e clubes em que participa, e, mesmo, das experiências de trabalho anteriores". Por conseguinte, esses significados transacionados, disputados, compartilhados, atuam na conformação da cultura organizacional, formada não apenas pelos pressupostos da alta administração da organização, como também pelos sujeitos que ali atuam e se relacionam (BALDISSERA, 2014).

Assim, ao abordarmos as implicações entre cultura e comunicação no âmbito das organizações e no que diz respeito ao trabalho, parece possível depararmos com a ideia de subjetivação proposta por Amador (2014) amparada na noção de trabalho como atividade, uma vez que admitir a noção de cultura organizacional como algo (re)tecido pelos membros da organização (a alta administração, os gestores e os empregados) significa, para Baldissera (2014, p.91) "dizer que interagindo na/sobre a forma de cultura, os sujeitos transformam-se e a transformam." Nesse sentido, parece possível compreender que as vivências e a teia de significados individuais dos empregados, bem como aquela tecida por eles em relações de comunicação no ambiente organizacional, atuem no processo de subjetivação sobre o trabalho e sobre os

⁶ Para Geertz (1989, p.15) "o homem é um animal amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu" e a cultura é "uma ciência interpretativa à procura do significado", que consiste nessas teias e sua análise.



objetos transacionados no contexto da organização. Portanto, as relações de comunicação e os significados essas fazem circular podem ser pautados pela organização, mas também, à revelia dela. Sobre essas relações de comunicação no ambiente organizacional, seguimos no próximo item.

COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA GESTÃO DO TRABALHO

Sobre a comunicação das organizações com seus empregados, importa ressaltar que as organizações têm dedicado cada vez mais espaço e recursos em seus planejamentos de comunicação⁷ para ações e ferramentas que envolvam os gestores de equipes, em virtude de acreditarem que as relações entre esses gestores e seus subordinados (os empregados) influenciem o cumprimento dos objetivos organizacionais.

Portanto, reconhecendo a relevância da intermediação realizada pelos gestores de equipes na comunicação entre organizações e empregados, bem como a carência de pesquisas e publicações, principalmente considerando a atuação dos gestores de mais baixa hierarquia (tais como supervisores, coordenadores, chefes, encarregados e gerentes), os quais mantém relações mais diretas e frequentes com maior parte dos trabalhadores, dedicamos nossa pesquisa de dissertação (SILVA, 2016) a esse tema, buscando compreender os processos de comunicação materializados entre gestores e seus subordinados.

Nossa pesquisa é fundamentada, também, pela noção de representação como "toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência" (GOFFMAN, 1996, p. 29). Nesse sentido, ao se comunicarem com os trabalhadores (seus subordinados), os gestores de distintas áreas, mesmo que não tenham conhecimentos sobre comunicação, tendem a se exercer sobre os empregados, desempenhando papéis que levem (os segundos) a realizar tarefas, tomar decisões e agir de modos específicos em situações de trabalho, muitas vezes, preferencialmente, almejando que isso ocorra sem questionamento da ordem posta.

Ressaltamos que essas interações são interpessoais entre os gestores e seus subordinados, mas, sendo os gestores porta-vozes da organização perante os trabalhadores, esses processos são, ao mesmo tempo, representativos das relações entre as organizações e os empregados.

⁷ Nesse sentido, a pesquisa Comunicação Interna 2012, realizada pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) evidencia o esforço das organizações em criar ferramentas destinadas aos gestores. Além disso, o estudo Tendências da Comunicação Corporativa no Brasil para 2015, realizado pela mesma instituição (Aberje), apontou a comunicação interna como uma das subáreas da comunicação organizacional que mais receberiam investimentos naquele ano.



Para essa pesquisa, de natureza qualitativa, foram analisados e interpretados, por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), os relatos de entrevista de 12 gestores8 de equipes que atuam em níveis intermediários de hierarquia, em áreas como controladoria, contabilidade, enfermagem, secretaria, atendimento ao cliente, produção fabril, entre outras, de diferentes organizações do Rio Grande do Sul. A análise desses relatos permitiu evidenciar os principais papéis9 que os gestores assumem nessas interações, bem como – aspecto destacado neste texto –, as naturezas características desses processos de comunicação, classificadas como: a) comunicação informativa; b) comunicação disciplinar; c) comunicação opressiva; e d) comunicação participativa, os quais descrevemos a na sequência.

Sobre as naturezas dos processos de comunicação entre gestores e subordinados

Inicialmente descrevemos a comunicação informativa, que se mostrou hegemônica na atuação dos gestores, praticada para orientação e fornecimento de informações aos empregados (regras, objetivos, metas, argumentos) para que os processos produtivos sejam realizados. Essas práticas tendem a reduzir os processos comunicacionais a fluxos informativos, contemplando a ideia de comunicação como algo já dado, pronto, materializado na emissão. Além disso, esses processos tendem a desvelar uma noção de empregado como mero receptor de informações, ordens e solicitações.

Por sua vez, a natureza da comunicação disciplinar mostra-se útil para manter o sistema produtivo enquadrado nos parâmetros idealizados pela organização. Assim, os gestores esclarecem e reforçam os direcionamentos estratégicos e a cultura corporativa (ou seja, a cultura organizacional a partir do ponto de vista da alta gestão) para os subordinados, instigando-os a empregar suas habilidades e competências - ou restringi-las, se não interessarem à organização - de modo a atingirem os objetivos organizacionais. Cabe ressaltar o paralelo entre este tipo de comunicação e a noção de disciplina segundo Foucault (1979; 1987)¹⁰, como um exercício de poder que não é necessariamente negativo ou repressivo, uma vez que essas práticas podem proporcionar aos trabalhadores sensações de prazer por meio da motivação e da satisfação.

⁸ Consideramos gestores os empregados possuidores de cargo formal que os responsabilize pela gestão de uma ou mais equipes.

⁹ A pesquisa realizada identificou como principais papéis desempenhados por gestores na comunicação subordinados os de: transmissor, repreensor, controlador, persuasor, legitimador e auscultador.

¹⁰ Poder disciplinar, conforme Foucault (1979), um dispositivo de controle que torna os indivíduos mais produtivos e capazes de buscar sempre a superação de suas potencialidades. Exercício de poder invisível, que "modela os comportamentos e faz os corpos entrarem numa máquina, as forças numa economia" (FOUCAULT, 1987).



Os processos caracterizados pela natureza da comunicação opressiva podem gerar algum tipo de desconforto ou até sofrimento nos empregados (direta ou indiretamente), pois visam impor aos trabalhadores formas de agir que são diferentes e/ou incoerentes com sua vontade, sua necessidade ou que conflitam com seus direitos. Essas práticas, muitas vezes veladas, podem ser empreendidas como sanção/punição a erros cometidos ou repreensão das vontades e características pessoais do trabalhador.

Por fim, a natureza de comunicação participativa se refere a processos de comunicação nos quais há algum espaço para que os subordinados participem de decisões e manifestem aspectos pessoais ou visões particulares sobre os fatos da organização. São práticas que revelam o gestor/a organização reconhecendo o subordinado como sujeito nos processos de comunicação, e portanto, como mais do que um mero recurso da organização e/ou receptáculo de informações. Porém, essa natureza de comunicação, apesar de muito frequente nos relatos dos gestores entrevistados, se revela como prática esporádica nas organizações, posto que a participação estimulada tendem a se concentrar em discussões e decisões de níveis operacionais, que pouco interferem nas estratégias da organização, ou, ainda, em práticas que dissimulam controle, temor, falta de liberdade e inflexibilidade nos ambientes organizacionais.

Assim, apresentadas as distintas naturezas de comunicação classificadas na pesquisa de mestrado,

cumpre informar que evidenciamos a possibilidade de um mesmo gestor materializar distintas dessas naturezas de comunicação, em virtude de os gestores adaptarem sua forma de comunicar de acordo com suas intenções/intenções da organização, bem como em coerência com o contexto e com as características dos subordinados que participam nas interações.

Essa adaptação realizada pelos gestores nas formas como se comunicam com os empregados conforma um dos papéis predominantes entre os desempenhados pelos sujeitos entrevistados: o papel de auscultador, caracterizado como um papel meio, viabilizador do exercício de outros papéis. Conforme já apontamos (SILVA, 2016), o gestor ausculta para, a partir do que ele toma conhecimento sobre o subordinado com quem se comunica (as pistas não verbais sobre sua aceitação em relação ao que é comunicado, sua postura, sua história de vida, suas subjetividades percebidas...), escolher a estratégia de comunicação que o faça ser melhor compreendido, ser aceito e/ou evitar resistências.

Dessa forma, transbordados pela prática de ausculta, os processos comunicacionais intermediados pelos gestores, apesar de apontarem potencialidade para a efetivação de ambientes organizacionais mais humanizados, também podem servir como meios eficazes para exercícios de poder sobre os trabalhadores. Isso porque não resta dúvidas de que essas práticas demonstram sensibilidade do gestor em reconhecer a comunicação como processo (e não como mera trans-



missão de informações), bem como em compreender os subordinados (trabalhadores) como sujeitos ativos nas interações que participam no âmbito das organizações, os quais merecem ser respeitados em suas particularidades (subjetividades, crenças, concepções de mundo, competências de interpretação...). Contudo, há evidências de que a ausculta seja praticada para melhor atender as intenções de comunicação do gestor (coerentes com os objetivos da organização) sob perspectiva de controle dos sentidos atribuídos pelos empregados sobre os objetivos transacionados no contexto organizacional, indicando potência para manipulação, dissimulação e opressão.

A respeito da abertura das organizações para que os empregados participem dos/se manifestem nos processos de comunicação parece coerente com um contexto no qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), assim como outros aspectos econômicos e políticos tendem a ampliar o senso crítico do trabalhador. Além disso, mesmo as estratégias usadas para controle, revelam pontos de escape, fragilidades que trazem à tona as microrrelações de poder (FOUCAULT, 1979) e possibilidades de que também os trabalhadores se exerçam nos ambientes organizacionais, pautados por suas intenções e suas particularidades. Dessa forma, na sequência, destacamos alguns pontos que, ao nosso ver, desvelam (pelo menos em tentativa) o poder de agir dos trabalhadores em suas interações de comunicação com seus gestores diretos.

PISTAS SOBRE A MATERIALIZAÇÃO DO PODER DE AGIR NOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO ENTRE ORGANIZAÇÕES E EMPREGADOS INTERMEDIADOS POR GESTORES

Importa pontuar a concepção de Clot (2010) sobre o poder de agir: esforço ou tendência para afirmação da existência. Essa noção em tensionamento com a perspectiva de comunicação admitida por nós, apresenta congruência com tentativas dos trabalhadores em fazer valer as atribuições de sentido que interessam a eles, que são coerentes com as teias de significados de seus grupos sociais. Ou seja, os trabalhadores percebem, apontam, inconsistências entre a sua experiência no contexto de trabalho e os contornos que a organização/os gestores dão visando instituir significação hegemônica sobre o mundo do trabalho e sobre a própria organização. Assim, ao manifestar seus pontos de vista, o trabalhador se exerce no âmbito do trabalho, buscando chamar para si o reconhecimento e o tratamento como sujeito (agente) e não como mero recurso, como propomos ilustrar com os excertos a seguir.

A primeira situação destaca a resistência dos trabalhadores a uma tentativa da organização/do gestor em impor rituais à cultura organizacional, neste caso, uma comemoração que enaltece a meta de produção (e por meio dela, o trabalho como sacrifício recompensado):



A gente tentou implementar o comemorar quando atinge uma meta, trazer o sentimento de realização. Mas a gente não conseguiu desenvolver isso. [...] a gente criou um troféu: a melhor fábrica do mês ganha um troféu e ele vai pra ilha da fábrica, e a ideia é que quando o pessoal fosse lá na frente receber o troféu, a gente desse um grito de comemoração. Mas isso não pegou como natural, não entrou no sangue do pessoal.¹¹

Em continuidade, constatamos a intenção do trabalhador em reivindicar informações que considera seu direito mas que lhe são omitidas. Essa organização havia anunciado uma importante fusão com outra empresa do mesmo segmento, mas não forneceu explicações a seus empregados sobre as possíveis consequências dessa fusão para o trabalho e para a vida de cada um. (Demissões estariam a caminho? Haveria transferência de empregados para outras cidades ou estados?) O entrevistado relata ser cobrado por notícias:

Por que as pessoas [os seus subordinados] de vez em quando te perguntam: "tem uma novidade sobre isso?". Porque as pessoas não sabem exatamente. [...] Porque tem coisas que ficam restritas a nível de direção, de vice-presidência. Então, existe muito a desconfiança. Eu acho que a comunicação é feita de uma forma muito genérica, então isso faz com que as pessoas tenham muitos questionamentos, e aí quanto mais tempo de indefinição, mais ansiedade.¹²

Transparece, no trecho acima, uma certa preocupação do gestor quanto ao sofrimento (ansiedade) pelo qual pode passar o empregado que permanece com as dúvidas. No entanto, quer parecer que o trabalhador (ou pelo menos alguns membros da equipe desse gestor) tente pleitear seu direito.

Outro tipo de situação que evidencia fissura nas relações de poder verticalizadas é o reconhecimento, pelo trabalhador, das investidas da organização no sentido de manipular a circulação de informações e de significados pertinentes ao mundo do trabalho. Apesar de essas investidas se mostrarem cada vez mais sofisticadas, há indícios de que nem sempre seja possível bloquear diferentes pontos de vista, como no relato a seguir, no qual o entrevistado reproduz a conversa de um subordinado com ele, a respeito da forma como a empresa divulgou o resultado de uma reunião de negociação com o sindicato da categoria: "[Ela me disse]: Não é nada

¹¹ Dados de entrevista. Pesquisa de campo realizada com gestores de equipes publicada em Silva (2016, p. 126, grifo da autora).

¹² Dados de entrevista. Pesquisa de campo realizada com gestores de equipes publicada em Silva (2016, p. 129, grifo da autora).

¹³ Um dos entrevistados, por exemplo, informou ser prática comum na organização o hábito de, poucos minutos após o término de uma reunião entre a empresa e o sindicato, todos os gestores receberem um resumo com as informações e versões que interessam a empresa e terem como dever reunirem imediatamente com sua equipe para transmitir verbalmente o ponto de vista da organização, antes que a versão do sindicato circule.



daquilo que o sindicato fez acordo com [a empresa]. Botaram tudo ao contrário [no site da empresa]! A gente faz um acordo aqui e eles mudam completamente pros funcionários ali."¹⁴

Por sua vez, o trecho que segue demonstra a capacidade do trabalhador se exercer no âmbito da organização, algumas vezes desconfigurando lógicas hierárquicas, como expõe o gestor entrevistado: "[Os boatos da rádio corredor] são eficientíssimos! Eu chego a ficar sabendo coisas pela rádio corredor, sim, e geralmente estão certas e eu não sabia. De vez em quando não são tão precisos. Mas estão certos. "15 A partir desse excerto, podemos inferir que, se a comunicação formal, realizada "pela" organização "para" os empregados, não atende as demandas de informação e/ou são atrasadas, ou ainda, se não existe comunicação "com", de forma integrada e participativa, os próprios trabalhadores se encarregam de fazer a informação e os sentidos circularem.

Outro exemplo de oposição à ordem posta, que se concretiza por meio de processos de comunicação, pode ser observado no excerto de gestor que conta ter descoberto um fluxo de comunicação paralelo que foi criado, usado e instituído pelos seus subordinados. Fluxo do qual ele não participa, e provavelmente não é bem-vindo:

Um dia alguém [da equipe] falou no grupo [de WhatsApp¹6]: 'Ah, mas eu falei isso no grupo, que eu não ia [participar daquela reunião].' E eu disse: mas eu não acompanhei isso no grupo. Daí a outra pessoa falou 'não, mas foi aquele grupo que [tu] não tá'. E eu não sabia que eles tinham esse outro grupo.¹7

Nesse excerto sobressai um esforço de resistência do trabalhador ao controle, assim como se destaca um espaço para o exercício do poder de agir (na perspectiva de comunicação) com a criação de um novo meio para se comunicar, liberado da vigilância do gestor.

Sobre a reflexão acerca da análise proposta neste artigo, cabe ainda elucidar que as ponderações neste subitem (4) se dão pela apropriação de conceitos dos autores que estudam o trabalho como atividade em tensionamento com os aspectos desses conceitos que consideramos pertinentes aos processos de comunicação organizacional e à influência da cultura nesses processos. Nesse sentido, inferimos que, se tomarmos as práticas de comunicação em perspectiva de serem (também), tarefas de trabalho (fato cada vez mais viável no trabalho pós-industrial, como abordamos no item 2 deste texto) os exemplos aqui analisados tendem a elucidar a prática (ou pelo

¹⁴ Dados de entrevista. Pesquisa de campo realizada com gestores de equipes publicada em Silva (2016, p. 128, grifo da autora).

¹⁵ Dados de entrevista. Pesquisa de campo realizada com gestores de equipes publicada em Silva (2016, p. 129, grifo da autora).

¹⁶ Rede social destinada a troca de mensagens instantâneas, via acesso à internet por meio de telefone celular.

 $^{^{\}scriptscriptstyle 17}$ Dados de entrevista. Pesquisa de campo realizada com gestores de equipes publicada em Silva (2016, p. 99, grifo da autora).



menos a tentativa) do poder de agir do empregado. Poder de agir na medida em que, as tarefas que envolvem comunicação (inclusive aquelas criadas pelos trabalhadores, em revelia às regras da organização) deixam indícios de que os empregados busquem, eles mesmos (pelo menos em algumas situações), se ocupar da atribuição dos significados que lhes interessam nas práticas comunicacionais (em detrimento da aceitação passiva dos significados instituídos pela organização), além de se ocuparem em processos comunicativos com quem desejam se comunicar, escapando do controle e resistindo em algum nível à opressão e à manipulação.

Dessa forma, essas situações demarcadas nos excertos analisados evidenciam conquista de espaço - em algum nível, e/ou em algumas situações - pelo trabalhador para a manifestação de sua subjetividade (suas significações a partir de suas vivências). Esses exemplos também sugerem subjetivação do trabalho, na medida em que as possibilidades de contraposição ao poder exercido pelas chefias e pela organização são representadas como transações, saberes, significações compartilhadas. Nessa direção, parece possível admitir que os excertos demonstrem alguma possibilidade de ampliação dos usos de si por si dos trabalhadores (SCHWARTZ, 2011), pois que esses, em algum nível, criam (ou recriam) seu meio de produção, ressignificam o trabalho, a organização e os objetos simbólicos que nela circulam, a partir de sua própria experiência e não apenas das versões da empresa contadas pelos meios de comunicação institucional (jornal interno, mural, etc) e recontadas pelos gestores. Assim, a partir desses entrelaçamentos entre os distintos conceitos e campos (da psicologia do trabalho e da comunicação organizacional), tecemos nossas considerações a seguir.

CONSIDERAÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO ENTRE ORGANIZAÇÕES E EMPREGADOS INTERMEDIADOS POR GESTORES NO CONTEXTO DO TRABALHO COMO ATIVIDADE

Nesse artigo, buscamos cotejar os conhecimentos já estudados a respeito das relações de trabalho - em contornos pertinentes à concepção de comunicação organizacional conforme Baldissera (2004; 2009) - com as noções relativas ao trabalho como atividade (SCHWARTZ, 2011) e ao poder de agir (CLOT, 2010). Essas ponderações entre os diferentes campos e perspectivas revelaram relação entre o entendimento sobre o trabalhador como sujeito ativo (dotado de poder de agir) e as práticas comunicacionais no âmbito das organizações, bem como entre a interferência dos traços culturais oriundos dos convívios sociais dos trabalhadores na conformação de saberes e nos processos de significação sobre os objetos simbólicos pertinentes ao mundo do trabalho/da organização.



A luz dessas reflexões e partir da pesquisa empírica realizada para a dissertação de mestrado (SILVA, 2016), assumimos que as organizações se mostram ainda orientadas em seus instrumentos de comunicação (e agora, na intermediação da comunicação realizada pelos gestores) para práticas hegemônicas de controle e manipulação sobre os empregados. No entanto, parece haver possibilidade resistência dos trabalhadores, os quais, em alguns aspectos, atuam para ampliar as suas oportunidades de manifestação. Essas possibilidades evidenciam as organizações como espaço de disputa de sentidos, bem como de subjetivação sobre o trabalho, na medida em que abrem algumas brechas para uma compreensão sobre o trabalho que faça sentido não apenas para o atingimento dos objetivos organizacionais, mas também, para a vida dos empregados. Dessa forma, parece possível inferir que, apesar de as organizações atuarem na atualização das formas de controle, pode haver espaço para a conquista de ambientes organizacionais mais humanizados.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda Spanier. Três movimentos para problematizar o trabalho no contemporâneo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, n. 2, vol.17, p.255-265, 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo/ SP: Boitempo Editorial, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação, cultura e interação nas organizações. In.: MARCHIORI Marlene (Org.). **Cultura e interação**. São Caetano do Sul/SP: Difusão/ Rio de Janeiro/RJ: Ed. Senac Rio de Janeiro. 2014, p. 87 – 99.

_____. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. In.: KUNSCH, Margarida. **Comunicação como fator de humanização nas organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2010. p. 61-76

_____. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom** (USP), v. 10-11, p. 115-120, 2009.

_____. Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo/SP: Edições 70, 2011.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In.: MORTENSEN, C.D. **Teoria da comunicação.** São Paulo, Mosaico. 1980, p. 119 – 137.

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Pro-posições**, v.12, n.2-3 (35-36), jul-nov, 2001.

CLOT, Yves. Gêneros Profissionais e Estilos da Ação. In: CLOT, Yves. **Trabalho e Poder de Agir**. Belo Horizonte: Sobrefactum, 2010.

CORSANI, Antonella. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In.: COCCO, Giuseppe (Org). **Capitalismo cognitivo**: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: D&PA 2003, p.15-32.





DANTAS, Marcos. **A lógica do capital informação**: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e científicos Editora SA, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEAD, George H. **Espiritu, persona y sociedade**. Buenos Aires, Paidos Studio, 1972.

OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? **Trabalho & Sociedade**, v.1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

PESQUISA Comunicação interna 2012. **Associação Brasileira de Comunicação Empresarial**. Disponível em http://www.aberje.com.br/pesquisa/PesquisaComunica-caoInterna2012.pdf Acesso em: 14 mai. 2016.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 19-45, 2011.

_____. Circulações, Dramáticas, Eficácias da Atividade Industriosa. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2(1): 33-55, 2004.

SILVA, Cássia A. Lopes da. **Comunicação organizacional na gestão do trabalho**: papéis dos gestores de equipe e natureza da comunicação. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). UFRGS, 2016.

TENDÊNCIAS da Comunicação Corporativa no Brasil para 2015. **Associação Brasileira de Comunicação Empresarial**. Disponível em: http://www.aberje.com.br/ebooks/pesquisa_de_tendencias.pdf. Acesso em: 14 mai. 2016.



(IN) TOLERÂNCIA, LAICIDADE E DIREITOS HUMANOS: O LUGAR DA RELIGIÃO NOS DEBATES PÚBLICOS DA CONTEMPORANEIDADE

(IN) TOLERANCE, LAICISM AND HUMAN RIGHTS: THE PLACE OF RELIGION IN THE PUBLIC DEBATES OF CONTEMPORANEITY

Celso Gabatz¹

Resumo: Assistimos ao ressurgimento do papel da religião na vida política. No Brasil, a presença da atividade política baseada e dirigida por princípios de fé nunca foi tão marcante. Nesse contexto, é oportuno retomar a questão da laicidade, seu papel na vida da democracia e dos direitos humanos, seus nexos com a secularização e a tolerância. O principio da laicidade é uma das formas de responder ao problema da intolerância. O apelo para que a democracia e os direitos humanos sejam resguardados, pois o mercado religioso, como no caso brasileiro, tem impactado no recrudescimento das disputas religiosas opondo diferentes denominações eclesiásticas com desdobramentos na esfera pública, especialmente na arena política e na mídia. Num Estado laico, como no caso do Brasil, as normas religiosas das diversas confissões deveriam ser dirigidas apenas aos fiéis, e não colocados para todo o conjunto da sociedade. Desta maneira, a prerrogativa pública da laicidade é a de assegurar para todos os cidadãos e cidadãs uma perspectiva comum na qual possam exercitar a sua plena cidadania. É essa finalidade que cabe resguardar de modo que a religião não normatize as questões do espaço público, algo que, entrementes, tem se tornado um desafio na agenda política contemporânea.

Palavras-chave: Religião. (In) Tolerância. Laicidade. Direitos Humanos.

Abstract: We witnessed the emergence of the role of religion in political life. In Brazil, the presence of political activity based and directed by principles of faith has never been marked. In this context it should take up the issue of secularism, its role in the life of democracy and human rights, its links with secularization and tolerance. The principle of secularism is one way to address the problem of intolerance. The call for democracy and human rights are safeguarded, for the religious market, as in Brazil, has impacted the resurgence of religious disputes opposing different church denominations with developments in the public sphere, especially in the political arena and the media. In a secular

¹ Doutorando em Ciências Sociais (UNISINOS). Mestre em História (UPF). Pós-Graduado em Ciência da Religião e Docência no Ensino Superior. Graduado em Sociologia, Teologia e Filosofia. E-mail: gabatz12@hotmail.com



state, as in the case of Brazil, the religious norms of various denominations should be directed only to the faithful, and not put to the whole of the society. In this way, the public prerogative of secularity is to ensure for all citizens a common perspective in which they can exercise their full citizenship. I It is this purpose that fits guard so that no religion will regulate the issues of public space, which, meanwhile, has become a challenge in contemporary political agenda.

Keywords: Religion. (In)Tolerance. Laicism. Human Rights.

INTRODUÇÃO

Hoje, há um inevitável crescimento da força pública da religião. Isso tem feito com que a influência de algumas tradições religiosas na esfera pública seja controvertida e, por vezes, ambivalente em uma sociedade cada vez mais marcada pelo pluralismo e pela complexidade. Diante da impossibilidade de respostas definitivas ou adequadas a muitas questões pertinentes, o debate religioso tanto no âmbito do Judiciário, do Legislativo e até mesmo do Executivo, vem desafiando para uma reorganização de demandas com o intuito de garantir a equidade, a tolerância, alteridade e a perspectiva de que não sejam exacerbados os conflitos socioculturais.

O caráter laico do Estado, que lhe permite separar-se e distinguir-se das religiões, oferece à esfera pública e à ordem social a possibilidade de convivência da diversidade e da pluralidade humana. Permite, também, a cada um dos seus, individualmente, a perspectiva da escolha de ser ou não crente, de associar-se ou não a uma determinada instituição religiosa (MAFRA, 2002). E, decidindo por crer, ou tendo o apelo para tal, é a laicidade do Estado que garante, a cada um, a própria possibilidade da liberdade de escolher em que e como crer, ou simplesmente não crer, enquanto é plenamente cidadão, em busca e no esforço de construção da igualdade.

A atuação dos grupos conservadores faz com que a arena política torne-se um espaço de disputas reforçando a pergunta pelos limites aceitáveis da liberdade religiosa nem sempre associada à plena conformidade dos direitos humanos a todos os grupos sociais (VANEIGEM, 2004). O exercício de direitos envolve as liberdades pessoais que, por sua vez, estimulam a perspectiva das obrigações sociais. Estas envolvem o âmbito público, uma vez que é o Estado que deve garantir as condições adequadas e capazes de assegurar que os direitos sejam exercidos de maneira segura e equitativa por todos os seus cidadãos e cidadãs.



QUESTÕES ACERCA DA LAICIDADE E LIBERDADE RELIGIOSA NO BRASIL

A laicidade diz respeito a uma separação entre religião e Estado. O Estado se apresenta como neutro em termos confessionais. As instituições do Estado também são autônomas em relação à religião. Elas não devem ser submissas aos valores, desejos e interesses religiosos. O Estado deve garantir o mesmo tratamento a todas as confissões religiosas e garantir a liberdade de expressão também aos que não creem. De acordo com o jurista Daniel Sarmento, a laicidade adotada na maioria das democracias contemporâneas opera em duas direções:

Por um lado ela salvaguarda as diversas confissões religiosas do risco de intervenções abusivas do Estado nas suas questões internas, concernentes a aspectos como os valores e doutrinas professados, a forma de cultuá-los, a sua organização institucional, os seus processos de tomada de decisões, a forma e o critério de seleção de seus sacerdotes e membros [...]. Mas, de outro lado, a laicidade também protege o Estado de influências indevidas provenientes da seara religiosa, impedindo todo tipo de confusão entre o poder secular e democrático, em que estão investidas as autoridades públicas, e qualquer confissão religiosa, inclusive majoritária (SAR-MENTO, 2008, p. 190-191).

É importante observar que a laicidade não significa a adoção pelo Estado de uma posição ateísta ou resistente à religiosidade. O ateísmo também não

deixa de ser uma definição arbitrária que não deveria ser privilegiada pelo Estado em detrimento de outras compreensões. A laicidade incumbe o Estado para que este se mantenha *neutro* diante de diferentes concepções religiosas sem tomar partido, favorecer ou dificultar qualquer crença (FONSECA, 2013).

A laicidade pode ser diretamente relacionada a dois direitos fundamentais do constitucionalismo contemporâneo: igualdade e liberdade de crença. (CANOTILHO, 1993). Em uma sociedade pluralista como a brasileira, com tantas crenças e opções religiosas, o princípio da igualdade converte-se em um instrumento indispensável ao tratamento de todos os seus indivíduos com respeito e equidade. Já em relação à liberdade religiosa individual, ainda que haja garantia constitucional, a laicidade caracteriza-se como uma diretriz capaz de interditar a promiscuidade entre os poderes públicos e algumas doutrinas religiosas (MARTINS FILHO e NOBRE, 2011).

Rui Barbosa (1877), por exemplo, considerou a liberdade religiosa como a mais importante das liberdades sociais. "De todas as liberdades sociais, nenhuma é tão congenial ao homem, e tão nobre, e tão frutificativa, e tão civilizadora, e tão pacífica, e tão filha do Evangelho, como a liberdade religiosa" (p. 419). A liberdade religiosa enquanto direito fundamental supõe a complexidade de vertentes subjetivas e objetivas, individuais e coletivas, de dimensões negativas e positivas, vinculando-se aos entes públicos e privados com manifestações de crença e culto, de ordem institucional e procedimental. Por



se tratar de um direito fundamental, deveria ser interpretado sob o prisma da liberdade e não sob o enfoque teológico de uma 'verdade' (WEINGART-NER, 2007, p. 61).

Discutir questões relativas à liberdade religiosa no Brasil passa por alguns assuntos como a questão da presença dos símbolos religiosos nos espaços públicos, a presença do ensino religioso nas escolas públicas, feriados religiosos e respeito aos dias de guarda, assistência religiosa confessional no âmbito de instituições públicas, imunidade tributária, cooperação entre igrejas e Estado e, de forma especial, a influência política de alguns grupos religiosos nas instâncias deliberativas de poder (RODRIGUES, 2014).

De acordo com Jónatas Machado a liberdade religiosa situa-se no discurso jurídico-constitucional tendo como premissa e valor de igual dignidade e liberdade de todos os cidadãos, procurando apresentar um conceito de religião e de liberdade religiosa dotado de um grau de inclusão compatível com aqueles valores que afastem dos domínios das opções de fé e da vivência religiosa qualquer forma de coerção e discriminação jurídica ou social.

O exercício da liberdade religiosa individual e coletiva supõe a proteção do exercício da liberdade de associação religiosa em sentido amplo, incluindo a constituição de pessoas coletivas de natureza e finalidade religiosa dotadas dos necessários direitos de auto definição doutrinal e autodeterminação moral e auto governo institucional [...]. O Estado tem que ser garantidor de

igual dignidade e liberdade de todos os cidadãos e grupos de cidadãos, religiosos ou não (MACHADO, 2013, p. 146).

A inexistência de um princípio universalista e de tratamento igual e uniforme que abrangesse todos os sistemas religiosos inviabilizou o pleno reconhecimento dos direitos de certas matrizes religiosas, promovendo o acesso particularizado e desigual de determinadas religiões ao espaço público brasileiro, como se um sistema religioso fosse mais legítimo que o outro (DAMATTA, 1986). Desta maneira, mesmo com o movimento de laicização do Estado brasileiro, "em nenhum momento ou lugar, as religiões deixaram de ser uma 'questão de Estado'" (MONTERO e ALMEIDA, 2000, p. 326).

Danièle Hervieu-Léger (2008) se vale da teoria weberiana para explicar o novo papel da religião. Para a pesquisadora francesa, as crenças teriam afinidades eletivas em relação ao *ethos* econômico e social. O que acontece na contemporaneidade seria uma aceitação de afinidades eletivas entre a individualidade religiosa e a individualidade da vida moderna. Hervieu-Léger parte do reconhecimento da dificuldade em delimitar com clareza o conceito de religião tendo em vista o dado de uma fragilização das separações entre sagrado e profano nas sociedades modernas.

Na mesma direção delineada por Hervieu-Léger, um dos precursores da ideia da construção social da realidade, Thomas Luckmann, (2014) refere



que a religião se torna invisível na contemporaneidade e se dissemina de forma difusa, fazendo com que suas manifestações extrapolem os limites restritos dos espaços convencionais, deslocando-se para outras áreas da vida humana em sociedade como a política e a mídia. Neste sentido, múltiplas são as possibilidades de expressão sem seguir os contornos demarcados pelas instituições.

Nas sociedades contemporâneas não há mais campo religioso estável, e os compromissos de longa duração deixaram de ser norma. Diversos tipos de opções religiosas e múltiplos produtos religiosos são oferecidos dia a dia nos templos e nos meios de comunicação. Religião exclusiva é coisa do passado. O sagrado apresenta-se multiforme, pouco hegemônico e, sobretudo, em constante movimento (RIVERA, 2003, p. 438).

Uma das questões pertinentes na discussão em pauta é a partir de quais referências poderia ser possível compreender com maior clareza as profundas mudanças no campo religioso brasileiro (FIS-CHMANN, 2008)? De igual forma, qual o sentido das repercussões nos usos e as apropriações do es-

paço público por uma religiosidade historicamente consolidada (ORTIZ, 2001)? Qual o papel ocupado pela religião em meio às transformações da sociedade moderna (MARTELLI, 1995)?

O ATIVISMO CONSERVADOR NO ESPAÇO PÚBLICO BRASILEIRO

Os desafios, demandas e possibilidades entabuladas no âmbito do pluralismo religioso na realidade brasileira contemporânea, reforçam a articulação de grupos "conservadores" que embasam as suas ações sublinhadas pelo entendimento de que a modernidade fez emergir a decadência moral, social, cultural e política. Esta decadência estaria diretamente ligada a um "liberalismo teológico" dos movimentos de esquerda, a suposta subversão promovida pelo feminismo, o crescimento da "libertinagem sexual", a ameaça das fações políticas "comunistas", o afrouxamento das autoridades, das leis, punição aos infratores e o aumento da criminalidade.

As identidades "conservadoras" articulam-se no lastro de algumas premissas de restauração de um

² Há uma dificuldade teórica em classificar estes grupos. Em algumas abordagens são chamados de fundamentalistas por utilizarem, com frequência, critérios bíblicos, por vezes, literais, para sustentar suas posições. No entanto, as referências a estes grupos são cada vez mais seculares, pois é comum utilizarem também terminologias ligadas ao direito, economia, ciências médicas e biológicas. Percebe-se que não há tanto empenho em argumentar publicamente com base apenas em razões teológicas, mas muito mais a partir de um sentido de preservação moral e dos bons costumes. É um discurso que apela mais para os valores civis e a democracia, ainda que esta seja interpretada de forma bastante particular. A pesquisadora Jaris Mujica refere que: "O ativismo conservador que defende as tradições, [...] penetrou estrategicamente no secular. Isso obriga a pensa-lo de maneira diferente e a repensar a figura do fundamentalismo religioso. É preciso considerar que o olhar que se teve sobre o fundamentalismo criou imagens essenciais desses grupos e evitou o registro de suas práticas e estratégias, gerando estereótipos. Diante dessa situação, o uso da categoria 'grupos conservadores' aponta a uma posição compreensiva [...] e permite entender as referidas estratégias práticas à luz das transformações" (MUJICA, 2011, p. 94-95).



movimento mítico original, quer seja, a "cristandade", a "sociedade", as "comunidades autênticas" ou a "igreja fiel ou heroica" (BEATY, 2014). Também faz alusão à emergência de ditaduras totalitárias que levariam à perseguição e martírio dos cristãos, dos "homens e mulheres de bem". Daqueles e daquelas que "sentem-se chamados" a defender a "verdadeira família" (MALAFAIA, 2012). Uma defesa intransigente com rescaldos de belicosidade.

É importante destacar que a articulação de grupos conservadores nas últimas décadas é uma referência imprescindível para compreender os contornos das sensibilidades religiosas contemporâneas
na perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos
(CATROGA, 2006). A multiplicação dos espaços de
atividades religiosas, o espetáculo das massas, a penetração de agentes religiosos em todos os níveis
do estado, acabou por criar novas demandas em relação à força persuasiva da imagem do Brasil como
nação católica, além de conferir novos instrumentos de poder e de influência na formação da opinião
pública, modificando a percepção sobre o que corresponde ao interesse coletivo (SANTOS, 2003).

Cabe ressaltar que a realidade brasileira contemporânea tem repercutido inúmeras situações marcadas pelos dilemas das diferenças. O aparecimento de reivindicações com base na diferença traz à tona uma reflexão e uma disputa, muitas vezes veemente, sobre o lugar, os direitos, as representações, a vez e a voz das minorias. A diferença não pode ser compreendida apenas como conceito filosófico ou semântico (SEMPRINI, 1999, p.11). A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social que insere os indivíduos em suas práticas cotidianas a partir de um processo histórico. É, pois, necessário pensar, entender, refletir a partir da diferença assumindo uma nova postura.

O indivíduo ou o grupo não são sujeitos quando pairam sobranceiros acima das condutas práticas. O sujeito é mais forte e mais consciente de si mesmo quando se defende contra ataques que ameaçam sua autonomia e sua capacidade de perceber-se para reconhecer-se e ser reconhecido como tal [...]. O sujeito não é apenas aquele que diz eu, mas aquele que tem a consciência de seu direito de dizer eu. É por isso que a história social é dominada pela reivindicação de direitos: direitos cívicos, direitos sociais, direitos culturais, cujo reconhecimento é exigido hoje de maneira tão premente que constituem campo mais delicado no mundo em que vivemos (TOURAI-NE, 2006, p. 112-113).

A diversidade cultural e religiosa traz à tona as contradições da sociedade brasileira que tantas vezes se professou universalista e igualitária³, mas,

³ Gilberto Freyre (2001) foi um dos pioneiros do "mito da democracia racial" apregoando que existiria, no Brasil, a igualdade de oportunidades para brancos, negros e mestiços. A disseminação desse mito permitiu esconder desigualdades raciais, que podem ser constatadas nas práticas discriminatórias de acesso ao emprego, nas dificuldades de mobilidade social da população negra e que recebe remuneração inferior à do branco pelo mesmo trabalho e tendo a mesma qualificação profissional. A falta de conflitos étnicos não caracteriza ausência de discriminação, mas este silêncio favorece o "status quo" que, por sua vez, beneficia a classe dominante.



que diante dos questionamentos multiculturais, descobre-se profundamente marcada pelas desigualdades. Em última instância, o que está em jogo nesta dinâmica é o projeto de uma sociedade construída de acordo com as premissas da globalização e da modernidade. Infelizmente a "análise monocultural [...] garante que a verdade existe e que é possível conhecê-la, que existe uma solução para cada problema e que é a ciência quem dará tal solução" (SEMPRINI, 1999, p. 89).

Ao se defender a existência de uma verdade imposta a toda coletividade mesmo sabendo que existem direitos absolutos, princípios jurídicos muito relevantes são desconsiderados. (EMMERICK, 2013, 278-279). Os direitos somente podem ser garantidos com a proibição de imposições de moralidades religiosas hegemônicas. A forte atuação de grupos religiosos conservadores no parlamento brasileiro busca garantir algumas prerrogativas morais e teológicas na regulação jurídica no tocante aos direitos relacionados à família, sexualidade, reprodução e aborto. O reconhecimento da sexualidade e da reprodução como direito humano, por exemplo, ainda é algo bastante recente. Tal fato redunda em uma prevalência do senso comum e de tabus na sociedade em geral.

> O crescimento dos movimentos feministas e os ganhos na criação de leis que regulamentam o aborto e a implementação de politicas publicas referidas a direitos sexuais e reprodutivos, ao lado

da expansão dos direitos das mulheres indicaram que novos valores se fazem presentes na sociedade contemporânea (MACHADO, 2008, p. 243).

O grande desafio é o de pensar a religião no contexto dos conflitos da contemporaneidade. Compreender que a cultura e as identidades acabam se articulando de forma estratégica com a democracia, a diversidade e os direitos (BOFF, 2006). A religião acaba sendo parte da emergência de uma cultura e condicionada pelos embates e conflitos decorrentes do pluralismo, da intolerância e da consolidação de políticas democráticas.

A questão não é mais, pelo menos num futuro próximo, se 'a religião' deve estar presente na esfera das instituições públicas, mas como dar sentido a esta presença, como perceber suas diferentes modalidades, impactos e fontes e como avaliar as distintas implicações das relações entre esses atores (e mesmo projetos) religiosos e seus interlocutores e adversários não religiosos (BURITY, 2008, p. 93).

É preciso sublinhar que a reconfiguração da democracia no Brasil, ainda que de forma incipiente, produziu avanços e gerou modificações importantes nas estruturas políticas. Houve mobilização e abertura para que surgissem novos agentes. Neste contexto, foram sendo demarcados fluxos, instaurados intercâmbios e ampliados domínios. Foram surgindo novas vozes que estenderam a repercussão de temas concernentes à diversidade de gênero, sexu-



al, cultural, ética e, também, souberam repercutir as demandas pela garantia de políticas de convivência e alteridade, consolidação de direitos e tolerância (SORJ, 2001).

As mudanças ocorridas no âmbito do processo político brasileiro com modificações nas estruturas do Estado induzindo para uma relativa descentralização dos capitais, a expansão da democracia e dos direitos humanos forçou os grupos conservadores a construir um discurso público tendo como premissa os ideais em torno da *defesa da vida*. Houve uma mudança estratégica de ação e discurso que tem consolidado:

A participação de novos atores políticos [...]. Um interesse dos meios de comunicação no tema dos direitos, exclusão, democracia, justiça em que as formas clássicas de exclusão [...], apesar de ser uma prática que não foi eliminada dos imaginários e das relações sociais, já não são legitimados pelos discursos políticos. Produz-se uma fenda na correlação entre as elites, isto é, entre o controle dos grupos conservadores e o Estado. [...] Novos atores, novos processos e um sistema diferente, diante do qual tem de elaborar novas maneiras de penetração e controle. (MUJICA, 2011, p. 91).

Há uma efetiva preocupação não apenas em relação ao discurso, mas, sobretudo, com estratégias práticas e ações efetivas nos espaços de interação social. Desta maneira, o que ocorre é uma permanente e obstinada busca por influir no espaço público visando consolidar determinadas leis, subjugar políticas públicas de inclusão das minorias, criticar materiais educacionais produzidos pelo Estado de modo a garantir e ampliar o horizonte dos direitos constitucionais.

Em suma, os grupos conservadores se transformaram. Reconstruíram-se politicamente em uma reação diante da secularização. No entanto, esta transformação não foi única. Esses grupos têm [...] reconstruindo seus discursos e seus conceitos para se adaptarem às mudanças políticas e econômicas nos últimos séculos [...]. A inserção na política partidária, nas direções, nos movimentos político-sociais de base mostra que são grupos dinâmicos, diferentes das sociedades herméticas que se têm imaginado regularmente. O ativismo conservador inseriu-se no debate da democracia formal utilizando seus procedimentos. Nessa inserção formou agrupamentos laicos e aprendeu a ser estrategicamente secular. O assunto é que é preciso reconhecer que o ativismo conservador também é parte da democracia, de seus procedimentos e de seus mecanismos de demanda. (MUJICA, 2011, p. 95-96).

Esta adequação contextual dos grupos conservadores traz à tona um deslocamento dentro da sociedade civil organizada. Consolida-se uma agenda de trabalho e de incidência pública através de grupos profissionais especializados e de forças políticas que embora não se valham explicitamente das referências do conservadorismo religioso, manifestam-se contrários a determinados temas.



A defesa da vida aparece como uma estratégia política e discursiva moralmente efetiva, mas tem problemas quando se aproxima da prática concreta das pessoas. Não pode superar o problema da mortalidade materna, os problemas de debate sobre a vida digna, a demanda no uso de contraceptivos, a tendência à descriminalização do aborto. (MUJICA, 2011, p. 98).

A percepção da magnitude do ativismo conservador por parte daqueles e daquelas que lutam em favor dos direitos se deve, em grande medida, pelo fato de que são atores que ocupam vários espaços de maneira individual, em situações estratégicas de decisão política, mas também pela expressiva utilização dos espaços da tecnologia virtual, maximizando pautas.

Sinteticamente, o que se percebe é que [...] tem como objetivo principal combater as ações [...] que visam avançar na garantia dos direitos, bem como barrar toda e qualquer ação ou projeto de lei que afronte os princípios morais e religiosos sobre a vida e a família. (EMMERICK, 2013, p. 214).

No contexto da sociedade brasileira contemporânea, o que é possível observar é uma demanda por inserção política de grupos religiosos alicerçados na reconfiguração de premissas teológicas através da militância, do engajamento e dos discursos políticos. Talvez a grande disputa na construção dos direitos no espaço público brasileiro nem seja a reafirmação da neutralidade das instituições republicanas, mas constituir meios adequados para incorporar os conflitos inerentes às lógicas culturais e religiosas nos debates públicos (ROSADO-NUNES, 2008, p. 67-81).

AS AMBIVALÊNCIAS E CONTORNOS DA (IN) TOLERÂNCIA NA ATUALIDADE

Reportando-se ao fenômeno que, genericamente, tem sido denominado na atualidade como "fundamentalismo religioso", o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, propõe uma percepção alternativa no contexto da liquidez das identidades e das certezas presentes no cenário da contemporaneidade. Em lugar de compreender os fundamentalismos como formas ou mentalidades arcaicas, ele sugere a percepção destes como reações culturais a fenômenos de desagregação cultural e identitária em pleno curso numa modernidade líquida. Para Bauman "pode-se concluir que o fundamentalismo religioso é um filho legítimo da pós-modernidade, nascido de suas alegrias e tormentos, e herdeiro, do mesmo modo, de seus empreendimentos e inquietações" (BAUMANN, 2008, p. 228).

As afirmações de Bauman também podem ser sublinhadas pelo conceito de identidade desenvolvido por Stuart Hall (2011) ao refletir premissas culturais. De acordo com Hall, uma série de acontecimentos históricos da modernidade produziram identidades cada vez mais descentradas, em contraponto aos ideais dos sujeitos centrados, unificados e sempre idên-



ticos, conforme postulado no Iluminismo. Nos diais atuais, de acordo com Hall, as identidades seriam cada vez mais descentradas, múltiplas, descontínuas e plurais. Diante desta realidade, o grande desafio é a ampliação e o respaldo de alternativas que plenifiquem o entendimento, o diálogo acerca da diversidade, as abordagens que sublinhem a tolerância.

A tolerância é o alicerce dos direitos humanos, do pluralismo, da democracia e do Estado de Direito. Implica em toda e qualquer rejeição de princípios que estejam alinhados com o dogmatismo e o absolutismo. É com base na tolerância que é possível fortalecer as normas enunciadas nos instrumentos relativos aos direitos humanos (PNDH-3, 2010). A tolerância necessita ser fomentada pelo conhecimento, pela abertura dialogal, pela liberdade de pensamento, de consciência e de crença. Representa a harmonia nas diferenças. Não se consolida apenas enquanto um dever suscitado pelas premissas éticas, mas representa uma necessidade política e jurídica (FISCHMANN, 2008).

A possibilidade da convivência entre as diferentes religiões através do respeito mútuo em meio às diferenças, incluindo os cidadãos que não professam qualquer confissão religiosa, faz-se através de caminhos que permitam indicar meios para respaldar a paz e a democracia a partir de uma cultura dos direitos humanos. Ainda que seja necessário ampliar esta perspectiva no Brasil, este aspecto parece ser possível tão somente pelo diálogo e pelo estabe-

lecimento de ações conjuntas que proporcionam a garantia de liberdade e o respeito pela diversidade religiosa (ORTIZ, 2001).

Segundo levantamento do Disque 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, as denúncias de intolerância religiosa cresceram mais de 600% de 2011 a 2012 (INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, 2013). A ONG Safernet Brasil recebeu de 2006 a 2012, quase 300.000 denúncias anônimas de páginas e perfis em redes sociais com teor de intolerância religiosa, direcionadas, principalmente contra as religiões de matriz africana (SAFERNET, 2013).

Os grupos conservadoras articulam-se no lastro de algumas premissas de restauração de um movimento tido como *original*, quer seja, a "cristandade", a "sociedade", as "comunidades autênticas" ou a "igreja fiel ou heroica" (BEATY, 2014). Também há uma clara alusão à emergência de ditaduras totalitárias que levariam à perseguição e martírio dos cristãos, dos "homens e mulheres de bem". Daqueles e daquelas que "sentem-se chamados" a defender a "verdadeira família" (MALAFAIA, 2012). Trata-se, na maioria das vezes, de uma defesa intransigente e capaz de convergir para reforçar atitudes belicosas.

Para o pesquisador Joanildo Burity (2007) opera-se, nos dias atuais, uma espécie de incorporação da religião por parte do Estado à cultura e à ordem ideológica, econômica e política. As reconfigurações políticas e sociais impostas a partir do processo de redemocratização da sociedade brasileira



assim como a imposição de uma ordem neoliberal estariam vinculadas a redesenhar as fronteiras entre o público e privado.

De acordo com o jurista Roberto Blancarte (2008), os Estados modernos deveriam pautar suas políticas públicas numa "moral pública decidida por vontade popular em função do interesse público". Neste sentido, atores religiosos tanto sob a perspectiva individual ou coletiva poderiam opinar nos assuntos de interesse público, mas sem a pretensão de influenciar a constituição de políticas públicas e nas ações do Estado. Para o autor, compete à representatividade política, aos parlamentares constituídos pela vontade popular mediante o modelo democrático representativo, o pleno exercício das políticas de Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões acerca do fundamentalismo, intolerância e laicidade à luz dos direitos humanos no contexto brasileiro contemporâneo são permeadas pela complexidade que envolve a construção de um ambiente onde os paradigmas religiosos servem como instrumentos de influência política no Estado através de hierarquias organizadas e com poder de barganha junto aos legisladores e membros do executivo ou como forma de instrução capaz de disciplinar a opinião pública.

No Brasil, vive-se um momento de redefinição e reformulação da agenda de direitos humanos, em

que são incorporados temas como os direitos econômicos, sociais e culturais, ao lado dos tradicionais direitos civis e políticos. Neste cenário, é primordial agregar os direitos humanos, com base nos parâmetros internacionais e constitucionais. Há que se deixar de lado extremismos religiosos ou laicos em detrimento da tolerância, do diálogo e do mútuo aprendizado entre os diversos protagonistas que articulam o debate.

A atuação de atores religiosos no espaço público em relação a temas controversos do ponto de vista da moralidade religiosa tem sido paradoxal e ambígua. Numa sociedade diversa, multicultural e democrática como a brasileira, a participação de diferentes grupos na consolidação de políticas públicas e na regulação jurídica pode ser legítima e positiva, desde que sejam estabelecidas regras nas quais os argumentos religiosos sejam traduzidos para o âmbito constitucional de modo a orientar a defesa e a preservação dos direitos humanos.

Por fim, o efetivo exercício dos direitos sob a perspectiva dos direitos humanos, demanda ações políticas, jurídicas, emancipatórias, criativas e transformadoras para assegurar aos indivíduos o exercício de sua plena autonomia e dignidade. A transformação das mentalidades é um processo essencial à vivência de direitos. Estes, por sua vez, trazem consigo a prerrogativa de construção de um novo imaginário social sobre os temas dos quais eles tratam.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rui. **Obras Completas**, Vol. 4. Tomo 1, O Papa e o Concílio. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1877.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BEATY, David M. **A Essência do Estado de Direito**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

BLANCARTE, Roberto. O porquê de um Estado laico. In: LOREA, Ricardo A. (org.). **Em defesa das liberdades laicas.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Convivência, respeito e tolerância. Petrópolis, Vozes, 2006.

BURITY, Joanildo A. Religião, Política e Cultura. **Tempo Social** (Revista de Sociologia da USP), v. 20, n. 2. p. 83-113. 2008.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito Constitucional**. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

CATROGA, Fernando. **Entre deuses e césares**: secularização, laicidade e religião civil. Coimbra: Almedina, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

EMMERICK, Rulian. **Religião e Direitos Reprodutivos**. O Aborto como Campo de Disputa Política e Religiosa. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

FISCHMANN, Roseli. **Estado Laico.** São Paulo: Memorial da América Latina, 2008.

FONSECA, Francisco Tomazoli da. **Religião e Direito no Século XXI**: A Liberdade Religiosa no Estado Laico. Curitiba: Juruá, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido** – a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA. In: http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade. Acesso em 29 de Jun. 2016.

LOREA, Roberto Arriada; KNAUTH, Daniela Riva. **Cidadania Sexual e Laicidade**. Um estudo sobre a influência religiosa no Poder Judiciário do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010.

LUCKMANN, Thomas. **A Religião Invisível**. São Paulo: Olho d'água/Loyola, 2014.

LUHMANN, Niklas. La Religión de la Sociedad. Madrid: Trotta, 2007.

MACHADO, Jónatas E. M. **Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa**. Porto Alegre, Livraria do Advogado, 2013.



MACHADO, Maria das Dores. Religião e as assimetrias de gênero na América Latina. In: ORO, Ari Pedro (Org). **A latinidade da América Latina**: enfoques sócio antropológicos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 241-264.

MAFRA, Maria Clara. **Na Posse da Palavra**: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MALAFAIA, Silas. **Minhas Experiências de Vida**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2012.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-mo-derna**: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva; NOBRE, Milton Augusto de Brito (Coord.). **O Estado laico e a liberdade religiosa.** São Paulo: LTr, 2011.

MONTERO, P. & ALMEIDA, R. "O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas" In: RATT-NER, H. (org.). **Brasil no limiar do século XXI.** São Paulo: Edusp, 2000.

MUJICA, Jaris. Os Grupos Conservadores na América Latina. Transformações, crises, estratégias. In: JURKEWICZ, Regina Soares. (Org.). **Quem Controla as Mulheres?** Direitos Reprodutivos e Fundamentalismos Religiosos na América Latina. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2011.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 59-74, out. 2001.

Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) / Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República - Brasília: SEDH/PR, 2010.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José (Org.). **Teologia na Pós-modernidade.** São Paulo, Paulinas, 2003. p. 437-464.

RODRIGUES, Eder Bomfim. **Estado Laico e Símbolos Religiosos no Brasil**: As Relações entre Estado e Religião no Constitucionalismo Contemporâneo. Curitiba, Juruá, 2014.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. Direitos, cidadania das mulheres e religião. In: **Tempo Social** (USP). v. 20, n. 2, p. 67-81, nov. 2008.

SAFERNET. In: http://www.safernet.org.br/site/noticias/intoler%C3%A2ncia-religiosa-%C3%A9-crime-%C3%B3dio-fere-dignidade. Acesso em 02 de Jun. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SARMENTO, Daniel. **Livres e iguais**: Estudos de direito constitucional. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

_____. O Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado. In: Roberto Arriada. (Org.). **Em defesa das Liberdades Laicas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. p. 189-201.

SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo.** Bauru: EDUSC, 1999



SORJ, Bernardo. **A Nova Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

VANEIGEM, Raoul. **Nada é sagrado, tudo pode ser dito:** reflexões sobre a liberdade de expressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

WEINGARTNER, Jaime Neto. **Liberdade Religiosa na Constituição:** fundamentalismo, pluralismo, crenças, cultos. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.



MÍDIAS DE ÁUDIO E VÍDEO NO FSTUDO DA LITERATURA

AUDIO AND VIDEO MEDIA IN THE STUDY OF LITERATURE

Cláudio de Musacchio (UFRGS)¹ Andrea Moraes (UFRGS)²

Resumo: Este artigo é resultado de uma investigação numa escola pública estadual com o objetivo de pesquisar práticas pedagógicas interdisciplinares, com o uso de ambiente de redes sociais pelos estudantes no uso de mídias de áudio e vídeo para produção de conteúdos escolares. A pesquisa envolveu docentes e estudantes do ensino médio, da disciplina de Português e Literatura. A abordagem foi de pesquisa-ação, considerando o envolvimento do pesquisador com os indivíduos pesquisados, e os resultados apontam para possibilidades de melhoria na motivação dos estudantes. O uso de redes sociais trouxe novas perspectivas no estado afetivo de interesse dos estudantes pela pesquisa e publicação no Facebook, onde todos puderam perceber as atratividades do ambiente e a vontade dos estudantes em

querer participar. A produção dos áudios e vídeos também foi considerado um avanço significativo pela pesquisa, pois os estudantes puderam se expor física em frente das câmeras, perdendo a timidez e possibilitando maior reflexão e crítica de si mesmos. A interdisciplinaridade proporcionou motivação nos estudantes aos estudos, incentivando a pesquisa científica, a reflexão, a interação e colaboração entre os mesmos, a produção de conteúdo programático pelos estudantes e a visualização constante das etapas da pesquisa através de uma ferramenta de rede social.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Mídias sociais. Áudio e vídeo na sala de aula. Redes sociais na educação. Desterritorialização na educação.

Abstract: This article is the result of an investigation at a state school for the purpose of research interdisciplinary teaching practices with the use of social networking environment by students in the use of audio and video media for production of school contents. The research involved teachers and high school students, the discipline of Portuguese Literature. The approach was action research, considering the involvement of the researcher with the indivi-

¹ Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em Informática na Educação, Desenvolve estudos e pesquisas sobre a Interdisciplinaridade e Redes Sociais na Educação. https://ufrgs.academia.edu/Cl%C3%A1udioDeMusacchio. claudiodemusacchio@gmail.com.

² Andréa Moraes é docente de Língua Portuguesa e Literatura na ETE Bernardo Vieira de Mello no município de Esteio. Possui Especialização em Literatura Infanto-juvenil pela Universidade de Caxias do Sul. E- mail: andrea.moraes97@yahoo.com.br.



duals surveyed, and the results point to possibilities for improvement in student motivation. The use of social networks has brought new perspectives in the affective state of students' interest in research and publication on Facebook, where everyone could see the attractiveness of the environment and the will of the students want to participate. Production of audio and video was also considered a significant advance for research because students were able to expose physics in front of the cameras, losing shyness and allowing greater reflection and critical of themselves. Interdisciplinary provided motivation in students to studies, encouraging scientific research, reflection, interaction and collaboration between them, the production of program content by the students and the constant view of the stages of research through a social networking tool.

Keywords: Interdisciplinarity. Social media. Audio and video in the classroom. Social networking in education. Dispossession in education.

INTRODUÇÃO

A principal crítica ao modelo atual de ensino tradicional, exercido pelas escolas, é que os currículos não exercem o papel que de fato e de direito, constam nas Leis de Diretrizes e Bases. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Brasil (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema

educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Como se trata de um modelo fragmentado de ensino, onde as disciplinas não discutem seus temas comuns, torna-se difícil para o docente demonstrar como as relações comerciais, sociais e humanas são por excelência, interdisciplinares.

Se por um lado a legislação outorga possibilidades de tornar o ensino mais interdisciplinar, por outro lado, a praxiologia docente não contempla melhores espaços em seu fazer diário. Quase sempre os docentes estão direcionados ao cumprimento das ementas curriculares que por não contemplarem metodologias de pesquisa e interdisciplinares não conseguem desenvolver adequadamente seus projetos de pesquisa. Desta maneira, segundo Musacchio (2012a):

... se numa perspectiva, a escola, através de suas oficinas, pode oportunizar a interdisciplinaridade, através de atividades práticas e científicas, numa abordagem mais profunda, já em sala de aula, e tendo os docentes compreendido as práticas pedagógicas interdisciplinares e a intencionalidade da ação interdisciplinar, os temas podem aproximar as áreas de conhecimento, descobrindo novos vieses sobre as ciências (MU-SACCHIO, 2012a, p. 9).

A experimentação cientifica em sala de aula proporciona a construção gradual do desenvolvimento interdisciplinar, pois oportuniza a aprendizagem significativa. E para empregar a metodologia



para a construção da interdisciplinaridade e pesquisa científica em sala de aula, segundo Japiassú (1976), é necessário construir cinco etapas distintas:

- Construção da equipe interdisciplinar constituída pela escola como grupo de estudo e pesquisa, o ideal é que ela seja institucionalizada;
- Estabelecimento de conceitos comuns às várias disciplinas;
- O estabelecimento de pesquisas e projetos em todas as disciplinas com estudo da problemática da pesquisa;
- A divisão de tarefas entre os atores dos projetos de pesquisa;
- A confrontação dos resultados apurados.

O grande desafio para a praxiologia docente são as aplicações em sala de aula que permitam resgatar as proposições da interdisciplinaridade que são as ações integradoras que culminam num projeto de educação que potencialize o ensino-aprendizagem, fortaleça as relações entre os saberes, permita que as ciências trabalhem juntas, integradas e inter-relacionadas.

Dessa forma, a experimentação científica em sala de aula propicia as condições necessárias para as atividades interdisciplinares, tendo em vista o seu caráter fortemente baseado na busca de soluções por diversas ciências, não se prendendo a nenhuma delas.

Para isto, é necessário, através das oficinas e de exercícios interdisciplinares, buscar entender como as ciências podem-se locupletarem, através de projetos de pesquisa, de experimentações científicas em sala de aula, e da publicação de trabalho que demonstrem estas relações.

O uso pedagógico da mídia de áudio e vídeo insere o estudante no contexto interdisciplinar, promovendo atividades de pesquisa escolar, construção de roteiros e gravação de áudios e vídeos. Além do aspecto da pesquisa escolar, o estudante realiza reflexões sobre as informações coletadas e constrói análises nos debates de estudo em grupo.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

Nos cenários internacionais, muitos pensadores, discutindo a teoria da complexidade, e movendo-se em direção a interdisciplinar visão contemporânea da interpretação dos fenômenos observáveis, tem promovido um movimento científico que privilegia, senão o nascimento de novos paradigmas, pelo menos, a retomada de velhos ideais não lineares de se fazer ciência.

Entre os teóricos, Edgar Morin (pensamento complexo e os Sete Saberes necessário à educação do futuro), Edward Norton Lorenz (1917-2008) (efeito borboleta), Ilya Prigogine (1917-2003) (teoria das estruturas dissipativas), Karl Ludwing Von



Bertalanffy (1901-1972) (teoria geral dos sistemas), unanimemente acreditavam que o todo seria maior que a soma das partes, isto é, que uma visão interdisciplinar de se fazer ciência levaria o Homem a reconhecer qualidades, que não são vistas na composição da visão disciplinar e unilateral de cada ciência.

No cenário nacional, desde a década de 70, se discute as interdisciplinaridades e transdisciplinaridades no contexto do surgimento das novas ciências e nas mudanças de paradigmas educacionais. Alguns expoentes como os trabalhos de Ivani Fazenda (2006), PUC-SP, Hilton Japiassu (1976), PUC-RJ, e em Portugal, Olga Pombo (1993), Universidade de Lisboa, deixam bem claro que a discussão está apenas começando, embora alguns frutos já estejam sendo colhidos.

O conceito do que é indisciplinar é tão antigo quanto cartesiano, e implicava necessariamente em fragmentar a realidade em segmentos, onde a ciência pudesse se tornar objeto de observação cientifica cada vez mais fragmentada e consequentemente o objeto do conhecimento erigido por leis e teorias epistemológicas cada vez mais reduzidas.

E este conhecimento racional, sob o ponto de vista da análise e da síntese, segundo Locke (1988), numa simplificação reducionista, concebera o conhecimento como uma especialização, caminhando contra a ideia da visão totalizadora das ciências. Desta maneira, a estratégia utilizada pela metodologia baseada fundamentalmente na experiência foi o

desenvolvimento paulatino e crescente da noção de especialização, privilegiando a "perfuração vertical" e epistemológica em detrimento da abertura das análises e sínteses mais abrangentes e totalizadoras nos estudos dos fenômenos observáveis.

Na contramão do movimento de criação cada vez mais delimitado das ciências, os grandes cientistas, tanto na fase renascentista (Da Vinci), quanto no período iluminista do enciclopedismo (movimento filosófico cultural que buscava catalogar conhecimento humano) onde se permitiam formações tão adversas quanto contraditórias como filosofia, química, matemática, astronomia, biólogos, artistas plásticos, e até literatos, serviam como exemplo e como os saberes podiam ser vistos como parte de uma totalidade mais ampliada da produção o conhecimento (SILVA, 2001).

Entretanto, no século XIV, com o surgimento das primeiras universidades, sobre forte contexto escolástico (religioso), instituíram o conceito de disciplina, designada como matéria, que mais tarde se chamaria de ciência. O avanço científico, portanto, das ciências foi o modelo epistemológico reducionista cartesiano que passou a tratar ciência como uma corrente especifica do pensamento e a observação dos fenômenos reduzidos a um objeto simples.

Esse reducionismo atravessou toda a fase industrial e cada vez mais, diminuindo cientificamente o foco do objeto de estudo. Colaboraram mais ainda as sucessivas descobertas científicas nos campos



das tecnologias e metodologias para um novo paradigma que se instalaria por todo o Ocidente - disciplinaridade. Quanto mais especialista for o estudo ou o estudioso, mais credibilidade teria um trabalho científico (MINAYO, 1992).

Sua institucionalização transcorreu sem nenhum trauma paradigmático, até que as proposições de tais especializações começaram a não mais dar conta do objeto observado, necessitando reconhecer que para determinados casos seriam necessários a prognóstica colaboração de duas ou mais ciências a serviço da análise e da síntese, ainda mais se considerar que tudo o que está no mundo socialhistórico é indissolúvel e entrelaçado com o simbólico (CASTORIADIS, 2000).

Tudo começou a ser esclarecido, quanto certo, que ciências advindas do hibridismo ou mestiçagem começassem a provocar mudanças em seus enunciados epistemológicos fundamentais, recorrendo aos fundamentos da abordagem analítica (MUSAC-CHIO, 2012b).

Nesta perspectiva, produzir conhecimento não era mais possível tendo em vista que a fragmentação exposta, cartesiana, disciplinar, não permitiria composição ou montagem de seus construtos epistemológicos MORIN (2000).

Por outro lado, encontrar razões que levem os estudantes a se interessar pela pesquisa científica e pela aprendizagem significativa é o grande desafio docente da nossa era. O maior desafio à docência é trazer o estudante para querer aprender, depois é buscar um método ou mídia a que ele se adapte, goste, contemple e participe.

O grande avanço das metodologias e práticas pedagógicas para o uso de experiências científicas em sala de aula está no cerne das discussões da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade enquanto abordagem sistêmica, não mais como discurso, posto que já se conheça suas implicações, mas como praxiologia urgente para continuar avançando, a velocidade cada vez maiores no entendimento das ciências e das sociedades, exigindo dos pesquisadores um tratamento mais sintético, totalizante, holista e globalizante.

O que se busca nesta pesquisa é a transformação do docente em um ser pesquisador, e o ser interdisciplinar é uma qualidade inerente ao pesquisador docente, que busca alternativas, cruzamentos, ideologias, problematizações, considerações e pareceres, ampliando sobremaneira seu leque de possibilidades de respostas. Mas também o estudante é privilegiado nesta pesquisa, pois sua participação é fundamental, tendo em vista que o principal objetivo é transformar o estudante em pesquisador e a sala de aula, através de metodologias que coloquem o estudante como pesquisador e o docente como questionador das outras áreas do conhecimento, buscando ajuda noutros saberes, através dos outros docentes em sala de aula.



Nesta interdisciplinaridade das disciplinas vivenciadas pelos estudantes e docentes é que se oportuniza a integração dos saberes para uma resignificação da aprendizagem, levando-se em consideração que também o ensino experimenta novas relações nesta cooperação.

A motivação para a pesquisa que ora se constitui, é reconhecida por sua importância diante das interações, das quebras dos paradigmas propostos e de suas implicações. O objetivo é fazer com que as ciências avancem mais rapidamente para encontrar respostas que tanto se precisa para melhorar os aspectos inerentes a educação do ensinar e do aprender.

Da mesma maneira que um piloto de avião, ao ler seus instrumentos do painel de navegabilidade, toma decisões, levando em consideração a soma das leituras dos instrumentos e não as leituras em separado, também as questões interdisciplinares promovem situações, que não pertencem a uma ou outra ciência, mas que juntas promovem condições para novas perguntas e isso irá proporcionar novas respostas.

Evidentemente, que a construção de novos construtos epistemológicos originários dos contornos promovidos pelas interdisciplinares das áreas de conhecimento pode acarretar necessidades de reformulação nos ementários responsáveis pela formação dos docentes, exigindo novas teorias de ensino-aprendizagem ou de novos olhares aos já existentes, entrelaçando métodos, práticas, conceitos e concepções oriundas da interdisciplinaridade das áreas comumente utilizadas nesta formação.

As mudanças paradigmáticas que possibilitam essas construções epistemológicas originários dos contornos promovidos pelas interdisciplinaridades das áreas de conhecimento podem acarretar necessidades de reformulação nos ementários responsáveis pela formação dos docentes, exigindo novas teorias de ensino-aprendizagem ou de novos olhares aos já existentes, entrelaçando métodos, práticas, conceitos e concepções oriundas da interdisciplinaridade as áreas comumente utilizadas nesta formação.

Segundo Fazenda (2006), as mudanças paradigmáticas que possibilitam essas construções epistemológicas fazem parte de uma rede intrínseca de mudanças que ocorrem concomitante em todas as direções da educação escolar. Ao mesmo tempo em que esta pesquisa promove alterações no ensino-aprendizagem, também busca alterar a forma como os docentes devem ser preparados, a forma como as ementas devem ser construídas, as metodologias empregadas, as práticas pedagógicas constituídas e as novas formas de avaliação.

METODOLOGIA DA PESQUISA REALIZADA

A presente pesquisa foi desenvolvida na EEEM Bernardo Vieira de Mello, e a metodologia empregada foi o uso pedagógico das redes sociais em sala de aula, introduzindo o ambiente Facebook como ferramenta de integração e colaboração, bem como para a realização de trabalhos em grupo privilegiando o uso pedagógico de mídias de áudio e vídeo para



permitir a construção dos conteúdos escolares pelos próprios estudantes.

Foram elencadas as seguintes premissas para a pesquisa de campo:

- Elaborar práticas educativas que contemplem docentes de várias áreas do saber, a fim de promoverem a construção do conhecimento, correlacionando às disciplinas e buscando entender como cada uma delas ajudaria a entender as demais, no contexto interdisciplinar;
- Introduzir práticas educativas que busquem apoiar o currículo escolar através de experiências em sala de aula, ajudando os estudantes a produzirem pesquisa científica escolar com o rigor científico necessário;
- Introduzir o Facebook como ambiente integrado e naturalmente colaborativo, auxiliando e mostrando aos estudantes a importância do trabalho colaborativo com o uso dos seis letramentos multissemióticos existentes na ferramenta de rede social Facebook (leitura, escrita, figuras, fotos, áudios e vídeos);
- Relatar como estes encontros interdisciplinares contribuem para um ensino mais holístico e significativo. Esta significação será explorada através do incentivo à resolução de problemas, pesquisa na Internet, discussão dos conteúdos e exposição dos estudantes às ideias compartilhadas;

- Incentivar docentes a serem pesquisadores e publicarem em revistas e periódicos especializados, os artigos produzidos pelos estudantes e docentes sobre os conceitos da interdisciplinaridade e as pesquisas em sala de aula utilizando o ambiente Facebook;
- Incentivar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, análise e reflexão dos conteúdos produzidos pelos estudantes e metodologia de avaliação 360°, isto é, estudantes avaliando a participação dos colegas nas atividades em grupo.

DESCRIÇÃO DETALHADA DOS MATERIAIS UTILIZADOS

Para a pesquisa realizada foram escolhidas três turmas do segundo ano do Ensino Médio e cada turma teve um tema geral. Os temas foram: contos de fada, contos de terror e mitologia. A turma foi dividida em grupos de estudantes com quatro ou cinco participantes, onde cada grupo escolheu uma temática.

A turma 201 ficou com os contos de terror enfatizando o terror psicológico, o filme Annabelle, A Lenda de Tomino's Hell e o Exorcismo. A turma 202 escolheu os contos de fada trabalhando com os seguintes contos: Cinderela, Pequena Sereia, Chapeuzinho Vermelho, A Bela e a Fera, Rapunzel e Branca de Neve. E a turma 203 desenvolveu a pesquisa so-



bre a mitologia dividida em: Celta, Persa, Egípcia e Romana.

Para cada grupo foi apresentado o seguinte cronograma de atividades:

- *Passo I* Pesquisar na internet informações sobre sua temática.
- Passo II Enquanto pesquisavam, os grupos publicavam post com as informações pesquisadas. Foram trabalhados os seis letramentos multissemióticos: escrita, leitura, fotos, figuras, áudio e vídeo. Todos os estudantes leram, curtiram e aprenderam sobre as temáticas de todos os grupos.
- Passo III Realizaram entrevistas com outras áreas do conhecimento. Docentes da escola foram convidados a dissertar sobre as temáticas.
- Passo IV Foram realizados três encontros interdisciplinares com dois ou mais docentes em sala de aula, debatendo e discutindo conteúdos comuns às disciplinas presentes.
- Passo V Aprendizagem de recursos tecnológicos como editores de áudio e vídeo, realizado com docentes e estudantes participantes da pesquisa. Os vídeos foram publicados na plataforma YOUTUBE e postados os links no GRUPO DE ESTUDOS no Facebook. O endereço de acesso público pode ser encontrado no link a seguir: https://www.facebook.com/groups/lingua.portuguesa.literaratura/

- Passo VI Cada grupo e temática construíram um texto técnico sobre a pesquisa realizada, segundo as normas técnicas da ABNT. Foi publicado o primeiro caderno técnico de pesquisa escolar na Instituição de Ensino.
- *Passo VII* Foram escritos três artigos científicos, um para cada tema (Contos de Fada, Contos de Terror e Mitologias).
- Passos VIII Na pesquisa foram considerados três aspectos para avaliação, tanto do ensino, quanto da aprendizagem. No ensino, os estudantes avaliaram a metodologia adotada na pesquisa, utilizando os conceitos de Interdisciplinaridade. Na aprendizagem, os estudantes puderam avaliar suas participações nos estudos e pesquisas em grupos, todos os estudantes puderam avaliar todas as participações nas postagens, curtindo e compartilhando. E a prova tradicional, sobre o tema estudado, onde os estudantes puderam ter resultados significativos

Materiais Tecnológicos

Foram disponibilizados os seguintes materiais tecnológicos:

- Format Factory permite alterar os tipos de arquivos de áudio e vídeo para trabalhar no editor MOVIE MAKER.
- Movie maker editor de vídeo.



- Plataforma Facebook, através da criação do GRUPO DE ESTUDOS https://www.facebook.com/groups/lingua.portuguesa.literaratura/>.
- Visualização de todos os vídeos produzidos no GOOGLE +: https://plus.google.com/u/0/communities/114494965488999872294

CRONOGRAMA DA PESQUISA

A pesquisa iniciou em março de 2015 e terminou em junho de 2015. Os trabalhos de conclusão ainda estão sendo executados pelos grupos. As publicações dos artigos científicos ocorrerão nos meses de julho a setembro. A seguir o cronograma:

Tabela 1 - Cronograma da pesquisa

Tubelu I	cromogram	a aa pesquisa		
Atividade	Março	Abril	Maio	Junho
Escolha das turmas do 2º ANO				
Ensino Médio	Χ			
Formação dos Grupos de Estudantes				
Atividade de Pesquisa	Х	Х		
Entrevistas e Pesquisas na Internet –				
Reflexão e Construção		Х	Χ	
Posts no Facebook e				
Publicação do vídeo no YOUTUBE			Χ	Х
Construção dos textos técnicos				
Publicação do vídeo da pesquisa			Χ	Х
Publicação dos Artigos				
Eanta	alaharada na	locautores		

Fonte: elaborado pelos autores



RESULTADOS APURADOS

Após a realização da pesquisa na escola, que tinha como foco principal a uso de metodologia inovadora e criativa, utilizando a interdisciplinaridade como linha condutora para aproximar as diversas disciplinas para um discurso dialógico e reflexivo, se constatou que a produção dos conteúdos pelos próprios estudantes trouxe uma dinâmica diferenciada e proativa, colocando os estudantes no protagonismo da relação ensino e aprendizagem.

Os principais indicadores utilizados na pesquisa demonstraram nitidamente alguns aspectos que enunciaremos a seguir:

- 1) Mudança de postura, do ensino tradicional para uma metodologia interdisciplinar, convidando docentes de outras disciplinas a participarem de eventos que correlacionassem os diferentes saberes, dando na opinião dos estudantes, mais sentido à aprendizagem.
- 2) O uso pedagógico das redes sociais trouxe outra dimensão para a sala de aula, passando de uma atividade fora da escola, para dentro da sala de aula. Antes do evento a escola proibia o uso de redes sociais.
- 3) O uso pedagógico das mídias de áudio e vídeo pelos estudantes proporcionou novas perspectivas com relação a motivação para a pesquisa escolar. Muitos estudantes antes da experiência não se sentiam muito animados

- com trabalhos em grupo e pesquisas de um modo geral. O que mudou foi a forma como se estabeleceu esta alteração. Os próprios estudantes criaram os conteúdos da disciplina.
- 4) O uso do Facebook em sala de aula também trouxe novo alento para os estudantes, pois antes, considerada uma atividade proibida, agora está no cerne das aulas e os estudantes nos começaram a desenvolver aprendizagens nos editores de áudio e vídeo, organizaram as pesquisas, construíram roteiros de gravações, interpretaram personagens, desenvolveram paródias, teatralizaram os conteúdos e promoveram aprendizagem no principal aspecto que se busca na escola: a reflexão.
- 5) O trabalho de grupo, separando os estudantes por temas de pesquisa também foram realizados de maneira inovadora, pois cada grupo, com um assunto único, postava no Facebook, informações em diferentes letramentos: figuras, fotos, áudios de entrevistas e vídeos dos instantes da pesquisa. Desta maneira, as reflexões eram realizadas a todo o momento, para que se posicionassem sobre as informações, discutissem os conteúdos pesquisados e separassem as informações que cada elemento dos grupos deveria refletir para participar das gravações.

A seguir os aspectos observados e as diferenças demonstradas nos dois modelos apurados: educa-



ção tradicional de ensino x educação proposta com o uso da metodologia apresentada.

Para o levantamento das informações foram utilizados instrumentos de coletas de informações através de questionários e entrevistas com os pesquisados. Foram utilizados três eixos para a pesquisa: aspecto interdisciplinar, aspecto da comunicação e aspecto tecnológico.

Aspecto Interdisciplinar

Dois ou mais docentes em sala de aula – Foram apresentados aos grupos analisados três experiências de aulas interdisciplinares, e segundo os depoimentos de estudantes e docentes, as aulas se tornaram palcos de embates epistemológicos sobre os assuntos transcorridos, demonstrando aos presentes que as discussões dialógicas propiciadas pelos encontros, aproximaram as disciplinas, diminuíram as lacunas existentes entre elas, abordando, inclusive, as fronteiras de ciência.

O resultado, conforme preenchido nos instrumentos de coleta de informações, "trouxe mais movimento e reflexão possibilitando espaços para discussão, perguntas e respostas", conforme salientou estudante (A) do ensino médio de um dos grupos pesquisados.

2% dos docentes tinham algum conceito sobre a metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem. 78% diziam saber o conceito errôneo sobre

Interdisciplinaridade, pois realizavam os projetos interdisciplinares sem a comunicação ativa, em sala de aula, com os estudantes, ferindo a principal premissa da interdisciplinaridade que é a interseção dos saberes na ação e reflexão. (FAZENDA (2006).

Entretanto, os 22% que sabiam do uso conceitual e correto da interdisciplinaridade não a praticavam porque as escolas não estão fisicamente preparadas para este modelo educacional, tendo em vista que a maioria dos docentes trabalham em diferentes escolas e não podem estar nas salas de aula com outros docentes, pois estariam em outras escolas.

Aspecto da Comunicação

Uso das redes sociais – no ensino tradicional, a maioria das instituições pesquisadas, não possuem um instrumento de comunicação adequado para os estudantes, dentro e fora da escola. 92% dos docentes alegaram utilizar o Moodle para apoio logístico e estratégico, isto é, para se relacionar com os estudantes no que diz respeito a disponibilização dos materiais pedagógicos como textos, atividades, exercícios e até mesmo provas, e que os recursos de comunicação e atividades assíncronas não são bem vistos pelos estudantes, tornando-se inócuos e contraproducentes.

Como resultado da pesquisa, o uso pedagógico das redes sociais como ambiente de comunicação, interação e colaboração se mostrou bastante efi-



ciente, sob diferentes aspectos: aumentou a rapidez nas comunicações (88%), é um ambiente onde os estudantes desejam estar constantemente (92%), as postagens foram consideradas fontes de estudos (78%), a rede social permitiu espaços de relacionamentos que não haviam presencialmente em sala de aula (81%), apresentação de posts com fotos, figuras, áudios e vídeos de atividades que ajudam a melhorar o entendimento dos conteúdos escolares (94%) e, trabalhos em grupo (77%).

Aspecto Tecnológico

Uso de mídias de Áudio e Vídeo – no ensino tradicional, a maioria das instituições pesquisadas, utilizam, em geral, vídeos em sala de aula. Mas são vídeos prontos, criados por entidades educacionais ou empresas especializadas. A configuração proposta pela metodologia foi que os próprios estudantes desenvolvessem as pesquisas sobre os temas disciplinares, agrupassem em pequenos grupos de 4 a 5 estudantes, realizassem as pesquisas sugeridas pelos docentes e gravassem vídeos das reflexões realizadas sobre o assunto.

O resultado foi que 94% dos docentes afirmaram que os próprios estudantes preferem construir os conteúdos disciplinares, só não sabiam como fazer isso. 84% dos estudantes estavam mais motivados a realizar trabalhos em grupo com o uso das redes sociais e das mídias de áudio e vídeo. 97% gos-

taram de realizar entrevistas com outros docentes da escola e fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, espera-se introduzir práticas pedagógicas interdisciplinares na escola, mostrando tecnologias criativas, capacitando e habilitando docentes e estudantes às técnicas e metodologias do uso do Facebook na sala de aula e mídias de áudio e vídeo na construção dos conteúdos disciplinares, realizados pelos próprios estudantes.

Também se espera já nos primeiros trabalhos publicados que a Escola privilegie ações sobre as metodologias adotadas no currículo para que contemplem mais momentos de pesquisa em sala de aula e, em especial, o uso das mídias sociais na educação, privilegiando as técnicas e didáticas interdisciplinares, aproximando docentes e disciplinas, potencializando o uso de *tablets* e celulares.

Os resultados apurados na pesquisa demonstraram números expressivos quanto a melhoria na aprendizagem, produzindo motivação, melhoria nos trabalhos em grupo, preferência pela adoção de pesquisa escolar como forma de melhorar a busca das informações, permitir que os estudantes sejam protagonistas na busca das informações e na construção dos conteúdos programáticos. E, por fim, a metodologia adotada, segundo os resultados apurados, permitiu avanços significativos na melhoria



das práticas pedagógicas, mudanças nas estratégias e didáticas docentes, maior velocidade nas comunicações com o uso de ambientes de redes sociais em sala de aula, aumentando substancialmente a interação, comunicação e colaboração dos estudantes dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 08 abr. 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.

FAZENDA, Ivani C. A. Carta aberta aos professores que desejam se transformar. In: FAZENDA, I. (Org.). **Interdisciplinaridade na educação brasileira.** 20 anos. São Paulo: Criarp, 2006.

_____. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994. 13ª Edição. 2006.

_____. A formação do professor pesquisador – 30 anos de pesquisa. **Revista E-Curriculum.** São Paulo, v1, n.1, disponível em: http://www.pucsp.br/ecurriculum acesso em: 10 mar. 2015.

_____. Interdisciplinaridade na formação de professores: da teoria à prática. In: FAZENDA, I (Org.). **Interdisciplinaridade na formação de professores:** da teoria à prática. Canoas: ULBRA, 2006. p. 7-16.

_____. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 1992.

MORIN, Edgar. Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do Ensino Fundamental. Natal: **EDUFRN** – Editora da UFRN, 2000.

MUSSACHIO, Cláudio. **Psiu Professor** – Pesquisa Científica em Sala de Aula – Ensino Experimental. Porto Alegre: Editora Alcance, 2012b. 176 p.

_____. **Ensaios** – Interdisciplinaridades e Pesquisas Científicas em Sala de Aula. Porto Alegre: Editora Alcance, 2012a. 254 p.

POMBO, Olga, GUIMARÃES, Henrique. **Interdisciplinaridade**. Reflexão e Experiência, Lisboa: Editora Texto. 1993.

SILVA, E. M. P. Os caminhos da transdisciplinaridade. In: DOMINGUES, I. (org.). **Conhecimento e Transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: UFGM/IEAT, 2001. P. 35-43.



A VILA PEDREIRA E O CENTRO DE EDUCAÇÃO TRINDADE: ESPAÇOS DE ELABORAÇÃO CULTURAL

THE VILA QUARRY AND EDUCATION CENTER TRINITY: DEVELOPING CULTURAL SPACES

Cléa Coitinho Escosteguy (Feevale)¹
Daniel Conte (Feevale)²
Magna Lima Magalhães (Feevale)³

Resumo: Este artigo tem como tema as manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira, área periférica do município de Esteio (RS). Destaca-se que o estudo aborda especificamente o carnaval e o Hip-Hop como elementos culturais presentes e valorizados pela comunidade em estudo. A escolha pelo hip hop e o carnaval não foi uma tarefa fácil, posto que todas as manifestações da Vila são importantes e envolvem os moradores, no entanto, por uma questão de melhor encaminhar a pesquisa, foram estas as selecionadas. O trabalho analisa a relação entre a Vila Pedreira e sua produção cultural, bem como sua articulação com o Centro de Educação

Trindade espaço de incentivo de tais manifestações, pois a escola, além de ser o lugar de aulas regulares, tem seus espaços utilizados para fomentar a cultura e suas manifestações.

Palavras-chave: Cultura. Vila Pedreira. Esteio. Centro de Educação.

Abstract: This study is themed cultural events produced in the village quarry, peripheral area of the municipality of Esteio (RS). It is noteworthy that the study specifically addresses the carnival and the Hip-Hop as cultural elements present and valued by the community under study. The choice of hip hop and the carnival was not an easy task, since all manifestations of Vila are important and involve the residents, however, for the sake of better direct the research, these were selected. The paper analyzes the relationship between the town quarry and its cultural production and its relationship with the Trinity Education Centre Incentive space such manifestations as the school.

Keywords: Culture. Pedreira Village. Esteio. Education Center.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais,
especialista em Literatura Brasileira, Educadora de Língua Portuguesa de séries finais
- cle27@ig.com.br.

² Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana Áreas de atuação: Literatura, identidade, discurso e cultura Linha de Pesquisa: Linguagens e Processos ComunicacionaisE-mail: danielconte@feevale.br

³ Doutora em História Áreas de atuação: Cultura, história, identidade e memória. Linha de Pesquisa: Memória e Identidade E-mail: magna@feevale.br.



Analisar a escola e, neste momento o Centro de Educação Trindade, como espaço sociocultural, significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais detalhado, que leva em conta o dinamismo do fazer cotidiano, levado e feito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, deste espaço-sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história da comunidade da Vila Pedreira. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, desvelar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

A discussão das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja envolvida na cultura da humanidade e, particularmente, no momento histórico em que se situa. Não se pode conceber uma experiência pedagógica "desculturizada", em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA, 2003).

A partir da perspectiva da associação entre escola⁴ e cultura, vemos suas relações intimamente ligadas ao universo educacional. Cabe questionar por que hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas. Como diz Gimeno Sacristán (2001), a educação está para trazer uma qualidade de vida e devemos ter fé em relação a ela.

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a ideia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores. A fé na educação nutre-se da crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, o decréscimo da agressividade, o desenvolvimento econômico, ou o domínio da fatalidade e da natureza hostil pelo progresso das ciências e da tecnologia propagadas e incrementadas pela educação (SA-CRISTÁN, 2001, p. 21).

Quando vemos o Centro de Educação Trindade – desde o ano de 2010 com o *Programa Mais Educação*, nos anos que se seguiram as oficinas do *Programa Integrado de Inclusão Social* e, em 2015, o *Projeto*

⁴ A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade.



Construindo um novo caminho –, temos a certeza de que este espaço está intimamente ligado com a cultura popular, oferecendo aos educandos uma educação sociocultural, já que não conseguimos vislumbrar a educação separada da cultura. Assenta-se sobre a ideia da igualdade e do direito de todos e todas à educação e à escola, proporcionando através das oficinas socioeducativas e culturais, possibilidades de participação para que tenham voz e vez trocando com seus pares, a experiência e trazendo para dentro dos muros da escola. Sacristán (2001), mais uma vez, subsidia a reflexão:

Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade de que o projeto ilustrado pudesse triunfar devido ao desenvolvimento da inteligência, ao exercício da racionalidade, à utilização do conhecimento científico e à geração de uma nova ordem social mais racional (SACRIS-TÁN, 2001, p. 21).

O que não pode ser esquecido é que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola.

O que cada um deles é, ao chegar à escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. Assim, para compreendê-lo, temos de levar em conta a dimensão da "experiência vivida". Como lembra Thompson

(1981), é a experiência vivida que permite apreender a história como fruto da ação dos sujeitos. Podemos relacionar o estudo do autor com a reflexão do Timão em relação a sua música e o que ela traz.

Na música tu tem que falar o que tu vive, tu tem que mencionar na tua letra, tu não pode se vangloriar, ou cantar de pegar mulher, falar coisas que tu não faz [...] ali tudo acontece precocemente, as festas vêm mais cedo, a droga vem mais cedo, as mulheres vêm mais cedo [...] (TI-MÃO, 2014, informação verbal).

É a partir das manifestações culturais, através da música, que o rapper conta as suas vivências, traz à tona a sua realidade de vida e também dos habitantes da comunidade. Eles experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades, interesses e antagonismos e elaboram essa experiência em sua consciência e cultura, agindo conforme a situação determinada. Assim, o cotidiano se torna espaço e tempo significativos porque expressa sentimentos, frustrações e sonhos em todas as ações culturais.

A escola, nesse contexto, mais que a transmissora da cultura, da "verdadeira cultura", passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas. Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de "cruzamento de culturas". Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de iden-



tificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a "mediação reflexiva" que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores. Conforme Gómez (1998), a vida escolar traz um intercâmbio cultural.

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da cultura crítica, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosófica; as determinações da cultura acadêmica, que se refletem no currículo: as influências da cultura social, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da cultura institucional, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da cultura experiencial, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno (GÓMEZ, 1998, p. 17).

Nesse sentido, a cultura se moderniza e se traduz em linguagens reatualizadas que são comuns aos diversos sujeitos em idade escolar. Além disso, a escola aparece como um espaço privilegiado de práticas coletivas, sociabilidades, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar uma identidade. Na comunidade da Vila Pedreira, o

que é bastante marcante é o Hip Hop, pela linguagem que aborda, falando da realidade de vida, das injustiças, do amor, além do carnaval que está relacionado ao grande número de seres musicais, que apresentam uma prática com instrumentos e baterias e também com as terreiras que se encontram no espaço. Contudo, a escola abriu ainda mais o seu espaço para a cultura popular, após a municipalização, pois, a partir daí, iniciou-se um novo trabalho, focado no interesse dos alunos e da comunidade, oportunizando as manifestações culturais de todos os tipos e dando oportunidades da comunidade estar inserida nas atividades cotidianas, sem qualquer tipo de preconceito. O Marcelo faz uma reflexão bastante pertinente sobre este tema.

As pessoas pulavam o muro, existiam os drogaditos que pulavam o muro e a gente abria o portão, botava pra fora, por cima do muro, fazia subir, depois que eles estavam do outro lado a gente abria o portão e dizia: olha essa é a maneira correta de entrar. Então isso eram simbolismos, atos pedagógicos que significavam alguma coisa (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Houve uma aceitação do diferente e de sua cultura, não marginalizando suas manifestações e trazendo para dentro dos muros da escola aquele que, muitas vezes, é esquecido e excluído da cidade. O processo de humanização resultou em uma aproximação de grupos com diversas práticas culturais como o Hip Hop, que, no ano de 2009, fez parte da



lista de oficinas do Programa Integrado de Inclusão Social com o segmento da dança e esteve inserido no Centro de Educação com uma grande adesão por parte dos jovens.

Cabe ressaltar a reflexão feita pelo Diretor Marcelo, quando comenta sobre a relação da escola, com a vida da comunidade, onde este espaço passa a ser coletivo, na medida em que é usado para atividades familiares e dos órgãos públicos.

Então reuniões de igreja, secretarias, reuniões da associação, a quadra, foi um acordo, porque eles tinham este espaço para brincar, todo o terreno da escola que antes era um campo de futebol muito famoso, na cidade de Esteio, muitos amigos do Prefeito que contam que aqui tinha um campo que era bem legal, bom, precisou abrir mão deste campo para fazer a escola, fez-se a escola e aí ficou um cantinho do lado da escola que era o campo deles. Todo mundo brincava no horário escolar, a gente entrava, o pessoal saía, mas não tivemos problemas, política da boa vizinhança. [...] Então a quadra pra mim é o maior exemplo de escola aberta, porque ela abre, está sempre funcionando nos finais de semana (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Com isso, vê-se que a escola não ficou distante do contexto social e que compartilha do desejo de integrar famílias e culturas e estabelece um diálogo entre diferentes manifestações culturais, levando em conta as necessidades de cada um. Romper essas barreiras de permitir o uso da escola para todos os fins foi um grande desafio porque houve indivíduos contra esta abertura dos portões. O trabalho só se concretizou pelo simples fato de que a equipe diretiva acredita na educação com uma das possibilidades de transformação social. A escola precisa escorrer para a rua. Por sua vez, a rua quer e precisa invadir a escola (MARTINS, 2008).

Assim, todos aprendiam e conheciam o foco cultural que estava sendo desenvolvido e vivido naquele momento. Dessa forma, não há como não afirmar que o espaço da escola se torna muito importante porque promove e difunde a cultura, bem como o conhecimento e as manifestações culturais populares. As manifestações culturais, quando integradas com todo o sistema de ensino, podem revolucionar este espaço. O Centro de Educação Trindade, concebido como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens, permite florescer, também, uma pluralidade de sentidos do humano, pois está apto a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não é mais pura e simplesmente reprodutor de aprendizado técnico e mecanicista (SILVA, 2008).

As cenas descritas evidenciam que a escola é essencialmente um espaço coletivo, de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula e a quadra esportiva materializam a convivência rotineira de pessoas. No momento em que os jovens cruzam o portão gradeado, ocorre um "rito de passagem", pois passam a assumir um papel específico, diferen-



te daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos. Neste sentido, os comportamentos dos sujeitos, no cotidiano escolar, são informados por concepções geradas pelo diálogo entre suas experiências, sua cultura, as demandas individuais e as expectativas com a tradição ou a cultura da escola.

Podemos dizer que a escola se constitui de um conjunto de tempos e espaços ritualizados. Em cada situação, há uma dimensão simbólica, que se expressa nos gestos e posturas acompanhados de sentimentos. Cada um dos seus rituais possui uma dimensão pedagógica, na maioria das vezes, implícita, independente da intencionalidade ou dos objetivos explícitos da escola (DAYRELL, 1992).

Antes de apresentar o trabalho do Hip Hop desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade com crianças e adolescentes, é essencial trazer à tona a trajetória do movimento Hip Hop, desde o seu nascimento até os dias atuais, assim como os elementos que o compõem para que possa ficar clara a sua manifestação no interior da comunidade da Vila Pedreira.

A interpretação consagrada da etimologia da palavra rap é que seja uma sigla para *rhythm and poetry* (do inglês, ritmo e poesia). O mito de origem mais frequente sobre o gênero é que teria surgido no Bronx, bairro pobre de Nova York, no início dos anos 1970. Outros MCs brasileiros defendem a ideia de que rap é a sigla para Revolução Através das

Palavras. Já foi afirmado também que as três letras poderiam corresponder a "Ritmo, Amor e Poesia" (TEPERMAN, 2015). Mais do que explicações, essas são interpretações.

O Hip Hop, se tratando do elemento dança, é um destes rituais que se expressa através de gestos e que o corpo reproduz o sentimento da letra e a entonação. Atividade bastante realizada dentro do espaço do Centro Trindade, pois se identifica com os jovens, pela letra impositiva e que busca falar ao mundo das injustiças e desamores. Este gênero musical é um forte estruturador de movimentos pela valorização da identidade negra: a música, a dança e o estilo de vestir são por si sós produtores de significado.

O Hip Hop faz parte da Vila Pedreira. Ele pulsa em todos os becos e vielas. Quando se entra na comunidade, é possível escutar em alto e bom som *rappers* cantando sua música, nas esquinas das ruas sem saída. O estilo passa verdade e o MC exala confiança enquanto canta as estrofes com quadrinhas rimadas. Outro ponto a ressaltar neste gênero musical é a ausência de refrão porque, ao evitá-lo, o rap se mantém constantemente em tensão e essa é a maior marca do Hip Hop (TEPERMAN, 2015).

Portanto, o Hip Hop está presente nas atividades do Centro de Educação Trindade pelo fato de estar impregnado neste espaço, isto é, nas ruas e becos e no interior da escola e por ser reconhecido como música. Nos musicais de Natal que a escola organi-



za, o *rapper* Timão se faz presente. Timão representa este lugar e fala da Vila Pedreira em muitas das letras dos seus CDs porque se sente pertencente.

O Hip Hop sempre esteve presente na comunidade e, em 2015, vem em forma de oficina do *Projeto Construindo um novo caminho*. A escolha se justifica pelo número de *rappers* que moram na comunidade e agradam as crianças e adolescentes porque a linguagem é conhecida e reconhecida pela maioria dos jovens, moradores deste espaço. Dayrell (2003) faz uma reflexão sobre estes jovens que são sujeitos sociais.

Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo, ao longo da vida (DAYRELL, 2003, p. 24).

Dessa forma, se torna evidente o livre trânsito dos jovens *rappers* pelo interior do Centro de Educação porque são jovens da comunidade, se desenvolvendo e se constituindo como indivíduos participantes e a escola é o espaço que deve fomentar esta mudança e, acima de tudo, fomentar a cultura. Quando o MC canta, ele debate, por meio das letras e também pelo discurso, temas como preconceito, violência e segregação racial e seus efeitos devastadores na sociedade, como a violência urbana.

No entanto, o grafite também é uma das manifestações do Hip Hop e, juntamente com os alunos

da oficina do Projeto, construiu uma identidade para a quadra esportiva, já que é o espaço caracterizado como o coração do Centro de Educação. Este é mais um lugar em que a cultura flui, transborda pelos muros da escola e "contamina" a Vila Pedreira. O grafite foi planejado pelas crianças e pelo educador Timão. Realizaram vários esboços até chegar à ideia final.

Com este trabalho e a revitalização da quadra, o espaço foi novamente colocado à disposição da comunidade. Neste dia, foi lembrado como era a quadra esportiva há alguns anos, onde ocorriam, além de jogos, festas e ensaios da escola de samba. Não havia muro e o espaço era bastante degradado, mas, mesmo assim, muito usado. O atual diretor ressalta isso na sua fala:

Então a gente sempre empresta, emprestamos porque a verdade esse prédio tem contrato com a prefeitura, o prédio é deles na verdade, eles adoram isso aqui, então a gente devolve este prédio nesta condição de ser do coletivo, de ser algo do para o bem comum. Então assim, uma reunião da associação de moradores, ok, uma reunião do pessoal da saúde, ok, uma campanha de vacinação, ok. Essas coisas que são para eles, que são para o coletivo, não é um favor pessoal, então a gente empresta e eles cuidam. Festa por exemplo, a Mara aqui da frente, uma vez fez festa das crianças, no dia das crianças, daí se empresta a estrutura da escola, uma sala para ela poder preparar as coisas e se organizar. E vou dizer uma coisa, não tenho queixa nenhuma, nenhuma, não tem um parafuso fora do lugar, então há um respeito em relação ao prédio (OHLWEILER, 2015, informação verbal).



A comunidade da Vila sempre participava dos mutirões de limpeza da quadra porque, como o trânsito era livre por não ter muros, havia certo descaso por parte de alguns usuários, prejudicando o uso. Foi neste espaço que a escola de samba nasceu, primeiro Beija Flor, depois, Império Serrano da Vila Pedreira.

Antes de falarmos sobre o carnaval produzido na Vila Pedreira e nas dependências do Centro de Educação Trindade, é importante trazermos um pouco da história do carnaval para que possamos situar de onde surgiu tamanho movimento popular de tanta grandeza e participação.

A história do carnaval no Brasil começa no período colonial. Uma das primeiras manifestações carnavalescas foi o entrudo, uma festa de origem portuguesa que, na colônia, era praticada pelos escravos. Estes saíam pelas ruas com seus rostos pintados, jogando farinha e bolinhas de água de cheiro nas pessoas. Tais bolinhas nem sempre eram cheirosas.

Ao longo do século XX, o carnaval se popularizou ainda mais no Brasil e conheceu uma diversidade de formas de realização, tanto entre a classe dominante como entre as classes populares. As escolas de samba eram o desenvolvimento dos cordões e ranchos. A primeira disputa entre elas ocorreu em 1929. A partir da história do carnaval, se torna evidente que sempre foi um movimento popular. No entanto, fora copiado pela elite brasileira a fim de que pudessem invadir as ruas e concretizar um mo-

mento de diversão, mas também de ostentação, pois buscavam espaços fechados com bailes elitizados.

Na ritualização do carnaval, os elementos se deslocam. As ruas, antes locais que direcionavam para a pesada rotina do trabalho e das disputas sociais, se abrem em um espaço receptivo para os que agora se deslocam num movimento consciente que estão em busca do divertimento. Consoante DaMatta (1997), o carnaval é um momento de permissividade.

> No carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição às duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade (DAMATTA, 1997, p. 121).

Nesses moldes, nasceu a escola de samba da Vila Pedreira. Antes da criação da escola, os habitantes da Vila eram convidados a participar de escolas criadas em outros bairros da cidade por serem muito envolvidos e bons na bateria. No entanto, pensavam em ter a própria escola, que pudesse ser chamada de Escola da Vila. Como antes referimos, a primeira escola de samba foi a Beija Flor, formada por moradores da cidade de Esteio e alguns habitantes da Vila. Isto porque muitos gostavam de samba e



pagode e queriam participar, mas não sabiam tocar nenhum instrumento. Em entrevista, Alex Santos, morador da comunidade e participante da Beija Flor faz o relato.

Como tinha um pessoal que gostava de música afro, o que que aconteceu? Todo mundo gostava de pagode, samba. Daí, quando começou a se desenvolver o Carnaval lá dentro com a Beija Flor, vários queriam se envolver, mas não sabiam tocar. Tudo começou ali. Começou uma ala de cacheta, tocava maracanã, que é aqueles tambor grandão, até os cara tocam até hoje (SANTOS, 2015, informação verbal).

Por conta de problemas internos da escola, o trabalho foi enfraquecendo e os participantes ficando desmotivados, mas o "povão", como diz Alex Santos, participante da Beija Flor da Vila Pedreira, não queria deixar morrer todo o trabalho desenvolvido. Assim, foram convidados a estruturar um novo grupo que pudesse levar a comunidade novamente às ruas do carnaval.

Então, no dia 1º de maio de 2001, reuniram-se na Escola Trindade e estruturaram o Império Serrano da Vila Pedreira. O grupo de carnavalescos e moradores que tinham interesse em participar de algum segmento da escola se fizeram presentes e receberam todas as instruções através de um informativo que trazia como lema *A união de todos, nos levará a vitória.*

Nesta reunião, quem esteve presente à frente do processo organizativo foi o presidente Waldir Ferreira, que coordenou a escola de samba do ano de 2001 a 2003. A partir da aceitação das regras apresentadas, o grupo começou a se fortalecer e iniciou a caminhada de sedimentar a Escola Império Serrano. Em primeiro lugar, envolveram o Centro de Educação Trindade na criação das fantasias, com um pequeno concurso de desenhos. Alguns jurados escolheram os melhores. Sendo assim, no ano de 2002, em um almoço no Trindade, foi feita a escolha. Os desenhos foram expostos em uma sala de aula e os próprios autores do desenho podiam explicar e justificar a criação. O Presidente Waldir Ferreira relata que foi um momento muito rico, pois a escola se abria para o samba e os alunos participavam de uma das partes mais importantes: as fantasias que embelezam a avenida. Alex ressalta que o Centro de Educação sempre foi e continua sendo o ponto de encontro da cultura da Vila.

Então aí foi indo. Eu comecei como mestre de bateria da Império Serrano da Vila Pedreira, nós ensaiávamos na quadra aqui. Na quadra de esporte, todos os nossos ensaios eram ali e tinha o cara que levava o equipamento de som para nós, é um conhecido muito velho nosso. Então era ele que levava o equipamento de som. Como a bateria era alta e tinha muita acústica, o equipamento que ele levava era grande. Às vezes a gente tinha que fazer duas viagens (SANTOS, 2015, informação verbal).



Após a escolha, partiram para a confecção das fantasias, organizando um mutirão dentro da Vila Pedreira com as mulheres que tinham máquina de costura. Foram divididos os figurinos e foi dado o início.

A escola seguiu no propósito de não desistir e, em 2008, trouxe para a avenida a história das religiões afro-brasileiras, encantando o público e emocionando os componentes da escola – pela superação. A escola seguiu em frente, apesar das dificuldades no que diz respeito à prestação de contas e organização. Em 2015 traz como tema *as diferenças*. Os alunos do Centro de Educação participaram mais uma vez, já que este tema foi trabalhado também nas salas de aula.

A comunidade está sempre tão envolvida no carnaval que participou na escolha do rei Momo 2015 com o candidato Jean Rodrigues da Rosa, que foi o vencedor e representa além da cidade de Esteio, a Vila Pedreira, levando o nome da comunidade para muitos municípios. Jean é figura importante na Vila, pois, além de ser morador antigo, faz parte de um centro de umbanda, uma das quatro casas da comunidade.

Contudo, é importante salientar o trabalho que é desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade, envolvendo as manifestações culturais da Vila, ressaltando o Hip Hop e o carnaval. A cultura popular, conforme Brandão (2002), tem a sua origem nas práticas pedagógicas desenvolvidas por movimentos de cultura popular no início da década de 1960, mais precisamente entre 1960 e 1964.

A partir do ano de 2000, o Centro de Educação inicia um novo olhar para a comunidade. A equipe diretiva se mostra aberta às manifestações culturais que caminham pela Vila Pedreira e abre, não só o espaço, mas o portão e as salas de aula para que a cultura entre pela porta da frente e dê um maior significado para as vivências de sala de aula. A educação, na visão de Paulo Freire (1970), deve realizar- se como prática da liberdade. Os caminhos da libertação só estabelecem sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Quando se pensa em Educação Popular, logo se recorre às ideias de Paulo Freire, pois, durante toda a sua vida, ele se dedicou à questão do educar para a vida, através de uma educação preocupada com a formação do indivíduo crítico, criativo e participante na sociedade.

Nestes termos, é importante observar que o ser humano, nesta educação, é um sujeito que não deve somente "estar no mundo, mas com o mundo", ou seja, fazer parte dessa imensa esfera giratória, não apenas vivendo, mas construindo sua própria identidade e intervindo no melhoramento de suas condições enquanto cidadão e buscando o direito de construir uma cidadania igualitária e justa.



Portanto, a melhor forma de ensinar é defender, com seriedade, apaixonadamente uma posição, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito ao discurso contrário. Estará ensinando, assim, o dever de brigar por nossas ideias e, ao mesmo tempo, o respeito mútuo. Este modelo apresenta uma educação construída sobre a ideia de um diálogo entre educador e educando, em que ocorra sempre partes de cada um no outro, que não poderia começar com o educador trazendo pronto do seu mundo, do seu saber, o seu modelo de ensino e o material para as suas aulas baseados na sua cultura e valores. Dentro desta percepção é que um dos pressupostos do modelo se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho (FREIRE, 1970).

O diálogo consiste em uma relação horizontal, e não vertical, entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mundo são indissociáveis. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo" (FREI-RE, 1970, p.71). Nesse processo todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno. Ensinar é algo profundo e dinâmico. A questão de identidade cultural, que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à prática educativa progressista. Freire (1970) salienta, cons-

tantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim a conscientização e o testemunho de vida, se não, não terá eficácia. Para Freire (1970), o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser, pois, ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

Este é o foco de trabalho do Centro de Educação Trindade: abrir-se para todas as manifestações culturais, respeitando e aceitando e nunca fechando os olhos para o novo e o desconhecido. O Marcelo Ohlweiler, traz esta questão e salienta a valorização que devemos ter com a cultura do outro:

Eu fui daqueles que pensou: Bah será que vai colar. E eles adoram. Mas eu sempre valorizo aquilo que é deles, o Hip Hop, o funk de certa forma, e mesmo assim, tem funks maravilhosos, tem funk gospel. [...] Eles acabam curtindo, e a gente não pode fechar os olhos e dizer que não tem nada haver (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

É muito importante, neste processo, abrir possibilidade para que as manifestações culturais populares fiquem integradas com o sistema e processo do ensino formal, para que possam revolucionar o trabalho e trazer para a escola uma visão mais ampla e mais humanizada de estratégia de educação. O Centro Municipal Trindade conseguiu realizar: organizou e reestruturou o espaço onde pudesse vicejar



uma multiplicidade de linguagens que florescessem. Assim, a escola se tornou um espaço de muitos sentidos, de novos sentidos do humano. Ficou apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não apenas um lugar de reprodução de aprendizados técnicos, produzindo a produção do conhecimento.

Quando refletimos sobre toda esta mudança na escola, lembramo-nos das palavras de Brandão (2002) que reforça que a cultura é um conjunto diverso, múltiplo, de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras gentes ou povos sem cultura. O carnaval e o Hip Hop presentes no espaço escolar vêm engajados nas palavras de Brandão (2002) e provam que a cultura está em todos os lugares e que a Vila Pedreira, apesar de estigmatizada por alguns, exala manifestações culturais e elas invadem os muros da escola e são aceitas e respeitadas. Todo este trabalho só se tornou possível porque a marginalização e a discriminação não foram ressaltadas e a compreensão e valorização foram sempre lembradas. Os alunos são compreendidos numa perspectiva que "permita construção de um olhar alargado sobre a educação, como processo de humanização que inclua e incorpore os processos educativos não escolares" (GOMES, 2002, p. 1).

Vimos que o carnaval e o Hip Hop são manifestações que trazem a ideia não do individualismo, mas do coletivismo, provocando o preenchimento de vazios, antes criados pela forma egoísta de ver a escola e sua relação. O carnaval, com sua bateria e alas, precisa de um trabalho em sintonia, necessita de diálogo e combinações para que, na avenida, o desfile flua e as pessoas brilhem. No momento dos ensaios que ocorriam na quadra do Centro de Educação Trindade, podia ser vista esta organização da bateria e do puxador do samba . Alex Santos lembra que os dias de ensaio eram motivo de festa para a Vila Pedreira, porque todos se reuniam, tocavam, inventavam "breques" e aprimoravam a apresentação, promovendo discussão e sociabilidade.

Torna-se urgente ressaltar que, após todo o estudo das manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira e como estas se relacionam com a escola, vemos o quanto as crianças e os jovens são atores, dinâmicos e politizados, por mais que a mídia queira transformá-los em apáticos e despolitizados. Eles são os principais responsáveis pela mudança radical desta comunidade no que diz respeito à cultura contemporânea, pois participa de movimentos culturais, principalmente a música. Conforme Prysthon (2009) é na periferia que os jovens se tornam protagonista cultural, sobretudo da música.

A partir de movimentos culturais oriundos da periferia, jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente distinta daqueles dos anos 1960, por exemplo. Esse aspecto pode ser facilmente encon-



trado no Hip Hop e no carnaval porque, quando se reúnem na escola para as oficinas e ensaios, estão também servindo de canal de expressão de questões juvenis. Os educandos e demais habitantes que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com estas manifestações se apropriam destes conhecimentos produzidos no interior da escola e iniciam uma nova forma de olhar o outro. Trazer para dentro da escola os excluídos é aprender que é possível construir algo novo, algo que já se via perdido. O Centro de Educação Trindade é o exemplo da inovação, da democracia, da busca de uma educação mais participativa e aberta a todos os segmentos culturais, respeitando a vida e as escolhas dos habitantes da Vila que circulam no interior do Centro de Educação. Esse talvez seja um dos maiores retornos de um trabalho que foi realizado com seriedade e perseverança. O espaço da escola se abriu para a cultura e mudou o comportamento e a vida de muitos habitantes da comunidade da Vila Pedreira. Os "outros", os "diferentes" os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os rappers, os funkeiros, etc., mesmo quando fracassam e são excluídos, ao penetrarem no universo escolar, desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural.

Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de "cruzamento de culturas". Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a "mediação reflexiva" que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores.

Em vez de preservar uma tradição monocultural e uníssona, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, para a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio, mas também o grande desenvolvimento e sucesso do Centro de Educação Trindade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Poética do Espaço**. Tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.



BAUMAN, Zygmunt. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Tradução Fernando Tomaz. **O Poder Simbólico**. Ed. Bertrand Brasil, 11 ed: Rio de Janeiro.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A Escola como espaço cultural**. 1992- Revista da educação

GÓMEZ, A. I. P. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. Cidade: RJ. Ed. Claro Enigma, 2015.



A CIDADE COMO PALCO DA SOCIABILIDADE: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE EM PELOTAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

THE CITY AS A PLACE FOR SOCIABILITY: SOCIABILITY SPACES IN PELOTAS ON THE SECOND HALF OF THE NINETEENTH CENTURY

Dalila Müller (UFPel)¹ Dalila Rosa Hallal (UFPel)²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender de que forma a cidade de Pelotas foi vivenciada e ocupada pelas elites no século XIX, e como estes segmentos demarcaram seus lugares e suas posições sociais nos espaços e formas de sociabilidade da cidade. Para o desenvolvimento deste trabalho, as informações foram obtidas nos jornais de Pelotas e de Rio Grande, que relatavam, com riqueza de detalhes, o cotidiano da cidade de Pelotas. Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades

definidas no tempo, no espaço e na escala social. Pode-se perceber que, na segunda metade do século XIX, a cidade começou a valorizar os espaços urbanos, revitalizando-se através das reformas urbanas. Á medida que a cidade de Pelotas se modernizava, seus moradores foram ampliando e criando novos espaços de sociabilidade. Entre eles, as confeitarias, os hotéis, os parques urbanos, os clubes sociais e esportivos, o teatro, as praças. A cidade é o cenário preferencial para "ver e ser visto", exibir pompas, demonstrar a opulência da elite pelotense.

Palavras-chave: Cidade. Pelotas. Sociabilidade. Século XIX.

Abstract: This paper aims to understand how the city of Pelotas was experienced and occupied by elites in the nineteenth century, and how they have staked out their places and their social positions in the city's spaces and forms of sociability. To develop this work, information was obtained in the newspapers of Pelotas and Rio Grande, which describe the life in Pelotas in great detail. Studies of sociability seek to understand the various ways in which men relate to one another, expressions and manifestations, more or less formalized, of society, of communities defined in time, space and social

¹ Doutora em História – UNISINOS; Mestre em Turismo – UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel. E-mail: dalilam2011@gmail.com.

² Doutora em História – PUCRS; Mestre em Turismo – UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. E-mail: dalilahallal@gmail.com.



scales. We noticed that, in the second half of the nineteenth century, the city began to appreciate the urban areas, revitalizing itself through urban reforms. As the city of Pelotas modernized, its residents have been expanding and creating new spaces of sociability. Among them, the confectioneries, the hotels, urban parks, social and sports clubs, theater, squares. The city is the preferred setting for «seeing and being seen», displaying pomp, showing the opulence of Pelotas' elite.

Keywords: City. Pelotas. Sociability. Nineteenth century

INTRODUÇÃO

Durante o século XIX a cidade de Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, se desenvolveu, principalmente pela exploração das charqueadas. Esta atividade iniciou na cidade no final do século XVIII, com a instalação da primeira charqueada com objetivo comercial, e cresceu, atingindo 22 charqueadas em funcionamento em 1820 e 35 em 1873 (MÜLLER, 2004).

Com o início da exploração da charqueada a população de Pelotas começou a aumentar, formando-se um povoado. Com este crescimento, os moradores solicitaram a criação de uma freguesia, a qual se estabeleceu em 1812, com a denominação de Freguesia São Francisco de Paula. A partir do es-

tabelecimento da Freguesia, a população cresceu, surgiram fábricas e casas comerciais, ruas foram traçadas. Esse crescimento populacional, econômico e urbano de Pelotas foi importante para a sua elevação à condição de vila, em abril de 1832 e de cidade de Pelotas, em 1835.

A charqueada utilizava mão-de-obra essencialmente escrava, pouco solicitando a presença dos charqueadores; era uma atividade sazonal, cuja safra era curta, de novembro a abril/maio, ou seja, a atividade charqueadora era um trabalho escravista e sazonal.

Em função destas características, os charqueadores dispunham de tempo livre durante os outros meses do ano e, mesmo durante a safra, os proprietários não participavam ostensivamente das atividades, o que possibilitou uma ociosidade aos charqueadores.

Para Veblen (1965, p. 50):

[...] uma vida ociosa é o mais simples e o mais patente modo de demonstrar força pecuniária e consequentemente força superior; a condição essencial é que o homem ocioso possa viver sem dificuldade no conforto. Neste estágio, a riqueza consiste principalmente de escravos; [...].

Assim a elite pelotense gozava de um tempo livre, que era "a recompensa e o privilégio de um nascimento nobre, a marca de uma superioridade pessoal". (PORTER, 2001, p. 21). A disponibilidade de tempo livre possibilitou que se dedicassem a ati-



vidades socioculturais, entre elas as relacionadas à sociabilidade, demonstrando e exibindo sua riqueza e distinção social através do consumo de bens imateriais, da educação, da polidez, das boas maneiras, fatos esses observáveis, principalmente, nos espaços públicos.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender, a partir do estudo da sociabilidade, de que forma a cidade de Pelotas foi vivenciada e ocupada pelas elites pelotenses na segunda metade do século XIX. Busca-se verificar como esta elite demarcou seu lugar e suas posições sociais nos espaços e formas de sociabilidade da cidade.

Considera-se elite como o "grupo que possui não só influência, mas poder de decisão na sociedade a que pertence, e que serve de modelo social pelo seu modo de vida". (RAMOS, 2000, p. 5).

Simmel (1983) considera a sociabilidade como uma forma autônoma ou lúdica de sociação. Os interesses e necessidades específicas fazem com que os homens se unam, as quais se caracterizariam pelo sentimento de estarem associados e pela satisfação provocada por isto.

Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social. De acordo com Maurice Agulhon (1992) a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, estando relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade. Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social.

O palco da sociabilidade é a cidade de Pelotas na segunda metade do século XIX. Não é possível pensar uma cidade sem atores, sem relações sociais, sem interação, por isso ela é o espaço privilegiado da sociabilidade.

A cidade é o lócus da sociabilidade, pois, seus espaços são:

Órgãos essenciais à vida urbana [...]. A rua, a praça, o templo, o mercado, o foro, o circo, o theatron (literalmente, "o lugar em que se olha ... e se é olhado"), isto é, a cidade são os canais que levam o homem à presença dos outros homens, e os recintos para todas as formas de convivências que aplacam a angústia de ser só, a estreiteza de ser particular e curam a sensação da insuficiência da casa, do círculo doméstico e dão a oportunidade a que cada homem faça de sua vida uma tangente de outras vidas. (OMEGNA, 1971, p. 80) [Grifos do autor]



Estudar a sociabilidade da elite pelotense permite entender a sociedade na qual esta elite está inserida, uma vez que o surgimento de novas e diferentes formas de sociabilidade indicam novas formas de vida e novos usos para o espaço da cidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho, as informações foram obtidas nos jornais de Pelotas e de Rio Grande, que relatavam, com riqueza de detalhes, o cotidiano da cidade de Pelotas.

Foram pesquisados sistematicamente os seguintes jornais: Diário do Rio Grande e o Rio-grandense, da cidade vizinha Rio Grande, que divulgava, quase que diariamente, informações sobre Pelotas, e os jornais periódicos que circulavam na cidade de Pelotas, entre eles, O Pelotense, Diário de Pelotas, Correio Mercantil, Onze de Junho, Opinião Pública e Diário Popular.

SOCIABILIDADE EM PELOTAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Como afirmado anteriormente a atividade charqueadora em Pelotas se desenvolveu durante todo o século XIX e, a partir dela, a cidade se desenvolveu econômica, política, urbano, social e culturalmente. Em 1835 Pelotas atingiu a condição de cidade, porém, neste mesmo ano se iniciou a Revolução Farroupilha, período de 10 anos em que Pelotas estagnou, com a diminuição de sua população e das atividades econômicas.

A população começou a retornar antes mesmo do término da Revolução, por volta de 1843, coincidindo com o declínio da mesma. O aumento da população também ocorreu pela chegada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos.

Após a Revolução, as charqueadas foram reativadas e se instalaram na cidade indústrias complementares, como curtumes, fábricas de sabão e velas e adubos, diversificou-se a aplicação do capital em outras atividades, intensificaram-se as operações de crédito e as transações bancárias (MAGALHÃES, 1993).

A partir da instalação de fábricas e casas comerciais, da reativação das charqueadas e do aumento da população, houve uma maior preocupação com a melhoria do espaço urbano através dos serviços de infraestrutura, que visavam transformar a cidade de Pelotas em um espaço mais aprazível para se viver.

A preocupação com a abertura de novas ruas, a iluminação, o nivelamento e o alinhamento das vias e dos edifícios, o escoamento das águas, o despejo das imundícies, a localização das fábricas e manufaturas eram constantes na Câmara Municipal (MÜLLLER, 2010).

Em 1846 iniciou-se a iluminação da cidade com a colocação de lampiões na área central da cidade. Já em 1848 a iluminação foi estendida para o Porto da cidade (GUTIERRES, 1999). Em 1875 os lampiões a azeite foram substituídos por combustores a gás hidrogênio líquido. No ano seguinte foi suspenso o



fornecimento de gás, passando a cidade a ser iluminada por lampiões a querosene, voltando a ser iluminada a gás hidrogênio em 1878 (ANJOS, 2000).

Em 1845 iniciou-se a preocupação com a conservação e limpeza das ruas; as ruas foram niveladas para esgoto e calçamento nas embocaduras e declives. Outra medida tomada foi o zoneamento da cidade com a preocupação com os prédios urbanos, retirando-se do centro urbano as manufaturas, as quais "tornavam o ambiente da área urbana insalubre" (GUTIERRES, 1999, p. 239). Em 1887 foi realizado um projeto de saneamento, que empregava água como veículo condutor dos materiais fecais e detritos (GUTIERRES, 1999).

Melhorias foram realizadas na cidade: o telégrafo se desenvolveu a partir da década de 1860; a agência postal foi instalada em Pelotas em 1870, facilitando a comunicação por cartas (OSORIO, 1998).

O transporte público era realizado por carruagens e bondes de tração animal. Segundo Osorio (1998) o serviço de transportes pela companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas começou a funcionar a partir de 1873. O bonde anunciava que a cidade estava se expandindo e que as necessidades da população em se locomover aumentavam.

Os bondes eram importantes aliados para os passeios e a recreação. Seus horários e número de carros eram diferenciados de acordo com a programação recreativa, seja para o Porto da cidade ou para o Fragata.

A modernização no abastecimento de água chegou à Pelotas em 1870 com a instalação da Cia. Hidráulica Pelotense. Em 1876, 17,44% das residências possuíam fornecimento de água, passando para 47,80% em 1885, demonstrando a ampliação da rede de água na cidade (ANJOS, 2000).

Também na década de 1870 o Canal São Gonçalo foi desobstruído, possibilitando que os navios que levavam o charque e traziam mercadorias importadas chegassem e partissem diretamente de Pelotas. A chegada de navios diretamente da Europa favoreceu a circulação tanto de mercadorias como de civilização e refinamento dos costumes. Esta aproximação foi importante para a sedimentação de um modelo de civilização baseado em nações europeias não ibéricas, burguesas e industriais (sobretudo França e Inglaterra).

No início da década de 1880 iniciou-se a construção da estrada de ferro, que ligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, favorecendo o intercâmbio de pessoas, uma vez que havia uma maior facilidade de deslocamento e comunicação entre as cidades. Em 1884 foi inaugurada a Estação Ferroviária de Pelotas (DIÁRIO DE PELOTAS, 08.04.1886, p.1).

A ligação de Pelotas com as demais cidades também foi intensificada pela instalação de linhas telefônicas. Em 1886 foi fundada a primeira empresa telefônica na cidade (DIÁRIO DE PELOTAS, 15.07.1886, p. 2).



Os processos de crescimento populacional e urbanização pelos quais passou Pelotas – a partir das melhorias na cidade –, intensificaram e diversificaram as atividades de lazer e cultura em seus vários segmentos sociais. A modernização da cidade e a adoção de novos hábitos e costumes geraram a ampliação dos espaços de sociabilidade, de suas vivências e a consequente dinamização das relações sociais de seus frequentadores.

Em relação aos espaços públicos da cidade, destaca-se, em Pelotas, o uso da Praça da Regeneração (em 1865 passou a denominar-se Praça Dom Pedro II; em outubro de 1889 voltou a denominar-se Regeneração e em novembro de 1895 passou a chamar-se Praça da República).

Na década de 1830 a praça era palco das comemorações cívicas e religiosas e também do entrudo. Nela, já em 1832, foi realizada uma parte da programação em comemoração ao dia 7 de abril, quando foi "apresentado ao público o espetáculo de Cavalhadas" (O NOTICIADOR, 04.05.1832, p. 3); outras festas cívicas e também as religiosas foram sendo realizadas na Praça.

Após a Revolução Farroupilha, além das festividades cívicas e religiosas, a Praça foi utilizada para retretas, circos, quiosques, rinques de patinação, ou para um passeio ao ar livre.

Até a década de 1870 a Praça permaneceu em péssimas condições de utilização. Segundo Magalhães (1993, p. 100), a praça "era intransitável em

todo o seu percurso, cercado por um alambrado, tendo ao centro uma lagoa de águas paradas.".

Diante de tantas obras que a Câmara Municipal estava realizando para a "comodidade e o progresso" dos pelotenses, a população reivindicava melhorias na praça, que estava "realmente incompatível com os créditos e adiantamentos desta cidade. Quem contemplar o calçamento, a água, o gás, a elegância das edificações e outros melhoramentos que ali temos, [...]" (CORREIO MERCANTIL, 12.10.1875, p. 1). Ou seja, a cidade de Pelotas estava se tornando moderna e esta modernidade não era compatível com as condições da Praça.

A década de 1870 marca o início de uma reformulação no espaço da Praça, que objetivava criar um cenário mais adequado para os rituais públicos. No final da década de 1870 a praça é arborizada, com a plantação de acácias, eucaliptos, e outras árvores; foi submetida a um trabalho paisagístico e gradeada. Após o gradeamento, os trabalhos de arborização continuaram e iniciaram o ajardinamento e a construção de passeios.

A partir desse momento a praça é considerada um local digno para que a população pelotense desfrutasse seus momentos de lazer.

A cidade de Pelotas pode orgulhar-se de possuir atualmente a mais ampla e elegante praça da província, no que diz respeito ao aformoseamento externo [...] a praça Pedro II, colocada ao centro da cidade, passeio predileto da popu-



lação, [...] em poucos anos deve converter-se em um jardim pitoresco, em um lugar aprazível, repleto de variedades para entreter a atenção dos concorrentes e atrair a curiosidade e elogios dos que visitem a cidade [...]. (CORREIO MERCANTIL, 14.09.1877, p. 1)

Sob a égide da modernização, a Praça Pedro II tornou-se, principalmente aos domingos, local favorito da elite pelotense para o lazer ao ar livre, não só durante o dia, mas também à noite, quando os lampiões em torno do chafariz, localizado no centro da Praça, foram acesos.

PRAÇA PEDRO II Esteve muitíssimo concorrido e animado o passeio da praça na noite de Domingo. A excelente banda de musica Santa Cecília, executou algumas belíssimas peças de seu variado repertorio, desde as 8 ás 9 horas da noite, conseguindo conservar sempre um numeroso auditório e corresponder perfeitamente á sua expectativa. [...]. (CORREIO MERCANTIL, 04.02.1879, p. 2).

A Praça da Regeneração também foi palco de circos itinerários, como o circo do Sr. Albano Pereira (CORREIO MERCANTIL, 11.11.1875, p. 1); a "Grande Companhia Equestre Inglesa" (CORREIO MERCANTIL, 09.03.1878, p. 4) e o "Circo Franco-Português" (DIÁRIO DE PELOTAS, 06.04.1883, p. 3).

Além dos divertimentos itinerários, foi inaugurado no local um rinque de patinação, o "Skating-Rink", possibilitando que "[...] a praça Pedro II [seja] um agradável ponto de reunião nas tardes e

noites na estação calmosa. O público deve receber com agrado mais esse estabelecimento, que lhe oferecerá variadas diversões". (DIÁRIO DE PELOTAS, 04.12.1878, p. 2).

No final da década de 1870 a elite pelotense começa a buscar outros espaços vinculados à natureza, os parques campestres, construídos nos "arrabaldes" da cidade. Esses parques apresentavam uma variedade de atrações vinculadas à natureza, ou seja, proporcionavam atividades "higiênicas", como passeios ao ar livre, passeios em lagos, jogos, corridas, entre outras atrações. Também neste espaço havia música e alimentação.

Construídos a partir de uma concepção em que se procurava compatibilizar a natureza com a inteligência humana, estes parques – repletos de vegetação e vida animal – atraíam cada vez mais as famílias que os procuravam para a realização de caminhadas e picnics, e também desfrutar das atrações que porventura neles se apresentam, como bandas, fanfarras, acrobatas, malabaristas, espetáculos de fogos de artifício, etc. (SOARES, 2004, p. 28).

Dois Parques se localizavam no Fragata: o Jardim Ritter e o Parque Pelotense. O Jardim Ritter ocupava uma extensa área arborizada, ideal para as "tardes da estação calmosa", fazendo parte da fábrica de cerveja dos Srs. Ritter & Irmão e era "um dos passeios prediletos da elite pelotense". (DIÁRIO DE PELOTAS, 26.01.1885, p. 2).



Este Jardim fechava no período do inverno e abria em outubro, para a estação do verão. Nele havia, aos domingos e dias santos, concertos instrumentais: "Ouvem-se ali os acordes melodiosos da banda de música Apollo; trocam-se olhares amorosos com as belas e gentis representantes do belo sexo, e saboreia-se uma excelente garrafa de cerve-ja Ritter, o que não é pior". (DIÁRIO DE PELOTAS, 29.03.1885, p. 2).

O Parque Pelotense, também localizado no Fragata, era um dos principais "pontos de recreio" em Pelotas. O Parque foi construído no lugar denominado Villa do Prado, junto ao Prado Pelotense, a mais ou menos três quilômetros da cidade. Foi inaugurado no dia 02 de fevereiro de 1883, com o objetivo de proporcionar divertimentos junto à natureza para a população de Pelotas.

[...] um extenso jardim, maior que o da praça Pedro II., com bosques, lagos navegáveis em pequenos barcos, ilhas, morros de grande elevação, grande praça arborizada, caramanchões, chalets, kiosques, estufa de aclimação, pontes, e assentos por toda à parte! Uma fonte de riquíssima água, só comparável á melhor da serra! Mais de dois mil pés de arvores frutíferas, de primeira qualidade, havendo entre elas muitas larangeiras de 10 anos, com toda sua copa primitiva! Grande horta; grandes lavouras dos principais e mais necessários cereais. [...] (ONZE DE JUNHO, 18.04.1883, p. 2, Pelotas).

O Parque apresentava diversos tipos de divertimentos, sendo um ponto bastante frequentado pela elite da cidade: eram realizados bailes ao ar livre; passeios em lagos, em velocípedes ou a cavalo; aparelhos de ginástica eram disponibilizados, para "higiênicos exercícios"; restaurante; concertos com bandas de música locais, entre outras atrações (CORREIO MERCANTIL, 14.12.1883, p. 2-3)

Logo após a inauguração do Parque Pelotense foi inaugurado o prolongamento da linha de bondes até a entrada do parque, demonstrando a importância destes espaços na cidade. "Por esta forma, teremos daqui em diante completa facilidade e rapidez de transporte para os divertimentos que se oferecem no ponto terminal da linha, sem o inconveniente das demoras e atropelamentos que se notaram por ocasião de grande concorrência". (CORREIO MERCANTIL, 01.04.1976, p. 1).

Outros dois parques que estavam em funcionamento na segunda metade do século XIX se localizavam no bairro da Luz: o Bosque de Bolonha e Campos Elysios. Também nestes parques o atrativo principal era a natureza, "a deliciosa sombra e o canto ameno dos passarinhos" (CORREIO MERCANTIL, 23.12.1877, p. 2). Como atrativos, os proprietários ofereciam fiambres, líquidos e refrescos de todas as qualidades, superiores petiscos e extravagantes comidas; jogos diversos e, em todas as ocasiões, uma excelente banda de música.



Além dos espaços ao ar livre, a elite usufruía dos espaços comerciais, entre eles, os hotéis e as confeitarias. Visando atender seus frequentadores, os hotéis, além da hospedagem, diversificaram suas atividades, através do oferecimento de espaços para jogos, venda de bebidas e alimentação, ceias e banquetes.

Uma das principais atividades de sociabilidade dos hotéis durante o século XIX foi o jogo, inicialmente o bilhar. A importância deste jogo nos hotéis é demonstrada pela existência de bilhares em quase todos os hotéis identificados no século XIX e pela preocupação em disponibilizar locais adequados para o jogo. O Hotel Aliança dava ênfase para a sala de bilhares: "está se edificando um lindo sobrado para este fim, [com] espaçosas salas para bilhares" (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 11.02.1857, p. 2).

À medida que novos hotéis foram se estabelecendo, os tipos de jogos oferecidos foram se diversificando. Jogos de bola à italiana, francesa e alemã estavam disponíveis no Hotel Garibaldi (ONZE DE JUNHO, 05.12.1882, p. 3); dominó, xadrez, cartas e jogo de bagatela eram jogados no Hotel de Gênova (CORREIO MERCANTIL, 28.11.1883, p. 3); ou ainda, jogos de tiro ao alvo, do sapo, da argolinha, roda da fortuna, espingardas de salão eram jogados no Hotel das Quatro Nações (DIÁRIO POPULAR, 03.06.1899, p. 3).

O jogo era admitido desde que não envolvesse apostas de grandes quantias, se destinasse apenas para a recreação, fosse realizado em residências honradas e não se caracterizasse como atividade permanente e meio de sobrevivência (CAMARGO, 2007)

Nos salões dos hotéis também eram realizados bailes, principalmente, os "bailes masqués":

Grandes e esplêndidos bailes á fantasia nos vastos salões do Hotel Garibaldi [...] (sábados e domingos). Os jardins do hotel convertidos em florescentes bosques, serão iluminados a giorno. Uma excelente banda de música provocará os frequentadores ao can can e á folia [...] (ONZE DE JUNHO, 20.12.1882, p. 3)

A disponibilidade de refeições nos hotéis proporcionou o agrupamento e a conversação entre as pessoas que compartilhavam o espaço para reuniões políticas e formação de sociedades e clubes, durante todo o século XIX. As reuniões para organização de uma sociedade abolicionista na cidade foram realizadas no Hotel Abolicionista (ONZE DE JUNHO, 21.08.1881, p. 2); as reuniões para a organização do partido republicano foram realizadas em uma das salas do Hotel do Universo (ONZE DE JUNHO, 15.02.1882, p. 2); a Sociedade Italiana Unione e Philantropia foi inaugurada em outubro de 1873 no Hotel Aliança (CORREIO MERCANTIL, 04.07.1876, p. 1).

O sucesso no oferecimento de refeições fez com que os proprietários expandissem seus serviços, disponibilizando espaços para a realização de ceias e banquetes. Os primeiros banquetes realizados nos espaços hoteleiros aconteceram no início da década de 1850, quando os hotéis já estavam mais organi-



zados estruturalmente. Os banquetes realizados nos hotéis estavam relacionados, principalmente, com as festas cívicas, fossem elas nacionais ou estrangeiras e com homenagens a personalidades cívicas, religiosas ou artísticas.

Nas áreas, nos pátios e nos caramanchões, as famílias pelotenses realizavam várias atividades de entretenimento, onde era possível almoçar ou jantar, participar de concertos ou, simplesmente, conversar. Desse modo, se constituíram em importantes locais de "recreio". Os principais hotéis, como o Hotel Aliança, o Hotel Grindler, o Hotel do Comércio e o Hotel Brasil, ofereciam várias atividades nesses locais, principalmente no verão:

Caramanchão Brasil Previno ás Exmas. famílias e cavalheiros, que a toda a hora da noite há sorvetes, cerveja gelada de todas as marcas, vinho de todas as qualidades e águas minerais. Preços razoáveis. Hotel Brasil. (CORREIO MERCANTIL, 18.12.1885, p. 4).

As confeitarias possibilitavam o encontro da elite pelotense que iam para estes espaços para tomar café ou chá, comer doces, bolos, mas principalmente para conversar com os amigos, ouvir música, discutir questões políticas e intelectuais.

As primeiras confeitarias apenas vendiam seus doces, frutas cristalizadas e ofereciam seus produtos para encomenda, não disponibilizando espaço para o encontro entre as pessoas. A confeitaria do "tio Mascarenhas" vendia "pasteis quentinhos nas

terças, quintas, sábados e domingos" e "o excelente doce e fruta cristalizada" e aceitava "qualquer encomenda de doce em bandejas com todo o esmero e asseio, e tudo por preços razoáveis" (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18.09.1859, p. 2).

Somente no final do século XIX que as confeitarias começam a disponibilizar espaços para o consumo de seus produtos no próprio estabelecimento. A Confeitaria Florença oferecia "Café e chocolate durante o dia e à noite, bem como – conhaques, whisky e doces" (A OPINIÃO PÚBLICA, 13.04.1898, p. 3).

O anúncio da inauguração da Confeitaria Nogueira destaca os salões para refeições:

INAUGURAÇÃO Na noite de sábado, á rua 15 de Novembro (ex-S. Miguel) sobrado próximo à praça da Republica, será inaugurado a confeitaria e armazém de comestíveis que abro à concorrência publica, sob o titulo de CONFEITARIA NOGUEIRA. [...] Para bem atender ás conveniências sociais, tenho um salão especial, para atender ás Exmas. famílias que me honrarem com sua preferência, e um outro salão, em que só serão admitidas as pessoas bem aceitas pela sociedade. [...] (A OPINIÃO PÚBLICA, 15.07.1899, p. 3).

O Teatro Sete de Abril, em funcionamento na cidade desde a década de 1830, apenas suspendendo suas atividades durante a Revolução Farroupilha, foi um importante espaço de sociabilidade da elite pelotense durante todo o século XIX. Pois, além de, ou mais importante que assistir aos espetáculos, o



teatro era um espaço de congregação da elite e de ostentação da riqueza.

Desde o final da Revolução Farroupilha, o Teatro Sete de Abril era a única casa de espetáculos em funcionamento na cidade de Pelotas. Porém, na década de 1880 imigrantes, tanto italianos como alemães, criaram duas novas casas de espetáculo. A "Sociedade Philo-dramática Dante Alighieri" era um espaço teatral que se estabeleceu antes por iniciativa dos italianos aqui residentes (CORREIO MERCANTIL, 24.09.1885, p. 3). Outro espaço teatral, também fundado na década de 80, era o "teatrinho" particular do Clube Germânia, onde havia a apresentação de amadores uma vez por mês (DI-ÁRIO POPULAR, 15.12.1890, p. 2). Este clube, bem como o teatro, era um espaço de sociabilidade formado basicamente por alemães.

Esses espaços teatrais além de serem locais de representação de dramas, entremez, vaudevilles, óperas, eram espaços de concertos, conferências, sessões cívicas e de bailes. O Teatro Sete de Abril, juntamente com alguns hotéis, foi palco dos primeiros bailes "masques" em Pelotas. O redator do jornal O Pelotense destaca que, com esta atividade se estava introduzindo costumes de localidades mais adiantadas (O PELOTENSE, 29.01.1853, p. 2-3), ou seja, que Pelotas estava se modernizando.

Além dos espaços já citados, a elite pelotense se divertia em associações recreativas e esportivas. As primeiras associações recreativas da cidade de Pelotas foram as sociedades de baile. Na década de 1850 foram fundadas três sociedades de baile: a Sociedade Harmonia Pelotense, a mais "aristocrática" (O RIO-GRANDENSE, 10.12.1851, p. 3); a Sociedade Recreação Pelotense (O PELOTENSE, 28.04.1852, p. 1-2), a mais democrática; e a Sociedade Distração e Beneficência, mais plebeia (O PELOTENSE, 31.08.1852, p. 1).

O êxito das três sociedades de baile e do Teatro Sete de Abril era explicado pelo fato de combinar dois elementos importantes: "que seus habitantes tenham muito gosto em divertir-se e muita delicadeza em suas maneiras sociais" (O RIO-GRANDENSE, 26.01.1853, p. 1-2), ou seja, a elite pelotense buscava novos espaços de sociabilidade para uma sociedade que estava se tornando civilizada.

As sociedades tinham como principal objetivo o divertimento, como mostra os estatutos da Sociedade Recreação Pelotense: "[...] seu único fim, é promover o honesto divertimento, que oferecem as reuniões para bailes, e jogos lícitos." (O PELOTENSE, 26.04.1852, p. 1).

Estas três sociedades de baile permaneceram em funcionamento na década de 1850. Nas décadas seguintes novas sociedades são criadas, como a Sociedade Recreio Pelotense, a Sociedade Phenix Pelotense e a Sociedade Terpsichore.

Os clubes esportivos começam a ser criadas na cidade a partir da década de 1870. Dentre eles, destaca-se o Jockey Club, o Clube de Regatas, o Clube de Tiro ao Alvo.



Verifica-se que a elite começa a utilizar a denominação clube para designar suas associações, o que demonstra que visava acompanhar o modelo europeu, principalmente inglês e francês. "O termo 'club' originava-se diretamente dos clubes que surgiram em Londres no século XVII e chegaram ao apogeu em Paris e Londres no século XIX, como locais onde se reuniam os cavalheiros refinados." (NEEDELL, 1993, p. 95).

O Jockey Club foi fundado em Pelotas no início do ano de 1876, por "vinte distintos jovens da sociedade pelotense", estava localizado no Fragata, no final da linha de bondes (CORREIO MERCANTIL, 01.04.1876, p. 1).

O Clube de Regatas Pelotense foi fundado em 5 de agosto de 1875, pela mocidade pelotense. As competições de remo eram realizadas no canal São Gonçalo (CORREIO MERCANTIL, 19.08.1875, p. 2). No final do século XIX foi aberto o "Clube de Regatas Alemão" (OPINIÃO PÚBLICA, 26.09.1898, p. 3).

O "Clube Recreativo de Tiro ao Alvo" foi fundado em março de 1876, composto "unicamente de súditos alemães", com o objetivo do "recreativo exercício do tiro ao alvo", abrangendo também "outros divertimentos, como ginástica, dança, etc." (CORREIO MERCANTIL, 30.03.1876, p. 1). Já o "Clube Alemão de Atiradores" foi organizado no final do século XIX (DIÁRIO POPULAR, 30.04.1901, p. 1).

A formação destes clubes é uma característica típica da elite, pois a maioria deles requer instru-

mentos e locais especializados para seu desempenho e tem um alto custo para sua admissão (NEE-DELL, 1993).

CONCLUSÕES

Depois da Revolução Farroupilha, com o retorno da população, com os estrangeiros que aqui chegaram e o desenvolvimento econômico e social-urbano, a cidade estava recomeçando seu desenvolvimento e também reorganizando sua vida social e cultural. A vitalidade retornou, os encontros e as diversões públicas floresceram na cidade, com a fundação desses novos e variados espaços de sociabilidade.

Conforme visto, é desse período a preocupação com o asseio das ruas e praças, a iluminação pública a gás, a rede de esgotos, o sistema de transporte público, o fornecimento de água, a construção da estrada de ferro. A cidade estava se tornando moderna, começando a ser pensada como uma grande vitrine da riqueza e do luxo dos pelotenses, um espaço por excelência da reunião social, da sociabilidade.

A infraestrutura e os serviços urbanos estavam diretamente relacionados com a sociabilidade da população de Pelotas no século XIX. As boas condições das ruas da cidade eram importantes para os passeios, as procissões, e também para a chegada a espaços fechados de sociabilidade, como ao teatro. A iluminação da cidade era importante para a



abertura e manutenção dos espaços de sociabilidade noturna, como as sociedades recreativas, o teatro e os hotéis. Com a iluminação, a noite pelotense se transformou, multiplicando-se os espaços de sociabilidade, como os quiosques na Praça D. Pedro II, cafés, restaurantes e confeitarias. A iluminação possibilitou o aumento do tempo de viver em público da população pelotense.

A elite pelotense buscava cada vez mais os encontros públicos na Praça da Regeneração, no Teatro Sete de Abril, nos parques, nos hotéis, nas confeitarias, nas associações recreativas e esportivas, pois, a sociabilidade em Pelotas nesse período estava diretamente relacionada aos encontros fora do círculo familiar. Essa renovação da sociabilidade urbana se insere na nova noção de público, que se instaura como espaço privilegiado de intercâmbio.

Essas novas práticas de sociabilidade urbana são a matriz de uma nova sociedade, pois acompanham "a invenção do indivíduo, a valorização dos laços contratuais, o ideal de igualdade, o império da opinião, a soberania da coletividade" (GONZÁ-LEZ, 2008, p. 23). A criação desses novos espaços representou uma sociedade civilizada e urbanizada, menos atrasada e mais moderna, sendo um signo de progresso, que é medido pelo grau de desenvolvimento da sociabilidade (GONZÁLEZ, 2008). A criação e a participação em espaços de sociabilidade se tornam, assim, um critério de distinção social.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría Histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. Formas de Sociabilidad em Chile 1840-1940. Santiago do Chile: Vivaria, 1992.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma Pré-História do Turis-mo no Brasil**. Recreações Aristocráticas e Lazeres Burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo).

GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

GUTIERRES, Ester J. B. **Barro e Sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). 1999. 549 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). 2.ed. Pelotas: EdUFPel; Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MÜLLER, Dalila. A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004.



NEEDELL, Jeffrey D.. **Belle Époque Tropical**. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OMEGNA, Nelson. **A Cidade Colonial**. 2.ed. Brasília: EBRESA, 1971.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1998. v. 2.

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In.: CORBIN, Alain. **História dos Tempos Livres.** O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 19-58.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **O Teatro da Sociabilidade.** Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. 2000. 408 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2000.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel.** (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34).

SOARES, L. C. A comercialização do lazer e a emergência dos espaços públicos de diversão na Inglaterra do século XVIII. **Pós-História**, n. 12, p. 17-34, 2004.

VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa.** (Um estudo econômico das instituições). (Tradução de Olívia Krähenbühl). São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1965.



O MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA COMO ESPAÇO DE LAZER EM PELOTAS - RS

MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA AS A RECREATIONAL SPACE IN PELOTAS – RS

Dalila Rosa Hallal (UFPel)¹ Dalila Müller (UFPel)²

Resumo: Durante todo o século XIX a cidade de Pelotas se desenvolveu economicamente em função da atividade charqueadora, destacando-se pela sua economia, mas também pela vida social e cultural. Atualmente, alguns desses espaços passaram por um processo de mudança e configuram-se como patrimônio da cidade e espaços públicos de lazer. Dentre os espaços públicos destaca-se o Museu Municipal Parque da Baronesa, local com área verde aberta ao público, onde a comunidade local costuma frequentar e é também um dos pontos turísticos da cidade. Assim, busca-se analisar o uso do Museu Municipal Parque da Baronesa para atividades de lazer pela comunidade pelotense. Para isso, foi realizada pesquisa documental em jornais disponíveis no acervo do museu e pesquisa de campo realizada a partir de observações. Enfrentamos o desafio de manter vivos não somente o patrimônio arquitetônico e cultural, como também o acesso a todos à história de sua cidade e aos espaços públicos de lazer. Constatou-se que o Museu Municipal Parque da Baronesa é usado como espaço de lazer principalmente pela população pelotense. Neste espaço identificamos uma diversidade de atividades que são desenvolvidas, como brincar com os filhos, ler, passear com animais, tocar violão, tomar chimarrão com os amigos, entre outros.

Palavras-chave: Lazer. Museu Municipal Parque da Baronesa. Pelotas.

Abstract: Throughout the nineteenth century, the city of Pelotas developed economically thanks to beef jerky production, standing out especially for its economy, but also for its social and cultural life. Some of these areas have undergone a process of change and are characterized nowadays as heritage of the city and as public spaces for leisure. Among the public spaces, Museu Municipal Parque da Baronesa stands out; it is a place with green area and open to the public, where the local community usually goes to and which is also a tourist attraction. Thus, we seek to observe the use of Museu

¹ Doutora em História – PUCRS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. E-mail: dalilahallal@gmail.com.

² Doutora em História – UNISINOS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. E-mail: dalilam2011@gmail.com



Municipal Parque da Baronesa for leisure activities by Pelotas' community. To do so, we conducted a documentary research on newspapers available in museum collections and field research conducted from observations. We are faced with the challenge of keeping alive not only the architectural and cultural heritage, but also the access to all the history of the city and public spaces for leisure. We found that the Museu Municipal Parque da Baronesa is used as recreational space mainly by Pelotas' population. We have identified a variety of activities that are developed in that space, such as playing with children, reading, walking animals, playing guitar, drinking *chimarrão* with friends, among others.

Keywords: Leisure. Museu Municipal Parque da Baronesa. Pelotas.

INTRODUÇÃO

Como ponto de partida para essa discussão é importante destacar que, cada vez mais, é premente a necessidade de aprofundar os estudos que relacionem o lazer aos museus. Tal articulação é relevante pela contribuição para a elaboração de políticas públicas capazes de torná-los mais acessíveis e inclusivos. Um exemplo dessa tendência são os museus que, desde o século passado, vêm ganhando maior notoriedade, sendo considerados, em muitos casos, como lugares propícios para o aprendizado,

compreendidos como esferas capazes de promover a participação social. Nessa perspectiva, os espaços museais são transformados em locais de (re)interpretação e de novas leituras do mundo.

A crescente produção literário-acadêmica no campo de investigação sobre lazer demonstra que a atividade tem sido objeto de estudo e interesse em muitos países, dado o papel social e econômico que vem assumindo ao longo dos anos. Por permear diversas áreas do conhecimento, o lazer não se estabelece num corpo teórico independente, único e com dinâmica própria, o que de fato tem gerado confusão e dificuldade, principalmente no meio acadêmico, de evidenciar sua natureza científica. O presente estudo surgiu do interesse e necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os espaços públicos de lazer em Pelotas, tema que atualmente vem sendo discutido em diferentes parcelas da população, devido a sua relevante contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade, importância esta que tem sido cada vez mais reconhecida, fazendo com que o mesmo assuma maior espaço e relevância nas pesquisas cientificas, nos debates acadêmicos e políticos.

[...] novas formas de lutas e resistência que permitam tanto frear os efeitos discriminatórios da dinâmica de injustiças e exclusão aberta pelo modelo de gestão macroeconômico enraizado em nosso país pelo avanço neoliberal, contribuindo assim, para a formulação de políticas públicas e projetos sociopedagógicos verdadeiramente in-



clusivos que afirmem o lazer como direito social e pressupostos de bem-estar e desenvolvimento humano (MASCARENHAS, 2007, p. 18).

Um dos espaços de lazer com grande valor histórico no município de Pelotas-RS é o Museu Municipal Parque da Baronesa - MMPB, lá encontra-se relíquias que remetem a época em que Pelotas viveu o auge da sua economia com as charqueadas e uma extensa área verde aberta ao público, fazendo com que a comunidade esteja intimamente ligada ao mesmo. Trata-se também de um dos pontos turísticos da cidade bastante procurado tanto pela população pelotense, por cidades vizinhas, visitantes de fora do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O MMPB caracteriza-se dentro de sete hectares de área verde, destinado ao lazer cultural, onde são encontrados jardins, bosques e lagos que embelezam a paisagem do bairro Areal, aberto ao público diariamente.

Sendo assim, neste estudo busca-se analisar o Museu Municipal Parque da Baronesa enquanto espaço de lazer para comunidade pelotense.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas as informações coletadas nos jornais disponíveis no acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa; documentos da *internet* em jornal e *site* informativo da mídia local, com matérias sobre o tema em diferentes épocas. Também foram realizadas observações sistemáticas no período de junho e julho de 2016.

O MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA - MMPB COMO ESPAÇO DE LAZER EM PELOTAS

O lazer, entendido como espaço privilegiado para manifestação e produção culturais vai além da mera transmissão de informações referentes aos conteúdos culturais, tema específico desses escritos. Não se trata, como já apontou Marcellino (2002), da consideração de um instrumento leve e eficaz, facilitador do processo de ensino-aprendizagem, para a adequação conformista de sujeitos a uma inquestionável sociedade estabelecida. É, na verdade, uma questão de participação cultural efetiva – uma das bases do exercício da cidadania, visando à autonomia dos sujeitos. Portanto, no contexto das múltiplas transformações do cotidiano, no qual vivemos, as atividades humanas são frequentemente alteradas.

Para grande parte da população o lazer está associado a atividades recreativas, no entanto o conceito de lazer é mais amplo, como afirma o sociólogo Joffre Dumazedier.

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZE-DIER 2001, p.34).



De acordo com Dumazedier (2001) o lazer pode ter três funções que normalmente estão ligadas umas às outras, sendo elas: descanso, divertimento e desenvolvimento. Já as atividades de lazer estão classificadas em físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais.

Nesse bojo de discussões, Castilho (2013) ao se referir ao lazer ressalta que: O lazer está presente em todas as fases da existência humana e vai muito além do simples brincar de uma criança ou de uma atividade distrativa e sem importância. "É uma característica fundamental da condição do ser humano e correlaciona-se, diretamente, com a cultura, portanto, tem sido analisada a partir de diversas perspectivas disciplinares [...]". (CASTILHO, 2013, p. 56).

Para Zamora *et al.* (2003) e Zanin et al. (2005) o lazer, atualmente, é uma necessidade da sociedade e assim se fez a partir do momento que as jornadas de trabalho foram determinadas e o tempo ócio passou a ser indispensável para o bem estar humano. Nesse contexto, os espaços urbanos funcionam como centros que possibilitam a prática do lazer como esportes, brincadeiras, danças, teatro, dentre outras formas de realizar a prática.

Um destes espaços que podem funcionar como centros de lazer são os museus e podem assumir o papel de poderosos meios educativos ao alcance da atividade turística e recreacional. Geralmente os museus são localizados em prédios também de valor histórico, o que acaba sendo mais um atrativo.

Neste contexto afirma Vasconcellos (2006):

O museu é algo muito mais que um mercado de tempo livre, posto que trata de preservar traços da memória da humanidade para que as gerações presentes e futuras possam deleitar-se com o gozo e o aprendizado de sua contemplação. (VASCONCELLOS, 2006, p.37)

Vasconcellos (2006, p.35) aponta o papel social dos museus, pois eles são capazes de inserir turistas e moradores em atividades culturais que estimulam as trocas de experiências. O autor destaca o papel educativo que o museu desempenha com a finalidade de contribuir para o despertar da consciência do indivíduo em relação ao patrimônio do qual é herdeiro e do seu potencial em termos de ensino e aprendizagem. Os museus preservam e conservam parte de nossa história que por si só tem a capacidade de educar. O reconhecimento da comunidade a este patrimônio torna-se importante, pois garante a permanência do patrimônio e ao mesmo tempo reforça a identidade cultural. Outro ponto importante em relação aos museus é o fato de ser considerado um ambiente de lazer.

O Museu Municipal Parque da Baronesa – MMPB é um espaço público de área verde da cidade de Pelotas que possui uma área de aproximadamente sete hectares. Está situado na região leste da cidade, no Areal.

O MMPB está localizado na antiga residência da Família Antunes Maciel. O terreno em que hoje



está localizado o Solar³ da Baronesa foi comprado em 1863, pelo Coronel Aníbal Antunes Maciel, para presentear seu filho Aníbal Antunes Maciel Junior, em virtude de seu casamento com Amélia Fortunata Hartley de Brito (SCHWANZ, 2011). Destaca-se o fato de que neste período, o centro urbano da cidade era afastado da chácara, portanto era possível ser comparada a uma casa de campo ou um Solar.

Os Barões dos Três Serros, Aníbal e Amélia casaram-se em 1864, e logo se estabeleceram na chácara. Foi a primeira de três gerações que habitou a residência (MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA, 2016).

A família costumava passar os invernos no Rio de Janeiro, período de abril a outubro, e ficar em Pelotas no verão, de novembro a maio. Uma pratica comum entre a elite pelotense, que aos invernos buscavam cidades com clima agradável.

Annibal morreu aos 49 anos de idade (SCHWANZ, 2011). Da união dos Barões, foi concebido um total de quatorze filhos (PAULA, 2008) sendo que destes apenas oito chegaram à idade adulta.

Sinhá – assim chamada carinhosamente por receber o mesmo nome da mãe – a filha mais velha da Baronesa, uniu-se em matrimônio em 1890 com o seu primo Lourival Antunes Maciel, filho do tenente coronel Eliseu Antunes Maciel (PAULA, 2008) sendo a segunda geração que habitou o solar após a ida da Baronesa para o Rio de Janeiro.

Sinhá e Lourival tiveram o total de doze filhos, dos quais seis faleceram ainda bebês, não chegando à idade adulta (MPB, 2016). Desse modo, a terceira geração a habitar o Solar foi à filha mais nova de Sinhá, neta da Baronesa, Déa Antunes Maciel.

Déa foi a última moradora da casa, permanecendo na mesma até meados de 1960, posteriormente usava a casa apenas nos verões, passando a maior parte do tempo no Rio de Janeiro (MMPB, 2016). Logo toda família Antunes Maciel fixou residência no Rio de Janeiro, deixando a casa abandonada durante dez anos.

Com o distanciamento da família surgiram boatos de que o Parque poderia ser vendido e transformado em loteamento, sendo o prédio demolido. Especulações a respeito da propriedade saiam com frequência em manchetes nos jornais da cidade.

Déa Antunes Maciel é citada na reportagem do jornal Diário popular (07. 07.1968, s/p) onde a mesma diz que acredita que o Solar não será demolido e que a família ainda não tem um ponto de vista formado sobre o futuro da chácara.

Na mesma reportagem aparece o papel da Prefeitura Municipal que diagnosticou a casa da Baronesa como equipamento social dentro do Plano Diretor de 1968, mencionando a seguinte resolução: "Recomenda-se o estabelecimento de convenio entre a administração municipal e seus proprietários no sentido de proporcionar aos estudantes e população

³ Nome utilizado para uma casa antiga, de grande luxo, relativo à sua época



em geral, a possibilidade de visitação a este patrimônio artístico da cidade" (MONTONE 2011, p. 30).

Em 1978, a antiga residência – datada de 1863, pertencente aos Barões de Três Cerros – e o parque, em seu entorno, foram doados pela família Antunes Maciel ao município de Pelotas, incluindo um conjunto de elementos paisagísticos, de gosto romântico, aos moldes do século XIX.

No documento de doação, foi adicionada uma cláusula cuja condição era de que o Parque e o prédio fossem transformados em espaços abertos ao público. A doação de sete hectares de terra dos Antunes Maciel também foi notícia nos jornais com o título "Baronesa, recebida por doação, é agora, do patrimônio histórico". (DIÁRIO POPULAR, 03.07.1978, s/p).

A doação trazia como norma a exigência de que a casa fosse restaurada e transformada em museu e área de lazer para a população. Para abrigar o novo espaço cultural foi organizado um projeto de restauração. (LEAL, 2007)

O novo espaço cultural (Figura 1) passou por reformas antes de ser aberto ao publico. A inauguração ocorreu em 25 de abril de 1982, contendo um acervo composto de têxteis e mobiliários da segunda metade do século XIX e primeiras décadas de XX (LEAL, 2007).



Figura 1 - Museu Municipal Parque da Baronesa. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_da_Baronesa#/ media/File:Museu_barones_pelotas_brasil.jpg

A abertura do Museu Municipal da Baronesa para o público ocorreu no final da administração do Prefeito Irajá Andara Rodrigues, criado através do Decreto nº 3069, que instituiu, no âmbito da Fundação de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, o Museu Municipal Parque da Baronesa; no artigo 3º é definido que "a entidade terá como objetivo a criação de um espaço cultural destinado a coletar, preservar e expor os bens que constituem o acervo do museu, promovendo atividades com vistas à sua difusão, caracterizando-o como um espaço didático e como atração turística". (LEAL, 2007)

O jornal Correio do Povo discorre sobre a inauguração do museu e ressalta que "ao restaurar o Parque da Baronesa, a prefeitura devolve a cidade um pouco de sua vida e memória" (CORREIO DO POVO, 27.04.1982, s/p). A nota também enfatiza que "a família Antunes Maciel doou para Prefeitura de



Pelotas, o prédio e a área da conhecida Chácara da Baronesa, no bairro Areal, com finalidade de que fosse restaurado e transformado em museu e área de lazer para população" (CORREIO DO POVO, 27.04.1982, s/p).

De acordo com o mesmo jornal, o prefeito da época, "desde que assumiu a prefeitura, procurou oferecer um trabalho vinculado diretamente com o passado cultural e tradicional da cidade. Diante disso, muitas foram às lutas para tombamentos de prédios considerados históricos, obtenções de recursos para restauração e doações de prédios ao município" (CORREIO DO POVO, 27.04.1982, s/p).

De acordo com o Decreto Municipal Nº 3.069, de 15 de abril de 1992, que deixou a Fundação de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo⁴ do município responsável pelo MMPB em seu artigo terceiro definiu que: "a entidade terá como objetivo a criação de um espaço cultural destinado a coletar, preservar e expor os bens que constituem o acervo do museu, promovendo atividades com vistas a sua difusão, caracterizando-o como um espaço didático e como atração turística".

Três anos após a sua inauguração, o MMPB foi tombado⁵ como patrimônio histórico municipal, e nos dias de hoje é extremamente importante sendo um dos pontos de referência turística da cidade de

Pelotas, fazendo parte da promoção turística oficial da cidade que é representada através de folders, sites, divulgação via redes sociais, jornais locais, entre outros meios de comunicação.

Em torno da casa encontra-se um jardim de modelo francês com chafariz rodeado de bancos e canteiros simétricos, um jardim de modelo inglês com um extenso gramado contendo brinquedos infantis (balanço, gangorra e escorregador) para as crianças, uma gruta construída com pedras de quartzo, canaletes, ponte, ilha, um bosque com dois pequenos lagos e atrás do prédio do museu também existe uma torre chamada casa de banho. Da década de 1930 há um sobrado construído em uma das entradas do parque para um dos filhos de Sinhá.

Desde sua fundação, são constantemente promovidas atividades de lazer. Em uma matéria realizada pelo jornal Diário Popular (28.04.2014) foi ressaltada a procura do MMPB pela população. Nela é destacado o fato de que a cada dia mais pessoas buscam o local como um espaço de lazer e contemplação da cultura, sendo um lugar tranquilo e seguro para a família.

O espaço amplo e tranquilo, o barulho dos pássaros quase se sobrepõe ao dos carros, faz do Parque da Baronesa um dos pontos de descanso mais procurado pelos pelotenses [...] O local fica

⁴ A Fundação de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo tinha o objetivo de estimular, desenvolver e coordenar as atividades culturais, de esporte, lazer e turismo do município.

⁵ Tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural em 3 de julho de 1985, aprovado pela lei nº2.708



dentro da cidade e possui uma grande área verde oferecendo um cenário diferente para quem só deseja ficar com a família ou ler um bom livro. (DIÁRIO POPULAR, 28.04.2014, p.07).

Mesquita (2014) identificou que o público que mais frequenta o museu é o público escolar. A função educacional do museu segundo Horta (1991) é apresentar ao indivíduo o patrimônio cultural de que é herdeiro e da sua capacidade de utiliza-lo conceituando educação patrimonial como "o ensino centrado no objeto cultural, na evidencia material da cultura". Para Horta "a educação patrimonial não se refere apenas aos objetos do passado, mas igualmente aos do cotidiano, do presente, aos que estão sendo criados pelo homem no exercício de sua humanidade" (HORTA, 1991, p 12).

Para Alencar (1987) é a educação patrimonial que aponta as bases em que o trabalho educativo dos museus pode ser desenvolvido, e este trabalho implica lidar com a mudança de atitudes relacionadas ao patrimônio cultural, envolvendo mais o sensível e o emocional. No entanto, é necessário que as noções de patrimônio sejam abordadas desde a educação infantil para que ao chegarem a uma instituição como o museu tenha uma visão mais critica ente o passado e o presente e para que ele como ser humano, se identifique junto ao contexto em que ele esta inserido, adquirindo conhecimentos de preservação e sustentabilidade.

A instituição museológica, por meio de sua feição pedagógica, pode oferecer uma gama de experiências culturais significativas. Assim, os programas educativos de diversos espaços museais precisam buscar uma melhor utilização dos recursos de aprendizagem em situações informais, priorizando as novas demandas socioeducacionais e valorizando o museu como espaço, ao mesmo tempo, de educação e lazer (HERMETO; OLIVEIRA, 2009). Dessa forma, um espaço privilegiado para se pensar as possibilidades de lazer no museu MMPB, é a partir da esfera das ações educativas, entendidas aqui como práticas sociais e não apenas como procedimentos que promovam a educação. Ou seja, como atividades que possibilitem a reflexão crítica, a troca de experiências e a participação social.

Vale ressaltar ainda que a ação educativa, quando aplicada nos museus, se torna importante veículo de preservação e valorização do patrimônio, além de promover a assimilação da memória cultural, gerando a participação, através da reflexão e da criatividade. Falcão (2009), ao pormenorizar as ações que compõe as práticas educativas em museus, elenca as seguintes atividades: [...] visitas "orientadas", "guiadas", "monitoradas" ou mesmo "dramatizadas", programas de atendimento e preparo dos professores, oficinas, cursos e conferências, mostras de filmes, vídeos, práticas de leitura, contação de histórias, exposições itinerantes, além de projetos específicos desenvolvidos para comemorar determinadas



datas e servir de suporte para algumas exposições. Além dos materiais educativos e informativos editados com a finalidade de servir a estas práticas, tais como: edição de livros, jogos, guias, folders e folhetos diversos, folhas de atividades, kits de materiais pedagógicos, áudio-guia (guia auditivo), aplicativos multimídias, CD-ROM, site institucional na internet, etc. (FALCÃO, 2009, p. 16).

O Programa de Educação Patrimonial do MMPB está sendo desenvolvido com a finalidade de aproximar a comunidade escolar e também a comunidade em geral desse espaço público. Desta maneira o museu contribui de forma efetiva para o fortalecimento da cidadania e para a reconstrução da memória da comunidade.

O trabalho constitui-se de um conjunto de ações educativas que tem como intuito revitalizar o espaço do museu, bem como fazer com que a comunidade escolar e local conheça e reconheça o museu como um espaço público e como um bem cultural que faz parte da sua história e que pode ser usufruído por todos. O projeto prevê a inserção de exposições temporárias com temas relacionados ao acervo do museu instigando a curiosidade em relação a sua história, para isso o espaço necessita de novos expositores, de equipamentos de informática e materiais de apoio para dar subsídio às ações educativas. Dessa forma, pretende-se que o Museu cumpra sua função, se constituindo em lugar de aprendizagem, lazer, reflexão e inclusão social. (MMPB, 2016)

O MMPB conta com visita guiada geralmente monitorada por uma museóloga da instituição. A proposta é a de que o monitor seja um comunicador, fornecendo informações e explicações importantes aos estudantes ou ao público geral. No caso do público escolar eles podem desafiar os estudantes, provocar reflexão a respeito de determinado assunto, permitindo que o aluno perceba que a instituição e a exposição são fontes infindáveis de saberes. Essa visita é feita com grupos de até 20 pessoas, para que seja possível acomodar os visitantes, não comprometer o acervo e não causar transtorno a visitação. A visita guiada é feita através de agendamento.

O MMPB também elaborou uma cartilha pedagógica digital - Amelinha, a qual aborda a história do Museu da Baronesa, a relacionando com a história da cidade de Pelotas, bem como com as definições e conceitos de patrimônio que aparecem em meio à história.



Figura 2. Cartilha Pedagógica - Amelinha Fonte: Museu Municipal Parque da Baronesa, 2016



A educação patrimonial no MMPB é realizada também, através de exposições temporárias com assuntos relacionados ao acervo do museu estimulando a curiosidade em relação a sua história.

Estas ações tem o intuito de fazer com que a comunidade escolar e local conheça e reconheça este espaço público como um benefício cultural que faz parte da sua história e da cidade que pode ser desfrutado por toda população. O aluno que visita um museu conhece a história, os costumes, a origem daquele local que ela está visitando, e faz com que gere ali sentimentos novos, de pertencimento, de orgulho ou até de respeito.

Portanto, é fundamental considerar a educação nos espaços museais também como práticas de lazer, visto que esta é considerada importante para que a ação educativa seja realizada. Dessa maneira, percebe-se que as ações educativas não deveriam ser vistas apenas como técnicas que se encerram em si e sim como atividades de lazer que podem contribuir para despertar a consciência do indivíduo e na formação de cidadãos críticos e conscientes. O museu é um instrumento que vem reforçar a identidade das comunidades ao contribuir para salva guardar um patrimônio estimado por todos.

Já o parque do MMPB é frequentado pela comunidade local, principalmente aos finais de semana, sendo que muitos destes nunca visitaram o Museu. Venzke (2011) realizou uma pesquisa com pessoas que estavam no Parque da Baronesa e os

dados demonstraram que o público analisado não tem o habito de visitar museus e que aqueles que já haviam visitado o MMPB, a maioria deles, não recordava quando visita foi realizada.

Outro resultado da pesquisa de Venzke (2011) demonstrou que 66% do público analisado acharia triste se o parque estivesse fechado, já 53% reagiria normalmente se o museu permanecesse fechado. Dessa forma, a autora constatou o público entrevistado possui um sentimento de pertencimento em relação ao parque, diferentemente do museu.

O museu cobra entrada e esse valor é revertido para manutenção do museu, promoção das exposições, produção de folders e melhorias no funcionamento do local. O ingresso ao museu é gratuito para os estudantes da rede municipal e estadual de Pelotas e região, também para grupos assistenciais, pessoas portadoras de deficiência e crianças até 12 anos. A meia-entrada atende estudantes de escolas particulares acima de 12 anos, universitários, professores e idosos acima de 60 anos mediante documento de identificação. O museu funciona de terça a sexta das 13h30 às 18h e sábados, domingos e feriados das 14h às 18h (MMPB, 2016). Entretanto o acesso ao parque e a área verde ao redor do museu é gratuito e pode ser feito a qualquer horário do dia.

Algumas ações foram realizadas no intuito de aproximar os moradores da cidade ao MMPB foram: o "dia de Passe Livre", no qual a visitação ao museu era gratuita; "Domingo no Parque", que a partir do



patrocínio da Prefeitura de Pelotas, ocorriam apresentações de teatro, bandas locais e a presença do Grupo Tholl; "Fazendo Música no Museu", no qual músicos locais realizam apresentações acústicas no salão Dona Sinhá . Também, no Parque são realizados eventos como o Piquenique Cultural⁶.

Através das observações no MMPB, percebeu-se que em dias de semana o movimento no parque é pequeno e quase sempre o mesmo, sendo poucas as pessoas que circulam pelos jardins, entretanto aos sábados, domingos e feriados o ritmo se altera e o movimento torna-se bastante intenso desde a manhã até à tardinha. Um ponto importante a ser destacado é o fator clima que influencia na procura pelo MMPB, em dias de chuva não há movimentação de pessoas, no entanto, em dias ensolarados tornam-se propícios para passeios ao ar livre. Outro fator que acarreta no aumento de visitantes no parque e consequentemente no museu, são os eventos realizados pelo mesmo ou por outras instituições.

Cabe salientar que a cidade carece de espaços públicos de lazer, sendo o MMPB um dos poucos espaços verdes disponíveis na cidade. Por esse motivo vem passando por um processo de requalificação onde estão previstos para a primeira etapa a construção de espaços de convivência no parque, bancos e iluminação. Já foi instalada uma academia ao ar livre.

Observa-se no MMPB crianças correndo, jogando bola, brincando no playground; pessoas caminhando, andando de bicicleta, passeando com o cachorro ou praticando algum esporte como, por exemplo, futebol, vôlei, o *slackline*⁷, fazer um piquenique, encontro de amigos, roda de chimarrão para um bate-papo, descanso à sombra de uma árvore, conhecer parte da história da cidade. Pessoas namorando, estudando, lendo, contemplando, ou simplesmente dando uma pausa. O Parque é um lugar de encontro de pessoas de diversas classes sociais, faixa etária, vindas das diversas regiões da cidade e de fora dela.

Assim, o MMPB é um espaço de lazer para a comunidade local, pois vem funcionando centros que possibilitam a prática do lazer como esportes, brincadeiras, danças, teatro, entre outras.

A partir dos dados acima, podemos dizer que o MMPB se enquadra nas três funções que o lazer desempenha de acordo com Dumazedier (2001) sendo elas o descanso, pois proporciona o contato com uma extensa área verde onde pode-se ouvir o barulho dos pássaros e caminhar entre as arvores, sendo esse um dos únicos locais dentro da área urbana que possibilita sossego, o divertimento já que em seus espaços é possível praticar esportes, brincar ou simplesmente ler um livro e por último o desenvol-

⁶ Movimento multiartístico que acontece em praças e parques de Pelotas desde 2010 realizado por diversas instituições em parceria

 $^{^{7}}$ Slackline é uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras em cima



vimento, pois se trata de um local que em todos os ambientes reflete a cultura local e instiga o visitante a refletir constantemente.

Além do lazer, o parque é utilizado pela comunidade também nas áreas educativas e culturais, também consideradas práticas de lazer, como os projetos "Trilha Ecológica no Parque da Baronesa", "Arte aos Quatro Ventos", entre outros, objetivando levar às comunidades dos bairros diversas manifestações culturais e, ainda, conhecer o bosque sob o olhar da educação patrimonial e ambiental.

Desse modo, tanto o Parque quanto o Museu podem ser considerados um patrimônio da cidade, bem como espaço de lazer, local de aprendizagem e troca de conhecimento.

Marcellino (2001) enfatiza duas correntes antagônicas em relação ao lazer: uma que enxerga o lazer cada vez mais como mercadoria, como mero entretenimento a ser consumido, ajudando a suportar, ou a conviver, com uma sociedade injusta e de insatisfação crescente; outra que o vê como gerado historicamente na sociedade e que dela emerge, podendo na sua vivência gerar, também no plano cultural, valores questionadores da própria ordem estabelecida. Nessa perspectiva, o lazer abre múltiplas possibilidades e é preciso incentivá-lo com ações que contraponha às da indústria cultural, que o reduz a mercadoria, ou seja, sua pior conotação.

O MMPB possibilita aos frequentadores vivenciar valores que podem contribuir para mudanças

pessoais, sociais e culturais significativas, desvinculando da ideia de "indústria cultural", um meio encontrado pelo capitalismo, para se fazer presente também no lazer das pessoas, transformando-as em consumidoras de mercadorias lúdicas e culturais. (ZINGONI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a trajetória do Museu Municipal Parque da Baronesa constatamos que os objetivos da Família Antunes Maciel ao doar este espaço para o município concretizaram-se, tornando-se um espaço de lazer aberto ao público.

Constatamos que o Museu da Baronesa é usado principalmente público escolar entendendo o caráter educativo dos mesmos. Contudo, é fundamental considerar a educação nos espaços museais também como práticas de lazer. Já o Parque da Baronesa é usado como espaço de lazer principalmente pela população pelotense. Neste espaço identificamos uma diversidade de atividades que são desenvolvidas.

O MMPB é um espaço bastante frequentado principalmente pela sua beleza natural e cultural, para a socialização entre as pessoas, para a prática de esportes e pela tranquilidade que proporciona, permitindo momentos de lazer a crianças, adultos e idosos como também momentos de reflexão.

Para pensarmos o lazer, devemos interpretá-lo como um problema social, visto que é um direito



que vem sendo negligenciado à grande parte da população, principalmente a de mais baixo poder aquisitivo. No caso do MMPB enquanto espaço de lazer distancia-se das normas do mercado, disseminadas pela indústria cultural e tornar-se cada vez mais alvo de ações governamentais.

A vivência de experiências de lazer como um direito social do indivíduo, contribuirá para o seu desenvolvimento humano, propiciando a aquisição e/ou ampliação de condições para uma participação mais efetiva na sociedade. No MMPB o lazer pode ser percebido como um instrumento de cidadania através de seu importante papel no desenvolvimento humano, pois é um dos meios pelo qual a pessoa pode se desenvolver existencialmente como ser humano e cidadão responsável de uma comunidade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Vera. M. **A. Museu-educação:** se faz caminho ao andar. 1987.201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, PUCRJ, Rio de Janeiro, 1987.

CASTILHO, C. T. Lazer na natureza e atuação profissional: discursos e práticas contemporâneas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FALCÃO, A. Museu como lugar de memória. **Salto Para o Futuro**, ano 19, n. 3, p. 5-9, maio 2009.

HERMETO, M; OLIVEIRA, G. D. Ação educativa em museus: produção de conhecimento e formação para a cidadania? In: AZEVEDO, F. L. M.; CATÃO, L. P.; PIRES, J. R. F. (Org.). **Cidadania, memória e patrimônio:** as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. p. 89-107

HORTA, Maria de Lurdes Parreiras. **Educação Patrimonial**. Comunicação apresentada na Conferencia Latino Americana sobre a preservação do Patrimônio Cultural. Jun, 1991.

LEAL, Nóris; Mara Pacheco. **Museu da Baronesa**: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal, 1982-2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de pósgraduação em História. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2007.

MARCELLINO, Nelson (Org.). **Estudos do lazer**: Uma introdução. São Paulo: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson. Lazer e Esporte. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001. MASCARENHAS, Fernando. Outro lazer é possível! Desafio para o esporte e lazer da cidade. In: CASTELLANI FILHO, Lino (Org.). **Gestão Pública e política de lazer:** a formação de agentes sociais. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 17-40.

MESQUITA, Morgana Madruga de. Museu Municipal Parque da Baronesa: MONTONE, Annelise Costa. Representações da vida feminina em um acervo de imagens fotográficas do Museu da Baronesa, Pelotas/RS: 1880 a 1950. 2011. 197f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.





MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA. Disponível em: http://www.museudabaronesa.com.br/cartilha/. Acesso em: 26 jul. 2016.

MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA. **Memória, cultura e inclusão social:** conhecendo o Museu da Baronesa através da educação. Disponível em: http://www.museudabaronesa.com.br/. Acesso em: 26 jul.2016.

PAULA, Débora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia**: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX). 2008. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2008.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. **A Chácara da Baronesa e o Imaginário Social Pelotense**. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e Museus**. São Paulo: 2006.

VENZKE, Larissa Lysakowski. "Porque eles não entram?": estudo de público no Parque do Museu Municipal da Baronesa. 2011. 47f. Monografia (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ZAMORA, E. C. et al. Metodología para el estudio de los parques urbanos: la Comunidad de Madrid. **Geofocus Revista Internacional de Ciência y Tecnología de la Informacion Geográfica,** v. 3, n.3, p.160-185, jun., 2003.

ZANIN, E. M. et al. Environmental Analysis and Zoning for an Urban Park Management Purpose. **An International Journal: Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 48, n. 4, p. 647-655, jul., 2005.

ZINGONI, Patrícia. O lugar da Família nas Políticas de Lazer. In: MARCELLINO, Nelson (Org.). **Lazer e Sociedade**: Múltiplas Relações. Campinas: Alínea,2008.



TREINAMENTO DE FUTUROS PROFESSORES PARA ATUAÇÃO COM CRIANÇAS E JOVENS

TRAINING OF FUTURES TEACHERS FOR ACTING WITH CHILDREN AND YOUNG PEOPLE

Daniel Costa de Paiva (UFF)¹
Glaucia Ribeiro Gonzaga (UFF)²
Francisco de Assis Silva Oliveira (UFF)³
Amanda Luiza S. Pereira (UP)⁴
Fábio Luis Pereira (UP)⁵

Resumo: : Repensar as metodologias didáticas é um fator importante para o desenvolvimento e a evolução do processo de ensino-aprendizagem. Abordar e trabalhar essas metodologias na formação inicial de professores (alunos de cursos de licenciatura) é um dos passos para contribuir com a mudança do cenário educacional atual. Este trabalho relata algu-

mas metodologias didáticas adotadas na formação de professores em Computação para sua atuação com crianças e jovens. Durante o processo formativo estão presentes quatro períodos de Estágios Supervisionados realizados em escolas públicas com ensinos fundamental, médio e técnico, em concomitância com disciplinas de "Informática Educativa 1, 2 e 3" e "Gestão de Tecnologias na Educação". Dentre as contribuições está a opção das metodologias didáticas adotadas não apenas na explicação, mas também na prática para demonstrar a importância e aplicabilidade de aulas expositivas, uso de tecnologias e recursos didáticos, discussões em grupo, produção de vídeo-aulas curtas e elaboração de relatórios e documentações; e o foco no planejamento, alternativas para possíveis imprevistos adaptáveis às tendências tecnológicas.

Palavras-chave: Metodologias didáticas. Processo Didático-Pedagógico. Formação inicial de professores. Ensino-aprendizagem.

- ¹ Doutor em Engenharia de Sistemas Eletrônicos. Líder do Grupo de Pesquisa Tecnologia, Educação e Cognição, atua em formação docente e desenvolvimento/uso de tecnologias. profdanielpaiva@gmail.com
- ² Mestre em Ciências Naturais. Atua no Ensino de Química e de Ciências; Informática na Educação; Produção/avaliação de atividades didáticas tecnológicas e não tecnológicas. glauciargonzaga@gmail.com
- ³ Licenciado em Computação. Membro do Grupo de Pesquisa TEC(Tecnologia, Educação e Cognição). francisco25aoliveira@ hotmail.com
- ⁴ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Atua na Universidade Paulista. amanda.luiza@gmail.com
- ⁵ Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Paulista, onde atua como professor nos cursos de Ciência da Computação e Sistemas de Informação. f.luis01@gmail.com



Abstract: rethink the teaching methodologies is an important factor for the development and evolution of the teaching-learning process. Address and work these methodologies in initial teacher training (undergraduate students) is one of the steps to contribute to changing the current educational scenario. This paper reports some teaching methodologies adopted in the formation of Computer teachers who will work with children and youth. These students in their training go through four Supervised Internship acting in public schools with primary, secondary and technical, conducted in tandem with subjects of «IT in Education» and «Technology Management in Education», which allows it to be carried out combined work of lectures, with lifting technology and teaching resources, group discussions, production of short video lessons, and reporting and documentation. You may notice with all these activities there was a significant improvement in the teaching practice of the students, once they became aware of planning alternatives for possible unforeseen and adaptable to technology trends.

Palavras-chave: Teaching methodologies. Didactic-pedagogical process. Initial training of teachers. Teaching and Learning.

INTRODUÇÃO

A criança, por estar em formação, necessita de estímulos que facilitem seu aprendizado, os quais devem variar conforme sua fase de desenvolvimento (HERSEY & BLANCHARD, 1986).

Segundo Bzuneck (2000, p.9) "a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar", suscita ou incita uma conduta que sustenta uma atividade progressiva (BALANCHO & COELHO, 1996).

Um dos maiores desafios da prática docente está relacionado com a forma de lecionar; o que inclui o planejamento e aplicação de procedimentos próprios para a execução/aplicação dos conteúdos didáticos na busca constante pela assimilação do conteúdo. Esse desafio atinge não apenas profissionais recém-formados, mas também aqueles que atuam no dia a dia escolar.

Como uma forma de minimizar esse impacto são tomados alguns posicionamentos para ação em curto, médio e longo prazos. Em curto prazo, apresentação de alternativas e ferramentas tecnológicas a profissionais da educação já inseridos no mercado. Como opção cujo resultado é mais sólido, mas previsto para médio prazo, o foco na formação de futuros professores considerando abrangência, além da aplicação constante de metodologias didáticas diversas, do uso de dispositivos e de recursos tecnológicos, indicando possíveis cenários como a baixa



disponibilidade, resistências, ou mesmo a falta de infraestrutura básica. A longo prazo se busca o desenvolvimento de soluções e criação de repositórios que sejam de fácil acesso, gratuitos, com linguagem de fácil compreensão e disponibilizados de forma a possibilitar uma consulta rápida e eficaz.

Considerando este contexto, este trabalho apresenta resultados obtidos na aplicação direta com crianças e jovens. Deve-se ressaltar que todas as atividades foram realizadas por alunos de Licenciatura em Computação no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES) da Universidades Federal Fluminense (UFF), com acompanhamento do professor autor.

METODOLOGIAS DIDÁTICAS

De acordo com Gil (1997, p.109), metodologia didática é entendida como "a sistematização e racionalização do ensino, constituída de métodos e técnicas de ensino de que se vale o professor para efetivar a sua intervenção no comportamento do estudante".

Não há como inferir quantitativamente o grau de intervenção docente ou a evolução comportamental do aluno, pois, diferente de outras áreas do conhecimento, na Educação não é possível mensurar o parâmetro "mudanças de comportamento" de forma como se apresenta na realidade (SOSSAI, 1997).

Santos (2003) não identificam a distinção entre as definições de "didática" e de "metodologia didá-

tica", e ressaltam que o emprego de "metodologia didática" é comumente feito para significar a identificação de métodos e técnicas que serão utilizadas para trabalhar determinado conteúdo curricular. Mas Gil (1997) considera que, além de métodos e técnicas, as metodologias didáticas estão relacionadas também à resposta comportamental (mesmo que não mensurável) que estas (metodologias) inferem no enriquecimento da personalidade dos estudantes – e que se relaciona diretamente com o processo de ensino-aprendizagem.

Para prosseguimento das discussões, será adotada neste artigo a compreensão de Metodologias Didáticas abordada por Gil (1997), pois se entende que se não há mudança de postura e comportamento de um aluno com determinada abordagem adotada pelo professor, tal didática não está sendo útil para a construção do cidadão capaz, crítico e ativo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) preconizam (BRASIL, 2000; 2002).

Sobre isso, Libâneo (1999) coloca que são

habilidades desejadas nos alunos (...) responsabilidade, iniciativa, flexibilidade de mudança de papéis, rápida adaptação às maquinas e ferramentas, e forma de trabalho que envolva equipes interdisciplinares heterogênias (...). Desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, encaminhadas para um pensamento autônomo, crítico e criativo (...). (LIBÂNEO, 1999, p.22).



A verificação deste perfil de aluno só é possível quando se pensa em metodologias didáticas que levem em consideração a variação comportamental e esse impacto no desenvolvimento do mesmo. Portanto, cabe ao professor sempre a busca pela melhor forma de abordar cada conteúdo, utilizando sugestões de especialistas ou profissionais com vivência na profissão. Ter alunos que confiam e se interessam pelo que é ensinado é um desafio para que haja efetivamente a assimilação e aprendizado, com posterior mudança no comportamento (NOVA ESCOLA, 2014).

Em geral, uma formação teórica e formal, com conteúdos aplicados sem contextualização leva a alto grau de reprovação e insatisfação (CIPRIANI; MONSERRAT & SOUZA, 2007). Aliado a isto, para grande quantidade de professores, o aluno precisa saber "na ponta da língua" e os alunos decoram para que consigam boas notas, esquecendo com pouco tempo o conteúdo (PRIETO, 2006).

Diante deste cenário, o processo pedagógico vem sofrendo inúmeras modificações para enfrentar a passividade de alunos e professores com métodos didáticos tido como tradicionais, os quais consistem basicamente na memorização de definições e fórmulas.

O desafio então é melhorar as aulas de modo a conseguir "aproximar o conteúdo abordado ao cotidiano do aluno" (CIPRIANI; MONSERRAT & SOUZA, 2007). Ajustes no discurso e algumas me-

todologias didáticas adotadas podem ser identificadas, por exemplo, uma das alternativas adotadas é o uso de investigação e experimentação na busca pela construção do conhecimento. Afinal, com imersão os resultados são melhores, a aprendizagem se dá de forma progressiva e com interação com o meio (MEDNICK, 1973), assim, "toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica" (NOT, 1993). No campo da psicologia, esse dinamismo tem origens nas motivações que determinado indivíduo pode ter (MORAES & VARELA, 2007).

USO DE VÍDEO NO PROCESSO DIDÁTICO

O uso de vídeo como ferramenta em apoio a metodologias didáticas não é recente; porém ele era (e vem sendo em muitos casos) subjulgado, não sendo explorado em toda a sua potencialidade. Para alguns professores o uso de vídeo é visto como apenas ocupação de tempo escolar ou como exemplo de algo ultrapassado.

A escola apenas fornecer a infraestrutura (espaço e equipamentos eletrônicos) não é o suficiente para a adoção pedagógica do vídeo como recurso didático. A utilização deste recurso em toda a sua potencialidade, necessita de um planejamento adequado para que seja possível tirar o máximo de proveito.

O processo de uso do vídeo permite uma abordagem que envolve comunicação sensorial, emocional e racional (MORAN, 2002). Uma atividade que



envolve vídeo (de forma pedagogicamente planejada) quebra alguns paradigmas de um contexto de lazer e entretenimento. "Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso" (MORAN, 1995, p.27).

Existe duas formas gerais de se utilizar vídeo de forma didático-pedagógica: [i] utilizando vídeos prontos que falem por si mesmos para que o docente dinamize e direcione a leitura do que é visto (MANDARINO, 2002); [ii] produzindo os vídeos, na busca por aprimoramento de fatores de apresentação, domínio de conteúdo e evolução mensurável de forma individualizada ou em grupos pequenos.

Para a finalidade deste artigo serão abordadas informações referentes apenas à produção de vídeos por alunos com a mediação do professor em uma abordagem individualizada que permita contornar características de timidez e falta de treinamento.

Girão (2005, p.113) divide o processo de produção de vídeo em cinco etapas, sendo necessários, antes de começar, a definição do assunto e dos objetivos do vídeo: [i] criação e planejamento; [ii] desenvolvimento de roteiro; [iii] pré-produção; [iv] direção e gravação; [v] edição e finalização.

O mesmo autor indica que, mesmo sendo uma atividade um pouco mais complexa, na medida que os alunos evoluem dentro das tarefas também ocorre o aumento da familiaridade e do domínio do que está sendo tratado, aumentando a capacidade de análise crítica do produto final (SILVA, 2009).

Também é preciso levar em consideração, no desenvolvimento deste tipo de projeto, três importantes aspectos citados por Filipecki e Barros (1999): [i] o aspecto conjuntural, relacionado a compatibilidade das condições estruturais existentes no ambiente educacional; [ii] o aspecto cognitivo, para potencializar o aprendizado; e [iii] o aspecto motivacional que, como já mencionado, está diretamente relacionado a efetivação e ao êxito no desenvolvimento da atividade.

A produção de vídeos por alunos (independentemente do nível de ensino) é uma possibilidade de inovação do processo didático, pois ao mesmo tempo que envolve o aluno, o estimula na construção do conhecimento científico e no desenvolvimento psicossocial (CONDREY, 1996), fruto da descoberta de novas possibilidades de expressão (FERRÉS, 1996).

REDAÇÃO DE RELATÓRIOS E DOCUMENTAÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Documentos oficiais como os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio) do Ministério da Educação (BRASIL, 2002) e o SocInfo (Sociedade da Informação no Brasil) do Ministério da Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2000) incentivam a produção cientifica por alunos ao enfatizarem a importância e a necessidade do uso de multimodos no processo de ensino do nível básico (entendendose "básico" como Ensinos Fundamental e Médio),



a elaboração de comunicações orais e escritas para relatar, analisar e sistematizar eventos, fenômenos, experimentos e outras atividades científicas.

A comunicação sempre esteve ligada com a Educação devido ao objetivo comum que ambas possuem, de promover a aprendizagem do indivíduo. Um documento escrito, como um relatório didático de alguma atividade desenvolvida pedagogicamente, é um instrumento eficiente para a exposição de ideias e compilação de informações e opiniões, possibilitando o processo de registro e divulgação científica (MOREIRA *et al.*, 2003), e é uma ferramenta importante no processo de formação de futuros professores (PHILLIPS & CRESPO, 1996; FREITAS, 2006; CATTLEY, 2007; FREITAS & FIORENTINI, 2008; TEIXEIRA, 2009).

Mesmo com todo o potencial deste tipo de atividades, e a importância de atividades com o registro escrito das mesmas, há uma grande resistência por parte dos alunos em atividades que envolvam redação (BISCONSINI; REIS & BORGES, 2007), pois, como colocado por Freitas e Fiorentini (2008, p.139), a maioria dos cursos de graduação, mesmo as licenciaturas, ainda possui "[...] uma tradição de pouca leitura e pouca escrita, priorizando um tipo de linguagem que, por ser técnica, inibe aquele que escreve, impedindo, assim, que exponha suas ideias com maior flexibilidade e crítica".

Fazer com que os alunos de graduação, futuros professores, produzam material escrito pode contri-

buir na transmissão de suas ideias e "[...] ajudar a problematizar e explicitar conhecimentos implícitos, adquiridos em diferentes momentos de experiências vividas, podendo, assim, configurar-se como uma importante estratégia para a formação docente" (FREITAS, 2006, p.61).

[...] o próprio fato de escrever, de escrever sobre a própria prática, leva o professor a aprender com sua narração. Ao narrar sua experiência recente não só a constrói linguisticamente como a reconstrói como discurso prático e como atividade profissional (a descrição se vê continuamente ultrapassada por proposições reflexivas sobre os porquês e as estruturas de racionalidade e justificação que fundamentam os fatos narrados. Quer dizer, a narração se transforma em reflexão). (ZABALZA, 2004, p.44)

CONTEXTOS ACADÊMICOS – TREINAMENTO DE FUTUROS PROFESSORES

Após a breve fundamentação apresentada, a partir daqui estão descritos os procedimentos metodológicos e resultados alcançados com a proposta de uso de diferentes metodologias didáticas na formação de licenciandos em Computação.

Os procedimentos metodológicos adotados foram solicitações de atividades práticas combinadas com exposições de conteúdo teórico base, no contexto de duas disciplinas Informática Educativa 1 e Gestão de Tecnologias na Educação.



As atividades envolveram:

- Aulas com recursos tecnológicos síncronos;
- Aulas com recursos tecnológicos assíncronos;
- Produção de vídeo-aulas;
- Proposição de um curso de extensão.

Inicialmente, foi solicitada a elaboração de uma aula utilizando recursos tecnológicos, como computadores, datashow, simulações computacionais, exposição de imagens (projeções), etc., em um cenário síncrono. O objetivo foi que os alunos escolhessem ferramental de apoio para o favorecimento do processo de ensino-aprendizagem a serem utilizados em um ambiente onde alunos e professores estivessem ao mesmo tempo. Com esta atividade eles apresentaram diversos cenários e metodologias didáticas, houve discussão do impacto das escolhas, dependência de recursos, de treinamento, por exemplo. Foi uma oportunidade para aumentar o leque de opções que cada um conhece e enfatizar a importância da busca pela efetiva assimilação do conteúdo.

De modo similar, na segunda atividade foi realizada apenas a alteração para que fossem considerados apenas recursos tecnológicos assíncronos. As opções sugeridas pelos alunos foram positivas e demonstraram potencial para serem utilizadas inclusive no apoio ao ensino, seja antes de uma aula regular ou mesmo após a exposição do conteúdo. Uso de jogos e vídeos foram as alternativas mais frequentes.

Apesar dos resultados positivos, foram percebidos alguns aspectos para os quais se precisou atenção. Mesmo em um curso de licenciatura, cuja conclusão direciona para a atuação em sala de aula, muitos alunos demonstraram alto grau de timidez. Diante disto, optou-se por solicitar a gravação de vídeo-aulas, através das quais seria possível uma avaliação individualizada e com *feedbacks* direcionados, com orientações pontuais e maior probabilidade de resultados no curto prazo.

Na primeira vídeo-aula produzida foi definido que não se poderia utilizar edição. Cada vídeo deveria ter um total de seis minutos, sendo os primeiros trinta segundos para apresentar o planejamento, cinco minutos para explicar o conteúdo e os últimos trinta segundos para indicar a forma de avaliação daquela aula.

Na avaliação, foi possível identificar erros comuns, como: a oratória empregada, a altura da voz, os vícios de linguagem (uso frequente de determinada palavra, expressão ou frase), os gestos exagerados que levaram à perda de concentração dos espectadores no discurso utilizado, o local inapropriado (com baixa iluminação, acústica ruim, espaço muito limitado), o figurino, a posição e ângulo da câmera, etc.

Após a revisão do docente, foi dado retorno a cada um dos alunos, indicando pontos comuns e foram demonstradas as particularidades de modo a facilitar a assimilação. Foram destacados os contratempos e adversidades que podem impactar a qualidade da aula e consequente assimilação do conteúdo.



Em decorrência dos problemas identificados, foi solicitada uma segunda versão das vídeo-aulas, com adaptações técnicas. Postura, cuidados com a voz, vestimenta, linguagem, preparação prévia do roteiro foram facilmente identificados. Foi possível perceber que, apesar de atividades curtas, 6 minutos, a qualidade teve um salto importante, também devido ao desafio e oportunidades apresentadas para o futuro profissional dos licenciandos.

Por fim, foi solicitada a elaboração de uma proposta de curso de extensão a ser ofertado na modalidade Ensino a Distância (EaD). Deveriam ser atendidos aspectos de: [i] planejamento e solicitação/reserva de recursos detalhando a infraestrutura necessária; [ii] execução e acompanhamento, indicando profissionais importantes e recursos como ferramentas de comunicação (chat, fórum, email), além da configuração adequada do Moodle; [iii] avaliação, elaboração e entrega de relatórios. Os resultados demonstraram engajamento e maturidade dos alunos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com as atividades descritas, tornou-se possível a obtenção de resultados relevantes quanto à capacitação dos licenciandos do curso de Computação, no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES) da Universidades Federal Fluminense (UFF). Tais resultados podem ser interpretados

como um desenvolvimento de qualidades que profissionais educadores devem ter, para a boa realização didática, pedagógica e metodológica de ensino.

Dentre os resultados, pôde-se constatar que a linguagem dos licenciandos melhorou consideravelmente em decorrência de maior cuidado, com dicção, construção de frases, e emprego de palavras, na produção de um discurso didático-pedagócico mais claro, objetivo e coeso. De forma complementar, houve aperfeiçoamento em organização, planejamento prévio e escolha de metodologias didáticas e atividades para abordagem de cada conteúdo.

O comportamento e a postura tiveram notável melhora, sendo observado um domínio maior nas apresentações e discussões em classe, assim como na capacidade de avaliação e analise crítica de conteúdo. Foi possível identificar maior agilidade no uso de equipamentos tecnológicos, muitos dos quais foram incorporados no dia a dia dos Estágios Supervisionados.

Um fator importante que foi destacado pelos alunos é a capacidade de se adaptarem a eventuais contratempos e o conhecimento de alguns fatores como a iluminação da sala, cuidados com a roupa e linguajar. Não só aspectos didáticos, mas também, a capacitação para futuras inserções profissionais foi relatada no levantamento realizado. Alguns alunos ressaltaram terem mais segurança para inclusão de ferramentas tecnológicas nas suas metodologias didáticas, como apoio às aulas regulares.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de diferentes metodologias didáticas no processo de ensino é uma escolha do docente, influenciada por diversos fatores, dentre eles a sua formação acadêmica, seu preparo e sua coragem de experimentar. Só o uso da ferramenta ou da estratégia didática não garante uma aula de qualidade e com participação ativa dos alunos, é preciso que eles se sintam estimulados pelo professor, e que este identifique seus interesses e curiosidades (GIL, 1994), aumentando, assim, o rendimento do aprendizado.

Este trabalho apresenta o relato de atividades solicitadas em duas disciplinas, exatamente com a intenção de contribuir na formação de futuros profissionais da educação. O uso de recursos tecnológicos síncronos e assíncronos, a produção de vídeo-aulas curtas e a elaboração de um curso na modalidade EaD foram descritos e tiveram contribuição direta para os resultados obtidos.

Tais atividades podem ser facilmente adaptadas a outros contextos, considerando que o recurso necessário foi um celular que faça a gravação de vídeos e o acesso a internet para realização de pesquisas pelos discentes.

REFERÊNCIAS

BALANCHO, Maria José dos Santos; COELHO, Filomena Manso. **Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica**: conceitos e práticas. 2.ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

BISCONSINI, Vilma Rinaldi; REIS, Carlos Alberto Rossi dos; BORGES, Erasmo Carlos. Memorial de estágio como possibilidade de desenvolvimento da capacidade de produção escrita do futuro professor de Matemática. In: IX Encontro Nacional de Educação Matemática, Belo Horizonte – MG, Anais... Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.sbembrasil.org.br/files/ix_enem/Html/relatos.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BORGES, Simone de Souza; REIS, Helena Macedo; DURELLI, Vinicius Humberto Serapilha; BITTENCOURT, Ig Ibert; JAQUES, Patricia Augustin; ISOTANI, Seiji. Gamificação Aplicada à Educação: Um Mapeamento Sistemático. In: II Congresso Brasileiro de Informática na Educação e XXIV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. **Anais...** Campinas-SP: Sociedade Brasileira de Computação, 2013. Disponível em: http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/issue/view/78. Acesso em: 10 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT. **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: MCT, cap.4, p. 43-56. 2000. Disponível em: http://www.mct.gov.br/upd_blob/0004/4795.pdf>. Acesso em: 17 ago. 16.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 17 ago. 16.



BZUNECK, José Aloyseo. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de; FINI, Lucila Dihel Toleine. (Orgs). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CATTLEY, Georgina. Emergence of professional identity for the pre-service teacher. **International Education Journal**, v. 8, n. 2, p. 337-347, 2007.

CIPRIANI, Otávio Neri; MONSERRAT, José Neto; SOUZA, Ila Maria Silva de. **Construindo um jogo para uso na educação matemática**. In: VI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital. São Leopoldo, RS. 7-9/nov./2007. Disponível em: http://www.sbgames.org/papers/sbgames07/gameandculture/full/gc4.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2016.

CONDREY, Jean Friend. Focus on Science Concepts: Student-made videos zoom in on key ideas. **The Science Teacher**, Arlington, v.63, n.4, p.16-19, apr., 1996.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1996.

FILIPECKI, Ana Tereza; BARROS, Susana de Souza. Uma nova estratégia para o laboratório de física no 2º grau: elaboração de vídeos pelos estudantes. In: II ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências, 1999. **Anais...** Organizado por: Moreira, Marco Antonio; Ostermann, Fernanda. Porto Alegre: ABRAPEC, 1999. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/iienpec/ATAS. pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

FREITAS, Maria Teresa Menezes. **A escrita no processo de formação contínua do professor de Matemática**. 2006. 300p. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática) Faculdade de Educação. Unicamp. Campinas, SP, 2006.

FREITAS, Maria Teresa Menezes; FIORENTINI, Dario. Desafios e potencialidades da escrita na formação docente em matemática. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 138-149, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia Ensino Superior**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GIRAO, Lígia Cirino. Tecnologias audiovisuais: a TV e vídeo na escola. Processos de produção de vídeos educativos. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação** / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, p. 112-116, 2005.

HERSEY, Paul; BLANCHARD, Kenneth H. **Psicologia para administradores**: a teoria e as técnicas de liderança situacional. São Paulo: EPE, 1986.

KAPP, Karl M. **The Gamification of Learning and Instruction**: Game-based methods and strategies for training and education. San Francisco: Pfeiffer, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor; adeus professora?** Novas exigências educacionais e a profissão docente. São Paulo: Cortez, 1999.

MANDARINO, Mônica Cerbella Freire. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Ano 01, n. 01. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/mestrado/ante/atividades/online/vlogs/Mandarino_Monica.pdf >. Acesso em: 16 ago. 16.

MCGONIGAL, Jane. **Reality is broken**: Why games make us better and how they can change the world. Nova Iorque: The Penguin Press, 2011.



MEDNICK, Sarnoff Andrei. **Aprendizagem** - Curso de Psicologia Moderna. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, n.1, ago/dez, p. 1-15, 2007.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. In: **Revista Comunicação e Educação**, n. 2. São Paulo: Moderna. Revista do Curso de Gestão e Processo Comunicacionais/ECA/USP, p. 27-35. 1995.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola e os desafios de hoje – 25/06/2002. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedh-txt2b.htm2. Acesso em: 20 ago. 16.

MOREIRA, Maria de Fátima; NOBREGA, Maria Miriam Lima da; SILVA, Maria Iracema Tabosa da. Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2003, v. 56, n. 2, p. 184-188.

NOT, Louis. **As pedagogias do conhecimento**. São Paulo: DIFEL, 1993.

NOVA ESCOLA. **O dia a dia do professor**. Como se preparar para os desafios da sala de aula. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças**: repensando a escola na era da Informática. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PRIETO, Andréa Cristina Sória. 2006. **A tabuada deve ser entendida ou memorizada?** Disponível em: http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo. asp?artigo=639>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PHILLIPS, Eileen; CRESPO, Sandra. Developing Written Communication in Mathematics Through Math Penpal Letters. **For the Learning of Mathematics**, Vancouver, Canada, v. 16, n. 1, p. 15-22.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Jany Carla Arruda da. O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do projeto Cine-Escola. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. 2009. **Anais...** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba/PR. 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/index.htm. Acesso em: 27 ago. 2016.

SOSSAI, João Alvécio. Objetivos Educacionais: objetivos operacionais e eficiência da aprendizagem. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 11, p. 157-69, 1977.

TEIXEIRA, Bruno Rodrigo. **Registros escritos na forma- ção inicial de professores de Matemática**: uma análise sobre a elaboração do Relatório de Estágio Supervisionado. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, 2009.

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2004.



PROJETO ARUANDA: O DISCURSO NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO EM COMUNIDADES NEGRAS DA CIDADE DE NOVO HAMBURGO/RS

PROYECTO ARUANDA: EL DISCURSO EN LA (DE)CONSTRUCCIÓN DEL RACISMO EN LAS COMUNIDADES NEGRAS EN LA CIUDAD DE NOVO HAMBURGO/RS

Daniela Santos da Silva (Universidade Feevale)¹

Resumo: Partindo das primeiras experiências no *Projeto Aruanda: A voz da juventude negra*, atividade de extensão da Universidade Feevale, o artigo tem como objetivo compreender o papel do discurso no processo de (des)construção do racismo. Esse entendimento, além de fortalecer a práxis dos professores e acadêmicos envolvidos no Projeto, evidencia mecanismos de invisibilização e/ou desvalorização da população negra de Novo Hamburgo/RS, cidade comumente vinculada exclusivamente à imigração germânica. São apresentados os principais pontos da Análise Crítica do Discurso, em particular da proposta sociocognitiva de Teun van Dijk, autor que vê na tríade discurso-cognição-sociedade um meio para investigar a relação entre discurso, po-

der e dominação. Conclui-se que algumas das falas dos participantes do Projeto podem ser explicadas através de seus modelos (mentais) de contexto, os quais levam tais crianças (negras ou não) a reproduzir representações sociais negativas acerca da população negra. Uma vez que o discurso dos grupos de elite exerce dominação de diferentes formas e em diferentes espaços, inclusive no espaço educacional, conclui-se também que cabe aos professores e acadêmicos usar sua posição privilegiada para auxiliar na edificação de uma sociedade menos preconceituosa e mais equitativa.

Palavras-chave: Racismo. Discurso. Projeto Aruanda.

Resumen: En base a las primeras experiencias en el *Proyecto Aruanda: La voz de la juventud negro*, actividad de extensión de la Universidad Feevale, el artículo tiene como objetivo comprender el papel del discurso en la (de)construcción del racismo. Esta comprensión, además de fortalecer la práctica de los profesores y académicos involucrados en el proyecto, muestra los mecanismos de invisibilización y/o depreciación de la población negro de Novo Hamburgo/RS, comúnmente ciudad ligada exclusivamente a la inmigración alemana. Los principales puntos de Análisis Crítico del Discurso, en particular, de la propuesta socio-cognitiva de Teun van Dijk

¹ Mestra em Administração/Teorias Organizacionais pela UFRGS/RS; graduada em Relações Públicas pela UFRGS/RS. Professora na área de Comunicação da Universidade Feevale (danielasantos@feevale.br).



se presentan. El autor que ve la tríada discurso-cognición-sociedad un medio para investigar la relación entre el discurso, el poder y la dominación. Se concluyó que algunas de las intervenciones de los participantes del proyecto se explica por sus modelos (mentales) de contexto, que conducen a estos niños (negros o no) para reproducir representaciones sociales negativas de la gente negra. Desde el discurso del grupo de élite ejerce la dominación de diferentes maneras y en diferentes espacios, en particular en el espacio educativo, se deduce también que los profesores y estudiantes deberían utilizar su posición privilegiada para ayudar en la construcción de una sociedad con menos prejuicios y más equidad.

Palabras clave: Racismo. Discurso. Proyecto Aruanda.

INTRODUÇÃO

"Eles me chamaram de negro!", gritou Pedro, aos prantos. "Um colega uma vez me chamou de batuqueira...", disse Gabriela com a voz fraca enquanto desviava o olhar para o chão, durante uma roda de conversa. "Seu macaco!!", explodiu Mauro, contrariado com o que Pedro havia lhe feito. Essas e outras falas foram ouvidas por mim e meus colegas durante as primeiras oficinas do *Projeto Aruanda: a voz da juventude negra*, atividade de extensão da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).

Como não poderia deixar de ser, ao testemunhar essas frases, minha primeira reação foi um misto de perplexidade, tristeza e raiva. Como podem essas crianças ser vítimas de racismo e isso ser visto de modo natural? Como podem essas crianças repetir pensamentos e expressões que ofendem uma pessoa por conta da sua etnia – etnia essa da qual, contraditoriamente, muitas delas mesmas fazem parte? Passado o susto inicial, essas emoções e inquietações me levaram a pensar sobre as estruturas e os processos que impelem as pessoas a reproduzir o racismo já tão cedo. Mais que isso, levaram-me a buscar compreender o papel do discurso no processo de (des)construção do racismo. No presente texto, analiso essa problemática através da Análise Crítica do Discurso (ACD) e, mais especificamente, da abordagem sociocognitiva proposta por Teun A. van Dijk. Esse entendimento, além de fortalecer a práxis das pessoas envolvidas no Aruanda, pretende evidenciar parte dos mecanismos de invisibilização e/ou desvalorização da população negra de Novo Hamburgo.

Visando ser coerente com a discussão teórica que será apresentada ao longo deste texto, cabe informar o meu lugar de fala: sou uma mulher negra, pesquisadora, professora e militante pelas causas negra e feminista. Costurando essas facetas está uma pessoa (pre)ocupada em entender os processos e relações sociais e, em especial, as relações de dominação. Em minha trajetória pessoal/acadêmica



aprendi que esse é um caminho bastante interessante quando o objetivo é acabar com as opressões.

Minha participação no *Projeto Aruanda* se dá nesse sentido. Junto ao *Projeto Múltiplas Leituras*, atividade de extensão voltado à população indígena, o *Aruanda* compõe o Programa de Extensão NIARA – Nutrindo Identidades e Afirmações Raciais. O principal objetivo do *Aruanda* é incentivar a "construção de atitudes de autoafirmação identitária e de valorização das culturas negras, contribuindo para a promoção de relações interétnicas pautadas pela igualdade racial" na região em que a Universidade Feevale se insere (PROJETO DE EXTENSÃO ARUANDA, 2016).

Para isso, meus/minhas colegas (professores/as e alunos/as da instituição) e eu nos propusemos a dialogar com crianças de seis a doze anos de idade moradoras de comunidades hamburguenses em que a presença da população negra é marcante, numérica ou historicamente. A cada semestre, uma dessas comunidades recebe a equipe do projeto para oficinas semanais a respeito dos diferentes aspectos da trajetória do povo negro na África, no Brasil e, especialmente, no Vale dos Sinos. São discutidas também questões sobre a população negra na atualidade e sobre as relações interétnicas. Permeando esses temas, está o estímulo à autoexpressão das crianças através de aulas de oratória e produção audiovisual. O que buscamos, em síntese, é estimular a autoestima, o empoderamento e o protagonismo político-cultural das crianças negras, bem como um sentimento de respeito e cooperação entre as crianças brancas.

A ideia dessa atividade de extensão nasceu da percepção de que a população negra de Novo Hamburgo sofreu e sofre as consequências de um processo de invisibilização. Localizada na região do Vale dos Sinos, região metropolitana de Porto Alegre/RS, a cidade tem hoje na colonização e no trabalho alemães seus principais elementos identitários. Em seu site institucional, a Prefeitura Municipal declara que, "nascido da perseverança e da força do imigrante alemão, o Município de Novo Hamburgo é um exemplo de comunidade unida e trabalhadora". Oficialmente, foi "do suor e da vontade deste povo [o germânico]" que se construiu "um lugar de prosperidade e grande desenvolvimento" (NOVO HAMBURGO, 2016, [s.p].). Sabe-se, contudo, que essa é apenas uma parte da história. Uma rápida circulação por bairros "pouco nobres" da cidade comprovará isso. Além disso, como será apresentado neste texto, importantes trabalhos já foram feitos demonstrando a importância das populações portuguesa, indígena e negra para a conformação social e econômica do município.

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Conforme relatam Charaudeau e Maingueneau (2012), não é possível precisar o momento de surgimento da Análise do Discurso (AD). Sabe-se, porém, que é resultante de movimentos progressistas europeus e estadunidenses dentro das ciências linguís-



ticas que, apesar das bases distintas, convergiram na década de 1960 na busca das significações sociais que extrapolam as frases orais ou escritas. Com isso, além de multidisciplinar, a AD se caracteriza pela pluraridade de correntes teóricas. Em comum, há apenas a investigação do discurso, termo que, ainda assim, tem diferentes conceituações conforme a disciplina e a base teórica sob a qual é investigado.

Dentre as principais abordagens, Misoczky (2005) aponta a que se concentra na relação discurso-sociedade e que confere grande importância ao contexto. É nesse espaço que se insere a Análise *Crítica* do Discurso (ACD), que se debruça sobre o discurso enquanto uma prática social levada a cabo através da linguagem, isto é, sempre uma prática política e ideológica.

O discurso, enquanto prática política é não apenas um local de luta pelo poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares; as próprias convenções e os modos como se articulam são um foco de luta (FAIRCLOUGH, 2001 apud MISOCZKY, 2005, p. 131).

A proposta da ACD é a análise do "trabalho social feito por esses discursos" como parte de uma crítica social das relações de poder, dominação e desumanização que caracterizam o sistema capitalista. A partir da compreensão dos processos que sustentam esse sistema – o que inclui o processo discursivo

–, ambiciona-se identificar as contradições do sistema que oferecem possibilidades de constituírem um projeto de emancipação, o qual, por sua vez, estará atrelado a outras ordens discursivas que não as hoje hegemônicas (MISOCZKY, 2005, p. 130-131).

Como salienta Misoczky (2005, p. 131), a sustentação teórica da ACD tem em Antonio Gramsci, intelectual italiano para quem "todos os seres humanos manifestam, em sua ação, uma concepção de mundo. Ideologia é a unidade resultante dessa concepção de mundo com normas de conduta adequadas a ela". Para o autor, a ideologia ultrapassa o conhecimento; ela estabelece associação direta com a prática e com a política. Fica evidente, desse modo, que a suposta neutralidade científica não é uma meta aqui. Assim como o discurso em si, a investigação científica é vista como uma prática social.

[...] a pesquisa em ACD combina o que talvez, pomposamente, costuma ser chamado de 'solidariedade com os oprimidos' com uma atitude de oposição e dissenção contra aqueles que, por meio do texto e da conversação, buscam estabelecer, confirmar ou legitimizar o seu abuso de poder. Diferentemente de outras perspectivas, a ACD não nega, mas assume e defende sua posição social e política. Ou seja, a ACD é tendenciosa – e orgulhosa disso (VAN DIJK; MEDEIROS; ANDRADE, 2013, p. 353).

Entre os diferentes autores que trabalham sob essa perspectiva, o holandês Teun A. van Dijk se destaca por entender os aspectos cognitivos como in-



trinsecamente relacionados à prática (social) discursiva. Focando parte importante dos seus trabalhos no racismo e na ideologia, define o discurso como

[...] una forma de uso lingüístico y, de una forma más general, como un tipo de interacción social, condicionada por la cognición y socialmente contextualizada por los participantes, tomados como miembros sociales en situaciones sociales. El discurso, ya sea oral o escrito, se define, pues, como un evento comunicativo de un tipo especial, estrechamente relacionado con otras actividades comunicativas no verbales (tales como los gestos o el tratamiento de la imagen) y otras prácticas semióticas de significado, de significación y con los usos sociales de códigos simbólicos, como los de la comunicación visual (por ejemplo, los gráficos, la fotografía o el cine) (van DIJK, 1997, p. 68-69).

O autor sustenta que um discurso somente tem significados porque esses são atribuídos pelos usuários da linguagem. Comumente chamadas de interpretações, essas atribuições de significados são, a um só tempo, de natureza social e cognitiva (VAN DIJK, 1997). Portanto, a ACD na perspectiva de van Dijk visa a compreensão das diversas inter-relações entre discurso, cognição e sociedade, representadas pelo autor como vértices de um triângulo.

Van Dijk (1997) frisa, porém, que considera esses três vértices ou noções de maneira ampla. Por discurso, entende também a linguagem e seu uso, a interação verbal, a comunicação. Por cognição, toma tanto a cognição social (representações da

memória) quanto a cognição individual (processos mentais). A sociedade, por sua vez, é compreendida em nível micro e macro, isto é, tanto no espectro das interações sociais quanto das relações intra e intergrupais, institucionais, políticas, culturais e da ordem social em geral.

A sociedade e o discurso são a sustentação do triângulo. Para o autor, essas duas noções se relacionam entre si por meio da interação social, ou seja, da configuração que o discurso assume nas situações sociais. Daí a sociedade ser a origem do discurso. No ápice do triângulo, estabelecendo a interface entre o discurso e a sociedade, está a cognição. Segundo van Dijk (1997), o processo cognitivo é responsável pela mediação entre sociedade e discurso através da supervisão e regulação, do que deriva a sua defesa da cognição como um dos elementos essenciais para a ACD.

Isso não implica que o autor afirme que a cognição possui mais relevância que os outros dois vértices do triângulo explicativo. Afinal, as mentes "están en los seres sociales, tomados como actores y miembros de una sociedad"; suas práticas são aprendidas em situações sociais e se dão em contextos e interações sociais (VAN DIJK, 1997, p. 68). O centro da proposta de van Dijk está justamente nessa íntima ligação entre sociedade e cognição possuem: "não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação" (VAN DIJK,



2012a, p. 11). Consequentemente, o autor atribui um sentido um pouco diferente ao termo *contexto* quando em comparação a outros estudiosos da área:

[...] os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades. Se os contextos fossem condições ou restrições sociais objetivas, todas as pessoas que estão na mesma situação social falariam do mesmo modo. Portanto a teoria precisa evitar ao mesmo tempo o positivismo social, o realismo social e o determinismo social: os contextos são construtos dos participantes (VAN DIJK, 2012a, p. 11, grifos nossos).

Isto é, as dimensões objetivas da circunstância de fala influenciam o discurso dos agentes por meio das interpretações que eles fazem (inter)subjetivamente. Visto se tratarem de modelos mentais, os (modelos mentais de) contextos são revistos e alterados pelos falantes a partir de suas experiências pessoais, pois cada situação comunicativa é única e pode exigir adequações. Ao mesmo tempo, esses modelos "representam as propriedades relevantes do entorno comunicativo na memória episódica (autobiografia) e vão controlando passo a passo os processos da produção e compreensão do discurso [...]" (VAN DIJK, 2012a, p. 35). Portanto, reforça-se que, ainda que sejam resultantes de processos (inter)subjetivos, os contextos são construções de agentes sociais que integram e vivenciam grupos e comunidades.

Embora os contextos sejam definições únicas e subjetivas das situações comunicativas, sua estrutura e sua construção têm obviamente uma base social, por exemplo, em termos das cognições sociais compartilhadas (conhecimentos, atitudes, ideologias, gramática, regras e valores) de uma comunidade discursiva, o mesmo acontecendo com as categorias esquemáticas que definem as estruturas possíveis dos contextos. Isso significa que os contextos também têm uma importante dimensão intersubjetiva, que é condição primeira para a comunicação e interação. [...] Em outras palavras, os contextos são ao mesmo tempo pessoais e sociais - como é também o caso dos discursos que eles controlam (VAN DIJK, 2012a, p. 36, grifos do autor).

Conforme van Dijk (2012a), sem a consideração dos modelos mentais não seria possível compreender como uma mesma situação social pode influenciar de modos distintos os sujeitos que dela partilham, levando-os a diferentes comportamentos e construções discursivas. Por isso, segundo o autor, identificar os "elementos de uma situação comunicativa que são sistematicamente relevantes para a fala e o texto" (VAN DIJK, 2012a, p. 10-11) é imprescindível para o exame dos contextos e, consequentemente, para a compreensão de como esses modelam os discursos.



O RACISMO SOB A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DO DISCURSO

O racismo no Brasil é um sistema de dominação instituído junto ao nascimento do país graças ao modo com que foi colonizado. Como em outros países latino-americanos,

[...] os não europeus (Outros) foram sistematicamente segregados e tratados como inferiores, uma ideologia que serviu como legitimação da escravidão, da exploração e da marginalização. [...] Preconceitos contra os negros aliados a uma vasta rede de práticas discriminatórias reproduziram, por conseguinte, a pobreza, o baixo status e outras formas de desigualdade social no que concerne ao branco dominante e às elites mestiças (VAN DIJK, 2012b, p. 11-13).

O discurso racista nem sempre é evidente para as pessoas que o enunciam e, muitas vezes, nem mesmo para as pessoas por ele atingidas. No caso do Brasil, o racismo estrutural contra os negros é tamanho que se apresenta mesmo em denominações e expressões corriqueiras. Ao emprega-las, ainda que nem sempre tenha esse objetivo, o usu-ário da língua reproduz a discriminação². De modo intencional ou não, em uma manifestação aberta ou sutil, é possível visualizar no resultado dos estudos

de Van Dijk (2012b) a essência do discurso racista. Segundo o autor, essa está no constante reforço da oposição étnica entre um Nós (europeus ou grupos dominantes brancos) e o Eles ou Outros (não-europeus, não-brancos ou grupos subalternos). Os "princípios organizadores globais" do discurso racista, ou seja, as características do modo como os sujeitos de "dentro" (Nós) costumam se referir aos sujeitos de "fora" (Outros) são:

- enfatizam os aspectos positivos do Nós, do grupo de dentro;
- enfatizam os aspectos negativos do Eles, do grupo de fora;
- não enfatizam os aspectos positivos do Eles;
- não enfatizam os aspectos negativos do Nós (VAN DIJK, 2012b, p. 18).

Como menciona o autor e como é facilmente observável, esses princípios estão aparentes em nossas diversas relações comunicativas cotidianas, nos mais diversos níveis do discurso, ou seja, tanto em nível sonoro e visual quanto no nível da ação e da significação. Se apresentam em conversas informais, manchetes de jornal, falas televisionadas, pronunciamentos de políticos profissionais e relatos históricos, por exemplo. A seleção do léxico, a ênfase em determinadas palavras, o estereótipo aludido, o uso de pronomes distanciadores ou demons-

² Entre os inúmeros exemplos possíveis destaco o uso do termo "mulata" para se referir a uma mulher negra; do verbo "denegrir" como sinônimo de destruir a imagem de alguém; e da expressão "inveja branca" para afirmar que se trata de uma inveja inofensiva, uma inveja boa, estabelecendo uma oposição ao que seria uma "inveja negra ou preta".



trativos para se referir a uma pessoa de outra etnia e os eufemismos são alguns dos pontos para os quais o autor chama a atenção.

Van Dijk (2012b) sustenta que tal ênfase às características negativas do "grupo de fora" pode acarretar efeitos prejudiciais nas mentes dos interlocutores desse tipo de discurso, ainda que esses não sejam agentes passivos no processo de comunicação. Um desses efeitos é a criação de modelos mentais estereotipados negativamente: "esses modelos podem, por sua vez, ser generalizados para atitudes mais negativas e ideológicas sobre os Outros" (VAN DIJK, 2012b, p. 20).

Questão fundamental para a compreensão do racismo é o fato de não se tratar de uma postura inata. Ninguém nasce racista. Van Dijk (2012b) sustenta que o racismo é produto de um processo de aprendizagem prática e ideológica promovido pelos pais, escola, grupos de convívio, veículos de comunicação de massa e observação das interações multiétnicas cotidianas. Percebe-se, novamente, que o preconceito etnicorracial é reproduzido através da interação social, espaço em que se encontra o discurso:

Esse processo de aprendizagem é amplamente discursivo, isto é, baseado na conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, entre outros. Muitas práticas de racismo cotidiano, tais como as formas de discriminação, podem até certo ponto ser aprendidas pela observação e

imitação, mas até mesmo estas precisam ser explicadas, legitimadas ou sustentadas discursivamente de outro modo. (VAN DIJK, 2012b, p. 15).

Vê-se, então, que o discurso racista é reproduzido basicamente por meio da apreensão de exemplos obtidos e legitimados nos diversos espaços de interação comunicacional. Em outras palavras, o discurso se torna a ferramenta básica para a reafirmação e o exercício de ideias e práticas racistas. Nesse sentido, o autor destaca o papel das elites simbólicas. Formadas pelos grupos sociais que controlam a opinião pública, essas elites desempenham influência direta nas ideologias do público em geral.

Se o racismo é amplamente aprendido e reproduzido pelo discurso dominante, e se tal discurso é amplamente acessível apenas por tais elites simbólicas, como os políticos, jornalistas, escritores, *professores e pesquisadores*, todos de raça branca, devemos concluir que a forma contemporânea mais eminente de racismo são as elites simbólicas brancas (VAN DIJK, 2012b, p. 16, grifos nossos).

Daí a indicação do autor da necessidade de uma análise atenta das circunstâncias de ensino-aprendizagem, bem como dos gêneros do discurso educacional – o que vai desde a estrutura curricular até as interações entre alunos/as e entre esses/as e professor/a, passando pelos livros didáticos, avaliações e planos de aula.



Mais que qualquer outro discurso, o discurso pedagógico define a ideologia oficial e dominante, estabelecendo o conhecimento e a opinião oficial, sem dar lugar a debate ou controvérsia. É dessa forma que muitas crianças, pela primeira vez, recebem informações sobre os povos de outras partes do mundo, sobre imigração e imigrantes ou sobre negros ou povos indígenas de outra parte da cidade, do país e do continente (VAN DIJK, 2012b, p. 21-22, grifos nossos).

Apesar de identificar melhoras na América Latina nas últimas décadas, Van Dijk (2012b) entende que o discurso pedagógico ainda hoje é marcado por informações parciais e/ou restritas ao passado das populações indígenas e da negra. Assim como Lippmann (2010), o autor afirma que essa parcialidade (tanto no sentido de tendenciosidade quando de incompletude) faz com que tal discurso se apoie muitas vezes em estereótipos negativos acerca dos grupos sociais "de fora", o que, como sabemos, abre espaço para a discriminação: "temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso está crucialmente envolvido na reprodução do racismo, em geral, e na formação de ideologias racistas subjacentes, em particular (VAN DIJK, 2012b, p. 20).

Atentando à complexidade do discurso pedagógico, Van Dijk (1997, p. 67) propõe, então, que essa prática e suas propriedades sejam consideradas a partir das funções que exercem para professores/as e alunos/as e para a sociedade em geral. Essa (auto) análise seria um dos meios de se travar o círculo reprodutivo do racismo.

O NEGRO EM NOVO HAMBURGO E O PROJETO ARUANDA

Expostos os processos sociocognitivos que fundamentam a produção e reprodução do racismo através do discurso, nesta seção, intento esboçar uma análise da situação discursiva específica das crianças participantes do Projeto Aruanda. Para tanto, considero fundamental a retomada de alguns aspectos históricos da cidade de Novo Hamburgo, o que, a meu ver, pode auxiliar na compreensão dos (modelos mentais de) contextos desses/as alunos/as.

Em sua origem, a cidade de Novo Hamburgo se confunde com a de São Leopoldo, município vizinho do qual se emancipou em 1927. O ano de 1824 é dito como um marco simbólico para as duas cidades, pois assinala a chegada das primeiras famílias alemãs à região e seu alojamento em São Leopoldo, conhecida como a "cidade-mãe dos imigrantes alemãs no Brasil" (NUNES *et al.*, 2013, p. 273).

Entretanto, antes ainda da chegada das primeiras famílias germânicas à região, durante o período colonial, a área que hoje corresponde ao Vale dos Sinos era habitada por açorianos, portugueses, africanos e seus descendentes. Sesmeiros, lavradores e trabalhadores escravizados disputavam território com as populações originárias, em especial o povo kaingang (NUNES *et. al*, 2013). Em 1788, a Real Feitoria do Linho Cânhamo – empresa de propriedade do governo colonial que, após 1822, foi rebatizada de Imperial Feitoria do Linho Cânhamo – foi



transferida da região de Canguçu, no sul do estado, para o Vale dos Sinos, sendo instalada inicialmente na região denominada de Faxinal do Courita, ao sul do Rio dos Sinos. Como a área do Faxinal não se mostrou satisfatória, a empresa foi transferida para o norte daquele rio, local já habitado por diversas famílias (NUNES *et. al*, 2013).

De acordo com Moraes (2008 apud NUNES et. al, 2013), a Feitoria era destinada à produção de linho e à transformação desse em cordas para embarcações. Sua operação era baseada nas mãos de obra de indígenas e negros escravizados. Como nos relatam Nunes et al.(2013), o uso dessa mão de obra e a inadequação das terras ao plantio de cânhamo foram usadas como justificativas oficiais para o fracasso do empreendimento. Entretanto, essas terras inférteis foram revaloradas quando viraram matéria-prima para o trabalho livre dos colonos alemães, passando a serem vistas como "o grande celeiro da produção agrícola da Província" (PORTO, 1934, p. 25 apud NUNES et al., 2013, p. 275). Os campos pouco eficientes para o cânhamo se mostraram adequados para a criação de gado com vistas a exportação de couro, fazendo com que "até os dias de hoje, a indústria alemã transformaria na maior fonte de riqueza particular e pública, que opulenta a região colonial do Estado" (PORTO, 1934, p. 27 apud NUNES et al., 2013, p. 275).

A alocação dos alemães na região não se deu sem conflito. A entrega de terras por parte do governo provincial aos recém-chegados trouxe o descontentamento tanto dos sesmeiros quanto dos indígenas ali já estabelecidos, acarretando disputas territoriais e dificuldades para o estabelecimento das colônias. Além disso, os subsídios anunciados pelo governo do Império foram ínfimos ou mesmo inexistentes nos primeiros anos de habitação, trazendo a miséria à população (NUNES *et al.* 2013; TRAMONTINI, 2000).

Tramontini (2000) sustenta que o governo também foi responsável pelas dificuldades de inserção social e política dos novos habitantes. Foram diversas as medidas impostas para impedir que os colonos alemães usufruíssem ou ameaçassem os privilégios das elites locais. Entre elas, estiveram o impedimento da naturalização (anteriormente acordada), a falta de liberdade religiosa, a tentativa (mal sucedida) de proibição da compra de escravos e a exclusão social.

A partir do autor, é possível depreender que esses obstáculos iniciais impostos aos imigrantes germânicos foram alguns dos fatores determinantes para a construção da identidade coletiva da região do Vale dos Sinos:

[...] nesta disputa por espaço político e social, o governo e a elite nacional local afirmam insistentemente o caráter estrangeiro dos colonos e de suas organizações. A diferença é constantemente reificada, o que, por sua vez, se transforma num dos fundamentos para o caráter étnico da organização social dos colonos, da constru-



ção e reafirmação do mito da origem comum, com tradições, língua e religiosidade partilhadas e contrapostas às dos 'brasileiros' (TRAMONTI-NI, 2000, p. 4).

O papel da população negra na conformação da região, todavia, não é aludido como parte dessa identidade. Sabe-se que antes da imigração a mão de obra utilizada na região era composta por negros escravizados e que a prática foi amplamente adotada pelos colonos desde seus primeiros anos nas novas terras. Comprados ou alugados pelos alemães, os escravizados tinham sua força de trabalho utilizada no comércio, no artesanato e na lavoura (PORTO, 1934 *apud* NUNES *et al.*, 2013; TRAMONTINI, 2000).

Sabe-se, ainda, que na primeira metade do século XX, a região recebeu mais trabalhadores negros vindos de outras regiões do estado, particularmente do sul. O conhecimento da lida com o couro³ possibilitou o emprego nos curtumes, base da cadeia produtiva da indústria do calçado. Intenso fluxo migratório ocorreu também na década de 1970, outro momento de prosperidade da indústria calçadista, o que, mais uma vez, aumentou a presença negra na região e especificamente na cidade de Novo Hamburgo (TRAMONTINI, 2000; MAGALHÃES, 2010; NUNES *et al.*, 2013).

Vê-se, assim, o apagamento da presença negra na memória coletiva dominante na região. Ao analisar matérias jornalísticas e documentos policiais da cidade de Novo Hamburgo na primeira metade do século XX, Magalhães (2010, p. 61) observa já essa tendência ao apagamento, por vezes substituída pela estigmatização dos negros locais:

As representações dos negros, nos registros pesquisados, mostram, explicitamente ou nas entrelinhas da redação, o peso dos estereótipos, tais como: vadio, desordeiro, sem valor, encrenqueiro, entre outros. A cor (preto, crioulo, misto, mulato) demarcava não só a questão racial, mas estabelecia o lugar do negro na sociedade.

A valorização da colonização alemã no mito de fundação da região do Vale dos Sinos é extremamente viva ainda hoje na organização espacial e nas práticas discursivas cotidianas e oficiais de Novo Hamburgo – como é o caso da descrição que a Prefeitura local faz da cidade, apresentada anteriormente. Entendo que esse não seria um tópico de discussão se, atrelado a ele, não se mantivesse a invisibilização das outras etnias que participaram da conformação da cidade no que hoje é.

O *Projeto Aruanda* vem, nesse sentido, para se unir a outras iniciativas de valorização da cultura e da participação dos negros na estruturação e cresci-

³ De acordo com diversos autores, inclusive Tramontini (2000) e Cardoso (2003), o trabalho escravo nas charqueadas existentes na região de Pelotas e Rio Grande foi por muito tempo a base econômica do estado do Rio Grande do Sul.



mento da região do Vale dos Sinos. Com a parceria da Secretaria Municipal da Educação (SMED) e da Coordenadoria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (COMPPIR) da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo/RS, o foco do *Aruanda* é as crianças dos bairros atualmente habitados pela população negra do município ou que, ao longo da história da região, presenciaram a sua presença. Com a indicação da SMED, foram escolhidos os bairros Guarani/Vila Nova, São Jorge, Rondônia, Primavera e Canudos.

Ao estabelecer parceria com a rede municipal de ensino, o projeto auxilia também na efetivação da Lei Federal nº 10.639/2003, visto que parte importante das oficinas são as rodas de conversa, as aulas de dança e a produção de artefatos artísticos que narram e explicam a história do continente africano e dos negros brasileiros. Isso, junto das discussões sobre a situação do bairro em questão, a população negra na atualidade e o racismo, tem o intuito de ampliar a capacidade crítico-reflexiva das crianças acerca da sua realidade. O incentivo ao aumento da autoestima e ao empoderamento participantes é complementado por aulas de oratória e produção audiovisual. Afinal, como discorrido ao longo deste texto, a autoexpressão, o discurso e ao protagonismo político-cultural são práticas que se confundem.

Ao longo de todo o processo, observamos, registramos e problematizamos as vivências obtidas durante as oficinas, tanto através de debates entre

os membros da equipe do projeto quanto de produção acadêmica. No presente momento, finalizamos o primeiro ciclo de trabalho em uma escola localizada no bairro Primavera com grande sucesso. O envolvimento das 25 crianças participantes foi notório, proveitoso e emocionante.

Entre os casos que mais atraiu a atenção e provocou o debate entre a equipe está o do Pedro, menino que foi chamado de negro por colegas em uma das primeiras oficinas. Na ocasião, as crianças assistiam a uma apresentação sobre a diversidade étnica, política e ambiental do continente africano. Além de ficarem espantadas ao descobrir que na África existem belas praias, arranha-céus e pessoas vestidas com roupas iguais às suas, as crianças identificaram Pedro com um dos meninos quenianos das imagens. "Olha o Pedro!! Olha o Pedro!!". Enraivecido e choroso, o menino "denunciou" ao professor que os colegas o haviam chamado de negro. A questão é: Pedro é negro. Logo no primeiro contato, identificamos que o menino era um dos mais agressivos da sala e que, por isso, tinha dificuldades em conseguir parceria nas atividades em grupo. O "Eles me chamaram de negro!", a raiva e o choro foram a sua primeira interlocução verbal e física com o professor Ismael, um dos acadêmicos de extensão da equipe. "Mas, Pedro, tu é negro! O que que tem? Eu sou negra, o sôr Ismael é negro e tá tudo bem!", afirmei e sorri. Ismael abraçou o menino, tentando acalmá-lo.



Aproveitamos então para colocar o assunto em pauta, explicar à turma o que estava ocorrendo, orientar sobre o que significa racismo e instigar as crianças a falar sobre o que sabiam a respeito e como se sentiam quanto a isso. Muitas se pronunciaram. A maioria enunciou um discurso centrado na ideia de que "somos todos iguais" e que não é correto ofender ninguém. O que Ismael e eu procuramos evidenciar, então, foi que não somos todos iguais, que isso é bom (desde que haja respeito mútuo) e que o termo "negro" não deve ser encarado ou usado como um xingamento; é somente uma das inúmeras características de uma pessoa, da qual ela deve inclusive se orgulhar.

Ao final do ciclo de oficinas, a equipe concluiu que Pedro se mostrava menos arredio e bem mais seguro em suas interações com os colegas. Começava a ocupar o seu espaço como membro do grupo. Pedro inclusive "apareceu na TV"; foi entrevistado por um dos grupos de alunos de Comunicação da Universidade Feevale que realizaram trabalhos de disciplinas envolvendo o *Projeto Aruanda*.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (OU INTRODUÇÃO – PARTE 2)

Como anunciado no início deste texto, o objetivo da exposição feita foi encontrar subsídios à compreensão do papel do discurso no processo de (des)

construção do racismo. A abordagem de van Dijk se mostrou profícua nesse sentido por acentuar de que modo a cognição se relaciona e interfere na construção do discurso enquanto prática social.

A atuação do *Projeto Aruanda: a voz da juventu-de negra* ainda é recente. Assim, estabelecer afirmações definitivas seria leviano, visto que chegaremos a conclusões somente com mais maturação do projeto. Entretanto, vejo que a aproximação da teoria de van Dijk aos discursos das crianças participantes durante as oficinas na primeira escola parceira permite algumas inferências.

A primeira é de que a identidade coletiva da cidade de Novo Hamburgo contribui fortemente para a construção de (modelos mentais de) contextos desfavoráveis à população negra. Isso ocorre por meio da legitimação da colonização alemã como única referência válida na história da edificação e desenvolvimento do município e pela manutenção, ainda hoje, da invisibilização da população negra. Infelizmente, como se sabe, esse segundo aspecto não é privilégio de Novo Hamburgo; faz parte da realidade bem mais ampla que caracteriza nosso país. O ponto é que, ao não se reconhecerem na cidade e/ou interagirem basicamente com discursos que reproduzem representações sociais negativas acerca dos negros, dificilmente as crianças construirão (modelos mentais de) contextos que prezem e respeitem a população negra. No caso das crianças negras, isso é ainda mais prejudicial, visto que, nesse movimento,



acabam por se ressentirem de si mesmas. A inicial agressividade de Pedro, bem como a sua interpretação de que ser chamado de negro era um xingamento parecem ratificar esse entendimento.

A segunda inferência é de que, se as elites simbólicas são, como assegura o van Dijk, as principais (re)produtoras do discurso, felizmente meus/minhas companheiros/as no *Projeto Aruanda* e eu estamos seguindo um bom caminho. Considerando a hegemonia histórica do racismo em nossa sociedade, entendo que a menos que algum evento intervenha, desconstruindo esse consenso, a tendência é que a maioria das pessoas reproduza a ideologia dominante que mantém o atual estado de coisas.

Van Dijk (1997) aponta o fundamental papel da cognição social (atitudes, conhecimento e ideologias) no processo de construção, difusão e interação com o discurso racista. Ora, uma vez que os (modelos mentais de) contextos são mutáveis e que a cognição social é adquirida por meio do discurso pedagógico, cabe a nós observarmos nossa prática e analisarmos se elas vão na direção de um contradiscurso pautado pela equidade e pelo respeito mútuo entre negros e brancos.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:** o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003. 376 p.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Prefácio. IN: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. [2. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 350 p.

MAGALHÃES, Magna Lima. Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS). Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo-RS, 2010.

NOVO HAMBURGO, Prefeitura Municipal. **História**. 2016. Acesso em 22/06/2016. Disponível em ">http://www.novoham

NUNES, Margarete Fagundes et al. "Era um hino de fábrica apitando": a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 17, n. 2), p. 269-291, 2013. Disponível em: http://etnografica.revues.org/3122?lang=pt&gathStatIcon=true Acesso em 24 ago. 2016.



PROJETO DE EXTENSÃO ARUANDA: a voz da juventude negra. **Universidade Feevale**. PROACOM - Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária. Líder do projeto: Professora Daniela Santos da Silva, edição 2016/2020.

TRAMONTINI, Marcos J. A escravidão na colônia alemã (São Leopoldo-primeira metade do século XIX). **Primeiras jornadas de história regional comparada:** Rio Grande do Sul, Uruguay, Corrientes, Santa Fe, Entre Rios, Cordoba e Misiones, 2000. Anais... Porto Alegre: IPEA; PUC; FEE, 2000. Disponível em http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a3.pdf Acesso em 24 ago. 2016.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto:** uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012a.

VAN DIJK, Teun A. (org.). Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2012b.

VAN DIJK, Teun A.; MEDEIROS, Breno Wilson Leite; ANDRADE, Maria Lúcia CVO. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha D'Água**, v. 26, n. 2, p. 351-381, 2013. Disponível em http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/65164/71595 Acesso em 20 jun. 2016.

VAN DIJK, Teun. Discurso y racism. IN: Goldberg, David; SOLOMOS, John Solomos (Eds.). **The Blackwell Companion to Racial and Ethnic Studies**. Oxford: Blackwell, 2001. Traducido por Christian Berger, Escuela de Psicología, Universidad Alberto Hurtado. Disponível em http://www.discursos.org/oldarticles/Discurso%20y%20racismo.pdf Acesso em 22 jun. 2016.



UMA INFÂNCIA DE LUXO: DISCUTINDO CONSUMO, MODA E CRIANÇA NAS PÁGINAS DA *VOGUE KIDS BRASIL*

A LUXURY CHILDHOOD: DISCUSSING CONSUMPTION, FASHION AND CHILD IN THE VOGUE KIDS BRASIL

Débora Cristine Flesch (Universidade Feevale)¹

Resumo: Este estudo promove uma discussão sobre a criança contemporânea e as relações que ela estabelece com a moda de luxo e a cultura do consumo. Para isso, recorreu-se à uma análise dos editoriais de moda e das cartas editoriais das edições de inverno de 2011 à 2015 da revista Vogue Brasil Kids. Levando em conta o aumento do investimento na criação de produtos e ações publicitárias no segmento do vestuário infantil, pretende-se entender de que forma o consumo de moda de luxo se relaciona com a construção identitária da criança dos dias de hoje. Diante disso, foi analisado o material da revista Vogue Kids, de acordo com as técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), estabelecendo-se às seguintes categorias de análise: Luxury, Like an adult, Fashion, Just Kids e Gender. Vivemos em um momento contingente, onde muitas vezes as escolhas de consumo tornam-se base para questões mais relevantes, como a formação da identidade do sujeito. O *ter* ocupa o lugar do *ser*. Por isso, acredita-se que seja necessário adicionar mais uma página aos estudos que envolvem criança e consumo. A partir deste panorama, a pesquisa foi desenvolvida, tendo como marco teórico os textos de Bauman (1999, 2008, 2013), sobre cultura, modernidade líquida e consumo, Lipovetsky (1989 e 2005), sobre moda e luxo, Sarlo (1997), sobre cultura e consumo, Barbosa e Campbell (2006), sobre identidade e consumo e Buckingham (2012), Postman (1999), Girraldelo e Orofino (2012) e Steinberg (2004) sobre a infância pós-moderna.

Palavras-chave: Consumo. Moda de luxo. Criança.

Abstract: This study promotes a discussion about the child and the relations that it establishes with the fashion of luxury and the culture of consumption. We resorted to an analysis of the editorials in fashion and editorial letters of editions of winter of 2011 to 2015 of the Vogue Brazil Kids magazine. Taking into account the increasing investment in the creation of products and actions in the advertising segment of children's clothing, we intent to understand how the consumption of fashion luxury relates to the construction of identity of the child of

¹ Bacharel em Moda e Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. E-mail para contato: deboraflesch@gmail.com.



today. In addition, we analyzed the material from the Vogue magazine Kids, in accordance with the techniques of content analysis as proposed by Bardin (2004), establishing the following categories of analysis: Luxury, Like an adult, Fashion, Just Kids e Gender. We live in a time quota, where many times the choices of consumption become the basis for most important issues, such as the formation of the identity of the subject. Therefore, it is believed that it is necessary to add a further page to studies involving children and consumption. From this perspective, the research was developed, taking as theoretical texts of Bauman (1999, 2008, 2013), about culture, modernity and net consumption, Lipovetsky (1989 and 2005), about fashion and luxury, Sarlo (1997), about culture and consumption, Barbosa and Campbell (2006), about identity and consumption and Buckingham (2012), Postman (1999), Girraldelo and Orofino (2012) and Steinberg (2004) on children in the post-modern era.

Keywords: Consumption. Luxury fashion. Child.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma reflexão sobre a relação entre a construção identitária infantil, moda de luxo e consumo, tendo como foco as cartas editorias e os editoriais de moda de capa das edições de inverno de 2011 a 2015 da revista *Vogue Brasil Kids*. O trabalho analisa a revista como estratégia pedagógica da cultura do consumo, abordando a modernização do luxo e a popularização da moda como meios de ancoragem cultural para a formação identitária da criança contemporânea.

Inicialmente esclarecemos que as análises desta pesquisa seguiram os métodos de análise de conteúdo propostos por Bardin (2004). Diante disso, foi realizada uma primeira leitura flutuante do *corpus* na íntegra. Em seguida, escolheu-se as cartas editoriais e os editoriais de moda de capa como recorte para a análise do presente trabalho.

Tendo o recorte da pesquisa delimitado, é preciso apontar que, após análise das recorrências no material selecionado (BARDIN, 2004), chegou-se às seguintes categorias: Luxury² – textos e imagens da revista que difundem a cultura do consumo de luxo desde a infância; Like an adult – momentos nos quais a criança é inserida em um universo adulto pela publicação; Fashion – recortes da revista que indicam de que forma as crianças devem ser vestidas e produzidas, para que fiquem alinhadas com as tendências do mundo da moda; Just kids – momentos nos quais a Vogue mostra o espírito infantil se sobressaindo à rigidez e à frivolidade da moda; Gender – textos e imagens do periódico nos quais se

² Escolheu-se nomear as categorias com termos em inglês pois a revista estudada utiliza diversas chamadas neste idioma em seu conteúdo.



nota um diferente tratamento para a representação de meninas e meninos.

Durante a pesquisa, percebeu-se que as recorrências encontradas, transformadas posteriormente em categorias analíticas, relacionavam as variáveis aqui estudadas: moda, consumo, luxo e criança. O incentivo da revista ao consumo de luxo (*Luxury*), e ao consumo de moda, (*Fashion*) acabam por aproximar a criança do universo adulto (*Like an adult*). Já as representações de estereótipos de gênero (*Gender*) encontradas na publicação, são construídas por meio da moda (*Fashion*). Por fim, para além de consumo, luxo (*Luxury*) e moda (*Fashion*), nas páginas de *Vogue* percebe-se a presença da criança contemporânea (*Just kids*), cujo o processo de construção de identidade almejamos estudar.

Vivemos um tempo contingente, onde valores estão sendo repensados sem que encontremos respostas definitivas para as questões que emergem. Bauman (2013) chama este momento histórico de modernidade líquida. O mundo é líquido, e o líquido não se mantém em constante forma com facilidade (IBIDEM). Em meio a isso, inserida nesta sociedade provisória, está a cultura contemporânea – que é voltada ao consumo. O autor polonês (IBIDEM, p. 18), argumenta que "hoje a cultura consiste em ofertas, e não em proibições". Ela não impõe normas, mas apresenta opções, a fim de despertar desejo, pois serve ao mercado de consumo. Com base no exposto, pode-se afirmar que as marcas ocupam

o lugar dos antigos símbolos políticos e religiosos, e os objetos passam a representar deuses, ícones (SARLO, 1997). Por isso, a moda e o consumo de moda acabam por servir de meio para a resolução de problemas pertinentes, como o dilema da identidade (CAMPBELL, 2006).

A moda faz parte da cultura contemporânea. Lipovetsky (2005, p. 39) a entende como uma invenção do ocidente, "uma manifestação social do desperdício ostentatório [...], o signo da antitradição, da inconstância, da frivolidade". Por isso, ela pode ser definida como um reflexo do luxo, em função de seu caráter efêmero e transitório, que pode levar ao desperdício. A moda é passageira, por isso, grande parte das novas criações são fadadas a um declínio veloz. Sua volatilidade combina perfeitamente com o momento atual, que é líquido. Por isso, percebe-se uma modernização da moda de luxo. Nos dias de hoje, grifes conceituadas são largamente conhecidas e criadores são considerados celebridades. Estamos experimentando um tempo em que o supérfluo figura como um direito de todos, e em que cresce a cultura do luxo. Devido a isso, a moda invade a televisão e a internet, sendo observada pela massa.

Neste contexto, no qual moda, consumo e luxo adquirem relevância, encontra-se a criança contemporânea. Para Steinberg (2004), a infância está sendo reinventada, pois, como artefato social, ela sofre as mencionadas mudanças que estão ocorrendo no mundo. Diante disso, pode-se afirmar que a criança



dos dias de hoje está também inserida na cultura do consumo. Bauman (2008, p. 73) argumenta que "tão logo aprendem a ler , ou talvez bem antes , a 'dependência das compras' se estabelece nas crianças". Este cenário coloca meninos e meninas diante do mercado, na posição de importante consumidores. Com base nisso, torna-se necessário discutir sobre a maneira como a mídia comunica moda de luxo para pais e filhos hoje. Por isso, iremos relacionar as variáveis criança, consumo, moda e luxo a partir da análise já esclarecida, que será conduzida por meio das categorias apresentadas: Luxury, Like an adult, Fashion, Just Kids e Gender.

Luxury

Viagens ao exterior, passaportes carimbados, destinos badalados e, é claro, bagagens recheadas de roupas grifadas³. Esta é uma das principais temáticas abordadas nas cartas editoriais analisadas nesta pesquisa. Com chamadas em idiomas estrangeiros, como *all my bag are packed*⁴ (2012), as edições de inverno de *Vogue Kids* (publicadas em junho) descrevem um verdadeiro mapa das férias ideais. Todavia, o que não podemos esquecer é que os passageiros da primeira classe deste voo, que é repleto de regras e códigos sociais, são apenas crianças.

Esta e outras formas de se viver uma vida de luxo são ensinadas nas páginas da revista analisada. Vale lembrar que a categoria luxury refere-se a inserção de crianças em cenários opulentos e sofisticados. A partir de uma complexa combinação de textos e imagens, o universo do dispêndio, descrito por Lipovetsky (2005) como característico da moda e do luxo, é reiterado a cada nova edição de Vogue. Em função da opção de se trabalhar com os exemplares de inverno da revista, que em geral são publicadas em junho, observou-se que as férias são um assunto recorrente na publicação. Porém, é relevante salientar que, mais importante do que a diversão e o descanso de seu filho, e até mesmo mais importante do que tudo que ele pode aprender através de intercâmbios culturais, é aquilo que pode ser adquirido em tais passeios. A cultura do consumo, explicada aqui através da teoria de Bauman (2013), é o que fala mais alto. A edição de 2015 é clara ao advertir a mãe Vogue: prestes a ter o segundo filho, Margherita Missoni acaba de lançar sua linha infantil com roupas leves e despretensiosas em estilo 60's. Para trazer na mala já! (2015). Neste caso, em um casamento entre moda e luxo, como explica Lipovetsky (2005), estilistas famosos atingem o patamar de artistas prestigiados.

³ Termo comumente utilizado em revistas e blogs especializados em moda a fim de designar roupas de grife.

⁴ Optou-se por colocar o texto da revista em itálico para que ele seja facilmente diferenciado do texto da autora.



Dessa forma, nota-se que o consumo é um ponto chave no roteiro elaborado pelo periódico. Todavia, trata-se do consumo de artigos que possuam valores que vão além do objeto em si; valores capazes de representar poder e opulência perante o grupo social, valores de luxo (LIPOVETSKY, 2005). Ainda sobre viagens, um tipo de lazer considerado luxo para a maioria dos brasileiros, a revista sempre destaca a importância das bagagens: desembarcamos com malas e bagagens (muitas delas) em São Pedro do Atacama (2012). Esta ideia pode ser relacionada às discussões de Lipovetsky (2005), que sugere que o supérfluo é visto como um direito de todos na atualidade. Outro pronto que não podemos deixar de abordar são os destinos das viagens, sempre internacionais. Sabe-se que viagens internacionais, em geral, requerem um investimento financeiro maior. Por isso, esta prática pode ser relacionada à ideia de exibição pública da fortuna, sugerida por Lipovetsky (2005). No universo do luxo, a riqueza precisa ser apresentada.

Ainda sobre o texto da revista, podemos trazer para reflexão as preocupações que afligem a mãe *Vogue*. A revista sugere que, entre os principais *dilemas que atormentam sobretudo mães de primeira viagem* (2011), estaria a ingestão de certos alimentos na gestação (vinho, sushi e carpaccio) e a prática de uma rotina de beleza durante a gravidez (com direito a cremes para a pele e tintura no cabelo). Esta pauta da publicação reflete e teoria de Lipovetsky (2005) de que o luxo estaria ligado a uma falta de

preocupação com o futuro. Mais do que a saúde do filho recém-chegado, preocupa o conforto da mãe, que não deseja deixar de lado seu cotidiano, que é repleto de rituais superficiais e dispensáveis.

Além das dicas e conselhos para as mães, destacados nos enunciados aqui apresentados, é preciso que se faça uma discussão também a respeito das imagens veiculadas pela revista, principalmente nos editoriais de moda. Nesta seção da publicação percebemos a inserção da própria criança no universo do luxo que é "comercializado" pelo periódico. Um exemplo disso são as fotografias que compõem a Figura 01.



Figura 01 – Materiais luxuosos Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Na Figura 01, observamos crianças vestidas com roupas de visual luxuoso. Materiais nobres, como couro e pele, são explorados nas peças de indumentárias escolhidas para as fotos. Vale ressaltar que tais materiais apresentam longa durabilidade. Entretanto, torna-se um paradoxo o uso de materiais



de longa durabilidade no vestuário infantil, uma vez que as crianças crescem rapidamente e precisam trocar a numeração das peças de seu guarda-roupa no mínimo uma vez a cada estação. Ademais, em algumas das imagens, as crianças encontram-se posando em lugares turísticos, como é o caso da segunda fotografia (esquerda para direita) da imagem, realizada na região do deserto do Atacama, e da terceira fotografia (esquerda para direta), feita na Amazônia. Isso reforça as ideias da revista, que apresenta a possibilidade de viajar como um luxo. Por fim, destaca-se os preços elevados das roupas utilizadas pelos modelos mirins, que são divulgados nas páginas dos editoriais. Tudo isso colabora para o leitor criar uma imagem de luxo, riqueza e sofisticação para o seu filho, visto que ambos, pais e filhos, encontram-se inseridos em uma sociedade de consumidores e "uma sociedade de consumo só pode ser uma sociedade do excesso e da extravagância" (BAUMAN, 2008, p. 112).



Figura 02 – Acabamentos luxuosos Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Seguindo a mesma linha de pensamento, este compilado de fotografias (Figura 02) também retrata as crianças em meio ao luxo. Neste caso, as peças de vestuário escolhidas para a composição das fotos apresentam riqueza em detalhes e acabamentos. Trabalhos como tricôs e bordados manuais levam tempo, por isso, possuem valor elevado no mercado de moda. Como a ideia do luxo está ligada ao desperdício (LIPOVETSKY, 2005), em um momento histórico em que prevalece a produção industrial, o tempo que é "desperdiçado" na confecção de vestimentas únicas e artesanais é transformado em riqueza. Através da ostentação destas roupas, as crianças exibem o *status* da família.

Diante desse panorama, observamos como o periódico apresenta a criança diretamente ligada e um universo de luxo. A partir do visual dos filhos, a mãe *Vogue* exibe um imaginário que remete à riqueza e ao poder da família.

Like an adult

Conforme esclarecido, a categoria de análise intitulada *like an adult* refere-se à inserção da criança no universo adulto. Dentro do objeto analisado, a revista *Vogue Kids*, tal inserção é bastante recorrente e se dá, sobretudo, por meio da moda de luxo. Trajes sofisticados, com modelagens elaboradas e acabamentos luxuosos, ou ainda poses e expressões maduras, fazem parte da imagem de infância veiculada pela revista, que é construída através de crianças que



se comportam e são tratadas como homens e mulheres em miniatura. Esta prática observada no periódico pode ser considerada até mesmo um retrocesso da moda, visto que, em períodos históricos passados, como a Idade Média, as crianças se vestiam da mesma forma que os adultos (PEREIRA, 2010). Com o tempo, as roupas infantis foram transformadas em peças mais confortáveis, condizentes com esta etapa do desenvolvimento humano (IBIDEM). Porém, a infância está sendo renovada, e passa mais uma vez por mudanças (STEINBERG, 2004).

Desse modo, afirmamos que hoje a moda pode servir como ponte de aproximação do mundo infantil e do mundo adulto. Isso fica evidente por meio desta chamada da revista, que declara que *a moda infantil tem dialogado cada vez mais com a moda de gente grande.* Postman (1999) comenta que, na atualidade, as roupas para crianças tornaram-se praticamente idênticas às dos adultos. Em complemento a isso, podemos trazer inúmeras imagens retiradas dos editoriais analisados (figura 03).



Figura 03 – Vestidos como adultos Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Cabe aqui destacar alguns pontos explorados pela revista nas fotografias selecionadas (Figura 03). As roupas escolhidas para as crianças vestirem nos editoriais são, na maioria das vezes, confeccionadas em tecidos planos, portanto são menos confortáveis do que as de malha. Em outras palavras, tais tecidos não representariam uma moda que favorece o desenvolvimento infantil (PEREIRA, 2010). Além disso, as peças são construídas utilizando de modelagens clássicas. Estas modelagens remetem a luxo e sofisticação. Exemplos disso são o trench coat, a camisa social e a calça cargo, que aparecem nas fotografias. Ademais, estas peças são vestidas pelas crianças de maneira alinhada, camisas com colarinho e punhos abotoados, casacos com cintura ajustada; e não de forma descontraída. Tudo isso faz com que, em função das roupas que vestem, meninos e meninas pareçam com miniaturas de homens e mulheres adultos (POSTMAN, 1999).

Soma-se a isso as cores escolhidas para as peças de indumentária divulgadas nas imagens: nada de matizes vibrantes e alegres, mas, principalmente, tonalidades terciárias, como beges, marrons, cinzas e azuis. Tais tonalidades são consideradas neutras e, por isso, elegantes. As padronagens que aparecem nas fotografias retiradas da publicação também são clássicas, destacando-se estampas corridas como o xadrez.

Por fim, não se pode deixar de comentar os acessórios. Pouco usuais no cotidiano infantil, as fo-



tos trazem chapéus e cintos, peças retiradas de um guarda-roupas maduro. Outro exemplo relevante é a bolsa. Criada com a finalidade de auxiliar a mulher a carregar pertences valiosos, como documentos e dinheiro, é um acessório tipicamente adulto. No caso da bolsa exposta pela revista na foto da Figura 03, isso é ainda mais importante, pois o modelo escolhido é uma réplica exata da famosa bolsa Miss Sicily, confeccionada em tamanho reduzido. Tal bolsa é um ícone da grife italiana de vestuário adulto *Dolce & Gabbana*), um clássico acessório de luxo, capaz de representar a frivolidade da moda (LIPOVETSKY, 2005). Isso reforça a ideia de que, assim como a bolsa, as crianças estão também sendo apresentadas, com ajuda da moda, como miniaturas (POSTMAN, 1999).

Além disso, é necessário ainda refletir a respeito das expressões e da postura das crianças nas fotografias que compõem os editoriais de moda da *Vogue Kids*. Conforme Steinberg (2004), há, na atualidade, uma ruptura da representação romantizada da infância, já que a infância está sendo reinventada. Isso pode ser observado nas páginas da *Vogue*, que traz uma criança madura. Seguindo a mesma linha de pensamento, Postman (1999) argumenta que, nos dias de hoje, a mídia representa as crianças da mesma forma que o faz com os adultos. Na maior parte dos casos, a revista estudada mostra crianças sérias, direcionando o olhar para a lente e posando como modelos adultos profissionais, como pode ser observado na Figura 03. Tudo isso colabora para

que a *Vogue* traga as suas leitoras uma nova representação de infância, um retrato das muitas faces da infância de nossos tempos (STEINBERG, 2004).

Fashion

Tendências, estilistas, lançamentos e desfiles: para a *Vogue Kids*, estes são assuntos de família, uma vez que ocupam o pensamento dos pais. Entretanto, estes pais não têm mais motivos para se preocupar, já que a revista aponta a solução, trazendo *o melhor da moda, como sempre.* Com este discurso, o periódico estudado apresenta a infância vinculada a tudo o que faz parte do calendário *fashion.* Isso acontece para que as crianças, desde pequenas, *dêem aula de estilo.* Esta aproximação descrita entre infância e moda pode ser preocupante, uma vez que Buckingham (2012) argumenta que a compra de roupas e acessórios gera ansiedades nas crianças contemporâneas, pois estas escolhas de consumo podem ser decisivas para a aceitação perante o grupo.

Abordando ainda a aproximação entre infância e moda, objetivada pelo periódico, em todas as edições a *Vogue* prepara elaborados editoriais de moda. Dentro de tais editoriais, mais importa a beleza das roupas mostradas e a adequação destas com os modismos do momento do que o conforto e o bemestar dos meninos e meninas que fazem parte das fotografias. Pode-se observar um recorte dos editoriais da revista *Vogue Kids* aqui citados na Figura 04.





Figura 04 – Infância e moda Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Na Figura 04, são apresentadas crianças produzidas em conformidade com as tendências vigentes. Nota-se que a revista recorre a truques de *styling*, como sobreposição de peças e jogo de mistura de estampas (imagem central). Além disso, na foto da direita e na da esquerda, o menino e a menina estão vestindo peças de uma grife conceituada, no caso a *Dolce&Gabbana Children*. Este cenário mostra que, mesmo dentro do universo infantil, a *Vogue* trata a moda como um assunto sério e relevante. Tal seriedade pode ser relacionada às ideias de Lipovetsky (2005), que vê a moda, na atualidade, como uma importante forma de manifestação social. Podemos observar isso também na Figura 05.



Figura 05 – Inverno amazônico Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

O ensaio de moda retratado na Figura 05 foi retirado da edição de inverno de 2014 da revista *Vogue Brasil Kids*. Este ensaio foi realizado na floresta Amazônica, região do país que apresenta clima tropical, com tempo quente e úmido. Todavia, as fotografias em questão deveriam trazer as novidades da moda internacional de inverno. Portanto, independente do calor, as crianças que posaram para tais fotos foram vestidas com casacos, luvas e pele, a fim de estarem alinhadas com os modismos da temporada. Desta forma, o estilo prevaleceu ao conforto, os ditames da moda e a primazia pela aparência (LIPO-VETSKY, 2005) falaram mais alto.

Com esta síntese, percebemos que a moda figura como algo muito importante para o periódico estudado. Isso está de acordo com as ideias de que a moda seria uma forma de ancoragem cultural da atualidade. Tal é a importância do assunto que, muitas vezes, o limite do conforto e do bem-estar da criança é deixado de lado pela revista, em prol de que os pais possam vestir seus filhos com estilo e inovação.



Just kids

Indo na direção oposta das demais categorias de análise, a categoria *just kids* celebra os momentos em que a infância prevalece e a criança aparece como tal, sorrindo e brincado, nas páginas de *Vogue Kids*. Em meio ao excesso de luxo e de informação de modismos, a revista estudada permite alguns respiros, quando o espírito descontraído da infância fala mais alto. Afinal, mesmo na corrida da moda, *o vencedor é sempre quem consegue deixar criança com cara de criança*. Pode-se observar isso na Figura 06.



Figura 06 – Sendo crianças Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Na figura apresentada (06), são mostradas crianças rindo e brincando, sem se preocupar necessariamente com o olhar para a câmera e a postura para as fotos. Isso mostra, que, independente de outros aspectos, em alguns momentos da revista, a essência desta fase é o que fica evidente. Isso

pode ser relacionado às ideias de Pereira (2010). A autora (PEREIRA, 2010) argumenta que a infância é uma fase em que o indivíduo tem necessidade de liberdade, a fim de que possa se desenvolver, o que ocorre também através de momentos de descontração e brincadeira. Além disso, ela (IBIDEM) lembra também que a moda pode ser um meio de marcar a separação existente entre a infância e a fase adulta.

Deste modo, observamos que, mesmo em um cenário de preocupação estética, algumas vezes o espírito infantil prevalece. Nestes momentos, os modelos mirins deixam de ser profissionais e rendem-se às brincadeiras, tão naturais para crianças de sua idade. Em meio à moda, a infância encontra seu espaço.

Gender

A última categoria analisada chamamos de *Gender*. Esta categoria refere-se a momentos nos quais a revista estudada vincula a imagem de crianças a estereótipos de gênero. Sabe-se que há uma divisão cultural entre os papéis e espaços do homem e da mulher na sociedade (BOURDIEU, 2002). Tal divisão manifesta-se também na moda, que trata a indumentária feminina e masculina de maneiras diferentes. As revistas materializam a dita diferenciação trazendo imagens de modelos representando seus respectivos gêneros, algo que pode ser percebido nas páginas da *Vogue Kids*.



A distinção de gênero na infância vem de longa data. Para Pereira (2010), desde o início do século XX a moda infantil para meninas é diferenciada da moda infantil para meninos. Buckingham (2012) complementa afirmando que, na atualidade, há um nítido direcionamento de gênero dos produtos infantis (sobretudo produtos de moda) disponíveis no mercado de consumo. O periódico estudado, a *Vogue Kids*, reflete e reitera isso.

Inseridas na categoria gênero, podemos destacar algumas fotografias da Vogue (Figura 07) em que as meninas são representadas de forma diferente dos meninos. Muitas vezes, nos editoriais de moda estudados, as crianças do gênero feminino aparecem em maior número do que as do gênero masculino. Além disso, em algumas fotos, podemos observar que as meninas estão maquiadas, o que não ocorre com os meninos. Isso acontece, pois historicamente a mulher é relacionada com maior frequência a assuntos que dizem respeito à beleza e à vaidade (o que ocorre desde a infância). Para Lucena (2013, p. 167), "[...] a mulher sempre desejou ser bela, na mesma proporção em que a sociedade sempre cobrou isso dela". As roupas escolhidas também são alinhadas a estereótipos: as meninas, muitas vezes, vestem saias ou vestidos, enquanto os meninos estão de calças. Bourdieu (2002) argumenta que, por diversos períodos históricos, a mulher foi submetida a roupas e acessórios que limitaram os movimentos de seu corpo.



Figura 07 – Meninos e meninas Fonte: Elaborada pela autora a partir de Vogue Brasil Kids (2016)

Diante disso, podemos observar que a revista reflete e reitera os padrões de comportamento distintos de gênero presentes na sociedade. Para a publicação estudada, desde a infância as crianças já devem ser educadas para representarem papéis culturais de homens e de mulheres.

CONSIDERAÇÕES

Na presente análise, chamou a atenção a naturalidade com que o consumo e a moda de luxo são aproximados, pela revista, da infância contemporânea. Além disso, chamou também a atenção o fato de tal consumo acabar por estreitar cada vez mais os lações entre os mundos da criança e do adulto, reiterando inclusive estereótipos de gênero. Vivemos uma cultura de consumo. Apelos da mídia neste sentido fazem parte de nosso cotidiano. Ademais, objetos adquirem valores simbólicos e marcas são largamente conhecidas. Neste contexto, a criança



se familiariza cada vez mais cedo com a lógica do mercado, buscando em artefatos materiais subsídios para a resolução de sua própria subjetividade.

Todavia, é importante refletir sobre este panorama, uma vez que entendemos que objetos não são capazes de preencher as lacunas desse tempo líquido que experimentamos, gerando assim mais questões sem respostas. É preciso que se pense sobre como a comunicação está apresentando o consumismo de moda para as crianças e seus pais. É relevante também que se estude a infância que, como parte da cultura, está constantemente sendo renovada. Neste caso, da cultura do consumo, é necessário que haja uma reflexão sobre o papel dos meninos e meninas desta geração, da mídia e da família neste sentido.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008

BAUMAN, Z. Pós-Modernidade ou vivendo com ambivalência. In: **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUCKINGHAM. D. Repensando a criança-consumidora: novas práticas, novos paradigmas. **Comunicação, mídia e consumo.** 2012.

CAMPBELL, C. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GIRRALDELO, G.; OROFINO, I. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil. **Comunicação, mídia e consumo**. 2012.

LIPOVETSKY, G. Luxo eterno, luxo emocional. In: **O luxo eterno:** da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUCENA, M. As representações do feminino na publicidade. In: LUCENA, M. **Representações de feminino.** Campinas: Átomo, 2013.

PEREIRA, L. M. **Possibilidades de aprendizagem no vestuário infantil:** um estudo exploratório. Dissertação – Universidade estadual paulista, Faculdade de arquitetura, artes e comunicação. Bauru, 2010.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

STEINBER, S. R.; KINCHELOE, J. L. **Cultura infantil:** a construção coorporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



FÓRUM DE PORTO ALEGRE 240 ANOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

PORTO ALEGRE 240TH BIRTHDAY FORUM: MEMORY, IDENTITY AND INTERDISCIPLINARITY

Eliana Cristina Caporale Barcellos (Faculdades EST)¹ Beatriz Alice Weyne Kullmann de Souza (Faculdades EST)²

Resumo: O advento do aniversário de Porto Alegre permitiu a realização, na escola, de um Fórum. Várias atividades voltadas a conhecer os espaços físicos e culturais do bairro, onde a escola está inserida até o centro da capital foram desenvolvidas, destacou-se a memória da cidade ontem e hoje, bem como as perspectivas pessoais de cada discente em relação a ela. Foram abordados temas como: mercado de trabalho, questões linguísticas e curiosidades a respeito de cada bairro que perpassa o caminho até o centro. A oficina tem por objetivo desenvolver a formação identitária, numa perspectiva interdisciplinar, a partir da memória de Porto Alegre. Pretende-se, também: identificar os impactos da urbanização, as transformações linguísticas e as variações regionais características do gaúcho; caracterizar o

mercado de trabalho predominante na região; promover conexões interdisciplinares na abordagem de conteúdos. Esse trabalho constitui uma pesquisa participante das educadoras de Língua Portuguesa e de Física, junto a discentes do Ensino Médio Regular e EJA, em uma escola estadual de Porto Alegre. A oficina agrega diferentes teóricos, tais como: Freire, Pedro Demo, Morin, Coll, Perrenoud. Podese perceber o desenvolvimento de percepções do que se constitui a cidadania efetiva, e identificar as inter-relações entre os componentes curriculares, de forma contextualizada.

Palavras-chave: História. Memória. Identidade. Interdisciplinaridade.

Abstract: The advent of Porto Alegre's birthday allowed the realization of a Forum at school. Several activities aimed to know the physical and cultural spaces of the neighborhood, where the school is inserted, into the center of the capital, have been developed. City's memory stood out from yesterday up to today, as well as the personal perspectives of students in relation to it. Topics discussed included: labor market, language issues and curiosities about each neighborhood that permeates the way to the center. The workshop aims to develop the identity

¹ Mestra em Teologia/Religião e Educação. Doutoranda em Teologia/Religião e Educação na Faculdades EST. Orientador Prof. Dr. Valério Schaper. eccbarcellos@hotmail.com

² Mestra em Teologia/Religião e Educação. Doutoranda em Teologia/Religião e Educação na Faculdades EST. Bolsista CAPES. Orientadora Prof^a Dr. Laude Brandenburg. beatrizalicedesouza@yahoo.com



formation, based on an interdisciplinary perspective, from Porto Alegre's memory. It is intended also to identify the impacts of urbanization, language changes and gaúchos regional variations features; characterize the predominant labor market in the region; promote interdisciplinary connections in the content approach. This work is a participatory research of teachers of Portuguese Language and Physics, along with students from the High School education and Adult education in a state school of Porto Alegre. The workshop brings together different theorists, such as Freire, Pedro Demo, Morin, Coll, Perrenoud. It was possible to notice the development of perceptions of what effective citizenship constitutes in, and identify the interrelationships between the curricular components in context.

Keywords: History. Memories. Identity. Interdisciplinarity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A preparação das situações de aprendizagem que contemple as áreas do conhecimento, respeitadas suas particularidades, tem a finalidade de proporcionar aos educandos e educandas, conforme competências previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de N° 9394/96 para o Ensino Médio, em seu artigo 35, "a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando para continuar

aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores." Com isso faz-se necessário considerar que: os educandos e as educandas são protagonistas de sua aprendizagem; o educador e a educadora tornam-se facilitadores do processo de construção do conhecimento, com ênfase ao percurso realizado pelos discentes e não ao produto final.

Vive-se em uma sociedade global, na qual é imperativa a formação de sujeitos críticos e reflexivos, através da construção de aprendizagens significativas e mais permanentes.

A oficina realizada contempla diferentes atividades, oportunizadas em três etapas, que propiciem a promoção da autonomia dos discentes e o desenvolvimento da capacidade de aprender, através de dinâmicas, trabalhos em grupo, exposição de vídeos, entre outros, com vistas à interdisciplinaridade e à contextualização cognitiva. Desta forma, quanto mais conexões o grupo estabelecer entre as informações, mais eficaz será sua aprendizagem. A oficina visou trabalhar às memórias e à memória do jovem e da jovem da EJA, bem como discentes do ensino Médio regular em uma escola situada na periferia de Porto Alegre, no intuito de promover suas escolhas profissionais futuras e instrumentalizando-os e instrumentalizando-as para uma cidadania responsável, permitindo interagir com os colegas e as colegas e desenvolver habilidades importantes para o mundo do trabalho, tais como: falar em público,



trabalhar em equipe e ser proativo e proativa. As educadoras de Língua Portuguesa e de Física ofertaram dinâmicas de grupo e individuais, confecção de painéis, apresentações orais e sessão de vídeos com as memórias de Porto Alegre.

Contudo, todo processo de engajamento de novas práticas pedagógicas possui desafios e obstáculos que se impõem ao longo da trajetória, na qual se vislumbra ao percorrer.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Vive-se em uma sociedade moderna, a educação, hoje, possui uma árdua tarefa de contemplar os requisitos necessários para atuar nela de forma mais eficaz. Os documentos que norteiam a educação apontam nesse sentido. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9394/96 declara em seu artigo 35:

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; (L.D.B., 1996, p.24)

Pensar em educação para uma cidadania consiste em um trabalho integrador e interdisciplinar, capaz de oportunizar a convergência entre diferentes áreas do conhecimento. Muitas discussões perpassam essa proposta, aliás, a tão falada interdisciplinaridade vem, cada vez mais, ocupando a fala de

muitos pedagogos e pedagogas. O desenvolvimento de atividades integradoras ainda se constitui a grande dificuldade, entre educadores e educadoras, que vem basilar essa proposta.

Pedro Demo (2014, p. 100) salienta a importância de "construir a metodologia do aprender a aprender," na qual a transposição didática de conteúdos memorizados e fragmentados não oferece uma aprendizagem significativa. É sabido que a mera transmissão do conhecimento encontra-se obsoleta para uma sociedade regida por padrões em constantes mudanças. Esse autor ainda reforça:

O aluno que apenas ouve, copia, repete, reproduz, faz prova e cola, não abandona a condição de objeto de domesticação. Precisa ser instigado, provocado, desafiado a contribuir, a desenvolver capacidade de raciocínio, de posicionamento. (DEMO, 2014, p. 107)

Os educadores e as educadoras necessitam rever suas práticas pedagógicas, pois, a construção do conhecimento requer uma visão abrangente e questionadora *do que* e *como* se ensina. Para tanto, urge a necessidade de se inovar, que propiciem atividades capazes de despertar a criticidade e a curiosidade. Rubem Alves (2004, p. 23), em seus falares, já destacava a importância de uma educação que despertasse a curiosidade. "A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome..."

O ensino atualmente não procura instigar à reflexão do educando e da educanda, nem tão pouco a



curiosidade de aprender, o que se percebe são aulas fragmentadas, nos quais os conteúdos são arrolados em um plano anual, distribuídos em trimestres, sem uma proposta integrada ou mesmo sem preocupação de ligação entre os saberes. Os planos de trabalho tornam-se conteudistas, sem um exercício reflexivo do educador ou da educadora das práticas realizadas.

Com base nas palavras de Paulo Freire (1996, p. 33): "Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino." Desta forma, torna-se cada vez mais fundamental a busca de formação docente, de novas metodologias e de repensar sobre as próprias práticas realizadas. Observa-se que educadores e educadoras pouco efetivam esse trabalho reflexivo, pois, possibilita perceber o que pode ser melhorado em termos pedagógicos e o que foi aprendido por parte do corpo discente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de n°9394/96, em seu artigo 37, prevê:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Destacam-se nesse documento *oportunidades educacionais apropriadas*, o que torna pertinente uma abordagem pedagógica diferenciada, na qual estimule e motive jovens e adultos a aprender, visto que estão ausentes do espaço escolar há muito tempo.

Além disso, a discussão existente sobre o desenvolvimento de habilidades e competências para o século XXI tem sido motivo de muitas inquietações e parece ser o grande desafio a ser enfrentado pela educação em todos os níveis de ensino. Ao se abordar sobre competências remete-se a Perrenoud (2000, p. 15), que segundo ele, competência é a "capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações", ou seja, associa-se a capacidade de estabelecer conexões entre os diferentes conhecimentos e saber agir diante das circunstâncias do dia a dia.

Desta forma, a educação ainda carece de modificações, pois, na maioria das vezes, as práticas pedagógicas realizadas ainda encontram-se compartimentalizadas e a prática de avaliação atualmente, na grande maioria, limita-se a levar em consideração o que pode ser mensurado, na qual se ignora o conhecimento prévio do educando e da educanda. Portanto, o ensino-aprendizagem realizado através da fragmentação dos saberes não colabora para o desenvolvimento de competências.

Cabe aqui uma ressalva, a educação deve contribuir para o projeto de vida destes jovens e destas jovens, como também para esses adultos. Pensar em



atividades que possibilitem agregar um maior conhecimento requer, dos educadores e das educadoras, uma formação contínua e um planejamento coletivo.

Aos gestores e as gestoras, como coautores e coautoras da aprendizagem, devem propiciar meios de articulação para motivar o corpo docente e para que novas metodologias sejam introduzidas no ambiente escolar. A educação de qualidade também perpassa a gestão, na qual pode buscar ações afirmativas, no intuito de fomentar práticas inovadoras e facilitadoras da aprendizagem.

A escola possui um papel social importante, pois, colabora para construção da cidadania e essa "é participação, sim, mas participação no planejamento. E isso significa participar dizendo sua palavra, expressando sua opinião, manifestando seu pensamento". (GUARESCHI, 2010, p.50)

A busca para o desenvolvimento da construção da cidadania tem um papel primordial, para que educandos e educandas sintam-se inseridos e inseridas na sociedade, bem como promover sua autoestima e possibilitar a promoção de habilidades e de competências necessárias no mundo atualmente.

IDENTIDADE CULTURAL NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA



Figura 1 - Praça da Matriz - em 1865 Fonte: BASTOS, 1997



Permitindo-se utilizar uma das falas de Cézar Coll (1994, p.30): "Tão importante quanto o que se ensina e se aprende é como se ensina e como se aprende," que as educadoras propuseram uma oficina, capaz de interagir diferentes áreas do conhecimento, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento de habilidades e de competências impostas pelo mundo do trabalho.

Percebe-se que, para estes jovens e estas jovens da EJA, na qual o cotidiano é atribulado, pois precisam trabalhar oito horas e estudar a noite, as aulas carecem ser interessantes e estimuladoras. Além disso, as salas de aula possuem um contingente heterogêneo com faixas etárias muito distantes, em sua maioria entre 18 e 30 anos, o que, muitas vezes, impede uma proposta direcionada a determinados grupos. Já para os e as discentes do Ensino Médio regular a aceitabilidade é maior, visto que é a grande maioria jovem adolescente. Desta forma, a escolha de uma abordagem interdisciplinar e integradora visa a atingir o resultado esperado de aprendizagem em maior número possível de pessoas. É bem verdade, que essa escolha gerou animosidades por uma grande parcela de colegas, pois ainda encontra-se nas escolas um eco ensurdecedor de uma educação bancária, herança na qual uma parcela de profissionais não conseguem se desvencilhar, seja por insegurança ou por medo do novo.

Segundo Pedro Demo (2012, p.67) a capacidade de "saber pensar e intervir de maneira alternativa, crítica e autocrítica" destaca-se como a mais importante nos dias atuais, portanto, a proposta desenvolvida tem como um dos seus objetivos oportunizar a reflexão enquanto cidadãos e cidadãs, sujeitos pertencentes a uma sociedade, na qual atuam. Trabalhar de uma maneira diferenciada evidenciando sua participação e sentirem-se parte do processo é permitir que os educandos e as educandas percebam sua identidade e as fortaleçam. Ainda fazendo referência a atividades interdisciplinares considera--se importante propiciar, conforme (Morin, 2013, p. 31) "uma cultura que lhes permitirá articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos que adquiriram".

A Educação de Jovens e Adultos, em primeiro momento, implica atividades diferenciadas, no intuito de atender a uma população escolar com características específicas: o educando trabalhador e a educanda trabalhadora, visto que esses e essas, por diferentes razões afastaram-se da escola. Logo, a necessidade de uma abordagem pedagógica distinta sempre pautou o discurso de pedagogos e de pedagogas, porém, esta prática na realidade nem sempre ocorre e ainda se mantêm os velhos ranços de conteúdos fragmentados dispostos em períodos, nos quais os discentes não aprendem.



PORTO ALGRE 240 ANOS: A OFICINA

Ao analisar este contexto, as educadoras pensaram em organizar uma oficina que pudessem atender as turmas da EJA, T7, T8 e T9, turno noite, e turmas dos 1ºanos do Ensino Médio regular, turno tarde, com vistas a comemorar o aniversário dos 240 anos de Porto Alegre. Inicialmente, as educadoras com a intenção de resgatar as memórias de Porto Alegre e a memória do educando e da educanda, suas expectativas futuras pessoais e profissionais, traçaram metas a serem atingidas. Convidaram todo o corpo docente e o corpo discente, no caso turno da noite, a participar da oficina durante uma noite e respectivamente os 1º anos do turno vespertino. A primeira reação dos discentes foi de estranheza, porém aceitaram o desafio com muita curiosidade. Já os colegas e as colegas cederam seus períodos, mas poucos participaram efetivamente.

A metodologia empregada foi realizada em três etapas: A primeira, as turmas foram remanejadas para o pavilhão da escola, espaço mais amplo e multifuncional, para dar conta do contingente das turmas. Em seguida, foi apresentado o propósito de estarem ali, bem como o tema da oficina: Porto Alegre, 240 anos. A princípio, muitos questionaram o porquê daquela atividade, entretanto, após considerações feitas pelas educadoras houve rápida aceitação.

Nesta primeira etapa, as turmas permaneceram reunidas com o propósito de oportunizar uma maior

socialização e integração, o que foi possível observar através do clima receptivo das pessoas presentes. Logo após, as educadoras realizaram uma dinâmica inicial, perguntando que diferença havia entre memória e memórias, cada participante deveria escrever uma memória do passado e uma projeção do futuro a partir de seu ingresso na escola. Essa atividade constou de um desenho dos pés, pé esquerdo memórias do passado, pé direito uma projeção do futuro. Após essa atividade, as memórias foram socializadas no grande grupo.

A segunda etapa, os alunos foram deslocados para o hall da escola e foram convidados a assistirem a uma sessão de vídeo: Memórias de Porto Alegre Ontem e Hoje, tendo em vista a semana comemorativa do aniversário da cidade. Durante a projeção foram percebidas imagens antigas de ruas, de transportes, de locais turísticos em comparação aos dias atuais. Ao longo da sessão do vídeo, as educadoras indagavam sobre as transformações ocorridas ao longo do tempo e se era possível que na língua também pudesse ocorrer o mesmo processo. Desta forma, foi introduzido o conceito de língua e por ser dinâmica está sempre em transformação. A analogia permitiu a compreensão do conceito e tornou-se viável realizar algumas inferências a respeito de variações linguísticas.

Para ilustrar essas variações as educadoras apresentaram um vídeo sobre a fala regional gaúcha. O vídeo consistia em um jovem paulista mos-



trando imagens e perguntando para as pessoas na rua o que eram. O rapaz achava hilário os termos usados tais como: cacetinho, lomba, sinaleira, fazer rancho, pechada, refri, quebra mola etc. Simultaneamente, ele dizia a equivalência daquelas palavras na região de São Paulo. Esse vídeo chamou a atenção das turmas, que não conheciam algumas das variações paulistas.

Ainda durante a sessão do vídeo, a educadora, da disciplina de Física, abordou sobre energias: uso do carvão e o surgimento da luz elétrica. Outras considerações foram discutidas, como por exemplo, a sociedade, os costumes antes e depois do advento da luz elétrica.



Figura 2 - Avenida Osvaldo Aranha – cinema Baltimore Fonte: BASTOS, 1997





Figura 3 - Rua dos Andradas Fonte: BASTOS, 1997

A terceira etapa, as educadoras dividiram as turmas em grupos, em que foram sorteados nomes de bairros que compunham a trajetória centro-bairro, onde a escola está inserida. Após sorteio, cada grupo recebeu o texto da história de um bairro. Os grupos, após a leitura do texto, deveriam realizar uma breve exposição contendo: suas principais informações do aspecto histórico, o mercado de trabalho predominante e curiosidades contidas no bairro selecionado.





Figura 4 - Mapa de Porto Alegre Fonte: http://mapas.guiamais.com.br/porto-alegre-rs/agronomia

Durante essa etapa as educadoras monitoravam os trabalhos, indo de sala em sala observar o andamento e execução das atividades. Essa etapa necessitou de um tempo maior para que os grupos pudessem se organizar e realizar o que foi solicitado. Também foram distribuídos materiais, tais como: papel pardo, cartolinas, canetas etc, para a confecção de um painel contendo as informações coletadas durante a leitura do texto. Ao final, o grupo se deslocou para o *hall* da escola e cada grupo apresentou o seu painel de forma criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a proposta realizada procurou-se otimizar, através de uma abordagem interdisciplinar e integradora, conteúdos pertinentes que visem a sua apropriação de forma lúdica e motivadora. A metodologia empregada permitiu uma maior aprendizagem, visto que o grupo pôde realizar as atividades de maneira satisfatória e sem prejudicar os demais componentes curriculares. Na verdade, a abordagem propiciou a



participação efetiva dos educandos e das educandas, o que muitas vezes, consiste na grande queixa por parte do corpo docente.

A interdisciplinaridade facilita o desenvolvimento de conteúdos de maneira que os educandos e as educandas se identificam com a proposta por envolver temas do seu cotidiano e por isso ficam mais pré-dispostos e pré-dispostas à aprendizagem. Ao remeter para questões sobre o mundo do trabalho, é importante salientar que as competências necessárias, exigidas atualmente, devem começar a serem promovidas no ambiente escolar. O trabalho coletivo oportuniza o saber ouvir, respeitar a opinião dos colegas, refletir, intervir diante uma situação problema entre outras. Essas competências são imprescindíveis para uma sociedade moderna, na qual exige pessoas críticas, reflexivas e atuantes. Parafraseando Pedro Demo, a capacidade de saber pensar torna-se ferramenta necessária no contexto em que se vive. Desta forma, as aulas conteudistas e fragmentadas, não viabilizam aprendizagem significativa, apenas a memorização, na qual não agrega sentido.

Atividades interdisciplinares em geral e essa em especial, por retratar a memória da cidade em que vivem essas pessoas, possibilitam a elas se sentirem pertencentes à cidade, o que contribui para a formação cidadã. Portanto, "[...] as identidades sociais são construídas pela história dos indivíduos, assim como são construtoras da sua história futura". (SCHAFFEL, 2013, p.104).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR D Paschoal, 2004. Disponível em:http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F212282%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2F-DesejodeEnsinarBlog.pdf> Acesso em: 15 ago. 2016.

BASTOS, Ronaldo Marcos. **Foto Praça da Matriz**. Do CD-ROM "Porto Alegre - Um Século em Fotografia" Editora da ULBRA, 1997.

BASTOS, Ronaldo Marcos. **Foto Avenida Osvaldo Ara-nha.** Do CD-ROM "Porto Alegre - Um Século em Fotografia" Editora da ULBRA, 1997.

BASTOS, Ronaldo Marcos. **Foto Rua dos Andradas**. Do CD-ROM "Porto Alegre - Um Século em Fotografia" Editora da ULBRA, 1997.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Habilidades e competências no século XXI. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A. Educação, cidadania e comunicação. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt, SOUZA, Rui Antônio de (Org.). **Ensino Médio**: mudanças e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GUIAMAISMAPAS. **Como chegar à Agronomia**. Mapa colorido. Disponível em: http://mapas.guiamais.com.br/ porto-alegre-rs/agronomia>. Acesso em: 25 mar. 2012.





MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: Os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (Orgs). Tradução de Edgard de Assis de Almeida. São Paulo: Cortez, 2013.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACHAFFEL, Sarita Léa. A identidade profissional em questão. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SALVADOR, Cézar Coll. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Tradução Emília de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

VIRAL VÍDEOS. 20 palavras de gaúcho. Mídia: online, duração 4,21 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ahoCvBJ-OMA Acesso em: 29 mar. 2012.



ENSINO DO INGLÊS JURÍDICO E EMPRESARIAL: DESAFIOS DA CULTURA ESTRANGEIRA NA COMPREENSÃO DA TERMINOLOGIA

TEACHING BUSINESS AND LEGAL ENGLISH: TERMINOLOGY CHALLENGES IN A DIVERSE FOREIGN CULTURE

> Elisa Correa Santos Townsend (UNISC)¹ Christiane Heemann (UNIVALI)²

Resumo: O ensino do inglês jurídico e empresarial apresenta desafios inerentes à diversidade de culturas para a compreensão da terminologia. No Direito, como na Administração de empresas, se lida diariamente com expressões e documentos como o contrato social, documentos imobiliários, leis, títulos de crédito, ações da bolsa de valores, ações judiciais, petições, recursos, citação, oficial de justiça, produção de provas judiciais, poder governamental para desapropriação e outros termos jurídicos dos negócios internacionais, ambiente em que, há muito tempo, o inglês é adotado como língua franca. Nos

Estados Unidos, o inglês segue a cultura do sistema da *common law* (baseado em casos, precedentes). No Brasil, vige o sistema da *civil law* (baseado em legislação). A diferença entre sistemas jurídicos torna necessário pesquisar as peculiaridades e dificuldades para transpor o discurso jurídico e negocial de um para outro sistema legal objetivando sua tradução. O maior desafio no ensino do inglês jurídico e empresarial reside na tradução desses termos legais diante das diferenças culturais resultantes da diversidade de sistemas e que levam o professor e/ou tradutor a enfrentar conceitos jurídicos na cultura do idioma de origem (o inglês) que não possuem equivalente exato na cultura da língua alvo (o português). Estuda-se, então, possíveis soluções.

Palavras-chave: Inglês Jurídico e Empresarial. Ensino de Inglês Técnico e Acadêmico para fins Específicos. Cultura e Identidade. Clareza e Diversidade.

Abstract: Teaching³ legal and business English entails facing challenges to understanding its terminology. Such ordeals are inherent to the cultural diversity. In Law, as in Business, one deals with expressions, legal documents on a daily basis, such as bylaws (or

¹ Elisa Townsend, Mestranda-Letras UNISC bolsa CAPES, Especialização-Direito UFRGS, Bacharel-Direito e Administração-PUC, Professora-Tradutora inglês jurídico e empresarial elisacst0@gmail.com.

² Christiane Heemann, Doutora em Linguística Aplicada-UCPel, Especialista em Educação: Docência em EAD – PUCRS. Doutorado Sanduiche -CAPES Univ. Bath-UK - cheemann@univali.br.

³ Todas as traduções realizadas no presente trabalho são de responsabilidade das autoras, exceto onde expressamente manifesto em contrário.



operating agreement, for limited companies), real estate documents, acts, commercial papers, stocks, lawsuits, motions, appeals, summons, process server, discovery process, eminent domain and other international business related terms, area in which, long ago, English was adopted as the lingua franca. The US Legal English follows the culture of the common law (based on cases, precedents). Brazil adopts the civil law system (statutory). The difference between systems makes the study of the particularities and difficulties inherent to the legal/business discourse necessary to properly translate from one legal system to another. The toughest problem in teaching legal and business English lies in translating these legal terms within the cultural differences resulting from the diversity of the two legal systems that relate to legal concepts from the culture of the source language (English) that has no exact equivalent in the target language culture (Portuguese).

Keywords: Legal and Business English. Teaching EAP and ESP. Culture and Identity. Clarity and Diversity.

INTRODUÇÃO

Um tópico de interesse no cenário dos diálogos interdisciplinares é o ensino do inglês para fins específicos: o inglês jurídico e empresarial. A busca de aperfeiçoamento da formação acadêmica com cursos de mestrado no exterior apresenta marcada

presença no âmbito da Administração de empresas e do Direito. Não raro, antes de ingressar no curso pretendido, o candidato deverá comprovar conhecimento do jargão profissional no idioma inglês como língua franca. O inglês jurídico inclui várias áreas de conhecimento; o inglês empresarial, desde documentos societários necessários à constituição da empresa (como o contrato ou estatuto social), passando pela terminologia sobre procedimentos de modificação das empresas (fusão, cisão, incorporação, etc.), além de documentos imobiliários, leis, títulos de crédito, ações (da bolsa de valores), ações judiciais, petições, recursos, citação, oficial de justiça, procedimento quanto a provas judiciais, (poder governamental para) desapropriação, todos estes são pontos de intersecção entre a terminologia atinente a ambos, inglês jurídico e empresarial - ou seja, tais termos deverão ser conhecidos por ambos, profissionais da área jurídica ou empresarial, a fim de desempenharem suas funções com excelência no mercado competitivo contemporâneo. A terminologia destas áreas nos países onde vige o sistema legal da Common Law, por exemplo, os Estados Unidos da América e a Inglaterra, frequentemente carece de correspondência exata na tradução ao português, dificultando, assim, o ensino e a compreensão do inglês técnico jurídico e empresarial. Neste artigo, então busca-se solucionar o problema através da comparação de conceitos entre os dois sistemas legais, da civil law e da common law, antes de traduzir



os termos ao português. E, após, propõe-se elaborar glossários ou corpora específicos para os fins de ensino e/ou tradução em pauta.

INGLÊS TÉCNICO EM CULTURAS DIVERSAS - DIFICULDADES NA CORRESPONDÊNCIA TERMINOLÓGICA

Em um tratado especializado sobre tradução jurídica sob a perspectiva comparada no âmbito do Direito Civil, o qual analisa documentos, contratos e formulários, Vázquez y del Árbol (2014) permite--nos aferir, entre outros, os seguintes pressupostos: que a internacionalização da terminologia jurídico empresarial desenvolveu-se a tal ponto que escritórios de advocacia e empresas internacionais têm necessitado traduzir seus documentos do inglês a outros idiomas, e vice-versa, a fim de garantir uma terminologia escorreita, que guarde correspondência nos dois idiomas e fidedignidade ao texto original; que o inglês já é a língua franca dos negócios internacionais há um bom tempo; que há muitos documentos e termos jurídicos que fazem parte desta linguagem de uso diário no âmbito empresarial e na sociedade; que há dificuldades quanto à tradução da terminologia dos gêneros textuais jurídicos e empresariais em inglês e quanto à transposição desta terminologia de um sistema jurídico para outro. Partindo-se destes pressupostos, vejamos exemplos da terminologia jurídica e empresarial que podem oferecer dificuldade na busca de uma tradução fidedigna ao texto original

Exemplos de terminologia do inglês jurídico e empresarial de complexa tradução e adequação ao português e ao sistema legal brasileiro

De acordo com Vázquez y del Árbol (2014, p.23), a palavra ley, em espanhol, raramente é traduzida como *law*, em inglês, mas sim como *act*. Para leitores do Brasil, de Portugal e outros países lusófonos que adotem o sistema da civil law, o exemplo se aplica ao termo lei, do português: sempre que se refira à legislação ou regra, raramente se traduzirá como law em inglês, mas sim como act. Corroborando com a assertiva de que o significado de palavras tais como lei variam de acordo com a conotação na qual se inserem, Vázquez y del Árbol cita De Torres (1998, p. 447): "Basta pesquisar palavras como 'law', 'right', 'contract' em um dicionário monolíngue para concluir que, tudo, depende"4. Fazendo o raciocínio contrário, a palavra act do inglês traduzida literalmente por um dicionário bilíngue comum (isto é, não técnico) obterá, em português, o vocábu-

⁴ No original, em inglês, está: "One must only look up words as 'law', 'right', contract' in a monolingual dictionary, to find that it all depends".



lo ato, enquanto sua tradução correta na conotação jurídica seria lei. Por exemplo, no corpo legislativo chamado RESPA⁵ (Real Estate Settlement Procedures Act), que é uma lei aplicável às transações imobiliárias nos EUA, o termo Act significa lei e a expressão Lei de Procedimentos de Documentação das Transações Imobiliárias parece-nos uma tradução razoável para seu correspondente em inglês⁶, passível de incluir todas as implicações e elementos contidos nas previsões da RESPA. Por outro lado, a palavra law, do inglês, façamos uma breve explanação para o propósito ad hoc⁷ e, para um maior aprofundamento sobre o assunto, remeta-se a Calabresi (2009) e Cross (1991): conforme a intenção do redator do texto, o termo law poderá corresponder a uma série de vocábulos na língua portuguesa, exemplificativamente: Direito (como campo de estudo), direitos (como faculdades que uma pessoa pode legalmente

exercer) e, excepcionalmente, *lei* (corpo legislativo). Complementando esta noção quanto à variedade de nuances de que um termo pode se revestir, Vázquez y del Árbol (2014, p. 22) bem relembra que o "ordenamento jurídico não é inalterável, muda conforma a sociedade se adapta aos novos tempos, de forma que as palavras podem ter seu sentido modificado ou ampliado"8. Cumpre, aqui, ressaltar pontos esclarecedores ao que foi dito anteriormente. Mantenha-se em mente que, quando se diz que o direito da common law é baseado em precedentes e o direito da civil law é baseado em legislação, esta generalização é mero expediente que permite oferecer uma breve explicação para situar o leitor não jurista no cenário sobre o qual se debate, mas que tende a ser - e disto temos consciência - reducionista e limitada para o estudioso meticuloso do tema - particularmente o jurista, o qual poderá suprir esta lacuna

⁵ Disponível no repositório legislativo da Universidade de Cornell em https://www.law.cornell.edu/uscode/text/12/chapter-27. Acesso em: 22 ago. 2016.

⁶ Anteriormente, cogitamos o uso da expressão *Lei de Procedimentos de Liquidação das Transações Imobiliárias* como tradução para RESPA, opção que preterimos em prol da expressão adotada supra em face ao fato de que o vocábulo *Liquidação* poderia excluir procedimentos não relativos a liquidação e que podem estar envolvidos nas transações imobiliárias dos EUA. Ao fazê-lo, adotamos a técnica tradutológica chamada de generalização – isto é, o emprego de um termo mais abrangente, mais geral - consoante Vázquez y del Árbol (2014, p.330, item 11), no intuito de garantir a inclusão de todos os itens cobertos pela lei em referência. Esta técnica é consagrada e amplamente debatida por outros autores, não constituindo inovação, tal qual constitui a técnica da comparação conceitual jurídica.

⁷ Dissemos *breve* em face à limitação espaço-temporal que ora nos restringe, porque o tema, *de per se*, daria azo a artigos e tratados que, inclusive, já foram escritos e, por isto, despiciendo tentar repetir o feito.

⁸ Do original, em espanhol: [El] "ordenamiento jurídico no es inalterable, cambia conforme la sociedad se adapta a los nuevos tiempos, por lo que las palabras pueden modificar o ampliar su sentido". Vázquez y del Árbol (2014, p. 22).



verificando as referências anteriores, especialmente Calabresi (2009). Opta-se por este recurso em face ao propósito hora perseguido, que não tem por escopo principal a cientificidade jurídica, mas sim a instrumentalidade do estudo dos conceitos do direito comparado no auxílio à tradução terminológica. Até porque o foco da obra de Calabresi mencionada debate justamente a tendência contemporânea a uma metamorfose nos sistemas que tem resultado, de um lado, numa jurisprudentificação do sistema da civil law - no qual o precedente, tradicionalmente não obrigatório e servindo como fonte secundária do direito, tem angariado espaço em esferas como, por exemplo, o direito tributário e seus 'incidentes de uniformização de jurisprudência' tal como se verifica hoje no Brasil e que se assemelha à aplicação do precedente da common law - e de outro lado, a legislativização (statutorification, que é o termo usado em inglês por Calabresi) do sistema da common law, na qual estatutos (leis) têm angariado espaço, situação que ora exemplificamos com a RESPA, lei que rege as transações imobiliárias dos EUA referida anteriormente.

Retornando à Vázquez y del Árbol (2014, p.329-335) e à razão de ser da presente seção, que é prover exemplos, a autora menciona os termos do inglês *solicitor*, *trust* e *notary public* cuja acepção jurídica não

corresponde à tradução "palavra por palavra" para o espanhol em razão das diferenças de origem cultural e de sistemas legais. Os conceitos jurídicos da cultura e do sistema jurídico de origem (inglês) não correspondem com os mesmos elementos no idioma e sistema meta (espanhol). Analogamente, os três vocábulos guardam a mesma dificuldade com o português. O termo solicitor no inglês jurídico britânico designa uma espécie de advogado na hierarquia jurídica deste sistema. O dicionário Houaiss de inglês--português (1982, p. 734) prevê como tradução não técnica do vocábulo, os termos solicitador, angariador, dentre outras opções que oferece (inclusive algumas jurídicas). Quanto à palavra trust, no sentido comum, significa confiança. No sentido empresarial pode significar fundo de investimento ou aplicação financeira (trust fund). Já o vocábulo trust aplicado à expressão imobiliária trust deed, de acordo com a lei RESPA anteriormente abordada⁹, seria uma escritura que transfere a propriedade de um imóvel (com a ressalva de que a terminologia pode sofrer leves modificações conforme a região a que se refere, relembrando que o sistema legal norteamericano permite certa autonomia a cada um dos estados). Relativo ao termo notary public, muito pode ser dito e tentaremos ser breves no intuito de manter-nos dentro dos limites ora propostos. No Brasil, a expressão notário

[°] Para um exemplo de *trust deed* (também chamada de *deed of trust*), veja-se o documento que optamos por não anexar ao presente trabalho em face a sua extensão, de dezoito páginas. Encontrável em http://www.nclc.org/images/pdf/foreclosure_mort-gage/counseling_resources/sample_documents/app_d_deed_of_trust.pdf.



público seria a tradução literal. O notário público é um oficial dotado de fé pública para emitir, reproduzir e/ou notarizar documentos com validade em todo o território nacional brasileiro, razão pela qual diz-se que seus atos notariais são dotados de *fé pública*, isto é, autenticidade presumida. Diversamente, nos Estados Unidos qualquer funcionário de banco, de empresas imobiliárias, dentre outros, podem solicitar ao governo do estado a emissão de uma permissão para ser *notary public* que, geralmente, e citamos como exemplo o estado do Tennessee, durará quatro anos, podendo sua renovação ser solicitada indefinidamente enquanto o solicitante desempenhar função que requeira possuir o selo de notário

público, o qual imprime nos documentos que pretende notarizar junto com sua assinatura e data¹⁰.

Antes de finalizar a presente seção, mencione-se brevemente outros exemplos de termos jurídico-empresariais cuja tradução do inglês ao português apresenta potencial interesse aos destinatários da presente investigação e que nem sempre são facilmente encontráveis pelo tradutor. Ao instituto do *crossclaim* ou *cross-motion*, conforme comparação de conceito jurídico em Garner (2009, p. 1106)¹¹ com o português (NCPC¹², artigos 343 e seguintes)¹³ e com Kinsella (1994, p. 1286)¹⁴, propõe-se a tradução como o instituto brasileiro da *reconvenção*. A expressão norteamericana *motion for resettlement*,

¹⁰ Selo este que, por curiosidade, uma das autoras deteve por oito anos (comissão de quatro anos adicionada a uma recondução de mais quatro anos).

¹¹ Conforme Garner (2009, p. 1106): *Cross-motion.* A competing request for relief or orders similar to that requested by another party against the cross-moving party, such as a motion for summary judgment or for sanctions.

 $^{^{12}}$ NCPC – Novo Código de Processo Civil Brasileiro de 16 de março de 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹³ NCPC, Artigo 343: "Art. 343. Na contestação, é lícito ao réu propor *reconvenção* para manifestar pretensão própria, conexa com a ação principal ou com o fundamento da defesa.

^{§ 1}º Proposta a *reconvenção*, o autor será intimado, na pessoa de seu advogado, para apresentar resposta no prazo de 15 (quinze) dias.

^{§ 2}º A desistência da ação ou a ocorrência de causa extintiva que impeça o exame de seu mérito não obsta ao prosseguimento do processo quanto à reconvenção.

^{§ 3}º A reconvenção pode ser proposta contra o autor e terceiro.

^{§ 4}º A reconvenção pode ser proposta pelo réu em litisconsórcio com terceiro.

^{§ 5}º Se o autor for substituto processual, o reconvinte deverá afirmar ser titular de direito em face do substituído, e a *reconvenção* deverá ser proposta em face do autor, também na qualidade de substituto processual.

^{§ 6}º O réu pode propor reconvenção independentemente de oferecer contestação.".

¹⁴ Kinsella (1994, p. 1286): Couterclaim or crossclaim: "Incidental demands are reconvention, crossclaims, intervention, and the demand against third parties. A reconventional demand is equivalent to a counterclaim".



após comparação conceitual entre Garner (2009, p. 1107)¹⁵ e o teor do texto em português do NCPC (Novo Código de Processo Civil Brasileiro de 2015, que entrou em vigor em 2016) em seu artigo 1022¹⁶, corresponderia ao remédio brasileiro de *embargos de declaração*. Comparando a definição do FRCP dos EUA (Federal Rule of Civil Procedures)¹⁷ para o vocábulo *summons*, previsto na *Rule 4* ¹⁸, com a noção

prevista no capítulo III do NCPC¹⁹, pode-se concluir que seu correspondente no sistema legal brasileiro e no idioma português seria o *Chamamento ao Processo* (tomando-se ambos os termos, em inglês e português, na esfera genérica); e, adentrando uma espécie deste gênero, o termo *process service* (geralmente realizado por um *process server*), que é encontrado no mesmo ordenamento jurídico citado supra (isto

III - corrigir erro material.

Parágrafo único. Considera-se omissa a decisão que:

I - deixe de se manifestar sobre tese firmada em julgamento de casos repetitivos ou em incidente de assunção de competência aplicável ao caso sob julgamento;

II - incorra em qualquer das condutas descritas no art. 489, § 1º.

Art. 130. É admissível o chamamento ao processo, requerido pelo réu:

I - do afiançado, na ação em que o fiador for réu;

II - dos demais fiadores, na ação proposta contra um ou alguns deles;

III - dos demais devedores solidários, quando o credor exigir de um ou de alguns o pagamento da dívida comum.

Art. 131. A citação daqueles que devam figurar em litisconsórcio passivo será requerida pelo réu na contestação e deve ser promovida no prazo de 30 (trinta) dias, sob pena de ficar sem efeito o chamamento.

Parágrafo único. Se o chamado residir em outra comarca, seção ou subseção judiciárias, ou em lugar incerto, o prazo será de 2 (dois) meses.

¹⁵ Consoante Garner (2009, p. 1107): *Motion for resettlement.* A request to clarify or correct the form of an order or judgment that does not correctly state the court's decision. The motion cannot be used to request a substantial change to or amplification of the court's decision.

¹⁶ NCPC Art. 1.022. Cabem embargos de declaração contra qualquer decisão judicial para:

I - esclarecer obscuridade ou eliminar contradição;

II - suprir omissão de ponto ou questão sobre o qual devia se pronunciar o juiz de oficio ou a requerimento;

¹⁷ Disponível em https://www.law.cornell.edu/rules/frcp/rule_4. Último acesso em 10 de maio de 2016.

¹⁸ Que prevê: "According to the 'Rule 4 – Summons' of the FRCP (Federal Rules of Civil Procedure): (...) (2) *Amendments*. The court may permit a summons to be amended. (b) Issuance. On or after filing the complaint, the plaintiff may present a summons to the clerk for signature and seal. If the summons is properly completed, the clerk must sign, seal, and issue it to the plaintiff for service on the defendant. A summons—or a copy of a summons that is addressed to multiple defendants—must be issued for each defendant to be served. (c) Service".

¹⁹ NCPC Capítulo III: DO CHAMAMENTO AO PROCESSO



é, a FRCP, Rule 4), a comparação conceitual de sua definição em inglês com o que está prelecionado em português no artigo 131 do NCPC já citado nos leva a decidir por sua tradução como *citação*. Estes são apenas alguns poucos dentre muitos outros exemplos dignos de estudo.

COMPARAÇÕES CONCEITUAIS NA TRADUÇÃO E ENSINO DE TERMINOLOGIA DO INGLÊS JURÍDICO E EMPRESARIAL

Nos últimos anos a produção acadêmica referente à terminologia jurídica e empresarial no tocante a sua tradução entre idiomas e sistemas legais tem rendido frutos além do esperado na esfera internacional, sobressaindo-se os autores europeus que, diante da Comunidade Europeia e suas diretivas, as quais incluem, em certos casos, o direito dos sujeitos envolvidos em discussões jurídicas em obter tradução/interpretação de todo procedimento a seu idioma, viram-se compelidos a debater o tema mais a fundo do que nosso mercado, em geral, da América Latina. Dentre outros, Millet (2013), compreendendo a complexidade da tarefa, recomenda uma abordagem funcional na escolha de palavras

para a tradução no sentido de que seja dotada não apenas de precisão, mas também que soe natural e mantenha uma função similar ao texto fonte. No dizer da autora: "a tradução deve dar a impressão de ser um documento original, escrito por um especialista no assunto. Em outras palavras, os tradutores devem produzir textos na língua-alvo que sirvam à mesma finalidade que aquele texto da língua de origem" (p. 255)²⁰. Ademais disto, frisando a diplomacia e tato com que o tema deve ser trabalhado, Ramos (2013), ao estudar a tradução jurídica na OMC (Organização Mundial do Comércio) afirma que dentre suas funções estaria a de garantir uma comunicação confiável dentro da organização, cujo objetivo é reduzir os obstáculos ao comércio internacional. De seu aporte pode-se aferir a profundidade das consequências que a tradução jurídica e de negócios pode gerar. Para o autor, os documentos de negociação que chegam à OMC demandam atenção especial dos tradutores porque "refletem equilíbrios delicados, como resultado de várias camadas de formação de compromisso entre diferentes grupos com pontos de vista inicialmente conflitantes" (p. 268-269)²¹ e que passaram por um processo lento e gradual até alcançar a negociação final.

²⁰ No original: "'the translation must give the impression of being an original document, written by a specialist of the subject matter. In other words, translators must produce a text in the target language that serves the same purpose as that in the source language'" (MILLET, 2013, p. 255).

²¹ (...) "Reflect delicate balances as a result of several layers of compromise-building between different groupings with initial conflicting views" (p. 268-269).



Entretanto, como resultado das contribuições acadêmicas recentes sobre o tema sobressai-se uma questão que, por sua incidência repetida, e pelo teor de sua retórica argumentativa, convenceu-nos a tal ponto de conceder a esta ideia espaço central em nossa proposição. Qual seja, a ideia de que já não basta o funcionalismo por si só com a noção de que os termos traduzidos devem servir à mesma finalidade ou função que o texto da língua de origem, e de que o documento se pareça com o original, consoante sugerido supra. Já não basta, tampouco, que os termos traduzidos sejam escolhidos com tato no intuito de reduzir os obstáculos ao comércio internacional conforme citado. É necessário, para além disto, trasladar a atividade tradutória a uma esfera mais completa, que supra com mais eficiência as demandas da terminologia jurídica e empresarial. Dentre os autores europeus com publicações recentes, um bom número tem defendido o uso de técnicas de tradução envolvendo estudos comparativos dos conceitos existentes nos documentos e dos institutos conceituais jurídicos encontrados nas duas culturas e idiomas durante a busca de uma tradução terminológica fidedigna. Senão vejamos.

Comparação conceitual – visão de alguns dos autores que defendem o uso do direito comparado na solução dos desafios terminológicos do ensino e da tradução do inglês jurídico e empresarial

Em artigo intitulado Direito Comparado na Tradução: A chave para a mediação exitosa entre sistemas jurídicos²², Engberg (2013) faz uma sugestão brilhante – que, ao que parece, tem se espalhado no mercado de ideias de muitos autores desta esfera. O autor preconiza a realização da comparação conceitual de um conceito jurídico encontrado em um dos sistemas jurídicos com aquela encontrada no outro sistema jurídico (que está no outro idioma), usando esta técnica de tradução legal para uma melhor compreensão e localização do termo a ser traduzido, obtendo, assim, uma comunicação mais próxima daquela pretendida como resultado. A isto ele chama de comparações conceituais na tradução:

(...) Em todos os casos em que não haja uma equivalência plena, os tradutores necessitam tomar uma decisão com respeito a quais diferenças desempenham papel de relevo na situação em que o TT (texto meta) irá operar. "(...)" Uma das diferenças entre o direito comparado e a terminologia jurídica/tradução jurídica reside em seu objeto de estudo: tradicionalmente o direito comparado se preocupa em comparar as regras, enquanto a tradução jurídica se inte-

²² No original, em inglês: "Comparative Law for Translation: The Key to Successful Mediation between Legal Systems" (in Albi, 2013, p. 9-26).



ressa em comparar conceitos "(...)". Uma abordagem recentemente desenvolvida, batizada como comparações conceituais, avançou um passo no sentido de começar a comparar os conceitos propriamente ditos e, consequentemente, os significados operantes nos textos. A ideia (...) é substituir a abordagem funcional do direito comparado com uma abordagem mais conceitual. Enquanto o funcionalismo se concentra em institutos jurídicos e regras como soluções para os problemas da sociedade empregando este aspecto como tertium comparationis, a abordagem das comparações conceituais se concentra nas estruturas conceituais subjacentes aos institutos e regras a serem comparados". (ENGBERG, 2013, p. 16) ²³.

Cremos, a ideia do autor de usar conceitos do direito comparado para tradução jurídica seja a solução ideal, além de indispensável para qualquer tradução legal ou empresarial que necessite manter fidedignidade ao texto fonte. Tal proposta, como uma solução para traduções trans-sistêmicas, é de há muito praticada por aqueles que realizam tradução jurídica, mas que, no entanto, raramente se encontra posta em palavras e arguidas desta maneira. Daí resulta a importância de proposições como esta.

Não é tarefa a ser subestimada a tradução de termos técnicos jurídicos ou empresariais. Um termo mal selecionado pode causar resultados indesejáveis e, potencialmente, efeitos reflexos encadeados. Imagine-se o caso de um documento que contivesse a palavra appeal e o tradutor ou professor de inglês técnico a traduzisse como apelação. Como estas duas palavras são falsos cognatos, o leigo terá a impressão de que está corretamente traduzida. Todavia, no Brasil, em português, o vocábulo apelação refere-se a um remédio jurídico aplicável somente a certo e específico caso e desde que estejam presentes certos pressupostos – em outras palavras, é uma espécie de remédio legal. Enquanto que o vocábulo appeal, do inglês, no sistema dos Estados Unidos, refere-se a um gênero de remédios dentro do qual caberia classificar várias espécies. Trocar um pelo outro poderia gerar consequências indesejáveis se considerarmos que a apelação é cabível apenas em certos casos e presentes dados pressupostos, possuindo um determinado prazo para ser interposta. Voltemos a atenção para outro exemplo: ao deparar-se com o vocábulo crossclaim ou cross-motion, o tra-

²³ Em inglês, no texto original: "(...) In all cases where no full equivalence exists, translators have to make a decision as to what differences play a role in the situation in which the TT (target text) has to function." (...) "One of the differences between comparative law and legal terminology/legal translation lies in their object of study: comparative law is traditionally interested in comparing rules, whereas legal translation is interested in comparing concepts" (...). "A recently developed approach, the so-called *conceptual comparisons*, has taken a step towards comparing the actual concepts and thus the meanings at work in the texts. The idea (...) is to replace the functional approach to comparative law with a more conceptually oriented approach. Where functionalism concentrates upon legal institutions and rules as solutions to problems in society and uses this aspect as *tertium comparationis*, the conceptual comparisons approach focuses upon conceptual structures behind the institutions and rules to be compared". (ENGBERG, 2013, p.16).



dutor, jurista ou linguista brasileiro que não possua conhecimento resultante de estudo ou experiência prévia não terá ideia de como traduzir estes vocábulos, exceto se conhecer o conceito deste instituto em sua cultura de origem, nos Estados Unidos. Buscar tal conhecimento conceitual é exatamente o que propôs Engberg com suas *comparações conceituais*. Resta, assim, mais esclarecida, com casos práticos de terminologia, a razão pela qual não se pode subestimar as dificuldades de traduzir e/ou ensinar termos jurídicos ou empresariais.

Escada evolutiva do estudo comparado da terminologia da civil law e da common law em inglês e espanhol aplicada ao português e ao ensino do inglês jurídico e empresarial

O método de estudo comparativo de termos encontrados na cultura jurídico-empresarial do estado da Louisiana (o qual, ao lado do território de Porto Rico, são os únicos redutos dos EUA onde vigora o sistema da Civil Law) oferece um recurso que pode se revelar hábil a auxiliar na tentativa de mitigar a dificuldade de transposição de termos de um sistema jurídico para outro no ensino do idioma instrumental e, para tanto, buscamos subsídios teóricos em Kinsella (1994) e Lunn (2012). O primeiro, compara a terminologia da *common law* predominante nos Estados Unidos com àquela do sistema da *civil law* utilizada no estado da Louisiana (EUA), tudo

isto em inglês. O segundo, estuda o uso do código civil da Louisiana (no qual vige o sistema da *civil law*) em inglês como auxílio para a tradução de termos jurídicos entre o espanhol e o inglês.

Parte-se, então, destes estudos comparados previamente realizados e propõe-se aplicar as conclusões aproveitáveis de tais pesquisas comparativas para novo propósito: utilizar o aporte de Kinsella (1994), que contrapõe os dois sistemas legais - da common law e da civil law - dentro do mesmo idioma (o inglês) e aproveitar o estudo de Lunn (2012), que avança um passo a mais preconizando a tradução de termos jurídicos entre o espanhol e o inglês com o auxílio do código civil da Louisiana. A partir de tais comparações, para fins didáticos, sugere-se encontrar os termos correspondentes em português – e dentro do sistema da *civil law* – para expressões do inglês originalmente encontradas no sistema jurídico da common law. Propõe-se como hipótese empregar estes estudos comparados entre civil law e common law, entre inglês e espanhol na tentativa de facilitar a localização do termo mais adequadamente correspondente no português e na esperança de que - embora não contando com que - a proximidade linguística entre os dois idiomas, espanhol e português, possa auxiliar nesta busca. Para tanto, imagine-se uma escada evolutiva, onde o primeiro degrau, escalado por Kinsella, em 1994, constitui-se em comparar os sistemas legais da common law e da civil law em inglês, obtendo como avanço a compa-



ração dos termos correspondentes entre os dois sistemas de maneira intralingual - ou seja, dentro do idioma inglês. No seguimento, o segundo degrau, perseguido por Lunn em 2012, evoluiu um passo adicional na investigação ao buscar a tradução dos termos jurídicos entre o inglês e o espanhol – agora, de forma interlingual – utilizando-se, para tanto, do código civil da Louisiana, escrito em inglês mas no sistema da civil law.

Foi a partir deste cenário que vislumbramos como direção lógica e próximo passo a seguir na trilha do ensino do inglês jurídico e de negócios a persecução da uma terceira etapa, qual seja, buscar termos equivalentes na civil law para uma tradução ao português desta terminologia do sistema legal da common law com respeito a palavras de uso comum e que se interseccionam na esfera do direito e empresarial. Resumindo a metodologia da sistemática supra, para chegar-se à terminologia buscada passar-se-ia por uma cadeia de estudos comparativos entre sistemas jurídicos e idiomas. No desenvolvimento do trabalho, utiliza-se noções básicas da teoria da tradução tais como a correspondência e a equivalência, testando a plausibilidade do resultado a fim de confirmar ou rejeitar a técnica da "comparação conceitual" trans-sistêmica como solução ao problema proposto. O seguimento e resultado das proposições em pauta apenas será alcançado ao longo da continuidade da investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das expressões jurídicas estudadas, muitos outros vocábulos de ordem similar poderiam ser analisados através da metodologia proposta acima de comparação conceitual de Engberg (2013), utilizando o resultado como ferramentas no intuito de se desenvolver corpora terminológicos ad hoc que possam auxiliar na tradução jurídica destes - e de outros - termos. Neste sentido, Vigier Moreno (2016) menciona que a tradução de textos jurídicos costuma ser uma tarefa assustadora para estudantes de tradução, que normalmente não possuem formação jurídica adequada, tornando a atividade ainda mais intimidante quando se trata da tradução para a segunda língua (isto é, para nós, brasileiros, do português ao inglês). O autor sugere que os tradutores em formação busquem se aperfeiçoar e dominar as competências necessárias para verter textos jurídicos para sua segunda língua com êxito a fim de, posteriormente, poder atender a essa demanda real do mercado de trabalho. E que, para tanto, se utilizem de corpora ad hoc, criados para aquele tipo de tradução. Em seu artigo, Vigier Moreno explora até que ponto corpora monolíngues ad hoc podem ser úteis na tradução de textos jurídicos para a L2 considerando que os corpora ajudam a recuperar informações fraseológicas bem como discursivas que possibilitam uma tomada de decisões tradutórias mais bem informadas e que, em consequência,



podem auxiliar no aumento da autoconfiança dos estudantes, estimulando a autonomia do aprendizado. Nas palavras do autor²⁴:

Como os corpora permitem ao estudante verificar unidades léxicas, fraseológicas e textuais para além de sua intuição ou conhecimento prévio, superar as limitações das ferramentas lexicográficas e, consequentemente, tomar decisões tradutórias mais informadas" (...), acabam surtindo efeitos imediatos na autoconfiança dos alunos, incentivando a autonomia no aprendizado (...). (p. 104).

Zanettin (2014, p. 2-11) defende ideia que se coaduna com, bem como segue as linhas de Vigier Moreno acima, adicionando um neologismo, que é o *DIY Corpora (do it yourself corpora)*, seja monolíngue ou bilíngue, de caráter descartável, para uso em casos concretos (p. 2). Unindo a proposição de comparação conceitual de institutos jurídicos e suas definições nos dois sistemas e nos dois idiomas como forma de traduzir a terminologia jurídico-empresarial de maior complexidade, com a proposta de criação de *ad hoc* corpora de Vigier Moreno, Zanettin e outros, corpora estes de pequenas dimensões e para fins específicos, de uso em certa tarefa tradutória, por estas mesmas linhas, nos parece, poderia estar o caminho a seguir doravante no sentido de

avançar a investigação a respeito da terminologia de maior dificuldade utilizada no ensino de inglês - tanto o business English como o legal English - e sua tradução. Em outras palavras, o futuro das atividades mencionadas poderia estar em construir um DIY corpora de pequenas dimensões que atendesse às necessidades do ensino do inglês técnico jurídico e empresarial cujas dimensões variariam de acordo com a preferência dos indivíduos envolvidos (professores, tradutores, juristas, alunos, etc). Indo além, seguindo a tendência atual dos conceitos de trabalho colaborativo entre profissionais e do ensino participativo na educação virtual, a elaboração destes glossários ou corpora poderia ser realizada em aula, junto com os alunos, estimulando, assim, um aprendizado proativo e autônomo. E, por fim, elaborando planos de aula que contemplem atividades interessantes, envolventes, dinâmicas e que promovam a participação do aluno na criação destes glossários como parte do processo de aprendizagem da língua técnica.

²⁴ No original, em inglês: "since corpora allow students to verify lexical, phraseological and textual units beyond their intuition or previous knowledge, overcome the limitations of lexicographic tools and thus make more informed translation decisions" (...), which in turn has a direct bearing on students' self-confidence and autonomous learning (...)" (p. 104).



REFERÊNCIAS

ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. 315p.

ALBI, Anabel Borja. Freelance Translation for Multinational Corporations and Law Firms. In: ALBI, Anabel Borja; RA-MOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 53-74.

BROWN, Gillian D.; RICE, Sally. **Professional English in Use: Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 128p.

CALABRESI, Guido. **A Common Law for the Age of Statutes** – Oliver Wendell Holmes Lectures. New York: Harvard University Press, 2009. 332p.

CAO, Deborah; ZHAO, Xingmin. Legal Translation at the United Nations. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 203-220.

CHESTERMAN, Andrew; WILLIAMS, Jenny. **The Map**: A Beginner's Guide to doing Research in Translation Studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. 148p.

CROSS, Rupert; HARRIS, J. W. **Precedent in English Law**. 4th ed. Oxford Clarendon Press, 1991. 31p.

ELLIOT, Catherine; QUINN, Frances. **Contract Law**. 8th Ed. Essex: Pearson Longman, 2011. 428p.

ENGBERG, Jan. Comparative Law for Translation: The Key to Successful Mediation between Legal Systems. In: Albi, Anabel Borja; Ramos, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 9-26.

FRCP dos EUA (Federal Rule of Civil Procedures). Disponível em: https://www.law.cornell.edu/rules/frcp/rule_4. Acessado em: 10 maio 2016.

FROST, Andrew. **English for Legal Professionals**. Express Series: Student's Book. A Short, Specialist English Course. Oxford: Oxford University Press, 2009. 96p.

GARNER, Bryan et al. **Black's Law Dictionary**. 9th Ed. St. Paul MN: Thomson West Publishers, 2009. 1920p.

GARNER, Bryan et al. **Black's Law Dictionary**. 8th Ed. St. Paul MN: Thomson West Publishers, 2004. 1810p.

GÉMAR, Jean-Claude, Translating versus Co-Drafting Law in Multilingual Countries: Beyond the Canadian Odyssey. In: Albi, Anabel Borja; Ramos, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 155-178.

HAVENGA, Peter (General Editor) *et al.* **General Principles of Commercial Law**. 5th Ed. Lansdowne-South Africa: Juta & Co., 2004. 461p.

HERRAEZ, Juan Miguel Ortega; GIAMBRUNO, Cynthia; HERTOG, Erik. Translating for Domestic Courts in Multicultural Regions: Issues and New Developments in Europe and the United States of America. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 89-122.



HICKNEY, Leo. Translating for the Police, Prosecutors and Courts: The Case of English Letters of Request. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 123-142.

HINKEL, Eli. **Teaching Academic ESL Writing**. Practical Techniques in Vocabulary and Grammar. ESL & Applied Linguistics Professional Series. 5th Ed. Mahwah, NJ: 2004. 361p.

HOUAISS, Antonio (Ed.), Cardim, Ismael (coeditor), et al. **Dicionário Inglês-Português**. Rio de Janeiro: Record, 1982. (Tiragem: 1987). 925p.

JONES Lucy. **Introduction to Business Law**. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2013. 660p.

KINSELLA, Stephan. A Civil Law to Common Law Dictionary. **Louisiana Law Review**, v. 54 n. 5, p. 1264-1305, May 1994.

LINDNER, Amy Bruno & TransLegal. **International Legal English**. Student's book. 2. ed. Cambridge: CUP, 2011. 336p.

LUNN, Robert. Exploring the use of the Louisiana Civil Code as a source of English translations for Spanish legal terms. Dissertation submitted as part of the requirements for the award of an M.A. in Legal Translation. London: City University, 2012. 86p.

MacKENZIE, Ian. **Professional English in Use: Finance**. 5th printing (1st printing: 2006). Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 140p.

MacKENZIE, Ian. **English for Business Studies**. 2. ed. Cambridge Professional English Series. Teacher's Book. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 157p.

McKAY, William R., CHARLTON, Helen E. **Legal English**. How to Understand and Master the language of Law. Essex: Pearson Longman, 2005. 188p.

MILLET, Muriel. Legal Translation at INTERPOL. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 243-262.

NCPC – Novo Código de Processo Civil Brasileiro de 16 de março de 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br/cci-vil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm. Acessado em: 20 ago. 2016.

OLOHAN, Maeve. **Scientific and Technical Translation**. Routledge Translation Guides. New York: Routledge, 2016. 253p.

OWEN, Roger. **BBC Business English**. Business Airways. London: BBC Publishing, 1991. 208p.

RAMOS, Fernando Prieto. Legal Translation at the World Trade Organization. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 263-282.

ROSENNE, Shabtai. **Essays in International Law and Practice**. Boston: Martinus Nijhoff Publishers, 2007. 682p.



SARCEVIC, Susan; ROBERTSON, Colin. The Work of Lawyer–Linguists in the EU Institutions. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS, Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 181-202.

SWEENEY, Simon. **English for Business Communication**. 7, ed. . Cambridge Professional English Series. Student's Book. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 158p.

SWEENEY, Simon. **English for Business Communication**. 7.ed. . Cambridge Professional English Series. Teacher's Book. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 120p.

TOMIC, Alexandra; MONTOLIU, Ana Beltrán. Translating at the ICC - International Criminal Court. In: ALBI, Anabel Borja; RAMOS Fernando Prieto (eds). **Legal Translation in Context**. Professional Issues and Prospects: Series New Trends in Translation Studies. Oxford: Peter Lang, 2013. p. 221-242

TRAPPE, Tonya; TULLIS, Graham. **Intelligent Business Coursebook**. Intermediate Business English. Essex: Pearson Longman, 2005. 178p.

VÁZQUEZ Y DEL ÁRBOL, Esther. **Derecho Civil Comparado Aplicado a la Traducción Jurídico-Judicial**. Reino Unido y España. Madrid: Dykinson, 2014. 358p.



PEDAGOGIAS DA NOITE PERSONAGENS URBANOS, PRÁTICAS CULTURAIS E LUGARES DE APRENDIZAGEM NA NOITE DA METRÓPOLE

PEDAGOGIES OF THE NIGHT: CHARACTERS URBAN, CULTURAL PRACTICES AND PLACES OF LEARNING IN NIGHT METROPOLIS

Eloenes Silva¹ (UFRGS/PPGEdu)

Resumo: Utilizando autores e referenciais teóricos vinculados ao campo dos Estudos Culturais e Educação, esta comunicação apresenta as principais etapas da pesquisa de doutorado em andamento que busca identificar como determinados "lugares de aprendizagem" (ELLSWORTH, 2005) e práticas culturais realizadas na noite da metrópole constituem saberes e aprendizados, problematizando como as "pedagogias culturais" (STEINBERG, 2001) são produzidas e colocadas em circulação nos espaços e tempos da contemporaneidade. Para tanto, o estudo partiu de levantamentos preliminares que mapearam diversas representações sobre "noite" nos campos das artes como a literatura, a pintura e o cinema. Encontrando-se na fase da produção de dados,

a pesquisa utiliza determinados procedimentos metodológicos oriundos da chamada "etnografia pós-moderna" (GOTTSCHALK, 1998), da metodologia "polifônica" aplicada às metrópoles contemporâneas (CANEVACCI, 2004) e da técnica da "observação casual" proposta por Lorite Garcia (2000) para abordagens e observações na noite da metrópole.

Palavras-chave: Estudos Culturais e Educação. Pedagogias Culturais. Noite. Metrópoles.

Abstract: Using authors and theoretical frameworks related to the fields of Cultural Studies and Education, this communication presents the main stages of doctoral research in progress that aims to identify how certain «places of learning» (ELLSWOR-TH, 2005) and cultural practices carried out on the night of the metropolis are knowledge and learning, questioning how the «cultural pedagogies» (STEINBERG, 2001) are produced and put into circulation in spaces and contemporary of times. Therefore, the study was based on preliminary surveys that mapped various representations of «night» in the arts such as literature, painting and cinema. To conduct observations on the night of the metropolis, the research uses certain methodological procedures arising from the so-called «postmodern ethnography» (GOTTSCHALK, 1998), the methodology

¹ Mestre e doutorando em Educação vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Linha de pesquisa: Estudos Culturais em Educação. Professor de História e especialista em História Contemporânea. Email: eloenes@terra.com.br



«polyphonic» applied to contemporary metropolises (Canevacci, 2004) and the technical « casual observation «proposed by Lorite Garcia (2000).

Keywords: Cultural Studies and Educação. Cultural Pedagogies. Night. Metropolises.

Este texto parte de pressupostos teórico-metodológicos que problematizar as transformações no estado da cultura e suas repercussões no campo da educação e da pedagogia, promovendo, assim, uma pluralização nas formas e nos usos de tais conceitos nos processos socioculturais contemporâneos. Nessa perspectiva de pesquisa, as culturas urbanas, compostas por diversos sujeitos, práticas culturais e determinados "lugares de aprendizagem" na metrópole, possibilitam a aquisição de saberes, aprendizados e conhecimentos que são produzidos em ambientes urbanos. Ao despertarem diversas sensações - de medo, de fascínio ou de insegurança - ou ambientarem a realização de práticas sociais de toda ordem, os espaços e tempos públicos vivenciados durante o período noturno produzem experiências que modelam e conduzem as formas de ser e estar sujeito urbano contemporâneo. Nessa perspectiva, sigo a direção apontada por Camozzato (2014, p.573) de que "a pedagogia procura responder às exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondem".

Na procura de um maior entendimento das articulações entre os aspectos da noite urbana e as pedagogias em curso na metrópole, o texto se divide em três partes principais. A introdução intitulada Adentrando a noite... apresenta o objeto e o tema de pesquisa, bem como anuncia a problematização, as questões e os objetivos que norteiam o estudo até o atual momento. Em Passeando pela noite... segunda parte do texto,são destacadas algumas produções oriundas das áreas artísticas como a literatura, o cinema e a pintura, permitindo uma aproximação às diferentes representações e perspectivas em relação ao tema da noite urbana. Por fim, em Abordando a noite..., busco inspiração na chamada "etnografia pós-moderna" (GOTTSCHALK, 1998), da "metodologia polifônica" adotada por Canevacci (2005) e da técnica denominada por Lorite Garcia (2000) como "observação casual". Tais procedimentos metodológicos, utilizados para subsidiar observações e abordagens iniciais a determinados ambientes urbanos e sujeitos noturnos.

ADENTRANDO A NOITE...

Como período de luz e escuridão, a noite envolve uma duração cósmica, cíclica, mística e imaginária e, mesmo iluminada artificialmente pelas proezas tecnológicas humanas, nesses ambientes podemos observar a atuação de sujeitos e realização de práticas culturais noturnas. Durante anoite, distintos lo-



cais de convívio social se estabelecem como lugares de aprendizagem que configuram outros tempos e outros espaços² investigativos na metrópole. Mesmo em meio às luzes que teimam em visibilizá-los, na escuridão da noite da metrópole surgem lugares invisíveis durante o dia, sujeitos-personagens que despertam nesse período e práticas que somente são realizadas por meio das condições que a vivência noturna urbana possibilita.

Como organismo humano, a cidade sempre apresentou uma existência alternada pela sucessão dia-noite, sendo que, por muito tempo, o período noturno foi considerado como um horário de repouso social e volta para dentro da esfera privada (GWIAZDZINSKI, 2014). Para esse autor (ib, p. 59), é à noite que o "labirinto" cultural urbano se recompõe. É à noite que outra cidade entra em cena, com suas luzes, sua decoração, seus novos atores, suas práticas e seus modos de vidas característicos. Desse modo, podemos considerar a noite das metrópoles urbanas como um ambiente cultural contemporâneo repleto de práticas culturais que lhe conferem múltiplos significados.

A ênfase no conceito de "práticas culturais" assume importância nesta perspectiva investigativa, pois são através dos sujeitos, praticantes urbanos constituídos no interior de uma cultura, que tanto os objetos, as ações quanto os comportamentos adquirem significados. Para tanto, tomo como referência Hall (1997), ao argumentar que a partir da virada cultural "[...] nas ciências humanas e sociais, em especial nos estudos culturais, a cultura não pode ser entendida somente como um [...] conjunto de coisas, romances e pinturas ou programas de TV ou quadrinhos, mas quanto a um processo, um conjunto de práticas". Para o mesmo autor (1997), assim como os significados moldam o que fazemos, nossas ações podem estar constantemente sofrendo múltiplas ressignificações.

Desse modo, levando em conta que as práticas culturais realizadas em meio aos espaços e tempos urbanos são produtoras de saberes, aprendizados e lições, evidenciam-se relações e processos que podem ser considerados pedagógicos, já que atuam na modelagem e na condução dos sujeitos nos espaços e tempos da cultura urbana contemporânea. No artigo intitulado *Pedagogia: A arte de erigir frontei*-

² Para Harvey (1992), os efeitos das transformações do espaço nos modos de percepção do tempo se configuram como uma das mudanças primordiais para entender a contemporaneidade. Se o tempo cíclico, calculado a partir de horas e segundos baseados em regimes de trabalhos, emergiu na modernidade industrial, a transição para a acumulação flexível foi realizada por meio da rápida implantação de formas organizacionais e de tecnologias produtivas que suplantaram o fordismo-keynesianismo e aceleraram a produção (HARVEY, 1992). A volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas são consequências principais para entender como essa mudança afetou os indivíduos contemporâneos (ibid.id.).



ras, Albuquerque Junior (2010, p.1) direciona suas reflexões para aqueles "processos de educação dos corpos e das subjetividades humanas que se passam fora do recinto das escolas". Ao ampliar o leque para as possibilidades de pensar outras formas de educação e pedagogias que são engendradas na contemporaneidade, o autor afirma

que vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias opera no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos, etc.

Ao oferecer uma gama de possibilidades e ênfases para ampliar o entendimento e os usos do conceito de pedagogia, o autor (2010) nos permite lançar um olhar, tanto para aquelas práticas realizadas em ambientes urbanos e cotidianos, quanto para aqueles modos de viver em diversos contextos socioculturais implicados com a condução e a modelagem dos sujeitos nos espaços e tempos contemporâneos.

Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14) também destacam as possibilidades de pesquisa em Educação para além dos espaços escolares, defendendo que

a educação pode ser enquadrada numa variedade de áreas sociais em que "o poder é organizado e difundido, como bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc". Tais autores (2001) empregam o conceito de "pedagogias culturais", argumentando que nesses diversos locais é possível compreender a multiplicidade de processos educativos que se desenvolam na contemporaneidade.

Elizabeth Ellsworth (2005), em sua pesquisa exposta no livro Places of Learning coloca em evidência o caráter pedagógico da vida social contemporânea, já que a autora ressalta como o ensino e a aprendizagem pode ocorrer em distintos lugares onde o conhecimento é produzido. Ao analisar a forma como os prédios, os museus, as galerias e exposições de arte em locais públicos da cidade atuam como lugares de aprendizagem, Ellsworth (2005) afirma que o conhecimento é entendido não como uma coisa feita, mas sempre em construção, e onde o self³não preexiste ao aprendizado, mas emerge a partir das experiências adquiridas em meio a tais contextos. Para Ellsworth (2005, p.2), "nós temos de olhar para a experiência do aprendizado do self nos tempos e lugares do conhecimento em construção, que também são os tempos e lugares de aprendizado do self em construção⁴ [tradução minha]".

³ Mantida a expressão original em inglês.

⁴ No trecho original: "We have to look for the experience of the learning self in the times and places of knowledge in the making, which are also the times and places at the learning self in the making".



Ao produzirem outras formas de conhecimento e aprendizado, as pedagogias que são esboçadas na contemporaneidade também favorecem a constituição de subjetividades e, em certo sentido, regulam as verdades de nosso tempo. Camozzato e Costa (2013, p.23) apontam nessa direção ao argumentarem que no momento presente assistimos a pluralização das pedagogias, entendendo-as "como um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos - o que faz de cada um de nós um agente de incessante transformação e atuação com os saberes". Para as mesmas autoras (2013), as transformações, atualizações e condições de funcionamento das pedagogias na contemporaneidade englobam as formas de sujeito que se quer produzir nos tempos de hoje.

Seguindo a direção teórica apontada pelos autores destacados até aqui, considero que os espaços e tempos noturnos urbanos são passiveis de pesquisas no âmbito da educação, pois produzem e colocam em circulação uma diversidade de pedagogias. Busca-se, com isso, problematizar como determinados sujeitos, lugares e práticas culturais estão implicados com a produção de pedagogias que modelam formas de ser e de viver na noite da metrópole contemporânea. Orientado por tal questão foram elaborados os seguintes objetivos de pesquisa: observar e descrever determinados locais noturnos, registrar

práticas culturais e abordar sujeitos na noite urbana; identificar, saberes e aprendizados implicados nas pedagogias que operam na noite urbana.

A definição de tais objetivos, se por um lado buscam identificar e mostrar o funcionamento de distintas e plurais pedagogias presentes em determinados espaços e tempos noturnos da vida urbana contemporânea, por outro, ampliam as possibilidades investigativas de tal pesquisa para o campo da Educação. Assim, a partir de um levantamento parcial acerca do objeto "noite" e suas diversas representações no campo das artes que possibilitou "passeios" em busca de obras e encontros com autores que permitiram aproximações teórico-metodológicas e profícuos direcionamentos investigativos.

PASSEIOS PELA NOITE ...

Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades. Os revérberos se sobressaem sobre a púrpura do poente. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem consigo: "Enfim, acabou-se o dia!". Os plácidos e os de má índole pensam no prazer e todos acorrem ao lugar de sua preferência para beber a taça do esquecimento. (Baudelaire, 1996, p.22)

Na segunda metade do século XIX é possível observar, a partir dos poemas de Charles Baudelaire, modos de vida característicos do viver em cidades



daquele período. Apresentando a noite do nascente urbanismo moderno, na obra *Sobre a Modernidade*⁵, os personagens desse autor –fictícios ou não – são pensados, criados e explorados no interior de contextos que já apontam para aspectos de uma vida boêmia moderna que mesclava os desejos e os fascínios proporcionados pela noite.

Como afirma Sennet (2003), na poesia de Baudelaire, a experiência quase frenética da velocidade em cidades cada vez mais urbanizadas e modernas vai expressar um cidadão urbano que vive apressado, quase histérico. Harvey (2008) também aponta nessa direção ao elucidar que desde o final do século XIX, enquanto os processos políticos modernos buscavam representar o eterno e o imutável, a visão cultural e artística já se caracterizava por uma busca do efêmero e do fugidio⁶. Tanto os escritores quanto os poetas e pintores já mostravam uma "tremenda preocupação com a criação de novos códigos, novas significações e novas alusões metafóricas nas linguagens que construíam" (HARVEY,2003, p.30).

A urbanização⁷, de certo modo, produziu uma forma "pedagógica" para se movimentar e se pro-

teger (ou não) nas modernas cidades industriais. A produção de luz artificial incidiu diretamente sobre os modos de vida do tempo noturno. As formas de ocupação nos espaços da cidade foram consideravelmente transformadas, inicialmente, com a iluminação a gás e sua posterior substituição através da invenção de uma nova tecnologia no ano de 1822: a luz elétrica, utilizada inicialmente para iluminar os espaços interiores e posteriormente disseminada como iluminação pública no final do século XIX (SENNET, 2003). A luz artificial tomou posse dos espaços urbanos, reconfigurando a vida social ali presente, permitindo a continuidade das atividades diurnas e instaurando novas formas de ocupar os espaços urbanos no tempo noturno.

As obras de um pintor como Edwar Hooper, além de revelar aspectos das cidades norte-americanas do início do século XX, destacam a ambientação noturna e possibilitam perceber os modos de vida de seus habitantes. Produzindo desde os anos 1920 até anos de 1960, Hooper pintou de forma realista o "estilo de vida norte-americano" em cidades onde seus habitantes são marcados pelo individualismo,

⁵ Utilizo a versão organizada por Teixeira Coelho e publicada em 1996 pela Editora Paz e Terra.

⁶ Para Harvey (2003), "o artista [era] alguém capaz de concentrar a visão em elementos comuns da vida na cidade, compreender suas qualidades fugidias e ainda assim extrair, do momento fugaz, todas as sugestões de eternidade nele contidas (grifo meu)" (p. 29).

⁷ Conforme Sennett (2003), durante a segunda metade do século XIX, nações ocidentais como França, Alemanha e Estados Unidos, até então predominantemente rurais, apresentaram maior concentração populacional. Cidades como "Berlim e Nova York evoluíram de forma abrupta, ambas submetendo a região rural ao fluxo de comércio internacional. Não é à toa que os cem anos transcorridos de 1848 e 1945 são chamados de 'revolução urbana'" (SENNETT, 2003, p.320).



pela solidão e o isolamento, resultante, muitas vezes, da falta de trocas sociais. Por isso, em uma obra como *Automat*, a ambientação noturna parece se tornar indispensável para captar tais sensações.



Figura 1 - Automat, 1927, Edward Hooper Fonte: http://www.edwardhopper.net/edward-hopper-paintings.jsp#prettyPhoto[paintings]/6/. Acesso em 15 de jan, de 2016

Uma mulher bebe café, sozinha, em uma noite fria de uma grande cidade ao norte dos Estados Unidos. A (im)possibilidade de convivência ou de encontro com o outro na noite da metrópole, que irá retirar-lhe da solidão, nos remete, quase sempre, para algo que "espera" na obra do pintor (PECHMAN, 2008). A solidão coletiva que Hopper pinta, parece nos indagar sobre os solitários outros que estão fora do quadro, pois "pode haver outras pessoas sozinhas no lugar, homens e mulheres bebendo café, igualmente perdidos em pensamentos, igualmente distanciados da sociedade; um isolamento comum [...]" (BOTTON,2012).

Em *Nighthawks*, de 1942, talvez a obra mais emblemática produzida pelo pintor, também podemos extrair essa condição noturna urbana. Apesar da conhecida cena de um restaurante à noite com seus fre-



quentadores, é possível perceber a contínua sensação de solidão. Mesmo que o próprio Hooper tenha afirmado que os americanos nunca poderiam se considerar franceses8, segundo Gail Levin9, biógrafo do pintor, Nighthawks pode ter sido inspirada em uma de obra de Vang Gogh que também representa o cenário noturno, intitulada Le Café de La nuit10, pintada em 1888. Em Nighthawks, "o pintor pensou/ pintou sobre o dilema de se viver em cidade e ter que transformar a experiência do afeto, do amor, da sexualidade, do erotismo, em comportamento, razão, adequação, contenção, civilidade e urbanidade" (PECHMAN, 2008). As sensações de solidão, de medo e intenções de desejos, componentes das condições urbanas que atuam na constituição do sujeito, parecem mesclar-se com o elemento "noite", criando os monstros e fantasmas dos temores noturnos. O vínculo natureza/cultura parece se reencontrar em meio aos espaços, tempos e sujeitos noturnos na metrópole.

Na literatura brasileira o cotidiano noturno urbano também é destacado. Em Noite da Taverna¹¹, de Álvares de Azevedo, Candido (1996, p.17) salienta a ligação com "uma pedagogia satânica visando a desenvolver o lado escuro do homem que tanto fascinou o Romantismo e tem por correlativo manifesto a noite [...]". Candido (1996) salienta que se refere "não apenas às horas noturnas como fato externo, lugar da ação, mas à noite como fato interior, equivalendo a um modo de ser lutuoso ou melancólico e à explosão dos fantasmas brotados na treva da alma" (p.17).Por isso, a "educação pela noite" imaginada pelo autor parte das conotações entre mistério e trevas para chegar a um discurso que se aproxima das potências do inconsciente. Os "fantasmas", sejam os da melancolia ou do perigo que ronda e nos apavora com a possibilidade da morte, surgem nos fluxos dessa nova vida cotidiana e são imaginados pelas trevas do medo e da insegurança constante em uma cidade que já "obedece" às condições de um

⁸ A afiração é parte da frase "After all, we are not French and never can be, and any attempt to be so is to deny our inheritance and to try to impose upon ourselves a character that can be nothing but a veneer upon the surface." Disponível em http://www.edwardhopper.net. Acesso em 05 de jan. de 2015.

⁹ Disponível em http://www.edwardhopper.net. Acesso em 15 de jan. de 2016.

¹⁰ Em *Cartas a Téo*, Van Gogh comenta que iria pintar o "café" em que estava hospedado e possuía um cômodo iluminado a gás; um lugar que ficava aberto toda a noite, servindo de refúgio para notívagos e bêbados. Mesmo distanciadas por mais de meio século, as pinturas de Hooper também mostram trabalhadores, boêmios e demais personagens urbanos em seu convívio urbano noturno.

¹¹ Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo, publicada originalmente no ano de 1855, relata o encontro de seis jovens: Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius, Hermam e Johan que relembram, no interior de uma taverna, suas aventuras recheadas de orgias, bebedeiras, amores, adultérios. Cada personagem relata sua visão e, desprovidos de qualquer caráter, eles contam suas façanhas.



tempo contemporâneo que age para constantemente direcionar o sujeito urbano.

A novela *Noite*, de Erico Veríssimo, escrita em 1954, relataas perambulações de um personagem denominado como o "desconhecido" ou "Homem de Gris" pelas ruas de uma Porto Alegre desconhecida. Depois de perdera memória, acossado pelo esquecimento e pela culpa, o "homem de gris" percorre os espaços noturnos da cidade de Porto Alegre, indo dos mais requintados e modernizados locais, aos lugares menos iluminados e "malditos" da metrópole porto-alegrense. Sentindo-se um estranho em meio à urbe, o "desconhecido" é invadido pela sensação do medo.

Para Pesavento (2008), os locais como as tavernas, os bares e os bordeis, bem como seus frequentadores: prostitutas, homossexuais, ladrões, criminosos, bêbados e outros boêmios noturnos destacados na novela de Erico Veríssimo, revelam uma cidade imaginária, mas que comporta uma carga de credibilidade e a veracidade da ficção, já que essa é uma Porto Alegre que poderia ter existido. Para Pesavento (2008, p.34), aquela cidade criada pelo autor "não é maldita e degradada somente em função de seus espaços arruinados, mas principalmente pelas práticas sociais que abriga e pelos personagens que povoam aqueles lugares".

A reação entre indivíduo, espaços e tempos da metrópole, realizada por meio de práticas culturais, produzem experiências de aprendizados que permitem aproximações com a proposta pedagógica de Ellsworth (2005). Para a autora (2005, p.86), a presença do sujeito no tempo e no espaço pode se constituir em um sentido de aprendizado, já que uma "experiência", nessa perspectiva, é a "colocação do self em relação com o mundo e com os outros a fim de testar-se para ver o que acontece"12 [tradução minha]. Segundo a mesma autora (2005), através dessa relação com o mundo e com os outros, estabelecida em grande parte a partir das práticas culturais cotidianas realizadas pelos sujeitos, o corpo, a mente e o cérebro estão em contato, atuando em uma interação constante com os lugares de aprendizagem.

Além da literatura e da pintura, o cinema é outra expressão do campo das artes que tem mostrado como a noite atua na formação de diferentes imaginários urbanos. Pensemos em uma loira fatal, um detetive, uma cidade nas sombras da noite (principalmente em cidades urbanizadas norte-americanas e europeias) e um crime como elemento central que perpassa toda a trama. Para Mascarello (2006), tais aspectos que envolvem gênero, sexualidade, suspense, noite e cidades são os elementos quase canô-

¹² Na citação original: "It is the putting of self in relation to the world and to others in order to test and see what happens"



nicos em qualquer filme do gênero *noir*¹³, pois são resultantes da narrativa que deve muito à literatura policial, à estilística *chiaroscuro* característica do cinema expressionista alemão e a iconografia urbana (janelas, espaços, becos, ruas, chaminés), destacando as modernas cidades industriais de meados do século XX.

Embora o cinema *noir* tenha produzido simbologias que remetem a imaginários noturnos, a juventude é outro componente quase indispensável quando se trata darelação entre noite e cinema, tanto para o fortalecimento de um roteiro quanto para garantir o sucesso de uma produção que busque atrair este público¹⁴. Para Margulis (2005), a noite se apresenta para muitas culturas juvenis como uma sensação de "ilusão liberadora", quando procuram distanciamentos do tempo diurno "regulamentado",

elegendo um tempo conquistado, um tempo especial e propício para suas práticas, na maioria das vezes consideradas transgressoras.

Laranja Mecânica, obra escrita em 1962 por John Anthony Burgess Wilson, se tornou um clássico do cinema em se tratando de juventudes contemporâneas. Stanley Kubrick, em 1972, dirigiu a trama que se desenrola em uma metrópole, usada como palco para a violência gratuita e sem propósitos de um grupo de adolescentes liderados pelo jovem Alex, interpretado pelo ator Malcolm McDowell, aos 28 anos de idade. Sobre tal produção destaco a imagem da seguinte cena.

¹³ Segundo Mascarello (2006, p. 179), privados do cinema de Hollywood durante a ocupação nazista, os franceses assistiam uma leva de filmes alemães e ingleses e manifestavam sua admiração diante dessas "obras de tons escurecidos, temática e fotograficamente, surpreendentes em sua representação crítica e fatalista da sociedade americana e na subversão à unidade e estabilidade típicas do classicismo de Hollywood". Assim, o cinema *noir* surge na França sob a influência doexpressionismo alemão e, posteriormente, popularizou-se largamente através da indústria hollywoodiana do pós-guerra.

¹⁴ A partir da segunda metade do século XX, as produções cinematográficas se expandem juntamente com a afirmação do jovem como categoria social. Feixa (1999) aponta que as diversas transformações, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, produzidas no seio de instituições como a família, a escola, o exército e o trabalho indicam as condições para sua emergência social. Nesse sentido, ao falar de juventude e cinema é quase impossível não citar o filme *Juventude Transviada*, produção de 1955 protagonizada por James Dean. A produção se tornou a simbologia de uma geração que, ao se libertar da tutela paterna, buscava independência cultural— uma possível causa para o rebelde sem causa — e começava a se pautar por outros valores sociais e morais.





Fonte: Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/folhetim/2013/06/14/alex3.jpg.

Acesso: 1° de fev. 2016

Sombras imensas dos corpos dos atores são projetadas no chão e acompanham todos os seus movimentos; o mendigo canta, quase melancolicamente, num lugar escuro e imundo; o espaço público do viaduto adquire uma sombria aparência, tornando a paisagem urbana propícia para a realização de práticas de qualquer ordem. Não importa se a cena foi realizada em um espaço público da cidade ou se foi filmada a partir de um cenário montado em um estúdio cinematográfico. Interessa-nos é perceber como as representações da noite urbana assumem uma condição que desperta a sensação de insegurança e de medo em uma metrópole habitada por personagens que atravessam ou habitam seus espaços noturnos.

Devido às dimensões deste texto, foi possível destacar alguns olhares no campo das Artes que evidenciaram desde distintos personagens, práticas culturais notívagas, até autores, obras e teorias que apresentam diversas representações, análises e investigações sobre a noite da metrópole. Articulações possíveis para identificar as sensações de medo, de insegurança, de solidão, de desejo e de fascínio que são constituídas em decorrências das experiências dos sujeitos juntos a esse espaço-tempo. Desse modo, a noite pode ser consi-



derada ambiente para processos pedagógicos diversos, pois ela também ensina, produz aprendizagens e desenvolve outros saberes e práticas que atuam na condução e na modelagem dos sujeitos que por ela transitam. Desse modo, na última sessão deste artigo, parto de anotações realizadas durante saídas de campo, esboçando possibilidades metodológicas utilizadas para abordar e investigar tais ambientes noturnos.

ABORDAGENS NA NOITE ...

22h30min. Estou no centro de Porto Alegre-RS, embaixo de um viaduto que serve como terminal rodoviário. Observo as pessoas que vão e vêm apressadas [...] olham discretamente em sua volta, parecem desconfiadas. Medo na noite urbana?-Duas mulheres, muito jovens, com roupas extremamente sensuais que valorizam suas formas, destacando suas pernas, peitos e nádegas, descem de um ônibus e se dirigem para uma avenida próxima, notória por suas boates e outros locais para realização de programas sexuais. Desejo na noite urbana? (Noturnos de Campo¹⁵, Porto Alegre, maio de 2015)

As anotações registradas nos "noturnos" de campo procuram descrever ações cotidianas realizadas em determinados lugares noturnos da metrópole porto-alegrense e servem, nesta seção, como um roteiro para acompanhar os procedimentos metodológicos apresentados a seguir. Nesse sentido, pesquisas realizadas em contextos metropolitanos noturnos transitam por territórios onde os limites geográficos, políticos e culturais são rompidos, onde se misturam os objetos e os sujeitos, torna-se praticamente inviável a aplicação de um método único e eficaz para dar conta de ambientes urbanos. O método, nessas condições, torna-se também "polifônico", composto a partir dos múltiplos dados que podem ser coletados nos ambientes urbanos: os sons, músicas, ruídos, vozes; as imagens, vídeos, cartazes, *outdoors*; os indivíduos com seus gestos, suas falas, suas ações. Tudo está em conjunção na metrópole.

Segundo o antropólogo Massimo Canevacci (2004), na metrópole tudo se (inter)comunica: pessoas, prédios, formas e percepções. Para esse autor (2004), a cidade e a comunicação urbana assemelham-se a um coro, com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se e sobrepõem-se umas às outras: a metrópole torna-se, assim, polifônica. Para Canevacci (2004: 18), a pesquisa na metrópole "designa uma determinada escolha metodológica de 'dar voz a muitas vozes', experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto [...]".

¹⁵ Oriundas do latim antigo, tanto a palavra NOX com seu significativo "noite", quanto TORNOS ou TORNUS, que trazem o sentido de "girar" ou "dar a volta em seu eixo", remetem ao encontro entre os termos "noite" e "turno", numa alusão ao período em que também são realizadas as saídas de campo para a pesquisa em questão,



O pesquisador Lorite-Garcia (2000), ao propor uma "observação casual" - e não casual observação - para estudar as transformações sociais e midiáticas em microterritorialidades cotidianas, também nos oferece alguns elementos que podem auxiliar nas investigações de pesquisa. Lorite-Garcia (2000), comenta que o observado casualmente não está sendo casualmente observado, pois ao observar o que acontece durante um tempo, o autor presta atenção ao observado porque está respaldado por um modelo teórico, flexível e polietápico¹⁶, que está se construindo durante toda sua vida de pesquisador. Mediante esta observação casual, o autor (2000) constrói e reproduz discursos, afirmando: "são narrações compostas que gravo mentalmente e monto textualmente com critérios audiovisuais como se tratassem de cenas e sequências de uma película" (p.9).

Gottschalk (1998) é outro autor que investe na metodologia etnográfica para investigar em meio aos ambientes urbanos contemporâneos. As "etnografias pós-modernas" têm sido mais sensíveis às formas culturais no momento contemporâneo, "mais modestas quanto às reivindicações de possuírem a verdade e a autoridade, mais criticamente autorreflexiva com respeito à subjetividade e mais autoconsciente das estratégias linguísticas e narrativas" (id., Ib., p. 2). Para tanto, Gottschalk (1998) elaborou cinco métodos ou "movimentos" utilizando-os em sua pesquisa etnográfica na cidade de Las Vegas, EUA e, guardadas as devidas proporções, são utilizados na referida pesquisa.

Gottschalk (1998) destaca inicialmente como a "subjetividade" e a "auto-reflexividade" podem agir como um importante componente que liga os problemas privados às questões públicas, permitindo a todo autor perceber seu próprio instrumento autorreflexivo de pesquisa e que o "outro" relatado no texto é sempre uma versão produzida. Gottschalk (1998) também busca inspiração na *derive*¹⁸ onde os

¹⁶ Como exemplo, suas observações no metrô mexicano durante suas viagens de ida e volta ao campus universitário da universidade daquela cidade. O modelo é assim denominado pelo autor (id.), pois está sendo aprofundado e ampliado com aportes de investigadores de diferentes países americanos e europeus.

¹⁷ É preciso levar em conta que tais etnografias, segundo esse mesmo autor (1998), não dispensam tarefas essenciais como coleta, organização, interpretação, validação e comunicação de dados, no entanto, exigem que seu autor permaneça constante e criticamente atento a questões tais como "a subjetividades, os movimentos retóricos e os problemas da voz, poder, política textual, limites à autoridade, asserções de verdade, desejos inconscientes e assim por diante" (p.3).

¹⁸ A expressão derive foi utilizada pelo movimento de vanguarda surgido na Europa após a Segunda Guerra Mundial conhecido como Internacional Situacionista. Formado por Guy Debord, em 1951, a partir de outros movimentos como a Internationale Lettriste e International Movement for an Imaginist Bauhaus, a IS propunha outras formas críticas de perceber, entender e interagir com a cidade. Segundo Felício (2007) a forma de "psicogeografia", proposta pelo grupo, estudava como os componentes geográficos, a arquitetura, a luz, o clima, os sons produzidos na cidade e o território urbano afetavam o comportamento humano. A "psicogeografia" e a "deriva" foram seus principais procedimentos e práticas desenvolvidas para a observação e percepção da cidade e dos cenários urbanos. In: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/69. Acesso em 21/03/2015.



habitantes são mais do que espectadores, e sim participantes de toda a interação no espaço urbano.

O uso da "evocação", e não somente da "descrição" como única estratégia de representação dos fatos é outro movimento desenvolvido pelo autor. Segundo Gottschalk (1998), "evocar" é realçar os registros autorreflexivos em uma tentativa de articular e promover outras compreensões das experiências cotidianas; utilização de metáforas para registrar a realidade física e falada; diálogos com informantes; e a inclusão de aspectos culturais da cidade. Gottschalk (1989) destaca ainda, as *interrupções, interações* e *mediações*, como "saturações" da mídia que ofuscam a distinção entre o real e o simulado das situações reais e ficcionais e a forma como são percebidas, recebidas e também interpretadas pelos espectadores.

Por fim, para o autor (1998), os sujeitos, os "outros" de nossa pesquisa, deveriam ser convidados por nossos textos a falar e participar de uma forma que não seja reduzida a citações estrategicamente inseridas para afirmar determinadas questões investigativas, mas sim como participantes ativos, "pessoas que precisam ser incorporadas como *vozes teóricas* que guiem a própria construção do conhecimento que produzimos acerca das experiências que elas e nós temos" [grifo do autor] (p.15).

Tais procedimentos metodológicos podem ser úteis ao penetrarmos em territórios de pesquisas nas quais não sabemos o caminho que nossas investigações irão nos levar. Para Meyer e Paraíso (2012, p.15) "uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um como fazer, como fazemos ou como faço minha pesquisa". Como afirmam as mesmas autoras (2012, p.15), "uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução, como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa".

Permito-me, por fim, salientar que este artigo esboçou uma pesquisa que se faz caminhar, nas trilhas por ainda a percorrer, nos trajetos a realizar. Tais condições permitem a identificação das pedagogias que são produzidas e circulam em paisagens noturnas urbanas; pedagogias que modelam os distintos modos de ser e de estar sujeito em ambientes contemporâneos. Pesquisas que adotam tais perspectivas promovem aberturas para outros pensamentos e ações, possibilitando vislumbrar territórios possíveis para a Educação, a Cultura e a Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÙNIOR, Durval Muniz de. **Pedago-gia: a arte de eregir fronteiras**. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (Orgs.). Pedagogia sem fronteiras. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, p.21 -31.

BAUDELAIRE, Charles. (1821-1867). **Sobre a modernida-de: o pintor da vida moderna.** Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. — (Coleção Leitura).



CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização de pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**(UFPel), n.44, p.22-44, jan/abr 2013.

_____. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.39, n.2, p.573-593, abr/jun, 2014.

CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Àtica, 1989. Disponível em:http://groups.google.com.br/group/digitalsource. Acesso em 17 de dez. 2015.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

DE BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Tradução de Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of Learning**: media, architecture, pedagogy. London; New York: Routledge, 2009.

FELÍCIO, Erashto. **Internacional Situacionista**. Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário. Erashsto Felício (org.). Porto Alegre: Deriva, 2007.

GOTTSCHALK, Simon. **Sensibilidades Pós-Modernas e Possibilidades Etnográficas**(Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities). Tradução de Ricardo Uebel In:BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. Fiction and social research: by ice or fire. alnutCreek/London/New Delhi: Altamira Press, 1998. Ethnografic Alternatives V. 4 (Capítulo13).

GWIAZDZINSKI, Luc. A condição noturna. In: **Colaboratória, Grupo Interdisciplinar. Manifesto da Noite.** / Grupo Interdisciplinar Colaboratória. – São Paulo:Invisíveis Produções,2014

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade. Ju./Dez. 1997, 22(2), p.15-46.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Tradução: Adila Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. – 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LORITE-GARCIA, Nicolas. La observación casual: uma proposta para el estúdio de lãs transformaciones sócio-mediáticas. Encontro Internacional de Investigadores de la Comunicacion. Alaic, 2000, 26-27 de abril. Santiago de Chile.

MASCARELLO, Fernando. Film Noir. In: **História do cinema mundial**. Fernando Mascarello (org.). - Campinas, SP: Papirus, 2006. - (Coleção Campo Imagético).



TRABALHAR, EDUCAR, DIRIGIR: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E O PROJETO MODERNO DE NOVO HAMBURGO

WORK, EDUCATE, DRIVE: THE FORMATION OF IDENTITY AND MODERN PROJECT IN NOVO HAMBURGO

Emerson Ranieri Santos Kuhn (Universidade FEEVALE)¹ Luiz Antonio Gloger Maroneze (Universidade FEEVALE)²

Resumo: O artigo aborda a criação de elementos identitários em Novo Hamburgo, a partir da fundação da cidade e do jornal "O 5 de Abril", no fim da década de 1920. Identificar e analisar a identidade local, destacada nesse processo formador da cidade, torna-se importante para a compreensão do ideal de progresso e modernidade hamburguense ao longo do século XX. Com isso, abordou-se o contexto de formação do jornal com o texto de Schemes et al.(2013); já para a discussão teórica utilizou-se os conceitos de identidade e modernidade de Woodward (2000), Charaudeau (2009) e Berman (1986), e na compreensão do jornal como fonte histórica trabalhou-se com as perspectivas de Elmir (1995). A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo de

Moraes (1999), onde se identificou três elementos base da identidade hamburguense, sendo eles o trabalho, a educação e a incorporação do automóvel no cotidiano industrial.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade. Novo Hamburgo. "O 5 de Abril".

Abstract: This article discusses the creation of identity elements in Novo Hamburgo, starting the city's foundation and the newspaper "O 5 de Abril" at the end of the 1920s. Identify and analyzes the local identity, highlighted in this formative process of the city, makes important for understanding the ideal hamburguense's progress and modernity throughout the twentieth century. Then, it approached the newspaper formation context with the text by Schemes et al (2013), as to the theoretical discussion we used the concepts of identity and modernity in Woodward (2000), Charaudeau (2009) Berman (1986), and understanding of the newspaper as a historical source worked with prospects Elmir (1995). The methodology used was the Content Analysis in Moraes (1999), which identified three hamburguense base-elements namely: work, education and the car's incorporation in the industrial daily.

Keywords: Identity. Modernity. Novo Hamburgo. "O 5 de Abril"

¹ Mestrando em Processos e Manifestações Culturais e Graduado em História pela Universidade FEEVALE. E-mail: emer.gattu-so@hotmail.com / 0113290@feevale.br.

² Doutor; Mestre e Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: luiz-maroneze@feevale.br.



INTRODUÇÃO

O município de Novo Hamburgo, surge, enquanto localidade, na segunda metade século XIX, formando o 2º distrito do município de São Leopoldo. O conglomerado de casas instauradas na região se desenvolveu sobre a égide de imigrantes germânicos, que denominaram o local, inicialmente, de *Hamburg Berg*.

Na transição dos séculos XIX para o XX, consolidou-se na região um ramo industrial, baseado na manufatura do couro para a fabricação de calçados, o que proporcionou o embrião que se desenvolveu ao longo do século XX, transformando a cidade em um ponto de referência na produção de calçados no país.

Nesse período os preceitos da modernidade ligados ao processo de urbanização estavam se consolidando no Ocidente, os meios de comunicação impressos relatavam as mudanças em seus ambientes citadinos, e as identidades moldavam-se no contexto de alterações e transições modernas.

Em Novo Hamburgo, esse processo foi traduzido por uma elite política local, que lutou pela emancipação da cidade. Tal luta culminou na emancipação em cinco de abril de 1927, após a criação do novo município, essa mesma elite, composta por políticos, empresários, funcionários públicos e professores, criou um jornal para propagar os feitos e os processos formativos da cidade. O nome escolhido para o jornal foi "O 5 de Abril", uma homenagem à data de emancipação.

Dessa forma o jornal "O 5 de Abril", no presente trabalho, é tomado como fonte básica de pesquisa, para identificar e analisar quais os elementos publicados por ele formavam a base da identidade local. Para isso aplicou-se a metodologia da análise de conteúdo, buscando destacar os pilares que formavam a identidade social hamburguense, nas 50 primeiras edições do jornal, entre 1927 e 1928.

O método consiste em 5 etapas de aplicação, que giram em torno da criação de unidades e categorias de assunto, neste artigo identificou-se três categorias formativas da identidade hamburguense, que foram criadas a partir de três aspectos constantemente referidos no jornal, sendo o eles: o trabalho, a educação, e a utilização do automóvel nessa nova sociedade. Essas categorias são invocadas inicialmente como as representantes do projeto moderno da cidade e da formação da identidade local.

Tal identidade é manifestada dentro do contexto de formação da cidade e consequentemente do jornal, pois ambos nascem conjuntamente pela mão do mesmo grupo.

"O 5 de Abril" primeiras impressões

Novo Hamburgo constituiu-se enquanto localidade ao longo da segunda metade do século XIX, conforme Selbach (2006), inicialmente foi chamado de *Hamburg Berg* e composta por imigrantes germânicos, que ficaram conhecidos como teuto-brasileiros.



Hamburg Berg, ao longo do século XIX, constituiu-se segundo Petry (1944), sob a forma do sapateiro e da indústria do couro, conjuntamente com Sapiranga, formaram o 2º distrito de São Leopoldo. A base industrial foi o que, conforme Schemes (2006), embasou os argumentos de emancipação e criação do novo município, pois ao longo das duas primeiras décadas do século XX, os produtos coureiro-calçadistas locais ganharam espaço e reconhecimento em feiras nacionais, o que potencializou a importância do conjunto fabril hamburguense.

Sendo que essa força industrial foi utilizada pela elite política local, como modo de granjear a criação de um novo munícipio, pois como destaca Schemes (2006), na década de 1920 se fortaleceu um grupo que defendia a emancipação da localidade, estes indivíduos³ fundaram a comissão pró-emancipação, que em 1925, redigiu e entregou um documento a intendência municipal de São Leopoldo e ao gabinete do Presidente do Estado.

Os argumentos documentados e entregues, embasados nas cifras da produção industrial local, fez com que em cinco de abril de 1927, segundo Schemes (2006) e Selbach (2006), fosse emitido do ga-

binete do presidente do Estado um telegrama que autorizava e sancionava o desligamento do 2º distrito de São Leopoldo, e a consequente criação do município de Novo Hamburgo.

Em Novo Hamburgo, a elite política local conjuntamente com a comissão pró-emancipação promoveram uma grande festa, para comemorar a emancipação, onde a comissão "assumiu as principais despesas com churrasco, música e foguetes, e as demais foram divididas por empresas, bancos e moradores da cidade, que fizeram mais de 150 doações" (SCHEMES, 2006, p. 294).

Nesse contexto criou-se o município de Novo Hamburgo, tendo uma elite política atuante, que fomentou toda a luta e após o desfecho, conforme Schemes (2006), assumiu para si as rédeas da cidade, a partir de duas ações: 1) Escolher o intendente municipal provisório Jacob Kroeff Neto), e estabelecer o candidato que seria eleito na primeira eleição (Leopoldo Petry). 2) Criar um jornal, como representante das ideais locais, em contraposição aos discursos do antigo município sede.

A primeira ação consolidou-se em duas etapas, uma na mesma semana de instauração do municí-

³ Sete homens destacaram-se por sua atuação na luta pela criação do município de Novo Hamburgo, sendo eles: 1) Pedro Adams Filho, conselheiro municipal de São Leopoldo (1917-1925), dono da Fábrica de Calçados Rio-Grandense; 2) Jacob Kroeff Neto, Deputado Estadual (1904-1929), advogado e administrador do Matadouro Kroeff; 3) Leopoldo Petry, secretário municipal de São Leopoldo (1917-1923), criador e editor do jornal "O 5 de Abril", foi também o primeiro Intendente Municipal de Novo Hamburgo (1927-1930); 4) André Kilpp, major do Exército e coletor Federal; 5) Julio Kunz, empresário calçadista, no ramo de acessórios fabris; 6) José João Martins, empresário calçadista e presidente da Comissão Pró-emancipação; 7) Carlos Dienstbach, professor e subintendente de São Leopoldo e Sapiranga.



pio e a outra 3 meses depois. Conquanto, a segunda ação foi estabelecida oficialmente um mês após o dia cinco de abril, quando o jornal "O 5 de Abril" teve sua primeira edição ganhando as ruas, no dia cinco de maio de 1927.

O município e o jornal criam-se intrinsicamente ligados a elite política local, que, segundo Sousa e Maroneze (2011), almeja instaurar preceitos modernos e transformar aquela urbe em uma cidade progressista, baseada nos grandes centros modernos ocidentais. Com isso, o jornal torna-se o portador do discurso da elite local, ou seja, os homens que lutaram pela emancipação municipal, criaram os meios para propagar seus discursos e suas representações para com o cidadão hamburguense. Dessa forma "O 5 de Abril" surgiu

Diferentemente dos tradicionais panfletos [da época] que lutam por mudanças, abolições e revoluções, esse jornal aparece post facto para compor o discurso cultural de Novo Hamburgo, surge como um instrumento simbólico para ordenar o projeto da cidade: a nova realidade cria a necessidade de um veículo de informação próprio, uma marca distintiva e uma forma de legitimação para a nova comunidade (SCHEMES ET AL., 2013, p. 37).

O jornal torna-se o porta-bandeiras da elite local e suas representações de mundo, Schemes et al. (2013) afirmam que, "O 5 de Abril" tem seu nome associado a data de criação do município, e tem des-

taque na produção e propagação de discursos, que fundamentam a cidade moderna e industrial, que Novo Hamburgo almejava ser.

"O 5 de Abril" veiculou 1811 edições, sendo publicado sempre as sextas-feiras, o que o configura como um semanário, esteve nas ruas entre 1927 e 1962. Nas 50 primeiras edições, que configuraram o *corpus* desse trabalho, esteve dividido em 4 páginas.

Primeira página, demonstrou em 42 edições uma formatação padrão de 3 seções e 4 colunas, duas das seções eram sobre grandes matérias sobre perspectivas da cidade e o valor dos cidadãos hamburguenses, uma espécie de ode à modernidade e ao povo trabalhador do município, idealizava-se e representava-se o cidadão hamburguense. Na outra seção, localizada na parte inferior da página, publicava-se, geralmente, romances de folhetim, mas as vezes figuravam matérias compradas de jornais da capital do Estado ou do país.

Segunda página, possuía inúmeras seções dispostas em 4 colunas, basicamente informava sobre os espaços de sociabilidade e cotidiano social da cidade, mas esporadicamente publicava notas informativas sobre a situação política do município. De forma, geral era dividida, em seções chamadas de "Notas Sociaes", que dissertavam sobre casamentos, jogos, reuniões, novas construções e estabelecimento de indústrias no município.

Terceira página, trazia três colunas, regularmente com três assuntos básicos: editais municipais



e estaduais; informações e balanços produtivos do município; alguns anúncios de emprego e empresas.

Quarta página, era exclusiva dos anunciantes, sendo ofertados empregos, produtos e cursos, sendo geralmente ligados ao setor coureiro-calçadista, moveleiro, industrial ou educacional.

Nessa configuração estética e discursiva "O 5 de Abril" reúne

Aquelas ideias que agregam a coletividade citadina em torno de um projeto comum [modernidade]. [...] Esses discursos reunidos compõem um imaginário geral para Novo Hamburgo e resolvem dois problemas de uma só vez: demarcam uma identidade "específica" para o jovem município por um lado e, por outro, estabelecem um discurso de harmonia e coesão social (SCHEMES ET AL. 2013, p. 37).

"O 5 de Abril", em suas 50 primeiras edições, retrata um ciclo discursivo, pois na primeira página traz matérias que demonstram os frutos do progresso e da modernidade da cidade, na segunda página, escreve sobre o cotidiano e seus melhoramentos infraestruturais, enquanto na terceira e quarta página relata os balanços comerciais e a oferta de mais empregos e produtos. Com isso a representação de mundo da primeira página é fundamentada pelo cotidiano, que por sua vez, cria novos empregos que fomentam e embasam as representações iniciais.

Toda a lógica discursiva do jornal, para com a representação da cidade, gira em torno do que Sou-

sa e Maroneze (2011) chamaram de, incorporação do ideário moderno no projeto de emancipação e criação do "O 5 de Abril", sendo que o jornal tornase o suporte para a propagação da identidade hamburguense moderna, mas o que é essa modernidade que constitui o processo de formação do município e o que é a identidade expressa pelo jornal?

Modernidade e identidade: respostas para o cotidiano

Modernidade é um conceito com inúmeros significados e aplicações, no presente artigo, o conceito é abordado como o período de intensa produção tecnocientífica, crescimento dos núcleos urbanos, consolidação da produção e venda de produtos em larga escala.

Nessa lógica de modernidade, Dupas (2006) postula que, a vida é permeada pelo desejo do progresso, esse sentimento move os processos urbanos ao longo do século XIX e primeira metade do XX, exatamente o contexto de formação de Novo Hamburgo.

Todo esse processo a nível mundial, manifesta--se e se consolida através da

Sucessão de sistemas mundiais intercaladas por fases de transição e configuração de novas lideranças. Estas, por sua vez, encontram-se apoiadas nos paradigmas econômicos sociais e tecnológicos de cada modelo de produção e acumulação. Assim, de 1776 a 1890 a *Pax Britanica* foi embasada no liberalismo e na Primeira Revolução In-



dustrial. Mas o advento da Segunda Revolução Industrial, desde os anos de 1870, bem como de novos países competidores e do paradigma fordista levam ao desgaste da hegemonia inglesa, abrindo-se a partir de 1890 uma fase de crise e transição, marcada pelo acirramento do imperialismo, por duas guerras mundiais, por uma grande depressão de alcance planetário e pela emergência do fascismo (VIZENTINI, 2007, p. 7-8).

Além dessa configuração processual, a modernidade, nas palavras de Berman (1986), é o ambiente social e estrutural que promete a felicidade e o progresso, mas que ao mesmo tempo ameaça toda a estabilidade das sólidas relações tradicionais. Sinteticamente a modernidade é percebida e traduzida nesse trabalho como o período da grande explosão demográfica, em várias regiões do mundo, seguida do rápido e

Muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvi mento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote os mais variados indivíduos e sociedades; Estado nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; [...]enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante em permanente expansão. (BERMAN, 1985, p.16)

Nesse contexto o jornal é um aglutinador de discursos e perspectivas selecionadas, conforme Charaudeau (2012), as mídias querem dar conta da realidade, e ao relatarem ela, a estão reconstruindo sobre discursos formatados, como se fossem um espelho distorcido, dessa forma, o jornal pode estar falando a verdade, mas será uma das muitas verdades possíveis. Além de que, o mesmo autor escreve que as mídias fomentam as identidades. Mas o que é identidade nesse contexto de promessas e ameaças?

Segundo Woodward (2000), a identidade relatada e propagada pelas mídias tem a função de estabelecer respostas à perguntas existências e funcionais, como quem eu sou? O que posso ser? O que tenho que fazer? Com isso, as identidades modernas estão amarradas a preceitos que almejam um processo de progresso material e a busca pelos melhoramentos da vida, baseados na consolidação da resposta da função que cada indivíduo pode e deve representar dentro de uma determinada sociedade.

Essa representação de mundo, conforme Charaudeau (2012), é o que dá sentido as identidades, as quais manifestam-se através da linguagem e de sistemas simbólicos. No caso de Novo Hamburgo, o sistema simbólico é evocado pelos documentos históricos, que por sua vez, estão presentes no discurso do jornal, segundo Woodward (2000), esses discursos midiáticos dizem como os indivíduos devem assumir uma posição de atuação social particular.

Quando as identidades são afirmadas, Woodward (2000) postula que, elas são legitimadas por um passado, por uma tradição, que validaria o rumo para o qual determinada sociedade seria conduzi-



da, porém em Novo Hamburgo, "O 5 de Abril" e a elite política local não fundamentam o discurso em um passado glorioso, mas sim na promessa de um futuro de progresso e avanços. Isso demonstra que os processos culturais, por onde se manifestam as identidades, não são estanques e nem mesmo podem ser previstos.

Porém, Woodward (2000) também escreve que, as identidades são criadas a partir de dois pontos: a) em momentos específicos no tempo e na cultura; b) a marcação "nós e eles". Isso demonstra que mesmo não tendo uma base de passado, a identidade pode ser idealizada como ponto de convergência e aglutinação de indivíduos sobre uma promessa de futuro, como no caso da modernidade.

Em Novo Hamburgo a marcação da diferença, se deu a partir da dicotomia distrito – município sede, onde os cidadãos distritais precisavam demonstrar que seu futuro era glorioso, pois era fruto exclusivo de seu trabalho, e não da tradição do município sede.

Essa marcação de diferença, bem como o discurso que evocava a modernidade e a afirmação de uma identidade própria, estão todos presentes no jornal "O 5 de Abril", mas como um jornal pode ser o representante de uma identidade ou representação?

Os espelhos e os caminhos

Os jornais brasileiros das primeiras décadas de 1900, segundo Capelato (1991), diziam-se defensores da verdade e totalmente imparciais, porém isso é impossível, pois eles eram intérpretes e formadores de opinião pública, sendo que "assumiram a tarefa de ensinar os cidadãos a atuar politicamente" (CA-PELATO, 1991, p. 133).

Em uma lógica semelhante, Charaudeau (2012) escreve que, as mídias são máquinas produtoras de forma e sentido, totalmente subordinadas as lógicas do capital. Sendo que "a base de funcionamento das mídias na sociedade é uma relação triangular, entre a realidade, as mídias e o povo. Essa relação é paradoxal porque não pode ser um reflexo fiel" (CHARAUDEAU, 2012, p.309).

Os jornais são portadores de verdades, e tem a seu dispor um grande poder de persuasão, dessa forma a elite política de Novo Hamburgo detinha os meios para fundamentar e propagar suas representações de mundo para os leitores e a comunidade em geral, pois era o único veículo informacional produzido na cidade, por isso era feito de hamburguenses para hamburguenses, e todos vivendo sob a égide da modernidade.

É certo que há uma relação de reciprocidade entre jornal e leitores, mas não se pode ignorar que nessa relação o jornal capta os interesses do leitor e os retrabalha de acordo com os objetivos e interesses da própria empresa jornalística. A massa de informações de que dispõe, as formas de selecionar e transmitir a notícia, implicam uma possibilidade de manipulação considerável, que não pode ser negligenciada (CAPELATO, 1991, p. 138).



O jornal é a ferramenta de propagação de um determinado discurso, representante da elite política de Novo Hamburgo, mas como identificar os elementos recorrentes desse discurso?

A maneira escolhida para responder essa questão se dá através do método da análise de conteúdo, que segundo Moraes (1999), serve para descrever e interpretar inúmeros tipos de texto, conduzindo a descrições sistemáticas de ordem quantitativas e qualitativas, isso faz com que tal método flutue entre o rigor da objetividade e a maleabilidade da subjetividade.

A análise de conteúdo deu-se em 5 etapas:

- 1ª) Selecionou-se as 50 primeiras edições do jornal, previamente digitalizadas, que correspondem ao período de maio de 1927 a abril de 1928, preparou-se todo o material e fez-se uma leitura inicial, destacando possíveis encadeamentos de pesquisa e elementos discursivos que eram recorrentes ao longo das publicações;
- 2ª) Realizou-se nova leitura com o material selecionado, separando os eventos em uma grande unidade denominada de "Elementos modernos", onde se destacou todas as matérias que abordavam elementos que correspondessem ao conceito de modernidade selecionado para a pesquisa;
- 3ª) A partir dos eventos selecionados criou-se 3 categorias para análise, denominadas de "Trabalho", "Educação" e "Automóveis", esses nomes representam os assuntos que cada categoria comporta.

- 4ª) Descreveu-se as categorias, onde "Trabalho" continha eventos que fossem ligados ao discurso do trabalho e ao uso desse elemento como inerente ao povo hamburguense. "Educação" são os eventos que denotam situações que o jornal instigue a população a procurar o sistema educacional para progredir, ou então que o jornal assume o papel de educador do povo em geral. "Automóveis" as matérias que abordam o uso do automóvel como fator da modernidade, ou a criação de estruturas que facilitem o seu deslocamento ou potencializem seu uso.
- 5ª) Analisou-se e interpretou-se as três categorias criadas, a partir dos ideais da modernidade e como aqueles elementos fundamentavam a identidade que o jornal propagava.

Desse processo metodológico surgiram 80 eventos, que formaram a unidade de "Elementos modernos", desse total de eventos, destacou-se 39 vezes o trabalho, 26 vezes o automóvel e 15 vezes a educação. A disposição e referência constante a esses assuntos, demonstra a importância que o jornal denotava a esses fatores. Mas o que essas categorias relatam e como são representantes da identidade hamburguense?

Trabalhar, educar, dirigir

Os três pilares da identidade hamburguense, segundo as 50 primeiras publicações do jornal "O 5 de Abril", giram em torno dos preceitos cotidianos de trabalhar, educar e dirigir.



O trabalho é afirmado como característica principal da identidade local, tanto que o jornal remete 37 eventos sobre essa temática, afirmando várias vezes que o cidadão hamburguense era trabalhador por excelência e esse seria o caminho mais firme e seguro para a o progresso da modernidade.

Ahi, pois, uma idéa do que vae pela nossa terra. E, conquanto não tenhamos um município grande na sua superfície, os temos, entretanto grande e immenso no seu comercio e nas suas industrias e, assim podemos confiar no nosso futuro que é o mais promissor possível. Nem outra perspectiva podemos ter, ante o que somos e o que possuímos em nossa querida terra que, graças ao labor de seus filhos, já é conhecida do outro lado do Atlântico como um dos adeantados centros de trabalho do Brasil (Sic) (JORNAL "O 5 de Abril", n. 4, p. 1-2).

Novo Hamburgo possuía algumas relações internacionais sobre exportação de seus produtos, os quais ganhavam vários prêmios em feiras nacionais e regionais. O jornal sendo controlado por empresários e políticos, propagava esses ideais, pois estes elementos trabalho e progresso incorporados ao cotidiano, trariam maior significado e incorporação dos valores modernos.

Algo que deixa claro esse ideal, é o texto publicado no "O 5 de Abril" quando o editor chefe do jornal foi eleito como primeiro intendente municipal conjuntamente com a primeira junta diretiva municipal, publicou-se que:

Todos são, como acabamos de ver, homens que se fizeram por si mesmos, que galgaram a posição que hoje se encontram pelos seus esforços próprios, pelo trabalho honroso e dignificador (JORNAL "O 5 de Abril", n. 5, p. 2).

O jornal afirma que o caminho para o progresso, próprio e da cidade, dava-se pelo trabalho, que honrava o homem e dignificava todos.

Quando assumiu a posse da intendência municipal Leopoldo Petry discursou em praça pública, e suas palavras relatadas pelo "O 5 de Abril", sintetizam os ideais do trabalho que o jornal e a cidade tomavam como ponto fundamental da busca pela modernidade.

Certo estou que todos compreendemos o peso da responsabilidade que hoje assumimos; porém trabalhar com harmonia com os olhos fitos unicamente em nossa ideal - a grandeza de Novo Hamburgo, tudo se tornará muito mais fácil, todo o peso mais leve, todo o trabalho mais ameno, todo o esforço mais agradável e poderemos iniciar uma obra em que as futuras gerações não precisarão reformar ou reconstruir, mas em cuja as bases poderão elas continuar a erigir o grande monummento do progresso que se chama Novo Hamburgo, hoje villa, amanhã cidade, mas em todo o tempo um centro de trabalho, de atividade de onde irradiará o progresso para todos os recantos de nosso querido Rio Grande do Sul, para todos os pontos de nossa Amada Pátria Brasileira e mesmo muito além de nossas fronteiras (Sic) (JORNAL "O 5 de Abril", 1927, n. 6, p. 1).



Novo Hamburgo contava com 8.500 habitantes em 1927, mas sua formação, enquanto município era permeada pelos exemplos das grandes cidades modelo da modernidade, como Paris. Por isso a identidade afirmada pelo jornal estava em total alinhamento com esses preceitos, além de que o discurso local

Envolve modernidade, ordem, vocação para o trabalho e harmonia social. Afirma-se que a cidade é um verdadeiro feixe de forças individuais unidas no projeto coletivo de uma urbe progressista: a construção de um futuro desejado darse-ia pela união social em torno do trabalho (SCHEMES ET AL. 2013, p. 37).

Devemos lembrar que os indivíduos responsáveis pelo jornal e pela emancipação da cidade estavam em total acordo com esse discurso, pois eram integrantes de uma classe política e industrial dominante, que dependia dessa coesão em torno do trabalho, que silenciava qualquer acontecimento ou ação que ameaçava essa ideia base, "daí por que serem as tensões trabalhistas silenciadas e [...] as greves não fazem parte dessa história" (SCHEMES ET AL. 2013, p. 37).

A partir do trabalho o jornal destaca que sua função era promover a educação dos trabalhadores de Novo Hamburgo, tanto no âmbito social, quanto no do letramento.

Os eventos que abordam o tema educação aparecerem 15 vezes ao longo das primeiras 50 edições.

A busca pelo progresso afirmado pelo trabalho, fez com que o jornal buscasse argumentos para munir de respostas o cidadão do novo município. Essas respostas que indicavam como um indivíduo moderno deveria portar-se e qual educação deveria buscar.

> Verdade é que a ethica prohibe fallar em sociedade sob tais assumptos, um jornal, porém, que tem o dever de orientar o povo e instruí-lo, si for preciso, vê-se muitas vezes obrigado a tratar dos mesmos para preveni-lo dos perigos de que é ameaçado. [...] Uma raça forte sempre triumphará na lucta pela vida, ao passo que os fracos definham e sucumbem (Sic) (JORNAL "O 5 de Abril", 1927, n. 23, p. 1).

"O 5 de Abril", expressa a intenção de "guiar" e orientar os hamburguenses para o caminho do progresso. Dessa forma, a educação através do jornal se torna um dos elementos centrais do discurso, pois com o aumento e modernização da produção, os operários locais, precisavam compreender um número maior de processos permeados por linguagem escrita. Com isso, 5 vezes o jornal informou que associações e clubes locais, estavam promovendo aulas noturnas de alfabetização para os trabalhadores da cidade.

Outro evento destacado pela questão do "O 5 de Abril", como educador social da população, encontra-se numa matéria comprada junto a um jornal da capital do país, que informa a importância da saúde mental dos operários para a melhor condição na hora de produzir.



"O 5 de Abril" publica que o cidadão não pode se entregar para o álcool, pois o progresso de todos, depende do ápice de suas faculdades mentais na linha de produção.

Com base nesses argumentos destacados, o jornal demonstra criar e reforçar moralidades, através do papel de educador da população, seja ofertando cursos alfabetizantes para operários, seja publicando situações e respostas que cada indivíduo deveria entender e aplicar para que o trabalho e o progresso não parrassem na cidade.

O trabalho é o fator principal do discurso, a educação é importante, pois auxilia no trabalho, mas a incorporação do automóvel é o ponto em que transforma o processo discursivo em um ciclo, pois na representação da modernidade que o automóvel contém, é que o jornal irá significar o trabalho e a importância da educação na busca da consolidação da modernidade na cidade.

Para "O 5 de Abril" um dos preceitos mais indicativos da modernidade era o automóvel, tanto que menções a construções de rua para o melhoramento do tráfego, ou eventos que falassem da importância do carro na atual sociedade, aparecem 26 vezes.

O automóvel era um símbolo tão grande da modernidade que a simples exposição de um novo modelo, gerava milhares de visitas.

Na semana finda foi aberta ao público, em Pelotas, a exposição dos novos modelos de autos Ford. Foi tamanho o interesse despertado por

essa exposição, que durante os dois dias de exposição, mais de 5000 pessoas deixaram seu nome no livro de visitas. Dentro de 15 dias será exposto aqui o novo carro FORD (sic) (JORNAL "O 5 de Abril", 1928, n. 45, p. 2).

Além do frisson causado por novos automóveis, o jornal publicava inúmeros melhoramentos estruturais no município para consolidar ainda mais o uso desse transporte moderno. "Temos já ruas abahuladas e diariamente zeladas e estradas, onde para facilitar o trânsito foram construídos boeiros e pontilhões, cousas essas que não conhecíamos em outra época em nossa villa" (JORNAL "O 5 de Abril", n. 12, p. 1).

Contudo, ainda mais significativo da representação do automóvel em Novo Hamburgo, pelo "O 5 de Abril", são os eventos que falam diretamente da importância dos novos modelos e o que os "antigos" proporcionaram.

O FORD modelo T, agiu como um grande educador, foi o carro que correu onde não havia estradas onde correr. Ele quebrou a barreira das distâncias nos distritos rurais, facilitou uma união maior entre esses distritos e as escolas ao alcance de todos (sic) (JORNAL "O 5 de Abril", 1927, n. 21, p. 7).

Nessa passagem, os três pontos defendidos pelo jornal estão explícitos, pois o automóvel como símbolo da modernidade, quebrou as barreiras do rural, levando a modernidade onde esta não existia, além



de que o carro foi a ligação entre os distritos e as escolas. Sendo que isso, proporcionava o contato direto com representações de mundo, fora do mundo vivenciado e conhecido das comunidades.

O automóvel dessa forma foi o elo entre a modernidade almejada, o esforço do trabalho e a quebra do espaço-tempo, pois ele transportava pessoas e ideias com uma velocidade muito superior do que a conhecida até então.

CONCLUSÃO

Com a consolidação do ramo coureiro-calçadista em Novo Hamburgo, a cidade desenvolveu uma elite política local, voltada a este setor industrial. Após a emancipação da cidade em abril de 1927, essa elite criou um jornal que se transformou no porta voz oficial da cidade.

Seu discurso era a ligação da realidade vivenciada pela cidade com a representação almejada pela elite política local, sendo que a propagação desses elementos discursivos moldavam e afirmavam uma determinada identidade local, fundamentada em três preceitos: Trabalhar, Educar, Dirigir.

O jornal afirmava que todos na cidade eram trabalhadores operosos, e que isso era o que proporcionaria a consolidação da modernidade, vivenciada em inúmeras partes do mundo, em Novo Hamburgo.

Se o trabalho era o caminho da modernidade, o cidadão deveria ser educado para compreender o

que era ser moderno, e como se reconhecer como indivíduo nessa nova sociedade com novidades tecnocientíficas, como o automóvel.

Dessa forma, o jornal propagava três elementos como fundamentais para a manutenção do desejo de modernidade na cidade, formando um ciclo que aumentava e consolidava os desejos da busca pelo moderno. O trabalho criava, a educação ensinava, e o automóvel consolidava.

REFERÊNCIAS

A posse da primeira administração. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 10 de Junho de 1927, Ano 1, n. 6, p. 1.

As funestas consequências do uso do alcool. Jornal O 5de Abril. Novo Hamburgo, RS, 18 de Novembro de 1927, Ano 1, n. 29, p. 2.

As nossas forças sociaes, commerciaes e industriaes. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 27 de maio de 1927, Ano 1, n. 4, p. 1-2.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a** aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. **Revista História e Perspectivas.** Uberlândia, n. 4, p. 131–137, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso:** modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.



DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso ou o progresso como ideologia.** São Paulo: UNESP, 2006.

ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n.13, p.19 – 29, 1995.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. SOUSA, Ana Paula Bernardo de. A modernidade pelo jornal: o progresso material e social de Novo Hamburgo nas décadas de 1920 e 1930. **Revista Conexão** – Comunicação e Cultura. Caxias do Sul, v.10, n.20, p. 25 – 40, 2011.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, RS, v.22, n.2, p.7-32, 1999.

PELA hygiene. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 07 de Outubro de 1927, Ano 1, n. 23, p. 1.

PETRY, Leopoldo. O município de Novo Hamburgo – Monografia. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

O acordo entre as facões políticas do ex 2º Districto de São Leopoldo. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 22 de Julho de 1927, Ano 1, n. 12, p. 1.

O nosso primeiro governo. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 03 de Junho de 1927, Ano 1, n. 5 p. 2.

O novo FORD. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 09 de Março de 1928, Ano 2, n. 45, p. 2.

O que será o novo FORD. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 20 de Setembro de 1927, Ano 1, n. 21, p. 7.

Os primeiros frutos da nossa emancipação. Jornal "O 5 de Abril", Novo Hamburgo, RS, 20 de Maio de 1927, Ano 1, n. 3, p. 1.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho:** empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901 - 1935). Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

SCHEMES, Claudia. MARONEZE, Luiz Antonio Gloger, KUHN JUNIOR, Norberto. Imaginário e relações de trabalho no jornal "O 5 de Abril": o discurso da cidade industrial harmônica na Novo Hamburgo dos anos de 1920 e 1930. **Revista Sessões do Imaginário.** Porto Alegre, v.18, n.30, p. 36 – 47, 2013.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas:** Novo Hamburgo como palco do flâneur. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006.

VIEIRA, Liszt. Teoria social e modernidade. **Revista Política e Sociedade**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 207-212, 2002.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do século XX.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.



ALHOS E BUGALHOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CONJUNTA DE AC E AD

APPLES ANDO RANGES: A PROPOSAL FOR JOINT ANALYSIS OF CA AND DA

Felipe Bonow Soares (Universidade Católica de Pelotas)¹

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar uma proposta de análise que una duas correntes distintas e que historicamente não dialogam: análise de conteúdo e análise de discurso. Para isso, foi selecionado o caso Miriam Dutra e FHC e foram coletados e processados dados do Twitter a partir da busca pelo termo "Miriam Dutra". Para a análise do grafo gerado a partir das co-ocorrências dos conceitos coletados, pretende-se partir da análise de conteúdo, com a análise de contingência, até a análise de discurso de Pêcheux. A intenção é observar de que maneira as duas áreas podem dialogar na análise aqui proposta. Palavras-chave: Análise de conteúdo. Análise de contingência. Análise de discurso. Análise de redes.

Abstract: This study aims to presente a proposal of analysis that unites two distinct currents that historically do not dialogue: contente analysis and discourse analysis. For this, it was selected the Miriam Dutra and FHC case and it was collected and processed data from Twitter from the search for the term "Miriam Dutra". For the analysis of the graph generated from the co-occurrences of collected concepts, it is intended to go from content analysis, with the contigency analysis, until the Pêcheux's discourse analysis. The intention is to observe how the two areas can engage in the analysis proposed here.

Keywords Content analysis. Contingecy analysis. Discourse analysis. Network analysis.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a análise de conteúdo (AC) e a análise de discurso (AD) são disciplinas que não dialogam. As duas, porém, possuem objetivos em comum: compreender os sentidos que emanam de um (ou mais) discurso(s) ou enunciado(s). Suas estratégias, por outro lado, divergem: enquanto a análise de conteúdo busca conclusões muitas vezes por meio de métodos quantitativos e observa o que é dito, a análise de discurso propõe uma análise mais

¹ Graduado em Comunicação Social – Hab. em Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Mestrando no PPG em Letras − Linguística Aplicada na UCPel. felipebsoares@hotmail.com



complexa, trazendo também o não dito e novos sentidos gerados a partir daí. O que se pretende neste artigo é observar a possibilidade de uma análise conjunta entre as duas disciplinas, apesar (e considerando) das divergências acima descritas.

Defende-se aqui que é possível apropriar-se de elementos das duas disciplinas para a realização de uma análise que pode gerar resultados outros aos que seriam observados na utilização de apenas uma. Deste modo, optou-se por selecionar a análise de contingência, uma das técnicas da análise de conteúdo, em conjunto com a análise de redes. Posteriormente, a escolha foi pela utilização da análise de discurso com base em Pêcheux para compreender os sentidos que emanam dos discursos coletados e processados via análise de contingência.

Para realizar esta proposição de análise, optou-se por coletar dados referentes ao caso Miriam Dutra e FHC², que tomou proporções nacionais na mídia brasileira a partir da reportagem publicada pela Folha de S. Paulo em 17 de fevereiro de 2016³. Rapidamente o assunto se tornou um dos mais falados no Brasil, de modo que o nome de Miriam Dutra chegou aos *trending topics*, ferramenta que

mostra as palavras mais frequentes, no Twitter⁴, site de rede social em formato de *microblogging* onde cada usuário pode publicar mensagens com até 140 caracteres. Em decorrência da repercussão do caso, decidiu-se, por meio da utilização de *softwares*, coletar e analisar dados do próprio Twitter relacionados com o termo "Miriam Dutra" para, então, realizar uma análise com base na análise de discurso proposta por Pêcheux.

A CRÍTICA DA AD À AC

A AD é idealizada por Michel Pêcheux a partir da construção teórica de três opacidades: do sujeito (por meio da psicanálise), da língua (por meio da linguística) e da história (por meio do marxismo) (ORLANDI, 2001). Baseada nos pressupostos de não-transparência destes três objetos, a AD desenvolve diversos conceitos relacionados com o sujeito, o discurso e a ideologia.

É especialmente na não-transparência da linguagem que surge a crítica à análise de conteúdo. O que se argumenta é que na AC se pretende entender o que o texto quer dizer, por meio de sua literalida-

² Em entrevista para a Folha de S. Paulo, Miriam Dutra afirmou ser mãe de um filho do ex-presidente do Brasil (1995-2001) Fernando Henrique Cardoso (FHC) e que este teria pago uma mesada para ela no exterior inclusive enquanto exercia o mandato de presidente. Além disso, também afirmou que os dois mantiveram um caso durante anos, ter realizado dois abortos pagos por FHC, entre outras coisas.

 $^{^3\} http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1740584-nao-quero-morrer-e-isso-ficar-na-tumba-diz-jornalista-sobre-fhc.shtml$

⁴ https://twitter.com



de. Na AD, por sua vez, o que se tem como objetivo é compreender como o texto significa (ORLANDI, 2009, p. 17).

Como argumenta o próprio Pêcheux (1997a, p. 65), na AC se buscam indicadores, classificando termos por sua presença e ausência ou intensidade. Mantendo assim a relação basicamente funcional na análise dos sentidos, necessitando de um sistema comum de valores para sua observação e classificação. Já no ponto de vista da AD, Pêcheux (1997b) defende que as palavras não possuem sentidos transparentes, literais, mas são determinados a partir de posições em que se inscrevem os sujeitos no processo sócio-histórico em que são produzidas.

CONCEITOS CENTRAS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Se entendida a não-transparência da linguagem como apresentada acima por Pêcheux, é possível entrar em um dos conceitos centrais para a AD. Nas palavras do próprio Pêcheux (1997b, p. 160), devese considerar que as palavras "mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem." É a partir desta tese que surge um dos conceitos fundamentais para a compreensão dos sentidos do discurso na AD: a for-

mação discursiva (FD). Pêcheux (2011, p. 73) afirma ainda que formações ideológicas (FI) sempre comportam uma ou várias formações discursivas, determinando o que pode, o que não pode, o que deve e o que não deve ser dito por determinado sujeito. Assim, "não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam" (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Ou seja, as palavras mudam de sentido de acordo com a FD em que se inserem, são as construções onde as palavras se combinam que definem a significação delas.

Outro conceito central para a AD é o de sujeito. Pêcheux (1997b, p. 161) define que "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes". Não são trabalhados na AD sujeitos empíricos, donos de si mesmos, mas sujeitos interpelados pelas formações discursivas em que se inscrevem – ainda que possam mudar de formação discursiva ou adotar mais de uma ao mesmo tempo (ORLANDI, 2001) – que materializam seus discursos em textos que remetem diretamente às formações discursivas pelas quais são interpelados (ORLANDI, 2009).

Ainda podem ser inseridos mais dois conceitos centrias: o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso é a relação com os outros discursos, a memória discursiva: "o saber discursivo que torna



possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra" (ORLAN-DI, 2009, p. 31). É por meio do interdiscurso que o sujeito, a partir da formação discursiva em que se inscreve, significa em uma determinada situação discursiva. O intradiscurso, por sua vez, é o eixo momentâneo - horizontal - da formulação do discurso (ORLANDI, 2009). O intradiscurso se dá em função do interdiscurso, pois algo só pode ser dito quando colocado na possibilidade do dizível. Na relação entre os dois é que surgem os sentidos do discurso. Retornando ao conceito de forma-sujeito, surge a unidade imaginária do sujeito, de modo a constituir sua identidade, apropriando-se do interdiscurso como o simples "já-dito" articulado no seu intradiscurso (PÊCHEUX, 1997b). Este sujeito se coloca imaginariamente como origem do que é dito, autor e responsável dos seus atos, ainda que o sujeito seja interpelado pela sua formação ideológica (que o constitui), ele não percebe a maneira como isso ocorre (ORLANDI, 2001). Assim, os sujeitos são colocados constitutivamente como autores e responsáveis de suas práticas. Estes atos, porém, só são realizados a partir das formações discursivas que formam os sujeitos e é também por meio delas que o sujeito é interpelado em "sujeito-responsável" (PÊCHEUX, 1997b, p. 214).

Na relação entre sujeito, discurso e contexto há outro conceito importante: as condições de produção. Como destaca Orlandi (2009), as condições de produção possuem a relação entre sujeito e situação, além do interdiscurso como produção do discurso, como base para a sua compreensão. Em um sentido mais restrito, as condições de produção são o contexto imediato da enunciação, já em um sentido mais amplo, elas se referem ao contexto sócio-histório (ideológico) de produção do discurso.

METODOLOGIA

O que este estudo propõe é uma maneira de utilizar conjuntamente ferramentas da análise de conteúdo com elementos da análise de discurso. Para tal, é preciso compreender como cada uma das disciplinas organiza suas análises.

Como argumenta Orlandi (2009, p. 59), a AD busca a construção de um dispositivo de interpretação. Assim, pretende encontrar o sentido na relação entre as materialidades linguística e histórica, colocando em relação o dito e o não dito e o modo como é dito com o outro modo de dizer, encontrando o que o sujeito não diz, mas que também constitui seu discurso.

O analista, então, na AD, explicita os gestos de interpretação de sua análise a partir do texto como unidade de análise. Isso se dá em duas etapas interligadas: a descrição e a interpretação. Uma não acontece sem a outra. Não podendo ocupar uma posição neutra, o analista deve buscar atravessar a literalidade do sentido, observando o que está além.



Em resumo, o analista deve ir além do que está posto, mas cuidando para que não seja ele próprio vítima de um efeito de transparência (ORLANDI, 2009).

A análise de conteúdo é um método tradicional das ciências sociais e humanas, como a comunicação e a psicologia, que tem como foco central a análise de texto(s) ou enunciado(s). Para Bardin (2002, p. 31), uma das principais pesquisadoras na área da AC, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas com foco de análise na comunicação, não sendo uma metodologia fechada, mas um instrumento adaptável de acordo com o contexto de seu uso. Krippendorf (2004, p. 18) defende que a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que se preocupa em realizar inferências a partir de um texto em relação com o seu contexto.

Dentre as técnicas da AC está a análise de contingência, que tem como foco a observação de associações entre conceitos, analisando suas co-ocorrências, além da simples frequência de dados (RECUERO, 2015, p. 555). A análise de contingência se mostra interessante em contextos com um grande número de dados (comum para a análise de conteúdo e extremamente incomum para a análise de discurso), porque é capaz de relacionar os dados e observar os sentidos gerados a partir disso. Assim sendo, é uma técnica útil para a análise de redes.

A análise de redes sociais (ARS) é um método que foca na estrutura. Tem como orientação a ideia de que observando os elementos estruturais de uma rede é possível compreender os sentidos e relações nela gerados (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 115). Dos elementos coletados para a ARS, é possível formar grafos (representações da rede em forma de imagem), que são compostos por nós (vértices) e suas conexões (arestas), demonstrando o conjunto de inter-relações entre os elementos que o compõem (RECUERO, BASTOS, ZAGO, 2015, p.45).

Para a análise aqui proposta foram coletados 1677 tweets⁵ utilizando o *software* NodeXL. A coleta foi realizada por meio da busca pelo termo "Miriam Dutra", no dia 18 de fevereiro às 11h. No momento da coleta, "Miriam Dutra" era um dos termos presentes nos trending topics do Brasil. A entrevista com a jornalista havia sido publicada pela Folha na noite do dia anterior. Dentre os tweets coletados. foram selecionados 75 termos, divididos em 65 conceitos para a análise de contingência, produzindo um total de 325 co-ocorrências, este processo foi realizado no site textometrica⁶. Após, foi gerado um grafo no software Gephi. Para melhor visualização, foram utilizadas duas métricas no grafo: grau e modularidade. O grau, basicamente, é o número de conexões que um nó recebe (RECUERO, BASTOS,

 $^{^{\}scriptscriptstyle 5}$ Um tweet é uma mensagem de até 140 caracteres publicada no Twitter por algum usuário.

⁶ http://textometrica.humlab.umu.se/



ZAGO, 2015, p.66). Assim, quanto maior o grau de um nó (conceito), mais central ele é para o grafo e maior a sua frequência na rede. A modularidade, por sua vez, "indica a concentração de conexões dentro de comunidades em comparação com a distribuição aleatória dessas mesmas conexões". (RECUERO, BASTOS, ZAGO, 2015, p.85). Assim, por meio desta métrica é possível separar os nós em módulos (comunidades) de acordo com a frequência de conexões entre eles: nós que estão em um mesmo módulo aparecem juntos mais frequentemente. O grau médio do grafo gerado foi de 10,222, enquanto a modularidade foi de 0,214.

Diferentemente do que se costuma fazer em análises no âmbito da AD, onde são selecionados poucos ou somente um enunciado, nesta proposta trabalha-se com um alto número de dados e, consequentemente, um alto número de enunciados. Então, para que esta análise possa se enquadrar em um cenário de pesquisa em análise de discurso, o grafo como um todo será analisado, assim como os tweets (de modo que cada um é considerado um enunciado) isoladamente, como se faz tradicionalmente na análise de contingência. Esta particularidade tende a gerar resultados diferentes (mesmo que possivelmente semelhantes) a uma análise com um menor número de dados sobre o mesmo tema. Ainda assim, considera-se que seja relevante para as duas disciplinas esta proposta de análise que tem como principal ponto positivo a possibilidade de, por meio dos termos e suas relações no grafo, identificar formações discursivas a partir de conceitos que as compõem e suas relações.

PROPOSTA DE ANÁLISE

A partir do processo acima descrito foi gerado o grafo a seguir:



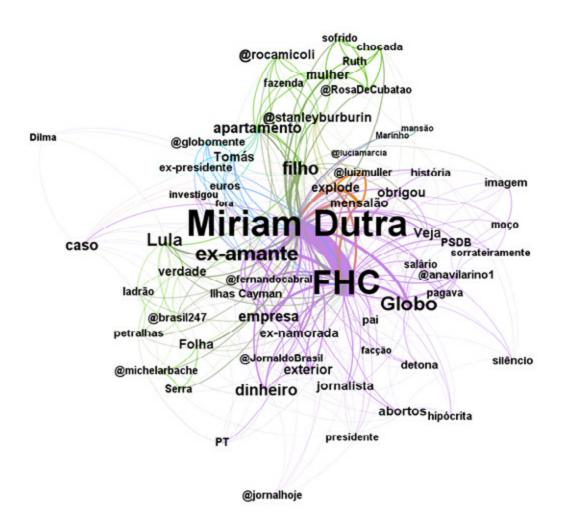


Figura 1 - Grafo gerado a partir da busca pelo termo "Miriam Dutra" na rede do Twitter



As duas métricas utilizadas para gerar o grafo podem ser visualizadas da seguinte forma: quanto maior o nó, maior seu grau na rede; enquanto que a modularidade se dá de acordo com a cor das conexões. O algoritmo utilizado para a visualização do grafo foi o *ForceAtlas*, algoritmo dirigido por força que centraliza os nós de maior grau e aproxima por vizinhança os módulos da rede (RECUERO, BASTOS, ZAGO, 2015, p. 103).

De modo a complementar o grafo e facilitar a compreensão dos dados, a seguir podem ser vistos os dez conceitos com maior frequência no grafo.

Tabela 1 - Dez conceitos mais frequentes no grafo gerado a partir do termo "Miriam Dutra" no Twitter

Conceito	Frequência
Miriam Dutra	1596
FHC	995
Ex-amante	220
Filho	162
Globo	160
Mensalão	157
Explode	155
Empresa	129
Lula	99
Ex-namorada	95

Como poderia ser previsto, o segundo termo mais frequente no grafo e a mais forte relação com "Miriam Dutra" é "FHC". É uma associação natural,

especialmente pela importância histórica de FCH. A frequência dos outros termos já é bem mais baixa, mas alguns deles também são importantes de destacar. A relação "ex-amante" e "ex-namorada", duas denominações utilizadas para se referir a Miriam Dutra. "Globo", referindo-se à maior rede de televisão do Brasil, empresa para a qual Miriam Dutra trabalhava. Também interessante é a alta frequência de "Lula", ex-presidente do Brasil.

A frequência de usuários no grafo (representados pelo símbolo @ antes do nome) mostra que há grande número de retweets, ação de reproduzir um tweet de outro usuário em seu próprio perfil. Assim, os termos de maior grau no grafo tendem a estar sempre relacionados a estes retweets. Isto é positivo porque diminui os contextos onde os conceitos são utilizados, facilitando a análise. Por outro lado, diminui também a diversidade de enunciados passíveis de observação.

Tendo em conta a extensão deste artigo e o volume de dados, optou-se por fazer uma análise mais generalizada dos enunciados, selecionando alguns em função de sua relevância no cenário analisado. Deste modo, é possível alcançar uma visão geral do grafo e, consequentemente, do contexto analisado.

Visto que FHC é um termo de alta frequência no grafo, surgindo em diversos contextos, entende--se que é preferível guiar esta análise a partir dos outros termos centrais para o grafo (assim como alguns menos centrais, mas que emanam sentidos relevantes para a análise aqui realizada).



A relação entre "Miriam Dutra" e "Globo" nos dados coletados se dá a partir de duas vias: o vínculo trabalhista de Miriam Dutra e da empresa, que é acusada de pagar salários a mando de FCH; e o silêncio mantido pela Globo durante anos (mesmo, teoricamente, ciente do caso). Pode-se observar isto nos dois enunciados a seguir:

@usuário1⁷: A pedido de FHC, globo pagava salário de Miriam Dutra sem ela trabalhar. Conta mais, Miriam...

@usuário2: "Não quero morrer e isso ficar na tumba", diz Miriam Dutra sobre FHC. E a Globo mantém silêncio soturno.

Percebe-se que, apesar de críticas diferentes, as duas linhas ideológicas reveladas nos tweets citados coincidem, podendo traduzir posicionamentos de uma mesma FD. Isto porque é possível perceber um tom crítico à Globo em um sentido de união com FHC. No Brasil, principalmente no contexto atual, militantes de esquerda possuem um posicionamento contrário à Globo, assim como ao partido de FHC, o PSDB. Assim, não apenas o tom apresentado nos enunciados, mas também as condições de produção permitem identificar essa similaridade de formações ideológicas nos dois enunciados citados. Importante observar que no grafo gerado o termo

"Globo" faz parte de um módulo mais central, que compõe a maior parte do grafo.

Outro termo importante no grafo e que mostra também características da mesma formação ideológica citada acima é "Lula". Interessante observar que, ainda que Lula estivesse sendo um assunto comentado em decorrência do adiamento do depoimento que prestaria em função de um esquema de corrupção, os tweets relacionados com Lula possuem, em geral, um tom irônico. Alguns também mantém o posicionamento de ataque à mídia como os citados acima.

@usuário3: Miriam Dutra - Daqui a pouco os jornalões e a mídia lixo vão dizer que a Miriam foi amante do Lula!!!

@usuário4: Esperando a Folha soltar alguma manchete dizendo que Miriam Dutra é amiga do filho do Lula.

Os dois tweets citados mostram posicionamento crítico a uma constante perseguição da mídia contra Lula. Aqui a Folha de S. Paulo, assim como a Globo, é citada como um veículo que busca atacar somente a esquerda, em específico Lula e seu partido, o PT. Percebe-se, pelo discurso produzido, que a FD aqui presente é a mesma ou está muito próxima (na mesma FI) da percebida nos dois primeiros tweets.

⁷ Os nomes dos usuários foram anonimizados, exceto quando se tratam de meios de comunicação e pessoas públicas (ou citadas nos grafos).



Outro posicionamento, porém, pode ser observado em mais um tweet que cita o nome de Lula e que, pelos termos que o formam, é possível observar como sendo o mais importante dentro do seu módulo (o grupo verde na esquerda do grafo):

@usuário5: FHC e Miriam Dutra: ai, que sono. Tá bom, petralhas do @Brasil247"e daí? Sendo verdade, Lula ficou MENOS ladrão, com isso?

A formação discursiva presente neste tweet já se mostra diferente dos citados anteriormente. Inicialmente, o usuário diminui a relevância do caso Miriam Dutra e FHC. Em seguida, utiliza um termo característico de uma formação ideológica alinhada com a direita em um pensamento mais conservador e de crítica direta ao PT: "petralhas". Termo este que se refere ao veículo jornalístico Brasil 247 que, diferente da Globo e da Folha, possui um alinhamento mais voltado para a esquerda. Por fim, ainda há a afirmação de que Lula, agora sendo citado em um cenário de crítica, é ladrão. Aqui se vê também, por meio das condições de produção e do interdiscurso, a retomada de discursos sobre Lula quando foi convocado para depor sobre seu possível envolvimento em um esquema de corrupção. Pode-se observar que Lula tem ligações com o módulo central (roxo) e com o verde à esquerda do grafo, aparecendo, em dois contextos.

Outro módulo que demonstra alto número de retweets, representado em laranja, próximo ao centro do grafo, chama a atenção para outro tweet:

@luizmuller: Miriam Dutra explode o mensalão de FHC!

O tweet acima mantém o discurso apresentado nos primeiros. Desta vez, o alvo é exclusivamente FHC, fazendo referência ao mensalão realizado pelo PSDB. Interessante observar que a utilização do termo mensalão é dotada de significados, afinal remete também ao escândalo de corrupção assim denominado descoberto durante o governo Lula, do PT. Assim, evocar o mensalão de FHC significa não só criticar o ex-presidente, mas também, de certa forma, defender o PT e Lula. Assim, a FD aqui presente se aproxima da primeira verificada nos tweets citados incialmente.

Outro termo que mostra tweets que produzem um discurso alinhado com esta mesma FD é "filho", aparecendo em tom irônico, assim como os relacionados a "Lula" (os dois termos, inclusive, aparecem juntos no tweet do @usuário4).

> @usuário6: O Real e o filho da Miriam Dutra não são obras do FHC. Mas ele assume como se fosse dele.



Assim como o que utiliza o termo "mensalão", o tweet acima evoca elementos da memória discursiva, trazendo a relação entre FHC e o plano Real⁸. A afirmação do filho não ser de FHC se dá em decorrência de exames de DNA que teriam sido realizados e provavam que FHC não era o pai. O discurso que emana do tweet, mais uma vez, tem alinhamento com uma FI contrária ao governo de FHC, que se apropria da ironia para criticar o plano Real, principal conquista do seu governo, assim como o fato de FHC pagar mesada por anos e tendo assumido um filho que não seria seu.

Dois termos podem ser observados para caracterizar as duas formações ideológicas identificadas até o momento: "ex-amante" e "ex-namorada":

@brasil247: Miriam Dutra detona FHC, Globo e Mario Sergio Conti | ex-amante citou ainda armação de Veja

@JornaldoBrasil: FHC usou empresa para me mandar dinheiro no exterior, diz ex-namorada Miriam Dutra

@fernandocabral: Miriam Dutra, a ex-amante de FHC, vira "ex-namorada". Se faz o que pode para preservar a imagem de bom moço

No primeiro tweet, do @brasil247 (como já dito, jornal com alinhamento de esquerda), Miriam é referida como "ex-amante". Pela situação em que o caso teria ocorrido, com FCH casado, esta seria a referência natural. O que acontece, porém, é que alguns veículos começam a tratar Miriam Dutra pelo termo "ex-namorada", como o @JornalDoBrasil. A suavização do termo não é livre da evocação de novos sentidos. O principal deles é o apagamento da traição de FHC. Aqui não há o simples silêncio, que é constitutivo do discurso para a AD. Há, sim, o silenciamento, como uma estratégia de censura (ORLANDI, 1995), que pretende apagar a traição cometida por FHC. A troca de "ex-amante" por "ex--namorada" é dotada de muitos sentidos. Isto parece ser percebido pelo usuário @fernandocabral, posicionando-se ideologicamente em uma FD que defende o uso de ex-amante, critica quem usa o termo ex-namorada. Além do Jornal do Brasil, também a Folha passa a usar "ex-namorada" em suas notícias, enquanto a UOL usa "ex-namorada" em uma notícia e depois retorna ao termo "ex-amante". Percebe-se que usuários que se referem a Miriam Dutra como "ex-namorada" tendem a produzir o discurso de uma mesma FD, que tenta defender FHC ou manter os ataques ao PT. Ainda que não se possa afirmar que a utilização de "ex-amante" faça parte de uma

⁸ Programa com o objetivo de estabilização e reformas econômicas, iniciado em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da medida provisória número 434. Tal medida provisória instituiu a Unidade Real de Valor (URV), estabeleceu regras de conversão e uso de valores monetários, iniciou a desindexação da economia, e determinou o lançamento de uma nova moeda, o Real.



FD, há tendência de que a maioria dos usuários que se apropriam do termo acabem por estar mais próximos de uma mesma FD, que mantém o discurso de crítica a FHC.

Por suas contradições, é preciso destacar um tweet central para um módulo, representado pela cor verde na parte alta do grafo, por ter tido alto número de retweets:

@Rosadecubatao: Como mulher sinto-me chocada com as histórias contadas por Miriam Dutra. E imagino o quanto Dona Ruth deva ter sofrido nas mãos de FHC...

A usuária @Rosadecubatao é prefeita da cidade de Cubatão, interior paulista, pelo PT. De início, então, já é possível supor para quais das formações ideológicas identificadas aqui ela tende, mantendo uma posição de ataque a FHC e seu partido. Outros elementos de seu enunciado, porém, acabam enriquecendo a análise. Inicialmente, @Rosadecubatao se identifica "como mulher" e afirma estar "chocada" pelas declarações de Miriam Dutra. O choque, porém, não está relacionado com os problemas que Miriam Dutra possa ter passado durante todo o tempo em que não pode revelar a verdade, nem mesmo aos abortos que diz ter sido obrigada a realizar, mas ao "quanto Dona Ruth deva ter sofrido nas mãos de FHC". Dona Ruth, a quem é feito menção no tweet, era esposa de FHC na época que o ex-presidente se envolveu com Miriam Dutra. Espera-se, quando se vê uma mulher, militante e prefeita por um partido de esquerda, que faz questão de reforçar seu gênero, uma formação ideológica alinhada com o feminismo, citando também o que possa ter passado Dona Ruth, mas sem esquecer o sofrimento de Miriam Dutra, como faz @Rosadecubatao

O que se percebe neste enunciado, então é que há uma aproximação da FD esperada, pela crítica a FHC e o destaque da dor de Dona Ruth. Por outro lado, há certo rompimento quando Miriam Dutra é colocada apenas como a origem do sofrimento de Dona Ruth. Há aí uma contradição no posicionamento de Miriam Dutra, que pretende produzir um discurso feminista, mas acaba por reforçar a concepção genérica geralmente atribuída à mulher na sociedade (BUTLER, 2003, p. 21). A ruptura com o discurso que @Rosadecubatao, acreditando ser dona do seu dizer, comete ao citar somente o sofrimento de uma das mulheres envolvida no caso traz novos sentidos para o seu enunciado, de modo que, ainda que se identifique, de maneira geral, com a FI crítica a FHC, parece fugir em alguns aspectos do que é esperado por esta FI.

Entende-se, então, que o enunciado de @Rosadecubatao pode ser caracterizado como um enunciado dividido. Inicialmente definido por Courtine como "aquele caracterizado pelo uso contrastivo da cópula de identificação 'é/não é'" (CAZARIN, 2013, p. 365). Ainda que, em trabalhos realizados no Brasil, o conceito também seja utilizado para "de-



monstrar a diferença e/ou divergência no interior de uma mesma FD" (CAZARIN, 2013, p. 365). Assim, pode-se perceber no enunciado analisado como que dois enunciados diferentes: a) "Como mulher [...] imagino o quanto Dona Ruth deva ter sofrido nas mãos de FHC...", mantendo o posicionamento da primeira FD aqui identificada; b) "Como mulher sinto-me chocada com as histórias contadas por Miriam Dutra [mas não me preocupo com sua posição de mulher na história]", trazendo uma outra FD para o seu discurso, aquela que mantém atribuição genérica à mulher.

Em geral, o que se pode dizer é que são encontradas no grafo duas formações ideológicas (ainda que se possa discutir – e aqui é difícil chegar a uma conclusão definitiva – quantas formações discursivas estão presentes dentro destas duas formações ideológicas), a mais extensa com alinhamento esquerdista representada pelos módulos roxo (ainda que este, por ser mais generalizado, possua conexões com o módulo da outra formação ideológica), laranja, azul e verde da parte superior do grafo (este com, importante destacar, a contradição cometida por @Rosadecubatao); enquanto a menor, que representa um posicionamento alinhado com a direita política, pode ser identificada pelo módulo verde posicionado na parte esquerda do grafo.

Também parece importante destacar que alguns sentidos só puderam ser compreendidos quando pensados em conjunto com o interdiscurso, como a ironia na paternidade do plano Real, na referência ao mensalão de FCH e em algumas citações de Lula (especialmente quando se relacionavam ao esquema de corrupção que pode estar envolvido – aqui também as condições de produção foram essenciais).

O QUE FICA?

Como defendido desde o princípio deste estudo, esta é uma proposta de análise. Talvez não possa ser encaixada dentro do modelo tradicional da AD de Pêcheux, por suas especificidades, mas entendese que foi possível unir a AC, por meio da análise de contingência, com a AD, de modo a realizar uma análise dotada de particularidades, mas que mostra também resultados relevantes para um entendimento do contexto social sobre o caso Miriam Dutra e FHC, quais os posicionamentos adotados e que formações ideológicas (e discursivas) aparecem em um cenário interdiscursivo.

Parece possível, em um estudo que permita isto (até mesmo em extensão), realizar análises mais aprofundadas de cada um dos tweets, buscando mais referências e se apropriando de mais conceitos da AD. Para a proposta aqui apresentada, porém, foi preciso realizar uma análise mais generalizada. Ainda assim, entende-se que os resultados encontrados apresentam riqueza no contexto onde se situam.

Sendo assim, para gerar uma espécie de conclusão deste estudo, ainda que esteja aberto para novas



discussões e, mesmo, críticas, parece importante destacar os principais resultados observados.

Foi possível identificar duas formações ideológicas, aparentemente cada uma composta por uma FD (ainda que seja necessária uma investigação maior para afirmar isto), representadas no grafo em diferentes módulos. Aqui a ARS se mostra como um ponto positivo para o estudo, pois permite uma melhor visualização desta separação. Das duas formações ideológicas encontradas, uma possui alinhamento à esquerda e outra à direita. A que defende discursos tradicionais da esquerda utiliza "ex-amante" para se referir a Miriam Dutra e mantém um posicionamento de crítica a FHC e aos meios de comunicação com alinhamentos de direita, como Folha e Globo. Já a que defende posicionamentos da direita, tenta manter o ataque a Lula, chamando-o de ladrão, e meios de comunicação de esquerda, como o Brasil 247, chamado de "petralha", enquanto utiliza em diversas situações o termo "ex-namorada" para se referir a Miriam Dutra.

Por fim, o tweet de @Rosadecubatao parece ter sido um dos mais ricos em elementos discursivos, pois, ainda que esta destaque que é mulher e mostre empatia com Dona Ruth, então esposa de FHC, esquece o possível sofrimento de Miriam Dutra, mantendo uma posição genérica sobre a posição da mulher na sociedade e gerando, em um enunciado dividido, uma contradição dentro do seu próprio discurso.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CAZARIN, Ercília Ana. O funcionamento discursivo da negação e da promessa no discurso religioso. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v. 9. n. 2. p. 358-370. jul./dez. 2013. Disponível em: http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/viewFile/3853/2520 Acesso em: 26 fev. 2016.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

KRIPPENDORF, Klaus. **Content Analysis**: An Introduction to Its Methodology. 2a ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a (p. 61-161).



_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.

_____. Língua, Linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

RECUERO, Raquel. GT de Cibercultura da Compós: análise de temas e coautorias. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 553-570, set./dez. 2015. Disponível em: http://www.seer. ufrgs.br/intexto/article/viewFile/58395/35371 Acesso em: 22 fev. 2016.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.



CAPTAÇÃO E CREDIBILIDADE: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DAS MÍDIAS

CAPTATION AND CREDIBILITY: MEDIA'S DISCURSIVE STRATEGIES

Gisandra Cemin da Rocha (PPGL/UPF)1

Resumo: O presente estudo propõe uma análise discursiva, pela semiolinguística, da notícia "Casal é atropelado durante racha no bairro Moinhos de Vento", publicada no jornal Zero Hora, e tem como objetivo discutir como o veículo de comunicação analisado concilia a captação do destinatário e a credibilidade da informação transmitida a ele, e que estratégias discursivas são utilizadas para mobilizar interesse pela notícia em questão. A base teórica do estudo fundamenta-se na Teoria Semiolinguística do Texto e do Discurso (2005), no livro Discurso das Mídias (2006), e no artigo. As emoções como efeito de discurso (2011), de Patrick Charaudeau. Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa consistem numa abordagem qualitativa e exploratória de termos e expressões em destaque no corpo do texto que estão fundamentados no princípio da influência e na ideia da representação de palavras que produzem emoções como efeitos discursivos. A partir do estudo concluiu-se que as escolhas lexicais do sujeito enunciador, e as estratégias discursivas por ele utilizadas, influenciam na interpretação do sujeito destinatário ao ler a notícia e em sua percepção sobre o fato ocorrido.

Palavras-chave: Captação. Credibilidade. Discurso. Mídia. Notícia.

Abstract: This study proposes a discursive analysis, through of semiolinguistics, about the news "Couple gets hit during car race in neighborhood Moinho de Ventos", published in the newspaper Zero Hora, and have like objective to discuss as the communication vehicle analyzed conciliate the recipient's captation and the information's credibility transmitted to it, and which are strategies are used for to mobilize interest in the news in question. The theoretical basis of study is grounded in the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis (2005), in the book Media's Discourse (2006), and in the article The emotions as discourse's effect (2011), of Patrick Charaudeau. The theoretical-methodological procedures used in the search consists of a qualitative and exploratory approach of terms and expressions featured in the body's text that are grounded in the influence's principle and the idea of the representation of words that produce emotions as discursive effects. Starting the study concluded that the lexical

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: gisandra.cemin@hotmail.com



choices of the enunciator subject, and the discoursives strategies used by him, influence in the interpretation of the recipient subject to read the news and in your perception about the occurred fact.

Keywords: Captation. Credibility. Discourse. Media. News.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O discurso midiático está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas através dos mais variados meios, e para que os objetivos interacionais propostos pelos veículos de comunicação sejam alcançados com êxito, são necessárias estratégias específicas e inerentes a cada situação de comunicação. Diante disso, esse estudo é motivado a partir da investigação dessas estratégias para que se possa analisá-las e concluir sob quais métodos as instâncias midiáticas tem se detido.

A problemática dessa pesquisa consiste na indagação acerca da forma com que as mídias conciliam a captação do destinatário e a credibilidade da informação transmitida a ele, e que estratégias discursivas são utilizadas para mobilizar interesse pela notícia analisada. A fim de que se possa compreender tais estratégias apresenta-se aqui um percurso

teórico que define a relação e a diferenciação entre discurso e texto, e conceitos de Patrick Charaude-au² acerca de sua produção no que tange a teoria semiolinguística do texto e do discurso, o contrato de comunicação estabelecido entre os participantes dos atos de comunicação e as estratégias e níveis discursivos existentes nesse contrato, e no que se refere ao discurso das mídias é descrito o conceito de informação como ato discursivo e também o contrato que nela é estabelecido.

Como corpus de análise é utilizada a notícia "Casal é atropelado durante racha no bairro Moinhos de Vento" (em anexo), texto publicado na página policial do jornal Zero Hora, em sua versão online, a respeito de um acidente de trânsito. A fim de compreender as estratégias utilizadas pelo veículo de comunicação analisado, são aqui analisados, através de uma abordagem qualitativa e exploratória, termos e expressões em destaque no corpo do texto, que estão fundamentados no princípio da influência e na ideia da representação de palavras que produzem emoções como efeitos discursivos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ao referir-se ao *discurso* é fundamental a compreensão de que ele não deve ser reduzido à mani-

² Como base teórica o presente estudo fundamenta-se na Teoria Semiolinguística do Texto e do Discurso (2005), no livro Discurso das Mídias (2006), e no artigo. As emoções como efeito de discurso (2011), ambos descritos pelo teórico francês em análise do discurso Patrick Charaudeau.



festação verbal de uma língua, embora seja através dela que ele exista, crie efeito e se modifique, pois a língua é a manifestação da linguagem, "é um todo por si e um princípio de classificação" (SAUSSURE, 2012, p.41), ou seja, a língua permite que sua classificação seja feita a partir dela mesma, enquanto o discurso é inerente ao comportamento e as combinações que possam provir dessa língua quando ela está em uso. No entanto, Saussure (2004, p. 237), afirma que "a língua só é criada em vista do discurso".

O discurso assinala como lugar de estruturação na linguagem o seu "uso em funções das condições de produção nas quais esses usos se manifestam, relacionados a comportamentos linguageiros dos sujeitos falantes, e categorização de sentido relacionadas a sistemas de conhecimento e de crença aos quais aderem indivíduos ou grupos sociais" (CHA-RAUDEAU, 2011).

Outro aspecto crucial em relação ao discurso é reconhecer que ele não deve ser confundido com o texto, pois este representa a materialização do ato de linguagem, é o produto de um processo de produção particular, enquanto o discurso ultrapassa esse processo, visto que só passa a existir em uma relação de troca entre os sujeitos da linguagem. Conforme afirmação de Charaudeau (2011b), "o discurso não é o texto, mas é carreado por textos. O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e interpretam".

A teoria semiolinguística do texto e do discurso

Todo discurso está relacionado aos saberes partilhados em uma sociedade e se constitui em um duplo espaço: o espaço externo, onde estão situadas as convenções e identidades psicossociais dos sujeitos inseridos no ato de linguagem, e o espaço interno, onde as convenções discursivas estão localizadas, e é na articulação desses dois espaços que a significação discursiva é construída. (CHARAUDEAU, 2007). Dessa forma, a teoria semiolinguística do texto e do discurso, proposta por Patrick Charaudeau, insere o discurso em uma problemática que estabelece uma relação entre os fatos da linguagem e alguns fenômenos psicológicos e sociais, como a ação e a influência, buscando compreender o sujeito enquanto um ser psico-sócio-linguageiro, sendo, portanto, uma teoria interdisciplinar.

A referida teoria concebe como seu objeto de estudo o fenômeno do ato de linguagem, sendo fundamentado pelos saberes que são acionados pelos sujeitos durante os processos de produção e interpretação desse ato, que podem gerar a eles sentidos não previstos, uma vez que, como é baseada em uma dimensão social e psicossocial, os sujeitos diferem nas suas percepções de mundo e de crenças, ocasionando então diferentes significações.

O termo *semiolinguística* baseia-se na construção das formas e dos sentidos gerados na linguagem, sob a responsabilidade de um sujeito com um



projeto de influência social nas mais diversas situações discursivas, analisando a situação verbal e situacional, e para que se possa construir o sentido, o sujeito precisa realizar o procedimento denominado por Charaudeau (2007, p. 13) como semiotização do mundo. A semiotização relaciona entre si as questões da linguagem, tanto do ponto de vista interno (da construção de sentido), quando do externo (da influência social) instituindo um duplo processo, sendo eles:

o processo de transformação, que parte de um "mundo a significar", transformando-o em um "mundo significado" através da ação de um sujeito falante; e o processo de transação, que faz do "mundo significado" um objeto de troca com outro sujeito que assume o papel de destinatário desse objeto. (CHARAUDEAU, 2007, p.14).

O processo de transformação compreende quatro tipos de operações de ordem linguageira que transformam os seres em: identidades nominais, através da operação de *identificação*; em identidades descritivas, sob a perspectiva da operação de *qualificação*; em identidades narrativas, sob o viés da operação de *ação*; ou ainda estabelecem relações de causalidade a partir da sucessão de fatos do mundo, denominada operação de *causação*. (CHARAUDE-AU, 2007, p. 14).

Já o processo de transação está baseado em quatro princípios relacionados diretamente à intencionalidade de cada situação comunicativa, sendo eles: o princípio da alteridade, que é o fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação, pois implica um reconhecimento e uma legitimação recíprocos dos parceiros entre si; o princípio da pertinência, onde os parceiros do ato de linguagem devem poder reconhecer os universos de referência que constituem o objeto de transação linguageira; o princípio da regulação, que faz parte daquilo que os parceiros sabem a respeito do ato de linguagem que participam; e, para finalizar, o princípio da influência, em que o sujeito que visa atingir o seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento. (CHA-RAUDEAU, 2007, p. 15-16).

Ambos os processos se realizam através de procedimentos diferentes, porém, complementam-se ao passo em que o sujeito necessita compreender as situações discursivas em que está inserido, buscando reconhecer o sentido comunicativo de cada situação. Para que ocorram tais operações e consequentemente a devida compreensão, o processo de transformação e o processo transação inserem o sujeito no que Charaudeau define como um "contrato de comunicação", que será discutido na próxima seção.



O contrato de comunicação e suas estratégias e níveis discursivos

Conforme Charaudeau (2012, p. 56), "a noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais" em uma relação de *implícitos* e *explícitos* acerca das mais variadas manifestações e sobre os sentidos possíveis de serem atribuídos a cada uma delas, sendo que, toda essa relação, vai depender do processo de produção e de interpretação entre os sujeitos protagonistas do ato linguageiro.

A teoria semiolinguística entende o ato de linguagem como o encontro de dois processos que envolvem quatro sujeitos responsáveis pelos processos de produção e interpretação do discurso, a partir de um duplo circuito de produção de saber, sendo um *interno* e o outro *externo*.

No circuito *interno* estão situados os seres de fala pertencentes ao espaço do "dizer", aqueles que estão diretamente ligados às representações linguageiras das práticas sociais, sendo eles: o *sujeito enunciador* (EUe) – ser sempre presente no ato da linguagem, uma imagem do enunciador construída pelo sujeito produtor da fala, representa seu traço de "intencionalidade" e é o responsável pelos "efeitos de discurso" no ato de produção –, e o *sujeito destinatário* (TUd) – é o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal para o seu ato de produção.

O circuito *externo* está ligado ao conhecimento da organização do "real" (psicossocial), no âmbito do *fazer*, que sobredetermina o *sujeito comunicante* (*EUc*) – sujeito produtor da fala, responsável pelo ato da produção – e o *sujeito interpretante* (*TUi*) – sujeito responsável pelo processo de interpretação, que age independentemente do processo de produção do EU. (CHARAUDEAU, 2012).

Na figura 1 é demonstrado o esquema de representação em que o ato de linguagem e os sujeitos se relacionam:



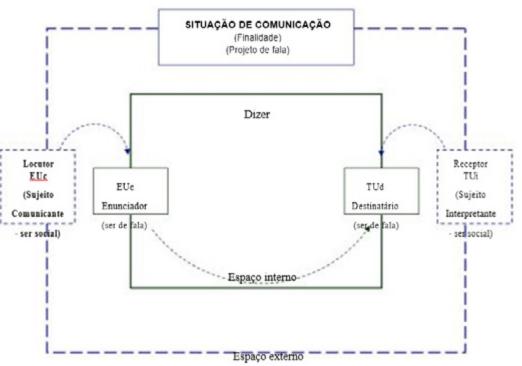


Figura 1 - Representação do ato de linguagem Fonte: CHARAUDEAU, 2012, p. 52

O sujeito produtor do ato de linguagem (EUc) tem como aspecto intencional atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir de maneira específica a sua vontade, seja para emocioná-lo, fazê-lo acreditar em seu discurso ou até mesmo orientar seu pensamento, levando-o a uma problemática de influência, mas para que o sujeito comunicante alcance o seu objetivo discursivo em relação ao seu destinatário é necessário que o mesmo utilize determinadas estratégias discursivas. Segundo Charaudeau (2012, p.56),

a noção de estratégia repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados *efeitos* – de persuasão ou sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito ideal (TUd) construído pelo EUc.



Toda estratégia discursiva acarreta uma situação de troca e também de restrições entre os sujeitos protagonistas do ato de linguagem que condicionam as práticas sócio-linguageiras. Conforme a intencionalidade de produzir significações a partir da interdependência de um espaço interno e de um espaço externo, Charaudeau (2007, p. 18 e 19) propõe três níveis para o modelo de análise do discurso, na perspectiva da semiolinguística, sendo eles:

o nível do *situacional*, que desempenha e responde aos dados externos da situação de comunicação, e constitui o espaço das restrições do ato de linguagem. É onde estão determinados: a *finalidade* do ato de linguagem, a *identidade* dos parceiros da troca, o *domínio do saber*, veiculado pelo objeto da troca e o *dispositivo*, que determinam as condições da comunicação, as circunstâncias materiais da troca em que o ato linguageiro de realiza.

o nível do *comunicacional*, refere-se ao lugar onde estão determinadas as maneiras de falar e escrever e corresponde às diferentes "maneiras de dizer", o "como se diz".

c) o nível *discursivo*, corresponde ao lugar de intervenção do sujeito falante, enquanto sujeito enunciador, considerando a *legitimidade* (princípio da alteridade), a *credibilidade* (princípio da pertinência) e a *captação* (princípio de influência e de regulação), dos "atos de discurso" que formarão um *texto*.

O objetivo principal da análise do discurso "consiste em destacar as características dos comportamentos linguageiros em função das condições psicossociais que os restringem segundo os tipos de situação de troca (os contratos)" (CHARAUDEAU, 2007, p. 20), dessa forma, todo discurso que constitui um objeto de análise sob a perspectiva da semiolinguística deve ser questionado quanto a descrição dos comportamentos linguageiros do indivíduo perante à sociedade, quanto aos procedimentos discursivos empregados para a construção dos sentidos que poderão ocasionar, e também em relação à sua configuração textual, para tentar descrever os traços que o caracterizam. Todas essas questões podem ser analisadas nos discursos vinculados à mídia, apresentados por veículos de comunicação.

A informação como ato discursivo e o contrato nela estabelecido

Conforme definição de Charaudeau (2015), "a informação é, numa definição empírica, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo" (p. 33), sendo assim, a informação constitui-se como um ato discursivo que tem como finalidade comunicar um conhecimento que é privado a um só ser, ou a um determinado grupo de pessoas, e então propagado aos que ainda não o detém.

A informação enquanto ato discursivo constitui-se de condições *externas*, situadas no campo das



práticas sociais e constituídas pelas regularidades comportamentais dos indivíduos, e condições *internas*, as propriamente discursivas, para que possa produzir sentido, sentido este que só é possível obter através da ação linguageira dos sujeitos quando postos em uma relação de troca social e pelo processo de transformação e de transição do conhecimento. O processo de transição é inerente ao ato de informar, visto que este

faz circular entre os parceiros um objeto de saber que, em princípio, um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação a seu estado inicial de conhecimento (CHARAUDEAU, 2015, p. 41).

Uma informação é transmitida como uma representação de fatos reais, como um produtor de imagens mentais, estas derivadas de um discurso que pode afetar a forma com que o indivíduo percebe e constrói sua significação sobre o acontecimento que está sendo relatado. Dessa forma, o princípio de influência pertencente ao processo de transação da teoria semiolinguística é o princípio que percorre todos os atos de linguagem utilizando determinadas visadas e refere-se não somente ao informar o acontecimento (fazer saber), mas também à persuasão (fazer crer), e ao emocional (fazer sentir). (CHA-RAUDEAU, 2015)

A informação midiática tem como finalidade noticiar ao público algo que aconteceu ou está acontecendo no mundo da vida social, utilizando dois tipos de atividades linguageiras: uma que reporta o fato (descrição-narração) e outra que esclarece as causas e as consequências do surgimento desse fato (explicação), se inserindo em uma problemática relacionada com a verdade, ou mais especificamente com as condições de veracidade, esta que está diretamente ligada a maneira como o fato é informado, autenticando o acontecimento, fornecendo provas, descrevendo-o de maneira verossímil, sugerindo as causas e explicando-as. Dessa forma, "as mídias estão em um confronto permanente com um problema de credibilidade, porque baseiam sua legitimidade no "fazer crer que o dito é verdadeiro". (CHA-RAUDEAU, 2015, p. 90).

Não apenas limitando ao âmbito da credibilidade, da representação da informação como sendo verídica, as instâncias midiáticas precisam também conquistar o público a que informa, buscando o maior número de pessoas que consumam suas informações, através da visada de *captação*, e para que isso ocorra a mídia acha-se "condenada" a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida" (CHARAU-DEAU, 2015, p. 91). Para satisfazer o princípio da emoção "a instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso de informação, basean-



do-se ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crença que aí circulam". (CHARAUDEAU, 2015, p. 91).

Para que se concretize o objetivo das visadas de captação e credibilidade é necessário que os parceiros da comunicação estabeleçam um contrato, este que Charaudeau (2015, p. 67) definiu como um contrato de informação midiático, que deve levar em conta certos dados da situação de comunicação obtidas através das práticas sociolinguageiras, visto que "não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições [...], mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições", considerando também que toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade que o sujeito que comunica tem perante seu parceiro.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA ANÁLISE

O presente estudo, de caráter qualitativo e exploratório, tem como objetivo discutir como o jornal *Zero Hora* concilia a captação do destinatário e a credibilidade da informação transmitida a ele, e que estratégias discursivas são utilizadas para mobilizar interesse pela notícia "Casal é atropelado durante racha no bairro Moinhos de Vento", publicado na

página policial online do veículo de comunicação em questão.

"A análise do discurso tem trabalhado, de preferência, com a hipótese de que a força da linguagem se encontra mais no que dizem as palavras do que naquilo que elas transmitem ao serem ditas." Com base nessa afirmação de Charaudeau (2011a), realiza-se aqui uma análise pela semiolinguística, bem como a exploração de palavras e expressões em destaque no corpo do texto que estão fundamentadas no princípio da influência e na ideia da representação de palavras que produzem emoções como efeitos discursivos.

Para atingir os objetivos propostos serão utilizados na análise os seguintes procedimentos:

- a) análise semiolinguística descrevendo o *processo de transformação*, através da *identificação*, da *qualificação*, da *ação* e da *causação* do fato ocorrido na notícia em questão e dos sujeitos nela envolvidos;
- b) como acontece o contrato de informação midiático entre os parceiros EUc e TUi, considerando as estratégias decorrentes do nível situacional de troca, decorrentes dos dados externos obtidos em uma situação de comunicação, sendo eles: a identidade dos protagonistas desta troca, a finalidade do ato linguageiro, o propósito em que ele se dá e o dispositivo em que está inserida a situação de comunicação;



- c) com base no *processo de transação* da teoria semiolinguística será realizado um estudo acerca do princípio da influência, constatando a maneira utilizada pelas instâncias midiáticas para influenciar seu público e como sua informação transmite veracidade, baseado na visada da *credibilidade*;
- d) a importância e o impacto causado pelas palavras e por expressões que causam efeito de emoção, visando a *captação* do destinatário.

ANÁLISE DO CORPUS

Considerando que "o discurso necessita de uma configuração textual para significar" e que "um *corpus* só possa ser formado por textos e não por discursos" (CHARAUDEAU, 2011a), o presente trabalho tem como *corpus* de análise o texto "Casal é atropelado durante racha no bairro Moinhos de Vento", pertencente ao gênero textual notícia, que foi veiculado pelo jornal Zero Hora em sua página online, e publicado no dia 02 de abril de 2016.

Através da *transformação* constitutiva da teoria semiolinguística, o mundo a significar obtido ao se ter conhecimento do ocorrido apenas através do título, torna-se um mundo significado no momento em que há a *identificação* do carro que estava praticando o racha, sendo ele um Audi A5 (linha 7), bem como a identificação do casal que foi atropelado, sendo as vítimas: Thomaz Attilio Colleti e Rafaela

Cruz Perrone (linha 11) e que o bairro Moinho de Vento, também conhecido como Parcão, localiza-se na cidade de Porto Alegre (linha 6). Após identificar os seres envolvidos no acidente há *qualificação* destes, ou seja, são especificadas as características destes seres, sendo o Audi A5 um carro branco (linha 7), o rapaz tendo 25 anos, e a moça 24 anos (linha 11).

A ação acontece quando é explicitado o que aconteceu, podendo ser observado na linha 4, a informação de que "um carro que estaria participando de um racha teria provocado o atropelamento de um casal de namorados", pois ele "estaria fazendo racha quando colidiu com um táxi" (linhas 7 e 8) e o taxista - que tem como identificação ser Marco Veríssimo Gautério, e como qualificação possuir 41 anos (linha 15) - "colidiu contra um Peugeot 206 que estava estacionado e, com a força do impacto, o carro foi jogado para a calçada, atropelando o casal" (linhas 9 e 10). Finalizando o processo de transformação do mundo a significar tem-se a causação, esta que expõe os motivos pelos quais aconteceu determinado fato, sendo eles a ocorrência de que "o Audi e o outro carro [...] vinham em alta velocidade e teriam furado o sinal vermelho da sinaleira" (linhas 15 e 16).

O contrato de comunicação entre os parceiros EUc e TUi é caracterizado por um conjunto de restrições condicionantes por saberes partilhados das práticas sócio-linguageiras e dos atos de linguagem. Aqui são encontrados a partir da identidade dos par-



ceiros engajados nesse ato de linguagem, de um lado, o EUc, sendo este o jornal Zero Hora, e de outro, o TUi, sujeito que se interessa pela notícia ou encontra pertinência no que lhe está sendo informado.

A finalidade desse ato de linguagem encontra-se no objetivo que o EUc tem em informar o TUi sobre um acidente de trânsito ocorrido na capital gaúcha, envolvendo mais de um automóvel no atropelamento de um casal que estava passeando em um parque, ressaltando e denunciando – mesmo que implicitamente – os perigos causados pela prática dos rachas. Segundo Charaudeau (2015), toda finalidade incorpora uma intencionalidade, utilizando determinadas visadas para que essas intenções discursivas do EUc atinjam com êxito a percepção do TUi sobre o fato ocorrido, visadas estas que serão analisadas posteriormente.

O propósito encontra-se no domínio do saber que o EUc julga que o TUi possua. Pode-se observar tal categoria inicialmente no título, momento em que o EUc tende a mobilizar uma série de discursos que não estão ditos explicitamente, mas que ele acredita que o seu parceiro de troca desta situação comunicacional desfrute de tal conhecimento, como por exemplo, saber que a prática de rachas é perigosa e onde fica o bairro Moinho de Vento, bem como, nas linhas 8 e 9, quando são citadas as ruas Olavo Barreto Viana, 24 de Outubro e Avenida Goethe, locais onde os veículos envolvidos no acidente se chocaram, o EUc pressupõe que o TUi saiba onde elas se

localizam. Assim segue com outros exemplos, como a referência ao Hospital Cristo Redentor (linha 12) e ao Hospital de Pronto Socorro (linha 13).

O *dispositivo* diz respeito a condição material de produção do ato de comunicação, que nesse caso situa-se na página online do EUc, que permite que o TUi possa ter acesso e contato com a informação de qualquer ambiente físico em que ele se ocupe permitindo assim, maior aproximação com o EUc.

Encaminhando-se ao foco principal de análise desse estudo, que possui como objetivo identificar as visadas de credibilidade e de captação realizadas pelas mídias, cabe ressaltar que tal problemática se coloca no que Charaudeau (2011a) define como uma articulação, que "de um lado, remete o discurso do ponto de vista dos valores, e do outro lado, os efeitos que os discursos são capazes de produzir. "Sendo assim, serão aqui analisados o modo e o intuito que o EUc tem de influenciar a percepção do TUi sobre o fato ocorrido através de emoções ligadas ao conhecimento de crença, estas que "são formadas por um conhecimento polarizado em torno dos valores socialmente compartilhados" (CHARAUDE-AU, 2011b), e das estratégias utilizadas para despertar tal significação.

Sabe-se que o *processo de transação* consiste em um ato de linguagem que tem como função dar uma significação psicossocial a este ato, e aqui será analisado o *princípio de influência* que deriva de tal processo. Através do princípio da influência o TUi entra



no universo do EUc, este que por sua vez, tem como intuito informar, provocar emoções e até mesmo orientar os pensamentos de seu parceiro de troca.

Considerando as marcas existentes no corpus de análise a partir do referido processo percebe-se o intuito do EUc em convencer o TUi dos riscos e perigos causados pelos rachas, as consequências danosas causadas tanto aos praticantes quanto às vítimas desta prática, e também sobre a possível culpabilidade do motorista do Audi A5 acerca da tragédia ocorrida. Tal afirmação pode ser constatada no momento em que se percebe que o casal, suposto sujeito protagonista visto que a ele que se refere o título, é praticamente anulado no corpo do texto, sendo referido apenas em dois momentos, no parágrafo que se inicia na linha 11, quando se identifica o nome e a idade do casal, e, após, na linha 32, quando é realizado um breve comentário a respeito do cachorro que os acompanhava, dando lugar a extensos comentários sobre o motorista do veículo Audi A5 que estava disputando o racha e sobre acontecimentos com relação a ele.

Os recorrentes comentários a respeito do motorista – cujo nome não é divulgado – e sobre a gravidade do acidente que este ocasionou, bem como o descaso do outro motorista também participante do racha que "teria fugido" (linha 18) do local, influenciam na percepção do TUi quanto ao malefício

ocasionado pela referida prática que é considerada ilegal³. Para fornecer provas e garantir a inteligibilidade da transgressão do motorista explicita-se nas linhas 29 e 30 que através dos elementos já recolhidos pela polícia sobre o caso, o mesmo "trata-se de lesão corporal culposa (sem intenção) e fuga do local, que pode ser para escapar do flagrante ou até mesmo por estar embriagado".

Para que o EUc consiga convencer o TUi sobre o que informa são usadas estratégias que confirmam a veracidade do acontecimento transmitindo a *credibilidade* da informação, como por exemplo, o testemunho do taxista (linhas 15 e 16), mesmo que em discurso indireto, e os depoimentos do delegado Gabriel Bicca (linhas 21 a 26; 29 e 30), estes transcritos tanto em discurso indireto como também em discurso direto, a respeito do acidente e das situações em que se encontravam o carro e o motorista no momento do acidente, e também após o ocorrido.

Como recursos extralinguísticos, que confirmam a veracidade da informação, encontram-se na página online em que foi divulgada a notícia oito imagens e um vídeo demonstrando a gravidade do acidente e os prejuízos e danos materiais causados aos veículos envolvidos, assim como ao estado de saúde do casal que foi atropelado e do "passageiro que estava no carro que também ficou ferido" (linhas 17 e 18).

³ Lei 12.971/14, art. 308.



Outro aspecto que garante a credibilidade da informação é o espaço temporal entre o momento do acidente e o momento em que a notícia foi divulgada. O acidente ocorreu no dia 02 de abril de 2016 "por volta das 4h" (linha 6), e no mesmo dia, pouco tempo depois, às 5h:54min⁴, a notícia já estava disponível para acesso.

No âmbito da visada de *captação* do destinatário o EUc recorre ao desafio da dramatização, utilizando na notícia palavras e expressões que representam e causam efeito de emoção ao TUi. Sempre que uma informação utilizar representações emocionais esta

descreve uma situação sobre a qual um juízo de valor, compartilhado coletivamente e, portanto, estabelecido como uma norma social, diz que esta situação é comovente: um acidente de trânsito é uma situação que a qual pode representar vítimas, que pela norma social nos diz que as pessoas estão sofrendo e precisam capturar a nossa compaixão. (CHARAUDEAU, 2011b).

Certas palavras e expressão em destaque no corpo do texto contribuem na percepção do TUi para que se julgue a atitude do motorista como lesiva, e até mesmo negligente, fazendo com que este se compadeça com a situação do casal que sofreu a atrocidade, atitude que recai na estratégia da visada do *páthos*⁵ que "consiste em "fazer sentir", ou seja,

provocar no outro um estado agradável ou desagradável". (CHARAUDEAU, 2015, p. 69)

Na linha 16, através do testemunho do taxista, salienta-se na forma grafada em negrito o fato de que o motorista que estava disputando o racha estava dirigindo em "alta velocidade", ato este que é proibido e infracional, principalmente em ruas dentro da cidade. Após, na linha 17, tem-se a ocorrência da expressão "fugiu a pé", também grafada em negrito, denunciando a indiferença do motorista ante o acidente que ocasionou. Conforme Charaudeau (2011b), "estas declarações são como mini histórias que descrevem os seres e as cenas da vida, fragmentos narrados do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito", nesse caso, o ponto de vista que o EUc quer transmitir ao TUi.

Outro fato que ocasiona compadecimento ao ocorrido é a reincidência da menção ao cachorro que estava com o casal em dois momentos do texto, visto que animais são geralmente benquistos, e que este acabou ficando desamparado e sozinho no momento em que seus donos foram levados para hospitais, porém ele "foi encontrado no local após o acidente e recolhido pelo veterinário da família" (linha 32). Esta ocorrência baseia-se na asserção que "há declarações que não incluem palavras emocionais e, no entanto, são suscetíveis de produzir efeitos

⁴ Disponível na página online em que foi publicada a notícia.

⁵ Definido por Aristóteles como a referência ao apelo ao lado emocional do público alvo.



emocionais a partir do momento em que estamos conscientes da situação da enunciação" (CHARAU-DEAU, 2011b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da indagação acerca da forma com que as instâncias midiáticas conciliam a captação do destinatário e a credibilidade da informação transmitida a ele, e que estratégias discursivas são utilizadas para mobilizar interesse pela notícia analisada, concluiu-se que as estratégias inerentes ao *princípio de influência* que buscam informar o acontecimento (fazer saber), persuadir (fazer crer) e emocionar (fazer sentir) influenciam na interpretação do sujeito destinatário ao ler o texto e em sua percepção sobre o fato ocorrido.

A pesquisa revelou também que as escolhas lexicais do sujeito enunciador (EUe) e as estratégias discursivas por ele utilizadas são fundamentais na intenção de influenciar o seu destinatário-alvo (TUd), principalmente no que diz respeito às estratégias que visam o emocional e a veracidade do acontecimento, demonstrada através de depoimentos e testemunhos.

Para finalizar, cabe ressaltar a afirmação de Patrick Charaudeau (2015, p. 39), quando ratifica que não basta a escolha dos conteúdos que serão transmitidos, nem somente a escolha das formas adequadas do falar bem e do ter clareza, mas que a escolha dos efeitos de sentido e das corretas estratégias dis-

cursivas, podem, assim, influenciar o outro e fazê-lo crer na informação que lhe está sendo transmitida.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, **Rhétorique**. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

BRASIL, **Código de Trânsito Brasileiro**. Alteração de artigos da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12971.htm Acesso em 20 jun. 2016

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. In: **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, Dez. 2011a. Disponível em http://www.patrick-charaudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html Acesso em 18 maio 2016

_____. Las emociones como efectos de discurso. **Revista Versión**, n° 26, 2011b. *La experiencia emocional y sus razones*. UAM, México. p. 97-118. Disponível em http://www.patrick-charaudeau.com/Las-emociones-como-efectos-de.html Acesso em: 20 maio 2016

_____. L'argumentation dans une problématique d'influence. Disponível em http://aad.revues.org/193 Acesso em: 01 jun. 2016





_____. Langage et discourse: éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique). Paris: Hachette, 1983. _____. Linguagem e discurso: modos de organização. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012

_____.Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: **Da língua ao discurso:** reflexões para o ensino. PAU-LIUKONIS, L.; GAVAZZI, S. (org). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11 -29

KANNENBERG, Vanessa. **Casal é atropelado durante racha no bairro Moinho de Vento**. Zero Hora. Porto Alegre: 02 abr. 2016. Disponível em http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/casal-e-atropelado-durante-racha-no-bairro-moinhos-de-vento-5724798.html Acesso em: 02 abr. 2016

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingística Geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A.– 28ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2012.



ANEXO

1	Casal é atropelado durante racha no bairro Moinhos de Vento
2	Audi colidiu em um táxi e em um Peugeot estacionado, que acabou atingindo os jovens que passeavam
3	com cachorro no Parcão.
4	Um carro que estaria participando de um racha teria provocado o atropelamento de um casal de namo-
5	rados que estava passeando com o cachorro de estimação na calçada do Parque Moinhos de Vento (Parcão),
6	em Porto Alegre , por volta das 4h deste sábado.
7	Segundo a Brigada Militar, testemunhas relataram que um Audi A5 branco estaria fazendo racha quando
8	colidiu com um táxi , que vinha pela Rua Olavo Barreto Viana. Os veículos se chocaram no cruzamento da Rua
9	24 de Outubro com a Avenida Goethe. Na sequência, o taxista colidiu contra um Peugeot 206 que estava 10
10	estacionado e, com a força do impacto, o carro foi jogado para a calçada, atropelando o casal.
11	As vítimas foram identificadas como Thomaz Atillio Coletti, 25 anos, e Rafaela Cruz Perrone, 24 anos.
12	Thomaz foi levado ao Hospital Cristo Redentor e recebeu alta na metade da manhã. Já Rafaela foi encaminha-
13	da ao Hospital de Pronto Socorro com suspeita de traumatismo craniano. Segundo a assessoria, Rafaela foi
14	transferida para outro hospital a pedido de sua família.
15	Segundo o taxista Marco Veríssimo Gautério, 41 anos, o Audi e outro carro, ainda não identificado pela
16	polícia, vinham em alta velocidade e teriam furado o sinal vermelho da sinaleira, batendo no carro dele.
17	O motorista do Audi abandonou o carro no local e fugiu a pé. Um passageiro que estava no carro ficou
18	ferido e recebeu atendimento médico. O outro motorista que participava do suposto racha teria fugido dirigindo
19	o carro.
20	A Brigada Militar fez buscas e foi até o endereço do proprietário do Audi, mas não o encontrou em casa.
21	De acordo com o delegado Gabriel Bicca, não é possível afirmar que o dono dirigia o carro no momento do
22	acidente, por isso, não divulga o nome. A investigação vai trabalhar para identificar o suspeito e existe a pos-
23	sibilidade de ele mesmo se apresentar à polícia.
24	— O Audi foi apreendido e deve ser periciado. Para reaver o carro, o dono vai ter que vir na delegacia.
25	Ele pode assumir a autoria ou então vai ter que dizer quem era o motorista no momento do acidente —
26	esclarece Bicca.
27	A polícia vai buscar imagens de câmera de segurança e tentar localizar testemunhas para apurar se houve
28	racha e quais as circunstâncias do acidente.
29	— Em princípio, com os elementos que se tem, trata-se de lesão corporal culposa (sem intenção) e fuga
30	do local, que pode ser para escapar do flagrante ou até por estar embriagado — explica o delegado.
31	O passageiro do Audi também pode ajudar a polícia no caso.
32	O cachorro do casal foi encontrado no local após o acidente e foi recolhido pelo veterinário da família.



A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER DE JOVENS PARTICIPANTES DO PROJETO PESCAR, NO MUNICÍPIO DE CANOAS/RS

REPRESENTATION OF VIOLENCE AGAINST YOUNG WOMAN PARTICIPANTS IN THE FISHING PROJECT IN THE MUNICIPALITY OF CANOAS/RS

Eliana Perez Gonçalves de Moura (Feevale)¹ Gislaine Cristina Pereira² (Feevale) Silvia Zuffo³ (Feevale)

Resumo: Os jovens são reconhecidos como protagonistas de situações de violência, tanto como autores, quanto como vítimas. As mulheres, geralmente são vítimas de um tipo de violência velada, denominada de gênero, que segue atingindo milhares de brasileiras todos os dias. O Brasil é quinto pais do mundo onde mais se matam mulheres. Frente a esta realidade, o presente texto apresenta uma aproximação inicial de um estudo direcionado a um grupo de adolescentes participantes do Projeto Pescar da unidade Sulgás, com intuito de analisar as repre-

sentações dos jovens frente à violência de gênero na sociedade brasileira. Foi utilizada a abordagem da observação participante visando conhecer as representações. Os resultados apontam para uma representação da mulher enquanto objeto de desejo e alvo do poder masculino, isto é uma representação de total submissão. E uma representação da mulher ligada à atualidade, onde esta conquista seu espaço profissional e tem maior autonomia. Contudo, o grupo mostrou-se em dúvida quanto a sua representação da igualdade de gênero e relaciona maior liberdade de escolhas pessoais por parte das mulheres jovens à gravidez precoce, indicando uma representação social ligada a valores patriarcais. Sugere--se ampliação de estudos direcionados ao público jovem voltados à temática da violência.

Palavras-chave: Violência. Jovens. Representação. Violência de gênero.

Abstract: The young people are recognized as protagonists in situations of violence, either as perpetrators, and victims. Women generally are victims of a kind of veiled violence, termed gender, following reaching thousands of Brazilian everyday. Brazil is

¹ Doutora em Educação. Docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale/RS.

¹ Psicóloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale/RS. Contato: psigislaine@gmail.com

² Administradora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale/RS. Contato: silviazuffo@feevale.br



the fifth country in the world where more women kill themselves. Faced with this reality, this article presents an initial approach of a study directed to a group of adolescent participants of the Fishing Sulgás unit project, aiming to analyze the representations of young people facing gender violence in Brazilian society. the approach of participant observation aimed to know the representations was used. The results point to a representation of women as objects of desire and target of male power, it is a representation of total submission. And a woman of representation linked to the present, where it conquers his professional space and have greater autonomy. However, the group proved to be in doubt as to its representation of gender equality and relates more freedom of personal choices by young women in early pregnancy, indicating a social representation linked to patriarchal values. It is suggested extension studies targeted at young people focused on the theme of violence.

Keywords: Violence. Youth representation. Gender violence.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a permanência histórica da violência contra mulher, o debate sobre a temática geralmente volta-se para diversos segmentos sociais no intuito de eliminar essa prática. Com o público jovem esse debate assume significado ainda maior porque os sujeitos estão desenvolvendo seus projetos de futuro, suas perspectivas de vida pessoal e profissional. Dentro disso, a maneira como irão se relacionar com as pessoas, inclusive com sua família e colegas precisa ser submetida a uma reflexão mais rigorosa a respeito do tema da violência. Nesse sentido, no âmbito do Projeto Pescar vimos desenvolvendo ações que visam abordar diversos temáticas de relevância social, dentre as quais, a violência e, em especial a violência contra a mulher.

O Projeto Pescar atua há 40 anos diretamente com jovens em situação de vulnerabilidade social, na faixa etária de 16 a 19 anos. Presente em diversos estados brasileiros, bem como na Argentina, Peru, Paraguai e África busca a inclusão social do jovem através do investimento em seu desenvolvimento pessoal e cidadania, juntamente com aperfeiçoamento profissional. No município de Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil, existem três unidades do Projeto Pescar, sendo uma delas na Companhia de Gás do Rio Grande do Sul (SULGÁS), local onde a presente experiência foi realizada, por meio de observações participantes, junto ao grupo de jovens integrantes da nona turma do projeto.

A observação participante constitui uma metodologia de pesquisa nascida no campo da investigação antropológica que nos permite tomar diferentes contextos sociais como referência empírica para a elaboração de estudos sistematizados. Originalmen-



te, a observação participante foi sistematizada por Malinowski (1978), a partir da ideia de que somente por meio da imersão no cotidiano de uma dada realidade seria possível obter-se o ponto de vista do "nativo" da situação estudada.

Trata-se de uma ferramenta de investigação que pode ser acoplada às rotinas das práticas de trabalho dentro dos mais diferentes grupos sociais. Nesse sentido, é possível estabelecer uma adequada compatibilização entre a condição de participação enquanto coordenador de grupos, por exemplo, e, ao mesmo tempo, como pesquisador, garantindo-se uma significativa redução da estranheza recíproca entre integrantes dos grupos e coordenadores/pesquisadores. Isto porque, nessa condição, ambos (coordenadores/pesquisadores e integrantes do grupo) compartilham papéis, regras e hábitos de forma espontânea e continuada, garantindo que os fatos, situações e comportamentos sejam observados sem alterações.

Nesse sentido, reconhecemos que a presença do pesquisador junto ao campo de pesquisa é uma relação de implicação na vida do grupo pesquisado o que traduz um trabalho técnico e, ao mesmo tempo, um trabalho ético-político engajado. O grupo em questão formou-se em fevereiro do corrente ano e, vem participando diariamente de diversas atividades de formação profissional e desenvolvimento pessoal, sendo que a temática da violência se insere no escopo das discussões. Nesse sentido, o presente trabalho aproveitou a oportunidade em que a referida temá-

tica estava prevista no plano de trabalho para, então proceder-se à análise das representações dos jovens frente à violência de gênero na sociedade brasileira.

A Representação Social constitui uma abordagem recorrente nos estudos desenvolvidos no campo das Ciências Humanas, porque designa um conceito relativo à forma como os sujeitos interpretam e pensam a realidade cotidiana. De acordo com Sêga (2000, p.128), Representação Social é "uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem". Destacando que segundo Jodelet (2009) as opiniões e considerações dos sujeitos não se dão de forma deslocada de suas vivências cotidianas, sendo produtos do meio social em que estão inseridos. E, conforme Betetto (2012), nesse contexto, as representações sociais passam a ser incorporadas através do relacionamento com o outro, propiciando o processo de reconstrução mútua, no transcorrer do próprio desenvolvimento das interações sociais.

SOBRE A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA

A violência é compreendida como uma problemática social e de saúde pública, pois afeta as relações e a qualidade de vida dos sujeitos e de toda a sociedade, sendo uma ameaça para os interesses de desenvolvimento social. Sua amplitude é mundial,



independente da condição socioeconômica, educação, orientação sexual, situação profissional, raça ou idade (MARZIAL, 2004).

O conceito de violência, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) remete ao uso intencional da força, ou poder, como ameaça, tanto a si mesmo como direcionada à outra pessoa, grupo ou comunidade, com potencial para ocasionar sofrimento / dano psíquico, lesão, alterações do desenvolvimento, privações e morte. Nessa mesma dimensão de compreensão do termo, diversos autores defendem que a violência é um elemento necessário à vida, porém quando sendo manifestada por meio de comportamentos agressivos passa a ser vista como um resultado não adaptativo, voltada para um alvo individual ou coletivo (BOBBIO, 1998; GAUER, 2001; KRISTENSEN, LIMA, FERLIN, FLORES, HACKMANN, 2003).

De acordo com Tavares e Almeida (2010) é preciso reconhecer a existência provável de vinculação entre algumas realidades que tendem a se relacionar de forma bastante próxima com a violência, tais como, a pobreza, baixa autoestima, uso de substâncias psicoativas, depressão, insegurança, angústia, etc. No entanto, ressalta-se que a violência não pode ser considerada um fenômeno exclusivo das classes economicamente mais vulneráveis e torna-se extremamente perversa a relação direta e única entre violência e pobreza já que essa concepção fere duplamente. Além da violência gerada pela pobreza

em que vivem, os sujeitos em situação de vulnerabilidade econômica ainda sofrem por serem rotulados como classes perigosas (SOARES, ALMEIDA-FILHO, COUTINHO, MARI, 2004).

Tendo em vista que a violência apresenta-se enquanto comportamento vivenciado no cotidiano pelos sujeitos, a compreensão deste fenômeno deve levar em conta o fato deste ser consequência do entrecruzamento de inúmeros fatores, que geram condicionamentos mútuos e complexos (KUSNETZOFF, 1982). Segundo Koller (1999) os sujeitos envolvidos em atos violentos podem se apresentar de três maneiras: como vítima, ator ou testemunha, sendo esta, porém, uma apresentação didática desse cenário, já que na prática, essas formas são inseparáveis e podem ocorrer, até mesmo, paralelamente. A expressão da violência, de acordo com a mesma autora, é tida como transgressão de normas de convivência social, assim como o ato de romper regras morais destinadas à proteção do patrimônio e da vida.

Vale ressaltar ainda, que as bases da violência são multifatoriais e devido à sua complexidade, sua origem não está esclarecida completamente. Assim, importa que o sujeito apresente controle dos impulsos agressivos, o que vai demandar sintonia entre o sistema nervoso com os requisitos do contexto social e a cultura onde está inserido, para despertar a capacidade crítica de avaliar a realidade, não estando comprometido por doenças ou uso de substâncias psicoativas (GAUER, 2001).



Dentre as diversas formas de violência, destaca-se no presente estudo, a violência de gênero. E embora esta "possa incidir sobre homens e mulheres, os estudos e estatísticas demonstram que grande parte desta violência é cometida sobre as mulheres por homens, com consequências físicas e psicológicas muito graves, severas e daninhas para as mulheres" (STREY, 2004, p. 16).

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Tem-se que a violência contra a mulher é uma das expressões mais comuns da violência, mas também uma das mais invisíveis, sendo considerada uma das violações dos direitos humanos mais praticada, e menos reconhecida, mundialmente (Tavares e Pereira, 2007). Nesse sentido, Carvalho (2001), ao destacar diversas categorias de excluídos e vulneráveis na contemporaneidade, reúne os velhos desprotegidos da legislação, os sem-terra, os analfabetos e destaca a situação de exclusão e violência que sofrem as mulheres. Entende-se que a exclusão social da mulher é secular e diferenciada. Conforme a Lei Maria da Penha (Lei 11.340), essa forma de violência é definida como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

É tida como a manifestação das relações de poder historicamente desiguais firmadas entre homens e mulheres. Apresentando suas raízes na ideologia, na supremacia do masculino sobre o feminino, inseridas em uma sociedade altamente machista, que perpetua a ignorância e inferioridade, banalizando-as como um atributo natural, inerente ao papel social desempenhado pelos sujeitos envolvidos (TA-VARES; PEREIRA, 2007). Assim, considera-se que o entendimento acerca da condição bipolarizada do sexo viabiliza o apontamento dos rumos da exclusão social baseada na diferença e, ao longo da história, as relações entre homens e mulheres sempre mantiveram caráter excludente.

Saffioti (2000) defende que na sociedade moderna, apesar de todo esforço para mudar essa concepção histórica acerca da desvalorização social da mulher, ainda se tem a defesa da ideia de que a mulher deve apenas ser mãe e dona de casa, repassando o poder decisório familiar para o marido. E ainda quando a mulher torna-se responsável pelo sustento da família, a figura masculina ainda representa o poder da relação, principalmente em famílias em situação de vulnerabilidade social.

O resgate histórico da violência contra mulher, segundo Tavares e Pereira (2007) destaca que as diferenças são convertidas em desigualdades, o que afastam a mulher de maior prestígio e reconhecimento profissional. Essa diferença representa uma face da identidade, da relação entre o eu e os outros, entendendo esta como a forma como as diferenças são construídas. Pois, conforme Nogueira (2006), é o relacionamento com o outro que permite que o su-



jeito crie conhecimento, pense e execute ações. Ou seja, a práxis é responsável pela construção das subjetividades que se concretizam por meio de novas práticas. Dessa forma, entende-se que o ser humano é resultado de suas próprias relações sociais, sendo, então, importante a reflexão acerca dos vínculos e do quanto se perpetua esse cenário de violência contra a mulher na atualidade.

Conforme Scott (1995), as abordagens sobre a temática poderiam ser divididas em determinados eixos teóricos, dentre eles, destacam-se que as relações de gênero detêm uma dinâmica própria, mas se articulam com outras formas de dominação e desigualdade social. No que diz respeito à própria categoria, ela incita a mudança e a permanência, as construções e descontrações e reconstruções, normas, valores e representações. Destaca-se o entendimento de que a própria categoria Gênero enfatiza a necessidade de se estudar a história social e demonstrar que as relações afetivas, amorosas e sexuais não se constituem enquanto realidades naturais.

SOBRE JUVENTUDES

A tarefa de conceituar juventude neste tempo histórico é exigente, sabendo que na sociedade contemporânea o resgate da juventude se dá pela busca de eternizá-la durante toda a vida. Segundo Fraga e Iulianelli (2003) o recolhimento da esfera privada e o individualismo, produziram uma desvalorização

do conhecimento acumulado, forjando uma valorização da juventude e de seus atributos. Os valores da juventude começaram a ser desejados e trazidos para todas as faixas etárias.

Porém ao retornar o olhar sobre a fase juventude, encontra-se a falta de consenso entre seu inicio e término. Para a ONU, a juventude corresponde dos 15 aos 24 anos e no estatuto da juventude, aprovado em 2013 no Brasil, afirma que esta fase vai dos 15 aos 29 anos. Há países que consideram a juventude até os 35 anos. Flores (2016) percebe que para além de questões biológicas, devem ser consideradas questões sociais e contingenciais que delimita este período. Entende que a juventude se encontra em um estado de limiaridade social, na busca por autonomia num mundo cujas regras e valores não foram totalmente assimilados ou recusados.

Assim, autores por muito tempo consideraram a juventude como um 'um vir a ser', como condição apenas de transitoriedade. Sendo que esta característica não configurava o jovem, como sujeito de direito. Essa visão incutida dificultava o processo de ver o jovem como sujeito e compreendê-lo além do rotulo. Desta forma, a produção teórica dos últimos 15 anos, provocou mudanças na representação de juventude, percebendo o jovem como sujeito. Primeiro que estes sujeitos são tomados a partir do lugar social que ocupam, 'o estudante', 'o delinquente', 'o músico'. Para mais, o sujeito jovem, a partir dos estudos, é um ser humano aberto ao mundo, com



desejos e em relação com os demais, um ser único. Com isso, foi constituindo a importância da participação dos jovens na sociedade como processo de se constituírem como sujeitos (PERONDI, 2013).

Ao falar de juventude, perpetua a questão, de que juventude estamos falando? Para Perondi (2013), o Brasil começa a perceber, com ajuda de toda a produção teórica, que a juventude não é somente uma fase de passagem da infância para vida adulta, nem como juventude em estado singular, com uma definição. Compreende que o termo é muito diverso, compreendendo uma diversidade de expressões juvenis, ou seja, fala-se agora de juventudes. Fraga e Iulianelli (2013) trazem que a juventude não é homogênea, mas ao falar de juventudes, abre as diferenças existentes neste grupo, como a condição social, raça, etnia, gênero e a forma de vivenciar esta fase que varia enormemente. Como o jovem pobre que é inserido na vida adulta precocemente, os negros e índios que são alvos da violência e as meninas que são atingidas pelo comportamento de uma sociedade machista. Estes exemplos de diferenças reforçam as especificidades na juventude e as profundas diferenças existentes entre os sujeitos que a compõe.

Mesmo referenciados como juventudes, os jovens são pensados a partir da construção histórica e cultural que correspondem a fase vivida. Há duas principais formas de situar os jovens socialmente. A primeira, a partir das instituições hegemônicas como

família e escola, que vê o jovem em condição passiva, um ser em formação para acessar o futuro na esfera adulta. A segunda forma de situar o jovem socialmente são os espaços de socialização juvenil, criados a partir das brechas dos espaços institucionais ou no tempo livre. O diferencial desta segunda forma é que os jovens são criadores desse processo, diferente da segunda que são passivos (PERONDI, 2013).

Ao realizar esta breve conceituação de juventudes, é importante observar que os direitos das juventudes, e o entendimento como sujeito de direito é recente. Apenas em 2010 com a criação da PEC da juventude, como proposta da emenda constitucional, as juventudes tiveram sua inserção oficial no capitulo de direitos e garantias fundamentais na constituição federal. Complementado pelo Plano Nacional da Juventude, que determinou incorporar integralmente os jovens no desenvolvimento do pais, e a recente aprovação do Estatuto da Juventude em 2013 (FLORES, 2016).

Também outras questões são abertas, como por exemplo, a forma que a sociedade esta cuidando das suas juventudes. Se as leis, políticas públicas e todo interesse em torno das juventudes, está garantido acesso aos seus direitos básicos. percebe-se que os jovens sofrem com os processos de exclusão e inclusão que o sistema capitalista produz, bem como a forma precocemente que esta sociedade tem de descartar vidas precocemente ou indesejáveis.



A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PARA OS JOVENS DO PROJETO PESCAR

O trabalho a ser apresentado foi realizado na unidade do Projeto Pescar SULGÁS município de Canoas, onde os encontros já ocorrem diariamente desde fevereiro do presente ano. O grupo é formado por 18 (dezoito) jovens, sendo 07 (sete) meninas e 11 (onze) meninos, a maioria com 16 (dezesseis) anos de idade, moradores dos municípios de Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul.

O processo de formação contempla uma metodologia definida pela Fundação Projeto Pescar que defende o investimento da carga horária em 60% (sessenta por cento) dedicados ao Desenvolvimento Pessoal e Cidadania e 40% (quarenta por cento) voltados para a Iniciação Profissional do jovem. Inserida no contexto do Desenvolvimento Pessoal e Cidadania, a metodologia apresenta-se dividida em temáticas específicas, sendo elas: Descoberta do Eu, Família, Comunicação e Tecnologias, Ambiente de Trabalho, Empreendedorismo, Saúde, Meio Ambiente, Ecologia contemplando diversos conteúdos que são abordados desde o primeiro encontro da turma na unidade (FPP, 2015).

A violência contra a mulher entrou em debate a partir da inserção da temática Descoberta do Eu, no tópico "Relação com a Sociedade" e pode ser incluída também em discussões da temática Família, no tópico "Família e Juventude". A problemática

foi trabalhada na forma grupal em dois momentos distintos, durante os encontros na unidade, utilizando-se a abordagem da observação participante, visando conhecer as representações da mulher para os jovens participantes.

O primeiro encontro foi realizado com o grupo dividido em subgrupos, os quais debateram sobre essa problemática direcionando a reflexão para a juventude inserida nesse contexto. Dentre os diversos momentos valiosos da discussão trazida para o grande grupo, destaca-se o modo como os subgrupos organizaram a discussão: registrando o cenário vivenciado pelas mulheres em dois momentos distintos: no passado e na atualidade. O cenário apresentado pelos jovens sobre a violência contra mulher no transcorrer da história resgata exatamente o lugar de submissão, humilhação e coisificação da figura feminina diante do poder masculino na sociedade.

Ainda no primeiro encontro, ao voltar o olhar para a atualidade, os jovens retrataram a dinâmica de poder e violência estando presente nas relações sociais, principalmente entre os jovens, conforme observam nas atividades cotidianas. Ao estar junto aos grupos de pertencimento o relacionamento entre o menino e a menina tornam-se alvo de decisões do próprio grupo, que são expressas através de posturas permeadas de concepções antigas quanto à mulher, ressaltando novamente, em diferentes idades, o poder do menino e a submissão da menina. Por exemplo, foram unânimes os relatos de que quando estão



no coletivo (seu grupo de pertencimento), são obrigados a se aproximar e, conforme sua linguagem, "ficar", com meninas, mesmo sem ter essa intenção, pois, ao contrário, são rotulados como homossexuais. Assim, determina-se que o menino pode e "deve" "ficar" com o máximo de meninas que puder, sem qualquer desmerecimento ou desvalorização de si. Ao contrário, quanto às meninas, ainda espera-se, segundo relato dos subgrupos, que ela não tenha "ficado" (sic) com muitos meninos, caso contrário ela recebe o rótulo associado à promiscuidade, não sendo aprovada para relacionamentos duradouros ou, até mesmo, digna de respeito.

Nesse primeiro encontro ainda se levanta como reflexão importante acerca da temática o relato de que, apesar de na atualidade a mulher gozar de maior liberdade e possibilidade de viver uma vida sem tantas opressões, muitas vezes essa liberdade representa gravidez precoce, despertando atenção para outra problemática social. Ao mesmo tempo, a liberdade que a permite conquistar espaço no meio educacional e no mercado de trabalho, ainda não lhe garante salários iguais aos dos homens, na visão dos jovens.

De forma geral, os meninos, demonstraram maior dificuldade em debater sobre sua representação acerca da igualdade de gêneros, apontando questões vinculadas à razão dessa igualdade. Por exemplo, a mulher defende igualdade para profissões que exigem determinantemente a força e resistência masculina, por isso, não seria necessário o esforço para tal.

Levantaram a questão de igualdade de gênero como devendo ser trabalhada não como obrigatoriamente em todos os cenários, mas onde é mais adequada. Deve-se, segundo eles, quebrar o preconceito e os rótulos que recaem sobre a mulher há anos, mas em algumas situações, pode ser que um dos dois exerça a atividade de forma mais adequada, sem qualquer forma de violência nessa determinação.

No segundo encontro de discussão sobre a questão da violência contra a mulher, o trabalho foi realizado apenas no grande grupo. Foi lançado o questionamento sobre quais seriam as possibilidades de minimizar ou eliminar essa problemática, tanto a nível micro como macro, ou seja, tanto nos relacionamentos familiares como na sociedade em geral, por onde tudo se perpetua frente aos costumes, crenças e a própria pressão social.

As estratégias para tentar transformar a situação foram levantadas sem organização prévia, apenas no discurso, e de forma integralizada, dividiram-se em dois contextos: ações voltadas para os meninos e outras para as meninas. Assim, o grupo expressou coletivamente quais atitudes seriam necessárias para cada um dos gêneros, visando a mudança de comportamento e cultura sobre a violência. Nesse sentido, algumas estratégias mais importantes foram:

Desenvolver atividades de maior autoconfiança no menino, despertando maior coragem para assumir seus desejos e vontades, sem tanta dependên-



cia do grupo. Isso para evitar que sejam obrigados a fazer coisas que não desejam, como por exemplo, "ficar" com algumas meninas sem ter a intenção. Outra possibilidade seria abrir mais espaços amplos e diversificados de discussão e reflexão para os jovens, livres de julgamentos de valor, sendo mediados por pessoas que tenham afinidade com a turma para propiciar a participação e fortalecer a conscientização sobre a temática.

Já em relação às meninas, alguns componentes do grupo levantaram a questão do mesmo cenário vivenciado pelos meninos estar sendo cultuado entre as meninas. Ou seja, relataram que do mesmo modo como nos grupos de meninos, as jovens passaram a ter que contabilizar a quantidade de meninos que "ficam" em uma noite, por exemplo, o que entre o grupo delas, representa valor. No entanto, a representação desse comportamento frente aos meninos e, até mesmo outras meninas que não pactuam dessa ideia, continua sendo de desvalorização, por ser, conforme definição do próprio grupo, uma menina muito "fácil". Quanto às estratégias para mudar esse cenário, apontam para espaços de apresentações, trocas, leituras sobre os tempos mais antigos, para que se relembre o ocorrido e busque a eliminação de suas ideias. E, para as meninas, o grupo defende a ideia de que parecem um tanto perdidas frente à tantas demandas que devem responder, sem ter, conforme relatos, tempo, habilidade ou condições mínimas para sair da situação. Conforme Saffioti e Almeida (1995), toda a diferenciação pode ser tida como positiva, no entanto, apesar disso, as "representações sobre a diferença podem ser apropriadas pela ideologia e transformadas em estigma, portanto, em algo negativo" (p. 44).

A gravidez precoce apareceu brevemente no relato do jovem, mas como estratégia, a turma definiu a presença mais contínua de casos reais, mostrando como a decisão errada, em local errado, com pessoas erradas, podem significar uma mudança total de vida. Assim, defenderam a ideia da reflexão crítica contínua, sobre as transformações sociais, as mudanças e o papel dos diferentes gêneros sociais.

CONSIDERAÇÕES DE ENCERRAMENTO

Visualizam-se crenças que justificam certo grau de violência doméstica, associadas às pré-determnações sociais sobre como o homem e a mulher devem se comportar em sociedade, principalmente quando estão em grupos.

Os resultados da experiência apontam para uma representação da mulher que articula, por um lado, elementos de um passado, no qual a mulher era tida como de objeto de desejo e alvo do poder masculino, isto é uma representação de total submissão da mulher. Por outro lado, os jovens expressam uma representação da mulher, ligada à atualidade, onde esta conquista seu espaço profissional e tem maior autonomia, tanto na questão educacional como do trabalho.



Contudo, o grupo mostrou-se em dúvida quanto a sua representação da igualdade de gênero. Por fim, o grupo relaciona maior liberdade de escolhas pessoais por parte das mulheres jovens à gravidez precoce, indicando uma representação social ligada a valores patriarcais. Sugere-se ampliação de estudos direcionados ao público jovem voltados, dentre outras, à temática da violência.

REFERÊNCIAS

BETETTO, M. de F. **Representações Sociais de Jovens sobre Trabalho:** Uma Análise Construída a partir da Formação Profissionalizante e da Experiência de Primeiro Emprego. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/ SP: 2012. 129 p.

BOBBIO, N. **Dicionário de política Brasília.** 11 ed. Universidade de Brasília/ Brasília, 1998. (Vol. 2).

BRASIL Lei Maria da Penha - Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 de agosto de 2006.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil:** o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FLORES, Helen Rose de Flores. **A pesquisa e as redes de colaboração sobre juventudes nos programas de pós-graduação de educação na região sul do Brasil.** Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139113/000990118. pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 jun. 2016.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: Impressos Brasil, 2003. 261 p.

FUNDAÇÃO PROJETO PESCAR (FPP). **Desenvolvimento Pessoal e Cidadania** - COLEÇÃO PROJETO PESCAR. Porto Alegre: Fundação Projeto Pescar, 2007.

GAUER, G. Personalidade e conduta violenta. Civitas: **Revista de Ciências Sociais**, 1(2), 45-65. 2001.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.24, n.3, pp. 679-712, set./dez. 2009.

KOLLER, S. Violência doméstica: uma visão ecológica. In. AMENCAR. (Org.), **Violência doméstica**. Brasília: Unicef. 1999, (pp. 32-42).

KRISTENSEN, C.; LIMA, J.; FERLIN, M.; FLORES, R. & HACKMANN, P. Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, 8(1), 175-184. 2003.

KUSNETZOFF, R. **As áreas do saber**. São Paulo: Cortez. 1982.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora AbrilCultural, 1978.

NOGUEIRA, C. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PERONDI, Mauricio. **Narrativas de jovem:** experiências de participação social e sentidos atribuídos a suas vidas. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72693/000885296.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2016.



SAFFIOTI, H. Equidade e paridade para obter igualdade. **Revista O Social em Questão**, ano 1, n. 1, jan./jun. 2000.

SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S. **Violência de gênero:** poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, FACED/UFRGS, v. 20, n. 2, 1995.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90,** Porto Alegre, n13, julho de 2000.

SOARES, K.; ALMEIDA-FILHO, N.; COUTINHO, E.; MARI, J. Sintomas depressivos entre os adolescentes e adultos de uma amostra populacional de três centros urbanos brasileiros: análise dos dados do Estudo Multicênctrico de Morbidade Psiquiátrica. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 26(5), 218-224. 2004.

STREY, M. Violência, gênero e políticas públicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TAVARES, F.; PEREIRA, G. C. Reflexos da dor: contextualizando a situação das mulheres em situação de violência doméstica. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 410-424. jul./dez. 2007.

TAVARES, G.P.; ALMEIDA, R. M. Violência, Dependência Química e Transtornos mentais em presidiários. **Estudos de Psicologia,** Campinas, 27(4) 545-552. Outubro-dezembro. 2010.



A MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO PROFESSOR GREVISTA

THE MEDIA AND THE CONSTRUCTION OF THE *ETHOS* OF THE TEACHER STRIKE

Gláucia Knob (Universidade de Passo Fundo)¹ Luciana Maria Crestani (Universidade de Passo Fundo)²

Resumo: No histórico do Sindicato dos Professores e Funcionários de Escola do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato) há o registro de inúmeras greves. Dentre os motivos, destaca-se como a causa mais frequente, o não aumento salarial; nos últimos anos, o não pagamento do piso, e, atualmente, pelo parcelamento dos salários. Essa cena já validada faz com que a sociedade construa ethos em relação a esse profissional que atua na Rede Pública Estadual do RS. Nesse sentido, partindo de recortes de textos que circularam na mídia, em virtude da realização de mais uma greve da categoria, este trabalho busca identificar que imagens desses docentes são construídas. O corpus é analisado na perspectiva de Maingueneau (2008, 2013, 2015), Fiorin (2008) e Bakhtin (2009, 2011). Assim, é verificado como a so ciedade vê essa mobilização, qual sua credibilidade e como isso influencia na (des) valorização governamental e da sociedade em geral em relação a esse profissional.

Palavras-chave: Educação. Ethos. Greve. Professor.

Abstract: In the history of the Syndicate of Teachers and Employees of Rio Grande do Sul State School (CPERS / Syndicate) there is a record of numerous strikes. Among the reasons, it stands out as the most frequent cause, not the salary increase; in recent years, not floor payment, and currently the parceling of salary. This scene already validated makes society build ethos in relation to that professional engaged in the Public State of RS Network. In that sense, from text clippings that circulated in the media, by virtue of holding another strike category, this work seeks to identify images that these teachers are built. The corpus is analyzed from the perspective of Maingueneau (2008, 2013, 2015), Fiorin (2008) and Bakhtin (2009, 2011). Thus, it is seen as society sees this mobilization, which its credibility and how it influences the government (dis) recovery and society in general in relation to this professional.

Palavras-chave: Education. Ethos. Strike. Teacher.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: glaucia.knob@gmail.com

² Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: lucianacrestani@upf.br



1 INTRODUÇÃO

O ano de 2016 iniciou mais uma vez tumultuado para quem tem ligação com a Rede de Ensino Pública Estadual do Rio Grande do Sul, sejam professores, funcionários e diretores das escolas, sejam pais, estudantes e o governo. O Sindicato dos Professores e Funcionários de Escola do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato), desde 1979, tem um histórico de greves quase anuais, conforme informações da página do sindicato da categoria na *Internet*³. Exemplo de outros anos, mais uma vez foi deflagrada greve dos docentes dessa rede, que, liderada pelo CPERS/Sindicato, tem sido destaque na mídia, principalmente gaúcha.

Tendo em conta o caráter sócio-histórico e a dialogicidade discursiva - que retoma discursos anteriores e suscita discursos futuros - imagens sociais se constroem a partir do que é dito, principalmente do que é veiculado na mídia, dado o poder de alcance e a credibilidade que se costuma atribuir aos meios de comunicação. Assim, os discursos veiculados nos diversos suportes midiáticos (rádio, televisão, jornais) fazem com que um *ethos pré-discursivo*

seja construído a respeito de quem se fala (do ator do enunciado), neste caso, um *ethos* dos professores grevistas. Isto é, certos estereótipos identitários se projetam em virtude das cenas validadas, do que já é construído culturalmente pela sociedade.

Nesse sentido, embasado no escopo teórico de Maingueneau (2002, 2008, 2013, 2015), Fiorin (2008) e Bakhtin (2009, 2011), busca-se entender qual a imagem atrelada aos professores grevistas, ou seja, qual o ethos que se constrói a partir do discurso enunciado, a partir de recortes de três notícias veiculadas por ocasião da última greve dos docentes estaduais do RS. O primeiro recorte consiste em falas desses professores em uma notícia do jornal Zero Hora, publicada no dia 13 de maio de 2016, no suporte on-line, intitulada "Assembleia do CPERS aprova greve dos professores da rede estadual"4. O segundo recorte, trata-se da "Nota do Governo do Estado do Rio Grande do Sul"⁵ que também foi divulgada no dia 13 de maio de 2016, na página da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul na Internet e acrescida às diversas notícias veiculadas na mídia sobre a greve do servidores. O terceiro corpus é a opinião do colunista Tulio Milman⁶,

³ Leia mais sobre as greves em: http://cpers.com.br/greves/.

 $^{^4}$ Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2016/05/assembleia-do-cpers-aprova-greve-dos-professores-da-rede-estadual-5800858.html.

⁵ Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias det.jsp?PAG=6&ID=16900>.

 $^{^6 \} Disponível \ em: < http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/colunistas/tulio-milman/noticia/2016/05/opiniao-5802693.html>.$



publicada no dia 16 de maio, também no Zero Hora e que declarou os mesmos dizeres, neste mesmo dia, no Programa Jornal do Almoço, na RBS TV⁷.

Na Retórica de Aristóteles, o estatuto do ethos é ligado à enunciação, como um efeito do discurso que torna o orador digno de fé. Roland Barthes liga essa característica como sendo os traços de caráter que o orador deve mostrar ao seu público para causar boa impressão no dizer. Já Oswald Ducrot destaca que o ethos se mostra e não é dito. Em Fiorin, o ethos explicita-se na enunciação enunciada. Logo, o ethos, ao estar ligado à enunciação, parte da ideia de que o público constrói as representações do enunciador.

A cena validada desse histórico permeado por várias greves da categoria permite identificar um ethos pré-discursivo construído pela sociedade, ao crer que a profissão não é rentável economicamente, principalmente, pelo fato de que em todas essas movimentações, sempre foi destaque a reivindicação pelo aumento salarial e/ou pagamento do piso. Ademais, apesar de todos os problemas estruturais e econômicos existentes nas escolas da rede estadual, além da educação em si, no geral, a sociedade não vê essa greve com bons olhos, pelo fato de causar certos transtornos à organização política e administrativa, governamental e escolar, além de

afetar a rotina das famílias dos estudantes, o que desvaloriza ainda mais a profissão docente.

Sabemos que a enunciação é, na verdade, sempre coenunciação, na medida em que *eu* (enunciador) sempre enuncia para um *tu* (enunciatário) e que ambos, juntos, constroem o sentido do enunciado. Assim, mesmo quem não tem ligação direta com a rede de ensino estadual será coenunciador⁸ dos discursos sobre a greve veiculados na mídia. Tais discursos, a partir de certo posicionamento ideológico (BAKHTIN, 2011), induzirão a expectativas em relação ao *ethos* desses professores grevistas. Acrescente-se a isso que os coenunciadores não precisam, necessariamente, aderir ao discurso enunciado, podendo, ao contrário, rebatê-lo, refutá-lo, criticá-lo.

No primeiro capítulo, a sessão teórica abordará as concepções de *ethos pré-discursivo* e *ethos discursivo*, conforme Dominique Maingueneau, bem como, as cenas discursivas, divididas em cena validada, cena englobante, cena genérica e cenografia, além de, brevemente, as questões de discurso e gêneros abordadas por Bakhtin. O segundo capítulo apresentará os *corpora* analisados e a metodologia de análise. Já no terceiro capítulo apresentar-se-á a análise dos *corpora* em questão, que foi divulgado na mídia, seguida pelas considerações finais.

⁷ Por se tratar de textos extensos e dada a limitação de páginas deste trabalho, não será possível trazer a íntegra dos *corpora*, apenas os recortes analisados.

⁸ Considera-se a perspectiva de que o discurso é interativo e mobiliza dois parceiros, o que torna difícil nomear como interlocutor ou destinatário, mas, sim, de coenunciador, pois o outro não é passivo. (MAINGUENEAU, 2002, p.54).



2 LÍNGUA E COERÇÕES DE FALA: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

A língua⁹ é social, mas o uso é particular, conforme propósitos do enunciador¹⁰, ancorado em coerções de fala. Quando se aborda a língua em uso, adentramos na área que corresponde ao discurso¹¹, que, seja escrito ou falado, permite relacionar a uma fonte enunciativa. Esse enunciador está determinado precisamente a uma compreensão ativamente responsiva, sendo que ele não espera uma compreensão passiva. (BAKHTIN, 2011). A língua remete ao discurso, que remete à ação, ao dialogismo, sendo considerado além da frase, totalmente ligado ao sujeito.

O campo da Análise do Discurso (AD) no qual se insere Maingueneau, é ligado ao sujeito e à sua relação com a cultura, é instável, pois a atividade verbal, tanto quanto qualquer comportamento social é regida por normas. Assim, a própria noção de discurso também é instável, de tal modo que se refere aos objetos empíricos e como algo que transcende todo ato de comunicação particular. Essa "dupla apropriação da noção" permite que diversas áreas e

pesquisas possam estar em contato e estudo com o conceito (MAINGUENEAU, 2015), justamente pela linguagem humana ser tão ampla, estar ligada aos gêneros do discurso, que suscitam expectativas nos sujeitos engajados na atividade verbal. Toda enunciação é um ato que visa modificar uma situação.

Logo, o discurso é uma forma de ação, principalmente "de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo" (MAINGUENEAU, 2015, p. 25), de uma situação. Nós, como sujeitos, colocamos a língua em funcionamento através do uso, produzindo textos que serão endereçados a certos coenunciadores, compondo-se como um discurso. Por conta da interatividade, "um termo como 'destinatário' parece insatisfatório, porque pode dar a impressão de que a enunciação é apenas a expressão do pensamento de um locutor que se dirige a um destinatário passivo". (MAINGUENEAU, 2015, p. 26). O discurso somente será discurso quando relacionado a um EU - que está como fonte de referências pessoais, temporais e espaciais (EU-AQUI--AGORA) - e a um TU (enunciatário12), que pode aderir ou não ao discurso. Assim,

⁹ Leva-se em conta aqui a ideia de língua que só existe enquanto uso, logo, é inseparável de seu conteúdo ideológico, é concernente à vida. (BAKHTIN, 2009).

¹⁰ Refere-se ao EU do discurso, aquele que toma a palavra, que se dirige a um TU com o propósito de enunciar. (BENVENISTE, 1976).

 $^{^{11}}$ O mesmo que enunciação, isto é, toda enunciação que supõe um locutor que se apresenta com a intenção de influenciar um ouvinte. (BENVENISTE, 1976).

 $^{^{\}rm 12}$ Usado aqui no mesmo sentido que coenunciador.



a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Para se separar abstratamente a língua de seu conteúdo ideológico ou vivencial, é preciso elaborar procedimentos particulares não condicionados pelas motivações da consciência do locutor. [...] A língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta [apenas] como um sistema de formas normativas. (BAKHTIN, 2009, p. 99¹³).

Essa ampliação da língua, para além da visão desta como simples conjunto de signos sociais, mas sim como discurso produzido por sujeitos sócio-históricos, permite designar objetos de análise e mostrar que se adota um ponto de vista sobre eles, como mobilizadores de ideias e de forças. Assim, há o interdiscurso, sendo que todo discurso só vai assumir sentido no interior de um interdiscurso porque o

simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que o relacionemos com os outros textos do mesmo gênero; a menor intervenção política só pode ser compreendida se se ignorarem os discursos concorrentes, os discursos anteriores e os enunciados que então circulam nas mídias. (MAINGUENEAU, 2015, p. 28).

A questão do interdiscurso está diretamente ligada ao dialogismo (BAKHTIN, 2011), de modo que recusa que um texto seja fechado, isto é, ele sempre

será aberto aos enunciados interiores e exteriores, numa relação interminável. O ser humano, em sua vivência na sociedade, constrói relações das mais variadas, seja com outros seres vivos, seja com a cultura em geral, de modo que "a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso". (BAKHTIN, 2011, p.282). Todas essas relações fazem com que as pessoas assumam posições discursivas dentro de cenas discursivas e, ao assumir essas posições, faz-se com que o outro possa aderir ou não a essa posição. Essa reflexão sobre a adesão de sujeitos a uma posição discursiva faz com que adentremos na noção do *ethos*.

2.1 Ethos e cenas enunciativas: formações nos dizeres

A noção de *ethos* pertence à tradição retórica especificada por Aristóteles como uma persuasão pelo caráter e que torna o orador digno de fé. O estatuto de *ethos* tem um laço "crucial com a reflexividade enunciativa" e "relação entre corpo e discurso" que ele implica (MAINGUENEAU, 2008, p. 70), de modo que se manifesta também como uma voz e como corpo enunciante, que está historicamente especificado e inscrito em uma situação que a enunciação pressupõe e valida. Ocorre, porém, que como

¹³ Devido às discussões já conhecidas, sendo que ora a autoria de Marxismo e Filosofia da Linguagem é remetida ora a um autor, ora a outro, aqui se usa o que é indicado na edição de 2009, sendo Mikhail Bakhtin.



explica Maingueneau (2008), muitas vezes o ethos se constrói não por um discurso em específico do sujeito que fala, mas por noções/discursos que veiculam socialmente sobre esse sujeito (ou grupo social) e que vão fazendo com que se criem imagens cristalizadas, representações do enunciador antes mesmo que ele fale. A isso Maingueneau (2008) chama de *ethos pré-discursivo*¹⁴. É uma imagem preexistente do enunciador/locutor.

Ainda em relação a esse universo dos discursos, a construção de uma identidade está ligada à maneira de dizer e ser. Ao dizer e ser, o enunciador espera que o seu coenunciador identifique-se com o que foi proposto, que ele seja persuadido pela ideia, que ele a incorpore. A designação de incorporação faz menção à "maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos de um discurso" (MAINGUENEAU, 2008, p.72), no sentido de que o coenunciador incorpore, assimile um conjunto de esquemas necessários para se relacionar com o mundo ao constituir o necessário para aderir ao discurso do ethos. Não obstante, pode ocorrer uma "briga de ethos", quando o locutor quer parecer o que não é, e/ou quando o outro15 não entra em acordo com o dito ou mostrado, adotando uma posição discursiva diferente.

Esse *ethos* que aqui se refere "não diz respeito apenas [...] aos enunciados orais: é válido para

qualquer discurso, mesmo para o escrito. Com efeito, o texto escrito possui, [...] um tom que dá autoridade ao que é dito". (MAINGUENEAU, 2002, p. 98). A construção do *ethos* está diretamente ligada a um quadro profundamente interativo, numa certa configuração cultural, que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos. O discurso pressupõe essa cena de enunciação, que

integra de fato três cenas que proponho chamar de "cena englobante", "cena genérica" e "cenografia". A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma "instituição discursiva": o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, etc. (MAINGUE-NEAU, 2008, p. 75).

Em outras palavras, a cena englobante consiste nas marcas enunciativas do EU-TU-AQUI-AGORA, isto é, o tipo de discurso, em função de qual finalidade e para quem ele foi organizado. A cena genérica tem relação ao gênero discursivo que é usado nessa cena discursiva. A cenografia é construída pelo texto, ou seja, a partir de indícios diversificados, na

¹⁴ Também denominado ethos prévio. (AMOSSY, 2013).

¹⁵ Neste caso, o coenunciador.



consideração dos níveis da língua, do ritmo, dentre outros ou em conteúdos explícitos, como a cronografia (momento) e a topografia (lugar) de onde o discurso surge. Maingueneau (2002, p.87) alerta para o fato de a cenografia ser ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra, é a correspondência particular, que põe em contato indivíduos que mantêm uma relação, uma proximidade.

Ademais, o *ethos* também pode emergir de um conjunto de cenas de fala, que pode ser chamada de cena validada, sendo aquela "já instalada na memória coletiva", principalmente em representações estereotipadas. (MAINGUENEAU, 2002). Qualquer discurso não será analisado somente conforme os conteúdos, a organização textual ou os procedimentos estilísticos, vai também estar relacionado às normas, aos grupos culturais e ao que esses acreditam como sendo legitimidade.

3 OS RECORTES DOS *CORPORA* ANALISADOS E AS RELAÇÕES COM O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O histórico de greves da Rede de Ensino Pública Estadual do Rio Grande do Sul está presen-

te no imaginário coletivo, pois, desde 1979, há na cronologia do CPERS/Sindicato, a realização dessas mobilizações. Neste ano de 2016, mais uma vez, o ano letivo iniciou com esse movimento que ocupou grande parte das escolas gaúchas, inclusive com a participação de estudantes que ocuparam algumas instituições de ensino. Essa cena validada que remete à greve e aos professores dessa rede influencia fortemente a sociedade de modo geral, principalmente, a partir do que é veiculado pela mídia.

Desse modo, na análise a seguir, o primeiro recorte consiste de falas de professores da Rede de Ensino Pública Estadual, os quais foram entrevistados pelo Jornal Zero Hora¹6 e que compõem a notícia intitulada "Assembleia do CPERS aprova greve dos professores da rede estadual"¹7. Essa notícia foi publicada na plataforma *on-line* do jornal, no final da tarde do dia 13 de maio de 2016 e relata sobre a assembleia realizada nessa tarde, em Porto Alegre, no ginásio Gigantinho, que contou com "cerca de três mil professores". A partir dessa reunião decidiu-se que a classe começaria a "greve imediatamente".

O segundo recorte é uma "Nota do Governo do Estado do Rio Grande do Sul"¹⁸ que também foi divulgada no dia 13 de maio de 2016, na página da

¹⁶ Jornal de ampla circulação, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul, e que também possui plataforma *on-line*.

 $^{^{17}}$ Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2016/05/assembleia-do-cpers-apro-va-greve-dos-professores-da-rede-estadual-5800858.html>.

 $^{^{18}\} Disponivel\ em: < http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias_det.jsp?PAG=6\&ID=16900>.$



Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul na *Internet*, mas que também foi acrescida às diversas notícias veiculadas na mídia sobre a greve dos servidores. Essa nota traz considerações do governo sobre a greve. Este admite que a crise que atinge o país tem prejudicado também o Estado, porém, diz que atitudes já foram tomadas em relação aos pedidos dos docentes, inclusive com a especificação de cifras sobre os investimentos na educação. O governo atesta que o diálogo com a classe será permanente, ressalta a importância da continuidade das aulas e destaca também que o acesso às escolas deve ser liberado, caso contrário há a ameaça de que sejam tomadas outras atitudes.

Já o terceiro e último excerto analisado é a opinião do colunista Tulio Milman¹⁹, publicada no dia 16 de maio, na plataforma *on-line* do jornal Zero Hora. No mesmo dia, Milman pronunciou os mesmos dizeres no Programa Jornal do Almoço, na RBS. Tulio traz quatro considerações sobre a greve, sendo que ele inicia sua fala com o dizer "para anotar e conferir", seguido por atitudes que acredita que serão tomadas por parte do governo, professores e alunos.

A partir desses recortes, será verificado o funcionamento discursivo e a inscrição histórica, ao pensar as condições de uma "enunciabilidade", através das cenas enunciativas (cena englobante, cena genérica, cenografia e cena validada), identificando

o *ethos prévio* e o *ethos discursivo* que são construídos e contam com a adesão (ou não) pelos coenunciadores através do que foi divulgado pela mídia.

4 A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

Ao produzir discursos, *ethos* são revelados a partir do processo de construção de sentidos pela tomada de palavra por um locutor. A forma como esse locutor produz os seus dizeres e manipula-os no sentido de construir a sua imagem e do público para o qual se dirige, dentro de cenas enunciativas, permite aferições, como as que serão feitas a seguir, a partir do recorte de *corpus* divulgados na mídia em virtude da realização de mais uma greve dos professores da Rede de Ensino Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Devido à cena já validada, o docente gaúcho dessa rede é visto, de modo geral, como um profissional desvalorizado, que está em conflito constante com o governo estadual para ter suas reivindicações atendidas, principalmente, referentes às questões salariais. Esse histórico de greves tem como causas frequentes, o não aumento do salário, também o não pagamento do piso e, neste ano, o parcelamento salarial. As cenas discursivas são mostradas e, muitas vezes, reforçadas na mídia, sendo que os recortes

 $^{^{19}\,}Dispon\'i vel\ em:\ \verb|-http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/colunistas/tulio-milman/noticia/2016/05/opiniao-5802693.html>.$



que serão analisados foram veiculados em diversos suportes, tais como rádio, televisão, jornal impresso e *on-line*, logo, atingiram um público diversificado, que pode construir imagens.

4.1 Ethos dito: o discurso dos professores

O primeiro recorte analisado consiste numa cena englobante de produção jornalística, em que professores foram entrevistados para dar corpo a uma reportagem sobre o início da greve, ou seja, justificando essa decisão para os leitores da plataforma on-line Zero Hora. A cena genérica apresenta-se numa notícia on-line do Jornal Zero Hora, com o título: "Assembleia do CPERS aprova greve dos professores da rede estadual". Foi publicada no dia 13 de maio de 2016 e além do texto verbal, há imagens (fotos) dessa reunião. A cenografia apresenta-se nas falas de alguns professores da rede estadual que foram entrevistados, retextualizadas para a escrita com a reportagem que aborda sobre a reunião do CPERS e a definição sobre o início da greve, inclusive definindo, conforme as palavras da presidente do sindicato, Helenir Schurer, como uma greve atípica, já que os alunos estariam participando. Neste ponto já podemos perceber como a greve é uma cena validada, ou seja, está presente no imaginário social de modo bastante intenso, já que "a edição deste ano também conta com o apoio dos alunos", que em outras edições não estariam participando. Essa afirmação mostra como o locutor quer construir uma imagem de maior importância desse movimento e de que ele deve ser apoiado, pois dessa vez "até" os alunos aderiram, sendo que não há uma percepção de problemáticas na educação apenas por parte dos professores.

Na outra fala, a entrevistada, a

professora Alessandra Bittencourt Ribeirro, 44 anos, 26 lecionando, do Instituto Estadual de Ensino Cônego Luiz Walter Hanquet, de Camaquã, afirma que nunca houve tamanho desrespeito com a categoria.

-É um momento único. O governador brinca com questões sérias, falta repasses dos recursos mínimos. O governo diz para buscarmos na Justiça direito a monitores em sala de recurso multifuncional, cuja lei determina um funcionário por estudante autista, reclama.

Essa professora reforça um ethos do docente desrespeitado pelo governo estadual e reforça no seu enunciado o descontentamento com o governador, que seria o responsável pelo descaso com a educação, pois não repassa recursos, nem tem uma atitude positiva em relação à situação que a escola se apresenta, como se ele estivesse desinteressado e empurrando a responsabilidade para outros setores, como a Justiça. Ela exemplifica, para reforçar seu argumento e convencer o leitor, que o descaso é tamanho, que para que se tenha um atendimento adequado aos estudantes com autismo, o governador pediu que os próprios docentes buscassem na



Justiça esse direito, cuja lei deveria ser cumprida pelo Estado.

Há a adição do nome dos entrevistados, idade, quanto tempo de atuação e o local. Isso dá corpo ao ethos para mostrar a professora que já participou de vários momentos da educação gaúcha, portanto tem autoridade para falar disso. O jornal contribui para a construção do ethos ao acrescentar esses dados, algo muito comum no meio jornalístico, para que seja dada maior veracidade à notícia e aproximação do leitor com o fato em destaque. Também, ao introduzir a fala dos professores, quem redigiu a notícia reafirma o discurso da professora em relação à falta de respeito do governo com os professores. Além disso, como essa mobilização já é histórica e em poucas oportunidades os professores tiveram o apoio da sociedade, a enunciadora já sabe dessa cena validada e busca adesão do seu coenunciador, de modo que fica subentendido que dessa vez é diferente das outras, a situação está pior.

Em outro trecho da reportagem, a professora Loiva Mombach, 54 anos, comenta que

temos material didático e de limpeza porque guardamos de anos anteriores. Continuamos com merendas porque congelamos alguns alimentos, além de conseguirmos mantimentos com a comunidade. Falta pessoal e turmas ficam misturadas na mesma sala.

Nesta fala, há um *ethos* que se constitui como sendo do docente prevenido, pois só há materiais nas escolas pelo fato de que foi guardado do ano passado (2015), caso contrário, haveria nada, a situação seria mais calamitosa. Além disso, há uma generalização do professor da escola pública de que o seu trabalho vai além da sua obrigação de ensinar e ele busca junto à comunidade escolar materiais que deveriam vir do governo. Mais ainda: ele faz além das suas tarefas dentro e fora da sala de aula, uma vez que atende turmas que ficam misturadas no mesmo ambiente, quando não deveriam estar, quando o governo deveria disponibilizar mais profissionais para esse atendimento, bem como, a melhoria na infraestrutura das escolas.

O locutor liga seu enunciado a um possível coenunciador que não sabe que isso está acontecendo com a educação, com as escolas, alunos e professores, que por não ter conhecimento pode estar equivocado quanto às suas opiniões, não aderindo a esse discurso de que a greve é importante. A respeito disso, o docente tem de ter essas informações para construir uma imagem do movimento e do professor de modo positivo, como aquele que está buscando o que é de direito não apenas individual, mas, também, dos alunos, pais, escola, sociedade e também, principalmente, dos professores. Esse *ethos* construído pelo docente recebe respostas de dois coenunciadores, que serão analisados na sequência.



4.2 A nota do governo e a não-aceitação do ethos dito

O segundo excerto que compõe o corpus de análise é a "Nota do Governo do Estado do Rio Grande do Sul", inserida numa cena englobante política e administrativa, uma vez que foi produzida pelo Governo do Estado gaúcho para emitir a sua opinião sobre essa mobilização deflagrada, ao justificar sobre o que os professores debatem. A cena genérica consiste numa nota oficial, gênero pertencente a esse âmbito governamental e que tem por finalidade aproximar o governo da sociedade em geral para que possa enunciar seus posicionamentos sobre assuntos variados. A cenografia de uma nota do governo aos professores, divulgada no dia 13 de maio de 2016, na página (site) da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, traz as ideias governamentais em relação a essa mobilização, bem como, quais atitudes já foram tomadas e quais ainda serão, como já foi especificado anteriormente. Essa nota parte de um coenunciador que constrói imagens sobre o docente grevista, sendo neste caso, o que numa relação trabalhista podemos identificar como o chefe.

Constata-se um estereótipo identitário em relação ao docente gaúcho por parte do governo, sendo que os dizeres da nota reforçam a ideia da questão financeira que tem sido motivo mais frequente das greves da categoria. As primeiras expressões per-

mitem o entendimento de que a greve da categoria mais uma vez é inconveniente para o governo, já que "o Governo do Estado reitera que segue fazendo todos os esforços para recuperar o equilíbrio financeiro das contas públicas. Também espera que as condições socioeconômicas do país possam melhorar, repercutindo na arrecadação". Isto é, o problema todo não está no governo estadual, mas envolve aspectos muito mais amplos. Tendo em conta a crise brasileira, o professor deveria ter paciência com a situação, ser solidário, para que não acentue essa crise já existente. Não há uma incorporação do ethos construído pelo professor por parte do governo, sendo que ele interpreta a atitude como um desinteresse dos docentes na melhora coletiva, ao pensar somente no individual.

Todo esse esforço do governo, que ele chama de "passos", seriam "imprescindíveis para recuperar a qualidade do serviço público, mantendo em dia o pagamento do salário do funcionalismo e o repasse de verbas para as escolas". Situação que uma das professoras denunciou e o governo rebate com o terceiro item, ao dizer que

nessa quinta-feira (12), o Estado depositou R\$ 5,7 milhões nas contas das escolas estaduais. O valor é parte da autonomia financeira do mês de março e se refere a recursos destinados à manutenção. Os depósitos já constavam na programação financeira da Secretaria da Fazenda e foram realizados logo após a quitação da folha do funcionalismo.



Esse coenunciador constrói a imagem de um professor que é culpado inclusive pela falta de estrutura e merenda das escolas, pois se o governo deixasse de pagar o funcionalismo, ou se fosse parcelado o salário inclusive em mais oportunidades, esse dinheiro chegaria às escolas com mais facilidade. Entretanto, como a prioridade é dada ao funcionalismo, essas outras questões ficam em segundo plano. Primeiro quita-se o salário, depois se depositam os valores correspondentes aos outros gastos ou investimentos, se ainda houver dinheiro.

A nota segue com a ideia de que "é fundamental que as aulas sejam mantidas regularmente, preservando o atendimento dos nossos estudantes, razão da existência de todo o sistema educacional". Ou seja, na notícia, a representação de um professor "guerreiro" e "prevenido" é aceita de tal modo que, se ele define-se com esses adjetivos, o governo acredita que é possível que as aulas sejam mantidas para que a sociedade continue com o seu ritmo normal, sem prejuízos educacionais para os estudantes e, principalmente para as famílias, que com a situação da greve não têm com quem deixar seus filhos. O atendimento aos estudantes é a razão do sistema educacional. Os professores não têm importância na situação em questão, inclusive são os culpados pelos problemas. O discurso desse coenunciador afere esse ethos discursivo sobre o docente gaúcho.

4.3 Para anotar e conferir: a briga de ethos

O terceiro e último recorte analisado é de outro coenunciador do *ethos* que os professores desejam que seja aceito. A cena englobante é a de um discurso opinativo-jornalístico, em que o articulista Tulio Milman dá a sua opinião sobre a greve para seus leitores e espectadores. As cenas genéricas constituem-se de um artigo de opinião, postado numa das colunas *on-line* do articulista e de comentários no programa televisivo. As cenografias desses enunciados de Milman são, respectivamente, o texto de opinião publicado na plataforma do jornal Zero Hora em 16 de maio de 2016; e um comentário proferido, no mesmo dia, no Programa Jornal do Almoço, da RBS TV, para todos os leitores/espectadores desses dois suportes.

O colunista Tulio Milman, sendo o coenunciador dos discursos dos professores grevistas, inserido numa realidade de comunicador midiático, enuncia quatros dizeres sobre o que virá a acontecer com a greve recentemente deflagrada, alertando inicialmente que seria importante a sociedade anotar e conferir. Segue o excerto:

Para anotar e conferir.

- Governo corta o ponto a ameaça não pagar os dias parados ao magistério.
- Quando a greve terminar, os professores se comprometem a recuperar os dias parados.
- 3) O governo paga os dias parados.
- 4) Em boa parte das escolas, professores e alunos fazem de conta que os dias parados foram recuperados.



Esses dizeres têm relação com a cena validada, pois, no primeiro dizer, ele afirma que o governo vai cortar o ponto e ameaçar não pagar os dias parados, o que já aconteceu em outros anos das mobilizações da categoria. Além disso, essa afirmação constrói o ethos trazido por Oswald Ducrot, de que a imagem se mostra e não é dita, ou seja, através da memória coletiva já instaurada, o colunista e comentarista afere essa situação. Assim, seguindo na linha da cena validada, Tulio afirma que a greve terá fim e os professores "se comprometem a recuperar os dias parados", seguida pela colocação de que o governo "paga os dias parados" e "em boa parte das escolas, professores e alunos fazem de conta que os dias parados foram recuperados". As afirmações que o colunista e comentarista enuncia permitem identificar o ethos discursivo construído por ele em relação aos docentes, bem como, incitam que o público construa suas representações do professor a partir do ponto de vista do colunista/comentarista que tem credibilidade perante seu papel midiático.

Assim como na nota que o governo estadual publicou, Tulio não incorpora o *ethos* que o professor deseja que seu coenunciador construa. Ele, assim como o governo, constata que a greve só serve para tumultuar a rotina das famílias, sem que faça diferença na melhora educacional do estado, nem no atendimento dos pedidos dos professores para melhoria em sua valorização. Pior ainda, as aulas não seriam realmente recuperadas, apenas um "faz de conta" e a crise seguiria. Na economia e na educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena já validada em relação às greves deflagradas pelos professores da Rede de Ensino Pública Estadual do Rio Grande do Sul, com a liderança do Sindicato dos Professores e Funcionários de Escola do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato), faz com que esse imaginário coletivo influencie na construção do ethos desse profissional educador grevista. Os professores, através dos dizeres na entrevista, querem que seu coenunciador no funcionamento discursivo concorde com o seu ponto de vista, porém, os dois exemplos analisados, o governo estadual e o comentarista e colunista Tulio Milman, mostram que não há essa concordância. Ao contrário, as imagens construídas seguem outro rumo, há uma briga de ethos, a imagem construída pelo professor grevista não é a mesma construída por esses dois coenunciadores, nem pela sociedade em geral.

Além da cena já validada, há outras cenas enunciativas, especificadas em cena englobante, cena genérica e cenografia, que abrangem a mídia, tanto escrita quanto falada, na divulgação dos recortes analisados, de modo que cada locutor, ao fazer uso de diferentes gêneros, com uma intenção discursiva, também quer convencer outros coenunciadores, isto é, a sociedade, os leitores e espectadores, ou ainda que os professores mudem a sua opinião. Tanto é que outros problemas educacionais mostrados pelos professores em seus discursos, sem relação com as questões salariais, nem recebem grande



destaque nos discursos dos coenunciadores do professor grevista.

Percebe-se que a sociedade, reforçada pelas ideias da mídia e do governo, veem essa mobilização negativamente, pois não há resultados significativos, tanto para o profissional, quanto para a educação. O fato de não haver credibilidade por parte da sociedade com esse movimento influencia na (des) valorização governamental e da sociedade em geral em relação a esse profissional, pois o *ethos visado* não é o mesmo *ethos produzido* pelo coenunciador através da interação com o discurso construído.

Esse ethos discursivo do professor da rede estadual gaúcha não é o desejado por ele, nem o ethos prévio que a sociedade credita e toma como real a partir de um enunciador para além do texto, um enunciado como produto de uma enunciação que implica uma cena. Há possibilidade de haver a construção de outras cenas discursivas? Quais cenas seriam essas? Qual posição discursiva? Questionamentos que levam a pensar nesses discursos já perpetuados no decorrer dos anos da história da educação, principalmente na rede pública do RS. Sabemos que a compreensão desses discursos e a consequente construção desse ethos negativo do professor grevista não são o suficiente para que se possa responder o todo do problema que envolve a ordem educacional, pois ele não é estritamente discursivo. Entretanto, a compreensão do fenômeno discursivo e seu funcionamento com a compreensão dos fenômenos de ordem sócio-histórica e até psicológica contribuem para a reflexão sobre possibilidades de como mudar essa situação instaurada.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª . ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem./Mikhail Bakhtin (V. N. Volochinov); prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2009. 203p.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cia Nacional, EDUSP, 1966/1976.

CPERS SINDICATO. **Histórico das greves do CPERS/ Sindicato**. Disponível em: http://cpers.com.br/greves/>. Acesso: em 19 maio 2016.

GLOBO. **Professores da Rede Estadual do RS decidem entrar em greve.** Disponível em: < http://goo.gl/Okx2rk >. Acesso: em 17 maio 2016.



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SE-CRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Nota Oficial sobre Greve do CPERS e Ocupação de Escolas Estaduais**. Disponível em: < http://goo.gl/0RhP7B>. Acesso em: 18 maio 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de co-municação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. – São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184p.

_____. **Discurso e análise do discurso**/Dominique Maingueneau; tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 192 p.

MILMAN, Tulio. **Opinião**. In.: Zero Hora. Disponível em: < http://goo.gl/FplH45 >. Acesso em: 18 maio 2016.

ZERO HORA. **Assembleia do CPERS aprova greve dos professores da rede estadual**. Disponível em: < http://goo.gl/FplH45 >. Acesso em: 18 maio 2016.



SOLUÇÕES APLICADAS AO ENSINO DE CIÊNCIAS

APPLIED SOLUTIONS TO SCIENCE EDUCATION

Glaucia Ribeiro Gonzaga (UFF)¹ Daniel Costa de Paiva (UFF)²

Resumo: O uso de ferramentas didáticas no processo de ensino, independente da área de concentração, traz benefícios muito significativos para a formação discente como um todo (na construção sólida do conhecimento e do indivíduo enquanto cidadão crítico, consciente e atuante). Diversos pesquisadores já mostraram a importância e os benefícios da mudança da prática docente, e do uso planejado e estruturado destas ferramentas para que sejam aproveitadas em toda a sua potencialidade pedagógica. Este capítulo trata de uma análise dupla (da capacitação de graduandos e do desempenho de alunos do Ensino Fundamental) através do desenvolvimento e do uso de atividades/ferramentas didáticas para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem em diferentes anos do ensino regular de escolas públicas de Santo Antônio de Pádua/RJ. Tais atividades/ferramentas foram desenvolvidas por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal Fluminense, no mesmo município, em disciplinas e projetos acadêmicos que incentivam e orientam quanto a importância da adoção desta prática pedagógica.

Palavras-chave: Ferramentas didáticas. Processo de Ensino-Aprendizagem. Material Lúdico. Ensino Fundamental.

Abstract: The use of didactic tools in the teaching process, regardless of the area of concentration, brings very significant benefits for student training as a whole (in the solid construction of knowledge and the individual citizen as a critical, conscious and active). Several researchers have shown the importance and benefits of the teaching practice change, and planned and structured use of these tools to be exploited throughout their educational potential. This charpter is a double analysis (the training of graduate students and elementary school students performance) through the development and use activities/teaching tools to contribute to the process of teaching and learning in different years of regular elementary schools public of Santo Antônio de Padua/RJ. Such activities/tools were develo-

¹ Mestre em Ciências Naturais. Atua no Ensino de Química e de Ciências; Informática na Educação; Produção/avaliação de atividades didáticas tecnológicas e não tecnológicas. glauciargonzaga@gmail.com

² Doutor em Engenharia de Sistemas Eletrônicos. Líder do Grupo de Pesquisa Tecnologia, Educação e Cognição, atua em formação docente e desenvolvimento/uso de tecnologias. profdanielpaiva@gmail.com



ped by students of Degree in Natural Sciences of the Universidade Federal Fluminense, in the same municipality, in disciplines and academic projects that encourage and guide about the importance of adopting this pedagogical practice.

Palavras-chave: Eaching tools. Teaching-Learning Process. Ludic material. Elementary School.

MODIFICAÇÃO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO

Com a evolução de diversos setores da sociedade, como o avanço nas formas de expressão e comunicação e a evolução tecnológica de uma maneira geral, a forma das pessoas se relacionarem com as outras e com o meio onde vivem também vem se modificando.

O processo de construção de conhecimento se torna cada vez mais complexo, com mais variáveis que precisam ser levadas em consideração para que essa construção seja sólida e útil para a evolução de determinada comunidade/sociedade.

Neste novo cenário, o método tradicional de ensino, baseado em simples transmissão de conhecimento de um indivíduo detentor da sabedoria (o professor) para um indivíduo que deveria absorver e memorizar o que lhe está sendo passado (o aluno), sendo apenas um consumidor passivo de informações (TEIXEIRA *et al.*, 2005), não se faz eficiente e

não aproveita o que há de melhor para suprir as novas necessidades da sociedade.

A simples transcrição, para testes, provas e exercícios de repetição, do que era dito pelo professor ou está disponível nos livros didáticos, não constrói o indivíduo crítico e participante que a sociedade necessita.

Para esta nova sociedade é necessário que as escolas (enquanto local de promoção básica e sólida do ensino) formem alunos capazes de associar fatos e conceitos para a resolução de problemas e realização de tarefas cotidianas; as escolas devem contribuir para a construção de cidadãos críticos, conscientes, ativos para questões ambientais e coletivas de sua comunidade.

Nesta tarefa, os professores são cada vez mais desafiados a tornar suas aulas dinâmicas, motivando e despertando o interesse dos alunos na busca por um melhor aproveitamento do momento de aprendizado e para que haja um melhor rendimento do processo de ensino, solidificando as bases do conhecimento científico construído e aplicável.

FUNCIONALIDADE PARA O ENSINO

O interesse dos alunos pelas aulas e pelo conteúdo escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio vem mudando lenta, mas gradativamente (CARDOSO, 2008). Como mencionado anteriormente, a preocupação existente com este ce-



nário e todas as medidas tomadas para modifica-lo, baseiam-se nas implicações pessoais e sociais que existem com a formação (em todos os seus aspectos) deste aluno.

Em alguns momentos da história essa preocupação se voltou apenas para o ensino de Matemática e Português, deixando as outras áreas do conhecimento como coadjuvantes do processo de construção do cidadão crítico e atuante. Áreas como as Ciências, na maioria das escolas, ficaram limitadas apenas ao campo teórico do livro didático (MENEZES, 2000; UNESCO, 2005), fazendo uso da metodologia tradicional de ensino e suas exaustivas atividades de leitura e exercícios teóricos de repetição após aulas expositivas passivas.

Desta forma a aprendizagem dos conteúdos de Ciências tem suas eficiências prejudicadas, pois o aluno não consegue associar a teoria dos livros didáticos com fatos relacionados ao seu meio e ao seu cotidiano, e a formação do aluno limita-se apenas à transmissão de informações sem a compreensão de seus impactos sociais e ambientais, aplicabilidades e senso crítico para debater assuntos relacionados (UNESCO, 2005).

A reforma curricular e as necessárias mudanças no processo de ensino-aprendizagem, já ressaltadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2002; 2008), fizeram com que a devida atenção fosse dada a esta área do conhecimento. A grande amplitude dos temas que são abordados na área de

Ciências amplia as possibilidades de atuação docente para proporcionar maior rendimento do processo de ensino.

Para que ocorram mudanças é preciso que o professor tenha um preparo adequado para utilizar as ferramentas didático-pedagógicas (SEPINI & MACIEL, 2011) em toda a sua potencialidade, incentivando os alunos e atraindo-os para juntos alçarem o sucesso na construção do conhecimento durante o processo educacional.

Fazendo uma breve explicação quanto à formação docente, estudos realizados por Gonzaga (2007) e Crespo (2007) apontam que os professores, em sua maioria, não são preparados em suas formações iniciais para atuar com a utilização de ferramentas didático-pedagógicas no processo de ensino. Esse despreparo faz com que os docentes, quando incentivados para tal, busquem cursos de formação continuada para complementar suas práticas pedagógicas com atualizações didáticas e procedimentos para uso de ferramentas auxiliares ao processo de ensino.

No ensino de Ciências nesta nova modalidade se deve mostrar ao aluno, dentre outras coisas, o quão interessante e importante esta área do conhecimento é, e quais teorias e cotidiano têm relação ampla e direta (UNESCO, 2005).

Autores como Argel-de-Oliveira (1997) e Bizzo (2002) já apontaram que uma forma de modificar o ensino de Ciências é a utilização de materiais didáticos diversos e métodos alternativos de aprendizagem



ativa que adotem a interdisciplinaridade, como o ensino através do desenvolvimento de projetos, com a abordagem de temas atuais que despertem no aluno o interesse pela pesquisa e pela prática científica de investigação para construção do conhecimento.

Além da indicação de diversos autores para o uso de materiais e recursos didáticos de forma consciente e planejada, além da mudança e atualização do processo de ensino-aprendizagem, também existem incentivos e indicações governamentais para tal, como as ressaltas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2002; 2008).

Os recursos de ensino, ferramentas didático-pedagógicas, ou atividades didáticas, que poderiam ser adotados para "incrementar" o processo atual de ensino-aprendizagem são: [i] experimentação; [ii] estudo do meio; [iii] desenvolvimento de projetos; [iv] jogos didáticos; [v] seminários e debates; [vi] simulações; [vii] recursos audiovisuais; [viii] softwares e outras ferramentas tecnológicas.

Para a finalidade deste artigo, serão abordadas apenas algumas dessas ferramentas didático-pedagógicas, que foram utilizadas e desenvolvidas por graduandos de Licenciatura em Ciências Naturais no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense, com acompanhamento da autora.

FERRAMENTAS E ATIVIDADES DIDÁTICAS DESENVOLVIDAS POR GRADUANDOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

Os graduandos de Ciências Naturais estão sempre sendo levados a repensar os procedimentos didático-pedagógicos utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Abordar essas metodologias permite que estejam melhor preparados para atuar no cenário educacional tecnológico atual. Além de repensar os próprios procedimentos, os alunos são estimulados a desenvolver e treinar habilidades de raciocínio e dinâmicas para atuarem com jovens cada vez mais incluídos tecnologicamente e mais alertas a eventos de sua comunidade (devido a igual evolução dos meios de comunicação, além da facilidade e velocidade de troca de informações).

No curso de Licenciatura em Ciências Naturais existem disciplinas específicas para trabalhar o desenvolvimento, o uso e a avaliação de ferramentas didáticas de diferentes tipos (jogos de cartas e de tabuleiros, paródias, atividades artesanais, painéis interpretativos, fotonovelas, vídeos e softwares educacionais), e disciplinas que utilizam o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas como requisito parcial para aprovação. Além das disciplinas do curso os alunos também participam de projetos institucionais de forma voluntária ou com bolsa, onde desenvolvem e utilizam essas ferramentas didáticas em escolas de Ensino Fundamental conveniadas aos projetos.



Atividades Lúdicas – Jogos Didáticos

Já mencionada como uma das alternativas que pode contribuir para o aumento da participação dos alunos nas aulas, as atividades lúdicas, como os jogos didáticos, são reconhecidas por muitos pesquisadores como fundamentais na construção psicofisiológica do comportamento humano e da sua personalidade (PIAGET & FRAISSE, 1969; HUIZINGA, 1971).

Diversos autores, como Antunes (1998), Cunha (2000; 2012), Friedman (1996), Macedo, Petty e Passos (2000), Reis (2006), Crespo *et al.* (2011), Miranda *et al.* (2016), realizam estudos que utilizam modalidades diferentes de atividades lúdicas (incluindo os jogos didáticos), para os ensinos de Química, Matemática e Ciências.

De acordo com Friedman (1996, p. 41), as "atividades lúdicas permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo".

Dentro da proposta construtivista de ensino, as atividades lúdicas se apresentam como um eficiente e acessível recurso, podendo ser construídas ou aplicadas no âmbito da aula regular.

A participação do aluno na construção do conhecimento, torna-o um "prossumidor" no processo de ensino-aprendizagem (COSTA *et al.*, 2007). Além disso, com sua participação ativa no decorrer das

atividades em sala de aula, é permitido ao docente a flexibilidade para contextualizar mais e de forma mais dinâmica e promover a interdisciplinaridade, como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais para todos os níveis de Ensino Básico (BRASIL, 1998; 2002; 2008).

Piaget (1975) classifica as atividades lúdicas em três "níveis" distintos, que dependem da fase de desenvolvimento da criança e coloca que estes três níveis podem coexistir de forma paralela no indivíduo adulto, quais sejam: [i] jogo de exercício sensório-motor; [ii] jogo simbólico; [iii] jogo de regras. Para a finalidade deste artigo, será abordada apenas a terceira fase, dado o nível das atividades desenvolvidas e ao grau de atuação da formação dos discentes relatados.

Um jogo de regras baseia-se em uma atividade com normas que asseguram o bom funcionamento, bem como garante a reciprocidade dos meios; seu uso requer relações sociais desenvolvidas (ou em desenvolvimento) já que necessitam ser cumpridas e a sua quebra é considerada uma falta grave (RIZZI & HAYDT, 1986).

Para Ramos (2000, p.2), com a utilização de um jogo de regras "as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar (...), de argumentar, de como chegar a um consenso, reconhecendo o quanto isto é importante para iniciar à atividade em si". Lara (2011) ainda reforça quando diz que



A capacidade de resolver problemas, utilizar a imaginação e a criatividade passam a ser requisitos cada vez mais indispensáveis, enquanto que a capacidade de memorização, repetição e mecanização se tornam insuficientes frente à eficácia do computador e das máquinas em geral (LARA, 2011, p.11).

Baseado nestes argumentos os graduandos de Ciências Naturais são levados a construir jogos didáticos de regras, de tabuleiro ou de cartas (como os apresentados na Figura 1), acompanhados de um manual de regras sobre o uso do jogo.



Figura 1 - Jogos didáticos desenvolvidos por graduandos de Ciências Naturais. Fonte: Miranda et al., 2016.

Estes jogos, como todos os demais desenvolvidos pelos graduandos em Ciências Naturais, em âmbito de projetos (como os apresentados na Figura 1) ou de disciplina, para diferentes conteúdos de Ciências, são utilizados nas escolas vinculadas aos projetos e nos Estágios Supervisionados realizados pelos alunos, como forma de prepara-los não apenas com

o conhecimento técnico para o desenvolvimento da ferramenta, mas também para o uso e avaliação da mesma no processo de ensino.

Uso e produção de recursos audiovisuais

Professores utilizam vídeos e filmes em sala de aula com o propósito de complementar alguma informação relevante ou até mesmo de "ocupar o tempo te aula".

O ponto de discussão principal e mais importante é que muitos professores ainda têm dificuldades em incorporar adequada e proveitosamente o uso de mídias audiovisuais e atividades que façam uso desta ferramenta; e mais dificuldade ainda em avaliar a potencialidade deste recurso na sua escolha ou no aproveitamento após o uso.

Apesar do incentivo de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2002; 2008) e de Grupos de Pesquisa para dinamizar as atividades didático-pedagógicas com o uso dos recursos audiovisuais, há dois empecilhos que dificultam essa utilização: [*i*] alguns programas didáticos nas escolas propõem uma inserção equivocada; e/ou [*ii*] os professores desconhecem as potencialidades das mídias no processo de ensino (FERRÉS, 1996; LIMA, 2001).

Seja qual for o motivo, a situação é a mesma, o uso de mídias educativas é subestimado nas escolas pelos profissionais que deveriam/poderiam fazer uso das mesmas.



Ferrés (1996) define uma série de critérios e pontos de reflexão sobre o uso adequado de mídias no processo ensino-aprendizado. Um dos que mais chamaram a atenção (para a época da publicação) foi a colocação de que

O uso coerente do vídeo - como recurso audiovisual comprometido com a ruptura das práticas pedagógicas tradicionais - deve centrar-se mais no processo e menos no produto. O professor que faz uso do vídeo com essa consciência procura extrapolar a simples exibição de programas pré-prontos, envolvendo o aluno para que este partícipe do processo, seja criando novos materiais, seja interferindo de maneira criativa em materiais já existentes (FERRÉS, 1996, p.11).

Quanto mais um aluno for incentivado pelo professor a utilizar determinada tecnologia (ferramenta didático-pedagógica) de forma crítica, científica, criativa e investigativa, maior será a eficiência didática desta ferramenta e maiores serão os benefícios na construção sólida do conhecimento, pois independente da área de concentração e do conteúdo, o processo de construção deste conhecimento de modo prazeroso, gradativo e dinâmico vai ocorrer de forma simples e eficiente, sem os "traumas" do ensino tecnicista de simples transmissão de conhecimento.

Lima (2001) aponta em suas pesquisas que, o uso do vídeo em sala de aula não está sendo mais realizado apenas para ocupação do tempo de aula, uma vez que autores como Ferrés (1996) e Moran (1995) já indicavam em seus trabalhos que esta for-

ma de utilização traz mais prejuízos do que benefícios ao processo de ensino-aprendizagem. O autor coloca que o maior motivo do uso de vídeos didáticos é para despertar o interesse dos alunos sobre determinado conteúdo, e fomentar debates em aula; e que mais de 80% dos professores investigados não incentivam a produção audiovisual autoral pelos alunos, sendo um indicador de certa resistência às inovações ao processo de ensino ou a falta de preparo para o uso destas formas.

Um professor se sentirá à vontade ou preparado para utilizar recursos midiáticos como os audiovisuais em toda a sua potencialidade se tiver uma convivência com estas ferramentas em seu processo formativo (FERRÉS, 1996). Se não houver treinamento para o uso adequado de um material didático-pedagógico audiovisual já pronto, também vai ser mais difícil o preparo para a produção de seu próprio material (MANDARINO, 2002).

O uso (bem como a produção) consciente e planejado de recursos audiovisuais traz muitos benefícios ao processo de ensino, à construção do conhecimento científico e ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos alunos.

Com base no mencionado acima, os graduandos de Ciências Naturais que participam de projetos da autora, bem como os que cursaram as disciplinas ministradas por ela, Seminário IV e Instrumentação para o Ensino de Ciências III e IV, são levados a planejar e produzir vídeos com conteúdos científicos



para serem utilizados com alunos de Ensino Fundamental em diferentes contextos. Um exemplo de produção audiovisual pode ser visto na Figura 3, o Teatro de Marionetes.



Figura 3 - Produção de vídeo com teatro de marionetes por graduandos de Ciências Naturais Fonte: arquivo pessoal

Todas as produções deveriam conter definições científicas, contextualização e relação com outra área do conhecimento (a fim de desmistificar a divisão das grandes áreas, que faz com que os alunos pensem que as disciplinas são isoladas umas das outras).

A prática da produção de vídeo pelos graduandos além de contribuir com a diversificação do acervo de material didático, os capacita para do desenvolvimento de ferramentas como alternativas para a metodologia de ensino em suas futuras práticas docentes, além de modificar a visão e o conhecimento que os mesmos têm sobre o uso e a produção de recursos audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem, o que colabora não apenas com a sua formação inicial, mas com todo o processo.

Além do recurso audiovisual mencionado, os licenciandos produziram fotonovelas na disciplina Seminário VI, também ministrada pela autora, duas das quais encontram-se representadas na Figura 4. Elas abordaram temas aleatórios e distintos, para que pudessem ser utilizadas no Ensino Fundamental de forma interdisciplinar.

Foram realizadas atividades sob forma de oficinas (de quadrinhos e roteiragem, de montagem de *Storyboard*³, de fotografia, de expressão facial e corporal, de edição básica de imagem, e de uso básico de editor de apresentações) com os alunos para que fosse possível a construção do produto final da disciplina.



Figura 4. Quadro inicial de duas fotonovelas desenvolvidas por graduandos de Ciências Naturais. Fonte: arquivo pessoal

As fotonovelas apresentadas na Figura 4 já foram apresentadas em Eventos (Encontro Regional de Ensino de Biologia – das Regionais 02 (o VII, em

³ Palavra em inglês para determinar um guia visual detalhado narrando as principais cenas (com todas as suas especificidades) de uma obra.



Niterói/RJ) e 04 (o III, em Juiz de Fora/MG)) (FER-REIRA *et al.*, 2015; SANTIAGO, *et al.*, 2015) e utilizadas nos períodos de Estágio Supervisionado nas escolas da rede pública e se mostraram ferramentas eficientes para despertar o interesse dos alunos e fomentar discussões e relações interdisciplinares.

Um dos grupos de graduandos, ao invés de utilizar a fotonovela produzida na sua atuação didática resolveu utilizar as técnicas aprendidas na disciplina para criar uma fotonovela com seus alunos de Estágio Supervisionado. Este fato se mostrou interessante em vários aspectos: no incentivo aos graduandos funcionou de forma satisfatória, pois além de entender a importância do uso desta ferramenta compreenderam sobre a (re)produção desta ferramenta; na motivação para o desenvolvimento de ferramentas junto com alunos do público que vão atuar após formados (Ensino Fundamental), envolvendo-os no processo de construção de conhecimento científico (o que motiva os alunos a participarem das aulas e a investigarem os conteúdos didáticos a fim de contribuir com o processo de construção do conhecimento); os alunos se mostraram mais participativos nas aulas, com melhor senso crítico e capacidade de associação de alguns fenômenos abordados nas disciplinas curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estímulo de graduandos, em disciplinas acadêmicas ao longo de sua formação docente, à construção de materiais didáticos e atividades lúdicas representa muito mais do que apenas a construção do material em si. Representa um novo pensar didático sobre o desenvolvimento das atividades docentes que contribui não apenas para a formação técnica e do cidadão, mas também para o aprendizado das crianças e jovens, que são os alunos Ensino Fundamental.

Tendo esta experiência de forma constante e gradativa, os graduandos: [i] adquirem o hábito e a técnica para desenvolver seu próprio material conforme a disponibilidade, a necessidade e as características de suas turmas e locais de trabalho, tornando as aulas mais adequadas às realidades e necessidades de seus alunos; [ii] aprimoram suas técnicas didáticas para abordar os temas escolares de diferentes formas e com diferentes ferramentas; [iii] adquirem hábitos e práticas para contextualização de conteúdo científico, pois olham os "arredores da escola" (e até mesmo a própria escola), para propor uma discussão e fazem uma análise diferente do que é abordado cotidianamente no ensino tradicional; [iv] desenvolvem senso crítico para o desenvolvimento do seu material, tentando aprimorá-lo cada vez mais; [v] (com esse aumento de senso crítico) avaliam melhor os materiais didáticos disponí-



veis, sabendo aplica-los de melhor forma, além de corrigi-los (se possível e) quando necessário, contribuindo com a melhoria das ferramentas didáticas e com o processo de ensino; [vi] ampliam seus entendimentos sobre ações e ferramentas didáticas, refletindo a formação acadêmica em sua atuação docente, e contribuindo significativamente para o processo de ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.11-42.

ARGEL-DE-OLIVEIRA, Maria Martha. El uso de aves en Educación Ambiental. Pp. 27-30. **In**: Encuentro Boliviano para la Conservación de las Aves. Santa Cruz de La Sierra: Armonía, 1997. Disponível em: http://www.marthaargel.com.br/ornitologia/publicados/ea_bolivia.htm. Acesso em: 07 ago. 2016.

BIZZO, Nelio. **Ciências**: fácil ou difícil? Palavras do Professor. São Paulo: Ática. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Naturais. 3° e 4° Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998. 138p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio**: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros curriculares nacionais. Ciências da natureza, Matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Vol. 2: Ciências da Natureza, Matemáticas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2008. 135p.

CARDOSO, Eli Teresa. **Motivação escolar e o lúdico**: o jogo RPG como estratégia pedagógica para ensino de História. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas/SP, 2008.

COSTA, Valéria Machado da; GONZAGA, Glaucia Ribeiro; CANELA, Maria Cristina; RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Uma experiência com alunos e professores de nível médio avaliando objetos de aprendizagem. **RENOTE**, v.6, p.1-9, 2007.

CRESPO, Larissa Codeço. **Uma estratégia lúdica para o ensino de química no nível médio**. Monografia (Licenciatura em Química). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes/RJ. 2007.

CRESPO, Larissa Codeço; LESSA, Milena Diniz; MIRANDA, Paulo César Muniz de Lacerda; GIACOMINI, Rosana. **Ludoteca de Química para o Ensino Médio**. 1. ed. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2011. v. 1. 240 p.

CUNHA, Márcia Borin da. **Jogos didáticos de Química**. Rio Grande do Sul: Santa Maria, 2000.



CUNHA, Márcia Borin da. Jogos no Ensino de Química: considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. **Química Nova na Escola**, v. 34, n. 2, p. 92-98, maio 2012.

FERREIRA, Matheus Lopes; SODRE, Ana Paula Ferreira; BLANC, Áquila Jubim; COSTA, Jeferson; BARBOSA, Sandro Lopes; GONZAGA, G. R. Desenvolvimento da fotonovela 'Seca na Zona Rural'. In: III Encontro Regional de Ensino de Biologia - Regional 04. **Anais...** Juiz de Fora, 2015. Disponível em: http://www.sbenbio.org.br/blog/anais-do-encontro-regional-de-ensino-de-biologia-regional-4/. Acesso em: 05 ago. 2016.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender**: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GONZAGA, Glaucia Ribeiro. A Formação de professores de química para uso de recursos de tecnologia de informação e comunicação na educação. Monografia (Licenciatura em Química). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes/RJ. 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LARA, Isabel Cristina Machado de. **Jogando com a matemática na educação infantil e nos anos iniciais**. 2. ed. Catanduva/SP: Rêspel, 2011.

LIMA, Artemilson Alves de. **O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala da aula**: um estudo de caso do CEFET-RN. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina. 2001.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícole; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e situações-problema**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.13, 15-21, 33, 38-40. MANDARINO, Mônica Cerbella Freire. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Revista Morpheus** - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 1, n. 1, 2002.

MENEZES, Luiz Carlos de. Ensinar ciências no próximo século. In: HAMBURGER, Ernst Wolfgang; MATOS, Cauê (Orgs). **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. São Paulo: EDUSP. 349p. 2000.

MIRANDA, Jean Carlos; GONZAGA, Glaucia Ribeiro; COSTA, Rosa Cristina; FREITAS, Caroline Coutinho Carneiro; CORTES, Kíscila Cordeiro. Jogos didáticos para o ensino de Astronomia no Ensino Fundamental. **Scientia Plena**, v. 12, n. 2, p. 1-11, 2016.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo. v. 07, n. 2, p. 36-49. jul/dez 1994.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 27-35, 1995.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1975.

PIAGET, Jean; FRAISSE, Paul. **Tratado de Psicologia Experimental: Psicofisiologia do comportamento**. Trad. Agnes Cretella. Rio de Janeiro: Forense, v. 3, 1969. 163p.





RAMOS, Rosemary Lacerda. Um estudo sobre o brincar na formação de professores de crianças de 0 a 6 anos. UFBA/FACED. 2000. In: XXIII Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Anais...** Minas Gerais. 2000. Disponível em: http://23reuniao.anped.org.br/textos/0703p.PDF>. Acesso em: 11 ago. 2016.

REIS, Silvia Marina Guedes dos. **A matemática no cotidiano infantil**: Jogos e atividades com crianças de 3 a 6 anos para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático. São Paulo: Papirus, 2006.

RIZZI, Leonor; HAYDT, Regina Célia. **Atividades Lúdicas na Educação da Criança**. São Paulo: Ática, 1986.

SANTIAGO, Beatriz Blanc; PEREIRA, Danilo Gulineli; FREITAS, Caroline Coutinho Carneiro; FARIA, Ana Carla de Oliveira; LUCAS, Yanna Oliveira Simões; GONZAGA, Glaucia Ribeiro. Fotonovela 'Ebola' um encontro imprevisto? In: VII Encontro Regional de Ensino de Biologia Regional 2 (RJ, ES). Livro de resumos... Niterói/RJ, 2015. Disponível em: http://www.sbenbio.org.br/regional2/arquivos/anais_VII_erebio.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2016.

SEPINI, Ricardo Pereira; MACIEL, Maria Delourdes. A atividade de observação de aves como estratégia de educação ambiental. **Doxo** - Revista da PUC-Minas. Poços de Caldas. v. 2, n. 1. 2011.

TEIXEIRA, Mônica Carvalho de; ROCHA, Leandra Jacinto Pereira da; SILVA, Vanessa Souza da. Lúdico: Um Espaço para a Formação de Identidades. In: III Simpósio de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2005, **Anais...** p. 1-14. Disponível em: http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a26.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2016.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Ensino de Ciências**: o futuro em risco. Brasília: Unesco, 7 p. 2005.



A PAISAGEM PERIFÉRICA COMO INFLUÊNCIA NAS PRODUÇÕES DA CHAMADA LITERATURA MARGINAL

EL PAISAJE PERIFÉRICO COMO INFLUENCIA EN PRODUCCIONES DE LA LLAMADA LITERATURA MARGINAL

Izandra Alves (UPF)¹ Fabiane Verardi Burlamaque (UPF)² Marcelo Lima Calixto (IFRS)³

Resumo: aclamados por alguns, criticados por outros, os escritos da chamada Literatura Marginal conquistam - devido a sua qualidade artística e capacidade de falar o que os seus querem ouvir - cada vez mais espaço não só na mídia como também geram discussões e contribuições para pesquisas no campo acadêmico. Por conta disso, pretende-se trazer, neste artigo, algumas contribuições que permitem apontar a paisagem periférica como recurso importante na construção de tais textos, uma vez que está presente nas obras e contribui para que se torne evidente a exclusão social sofrida pelo povo da periferia.

Palavras-chave: Literatura Marginal. Periferia. Paisagem. Exclusão

Resumen: aclamado por algunos, criticado por otros, los escritos de la nombrada Literatura Marginal llaman la atención - debido a su calidad artística y la capacidad de hablar lo que los suyos quieren escuchar – y ganan más espacio, no sólo en los medios de comunicación, sino también empiezan a generar discusiones y contribuciones a la investigación en el ámbito académico. Debido a esto, tenemos la intención de poner en este artículo, algunas de las contribuciones que permiten relacionar el paisaje periférico como un recurso importante en la construcción de este tipo de textos, ya que está presente en las obras y contribuye a ser evidente la exclusión social que sufre el pueblo de periferia.

Palabras clave: Literatura Marginal. Periferia. Paisaje. Exclusión

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano desenfreado e a especulação imobiliária têm contribuído para o aumento significativo do que se chama hoje de periferias. Estes espaços cada vez mais são habitados por aqueles que não estão em condições de aceitar ou submeter-se aos projetos arquitetônicos modernos que in-

¹ Mestre em Letras pela UPF, doutoranda em Letras pela UPF e professora EBTT do IFRS, campus Feliz. Email: izandraalves@ hotmail.com

² Doutora em Letras, coordenadora e professora do PPGL da UPF e professora do Curso de Letras da UPF. Email: fabianevb@ bol.com.br

³ Mestre em Letras pela UPF, professor EBTT do IFRS, campus Feliz. Email: mlcalixto1966@hotmail.com



vadem os centros das metrópoles, conforme teoriza Ana Fani Alessandri Carlos (2001). Condições estas que perpassam por exorbitantes valores monetários que não estão ao alcance da grande maioria da população. Dessa forma, a composição da paisagem urbana não comporta a parcela populacional de baixa renda na *pintura* do quadro paisagístico central. Nesse sentido, o grande quadro vai se fragmentando e permitindo a composição de telas menores, porém não menos coloridas e intensas; ao fragmentar-se, portanto, a paisagem urbana ganha várias perspectivas, dependendo da tela que faz surgir.

Diante desse cenário, na literatura brasileira contemporânea, vêm roubando a cena, a cada dia, produções que até pouco tempo atrás não tinham destaque na mídia, tão pouco na academia. Trata-se da chamada Literatura Marginal. Aclamada por alguns, criticada por outros, tais escritos ganham agora espaço não só na mídia como também geram discussões e contribuições para pesquisas no campo acadêmico.

É importante destacar que ao se referir à Literatura Marginal, os próprios autores explicam que tal denominação deve-se ao fato do distanciamento geográfico no qual ela é produzida e sob o qual ela se refere, pois referir-se à marginalidade apenas sob a perspectiva socioeconômica é insuficiente. Trata-se, contudo, de uma posição que estabelece o sujeito fora de um centro, com o qual mantém relações dinâmicas e orgânicas.

Essas produções representam a forma de expressão encontrada por homens e mulheres - em sua maioria negros/as - que buscam através da prosa ou da poesia uma forma de manifestar-se socialmente, além de retratar o cotidiano de uma maioria excluída dos bens culturais valorizados pela sociedade capitalista atual. Trata-se das populações marginalizadas que habitam as periferias das metrópoles brasileiras. Nesse sentido, as produções destes escritores não podem ser vistas como algo isolado, mas sim, como escritos que pretendem se firmar no seio da estrutura literária hegemônica que corresponde ao que se tem hoje no país.

É de conhecimento de todos que a temática que aborda a pobreza, a miséria e a violência urbana, mais especificamente a do espaço periférico, não surgiu agora, mas sim, é representada e ganha as páginas dos livros desde o Romantismo passando pelo Realismo e demais períodos literários brasileiros. Diante disso, este artigo propõe a discussão acerca das produções da chamada Literatura Marginal que surgem em um espaço urbano diferente do já abordado pelos escritores anteriores; agora ela é escrita e protagonizada *na* e *pela* própria periferia. Dessa forma, estas produções contribuem para a formação, no texto, de uma nova percepção acerca da paisagem urbana. A escrita da periferia passa a ser percebida, produzida e vivenciada por ela mesma.

Assim, o que ganha destaque nas produções da chamada Literatura Marginal é o local da enun-



ciação que é o mesmo do objeto, o que torna tais textos diferentes dos publicados, por exemplo, nos períodos anteriores. Nestes escritos, vê-se o próprio habitante da periferia como apresentador das percepções acerca do seu espaço, que agora é escrito e narrado por ele mesmo.

O ESPAÇO - A PAISAGEM - O LUGAR

É inevitável hoje não se falar em uma nova política da espacialidade. A geografia expande seu território e conquista seu lugar entre a literatura e as artes. É sob este ângulo que as paisagens, sejam elas naturais ou culturais, ganham forma, vida e voz nas narrativas e, por conta disso, influenciam diretamente o olhar do leitor e apontam para mudanças comportamentais nas personagens. Teóricos modernos apontam a geopoética como uma das formas crescente de diálogo entre o ambiente e a literatura.

O espaço influencia diretamente a vida das pessoas, deixam marcas, impressões, opiniões. Conforme vai se modificando, da mesma forma, mudam o modo de agir daqueles que ali estão. Também os que trocam constantemente de espaços, ou seja, os viajantes, os estrangeiros, que se deparam com o novo, com o diferente, são desafiados a adequarem-se aos novos lugares, ou então, são encorajados a modificá-los.

Nesse sentido, faz-se necessário, primeiramente, apontar como o teórico Milton Santos (2012) diferencia espaço de paisagem. Segundo o autor

paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. (SANTOS, 2012, p. 103)

Assim, percebe-se que a paisagem surge como uma parte do espaço e, por estar inserida nele como integrante dessa totalidade, é que se torna possível reconhecer as significações que ela contém. Vê-se, então, que ela nada mais é do que uma abstração, pois a sua realidade é histórica e só é possível compreender seus significados associando-a com o espaço social no qual se encontra.

O autor afirma ainda que espaço e sociedade são inter-relacionados, indissociáveis. No entanto, entre eles, a relação de conformidade não é total e a busca pelo acordo é permanente, nunca chega ao fim. Isso acontece porque a paisagem se constitui levando em consideração momentos históricos diferentes que coexistem com a atualidade. Já no espaço, as diferentes formas que compõem a paisagem ocupam no momento atual uma função também atual a fim de corresponder às necessidades de quem vive nesta sociedade, neste momento.

Seguindo a mesma linha de pensamento, as pesquisas de Dorren Massey em seu livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* (2008), apontam que o espaço deve ser entendido como um processo que está em construção. A autora reconhece o espaço como um produto de inter-relações, como algo



que se constrói através de interações de grandes dimensões até o ínfimo. Além disso, pode-se pensá-lo como a espera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual os distintos coexistem; trata-se do diálogo com a heterogeneidade. Dessa forma, segundo a autora, sem o espaço não há a multiplicidade e sem multiplicidade não há espaço. Portanto, se o espaço é produto de inter-relações deve estar, então, baseado na existência da pluralidade.

É por conta disso que o espaço está sempre em construção, em constante metamorfose; ele é um produto de relações-entre, relações que estão intrincadas a práticas materiais que estão sempre para serem efetivadas, portanto, está sempre por *fazer-se*, nunca acabado, sempre por ser construído. Pode-se dizer também que o espaço se constitui de simultaneidades de situações, relatos e, conforme palavras da autora, de "histórias-até-agora" (MASSEY, 2008, p. 29).

Isso faz com que o olhar sobre o espaço esteja sempre sendo reconstruído, refeito, repensado, pois as mudanças são permanentes. Acredita-se que isso ocorra devido às influências e interferências humanas. Há, no espaço, uma simultaneidade de acontecimentos e imagens que se sobrepõem, o que não permite que ele seja algo finalizado. As transformações e mutações acontecem a todo o momento levando em consideração os acontecimentos históricos, as modificações geográficas/ambientais e, principalmente, a participação dos seres que intera-

gem nesse espaço. Portanto, esse conjunto de modificações do espaço formam as diferentes paisagens que agradam e/ou desagradam os seres, conforme são apresentados seus interesses e vontades.

Ao observar como são apresentadas as paisagens em muitas narrativas modernas, vê-se o quanto o olhar do narrador conduz o leitor a focar nos elementos que a ele mais interessam. No entanto, o leitor atento, aquele que traz em suas lembranças as paisagens da memória, seja ela coletiva ou não, busca introduzir significados novos para essa abordagem paisagística do texto. Por vezes, no próprio texto, as personagens também mudam suas opiniões acerca da paisagem do lugar a partir do olhar do outro, quando este exerce sobre elas algum tipo de influência.

Estudos recentes como os do pesquisador Yi-Fu Tuan, em sua obra *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012), apontam a Geografia Humanista Cultural como uma grande aliada ao se pensar nas análises que estabelecem relações entre a Literatura e a Geografia. Isso porque tais estudos apontam para uma análise de mundo através das relações que as pessoas estabelecem com a natureza, com o meio ambiente, além dos sentimentos que as mesmas mantêm sobre o espaço e lugar habitados, o que faz com que haja reflexão acerca das relações sociais presentes nos ambientes em que se evidenciam relações culturais, sentimentais, experiências diversas, percepções, etc. Nesse sentido, pode-se compreender a Geografia Humanista cultu-



ral como algo que contribua para que se compreenda o espaço geográfico como espaço de vivências.

Com o objetivo de melhor estruturar a corrente que trata do que se chama hoje de Geografia Humanista Cultural, os teóricos que a defendem procuram construir uma base filosófica que fundamente suas visões de mundo de acordo com as ideias elaboradas para sua abordagem. É nesse contexto que surgem estudos acerca da Fenomenologia como forma de possibilitar um novo olhar sobre o mundo e sensibilizar-se com ele de modo inovador, ao mesmo tempo em que se possibilite transformar essa observação e sensibilização em conceitos aplicáveis cientificamente.

Assim, o teórico Merleau-Ponty, em sua obra Fenomenologia da percepção (2011), contribui com estudos acerca dessa discussão filosófica que parte dos conceitos acerca de juízos, recordações e sensações seguindo para a compreensão do próprio corpo como algo que pertence ao espaço e como ele se situa neste lugar. Dessa forma, possibilita as reflexões sobre como o ser humano se situa, se percebe e como se dá o contato com o mundo contemporâneo e globalizado.

Outro importante pesquisador que teoriza acerca da constituição da paisagem e sua relação com a literatura é Michel Collot. Em texto publicado na *Revista Terceira Margem* (2004), menciona que a percepção da paisagem configura-se como percepção sobre o estar no mundo e o estar na escrita. Nes-

se sentido, muito mais do que observar o mundo e as coisas ao redor, é necessário senti-las e interagir com elas. Cabe perceber através dos sentidos tal inter-relação. O estudioso diz ainda que se compreende a paisagem não como um objeto para ser visto ou texto a ser lido, mas como um processo no qual as identidades sociais e subjetivas são formadas, uma espécie de meio de troca, um lugar de apropriação visual para o sujeito e foco da formação de identidades. Nese sentido, a formação identitária do sujeito que passa pela percepção que ele tem da paisagem e também da inter-relação com outros sujeitos sociais, não é fechada em si mesma, nunca se pode dizer concluída. Isso porque a percepção sobre o mundo e as coisas é mutável em decorrência do convívio com o outro, além das mudanças sociais perceptíveis no ambiente o que contribui para que valores, ideias e ideais possam sofrer alterações conceituais.

Ao retomar o que Collot (2004) teoriza acerca da paisagem no que diz respeito ao estar no mundo e ao estar na escrita cabe frisar a questão da percepção que se tem dela, ou seja, só se pode falar de paisagem a partir de sua percepção. Diz-se isso, porque, diferentemente de outras entidades espaciais, construídas pela intermediação de um sistema simbólico, científico (o mapa) ou sociocultural (o território), a paisagem define-se inicialmente como espaço percebido pelo sujeito: ela constitui o aspecto visível, perceptível do espaço. Contudo, se essa percepção distingue-se de construções e simbolo-



gias elaboradas a partir dela, e exige outros métodos de análise, seu aparente imediatismo não deve fazer esquecer que ela não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes dar um sentido. A paisagem percebida é, desse modo, construída e simbólica. É aí que se pode perceber a inter-relação entre os sujeitos; quando os sentidos do sujeito são utilizados para dar um sentido à totalidade.

O pesquisador Michel Collot, em texto publicado na *Revista Makunaíma* (2012), com o intuito de definir a paisagem, parte de conceitos retirados de dicionários. Os conceitos dizem que paisagem refere-se à uma parte, um fragmento de uma região que a natureza apresenta ao olho que a observa, ou ainda que se trata de uma extensão de uma região que se vê sob um único aspecto. Tal observação, segundo aqueles que conceituam deve ser observada de um lugar bastante elevado onde todos os objetos anteriormente dispersos reúnam-se de um único golpe de vista. Nesse sentido, é que o autor apresenta três elementos essenciais dessas definições que decide destacar: a ideia de ponto de vista, a de parte, e a de unidade ou de conjunto.

Ao se falar em ponto de vista, vê-se que a ideia de individualidade está intrincada, pois a percepção do indivíduo é levada em conta na medida em que emite juízos de valor sobre o observado. A observação inicia a partir de um determinado aspecto, de um ponto específico do todo, por isso fala-se em

parte. No momento em que se percebe o mundo observado, a parte e o todo se unem; torna possível, então, unir cada unidade de observação a fim de formar o conjunto observado e, a partir daí, emitir um juízo, um ponto de vista.

O pesquisador Collot (2012) destaca ainda a importância do conceito de *ver* ao tratar-se da questão da paisagem, pois tal ação está relacionada a uma ideia prévia ou ainda a uma comparação com o já dito: *é ver em relação*. Dessa forma, cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto, de seu horizonte, a partir do lugar em que está inserido, do momento histórico em que foi construído, etc. Como se pode notar, então, a paisagem é sempre *visão de conjunto*, principalmente porque ela implica uma certa distância; ora, a apreciação da distância e da profundidade é, sem dúvida, o processo que implica o confronto dos mais numerosos parâmetros.

Cabe mencionar, ainda, que a percepção da paisagem vai muito além do que cabe no campo visual, muito mais do que simples imagens que se projetam no campo de visão com o simples abrir de olhos. Vê-se a paisagem como uma interface entre espaço objetivo e subjetivo, ou seja, o que o campo da visão oferece e o que se pode construir de imagens a partir dele; sua percepção põe em jogo, ao mesmo tempo, o reconhecimento de propriedades objetivas e a projeção de significações subjetivas. Nessa projeção, estão subentendidos os pré-conceitos e conhecimentos do observador que deve relacioná-



-los às imagens para que se projetem e se tornem paisagem subjetiva.

Há ainda a possibilidade de se observar a paisagem como um lugar de troca entre espaço pessoal e coletivo: o indivíduo sente-se em sua própria casa na paisagem, ainda que o aqui pertença a todo o mundo. Ao mesmo tempo lugar público e privado, a paisagem tem sua significação modelada tanto pela memória coletiva quanto pela iniciativa individual. Diz-se isso porque há o condicionamento social do olhar, não há como fugir da relação que o indivíduo faz de seus conceitos pré-existentes, de suas experiências sociais, de seus conceitos históricos com o que ele vê no momento. Ao estabelecer estas pontes põem-se em jogo as virtualidades de sentido envolvidas na percepção mais simples e que permitem ao indivíduo fazer da paisagem um lugar para ele e não um lugar comum.

Diante de todas as discussões que giram em torno da percepção da paisagem pretende-se trazer à tona um ponto de reflexão bastante relevante já mencionado por Collot (2012) no que diz respeito ao desafio que este assunto traz à sociedade atual. É possível notar que tais percepções relacionadas à paisagem estão cada vez menos vinculadas com a funcionalidade céu-terra, cada vez menos lincada aos mitos universais que dizem respeito a ela. Assim, tais possibilidades apontam dois caminhos aos quais deve se estar muito atento: as muitas oportunidades que tais estudos oferecem a fim de oportu-

nizar invenções de significados, o que contribuiria para o crescimento e desenvolvimento da humanidade como um todo ou a reprodução indefinida de estereótipos, tão ultrapassados, desgastados e que já são tão caros à sociedade por conta da carga de pré-conceitos que carregam em si.

A URBE E A PERIFERIA: O CONTEXTO DA LITERATURA MARGINAL

Atualmente, tem-se percebido, não somente por parte da Biologia ou da Geografia, mas também em disciplinas como a Filosofia, a Sociologia e a Antropologia a crescente ampliação de discussões e análises acerca de fenômenos sociais, culturais e econômicos provocados pela intervenção desordenada do homem no espaço natural circundante, com consequências quase sempre negativas. Contudo, vindo ao encontro de tais discussões, também a teoria literária tem aprofundado discussões acerca da construção e apresentação da paisagem no texto literário contemporâneo.

É possível perceber a cada dia o crescimento desenfreado das metrópoles e, em contrapartida, a forma como o sujeito habitante desse lugar é *espremido* em seu pequeno espaço. Diante disso, as manifestações artísticas e culturais no espaço urbano ganham novos formatos e precisam adaptar-se às novas realidades que exigem fragmentação e velocidade. Assim, a arte contemporânea, plural em suas



manifestações, percebe o século XX e XXI como o momento das superexposições; isso porque a fotografia, o cinema, a televisão e a tela do computador estão, inegavelmente, disseminados no meio urbano como forma de valorização das imagens.

É, portanto, nesse contexto onde imagens são sobrepostas, onde a visualidade excessiva ganha destaque que surge a necessidade da atenta observação. Para tanto, o objeto estético surge com o intuito de contribuir para frenar a velocidade das imagens de forma a auxiliar o observador a fim de que ele possa perceber os detalhes, para que possa notar o campo de perspectivas que a observação curiosa, questionadora e atenta pode lhe abrir.

Nesse sentido, a pesquisadora brasileira Ida Alves, em texto publicado na obra Literatura e paisagem em diálogo (2012) discute estas relações no campo da literatura e diz que a problematização da paisagem tem provocado abordagens teórico-críticas que aprofundam a reflexão sobre a organização do texto literário como experiência de visualidade e de espaços, estabelecendo, ao mesmo tempo, questionamentos acerca da construção do sujeito lírico, a alteridade e as experiências de mundo no contexto cultural atual. Cabe destacar, que essa paisagem deve ser vista não simplesmente como um tema de escrita, como um enunciado descritivo, mas sim como uma estrutura de sentido, uma rede sensorial, que sustenta configurações ou desfigurações do sujeito, da linguagem literária e do mundo, por meio do olhar.

Quando se falava acerca da aproximação do olhar ao frenar a velocidade das imagens, traz-se à tona a questão da percepção do sujeito, que é uma intervenção fundamental, imprescindível na análise da composição da cena, do cenário; percepção esta da qual parte a linha de fuga da construção da paisagem. Trata-se, portanto, de discutir acerca das bases conceituais desse sujeito observador e consumidor da arte contemporânea e das diferentes práticas culturais as quais presencia e reproduz.

Nota-se, portanto, que a discussão acerca da paisagem urbana nas obras literárias contemporâneas deve levar em conta a percepção paisagística como percepção sobre o estar no mundo e o estar na escrita. Para tanto, deve-se proporcionar discussões que permitam a análise da paisagem enquanto representação de lugares, de habitação e de reflexão sobre cultura, sociedade e arte, a partir de experiências individuais ou coletivas. É preciso que se abram discussões sobre limites e efeitos da subjetividade e da alteridade; que se reavalie a subjetividade lírica e a alteridade, a referência e a metáfora sob novas bases conceituais e a partir de diferentes experiências culturais contemporâneas.

Vindo ao encontro de tais discussões, Ana Fani Alessandri Carlos, em *Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana* (2001) discute alguns conceitos relacionados ao espaço urbano como forma de representação da paisagem. Diz a autora que mesmo sendo o espaço um conceito abstrato,



possui também uma dimensão real e concreta no que tange a realização da vida humana, que ocorre de modos diferentes no tempo e no lugar e que se materializa por intermédio dos territórios que, por sua vez, contribuem para que se possa ler as possibilidades concretas de realizações da sociedade.

Nesse sentido, é possível perceber que a formação da sociedade urbana determina novos paradigmas que se impõem de fora para dentro, por conta do poder de constituição da sociedade de consumo, esta que está embasada em modelos comportamentais e valorativos impostos pela grande mídia que dita padrões e parâmetros para a vida. Tudo isso ocorre em um espaço e um tempo desiguais porque há um

choque entre o que realmente existe e o que se impõe como novo; vê-se que isso está na base das transformações da metrópole, onde os lugares vão-se integrando de modo sucessivo e simultâneo com uma nova lógica, aprofundando as contradições entre o centro e a periferia. (CARLOS, 2001, p.14)

Contudo, a paisagem urbana se constitui a partir das transformações sociais que têm por base a economia – crescimento econômico - que acaba *compactando* as pessoas em pequenos espaços, ou ainda delimitando seus lugares em meio à totalidade, esta que é multifacetada. Vê-se, então, *um todo* que é múltiplo, tão diferente no que diz respeito à constituição genética e, ao mesmo tempo, com tantos elementos estéticos em comum. Isso porque, o mundo globa-

lizado exige também que os espaços geográficos se aproximem visualmente, que se *pareçam* entre si, que sejam o mais homogêneos possível.

No entanto, há grupos humanos que não se enquadram nessa perspectiva de homogeneidade paisagística urbana de *centro* – que representa o belo, o esteticamente perfeito e agradável aos olhos – são então, empurrados para *longe*, para que ocupem lugares longínquos. Trata-se, aqui, dos habitantes dos espaços periféricos.

Há, contudo, a participação expressiva do Estado nessa transferência, segundo explica Ana Fani (2001) ao dizer que por intermédio do poder e da força que possui, o Estado reforça a hierarquia de lugares, criando novas centralidades e expulsando para a periferia os antigos habitantes do lugar, criando, assim, um espaço de dominação. É assim que impõe sua presença em todos os lugares a fim de controlar e vigiar. Dessa forma, esse novo espaço produzido vê-se fragmentado por conta da especulação imobiliária, homogêneo por conta da dominação imposta pelo estado ao espaço e hierarquizado pelo fato de passar a existir a divisão espacial com relação ao trabalho.

O que se vê hoje em muitas metrópoles é a tentativa de igualar o inigualável no que tange a questão da estética urbana, seja ela no centro, ou nas periferias das cidades. Dessa forma, aqueles que não conseguem adequar-se a esta proposição estão, automaticamente, fora do quadro da paisagem que ganha



destaque na mídia ou na academia, quando se refere a produções artístico-literárias. Assim, o plano local se acha cada vez mais invadido pelo plano global.

A urbanização crescente e desenfreada motivada pela sociedade capitalista e elitista atual não permite aos habitantes da periferia a inclusão desse espaço na totalidade da paisagem urbana politicamente correta. Este referido espaço, atinge negativamente o olhar acostumado com o limpo, branco e belo. As pessoas só podem dar-se conta desses quadros desagradáveis que também compõem as paisagens urbanas ao frenarem seus olhares acostumados à velocidade e ao condicionamento que sofrem diariamente sobre o que devem observar e como devem fazê-lo. Ao aterem-se, então, de modo especial e cuidadoso podem perceber um quadro diferente, que possui particularidades, características que se distanciam das imagens centrais, mas que possibilitam a criação de perspectivas diferentes a partir da percepção do observador que se permite tocar, que se permite perceber o espaço sob outra perspectiva. Trata-se, então, de assumir, mesmo que por um determinado tempo, o lugar do observador e julgador da paisagem que sempre fora observada e julgada por alguém distante daquele meio.

A periferia ocupa, então, um lugar de desconforto para muitos setores da sociedade que ao fingir não percebê-la, acabam por fazer com que as transformações sociais demorem a chegar até este espaço, ou então, nunca cheguem. É mais conveniente, então, esconder esse recorte social, fazê-lo desaparecer do quadro geral para evitar, com isso, os desgastes, os conflitos e até as interferências indesejáveis no quadro urbano do centro. É inegável, contudo, a crescente expansão da cultura da periferia, ou seja, além de estar se autodefinindo no seu próprio meio, no seu espaço geográfico real, está ultrapassando as barreiras da materialidade espacial para entrar definitivamente em outros territórios, socialmente ocupados por aqueles pertencentes a espaços superiores, sob o foco dominante da cultura elitista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do novo contexto em que se situa a Literatura na contemporaneidade é inevitável para o crítico literário não focar seu olhar e atenção para as chamadas vozes da periferia. Trata-se de autores que vêm ganhando espaços e atraindo para seus escritos um público leitor cada vez maior. É evidente que esses escritores, por não fazerem parte da elite cultural e tão pouco por estarem distantes dos meios de circulação acadêmicos, ainda estão à sombra do cânone. No entanto, contribuem para a formação e consolidação de um novo capítulo da literatura brasileira contemporânea graças, em grande parte, às mídias eletrônicas e às redes sociais que contribuem para disseminar essa arte.

Nesse sentido, ao se pretender definir o escritor da Literatura Marginal, nada mais legítimo do que



apresentar o próprio sujeito marginalizado, aquele que sofre diretamente com as condições de vulnerabilidade social que uma sociedade desigual produz, como sendo o autor de um discurso que aborda seu cotidiano. O discurso, nesse sentido, para além de sua postura política de denúncia, passa a ser ornamentado por uma perspectiva quase que testemunhal, determinando a voz oriunda dos espaços periféricos como a verdadeira forma de representação da miséria e da violência que assola estes espaços e que por muitas vezes é mostrada apenas para denegrir a imagem daqueles que habitam estes espaços, como é comum em muitas telenovelas de horário nobre. Afinal, cabe questionar: quem possui a legitimação para narrar a margem senão o próprio marginal?

Esse posicionamento crítico e contestador do escritor periférico e o surgimento dessa literatura ecoa de diferentes formas através da Literatura Marginal e se revela um dado precioso para o estabelecimento de uma discussão acerca do posicionamento dos intelectuais, estudiosos da literatura e historiadores tradicionais frente a estas manifestações literárias emergentes que cobram para si legitimidade. Além disso, levantam a discussão acerca do silenciamento que essas vozes sofreram ao longo da história por não pertencerem à estrutura social-histórico-literária demarcada pelo cânone.

O que se vê através dos escritos marginais é, principalmente, uma orientação política que parte da periferia rumo aos centros do poder e do saber.

No entanto, o que brota das páginas dos livros escritos pela periferia hoje, não é um dado relativo apenas à Literatura Marginal como também, uma espécie de orientação de grupos sociais e culturais marginalizados, que desejam falar por si, sem a presença de mediadores. Se antes o intelectual do centro atuava enquanto porta-voz destes grupos, falando em nome destes sujeitos e, dessa maneira, contribuía para o silenciamento deles, agora não há mais espaço para este tipo de atuação, sobretudo quando estes setores passam a falar e não desejam mais que o intelectual fale em nome deles. Nesse sentido, pode-se citar também os Saraus que acontecem na periferia de São Paulo e que representam a possibilidade da comunidade local compartilhar entre si, e ao seu modo, suas produções culturais de forma dinâmica, alegre e renovadora.

A pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda (2004) tem destinado suas pesquisas a observar e analisar as vozes marginais periféricas. Assim, seus escritos abordam a necessidade de criação de diferentes abordagens das novas vozes discursivas no cenário cultural brasileiro. A autora afirma que é preciso repensar, com radicalidade, o papel da intelectualidade tanto no campo social, como no campo acadêmico e artístico. A novidade de que fala a autora refere-se às propostas da cultura Marginal e de tantas outras manifestações artísticas originárias das periferias das grandes cidades. No movimento motivado por Heloísa Buarque a proposta de repen-



sar o papel do intelectual não é meramente ignorar o debate e excluir-se da vida política e artística das elites intelectuais. Tampouco, a crítica deseja *ouvir* somente o que as vozes que emergem têm a dizer. Segundo a autora, as produções artísticas e culturais da periferia, ao elaborarem suas vozes expressivas acerca de suas experiências e vivências, passam a assumir a postura e a voz que no passado fora de outro: o intelectual, o habitante do centro do poder e do saber. Contudo, é preciso questionar: qual é o lugar a ser ocupado pelo historiador, hoje, no tocante ao diálogo com estes movimentos, discursos e produtos culturais periféricos que são apresentados por eles mesmos, sem a mediação do intelectual?

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Paisagens mediterrâneas na poesia portuguesa: Shopia de M.B. Andersen e Nuno Júdice. In: ALVES, Ida; FEITOSA, Marcia Manir Miguel (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Ed. da UFF, 2010. 81-98.

_____. Poesia e paisagem urbana: diálogos do olhar. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Orgs.). **Literatura e paisagem em diálogo.** [S.l.]: Edições Macunaíma, 2012. p. 169-192. Disponível em: http://edicoesmakunaima.com/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo . Acesso em: 5 abril. 2016.

BORBA, M. A. J. de O. **Teoria do efeito estético.** Niterói: EdUFF, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alesandri. **Espaço e tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Terceira Margem. Poesia e seus entornos. Trad. Alberto Pucheu. **Revista do programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ**, ano IX, n. 11, p. 165-180, 2004. www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/.../NUM11_2004.

___. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NE-GREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Orgs.). Literatura e paisagem em diálogo. [S.l.]: Edições Macunaíma, 2012. p. 11-28. Disponível em: http://edicoesmakunaima.com/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo . Acesso em: 15 abril 2016.

FEITOSA, Marcia Manir Miguel. Sophia e a poética do mar em Portugal: o espaço do lugar. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Orgs.). **Literatura e paisagem em diálogo**. [S.l.]: Edições Macunaíma, 2012. p. 193-210. Disponível em: http://edicoesmakunaima.com/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo . Acesso em: 01 maio 2016.

HOLLANDA. Heloisa Buarque de (Org.). **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

_____. Heloisa Buarque de. **Intelectuais X marginais.** Revista idiossincrasias. Disponível em http://www.portalliteral.com.br Acessado em 10 de setembro de 2014.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e trad.). *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.



MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes* **Marginais da literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.



CENOGRAFIA E ETHOS EM "LINDA, UMA HISTÓRIA HORRÍVEL"

SCENOGRAPHY AND ETHOS IN "BEUTY, A HORRIBLE HISTORY"

Jéssica Fernanda Mezadri (UPF-RS)¹ Tiago de Medeiros Soares (UPF-RS)² Ernani Cesar De Freitas (UPF-RS)³

Resumo: Este artigo aborda a teoria enunciativo--discursiva, com o objetivo de analisar e descrever o ethos discursivo no conto Linda, uma história horrível (1987), obra de Caio Fernando Abreu. Os procedimentos teóricos se baseiam em Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2015), semântica global, cenografia e ethos discursivo. A metodologia caracteriza-se como descritivo-qualitativa. Constatou-se que uma voz oprimida, declinada, indiferente, representada pelas atitudes do protagonista de evasão, ocultação, fragmentação, definidoras no cotidiano de um homem aidético em pleno período ditatorial num país que está despreparado para inclui-lo socialmente.

Palavras-chave: Conto. Cenografia. Ethos discursivo.

Abstract: This article discusses the enunciation discourse theory, in order to analyze and describe the discursive ethos in Linda tale, a horrible story (1987), the work of Caio Fernando Abreu. The theoretical procedures are based on Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2015), global semantics, scenography and discursive ethos. The methodology is characterized as descriptive and qualitative. It was found that an oppressed voice, inflected, indifferent, represented by the attitudes of evasion protagonist, blind, fragmentation, defining the daily life of a person with AIDS man in full dictatorial period in a country that is unprepared to include it socially.

Keywords: Tale. Scenography. Ethos discourse.

NAS PROFUNDEZAS LITERÁRIAS E LINGUÍSTICAS

Abordar Literatura e Linguística em mesma instância é acentuar a ideia de que uma pode estar diretamente liga à outra, o que poderíamos chamar de um fazer interdisciplinar. Por longos anos, cada área das ciências reservava-se em suas pesquisas, quando o pesquisador literário não dialogava com seu colega pesquisador de língua.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo/UPF-RS

² Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo/UPF-RS.

³ Professor do Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo/UPF-RS



Do tradicional para o moderno, do moderno para o contemporâneo, avançando fronteiras e quebrando tabus e paradigmas, a literatura abrange um universo eclético de ideologias. É evidente o uso de obras como instrumento de denúncia dos mais variados assuntos do contexto histórico4, não limitando à temporalidade, mas marcado por um prolongamento e ressignificação em outros períodos. Não só os leitores se transforaram, como as temáticas literárias ganham abordagens e assumem novos posicionamento frente à contextualização histórica e social. O presente estudo adota como corpus o conto Linda, uma história horrível (1987), do autor contemporâneo Caio Fernando Abreu, um dos literários do período ditatorial no Brasil, bem como os efeitos do golpe militar de 1964.

Linda, uma história horrível, tematiza uma doença já denunciada numa produção anterior do mesmo autor, Os dragões que não conhecem paraíso, a Aids. O vírus era uma novidade para a saúde pública brasileira, considerando que o assunto se expande com movimentos sociais promovidos por grupos, igrejas, comunidade científica, autores e demais interessados no assunto que levou a óbito centenas de portadores da patologia. O tema escolhido justifica-se pelo interesse em compreender a constituição do *ethos discursivo* da voz oprimida do protagonista no conto *Linda, uma história horrível*. Parte-se da questão norteadora de que a narrativa permite analisar e descrever o *ethos discursivo* relevando fatores da escrita literária. Desse modo, o objetivo desse estudo foi descrever a analisar o *ethos discursivo* do protagonista no conto de Caio Fernando Abreu, *Linda, uma história horrível*.

Os procedimentos teóricos são alicerçados na semântica global do escritor francês Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2012, 2015). A metodologia caracteriza-se como descritiva-qualitativa, identificando o estatuto de enunciador e de coenunciador, elementos dêiticos, apreciação do vocabulário e o modo de enunciação.

A primeira seção apresenta uma abordagem sobre as perspectivas do conto, em seguida apresenta-se uma relação entre a literatura e a linguística, já que o corpus é um discurso literário. A terceira seção expõe a semântica global, em especial a cenografia que aparece como a cena de enunciação, para compreender o ethos discursivo postulado por Maingueneau. Por fim, consta o campo metodológico seguido da análise do corpus.

⁴ Mikhail Bakhtin (1997, p. 364) explica que as grandes obras da literatura levam séculos para nascer, e, no momento em que aparecem, colhemos apenas o fruto maduro, oriundo do processo de uma lenta e complexa gestação. Contentar-se em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionou o período contíguo é condenar-se a jamais penetrar as suas profundezas de sentido.



LÍNGUA E LITERATURA

O projeto sociocrítico de superação da distinção entre história literária e análise textual se desenvolve num campo mais amplo da análise do discurso. Assim, é possível perceber que a AD é capaz de "explorar as múltiplas dimensões da discursividade, buscando precisamente explicar a um só tempo a unidade e a irredutível diversidade das manifestações do discurso". (MAINGUENEAU, 2006, p. 38).

De acordo com Maingueneau (2008), as condições de emergência das obras interessavam o autor, reiterando que a análise do discurso está longe de reduzir-se a isso, pois a produção em torno das práticas de leitura e dos quadros sociais e históricos da recepção, das condições materiais de inscrição e de circulação dos enunciados, de discursos produzidos pelas diversas instituições que contribuem para avaliar e dotar de sentido a produção e o consumo de obras literários, particularizando os meios de comunicação e o ambiente escolar.

Sobre as condições de uma análise do discurso literário, Maingueneau (2006, p. 13) explica que "na

cultura ocidental, é essencialmente com os gramáticos alexandrinos que se começa a refletir sobre a relação entre um texto literário e o contexto histórico no qual ele surgiu". Em meados do século XIX, a estética dominante via na literatura não um registro de língua, mas a expressão de uma subjetividade absoluta.

Na análise do discurso, Maingueneau (2008, p. 55) determina o discurso literário como constituinte⁵:

A obra se enuncia através de uma situação que não é um quadro preestabelecido e fixo: ela pressupõe uma cena de fala determinada que precisa validar por meio de seu próprio enunciado. Ela se legitima através de um circuito: mediante um mundo que instaura, ela precisa justificar tacitamente a cena de enunciação que impõe desde o começo.

O teórico Bakhtin⁶ (2005), engajado em estudar a linguagem, afirma que desde a Antiguidade até a contemporaneidade os gêneros foram estudados segundo a perspectiva artístico-literária, desprezando--se as características particulares de sua enunciação, bem como seus aspectos linguísticos, uma vez que

⁵ O conceito de instituição discursiva é de certo modo o pivô desse movimento; ele articula:

⁻ as instituições, os quadros de diversas ordens que conferem sentido à enunciação singular: a estrutura do campo, o estatuto do escritor, os gêneros do texto...;

⁻ o movimento mediante o qual o discurso *se institui*, ao instaurar progressivamente um certo mundo em se enunciado e, ao mesmo tempo, legitimar a cena de enunciação e o posicionamento no campo que tornam possível esse enunciado (MAINGUENEAU, 2008, p. 54).

⁶ O autor reflete sobre o gênero como um enunciado de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística relativamente estável, porque gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo.



não se tinha a perspectiva de linguagem em que o enunciado é a unidade real da comunicação verbal.

A linguagem é entendida como discurso, que possibilita conceber a literatura não apenas como texto, mas como um procedimento que consente desestabilizar a distinção entre texto e contexto. Desse modo, a próxima seção preocupa-se em apresentar a semântica global, estreitando a relação entre língua e literatura, bem como com o próprio corpus em análise.

SEMÂNTICA GLOBAL

Expor a aproximação e a compatibilidade dos estudos linguístico e literários, mais especificamente o texto literário como discurso, é necessário para compreender que a obra se enuncia através de uma situação que não é um quadro preestabelecido e fixo, que se legitima por meio de um circuito: mediante o mundo que instaura, ela precisa justificar tacitamente a cena de enunciação que impõe desde o começo. Para compreensão dessas situações enunciativas, considerando que o *corpus* da pesquisa é o conto, o procedimento metodológico "semântica global" de Dominique Maingueneau (2005) é suporte para análise da narrativa *Linda, uma história horrível*.

Em *Gênese dos Discursos*, obra de Dominique Maingueneau lançada na França em 1984, pela primeira vez em que o teórico postulava novos conceitos teóricos e metodológicos, e a proposta que

apresenta articula, no nível do discurso, elementos como "enunciado e enunciação, linguagem e contexto, fala e ação, instituição linguística e instituições sociais" (MAINGUENEAU, 2005, p. 24-25).

Em *Uma semântica global* é apresentado um recorte de alguns planos do discurso humanista devoto, sem pretender que esses planos sejam tomados como privilegiados em pesquisas sobre outros corpora. É analisado "a intertextualidade", "o vocabulário", "os temas", "o estatuto do enunciador e do destinatário", a "dêixis enunciativa", o "modo de enunciação" e o "modo de coesão". Ao analisar o "modo de enunciação", pela primeira vez apareciam, na obra de Maingueneau (2008), conceitos relacionados ao que posteriormente tem sido analisado no âmbito do "ethos discursivo".

Conforme Maingueneau (2008), ao integrar o ethos retórico à Análise do Discurso (AD), propõe dois deslocamentos. O primeiro consiste em que os efeitos que o enunciador pretende causar sobre seu auditório por meio de sua imagem são impostos pela formação discursiva e não pelo sujeito em si. O segundo é que "a AD deve recorrer a uma concepção do ethos que seja transversal à oposição entre o oral e o escrito". (MAINGUENEAU, 1997, p. 46). Desse modo, Maingueneau extrapola aquela ideia de ethos concebida pela antiga Retórica ao considerar que o discurso não é construído exclusivamente a partir da vontade de um sujeito – já que ele é clivado e heterogêneo – e que mesmo os textos escritos possuem um tom de voz.



A produção de uma qualidade de ethos deve ainda ser compatível com o mundo que é construído no discurso por meio da cenografia, pois, quando falamos em um modo de dizer, falamos em um modo de ser e de se movimentar no mundo, um mundo que é construído no e pelo discurso. De acordo com Maingueneau (2008, p. 87), "a cenografia é a cena com que o coenunciador toma contato mais explicitamente, ou seja, é a cena com que o coenunciador se depara em primeiro plano, já que as cenas englobante e genérica (o quadro cênico) são deslocadas para o segundo plano".

Dentre as três cenas, englobante, genérica e cenografia, a última aparece como a cena de enunciação mais propícia aos investimentos de criação do discurso. Trata-se de uma dimensão criativa do discurso, na qual engendra-se o simulacro de um momento, de um espaço e dos papéis sociais conhecidos e compartilhados culturalmente. Além disso, a cenografia também é construída com base em cenas validadas, isto é, cenas de fala já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam. Por conseguinte, a próxima seção contextualiza os aspectos da cenografia e do discurso literário a partir da perspectiva do linguista Dominique Maingueneau.

A cenografia e o discurso literário

Quando se fala em cena de enunciação, considera-se o processo "do interior", mediante a situação que a fala pretende definir, pragmaticamente o quadro que ela mostra. "Um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é *encenada*". (MAINGUENEAU, 2006 p. 250, grifo do autor).

Para compreender a noção de "cena de enunciação", é necessário entender três cenas que operam sobre planos complementares: a cena englobante⁷, a cena genérica e a cenografia. Todo enunciado literário está vinculado com uma cena englobante literária, sobre a qual se sabe em particular que permite que seu autor use um pseudônimo, que os estados de coisas que propõem sejam fictícios.

É importante explicar que essa não é suficiente para especificar as atividades verbais, pois não se tem contato com um literário, político ou filósofo não especificado: "a obra é na verdade enunciada através de um gênero do discurso que participa, num nível superior, da cena englobante literária" (MAINGUENEAU, 2006, p. 251), assim, tem-se a cena genérica.

Uma cenografia é identificada com base em variados índices localizáveis no texto ou no paratexto, mas não se espera que ela designe a si mesma: "a ce-

⁷ A cena englobante corresponde ao que se costuma entender "por tipo de discurso". Quando se recebe um folheto na rua, devese ser capaz de determinar se é membro do discurso religioso, político, publicitário etc., em outras palavras, em que cena englobante se deve situá-lo para interpretá-lo, em nome de que ele interpela aquele que o recebe (MAINGUENEAU, 2008, p. 251).



nografia se mostra, por definição, para além de toda cena de fala que seja dita no texto". (MAINGUENE-AU, 2006, p. 252). A noção de "cenografia" adiciona ao caráter teatral da "cena" a dimensão de da grafia⁸

Assim, a obra se legitima criando um enlaçamento, dando a ver ao leitor um mundo cujo caráter convoca a própria cenografia que o propõe e nenhuma outra, pois, conforme Maingueneau (2006), através daquilo que diz, o mundo que ela representa, a obra tem de justifica tacitamente essa cenografia que ela mesma impõe desde o início. É necessário apreender que a obra, por sua própria apresentação, pretende instituir a situação que a torna pertinente.

Desse modo, as obras podem basear sua cenografia em cenas de enunciação já validadas⁹, que podem ser outros gêneros literários, outras obras, outras situações de comunicação de caráter não literário e até mesmo eventos de fala isolados. Portanto, a cenografia não é uma simplória base, mas centro em torno do qual gira a enunciação.

A literatura, nesse âmbito, é um discurso cuja identidade se constitui através da negociação de seu

próprio direito de construir um dado mundo mediante uma dada cena de fala correlativa que atribui um lugar a seu leitor ou espectador. Portanto, a cada instância discursiva legitimada, há a construção do ethos, essa formação será tematizada na próxima seção.

O ethos

Maingueneau (2008) aponta que a cenografia é aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ele legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, precisa estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar a validar um *ethos*, bem como a sua cenografia, por meios dos quais os conteúdos surgem. Dominique Maingueneau começou a refletir sobre ethos¹⁰, no início dos anos 1980, não postulando que essa noção chegaria a ter tanta repercussão. Curiosamente, o reaparecimento dessa noção

⁸ Essa "- grafia" não remete a uma oposição empírica entre suporte oral e suporte gráfico, mas um processo fundador, à inscrição legitimadora de um texto, em sua dupla relação com a memória de uma enunciação que se situa na filiação de outras enunciações e que reivindica um certo tipo de reemprego. A grafia é aqui tanto quadro como processo; logo, a cenografia está tanto a montante quanto a justante da obra: é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através de sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2008, p. 251).

⁹ Validado não significa valorizado, mas já instalado no universo de saber de valores do público. (MAINGUENEAU, 2008, p. 256, grifo do autor).

¹⁰ Na *Retórica*, Aristóteles procura apresentar uma *techne* que visa examinar o que é persuasivo não para esse ou aquele indivíduo, mas para esse ou aquele tipo de indivíduos. (MAINGUENEAU, 2008, p. 267).



não se deu, de saída, dentro do quadro da retórica, mas sobretudo por meio das problemáticas relativas aos discursos.

O autor francês explicita que enquanto a retórica vincula *ethos* essencialmente à oralidade, em vez de reserva-lo à eloquência judiciária ou mesmo à oralidade, é possível postular que todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma *vocalidade* específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciador, a um *fiador* que, por meio do seu *tom*¹¹, atesta o que é dito.

A partir dessa perspectiva é que analisamos a obra literária não como um amontoado de dizeres, e nem com a perspectiva de ethos da retórica – que hoje se encontra fragmentada em diversas teorias e práticas, mas como um discurso que dotado de uma corporalidade, estabelecendo uma interação com o coenunciador. A partir desse prisma, analisaremos o ethos discursivo, com destaque, o protagonista de Linda, uma história horrível.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo circunscreve-se em uma abordagem descritivo-qualitativa com base no corpus "Linda, uma história horrível" (1987), sob o prisma da Semântica Global do teórico francês Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2015). Assim, a partir da situação comunicativa, objetivamos compreender

as marcas linguísticas presentes nas falas, cenas de enunciação, no processo discursivo do conto, e, por conseguinte, descrever a analisar o *ethos discursivo* do protagonista no conto de Caio Fernando Abreu.

Num primeiro momento, foi realizada a leitura do conto, apresentando o enredo; em seguida, para reconhecer a posição dos enunciadores, o filho (enunciador) e a mãe (coenunciador); identificar os elementos dêiticos da enunciação; vocabulário, as escolhas; cenografia; a partir das cenas compreender o *ethos* do protagonista, portador vírus do HIV.

Análise enunciativa

O conto apresenta um protagonista que visita a sua mãe, que vive solitariamente, num ambiente tão mórbido quanto ela. O próprio título é uma ironia, pois as personagens e a casa estão em degradação. A conversa da mãe e do filho é registrada na cozinha, local engordurado, manchado, similar aos traços da doença do personagem central, que abafa a magreza, os poucos de fios de cabelo e o semblante arrasado.

Além da doença pouco conhecida pela sociedade brasileira contemporânea, a Aids, os laços maternos são enfraquecidos, é notório que o filho não fazia visitas corriqueiras, e como o futuro reserva momentos hipotéticos apenas – em função dos sintomas do vírus, tem-se um momento saudosista. Talvez a

¹¹ O termo "tom" tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral. (MAINGUENEAU, 2008, p. 271).



morte pouparia o protagonista dos encargos degenerativos da patologia, mais do que isso, livrá-lo-ia dos julgamentos de uma sociedade que mantém estereótipos, oprime e exclui aqueles que não preenchem os requisitos ditados pela grande massa.

A situação de enunciação no conto, isto é, o processo que envolveu a comunicação no enredo, deixa marcas, e essas representam uma fala encenada. É evidente o contexto de produção da obra literária, num momento de efervescência ditatorial, seguido de um golpe militar no Brasil, entre outros fatores, porém para a pesquisa, considerar-se-á o processo comunicativo.

O filho, o qual não apresenta uma identidade especificada no conto, assume a função de enunciador, que "quando confrontado com seu Outro ... é condenado a produzir simulacros desse outro, e simulacros que são apenas seu avesso" (MAINGUENEAU, 2005, p. 55). Assim, uma posição enunciativa não pode sair de seu fechamento semântico, ela só pode emprestar ao Outro suas próprias palavras. Um sujeito enunciante constitui a identidade enunciativa que o sujeito comunicante dá a si mesmo.

A mãe assume o papel de coenunciador, que neste estudo, baseado na linguística enunciativo-discursiva, é definido como um destinatário, salvo que o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, "a um EU que se coloca ao mesmo tempo como *fonte de referências* pessoais, temporais, espaciais (EU –AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude

que ele adota em relação ao que diz a seu destinatário (MAINGUENEAU, 2015, p. 27) [grifo do autor]. Nas cenas enunciativas do conto, há na conversação o locutor que se torna ouvinte, e o ouvinte que se torna locutor.

Considerando o estatuto do enunciador e do destinatário, Maingueneau (2005) postula que os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, porque cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir a seu destinatário a fim de legitimar o seu dizer. No conto, é notório que o enunciador forma um estatuto de uma pessoa que deseja omitir a sua doença, bem como o seu sofrimento, as suas manchas e a própria rejeição.

É possível identificar a legitimação da coenunciadora que se manifesta de modo investigativo, não compreendendo a condição física do filho, deixando claro uma espécie de descontentamento em relação à aparência do seu herdeiro. Nesse caso, fica evidente a causa que motivou o protagonista visitar a mãe.

Deixa eu te ver melhor – pediu.
 Ajeitou os óculos. Ele baixou os olhos. No silêncio, ficou ouvindo o tic-tac do relógio da sala.
 Uma barata miúda riscou o branco dos azulejos atrás dela.

[—] Tu estás mais magro — ela observou. Parecia preocupada. — Muito mais magro.



O ato de enunciação supõe a instauração da dêi-xis¹² espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo. "Não se trata, pois, das datas, dos locais em que foram produzidos os enunciados efetivos, tanto mais que o estatuto textual dos enunciadores não coincide com a realidade biográfica dos autores". (MAINGUENEAU, 2005, p. 89). Considera-se ainda que um discurso não é apenas um determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, mas também uma maneira de dizer, que pode ser entendido como um *modo de enunciação*.

Desse modo, há no enredo uma perspectiva do óbito, são sujeitos melancólicos. O enunciador sente-se impotente, uma escória da sociedade. Enquanto o coenunciador, que tem dificuldades em reconhecer a patologia do filho, está em idade avançada, que vive solitariamente num ambiente em ruína, tão degradado quanto sua reputação. "— Também moro só, mãe. Se morresse, ninguém ia ficar sabendo. E não ia dar no jornal".

A situação de enunciação compreende um espaço, evidenciada pelas marcas linguísticas, validando a enunciação e delimitando a cena. O local apresentado no *corpus* é a casa do coenunciador, com preponderância a cozinha, que de modo semelhante aos demais cômodos apresentava um certo descuido: louças amontoadas, retratos empoeirados, os panos sujos da cadela sarnenta, etc. "Como se sabe, esse sistema está na base da identificação dos dêiticos espaciais e temporais, cuja referência é construída com relação ao ato de enunciação" (MAINGUENE-AU, 2006, p. 251). Com viés literário, um texto é um discurso provido de uma fala *encenada*.

Em relação às marcas verbais, Maingueneau (2002, p. 108) sobre esses dêiticos afirma que "as marcas de presente, passado e futuro acrescentadas ao radical do verbo, ou as palavras e grupos de palavras com valor temporal como *ontem*, *amanhã*, hoje, há dois dias, dentro de um ano etc., têm como ponto de referência o momento de sua enunciação". No corpus, o presente e o pretérito são predominantes, sendo que os verbos no presente do indicativo, sua referência temporal coincide com o momento de enunciação. Com efeito, as categorias de passado e futuro, Maingueneau (2002) explica que essas são definidas em relação ao presente da enunciação, considerando passado aquilo que é apresentado como não sendo mais verdadeiro na situação de enunciação. Já o futuro, é colocado como hipotético, não sendo verdadeiro ainda.

No conto, *Linda, uma história horrível (1987)*, há um presente durativo que marca mais uma vez o saudosismo, rememoração, coincidindo com o mo-

¹² Em linguística, entende-se por isso conjunto de localizações no espaço e no tempo que um ato de enunciação apresenta, graças aos "embreadores". (MAINGUENEAU, 2005, p. 88).



mento de referência. "— Teu quarto continua igual, lá em cima. Vou dormir que amanhã cedo tem feira. Tem lençol limpo no armário do banheiro".

O pretérito perfeito marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. "Ele acendeu um cigarro. Tossiu forte na primeira tragada". Os vocábulos ao longo do enredo evidenciam a morbidez de uma atmosfera doentia, degradante, tantos dos aspectos físicos como psicológicos. Um enunciador que tenta esconder a sua peste, um coenunciadora que nota estranheza no filho e uma cadela velha já sem pelos nas orelhas - uma espécie de espelho para a situação do protagonista. Observamos: latido desafinado, tosse noturna, amargo, velho jeito azedo, cigarro, cebola, cachorro, sabonete, creme de beleza e carne velha, sozinha, inútil, sarnenta, velha, manchas escuras, caos, doença, miséria, amarela, escura, lascadas, plástico frio, velhos morangos, robe desbotado, cabelos brancos, pestes, dedos amarelos, olhos apertados, olhos branquicentos, esclerosada, umidade, solidão, pano sujo, voz rouca, vertigem, casa antiga, manchas púrpuras.

Assim, conforme as marcas discursivas apresentadas no conto, alicerçadas num tempo e num espaço, há a cenografia. "De fato, o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas devem também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação" (MAINGUENEAU, 2015, p. 117). Detemo-nos à cena de enunciação, conside-

rando que essa cena de um gênero do discurso não é um bloco compacto, há a interação de três cenas: a englobante, genérica e a cenografia.

A cena englobante corresponde à definição de tipo de discurso, resultante do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discursos. Contudo, essa cena não é suficiente para explicitar as atividades verbais em que estão emaranhados os sujeitos.

Desse modo, se a cena englobante é o tipo de discurso, o corpus apresenta uma narrativa que relata o retorno do protagonista à casa da mãe, enfermo, oprimido, excluído, envelhecido, ou seja, acontecimentos de um cotidiano simples. Maingueneau (2006, p. 251) explica que "a obra é na verdade anunciada através de um gênero do discurso determinado que participa, num nível superior, da cena englobante literária", obtendo-se a cena genérica, pois suscitam expectativas.

A cena construída no conto é de personagens em pleno declínio, seja pela perda de peso e cabelo, pele manchada, saúde limitada, seja pela falta de perspectiva de mudança – o presente é vivido sob a angústia e o futuro não reserva a remissão da atual condição de sobrevivência. O enunciador é portador do vírus do HIV e esse é o grande desencadeador do enredo, pois não se sente à vontade para abrir-se com a mãe relatar sua real situação.

Assim, literariamente, temos a cenografia em primeiramente, sendo a cena englobante secundária



nesta instância. Maingueneau (2006) destaca que é nessa cenografia que são validados os estatutos de enunciador e do coenunciador, e também o espaço e o tempo.

No conto em análise, a noção de enunciador se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Maingueneau (2008, p. 223) explana que "todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação".

Retomando os conceitos da semântica global e os envolvidos nas cenas de enunciação – vocabulários, dêixis e demais marcadores do discurso, o *ethos* do protagonista de *Linda, uma história horrível* é descrito e analisado.

Maingueneau (2008) sobre a formação do *ethos* discursivo cita que qualquer texto escrito tem uma "vocalidade" específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador¹³, a um "fiador" que, por meio de seu "tom", atesta o que é dito. O escritor francês pondera que optou por uma concepção mais "encarnada" do *ethos*, que, nessa perspectiva, recobre não apenas a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas associadas a um "fiador" pelas representações coletivas.

É válido apreender que o "caráter" corresponde a um feixe de traços psicológicos, enquanto a "corporalidade", é associada a uma compleição física e a uma forma de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento.

O enunciador, no conto, mostra a corporalidade de um indivíduo que se vê impotente, diante da sua condição física e psicológica, que precisa voltar aos braços da mãe para compartilhar, mesmo que ela não compreenda todo o propósito da visita, suas fraquezas. A coenunciadora revela uma corporalidade receptiva, mesmo com o descaso do filho, que não a procurava, bem como observa-o e tenta compreender o porquê do seu estado físico. Percebe-se que a relação era conflituosa, mas naquela oportunidade da visita abraçou-a, desajeitado. Não era um hábito, contatos, afagos.

O enunciador tenta revelar preocupação coma saúde do coenunciadora, advertindo-o de tomar café antes de dormir. A mãe, contudo, retruca, tenta comprovar com cinismo a sua autossuficiência, dane-se. Comigo sempre foi tudo ao contrário.

O fato de viverem sozinhos, leva a coenunciadora a acreditar numa espécie de *determinismo*, — *Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra?* O protagonista, mesmo tendo noção de toda problemática, rebate, pede esquecimento

 $^{^{\}scriptscriptstyle{13}}$ Não ao corpo do locutor extra discursivo.



dos fatos negativos, uma espécie de fuga de toda vida morna, vazia, e agora, saudosa.

A cadela, ironicamente, chamada de Linda, parece ser um espelho ao enunciador, que vê as manchas, o envelhecimento, a fragmentação, expressando traços fúnebres. Forma-se um *ethos* debilitado e em colapso com o passado e o presente. Há processo de personificação do animal, uma representação da efemeridade da vida,

Não são apenas os fatores externos que reprimem o enunciador, o coenunciador deixa claro que agora eles podem trocar carinhos, ou seja, em um determinado momento houve a recusa de expressar seu instinto materno – a mulher repudiava outros fatores que envolvem a vida que não estão explícitos no conto, como a homossexualidade.

As marcas linguísticas evidenciam o modo de ser do protagonista que enuncia a fragilidade do seu ser, em uma história horrível, adoecida por uma "peste nova" que já matava milhares de pessoas em todo o mundo. O discurso é literário, com base na análise linguística, pois literariamente outros fatores seriam relevantes na abordagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi descrever a analisar o *ethos discursivo* do protagonista no conto de Caio Fernando Abreu, *Linda, uma história horrível,* fazendo uma interface entre língua e literatura, ou

seja, reconhecer a enunciação num texto literário. Por isso, que abordamos na segunda seção a aproximação entre as teorias já aproximadas por estudiosos como Dominique Maingueneau.

Por meio da análise enunciativo-discursivo linguístico identificamos as pessoas envolvidas no discurso, assim compreendeu-se que o protagonista, um homem aidético, assumiu a posição de enunciador e a mãe de coenunciador. Identificamos os elementos dêiticos, espacial, temporal e de pessoa, alicerçado na enunciação. O vocabulário foi essencial para compreender as relações do enunciador e do coenunciador.

Para compreender a cenografia foi preciso postular que essa não é um mero cenário onde o discurso aparece no interior de um espaço já construído e independente dele; mas é a enunciação que, ao se desenvolver, constitui progressivamente e paradoxalmente o seu próprio dispositivo de fala. Portanto, a cenografia é ao mesmo tempo fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém. Os gêneros que mobilizam cenografias mais movediças exigem a escolha de uma cenografia por meio de cenas de fala validadas.

Segundo as exposições realizadas, o enredo materializou-se por meio da construção do ethos discursivo, que remete à imagem do fiador, uma entidade



abstrata, que legitima sua maneira de ser. Conforme as marcas vão se apresentando no texto, a voz do enunciador vai se constituindo. O homem que retorna à casa materna por um motivo não definido, mas justificado ao longo do conto. Aidético, com os sintomas da doença estampados pelo corpo, apresenta um *ethos* fragmentado, oprimido, impotente.

É possível afirmar que a literatura impulsiona a investigação linguística, não se limitando apenas a uma interpretação e compreensão dos aspectos norteadores do gênero literário, enredo, entre outros aspectos. Outros trabalhos podem ser feitos emanando a teoria enunciativa e a literatura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N). Marxismo e Filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2005.

BELLIN, Greicy Pinto. Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção. **Anuário de Literatura**, ISSNe: 2175-7917, vol. 16, n. 2, p. 41-53, 2011.

CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminine: a mulher nua diante do espelho. *Revista* **Criação e Crítica**, n. 4, abr. 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/viewFile/46790/50551. Acesso em: 27 fev. 2016.

para o texto literário. Trad. Maria Augusta de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
Novas tendências em análise de discurso . Campinas: Pontes; Ed. Unicamp, 1997.
O contexto da obra literária . Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
Análise de textos de comunicação . Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
Gênese dos Discursos . Trad.de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
O discurso literário . Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
Cenas de enunciação . Organização de Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
Discurso e análise do discurso. Trad.de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.



O JOGO DE VOZES E CONFLITOS: UMA ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO NARRATIVA DE *LAVOURA ARCAICA*

THE GAME OF VOICES AND CONFLICTS: AN ANALYSIS OF THE NARRATIVE COMPOSITION OF LAVOURA ARCAICA

> Jéssica Schmitz¹ - FEEVALE Daniel Conte² - FEEVALE Marinês Andrea Kunz³ - FEEVALE

Resumo: A literatura aproxima o leitor da realidade que o cerca. Ademais, ela faz com que o indivíduo perceba o mundo de forma mais crítica e consciente. Por conta disso, tem-se por objetivo, neste trabalho, analisar a obra *Lavoura Arcaica*, escrita por Raduan Nassar, atendo-se à sua composição narrativa, principalmente, no que tange ao papel desenvolvido pelo narrador André, observando-se como a palavra permeia os espaços no qual a história acontece. Além disso, observa-se como são colocados em jogo os elementos textuais que compõem a narrativa, e como esses elementos agem sobre o leitor. A meto-

dologia utilizada é de caráter bibliográfico, e para tal análise, usam-se os estudos desenvolvidos por Antonio Candido, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin e Wolfang Iser. É possível observar que a obra escrita por Nassar permite ao leitor refletir sobre a condição do sujeito humano frente a situações de conflito, principalmente, no que se refere a sua identidade e, ainda, como barreiras podem ser quebradas.

Palavras-chave: Identidade. Jogo. Literatura. Recepção.

Abstract: The literature brings the reader to the reality that surrounds it. Moreover, it makes that the reader perceives the world in a more critical and conscious way. Because of this, the objective of this study is to analyze the book *Lavoura Arcaica*, written by Raduan Nassar, attend to his narrative composition, mainly with regard to the role played by narrator André, observing how the word permeates the spaces in which the story takes place. In addition, we see how they are put into play the textual elements that make up the narrative, and how these elements act on the reader. The methodology is bibliographical, and for such an analysis, use the stu-

¹ Mestranda do PPG em Processos e Manifestações Culturais – FEEVALE. Bolsista CAPES. E-mail: jessicaschmitz@feevale.br

² Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela UFRGS. Professor do Mestrado Profissional em Letras e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Tutor PET Interdisciplinar Feevale. E-mail: danielconte@feevale.br

³ Doutora em Letras e Linguística (PUCRS). Diretora do Instituo de Ciências Humanas, Letras e Artes – ICHLA. Professora do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Feevale. E-mail:marinesak@feevale.br



dies developed by Antonio Candido, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin and Wolfgang Iser. Its possible to see that the work written by Nassar allows the reader to reflect on the condition of the human subject against conflict situations, especially with respect to its identity, and also as barriers can be broken.

Kewords: Identity. Game. Literature. Reception.

O TECER DA NARRATIVA -O INÍCIO DO JOGO

Barthes (1976) afirma que a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade (p. 19). Seguindo a afirmação de Barthes, observa-se que a narrativa permeia o espaço do homem. É através do ato de narrar que as histórias são transmitidas, e é por meio da narrativa, ainda, que elas sobrevivem. Além disso, a narrativa está presente em todas as culturas e, é através dela que culturas diferentes entram em contato, pois, consoante Barthes, "todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas e frequentemente são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta" (1976, p. 19).

Por conta disso, é correto afirmar que muitas narrativas apresentam em sua conjuntura aspectos da realidade. Sejam esses elementos culturais ou sociais, o fato é que eles possibilitam ao leitor a identificação com aquilo que lê, estabelecendo relações de sentido. A literatura, nesse sentido, recebe papel de destaque, uma vez que, segundo Antonio Candido, a arte, e portanto a literatura, é

uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar (CÂN-DIDO, 2010, p.63).

As narrativas literárias utilizam-se dos fatos sociais para, através da ficção, representar o mundo e estabelecer vínculos mais profundos com o leitor, o que configura, por sua vez, um processo de humanização e sensibilização por parte dos indivíduos. "A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante" (CÂNDIDO, 2004, p. 180). Esse é o papel mais nítido e exato exercido pela arte literária. Os indivíduos, ao passo que entram em contato com a literatura, desenvolvem um olhar mais aguçado sobre a sociedade na qual vivem, assim como, repensam a sua própria forma de agir.



De acordo com Umberto Eco, "um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário" (ECO, 2002, p. 35), sendo assim, para que o conteúdo do livro possa ser absorvido em sua completude, e para que, de fato, faça sentido, o leitor precisa estar em sintonia com a narrativa, ou seja, ele deve colocar em jogo o seu conhecimento de mundo e preencher os "não ditos", as lacunas existentes, deixadas propositalmente pelo autor.

É nesse sentido que se destaca o papel desempenhado pelo escritor, uma vez que é ele que, instaura no texto, os artifícios necessários para atingir seu público, colocando sua intencionalidade, porém, sem entregar o sentido completo do texto, deixando, como referido anteriormente, lacunas, que precisam ser preenchidas. Haja vista que o escritor, numa determinada sociedade

é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entro todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondente a certas expectativas dos leitores ou auditores. (CANDIDO, 2010, p.84)

Contudo, há de se destacar ainda que "é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia". (ISER, 2002, p. 105). Por

conta disso, principalmente, devido a essa relação, é que as obras literárias se tornam únicas no sentido de não se restringirem ao simples fato de narrar uma história, mas sim, por terem como foco principal a interação com seu público. E essa interação nunca acontece de forma isolada, pois cada leitor vai obter uma visão diferente daquilo que lê, levando-se em conta, ainda, que "a literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a". (CANDIDO, 2010, p.84).

Iser (2002) pontua, ainda, que "como o texto é ficcional, automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido não como realidade, mas como se fosse realidade" (ISER, 2002, p. 107). O leitor não pode afirmar que o texto que lê retrata, fidedignamente, a realidade, contudo, pode, categoricamente, estabelecer relações de sentido que dela o aproximem.

Nesse sentido, a obra *Lavoura Arcaica* apresenta em sua estrutura narrativa, elementos que permitem ao leitor cerzir distintas interpretações, valendo-se das experiências humanas que cada um possui, pois o "texto representa uma cadeia de artificios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário" (ECO, 2002, p. 35).

E é essa cadeia de artifícios que se pretende analisar, principalmente, sob o viés da teoria do texto,



de Barthes e da teoria da recepção, através do jogo do texto, de Wolfang Iser. Além disso, observa-se ainda, que o campo do texto é a linguagem, pontuando-se, assim, alguns aspectos acerca do dialogismo e da construção de sentido de Bakhtin.

O JOGO EM AÇÃO: A LAVOURA ARCAICA

A história é narrada em primeira pessoa pelo jovem André⁴, que, através de uma mistura de suas memórias, descreve a sua conflituosa relação com a família, principalmente com o pai. O enredo da narrativa gira em torno de uma família de origem libanesa, moradora de uma fazenda, que segue à risca a tradição herdada dos mais velhos, e que tem o pai como o pilar, o comandante, aquele que rege a família e que, cautelosamente, ministra o trabalho na lavoura. E é justamente por causa da rigidez do pai e da falta de compreensão de si mesmo, que André decide abandonar o seu lar e viver isolado, em um quarto de pensão, em uma espécie de imersão em si mesmo, muito provavelmente, na busca por sua verdade.

O livro está dividido em dois momentos: a Partida, que apresenta a situação de André durante o período no qual ele ficou afastado da família, vivendo em um quarto de pensão, e o Retorno, quando finalmente, ele volta para casa. Na primeira parte, tal-

vez a mais intensa, André recebe a visita do irmão mais velho, Pedro, que, em uma busca desesperada, tenta convencer seu irmão a voltar para a família. A partir desse momento, o leitor começa a acompanhar o desabafo do narrador, que de forma não linear, narra muitos dos seus tormentos, das "dores" internas que sente. É, ao refletir sobre sua partida, que André evidencia a sua tormenta e, principalmente, o desejo de liberdade:

Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! Tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse "para onde estamos indo?" --- não importava que eu, erguendo os olhos alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: "estamos indo sempre para casa". (NASSAR, 1996, p.35)

Dentro da pensão, André vive em dois mundos paralelos: um que é solitário e vazio, outro que se abre com a chegada do irmão. É a presença de Pedro que instiga André a falar, a expor de forma involuntária, por muitas vezes, tudo aquilo que o faz estremecer por dentro. É naquela pensão, sob os olhos apreensivos do irmão, que André confessa a paixão

⁴ André é classificado como sendo narrador homodiegético, ou seja, narrador-personagem.



que sente por Ana, sua irmã, com a qual manteve uma relação incestuosa, o que, possivelmente, tenha sido um dos motivos de sua fuga. Fala também sobre os tantos sermões proferidos pelo pai, ao pé da mesa, aos quais ele se mostrava contrário.

Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças, essa a pedra que nos esfolava a cada instante. (NASSAR, 1996, p. 43)

É, ainda, através da memória desse narrador, que se entra em contato com um universo familiar calcado pela tradição, em um universo rural arcaico em que a família devia sempre permanecer unida, em que os homens deviam trabalhar na lavoura e as mulheres se preocuparem com os afazeres do lar, seguindo, assim, um sistema hierárquico bem definido, em que a família é uma sociedade inviolável. Dentro dessa perspectiva, André descreve como eram divididos seus lugares na mesa:

Eram esses nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. (NASSAR, 1996, p.156)

Como se não bastasse existir essa divisão categórica, ele vai mais a fundo e delineia, de forma reflexiva, os motivos pelos quais a mesa era composta dessa forma, o que permite ao leitor, fazer inferências sobre os possíveis motivos que o levaram a abandonar seus familiares

O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde, as raízes; já o da esquerda trazia em o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) defina as duas linhas da família. (NASSAR, 1996, p. 157)

Observa-se, no trecho acima, além do sistema patriarcal bem definido, a diferenciação existente entre os membros da família: ao lado do pai estão os fortes, os justos, os corretos; ao lado da mãe, os considerados inferiores. Todas essas afirmações se tornam possíveis, uma vez que, de acordo com Iser (2002) "essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações". (ISER, 2002, p. 107)

Se, de acordo com Barthes (2004), o texto é a superfície fenomênica da obra literária, há de se destacar a forma escolhida pelo autor de organizar esse



texto, pois se misturam traços da prosa e da poesia que discorrem entre presente e passado, sem que haja marcas delimitadas que pontuem essa transição. O texto é, também, marcado pela ausência de pontos finais, o que dá, para a narrativa, um caráter mais íntimo, como se o leitor estivesse acompanhando, de forma direta, a fala do narrador. Visto que a angústia de André é transpassada para a sua fala. Uma fala marcada pela ausência de pausas, pontos finais, o que representa a necessidade extrema que esse personagem tem de expor o seu pensamento. Esses trechos, sem marcação nem pontuação, que forma escritos de forma linear e contínua, representam o momento vivido por André: o fôlego termina e a necessidade de verbalização se sobressai. Pode--se inferir com isso, também, que muito mais do que expor seus anseios, estão ali representados os pensamentos de André, seus silenciamentos, mas que aos poucos vão se quebrando.

Essa forma de narrar, por exemplo, marca o posicionamento do narrador-personagem, André, que por necessidade ou impulso, beirando o desespero, se atém a contar tudo que lhe apetece, mas acima de tudo, em um momento de rememoração, a refletir sobre a sua vida. Sobre essa posição do narrador, Walter Benjamin observa que "o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração", (BENJAMIN, 1993, p. 37). Benjamin ensina, ainda, que o narrador prefere começar sua história "com uma descrição das

circunstâncias em que foram informados os fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica" (BENJAMIN, 1994, p. 205). No caso de André, ocorre a mistura das circunstâncias com a sua forma particular de enxergar as coisas, pois toda a história é apresentada sob o ponto de vista desse narrador, que, por conseguinte, permite ao leitor acompanhar a linha tênue pela qual se dá o curso da narrativa.

Ao se acompanhar o livro de Nassar, muitos outros elementos cabíveis de significado podem ser elencados, contudo, o que se faz necessário pontuar, é que toda obra literária tem uma intencionalidade, e acima de tudo, para que essa obra de fato se instaure no meio social, ela precisa que alguém lhe atribua significado, entrando-se assim no cenário do jogo textual, no qual autor e leitor estão em contato direto. Para Iser

os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a iniciar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. (ISER, 2002, p. 107)

E é exatamente esse jogo que Raduan Nassar instaura na obra *Lavoura Arcaica*, pois é através dos elementos narrativos utilizado por Nassar, seguindo



a tessitura da narrativa, que o leitor deverá encontrar esse mundo ainda não identificado ao qual Iser se refere, para que possa, através do jogo, esmiuçar e interpretar aquilo que lê. Barthes (2004), a esse respeito, pontua que se desencadeia a

produtividade, opera-se a redistribuição, sobrevém o texto desde que, por exemplo, o escrevedor e/ou ledor comecem a jogar com o significante, seja (em se tratando do autor) produzindo sem cessar "jogos de palavras", seja (em se tratando do leitor) inventando sentidos lúdicos, mesmo que o autor do texto não os tenha previsto e mesmo que fosse historicamente impossível prevê-los: o significante pertence a todos. (BARTHES, 2004, p. 272)

Outro fator que chama a atenção no campo do jogo de *Lavoura Arcaica* é o fato deque o livro de Raduan Nassar está calcado pela palavra, é ela que exerce no leitor o poder de imersão. É através da palavra que André registra seu tormento que o acompanha desde a sua partida. Durante toda narrativa, através do discurso de André, é possível acompanhar muitos dos seus traços psicológicos e, principalmente, de como ele se sentia em relação à vida na fazenda.

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho (NASSAR, 1996, p.13) Como é possível observar, o discurso de André aparece com força e instaura um universo de sentidos que transpassam o espaço do texto. Ao ativar sua memória, e trazer a tona lembranças tomadas por zonas de silêncio e de "não ditos", esse narrador instaura um universo simbólico, carregado de significados múltiplos. Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência;

ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a "ideologia do cotidiano", que exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (BAKHTIN, 2014, p. 16).

Ainda se tratando da palavra, na segunda parte do livro - o Retorno -, André, convencido pelo irmão mais velho, volta para casa. Não que essa seja a sua vontade propriamente dita, o que se comprova pela seguinte passagem "e eu, feito menino, me deixei conduzir por ele o tempo inteiro" (NASSAR, 1996, p.149), mas de acordo com o narrador, "Pedro cumprira sua missão me devolvendo ao seio da família". A volta para casa foi estranha, com atitudes comedidas. A primeira conversa com o pai, não foi serena, ao contrário, cheia de cobranças e interrogações. Na passagem que segue, se observa, mais uma vez, que a relação entre pai e filho se delineia a partir da fragilidade:



- E o que é que não te davam aqui dentro?
- Queria o meu lugar na mesma da família.
- Foi então por isso que você nos abandonou: porque não te dávamos um lugar na mesa da família?
- Jamais os abandonei, pai; tudo o que quis, ao deixar a casa, foi para poupar-lhes o olho torpe de me verem sobrevivendo à custa das minhas próprias vísceras. (NASSAR, 1996, p. 161)

Essa vontade de pertencer, de forma íntegra, à família é que, possivelmente, faz com que André reconsidere sua decisão de ficar longe da fazenda e acatar o pedido de volta. Mas o que chama a atenção, também, é o fato de que, embora André sentia a necessidade de buscar um novo caminho, as suas origens e a sua conexão com a família permeiam os espaços da sua consciência.

Bakhtin, nessa perspectiva, discorre que a

lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. Constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 2014, p. 36).

O campo das relações discursivas, presentes em *Lavoura Arcaica*, assim como os elementos circunstanciais que compõem o romance, disponibilizam, ao leitor, um universo de projeções, com as quais

se torna possível ir além das palavras descritas no livro, pois consoante Barthes "a obra literária é o tecido das palavras inseridas na obra e organizadas de tal modo que imponham um sentido estável e, tanto quanto possível, único". (BARTHES, 2004, p.261)

CURIOSIDADES DO JOGO: A INTERTEXTUALIDADE

Bakhtin (1981) pontua que "contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto" (Bakhtin, 2014, p. 107).

Esses contextos, aos quais Bakhtin se refere, permitem que a relação entre o EU e o OUTRO aconteça, pois, se o texto apresenta, em sua composição, contextos distintos, o leitor poderá cerzir interpretações que o levem a adentrar em mundos desconhecidos até então.

De forma dialógica, muitas obras, como é o caso do livro *Lavoura Arcaica*, apresentam em sua composição outros textos. De acordo com Barthes

passam pelo texto, redistribuídos nele, trechos de código, fórmulas, modelos rítmicos, fragmentos de linguagens sociais, etc, pois há sempre linguagem antes do texto e em torno dele [...] o intertexto é um campo geral de fórmulas, cuja origem raramente é detectável, de citações inconscientes ou automáticas, dadas sem aspas. (BARTHES, 2004, p. 276)



Através do pensamento de Barthes, pode-se afirmar que o romance de Raduan Nassar, além de apresentar uma estrutura rica em conteúdo, trabalha, ainda, no campo da intertextualidade, pois dialoga com outras narrativas, e os códigos fornecidos, aos olhos do leitor, se transformam em uma rede de significados. Por conta disso, à primeira vista, a narrativa que compõe *Lavoura Arcaica*, remete à parábola bíblica do filho pródigo, que assim como André, insatisfeito com a vida que leva, foge de casa em busca do novo.

Assim como na Bíblia, o filho retorna para casa. Em *Lavoura Arcaica*, logo no início do capítulo 25, pode-se observar a primeira conversa entre pai e filho, após o retorno de André ao seu lar. "Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga". (NASSAR, 1996, p.158). Como no texto bíblico, em que o pai encomenda uma festa para comemorar a chegada do filho, no romance de Nassar, o pai de André, além de desabafar "Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!". (NASSAR, 1996, p.151), também ordena que se faça uma festa em comemoração à chegada do filho.

Por conseguinte, seguindo ainda com a intertextualidade bíblica, apresentam-se os nomes de André e Pedro. Assim como no romance, também na parábola da Bíblia, André e Pedro são irmãos. André foi quem apresentou Pedro a Jesus. Além disso, André foi um apóstolo, mas que pouco aparece na Bíblia. Em contrapartida, Pedro se tornou um dos doze apóstolos de Cristo. Enfatiza-se, ainda, que os sermões proferidos pelo pai, em *Lavoura Arcaica*, podem ser relacionados às passagens bíblicas em que aparecem os sermões da montanha, proferidos por Jesus Cristo, ou então ao livro de Salmos, do Novo Testamento.

Além dessa intertextualidade com a Bíblia, destacam-se ainda outros dois textos que dialogam com *Lavoura Arcaica*. Um deles é a passagem na qual o pai de André conta a história do faminto: "Era uma vez um faminto" (NASSAR, 1996, p.79). Esse trecho dialoga com a *história de Chakalik, o sexto Irmão do barbeiro*, presente na obra *As Mil e Uma Noites*.⁵

A outra, e talvez a mais presente, é a intertextualidade existente com os escritos do Corão. Todo o discurso do pai de André é calcado nos ensinamentos sobre a bondade, o labor, os cuidados com o corpo, ou seja, sermões que remetem aos ensinamentos difundidos pelo livro sagrado do Islam. O que se justifica pela passagem utilizada, logo no início da segunda parte – o Retorno –, "Vos são interditadas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs. Corão-Surata, IV, 23". (NASSAR, 1996, 145).

⁵ A história pode ser lida neste link: http://www.janainaramos.com/2011/09/historia-de-chakalik-o-sexto-irmao-do.html. Acesso em: 28 ago. 2016.



Nota-se que o dialogismo está presente de forma muito intensa no livro, e que através dos diálogos presentes é que se pode elevar a narrativa ao campo axiológico, pois como afirma Bakhtin, A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo (BAKHTIN, 2010, p.293).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1975, um escritor estreante no cenário literário, recebeu destaque ao publicar uma obra que foi imediatamente considerada um clássico, "uma revelação dessas que marcam a história da nossa prosa narrativa" (NASSAR, 1996). Raduan Nassar⁶, o escritor, estudou direito e filosofia e, além de escrever Lavoura Arcaica, também é autor de Um Copo de Cólera e de uma coletânea de contos intitulada Menina a Caminho. Lavoura Arcaica, por sua vez, chamou a atenção dos críticos por ter em sua composição, elementos que fugiram dos padrões literários até então conhecidos, pois não estão, por exemplo, plenamente definidos os espaços nos quais a história acontece, assim como não há uma definição exata de tempo. As referências circunstanciais são mínimas, o que tornou difícil a tarefa de categorizar o livro, além disso, esses elementos ou, então, a falta deles, chama a atenção pela profundidade e intensidade pela qual chegam aos olhos do leitor, pois causam estranheza, incomodo, mas também curiosidade.

A leitura de *Lavoura Arcaica* faz despertar sentimentos múltiplos acerca dos acontecimentos que marcam o romance e, justamente pelo fato de a obra ser tão rica em particularidades que se torna impossível contemplar todos esses detalhes em uma única análise. Contudo, algumas considerações se tornam possíveis.

Fica evidente, na obra de Raduan Nassar, que a composição narrativa envolve o leitor e o faz refletir sobre a conflituosa relação familiar que lhe é apresentada. Uma família que segue à risca os costumes que foram herdados dos antepassados, mas que geram questionamentos sobre a postura rígida e exacerbada, na qual, como pode ser visto na análise, o filho não suportou viver.

O romance apresenta um emaranhado de sentimentos e confusões íntimas que instigam o leitor dessa obra a buscar interpretações acerca do comportamento dos personagens que compõem a trama, e como os acontecimentos narrados se relacionam com a realidade. Pensando ainda sobre as possíveis interpretações do leitor, pontua-se que, através dos elementos apresentados por Wolfang Iser acerca do jogo do texto, para que o leitor consiga estar imerso na obra, ele precisa colocar em cena as suas experiências de mundo.

⁶ Raduan Nassar, após escrever as obras mencionadas, abriu mão da vida de escritor, deixando de se dedicar à literatura.



Iser (2002) diz ainda que "a obra interroga e transforma as crenças implícitas com as quais a abordamos, 'desconfirma' nossos hábitos rotineiros de percepção e com isso nos força a reconhecê-los, pela primeira vez, como realmente são". Assim, através da revisão bibliográfica feita, chega-se a conclusão de que todos aqueles sentidos que estão implícitos e encobertos serão desmistificados se o leitor conseguir atribuir-lhes significado. Esse mesmo leitor entra em cena como uma espécie de tradutor, que através dos elementos fornecidos pelo texto – e pelo autor -, decifrará esse campo que é permeado pela palavra.

Em última análise, atenta-se para o título do romance: Lavoura Arcaica. Embora se tenha entrado em contato com a organização familiar descrita por André, a palavra arcaica que faz parte do título, traz em si um significado muito interessante. Ao que se refere à lavoura, muito possivelmente, seja fácil depreender que o sistema de trabalho defendido pelo pai seja de fato arcaico, desatualizado. Contudo, ao se pensar nos conflitos instaurados no âmago da narrativa, há de se destacar que a forma pela qual o pai conduz a família também se enquadra no modo arcaico de ser, pois a forma repreensiva pela qual o pai trata os membros da família propicia a reflexão sobre a forma de vida em sociedade e das relações que são estabelecidas por esses indivíduos, principalmente, se forem levados em conta os arquétipos que permeiam esses espaços. Assim como André,

que não queria viver a vida toda enquadrado em um arquétipo de família "exemplo", as múltiplas interpretações que forem operadas pelos leitores também podem suscitar mudanças na forma de agir e pensar.

Por fim, pontua-se que a obra *Lavoura Arcaica* apresenta elementos complexos, profundos e que transitam por outros textos. A sua leitura requer atenção e, de certa forma, entrega por parte do leitor. Quanto mais se acompanha a fluidez da obra, mais se pode esmiuçar o que ela – a narrativa - , diz, passando pelo campo do não dito.

REFERÊNCIAS

BAKHTIM, M. Marxismo e Filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2014.

_______. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. Análise estrutural da narrativa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 19-60.

BARTHES, Roland. Texto (teoria do). In: _____. Inéditos. v. 1, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ____ ET AL. Textos escolhidos. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.



CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. O direito à literatura. In:**Vários Escritos.** Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

ISER, W. O Jogo do texto. In: JAUSS, H. R.**A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



A REPRESENTAÇÃO DO BRASIL NA PUBLICIDADE DAS HAVAIANAS

THE REPRESENTATION OF BRAZIL ON HAVAIANAS'ADVERTISING

João Batista Nascimento dos Santos¹

Resumo: A publicidade mais recente das sandálias Havaianas trabalha com a imagem da marca relacionada à identidade brasileira. A marca se construiu como símbolo do país, sendo vista dessa forma no território nacional. Este artigo estuda como o Brasil e o brasileiro são representados em comerciais das Havaianas e, para isso, estuda como a publicidade relaciona a marca com a identidade nacional. O estudo dos anúncios permite afirmar que os aspectos identitários do brasileiro, construídos ao longo do tempo pela sociedade, são marcantes nos comerciais analisados, os quais elaboram, assim, uma imagem do Brasil.

Palavras-chave: Havaianas. Representação. Identidade. Cultura. Publicidade.

Abstract: The latest Havaianas Sandals advertising works with the brand image related to Brazilian identity. The brand communication was built as a symbol of the country, being seen that way both in Brazil and abroad. This article intends to identify how Brazil and the Brazilians are represented in Havaianas' commercials and, therefore, it studies how advertising relates the sandals with national identity. The study of the ads declares that Brazilian identity aspects, built by society, are outstanding in the analyzed advertisements that represent Brazilian image.

Keywords: Havaianas. Representation. Identity. Culture. Publicity.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E FORMAS SIMBÓLICAS

A criação e o desenvolvimento de várias instituições de comunicação desde o século XV até hoje acarretaram consideráveis transformações na produção, no armazenamento e na circulação das formas simbólicas - ou da representação -, de modo que elas foram cada vez mais produzidas e reproduzidas, passando a constituir-se como mercadorias passíveis de serem comercializadas. As formas

¹ Doutorando e mestre em Comunicação e Informação (UFRGS). Graduado em Publicidade e Propaganda (Unisinos). jbn.santos@uol.com.br



simbólicas são "um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos" (THOMPSON, 2000, p.79).

No mesmo sentido, conforme Hall (1997), a representação é uma prática central que gera cultura e atualmente é entendida como um momento chave no que é denominado circuito da cultura, o qual liga representação, identidade, produção, consumo e regulação. A cultura é articulada por todos esses elementos e está relacionada com significados partilhados, enquanto a linguagem é o meio pelo qual as pessoas atribuem sentido às coisas, e por meio da qual o significado é criado e intercambiado. O significado só é passível de ser partilhado através do acesso comum à linguagem, de modo que ela é fundamental para o significado e a cultura, sendo entendida como o ponto central por ser o modo de reposição dos valores e significados culturais. A linguagem constrói significados, porque funciona como um sistema de representações, empregando signos, que significam ou representam para outras pessoas nossas ideias, nossos valores, como também nossos sentimentos. A representação é um componente fundamental do processo pelo qual o significado é gerado e trocado entre os membros que formam uma cultura, o que inclui o uso da linguagem, de signos, que significam ou representam algo. É a construção do significado por meio da linguagem, ou seja, é a conexão entre conceitos e linguagem que nos habilita a nos referirmos ao mundo real dos objetos, das pessoas e dos acontecimentos, como também ao mundo imaginário e ficcional com seus objetos, pessoas e acontecimentos.

Os meios de comunicação (THOMPSON, 2000, 2002) desempenham, na sociedade moderna, um papel muito importante, pois contribuem para a formação da cultura. Entre os vários conteúdos que as pessoas recebem cotidianamente, uma parcela significativa advém da publicidade. A publicidade é uma forma de comunicação que tem como particularidade a persuasão. Seu papel central é a divulgação de produtos e serviços com o propósito de fomentar vendas e, com isso, ajudar a impulsionar o modo de produção capitalista. Em meio a tudo isso, contudo, é necessário também considerar que a publicidade apresenta uma dimensão cultural, a qual engendra representações sociais que colaboram com a atualização do imaginário contemporâneo (PIEDRAS, 2009). O texto publicitário pode ser entendido como documento representativo em parte da produção cultural do país, pois o discurso publicitário apresenta o cotidiano e também ajuda a construir a realidade e, consequentemente, influencia a percepção da diferença, das identidades, do outro (TRINDADE, 2012).

Nesse sentido, busca-se, neste artigo, compreender como os discursos que compõem as formas simbólicas e, consequentemente, os produtos dos meios de comunicação, mais especificamente os comerciais



das sandálias Havaianas, representam o brasileiro e, por conseguinte, participam do processo de construção e de reconstrução da identidade nacional.

SANDÁLIAS HAVAIANAS

As sandálias Havaianas são amplamente usadas no Brasil, pois há mais de 50 anos estão nos pés de brasileiros de todos os segmentos sociais. Na década de 1980², constaram como um dos itens da cesta básica, ao lado de produtos essenciais para a vida. Já em 1994, com a campanha publicitária *Havaianas, todo mundo usa*, a Alpargatas, fabricante da sandália, procurou mostrar ao brasileiro que o calçado era utilizado por pessoas de diferentes classes sociais, e a série de comerciais foi protagonizada por atores, jogadores e outras celebridades bem conhecidas do público. Além disso, a marca passou a ser vendida nos EUA, em 2007, e, em 2008, na Europa. As Havaianas, atualmente, são exportadas para mais de 80 países, inclusive com modelos que levam a bandeira do Brasil.

Para discutir essa questão, deve-se levar em conta que o sistema de significação publicitário recupera formas e sentidos existentes na cultura para a qual é dirigido. A publicidade apropria-se de significantes que compõem as mitologias sociais da cultura, os quais são utilizados para promover os mais diferentes produtos (PINTO, 1997). Ela tam-

bém solicita, dos receptores, cooperação na construção de sentido, por meio da transferência, para o produto, do valor que esses significantes têm nas mitologias sociais.

Os sistemas de significação acionados pela publicidade são definidos como referentes (PINTO, 1997), cujo entendimento é fundamental, já que se relacionam a realidades do mundo exterior, utilizadas na significação dos anúncios. O entendimento do significado dos anúncios está vinculado ao entendimento de como estes significam. A publicidade estabelece, pois, um processo de significação que passa por outras transformações também. Inicialmente, emprega um signo ou conjunto de signos existentes na cultura, o qual cede sua significação a um produto. Por meio da gramática visual do anúncio, tanto os signos como o produto anunciado têm sua representação disposta por uma relação lógica em que estão contíguos, o que leva ao entendimento de que ambos apresentam um sentido que se equivale. Mais à frente, essa relação adquire estatuto lógico a ser compreendido como natural e real. O corre, então, o desenvolvimento de uma significação autônoma, pois o produto torna-se ele próprio um signo que passa a representar sentimentos, valores, estados de espírito. O produto, então, retrata uma realidade exterior a si próprio, tornando-se parte dessa mesma realidade e podendo ser anunciado como a

² Disponível em: http://pt-cv.havaianas.com/pt-CV/about-havaianas/history/#. Acesso em: 23 mar. de 2015.



essência desse estado de espírito. As relações entre as coisas e os sentimentos podem ser sentidas como reais, de modo que a publicidade vende modelos para expressar e experimentar diferentes emoções. A partir daí, tomam corpo no produto as qualidades que ele vinha evocando.

A forma como a publicidade constrói a representação, estabelecendo relações entre o mundo tangível e o intangível, favorece a ilusão de que as realidades intangíveis podem ser vividas por meio do consumo. No caso das Havaianas, elas podem representar uma imagem junto ao consumidor relativa a descanso, lazer, férias, praia e praticidade, por ser facilmente colocada e tirada do pé, por exemplo. A partir daí, a publicidade da sandália constrói uma representação de identidade nacional, o que será abordado a seguir.

IDENTIDADE NACIONAL

A identidade é fonte de significado e experiência de um povo (CASTELLS, 2001); é o processo de construção de significado sustentado por um atributo cultural ou vários relacionados entre si, os quais predominam em detrimento de outras fontes de significado.

Stuart Hall (2001) argumenta no mesmo sentido que a identidade não é cristalizada, pois se transforma, e que é compartilhada e está continuamente em transformação. Assim, nunca estaria acabada, de modo que o mais adequado seria entendê-la enquanto identificação, ou seja, como um processo em andamento. Na mesma perspectiva, Cuche (1999) expõe que a identidade é consequência de um processo de identificação, em uma situação relacional, sendo também relativa, porque pode se desenvolver no caso de a situação relacional se alterar. Assim, seria mais adequado tomar como conceito operatório o de identificação.

A identidade também é entendida como questão do Estado e passou a ter relevância com o surgimento dos estados-nação modernos, quando o Estado passou a administrar a identidade e, em função disso, estabeleceu regulamentos e controles, de modo que a rigidez em relação à identidade é crescente. Por mais distintas que sejam as pessoas em classe, gênero ou raça, a cultura nacional tentará uni-las em uma única identidade cultural, representando-as como parte da nação. Isso pode ser verificado nos dois momentos de definição da identidade brasileira: no século XIX e na década de 30, com Gilberto Freyre. A identidade nacional pode ir contra a diferença cultural e pode procurar invalidá-la. Por isso, "uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural" (HALL, 2001, 59).

De um lado, grande parte das nações é composta de culturas distintas que vieram a ser unificadas através de um longo processo de conquista violenta,



ou seja, a diferença cultural é impedida de se manifestar através da força. Essa violência fundante deve ser esquecida para que surja a "lealdade com uma identidade nacional mais unificada, mais homogênea" (HALL, 2001, p. 60). De outro lado, a formação de uma nação sempre se dá por meio de distintas classes sociais, grupos étnicos e grupos de gênero. Diferentes classes sociais podem se unir por meio de uma forma alternativa de identificação, como o fato de serem todos da mesma nação.

A identidade nacional não vem gravada em nossos genes, mas é gerada e transformada pela representação. Assim, compreende-se o que significa ser brasileiro em razão de como a brasilidade foi representada como um conjunto de significados pela cultura nacional. O brasileiro, além de cidadão do país, toma parte da ideia da nação e da forma como esta é representada na cultura nacional. A nação é, assim, uma comunidade simbólica e pode produzir sentimentos de identidade e lealdade.

Culturas nacionais são formadas por instituições culturais e também por símbolos e representações. "Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos" (HALL, 2001, p. 50). A cultura nacional, ao construir sentidos acerca da nação, com os quais podemos nos identificar, constrói identidades. Esses sentidos aparecem nas histórias sobre a nação, nas memórias que ligam o presente ao passado e nas

imagens que dela são produzidas. A identidade nacional é, pois, um constructo do imaginário.

Culturas nacionais constituem uma das mais importantes origens de identidade cultural. As distinções étnicas e de regiões acabaram por se sujeitar ao Estado-Nação, que se transformou na origem de significados para a identidade cultural moderna. Nesse sentido, sociedades geradas pela colonização, como a brasileira, criaram um pluralismo étnico-cultural e biológico, engendrado pelo próprio processo colonial (MUNANGA, 1999). Isso levou sociedades indígenas e alienígenas de várias origens geográficas, étnicas, históricas e genéticas a conviver em um espaço comum.

A identidade do Brasil ganhou relevância com o fim da colonização, quando o país tornou-se uma nação e a elite intelectual e política procurava a base de uma identidade. Com a independência (SOUZA, 2011), surge a necessidade da criação de uma identidade nacional, de modo que as pessoas deveriam desenvolver a noção de pertencimento ao país, fazendo conexão entre a identidade individual e a comunitária. Para isso, o governo precisava desenvolver uma identidade nacional. Não vendo aspectos positivos na sociedade, a natureza tornou-se a questão central da identidade, e sua representação engendrou um imaginário construído a partir da visão de uma natureza excepcional, constituindo a primeira noção positiva relativa à brasilidade. Ao longo do século XIX, a natureza brasileira é tema essencial na prosa, na poesia e na literatura.



A construção de uma representação positiva para o brasileiro, um povo definido como mestiço, encontra como obstáculo um racismo científico vigente desde o século XIX até a década de 1920. Na segunda metade do século XIX, as ideias sobre a mestiçagem no Brasil surgem baseadas nas teorias de estudiosos ocidentais europeus e americanos, muito embora os pensadores brasileiros tenham desenvolvido propostas originais que se diferenciavam das concebidas nos EUA, na América Espanhola, nas Antilhas Francesas e no Caribe. Vários intelectuais, a partir da primeira República, tiveram como meta uma identidade étnica única para o país. Entre eles, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e outros. "Todos estavam interessados na formulação de uma teoria do tipo étnico brasileiro, ou seja, na questão da definição do brasileiro enquanto povo e do Brasil enquanto nação" (MUNANGA, 1999, p. 52). Grande parte era influenciada pelo determinismo biológico, acreditava que as raças não brancas eram inferiores, principalmente a negra, e na degenerescência do mestiço. A exemplo disso, Silvio Romero duvida da capacidade de uma população originada do cruzamento de três raças (branca, negra e índia) dar ao país um aspecto original.

A questão racial, como foi abordada por Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, assume uma linha racista, cujo aspecto principal é a questão da identidade brasileira (ORTIZ, 1985), embora a diferença genética não deva ser usada para distinguir os povos, pois a raça é uma categoria discursiva e não biológica. Entre as teorias que influenciaram esses pensadores, destacam-se o Positivismo de Comte, o Darwinismo social e o Evolucionismo de Spencer, originadas na Europa no séc. XIX e que têm em comum a reflexão sobre a evolução histórica dos povos.

Concordar com teorias evolucionistas implicava o estudo da evolução do país, baseado nas interpretações "de uma história natural da humanidade; o estágio civilizatório do país se encontrava assim de imediato definido como 'inferior' em relação à etapa alcançada pelos países europeus" (ORTIZ, 1985, p. 15). O evolucionismo fundamenta, junto aos intelectuais brasileiros, o entendimento do atraso do país, mas considerando as diferenças entre o Brasil e a Europa, a especificidade brasileira, para ser entendida, foi ainda relacionada a outros argumentos. Ortiz observa que os intelectuais da época usaram duas outras noções: meio e raça. A história do país é, assim, assimilada em sentido determinista, ou seja, "clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações tíbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato" (ORTIZ, 1985, p. 16).

Com a abolição da escravatura, contudo, inicia uma nova ordem em que o negro passa de escravo



a trabalhador livre, sendo considerado um cidadão de segunda categoria. Mas a questão central, para os cientistas da época, era como considerar a identidade nacional frente às diferenças raciais. Nesse contexto, o mestiço constitui o ponto de equilíbrio entre as três raças. Para os intelectuais do século XIX, ele "representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social – a elaboração de uma identidade nacional. A mestiçagem moral e étnica possibilita a 'aclimatação' da civilização européia nos trópicos" (ORTIZ, 1985, p. 21).

A mestiçagem, nessa perspectiva, é real e simbólica, pois faz referência às condições sociais e históricas da mistura étnica no Brasil e, simbolicamente, relaciona-se às aspirações nacionalistas vinculadas à construção da nação. A miscigenação é um dilema, pois em um sentido busca-se a construção de uma cultura brasileira, mas em outro, entende-se que esta é inconsciente. A convicção no determinismo gerado pelo meio ambiente leva a uma perspectiva pessimista relativamente à capacidade brasileira. Somadas a isso, as ideias embasadas nas teorias raciais tornam ainda mais complicada essa questão. "O mestiço, enquanto produto do cruzamento entre três raças desiguais, encerra, para os autores da época, os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica" (ORTIZ, 1985, p. 21). A mestiçagem simbólica representa, pois, a realidade inferiorizada do mestiço.

Já Gilberto Freyre via positivamente a mestiçagem, pois era contrário à teoria da degeneração e afirmava que a base da formação social brasileira é singular por sustentar-se em uma miscigenação ocorrida na ordem agrário-patriarcal. No contexto da Revolução de 30, quando o Estado buscava a consolidação do desenvolvimento social, as teorias raciológicas são deixadas de lado, porque a realidade social exigia outra interpretação do país, e os estudos de Freyre vêm responder a essa demanda social.

Contudo, Ortiz (1985) vê um caráter pouco progressista em suas teorias. Ao reinterpretar a questão racial, na intenção de compreender o Brasil, Freyre mantém a mesma perspectiva de Sílvio Romero, mas não a considera em termos raciais como faziam os intelectuais do século XIX, pois as teorias antropológicas com caráter científico, em sua época, já não são as mesmas, de modo que adota o culturalismo de Boas. Do conceito de raça, Freyre passa ao de cultura e, com isso, dá fim a vários problemas relativos à questão da herança atávica do mestiço.

Freyre converte em positivos os aspectos negativos do mestiço, possibilitando definir o projeto de uma identidade nacional almejado há tempos. Com as novas condições sociais do Brasil, com os caminhos do desenvolvimento definidos e um novo Estado que buscava mudanças, "o mito das três raças torna-se então plausível e pode se atualizar como ritual" (ORTIZ, 1985, p. 41). Assim, a redefinição social da ideologia da mestiçagem, outrora presa às



incertezas das ideias racistas, possibilitou a difusão social desta, a qual virou senso comum. O mito das três raças possibilitou, aos indivíduos de distintas classes sociais e dos vários grupos de cor, interpretarem, no interior do modelo proposto, as relações sociais vividas por eles mesmos (ORTIZ, 1985).

Jessé Souza (2011) também argumenta que a concepção de brasileiro elaborada por Freyre foi bem acolhida pela população em geral e se conciliou com os objetivos do governo de Getúlio Vargas. A imagem do brasileiro, nesse sentido, colabora para a promoção da integração nacional e para o encaminhamento de forças, a fim de alcançar a renovação nacional. As ideias de Freyre adquiriram autoridade intelectual e instituíram uma noção de originalidade brasileira, o que é empregado pela ideologia orgânica do Estado Novo, para idealizar a nação como terra que havia superado as divergências de classe. Desde então, entre as qualidades atribuídas ao brasileiro, está a imagem de um povo pacífico e que vive em uma sociedade sem conflitos.

A definição de brasileiro assimilada pela população é comentada por Souza (2011), segundo o qual o brasileiro, na atualidade, define-se como o povo da alegria, também do calor humano, da hospitalidade e do sexo - mito que é consenso nacional. O que conduz à ideia de que a emocionalidade e a espontaneidade seriam características definidoras do povo. Estas qualidades seriam opostas à imaginada racionalidade extrema, típica dos países do centro

da modernidade. Em sua abordagem, o autor usa a ideia de mito como correspondente a imaginário social: "como um conjunto de interpretações e de ideias que permitem compreender o sentido e a especificidade de determinada experiência histórica e coletiva" (SOUZA, 2011, p. 30). A identidade nacional, assim, seria uma forma de mito moderno, significando o imaginário social.

HAVAIANAS – A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS COMERCIAIS

Serão analisados neste artigo os comerciais das Havaianas *Lune de miel, Críticos, Argentino Engraçado* e *Roda de samba*. Os comerciais das Havaianas, em grande parte, apresentam o cenário de belas praias como ambientação para as situações narradas. A presença de atores renomados de telenovelas é também bastante comum. Além disso, celebridades do meio esportivo, como Romário, também participaram de anúncio da sandália.



Comercial Lune de Miel









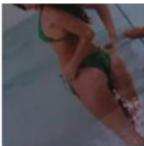


Figura 1 - Comercial Lune de Miel Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2pcVw581iEo. Acesso em: 20 abr. 2015.

O comercial *Lune de Miel* apresenta como protagonista uma francesa lendo uma revista com nome de capa *Brésil*, que trata sobre o país. As imagens vistas pela mulher são: na capa da revista, o Cristo Redentor, símbolo da cidade do Rio de Janeiro; um homem negro dançando com um instrumento musical na mão; imagens dos modelos das sandálias Havaianas comercializados no Brasil e, em seguida, imagens de mulheres de biquíni na praia. A francesa, que folheava a revista e começava a comentar com seu companheiro sobre o desejo de conhecer o Brasil durante a lua de mel, fica paralisada frente às fotos de brasileiras de biquíni na beira da praia, de modo que, ao ver essas imagens, imediatamente sugere a ele que viagem a Veneza.

O comercial *Lune de Miel* traz questões recorrentes nos comerciais de Havaianas, ou seja, o Brasil é representado pelo ambiente de beira de praia,

com mulheres sensuais, as ideias de descanso e de relaxamento em oposição ao mundo do trabalho. As imagens desse comercial remetem à abordagem de Ortiz (1985) sobre como a intelectualidade brasileira do início do século XX definia o brasileiro. O pensamento da época, embasado no Evolucionismo, originou uma visão determinista que usava o clima e a raça para explicar o espírito indolente do brasileiro e a sexualidade desenfreada do povo. Souza (2011) também expõe argumentos no mesmo sentido ao destacar a imagem que o brasileiro tem de si mesmo na atualidade, ou seja, vê-se como o povo da alegria, da hospitalidade e da sensualidade. E o que o comercial Lune de Miel expõe é que esta sensualidade é tão evidente e forte, que o esposo da francesa possivelmente não resistiria ao apelo das brasileiras.

Outro aspecto marcante nos comerciais de Havaianas e que aparece em *Lune de Miel*, mas ence-



nado pela francesa, é a esperteza dos personagens. A "malandragem que seria típica do brasileiro" é demonstrada pela protagonista, que logo conclui o que poderia ocorrer nesta terra com tantas belas mulheres em trajes mínimos.

Isso pode ser compreendido a partir da abordagem de Pinto (1997) sobre como o sistema de significação publicitário recuperaria formas e sentidos existentes na cultura para a qual é dirigida. A publicidade emprega significantes que formam as mitologias sociais da cultura, no caso, praia, belas mulheres, sexualidade, povo feliz, ócio, esperteza e outros aspectos acabam por ser utilizados para promover as sandálias Havaianas. A publicidade das Havaianas também solicita, dos receptores, cooperação no engendramento de sentido, por meio da transferência do valor que esses significantes apresentam nas mitologias sociais, tornando possível a comunicação.

Comercial Críticos



Figura 2 - Comercial Críticos Fonte: Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=nLPv8R2L6ZE>. Acesso em: 12 abr. 2015.

O comercial Críticos, que tem como protagonista o ator Lázaro Ramos, também tem como cenário a beira de praia. Lázaro Ramos traz um material de leitura em mãos e está sentado sobre um banco com as pernas esticadas sobre este, expondo seus chinelos Havaianas. O ator mantém diálogo com um comerciante que está em um quiosque de praia. O comerciante comenta com o protagonista que as Havaianas do ator são iguais às dele, ao que o primeiro responde: "Mas você é que é feliz. Pode trabalhar todo dia com a sua". O comerciante afirma, sobre o ambiente da praia: "Isso aqui é que escritório, né?". E continua: "Só não entendo um país como esse passar tanta dificuldade." E Lázaro responde: "Como é que pode, né, um país rico desse, com tanto problema." Nesse momento, entra na conversa um terceiro ator, falando em espanhol, supostamente um argentino, que afirma: "Jo concordo con usted, jo no compreendo como Brasil tem tanto problema." Imediatamente, o comerciante responde: "Que problema?". E Lázaro Ramos diz: "É o que, rapaz?". E o comerciante afirma: "O Brasil tem problema onde, rapaz?". E Lázaro Ramos afirma: "Este país é maravilhoso, é perfeito! Tá maluco?". O comerciante diz: "Me aparece cada um!". E o ator muda rapidamente a página do material que está lendo, demonstrando indignação com o comentário do argentino. O comercial encerra com um locutor afirmando: "Havaianas, orgulho do Brasil.".



Neste comercial, as Havaianas aparecem também relacionadas ao significado de ser brasileiro. Lázaro Ramos e o comerciante estão usando Havaianas, enquanto o argentino não. O comercial aborda questões contraditórias a princípio: um país rico e belo, mas com muitos problemas. Enquanto os personagens falam da beleza do país, a praia, o mar verde com gente deitada na areia aparece como uma imagem de fundo, ilustrando a conversa. O comerciante diz para Lázaro Ramos: "Isso aqui é que é escritório", e aparece novamente praia. A natureza, que foi o primeiro aspecto positivo usado para elaboração da identidade do brasileiro no final do Império (SOUZA, 2011), é destacada como sendo atualmente o aspecto positivo deste país com tantos problemas. A malandragem e a esperteza do brasileiro são destacadas na rápida mudança de assunto por parte de Lázaro Ramos e do comerciante, ao perceberem que o homem que acompanhava a conversa é argentino. Essa atitude expressa a rivalidade entre brasileiros e argentinos, recorrentemente abordada na cultura nacional, como se verá igualmente no comercial Argentino Engraçado.

Além disso, o ideal de trabalho é expresso pelo sonho de ter a praia não apenas como lazer, mas como local da atividade laboral, com o detalhe de não ter que tirar as Havaianas dos pés o dia inteiro. Tal perspectiva também constitui uma oposição à racionalidade fria imaginada de um local laboral de indústria típica dos países no centro da modernidade.

Comercial Argentino Engraçado









Figura 3: Comercial Argentino Engraçado. Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=oa-FMP6BpTc. Acesso em: 10 mar. 2015.

O comercial Argentino Engraçado inicia com uma pessoa de bermuda passando em frente a uma banca, com uma prancha de surf embaixo do braço; duas mulheres jovens passam pelo local no mesmo momento em que surge um grupo de pessoas que entra em uma banca de revistas para comprar sandálias Havaianas, dispostas em um expositor. Ao entrar na banca, o grupo cumprimenta o atendente em espanhol, e esse pergunta ao grupo: "Primeira vez no Brasil?". E continua: "Rapaz, vocês vão adorar. O Brasil é lindo!". Um dos rapazes responde: "Pero no es tan belo quanto a Argentina!". E o atendente fala: "E as nossas mulheres? São belíssimas!" Ao que o argentino responde: "Claro, pero las ticas argentinas son más belas!". E o atendente insiste: "Sem falar no brasileiro, que é divertido, é mui engraçado.". Ao que o argentino retruca: "Nosotros somos mucho más engraçados.". Nesse momento, outro argentino do grupo pergunta, mostrando uma



sandália Havaianas: "Tienes esta, pero con la banderita argentina?". O vendedor diz: "Como é que é? Havaianas com bandeira da Argentina?". E comenta ironizando a pergunta do argentino: "Rapaz, vocês têm razão. Vocês são mucho mais engraçados!". O comercial encerra com os argentinos atrás da banca de revista, onde caminham e se batem com os chinelos comprados, e atrás deles aparece um grande cartaz na parede da banca com a marca Havaianas.

O comercial aborda, da mesma forma que o anterior, a rivalidade entre brasileiros e argentinos e expõe o orgulho brasileiro de ser a pátria das Havaianas. Esse tema é recorrente nos comerciais da marca, como naquele em que Romário envia a Maradona o pé esquerdo de um par de Havaianas por ocasião da Copa. Além disso, é importante destacar que a questão da praia também é tematizada na abertura do comercial, quando aparece um surfista. O argumento do comerciante de que o país é lindo remete à ideia da natureza exuberante, e as mulheres belíssimas, à noção de sensualidade do povo, já presente na Carta de Pero Vaz de Caminha. Já a ideia de o brasileiro ser divertido e engraçado é embasada na noção de povo feliz. Por fim, a esperteza e a malandragem aparecem na resposta do comerciante aos argentinos quando ironiza a impossível ideia de uma bandeira argentina na sandália Havaianas, uma vez que é um produto genuinamente nacional.

Comercial Roda de samba









Figura 4: Comercial Roda de Samba. Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=XFPq7MmfR5Q. Acesso em: 26 mar 2015.

O quarto comercial analisado neste artigo é Roda de samba, que se passa em um bar, onde um grupo de pessoas sentadas junto a uma mesa toca samba. Um dos músicos do grupo toca e diz: "E nas Havaianas, Marcos Palmeira.". O ator global aparece tocando samba com um par de Havaianas em suas mãos, e atrás dele uma bela mulher dança. Na mesa do grupo há copos com bebida, e todos participam do encontro alegremente. Inesperadamente, surge uma mulher que usa óculos e não se enquadra em padrões de beleza, vestindo calça, camisa e um colete, com uma bolsa grande ou pasta no ombro e diz: "Escuta aqui, pessoal, de que planeta vocês são? Estamos no meio de uma crise mundial, tá todo mundo preocupado, e vocês aí rindo, se divertindo como se nada estivesse acontecendo!" "Hoo!". Ao que a mulher fala, o ator Marcos Palmeira argumenta: "Tristeza.", e a mulher diz: "É.". Em seguida, um dos músicos aproveita o que Marcos Palmeira co-



menta e continua em canto: "Tristeza, por favor vá embora, minha alma que chora!", que é trecho de um importante samba, gravado por diferentes cantores, como Beth Carvalho e Martinho da Vila, e da autoria de Nei Lopes, Luiz Antonio, Haroldo Lobo, Éfson e Carvalhinho. Com isso, a mulher sai de perto do grupo se distanciando e aparecem em cena as sandálias Havaianas.

Este comercial das Havaianas aborda um aspecto marcante da identidade do brasileiro, que é a definição do povo enquanto alegre e que se manifesta sempre com calor humano e emotividade. O comercial mostra como, em um momento difícil, conforme argumenta a mulher que abordou o grupo, as pessoas simplesmente estão cantando e tocando samba animadamente em um bar, como que alienadas ao que acontece no seu entorno. O distanciamento dos fatos da vida cotidiana por parte do grupo seria tamanho, que a mulher pergunta: "Gente, de que planeta vocês são?". Esse comentário sobre a situação vivida pelo país constitui uma percepção racional sobre os fatos, enquanto o comportamento dos que cantam e dançam no bar representa pessoas muito mais voltadas para a emoção do que para a razão. Em um momento tão preocupante, a reação poderia ser outra, dar ouvidos à mulher, compartilhar das suas preocupações. Contudo, ao contrário, o grupo vai contra a lógica da racionalidade característica dos países que se localizam no centro da modernidade (SOUZA, 2011) e continua se divertindo.

Vale destacar, ainda, a diferença entre a mulher que reclama e a que dança ao lado dos sambistas. A primeira foi caracterizada com o estereótipo de mulher ativista, que não se preocupa com a beleza, de modo que tem os cabelos presos e usa roupas que não revelam feminilidade e sensualidade. Além disso, usa óculos, elemento que comumente representa intelectualidade, tem os cabelos presos, reproduzindo a típica imagem de uma militante de esquerda. A mulher que dança, ao contrário, usa vestido de alça decotado, revelando sua beleza, feminilidade e sensualidade. A representação da sensualidade da mulher brasileira, assim como no comercial *Lune de Miel*, concorre para reafirmar o mito da sensualidade e da sexualidade desenfreada do mestiço brasileiro.

No mesmo sentido, o samba, ritmo das músicas do comercial, consiste em um elemento marcante da cultura nacional relacionado à negritude e, por consequência, além da alegria do brasileiro, está ligado à ideia de malandragem, de jeitinho brasileiro e à sensualidade, em função dos movimentos da dança. No comercial em análise, isso fica claro na oposição construída entre a militante de esquerda, preocupada com a gravidade da situação e insensível à música, e os músicos, que pedem que a tristeza vá embora, em uma atitude despreocupada, própria de quem só se preocupa com o hoje.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Havaianas, nos comerciais analisados, são tratadas como símbolo da brasilidade, ao lado de outros elementos da identidade cultural nacional. como a alegria do povo, a música, as praias, a exuberância da natureza, as belas mulheres, a sensualidade, o ócio, a malandragem, a esperteza, o símbolo do Brasil: o Cristo Redentor. Essa relação da marca com a identidade cultural está relacionada ao modo como o sistema de significação publicitário se apropria de formas e sentidos existentes na cultura para a qual é dirigida (PINTO, 1997). A publicidade emprega, assim, elementos significantes que interagem com as mitologias sociais da cultura, a fim de promover as sandálias Havaianas. A partir disso, a publicidade das Havaianas leva o receptor a cooperar na construção de sentidos, por meio da transferência do valor que esses significantes apresentam nas mitologias sociais, tornando possível a comunicação.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 2. Tradução de The power of identity.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Traduzido por Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999. Tradução de: La notion de culture dans les sciences sociales.

HALL, Stuart. **Representation:** cultural representations and signifying practices. Londons: Sage, 1997.

____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5. ed. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 5. ed. Tradução de: The question of cultural identity.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIEDRAS, Elisa R. **Fluxo Publicitário**. Anúncios, produtores e receptores. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PINTO, Alexandra Guedes. **Publicidade:** um discurso de sedução. Porto: Editora Porto, 1997.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira.** Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. 4. ed. Traduzido por Carmen Grisci [et al] Petrópolis: Vozes, 2000. Tradução de: Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass comunication.

_____. A mídia e a modernidade uma teoria social da mídia. 4. ed. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRINDADE, Eneus. **Propaganda, identidade e discurso.** Brasilidades midiáticas. Porto Alegre: Sulina, 2012.



PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE: COMPREENSÃO DA ESCOLA DOS ANNALES POR EDGAR MORIN

PARADIGMA DE LA COMPLEJIDAD E INTERDISCIPLINARIEDAD: COMPRENSIÓN DE LA ESCUELA DE LOS ANNALES POR EDGAR MORIN

Jorge Ondere Neto (PUC/RS)¹

Resumo: O trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica de funcionamento da Escola dos Annales pela ótica de Edgar Morin que trata sobre o Paradigma da Complexidade e a Interdisciplinaridade. A Escola dos Annales foi criada pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, na França, em 1929. Ela possibilitou nova dinâmica de estudo e de análise da história humana, pois, para Morin, ela consiste em um Projeto Inter-poli-transdisciplinar. Os conceitos e as teorias investigadas pela Escola estão em constante renovação porque se mantém abertos às diferentes disciplinas cujo método consiste na interdisciplinaridade, fator que modificou a ciência histórica, inserindo-a no Paradigma da Complexidade. Por meio desse Projeto Inter-poli-transdisciplinar, o resgate histórico das cidades, bem como de suas memórias, pode ser compreendido em multiperspectiva, pois o entendimento ocorre em uma dinâmica de relação mútua entre as disciplinas, processo que Morin nomeia de Olhar Extradisciplinar e de Migrações Disciplinares. A fundação dos Annales ocorreu em ambiente fronteiriço, característica que lhe confere uma abertura de troca entre pesquisadores e culturas. Pode-se analisar que tanto o campo teórico quanto físico são importantes para a realização da interdisciplinaridade. Portanto, o Projeto inaugura, segundo Morin, uma mudança na História, pois deixa de ser uma disciplina *stricto sensu*.

Palavras-chave: Escola dos Annales. Paradigma da Complexidade. Interdisciplinaridade. Revolução da Historiografia.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender la dinámica de trabajo de la Escuela de los Annales a través de Edgar Morin que se ocupa del Paradigma de la Complejidad y la Interdisciplinariedad. La escuela de los Annales fue creada por los historiadores Marc Bloch y Lucien Febvre en Francia en 1929. Ha permitido nueva dinámica de estudio y análisis de la historia humana, ya que, para Morin, consiste en un Proyecto Inter-poli-disciplinarias. Los conceptos y teorías investigadas por la Escuela están en constante renovación, ya que per-

¹ Mestrado em andamento em Psicologia − PUCRS; Graduado em Psicologia − PUCRS; Graduação em andamento em Filosofia − UFRGS.



manecen abiertos a diferentes disciplinas cuyos métodos consisten en la interdisciplinariedad, factor que ha modificado la ciencia histórica, insertándola en el Paradigma de la Complejidad. A través de este Proyecto Inter-poli-disciplinar, el recate histórico de las ciudades y sus recuerdos, se puede entender en multiperspectiva porque la comprensión tiene lugar en una dinámica de interrelación entre las disciplinas, proceso nombrado por Morin de Mirada Extra-disciplinaria y de Migraciones Disciplinarias. La fundación de los Annales se produjo en medio fronterizo, característica que le da un espacio de intercambio entre los investigadores y las culturas. Se pueden analizar que tanto el campo teórico cuanto el físico son importantes para la realización de la interdisciplinariedad. Por lo tanto, el Proyecto inaugura, según Morin, un cambio en la Historia, pues ya no es una disciplina stricto sensu.

Palabras clave: Escuela de los Annales. Paradigma de la Complejidad. Interdisciplinariedad. Revolución de la Historiografía.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS DA ESCOLA DOS ANNALES

A Escola dos Annales, inaugurada em 1929 pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, teve como proposta desenvolver um modelo historiográfico embasado pela dinâmica da interdiscipli-

naridade em que as problematizações da história bem como a concepção alternativa da noção de temporalidade tinham como objetivo romper com algumas partes da historiografia conservadora dominante (BARROSa, 2010). Por isso, enquanto ela se opunha ao Positivismo a partir de lutas tanto institucionais quanto historiográficas; estabelecia vínculos com teóricos e com ciências que intencionavam a interdisciplinaridade como modelo científico (BARROSb, 2010). Além disso, a Escola teve como objetivo abranger todas as atividades relacionadas à humanidade - não ficando restrita à história da atividade política - e visar sujeitos de qualquer status hierárquico, contrapondo-se ao Antigo Regime Historiográfico que se detinha somente nos feitos de reis, papas, generais e políticos (BURKE, 1997). Conforme Barros (2012), os Annales foram contra à tríade maldita: história factual, história narrativa e história política.

A Escola possui três gerações (BURKE, 1997). A primeira, no período de 1929-1945, marcada por uma luta incisiva contra as três histórias citadas, foi onde ocorreu a sua fundação bem como seu processo de institucionalização (BURKE, 1997). A segunda, no período de 1946-1968, denominada A Era de Fernand Braudel, caracterizada pela história serial que consiste em ordenar documentos para avaliar sua continuidade ou temporal ou espacial, foi onde se pode conceber como sendo uma Escola de fato (BURKE, 1997). Por fim, a terceira geração - em que



há migrações disciplinares com os Estados Unidos e a presença, pela primeira vez, de mulheres - possui dificuldades de caracterizá-la em função de haver diferentes vieses entre os pesquisadores (BURKE, 1997). Inclusive, o historiador Dosse (1994) critica essa última geração denominando-a de *História em Migalhas*, pois se afasta das propostas de seus criadores e de Braudel em função de fragmentar a história gerando uma investigação simplista e reducionista dos acontecimentos.

As ciências sociais francesas tiveram grande impacto no Brasil, pois a Missão Francesa teve como objetivo a vinda de professores para lecionar na USP (DEPOIMENTOS, 1994). Em função dessa migração, a Escola dos Annales teve um significativo impacto na academia nacional, influenciando tanto o método da história quanto o das ciências sociais (ROJAS, 2000). Esse fenômeno ocorre pelo fato de que Fernand Braudel leciona como professor titular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP "plantando então, nestes anos 30, uma importante semente dentro da hitoriografia brasileira, Braudel preparou a enorme e permanente receptividade dos cientistas sociais brasileiros às propostas dos Annales" (P.13). Portanto, a Escola dos Annales será um modelo à historiografia brasileira. Inclusive, a Revista de História, que terá grande importância no cenário acadêmico nacional, foi inaugurada por Eurípedes Simões de Paula quem teve Braudel como professor e referência (ROJAS, 2000).

Quanto aos inauguradores da Escola, o historiador Febvre (1989) sustenta a sua oposição à especialidade das disciplinas e, inclusive, admite de maneira radical: "repeli energicamente, violentamente mesmo, esse ponto de vista" (p. 108). Em contrapartida, defende a utilização de um método que ocorra por meio da interdisciplinaridade em que história e geografia, por exemplo, possam realizar aproximações e combinações com intuito de clarificar o entendimento acerca do objeto de estudo. Para isso, é necessário que os cientistas se sustentem "uns aos outros com as suas ideias, os seus métodos, as suas procuras e as suas preocupações" (p. 109) para que cada disciplina enriqueça seu entendimento em parceria. O que parece indicar é a necessidade de uma relação mútua entre os cientistas com o objetivo de desvendar de forma aprofundada os mistérios humanos envolvidos na história.

Marc Bloch (2002), por sua vez, ao escrever O Ofício de Historiador, também sustenta a interação da história com outras disciplinas com intuito de aprofundar o entendimento das causas dos fenômenos. Isso parece ficar claro quando Bloch utiliza o caso do Golfo de Zwin que, soterrado pela areia, é objeto de investigação da geologia, mas, para explicar as causas desse efeito, a história se faz necessária como método de pesquisa pelo fato de que o humano é a causa desse fenômeno. E conclui: "Eis portanto, [...] um ponto de sobreposição onde a aliança de duas disciplinas revela-se indispensável a qualquer



tentativa de explicação" (p. 54). Além disso, destaca-se que Bloch enfoca a centralização do humano, pois é por meio dela que a construção da pesquisa histórica é desenvolvida, pois são os sujeitos que possuem participação ativa em sua historicidade.

A partir dos fundadores dos Annales, pode-se concluir que a interdisciplinaridade é utilizada com a interação de outras disciplinas para que o objeto de pesquisa possa ser analisado por meio de um enfoque multiperspectival para abranger a sua totalidade. Isso gera uma inevitável abertura do historiador tanto a outras disciplinas quanto a outros fenômenos históricos não limitados apenas ao âmbito político. Em consequência disso, houve maior abrangência para interpretar e renovar a historiografia, movimento que se distanciou do modelo positivista (DOSSE, 1994). Conforme bem descreve Dosse, a influência do filósofo Henri Berr, do geógrafo Paul Vidal e da sociologia durkheimiana sobre a Escola dos Annales foram importantes para a realização de uma síntese entre as diferentes disciplinas. Na Era Braudel, em função das demandas da sociedade no período pós-guerra, a Escola se atem nos estudos da economia e da demografia, disciplinas que também começam a interagir com a história (DOSSE, 1994). Posteriormente, em função da história das mentalidades, há a inserção da psicologia histórica que, por sua vez, abre fronteiras para a inserção da literatura bem como da linguística (DOSSE, 1994).

Além da interdisciplinaridade, a história-problema, outro método importante dos Annales, é muito bem descrita por Barros (2012). O autor realiza uma oposição entre os historiadores Halphen e Bloch, o primeiro defende que "os fatos por si mesmos falam" enquanto o annalista sustenta "os documentos e os testemunhos só falam quando sabemos interrogá-los". É expressiva a diferença de postura do historiador frente ao seu objeto de estudo de acordo com o que Bloch propõe, e ela será uma característica dos Annales, a saber, a interrogação para desenvolver interpretações e problematizações advindas de hipóteses bem como questionar as próprias hipóteses estabelecidas (BARROS, 2012). Como refere Dosse (1994) "o historiador não deve fazer tábua rasa de sua individualidade para professar a dúvida: deve, ao contrário, confrontar suas hipóteses com os documentos históricos" (p. 57). Destaca-se, então, a implicação do historiador com seu objeto de estudo que, diferentemente do paradigma positivista, é um sujeito que tem participação ativa na construção de seu objeto.

Quanto à noção de temporalidade, a Escola dos Annales sustenta que "A história que se consome tornou-se recurso terapêutico para preencher os vazios, para romper o isolamento dos subúrbios de passado sem memória" (DOSSE, 1994, p. 13). Por isso, a problematização do método histórico - visto no parágrafo anterior - possibilitou um resgate das memórias passadas para preencher as lacunas do



presente de forma a propiciar sentido às vivências humanas em relação ao tempo. Ainda conforme Dosse (1994), a inserção da geografia vidaliana na pesquisa histórica, que também se opunha ao paradigma positivista, fez com que o historiador não ficasse restrito em documentos e livros, ampliando o seu olhar para os fenômenos da humanidade e da natureza assim como da própria paisagem. Isso parece conferir com o primeiro volume do Mediterrâneo de Fernand Braudel em que há uma ausência de tempo, pois o historiador está preocupado em descrever o espaço, seus aspectos geográficos e os fatores que dão vida ao ambiente de investigação.

Por fim, os Annales se ocupam com a história de longa duração que é contrária à história de tempo curto, breve e efêmero (BRAUDEL, 1965). Conforme o autor, a vigência da história social e econômica fez com que o historiador dirigisse sua atenção em tempos longos, como dezenas de anos, para acompanhar as oscilações econômicas e os ciclos sociais de uma determinada sociedade. Isso difere do tempo da história tradicional em que "um dia, um ano podiam parecer boas medidas a um historiador político, antigamente. O tempo era uma soma de dias" (p. 266). A longa duração está relacionada com duas noções, a saber, a tendência secular e a estrutura (BRAUDEL, 1965). A primeira tem relação com a economia em que é possível verificar o comportamento de uma variável, seu ciclo e suas variações, por meio de um tempo longo. A segunda é o que permanece estável ao longo do tempo sendo sua característica a limitação do humano como, por exemplo, o tipo de mercado econômico que perdura do século XIV até metade do século XVIII é estruturado com aspectos estáveis e instáveis (divergentes), mas que se complementam. Esse método de longa duração modifica o modo de investigação do historiador, este realiza um movimento de avançar e voltar no tempo de maneira contínua para que seja possível gerar novos olhares e problematizações a partir desse "ir e vir" (BRAUDEL, 1965). Isso significa que o tempo não é descrito de maneira linear, é problematizado e refletido no pensamento do historiador em relação ao seu presente em função do vínculo que estabelece com seu objeto de estudo.

É inegável a revolução científica que a Escola dos Annales realizou, conforme destaca Peter Burke:

O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associadas à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à lingüística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais. [...] A historiografia jamais será a mesma" (1997, p.127).



A história, antes fechada, torna-se uma disciplina aberta tendo como fundamento, em contraponto a Barros (2012), a *tríade bendita*: história-problema, interdisciplinaridade e longa duração.

PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E O PROJETO INTER-POLI-TRANSDISCIPLINAR

Edgar Morin (2003) sustenta o pensamento complexo como necessário e indispensável para o método científico, pois ele é capaz de unir os diferentes entendimentos acerca do objeto de investigação de maneira a conduzir o seu conhecimento do simples ao complexo. A sua tese sobre o Paradigma da Complexidade tem como objetivo fazer com que haja a comunicação e interação do sujeito com o seu objeto de estudo para que ocorra uma relação e participação ativa do sujeito no processo de investigar e desvendar a complexidade (MORIN, 2011). Em seu livro A Cabeça Bem Feita, Morin (2003) desenvolve um Projeto Inter-Poli-Transdisciplinar que consiste em uma metodologia capaz de organizar a interação entre as diferentes disciplinas para que possa haver uma transformação tanto do objeto quanto do sujeito para que ambos tenham saltos complexos.

Para isso, Morin (2005) desenvolve as três "propostas para a investigação" sustentadas pela complexidade, a saber: 1) facilitação das instituições para o desenvolvimento científico; 2) autorreflexão dos cientistas com intuito da ciência analisar a si

mesma; 3) estimulação à revolução científica para a "transformação das estruturas do pensamento" (p. 31). Dessa forma, torna-se possível a tentativa de conhecer a complexidade do real de maneira a relacionar as partes formando o todo que, por sua vez, também é formado pelas partes, assim, evita-se que a inteligência se torne cega, permitindo uma lucidez acerca do fenômeno de investigação.

Morin (2005) também destaca três princípios envolvidos no pensamento complexo, a saber, o dialógico, o recursivo organizacional e o hologramático. O primeiro consiste na dialógica entre fenômenos divergentes, mas complementares, um exemplo que Morin descreve é a formação da vida em que o DNA, enquanto estrutura estável, é formado e organizado por estruturas instáveis, os aminoácidos, isso significa que duas estruturas, apesar de divergentes, complementam-se. O segundo se refere à "ruptura com a ideia linear de causa/efeito" (p. 74) em que a causa é também efeito e este também é causa formando um ciclo que se autoconstitui e se auto-organiza. Por fim, o terceiro onde "o menor ponto do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado" (p. 74), isso significa que o paradigma da complexidade não é restrito ao viés reducionista (parte) e nem ao holismo (todo) porque consiste em uma dialógica entre eles onde enquanto um é causa, o outro é efeito e, simultaneamente, este é causa enquanto aquele é efeito, nesse sentido, há um rompimento com a noção li-



near de causa e efeito. Por isso, conclui "a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica" (p. 75), ou seja, os três princípios estão interligados.

COMPREENSÃO DA ESCOLA DOS ANNALES PELA PERSPECTIVA DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Ao desenvolver o paradigma da complexidade, Edgar Morin menciona alguns exemplos de teóricos, autores e ciências que ora se assemelham ora se aproximam de sua tese, a saber: na literatura, Dostoiévski; na filosofia, Hegel e Heráclito; nas ciências, Kurt Gödel, Jean-Louis Le Moigne, Yves Barel e etc (MORIN,2003; MORIN, 2005). Além desses, também a Escola dos Annales:

Certos conceitos científicos mantêm a vitalidade porque se recusam ao fechamento disciplinar. Assim acontece com a história da École dês Annales, que, depois de ter ocupado um espaço marginal na Universidade, agora é extremamente valorizada. A história da Annales foi constituída pela transdisciplinaridade [...]. A História, assim fecundada, não pode mais ser considerada uma disciplina stricto sensu: é uma ciência histórica multificalizadora, multidimensional em que se acham presentes as dimensões de outras ciências humanas, e onde a multiplicidade de perspectivas particulares, longe de abolir, exigem a perspectiva global (p. 109)

A questão é: por que Morin confere à Escola dos Annales o estatuto de complexidade? Em síntese, há, no mínimo, três fatores do paradigma da complexidade que se assemelham à proposta da Escola dos Annales, a saber, a Interdisciplinaridade, a oposição ao Paradigma Positivista e a necessidade do pesquisador pensar sobre si mesmo em função de ele ser o responsável por desenvolver a ciência (BARROS, 2010a; BURKE, 1997; MORIN, 2003; MORIN, 2011). Além disso, pode-se destacar que tanto Bloch (2002) quanto Morin (1977) enfatizam a necessidade da ciência não perder, de modo algum, a sua parte poética.

A interdisciplinaridade ocorre quando há uma interação e cooperação mútua entre os diferentes pesquisadores que estão envoltos em um mesmo problema (MORIN, 2003). A transdisciplinaridade, por sua vez, é o fenômeno no qual há a transcendência disciplinar, nela é onde acontece o choque da disciplina, visto que ela é perpassada por diferentes forças disciplinares que, mesmo antagônicas, irão desenvolver teorias e hipóteses sobre o seu objeto de estudo (MORIN, 2003). Por isso, Morin sustenta que a Escola dos Annales é um Projeto Inter-poli--transdisciplinar, pois ela funciona a partir de diferentes disciplinas que, ao interagirem e cooperarem mutuamente na investigação da pesquisa histórica, transcendem a maneira pela qual o objeto é explicado e compreendido. Sua dinâmica, de acordo com o rigor do paradigma da complexidade, ocorre por um



processo circular "passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise" (p. 24). Isso parece se aproximar com a proposta da segunda geração da Annales em que "a palavra-chave do discurso braudeliano é 'reciprocamente', tudo influi sobre tudo e reciprocamente" (DOSSE, 1994).

Além da inter e transdisciplinaridade, Morin (2003) introduz a ecodisciplinaridade e a metadisciplinaridade. A primeira se refere à compreensão de uma disciplina em relação ao seu campo tempo-espacial, é nele que ela deve ser analisada e estudada, pois condiz com o momento atual do estudo. A segunda, por sua vez, confere a abertura e o fechamento como movimento dinâmico necessário que ocorre na organização disciplinar. Sendo assim, a Escola dos Annales pode "ecologizar" a disciplina história na medida em que a insere na sintonia com o seu âmbito tempo-espacial, isso poderia ser exemplificado quando a Revista muda o seu nome com o intuito de atender as demandas de seu presente contexto. O processo de abertura-fechamento da dinâmica metadisciplinar é relacionado ao funcionamento da história que, em função da Annales, pode se abrir conforme as modificações contextuais e, também, fechar-se para elaborar e refletir acerca dos conteúdos que englobou durante o seu processo de abertura; para, então, abrir-se novamente e, assim, de modo contínuo e sucessivo. Por isso, Morin confere que a disciplina, nesse caso, a história, "nasce não apenas de um conhecimento e de uma reflexão interna sobre si mesma, mas também de um conhecimento externo" (p. 105). Portanto, a abertura disciplinar é imprenscidível para que não haja uma fronteira hiperdisciplinar que impeça as migrações disciplinares tornando o conhecimento simplista.

O olhar voltado para além dos limites circundantes da disciplina possibilita uma observação ou de um objeto, ou de um fenômeno, ou de uma linguagem ora diferentes, ora estranhos, ora próximos com a disciplina em foco (MORIN, 2003). Isso faz com que o pesquisador, ao buscar a compreensão de uma disciplina exterior à sua, desenvolva outros meios para recriar a sua. Esse Olhar Extradisciplinar (MORIN, 2003) é um fenômeno que pode ser atribuído à dinâmica que sustenta a Escola dos Annales, pois sua proposta foi possibilitar desenvolvimentos teóricos e metodológicos por meio da apropriação de outras disciplinas humanas como a geografia, a economia, a sociologia e etc com a história. Inclusive, a História Total da Annales parece ter essa proposta de englobar e abordar o conjunto a partir da união de todas as ciências humanas e não ficar determinada e reduzida em apenas uma, fator que iria fragmentar o conhecimento, semelhante ao que Morin designa de Inteligência Cega. Conforme a máxima "Everything Has a History" de Haldane (2005), tudo tem um passado que pode ser investigado pela história, isso significa que ao Annales não só se abriu para outras disciplinas, mas, tam-



bém, para coisas que não tinham história como, por exemplo, a morte cujo tema foi abordado por Philippe Ariès (2003).

Quanto ao fenômeno das Invasões e Migrações Disciplinares descritos por Morin (2002), que também podem estar envolvidas nesse processo inter--poli-transdisciplinar, ele é composto pelas "rupturas entre as fronteiras disciplinares, da invasão de um problema de uma disciplina por outra, de circulação de conceitos, de formação de disciplinas híbridas que acabam tornando-se autônomas" (p.107). Nesse caso, a história, a partir da Annales, tem a presença, como visto acima, de outras disciplinas das ciências humanas. Como a história teve, como fundamento, um projeto inter-poli-transdisciplinar inaugurado pela Annales, primeiramente, abriu-se à migração das disciplinas e as justapôs com o seu "arcabouço disciplinar" possuindo aspectos que lhe são próprios e outros que não. No momento em que ela se fecha, pode constituir uma interdisciplina, pois se configura como um sistema de interação e integração gerando, por fim, uma nova formação de conhecimento e de área teórico-metodológica resultando na transformação e na transcendência do objeto e de seu entendimento (KLEIN, 2002). Em outras palavras, ela teve, como ponto de partida, uma integração parcial e, como ponto de chegada, uma integração total; por isso, o salto complexo que faz com que ela deixe de ser uma disciplina stricto senso (MORIN, 2003), pois visa a história total como objetivo historiográfico (BURKE, 1991; DOSSE, 1994).

Parece que esse fenômeno ocorre devido a diversos fatores, a própria configuração da sociedade pós-moderna resultou na liquidificação das estruturas sólidas (BAUMAN, 2001), tornando-se liquefeitas, foi possível um encontro entre dois âmbitos que, até então, pareciam divergir, mas que, a partir da dialógica, possibilitou uma compreensão até então impedida, e essa relação enriqueceu o desenvolvimento científico para a atuação do historiador. As migrações concretas, como destaca Morin, também propiciam a ocorrência de trocas disciplinares, como no caso de um teórico especialista de determinada área que, ao viajar para se encontrar com outro especialista de uma área divergente podem desenvolver uma dinâmica interdisciplinar. Com essas migrações concretas foram possíveis, em função da localização geográfica da Universidade de Estrasburgo, os constantes encontros entre os teóricos de regiões diferentes em um mesmo espaço físico (BURKE 1997). A própria migração de Braudel ao Brasil influenciou a criação da Revista de História, semente da Annales no contexto acadêmico nacional. O processo de Globalização também parece influenciar esse desenvolvimento migratório em que a interdisciplinaridade pode ocorrer em função da facilidade de acesso às teorias e técnicas realizadas em outro "lado do mundo" que chegam "nesse lado" de maneira instantânea, assim, pode haver uma forma de interagir e analisar se esta é uma possibilidade de inter-relacionar ou não os conteúdos de uma disciplina com outra – isso seria tema para a área de



tecnologia e comunicação relacionada ao fenômeno científico, questão que não será vista aqui.

O humano é um ser o qual as ciências devem enfocá-lo a partir de uma não redução conceptual, mas, sim, por meio de um viés integral e holístico onde o estabelecimento do paradigma da complexidade transcenda tanto a disciplina quanto o homem e a sociedade. Sujeito e objeto estão integrados em uma dinâmica de relação mútua em que há uma unidade sujeito-objeto e não uma disjunção, pois o sujeito é o próprio objeto científico, dessa forma, a ciência pode refletir sobre si mesma e, em função da implicação do pesquisador, este passa a ser um protagonista ativo no desenvolvimento de seu conhecimento (MORIN, 2002, 2003). A sociedade não está separada do historiador, ela pode compreender a si a partir dos dados, das reflexões e das problematizações advindas da pesquisa histórica, o pesquisador tem responsabilidades e, conforme Bloch, deve prestar contas de seu fazer.

É exatamente dessa forma que a Escola dos Annales irá realizar a sua pesquisa, o seu objetivo é desenvolver um trabalho que torne o historiador como aquele que constrói a ciência, pois 1) está implicado com o seu presente na medida em que deve prestar contas de seu fazer; 2) escolhe o problema a partir de necessidades advindas da sociedade; 3) é o reflexo das memórias que busca compreender (BLOCH, 1997; DOSSE, 1994). Febvre (1989) questiona "E o Homem em tudo isso?", ao que tudo indica, a resposta parece ser assim: é preciso inserir o

humano na condição de objeto de pesquisa histórica para que, ao refletir sobre si, a ciência, por consequência, também faça o mesmo, pois não está separada da sociedade.

PONDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o presente trabalho não tenha esgotado o entendimento da Escola dos Annales, foi possível, em alguma medida, descrevê-la e compreendê-la a partir da dinâmica do Paradigma da Complexidade desenvolvido por Edgar Morin, fator que justifica o motivo pelo qual este a configura como sendo um Projeto Poli-Inter-Transdisciplinar. A história enquanto uma disciplina organizada pela complexidade advinda da Annales se tornou um sistema aberto cujo resultado foi a sensibilização do espírito humano diante do desconhecido, fator que renovou as ciências humanas e a sociedade. As memórias de uma cidade são resgatadas e analisadas de forma multidimensional em que a interpretação ocorre de maneira não fragmentada, possibilitando que os sujeitos possam ampliar o entendimento de seu passado reorganizando o seu presente. A ampliação da história em diversas áreas abriu campo não apenas para os historiadores, mas, também, para pesquisadores de outras ciências humanas, estas formaram um tecido cuja unidade é um todo formado pelas partes que, por sua vez, são formadas pelo todo, nesse sentido, o conhecimento não é fragmentado em função da inter-trans-disciplinaridade.



REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2003. 312 p.

BARROSa, José D'Assunção Barros. A Escola dos Annales e a Crítica ao Historicismo e ao Positivismo. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 75-102, jan/jun 2010.

BARROSb, José D`Assunção Barros. A Escola Dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **História em Reflexão**, v. 4, n. 8, p. 1-29, jul/dez 2010.

BARROS, José D'Assunção. Os Annales e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de "história-problema" para a identidade da Escola dos Annales. **História: Debates e Tendências**, v. 12, n. 2, p. 305-325, jul/dez 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 190 p.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 150 p.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A Longa Duração. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 261-294, abr/jun, 1965.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**: A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1997. 155 p.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____ (org.) **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1991. p. 7-38.

DEPOIMENTOS. Fernando Novais: Braudel e a "Missão Francesa". **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 161-167, Set/Dez, 1994

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. São Paulo: UNICAMP, 1994. 100 p.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989. 258 p.

HALDANE, John Burdon Sanderson. **Everything Has a History**. India: Vigyan Prassar, 2005. 165 p.

KLEIN, Julie Thompson. A taxonomy of interdisciplinarity. In: FRODEMAN, Robert; KLEIN, Julie Thompson; MITCHA, Carl (orgs.) **The Oxford Book of Interdisciplinarty**. Nova York: Oxford University Press, 2002. p. 15-30.

MORIN, Edgar. Da Complexidade da Natureza À Natureza da Complexidade. In: ______. **O Método**: 1. A Natureza da Natureza. Portugal: Publicações Europa-América, 1977. p. 333-344.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 120 p.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350 p.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Os Annales e a Historio- grafia Francesa**: Tradições Críticas de Marc Bloch a Michel Foucault. Paraná: EDUEM, 2000. 344 p.



BABEL DE IDENTIDADES QUE SE ENTRELAÇAM

BABEL IDENTITIES THAT INTERTWINE

Josiane Patricia Brandt¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise do filme *Babel* (2006) do diretor e cineasta mexicano Alejandro González Iñárritu. Aspectos pertinentes à identidade dos personagens são analisados a partir de uma discussão sobre o processo de (re) construção da identidade mediante os conflitos identitários originados através da linguagem de um sujeito em transformação social.

Palavras-chave: Identidade. Linguagem. Cultura. Diversidade.

Abstract: This paper presents an analysis from the movie *Babel* (2006) by director and Mexican director Alejandro González Iñárritu. Relevant aspects of the identity of the characters are analyzed from a discussion of the process of (re) construction of identity by the originating identity conflicts through language of an individual in social transformation.

Keywords: Identity. Language. Culture. Diversity.

INTRODUÇÃO

O cerne deste trabalho vai ao encontro de uma grande preocupação atual e carecedora de discussões. A identidade na contemporaneidade e a fragmentação da identidade do sujeito contemporâneo e seus conflitos sociais. Neste contexto, o tema do filme *Babel* (2006) tem sido frequente, pois parece importante refletir sobre pontos centrais, como a globalização e o problema de comunicação entre as pessoas.

No entanto, pretende-se refletir a cerca do papel da linguagem na construção das identidades dos sujeitos pertencentes a trama de um contexto globalizado e as implicações diretas na construção de suas identidades. Faz-se de tamanha relevância este estudo uma vez que ao nos posicionarmos dentro da sociedade há uma auto caracterização influenciada pelas relações sociais as quais estamos atrelados. O indivíduo atual é aquele que não possui apenas uma identidade, mas possui várias outras de acordo com sua escolha e suas experiências, independentemente do meio social o qual está inserido, pois este meio também não é algo imutável.

O trabalho está dividido em cinco partes. A primeira parte consiste na introdução. Na segunda, algumas noções fundamentais de Identidade cultural na pós-modernidade de Stuart Hall (1997) e linguagem e identidade de Rajagopalan (2003). A elucida-

¹ Mestranda em Letras na Universidade Uniritter FAPA – Porto Alegre/RS.



ção desses conceitos possibilitará uma compreensão maior da (re)construção da identidade por meio da linguagem em uma sociedade moderna. Na terceira parte, definiremos melhor nosso objeto de análise, o filme *Babel* (2006), e será feita algumas reflexões sobre a origem do nome oferecido ao filme, bem como as suas relações. Em seguida, apresentaremos a análise identitária à luz das considerações dos autores acima citados. Por último, teceremos algumas considerações finais a partir da análise empreendida.

AFINAL, POR QUE FALAR SOBRE IDENTIDADES?

Partindo do pressuposto de que é por meio da linguagem inserida em diferentes contextos que vamos construindo nossa identidade, nossa personalidade, nossa cultura e assim contribuímos para as formações identitárias de outros indivíduos e vice e versa, pois o sujeito não faz nada sozinho, ele age no mundo cheio de intenções das quais interferem de alguma forma na vida do outro. A língua quando em uso, tem o papel principal de significar. No entanto, a relação é sempre intersubjetiva, ou seja, partilhamos com o outro nossa forma de pensar e agir, com vistas a influenciar nosso interlocutor, pois conforme Benveniste "a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem" (1989, p.93).

Stuart Hall afirma que o sujeito de hoje está sendo fragmentado, ou seja, deixando de ser um sujeito único e estável para abrir espaço a um indivíduo que se transforma, que passa por mudanças e se reposiciona dentro da sociedade. Hall discute essas transformações em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1997) e explora aspectos de identidade cultural com o intuito de abarcar sobre uma possível passagem do sujeito moderno por uma "crise de identidade". Antes de esclarecer acerca da expressão que Hall utiliza, *crise de identidade*, faz-se necessário também, discorrer pelos conceitos de identidade apresentados por Rajagopalan, em *Linguagem*, *identidade e a questão ética* (2003).

Stuart Hall (1997) caracteriza a identidade como não fixa e não estável, ou seja, o sujeito da modernidade vai tomar para si diferentes identidades em diferentes situações. Pois, a cada novo momento nos contradizemos assumindo diferentes posturas, no entanto, nossa identidade se desloca ao passo que cada momento da vida muda. De acordo com esse pensamento, lado a lado a essa mudança de identidade, está a alteração de nossa identidade linguística. Além de ser, por muitas vezes modificada, nossa identidade linguística se molda ao contexto em que o momento ambiciona. Quer dizer que, essa alternância se dá através de nossas escolhas linguísticas, no momento em que escolhemos uma linguagem e não outra. Por vezes, estamos inseridos em situações de fala, das quais não nos é comum, não são



pertencentes ao meio em que vivemos, por exemplo, aquele indivíduo pertencente a uma determinada região, classe social ou a um determinado grupo, ou trabalho, que se identifica como membro deverá ser aceito, valorizado e tanto quanto ele próprio deverá legitimar sua identidade perante as variedades que encontrar.

Hall afirma que as identidades são socialmente construídas, influenciam e são influenciadas através das ações e das interações, por isso a construção da identidade estar intimamente ligada aos contextos sociais, o que implica uma ideia de reconstrução por parte do indivíduo, pois a ele, em uma interação, é transmitido significados de outros grupos culturais. Hall argumenta que a identificação do sujeito ocorre a partir do reconhecimento de elementos comuns a ele próprio, ou através de qualidades que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas. Então, esse processo de reconhecimento está fortemente relacionado com o contexto social, econômico, étnico ou cultural no qual está alocado.

Depois da globalização, Hall posiciona-se criticamente no que diz respeito à identidade, dizendo que as antigas estão em decadência devido ao surgimento das identidades fragmentadas, por consequência da "crise de identidade", entendida por Hall, como "parte de um processo mais amplo de mudança, que está [...] abalando os quadros de referencia que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (1997, p.7). Hall observa ao longo

da história, certos conceitos de identidades, a existência de três sujeitos marca bem três momentos históricos. O primeiro sujeito era aquele centrado em uma identidade única, que acredita no eu interior, o sujeito do Iluminismo. O sujeito sociológico, que tinha sua identidade formada pela posição que tomava na sociedade e, o sujeito pós-moderno, devido as transformações, quase como um camaleão, não tem uma identidade própria mas múltiplas, e é deste que falávamos no princípio, um sujeito que assume "identidades diferentes em diferentes momentos" (1997, p. 13), uma vez que isso é fruto de que "as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente" (p.14), Hall, sintetiza sobre não sermos acomodados frente a construção de nossa identidade na citação abaixo:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e corrente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1997, p. 113)

Para tanto, devemos citar Rajagopalan (2003), que versa sobre a construção das identidades da língua e do indivíduo e afirma que ambos tem envolvimentos recíprocos, a identidade do sujeito vai se edificar na língua ou através dela, pois tanto a



língua quanto o indivíduo evoluem. A propósito dessa relação, ele lembra que a linguagem é a forma na qual lidamos com as circunstâncias, é a nossa inserção dentro da sociedade quando que o mundo é intercedido pela linguagem. Ele concorda com Hall, ao denominar a identidade do individuo como fluída e mutável, que pertence a comunidades com realidades particulares. Passemos agora a contextualização da obra, a origem de seu nome e as suas relações significativas.

O FILME

A trama enreda-se, simultaneamente, em quatro países – Marrocos, Japão, Estados Unidos e México e envolve-nos em quatro episódios ao mesmo tempo alheios e conectados entre si. Em um dos episódios, um casal de norte-americanos, Susan e Richard, viajam com um grupo em excursão pelo deserto do Marrocos, a fim de reconciliar sua vida amorosa em crise. Ao sair de viagem, deixa dois filhos, Debbie e Mike, sob os cuidados da babá de origem mexicana. A atitude da babá Amélia, é marcada como segundo episódio, quando leva as crianças ao casamento de seu filho no México, sem a autorização do casal, desencadeando uma série de problemas.

Durante o passeio, Susan, companheira de Richard, é baleada por uma bala perdida. Inicia-se então, o terceiro episódio. Em terras marroquinas, dois irmãos discutem sobre a distância que o rifle

ganhado pode alcançar. Antes disso, o irmão mais novo, Ahmed, vislumbra-se com a sua irmã, Zohra, despindo-se para ele, Youssef, irmão mais velho, não gosta nada do que vê e inicia-se aqui uma discussão a cerca do ocorrido. O rifle, o qual o pai dos meninos (Abdullah) comprou de um amigo está em poder dos meninos para que cacem chacais, animal que matava suas cabras. No entanto, os dois meninos duvidam da potencia da arma e começam a atirar na direção dos veículos que por ali passavam, ao passo que percebem que o tiro alcançou o ônibus que passava. Apavorados, fogem.

O quarto e último episódio, revela a procedência da arma que atingiu a americana e vida da menina surda-muda, Chieko, no Japão. O rifle foi deixado por um executivo japonês após uma caçada no deserto como presente ao seu anfitrião, este, por sua vez, foi quem a vendeu a Abdullah. A menina, filha do executivo, que perdeu a mãe e vive em conflito com o pai, não arruma namorado e passa a insinuar-se aos garotos.

Babel é uma obra que passeia por muitas perspectivas. A começar, valemo-nos de pontuar, mesmo que minimamente, que Babel era uma cidade da Babilônia, região adoradora de Deuses, na qual constrói-se uma enorme torre – até hoje questiona-se sua existência - para o culto dos religiosos. Para eles, essa enorme construção serviria de escada para o céu e de ligação entre Deus e os homens, como um meio de comunicação entre outros deuses e o livra-



mento de um outro dilúvio. Pelo Antigo Testamento da bíblia, a torre fora construída por descendentes de Noé. A Bíblia explica que Deus ficou enfurecido com eles; quis que as pessoas se dispersassem e separassem-se sobre a terra. Confundiu as línguas e raças destruindo a torre. Fez com que o homem se espalha-se pelo mundo e falasse diversas línguas.

Atualmente, há aproximadamente três mil línguas. Será a torre de Babel a percursora de todas as línguas existentes hoje? Muitas vezes, nossa razão se dispersa pela assimilação de um mito. Nos parece menos árduo procurar a verdade e se apoiar em algo pronto. Por serem mais poéticos e extremamente apelativos, os mitos quase nunca são descartados e aceitos sem questionamento, mais plausível se torna, quando se encontra na bíblia. Não cabe a nós, neste momento, discutir as raízes da língua mas, nos compete, destacar a verossímil semelhança entre a torre de Babel discutida na Bíblia e o nome dado ao filme arrolado aqui, Babel.

Percorrendo pelo significado da palavra Babel no dicionário Michaelis² encontra-se uma perfeita definição para a associação a qual queremos fazer. Babel significa uma confusão de línguas, uma grande desordem, sinônimo de diversidade, multiplicidade e variedade. A partir disso, passemos então, a alimentar a grande afinidade entre o filme e seu

nome. O filme conversa implicitamente com situações de conflitos, desordem, um atropelo na vida dos personagens, ao mesmo tempo que divaga sobre as similaridades e dessemelhanças sociais descendentes das múltiplas identidades. Figuras estas, que com muita dificuldade expressam-se sem uma linguagem comum, de escolhas sustentadas por suas fragilidades e anseios, pessoas que intervêm umas às outras através das relações de convencionalismo e altivez diante de suas línguas e culturas, pelo simples fato de possuírem uma babel de identidades. Valendo-se dessas interpretações a cerca do filme, desejamos iniciar a análise propriamente dita.

A ANÁLISE

As cenas iniciais nos remetem fortemente aos problemas pessoais, quando no filme parte dos Estados Unidos para o Japão e se dedica aos problemas de relacionamento e comunicação interpessoal de uma garota surda-muda com seu pai e os garotos. Mostra-nos que todos passamos por problemas e reagimos mostrando sentimentos de frustração, desilusão, solidariedade, dor e medo; o filme faz diferentes histórias tornarem-se uma só e até mesmo uma só, em várias. Valendo-se disto e do que Hall avalia, qualquer situação pode interferir direta ou indireta-

² Significado da palavra Babel. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=babel. Acesso em: 29 jun. 2016.



mente em outras vidas, seja aqui ou do outro lado do mundo. Além disto, o autor do filme leva-nos a concluir que relações existem em vários lugares e que os efeitos da globalização podem ocorrer em qualquer país e consegue deixar-nos familiarizados com o cenário dos jovens japoneses e não com a pobreza marroquina. O que ocorre é uma rápida identificação com a cultura da garota, porém, quando voltamos a região pobre no Marrocos, temos uma reação diferente, porque aquele espaço não se aproxima nem tampouco lembra a cultura a qual estamos inseridos e/ou habituados.

Vivemos em culturas muito diferentes e ao mesmo tempo resultado de um mundo globalizado. A exemplo disso, iniciamos nossa análise pelo disparo feito pelos garotos, que rapidamente, concluem os passageiros à um ataque terrorista, ou seja, essa conclusão mostra que devido um consentimento coletivo do qual os americanos vivenciam, resulta em uma concepção de soberba que eles possuem em relação a um país de terceiro mundo. Neste momento do filme, verifica-se que estes estadunidenses viajam para um país pobre, dentro de um bom ônibus climatizado que não prevê um contato autêntico com o povo. Entretanto, o ponto de estranheza entre as culturas transcorre pelo filme em diversas cenas. Obviamente devemos citar devido episódio, em que a americana Susan toma uma atitude de resistência perante a comida local e surpreende-nos ao tocar os gelos do copo de Coca Cola no chão por não saber a procedência deles. Vemos ai, uma atitude arrogante frente a cultura que está inserida. Para Hall, o que não estaria acontecendo aqui, é a identificação de Susan com aquele grupo social.

Parecida ocasião ocorre quando o grupo de americanos entra em colapso após uma passageira sua ser baleada. Enquanto Richard pede para que o ônibus pare pois sua esposa foi baleada, um dos passageiros diz "acelera" e o outro "vão começar a atirar em nós". Entretanto, vê-se através das falas dos passageiros de que se pararem ali, poderão ser alvos de terroristas e tampouco se importam com a lesada. O desentendimento entre os viajantes desencadeia uma luta contra o tempo, pois para eles quanto mais permanecessem naquele lugar, mais sujeitos ao perigo estariam. Desencadeia aqui, uma não legitimação do povo americano ao povoado do Marrocos.

Submetemo-nos agora, a pensar na atitude do esposo, Richard. Um homem, ainda que, em um país estrangeiro, apresenta-se com uma identidade superior, a quem devem acatar seus pedidos e suas ordens com a esposa baleada no colo. Decide por ligar para a embaixada, pois não acredita que aquele povo poderia auxiliá-lo. Com sua mulher entre a vida e a morte, aceita que um médico veterinário faça pontos no lugar que a bala atingiu. Richard reconstrói-se, ou seja, altera a identidade assumida anteriormente para subalterno do povo do deserto.

Se falássemos em desigualdade social entre estes países, diagnosticaríamos esse ponto de vista,



como um resultado peculiar da globalização, uma vez que o capitalismo não opera apenas entre as classes sociais, mas sim, entre países ricos e pobres. Talvez seja por isso – a globalização - que em todo o filme, os mais lesados tenham sido os mais pobres. Embora o casal seja americano, a própria polícia marroquina preocupa-se em encontrar o culpado. Mostram-se bruscos com Hassan e sua esposa, agridem verbalmente e fisicamente seu cidadão, pois acreditam que se encontrarem o responsável, serão legitimados pelo país americano. Vê-se, no entanto, por parte da polícia uma própria negação à cultura que vivem e da qual fazem parte.

Babel trabalha então, com duas potencias, o Japão e os Estados Unidos. Verifica-se que no vilarejo marroquino, as pessoas que vivem ali, são definitivamente alheios à civilização urbana encontrada nos Estados Unidos. Encontram-se ali mulheres que cuidam da casa e dos filhos, e os homens, os quais responsabilizam-se pela caça de alimentos. Seus cotidianos se limitam à penosa luta existencial e pela sobrevivência. Vivamente nota-se uma desestabilização nessa modesta vila, quando os garotos, de posse de um objeto o qual não era familiar aos dois, desencadeia uma relação de disputa entre eles. Verifica-se que o rifle desestabiliza a cumplicidade de irmãos no momento que seu pai desmoraliza Ahmed apontando para o irmão menor e dizendo "Ele (Yussef) atira bem melhor que você". A partir desse episódio, ambos necessitam mostrar quem melhor atira; esse conflito resulta no tiro desorientado de Yussef na moça americana – mesmo que desprovido de qualquer intenção - dentro do ônibus em movimento.

Ao analisar a história de Amélia, empregada do casal e ilegal no país, remete-nos também a um resquício do mundo globalizado, no qual vivem os mexicanos que tentam cruzar a fronteira dos EUA. A identidade destes, é designada no filme como um povo aparentemente inferior e descreditado. Richard não consegue ninguém para cuidar das crianças no dia do casamento do filho da empregada. Ele impõe a ela uma obrigação. Decidi, então levá-los junto ao México. Santiago vem buscá-los. Ao chegar, Santiago leva as crianças para recolher galinha. Num primeiro momento, elas acham a brincadeira de caça interessante, porém quando percebem que o animal seria morto, estranham. Isso deve-se ao fato de o frango que comem chegar pronto aos seus pratos e supermercados, resultado de uma vivencia cultural desigual à que eles encontram-se naquele momento. Importante destacar a fala do garotinho Mike durante a viagem até o México. Ele diz "mamãe disse que o México é muito perigoso", nota-se que o menino desde muito cedo já recebe instruções de sua família sobre a cidade citada, e passa a interiorizar isso como verdadeiro.

Rememoro sobre a jovem japonesa, Chieko, que vive em meio a um mundo, o qual podemos chamá-lo de atual, pois percebemos uma sociedade que constrói sua identidade a partir de um espaço



tecnológico, cheio de estímulos porém, muito vago de conteúdos, mesmo assim, ela sente-se insuficientemente envolvida ao meio em que frequenta, posicionando-se, por um momento, com inferioridade aos demais. Em meio a uma sociedade que exige pessoas perfeitas, Chieko dada à sua condição de deficiente, não consegue aproximar-se de nenhum garoto, instaura-se uma menina cheia de insegurança, mas que quer muito assumir uma identidade que não é a sua, com a intenção de estar naquele mesmo espaço, mesmo que isso não a satisfaça, de estar junto de fato e para isso, mostra-se alegre, aberta a novos desafios, mas é deprimida e infeliz pela morte de sua mãe e a falta de comunicação com o pai. Sob estes aspectos, a vida de Chieko é categórica, pois até o fim do filme procura por atenção, afeto e carinho. O pai, Yasujiro, sempre sem tempo para a filha, entende a necessidade dela ao fim da trama, quando percebe que sofre muito pela perda da mãe, e que a cada momento reinventa uma nova história para a morte daquela que tanto amava. Concentra-se aqui, conforme Hall, uma menina com sua identidade fragmentada, que assume uma a cada momento de sua vida, uma primeira que a sociedade globalizada pede, e a outra que, como filha, deve assumir.

As histórias que acontecem na trama, são paralelas umas as outras, como se fossem episódios distintos, porém não é o que ocorre devido a ligação que fazem com as outras vidas. Esse elo entre personagens se dá pelo convívio, pelas atitudes, pelas

escolhas as quais cada uma fez em determinada cultura, em distintas classes sociais e em diferentes posições geográficas. Para quem assiste, traz, mesmo que remotamente, um sentimento familiar ao dessas personalidades, pois conflitos sociais ocorrem todos os dias.

Sob o ponto de vista da intersubjetividade, vem a calhar falarmos de como cada um vê a realidade. O que aparece são seres humanos que veem a realidade a sua maneira, quando que, se precisamos estabelecer relações devemos construí-las através da linguagem, do diálogo e da interação com o outro. Relevante destacar, que mediante essa constatação, o filme vai nos mostrar diferente em certo aspecto. Todas as situações surgiram lado a lado, mas em nenhum momento houve contato com o outro, todas as vidas mostradas ali, do início ao fim do enredo insistem em permanecerem interdependentes.

APREÇOS FINAIS

Vivemos hoje em uma coletividade altamente globalizada onde tudo é muito rápido, e se modifica rapidamente. Sendo nós sujeitos pertencentes e formadores dessa sociedade também somos seres que se moldam, ao passo que algo é transposto, essa ocorrência não tem duração, dura todo o momento necessário para que tal evento se altere, ou seja, não tem prazo, não tem validade, tudo ocorre inevitavelmente e sem predições.



Ao mesmo tempo que essas mudanças acontecem, tornamo-nos sujeitos instáveis e susceptíveis a toda e qualquer alteração que antes era padrão para determinada comunidade, entretanto, os indivíduos têm, igualmente, o poder de permutar a sua própria identidade, e por conseguinte, constitui-se, de tal forma a tornar-se responsável pela inquietação da identidade alheia.

A obra apresentada é um belo exemplo de ocorrências cotidianas que desencadeiam conflitos sociais. Babel, nos mostrou que desigualdades existem, que legitimação existe, e que tudo se edifica pelo uso da linguagem, mesmo que o seu uso seja adequado ou inadequado ao momento. Os sujeitos dessa trama enredam-se a situações conflituosas e a falta de comunicação é o que desencadeia uma série de problemas a eles. Richard e Susan vão para uma viagem - desnecessária - pois passam por um momento de perda de um filho, devido um sentimento de culpa o qual atribuem um ao outro. Os meninos, que por uma questão de temperança instaurada, cometem um erro. Chieko que sofre a perda de sua mãe, sente-se triste e em outros momentos dedica--se a chamar a atenção dos seus amigos através do uso de drogas. Amélia é deportada por estar ilegal em um país e por transportar as crianças sem a autorização dos pais.

Todas as ações aqui reveladas tiveram seus devidos rumos pelo modo como a linguagem foi conduzida e interpretada, cada qual em seu território.

Isso nos revela que tudo que fazemos poderá interferir de alguma forma na vida do outro e assim sucessivamente. E a linguagem é a ferramenta disso. A linguagem é a maneira na qual lidamos com as ocasiões que aparecem.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émilie. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 93-104.

Filme. Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-20151/. Acesso em: 12 jun. 2016.

Filme na íntegra. Disponível em: https://www.netflix.com. Acesso em 14 mai. 2016.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na pós-modernida-de**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

RAJAGOPALAN, **Kanavillil. Por uma linguística crítica.** Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola. 2003.

Significado da palavra Babel. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=babel>. Acesso em: 29 jun. 2016.



DINÂMICA DE UMA CONDUTA: A MÁ-FÉ COMO ENGRENAGEM DA TRAMA FICCIONAL AUDIOVISUAL

DYNAMICS OF A PERSONAL CONDUCT: BAD FAITH AS A NARRATIVE COG IN AUDIOVISUAL FICTIONAL NARRATIVE

Juliano Rodrigues Pimentel (UFRGS)¹

Resumo: Assumindo a ideia existencialista sartreana de Má-Fé como uma atitude inautêntica capaz de limitar a liberdade do indivíduo, esta reflexão se debruça sobre o tema da conduta enquanto parte da dinâmica ficcional de uma trama. A delimitação temática se dá por um recorte sobre o fluxo narrativo ficcional audiovisual, aqui ilustrado e tencionado pela obra Noite Vazia (KHOURI, 1964). Tenta-se responder o seguinte questionamento: como o conceito sartreano-existencialista de Má-fé evidencia um determinado tipo de conduta e dimensão política de liberdade dentro da narrativa e, assim, expõe um tipo particular de dinâmica que move o enredo? Para tanto: apresentam-se as predicações que compõe o conceito de Má-fé; introduz-se seu impacto dentro das engrenagens narrativas; e, por fim, reflete-se sobre a falha ética que move o enredo e seu vínculo com uma atitude de Má-fé no

contexto existencialista. Por fim, concluiu-se que o conceito de Má-fé auxilia e determina com precisão o entendimento de um tipo específico de conduta, ético-política, que movimenta a narrativa e cria sua ambiência geral, e, também, se articula como um sintoma cultural da produção cinematográfica brasileira do período dos anos 60.

Palavras-chave: Existencialismo. Cinema brasileiro. Má-fé.

Abstract: Assuming the Sartrean existentialist idea of Bad Faith as an inauthentic attitude able to limit the freedom of the individual, this discussion focuses on the theme of conduct as part of the fictional dynamics of a plot. The theme delimitation is given by considerations on the audiovisual fictional narrative flow, illustrated here and tensioned by the film Noite Vazia(Khouri, 1964). The research question is: how the Sartrean existentialist-concept of Bad faith shows a particular type of conduct and political dimension of freedom within the narrative and thus exposes a particular type of dynamic that moves the plot? In order to achieve an answer it is: presented the predications that make up the concept of Bad faith; introduced its impact within the narrative cogs; and finally reflects on the ethical failure that moves the plot and its link with an attitude of Bad faith in existentialist context. In conclusion, it was

¹ Roteirista e doutorando do PPGCOM-UFRGS com pesquisa em história do Cinema Brasileiro, Ética e Estética. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: juliano.rods@gmail.com



understood that the concept of Bad faith assists and accurately determines the understanding of a particular type of conduct, ethical and political, which moves the narrative and create a general ambience, and also articulates as a symptom cultural Brazilian film production period of the 60's.

Keywords: Existentialism. Brazilian cinema. Bad Faith.

INTRODUÇÃO

Assumindo a ideia existencialista sartreana de Má-Fé como uma atitude inautêntica capaz de limitar a liberdade do indivíduo, esta reflexão se debruça sobre o tema da conduta enquanto parte da dinâmica ficcional de uma trama. A delimitação temática se dá por um recorte sobre o fluxo narrativo ficcional audiovisual, aqui ilustrado e tencionado pela obra Noite Vazia (KHOURI, 1964). Tendo como objetivo evidenciar uma ambiência narrativa através do impacto político e estético do conceito de Má-Fé na conduta dos personagens, tenta-se responder o seguinte questionamento: como o conceito sartreano-existencialista de Má-fé evidencia um determinado tipo de conduta e dimensão política de liberdade dentro da narrativa e, assim, expõe um tipo particular de dinâmica que move o enredo?

Para tanto: apresentam-se as predicações que compõe o conceito de Má-fé; introduz-se seu impacto dentro das engrenagens narrativas; e, por fim, reflete-se sobre a falha ética que move o enredo e seu vínculo com uma atitude de Má-fé no contexto existencialista. Justifica-se esta abordagem pois, dentro dos estudos do âmbito da comunicação, não foi possível encontrar uma reflexão conceitual e uma testagem teórica do modelo existencialista da Má-fé enquanto ambiência narrativa balizada por uma conduta, muito embora ele exista em outras áreas do saber e em publicações internacionais de impacto sobre os atravessamentos de cinema e filosofia. Por fim, concluiu-se que o conceito de Má-fé auxilia e determina com precisão o entendimento de um tipo específico de conduta, ético-política, que movimenta a narrativa e cria sua ambiência geral, e, também, se articula como um sintoma cultural da produção cinematográfica brasileira do período dos anos 60.

EXISTENCIALISMO E MÁ-FÉ: CONTEXTOS DE UM MODELO DE PENSAMENTO

A primeira dimensão do existencialismo oferecida aqui, mais predicativa e particularizada do que contextual, expõe uma relação do indivíduo com o mundo através de uma ênfase sobre a responsabilidade de si². Ao optar pelo termo consciência, no

² De certa maneira, um eco também da ética da responsabilidade como proposta por Max Weber. Uma articulação indireta, mas que cria uma rende de entendimentos sobre a ética enquanto uma conduta individual cujo significado é, ao mesmo tempo, de ordem pessoal e também coletiva.



sentido de estar ciente de algo, torna-se inegável a dimensão fenomenológica com a qual a proposta de Sartre opera. Trata-se da percepção sensorial filtrada pelas referências e afetas que se atrelam a cognição de algo percebido. A própria percepção da condição existencial que se organiza como uma refutação de outras responsabilizações que não a própria, assim parece para Sartre, é operacionalizada através das condições que emancipam uma individualidade enquanto uma conduta — um conjunto de ações praticadas e não relegadas a Outrem.

Oferece-se esta condição inicial como uma das maneiras³ de se pavimentar o caminho teórico até a questão da má-fé, previamente compreendida como central para a fundamentação de um cinema e narrativa de realismo existencial como instigada pelos filmes do corpus. É preciso, frente a isto, sublinhar a própria instância volitiva da qual o existencialismo se mune para encarar e encarnar sua materialidade, como o próprio Sartre aponta:

ao criarmos a pessoa que volitivamente cada um de nós queremos ser, não há uma ação dentro de nossa conduta que não crie, ao mesmo tempo, uma imagem do indivíduo como pensamos que devemos ser (...) Nossa responsabilidade é, assim, muito maior do que imaginamos, ela concerne toda humanidade. Se sou um trabalhador, e escolho me aliar a um sindicato cristão ao invés de me tornar um comunista, e, se por esta

filiação, escolho que o significado da resignação, afinal de tudo, é a solução mais adequada para os indivíduos, e que o reino dos homens não é na Terra, não estou comprometendo só a mim mesmo, estou escolhendo me resignar em "beneficio" da humanidade inteira, assim, consequentemente, minhas ações repercutem humanamente. (SARTRE, 2007, p.24)

Frente a isso, podemos ver que todas as versões do existencialismo sublinharam o fato da nossa carência, nossa falta ontológica de não ter uma predeterminação de natureza, essência ou forma. Estamos inseridos no ciclo de responsabilidade com toda a nossa humanidade e nossos tantos Outros. Essa aguda oposição, homem x coisas, por-si e em-si, tão dramaticamente tocada por Sartre no seu conhecido dito que nós somos o que não somos, e não somos o que somos é uma expressão desse modelo filosófico. Assim parece, seres humanos existem (não somente como seres) em uma esfera ontológica diferente, como entidades de fim-aberto. E este fim⁴ aberto é uma das principais marcas do existencialismo:

A pessoa não é apenas aquilo que ela concebe de si para ser, mas aquilo que é volitivamente, e, já que concebe a si somente depois de existir, da mesma maneira que volitivamente se propõe a ser quando é jogado na existência, uma pessoa nada mais é do que aquilo que ela faz de si. Esse é o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 2007, p.22)

³ Certamente dentre um vasto campo de possibilidades outras.

⁴ Fim enquanto finalidade e também, ao mesmo tempo, como última instância/circunstância/respiro.



Um exemplo marcante das diversidades e dos antagonismos perpassados pelo existencialismo pode ser percebido na oposição complementar entre o cristianismo de Kierkegaard e o inabalável ateísmo no centro do pensamento de Sartre. Entretanto, nas suas diferentes instâncias, é possível encarar uma unidade existencialista ao repetidamente tocar um grupo focado de temas: a vida enquanto um absurdo desprovido de sentido ou propósito; rejeição de narrativas que impõe sentido como filosofia, ciência e religião; alienção e ansiedade como um estranhamento de si e resposta ao absurdo da vida; vazio e morte como imbricados de diferentes maneiras no resultado da percepção do fracasso do sentido da vida; e autenteicidade e responsabilidade como fabricação de um sentido próprio para a vida e aceitação dos resultados das ações da própria existência enquanto uma não conformação com papéis pré-estabelecidos.

Dentro do existencialismo, muito em particular nas arguições sustentadas por Sartre, a noção de má-fé — mauvaise foi, na sua originalidade francófona — opera de maneira central como identificadora de uma forma inautêntica de uma conduta. Uma consideração que se coloca em oposição direta e aguda ao que a responsabilidade existencial sobre si propõe. Em Sartre, e também em Simone de Beauvoir e Albert Camus, a autenticidade da condução respon-

sável de si é imperativa para o afastamento de uma condição de inautenticidade: uma inautenticidade enganosa de si que delega as responsabilidades de mesura e reflexão do comportamento para outras instâncias como a profissão (dimensão econômica) ou religiosidade (dimensão metafísica⁵), como dois exemplos diretos desta irresponsabilidade de si. Em específico, calha sublinhar, a crítica à religiosidade como um logocentrismo instaurador de sentido e transcendental é severamente criticado como parte do comportamento carregado de má-fé:

quando falamos, nós existencialistas, de abandono, uma das expressões favoritas de Heidegger, estamos querendo dizer que Deus não existe, e que assumimos todas as consequências desta afirmação. Existencialistas fortemente se opõem a um tipo de moralidade secular que busca eliminar Deus da maneira menos dolorosa possível (SARTRE, 2007, p.27-28)

A organização da perspectiva existencialista de si lida com uma parcela de abandono de uma compreensão da pluralidade da realidade humana coletiva em favor de um foco construído pelas idiossincrasias do Nada e do vazio. Isto parece ocorrer pois a ansiedade resultante dos *não pertencimentos* e dos *engajamentos com o mundo de dentro de si para fora* colocam em choque a autenticidade das escolhas (e, assim, da atuação dos papéis sugeridos por deter-

⁵ Norberto Bobbio (1994) alerta para a maneira como a crítica Kantiana abala a autoridade da metafísica especulativa. Assim como também fizeram John Stuart Mill e David Hume ao privilegiarem o valor da liberdade nas suas discussões tanto de estética quanto de responsabilidade moral.



minadas escolhas). Desta maneira, pode-se perceber como ilusória a negação e desconsideração do confronto com a negatividade do vazio — ele faz parte da própria apreensão fenomenológica da realidade ao redor contrastada pelos adornos do vazio interno. Bornheim (1971) explica este ponto através da seguinte reflexão ilustrativa:

se espero encontrar Pedro no café e ele está ausente, processa-se uma dupla nadificação; porque, de um lado, 'Pedro não está aí', e, de outro, já que minha atenção está fixada nessa ausência, o próprio café trona-se evanescente, 'o café permanece fundo, persiste em oferecer-se como totalidade indiferençada à minha atenção marginal, desloca-se para trás e persegue sua nadificação. (BORNHEIM, 1971, p.41-42)

Aqui surge o questionamento de onde vem o Nada, enquanto algo além do fenomenologicamente percebido na "minha" conduta no mundo. Se sua caracterização ontológica é organizada e predicada através da experiênciação do negativo e da negação enquanto um julgamento, então este Nada está sublinhando o vazio pré-existente do Ser. Ambos, a experiência do negativo em-si e da negação como uma faculdade de juízo, instauram e favorecem o fundamento essencial do Nada enquanto como parte de dentro do Ser e enquanto valorização da existência que precede qualquer imposição de uma determinada essência modeladora. Bornheim (1971) pontua isto afirmando que, enquanto uma conclusão que salta aos olhos perante o vazio do Nada, é o próprio

Nada que se manifesta no mundo através daquele que se questiona sobre si, e sobre as consequências de adonar-se de seu próprio Nada, ou, nas palavras de Sartre em *O ser e o nada* (1993): o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo.

A noção de má-fé está tão imbricada quanto definida por esta lógica: incorre-se à má-fé quando as consequências e deliberações da própria existência dissimulam-se num comportamento que se pauta não pela autenticidade e liberdade de um existir-se-de-si não imposto, mas por um *delegar* destas questões para outrem (pessoa, doutrina, lei, predicamento imposto, etc...). Atitudes negativas em relação a si mesmo, um comportamento privilegiado de autonegação, negação de si enquanto existente e algo aferível enquanto um conjunto de ações fenomenologicamente descritas, isoladas ontologicamente e estabelecidas pelo fundamento negativo alienante de não se engajar consigo mesmo.

PARTICULARIDADES DA MÁ-FÉ COMO ENGRENAGEM NARRATIVA

A lógica das possibilidades narrativas faz parte da poética fílmica como um todo, ela dá conta das técnicas e engrenagens narrativas tanto quanto, em seu estudo, analisa as leis que regem seu funcionamento e governo sua matéria e fluxo. A narrativa fílmica, não diferente da narrativa teatral e literária, é observada sob este mesmo diapasão de tonalidade universal e, ao isolar certas questões e determinar certos predica-



dos, oferece um entendimento de um estilo particular de se contar uma determinada história.

Nossa tradição narrativa ocidental é bastante rica e vasta no que toca sua teoria. Ela é organizada por inúmeros tipos de ponto de vista e por nomes consolidados como os de: Propp, Greimas, Todorov, Bremond, Barthes e Genette. É possível contender que Aristóteles está para a tragédia como Vladimir Propp está para a narrativa filmica. Propp, ao revelar suas 31 funções narrativas-morfológicas do conto popular, abriu caminho para que esta visão, superestrutural e estruturante da narrativa por excelência, fosse cooptada por Hollywood, e, como pelo efeito bola-de-neve, chegasse aos demais cinemas tributários da produção americana ao longo da primeira metade de século XX, não diferente de outras questões influentes do modernismo. Isto se afere particularmente como verdadeiro, pois um incontável número de narrativas partilha das semelhanças estruturais, de engrenagens narrativas, com estes modelos estabelecidos por Propp. Seu esforço é valioso ao nos ajudar a responder a dúvida sobre o que torna reconhecível ou similar ao observarmos as engrenagens por trás do que contado em cada conto. Como há grandes variações de tipologia de tema e personagem, uma maneira de chegar a estas questões é isolando as funções auxiliares da narrativa, como os esquemas de composição ordenam as ações e tipos de condutas. Estas questões nos ajudam a compreender as sequências elementares, cujas funções movem o fluxo narrativo. Em termos aristotelicamente herdados, toda narrativa consiste de um conjunto discursivo que organiza uma sequência de ações (eventos e temáticas) dentro de uma unidade de um enredo por uma lógica de necessidade e inevitabilidade. A demanda por uma certa unidade vem para potencializar o que se encontra dentro da esfera diegética, limpar ela de desinteresses mundanos e atender ao interesse humano de coesão.

Parte desta semântica estrutural da narrativa está relacionada a uma dimensão de conduta como operadora por trás da ação. Neste estudo, é este o foco de reflexão. Se foi visto que as narrativas são: a) um conjunto organizado de ações; b) com uma determinada unidade; c) ao redor de um conflito desenlaçado pelas consequências de uma ou mais ações; d) que demandam reparação, uma instância punitiva ou retorno ao equilíbrio neutro de onde partiram; e) para assim chegar em seu desfecho; então é necessário que se faça uma reflexão sobre a própria dimensão da conduta como motivadora e engrenagem por trás de uma determinada ação⁶.

⁶ O caso clássico mais lúdico, ainda em nossa tradição ocidental, talvez seja o que pode ser compreendido sobre as ações e conduta do personagem Agamenon tanto na *Ilíada*, de Homero, quanto na *Orestéia* de Ésquilo. Quando Helena foge junto com Paris para Tróia, é a Menelaus quem caberia comandar a armada de Micenas (Grécia) e ir resgatá-la, contudo é Agamenon, irmão de Menelaus, que num ato de arrogância ultrajante, hýbris, toma para si (ação) de ir buscar Helena. Não sendo sua causa direta, os ventos não sopram, a armada grega não pode ir até Tróia e os Deuses demandam o sacrifício de uma virgem. Agamenon então leva sua filha Ifigênia, sob a premissa de casar-se com o mais nobre dos guerreiros, Aquiles, para o altar e a sacrifica para os Deuses. Assim, os ventos sopram, mas os Deuses não fazem vistas grossas para a arrogância e insensatez de Agamenon.



A ação normalmente se pauta pelo ponto de vista de uma personagem desejante; desejante de um valor ou competência que vai ser traduzido em uma determinada performance⁷. Muitas narrativas vão construir a lógica de suas motivações por trás das demandas de conflito internas dos próprios personagens, e o próprio embate resultará de suas posições no mundo e suas condutas. Erde (1995) comenta que o valor narrativo dos aspectos morais de uma ação estão essencialmente imbricados nas características dos relacionamentos estabelecidos durante a história, o quão bem os personagens conhecem a si mesmos e, assim, se toleram, o quão empáticos são e como lidam com as consequências de suas ações em respeito a seus próprios valores. Sob esta lógica, ficam evidentes os julgamentos internos à narrativa e também os possíveis externos de quem a consome ao criar um juízo de valor (estético) às ações encenadas na narrativa.

Sendo assim, como é tentado neste estudo, busca-se compreender o lugar da má-fé dentro da conduta determinante de um conjunto de ações representadas em uma trama fílmica. Sartre ajuda a entender uma leitura que vai além da própria esfera da conduta sobre nossas ações, em nenhum momento ele a coloca sob a perspectiva metafísica,

mas estabelece as condições ontológicas para que se diferenciado aquilo que caracteriza unicamente um conjunto de ações de uma conduta de má-fé, algo inautêntico de si, e a conduta e ações autênticas que visam a existência antes de se aventurar a representar alguma determinada essência.

Bornheim (1971) compara o comportamento de má-fé ao fascínio pela marionete em paralelo à imposição ente-social de nos fazer ser o que somos segundo as imposições para que sejamos algo. Desta maneira, os indivíduos nunca coincidem com o que representam, mistificam-se em uma função tomada pra si e se isolam em uma espécie de reconhecimento enquanto objeto de uma conduta, e não como sujeito dela: "o paradoxal, contudo, está em que o homem busca ser algo sem poder de fato sê-lo8" (BORNHEIM, 1971, p.50). O entendimento que Bornheim oferece sobre a noção de má-fé estabelecida e provocada por Sartre ressoa enquanto evidência de uma das particularidades ônticas deste tipo de condução de si, visto que, na literatura, na filosofia e na sociedade, é possível claramente perceber um humor e uma conduta propagados por indivíduos que gestam inúmeros esforços para serem o que são "segundo o modo de não ser o que se é" (ibidem) e, desta forma, representam uma realidade humana

⁷ Ecoando os termos de Chomsky.

⁸ Uma referência á dicotomia proposta por Sartre em função do Ser-para-si, que valoriza seu vazio e o preenche com sua própria autenticidade e o ser-para-outro, que é constituído das imposições externas para a organização de seu Eu interno.



que busca se organizar como ela não é, mas acredita ser. Uma enganação individual, com consequências coletivas, que transparece "uma ausência perpetuamente ébria que não consegue preencher" (ibidem). Algo constitutivo da própria existência de si, em particular, quando a própria sinceridade existente é pautada por esta condição.

O verdadeiro perigo desta má-fé, alertado por Sartre, transpassa a condição de conduta e vira uma crença, "aquela translucidez que está instalada na origem de todo saber" (BORNHEIM, 1971, p.52). Sendo assim, se há uma perversão inata na sinceridade de si, e, logo, no *ser-em-si* que delimita o existir quando se tem fé na conduta enganadora, então, o exame da consciência, do estar ciente, e das consequências enquanto ação desta consciência, podem operar como mapa avaliativo da mecânica desta má-fé – como uma busca por vestígios e rastros de uma interioridade exterior da consciência pervertida da liberdade de existir.

Em adendo e suma, segundo Sartre, o maior auto-engano é a crença de que não temos opções, de que cumprimos um determinado papel e que este papel limita as nossas possibilidades de conduta — pervertendo assim, duplamente, nossa ação de si e nossa representação de si. Por um lado, isto nos traz uma segurança, nos exime de agir de outras maneiras não comportadas dentro do papel que exercemos, e nos garante uma falácia argumentativa de que as coisas são assim, para mim, logo, eu não sou li-

vre pra escolher outra maneira. Por outro, constrói a desfaçatez de uma existência inautêntica e escravizadora. Sendo assim, se podemos compreender nestes termos a má-fé: como uma crença enganadora; como uma afronta à inalienável consciência e responsabilidade de si; como representação inautêntica de si; como uma volitiva delimitação da liberdade de existir privilegiando uma essência "pré-determinadora" ao invés de uma existência livre, busca-se na próxima subseção observar como a materialidade fílmica pode operar como fonte documental, representativa e ilustrativa da filosofia, e particularmente da filosofia do existencialismo.

Assim sendo, e a fim de melhor explorar a noção de má-fé, se assumirmos como verdadeira a tese de Sartre, que propõe que a existência precede a essência, trazida aqui através de um trecho de *o existencialismo é um humanismo* (2007),

o existencialismo ateístico, que eu represento, é mais consistente. Propõe que se Deus não existe, então existe pelo menos um ser cuja existência precede a essência, um ser cuja própria existência precede sua essência, um ser que existe antes que possa ser definido por nenhum conceito. Este ser acaba sendo o Homem, ou, como Heidegger propõe, a realidade humana. E o que queremos dizer aqui por "existência precede a essência"? Queremos dizer que uma pessoa primeiro existe: é materializada no mundo, descobre-se a si e somente depois se define ou é definida. (SARTRE, 2007, p.22)



Então, é possível compreender que entramos em um *modo* de má-fé quando invertemos esta proposta e concentramos o valor em uma determinada essência. Em uma mão temos a existência como ápice da liberdade e cuja responsabilidade é apenas do indivíduo, na outra mão temos a essência que traz consigo predicados, estruturações e direcionamentos que limitam as decisões e experiências possíveis. À partir disto não se encerra a noção de má-fé somente como uma conduta, mas também como uma estética (uma dimensão sensorial da percepção do mundo ao redor) e como um humor que filtra as relações e impressões possíveis.

Colocando em prática uma conduta que se pauta pelas predicações de uma determinada essência, forçamos a existência a operar dentro de uma liberdade (de)limitada pelos próprios valores ditados pela essência. Na sua obra, o ser e o nada, Sartre oferece um exemplo desta proposição através de uma contemplação sobre um garçom:

Consideremos o garçom de um café. Seus movimentos são ligeiros e determinados, um pouco exagerados na precisão, um pouco rápidos. Ele se inclina com um afinco demasiado. Sua voz e seus olhos expressam um interesse muito solícito para com o pedido do cliente. Finalmente, ele retorna tentando imitar em seu andar a inflexibilidade rígida de algum tipo de autômato enquanto carrega sua bandeja com o descuido de alguém que caminha na corda bamba, perpetuamente controlando-a de maneira instável, com

um equilíbrio perpetuamente desfeito e perpetuamente refeito pelo movimento do braço e da mão. (SARTRE, 1993, p.59)

Sobre esta conduta, apresentada em forma de vinheta, Sartre comenta que o público demanda do garçom que ele realize seu existir como uma cerimônia, como se cada função (costureiro, advogado, artista) tivesse uma própria cerimônia pela qual persuadem a percepção de sua própria condição: "Um confeiteiro que sonha é ofensivo para o cliente, pois este confeiteiro não é totalmente um confeiteiro. A sociedade demanda que ele limite-se a sua função de confeiteiro" (SARTRE, 1993, p.59). Existe uma diferença entre a dimensão enganosa da mentira e do auto-engano provocado pela atitude de má-fé consigo. No garçom de Sartre, pode-se postular que a prática da má-fé envolve uma mentira consciente que, "esconde uma verdade desagradável, ou apresenta como verdade uma agradável inverdade [...] alguém não se infecta com a má-fé, não é um estado. Mas a consciência afeta a si mesma com má-fé. Deve haver uma intenção original e um projeto de má-fé" (IBIDEM, p.49), como parece ser a predisposição a limitar a estrutura consciente de si ao assumir um papel incoerente com o exercício da liberdade individual.



AUTENTICIDADE DO VAZIO: MÁ-FÉ E A CONDUTA DOS PERSONAGENS EM NOITE VAZIA

Noite Vazia, filme brasileiro, dirigido e roteirizado por Walter Hugo Khouri em 1964, tem em seu elenco nomes de peso da televisão e do cinema brasileiro como Odete Lara e Norma Bengell. O filme começa mostrando a noite paulistana, o fervor da capital, pessoas se divertindo como contraponto da monotonia do trabalho e período desenvolvimentista industrial da região. Dois personagens, Nelson e Luisinho, conhecem duas garotas de programa, Mara e Regina. A noite acaba se tornando frustrante para todos, visto a amargura dos diálogos e atitudes, transparência das angústias que reverberam um no outro, e a constatação do vazio da vida dos quatro personagens.

Khouri, como também acontece em seus filmes, As Amorosas (1968) e Palácio dos Anjos (1970), explora a melancolia partilhada pelas pessoas, que ressoa e aumenta em cada um, e a maneira como esta "bile", este humor frente o mundo, pontua uma experiência do vazio de si mesmo. Questões estas cuja leitura se legitima ao refletirem a própria inserção historiográfica do diretor no percurso do cinema brasileiro, como pode ser visto na fala, primeiro, de Fernão Ramos:

O horizonte de Khouri, na época [anos 60], é evidentemente a produção a nível industrial dos grandes estúdios. Já surgem aí, de forma tênue, as diferenças que o irão isolar do movimento cinema-novista anos depois, tornando-o uma figura singular no panorama do cinema brasileiro na década de 1960. (RAMOS, 1987, p.313)

E também na Jean-Claude Bernardet:

A esse respeito, podemos lembrar a polêmica que nos anos 1960 opõe Walter Hugo Khouri e alguns cineastas e críticos (eu entre eles). Khouri era criticado por não abordar uma temática mais "brasileira", por não se voltar para as regiões mais obviamente perceptíveis. Ao que Khouri respondia, e responde, que não ambientaria seus filmes no Nordeste porque o que ele conhece mesmo é São Paulo. Num ponto, Khouri tem toda a razão: ele tem direito de tratar a temática que bem entender e ambientar seus filmes nas regiões e faixas sociais que quiser. (...) O que basicamente importa é como essa temática, rural ou urbana, nordestina ou paulistana, era tratada. A alta burguesia paulista europeizada é tão brasileira e faz tão parte do processo histórico brasileiro quanto o camponês do Nordeste. O que é decisivo é o tratamento ideológico-estético que a temática receberá. (BERNARDET, 2014, p.109)

E em Nehring (2010):

Abre-se aqui um duplo jogo: a representação de São Paulo, em Noite vazia, vai de par com um aspecto da obra de Walter Hugo Khouri criticado à época, entendido como pendor por privilegiar



narrativas desvinculadas da problemática nacional. O caráter genérico de metrópole é reforçado por planos que trabalham com alguns clichês da cidade americanizada: os edifícios altos filmados em contre-plongée, os equipamentos urbanos de "ponta", a profusão de luzes, o tráfego intenso de carros. (NEHRING, 2010, p.674)

Embora contemporâneo do Cinema Novo, Khouri (juntamente com Domingos de Oliveira, Arnaldo Jabor, Sérgio Person, Leon Hirszman e Ana Carolina⁹) pautou seu cinema por outras vias. Glauber, e sua turma, fizeram o cinema de guerrilha intelectual, de eterno atrito com a plateia, mas de muito agrado da crítica, especialmente a de esquerda, enquanto Khouri optou por abraçar a burguesia, levar ela para a tela e falar dela sob tonalidades semelhantes como as de Antonioni e De Sica¹⁰. Walter Hugo Khouri, especialmente em Noite Vazia, optou por criar um diálogo com a universalidade usando questões brasileiras, e não o oposto, como era preferido pelos cinemanovistas. Neste filme, os espaços são mínimos, as locações são poucas, a pobreza dos ambientes ecoam a solidão e vazio dos personagens. Tudo é retratado com um contraste levemente emperrado porções baixas do espectro de imagem, trazendo assim uma suavidade, apesar da imagem não ser de baixo contraste.

O filme inteiro se comporta como um retrato fiel e indiscreto de parte de uma burguesia que não se contenta apenas com o papel social que vem cumprindo desde os anos 50. O boom desenvolvimentista expande as cidades e poder de compra da classe emergente, mas acentua o vazio de si e a necessidade de ocupar, dentro de cada um, espaços que não se bastam pelo dinheiro, que lidam com a solidão frente a própria reciprocidade de um amor não desejado, a felicidade de uma vida exercida por um papel pré-determinado e a hipocrisia de uma felicidade embalsamada pela inautenticidade da própria conduta. As garotas de programa deixam bastante claro, ao longo do filme, sua liberdade de escolha: elas determinam seus clientes, e se não lhes satisfazerem financeiramente ou sexualmente, elas vão embora. Contudo, defrontando-se com o vazio de si, elas acabam fragilizadas por perceberem sua incapacidade de lidar com o vazio que tentam preencher com sua conduta no mundo.

No próprio encadeamento de ações e condutas desta tessitura narrativa encontramos a representação pontual do conceito de má-fé. Se por ele entendemos esta "terceirização" das marcas e valores ideológicas de uma conduta, esta inadequação frente ao cumprimento de um papel que vai tolindo o exercício da liberdade, então todos os quatro personagens acabam instaurando um conflito entre si

⁹ Diretora de *Mar de rosas* (1977) e *Das tripas coração* (1982).

¹⁰ Fortes expoentes do cinema Neo-realista italiano pós-segunda guerra mundial.





calcado nas próprias incompetências em lidar com o exercício autêntico e legítimo de suas autenticidades; suas existências que precedem qualquer essência que busquem empreender. Nelson, Luisinho, Mara e Regina, encontram-se constantemente entre a angústia e a torpe islusão de felicidade; entre o Nada e uma existência frágil e sem sentido; sua busca por autenticidade flerta com um certo nihilismo debochado, e gira entre altos e baixos das percepções distorcidas de cada um por si e pelo outro. Em termos estritamente sartreanos, nenhum deles existe, são mosaicos de essências partidas e partilhadas que reverberam um no outro e que apontam para um Nada bastante convidativo.

NEHRING, Marta. Noite Vazia em uma certa São Paulo. *In*: FABRIS, Mariarosaria *et al* (Orgs.). **Estudos de cinema e audiovisual**. São Paulo, SP: Socine, 2010, v. 10.

RAMOS, Fernão (Org.). **História do cinema brasileiro**. São Paulo, SP: Círculo do livro S.A., 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **Being and nothingness**. New York, NY, EUA: Washington Square Press, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Existentialism is a humanism**. Londres, RU: Yale University Press, 2007.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro:** propostas para uma história. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia de bolso, 2014.

BOBBIO, Norberto. **El existencialismo**. Ciudad de Mexico, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1971. (Dabates).

ERDE, Edmund. Philip Roth's Patrimony: Narrative and Ethics in a case study. **Theoretical Medicine and Bioethics**, v. 16, n. 3, p. 239–252, 1995.



CEMITÉRIO DAS IRMANDADES: UMA VISITA À MEMÓRIA E AO PATRIMÔNIO CULTURAL JAGUARENSE (RS)

CEMETERY OF THE BROTHERHOODS: A VISIT TO MEMORY AND CULTURAL HERITAGE JAGUARENSE (RS)

Larissa Bitar Duarte (PPGDR-FACCAT)¹ Daniel Luciano Gevehr (PPGDR-FACCAT)²

Resumo: O presente estudo relaciona a importância do Cemitério das Irmandades de Jaguarão com a história da cidade, dentro de um contexto de interpretação de elementos simbólicos que compõe a arte tumular explícita em túmulos e mausoléus, que nos levam a uma temporalidade em que a arquitetura revela a riqueza do patrimônio cultural Jaguarense. Esses elementos possuem a capacidade de destacar subsídios para compreensão da identidade da sociedade na conservação de seu patrimônio cultural, comessa ideia POULOT (2008) os define como: lugares vistos que guardama memória, relacionando assim, a construção coma presença material do passado. Dentro desse espaço geográfico, se destaca a paisagem que é a forma para o entendimento e a compreensão do passado, presente e futuro (DELPHIM, 2005) deste museu a céu aberto. Comcaracterísticas próprias e de fácil leitura, a imagem personalizada através dos elementos que compõe cada espaço tumular, é relacionada à pesquisa com os conceitos de memória, patrimônio cultural, identidade e arte tumular.

Palavra-chave: Arte Tumular. Patrimônio Cultural. Turismo de Necrópole.

Abstract: This study relates the importance of the Cemetery of the Brotherhoods of Jaguarão with the history of the city, within a context of interpretation of symbolic elements that make up the explicit funerary art in tombs and mausoleums, which lead us to a temporality in which architecture reveals rich cultural heritage Jaguarense. These elements have the ability to highlight subsidies for understanding the company's identity in the preservation of their cultural heritage, with this idea POULOT (2008) defines as seen places that hold memory, relating thus the construction with the material presence of the past. Within this geographical area, stands the landscape that is the way to understanding and understanding the past, present and future (Delphim, 2005) of this open air museum. To own and easy to read features the custom image through the elements that make up each tomb space, is related to research with the concepts of memory, cultural heritage, identity and funerary art.

Keywords: Funerary art. Cultural heritage. Tourism Necropolis.

¹ Graduada em Turismo pela UCPEL, MBA em Gestão Estratégica de Negócios e mestranda pelo PPG em Desenvolvimento Regional – FACCAT. Bolsista CAPES. Email: larissa.bitar@gmail.com

² Doutor em História e professor do PPG em Desenvolvimento Regional – FACCAT. Email: danielgevehr@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Sendo Jaguarão uma cidade brasileira que faz fronteira com o Uruguai (cidade de Rio Branco), e desde sua formação foi ponto de trânsito de pessoas de diversos países e de cultural distintas, vê se em sua história, arquitetura e cultura toda uma riqueza peculiar aos lugares de fronteira. A Identidade de um lugar, por sua vez, baseiase na memória social e se constitui como um fenômeno da essência humana, que busca preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações.

Em 1855 na cidade de Jaguarão, segundo SOARES (2011) iniciase a história da fundação do Cemitério das Irmandades, quando na época um grande número de pessoas vitimadas pelo Vírus *cholera morbus* veio a falecer. Neste mesmo ano no dia 21 de novembro, foi oficialmente declarada a epidemia, após a morte de 86 pessoas devido ao vírus. De acordo com as notícias da época, fugas em massa de indivíduos desesperados foram relatadas, estes sempre em busca de outros lugares que não tivessem sido atingidos ainda pela doença. Sendo assim parte da população mudouse de cidade e outra grande parte veio a falecer em função da epidemia. Com o passar do tempo foi constatado surtos em outras cidades e estados, sendo assim a doença já havia se alastrado.

Não obstante à chegada do indivíduo que fazia parte da Comissão de Higiene Pública da Província, chamado Facultativo, trazendo consigo uma porção de medidas sanitárias, profiláticas e de preocupação, que deveriam ser aplicadas imediatamente, uma grande parte da população veio a falecer. Essas pessoas foram sepultadas no cemitério que existia na cidade, localizado nas imediações das atuais ruas Barbosa Neto e Marechal Deodoro (Figura 1). Esse espaço fúnebre, hoje em dia, faz parte do centro da cidade com edificações sobre ele.



Figura 1 - Localização do antigo cemitério Fonte: Google Maps



Em virtude do acontecimento dessa epidemia, inúmeras medidas foram tomadas pela população, entre elas a decisão da necessidade de ser erguido um novo cemitério, mais afastado do centro. Esse terreno então doado, por um morador da cidade a pedido da Igreja foi destinado ao novo espaço para os mortos sob a organização das irmandades: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Em 1856 o Padre João Themudo que possuía uma grande influência na comunidade por ser reverendo, maçom, e por fazer parte da primeira Câmara de Vereadores do estado definiu o lugar onde seria construído o cemitério. Logo em 1858 deuse a inauguração do Cemitério das Irmandades, através da igreja católica e suas irmandades religiosas existentes na cidade de Jaguarão, que se encarregaram da construção e manutenção do campo santo, sem, contudo deixar faltar um espaço para os mortos acatólicos (mortos que não tinham nenhuma religião) (Figura 2).



Figura 2 - Local destinado aos acatólicos Fonte: Arquivo pessoal

Essas irmandades organizaram a planta baixa do cemitério que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, ocupando uma área de 13.512m², dividindo o espaço em duas alas; na ala direita os túmulos pertencentes a Irmandade de Nossa de Senhora da Conceição e na ala esquerda ficou destinado aos mortos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (Figura 3). Ao fundo do corredor que divide as duas alas, foi construída uma pequena igreja destinada às famílias e dos mortos e as práticas religiosas solicitadas pela população, com uma identidade explícita na fachada com referências maçônicas e católicas em sua simbologia (SOARES, 2011) (Figura 4).



Figura 3 - Ala do Santíssimo Sacramento Fonte: Arquivo pessoal





Figura 4 - Igreja localizada no Cemitério das Irmandades Fonte: Arquivo pessoal

Passados sete dias da inauguração oficial do cemitério, o Padre João Themudo veio a falecer, sendo sepultado na ala esquerda referente à irmandade Santíssimo Sacramento. Tal mausoléu está edificado no primeiro espaço da ala referida, enterrado a sete palmos do chão conforme o Padre Themudo deixou escrito em suas anotações (Figura 5).



Figura 5 -Mausoléu do Padre Themudo Fonte: Arquivo pessoal

Os lugares de Memória aqui estudados como os cemitérios, surgiram da necessidade de afastar os mortos do ambiente dos vivos e ao mesmo tempo conservar a identidade dos sepultados na memória das gerações. Para que o conhecimento sirva como acervo do conteúdo preservado, é necessário um conjunto de informações originais que provem a autenticidade dos fatos ocorridos. Nos ditos "Campos Santos" encontramos elementos materiais, em volta do que podemos considerar cada sepultura um "Monumento ao Morto".

Cruzes, epitáfios, estatuas, estrelas, caveiras, símbolos maçônicos, materiais valiosos como metais, remetem ao lugar exato onde ocorreu e quem esta sepultado, servindo de fonte material que conferem certa imortalidade ao espaço (REZENDE, 2007).



PATRIMÔNIO CULTURAL E MONUMENTO

Em seu artigo FUNARI (2001) ressalta os diferentes sentidos do conceito de Patrimônio Cultural. Como a palavra derivada do latim Patrimonium se refere à propriedade herdada, "herança", os alemães usam a palavra Denkmalpflege como "cuidado", "cuidado dos monumentos" e os ingleses se referem à Heritage aquilo que "foi ou pode ser herdado", a generalização das línguas também se refere à Patrimonium aos monumentos herdados das gerações anteriores. Havendo a possibilidade de ligar as pessoas aos seus percursores, existe uma definição econômica e jurídica sobre propriedade cultural. A consequência desse fato é que "Propriedade Cultural é sempre uma questão Politica e não Teórica".

Segundo JÚNIOR (2012) o conceito de Patrimônio Cultural é um conjunto de materiais de um povo que está atrelado à memória e a identidade dentro do viés da educação patrimonial conservando o conhecimento e a identificação, onde o autor defende o legado cultural dos valores das gerações passadas que balizam o presente protegendo o futuro. FERREIRA (2006) coloca patrimônio como originado da permanência do passado no presente e para o futuro resguardando algo significativo para as identidades culturais.

O patrimônio como categoria de pensamento é um esforço constante do resguardo do passado no futuro, mas que exige o reconhecimento e o devido valor pela sociedade conferida ao objeto ou ao evento como patrimônio em questão. Além disso, a autora expõe o simbolismo do patrimônio como um lugar de resistência ao desencantamento do mundo.

Tomaz (2010) realiza um estudo sobre a preservação do patrimônio cultural e também faz uma reflexão da trajetória de preservação do patrimônio cultural nacional dando ênfase ao desenvolvimento da valorização e preservação dos bens pelo governo brasileiro. Para analisar esse contexto constatou a importância de preservar bens patrimoniais resistindo às pressões capitalistas, prevenindo e/ou corrigindo a destruição do bem tombado por agentes naturais ou humanos.

O termo monumento se destaca por ser um substantivo que deriva do latim monere com o significado de "fazer lembrar" e que remete ainda a "mausoléu". O objetivo da preservação é a guarda da memória dos acontecimentos, origens e razões de ter havido. O termo patrimônio histórico (monumento, materialidade) atualmente chamamos patrimônio cultural abrangendo bens culturais de identidades coletivas, essa nova abordagem ampliou a noção de patrimônio com paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomia, arte, documentos e sítios arqueológicos.

Foi verificado ainda que no Brasil a valorização do patrimônio cultural remonta do período da revolução francesa. O estado francês nessa época tinha como interesse a conservação dos bens com a finalidade de consolidar a sua supremacia. Já no



Brasil a atenção para a preservação de bens de valor nacional tem o sentido de consolidar a identidade do país, mas com o mesmo sentido dos valores da revolução francesa.

Na década de 20 o Brasil demonstra mais preocupação com a preservação do patrimônio histórico nacional, devido à deterioração de bens históricos, descaso com as cidades históricas, onde os intelectuais e pessoas ligadas às artes denunciaram a dilapidação do que seria um "tesouro nacional", como já citado por FUNARI (2001) onde os bens materiais de valores históricos foram destruídos com o intuito de uma "modernização" do país.

Atualmente a constituição atenta para proteção dos bens culturais do Brasil. Um exemplo disso são as políticas públicas, que protegem o patrimônio de um modo geral. Dessa maneira, podemos dizer que memória são lembranças, reminiscências e vestígios, que servem como registros, permitindo assim a construção de uma identidade individual e coletiva e também estabelecendo relação entre o passado e o presente permitindo enxergar o futuro. Por ser um elemento vivo, a memória pode sofrer modificações e alterações ao longo do tempo.

ARTE CEMITERIAL E TURISMO DE NECRÓPOLES

A palavra cemitério – pelo grego koimeterion – significa dormitório e pelo latim coemeterium, que

significa lugar onde se dorme. De acordo com o cristianismo o termo tomou o sentido de "campo de descanso após a morte", referindose a necrópole, carneiro, sepulcrário, campo santo, cidade dos pés juntos e última morada (OTOBELLI; VAILATTI, 2007).

Sabese que a morte é tão antiga quanto o ser humano, assim como o costume de zelar pelos mortos, que surgiu acerca de 100 mil anos antes da nossa era. Ainda na préhistória realizavamse rituais fúnebres, registrados arqueológicas em escritas e desenhos, onde o havia um cuidado com as sepulturas e corpo o morto. Então no período cultural, também chamado de Paleolítico Superior, quando se desenvolveu a autoconsciência, simbolismo e as convenções de linguagem, onde a morte, até então vista como um mistério passou a ser reconhecida como técnicas de culto à magia e à religião:" Dai o tratamento dado aos mortos, que eram cuidadosamente sepultados mesmo pelo homem neandertalense, e que pelos povos do paleolítico Superior, muitas vezes eram recobertos com ocre vermelho, presumivelmente à guisa de material vivificante e providos de utensílios e alimentação." (BOWLE, 1964)

A partir do grande acervo de arte cemiterial que possui o Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS) é possível fazer uma análise do potencial a ser explorado no contexto de desenvolvimento da região através do Turismo de Necrópoles, cujo acervo histórico oferece uma opção de turismo cultural que aborda a identidade, a memória e o patrimônio



de um povo. Ainda que sofra limitações – e resistências locais quanto às suas potencialidades – é importante resgatar os valores que esse patrimônio cultural edificado possui, sendo guardião de inúmeras temporalidades e transformações da sociedade jaguarense formatando um produto que resgata e traz grandes informações de cunho histórico e paisagístico da cidade e do estado do Rio Grande do Sul, que neste local está explicitamente marcado em sua arte tumular (SOARES, 2011).

Nesse contexto – que procura articular e promover a valorização do Patrimônio Cultural com a atividade turística - o turismo é um segmento que vem crescendo em todo o mundo. Através da conservação da paisagem arquitetônica, a cidade de Jaguarão é possuidora de um grande acervo cultural. Seu conjunto de edificações com mais de 800 prédios catalogados e tombados pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é hoje um dos principais fatores que movimentam a economia local e regional, onde diariamente a cidade recebe turistas encantados com as alegorias e a riqueza dos detalhes das edificações, que fazem parte do conjunto arquitetônico cultural, pois o turismo cultural se referencia na arte em suas diversas formas de se apresentar.

Dentro deste contexto existe a possibilidade de ampliação do leque de produtos turísticos do município com o Turismo Cultural, o Cemitério das Irmandades apresenta um acervo, podendo tornarse

um produto turístico com qualidade promovendo o turismo sustentável, haja vista que o Turismo em Necrópole tem se mostrado possível e bastante valorizado no exterior.

Carrasco e Nappi (2009) citam em seu livro a sombra do terror dos cemitérios que é reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero de filmes de terror. Com esse pensamento sobre cemitério, acreditase que haja um incentivo a imaginação popular a criar ilusões e estórias que acabam se transformando em lenda sobre esses locais, dificultando a visita aos cemitérios.

Devido à imaginação do ser humano, o trabalho justificase pela necessidade latente de investigação científicoacadêmica para que haja um entendimento do ambiente acerca da identidade que se confere ao patrimônio com sua memória empírica resguardada em um espaço que é, muitas vezes, representado como solitário silencioso e de respeito – como é a necrópole.

Rezende (2007) relata os diferentes tipos de cemitérios existentes no mundo, onde o cemitério de Jaguarão (RS) classificase como tradicional que tem como característica o enterro de pessoas tradicionais e grandes burgueses. Sua construção datada do século 19, também chamado de cemitério histórico, por fazer parte da história de Jaguarão. De acordo com Oliveira *et al.* (2015) "a arte simbólica tumular faz parte dos rituais fúnebres desde a antiguidade. Os adornos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios [...]" assim



afirmando o que Rezende (2007) cita em seu livro, que referese ao texto dizendo que a arte funerária é uma forma de representação, ligada intimamente a determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, relacionando a vida e a morte. Oliveira et al. (2015) também ressalta que através da simbologia conseguimos expressar os sentimentos em relação a morte.

Justo, Nassif e Sousa (2014) abordam os lugares de memória ditos cemitérios como um produto turístico sob uma perspectiva de desenvolvimento e de repassar o conhecimento que eles guardam nas áreas da história, arquitetura, etnografia, arte e religiosidade. A relação que os cemitérios têm com os bens tangíveis compreendem as construções tumulares, que se encontram nas capelas, jazigos, túmulos, que apontam uma hierarquia social e, também a exemplo de bens intangíveis as histórias contidas naqueles túmulos, preservadas e transmitidas às pessoas que visitam.

O turismo tendo como base o espaço/lugar descobriu o ambiente cemiterial como um grande objeto de estudo para a preservação de um patrimônio histórico, da memória cultural, familiar e coletiva e da identidade das sociedades. O autor faz lembrar no artigo que carregado de signos, o ambiente cemiterial sempre remeteu ao visitante uma ideia de obscuridade, de perda, lamentações e "fantasmas", sendo isso inclusive explorado pelas produções cinematográficas.

As pessoas que praticam a atividade do turismo em cemitérios não são um grande público, pois existe uma limitação entre o estranhamento e as mitificações que os rodeiam, mas devido as diferentes culturas do mundo em alguns lugares são consideradas atrativos turísticos e fazem parte dos roteiros turísticos. Brandão (2010) define necroturismo como visita a lugares assombrados (com direito a aparelhos especiais para constatar qualquer tipo de atividade paranormal) e turismo cemiterial como a visita a cemitérios, porém visando o seu teor cultural, histórico e artístico, podendo incluir aspectos lendários. O turismo nos campos santos tornase elemento de desenvolvimento da sociedade como fonte de trabalho e renda, dinamizando a economia local (CABANAS; RICCI, 2008) promovendo o setor de hotelaria, gastronomia, negócios, eventos religiosos e receptivos.

No Brasil o turismo cemiterial é um segmento recente, o movimento da modalidade turística iniciou na Europa como estudos e apreciação do patrimônio histórico e arquitetônico na busca de personalidades mortas. Na Europa os cemitérios são pontos turísticos consolidados, os tours são monitorados por historiadores e pessoas que conhecem a história e a arquitetura do local.

Por serem os mais visitados do mundo, podemos citar três necrópoles mais conhecidas da cidade de Paris na França, o cemitério de *PèreLachaise*, criado em 1805, o cemitério *Montparnasse*, inaugu-



rado em 1824, e o cemitério de *Montmarte* de 1825. Eles estão marcados como roteiro turístico a cidade, lado a lado outros destinos conhecidos pelo mundo, como a Torre Eiffel e o Museu do Louvre. Como exemplo *PèreLachaise* abriga 70 mil túmulos, recebe 2 milhões de visitantes anualmente sendo conduzido por guias de turismo bilíngues, que os levam aos jazigos mais significativos do espaço fúnebre. Já o Monumental de Milão, localizado na Itália, datado de 1866 é uma marca da cidade, pois ainda recebe turistas para visitas guiadas desde 1998, onde passam por lá cerca de 80 mil visitantes no ano.

Em 2001 a Association of Significant Cemeteries in Europe (ASCE), com a representação de 21 países, foi criada com o objetivo de estabelecer uma rede de turismo em necrópoles europeias (QUEIROZ, 2008). Sendo os cemitérios europeus referência para o turismo cemiterial, aos poucos estão aparecendo os cemitérios brasileiros, dentro dos roteiros turísticos da cidade, como valorização do seu patrimônio. Rio de Janeiro e São Paulo possuem programas específicos com visitas guiadas aos cemitérios atualmente. Em destaque personalidade ali sepultadas, obras de arte junto com a tranquilidade do local.

A efetivação deste trabalho ofertará a oportunidade aos jaguarenses de ter mais conhecimento sobre a origem e importância deste pedaço de chão e de seu acervo de arte funerária que identifica diversas épocas e fatos ocorridos na comunidade. Dentro dessa concepção é possível explorar o cemitério das Irmandades, que representa o início da sociedade Jaguarense em um cenário com diversos elementos fúnebres, famílias importantes explorando a história e a arquitetura.

Para Bastianello (2010), patrimônio significa uma herança ou algo herdado. Ela diz que nessa perspectiva o túmulo também é uma propriedade herdada de nossos antepassados, com isso, somos nós que devemos conservá-lo, preservá-lo e explorá-lo, sendo esse patrimônio um museu a céu aberto valorizando sua riqueza material que nos liga ao passado compreendendo o presente.

Quando este museu a céu aberto tem a função recreativa das necrópoles de explorar turisticamente promovendo o entendimento da memoria e da identidade, a população passa a uma constante valorização da cultura e da história enfatizando como sítios de lembranças, artísticos e turísticos sofrendo um processo de preservação do campo santo.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

Quando se fala em memória a autora faz uma referência ao sentido de identidade, pois a memória é dinâmica. A Identidade de um lugar resgata sua memória cultural e se constitui de um fenômeno da essência humana em preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações.



Ainda sobre identidade podemos dizer que é aquilo que diferencia, identificando um homem de um grupo social, político, religioso, étnico etc., tratandose de ações do homem para que seja possível a vivência em sociedade, ao longo dos anos e no diadia. Sabemos ainda que a identidade é uma categoria extremamente diferenciada dentro das ciências humanas e sociais, podendo ser abordada tanto em relação à questão e gênero, definida a partir da religião, construída com contribuição da atividade profissional, estando intimamente ligada ao grupo étnico ao qual pertencemos (JUNIOR, 2012).

Para Rangel (2002), a memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado; ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização, ligado à questão da identidade. Sendo assim, rememorizada, não cai no esquecimento e vai sendo, constantemente, grafada, narrada, tornandose fonte histórica, que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a globalização nos proporcionado e ofertado um grande acesso ao conhecimento do mundo em geral, podemos observar que as identidades culturais de cada povo ou sociedade continuam sendo resguardadas através da memória de cada segmento

social que constituem o seu patrimônio cultural. Esse patrimônio que pode ser construído por matéria e/ou emoções vem sendo preservado pelo homem através dos tempos. É motivado por razões emocionais, comerciais, políticas e jurídicas, haja vista a necessidade dos homens de estabelecer uma continuidade de sua existência para as futuras gerações.

A memória de um povo é essencial para a preservação de suas características. Essas características fornecem elementos para o fortalecimento de elos que constroem a identidade e o patrimônio desse povo. O cuidado com a preservação dos patrimônios materiais teve início no século XVIII pelos franceses a partir da Revolução Francesa, e tinha por objetivo afirmar sua supremacia em relação a outros povos. O Brasil tendo como modelo o país europeu iniciou esse processo de preservação de seu patrimônio material e imaterial em meados do século XIX.

Através de vários estudos, pesquisas, reflexões, análises e interesses comerciais, foi possível a identificação do entrelaçamento da memória, identidade e patrimônio. O patrimônio cultural juntamente com a identidade e a memória oferecem lastro e perspectivas para o desenvolvimento do turismo cultural, pois a busca pelo conhecimento, nossas origens, informações sobre nossa identidade, apresentação de provas originais de matéria ou fatos acontecidos, fazem parte da curiosidade humana, e proporcionam cada vez mais a valorização desse trabalho.



Os cemitérios, como ponto turístico, possuem um grande acervo de história, pois ali se encontram registradas características de cultura, posição social, posição econômica e religiosa. A arquitetura dos túmulos, a busca de informações sobre pessoas sepultadas (importantes ou não), as emoções causadas pelo medo através de histórias de horror, as superstições, figuras místicas e também o imaginário atraem a visitação de inúmeras pessoas aos cemitérios.

Haja vista o aspecto principal dos cemitérios e seja relacionado com a morte, é visível, e curiosa à intenção de manter viva a nossa memória, consequentemente formando a nossa identidade e nosso patrimônio cultural em qualquer lugar do mundo.

Com base em todos esses aspectos e características agregados a valores matérias e emocional, percebese a possibilidade de desenvolver um produto chamado roteiro turístico que explore os aspectos culturais e sociais que envolvem a diversidade e a riqueza das características da população.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E. M. T. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual. 2010. 169 fls. **Dissertação** (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BRANDÃO, G. **Equipe cemitérios p. Vamos passear... no cemitério?** Disponível: http://www.cemiteriosp.com.br/ pdf/passear_no_cemiterio.pdf > Acesso em: 14 abr. 2016.

BOWLE, J. **Pequena Enciclopédia da História do Mundo**. Editora Cultrix. vol 01. São Paulo. 1964.

CABANAS, A.; RICCI, F. Turismo de necrópole: Novos Caminho Culturais a serem explorados no Vale do Paraiba Paulista. **Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação**. Eletrônica, v. 10, nº 03. p. 378 – 398, set/dez. 2008.

CARRASCO, G. L. A.; NAPPI, S. C. B. Cemitérios como fonte de pesquisa de educação patrimonial e de turismo. **Revista Eletrônica do Programa de PósGraduação em Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro. v. 2 n. 2 jul/dez de 2009.

DELPHIM, C. F. M. **Intervenção em Jardins Históricos**: manual. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2005. 152p.

FERREIRA, M.L.M. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. **Diálogos Revista do Departamento de História e do Programa de PósGraduação em História**, v. 10, n. 3, p. 7988. Maringá. 2006.

FUNARI, P.P.A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 41, ½, p.2332, 2001.

JUNIOR, C. B. L. Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. **Revista do Curso de Direito do UNIFOR**, Fortaleza, n.02, v. 3, p.5061, 2012.

JUSTO, G. M.; NASSIF, J. M.; SOUZA, L.F. **O cemitério como um espaço turístico**: realidade e possibilidades – uma análise do cemitério São José em Ponta Grossa – PR. Disponível em: . Acesso em: 14 mar. 2016.



OLIVEIRA. E. C R.; MOREIRA F. B.; FRANSCISCO, V.S.; MONTES FILHO, C. H M.; MOREIRA, M. Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da Cidade de São José dos Campos. Disponível: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2005/inic/IC8%20anais/IC84.PDF>. Acesso em: 15 dez. 2015.

OTOBELLI, D. ; VAILATTI G. L. **Benedictus**: os cemitérios de Flores de Cunha – arte, história, ideologia. Editora Seculum. Flores da Cunha, p. 288. 2007.

POULOT, D. Um Ecossistema do Patrimonio. In: CARVA-LHO, C.S. de GRANATO, M. BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs). **Um olhar Contemporâneo sobre a preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p. 2643. 2008.

QUEIROZ, F. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. In: Anuário 21 Gramas, n. 1, 2008. Disponível em: < http://www.21gramas.com> Acesso em: 15 dez. 2015.

RANGEL, M. M. Educação patrimonial: conceitos sobre patrimônio cultural. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Reflexões e contribuições para a educação patrimonial.** Belo Horizonte, 2002.

REZENDE, E. C. M. **Cemitério**. São Paulo: Necrópolis, V.1, p. 104. 2007.

SOARES, E. A. S. **Igreja Matriz do Divino Espirito Santo da cidade de Jaguarão**. Porto Alegre. Editora Evangraf, p.336. 2011.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**, ano VII, v. 7, n. 2, maio/ago. 2010.



O CONSUMO DE MODA E O ENVELHECIMENTO

THE FASHION CONSUMPTION AND AGEING

Laura Schemes Prodanov¹
Carlos Reinke²

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a relação da mulher com mais de 65 anos com a moda, campo no qual este público é constantemente negligenciado. Para tanto, faz-se um levantamento acerca da velhice sob o ponto de vista dos indivíduos em idade avançada, bem como aos olhos do consumo. Na moda, identifica-se como se dá a relação entre as escolhas de vestuário no Brasil e também em âmbito internacional, observando as diferenças entre o público consumidor e entre as marcas. A metodologia utilizada é a pesquisa exploratória e a bibliográfica, objetivando-se compreender certos grupos de consumidores do sexo feminino em idade avançada.

Palavras-chave: Moda. Maturidade. Consumo. Mulher.

Abstract: This paper has the aim to understand the relationship that mature women have with fashion, a field in which this target audience is constantly neglected. To do this, a thorough analysis of old age is made, based on old people's views on the subject as well as from the point of view of the market that caters for them. In relation to fashion, we identify the process of choosing a garment, in Brazil and also internationally, observing the contrasts between the different audiences and brands. The methodology applied is exploratory and bibliographic research, with the objective to understand certain consumer groups of female gender and of an advanced age to. **Keywords:** Fashion. Maturity. Consumption. Woman.

INTRODUÇÃO

A velhice no decorrer da evolução de nossa sociedade passou por desdobramentos que possibilitaram que esta condição humana adquirisse múltiplas dimensões, deixando de ser algo exclusivamente associado a aspectos biológicos, mas também se relacionando a questões sociais e culturais, uma vez que o avanço da idade cronológica dos indivíduos,

¹ Mestranda em Indústria Criativa, bacharel em Moda pela Universidade Feevale. E-mail: laura.prodanov@yahoo.com.br.

² Doutorando e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, especialista em Modelagem de Vestuário, professor do Centro Universitário Metodista IPA (Porto Alegre/RS), tutor de EAD da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: carlosar@feevale.br.



percebida por aspectos como a estética e mobilidade, irá modificar diretamente as relações com outros indivíduos dentro de determinados contextos sociais, como é o caso do consumo, hábito enraizado em nossa sociedade contemporânea, que deixa de se relacionar puramente a aspectos econômicos e se constitui como elemento capaz de produzir significados e representações simbólicas.

No entanto, ao relacionar a velhice com os aspectos do consumo observa-se que esta parcela da população era, até pouco tempo, marginalizada por ser percebida como socialmente incapaz de influenciar a atitude dos outros indivíduos, ou seja, não seriam lançadores de tendência; e por não representarem um poder de compra considerável a ponto de se investir neste público.

A moda acaba acompanhando esse raciocínio, quando se compara produtos desenvolvidos para mulheres velhas ³ e para jovens, observa-se que para o primeiro grupo as peças apresentam um aspecto clássico, tendo como foco do seu desenvolvimento o conforto, deixando de lado a preocupação estética e de informação de moda. Isto se deve pelo fato que o *lifestyle* percebido em relação a mulher mais velha é de uma pessoa onde suas interações sociais se restringe a família e a atividades que exijam me-

nos esforço. No entanto, esta visão tende a mudar, pois segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – o número de brasileiros acima de 65 anos deve quadruplicar até 2060. Setores como saúde e moradia já se adaptaram as necessidades deste nicho emergente.

A partir destas constatações procurou-se investigar de que forma o mercado brasileiro de moda se relaciona com a mulher com idade avançada, uma vez que este ainda não se adaptou a essa crescente demanda, oferecendo poucas opções de produtos de vestuário dentro das tendências de moda. A metodologia utilizada nesta pesquisa é de natureza aplicada, quanto aos seus objetivos é exploratória e quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, como resultado disto serão debatidos temas como a percepção da velhice na sociedade contemporânea, o consumo como ato inerente à sociedade e como forma de interação social e a relação da moda com a mulher.

IDENTIDADE, MÍDIA E CONSUMO: ALGUMAS RE-LAÇÕES POSSÍVEIS

Tendo em vista que este artigo visa abordar as relações possíveis entre a velhice, onde uma de suas

³ Optamos em utilizar neste trabalho a expressão "velhas" para denominação das mulheres com mais de 65 anos, pois, segundo Motta (2012, p. 96), "atualmente, está-se tentando reabilitar a palavra velho/velha proscrita pela ânsia da sociedade de consumo em eufemizar a 'idade' e disfarçar a fobia social a essa etapa da vida, ao mesmo tempo que oferece serviços 'específicos' para a 'terceira', 'melhor' ou 'feliz idade'".



dimensões abrange aspectos sociais de reconhecimento e interação; e a Moda, um mercado baseado em uma estrutura capitalista de consumo voraz muitas vezes ditado pela mídia, torna-se importante apresentar os conceitos sobre identidade, mídia e consumo no qual este artigo se alicerça.

Uma vez que identidade e consumo se relacionam, torna-se indispensável abordar os apontamentos de autores como Zygmunt Bauman (2005), John Thompson (1998) e Stuart Hall (2005), é importante compreendermos que antes do advento dos meios de comunicação e da globalização, as interações e experiências dos sujeitos se restringiam a referências culturais⁴ locais, muitas vezes representada pelos mais velhos. Hoje, os meios de comunicação e a globalização encurtaram distâncias e consumiram as fronteiras, o que consequentemente permitiu uma troca de experiências e valores com regiões distantes.

Para Hall (2005) a consequência desta amplitude de referenciais culturais torna as identidades dinâmicas e continuamente deslocadas, possibilitando assim que o sujeito assuma tantas identidades quanto necessárias em sua vida "algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (HALL, 2005, p. 11). Podendo se afirmar que as identidades se esvaem e se dispersam em várias possibilidades de coexistência social. O sujeito contemporâneo é descen-

trado e multifacetado, como reflexo de uma crise ou de uma fragmentação identitária.

Bauman (2005) reafirma isto, porém ele relaciona esta característica a fluidez da sociedade contemporânea, ou seja, as identidades nunca alcançarão uma concretude plena uma vez que o mundo líquido exige dos indivíduos uma contínua mudança de hábitos. Na obra Identidade, Bauman (2005, p. 91) associa a construção e a pluralidade identitária como um processo de "experimentação infindável", no qual os "experimentos jamais terminam". O autor ainda afirma que na sociedade contemporânea os indivíduos tendem a utilizar o consumo como uma das formas de afirmação identitária, pois hoje os produtos são consumidos pelo seu simbolismo, que mimetizam experiências sociais, valores e até mesmo uma noção de mundo.

Outro autor que estrutura um pensamento próximo ao de Bauman (2005) é Thompson (1998). Ele diz que a identidade não é algo estanque, mas sim mutável, que se encontra em constante e gradual processo de transformação por meio dos diferentes elementos simbólicos que o sujeito interage por meio de suas experiências. Isto se confirma quando Thompson (1998, p. 181) coloca que a identidade se forma por meio da assimilação de "materiais simbólicos mediados" ofertados aos indivíduos.

⁴ Usaremos o conceito de cultura de McCraken (2003), onde o autor coloca que cultura são as ideias e as ações por meio das quais um determinado grupo ergue e baseia os significados, que podem ser reconhecidos por meio de atos como o consumo e que consequentemente se relacionam com as questões identitárias, e que irão compor o mundo no qual vive.



Dentro destes três conceitos observa-se certa convergência ao fato de que a fragmentação e a pluralidade são condições inerentes às identidades dentro da contemporaneidade. Autores como Kellner (2001) ainda acrescentam que estas características tornam a identidade um tema encarado na forma de uma problemática.

Kellner (2001) fala desta relação de influência do consumo e a fragilidade identitária, onde o autor menciona que a moda busca desestabilizar "identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluídas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo." (KELLNER, 2001, p. 329).

Discorrendo ainda na dimensão relativas à identidade e certos aspectos relacionados a mídias; e aproximando estas questões a focos deste artigo, a mulher em processo de envelhecimento e o consumo de moda, observa-se certos aspectos correlacionados às teorias de Hall (2005) e Bauman (2004).

A primeira questão é relativa à identidade, porém com foco na sua relação com o consumo, ao trabalharmos com as teorias de Bauman (2005) pois observa-se que o mesmo também trata desta relação. Para o autor, o consumo em nossa sociedade contemporânea se posiciona como um elemento primordial para dar forma às múltiplas identidades que constituem o sujeito. Em outras palavras, é por meio do consumo que ocorre a substituição de determinados valores e referências, o que caracteriza a fluidez e a fraqueza das identidades na contemporaneidade.

Desta forma é possível reconhecer que o ato de consumir hoje transcende qualquer questão puramente econômica ou material dos produtos. Atualmente o consumo está envolto em uma aura de signos e que consequentemente concede ao ato de consumir a possibilidade de consolidar e influenciar o estilo de vida, as interações sociais, a formação de identidade, entre outros. Esta possibilidade de se relacionar com questões do ambiente social em nossa sociedade contemporânea é denominada por Bauman (2005, p. 109) como uma "síndrome consumista".

Discorrendo então na dimensão do universo da mulher com mais de 65 anos, um dos focos a ser trabalhado, é possível avaliar o consumo como ferramenta capaz de possibilitar a aceitação e a manifestação da identidade diante da sociedade. Em outras palavras, uma vez que o consumo se relaciona com as questões identitárias, é possível supor que o ato de consumir produtos de moda dentro do universo desta mulher poderá ser encarado como uma forma de reconhecer e aceitar sua identidade; e também de militância uma vez que poderá expressar a oposição contra a priorização de uma preocupação estética e de informações de moda direcionadas quase que exclusivamente a mulheres jovens. Assim sendo, é possível associar que por meio de uma avaliação do seu comportamento de consumo de produtos de moda direcionados a velhice será possível identificar determinados padrões comportamentais associados à aceitação, revelação e compreensão da identidade desta mulher.



O MERCADO BRASILEIRO E CONSUMIDOR MADURO

Nosso atual sistema econômico capitalista prioriza o lucro incessante, que resulta em uma busca constante por novos nichos de mercado com potencial poder de consumo. Resgatando as colocações sobre a tendência de envelhecimento acelerado da população, já apontada anteriormente, surge o mais novo nicho ainda pouco explorado, da moda para mulheres velhas.

Com o objetivo de conhecê-lo melhor, o Programa de Administração de Varejo (Provar) da Fundação Instituto de Administração (FIA) e o Canal Varejo acabam de concluir a pesquisa Perfil e Hábitos de Consumo na Terceira Idade⁵. Dentre os pontos que chamaram a atenção do pesquisador, foi o fato de que 54% dos entrevistados admitir experimentar novas marcas, desmentindo a crença de que o consumidor idoso é conservador. Além disto, 20% dos entrevistados, consideram o ato de compra como uma atividade de lazer, uma vez que este público gerencia as horas do seu dia de forma mais livre, podendo ir as compras ao menos uma vez por semana.

Outra pesquisa importante sobre o consumo da terceira idade é a realizada pela consultoria *GFK Indicator* que descobriu que essa faixa da população injeta R\$ 150 bilhões por ano na economia brasileira

e 24% dos seus gastos são com o varejo e mesmo assim os consumidores da terceira idade passam despercebidos aos olhos das grandes redes de varejo. A mesma pesquisa ainda afirma que os idosos influenciam as compras da família, cerca de 68% declararam serem responsáveis pelas decisões de compra da família, evidenciando assim que os idosos têm um caráter forte de formadores de opinião.

Tendo em vista os apontamentos das pesquisas e direcionando para o mercado alvo que este artigo busca trabalhar, o de moda, observa-se que o vestuário é um dos nichos com potencial de crescimento perante esse público, porém pouco explorado, o que é confirmado pelos dados que da pesquisa do IBGE, que mostram que 36% dos entrevistados não encontram roupas com facilidade e, desses, 42% têm dificuldade em comprar roupas sociais. A pesquisa também mostra que senhoras com mais de 60 anos de idade querem as cores da moda, o modelo usado pelas mais jovens, mas adaptado ao seu corpo, e querem encontrar esse produto em uma loja de departamentos, não em lojas especializadas para terceira idade. E ainda de acordo com a pesquisa, a maioria dos idosos tem informação de moda, mas simplesmente não consegue adquirir o que quer por falta de opções no mercado.

Diante dos resultados das pesquisas, o que se percebe é que as mulheres com idade acima dos 65

⁵ Disponível em: http://goo.gl/HmTYQv. Acesso em: 14 mai. 2014.



anos não desejam que os produtos de moda sejam reinventados para elas, mas sim que mantenham as informações de moda e tendências, porém que sejam adequados aos aspectos físicos que um corpo feminino acima dos 60 anos necessita para uma boa usabilidade do vestuário, assim como outros segmentos que já perceberam o crescimento deste mercado da terceira idade e adaptaram seus produtos para melhor atender este nicho de mercado que cresce a cada ano no Brasil.

Para tornar mais claro as relações possíveis entre identidade, que neste caso se refere a velhice; e o consumo, são apresentadas quatro campanhas de moda que trouxeram modelos mais velhas para representarem sua marca. A escolha de marcas europeias e norte-americanas se justifica uma vez que a sociedade destas regiões está mais avançada no processo de envelhecimento da população do que o Brasil.⁶

A primeira campanha é da *maison* de luxo francesa *Louis Vuitton*, fundada em 1854. Em sua campanha Primavera/Verão 2014, a marca apresentou personalidades icônicas⁷ que tiveram alguma relação com a grife, para serem fotografadas com os produtos da marca. Nessa seleta lista Catherine Deneuve se destacou pelo fato de ser a garota propaganda da marca já com 71 anos de idade.



Figura 1 - Catherine Deneuve em campanha para a marca

Louis Vuitton

Fonte: http://goo.gl/8BdoyB>. Acesso em: 05 jun. 2014.

Apesar do uso de artifícios de manipulação para atenuar as marcas da idade, o uso da imagem de uma mulher mais velha evidencia que a marca buscou representar a mulher europeia, que como mencionado anteriormente busca um status na sociedade, seja ele profissional ou pessoal, diferente das brasileiras onde a preocupação estética prevalece.

A grife americana *The Row*, criada em 2006 pelas gêmeas, Mary-Kate e Ashley Olsen, também uti-

⁶ Em regiões desenvolvidas, quase um quinto da população tinha 60 anos ou mais, em 2000; até 2050, essa proporção atingirá um terço. Nas regiões menos desenvolvidas, apenas 8% da população tem mais de 60 anos; e até 2050 as pessoas idosas constituirão 20% da população. Disponível em: http://goo.gl/3lBhb5. Acesso em: 15 mai. 2014.

⁷ Disponível em: http://goo.gl/Zi6t9y. Acesso em: 08 mai. 2014.



lizou a imagem de uma mulher com mais idade em suas campanhas.⁸ A grife, como diz em seu *site*, possui a imagem de relaxamento e elegância atemporal, por meio do uso de tecidos finos e na modelagem perfeita. No seu *pre-fall* 2014, a modelo Linda Rodin, de 65 anos de idade que também já foi editora de moda da revista *Harper's Bazaar*, foi escolhida como modelo para representar a marca. É interessante notar como, apesar da marca não se posicionar publicamente como uma marca direcionada as pessoas mais velhas, as fotos dessa campanha, assim como a modelo usada e, principalmente, as roupas, lembram a estética tradicional da velhice, pelos tons neutros, modelagem com cortes retos e fundos simples.



Figura 2 e 3 - Linda Rodin em campanha para a marca *The Row* Fonte: http://goo.gl/vD0t6i. Acesso em: 20 abr. 2014.

Outra marca que inicialmente possui posicionamento jovem, mas que também se utilizou a imagem de uma mulher mais velha em suas campanhas é a MAC, marca de cosméticos canadense. Que utilizou como garota propaganda, Iris Apfel, de 92 anos, conhecida por seu senso estético apurado em relação ao jeito com que se veste, dando prioridade a chamativos acessórios e fazendo com que os grandes óculos de aro redondos se transformassem em sua assinatura. Iris se auto intitula como uma "estrela geriátrica" e diz

⁸ Disponível em: s Acesso em: 08 mai. 2014.

⁹ Disponível em: http://goo.gl/Ei8wQL>. Acesso em: 08 mai. 2014.



que, para ter estilo, "você precisa saber quem você é e estar confortável com isso", assim como ela afirma que nunca compra o que dizem que está na moda, que ela só compra o que a deixa feliz. 10 Ou seja, possui um senso próprio de moda bastante apurado e também uma personalidade forte, que foram dois fatores que chamaram a atenção da MAC, que não criou produtos específicos para mulheres mais velhas, somente adaptou cores e embalagens para essa coleção em especial.



Figura 4 - Iris Apfel em campanha para a marca MAC Fonte: http://goo.gl/nc7kkz>. Acesso em:12 mar. 2014.

Outra marca que podemos citar é Karen Walker, criada pela estilista homônima e que segundo o seu *site* da marca¹¹, se define como original, despretensiosa e otimista, por conta das diversas cores usadas nos produtos e as estampas utilizada

s em produtos como roupas, joias, casa, etc. Porém, o produto que se destaca nesta marca são os óculos. A coleção da primavera 2013 da linha de óculos foi fotografada por Ari Seth Cohen, que selecionou para posar para suas fotos a pintora Ilona Royce Smithkin, a modelo Linda Rodin, a cantora de ópera Joyce Carpati e a dona de loja Lyn Dell. Elas foram fotografadas em seus próprios apartamentos, usando suas próprias roupas, do jeito que elas mesmas escolheram, sem interferências externas ou ideias preconcebidas por alguém da grife Karen Walker. Todas modelos foram fotografadas usando a linha de óculos de sol e nenhum de grau, fazendo com que não seja óbvia a relação da velhice com o uso de óculos para melhorar a visão desgastada pela idade.

A seguir apresentamos, a título de exemplo, duas destas fotos.

¹⁰ Disponível em: http://goo.gl/u8ztcZ>. Acesso em: 08 mai. 2014.

¹¹ Disponível em: http://goo.gl/iEiywa>. Acesso em: 08 mai. 2014.

 $^{^{12}}$ Disponível em: http://goo.gl/0JC4GG . Acesso em: 08 mai. 2014.





Figuras 5 e 6 – Campanha da marca de óculos Karen Walker Fonte: http://goo.gl/hpXfSM>. Acesso em: 05 mai. 2014.

Estes são apenas exemplos de marcas que normalmente se posicionam para um público jovem, mas utilizam a imagem de mulheres velhas em suas campanhas com o intuito de que as pessoas atingidas por essas fotos mudem sua percepção, mesmo que sutilmente, a respeito do público que a marca atinge ou pretende atingir, tornando, assim, a moda mais democrática.

A MODA BRASILEIRA E A MULHER COM MAIS DE 65 ANOS

Retornando então o foco para a relação da velhice dentro do mercado de moda brasileiro, torna-se difícil falar de roupa sem associar assuntos como o corpo e as primeiras impressões que as vestimentas passam. Svendsen (2008) diz que, embora as roupas não forneçam mais indicações tão claras da identida-

de de quem as usa, ainda se tiram conclusões sobre os outros com base nelas. Ou seja, mesmo sem ser feito de uma maneira proposital, acaba-se tirando conclusões previamente perante as vestimentas de alguém, o que faz com que o ato de se vestir tome outra característica, além do simples cobrir o corpo ou se proteger do frio, preocupando-se com o que os outros indivíduos podem vir a pensar a partir dos trajes.

Svendsen (2008) também comenta que as roupas deveriam ser adaptadas aos sujeitos, já que foram originalmente criadas por estes para serem usadas por eles mesmos, mas, em vez disso, são os sujeitos que têm de se adaptar aos objetos - as roupas. Ou seja, primeiro a moda é criada, para, posteriormente, os indivíduos tentarem se encaixar no que as roupas pedem, como o tamanho exato de corpo para caber naquela peça, ou o tipo de corpo certo para ficar bem em tal roupa.

Já Crane (2006) informa que o vestuário é fundamental para a construção social da identidade. Historicamente, as roupas foram o principal meio pelo qual as pessoas se identificavam na sociedade e, mesmo tendo os contrastes reduzidos ao longo dos séculos, pois, até o século XVIII, a distinção de classes era expressa visualmente de forma bastante ostensiva, as pessoas continuam se identificando através de suas vestes.

Moschis (2003) fez uma comparação entre os consumidores da terceira idade e os mais jovens, afirmando que, em geral, os idosos economizam,



porém investem mais, gastando mais com produtos de luxo, além disso, consideram a compra como um evento social e são bastante orientados pela conveniência dos produtos, preferem mecanismos de venda mais tradicionais ou com maior reputação, buscam atenção pessoal e serviços especiais, escolhem produtos pela qualidade e pelo nome da marca. Afirma, também, que eles são menos sensíveis ao preço e reclamam menos quando não estão satisfeitos com uma determinada compra.

Isso contraria a ideia de que, quando o indivíduo entra para a terceira idade, automaticamente se torna desinteressado por moda. Greco (1986) chamou a atenção para o fato de que muitas pessoas acima de 65 anos são interessadas pelo assunto, como também são inovadoras e trocam opiniões com amigos e familiares. Para elas, comprar roupas também é uma atividade prazerosa. O mesmo autor, assim como Moschis (2003), também afirma que a reputação da loja e a lealdade à marca são frequentemente mais importantes para os consumidores da terceira idade do que preços ou programas de descontos (GRECO, 1986). Além disso, eles gostariam de ser tratados com mais cortesia, dignidade e paciência e estariam dispostos a pagar mais por isso.

Goldenberg (2008), através de suas pesquisas, perguntou aos seus entrevistados: "você deixaria de usar algo porque envelheceu?", onde 96% das mulheres disseram 'sim'; 91% dos homens disseram 'não'. Ou seja, com a falta de opções de roupas voltadas

ao público feminino de mais idade e com todas as mudanças corporais que a velhice, torna-se ainda mais complicado o ato de se vestir, fazendo com que o percentual de mulheres que mudam suas roupas seja muito alto. Os resultados também apontaram que os homens pesquisados disseram que não mudariam nada na sua forma de vestir, permanecendo, quando mais velhos, fiéis ao estilo que sempre tiveram. Talvez isso aconteça, pois os homens, nessa faixa etária, possuem mais dificuldade de aceitação da sua real idade do que as mulheres. É interessante notar essa alta diferença nos percentuais dos dois gêneros, fazendo com que seja muito mais fácil de ver, claramente, que a mulher sente muito mais necessidade de adaptar seu modo de vida para o que ela considera, ou acredita, ser aceitável.

Pode-se entender, a partir disso, que as mulheres são muito mais realistas do que os homens, entendendo que, na sua idade, devem se adaptar aos padrões aceitos pela sociedade de uma vestimenta mais comportada e séria. É fácil perceber isso na moda, pois não se encontram marcas ou coleções específicas que atendam ao público maduro. Consegue-se identificar marcas que enfocam roupas para velhos, sem senso estético e informação de moda, direcionando somente ao conforto, que é o que a maioria das mulheres, quando chegam a essa faixa etária, entendem que devem fazer.

A marca Sharisma, de São Paulo, segue esse conceito mais tradicional de roupas apenas confor-



táveis para as mulheres velhas. Ela se intitula como a primeira grife de moda brasileira direcionada para pessoas da terceira idade e foi criada a partir da experiência de 22 anos de profissionais especializados no tratamento e no cuidado com idosos portadores de deficiências motoras e psíquicas¹³. O principal laboratório para a criação e o desenvolvimento da grife, segundo seu *site*, é um centro integrado de atendimento ao idoso, que se diz referência em moradia e cuidados para a terceira idade. Os profissionais da marca possuem contato diário com os idosos em tratamento ou repouso e isso fez com que eles percebessem que não existiam roupas adequadas para esse público. Entretanto, as roupas desta marca são extremamente tradicionais e sem informação de moda.



Figura 7- Marca de roupas Sharisma Fonte: http://goo.gl/1RbHWE>. Acesso em: 05 mar. 2014.

Encontrar marcas que trabalhem com o público da terceira idade de uma forma moderna e atual é uma tarefa difícil, pelo menos, no Brasil. Consegue-se identificar marcas que possuem roupas modernas e que podem ser usadas por mulheres mais velhas, porém as próprias marcas não se identificam como tendo essas mulheres como seu público. Possivelmente, essas grifes possuem receio de ficarem conhecidas como marcas para velhos.

 $^{^{\}rm 13}$ Disponível em: http://goo.gl/Ps7sbd>. Acesso em: 15 mai. 2014.



Através de suas pesquisas, Goldenberg (2008) chegou à conclusão de que a relação das pessoas com idade avançada e a moda é significativamente diferente da relação de qualquer outra pessoa de outra idade. Explicita a necessidade de serem feitas mais pesquisas acerca desse público, para se conseguir entender como se dá essa relação e quais os aspectos que realmente sofrem alguma mudança.

Reis (2008) reuniu depoimentos, tais como de uma mulher mais velha, a qual disse que "existe dificuldade em encontrar grandes marcas vestindo senhoras". Ou seja, esse público nota que é excluído pelo mercado de moda, e mais, percebe outros aspectos também, tais como quando diz que:

As empresas não querem ficar conhecidas por vestirem mulheres mais velhas, mas que não querem se vestir como senhoras. As poucas marcas que ainda sobrevivem estão acabando. As que têm manequins até 46, por exemplo. Elas tentam atrair as mais jovens, mas que já eram marcadas porque vestiam senhoras (REIS, 2008, p. 8).

Não é só feita uma análise simplista, mas, sim, um entendimento da cadeia como um todo, passando pelo produto, pela imagem da marca e do público que as empresas pretendem atingir. Esses depoimentos são dados e percebidos por mulheres mais velhas, acabando com a ideia de que os velhos não procuram produtos voltados a eles, bem pelo contrário, eles procuram a ponto de notarem a falta

deles e também a falta de interesse do mercado em oferecer esses produtos.

Reis (2008, p. 9) continua sua pesquisa com frases de mulheres com mais idade, tais como "as mulheres mais velhas são consideradas grandes consumidoras, as de classe média A e B, é claro, porque são as que mais gastam, também gostam de vestir roupa da moda, como podem fazer as mais moças". Ou seja, o público de mais idade pede claramente peças de roupas que façam com que se sinta incluído no meio social em que vive. E a entrevistada ainda dá o exemplo, dizendo:

Uma grande loja, recentemente, inaugurou uma segunda marca destinada ao estilo clubber, bem jovem. Acabou entrando na loja uma clientela inusitada, com cerca de 40 anos, desejando comprar saia de lurex, brilhante, tamanhos 44 e 42. Não conseguiram: a numeração variava de 36 a 40. [...] é complicado fazer roupa de moda, com estilo, para mulheres mais velhas e gordinhas (REIS, 2008, p. 9).

Através desses depoimentos, pode-se notar como o público mais velho está ciente do que está acontecendo no mercado de moda voltado a ele e de como algumas marcas o encaram, pensando na sua imagem e como ele quer ser visto pelo resto da população. Não se encontram roupas para pesso-as mais velhas nem em lojas de departamento, que teoricamente deveriam atender toda a família, levando também em consideração seu grande porte,



que permite que tenham linhas específicas. Ou seja, nem grandes representantes de moda, com alto poder de venda, produzem para esse público. Talvez se isso viesse a acontecer, seria possível notar como os velhos realmente possuem poder de compra e estão interessados em produtos que se adaptem às suas demandas, mas, ao mesmo tempo, que não os excluam e sejam colocados em lojas especializadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu compreender como os idosos mudaram ao longo dos anos e como existem diferentes maneiras de compreender e entender a velhice. Pode-se encará-la como a fase final da existência, ou como a fase de libertação de certos comportamentos que acompanham as pessoas durante toda a vida. Percebe-se, também, como o mercado, de uma forma geral, entende as necessidades das pessoas com mais idade e, principalmente, como as empresas estão reagindo a fim de produzirem bens de consumo ligados às demandas feitas por elas. Além disso, consultorias informam que os idosos têm um caráter forte de formadores de opinião. Enfim, pode-se entender como a velhice hoje em dia é encarada de uma maneira positiva, chamando-a de "bela velhice".

Em relação ao mercado de moda, o mesmo glorifica a juventude e a beleza, mas algumas marcas já colocam os velhos a seu favor, utilizando os valores

que uma pessoa com mais idade possui, como tradição e qualidade. Mas também se percebe que existem marcas que se utilizam desse artifício como elemento para quebra de padrões e para ganhar uma maior percepção do consumidor. Porém, a maioria das marcas de roupas para esse público se utilizam dos estereótipos acerca da velhice, oferecendo produtos sem senso estético e informação de moda, e visando somente o conforto.

O envelhecimento da população brasileira potencializa a importância deste grupo social em várias áreas, dentre elas o mercado consumidor de moda, entretanto, percebemos que a velhice não é reconhecida pela maioria dos profissionais da área como público em potencial. A moda não deveria combater o envelhecimento, como vem fazendo há muitos anos, mas ser um canal de discussão para estes sujeitos com seus novos papéis sociais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 110.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CALDAS, C. P. O idoso em processo de demência: o impacto na família. In: MINAYO, M. C. S.; Coimbra Jr C. E. A. (Orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 51-71.



IBGE. Disponível em: http://goo.gl/roc15q. Acesso em: 08 mar. 2014.

CONSULTORIA GFK INDICATOR. Disponível em: http://goo.gl/5d5kDo>. Acesso em: 14 mai. 2014.

CONSUMO na terceira idade. Disponível em: http://goo.gl/CNtOK1. Acesso em: 05 mar. 2014.

CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

DADOS SOBRE POPULAÇÃO IDOSA EM PAÍSES DESEN-VOLVIDOS. Disponível em: http://goo.gl/j1nfY0. Acesso em: 15 mai. 2014.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **Coroas:** corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GRECO, A. The fashion-conscious elderly: A viable but neglected market segment. **The Journal of Consumer Marketing**, v. 3, n. 4, 1986. p. 71-75.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2004. 102 p.

HECK R. M; LANGDON, E. J. M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, M. C. S.; Coimbra Jr C. E. A. (Orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 129-51.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MOSCHIS, G. Gerontographics. **Journal of Consumer Marketing**, v. 10, n. 3, 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Disponível em: http://goo.gl/A7qgxU. Acesso em: 24 abr. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Disponível em: http://goo.gl/szVPYd>. Acesso em: 6 abr. 2014.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REIS, L. M. A. Envelhecer em paz. In: NEGREIROS, T. C. de G. M. (Org). **A Nova Velhice** - Uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SHARISMA. Disponível em: http://goo.gl/9AXWub. Acesso em: 05 mar. 2014.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 264.

UCHÔA, E; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. de. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S., Coimbra Jr C. E.A. (Orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.



AS PEDAGOGIAS DO SITE DO DISCOVERY KIDS: INTERNET, INFÂNCIAS E OUTRAS CONEXÕES

PEDAGOGIES ON THE DISCOVERY KIDS WEBSITE: INTERNET, CHILDHOODS AND OTHER CONNECTIONS

Luciana Sauer Fontana¹

Resumo: Este texto busca apontar algumas das direções imprimidas a uma tese de doutorado que problematizou o site do canal televisivo infantil por assinatura Discovery Kids e, mais especificamente, examinou os artigos postados na seção My Kids -Conectados com seus Filhos, para discutir como neles se gestam (e são postas em operação) "pedagogias" endereçadas às mães e aos pais, voltadas ao gerenciamento de atitudes das crianças (e famílias) que acessam esse site infantil. Este estudo foi desenvolvido na perspectiva analítica dos estudos culturais em educação, mas valeu-se também de estudos sobre mídia, pedagogias culturais e convergência. Identificou-se que os artigos postados na seção My Kids entre os anos de 2012 e 2014 focalizaram uma grande diversidade de temáticas, bem como representações de crianças, algumas da quais são abordadas neste texto a partir de duas categorias principais: crianças felizes e bem-sucedidas e crianças malcriadas. Giroux (2011), Narodowski (2013) e Jenkins (2009) ressaltam as inúmeras possibilidades de conexão disponibilizadas às crianças (e adultos) atualmente. Estão entre estas também os entretenimentos que carregam o rótulo de "educativos", nicho de mercado a que a marca Discovery Kids busca alinhar-se.

Palavras-chave: Educação. Pedagogias Culturais. Internet. Infância.

Abstract: This paper aims to point out some of the directions taken by a doctorate thesis that both problematized the website of the cable television channel Discovery Kids and, more especifically, examined the reports published in the section known as My Kids - Connected with your Children, in order to discuss the way in which "pedagogies" directed to parents are produced (and put into operation) aiming at managing the attitudes of children (and families) that have access to this website designed for kids. The study was developed from the analytical perspective of cultural studies in education, but also used studies on media, cultural pedagogies and convergence. It found out that the reports published in My Kids from 2012 to 2014 focused on a wide range of topics, as well as representations of children; some of which have been approached in this paper

¹ Professora do IFRS – Campus Porto Alegre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação –UFRGS. Luciana.Fontana@poa.ifrs.edu.br



considering two main categories: happy and successful children, and naughty children. Giroux (2011), Narodowski (2013) and Jenkins (2009) have highlighted a number of possibilities of connection available to children (and adults) nowadays. Forms of entertainment labeled as "educational" are among them, characterizing a niche market with which the Discovery Kids brand attempts to be aligned.

Keywords: Education. Cultural Pedagogies. Internet. Childhood.

INTRODUÇÃO

Por meio deste texto, busca-se apontar algumas das direções imprimidas a uma tese de doutorado que problematizou o *site* do canal televisivo infantil por assinatura Discovery Kids e que, mais especificamente, examinou os artigos postados na seção *My Kids – Conectados com seus Filhos*, para discutir como neles se gestam (e são postas em operação) "pedagogias" endereçadas às mães e aos pais, voltadas ao gerenciamento de atitudes das crianças (e famílias) que acessam esse *site* infantil.

Este estudo foi desenvolvido na perspectiva analítica dos estudos culturais em educação, mas va-

leu-se também de estudos sobre mídia, pedagogias culturais e convergência. Os procedimentos metodológicos para a organização da pesquisa envolveram o mapeamento de temas e propósitos abordados nos mais de 200 artigos coletados na seção My Kids durante os anos de 2012, 2013 e 2014. Neste texto, apresento pequenos recortes e teço considerações a partir de duas pequenas categorias que dão destaque a algumas das principais facetas pedagógicas e direcionamentos voltados ao gerenciamento das atitudes das crianças; são elas: crianças felizes e bem--sucedidas e as crianças malcriadas². Cabe mencionar, ainda, que há uma infinidade de práticas prescritas a mães e pais nos artigos da seção My Kids. Por exemplo, foram frequentemente postadas lições que envolviam a busca permanente pela felicidade; cuidados necessários à saúde, ao meio-ambiente e à higiene corporal; a vida em sociedade; os melhores métodos escolares nos diferentes níveis de ensino; as brincadeiras mais apropriadas para as crianças, entre outras relacionadas à administração das crianças e das familias. Várias foram as representações de crianças (re)criadas nas pedagogias acionadas nos artigos da My Kids (e nas outras seções do site), em uma espécie de portfólio de lições que intencionam capacitar as crianças e suas famílias para uma vida

² Dada a impossibilidade de apresentar a totalidade dos resultados obtidos ao longo do desenvolvimento da tese intitulada **As pedagogias** *online* do complexo *kids*: Crianças, mães e pais em conexão, efetuaram-se alguns recortes da referente pesquisa com o intuito de destacar algumas das direções em que se dão os aconselhamentos destinados aos pais e mães que visitaram o *site* no período observado.



bem-sucedida, bem como auxiliá-las a lidar com os desafios de um mundo contemporâneo globalizado que requereria sujeitos *flexíveis* e permanentemente dispostos a aprender. No entanto, entre as recomendações feitas nos artigos da *My Kids*, há textos que discutem a aplicação de castigos e privações àqueles que "insistem" em ser "malcriados".

Camozzato e Costa (2013) consideram ser crescente o reconhecimento, no âmbito acadêmico, de que existe uma pluralidade de pedagogias em constante operação na contemporaneidade. Para as autoras (Ibidem), as *pedagogias culturais* são uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que objetivam problematizar modos de constituição de sujeitos do tempo presente. É destacado por Wortmann, Costa e Silveira (2015, p.36) que um dos "conceitos-chave para a articulação entre Estudos Culturais e Educação tem sido o de *pedagogias culturais*", amplamente empregado para analisar uma multiplicidade de processos educativos operados na contemporaneidade que extrapolam os limites

de lugares como, por exemplo, as universidades, a escola, a família, a igreja, entre outros tradicionalmente vinculados ao exercício de educar (Ibidem).

Este texto debruça-se sobre as representações de criança que pareceram estar mais destacadas na My Kids para compreender algumas das facetas pedagógicas privilegiadas nessas postagens. Destaco que as prescrições contidas nos artigos do site do Discovery Kids atribuem à infância características universais, desconsiderando a existência da pluralidade de modos de viver a infância e as diferentes estruturações familiares presentes na atualidade³. Considero que, ao colocar em circulação informações, conselhos, regras e sugestões nos artigos direcionados a pais e mães, o site do Discovery Kids vai promovendo "ensinamentos" repletos de certezas e indicações "precisas" acerca de onde se poderá chegar "efetivamente", caso se siga o que está sendo sugerido.

Além disso, cabe salientar que, de diferentes modos, o *site* do Discovery Kids parece empreender um esforço para abranger, por meio de seus conteúdos, diversificados temas que possam inte-

³ Mesmo que não se pretenda retomar considerações sobre a emergência e a caracterização da infância moderna, temática já sobejamente analisada em muitos estudos anteriores, entre os quais, estão os de Ariès (1981), Varela e Alvarez-Uria (1992) e Bujes (2002), salienta-se que a infância, tal como sucede com outras instâncias que nomeiam etapas de nossas vidas, é instituída no interior de relações de poder. Estas são produzidas em um conjunto de históricas intervenções do Estado, das religiões, da sociedade civil, da filantropia, da medicina, da psicologia, do serviço social, das famílias, da pedagogia e, mais recentemente, das diferentes mídias contemporâneas – entre elas, a Internet.



ressar desde crianças de zero a seis anos de idade – especialmente por meios de jogos coloridos⁴ e autodefinidos "educativos" – até suas mães e pais, mediante postagens de artigos voltados à formação das crianças, conforme vem sendo apontado. O endereçamento do *site* intrigou-me, particularmente, pela abrangência a ele atribuída – não só as crianças são o foco de sua atenção, mas também seus pais e mães, por meio do *link My Kids*.

Além do site estudado, há uma gama de ações processadas/licenciadas sob a marca Discovery Kids: o canal televisivo, as redes sociais na Internet (Twitter, Facebook e Instagram), uma infinidade de produtos infantis e ainda os eventos itinerantes realizados em shoppings centers e em outros locais públicos, envolvendo crianças e seus familiares em torno de um diversificado conjunto de propostas que conjugam lazer, informação e consumo. Entendo estar estabelecida aí a composição de um complexo mercantil midiático, o qual denominei de Complexo Kids. Em relação ao Complexo, cumpre-se o que Wortmann, Costa e Silveira (2015) enfatizaram ao indicarem que uma característica dos

complexos mercantis midiáticos é que eles se organizam em torno de um tema gerador ou nuclear, a partir do qual é criado um diversificado conjunto de atraentes propostas que, de distintos modos, constantemente convocam os sujeitos ao consumo (Ibidem). Aqui neste estudo, estendo as indicações das autoras (Ibidem) ao imperativo da conexão e ao permanente desejo de pertencer a uma cultura globalmente reconhecida por meio do consumo, não só de bens materiais, mas das *pedagogias* que nela se gestam, intencionalmente ou não, e que atuam intensamente na constituição e nos modos de vida contemporâneos, aspectos também destacados por Bauman (2008) e Steinberg e Kincheloe (2001)⁵.

Giroux (2011), Narodowski (2013) e Jenkins (2009) ressaltam as inúmeras possibilidades de conexão – e entretenimentos – disponibilizadas às crianças (e adultos). Como já indiquei, tais conexões não implicam apenas estar diante de programas televisivos, *sites* ou aplicativos consumidos no universo infantil, mas também que muitas das crianças tenham, à sua total disposição, de diferentes modos e ininterruptamente, uma quantidade de "entreteni-

⁴ Vale citar que as seções destinadas aos Jogos e Vídeos infantis foram apresentadas às crianças como locais muito "especiais", nos quais elas poderiam aprender, se divertir e interagir com os icônicos personagens que circulam no canal televisivo do *Complexo Kids*. Destaca-se que nesse *site* são feitas permanentes convocações ao consumo em convidativos *banners*, nos quais se anunciam produtos e serviços direcionados ao segmento infantil, mas também aos adultos - para que esses inscrevam seus filhos em disputadíssimos eventos itinerantes, geralmente realizados em grandes *shopping centers* espalhados pelo país.

⁵ Valho-me, também, do termo "complexo" de modo aproximado ao que foi empregado por Flor (2007) e Prates (2008) em seus estudos realizados, respectivamente, para indicar/problematizar modos de formar/atrair consumidores, a partir da aglutinação de um numeroso conjunto de artefatos culturais a um acontecimento midiático gerador.



mentos" transmidiáticos⁶ idealizados sob medida – por grandes corporações – para serem propagáveis⁷ e acessados de diferentes modos. Estão entre estes também os entretenimentos que carregam o rótulo de "educativos", nicho de mercado a que a marca Discovery Kids busca alinhar-se.

Apresentei até aqui breves cliques, a partir dos quais comentei, mesmo que sucintamente, aspectos que dizem respeito à compreensão do objeto empírico que optei por pesquisar. Observei que as produções do Complexo Kids ressaltam a harmoniosa combinação que fazem de entretenimento e educação. O uso dessas representações chamou minha atenção já nas primeiras incursões que fiz no site, seja pela ênfase atribuída à conjugação de diversão e informação, seja pelo título de um link nele disponibilizado: My Kids - Conectado com seus Filhos. Por alguns dos motivos já apresentados, pareceu-me produtivo conduzir uma análise cultural dos artigos disponibilizados na seção My Kids, sendo esta vista como parte integrante – uma das engrenagens – do que destaquei ser um Complexo mercantil Kids.

A seção My Kids: Crianças felizes e bem-sucedidas

A seção My Kids - Conectados com seus Filhos é a seção do site onde focalizei minhas análises, considerando, basicamente, os artigos disponibilizados aos pais e mães usuários do site. Talvez por intermédio da My Kids, à semelhança do que indicou Klein (2002), tenha-me sido possível vislumbrar "realmente" qual é a "alma dos negócios" tutelados sob a marca Discovery. Tal seção ocupou, no período observado, um espaço diferenciado na página inicial do site, sendo o seu conteúdo organizado por meio de pequenos textos autodefenidos como Artigos. Os artigos estudados sinalizaram para como as práticas recomendadas pelos articulistas pretendem formar bons cidadãos e intencionam, sobretudo, formar pessoas que saibam trabalhar em equipe, ser bem-sucedidas, flexíveis, felizes e permanentemente dispostas a aprender.

A ênfase na existência de um "eu" que deve estar permanentemente buscando o aprimoramento e incorporando as práticas necessárias para seu bem-estar, sucesso e felicidade aparece no artigo intitu-

⁶ Jenkins (2009) indica que transmídia se refere a histórias que se desenrolam em múltiplas plataformas, cada uma delas contribuindo de forma distinta para a compreensão, ou melhor, para a propagação/disseminação de um determinado universo narrativo; o filme *Matrix* seria um bom exemplo dessa "capacidade" de propagar-se e "proporcionar experiências" distintas aos fãs.

⁷ De modo semelhante ao que destacaram Jenkins, Green e Ford (2014), empregarei, por vezes, as expressões *propaga* e *propagável* para indicar as diferentes formas de circulação, penetração e compartilhamento de conteúdos midiáticos. Para os autores (Ibidem), tais expressões fariam referência aos diferentes modos (e ao seu potencial) de espalhamento dos conteúdos, que podem se dar com ou sem a anuência de seus detentores.



lado *Dez dicas simples para que seu filho seja feliz*⁸. Acompanha esse artigo a imagem de uma menina sorridente deitada sobre a grama, segurando uma flor branca; a criança parece demonstrar a felicidade e a paz que poderão ser obtidas a partir da incorporação das "dicas" propostas no texto.

O tema felicidade aparece – nesse e em outros artigos postados no período observado – como uma "busca necessária" que deve ser praticada diariamente pelas famílias. Entre as ações formuladas com bases definidas como "científicas" para que pais e mães promovam efetivamente a felicidade na vida das crianças, estão: brincar com os filhos; atribuir responsabilidades (os pais e mães precisam evitar que as crianças se sintam inúteis); ser positivo em suas afirmações; dar liberdade ao filhos; incentivar o estabelecimento de amizade; cuidar da própria saúde mental (relativo aos pais e mães); criar um laço sólido com os filhos; conhecer os filhos; não se alterar ou promover conflitos constantes (relativos à postura dos pais/mães perante os filhos).

Além das inúmeras orientações endereçadas aos pais e mães nesse artigo que sintetizei no parágrafo anterior consta, paradoxalmente, a seguinte recomendação: *não tentar ser perfeito*.

Seguindo lógicas presentes nesse artigo, é possível identificar incitações aos pais e às mães para

reverem permanentemente suas práticas para que consigam adotar as rotinas necessárias à "felicidade" de todos os familiares. Diz o texto:

6. Cuide de sua saúde mental

As crianças são muito sensíveis. Se você estiver deprimido, seus filhos certamente perceberão. As pesquisas de Heidemarie K. Laurent, da Universidade de Oregon, sugerem que uma mãe deprimida presta menos atenção ao choro dos filhos e que uma criação negativa contribui para o estresse na vida adulta.

7. Crie um laço sólido

Os jovens precisam sentir que podem contar com os pais antes de se aventurar pelo mundo. Estudos comprovam que uma relação próxima entre a mãe e a criança previne determinados problemas de comportamento e serve como referência para estabelecer relações amorosas saudáveis no futuro. [grifos meus]

(Disponível em: Acesso em: 1º jul. 2013.)">http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-di-cas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>Acesso em: 1º jul. 2013.)

Em relação aos fragmentos recortados do artigo *Dez dicas para ser feliz*, vale lembrar que Marín-Díaz (2013) salienta que a apresentação de dicas, conselhos e exercícios práticos numerados clara e explicitamente – tal como os elencados nesse artigo – são importantes estruturas narrativas utilizadas em textos de autoajuda destinados à educação. Como a autora (Ibidem) também aponta, essa é considerada como uma estratégia facilitadora para apreensão de

⁸ Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/



preceitos que deverão ser seguidos e repetidos por adultos, crianças, professores e outros grupos ou indivíduos.

Além desse artigo que ensina crianças e famílias a "serem felizes", há outros com direção semelhante. O texto intitulado *Educando crianças autoconfiantes* também focaliza a necessidade de os pais e mães estarem atentos aos comportamentos dos filhos desde bebês, indicando, ao mesmo tempo, ser essa uma de suas principais funções: *transmitir o mais cedo possível exemplos e mensagens que façam os filhos crescerem seguros, independentes e autoconfiantes*; isso seria uma das maiores conquistas que os progenitores poderiam almejar para seus filhos, tal como se pode ver no excerto que transcrevo a seguir.

A tarefa de criar e educar **está presente em todas as ações que realizamos cotidianamente com nossos filhos**. Dependendo da forma como os criamos, alimentamos, reagimos diante de seus pedidos ou nos dirigimos a eles, **transmitimos** nossa maneira de pensar e também uma mensagem de carinho.

Desde bebês, eles observam o que fazemos e tentam nos imitar. Nada escapa ao seu olhar, e por isso é importante transmitir a eles mensagens claras e coerentes, para que possam conhecer o mundo com segurança e independência. Ver um filho crescer seguro, independente e confiante é uma das maiores conquistas que os pais podem almejar. [grifos meus]

(Disponível em:<a href="http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educan-do-crianças autoconfiantes/Acesso em: 1° jul. 2013.)

Comento, ainda, a imagem que acompanha o artigo: no plano de fundo, destacam-se um dia de sol matizado pela sombra de árvores e uma casa envidraçada, da qual um menino e um homem parecem ter saído juntos. O adulto, que tudo leva a crer ser o pai do menino, está de paletó e gravata e carrega em uma das mãos uma maleta de "estilo executivo"; o "filho", embora vista roupas infantis masculinas (de menino) carrega, igualmente, em uma de suas mãos, uma pequena maleta, que parece ser uma lancheira escolar. Há um ar de cumplicidade no olhar do pai e do filho enquanto eles caminham de mãos dadas, na mesma direção. Ao que parece, essa cena foi escolhida para representar a "perfeita sintonia" postulada no artigo como necessária às relações parentais bem-sucedidas indicadas/ensinadas no texto.

É possível dizer que tanto a imagem quanto o texto buscam marcar que um comportamento "exemplar" instituiria uma relação de "parceria" capaz de levar a criança a trilhar o caminho – "bem-sucedido" – do seu progenitor. Ao longo do artigo, está enunciado passo a passo o que pode e o que não pode ser realizado pelos pais e mães para a consecução dos propósitos apresentados: críticas demasiadas não seriam bem-vindas, mas demonstrar confiança na capacidade do seu filho, ajudá-lo a assumir o "controle" do seu próprio aprendizado, assim como expressar alegria quando ele colabora

⁹ Disponível em:jul. 2013.



e resolve problemas, ao lado de dedicação e amor incondicionais desde os primeiros anos de vida da criança, estariam entre as molas propulsoras da autoconfiança. A seguir, transcrevo um excerto em que tais "condições" são enunciadas no texto:

Ganhar autoconfiança é um processo. Não acontece de um dia para o outro e não é um comportamento espontâneo, mas resultado de um trabalho em família - ou seja, é algo que se aprende. [...]

- **Expresse sua alegria** quando ele colabora e resolve problemas. Isso fará com que se sinta orgulhoso e capaz, aumentando sua autoestima.
- Delegue à criança algumas tarefas simples, como buscar alguma coisa ou se vestir sozinha. Essas ações aumentam **a autonomia, e seu filho descobrirá** que pode executar tarefas sem depender tanto dos pais.
- Reserve tempo e espaço para permitir que ele faça coisas que não conseguiu realizar antes. No começo, talvez seu filho demore para conseguir, mas vale a pena esperar.
- As crianças desenvolvem a autoconfiança ao sentir que seus pais, as pessoas que mais os amam, pensam que eles [as crianças] "são capazes de fazer as coisas sozinhas". A atitude dos pais permitirá que a criança supere os obstáculos da vida e do aprendizado, saindo fortalecida depois de cada experiência.

O amor incondicional dos pais nos primeiros anos de vida da criança é o combustível que alimenta sua autoconfiança para que possa crescer cada vez mais independente e feliz. [grifos meus]

(Disponível em:<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educan-do-crianças autoconfiantes /Acesso em: 1º jul. 2013.)

No artigo aqui comentado, foi possível observar também que a autoconfiança parece estar associada à felicidade, ao sucesso e a características masculinas. É a figura masculina que está associada ao bom desempenho profissional, tanto da criança quanto do pai e que parecem estar se enquadrando em profissões relacionadas ao "mundo dos negócios". No artigo Meu filho vai ser Médico10, a figura do pai é igualmente invocada para tratar do futuro profissional das crianças. Esse entendimento é observável, sobretudo, a partir da imagem que parece estar em perfeita sintonia com a afirmativa indicada no título do artigo: um menino sorridente com um corte de cabelo exatamente igual ao do seu pai; o menino está posicionado do lado esquerdo do plano visual e, excetuando-se alguns "acréscimos" localizados na figura paterna, está vestido como o seu pai: ambos usam os icônicos jalecos brancos que caracterizam os profissionais da saúde, além de portarem o conhecido e emblemático estetoscópio em torno do pescoço. O artigo legitima algumas representações do senso comum sobre a profissão de médico, que incluem algumas visões glamourizadas dessa profissão, bem como expectativas de bom retorno financeiro. Isso implica aprender o mais cedo possível sobre profissões prestigiadas, mas também acerca da importância de se adquirirem competências, atributos e disposições na direção de alcançar a finalidade enunciada, o que em outras palavras

¹⁰ Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-médico/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-médico/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-médico/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-médico/. Acesso em: 1 jul. 2013.



poderia significar mobilizar os leitores do *site* a atentarem para a necessidade de seus filhos serem ensinados, desde cedo, a serem felizes e bem-sucedidos sob o ponto de vista econômico-financeiro, especialmente. É interessante marcar neste momento as preocupações que o *site* se encarrega de trazer aos pais acerca do futuro profissional de seus filhos, mesmo que os usuários do *site* sejam pais e mães de crianças que, em princípio, se situam na faixa de zero a seis anos de idade.

Veiga-Neto e Lopes (2011;2013) alertam que, por meio de um manancial de textos de autoajuda propagados atualmente, diferentes práticas culturais têm sido trazidas às nossas vidas sem cerimônia, como se fossem legítimas e, em si mesmas, não problemáticas. Expressões, tais como *melhor, maior felicidade* e *futuro mais promissor*, circulam livremente, sem maiores preocupações, em diferentes espaços midiáticos. Já as pedagogias encontradas na *My Kids* estruturam-se por meio de pequenos esquemas explicativos e saberes que naturalizam alguns particulares modos de ser criança e, acima de tudo, de tornar-se um adulto "bem-sucedido".

Frente ao que foi colocado até aqui, lembro Marín-Díaz (2013) quando afirma que são promovidos, em certas publicações de autoajuda, discursos que ecoam e se harmonizam com alguns modos de vida atuais, nos quais ganham destaque formas individualizantes, centradas em "eus" autônomos e autogestores que seriam responsáveis pelo seu próprio

sucesso ou fracasso – laboral, profissional, familiar e acadêmico, por exemplo. A busca pela felicidade, segundo a autora, tem sido tema de diferentes publicações disponíveis tanto na Internet quanto em prateleiras de supermercados, livrarias e lojas – *Mais Platão e Menos Prozac*, por exemplo, é um dos títulos estudados na pesquisa de Marín-Díaz (2013). O que muitos destes discursos teriam em comum seriam matrizes normativas, ou melhor, modos de existência que se constituiriam em um alvo (meta) a ser atingido após o desenvolvimento ou aplicação de um conjunto de exercícios, técnicas, práticas e procedimentos operados pelo indivíduo sobre si e, por vezes, sobre os outros.

ENSINANDO AS CRIANÇAS MALCRIADAS

Ao longo das incursões pela seção *My Kids*, chamou-me a atenção a veiculação de artigos cuja abordagem se relacionava, especialmente, à indicação de práticas para a correção e regulação dos popularmente chamados "comportamentos difíceis" ou indesejáveis das crianças. Os artigos comentados nesta seção focalizam temáticas e situações silenciadas nas demais seções do *site*, pois neles predominaram representações de criança associadas ao bem-estar, à felicidade, ao gosto pela leitura, pela música e pelo conhecimento, etc. No entanto, o caráter prescritivo que apontei predominar na *My Kids* pode ser igualmente encontrado nos textos aqui apresentados.



Teço a seguir considerações sobre o artigo intitulado Sugestões para impor limites11, no qual é dado destaque à necessidade de adotarem-se ações disciplinadoras e reguladoras em relação às crianças para que elas não excedam os limites estabelecidos pelos pais e mães. Antes de dar seguimento a meus comentários sobre esse artigo, lembro que não estarei necessariamente falando aqui em dobrar alguém por coerção física (palmadas, palmatórias ou puxões de orelhas), pois o que está em operação nesses artigos são arranjos discursivos em que se gestam relações de poder. Como Hall (1997ab) apontou, todas as nossas condutas e ações são reguladas normativamente por significados culturais, que nos interpelam de diversas formas, mas muito especialmente por meio de diferentes mídias, sendo essa a situação a que me atenho. A imagem que acompanha o artigo apresenta um homem de perfil (supostamente o pai) que tem parte de seu corpo oculto, pois o enquadramento dá destaque ao seu dedo, apontado na direção do rosto de uma menina de mais ou menos cinco anos de idade; de braços cruzados, ela olha para ele, demonstrando não gostar da repreensão. Evoca-se, nessa foto, a atitude historicamente tomada como representativa de atos de imposição de limites associados à repreensão – "apontar o dedo no rosto".

Seguindo a discussão sobre o artigo relacionado à imposição de limites, outro aspecto que chama atenção é a frequente utilização do verbo impor (ele é empregado sete vezes no artigo) para referir-se a modos de agir desejáveis ao disciplinamento das crianças. Essa proposta fica bem definida já no início do artigo, a partir da seguinte afirmação: uma das tarefas mais difíceis para os pais é a imposição de limites aos filhos. Motivado pelas dificuldades que o articulista identifica nos pais e mães, de um modo geral, o artigo apresenta propostas para "vencer" o desafio de estabelecer limites "exitosamente". Pensando a partir de Hall (1997ab), pode-se dizer que a expressão tarefas difíceis para os pais, bem como outras presentes nesse artigo, tem a ver com a realização de um desejo de alterar o que ocorre no mundo ou no modo como as coisas são feitas, o que implicaria, grosso modo, lançar mão de meios para moldá-lo de outras maneiras e, nesse caso específico, ensinar regras de convivência social para as crianças. Isso implica a regulação de comportamentos, propósito contido no artigo na expressão imposição de limites. Como o artigo destaca,

¹¹ Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/>. Acesso em: 1° jul. 2013.



[...] limites são bons para fortalecer a capacidade de espera dos filhos. Quando nascem, os bebês querem que suas vontades sejam atendidas imediatamente, e os pais fazem de tudo para atendê-los. À medida que cresce, a criança aprende a esperar por meio da socialização, além de ter acesso a substitutos para os objetos primários de satisfação, como a chupeta, por exemplo, que substitui o seio materno [...]. Uma criança pode se acalmar e esperar quando falamos, cantamos ou contamos uma história. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/>Acesso em: 1º jul. 2013.)

Como se pode ver, a imposição de limites é destacada como um importante instrumento de socialização das crianças, que precisam aprender a lidar com o adiamento da realização de seus desejos para que possam, assim, ser preparadas para viver situações semelhantes que enfrentarão no futuro. Na mesma direção, seguem as demais recomendações feitas no artigo; muitas delas ensinam as mães a contornarem "pacificamente" adversidades surgidas nas primeiras tentativas de circunscrever limites para a atuação de bebês e de crianças bem pequenas. Isso está destacado no excerto com a afirmação: Uma criança pode se acalmar e esperar quando falamos, cantamos ou contamos uma história.

Além de prescrever e de consolidar essas prescrições pela exemplificação de procedimentos a serem seguidos pelos pais e mães, o artigo traz orientações que precisam ser seguidas à risca para que se tornem, efetivamente, um hábito familiar e para que não haja "espaço para resistências" por parte da criança. Então, o artigo exemplifica "lições" sobre *como* proceder frente às desobediências dos filhos, relacionando práticas, tais como a do castigo, para corrigir atitudes consideradas indesejadas por pais e mães. Reproduzo, a seguir, algumas das recomendações feitas nesse sentido, as quais precisariam ser seguidas corretamente pelos adultos para se tornarem efetivas. Diz o artigo:

Os castigos devem ser usados para corrigir uma atitude. Estes [os castigos] podem ser a privação de algo que tenha relação com o que a criança está fazendo. Por exemplo: "Se você tirar o tênis para brincar no parque nós vamos voltar para casa". É importante que isso seja dito logo depois que a criança apresente o mau comportamento para que ela possa estabelecer rapidamente uma associação. [grifos meus].

Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/">http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora de-impor-limites/http://discovery

Um aspecto enaltecido nesse artigo é o respeito aos adultos, visto como um passo importantíssimo para a composição do processo de *imposição de limites*, tarefa à qual se devem dedicar, igualmente, pais e mães, desde o nascimento do bebê.

Aliás, o castigo é tema de outros artigos da *My Kids*, como o intitulado *Castigo: um método polêmi-* co^{12} , no qual a prática do castigo – apesar de algumas ponderações – é apontada como uma possível solução para a eliminação de comportamentos diag-

¹² Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-método-polêmico/>Acesso em: 1° jul. 2013.



nosticados pelos pais e mães como indesejados. Diferentemente de todos os episódios televisivos do Discovery Kids, em que todas as cenas invariavelmente terminam em final feliz, os artigos discutidos nessa seção dão visibilidade e status de verdade a práticas como as privações para corrigir comportamentos tidos como inadequados. Destaco, de modo particular, a imagem que acompanha o artigo que estou comentando, em que uma criança de aproximadamente dois anos de idade (talvez possa ser uma menina, pelo tipo de sandália) está sentada em um banquinho, de frente para o canto de uma parede, e de costas para um cesto cheio de ursos de pelúcia e vários outros brinquedos e livros, dispostos sobre uma mesa.

Tal imagem parece traduzir uma das formas de se castigar uma criança – privação da brincadeira e dos objetos que lhe são caros. Embora no decorrer do texto seja afirmado que o castigo é uma prática que suscita discussões e controvérsias, a imagem adicionada ao texto está representando uma das formas de utilizá-lo. E mais, chama atenção, no parágrafo inicial, a apresentação das "melhores formas de empregá-lo". Diz o parágrafo inicial:

Aplicar punições para corrigir o comportamento infantil é um método que divide opiniões. Veja como empregá-lo de forma adequada. As crianças são inquietas e exploradoras por natureza. Têm a necessidade de conhecer tudo de imediato, de entrar em contato com o que se passa à sua volta e fazer o que passar por sua cabeça. Nesse processo, é muito provável que cometam erros e façam coisas que seus pais não aprovam. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/casti-go-um-método-polêmico/>Acesso em: 1º jul. 2013.)

O artigo prossegue recomendando aos pais e mães que acompanhem o desenvolvimento de seus filhos bem de perto, sem se esquecerem, no entanto, de delinear claramente os "limites" daquilo que é ou não aceitável, de modo que os filhos possam perceber quando não estão se comportando conforme o que foi estipulado. Além disso, segundo o texto, o castigo seria um método utilizado por gerações, sendo importante a sua aplicação para a consolidação de comportamentos desejáveis. Como frisa o artigo: Essa tarefa difícil [impor limites], mas necessária, costuma envolver uma das técnicas mais usadas por pais de todas as gerações: o castigo.

Em outros momentos, se, por um lado, o texto ressalta ser o castigo uma prática de difícil aplicação e bastante controversa, inclusive reprovada por alguns especialistas (cujos nomes não são citados), por outro, dá legitimidade à prática ao mencionar que a Academia Estadunidense de Pediatria recomenda o castigo como estratégia disciplinar eficaz. Diz o texto: *Enquanto alguns especialistas desapro-*



vam os castigos, a Academia Americana de Pediatria os recomenda como estratégia de disciplina eficaz.

Novamente, o detalhamento e o delineamento das melhores formas, espaços e tempos para aplicar o castigo são explorados ao término do texto, quando lá está indicado que:

Uma técnica possível é a de "minuto por ano". Por exemplo, se a criança tem dois anos, pode ficar dois minutos de castigo; se tem três, três minutos, e assim por diante. Quanto ao espaço, é melhor escolher lugares neutros, evitando cômodos que possam ser fonte de diversão, como salas de jogos e televisão. Por último, sempre é bom equilibrar castigos com recompensas. [...] Como você lida com o mau comportamento de seus filhos? Você acredita que os castigos são uma boa forma de educar? [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-método-polêmico/>Acesso em: 1º jul. 2013.)

Ao final do artigo, como é possível observar pelo excerto transcrito acima, as prescrições alternam-se com as perguntas: Como você lida com o mau comportamento de seus filhos? Você acredita que os castigos são uma boa forma de educar? Estas, presumivelmente, conduziriam à reflexão acerca do atendimento ou não das lições enunciadas no artigo, pautadas pelas regras e convenções existentes em nossa cultura, que incluem a supremacia dos desejos do adulto em relação aos da criança. É possível dizer que o artigo se vale de interessantes estratégias argumentativas para conduzir seus leitores a admitirem a importância dos castigos: nele se afirma haver posições divergentes sobre a sua utilização,

mas ao mesmo tempo são feitas prescrições sobre o seu uso, postulando-se algumas formas "corretas" de castigar, entre as quais, está a "dosagem" na sua utilização. Além disso, alternam-se prescrições e indagações, especialmente em seus parágrafos finais, direcionando-se estas a promover nos pais e mães uma espécie de autorreflexão sobre suas condutas frente a tudo o que foi postulado no artigo.

Os artigos postados na seção *My Kids* muito se assemelham a um serviço de aconselhamento, pois neles prolifera o delineamento de atitudes e papéis a serem assumidos pelos pais e mães quando estes objetivam que seus filhos alcancem, no futuro, bom desempenho intelectual e social, que sejam flexíveis e obedientes e que permanentemente busquem a felicidade e o sucesso.

O *Complexo Kids* teve na seção *My Kids* um canal direcionado a veicular informações sobre problemáticas nele configuradas como atuais e importantes para as famílias. Argumento, porém, que o *site* estudado faz bem mais do que informar e entreter adultos e crianças – ele ensina, pois atua na configuração de formas de ser criança, de ser mãe e de ser pai ao enumerar, ordenar, classificar e destacar procedimentos como "infalíveis" para a solução de problemas da vida das crianças e, mais amplamente, da vida familiar.

Veiga-Neto e Lopes (2011;2013) indicam que as atuais cartilhas disseminadas por toda parte parecem não apontar brechas ou possibilidades para



pensarmos outras formas de educar as crianças, que não aquelas estruturadas nos propagáveis e empobrecidos esquemas teórico-práticos. Tais esquemas pedagógicos, ao anunciarem "fórmulas" educacionais salvacionistas, mobilizam educadores e famílias a consumirem "as últimas orientações de sucesso" para a condução da difícil arte de educar crianças bem-sucedidas (Ibidem). Os artigos da My Kids parecem alinhar-se a esses propósitos, seja quando tratam do futuro profissional dos filhos, seja quando apresentam aos pais e mães as "ferramentas" delineadas como importantes/indispensáveis para contribuir com a felicidade e o sucesso das crianças (e das famílias) usuárias do site, bem como dos demais serviços/produtos vinculados ao que denominei ser um Complexo Kids.

Ao finalizar este texto, no qual examinei algumas das abordagens que configurei como frequentes na *My Kids*, reafirmo que esta opera em uma dimensão pedagógica que certamente extrapola, em seus ensinamentos, aquilo que o *site* objetiva destacar. Minha consideração não vai pela direção de apontar tal característica como uma "qualidade" desse *site*, mas a faço para ressaltar o entendimento de que as pedagogias da mídia exercem efeitos de diferentes ordens sobre seus públicos, mas sempre procurando atraí-los para uma posição particular de conhecimento/entendimento em relação ao que está sendo veiculado.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinaria**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação da UFPel**, n.44, jan-ab.2013.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. **Na produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas.** In: 36^a RN ANPED, Goiânia, out. 2013. GT 16 "Educação e Comunicação". Disponível em: http:<//36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/texto.pdf> Acesso em: 15 dez. 2014.

FLOR, Douglas. A convocação para o consumo nas pedagogias culturais - circuitos e teias do Complexo Rebelde. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação) - ULBRA, 2007.

FONTANA, Luciana Sauer. **As pedagogias online do Complexo Kids:** crianças, mães e pais em conexão. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.



GIROUX, Henry. **How Disney Magic and the Corporate Media Shape Youth Identity in the Digital Age**. Truthout, 2011. Disponível em http:<//www.truth-out.org/opinion/item/2808:how-disney-magic-and-the-corporate-media>. Acesso em: 20 ago. 2015.

HALL, Stuart. **Representation, Cultural Representation and Signifying Practices**. 5. ed. London/Thousend Oaks/New Delhi: Sage, 1997a.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**. V. 22(2). p. 15-46, 1997b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. 1 ed. São Paulo: Aleph, 2014.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo:** A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido. 2. ed. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.153-166.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e educação:** uma genealogia das antropotécnicas contemporânea**s**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NARODOWSKI, Mariano Haciaun mundo sin adultos. Infancias híper y desrealizadas em la era de los derechos Del niño. **Actualidades Pedagógicas,** n. 62 p 15-36, 2013. Disponível em: http://revistas.lasalle.edu.co/index.Acesso em: março de 2014.

PRATES, Camille Jacques. **O Complexo W.I.T.C.H. acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, 2008.

STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (orgs.). Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. **Teoria & Educação.** São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo; Lopes, Maura Corcini. Límites en la educación infantil: ¿rigidez o flexibilización negociada? **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 23, núm. 60, mayo/agosto, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo; Lopes, Maura Corcini. Educação Infantil: dois modelos em conflito. In: Loockmann, Kamila (Org.). **Infância(s), educação e governamento**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SIL-VEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p.32-48, 2015.



COMUNIDADES TRADICIONAIS: UMA DISCUSSÃO ACERCA DE SEUS DIREITOS HUMANOS E SUA CULTURA

TRADITIONAL COMMUNITIES: A DISCUSSION ABOUT THEIR HUMAN RIGHTS AND THEIR CULTURE

Lucimery Dal Medico - Feevale¹ Valdir Pedde - Feevale²

Resumo: O presente estudo aborda os direitos para povos tradicionais, prevista na constituição de 1988, suas vivências comunitárias e suas práticas cotidianas. Nesse sentido será abordado os conceitos com relação aos direitos humanos para povos tradicionais e comunidade tradicional com uma discussão com relação a aldeia indígena kaingang de Iraí, justificando a pesquisa por meio da revisão bibliográfica. Os métodos utilizados foram a analise teórica dos conceitos de cultura, povos tradicionais, direitos humanos e o estudo das vivências da comunidade indígena Kaingang de Iraí. Para o Decreto 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, enfatizando o acesso aos ter-

ritórios tradicionais e aos recursos naturais, povos e comunidades tradicionais são entendidos como "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidos pela tradição" (art. 3°, inc. I). Diante dessas questões culturais será debatida com enfoque maior a vivência dos povos tradicionais em comunidade, seus direitos humanos e sua cultura.

Palavras-chave: Povos Tradicionais. Direitos humanos. Comunidade. Cultura.

Abstract: This study addresses the rights to traditional peoples, provided for in the 1988 constitution, their community experiences and their daily practices. In this sense it will be discussed the concepts with regard to human rights to traditional peoples and traditional community with a discussion regarding the Kaingang indigenous village of Irai, justifying the search through the literature review. The methods used were the theoretical analysis of the concepts of culture, traditional peoples, human rights and the study of the experiences of the in-

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale - Novo Hamburgo − RS. Bolsista e pesquisadora da CAPES. arquitetalucy@gmail.com

² Professor Doutor, titular do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale valpe@feevale.br



digenous community of Kaingang Iraí. To Decree 6,040 / 2007 establishing the National Policy for the Sustainable Development of Traditional Peoples and Communities, emphasizing access to traditional territories and natural resources, people and traditional communities they are seen as "culturally different groups and who recognize themselves as such, which have their own forms of social organization, which occupy and use territories and natural resources as a condition for their cultural, social, religious, ancestral and economic, using knowledge generated innovations and practices and transmitted by tradition "(art. 3, inc. I). Faced with these cultural issues will be discussed with greater focus on the experience of traditional peoples in community, their human rights and their culture.

Keywords: Traditional Peoples. Human Rights. Community. Culture.

INTRODUÇÃO

Para os povos indígenas, a Constituição Federal de 1988, é um marco histórico, assegura o reconhecimento da organização social e seus costumes, a língua, suas crenças e tradições (BRASIL, 1988). Para que fossem desenvolvidas políticas públicas voltadas a esses povos, criou-se a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comuni-

dades Tradicionais, essa comissão redigiu um documento, que delimita quatro eixos estratégicos de implementação de Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais: Acesso aos Territórios Tradicionais e aos Recursos Naturais; Infraestrutura; Inclusão Social; e Fomento e Produção Sustentável. Diante do exposto, esta pesquisa pretende contribuir para as Políticas Públicas voltadas para as questões habitacionais culturais de comunidades indígenas de acordo com suas tradições.

A presente discussão aborda questões como direitos para povos tradicionais, prevista na constituição de 1988, suas vivências comunitárias, suas práticas cotidianas junto a suas inseguranças. Tem como objetivo discutir esses direitos humanos gerando conclusões acerca do tema proposto para análise desta pesquisa. Nesse sentido serão abordados primeiramente os direitos humanos para povos tradicionais e posteriormente conceitos sobre comunidade e direitos humanos. Essa pesquisa abordou uma discussão e análise teórica, justificando a mesma por meio da revisão bibliográfica. Para desenvolver essa pesquisa os procedimentos metodológicos utilizados foram: analise teórica dos conceitos de cultura, povos tradicionais e comunidade e direitos humanos tendo como o estudo referencial a comunidade Indígena kaingang de Iraí.



POVOS TRADICIONAIS E SEUS DIREITOS

Será apresentado os marcos teóricos e a fundamentação da pesquisa, com base nos autores que dialogam com relação ao assunto proposto como segue:

Para Kayser (2010) os índios são populações tradicionais que se estabeleceram no Brasil há cerca de onze ou doze mil anos. Hoje já se sabe que na confluência dos Rios Negro e Solimões, assim como no Alto Xingu, existiram conglomerados humanos altamente desenvolvidos. As estimativas dão conta de dois a cinco milhões de índios quando da chegada dos portugueses ao Brasil, sendo registrado um total de mil e quatrocentas etnias. Hoje são cerca de seiscentos mil índios e duzentas e vinte e cinco etnias.

A Constituição da República impõe ao Estado garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais, com a valorização e a difusão das manifestações culturais populares, indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional, em prol da diversidade étnica e regional (art. 215)

Os direitos dos povos tradicionais são direitos culturais e suas formas de expressão, seus modos de criar, fazer e viver, suas obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados a manifestações são bens culturais.

Para Santos, 2008 são chamadas "tradicionais" por manterem muitos aspectos culturais seculares e praticarem, sobretudo, a agricultura ou pesca voltada à subsistência.

É a partir destas categorias que o sistema internacional de proteção aos direitos do homem enfatiza o que veio a ser denominado "era dos direitos".

Pode-se afirmar que, de acordo com o contexto histórico, novos direitos devem ser assegurados. Pinsky (2003), afirma que ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, ou seja, ter direitos civis. É também ter direitos políticos (votar e ser votado) e direitos civis, o que garante a participação de todos na riqueza coletiva: trabalho, educação de qualidade, salário justo, saúde, uma velhice tranquila, a informação não manipulada, a proteção do planeta, informações sobre a bioética e suas consequências, alimentação saudável e para todos, enfim, o respeito às suas escolhas.

Para Santos (2008), todos os grupos que pesquisam direitos humanos em uma perspectiva intercultural é a questão da "dignidade da pessoa humana". Todas as culturas possuem algum tipo de concepção ou prática relacionada com a dignidade humana. Mesmo sem usar a terminologia "direitos humanos", algo próximo se encontrará. Por exemplo, buscar uma vida digna, querer uma vida melhor para os seus filhos e parentes, para a tribo, clã ou comunidade circundante. Todas as culturas são incompletas e problemáticas nas suas concepções de dignidade humana. Nenhuma cultura dá conta do humano. "Aumentar a consciência de incompletude cultural é uma das tarefas prévias à construção de uma concepção emancipadora e multicultural dos direitos humanos".



Segato (2006) fala da necessidade de negociação ética quando leis modernas instituírem intolerância a determinados costumes, assim, para a autora embora se recomende sensibilidade com relação ao chamado direito 'consuetudinário' e aos costumes das sociedades indígenas, os direitos próprios não podem ser contraditórios com os direitos definidos pelo sistema jurídico nacional nem com os direitos humanos internacionalmente reconhecidos.

Nas aldeias indígenas existem algumas práticas em que são subdividida as tarefas como: os homens são responsáveis pela caça, hoje muitos já estão adaptado a trabalhar para trazer o alimento para sua família e as mulheres são responsáveis pela colheita e pelo cuidado das crianças. Cada aldeia possui suas regras de acordo com as lideranças locais, para manter a organização do povo, exemplo disso é o cacique que tem a função de orientar e ser o chefe de todos na comunidade indígena. Cada comunidade também tem sua crença, mas o respeito sobre as forças da natureza e dos espíritos dos seus antepassados é muito comum a todas as comunidades indígenas.

Para Bauman (2005), a palavra "comunidade" sugere uma coisa boa: o que quer que "comunidade" signifique, é bom "ter uma comunidade," "estar numa comunidade". Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que "anda em má companhia". Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo

acusamos a sociedade, o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade.

Para o mesmo autor, "Comunidade" produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra "comunidade" carrega, todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar mas que não alcança mais.

Na aldeia indígena Kaingang de Iraí vivem constantemente a experiência de estar em comunidade, durante o ano fazem em conjunto seus artesanatos, sextos, balaios, colares e adornos para comercializar no litoral e nas cidades turísticas. Quando estão na reserva indígena trabalham em comunidade e ao saírem para a comercialização de seus artesanatos também procuram sair em grupos para sentirem-se mais seguros, normalmente as pessoas mais idosas permanecem na aldeia e os casais mais jovens juntamente com seus filhos partem para a comercialização do artesanato.

Para o cacique da aldeia, é necessário que a comunidade busque outros locais turísticos para conseguir comercializar o artesanato. Passam meses acampados em locais que as prefeituras lhes providenciam infraestrutura para suas necessidades básicas. Durante esse tempo que se distanciam de sua comunidade, muitas vezes passam medo e necessidades e afastam-se de seus costumes diários da aldeia adaptando-se ao meio em que estão inseridos.



Castel (2005) parte da constatação de que as sociedades modernas são construídas sobre o alicerce da insegurança, pois não encontram em si a capacidade de assegurar proteção. Em contraste, nas sociedades pré-industriais a segurança do indivíduo era garantida a partir de sua pertença à comunidade: a chamada proteção de proximidade. A sociedade moderna tem como premissa a promoção do indivíduo. Ele é reconhecido por si mesmo, independentemente de sua inscrição em um grupo ou coletividade. Trata-se de uma sociedade individualista.

Para Bauman (2005), a comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá, portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa. Pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas.

A comunidade indígena Kaingang de Iraí busca viver em coletividade e não de forma individualista e assim, conseguir comercializar seus artesanatos o que lhes garante uma renda para fazer nova produção artesanal para comercializar.

Castel (2005) lembra que não foi por acaso que a propriedade foi colocada na categoria dos direitos inalienáveis e sagrados da Declaração Universal dos Direitos Humanos e Cidadãos. Os indivíduos proprietários podem proteger-se por si mesmos, com seus recursos.

Ainda para o mesmo autor, propõe uma forma de combater a insegurança social: primeiramente, reconfigurando as proteções sociais por meio de uma personalização no regime das proteções. Trata-se de ajustar a especificidade dos problemas das populações. Ser protegido em uma sociedade moderna, em uma sociedade de indivíduos é poder dispor de direitos e de condições mínimas de independência, lembrando que a proteção social não é somente a concessão de benefícios, mas uma condição básica para todos. A proteção social é a condição para formar uma sociedade de semelhantes, o que podemos chamar de democracia.

Para Bauman (2005) na prática, significava homogeneidade nacional e dentro das fronteiras do Estado só havia lugar para uma língua, uma cultura, uma memória histórica e um sentimento patriótico. As comunidades étnicas ou locais eram os habituais suspeitos e os inimigos principais. A perspectiva aberta pelo projeto de construção da nação para as comunidades étnicas era uma escolha difícil: assimilar ou perecer. As duas alternativas apontavam em última análise para o mesmo resultado. A primeira significava à aniquilação da diferença, e a segunda a aniquilação do diferente, mas nenhuma delas deixava espaço para a sobrevivência da comunidade.



CULTURA E POVOS TRADICIONAIS

Para os povos indígenas, a Constituição Federal de 1988, é um marco histórico, pois assegura o reconhecimento da organização social e seus costumes, a língua e suas crenças e tradições (BRASIL, 1988). Para que fossem desenvolvidas políticas públicas voltadas a esses povos, criou-se a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, essa comissão redigiu um documento, que delimita quatro eixos estratégicos de implementação de Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais: Acesso aos Territórios Tradicionais e aos Recursos Naturais; Infraestrutura; Inclusão Social; e Fomento e Produção Sustentável.

A noção de cultura carrega definitivamente a marca antropológica. "Cultura ou civilização é este todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade" (TYLOR, 1871, p. 1).

Pra Santos (2008), num diálogo intercultural, a troca ocorre entre diferentes saberes que refletem diferentes culturas, ou seja, entre universos de sentido diferentes e, em grande medida, incomensuráveis. Tais universos de sentido consistem em constelações de topoi fortes. Os topoi são os lugares comuns retóricos mais abrangentes de determinada cultura. Funcionam como premissas de argumen-

tação que, por não se discutirem, dadas a sua evidência, tornam possível a produção e a troca de argumentos. [...] A hermenêutica diatópica baseia-se na ideia de que os topoi de uma dada cultura, por mais fortes que sejam, são tão incompletos quanto a própria cultura a que pertencem. Tal incompletude não é vivível a partir do interior dessa cultura, uma vez que a inspiração à totalidade induz a que se tome a parte pelo todo. O objetivo da hermenêutica diatópica não é, porém, atingir a completude – um objetivo inatingível mas, pelo contrário, ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua através de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, com um pé numa cultura e outro, noutra.

A Cultura tem sido definida como um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo (LÉVI-STRAUSS, 1950).

Para Velho e Viveiros (1978), a Cultura pode ser concebida como um sistema de símbolos, organizados em diversos subsistemas. Neste sentido, o comportamento humano é percebido como apresentando, para além dos aspectos puramente técnicos ou pragmáticos, um componente simbólico, expressivo.

A noção de cultura como sistema simbólico aponta, ademais, para natureza social do comportamento: esses símbolos são decodificados a partir de um código comum a um grupo. Desta forma, um dos métodos de identificação das fronteiras de uma cultura particular é o exame da capacidade ou não de um dado símbolo ser decodificado.



O instrumento de humanização é um instrumento de comunicação. A Cultura tem sido definida como um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo (LÉVI-S-TRAUSS, 1950). A noção de código, que veio marcar profundamente as teorias antropológicas atuais sobre a questão da Cultura, procede da Lingüística da revolução de Saussure, que apontou o caráter ao mesmo tempo social, inconsciente e sistemático da linguagem, domínio central da cultura.

Quanto às questões das fronteiras culturais, Abreu (2005) nos fala que as fronteiras culturais e políticas, são formas simbólicas complexas de manifestação do fenômeno humano, em que a alteridade surge como um valor fundamental, posto que uma política de diferença configura-se como possível.

Ainda para o mesmo autor, para existir a diferença é necessário que existam as margens, os limites que separam o eu do outro e que possibilitam que o jogo entre proximidade e distância se dê como uma abertura ao diálogo.

Para Eckert e Rocha (2005), se aceitarmos que tempo é vibração e hesitação, por sua feição lacunar, e se, ao mesmo tempo, concordarmos que a vida é movimento e construção produtiva, criadora de estruturas dinâmicas, toda a interpretação das estruturas espaço temporais das formas de vida social, nas modernas sociedades urbano-industriais, tem por desafios ultrapassar a perspectiva de uma simples tradução dessa oscilação dos instantes em falhas do tempo.

Para Abreu (2005), as assimetrias existem e vão continuar existindo, pelo menos até o momento em que o ser humano for capaz de entender melhor esse sentimento confuso que o invade quando tem que lidar com a relação de proximidade e distância, e tudo o que implica em termos de interação com aquele que lhe é diferente.

Para Jeudi, Henri-Pierre (1990), a absorção do social pelo cultural não coincide também com a fusão do político e do cultural? No interior de um programa político, a cultura se define como um setor próprio, mas ela ultrapassa o marco em que lhe é conferida pela impulsão dessa unidade cultural engendrada por uma percepção musegráfica de todas as práticas e atividades.

Ainda para o mesmo autor, da arte militar ao ensino culinário, da habilidade política à conservação da flora e da fauna, nada parece poder resistir a um tratamento pelo qual tudo é considerado como objeto de cultura. O cultural constitui um cenário geral para a vida política ou social que perdeu sua possibilidade de gerar outra coisa que não o sentido já organizado, restituído, museografado. Memórias coletivas e identidades culturais não são mais álibis necessários ao trabalho de "historicização" desenvolvido por políticas culturais que fabricam por si mesmas o espelho de seu poder e de suas modalidades de gestão. O autor afirma que é através do "imperativo cultural" que podem se efetivar todas as simulações de restituição do social de das questões políticas.



A ÁREA INDÍGENA KAINGANG DE IRAÍ E SUA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Nesta etapa da pesquisa será abordada a forma como a comunidade tem se organizado em seu território demarcado.

A sociedade era, de fato, um mero conglomerado de gentes multiétnicas, oriundas da Europa, da África ou nativos daqui, ativadas pela mais intensa mestiçagem, pelo genocídio mais brutal na dizimação dos povos tribais e pelo etnocídio radical na descaracterização cultural dos contingentes indígenas e africanos (RIBEIRO, 1995, S.P. versão digital).

Segundo IBGE – 2015, os primitivos habitantes do atual município de Iraí foram os índios da tribo Kaingang. Esses índios já conheciam as propriedades curativas das fontes termais existentes junto a um arroio, em cujas margens havia inúmeras colméias. Estes denominavam esta região por Irahy que na língua indígena significa Águas do Mel. Termo que deu o nome do município.

O indígena contribuiu, principalmente, na qualidade de matriz genética e de agente cultural que transmitia sua experiência milenar de adaptação ecológica às terras recém-conquistadas. (RIBEIRO, 1995, p. 72).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em São Paulo é existente 110 Kaingang, Paraná 11.735, Santa Catarina 5.040, no Rio Grande do Sul 17.231 totalizando 34.116 indígenas Kaingangs no Brasil. Também pode-se visualizar na imagem abaixo a localização da cidade de Iraí próximo a divisa de Santa Catarina, onde localiza-se a aldeia Indígena Kaingangde Iraí com população de 500 indígenas. Ao chegar ao município de Iraí, que possui aproximadamente 8.020 habitantes e destes, 500 são indígenas, possui área da territorial de 180,962 km².Os acessos até a aldeia até o balneário se dá por pavimentação de pedra, chamada calçamento e após o balneário o acesso é apenas de terra e cascalho.

Os Kaingangs inicialmente ocuparam as margens do Rio Mel, junto ao Balneário de águas termais, área que foi expropriada em 1979, pela Prefeitura e retomaram suas terras em 1993, a área em que foi demarcada incluiu as instalações do aeroporto e torna-se reserva indígena em agosto de 1993, homologada em outubro de 1993, registrada no Registro de Imóveis de Iraí em março de 1994 e na Secretaria do Patrimônio da União - SPU em abril de 1994 com área demarcada de reserva 279,98 hectares localizada as margens do Rio Mel até a barra no Rio Uruguai no Município de Iraí, RS.

No acesso principal da aldeia encontra-se os serviços de infraestrutura que atende a comunidade, possui uma escola bilíngue, posto de saúde com atendimento médico e enfermeiras, igrejas, uma grande área de preservação permanente, campo de futebol, casa cultural em forma arredondada, e açudes.



Ao concluir a forma de organização da aldeia pode-se perceber que a partir da retomada de suas terras em 1993 começaram a se estruturar próximos as antigas instalações do aeroporto, implantando a escola, posto de saúde e suas unidades habitacionais.

CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Esse diálogo pesquisa abordou uma discussão teórica, justificando a mesma por meio da revisão bibliográfica, trazendo um exemplo prático da forma de organização cultural da aldeia Indígena Kaingang de Iraí.

Para desenvolver essa pesquisa os procedimentos metodológicos utilizados foram: análise teórica dos conceitos de povos tradicionais, direitos humanos, comunidade e cultura e trazendo as vivências da comunidade indígena Kaingang de iraí, que nos proporcionou uma valorosa discussão com relação aos povos tradicionais.

Diante do exposto, pode-se afirmar que os povos tradicionais têm seus direitos assegurados com a constituição de 1988, mas muitas vezes não são consideradas para a efetivação desses direitos.

Os Kaingangs de Iraí inicialmente ocuparam as margens do Rio Mel, junto ao Balneário de águas termais, área que foi expropriada em 1979, pela Prefeitura e retomaram suas terras em 1993, a área em que foi demarcada incluiu as instalações do aeroporto e torna-se reserva indígena em agosto de

1993, homologada em outubro de 1993, registrada no Registro de Imóveis de Iraí em março de 1994 e na Secretaria do Patrimônio da União - SPU em abril de 1994 com área demarcada de reserva 279,98 hectares localizada as margens do Rio Mel até a barra no Rio Uruguai no Município de Iraí, RS.

Com isso podemos afirmar que a comunidade teve que lutar para garantir os seus direitos que são assegurados por lei e somente após as suas terras estarem reconhecidas pela União é que passam a ter assistência.

Castel (2005) afirma que o que lhe dará proteção não será mais o grupo a que pertence, mas sua propriedade. É ela que garante a segurança diante dos imprevistos da existência. Castel lembra que não foi por acaso que a propriedade foi colocada na categoria dos direitos inalienáveis e sagrados da Declaração Universal dos Direitos Humanos e Cidadãos. Os indivíduos proprietários podem protegerse por si mesmos, com seus recursos.

Muitas vezes a comunidade indígena Kaingang se protegem não permitido entrada de não-índios dentro da aldeia e outras vezes com mobilizações na sua comunidade para lutar em prol de seus direitos, prova disso foi a retomada de suas terras, que lhes proporciona segurança para o crescimento e desenvolvimento de sua comunidade. Tendo suas terras registradas na União garantem seus direitos enquanto comunidade indígena, e lhes garante a inserção na Constituição Federal de 1988, que as-



segura o reconhecimento da organização social e seus costumes, a língua e suas crenças e tradições (BRASIL, 1988). Por meio da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, lhes garante o Acesso aos Territórios Tradicionais e aos Recursos Naturais; Infraestrutura; Inclusão Social; e Fomento e Produção Sustentável, e tem por objetivo reconhecer e a existência e as especificidades desses segmentos populacionais, garantindo os seus direitos territoriais, socioeconômicos, ambientais e culturais, respeitando e valorizando suas identidades.

Ao acessar a aldeia já é possível perceber a forma de organização da comunidade em que próximo ao acesso principal, tem as instalações de infraestrutura como a escola, posto de saúde e a casa do cacique, chefe da aldeia, já as suas novas moradias consolidadas a partir da implementação do Programa Nacional de Habitação Rural – PNHR, estão próximas as antigas instalações do aeroporto.

Com isso e diante do exposto podemos concluir que a aldeia tem sua forma de organização própria, dentro de suas possibilidades culturais, buscando viver em comunidade, garantindo seus direitos, suas crenças e suas vivências características de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávio Leonel. **As complexidades da noção de fronteiras, algumas reflexões**. In: Cadernos Pós Ciências Sociais – São Luis, v.2, n.3, Jan/jun. 2005. Online. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.phprpcsoc/article/viewfile/223/155. Acesso em: 22 jun. 2015.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BRASIL. **Constituição da república Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CASTEL, Robert. A insegurança social. O que é ser protegido. Petrópolis: Vozes, 2005.

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. da. **A memória como espaço fantástico.** Revista Iluminuras, NUPECS/LAS/PPGAS/ IFCH/URGS, Porto Alegre,v. 1, n. 1, 2000. Online. Disponível em: SEER.UFRGS.br/ iluminuras/article/view/8926. Acesso em: 07 jun. 2015.

JEUDY, HENRI-PIERRE. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Online. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 14 de dez. 2015.

LÉVI–STRAUSS, Claude – "Introduction L'Oeuvre de Marcel Mauss" em Mauss, Marcel, Paris, P. U. F, 1950.PINSKY, J. Introdução. In: PINSKY J.; PINSKY, C.B. **Historia da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-13.





RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (versão digitalizada).

SEGATO, Rita Laura. **Antropologia e Direitos Humanos**. Alteridade e Ética no movimento de expansão dos direitos universais. Mana, v. 12 n. 1. Rio de Janeiro, 2006.p. 210. Disponível em: ">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text-8pid=S0104-93132006000100008&lng=pt&nrm=iso>">http://www.scielo.br/scielo.php

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do Tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo, SP: Cortez , 2008.

TYLOR, E. B., 1871, **Primitive Culture**, v. 1, Londres, John Murray.

KAYSER, Helmut-Emanuel. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil**: desenvolvimento histórico e estágio atual. Tradução: Maria da Glória Lacerda Rurack, Klaus Peter Rurack. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2010.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DOCENTES DO CURSO DE TURISMO SOBRE OBSERVATÓRIO DE TURISMO E CULTURA DA REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE: INTERDISCIPLINARIZAÇÃO E METACOGNIÇÃO EM FOCO

EXPERIENCE REPORT OF THE TOURISM COURSE TEACHERS ON AN OBSERVATORY OF RECIFE'S METROPOLITAN REGION TOURISM AND CULTURE: METACOGNITION AND APPLICATION OF INTERDISCIPLINARY IN FOCUS

Marcela Marinho (UCS)¹
Tamisa Vicente (IFAL)²
Daniel Vasconcelos (UFAL)³

Resumo: O ato de ensinar pode se configurar sob dois processos básicos: o primeiro tem o acesso ao conhecimento como fim próprio; o segundo, o acesso ao conhecimento como parte do produzir conhecimento. O ensino acompanha, assim, o desenvolvimento da ciência. A união entre ciência e educação

pode gerar um processo empreendedor, inovador. Com base em autores que debatem o empreendedorismo, foi possível pensar o processo empreendedor associado ao turismo no intuito de conduzir mudanças em questões sócio-cultural-econômico--ambientais, por meio de planejamento turístico e desenvolvimento regional. Entretanto, por meio de processo de metacognição, percebeu-se a necessidade de deslocar a compreensão de "empreendedorismo" para a de "produção e organização espacial", agora ancorados em preceitos que articulem a espacialidade como ponto de partida para as transformações necessárias. Este estudo parte de relato de experiência de docentes sobre o desenvolvimento teórico e metodológico do Observatório de turismo e cultura de Recife-PE, para reflexões sobre processo pedagógico de metacognição, para se possibilitar aos professores, reflexivamente, suas aprendizagens e avaliar suas decisões, produzindo compreensão dos processos e de si mesmo quando retomado processo de tomada de consciência, para tentar (re)construir bases teóricas e metodológicas para construção de um Observatório de Turismo e Cultura em Alagoas. Palavras-chave: Turismo. Observatório de turismo e cultura. Processo pedagógico de metacognição.

¹ Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Bacharel em Turismo pela Faculdade Estácio de Alagoas/AL.

² Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Bacharel em Turismo pela Universidade Católica de Pernambuco/PE. Professora do Instituto Federal de Alagoas, Campus Marechal Deodoro.

³ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo (Cidades) e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas, Brasil. Bacharel em Turismo. Docente Efetivo da graduação em Turismo da Universidade Federal de Alagoas.



Abstract: The act of teaching may take form in two basic processes: the first has the access to knowledge as its own end; the second, the access to knowledge as part of producing knowledge. Thus, teaching follows the development of science. The bond between science and education may generate an enterprising, innovative process. Based on authors who discuss entrepreneurism, it was possible to think on the enterprising process associated to tourism with the intent of leading changes in socio-cultural-economic-environmental subjects, by way of touristic planning and regional development. However, by way of process of metacognition, the need to shift the understanding of "entrepreneurism" to the one of "production and spatial organization", now anchored in precepts which articulate spatiality as a starting point to the needed transformations. This study starts from reports of experience from teachers about the theoretical and methodological development of the Observatory of Recife's Tourism and Culture, to thoughts on metacognition pedagogical process, with the objective of allowing teachers, thoughtfully, their learning and evaluate their decisions, producing comprehension of the processes and of oneself when resumed the process of awareness, to try to (re)build theoretical and methodological grounds to building an Observatory of Tourism and Culture in Alagoas.

Keywords: Tourism. Observatory of Tourism and Culture. Pedagogical process of metacognition.

INTRODUÇÃO

A compilação e a análise de dados geram informações relevantes que viabilizam o planejamento, auxiliam a tomada de decisão e consolidam o turismo em uma cidade, região ou destino. A partir desse conhecimento se possibilita a construção de metodologias que, entre outros aspectos, poderão contribuir para dar suporte à iniciativa pública e privada potencializando o desenvolvimento social e minimizando o olhar pelo viés único do crescimento econômico. Nesse sentido, a inventariação de uma destinação turística, por exemplo, compreendendo como elemento do fenômeno turístico, pode ser ferramenta para análise/diagnóstico de situações e de proposições de intervenções por meio de planos, de programas e de projetos.

Considerando, assim, o desenvolvimento de planejamento estratégico que facilite a viabilidade de mudanças em estruturas políticas, sociais e econômicas de municípios envolvidos, o presente estudo marca a relato de experiência docente quanto as dimensões teóricas e metodológicas de Observatório de Turismo e Cultura da Região Metropolitana de Recife/PE.

Por meio das experiências aqui apontadas, objetivamos que essa proposta que sirva como base para novas reflexões e dimensionamentos, no sentido de iniciar ponderações de ordem teórica sobre um observatório para o Estado de Alagoas.



PERCURSO TEÓRICO

A partir desses apontamentos, para justificar a presente pesquisa, serão alinhadas três dimensões que parecem pertinentes para o desenvolvimento do observatório. A primeira diz respeito à dimensão científica. A segunda versa sobre o processo educacional e a terceira sobre a interdisciplinaridade. Na sequência será apresentada relato de experiência de docentes do curso de turismo sobre Observatório de Turismo e Cultura da Região Metropolitana de Recife. Por fim, trazemos apontamentos sobre processo pedagógico de metacognição e algumas possibilidades de um complemento de aporte teórico metodológico balizado por uma discussão espacializada, acerca dos destinos e regiões turísticas, com base no modelo de Butler (1980), para a concepção de um observatório de turismo para o Estado de Alagoas.

Discussões sobre a relação entre ciência, educação e interdisciplinaridade

A ciência é uma das responsáveis pelos avanços e mudanças nos quais as sociedades vivenciaram no decorrer de séculos. Paviani (1986) comenta que a ciência é uma presença irreversível, assim como outras formas culturais. "[...] É uma presença que pode ser percebida enquanto meio de transformação do espaço e do tempo do homem, meio de atingir e modificar os limites da própria vida e desencadeador

de mudanças nas relações sociais e de produção." (p. 91). Assim como desencadear mudanças nas relações sociais e nas produções.

A ciência permeia a sociedade, através das instituições que a compõem: família, escola, igreja, etc. O conhecimento produzido assim entremeia as sociedades cientificas e os pesquisadores, como também os indivíduos dessa comunidade e as instituições mencionadas. Cada modelo científico constitui um paradigma novo, calcado em novos princípios e novas formas de perceber o mundo, não excluindo o anterior, mas absorvendo-o. O mundo científico influencia, de forma complexa, concepções relativas à cultura, à política, à educação, à economia, etc., interferindo nas respectivas atuações e relações. Todos esses interesses complexamente se articulam, fazem trocas em vista de resolver problemas das sociedades.

No percurso histórico, sob ponto de vista do desenvolvimento da ciência, O mundo é explicado de formas diversas. Köche (2005) preceitua que modernamente o mundo é explicado empiricamente, ou seja, a explicação por provas construídas e elaboradas pela observação sistemática e experimentação dos fenômenos, sem hipóteses apriorísticas ao invés de baseada em ideia de suficiência de demonstração por argumentos logicamente construídos para validar a explicação da natureza, como durante o período latente da Filosofia. Assim, o método científico agora é o de indução experimental, certeza con-



firmada pelas provas empíricas (Bacon, Newton), o critério de cientificidade é a confirmabilidade. O progresso científico é acumulativo e consequentemente surgem o cientificismo e o dogmatismo.

O autor também apresenta na contemporaneidade outra concepção de ciência, na qual o mundo é explicado hipoteticamente, ou seja, conjecturalmente. O método é dedutivo - hipotético, o critério de cientificidade é a falseabilidade (segundo Popper). Aqui apresenta-se uma ruptura com a ideia de que o processo de conhecer é uma consequência do registro de impressões sensoriais extraídas dos fatos do intelecto, originando leis e teorias com o auxílio da lógica. A dúvida faz parte do processo de conhecer, a delimitação de problemas é resultante de quadros de conhecimentos disponíveis, de modelos teóricos. Não há ponto de chegada, ou seja, o critério de cientificidade Progresso científico: revolucionário e a corroboração e validade é temporária (KÖCHE, 2005).

Dentro desse panorama, situamos a educação, e nesta, o ensino formal, que é influenciado pelas concepções de ciência, educação e sociedade e que, ao mesmo tempo as influenciam. Mais especificamente no que se refere ao ensino, vale pontuar as considerações de Santos (2001), quando assinala que o ensinar se configura sob dois processos básicos: o primeiro tem o acesso ao conhecimento como um fim em si mesmo; o segundo, o acesso ao conhecimento produzido como parte do processo de produzir co-

nhecimento. Ao situar esses processos, a autora explana sobre a existência subjacente de concepções de ensino, na escolha, por parte do professor, de um desses processos de obtenção de conhecimento, concepções essas, que podem estar atreladas à transmissão do conhecimento, objetivando conteúdo ou a orientação do aprendiz, para que esse aprenda a produzir o conhecimento, identificando ações-problema com as quais poderá lidar. Santos (2001, p.71) vincula o privilegiamento, no ensino, do acesso ao conhecimento como um fim em si mesmo, à ciência moderna; também do acesso ao conhecimento produzido como parte do processo de produzir conhecimento, à ciência contemporânea.

A autora ainda continua afirmando que quando o ensinar consiste na orientação para a aprendizagem e o desenvolvimento do comportamento de investigar, ele assenta suas bases na concepção contemporânea de ciência, em que a cultura científica, em face aos problemas delimitados, é colocada em permanente questionamento. Nessa perspectiva, fundem-se, no ensino, o processo científico e o pedagógico: uma pedagogia fundamentada no processo científico consiste essencialmente no ato de facilitar, de criar condições para que se aprenda a produzir conhecimentos científicos (SANTOS, 2001, p. 71).

Essas considerações corroboram as inter-relações entre ciência, educação e sociedade. O ensino acompanha, assim, o desenvolvimento da ciência, o que atualmente, implica refutar o princípio das



soluções acabadas, além de alicerçar a prática pedagógica em problemas e situações cotidianas da (KÖCHE, 2005). Na realidade, como Santos (2001, p. 65) adverte, "As dimensões do processo formal de ensinar ultrapassam em muito as ações exteriorizadas numa sala de aula. Múltiplas relações estão presentes no ato de ensinar, justificando-o, fundamentando-o, orientando-o ou objetivando-o".

Ainda é possível destacar que a união entre a ciência e a educação pode gerar um processo interdisciplinar.

Quando discutimos conceito e distinções preliminares é possível sinalizar significados de interdisciplinaridades. Paviani; Botomé (1993) explicam que, em síntese, ela pode ser vista ora como teoria epistemológica, ora como proposta metodológica, ora como modalidade de aplicação de conhecimentos de uma disciplina, ora como modalidade de colaboração entre professores e pesquisadores. Entretanto, os autores apontam para crise das disciplinas e dos excessos de fragmentação de conhecimentos e de especialização impossibilitando muitas vezes a visão do todo.

Nesse sentido, ainda sob a égide dos autores mencionados a origem da interdisciplinaridade é alocada nas transformações dos modos de produzir a ciência e de perceber a realidade e, igualmente, no desenvolvimento dos aspectos político-administrativo do ensino e da pesquisa nas organizações e instituições científicas. Mas, sem dúvida, entre as causas principais estão a rigidez, a artificialidade e

a falsa autonomia das disciplinas, as quais não permitem acompanhar as mudanças no processo pedagógico e a produção de conhecimentos novos. Disso decorre que a interdisciplinaridade, reconhecido o fenômeno, impõe-se, de um lado, como uma necessidade epistemológica e, de outro lado, como uma necessidade política de organização do conhecimento, de institucionalização da ciência (PAVIANI; BOTOMÉ, 1993).

Relato de experiência de docentes do curso de turismo sobre Observatório de Turismo e Cultura da Região Metropolitana de Recife

O presente relato de experiência será balizado tanto pelo aporte teórico inicial estabelecido em projeto desenvolvido pelo Núcleo docente estruturante do curso de Turismo e também pelas monografias intituladas "Ciclo de Evolução e Planejamento turístico na Ilha de Itamaracá" e o "Observatório de Turismo da Região Metropolitana de Recife/PE (OBTUR/RMR), FACOTTUR: relato de experiência".

Nesse sentido O observatório de Turismo da Região Metropolitana de Recife/PE (OBTUR/RMR) foi pensado e concretizado baseado em dois princípios: no **processo empreendedor** e no **desenvolvimento regional** (NDE, 2012). Entendemos, nesse contexto, o processo empreendedor, como caminho para aflorar as competências pelos discentes, em que os mesmos consigam identificar e avaliar oportunidades, transformar as mesmas em ações



efetivas, concretizar análise de custos, e a busca de captação de recursos e por fim desenvolver a capacidade gerencial (DORNELAS, 2008).

Para desenvolver tais aptidões, entende-se que a escola pode ser um ambiente que possibilite condições para que os alunos desenvolvam aptidões para lidar com recursos limitados, correr riscos e tolerar o fracasso e o erro, ter perseverança e determinação, competir, buscar liberdade e autonomia, superar limites e promover mudanças inovadoras (SCHUMPETER, 1952)

Tendo ciência da afirmação de (DRUKER,1974, p.25) "[...]Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática". Buscou-se promover situações em que os discentes fossem estimulados as ações empreendedoras em que pudessem ser desafiados desenvolver a sua a autonomia, independência, capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e gerar riqueza, capacidade de assumir riscos e de crescer em ambientes instáveis, porque esses representam os valores sociais que conduzem um país ao desenvolvimento (DORNELAS, 2008; SCHUM-PETER, 1952; DRUCKER, 1974).

Enfatiza-se as recomendações de Schumpeter (1952, p.52) em que:

A função do empreendedor é reformar ou revolucionar o padrão de produção explorando uma invenção ou, de modo geral, um método tecnológico não experimentado para produzir um novo bem ou um bem antigo de maneira nova, abrindo uma nova fonte de suprimento de materiais

ou uma nova comercialização para produtos, e organizando um novo setor.

Ao sensibilizar os discentes em relação ao processo empreendedor cria-se um elo em que os alunos atente-se também em sua responsabilidade social, com enfoque no desenvolvimento regional, entende-se tal conceito no OBTUR/RMR de desenvolvimento regional como:

o desenvolvimento regional não é o resultado de uma construção apenas teórica ou acadêmicas do conceito de desenvolvimento, mas sim uma necessidade real, uma forma de gerir mais eficazmente os fatores de desenvolvimento, tanto no melhor uso dos recursos como na garantia de uma maior participação dos diferentes atores. Deve, ainda, procurar soluções para os problemas criados pela dinâmica da economia global, especialmente no que respeita atenuação dos, cada vez mais, evidentes desequilíbrios espaciais (IPADES, 2010).

Apropria-se então do processo empreendedor como uma perspectiva de que as ações pensadas por, para e pelo aluno devem-se estar atrelada à melhoria da qualidade de vida da população. Associando ao turismo pode conduzir a mudanças no que se refere às questões sociais, culturais, econômicas e ambientais.

Portanto entende-se que o planejamento turístico, é uma ferramenta essencial para que essas transformações possam ocorrer. Molina e Rodríguez (2001, p. 79) esclarecem que:



o planejamento é o resultado de um processo lógico de pensamento, mediante o que o ser humano analisa a realidade abrangente e estabelece os meios que lhe permitirão transformá-las de acordo com seus interesses e aspirações. Disso resulta que a forma adequada de planejar consiste em analisar objetivamente uma realidade e condicionar as ações do problema.

No aspecto conceitual o termo "planejamento" implica em atividades que podem levar à transformação do comportamento de um fenômeno, em função dos objetivos traçados. Portanto, pode-se considerá-lo um meio de aproximação entre a realidade existente e uma realidade desejada, servindo de instrumento para a satisfação das necessidades humanas e sociais. Sempre em busca do desenvolvimento sócio cultural das comunidades, enfatiza Sen:

O desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com melhora da vida que levamos a das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna as nossas vidas mais ricas e mais desimpedidas, [...] (2010 p. 29).

Ainda com os parâmetros de Tomazoni: "É preciso uma constante atualização de métodos de planejamento e gestão sustentáveis do turismo, como alternativa de geração de desenvolvimento local e regional, visando a gerar novas oportunidades de

emprego e de perspectiva de distribuição de renda. (2012, p.15-16)

Com essas visões conceituais, o plano de ações do OBTUR/RMR 2012/ 2013 foram Traçados e Executados, tendo como seu objetivo: Contribuir para o desenvolvimento regional da região metropolitana de Recife, a partir da articulação metodológica entre planejamento do turismo e teorias de desenvolvimento.

Nesta perspectiva foi proposto atividades focando o desenvolvimento de competências, a busca da autonomia numa atividade Pratica em que os discentes fossem desafiados a buscar soluções que atenuem os desequilíbrios espaciais buscando a qualidade de Vida das populações estudadas.

O OBTUR/RMR traçou seus planos de ações para o período, em três grupos: Planejamento Turístico; Eventos; Lazer e Recreação. Para o recorte do presente artigo relataremos as ações de Planejamento Turístico, As atividades realizadas ficam atreladas então, a disciplina Planejamento Turístico I e II, que são ministradas com os quartos e quintos períodos.

Nos anos de 2009 e 2010 foi realizada uma pesquisa pelos discentes Eliza Kano, Marcelo Sales e Osmar de Arruda, no município da Ilha de Itamaracá baseado na Teoria de Butler do ciclo de vida dos destinos Turísticos⁴, a realização desta monografia aproximou os representantes da cidade aos acadê-

⁴ Considerado um dos autores mais citados nos estudos sobre destinações turísticas, Butler (1980) desenvolveu um modelo, em língua inglesa denominado TALC - Tourism Area Life Cycle, no qual que distingue fases evolutivas de uma área, ou região turística: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação e estagnação. Esta última podendo desencadear declínio ou rejuvenescimento.



micos da IES, tornou-se assim a Ilha de Itamaracá na primeira parceira do OBTUR/RMR localizada a aproximadamente 60 quilômetros de Recife, com população de aproximadamente 25 mil habitantes.

Devido a magnitude da localidade e os nossos recursos humanos, matérias e físicos, não poderíamos fazer o planejamento turístico de toda cidade em um único momento e com uma única turma, nesse contexto, a Ilha de Itamaracá foi zoneada em duas partes: Central compreendendo os bairros de Pilar, Jaguaribe, Forte Orange, Coroa do Avião e Vila Velha, atividade que foi realizada em 2012, e os Bairros praia do sossego, enseada dos golfinhos e a comunidade do Chié realizada em 2013.

As atividades foram divididas em da seguinte forma: os alunos do então 4º período fariam o inventário Turístico, norteada pelos documentos confeccionados e divulgados pelo Ministério do Turismo, que foi lançado no ano de 2008 e reformulada em 2011, Intitulado INVTUR, que se tratava em realizar um inventário da Oferta Turística Nacional para Levantamento, identificação, e registro dos atrativos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infraestrutura de apoio ao turismo cujo objetivo ser um instrumento de base para ações de planejamento, gestão e promoção da atividade turística. (TURISMO, 2011). Para tal ação o Ministério de Turismo desenvolveu materiais norteadores, instrumentos de pesquisa, os formulários de pesquisa e manuais operacionais. Organizados em três categorias com subtipos, categoria de infraestrutura de apoio ao Turismo, equipamento e serviços turísticos e, por fim, atrativos Turísticos. (TURISMO,2011)

Tabela 1 - Atividades e resultados para a realização de Planejamento e organização do Turismo no Município da Ilha de Itamaracá 2012/2013

Período Letivo	Bairros	Atividades	Resultados Esperados
4° 2012.1	Pilar; Jaguaribe Vila Velha; Forte Orange Coroa do Avião	Realização do Inventário Turístico: Relação e avaliação dos Atrativos Turísticos, Equipamentos e serviços Turísticos, Infraestrutura Turística e pesquisas de Demanda turística, com a comunidade, Empresariado e Poder Publico	Inventário da Oferta Turística. Relatório da Pesquisa de Demanda Turística; Relatório da Pesquisa com a Comunidade; Relatório da Pesquisa com o Empresariado Relatório de Pesquisa com o Poder Publico
4º 2013.1	Praia do Sossego Praia Enseado comunidade de Chié		
5º Período 2012.2	Pilar; Jaguaribe Vila Velha Forte Orange Coroa do Avião	Diagnostico Turístico das Localidades; Prognostico Turístico das Localidades; Diretrizes de ação;	Plano de Desenvolvimento Turístico das comunidades
5º Período 2013.2	Praia do Sossego Praia Enseada dos Golfinhos Comunidade do Chié		

Fonte: OBTUR/RMR2012

Ao final das atividades do período, como resultado gerou-se um conjunto de documentos que auxiliariam o processo de planejamento Turístico da destinação Ilha de Itamaracá, entretanto por descontinuidade na Gestão municipal, apenas consolidou-se o Projeto do Centro de Informações Tu-



rísticas e a elaboração dos materiais a serem distribuídos no mesmo.

Processo pedagógico de metacognição: novo aporte teórico metodológico balizado por uma discussão especializada

A metacognição como experiência pedagógica marca ponto atual de caminha docente e de pesquisa dos pesquisadores, no sentido de que a busca pela criação contínua de novas estruturas, seja teórica, seja metodológica permitem ao sujeito, novos saltos científicos, educacionais, didáticos. As experiências pedagógicas relatadas e sua percepção unida a compreensão sobre interdisciplinaridade fez implicar, mesmo que inicialmente, propiciou novas conexões teoria-prática útil e que contribuí para formação de base para a proposição de futuras ações dos pesquisadores.

Nesse sentido, De acordo com Piaget (1978 e 1995), a aprendizagem humana é complexa e o desenvolvimento dos conhecimentos ao longo da vida se estrutura por meio de acontecimentos diários, quando os sujeitos interagem com o meio. Apropriando-se dos meios dessa ação o sujeito percebe os significados subjacentes a eles, volta para si e elabora ou reelabora o "conhecido", toma consciência. Quando a dimensão teórica se aproxima do mundo do sujeito é possível perceber que, segundo Piaget, a passagem de uma ação prática a uma ação teórica, ou

seja, assimilado pelos caminhos da ação material sem conceituação, da ação com conceituação e da ação decorrente de abstração refletida, decorrem como três fases do processo de tomada de consciência.

Desse modo, tendo esses princípios como basilares do nosso fazer docente e incorporando outro campo de conhecimento aos nossos próprios é que aproximamos e agora de Lefebvre (1992). Perspectiva teórica que parece possibilitar complexidade, interdisciplinaridade e realocação emergencialmente da condição humana, no processo de produção do meio em que vive e elabora.

Nesse sentido, evocamos o conceito de espaço (no seu sentido socializante, a partir de Lefebvre), atrelando e dele extraindo uma compreensão acerca do que seja o espaço turístico. Lefebvre (1992), em sua obra "A produção do espaço" trabalha o conceito de espaço social, o qual é proposto como um produto de relações sociais de produção e reprodução. Conforme esse autor, o espaço é um produto social, não podendo ser resumido às suas características físicas (natureza), sendo estas transformadas pelo incessante agir social mediado pelo trabalho humano.

Conforme tal concepção, podemos compreender que o espaço social não é um mero determinante ou produto da ação humana, essa relação é dialética, sendo a ação do homem em sociedade, através da modificação da natureza (trabalho) uma constante para a reconstrução dessa dinâmica.



Atrelado a esse conceito, também partimos da premissa de Cruz (s.d., p. 92); "[...] de que o turismo, compreendido como prática social e também, sobretudo, como atividade econômica, é um vetor produtor de espaço". Sob esse prisma, partimos do pressuposto que não podemos discutir a relação turismo e espaço sob um viés exclusivamente economicista, ou empreendedorista, sem considerar as profundas relações do turismo com questões sociais (trabalho, lazer, etc.), ambientais (em aspectos naturais, artificiais...), dentre outros.

Para uma compreensão multifatorial de áreas, destinos, ou regiões turísticas, inúmeros pesquisadores de turismo têm se utilizado do modelo de Butler (1980), como já pontuamos anteriormente, e pode aqui ser retomado. O valor desse modelo, é o fato de ser uma ferramenta teórica que permite manejar muitas variáveis simultaneamente (variáveis ambientais, culturais, de ação pública, de infraestruturas, econômicas, empresariais, etc.) de uma região ou destinação turísticas. Pode-se sempre tentar encaixar uma dada destinação na sequência das fases, mas não seria o que de melhor tem o modelo. O modelo é teórico, ideal, imaginado não correspondendo fielmente a uma realidade empírica, mas esse auxilia na compreensão da complexidade de cada destino quanto à sua trajetória histórica em várias de suas dimensões.

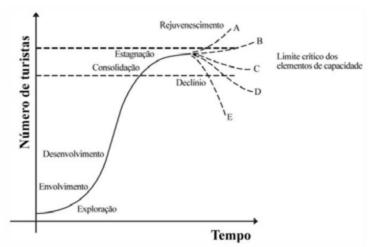


Figura 1 – Representação gráfica do ciclo de vida do destino turístico Fonte: traduzido de Butler (1980)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o processo de produzir conhecimento, a partir das concepções científicas e de ensino apresentadas é possível sinalizar para o fato de que o ato de ensinar, quando perspectivado no acesso ao conhecimento como processo de produzir conhecimento, possibilita tanto como teoria epistemológica, quanto proposta metodológica a interdisciplinaridade.

Nesse sentido, as formas de produzir conhecimento científico e de perceber a realidade podem perpassar por diversos olhares teóricos e inicialmente recorreu-se as perspectivas sobre o empre-



endedorismo e o desenvolvimento regional. Entretendo, ficou marcado que ambos os enfoques se mostraram limitantes no processo de planejar a destinação turística.

Assim, recorrendo ao processo pedagógico de metacognição para tomada de consciência, teórica e metodológica, percebendo a necessidade de se recorrer a outro campo teórico, como aquele inaugurado por Lefebvre (1992), e incorporado por outros autores para o turismo, como Cruz (s.d.), e ainda trazer tais reflexões para interpretar o modelo de Butler (1980), pode-se ampliar teórica e metodologicamente a possibilidade de se desenvolver aporte para o desenvolvimento de observatório(s) de turismo no Estado de Alagoas. Este está em fase de desenvolvimento, no que diz respeito ao campo teórico e metodológico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Inventário da Oferta Turística. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

BUTLER, R.W. **The concept of a tourist area cycle of evolution:** implications for management of resources. The Canadian Geographer, v. 24, n. 1, p. 5-12. 1980.

CRUZ, R.C.A. Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual – para pensar a realidade brasileira. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZ-TYN, Ivan (Orgs). **Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiência brasileira**. Letra e Imagem, s.d.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell. 2. ed., 1992.

DORNELAS, José.Carlos. O Processo Empreendedor-Editora Elsevier. Disponível em: http://www.josedornelas.com.br/wp-content/uploads/2008/02/ empreendedorismo_capitulo_2.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2011.

DRUKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor**. Editora Pioneira, 1987

FACOTTUR. Núcleo Docente Estruturante do Curso Bacharelado em Turismo, 2012.

MOLINA E, S.; RODRIGUEZ A., S. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para a America latina. São Paulo: EDUSC,2001.

PAVIANI, Jaime.; BOTOMÉ, S.P. (1993). **Interdisciplinaridade**: disfunções conceituais e enganos acadêmicos. Caxias do Sul: EDUCS.

PIAGET, Jean. (1978). **A tomada de consciência.** São Paulo: Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo.

PIAGET, Jean. (1995). **Abstração relexionante:** relações Lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 292p.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de filosofia da educação.** 3.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986

KÖCHE, J. C. (2005) **Pesquisa Científica:** Critérios epistemológicos. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: EDUCS.



SANTOS, Márcia Maria Cappelano dos. **Textos didáti- co:** Propriedades textuais e pressupostos epistemológicos. Caxias do Sul: Educs, 2001.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: companhia das Letras, 2010.

SCHUMPETER, J. (1952). **Can Capitalism Survive?** New York: Harper & Row.

TOMAZZONI, Edgar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional**: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.



UM NOVO JEITO DE LER:
A LUDICIDADE CÊNICA COM
ENFOQUE DAS MÚLTIPLAS
LINGUAGENS. MEDIAÇÃO DE
LEITURA PARA CRIANÇAS DE ZERO A
TRÊS ANOS

A NEW WAY TO READ: THE SCENIC PLAYFULNESS WITH FOCUS OF MULTIPLE LANGUES. MEDITATION AND READING FOR CHILDREN FROM ZERO TO THREE YEARS OLD

Márcia Elisa Heck Thiele¹

Resumo: O tema da prática "Ludopedagógica com Artes Cênicas na Mediação de Leitura" apresenta um grande desafio, pois o nosso universo literário ainda está muito preso à comunicação escrita. Uma dentre as hipóteses destacadas, é a de que a "Ludicidade Cênica," pode contribuir na medicação de leitura com crianças de zero a três anos, instituindo a lógica lúdica das cenas das histórias infantis, O estudo focaliza por isso, as múltiplas linguagens na comunicação, algumas concepções sobre a "ludicidade", vista como forma de brincar, indo de encontro

ao pleno desenvolvimento infantil. Já se verificam alguns resultados na aquisição da linguagem, com esse novo jeito de ler histórias, que se instituem a partir do brincar, na lógica lúdica da expressividade corporal das crianças.

Palavras-chave: Ludicidade. Artes Cênicas. Leitura. Mediação

Abstract: The theme of the practice "Ludo pedagogic with stage arts as reading mediation" presents major challenge because our literary universe is still attached to written communication. One of the prominent hypotheses is that "Scenic Playfulness" can contribute as a reading mediation for children between zero to three years old. Instituting the ludo logic of the scenes in children stories. Therefore the study focuses in the latest communication languages. Some concepts about "playfulness" are seen as a way to play, going towards the natural children development. There are already some results in the language acquisition with this new way of reading stories, that are instituted from playing, in the ludo logic of physical expressiveness of the children.

Keywords: Playfulness. Stage arts. Reading. Mediation.

¹ Especialização em Psicomotricidade e Ludopedagogia aplicada à Educação Infantil e Séries Iniciais pela FAMEPLAN- S/C. Graduada em Letras e Literatura; Direito Bacharelado, E-mail do autor marciat@feevale.br.



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho sugere uma proposta de mediação de leitura, no âmbito da educação infantil, que supra as necessidades comunicativas das crianças na idade de zero a três anos. São expostas algumas reflexões a cerca do tema da prática "ludopedagógica" com as artes cênicas na mediação de leitura, em virtude da problemática, que atualmente se verifica na escola, devido a insuficiente dinâmica pedagógica, de leitura de histórias, realizada pelo professor.

Apresenta-se um novo jeito de ler, na verdade, de contar histórias pelas expressões cênicas, partindo – se das hipóteses, de que a mediação de leitura, institui a lógica lúdica das cenas das histórias infantis, numa perspectiva, que supre necessidades comunicativas de um novo perfil de leitor. Além disso, a prática, por meio da "ludicidade cênica", tem auxiliado, a reconstruir nos novos contextos educacionais, o antigo papel do "Contador de Histórias". Tudo isso, se faz , entendendo que a criança, brincando com as histórias infantis, também as compreenda, já que, a "Ludicidade Cênica", constitui-se numa medida, que muito contribui para o nível de compreensão dessas histórias, que se salientam, na genuína expressividade corporal das crianças.

Inicialmente, apoia-se na convicção de que a criança constrói seu conhecimento a partir das vivências e das relações, que estabelece entre o mundo lúdico das brincadeiras e o mundo real.

A pretexto de oferecer a "Ludicidade Cênica" como possibilidade de mediação de leitura, busca-se, entre outros, embasamento teórico na leitura de Soeli de Souza Cagneti: "Leituras em Contraponto: Novos Jeitos de Ler"; Maria da Graça Souza Horn: "Sabores, Sons, Cores e Aromas: A construção do espaço na educação Infantil"; Bruno Bettelheim: "Uma vida para seu filho — Pais Bons o Bastante"; Airton Negrine: "O Corpo na Educação Infantil"; Paulo Freire: "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa"; Vygotsky(1991) "A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores"; Hansted Talitha Cardoso: Teatro e Educação: Breve sinopse.

Assim, a pesquisa, envolve levantamento bibliográfico acerca do tema referido, elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, com material disponibilizado na Internet.

Para justificar o tema referido nesta pesquisa, será importante considerar o contexto atual da "Educação" brasileira. É dela que provemos os resultados do comportamento humano nas mais diversas relações de nossa sociedade. Qualquer pessoa que tenha passado pelos bancos escolares deve lembrar-se de como a escola foi um espaço acolhedor, onde se construiu uma relação de aprendizado com respeito e muito amor. É por isso que expomos uma nova abordagem que privilegia o contar de histórias.



Precisamos quebrar alguns paradigmas, reconstruir a escola, para que as nossas crianças possam vivenciar novas possibilidades para desvendar o mundo. Em virtude disso, pretende-se examinar as circunstâncias decorrentes de tal necessidade para estabelecer um novo canal comunicativo, por meio da "Ludicidade Cênica", na mediação de leitura, com crianças não letradas, criando vínculos afetivos de valorização dos livros.

A criança de zero a três anos, com muita frequência, utiliza-se da expressão cênica para comunicar-se. Quando conhecemos a criança nessa fase de desenvolvimento e o seu nível de pensamento, compreendemos o brincar da criança, e o seu encontro humano com os demais sujeitos, em um contraponto lúdico de espaço e tempo poéticos.

Além de considerar significativo e utilitário o nosso estudo, ele poderá contribuir, para o desenvolvimento pleno das crianças pequenas. É também, por essa razão, que se objetiva, divulgar através da pesquisa, a implementação dessa nova prática de mediação de leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Novos Caminhos para Leitura na Escola

A escola é o lugar em que a comunidade expressa o querer viver social. Ao ingressar neste espaço a criança sente que pode ser alguém, que há tempo para brincar, para fazer amigos, cada educando sente que pode crescer e aprender. Assim é o espaço escolar que se almeja, mas que ainda está sendo construído no Brasil contemporâneo.

Quando se escuta a fala de um aluno ao responder o porquê de estar na escola, muito frequentemente se ouve:

[...] a escola tem que ter quadra pra brincar; na escola tem bastante espaço; eu acho que existe escola para agente aprender; na escola também tem bagunça; tem merenda; tem amigos; na escola se encontra a galera; tem campeonato de exportes; tem música e festival de dança; quando fazem gincana é legal; a parte chata é a da prova; mas, eu gosto de estudar porque estudar é bom, depois não falta serviço; quem estuda tem emprego;[...]²

Este é o depoimento trazido pelas crianças, de uma das escolas públicas de Ensino Fundamental em Novo Hamburgo/RS. Na medida em que se configura como espaço escolar aonde se educa e se aprende,

² Respostas de alunos do ensino fundamental em visita à Escola Municipal XX – NH/RS. Esse depoimento foi colhido específico para este artigo, no momento de intervalo, na escola.



a escola passa a ser reconhecida pela comunidade como um espaço de ensino que os conduzirá a um futuro próximo, de melhores possibilidades de vida e de trabalho, e de convivência social.

Entretanto, a nossa escola gaúcha está muito indefesa frente à prática da violência, que se propaga a cada dia. Muros foram erguidos ao lado de guaritas de segurança e portões que passam constantemente fechados. A violência interna nas escolas representada pelo quebra-quebra, pela bagunça, pelas pichações, pela briga entre os grupos rivais, pelo ingresso das drogas, revela o comportamento competitivo do estudante, que resulta na agressividade cujas causas vão desde um lanche diferente, que um aluno traz, até, um simples toque no corpo do colega.

É um tempo de novas exigências, que se situa no contexto escolar. Com isso queremos reforçar, que o espaço para as crianças pequenas não deve ser sempre o mesmo. As crianças apresentam necessidades físicas, sociais, intelectuais, para elas, o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas que descobrem são fascinantes, cada olhar é um convite ao desafio do aprender. Entretanto, quando a criança ingressa na escola que oferecemos, os seus olhos curiosos são subtraídos do fascínio das coisas do mundo que a cerca, são obrigadas a seguir aquilo que os programas curriculares as obrigam. Será possível aprender sem que os olhos estejam fascinados? As crianças são entes, que gostam de brincar, rir, elas têm o direito de descobrir o mundo por vontade própria, por um de-

sejo que se expressa na genuína comunicação corporal, no desejo íntimo, próprio da infância. É por isso que as crianças não vão à escola para serem transformadas em unidades produtivas do futuro. É por tais razões que se exigem modificações na dinâmica comunicativa de nossa escola. Vivemos em um tempo, que nos pede transformações no ambiente escolar. Mudanças, essas, que nos permitam acolher as crianças em novos e diversificados contextos, e que assim, contribuam para o seu desenvolvimento pleno.

No que se refere à construção do espaço e as diferentes linguagens, Maria da Graça Souza Horn (2004), em seu livro "Sabores, Sons, Cores e Aromas: A construção do espaço na educação Infantil" salienta que, também a professora, ao encaminhar as instruções para uma situação de aprendizagem, deverá apresentar-se por meio de diferentes linguagens. Nesse novo contexto, a criança poderá compreender que é possível expressar-se de modos diversos e que cada um, poderá escolher a linguagem mais adequada as suas habilidades. Assim, os procedimentos e técnicas de ensino se tornam mais flexíveis, abertos e dinâmicos, estimulando a exploração ativa do ambiente escolar, promovendo a possibilidade da criança movimentar-se, manipular, jogar e experimentar, sem a constante intervenção do educador.

Horn (2004) sustenta que, para o berçário, os espaços devam contemplar o favorecimento de circulação e movimento das crianças. É, necessário, segundo a autora, uma área com atrativos para



brincadeiras e outra, apropriada ao descanso. Aos grupos maiores, devem ser oferecidos ambientes com diferentes áreas de interesse como: casinha, jogos, histórias, artes, teatro, música, de forma a possibilitar acesso aos materiais. A autora depõe que, a interação entre as crianças aumenta consideravelmente, observando-se a ampliação de formação de parcerias, principalmente entre as crianças de idades diferentes, pois juntas, descobrirão novas regras ou criarão novas possibilidades.

Na medida em que, crescem, as crianças estabelecem novas e mais complexas relações, resultantes de modificações e conquistas. Aproveitando algumas palavras de "Soeli de Souza Cagneti" (2013) em que se entende que um livro de histórias pode fazer sorrir, cantar e dançar! A Literatura nos serve muito bem, pois ela é a "arte" que traduz a vida. Segundo a autora, já está comprovado que a força da história é tão grande, que aproxima narrador e ouvintes numa vibração recíproca, de troca, de sensibilidades, a ponto de transformar o ambiente real, em um lugar de magia e encantamento. Por isso, o contador de histórias deve lembrar que a escolha das histórias é essencial, ele apenas conta o que aconteceu e empresta a sua criatividade para dar vida aos personagens, cuidando para escolher bem o texto, recriando-o na linguagem oral, sem prender-se às limitações impostas pela escrita.

Para Cagneti (2013), a história é que motiva o contador na escolha de recursos para a apresen-

tação, e permite também, interferências feitas por quem conta. A história, permite a auto – identificação, favorece a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, agrada a todos de modo geral, sem distinção de idade, classe social, de necessidades de vida ou circunstância. Ela amplia as relações sociais e nos faz compreender o mundo sob novos pontos de vista.

A autora defende em seu livro "Leituras em Contraponto: *Novos Jeitos de Ler*" que a "*Literatura*", diferente dos outros textos, nos faz pensar na contra mão de sua mensagem.

Todo indivíduo, segundo Cagneti (2013), aprende quando descobre. Nesse sentido, ela afirma: "... é por isso que quem lê de verdade, não aceita tudo como uma verdade." Para Soeli Cagneti (2013), o eterno buscar faz parte da vida humana, pois lemos a partir da bagagem de vida, do momento que experimentamos. Quando lemos uma história, segundo a autora, lemos a nossa história através dos personagens, é a mensagem que aflorou por meio deles. É, importante para ela, quebrar alguns paradigmas e compreender que precisamos reconstruir, ler, para mudar opiniões, pois não é o que se diz, mas como se diz, encontrando a melhor forma de se expressar, de como transmitir o que se leu.

A escola, assim como a biblioteca, está pautada numa nova perspectiva de leitura. Um novo jeito para ler as histórias, que se constitui como um novo caminho de estratégia pedagógica, um contar para



brincar com a literatura infantil, e dar significação, estabelecer um novo canal comunicativo, por meio da "*Ludicidade Cênica*", para a mediação de leitura com crianças não letradas.

Diante de tamanha revelação, fica mais que evidente para este estudo, que a mediação de leitura, como forma de teatralidade, ainda é um desafio para o educador que nesse processo necessita de formação.

1.2 Encontros Literários por meio da Ludicidade Cênica

Nossas aventuras na "Bebeteca" da escola, tem relevância com o brincar no aprendizado da criança, garantindo-se por isso, como um espaço fundamentado segundo a Bettelheim (1988), Vygotsky (1991), Negrine (2012), FARIA, (2013), demonstrando alcançar resultados muito eficazes na dinâmica comunicativa e no estímulo ao prazer pela música e ludicidade, presentes na relação social que se estabelecem nos encontros literários de mediação de leitura. Talvez não haja um objeto tão interdisciplinar quanto o livro, tão humano e saboroso, tão próximo do outro. Assim, é por meio da ludicidade, que se estabelece um encontro humano de sujeitos, em um contraponto lúdico de espaço e tempo poéticos. A Ludicidade Cênica se institui naturalmente na mais tenra idade, pois todo e qualquer conhecimento começa com a expressividade corporal, com o brincar consigo mesmo.

Para Vygotsky (1991), o que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Além disso, devemos levar em conta que o brincar preenche necessidades que mudam de acordo com a idade. Vygotsky (1991), ilustra sua teoria com o seguinte exemplo: "Um brinquedo que interessa a um bebê, deixa de interessar a uma criança mais velha. Dessa forma, a maturação dessas necessidades, são de suma importância para entendermos o brinquedo da criança como uma atividade singular." O autor então conclui, que as crianças querem satisfazer certos desejos, que muitas vezes, não podem ser satisfeitos imediatamente. Segundo ele, outro exemplo disso, é o da criança que quer ocupar o lugar da mãe, porém, esse desejo não pode ser realizado imediatamente. Como a criança pequena não tem a capacidade de esperar, cria um mundo ilusório, onde os desejos irrealizáveis podem ser realizados. Esse mundo é o que Vygotsky (1991), chama de brincadeira: "... A imaginação é uma atividade consciente... surge originalmente da ação. Jogo Simbólico é um mecanismo comportamental que possibilita a transição de coisas como objetos de ação para coisas como objetos de pensamento." p.122

Em seu livro: "Uma vida para seu filho – *Pais Bons o Bastante*", Bettelheim (1988), afirma que através das fantasias imaginativas e das brincadeiras as crianças podem começar a compensar as pressões que sofrem na realidade do cotidiano. Assim, enquanto representam fantasias de ira e hostilidade



em jogos de guerra ou preenchem seus desejos de grandeza, imaginando ser "o Super- Men, o Hulk, o Batman" ou um rei, estarão procurando a satisfação indireta, através de devaneios reais, ao mesmo tempo, que, procuram livrar-se do controle dos adultos, especialmente dos pais. Segundo o autor, as crianças são capazes de lidar com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda. Lutam com conceitos de bom e mal. O triunfo do bem sobre o mal dos heróis protegendo vítimas inocentes é um tema comum na brincadeira das crianças.

Airton Negrine (2012), em sua obra "O Corpo na Educação Infantil", defende que as atividades podem ser simples exercícios e não jogos, possuindo assim: significado, repetição, variação, ruptura, união e a imitação, assim gerando reações psíquicas e físicas ao mesmo tempo. A "prática psicomotriz educativa" tem como eixo três alicerces que são: a comunicação, a exploração corporal e vivências simbólicas, caracterizadas com o favorecimento do movimento espontâneo da criança e a estrutura das aulas, facilitando a comunicação e a interação dos envolvidos. Portanto, o autor diz que a visão naturalista do movimento compreende a criança em sua totalidade. O grande diferencial da "prática psicomotriz pedagógica", se situa na interação do adulto como mediador, no desenvolvimento das crianças.

Negrine (2012), reforça, que não basta oferecer espaços físicos e materiais para que as crianças rea-

lizem seus jogos, é fundamental, definir as pautas de intervenções pedagógicas para ajudar a criança a evoluir a partir da atividade lúdica. Segundo o autor, o trabalho sustentado nesta ação, permite inferir com base nas observações seletivas que são realizadas, que a capacidade de imitar sinaliza, de certa forma, os avanços da capacidade perceptiva e do desenvolvimento do pensamento, fundamentalmente, das transformações dos processos mais elementares em processos superiores. Para ele, observar a criança brincar sem bases teóricas, significa deixar escapar a essência do ato: "Quando falta fundamento teórico, fica difícil compreender o que ocorre quando a criança brinca." p.74

Assim, Fabiana Faria (2013), em seu artigo: "Bebeteca: Lugar de pequenos leitores" publicado na revista "Nova Escola", explica que ao criar um espaço de mediação de leitura para crianças não letradas na escola, o educador deve atuar como mediador durante o brincar, na elaboração das atividades e estratégias, com o auxílio de diferentes materiais, a fim de favorecer a evolução no comportamento dos participantes. Ele deve durante a ludicidade, ser capaz de interpretar os jogos que a criança realiza, sem ter a preocupação de julgar o mérito de suas ações, e, sempre que preciso acrescentar elementos, a fim de propiciar momentos mais ricos de possibilidades de exploração. Faria (2013), sustenta ainda que, quando conhecemos a criança e o seu pensamento, compreendemos o seu brincar e a sua lógica



lúdica, que se organiza a partir de uma história lida. O mediador de leitura precisa se entregar integralmente, nessa prática, fazendo uso da dramaturgia, da dança, da musicalidade, presentes nos discursos literários, para contribuir com o desenvolvimento sensorial perceptivo da criança, bem como, com o grau de atenção, em que todos os sentidos são chamados no discurso da cena.

A partir desse suporte teórico, entendemos que a história, portanto, narrada pelo mediador, sai pelos poros, no timbre da voz, na dobra de sua coluna, na expressão do olhar, no movimento de seu corpo. No encontro do literário com o humano, na narrativa da cena. É necessário por isso, resgatar o infantil interior do adulto, do contador de histórias, onde a criatividade lhe dê autonomia de pensamento, para acreditar na "verossimilhança" na interpretação do personagem, criando possibilidades de interação com as crianças pequenas, através dos diversos recursos das artes da cena.

Isso, a pretexto de estabelecer vínculos afetivos de aproximação e valorização dos livros, para resgatar o prazer no encantamento de um novo jeito de se fazer leitura, de ler por meio da dança, da dramaturgia, do brincar com as histórias, através da ludicidade cênica .

2.3 As Artes Cênicas na Mediação de Leitura para Crianças de Zero a Três anos

Pensar no processo ensino-aprendizagem de forma a promover a construção de conhecimentos, traz a ideia de seres humanos como indivíduos, inseridos numa cultura e com histórias e experiências particulares de vida. Nesse processo de construção do conhecimento, são sujeitos, e devem atuar de forma consciente. Freire (1997), explica que o homem só passou a ensinar quando descobriu que era capaz de aprender. O Autor explica que foi desenvolvendo a capacidade de aprender, que esse homem se descobriu capaz de ensinar. Nessa perspectiva, Freire (1997) reconhece que os professores, enquanto ensinam, aprendem e os alunos enquanto aprendem, ensinam. É preciso compreender que o processo ensino-aprendizagem, segundo o autor, se dá na relação entre indivíduos que possuem sua história de vida e estão inseridos em contextos de vida próprios. Desta forma, o processo ensino-aprendizagem vai ocorrer através da relação entre sujeitos em permanente socialização de experiências e saberes.

Para que o processo ensino aprendizagem ocorra, Vygotsky (1991), afirma que é necessário que o professor desafie o nível em que o aluno está, não desrespeitando seus conhecimentos e experiências anteriores, mas tendo um olhar para o futuro, para as capacidades que desenvolverá, possibilitando a socialização das experiências culturais acumula-



das historicamente pela humanidade. O processo de ensino-aprendizagem, nesse sentido, possibilita que os sujeitos – professor e alunos encontrem - se, troquem, socializem conhecimentos, experiências, afetos, histórias, sonhos e utopias. Isso situa o professor, numa posição, de mediação com instrumentos pedagógicos e psicológicos. Na verdade, alunos e professores vivem numa eterna troca, num processo de interação, onde um aprende com o outro. E nessa troca não existe um único detentor do conhecimento, mas seres inacabados que aprendem e se ensinam mutuamente.

Vygotsky (1991), afirma que o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã, estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem de crianças, incluindo o período da infância na educação infantil.

Em relação a interação das crianças pequenas com a literatura, em especial referência à faixa etária de zero à três anos, podemos afirmar que a leitura só acontece quando une-se a três elementos: ao corpo, à música e ao ato de brincar. É por isso que a relação da criança com o livro, não deve ser obrigatória. É importante estabelecer um vínculo de afeto, de curiosidade, em que se aproxime a criança do universo literário por meio da brincadeira, para que o livro se torne "vivo". Ora, por que a história inven-

tada é mais gostosa? Evidentemente porque ela não está pronta. Porque tal história é elaborada com o íntimo próprio e particular de cada pessoa. Se é nas primeiras idades, que guardamos nossas melhores lembranças, então, tudo o que se faz na infância fica marcado. Eis assim revelada, a importância da educação infantil, e quase que indissolúvel, a presença das artes cênicas: da dança, do teatro, do lúdico no processo de conhecimento para desvendar o mundo. Inicialmente, toda criança necessita experimentar, para saber se gosta ou não. É nesse momento, que aparece o trabalho do mediador de leitura, um pouco ator, um pouco narrador, que demonstra uma atitude ativa frente ao livro e insere a criança no contexto lúdico da história.

A visão histórica trazida por Talitha Cardoso Hansted (2012) indica que o teatro, quase sempre foi concebido, como um excelente aliado à educação, por mais distintas, que fossem as épocas, e mais diversos os objetivos pedagógicos, especialmente, em um contexto em que tanto se debate a importância na reformulação dos currículos nacionais, tendo em vista a formação global dos indivíduos.

No contexto brasileiro, os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC, 1998), elaborados na esteira da Lei de Diretrizes e Bases (lei 9.394/96), levam em conta a origem do teatro em rituais de diferentes culturas e tempos, e reconhecem sua importância singular no campo educacional. No entanto, a despeito dos avanços na legislação e



de todas as contribuições no campo teórico que se acumularam ao longo dos anos, o teatro - e as artes, como um todo- é, em geral, ainda pouco valorizado nas escolas.

Talitha Cardoso Hansted (2012), nos expõe, uma breve sinopse do teatro e a educação. De acordo com os estudos da autora, no Brasil, especificamente, por um lado, houve a retomada de encenações de peças em escolas, em especial para estudos de línguas; por outro, emergiu uma nova maneira de se pensar atividades ligadas ao teatro em ambientes escolares, alinhada aos postulados do movimento "Educação Ativa" – ou "Escola Nova", como veio a ser conhecido no PA.

Hansted (2012), ainda explica, fundamentando seu pensamento em Koudela (1992), que, se na visão tradicional, o teatro em escolas resumia-se à montagem de peças, sem o cuidado com a formação do indivíduo, na concepção "escolanovista" o foco passa a ser o desenvolvimento da criança e a livre expressão de sua imaginação criativa. O jogo dramático, portanto, seria aquele em que todos "fazem", ou seja, todos participam da ação imaginária, não havendo espectadores. Crianças imersas em brincadeiras de "faz-de-conta", por exemplo, estão realizando jogo dramático. Dentro de uma abordagem "piagetiana", Koudela (1992), explica que o processo de jogos teatrais visa efetivar a passagem do jogo dramático (subjetivo) para a realidade objetiva do palco, e que essa passagem, pode ser comparada com a transformação do jogo simbólico (subjetivo), no jogo de regras (socializado).

Não se concebe, portanto, que se perpetue uma desvalorização da teatralidade dentro das escolas brasileiras. Entre as considerações da autora, se salienta que no final do século XIX, o teatro volta a ter participação importante na educação. Para reforçar o seu estudo cronológico, Talitha Cardoso Hansted (2012), situa o período do século XX, e, mais recentemente, no século XXI, em que, muitos autores contribuíram – e têm contribuído de forma relevante para a maneira de se pensar o teatro na educação, com a valorização e o aprimoramento da prática teatral na escola básica trazida através das artes cênicas .

Meriele Santos Atanazio da Silva Lima (2010), em seu artigo: "A Importância da dança no processo ensino aprendizagem", salienta que a dança, da mesma maneira que a encenação, trata do resgate da própria personalidade, do contato com o lado mais humano através da expressão artística: o indivíduo se expressa e se torna capaz através da Arte que produz e que lhe devolve toda a sua potencialidade de viver e de se realizar plenamente. Isso nos faz compreender que através da dança o indivíduo é capaz de demonstrar aquilo que ele pensa, que ele entende, ou seja, ele é capaz de demonstrar o seus conhecimentos e habilidades, de maneira mais transparente possível, ele se expõe por completo.



Contudo, a autora ressalva, que a dança ao ser inserida ao conteúdo escolar não pretende formar bailarinos, antes disso, consiste em oferecer ao aluno uma relação mais efetiva e intimista, com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente, através do movimento. Nessa perspectiva, o papel da dança na educação é o de contribuir com o processo ensino-aprendizagem, de forma a auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento. E também, assistir o professor enquanto recurso pedagógico. Lima (2010) fundamenta o seu estudo com Verderi (2009), onde ele declara que:

"(...) a dança na escola deve proporcionar oportunidades para que o aluno desenvolva to e complexidades, o professor contribua para a formação de estruturas corporais mais complexas." LIMA, apud VERDERI (2010)

Meriele Santos Atanazio da Silva Lima (2010), ainda explica que, essa proposta, se resume na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade escolar, onde a dança preparará o corpo e a mente dos alunos a fim de que se exercitem de acordo com suas necessidades, estimulando através dos movimentos espontâneos e a precisão do gesto, o processo ensino aprendizagem. Com isso, percebemos que a dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação por meio da arte. E tem suma importância para se alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento do aspecto

afetivo e social. Deste modo, esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar.

3 CONCLUSÃO

Pode se concluir então, que a criança através da interação com o meio e ao longo de várias experiências, acaba incorporando um significado frente ao comportamento dos que a rodeiam. É por meio da expressividade corporal e da representação de um "personagem lúdico", que ela manifesta desejos e atitudes de acordo com suas necessidades, e elabora uma lógica lúdica, de leitura, dos acontecimentos de vida. Institui – se desta forma, uma comunicação informal e um vínculo de prazer com os contos da literatura.

As histórias de vida são frequentemente, trazidas pela criança, para a representação cênica, numa tentativa de reconstituir os fatos, que causaram medo, raiva, incompreensão. Bettelheim (1988), afirmou que as crianças, lutam com conceitos de bom e mal. O autor apontou que, o triunfo do bem sobre o mal dos heróis, protegendo vítimas inocentes, é um tema comum nas brincadeiras das crianças.

Portanto, os elementos mediadores entre a criança e o mundo são fornecidos pelas relações com seus semelhantes, por meio de experiências lúdicas, que envolvam, além do brincar, o teatro e a dança. Meriele Santos Atanazio da Silva Lima (2010), des-



tacou a importância da dança na aprendizagem, ela reforçou que, da mesma maneira que a encenação, a dança, trata do resgate da própria personalidade, do contato com o lado mais humano.

Assim, cada sujeito responde diferentemente aos estímulos e, nesse sentido, todo e qualquer conhecimento começa com a expressividade corporal, com a encenação e com a ludicidade.

As crianças apresentam necessidades físicas, sociais, intelectuais, para elas, o mundo é uma eterna brincadeira. As coisas que descobrem são fascinantes, cada olhar é um convite ao desafio do aprender.

Por esse motivo, é através da mediação de leitura para crianças ainda não letradas, que apenas contar uma história, ou simplesmente, fazer a leitura do seu texto, não é o suficiente. Hansted (2012), fundamentando seu pensamento em Koudela (1992), fez referência ao fato de as crianças, imersas em brincadeiras de "faz de conta", por exemplo, realizarem um "jogo dramático".

Toda reflexão aqui apresentada sinaliza o quanto é importante para o mediador, ter consciência da própria prática pedagógica na sala de aula. A prática da mediação de leitura por meio da "Ludicidade Cênica" tem demonstrado, que as crianças respondem satisfatoriamente.

Negrine (2012) assinalou, que não basta oferecer espaços físicos e materiais para que as crianças realizem seus jogos, é fundamental, definir as pautas de intervenções pedagógicas, para ajudar a criança

a evoluir a partir da atividade lúdica. Ele defende que o trabalho sustentado nesta ação, permite fazer observações seletivas, a partir da capacidade que o imitar da criança sinaliza, e isso, de certa forma, traz evoluções para a capacidade perceptiva e para o desenvolvimento do pensamento da criança.

Por tudo o que foi pesquisado, se verifica que a "Ludicidade Cênica" é uma prática inovadora e válida para a mediação de leitura. Essa forma de mediação, quando direcionada a crianças ainda iletradas, cria novas possibilidades de compreensão das situações por elas vividas. Essa prática, também, orienta a construção dos novos contextos educacionais, e reconfigura o antigo papel do "Contador de Histórias", a pretexto de resgatar o prazer no encantamento de um novo jeito de se fazer leitura. É um meio viável para ampliar as relações comunicativas na escola, estabelecendo vínculos afetivos de valorização dos livros, e das artes da cena, como recurso que contribua para o desenvolvimento pleno das crianças, e para a conquista de boas e prósperas relações.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho** – *Pais Bons o Bastante*, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988

CAGNETI, Soeli de Souza. **Leituras em Contraponto**: *Novos Jeitos de Ler*.1.ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2013. FARIA, Fabiana. **Bebeteca:** Lugar de pequenos leitores. Revista Nova Escola(Especial Educação Infantil),2013.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HANSTED, Talitha Cardoso. **Teatro e Educação**: Breve sinopse. Junqueira&Marin Editores – Livro 1 - p.000484 - XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012

HORN,Maria da Graça Souza. **Sabores, Sons, Cores e Aromas:** A construção do espaço na educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004

KOUDELA, Ingrid. Dormien. **Jogos teatrais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LDB N° 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (BRASIL, MEC, 1998)

LIMA, Meriele Santos Atanazio da Silva. **A Importância da dança no processo ensino aprendizagem**. Disponível em: http://monografias.brasilescola.com/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm. Acesso em: 08 set. 2015

NEGRINE, Airton. **"O Corpo na Educação Infantil".** São José dos Campos – SP: Editora Educs, 2012

VERDERI, Érica. **Dança na escola:** uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



O MITO COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO FICCIONAL DA VELHICE

MYTH AS AN INSTRUMENT FOR FICTIONAL PERCEPTION OF OLD AGE

Márcia Regina Schwertner - Universidade do Porto¹

Resumo: Os deuses gregos são seres antropomórficos. Contudo, há um poder que só pode ser alcançado com a destruição do que é talvez o mais essencial atributo do homem: os deuses são imortais. A história da Humanidade é repleta de lendas, fórmulas, experiências, relatos da procura constante pela vida eterna. Hoje, vivemos mais tempo, mas tememos as consequências dessa longevidade. Aprendemos, em conversas com Geras, a lição da Sibila de Cumes e de Tithonus ou estamos apenas adiando um medo ancestral? Como vivemos e como ficcionalizamos o processo de envelhecimento? O presente trabalho parte de duas obras de autores portugueses, *Em* nome da terra, de Vergílio Ferreira, e Passagens, de Teolinda Gersão, com enfoque especial para os espaços – físicos e afetivos - reservados aos idosos. A metodologia utilizada é a hipotético-dedutiva, tendo como base teórica, entre outros, estudos sobre memória efetuados por Ivan Izquierdo e Frances Yates, pesquisas sobre o processo de envelhecimento empreendidas por Ecléa Bosi, António Fonseca e Guite Zimerman e textos sobre imaginário e mitologia de autoria de Mikhail Bakhtin, Thomas Bulfinch e Jean-Pierre Vernant.

Palavras-chave: Envelhecimento. Memória. Mitologia.

Abstract: Greek gods are anthropomorphic beings. However, there is a power that can only be achieved with the destruction of what is perhaps the most essential predicate of men: gods are immortal. Mankind's history is full of legends, formulas, experiences, accounts about a constant search for eternal life. Nowadays, we live longer, but we fear the consequences of this longevity. Have we learned, in conversation with Geras, the lesson from the Cumaean Sibyl and Tithonus, or are we just postponing an ancestral fear? How do we live and how do we fictionalize the aging process? The present article is based in two works from Portuguese authors, Em nome da terra, from Vergílio Ferreira, and Passagens, from Teolinda Gersão, with special focus on - physical and affective - spaces reserved for the elderly. The methodology used is hypothetical-deductive, with Ivan Izquierdo and Frances Yates's studies on memory, Ecléa Bosi, António Fon-

¹ Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interarstísticos na Universidade do Porto, Portugal. Trabalha com questões atinentes à literatura e velhice. E-mail: marcia454rs@gmail.com



seca and Guite Zimerman's researches on the aging process, and Mikhail Bakhtin, Thomas Bulfinch and Jean-Pierre Vernant's texts upon the imaginary and mythology, among others, as theoretical basis.

Keywords: Aging. Memory. Mythology.

Os deuses, como sabes, amam os que morrem cedo porque o absoluto é a sua medida. É assim. Que erro, querida, sermos humanos e fraccionários. Nesta casa em que apodreço devagar e em que os filhos me meteram. (Em nome da terra, Vergílio Ferreira)

INTRODUÇÃO

Um idoso que relata sua vida é um mediador. São pontos de vista distintos que dialogam e reconstroem o pensamento, viabilizando a abertura para novos conceitos, não rejeição ou absorção de valores, mas o contato e o conhecimento que permitem um olhar mais diversificado.

No ano de 1979, Ecléa Bosi publicou *Memória* e sociedade: lembranças de velhos, ainda hoje referência em estudos sobre velhice. Sua investigação consistiu em ouvir relatos de idosos, não apenas escrever sobre eles. Bosi transformou sua pesquisa em porta-voz de uma geração relegada ao isolamento e à invisibilidade.

Essa percepção de si propiciada pelo relato e pela escrita é essencial para viabilizar o protagonismo que surge gradativamente em textos literários e estudos acadêmicos. Ainda que de forma inicial, observamos hoje construções não focadas apenas no passado ou na juventude, há uma percepção das possibilidades e realizações concretas do presente do idoso, que aparece como sujeito no momento da velhice. Há um olhar que se direciona sobre esse momento da vida e para o qual Ecléa Bosi já chamava a atenção na década de 70:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora (BOSI, 2010, p. 82-83).

O surgimento e a procura, pelo mercado editorial, de obras de ficção que reconheçam o protagonismo do idoso são demonstrativos da concretização desse processo. Em Portugal, Vergílio Ferreira e Teolinda Gersão distinguem-se pelo tratamento particular conferido ao quotidiano vivenciado pelas pessoas mais velhas. *Em nome da terra*, de Vergílio Ferreira, e *Passagens*, de Teolinda Gersão, oferecem retratos



da velhice, uma masculina, outra feminina, com diferenciações não apenas estilísticas, mas de visões de mundo que incluem a do narrador, do autor e dos personagens. E, também, do leitor, na medida em que ele efetuará interpretações próprias do texto lido.

No ano de 1983, Vergílio Ferreira publicou o livro *Para sempre*, onde aspectos relacionados ao envelhecimento já são visíveis. Porém, é com *Em nome da terra*, publicado em 1990, que o foco na velhice concede ao tema um status quase de protagonismo: mais do que um personagem idoso, é oferecido ao leitor um retrato cruel do processo de envelhecimento. A obra foi escrita quando o autor já contava com mais de setenta anos, o que torna maior o interesse que origina para estudos sobre o tema da velhice. Autor, narrador e personagem encontram-se inseridos em um ambiente similar do ponto de vista etário e social.

João, protagonista do livro, escreve para Mônica, sua esposa, já falecida. No primeiro parágrafo, encontramos:

Querida. Veio-me hoje uma vontade enorme de te amar. E então pensei: vou escrever-te. Mas não te quero amar no tempo em que te lembro. Quero-te amar antes, muito antes. É quando o que é grande acontece no eterno e o amor é assim, devias saber. [...] Ponho-me a lembrar o que passou e o que me lembra é só a tua presença forte ao pé de mim. E depois acabou. (FERREIRA, 2016, p. 10)

Utilizando-se de uma estrutura similar a uma longa carta, Vergílio Ferreira cria um personagem que contradiz os estereótipos vigentes. O autor registra a velhice não como elemento mágico ou melodramático, fórmulas comumente utilizadas, suas descrições são minuciosas e o faz em primeira pessoa, ampliando o impacto que provoca, a crueza das imagens quase brutal na medida em que se mostram verdadeiras.

Esse recurso da busca de um destinatário no universo da memória substitui, por meio do ato da escrita, as palavras que o corpo não é mais capaz de pronunciar, é instrumento de percepção da realidade e de construção identitária. João fala com Mônica, conta a ela suas vivências em uma instituição de idosos e relembra, relembra constantemente, a vida que viveu ao lado da esposa. Porém, cabe aqui a ressalva: suas lembranças são idealizadas a partir das necessidades de seu momento presente. O amor aparece, na carta que João escreve, como um último recurso capaz de dar sentido e justificar a existência.

Passagens, de Teolinda Gersão, publicado no ano de 2015, segue a mesma linha de fuga de estereótipos sobre a velhice. A obra aborda a história de Ana, vítima de AVC, que vive em um asilo de idosos e toma uma decisão no mínimo inusitada: transforma sua vida em um palco e finge estar com Alzheimer. O texto observa o momento da velhice por diferentes focos, não apenas o próprio idoso, mas familiares, cuidadores, pessoas próximas, afe-



tiva ou espacialmente, vão relatando sentimentos e situações. Dessa forma, a autora constrói um viés singular, obriga o leitor a revisitar conceitos, choca com instantâneos da nossa incapacidade de conceber o quanto a velhice ainda possui de consciência de si e do mundo que a cerca.

O que esses dois livros têm em comum, além da temática? Talvez, a coragem de olhar, de exigir o direito de marcar e ser presença, a coragem de dizer: "somos parte do todo, não podemos ser confinados a guetos ou espaços fechados, fazemos parte da sociedade". E, como parte, os idosos deveriam ser considerados duplamente preciosos, pois carregam mundos distintos dentro de si e não existe a opção de ser de um ou de outro, integram a totalidade humana, ainda que o estranhamento esteja presente.

São romances contemporâneos que se aproximam das histórias mitológicas, absorvendo em seus retratos um misto de medo, respeito e orgulho que Geras, entidade representativa da velhice, já carregava no contexto grego. Percepções relativas a tempo e trajetória, público e privado, juventude e velhice sofreram mudanças com o passar dos séculos, por meio das quais percebemos o treinamento social envolvido no ato de pensar sobre o que ainda nos é incompreensível. Nosso conhecimento da velhice é quase apenas biológico, pouco sabemos de aspectos afetivos e emocionais, um desconhecimento que não raro se exprime transmutado em temor.

Não somos apenas o momento presente. Nossa totalidade é constituída pelo conjunto das épocas que hoje classificamos como infância, idade adulta, velhice, ou, conforme o autor utilizado, terceira idade, melhor idade, senectude, senilidade, velho, idoso, sênior, ancião, diferentes denominações que, pelo seu uso, já refletem as alterações que a visão de velhice vem sofrendo, cada vez mais aceleradas e profundas.

Contudo, somos tão diferentes em nossa essência do que éramos há milênios? O que nos separa da época grega? Passados mais de dois mil anos, o mito ainda é presença constante na literatura contemporânea, ainda buscamos em histórias próximas das que os gregos ouviam respostas que eles – como nós - não foram capazes de encontrar.

Os deuses gregos são conhecidos por serem antropomórficos, ou seja, possuírem características e temperamento similares aos dos humanos. Jean-Pierre Vernant, no livro *Mito e religião na Grécia Antiga*, afirma que "Os fenômenos religiosos têm formas e orientações múltiplas" (Vernant, 2009) e destaca:

Esses deuses múltiplos estão no mundo e dele fazem parte. [...]. Os deuses nasceram do mundo. [...] Há, portanto, algo de divino e algo de mundano nas divindades. Assim, o culto não pode visar a um ser radicalmente extramundano, cuja forma de existência não tenha relação com nada que não seja de ordem natural, no universo físico, na vida humana, na existência social. (VERNANT, 2009, p. 04,05)



Mas há uma diferença básica que só a transformação do homem em um novo deus poderia suprir: a imortalidade não pertence aos homens; a mortalidade é nossa característica básica, o que nos torna, essencialmente, humanos.

Livros de ficção e mesmo obras não ficcionais são carregados de lendas, fórmulas mágicas, experiências científicas, poções milagrosas, relatos da procura constante pela vida eterna, poder nunca alcançado. E a velhice é uma espécie de aviso prévio: quando ficamos velhos e quando enxergamos um velho, a conscientização torna-se inevitável.

Três histórias da mitologia grega merecem uma abordagem especial quando de debates relativos à percepção ficcional da velhice: a de Geras, a da Sibila de Cumes e a de Tithonus. São histórias menos conhecidas, o que, por si, já revela diferenciações entre a visibilidade concedida à juventude e ao idoso, seja no universo grego, seja contemporaneamente.

Geras é a entidade representativa da velhice. Na cultura grega, a valorização do corpo pela prática das guerras e dos esportes criava uma ambiguidade constante entre a decrepitude e a sabedoria que acompanham a velhice. Essa ambiguidade mescla-se com questões não apenas etárias, mas econômicas e sociais, tendo em vista que a posse de riquezas e, con-

sequentemente, uma participação efetiva nas esferas decisórias otimizava o poder angariado pela experiência e sabedoria adquiridas com o passar dos anos.

É interessante destacar aqui que essa proximidade com a morte tem um sentido mais complexo do que apenas a morte do homem. Geras também era visto como representativo do final das dores, dos sofrimentos. Não ser eterno lembra que as injustiças também não o são, que a vida é marcada pela mudança, por alterações. Igualmente, a fragilidade do corpo implica a necessidade do grupo, necessitar do outro pode ser instrumento de aceitação desse outro e de construção de harmonia social.

A velhice aparece em sua dupla forma nas histórias gregas e tal é a presença de Geras no Olimpo. Por um lado, desprezado por representar a decrepitude, era tido por muitos como um deus cruel, porque apenas os outros deuses escapavam de seu poder destrutivo; por outro lado, era procurado por sua experiência, os deuses respeitavam a sabedoria que só os anos são capazes de proporcionar, e os homens procuravam por seus conselhos e apoio.

Duas imagens conservadas em objetos da época grega antiga denotam bem essa situação. Em um vaso do século V a.C., preservado no Museu de Louvre², Héracles aparece em uma cena retratando

² O vaso citado integra o acervo do Museu de Louvre, Paris, França, e pode ser visualizado na página http://www.theoi.com/Gallery/N18.2.html.>



sua vitória sobre a velhice³. A imagem é bem representativa, Héracles encontra-se no auge de sua juventude, quase gigante frente ao corpo encurvado e decrépito de Geras. Enquanto o semideus levanta sua clava em uma demonstração de força, o idoso, extremamente frágil, apoia-se em uma bengala fina, a posição de seu corpo é a de alguém que procura recuar, sendo impedido pela mão de Héracles sobre sua cabeça, um gesto não protetor, mas de ameaça. Cobrindo o corpo, Héracles veste uma armadura que ressalta seu poder; Geras aparece nu, interior e exterior inferiorizados: a velhice, subjugada, não é vista como continuidade, mas como etapa a ser destruída.

Em outro vaso, também do século V a.C., guardado no Museu Nacional Etrusco de Vila Giulia⁴, encontramos Geras e Héracles retratados de forma mais igualitária. Na imagem, as diferenças não implicam necessariamente submissão, antes, um momento de diálogo, de tentativa de compreensão e aprendizado.

Se Héracles ainda aparece como alto e forte, sua postura e suas vestes não são mais tão marcadas pela agressividade, mesmo Geras encontra-se vestido com um manto que lhe propicia algum conforto e cobertura. Nessa cena, o semideus mantém a proximidade da clava, que agora serve de apoio, sua juventude é força, não agressão. Geras apoia-se na bengala, representativa dos anos que viveu e da sabedoria que carrega. Os braços de ambos erguem-se em sinal de debate e respeito. Juventude e velhice dialogam, a força física e a sabedoria são elementos de encontro.

A cena de diálogo representada serve de contraponto a uma citação do livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Em seu texto, Ecléa Bosi destaca a forma como não ouvimos o idoso, camuflando nossa indiferença com uma capa de proteção. Proteger, muitas vezes, é sinônimo de desrespeitar e subjugar.

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito (BOSI, 1994, p. 78).

Nas imagens fixadas nos vasos gregos, observamos distintas visões da velhice que ainda hoje se fazem presentes: na primeira, o confronto, a subju-

³ Héracles (Hércules, pela denominação romana) é filho de Zeus e de Alcmena, uma humana. A vitória sobre a velhice ocorre pela morte prematura do semideus. Mortal, casa-se com Dejanira, que por engano causa sua morte quando o herói ainda é jovem. O corpo é levado ao Olimpo, onde Héracles casa-se com Hebe, a deusa da juventude.

⁴ O objeto citado integra o acervo do Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia, Roma, Itália, e pode ser visualizado na página < http://www.theoi.com/Gallery/N18.1.html.>.



gação, há um inimigo a ser derrotado e a um inimigo concedemos atenção, mesmo respeito, não mera tolerância. A segunda cena amplia por meio do diálogo, que pode se traduzir em debate, um falar e um ouvir. Combatida ou vista como instrumento de sabedoria, a velhice é percebida, tem um olhar sobre si, há uma distinção clara do ambiente retratado por Ecléa Bosi.

Sibila de Cumes e Tithonus são humanos e, portanto, diferentemente de Geras, são mortais. Ambos alcançam o dom da longevidade, mas pagam um alto preço, pois são incapazes de vencer a velhice.

A sacerdotisa de Apolo é conhecida pela paixão que provocou no deus, tão intensa que o leva a prometer a realização de qualquer desejo que a jovem manifestar. Ansiando pela eternidade, Sibila de Cumes pede para viver tantos anos quantos grãos de areia conseguir juntar em suas mãos. Porém, não solicita igualmente a juventude e, ao recusar o assédio do deus, este se vinga cumprindo estritamente o que prometera: ela recebe o dom da vida, mas seu corpo envelhece como qualquer corpo mortal. Cada vez mais enrugada e encurvada, torna-se o retrato da decrepitude e termina por ver na morte o seu maior anseio.

Em sua vida longa, carregada de visões e sabedoria, a Sibila torna-se personagem de poetas e escritores, conduz Enéias, o príncipe troiano, pelo mundo inferior, e é autora dos livros proféticos conhecidos como Livros Sibilinos, os quais depois se

mesclam com as histórias romanas, sendo mesmo citados como guias e auxiliares da governança até serem supostamente destruídos no ano de 83 a.C.

Para os cristãos, ela é considerada não raro como profeta do antigo testamento e anunciadora da vinda de Cristo, o que justifica sua imagem na parte lateral do teto da Capela Sistina, pintado por Michelângelo. No imaginário popular, sua história é recontada e revisada continuadamente. Diferentes versões retratam a saga dessa bela jovem que seduziu um deus e recebeu como prêmio a longevidade, a qual, não sendo acompanhada da juventude, transformou os anos vividos a mais em castigo e não em recompensa.

Por situação similar passa Tithonus, irmão mais velho de Príamo, rei de Tróia. Considerado um dos homens mais atraentes de sua época, torna-se objeto do desejo da deusa Eos. Eos fora amaldiçoada por Afrodite para que só se apaixonasse por mortais e, dessa forma, sofresse com a constante perda de seus amantes. Ao se apaixonar por Tithonus, Eos pede a Zeus que conceda a imortalidade ao jovem, para que possa desposá-lo sem medo da morte iminente. Porém, comete o mesmo erro de Sibila: Tithonus envelhece como os demais mortais. Eos, sempre jovem, acaba abandonando o leito do casal e, quando o amante se torna tão velho que não consegue mais andar, é encerrado em um quarto escuro. Sem forças, Tithonus balbucia, contínua e inutilmente, clamando pelo direito de morrer até ser transfor-



mado em uma cigarra. Segundo algumas versões, é a própria deusa que pede a Zeus que o transforme em cigarra, terminando com a dor que o envelhecimento representava para os dois.

São duas histórias que retratam a velhice como um peso e não como prêmio. A imortalidade desejada o era quando acompanhada da juventude, em uma leitura que leva ao que hoje chamamos qualidade de vida.

Narrar é sempre optar por um determinado enfoque, reduzir, excluir aspectos, adicionar outros. Quando pensamos na noção de senso comum como algo fabricado, não natural, vemos a literatura que abrange o idoso como reforçando estereótipos ou colaborando para a efetivação de um olhar diferenciado? Até onde a literatura propicia ao idoso a saída da invisibilidade e até onde atua como reforço de generalizações? No caso de atuar como reforço de generalizações, não será essa a maneira pela qual o idoso é visto em nossa sociedade? É realmente a velhice a etapa da vida em que somos mais diferenciados uns dos outros ou algo ocorre no processo de envelhecimento que homogeneíza e quebra o potencial de diversificação?

Questionamentos como esses ressaltam a necessidade de estudos mais aprofundados dos espaços em que, normalmente, os indivíduos vivem ou são levados a viver a sua própria velhice, de maior conscientização quanto ao papel exercido por esses espaços, seja de forma positiva, como elementos de convivência e integração, seja por sua carga negativa de diluição e perda identitária pessoal e coletiva.

O envelhecimento da população é um processo que não pode mais ser delimitado a um ou outro país. Hoje, sociedades diferenciadas política, econômica e culturalmente apresentam estatísticas que se destacam pela queda dos índices de natalidade e pelo significativo crescimento do número de idosos. Dessa forma, estamos frente a um fenômeno com o qual precisamos aprender urgentemente a lidar para que essa conquista represente também conquista em termos de qualidade de vida, possibilidades reais de crescimento pessoal e coletivo, e não apenas anos a mais, marcados pela doença, solidão, dificuldades e desesperança.

Essa é a lição básica encontrada nas histórias de Sibila e de Tithonus e é o aprendizado buscado por Héracles na cena em que dialoga com Geres, após perceber o preço a ser pago por um mortal no caso de uma vitória contra a velhice. Não envelhecer significa morrer jovem; viver muitos anos é sinônimo de envelhecimento. A conscientização desse processo é indispensável para o amadurecimento emocional e, mesmo parecendo algo óbvio, não se mostra tão evidente quando observamos peças publicitárias e estilos de vida adotados por grande parte das pessoas em suas rotinas e decisões quotidianas.

Ao entrar em contato com a velhice, o homem percebe-se frágil e isolado. Vê-se obrigado a assumir papéis para os quais uma vida e um ambiente focados na juventude não o prepararam. Diminuição do poder econômico, enfraquecimento do corpo,



necessidade de ajuda de familiares, internamento em instituições assistenciais, públicas ou privadas, a fragilidade econômica e física que enfrenta a pessoa idosa vem acompanhada de um imaginário de impossibilidades não necessariamente verdadeiro, mas que se consolida progressivamente e se concretiza a partir da valorização excessiva da juventude.

Fonseca, no ano de 2014, coordenou a publicação da obra *Envelhecimento, saúde e doença: novos desafios para a prestação de cuidados aos idosos.* No livro, profissionais de diferentes áreas debatem questões relativas ao processo de envelhecimento. O autor, ao analisar aspectos psicológicos envolvidos, constata:

Infelizmente, um dos principais obstáculos que as pessoas idosas têm de enfrentar no seu processo adaptativo tem a sua origem fora delas e chama-se estereótipos. Com efeito, quer tenha mais ou menos idade e uma melhor ou pior aparência, é difícil escapar aos estereótipos negativos acerca do envelhecimento, e o que muitas pessoas não têm consciência é que, frequentemente, ao invés de questionarem a sua validade, aceitam e assumem esses mesmos estereótipos muito antes de se tornarem, de facto, "pessoas idosas" (FONSECA, 2014, p. 160).

Nas relações sociais, o idoso não se encontra em uma situação de igualdade. Adaptar-se, isolar-

-se, fechar-se em si mesmo, as opções são poucas e pouco favoráveis, provocando uma espécie de limbo, de não vivência. As alterações nos relacionamentos sociais são tão drásticas que a própria memória sofre bloqueios e retrocessos: lembramos o que somos, somos o que lembramos, esquecemos o que deixa de nos constituir e precisamos querer lembrar para provocar novas memórias e continuar a ser. E a longevidade só tem sentido a partir do momento em que continuamos a ser, não falamos aqui da continuidade de nossas vivências anteriores, mudanças integram o que é do humano, falamos do direito à vida e não à mera sobrevivência submissa e vegetativa.

Porque algo mudou em nossas trajetórias. Cada vez mais vivemos mais tempo. Antes éramos considerados velhos aos 30 anos; hoje nos enxergamos ainda jovens aos 50. As estatísticas brasileiras, se exibem uma população predominantemente jovem, também demonstram a rapidez do envelhecimento demográfico. Publicações da Secretaria dos Direitos Humanos registram que de 2001 a 2011 ocorreu um crescimento de 55% do número de idosos e, em 2050, para cada 100 jovens existirão 173 idosos no Brasil⁵.

Porém, mais do que mudanças estatísticas, observa-se a gradativa instauração de uma mudança de pensamento com relação ao assunto. Se durante

⁵ Secretaria de Direitos Humanos, Coordenação Geral dos Direitos do Idoso. Dados sobre o envelhecimento no Brasil. Acessado em 12 ago 2016. http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf



a história do homem morrer era o grande impasse, a dúvida, a grande dor humana, hoje ouvimos, não sem um pouco de susto, uma resposta cada vez mais frequente nas pesquisas: "não tenho medo de morrer, tenho medo de ficar velho".

A velhice, antes vista como temerária por representar a proximidade do fim, mostra-se temida em si mesma, torna-se retratada quase como não natural, como algo a ser evitado, ainda que cada vez busquemos, por meio da ciência, da filosofia, da religião, instrumentos que nos garantam mais tempo de vida. A velhice carrega o ônus da longevidade pago por Sibila de Cumes e por Tithonus, os anos acrescentados pelas inovações tecnológicas cobram seu preço, um preço alto e que tem acarretado debates por novas formas de vivência e de percepção acerca do direito de viver e, paralelamente, do direito de morrer.

Geras, no imaginário coletivo e nas diferentes versões com que atravessou tempo e espaço, apresenta uma característica peculiar: inicialmente retratado como um homem encolhido e enrugado, posteriormente sua imagem é a de uma mulher, o báculo servindo de apoio no lugar da bengala, e o olhar voltado atentamente para um poço no qual, em uma alusão ao tempo que nos resta de vida, se encontra um relógio de areia, os dias escoando contínua e rapidamente. Mas, além da passagem do tempo, o mito é um aprendizado sobre mudanças concretas vivenciadas pelo corpo, é um redescobrir-se e um aceitar. Nos dois outros mitos, de Sibila e

do Tithonus, a leitura leva à consciência do isolamento gradativo e da exclusão.

Sibila de Cumes enfrenta a exclusão e o desespero na velhice, mas, ao mesmo tempo, é marcada pela sabedoria. Existe toda uma linha que leva às velhas transgressoras, profetisas, sábias, ainda que nem sempre do conhecimento considerado positivo, por vezes são vistas como mesquinhas, bruxas, vilãs.

Na história do Tithonus, a exclusão inicia com uma manifestação do corpo: os primeiros cabelos brancos levam Eos a abandonar o leito do amante. Tithonus perde seu status de jovem ágil, forte e viril. Com a saída de Eos do leito conjugal, é percebido e se percebe como velho. A conscientização decorre do olhar do outro.

Depois, o segundo estágio, os problemas de locomoção acarretam a perda do direito à sociabilidade. Encerrado em um quarto, ao enfrentar a limitação do espaço físico a que tem acesso, Tithonus começa a clamar pelo direito de morrer. Apesar de, no caso, ser uma demonstração de extrema lucidez, implorar pela morte soa à loucura em nossas leituras contemporâneas, pois partimos de um mundo construído com base em uma mentalidade onde o clamor generalizado é pela vida: o direito de viver, hoje, vem acompanhado da obrigação de viver. Nesses esentido, o isolamento de Tithonus é total.

E o isolamento social remete ao texto de Vergílio Ferreira. Duas frases de *Em nome da terra* são exemplares: "A hora em que o mundo começa a afastar-se de nós e leva consigo a vida e tudo o



que nos tornava plausíveis, mesmo aqui, e em que a gente podia confiar." E, um pouco adiante: "O mundo existe mas não contava comigo" (Ferreira, 2009).

O mesmo pode ser visto em *Passagens*, nas divagações de Marta: "Lembro-me de uma diferença muito marcada dos espaços: o dentro e o fora, divididos pela porta da entrada, que me parecia espessa como uma montanha. O mundo ficava para trás, quando ela se fechava. Como se se entrasse em clausura" (Gersão, 2014).

Essa sensação de isolamento, de exclusão, é bem observada com a crise enfrentada pelo idoso quando do início da aposentadoria. Apresentada como época de descanso, utópica e idealizada, na média mostra-se um momento de crise, elemento desencadeador de processos de depressão. Um olhar mesmo superficial sobre a forma como nossa sociedade encontra-se estruturada deixa evidente a importância do ambiente de trabalho no processo de socialização, não raro é inclusive o ambiente de maior contato do indivíduo com outras pessoas e grupos sociais.

Novas formas de gerenciamento do quotidiano precisam ser encontradas a partir de pilares que não se sustentem no contato profissional, pois esse já não existe. O eixo passa do trabalho para as relações afetivas, que se tornam centro de ocupações e interesses.

Indivíduos ativos, marcados pela convivência diária com o outro, encontram-se repentinamente solitários e com dificuldades que não imaginavam antes da aposentadoria. Se problemas financeiros são frequentes, o preparo para eles costuma ser maior do que o preparo para uma vivência sem o outro. Ao se aposentar, a sabedoria adquirida com a idade soa inútil sem a presença do receptor.

Simone de Beauvoir, no livro *A velhice*⁶, debate dificuldades desse período, salientando o quanto o choque do homem ao se perceber como "velho" é decorrente de um despreparo que o acompanha nas etapas anteriores da vida:

A tragédia da velhice é a radical condenação de todo um sistema de vida mutilador: um sistema que não fornece à imensa maioria das pessoas que fazem parte dele uma razão de viver. O trabalho e a fadiga mascaram essa ausência: ela se descobre no momento da aposentadoria. É muito mais grave do que o tédio. Ao envelhecer, o trabalhador não tem mais lugar no mundo, porque, na verdade, nunca lhe foi concedido um lugar: simplesmente, ele não tivera tempo de perceber isso. Quando se dá conta, cai numa espécie de desespero bestificado (BEAUVOIR, 1990, p. 340).

Ao sair do mercado de trabalho, o idoso enfrenta a falta de projetos e expectativas, denotando o

⁶ A velhice, de Simone de Beauvoir, é publicado na França, em 1970, em realidade temporal e social diferenciada da brasileira, o que exige cuidado na observação de dados. Contudo, é um estudo profundo e sensível sobre o envelhecimento em diferentes épocas e culturas.



despreparo citado por Beauvoir e que, segundo a autora, não é individual ou exceção, mas praticamente coletivo, resultado de uma sociedade incapaz de aceitar esse momento como parte integrante do ato de viver:

O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais do que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: esta evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

A aposentadoria pode ser vista como um momentos-chave da experiência de auto e heteropercepção da velhice. Sair do mercado de trabalho implica um enfrentamento quotidiano com a necessidade de se adaptar a um mundo construído para o jovem. Essa percepção se reforça e uma nova identidade torna-se necessária, são mudanças muito mais profundas do que poderiam soar em um primeiro olhar. Para Ecléa Bosi:

O trabalho [...] Envolve uma série de movimentos do corpo penetrando fundamente na vida psicológica [...] Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um *emprego*, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de *status* (BOSI, 2010, p. 471).

É um quadro que vem se alterando gradativamente. Observa-se, ainda que de forma muito diferenciada entre as pessoas, uma busca pela harmonização de interesses, um processo complexo envolvendo tratativas culturais, afetivas, sociais, econômicas, etc. Há um caminhar de conscientização sobre direitos e de efetivação desses direitos. Igualmente, ressaltam-se as dificuldades resultantes exatamente desse processo.

É importante destacar que hoje não podemos mais ver a identidade como algo construído em uma etapa da vida e que, a partir de determinada idade, torna-se acabada, fixa, imutável. Cada vez mais são aceitas visões de identidade como algo construído continuadamente, em constante mutação. O ser humano nunca está completo, é um ser em criação e transformação.

As identidades não são fatos consumados, fixos, mas negociações que fazemos conosco e com o mundo, num contínuo construir e desconstruir. Somos um todo nunca finalizado. Não há um ser humano que se descobre na infância; se constrói na juventude; realiza sua função de vida na idade adulta e, depois, decai e descansa na velhice. Nossa identidade não funciona dessa forma, não recebemos um manual de instruções e profecias não revelam o destino. Somos pessoas em permanente descoberta, construção, atividade e decadência. Começamos a morrer no momento em que nascemos; começamos a descobrir novas formas de vida no momento da velhice.



No livro *Passagens*, Ana, a personagem feminina, refletindo sobre sua vida em um lar de idosos, afirma: "Mas na minha cabeça as coisas podiam andar para a frente e para trás, as manivelas rodavam em todos os sentidos. Ainda há mundos a descobrir, quando se está só o dia inteiro, sentada numa poltrona, no pequeno quarto de um lar" (Gersão, 2015).

Esse trecho, no livro, adquire um sentido marcado pela dor. Porém, lido assim, de forma isolada, carrega-se de expectativas e mesmo curiosidade e deslumbramento. E é essa a visão de velhice aqui defendida. Não a docilidade e submissão, nem a busca da eterna juventude, igualmente falsa, mas a compreensão desses mundos que, por serem ainda tão desconhecidos, tornam-se temerários, como se fossem externos e não fizessem parte do que somos. A busca deve ser pelo protagonismo do idoso, pela compreensão da velhice, das suas aberturas e limitações, aspectos positivos e negativos, mas reais, que englobem o todo diverso de que somos constituídos, como seres em permanente transformação e movimento.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Phillipe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Lisboa: LTC Editora, 1983.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe (coord.). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética:** a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia:** histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Junior, 26. ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência.** Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FERREIRA, Vergílio. **Em nome da terra.** Lisboa: Quetzal, 2009.

____. Para sempre. Lisboa: Quetzal, 2008.

FONSECA, António Manuel (coord.). **Desenvolvimento humano e envelhecimento.** Lisboa: Climepsi Editores, 2004.

GERSÃO, Teolinda. Passagens. Porto: Sextante, 2014.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEIXOTO, Clarice. "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade", pag. 69-84. In Barros, Myriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou terceira idade?**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.



VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga.** Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2009.

YATES, Frances. **El arte de la memória.** Trad. Ignácio Gómes de Liandro. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

ZIMERMAN, Guite. **Velhice:** aspectos biopsicossociais.

Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2009.



NARRATIVAS, TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS NAS REDES: UMA ANÁLISE DAS COBERTURAS DO G1 E DO MÍDIA NINJA NOS PROTESTOS DE 13 E 31 DE MARÇO DE 2016

NARRATIVES, TECHNIQUES AND STRATEGIES ON THE NETWORK: AN ANALISYS ABOUT G1'S AND MÍDIA NINJA'S COVERAGE OF PROTESTS IN 13H AND 31H MARCH 2016

> Maria Clara Aquino Bittencourt (Unisinos)¹ Christian Gonzatti (Unisinos)²

Resumo: Como parte de um projeto que estuda narrativas jornalísticas produzidas por coletivos midiáticos em contexto de movimentos em rede, este artigo faz uma análise comparativa entre os conteúdos produzidos pelo Mídia Ninja e pelo G1 nos dias 13 e 31 de março de 2016, datas em que ruas de diversas cidades do Brasil foram ocupadas por protestos a favor e contra o governo de Dilma Rousseff. As publicações no Facebook desses atores nesses dois dias são analisados a partir das narrativas, técnicas e estratégias de produção e circulação de conteúdo. Palavras-chave: Narrativas, técnicas e estratégias. Jornalismo. Midiatização do Ativismo. Convergência e Espalhamento.

Abstract: As part of a project that studies journalistic narratives produced by collective media in a contexto of networked movements, this article makes a comparative analysis of the content produced by Mídia Ninja and G1 on 13 and 31 March 2016, dates on which the streets of several cities in Brazil were occupied by protests for and against the government of Dilma Rousseff. Publications on Facebook of these actors in these two days are analyzed about narratives, techniques and strategies of production and circultation of content.

Keywords: Narratives, techniques and strategies. Journalism. Activism Mediatization. Convergence and Spreading.

INTRODUÇÃO

Ao ativismo político é atribuído por Jordan (2002) a produção de transgressão e solidariedade. Ele atrela a transgressão ao conceito ao entender como essencial para a constituição do aspecto político de qualquer ação coletiva a transformação entre as demandas. Castells (2012) recorre a esses mesmos sentimentos para estudar os movimentos em rede que tomaram as ruas e a internet desde meados de 2009. No Brasil, o ativismo político é reconfigurado a partir das manifestações de junho de

¹ Doutora em Comunicação e Informação. Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. jaquino@unisinos.br

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. christiangonzatti@gmail.com



2013. Desde então, a comunicação que escoa desses protestos tem gerado uma série de questões de pesquisa para o jornalismo. A adoção de ferramentas de comunicação digital para a organização e o reporte dos acontecimentos nas ruas revela formatos e dinâmicas que caracterizam o que entendemos por midiatização do ativismo (AQUINO BITTEN-COURT, 2014a). O fluxo midiático e informacional que vem configurando-se através de um entremeamento entre rede e rua (TORET, 2012), abre para o campo da comunicação espaços de investigação sobre narrativas, estratégias de circulação e técnicas comunicacionais. As mobilizações em rede (MA-LINI E ANTOUN, 2013, TORET, 2012, CASTELLS, 2012) e a adoção do ciberespaço para o enfrentamento entre as vozes dos diferentes atores sociais e políticos forçam a reflexão sobre usos e apropriações comunicacionais para a produção e circulação de múltiplas narrativas.

Como parte de um projeto que estuda coletivos midiáticos em contexto de movimentos em rede, este artigo analisa os conteúdos produzidos pelo Mídia Ninja e pelo G1 nos dias 13 e 31 de março de 2016, datas em que as ruas de diversas cidades do Brasil foram ocupadas por protestos a favor e contra o governo de Dilma Rousseff. O texto contextualiza as manifestações que vem acontecendo no país desde 2013 para em seguida apresentar os conceitos que norteiam a pesquisa. O terceiro item

avalia os níveis narrativo, estratégico e técnico dos conteúdos publicados.

OS PROTESTOS POLÍTICOS NO BRASIL

Junho de 2013 já é um marco histórico no Brasil. Foram milhões de pessoas nas ruas de algumas das principais capitais brasileiras, entre outras 300 cidades do país (PRADO, 2015). Inicialmente, o foco dos protestos era pela redução/contra o aumento da tarifa de transporte público. Com a forte repressão policial no ato de 13 de junho, os protestos ganharam força e as causas defendidas nas ruas foram além do preço do transporte público. A indignação com os gastos com a Copa do Mundo em 2014, com a precariedade do sistema de saúde e da educação no país e com a corrupção foram algumas das pautas levantadas em cartazes nas ruas e inúmeras publicações em sites de redes sociais, aplicativos e páginas na web. A cobertura da imprensa foi criticada pela falta de atualização ao vivo, bem como sobre a carência de notícias em veículos de massa, como a Globo News, por exemplo. Toret (2012) explica que no início das ocupações da praça Puerta Del Sol, em Madrid, em 2011, a imprensa espanhola pouco cobria os protestos. Quando as informações publicadas nas redes digitais começaram a aumentar e a se espalhar, foi inevitável para a imprensa divulgar o que vinha se passando nas ocupações. No Brasil



esse movimento foi semelhante, mas foi a agressão à uma repórter da Folha de São Paulo, entre outras manifestações nas próprias ruas contra repórteres de veículos de massa, que desencadearam uma mudança na cobertura feita pela imprensa tradicional³. A imprensa internacional também se manifestou sobre a cobertura dos protestos no Brasil, criticando a falta de abordagem sobre a violência policial e o fato de a imprensa brasileira utilizar o termo vândalos para se referir a alguns manifestantes⁴.

pós o resultado das eleições presidenciais de 2014, em que Dilma Rousseff foi reeleita com 51,6% dos votos válidos, em fevereiro de 2015, a presidenta anunciou um pacote de ajustes fiscais que fez seu índice de aprovação cair de 52% para 23%. Ao mesmo tempo, a Operação Lava Jato já estava em andamento, investigando políticos envolvidos em um esquema de corrupção. Nesse período, os coletivos Vem Pra Rua, Movimento Brasil Livre e Revoltados Online organizaram um protesto no dia 15 de março de 2015, contra o governo de Dilma Rousseff. No dia 13 de março partidos de esquerda, centrais sindicais e movimentos sociais realizaram ato em defesa da Petrobrás, contra o ajuste fiscal e contra o impeachment da presidente, possibilidade mencionada pelos movimentos contrários ao governo Dilma diante do caso de corrupção na Petrobrás. Após os protestos do dia 15 de março, o Movimento Brasil Livre (MBL) organizou um novo ato, no dia 12 de abril, pedindo o impeachment da presidente. Depois deste ato o MBL também coordenou uma marcha que iniciou em São Paulo, em 24 de abril, e terminou em Brasília, no dia 27 de maio. Em agosto, o MBL, em conjunto com o Vem Pra Rua e o Revoltados Online organizou outro protesto, desta vez em repúdio a um acordo feito entre a presidente Dilma, o senador Renan Calheiros e o procurador-geral da República Rodrigo Janot. Em dezembro de 2015 houve protestos em diversas cidades em defesa do PT, contra a abertura do pedido de impeachment de Dilma Rousseff e pela saída de Eduardo Cunha da Câmara Federal.

Em março de 2016 aconteceram dois protestos, aos quais dedicamos nossa observação sobre as coberturas feitas pelo Mídia Ninja e pelo G1. No dia 13 os atos foram organizados para protestar contra o governo Dilma Rousseff e contra a corrupção. Esses atos se estenderam pelos dias 16, 17, 18, 19, 20 e 21 de março, também a favor do impeachment e contra a nomeação de Lula como ministro da Casa Civil, com uma ocupação com barracas em frente ao prédio da FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. No dia 31 de março, um ato chamado

³ Fonte: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-28/abraji-registra-102-casos-de-agressao-jornalistas-durante-cobertura-das-manifestacoes.

⁴ Fonte: http://www.dw.com/pt/imprensa-estrangeira-destaca-trucul%C3%AAncia-da-pol%C3%ADcia-brasileira-em-protestos/a-16883228.



pela Frente Brasil Popular e pela Frente Povo Sem Medo gerou protestos em diversas cidades, contra o pedido de impeachment e a favor da democracia⁵.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO E CONCEITOS NORTEADORES

O fortalecimento dos coletivos midiáticos vem gerando apropriações técnicas e sociais de ferramentas de comunicação digital para narrar os acontecimentos nas ruas. São usos que potencializam a participação e a colaboração na produção e na circulação de múltiplos discursos, mas que também reproduzem práticas e modelos baseados na verticalidade e unilateralidade comunicacionais (AQUINO BITTENCOURT, 2014b). Assim, nossa compreensão sobre esses coletivos midiáticos engloba grupos que através de sites redes sociais, plataformas digitais, aplicativos e dispositivos móveis de comunicação produzem e promovem o espalhamento de conteúdos sobre protestos decorrentes de mobilizações organizadas dentro e fora das redes digitais, e que buscam atuar de forma desvinculada da mídia de massa, com base na participação e na convergência, ainda que reproduzam lógicas massivas em seus processos de produção e circulação de conteúdos. São grupos que podem ou não participar da organização de protestos de rua, e que podem ou não explicitar seus posicionamentos acerca de questões e debates políticos. Sobre o caráter comercial, coletivos midiáticos não almejam o lucro, o que não os impede de estabelecer mecanismos de contribuição para a realização de atividades diversas, que envolvam a produção e circulação de conteúdos e a organização de mobilizações. Esses mecanismos variam entre o envio de quantias em dinheiro através de contas bancárias ou sistemas de pagamento online, venda de produtos e também projetos de *crowdfunding* para causas e ações mais específicas.

Recorre-se ao conceito de midiatização para pensar o entrelaçamento entre as noções de convergência midiática (JENKINS, 2006, AQUINO BITTENCOURT, 2012) e mídia de espalhamento (JENKINS, FORD E GREEN, 2013). A midiatização do ativismo é cada vez mais nítida com o desenvolvimento de dispositivos e suportes que facilitam processos de produção e circulação de conteúdos. Por isso, demanda reflexão em função das apropriações por atores diversos, além da mídia de massa, que geram diferentes narrativas sobre os protestos. Castells (2012) aponta a adoção de um suporte técnico como causa de um novo tipo de manifestação, mais horizontal e menos centralizada, na qual os fluxos alternativos de informação recebem tanta

⁵ Na finalização deste texto a composição do governo já havia sofrido alterações: no dia 12 de maio de 2016 o Senado Federal aprovou a abertura do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que foi afastada do cargo por 180 dias. Em agosto de 2016, presidente em exercício é o vice Michel Temer.



atenção quanto os da mídia tradicional. Nesse momento desponta a atividade de coletivos midiáticos.

Uma das consequências mais significativas da midiatização, para Braga (2012), é o atravessamento dos campos sociais específicos que gera situações indeterminadas e experimentações correlatas. Fausto Neto (2008) relata a disseminação de novos protocolos técnicos na extensão da organização social, a intensificação de processos que transformam tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Sua noção de midiatização se baseia ideia de apropriação, que provoca a intensificação de tecnologias convertidas em meio. Essa conversão é cadenciada por apropriações sociais, de modo que a midiatização é a atividade que ultrapassa o domínio dos meios em si, expandindo-se ao longo da organização social, conferindo-lhe uma nova dinâmica. Questões fundamentais sobre a interferência dos meios na cultura e na sociedade decorrem da midiatização, explica Hjarvard (2014), que trabalha o conceito a partir do entendimento de que a influência da mídia acontece não só sobre as sequências comunicativas entre os atores sociais e as mensagens, mas também na relação entre os meios e outras esferas sociais. Ele também reflete sobre como a midiatização pode propiciar novas condições para o desenrolar de conflitos, ainda que não seja determinante sobre como eles se desenvolvem.

Bennet & Segerberg (2012) investigam esse aparato de comunicação digital que sustenta diversos

protestos pelo mundo tentando perceber o impacto dos meios digitais nas ações coletivas. Os autores identificam tipos ideias de ações em rede em larga escala que vêm ganhando proeminência no cenário político contemporâneo. Assim, nesse contexto midiatizado o relato dos fatos escapa ao controle da mídia de massa, diante da multiplicidade de vozes que, pelas redes, narram os acontecimentos e geram visibilidade para diferentes opiniões e interpretações, suscitando a reflexão sobre os processos de produção e circulação de narrativas em contexto de redes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar as coberturas sobre os protestos dos dias 13 e 31 de março de 2016, realizamos uma coleta de dados nos sites, nas fanpages do Facebook, e nas contas de Twitter e Instagram do Mídia Ninja e do G1. Entendemos aqui o Mídia Ninja como um coletivo midiático e o G1 como um veículo representativo da mídia de massa (BELTRÃO, 1972; DIZARD JR., 2000). Na primeira data, foram marcados protestos contra o governo da época, a favor do impeachment da presidente Dilma e, mais especificamente, devido aos sentidos que percebemos no detalhamento do empírico, contra o ex-presidente Lula e, em consequência, contra o PT - Partido dos Trabalhadores. A segunda data foi marcada por protestos a favor da presidência, contra o impeachment e um possível golpe de estado que poderia emergir



nos desdobramentos do caso. Através dos dados, procuramos identificar as estratégias de circulação, os usos das ferramentas e as narrativas que emergiram nas atividades de cobertura realizadas pelos atores observados. A pesquisa exploratória (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011) foi segmentada. Os dados foram coletados através de captura de tela e armazenados em um *drive*. Optou-se por expor e discutir aqui apenas as publicações do Mídia Ninja e do G1 feitas no Facebook, pois é o espaço em que há mais publicação de conteúdo por ambos. Para não comprometer o espaço dedicado ao referencial teórico e à discussão sobre os dados, assim como a qualidade dos materiais, todas as imagens citadas a seguir estão disponíveis no link: https://goo.gl/WfzTYd.

3.1 As coberturas dos protestos do dia 13 de março de 2016

3.1.1 Mídia Ninja⁶

Em agosto de 2016 a página do Mídia Ninja no Facebook possuía mais de 970 mil curtidas. Foram coletadas, no total, 65 publicações do dia 13 de março de 2016. Desse total foram 39 imagens, 13 vídeos,

6 compartilhamentos, 5 matérias e 2 textos. Durante o dia 13, uma publicação mantida fixada no topo da fanpage levava ao vídeo com título #DesligaTV, ao vivo, de um programa denominado Domingão na Mansão⁷ produzido pelo canal Desliga Televisão, no YouTube. Das 65 publicações, 15 possuíam links que levavam a esse canal. O uso de imagens revela o apelo visual através dos conteúdos na fanpage. São imagens que variam entre fotos produzidas nos protestos e que estavam circulando na web, além de montagens e apropriações de conteúdos imagéticos. Nesta categoria também surgiram memes, entendidos aqui no sentido popular de alta replicação e não especificamente na complexidade do que propõe Dawkins (1979), ao entendê-los como a unidade mais básica da reprodução cultural. As imagens compartilhadas (Fig. 1) trazem denúncias de preconceitos, discursos de ódio e de associações, vistas pelo coletivo, como duvidosas devido as pessoas públicas envolvidas nos protestos, como o deputado Jair Bolsonaro, conhecido por suas declarações racistas e homofóbicas. Algumas imagens de outras páginas não são compartilhadas através das possibilidades do site, mas são republicadas na página e trazem a fonte de origem na legenda, uma proces-

⁶ Fonte: https://www.facebook.com/midiaNINJA/?fref=ts Como um coletivo que vem cobrindo os protestos no Brasil, entre outros acontecimentos, o Mídia Ninja tem uma representatividade significativa para um grupo que se declara independente e que busca construir uma "lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo."

 $^{^{7}} Fonte: https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/612290978929051/?-type=3\&theater$



sualidade que surge para trazer mais visibilidade a fanpage do Mídia Ninja, pois assim os conteúdos circulam pelo site de rede social através de sua rede do Facebook. O texto da legenda ou os textos que acompanham as publicações com imagem são agentes sobre o sentido da imagem, pois trazem, através, principalmente da ironia, uma carga de denúncia ao ódio percebidos nas diversas imagens, como a polêmica foto da babá negra (Fig. 1), com uniforme de trabalho, que levava carrinhos com bebês enquanto o pai e a mãe protestavam, vestidos com camisetas do Brasil. Algumas marcas também se apropriaram de conteúdos políticos, apoiando as manifestações desse dica, como foi o caso do Habib's (Fig. 1).

Nos vídeos compartilhados (Fig.2) prevalecem os sentidos que são, não modificados, mas ironizados através das legendas e que demonstram contradições presentes no protestos, como as reivindicações por um país menos violento e os atos de ódio e discursos com preconceitos presentes na fala dos manifestantes. Publicações de outras páginas são compartilhadas com *hashtags* e também um link para o vídeo #DesligaTV (Fig. 2). Em matérias, são colocadas as publicações de blogs e outros sites, como o próprio portal do Mídia Ninja. Nos textos, são publicadas somente frases, também com *hashtags*, o que movimenta mais sentidos e ajuda a pensar nas estratégias e nas narrativas desenvolvidas na página do Mídia Ninja.



Gráfico 1- Hashtags utilizadas pelo Mídia Ninja no dia 13 Fonte: elaborado pelos autores

As hashtags utilizadas são representadas pelo Gráfico 1. #DesligaTV faz referência a necessidade de ir contra a cobertura feita pela mídia de massa, principalmente a Rede Globo que, segundo o Mídia Ninja, é vista como uma mídia golpista, no sentido de que movimenta uma cobertura distorcida dos fatos e que procura se construir discursivamente como imparcial e verdadeira; discurso que para o coletivo não é condizente com a atuação da emissora. As outras hashtags utilizadas evidenciam que o Mídia Ninja não vê, em nenhum ponto, as manifestações do dia 13 como legítimas.

3.1.2 G1

A fanpage do G1 no Facebook possui mais de 7.3 milhões de curtidas e se constitui como o que entendemos por mídia de massa. Foram coletadas, no total, 19 publicações do dia 13 de março de 2016 que foram analisadas buscando entender as especi-



ficidades já detalhadas. Cinco publicações apresentaram no total 17 imagens 14 publicações eram de matérias do G1. Vídeos, compartilhamentos e texto não foram utilizados pelo G1 neste dia. O G1 explora mais de uma imagem nas publicações. O Facebook permite que em uma atualização apareça mais de uma foto, criando (Fig. 3) um mosaico automático com as imagens carregadas em uma linha do tempo . 13 publicações trazem matérias que direcionam ao portal do G1 e que retratam o cenário dos protestos através de diversos formatos. Há publicações que levam ao site para acompanhar as manifestações em tempo real e que detalham o número estimado de manifestações e as cidades em que elas ocorreram, compondo um mapa dos protestos, que não contém as manifestações a favor do governo Dilma, destacadas em outras três publicações. Essas publicações destacam as manifestações pró-governo, sendo uma delas sobre o coxinhaço promovido no Parque Farroupilha, em Porto Alegre (Fig. 3), e as outras duas são uma matéria sobre o apoio a Lula em Fortaleza e um mosaico de imagens com três fotos, que traz o número de cidades que, segundo o G1, foram cinco que tiveram manifestações a favor do governo Dilma e de Lula.

O G1 também publica no links de matérias que relatam manifestações que ocorreram fora do Brasil: como a imprensa internacional está repercutindo os protestos contra o governo; protestos contra o governo na cidade natal de Lula; destacando no título da matéria que os manifestantes pedem desculpas ao

Brasil; uma declaração do juiz Sérgio Moro sobre as manifestações; o medo do governo em perder aliados em decorrências dos movimentos do dia; a hostilização a Aécio e Alckmin quando tentaram participar dos protestos em São Paulo - na qual a *hashtag* utilizada é #G1 e que também apareceu em outras 17 publicações, como demonstrado no gráfico 2.



Gráfico 2- Hashtags utilizadas pelo G1 no dia 13 Fonte: elaborado pelos autores.

O G1 reforça mais as *hashtags* com o nome do portal do que em torno dos protestos, tendo em vista a distribuição quantitativa visível no gráfico 2. A *hashtag* protesto, no singular, foi utilizada em uma publicação sobre uma manifestação a favor de Lula em Fortaleza. Enquanto as outras publicações continham a *hashtag* protestos, no plural. #CrisePolítica aparece em uma matéria na qual Dilma cobra do governo de São Paulo uma ação referente ao ataque feito a UNE e em outra na qual destaca-se que as manifestações poderiam afetar a decisão em torno do processo de impeachment da presidenta Dilma. #Lula e #Dilma aparecem em publicações que tem como foco as suas figuras políticas, seja em protestos ou em declarações.



3.2 Dos protestos do dia 31 de março de 2016 no Facebook

3.2.1 Mídia Ninja

No 31 de março, diferentemente do dia 13, as manifestações marcadas através da circulação em redes sociais colocavam-se como a favor da presidenta Dilma Rousseff. Entre 173 publicações foram 128 imagens, 39 vídeos, 4 compartilhamentos, 2 matérias e nenhum texto. A narrativa do Mídia Ninja no dia 31 é diferente em comparação ao dia 13. Com mais que o dobro de publicações, as mensagens convocam ações de protesto na rua e em sites de redes sociais, como o Twitter (Fig. 4), e cobrem os protestos ao redor do mundo, mantendo o discurso contra a Rede Globo. Há uma forte presença de fotos e vídeos, sendo que algumas imagens funcionam como ilustração de textos mais extensos e complexos. As imagens possuem sentidos diversos: funcionam como memes de internet (Fig. 4) com carga ativista, trazem mensagens feministas, relatam o apoio de movimentos LGBT, estudantes, mulheres, religiosos (evangélicos e mães de santo) e MST, sempre trabalhando com cores e com pessoas das mais diversas etnias e corpos. Há também uma publicação pedindo a colaboração através do envio de fotos e vídeos para o Ninja de quem visse alguma manifestação em sua cidade. Ocorreu, também, a divulgação do Telegram do coletivo, no qual estavam sendo publicadas fotos e vídeos das manifestações, e o *streaming*, através da ferramenta do Facebook que permite a publicação de vídeos ao vivo, das manifestações. Percebe-se então uma atividade maior em termos de produção de conteúdo e também de uso das possibilidades ofertadas pelo site. O engajamento com os públicos parece motivado pelo posicionamento claramente definido pelo coletivo, fortalecendo a midiatização do ativismo através das estratégias de circulação adotadas.

Após o movimento denominado *Twittaço*, o coletivo fez duas publicações com imagens mostrando os Trending Topics do Twitter, em que a *hashtag* #BrasilContraOGolpe aparece em primeiro lugar. Em uma das publicações, os atores sociais são convocadas a usarem a *hashtag* em todos os sites de redes sociais, evidenciando, assim, a relevância da *hashtag* para o coletivo, como é possível perceber no gráfico 3.



Gráfico 3- Hashtags utilizadas pelo Mídia Ninja no dia 31 Fonte: elaborado pelos autores.



A s hashtags são utilizadas para, ao mesmo tempo em que potencializam o espalhamento dos conteúdos, deixarem claras o posicionamento através das narrativas desenvolvidas pelo Mídia Ninja, como enxergar a Globo como golpista e os protestos a favor de Dilma como uma união contra o golpe, por exemplo.

3.2.2 G1

A fanpage do G1 no Facebook trouxe apenas duas matérias referentes aos protestos do dia 31 de março - por isso não construímos uma tabela como nas análises anteriores. A primeira (Fig. 5) traz dois links: um envia para o sistema desenvolvido pelo portal que permite acompanhar os protestos em tempo real através de atualizações em texto e imagens e o outro fala sobre manifestações específicas. A segunda (Fig. 5) descreve que atos pró-Dilma ocorreram em todos os estados, mas com menos pessoas nas ruas do que as manifestações do dia 18 de março, referentes, também, a um movimento de apoio ao governo de Dilma. Não ocorreu a utilização de nenhuma hashtag pelo G1 em nenhuma das duas publicações. A partir daí, desenvolvemos algumas conclusões em torno das narrativas, técnicas e estratégias utilizadas pelo G1 e pelo Mídia Ninja.

3.3. Discussão

Sobre as narrativas, fica claro que o G1 considerou mais relevante a cobertura e a circulação de conteúdos no dia 13, sobre protestos contra o governo de Dilma Rousseff. A quantidade de matérias, a exploração das imagens, a não utilização de hashtags em um dos dias e os próprios textos de chamadas evidenciando que nos protestos do dia 31 havia menos manifestantes do que no dia 18, data em que também ocorreram protestos a favor de Dilma, (comparativo que não apareceu em relação as manifestações do dia 13 e outras que já haviam ocorrido contra o governo Dilma) evidenciam o posicionamento do veículo, ainda que não ocorra a explicitação desse posicionamento nos conteúdos publicados na fanpage. Diferente do G1, o Mídia Ninja deixa clara a sua posição a favor do governo Dilma, contra um possível, segundo eles, golpe. O próprio uso da palavra golpe já declara essa posição. Na cobertura do dia 13 o coletivo desenvolveu uma performance para deslegitimar os protestos contra o governo, atentando para os discursos de ódio presentes nesses atos e para o fato de que embora os manifestantes colocassem em evidência serem contra a corrupção, a sua indignação era, em grande parte, contra o PT, Lula e Dilma. No dia 31, o Mídia Ninja manifestou apoio aos protestos através de narrativas diversas que colocavam em pauta a legitimidade das reivindicações das pessoas nestes



dias, utilizando em imagens uma multiculturalidade humana (negra, feminista, LGBT, religiosa) que conversava com os textos extensos na *fanpage* no Facebook. Ainda assim, fica claro que a motivação dos protestos influencia na quantidade de conteúdo produzida, tanto pelo G1 quanto pelo Mídia Ninja.

Sob um ponto de vista de usos e apropriações tecnológicas, o G1 demonstra um domínio de formatos desenvolvidos no próprio site, como o mapa das manifestações e a página em tempo real que discursivamente e imageticamente narrou os protestos⁸. O Mídia Ninja explora mais as possibilidades oferecidas pelo Facebook para circular seus conteúdos: a utilização da transmissão em vídeo ao vivo, o uso de imagens e vídeos enviados pelos próprios manifestantes através de capturas feitas com celulares e não tão produzidas e o compartilhamento de conteúdo de outras páginas são algumas das técnicas utilizadas pelo coletivo. Essa exploração tecnológica converge com o posicionamento adotado, visto a quantidade de conteúdo em cada dia de protestos.

Estrategicamente, no que concerne aos métodos adotados para a circulação dos conteúdos publicados na *fanpage*, o G1 foca em circular as matérias do portal, não desenvolvendo materiais específicos para o Facebook, nem utilizando as *hashtags*. O Mídia Ninja desenvolve conteúdos mais suscetíveis ao espalhamento (JENKINS, FORD, GREEN, 2013),

como memes e imagens editadas com mensagens, utilizando as hashtags que outros atores sociais estão circulando. O G1 demonstra um esforco em chamar a atenção para o conteúdo quando explora a multiplicidade de imagens através da possibilidade oferecida pelo Facebook, mas é limitado ao ampliar os usos no site. O Mídia Ninja tenta estimular o uso de outros espaços, como o Twitter, o que colabora para o aumento do alcance de seus conteúdos. Ambos exploram outros formatos fora do Facebook, mas analisando quantitativamente há uma mobilização maior de conteúdos levados de outros espaços para o Facebook no caso do Mídia Ninja, e isso contribui para a circulação das mensagens. O G1 limita-se a divulgar o conteúdo produzido pelo veículo e publicado no portal, sem complexificar os usos da fanpage.

CONSIDERAÇÕES

Os usos que o G1 faz do Facebook tem pouco de apropriação das funcionalidades do site, o que pode inibir o estabelecimento de dinâmicas sociais em torno dos conteúdos que ampliem a visibilidade do que é publicado. É fato que o número de fãs na *fanpage* do G1 é alto, mais de 7 milhões, o que não significa que todas essas pessoas acompanhem o que é publicado na página. O Mídia Ninja possui

 $^{^8\} Fonte: \ http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/13-03-2016/contra/.$



em torno de 900 mil, o que justificaria os esforços em diversificar os usos da fanpage com o objetivo de aumentar a visibilidade das publicações. Ainda assim, é um número representativo para um coletivo que não tem o mesmo tempo de vida que a Rede Globo. Contudo, indo além dos números, percebemos que o G1, apropriando-se pouco do Facebook, mantém a produção de um jornalismo que pouco explora os níveis técnico e estratégico do site de rede social. As formas pelas quais o Mídia Ninja diversifica as publicações e tenta promover a interação dos seguidores com os conteúdos e entre eles através dos debates, poderiam ser absorvidas por veículos jornalísticos tradicionais. A aproximação com os públicos dos conteúdos e o aproveitamento das potencialidades do Facebook fortalecem a circulação e o espalhamento das informações, sinalizando, inclusive, a emergência de um jornalismo que quebra a distopia de uma imparcialidade jornalística.

É importante mencionar que a presença dos filtros (PARISER, 2012) que o Facebook utiliza também interfere na estratégia de circulação. Várias questões podem ser discutidas sobre isso, mas aqui é importante mencionar que a quantidade de seguidores não necessariamente garante o alcance e a visibilidade que se busca. Nesse sentido, a baixa exploração das potencialidades do Facebook pelo G1 limita a ampliação desse alcance. Ao estimular o debate e o espalhamento, o Mídia Ninja aumenta as chances de suas publicações atingirem mais pessoas

no Facebook. Nesse sentido, se o objetivo do G1 é (supomos) usar o Facebook para atrair leitores para os conteúdos no portal, ignorar os usos e não aproveitar as oportunidades de espalhamento que o site oferece é desperdiçar um site de rede social como atrativo para os conteúdos em outros espaços. As limitações que o próprio Facebook impõe aos seus usuários, moldando a visualização dos conteúdos de acordo com mecanismos de filtragem pouco explícitos é muito cara ao jornalismo que diversos atores vêm tentando praticar no Facebook, ainda assim, Jeff Jarvis (2016) faz uma consideração pertinente sobre esse cenário, dizendo que é preciso ficar atento aos sites como Google e Facebook. O argumento de Jarvis chama a atenção para o fato de que por mais que se saiba o quanto o Facebook impede a livre circulação e o acesso aos conteúdos, é lá que as pessoas estão. Ignorar um site de rede social como o Facebook hoje é deixar de lado os públicos, que não são mais apenas leitores ou consumidores de informação; são agentes num processo de apropriação e ressignificação de sentidos. Os memes são um exemplo que representa como o espalhamento dos conteúdos depende não só de estratégias de uso de ferramentas de comunicação como sites de rede social, por exemplo. O jornalismo demanda cada vez mais uma reflexão estratégica que inclua os públicos como atores ativos não só na produção, mas principalmente na circulação dos conteúdos. Quando se trata de um coletivo midiático isso ganha ainda



mais importância, se considerarmos que se tratam de grupos que buscam visibilidade e legitimidade através de um fluxo informacional que se estabelece em paralelo ao que é veiculado pela mídia de massa.

Por fim, essa análise nos mostrou o quanto o posicionamento, declarado ou não nos conteúdos, interfere na quantidade de publicações. O Mídia Ninja publicou mais quando os protestos foram a favor do governo Dilma, inclusive lançando mão de mais possibilidades e formatos comunicacionais dentro e também fora do Facebook nos protestos do dia 31. Nesse mesmo dia, o G1 limitou-se a duas publicações no site de rede social. Quando os protestos foram contra o governo, o G1 explorou o uso de hashtags, de imagens e tentou direcionar o público que tinha no Facebook para a cobertura feita no portal. O Mídia Ninja, no dia 13, produziu bem mais conteúdo que o G1 no dia 31, buscou construir uma narrativa de crítica aos protestos daquele dia, mas empenhou-se mais nas estratégias de circulação no dia 31, quando os protestos estavam a favor do governo de Dilma Rousseff. Nesse sentido, entendemos que ambos deixam de praticar o jornalismo que se propõem quando os acontecimentos destoam de suas correntes políticas. Com isso não queremos defender o argumento de que o jornalismo deve ser imparcial. Entendemos que a transparência de posições agrega valor ao processo informacional se bem construída, de forma que a produção de conteúdo em ambas as datas por ambos os atores seria um ponto positivo no cenário informacional sobre os acontecimentos. Partilhamos da ideia de que quanto mais informações, de ambos os lados de um ambiente polarizado como o que se formou nos últimos anos, forem postas em circulação pelas redes, de mais conteúdo as pessoas poderão dispor para então formar suas opiniões e compreensões a respeito dos fatos.

REFERÊNCIAS

AQUINO BITTENCOURT, M.C. Convergência entre televisão e web: proposta de categorização analítica. Tese (Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: http://goo.gl/bbzhJ6.

AQUINO BITTENCOURT, M.C. **A midiatização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso), v. 11, p. 85-103, 2014a.

AQUINO BITTENCOURT, M.C. **Movimentos sociais e mídia de espalhamento:** práticas colaborativas pela democratização da comunicação em contexto de convergência. Líbero (FACASPER), v. 17, p. 51-60, 2014b.

BELTRÃO, L. **Sociedade de massa:** comunicação e literatura. Editora Vozes: Petrópolis, 1972.

BENNETT, W. L; SEGERBERG, A. **The logic of connective action.** In: Information, Communication & Society. Vol. 15 no. 5, pp. 739–768, 2012.





BRAGA, J. L. **Uma teoria tentativa.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 15, n. 3, set.-dez, 2012. Disponível em: http://goo.gl/dw1QOJ>.

CASTELLS, M. **Networks of Outrage and Hope** – Social Movements in the Internet Age. Cambridge: Polity Press, 2012.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** Belo Horizonte, Itatiaia, 1979.

DIZARD JR. W. **A Nova Mídia**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.

FAUSTO NETO, A. **Fragmentos de uma analítica da midiatização.** Revista Matrizes,n. 2, abril, 2008. Disponível em: http://goo.gl/WnpTzB>.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Editora Sulina: Porto Alegre, 2011.

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

JARVIS, J. Death to the mass. Media must rebuild its business around relevance and value, not volume. 2016. Disponível em: https://medium.com/whither-news/death-to-the-mass-eb33c08dc3b6#.6galmvwsa.

JENKINS, H. **Convergence Culture:** Where Old and New Media Collide. NYU: Press, 2016.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable media:** creating value and meaningin a networked culture. New York University, 2013.

JORDAN, T. **Activism!**. London: Reaktion Books, 2002.

MALINI, F.; ANTOUN, H. @internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Editora Sulina: Porto Alegre, 2013.

PARISER, E. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRADO, M. **Ciberativismo e noticiário:** da mídia torpedista às redes sociais. Alta Books Editora: Rio de Janeiro, 2015.

TORET, J. Una mirada tecnopolítica sobre los primeros dias del #15M. In: Comunicación y Sociedad Civil. 2012. Disponível em: http://civilsc.net/node/14>.







A PARENTALIDADE POR FAMÍLIAS HOMOSSEXUAIS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA NO CAMPO DA PSICANÁLISE E DA CULTURA

THE PARENTING BY GAY FAMILIES: A RESEARCH PROPOSAL IN THE FIELD OF PSYCHOANALYSIS AND CULTURE

Mariana de Almeida Pfitscher¹ Adriana Ferreira Petry Estrella² Cláudia Maria Perrone³

Resumo: Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado, de um programa de pós-graduação em psicologia, que tem como temática a análise do desejo em exercer a parentalidade por famílias homossexuais. Objetiva problematizar implicações normativas na escolha de ter filhos e propõe uma articulação com da leitura psicanalítica, com a cultura e demais áreas de conhecimento. Esta pesquisa esta em andamento, tendo como metodologia, entrevistas não-estruturadas com famílias homossexuais que tenham filhos ou não, na possibilidade de questionar sobre o desejo. Nesta proposta científica,

se apresenta um recorte, na possibilidade de apresentação de leituras para construção desta pesquisa, e possibilita apresentação de possíveis resultados e hipóteses, a serem explorados e refletidos. Para além disto, possibilita o diálogo de uma temática relevante na atualidade, que propõe alcançar resultados nos espaços científicos, e para além disto, nos espaços sociais.

Palavras-chave: Homossexualidade. Psicanálise. Parentalidade.

Abstract: This is a cutout of a Master thesis, a graduate psychology program, whose theme is the analysis of the desire to exercise parenting by gay families. Objective problematize normative implications in choosing to have children and proposes a collaboration with the psychoanalytic reading, with culture and other areas of knowledge. This research is ongoing, with the methodology, unstructured interviews with homosexual families who have children or not, the possibility to question about the desire. This scientific proposal presents a cut, the possibility of presenting readings for construction of this research, and enables presentation of possible results and hypotheses to be explored and reflec-

¹ Psicóloga, licenciada e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria. UFSM.

² Acadêmica do Curso de Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil/Santa Maria. Participante da iniciação científica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFSM.

³ Professora Doutora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFSM.



ted. In addition, it enables the dialogue of a relevant theme today, which proposes achieving results in scientific areas, and in addition, the social spaces. **Keywords:** Homosexuality. Psychoanalysis. Parenthood.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta um recorte da pesquisa que está sendo realizada e tem como temática a análise do desejo em exercer a parentalidade por famílias homossexuais. O referido tema de pesquisa foi tomado tendo em vista o processo histórico dos lugares ocupados pela família na sociedade, os quais foram marcados por desafios e novas perspectivas, entre elas os direitos vigorados e reconhecidos para o exercício das diversas formas de parentalidade.

Elizabeth Roudinesco (2003) em A Família em Desordem lança uma questão que faz luz a temática, "O que esta demanda representa?", eis a possibilidade aqui, quando se pretende estudar a homoparentalidade, de uma demanda que reconstrua ou desconstrua os ideais de família e seus respectivos espaços, permitindo assim, caminhos a serem trilhados por meio desta pesquisa que se fundamenta em importantes lugares e marcos históricos da sociedade.

Assim, este estudo objetiva problematizar a implicação de normativas sociais na escolha de ter filhos e toma um percurso psicanalítico junto a de-

mais áreas do conhecimento na possibilidade de um diálogo. Ainda, tem por intenção, analisar sob que modo às reordenações familiares tem se configurado e identificar possíveis implicações normativas e reflexos no exercício da homoparentalidade.

Destaca-se ainda, que este estudo decorre de uma pesquisa realizada durante a graduação em psicologia, no ano de 2013 na região central do Rio Grande do Sul, a qual buscou estudar a compreensão de psicólogos clínicos sobre a homoparentalidade. Estes participantes se reconheciam como atuantes a partir da teoria psicanalítica. A pesquisa se configurou como um estudo de campo, a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas. Assim, o estudo realizado, proporcionou um diálogo próximo com a psicanálise e com a cultura, enquanto vicissitudes da teoria e prática clínica. No entanto, muitos dos resultados causaram apreensão frente ao que hoje está posto sobre os reordenamentos familiares. Isto ficou evidenciado em discursos que atrelavam o exercício da homoparentalidade a modelos heterossexuais, levantando a necessidade de figuras do sexo masculino e feminino, para o desenvolvimento saudável de uma criança (PFITSCHER, et.al, 2015).

Justifica-se ainda esta temática, frente a movimentos históricos dos espaços ocupados pelo feminino e masculino na sociedade, que ao longo dos anos foram reordenando-se e tornando-se mais maleáveis, bem como, pelas condições da atualidade, movimentos opressores e violentos marcados por



discursos de poder. Nos dias atuais, a parentalidade ainda tem sido determinada pela via estruturalista, convoca-se com a esta pesquisa a possibilidade de uma desconstrução de ideais, lógicas binárias e associações ao biológico, como determinantes para uma condição "saudável" de desenvolvimento.

Para tanto, este recorte se constitui a partir de um levantamento bibliográfico na pretensão de dialogar sobre os avanços da pesquisa que resultará em uma dissertação. A pesquisa realizada tem como metodologia o cunho qualitativo e se embasa nos princípios éticos e legais, com famílias/sujeitos homossexuais que passaram pelo processo de parentalidade ou desejam este. Propõe-se neste espaço, uma articulação teórica que circula pelas reconfigurações familiares e os efeitos discursivos da cultura.

PSICANÁLISE, NORMATIVAS SOCIAIS E HOMOPARENTALIDADE

Na década de 30, Lacan (1938/2003) havia afirmado que a família não se limita ao biológico, propondo a compreensão de que um grupo natural de indivíduos se constitui na sua relação com o ambiente, na qual as funções asseguradas estão nos adultos e nos laços que estes irão estabelecer. Anteriormente a Lacan, Freud (1932-1933/1996) faz questionamentos sobre as distinções anatômicas e seus destinos, fala que ordenamentos biológicos, são insuficientes para definições do que é mascu-

lino ou feminino, estes lugares estão intimamente atrelados a lógica social, cultural e suas respectivas funções. Para tanto, a necessidade de se promover discussões, pesquisa e diálogo, onde seja possível reconhecer a singularidades, considerando que as mudanças sociais devem ser acompanhadas e não determinadas em um único modelo (ARÁN, 2011). Logo, para a psicanálise, toda relação de sujeito passa pela via do sexual, contudo, não restrito ao sexo/ biológico, pois não é este que determina as relações com o mundo e a cultura (BELO, 2011).

Assim, Pereira (2009), propõe pensar que a psicanálise junto a outras áreas do conhecimento, tem fortalecido que a constituição de um sujeito, está associada ao simbólico, as funções e seus laços com a cultura. Estes produzem e oferecem lugares identificatórios, para além de determinações naturalistas, biológicas, que fixam o masculino e feminio, ao campo do homem e mulher. Ávila (2014) instiga uma leitura sobre a experiência e as construções discursivas dos lugares marcados pelo masculino e feminino na sociedade. Afirma que os sujeitos são produzidos discursivamente e que a experiência não está em uma ordem pré-estabelecida, então, fixa. Destaca que não existe uma universalidade do masculino ou feminino, a autora produz assim, uma leitura de que o discurso se traduz em uma via de base ideológica, enlaçada as normativas sociais de uma respectiva cultura.



Nesta perspectiva Santos e Zinani (2010) atribuem a palavra uma marca discursiva, de ordenação e submissão, quando colocada como detentora de interditos. Quando se trata de questões de gênero, esta via discursiva pode contribuir ideologicamente, nas produções da cultura e das relações de poder, que acabam por bordear os sujeitos, os colocando em posições fixas. As autoras, retomam ideiologias como as do século XIX que direcionava a mulher aos espaços privados, do lar e da família. Estas marcas discursivas, que ainda deixam resquícios, permanecem como um desafio de descontrução na atualidade, de tais modelos. Assim, pode-se pensar a homossexualidade na mesma via, que encontra-se na luta e busca pelos seus direitos de experenciar outros modos de ser e de subjetivar.

As representações sobre a família e suas mudanças ainda repousam sobre construções que marcam certos posicionamentos ideológicos. De um lado, invoca-se a ideia de "família tradicional", centrada na figura do homem. (GAVAINI, 2008). Relembra-se, que o homem dominava o espaço público, sendo associado a uma representação de inteligência, poder e prestígio. Por sua vez, à mulher destinava-se o espaço privado, doméstico, estando seu poder vinculado à sedução e às falácias do corpo (KEHL, 2004). Estas passaram a reclamar um lugar de reconhecimento junto ao social que não fosse reduzido ou necessariamente atrelado à experiência de maternidade. Com o aumento da escolarização

e profissionalização das mulheres, bem como a discussão e evolução de pautas feministas, operou-se um deslocamento na posição do feminino, assim como importantes mudanças nas esferas públicas e privadas (ARÁN, 2011).

Nesta via, os reordenamentos simbólicos do feminino apontaram para uma modificação no lugar ocupado pela figura paterna autoritária, base da família tradicional. Soma-se a isso, na década de oitenta, o movimento de homossexuais, que inaugurou a problematização da normatividade do matrimônio, da parentalidade e da filiação (ARÁN, 2011), levando ao questionamento da anatomia enquanto destino.

Costa *et al.* (2013) afirma que tais acontecimentos indicaram a possibilidade da família estar em outros espaços, na possibilidade de relacionar-se, a partir de um desejo singular. A família passou a ocupar um novo espaço, no qual, a família homoparental, caracterizada por casais homossexuais pais ou mães, de pelo menos uma criança, apresenta-se como uma questão de cunho social.

A homoparentalidade foi um neologismo criado em 1997 pela associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), na França, com o intuito de se nomear uma situação em que pelo menos um adulto se designa homossexual, pai ou mãe de no mínimo uma criança (ZAMBRANO, 2006). Os direitos de gênero, homossexualidade e relações parentais tem se estendido nas mais diversas áreas de estudo, como



nas ciências sociais, onde a temática é discutida por Judith Butler em Problemas de Gênero; Kath Weston, em Famílias que escolhemos, onde faz uma análise a partir de um estudo etnográfico com Gays e Lésbicas da década de 80 na Califórnia. A família, por sua vez, é reconhecida como objeto de estudo da sociologia, antropologia, e está cada vez mais próxima do campo jurídico, visto que tem demandado processos de regulamentação, frente as diversas composições que se apresentam (TEPERMAN, 2014).

A homossexualidade passou por um processo de reconhecimento e mudanças que percorreu por décadas. Pois enfrentou desafios, tais como, em 1968, a homossexualidade constava em um manual diagnóstico como "desvio sexual", a exclusão deste critério deu-se em 1973, a partir de uma luta política do movimento gay. Contudo, embora não considerada uma doença mental, a homossexualidade seguiu na repressão de formas moralizantes de controle. Embora despatologizada, na década de 1980 foi reconhecida como uma ameaça em um imaginário biopolítico da coletividade sob ameaça, onde a norma heterossexual, seguiu sendo reforçada (ÁVILA, 2014).

Legalmente, o casamento homossexual foi reconhecido no Brasil, a partir de uma resolução⁴ aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça, em 2013, que dispõe sobre a proibição de recusa a casamentos civis entre pessoas do mesmo sexo (BRASIL, 2013). Já mundialmente, o casamento homossexual e a adoção homoparental, percorre por tramitações, entre projetos de leis, definições políticas, aprovações junto a argumentos conservadores e posições contrárias.

Com o tempo, as famílias homoparentais passaram a ser reconhecidas e então, a demanda de parentalidade ganhou espaço no cenário social. Em uma pesquisa realizada em Portugal, evidencia-se significativa preocupação frente a posições do país, no que se refere a aceitação e reconhecimento da homoparentalidade. Este indicio foi considerado preocupante, diante de conclusões em pesquisas, as quais apontaram que os portugueses se sentem menos à vontade com a ideia de ter vizinhos homossexuais e famílias homoparentais (GATO e FONTAINE, 2010).

Entre os dados apontados por pesquisas realizadas na Europa, Gato e Fontaine (2010) destacam entre o público pesquisado, a presença de profissionais da área de saúde mental, os quais, em seus

⁴ Na página *onlin*e do Supremo Tribunal Federal, estão algumas considerações quanto a aprovação: "A Resolução veio em uma hora importante. Não havia ainda no âmbito das corregedorias dos tribunais de Justiça uniformidade de interpretação e de entendimento sobre a possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da conversão da união estável entre casais homoafetivos em casamento", disse o conselheiro Guilherme Calmon. "Alguns estados reconheciam, outros não. Como explicar essa disparidade de tratamento? A Resolução consolida e unifica essa interpretação de forma nacional e sem possibilidade de recursos" (STF, 2013). Disponível em: .



discursos atribuíam mais valor ao modelo heterossexual do que homossexual. Este tipo de discurso, também pode ser observado em uma pesquisa realizada, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que contemplou a percepção de psicólogos clínicos sobre a homoparentalidade. Entre os resultados destacaram-se na maioria dos discursos, que a constituição psíquica de uma criança inserida no contexto homoparental, necessitaria de referências do modelo heterossexual, para um desenvolvimento "saudável" (PFITSCHER, *et al.* 2015). Com isso observa-se, que o exercício da homoparentalidade ainda está muito vinculado aos modelos heterossexuais, que determinam padrões e modelos de funcionamento frente as famílias que se reconstituem.

Já em uma pesquisa realizada com estudantes de psicologia do Canadá, sobre a homoparentalidade, observou-se que participantes do sexo masculino concordavam menos com a adoção homoparental do que as participantes do sexo oposto. Nesta perspectiva, a partir do levantamento realizado pelos autores, de pesquisas realizadas mundialmente sobre a parentalidade homossexual, foram identificadas na sua maioria uma perspectiva heterossexista da parentalidade, a qual, tende o favorecimento do modelo heterossexual (GATO e FONTAINE, 2010). Os autores destacam, a partir do levantamento realizado, a necessidade de espaços reflexivos, que favoreçam a formação nos cursos que preparam pessoas que estão inseridas no contexto psicossocial. Para além disto, demanda-se um espaço reflexivo de cunho social, na possibilidade de promover questionamentos sobre determinados padrões e posicionamentos normativos.

Assim, analisam-se estes dados que contemplam profissionais e estudantes da área da psicologia para pensar a lógica normativa, visto que estes, é quem diretamente estão escutando sujeitos. Considerando os resultados analisados por Gato e Fontaine (2010), nos quais evidencia-se que muitos não são receptivos a homoparentalidade, questiona-se: Como isto então, aparece no contexto social? Seria um reflexo normativo nestes discursos? O desejo do outro pode ser/é escutado? É analisável que o desejo, que se discorre aqui, por vezes necessita ser ordenado, normatizado, concreto. Portanto, eis um ponto chave deste estudo, o quão padrões, determinações, estão implicadas no desejo dos pais que exercem esta parentalidade? Se problematiza isto, a partir de dados, questões políticas e direitos, e o quanto uma lógica moral está implicada com este lugar da homoparentalidade.

Fonseca (2008) propõe pensar na recriação de ideologias de parentesco, articulando um diálogo com os direitos e instâncias políticas. Para isto, destaca que primordialmente a homoparentalidade não consiste em uma organização diferente de outras configurações familiares. Porém, como é reconhecida a partir de novas ou reconfigurações, promove uma desestabilização nas bases e crenças do que a sociedade dita como "natural".



De acordo com a autora, a década de 80 foi marcada por jovens reconhecendo e anunciando sua orientação sexual, no caso a homossexualidade. A partir disto, houveram muitas rupturas nos núcleos familiares, marcando o repúdio de pais e familiares a perspectiva homossexual. Destaca que em significativa parte dos Estados Unidos a união homossexual é aceita, contudo, a Flórida mantinha uma proibição explicita quanto aos casos envolvendo homossexuais.

Sobre as relações homossexuais, Fonseca (2008) sustenta que argumentos contrários afirmam haver muitos conflitos entre pares homossexuais, porém, defende que o conflito é pertencente a qualquer relação. Aquilo que anteriormente, era defendido como um amor duradouro e eterno nas relações heterossexuais foram crenças desconstruídas, por novos parâmetros e perspectivas sociais. A ampliação das escolhas, determinações, possibilidades, e novas perspectivas nos terrenos das leis, desloca um ideal fixado. No entanto, isso ainda não está evidente nos discursos e posicionamentos, pois a homoparentalidade, ainda possui limitações de ordem mundial (FONSECA, 2008).

Muitos países europeus como a Dinamarca, Holanda e Espanha, reconhecem os direitos a adoção homoparental. Na França, desde 2000 há uma jurisprudência que proibi a discriminação em função da orientação sexual contra candidatos a adoção (FON-

SECA, 2008), a visibilidade de famílias compostas por homossexuais na França, esteve diretamente relacionada a importância política e social adquirida pela APGL, onde era composta inicialmente por homens e mulheres divorciados que passaram assumir a homossexualidade (TARNAVOSKI, 2013). No ano de 2013, o país passou por um movimento de conservadores, vinculados a questões religiosas, contra aprovação e reconhecimento da adoção homoparental. Os movimentos ganharam repercussões mundiais, contudo, foi aprovado a adoção por homossexuais no país.

Nos Estados Unidos, 21 estados emitiram regulações garantindo o direito de homossexuais adotarem. A ampliação e reconhecimento dos direitos a parentalidade, fez com que muitos casais homossexuais recorressem as mais diversas possibilidades para exercer suas funções parentais, entre elas o processo de inseminação artificial e a adoção. Com as mudanças legislativas e apoios governamentais, bem como, de movimentos sociais, a homoparentalidade passou a ganhar espaço e reconhecimento. A partir disto, se lançaram novas questões frente ao exercício da homoparentalidade: Se trata de um reconhecimento da lei ou do desejo? Promovendo indagações, sobre até que ponto a lei⁵ que é determinante nas relações, e qual é o seu espaço no cotidiano urbano. O certo e o errado, se determina em extremos, e a homoparentalidade é reconhecida de que forma?

⁵ Se discorre não sobre uma lei jurídica, legislativa, e sim de uma lei, simbólica, moral (FONSECA, 2008).



De acordo com Tarnavoski (2013) os lugares na atualidade ainda estão significativamente demarcados pelo bom e o ruim, o bom pai e a boa mãe, atribuindo seus respectivos papéis. Trata-se, portanto, de reatualizar paradigmas de parentalidade enquanto reconhecimento social. Os lugares, não são fixados, e sim aqueles contruídos, investidos.

Nesta continuidade, Fonseca (2008) propõe pensar até que ponto as relações familiares são subsidiadas e sustentadas por uma lógica contratual. O que se reconhece legalmente, poderia manter uma família, um laço? Onde há o desejo para além da norma? O que é aceito coloca a lógica de durabilidade? As indagações se multiplicam frente a episódios destacados pela autora, como, famílias homoparentais, que buscam por meio de recursos tecnológicos, como inseminação artificial, fecundação in vitro, embriões que possuam vínculos consanguíneos, com características e aspectos biológicos que aproxime a criança da semelhança aos pais. O vínculo parece sustentar por laços biogenéticos, a relação precisa entrar em uma lógica de naturalização, por características que sustentem. (FONSECA, 2008) Características ou desejo? O que prevalece?

Eis um reflexo das normas hegemônicas, nas quais, não somente a sociedade, mas os casais acabam seguindo práticas de acordo com modelos heterossexuais. Não há uma lógica de culpabilidade, e

sim, práticas que parecem consequências de lógicas institucionais, tomadas por uma reprodução específica, de um ideal de desenvolvimento infantil, um ideal de família. (FONSECA, 2008).

Nesse sentido, a fluidez das relações afetivas na contemporaneidade colide com a rigidez do modelo socialmente aceito, onde o ideal de família ainda é marcado pela heteronormatividade⁶ das relações de parentesco (FONSECA, 2008). Porém, Zambrano (2006a), aponta que a multiplicidade, pluralidade e demanda de práticas igualitárias tem se encontrado em discussão, visto que, essas famílias tem ocupado lugar de reconhecimento e legitimidade de suas relações.

Entre os autores que tem produzido questionamentos, destaca-se Judith Butler, que, também enfatizando a necessidade de diálogo e integração das áreas do conhecimento, propondo conceitos que se opõem à noção de identidade fixa, definindo que qualquer pessoa pode se engajar em ativismos, entre eles o ativismo anti-homofóbico e dos direitos sexuais. Defende que a tarefa está em lutar contra aquilo que impede condições de vida, logo, lutar contra determinadas posições repressoras e estruturalistas (PORCHAT, 2011). Sustenta que, o poder é o que opera na produção de uma estrutura binária, e a linguagem é o que produz construção fictícia de sexo que sustenta os regimes atuais. E o corpo que é pauta de significativas discussões, é um meio passi-

⁶ A heteronormatividade pode ser compreendida como aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes. (PETRY e MEYER, 2011)



vo, sobre o qual se inscrevem significados culturais (BUTLER, 2015).

É pela cultura que a psicanálise se atravessa ao compreender sujeitos, contextos, mudanças, e partir disto, possui importante função social, pois tem condições de promover forte crítica à normalização e às regulações sociais (PORCHAT, 2011). Propõese um trabalho, nesse sentido, para que a psicanálise possa servir de sustentação a uma escuta que se permita íntegro, ético e articulado à historicidade das relações e do social.

CONCLUSÃO

Este estudo propôs um recorte da pesquisa que está sendo realizada, e com isso apresenta resultados dos avanços neste percurso científico, cultural, social e psicanalítico. Trata-se de uma possibilidade de escrita e escuta, de rever padrões, normativas, produções discursivas que apontam para lugares fixos, os quais há uma necessidade de reconstrução ou descontrução. Aquilo que se refere à cultura, está estreitamente relacionado à condição e constituição do social, das marcas da historicidade, no entanto, evidencia-se a necessidade de acompanhar os processos, as mudanças e as singularidades de ser sujeitos, nos espaços que estes optarem por ocupar.

O discurso carregado de preconceito torna-se cada vez mais evidente por padrões e normativas carregados, instituídos, refletindo em produções muitas vezes vinculadas a violência. Ao propor tais reflexões, abre-se espaço e campo para problematizar a necessidade de desconstrução destes ideais. Nesta perspectiva, acredita-se que neste estudo, apresenta passos já percorridos dos resultados esperados desta pesquisa, que consiste em abrir espaços para problematização, diálogo e construção do conhecimento, e que se produzam assim, os efeitos na cultura.

REFERÊNCIAS

ARÁN, M. **Políticas do desejo na atualidade:** psicanálise e a homoparentalidade. Rev. psicol. Polít., 11. 2011

ÁVILA, S. **Transmasculinidades:** A emergência de novas identidades políticas e sociais. Ed. Multifoco. 2014.

BELO, F. Música e Psicanalise. Afreudite. Ano VIII. 2011.

BRASIL. Resolução nº175 de 14 de Maio de 2013. Dispõe sobre sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. **Conselho Nacional de Justiça** Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%-C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015. FREUD, S. (1932-1933) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** v.XXII. RJ: Imago. 1996

FONSECA, C. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Estudos Feministas 16 (3).** Florianópolis. 2008.



GAITO, J., FONTAINE, A. M. Desconstruindo preconceitos sobre a homoparentalidade. **LES Online**, vol.2. 2010.

GAVARINI, L. Novas normas e formas de laço social: a sexualidade na sombra. **Estilos da Clínica**, 13(25), p.54-59. 2008.

LACAN, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

PFITSCHER, M.A. MORAES,N.A., PERRONE,C.M., SCHREI-NER,A.P. **Um olhar sobre a homoparentalidade:** estudo com psicólogos clínicos. Trabalho de Conclusão para Graduação em Psicologia. Universidade Luterana do Brasil/Santa Maria

PEREIRA, I.M. **Brincar e Narrar**: Fios que tecem a trama da subjetividade. Correio da APPOA. Porto Alegre. 2009.

PORCHAT, P. A noção de gênero como operadora conceitual na clínica psicológica In: **Psicologia e diversidade sexual:** desafios para uma sociedade de direitos / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP. 2011.

PETRY, A.R., MEYER, D.E.E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para pesquisa. **Textos e contextos.** Porto Alegre. 2011.

SANTOS, R.H.S. ZINANI, C.J.A. Pele nua do espelho: a procura inquietante por uma identidade In: SANTOS, R.H.S. ZINANI, C.J.A. **Mulher e Literatura**: História, gênero e sexualidade. EDUCS. 2010.

TARNOVISK, F.L.Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas. **Cadernos Pagu** (40). 2013.

TEPERMAN, D. W. **Família, parentalidade e época.** Um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta. 2014.



A PERIFERIA COMO CENÁRIO, A VIOLÊNCIA COMO ROTEIRO: EDUCADORES SOCIAIS E JOVENS QUE ACESSAM OS SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COMO PROTAGONISTAS: UMA TRAMA, TRAÇANDO DIFERENTES FINAIS

THE AS PERIPHERY SCENARIO, THE VIOLENCE, AS SCRIPT: EDUCATORS SOCIAL AND YOUNG ACESSING THE SERVICE COEXISTENCE AS ACTORS AND BONDS OF STRENGTHENING: A PLOT, PLOTTING DIFFERENT FINAL

Marlise Silva Lemos (PUC/RS)¹

Resumo: Este resumo visa colaborar teoricamente com as discussões que envolvem a temática da juventude e os atravessamentos da violência na constituição e estruturação dos jovens na teia social. Bem como a atuação dos Educadores Sociais como mediadores de aprendizagem no processo de acolhimento destes jovens nos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). É necessário revisitar o conceito de ONG, como espaços de construção de uma educação não formal, de promoção

de espaços de aprendizagem, protagonismo juvenil, cidadania e participação social, protagonizados por educadores sociais e jovens em situação de risco e vulnerabilidade social. Nestes termos reiteramos a intencionalidade de voltar ao olhar ao jovem advindo de regiões periféricas, que em si carregam as demandas objetivas e simbólicas deste contexto mediatizados pelas expressões opressoras da vulnerabilidade social. Os SCFV são programas vinculados à área da Assistência Social, desenvolvidos em instituições do terceiro setor, no turno inverso ao escolar, destinado ao público compreendido numa instância em que ocorre violação de direitos, sujeitos considerados vulneráveis. Inúmeros fatores refletem a relevância de tratarmos da temática relacionada à violência, visando compor caminhos teóricos que apontem alternativas de inclusão social aos jovens "invisibilizados" pela sociedade.

Palavras-chave: Violência. Educadores Sociais. Jovens. Aprendizagem

Abstract: his summary aims to theoretically collaborate with discussions involving the theme of youth and the crossings of violence in the constitution and structure of young people in the social web. As well as the activities of Social Educators as learning facilitators in the host process of young people in Living Services and Strengthening Linka-

¹ Bacharel em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Mestranda Em Educação na PUCRS. E-mail: marlise.psicoped@yahoo.com.br.



ges (SCFV). It is necessary to revisit the concept of NGOs, such as building spaces of a non-formal education, to promote youth leadership, citizenship and social participation, favored by social educators and young people in a situation of risk and social vulnerability. Accordingly we reiterate the intention of returning to look at the young arising from peripheral regions, which in itself carries the objective and symbolic demands of this context mediated by oppressive expressions of social vulnerability. SCFV are programs related to the area of Social Assistance, developed in institutions of the third sector, the opposite shift to the school, for the public understood in an instance in which there is violation of rights, subjects considered vulnerable. Numerous factors reflect the importance of treating the issue related to violence aiming at building theoretical paths that point alternatives for social inclusion to Young people "invisble" by Society.

Keyword: Violence. Social Educators. Young. Learning

INTRODUÇÃO

Este ensaio busca compor uma reflexão teórica quanto ao Educador Social que desenvolve atividades pedagógicas junto a jovens que acessam os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) Projetos destinados à população com parcos recursos financeiros, tendo como cenário os

Organizações Não Governamentais em contextos periféricos da cidade. Considerando o contexto favorável à reflexão sobre as demandas relacionadas às desigualdades sociais, este texto se propõe a trazer à tona os impactos das manifestações de violência, na constituição das relações que envolvem as trajetórias de aprendizagem constituídas nestes espaços. Sendo que as atividades pedagógicas, desenvolvidas nestes espaços são compreendidos como importantes ferramentas que potencializam novos saberes.

Busca-se traçar linhas teóricas que envolvam a atividade pedagógica desenvolvida pelos educadores sociais junto a jovens que acessam os serviços de convivência, considerando o contexto de vulnerabilidade social, no qual se desenvolvem está modalidade de ação interventiva. Estes serviços, estão vinculadas à área da Assistência Social, por meio da proteção social básica. Neste ínterim trataremos destas linhas teóricas, aliadas à perspectiva que sinaliza a violência como uma resultante negativa das engrenagens das desigualdades às quais estão submetidos os jovens oriundos de comunidades vulneráveis.

A partir apresentação das temáticas abordadas, é possível inferir que este texto tem como premissa basilar, colaborar teoricamente com as discussões que envolvem a temática da juventude e os atravessamentos da violência na constituição e estruturação dos jovens na teia social. Bem como a atuação dos Educadores Sociais como mediadores de aprendizagem no processo de acolhimento destes jovens nos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).



O RECONHECIMENTO DO CENÁRIO: O TERCEIRO SETOR, DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E OS SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

No que se refere ao contexto no qual estas atividades se desenvolvem é necessário revisitar o conceito de ONG. Compreendido, como espaços de construção de uma educação não formal, de promoção do protagonismo juvenil, cidadania e participação social, protagonizados por educadores sociais e jovens em situação de risco e vulnerabilidade social.

Cabral (2007) destaca que as ONGs são consideradas atores sociais recentes no cenário histórico do país, tendo surgido como uma tendência contrária às estruturas tradicionais de Estado, num período de pós ditadura na América Latina. Quanto à sua constituição, estão vinculadas às lutas dos movimentos sociais, pela garantia de direitos. Entretanto, segundo o autor, no cenário atual as ONGs têm uma configuração atrelada às deliberações estatais atuantes no terceiro setor, concentrando suas ações (distantes do ideário e potencial almejado) em medidas de cunho paliativo.

Iamamoto (2001) destaca

[...] o projeto vinculado ao "terceiro setor", um desdobramento da proposta neoliberal, que expressa uma dupla via: transferência de responsabilidade governamental para ONGs e mercan-

tilização do atendimento às necessidades sociais, evidente no campo da saúde, da educação, entre muitos outros.

Situando o leitor quanto ao terceiro setor, é possível destacar, que suas ações estão direcionadas a parcela da população, compreendida como vulnerável, junto à qual promove intervenções no que concerne aos seguintes aspectos: responsabilidade social, compromisso social, desenvolvimento sustentável, empoderamento, protagonismo social, economia social e capital social entre outros.

Paes define as atividades do terceiro setor como:

[...] o conjunto de organismos, organizações ou instituições sem fins lucrativos dotados de autonomia e administração própria que apresentam como função e objetivo principal atuar voluntariamente junto à sociedade civil, visando ao seu aperfeiçoamento. (PAES, 2003. p. 88)

Os SCFV são programas vinculados à área da Assistência Social, desenvolvidos em instituições do terceiro setor, no turno inverso ao escolar, destinado ao público compreendido numa instância em que ocorre violação de direitos, sujeitos considerados vulneráveis, em localidades da cidade em que são identificáveis significativos índices de pobreza e violência. Inúmeros fatores refletem a relevância de tratarmos da temática relacionada à violência que por vezes denota os recrutamentos do tráfico de drogas, que tem sido gerador de verdadeiros cenários de guerra pelas diferentes localidades.



Os atendimentos se dão nesses espaços de promoção e fortalecimentos de vínculos familiares e comunitários, articulação de direitos, e neste contexto o Educador Social constrói sua prática visando construir junto aos jovens espaços profícuos de aprendizagem, resgate de potencialidades e de criação de novos apontamentos sobre o futuro e de projetos de vida. Gohn (2010) destaca que o Educador Social pode ser considerado um dos protagonistas na construção de ações interventivas que promovam espaços de aprendizagem e empoderamento juvenil, pois possibilita a interlocução, o diálogo, com camada econômica, educacional e socialmente vulnerável e, por vezes, invisibilizadas. Inerente aos conceitos abordados, neste ponto propositalmente, traremos o conceito que se refere à compreensão do protagonismo juvenil, que se refere a um posicionamento ao envolvimento e, "a participação de jovens como protagonistas no seu processo de desenvolvimento vem demonstrando ser alternativas eficientes para superar a vulnerabilidade desses autores, tirando-os do ambiente de incerteza e insegurança". (CASTRO apud ABROMOVAY, 2002, pg. 14)

UM OLHARPARA AS JUVENTUDES(S): SOB A PERSPECTIVA DAS APRENDIZAGENS TRANSVERSALIZADAS PELA VULNERABILIDADE SOCIAL E PELAS MANIFESTAÇÕES VIOLÊNCIA

Em diferentes cenários as juventude(s) carregam estigmas históricos, fases de grandes descobertas, por vezes, os jovens são considerados desbravadores, inconformados e destemidos. Fase permeada de estereótipos! Neste ponto trataremos de um recorte destas juventudes, considerando um percentual de jovens que acessam os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Nestas linhas trataremos das juventudes, considerando as especificidades da fase, neste contexto, destacando suas vicissitudes. Sendo assim,

Janice Sousa (2006), corrobora:

"o jovem se dimensiona individualmente e sob a influência de aspectos psicossociais, num percurso de (in)definições: busca identitária, tendência de estar em grupo, deslocamento constante de situações e vínculos, atitude de contestação e insatisfações sociais, intelectualização dos fatos, mudanças de humor, separação do universo familiar, questionamento dos valores sociais, fatores que se desenvolvem em pleno vigor na adolescência."



No que tange às juventudes, é possível inferir que a partir de um construto social, são compreendidas como uma fase de experiências diversificadas, inéditas e audaciosas, compondo desta forma distintas culturas juvenis. Na contemporaneidade situar nas discussões teóricas os jovens, torna-se de extrema relevância, pois este fator corrobora para que num futuro, diante do debate teórico e composição de estratégias seja possível alcançar um patamar em que se alcance maior igualdade de oportunidades, o que resultaria na possibilidade de vislumbrar-se a minimização dos impactos das desigualdades sociais, dos impactantes da violência, rechaço do jovem, que advém da periferia. Faz-se necessário rever teoricamente os mecanismos que tornam este jovem "invisível" diante das possibilidades de acesso à educação, bens culturais, saúde, lazer e liberdade.

Considerando os reflexos da realidade social, é notadamente imprescindível que, não estamos tratando de um formato de juventude, mas sim, de diferentes formas, cenários e atores que compõem dessemelhantes estruturas juvenis, que se estruturam de maneira diversificada de acordo com o nível e qualidade de acesso (educação, moradia, saúde, alimentação, bens culturais) aos quais estes jovens estão expostos. Ainda, quanto às juventudes, sinalizam-se os impactos da severa segregação social e racial que envolve a desigualdade de oportunidade, classe, gênero e etnia.

Aqui, cabe ressaltar as esferas às quais nos debruçaremos para formar esta compreensão, onde destacam-se condições socioeconômicas, classe social, tramas de poder, acesso aos bens sociais e culturais, ao mercado formal de trabalho e às instâncias educacionais. Nestes termos reiteramos a intencionalidade de voltar o olhar ao jovem advindo de regiões periféricas, que em si carregam as demandas objetivas e simbólicas deste contexto mediatizados pelas expressões opressoras da vulnerabilidade social.

Estes jovens podem apresentar caracteristicas inerentes a esta fase do desenvolvimento, comuns, entretanto se deparam, literalmente com fogo cruzado no quintal de casa. Jovens de uma periferia não muito distante, veementemente veiculadas nos noticiários. Jovens que tem o mundo do trafico, acessível!

Torna-se notável a compreensão de vulnerabilidade social como um resultante demérito da engrenagem que envolve a dimensão dos recursos materiais ou simbólicos dos indivíduos. Contemplando a escassez de acesso à mobilidade social e participação em diferentes esferas, seja no que se refere a aspectos e oportunidades, sociais, econômicas, estudantis que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. (Vignoli, 2001; Filgueira, 2001).

> "A situação de vulnerabilidade aliada às turbulentas condições socioeconômicas de muitos países latino-americanos ocasiona uma grande tensão entre os jovens que agrava diretamente os processos de integração social e, em algumas situações, fomenta o aumento da violência e da criminalidade" (UNESCO, 2001, pg. 14)



Busca-se compor brevemente um perfil desse jovem que se encontra vinculado aos Serviços de Atendimento e Fortalecimento de Vínculos, nessa relação de aprendizagem junto ao Educador Social. Numa perspectiva que considera a dimensão psíquica dos sujeitos, essa fase do desenvolvimento demanda dos jovens uma busca incessante por possibilidades de pertencimento, independentemente da situação socioeconômica na qual se encontre. Entretanto, essa busca por estratégias de pertencimento pode se encontrar transversalizada pelas condições do contexto socioeconômico e por este motivo apresentar diferentes configurações. Torna-se possível identificar que esse jovem, por vezes, sofre os impactos da precariedade de acesso a bens sociais e culturais, das diferentes manifestações de violência, do acesso à educação que perpassa sua trajetória de constituição enquanto sujeito de direitos.

A ausência de um lugar de pertença junto à família e aos amigos, vinculada à busca pela aceitação, são fatores geradores desse sentimento de inadequação e "invisibilidade". E nessa lacuna, onde as figuras identitárias, os pares e os sujeitos ensinantes construíram incipientes ou nenhuma vinculação positiva, instaura-se a falta e surge a possibilidade da utilização de recursos "compensatórios" como o uso das substâncias psicoativas, o envolvimento com o tráfico e o conflito com a lei. Essas ferramentas podem ser utilizadas com mecanismos de afirmação e de pertencimento a determinados grupos,

buscando amenizar os impactos da exclusão. Complementarmente a esta análise, é possível destacar:

É preciso garantir a universalização de acessos e lidar com a diversidade sem cair na fragmentação. O primeiro passo será lembrar sempre que pobreza e desigualdades sociais se retroalimentam, mas são resultados de dinâmicas sociais específicas. O desenho de políticas pública dirigidas para a multifacetada juventude brasileira deve ser feito de maneira a universalizar direitos e acessos sem reproduzir desigualdades. (NOVA-ES, 2003, p. 141)

Esse jovem, morador da periferia, que vislumbra a aceitação e a aprovação de sua personalidade, de suas escolhas, de suas roupas e acessórios nas redes sociais, por exemplo, recurso este imediatista e de supervalorização da imagem, está na direção de sua autoafirmação, de posicionamento junto aos seus pares. Nessas análises, essas experiências de juventude estão distantes dos jovens de classes econômicas mais favorecidas somente no que se refere ao preconceito visceral que acompanha os mais pobres simplesmente por suas origens.

O jovem oriundo desse contexto está inserido um campo "minado", pois ser jovem oriundo de classes populares corrobora para o aumento do percentual estatístico nos noticiários de dados que sinalizam os efeitos trágicos da combinação de juventude, racismo, periferia e pobreza, que resultam em falta de acesso a educação, bens culturais, lazer, em discriminação e violência.



Nesse contexto, é possível ressaltar a representatividade do jovem negro como uma de suas características relevantes, pois este jovem, oriundo de uma família com baixa renda *per capita*, que reconhece a violência desde sua tenra idade, indica a ausência do Estado no atendimento de suas principais demandas, o rebaixamento de potencialidades e o descrédito de sucesso. Nessa perspectiva, Sousa (2005) reitera a análise, sinalizando o aumento do número de assassinatos de jovens no Brasil. Entre 1991 e 2000 a elevação nos índices dessas mortes chegou a 76%, aspecto agravado quando se trata de jovens negros e de periferia.

Os impactos das impetuosas marcas da violência atingem diretamente a juventude, que tem altos índices quando se trata de mortalidade por homicídios "são adolescentes e adultos jovens, do sexo masculino [...] residentes em áreas pobres e às vezes periféricas das grandes metrópoles; de cor negra ou descendentes dessa etnia; com baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional" (MINAYO; SOUZA, 1999). Frequentemente, no entanto, "os violentados passam a ser encarados como os violentos" (NETO; MOREIRA, 1999).

As políticas públicas visam a superação dos efeitos da pobreza, mas têm fragilidades quanto à sua efetividade, fator que consequentemente impacta as condições de acesso a educação, qualidade de vida, interações junto aos bens culturais, ao trabalho, à educação, ao lazer, à segurança, dentre tantos

fatores que operam na constituição de um sujeito, assim corroborando para a reprodução do cenário de vulnerabilidades, especialmente, do segmento juvenil. Desse modo, é possível inferir que

[...] os direitos sociais são como dimensão dos direitos fundamentais do homem, são prestações positivas proporcionadas pelo Estado direta ou indiretamente enunciadas em normas constitucionais, que possibilitam melhores condições de vida aos mais fracos, direitos que tendem a realizar igualização de situações sociais desiguais. "São, portanto, direitos que se ligam ao direito de igualdade." (SILVA, 1998, p. 289)

O PROTAGONISTA: O EDUCADOR SOCIAL, E SEU FAZER PEDAGÓGICO COMO ATO POLÍTICO

A partir deste reconhecimento do cenário, o Educador Social pode ser considerado um dos protagonistas na atuação e construção de espaços de cidadania nos locais onde atua, promovendo ações que possibilitam a interlocução e o diálogo com camadas enfraquecidas, voltada à educação popular, direcionados a uma educação como prática de liberdade, voltada à compreensão dos engendramentos que envolvem opressor e oprimido.

Propositalmente, será feito um delineamento da abordagem teórica que adotaremos para fundamentar a prática do Educador Social, sinalizando



que os fundamentos dessa prática educativa estão voltados à educação popular, num cenário social em que a "dinâmica estrutural conduz a dominação de consciências" (FREIRE, 1977, p. 1). Busca-se, assim, identificar essa atuação junto a jovens em situação de vulnerabilidade social, compreendida pela caracterização do sujeito oprimido e um sistema opressor. A partir desse recorte intencional, destaca-se Freire (1996) como fonte de estudos e pesquisas, a partir da qual se propõe um convite à reflexão sobre alguns pressupostos teóricos e saberes que se fazem fundantes a uma prática e que se deleitem sob os pressupostos progressistas.

Assim, ressalta-se que

[...] a Educação Popular, com característica libertadora, vai emancipando cada vez mais o sujeito, e sua possibilidade de elaboração e construção de conhecimentos, por meio do pensamento. Pensa a sua prática, o seu individual e coletivo, aprende o que foi teorizado por outros pensadores que escreveram sobre seu pensado, por meio de artigos, livros e teses. De posse de suas elaborações e outras teorias, pode comparar, associar, problematizar, questionar pontos convergentes e divergentes, contraditórios ou antagônicos entre os diferentes saberes, visando confirmá-los, verificá-los ou utilizá-los em circunstancias variadas da vida. (GRACIANI, 1999, p. 82).

Em uma perspectiva que propõe espaços de educação não formal, esses atendimentos visam um espaço de promoção e garantia de direitos. Uma de

suas características marcantes é a atuação junto a jovens, visando atividades cotidianas que despertem novas perspectivas de compreensão do contexto social, perpassando ações voltadas para o exercício da cidadania, para a criação de espaços de reflexão sobre direitos, posicionamento crítico e reflexivo. Visando ações diárias que promovam este jovem a protagonista em tramas que envolvam perspectivas positivas de futuro. Além de uma projeção de papéis de empoderamento a serem almejados por estes jovens.

A educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor. Em suma, consideramos a educação não formal como um dos núcleos básicos de uma pedagogia social. (GONH, 2006, Pg.02)

Para este ator que desenvolve o papel de ensinante, o Educador Social, é preciso considerar que no decorrer de suas vivências ele agrega e constrói sua bagagem de conhecimentos e de experiências



que possibilitam impulsionar novas aprendizagens, na medida em que amplia seu repertório. Nesse momento, e na especificidade do trabalho do Educador Social, é que se destaca mais um elemento ímpar: a relação do ensinante com a aprendente, pois é atrelada à história do sujeito aprendente e aos jovens em situação de vulnerabilidade social que hoje estão vinculados a esses espaços de aprendizagem por vezes, submetidos ao fardo do insucesso escolar e especialmente à desvalorização de seu potencial aprendente.

É relevante destacar a importância do vínculo afetivo entre o ensinante e o aprendente e de um olhar que o reconhece como sujeito de competências e possibilidades. Este é o desafio, promover ações e situações de aprendizagens que desencadeiem investimentos no potencial destes jovens.

A partir de uma breve interlocução, torna-se possível inferir que esses apontamentos subjetivos que compõem as memórias aprendentes podem ser estruturantes desse sujeito que se constitui ensinante. E, nessa perspectiva, influencia e corrobora sua maneira de conceber este outro que aprende, transversalizado pelos sentidos subjetivos atribuídos ao aprender. Fernández (2001) contribui para esta compreensão, destacando que

[...] aprender é apropriar-se da linguagem; é historiar-se, recordar o passado para despertar-se ao futuro; é deixar-se surpreender pelo já conhecido. Aprender é reconhecer-se, admitir-se. Crer e criar. Arriscar-se a fazer dos sonhos textos visíveis e possíveis. (FERNANDÉZ, 2001, p. 36)

Nessa perspectiva, o aprender, com as especificidades destacadas, permeia a experiência de vida dos sujeitos. Aprender nos inclina a considerar um processo construtivo que está intimamente relacionado ao processo de autoria. Nestas linhas procura--se pensar nestes processos psíquicos que possibilitam ao ensinante estruturar-se como aprendente, observando a construção subjetiva desse sujeito e sua constituição profissional. Dessa maneira, torna--se relevante buscar conhecer de que forma esses educadores compreendem seus processos de aprendizagem, considerando que a díade de papéis ensinantes e aprendentes contempla sua prática como eixo articulador da proposta pedagógica, metodológica e interventiva junto a jovens que, por vezes, não se reconhecem como sujeitos potencialmente protagonistas de processos de aprendizagens saudáveis e de sucesso. Assim, considera-se, em linhas gerais, o aprender como um ato emancipatório, que possibilita o reconhecimento de diferentes perspectivas de mundo e das possibilidades do sujeito.

E ainda Soares, reitera:

[...] é a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valemos nada se não contarmos com o olhar alheio acolhedor, se não formos vistos, se o olhar do outro não nos recolher e salvar da invisibilidade — invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e



incomunicabilidade, falta de sentido e valor. Por isso, construir uma identidade é necessariamente um processo social, interativo, de que participa uma coletividade e que se dá no âmbito de uma cultura e no contexto de um determinado momento histórico. (SOARES, 2005, p. 206)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em últimas análises desta relação educador/ educando, ensinante/aprendente, vislumbra-se a composição de relação profícua de confiança, respeito e, especialmente, o fomento de reflexões e ações cotidianas para a construção de pensamentos críticos quanto ao lugar ocupado na sociedade por este jovem; e, primordialmente, a acolhida afetuo-sa deste educador que investe este sujeito de possibilidades aprendentes, proporcionando espaços de construção de um projeto de vida que englobe sonhos e novos papéis a serem protagonizados pelos jovens; alicerçando ações, protagonismo juvenil e a acolhida deste sujeito e de toda a sua bagagem investida de potencial e de significações positivas quanto aos processos de aprendizagem.

E aproximando o fazer do Educador Social ao jovem atendido nas atividades pedagógica vislumbra-se a consolidação de espaços de construção de cidadania de dialética entre o fazer pedagógico e dinâmica do contexto social, protagonizados por esta relação que convida este jovem à análise crítica do

contexto no qual está inserido, ao pensamento libertário, à criticidade e, num ideário, vislumbre, à transformação social; além de fortalecer laços e resgatar suas condições de pertencimento em contextos que reverberem suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et.al. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002.

FERNÁNDEZ, A. (1991). **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória M. **ONGs:** a modernidade da participação social na América Latina. In: Os sem terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2010.

Experiência vivida. São Paulo: Cortez, 1997.

IAMAMOTO, Marilda V. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.





MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10 (supl. 1), p. 07-18, 1994. ______. (Coord.). Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde. Rio de Janeiro: ENSP, 1990.168 p. ______ et al.

NETO, O. C.; MOREIRA, M. R. A. Concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, n. 4, p. 33-52, 1999.

NOVA ESCOLA, ano 14, n. 125, set. 1999. NUNES, E. D. Debatedores: é possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.1, n. 4, p. 24-25, 1999.

NOVAES, Regina. **Juventude, exclusão e inclusão social**: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). Políticas Públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa e Fundação Friedrich Ebert, 2003.

SILVA, José Afonso. **Direito Constitucional Positivo**. 15.ed. São Paulo: Malheiros, 1998.

SOUSA, J. (2006) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

SOARES, Luiz Eduardo, BILL, MV e ATHAYDE, Celso. Cabeça de Porco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

UNESCO. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina**: Desafios para Políticas Públicas. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2015.

VIGNOLI, J.R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables:** un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes. Santiago de Chile: CEPAL, 2001. (Serie Población y Desarrollo, n. 17)

WAISELFISZ, J. J. **Relatório de desenvolvimento juvenil**. Brasília, DF: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), 2007.



IDENTIDADE DE MARCA NO CENÁRIO CONVERGENTE: A TRANSMIDIALIDADE NA ZERO HORA

BRAND IDENTITY IN A CONVERGENT SCENARIO: THE TRANSMIDIALIDADE IN ZERO HORA

Nicole Pereira Citton (Feevale)¹ Anelise Rublescki (Feevale)²

Resumo: O artigo investiga quais atributos da mídia contemporânea são resultado das mudanças sociocomunicacionais que levam à cultura da convergência, identificando de que forma as questões narrativas se tornam ativos na formação de identidades de marca fortes e adequadas à realidade contemporânea. A partir de um estudo de caso na *Zero Hora*, aborda o uso de multiplataformas midiáticas como reflexo do esforço de adaptação dos conglomerados frente às novas possibilidades solicitadas pelos consumidores. De cunho teórico-empírico, pauta-se por Wolton (2010) e Charaudeau (2014) no que tange à Comunicação, discute identidade de marca a partir de Aaker e Joachimsthaler (2000) e Lopez (2010) e aprofunda a compreensão da cultura

da convergência e transmídia pelo olhar de Jenkins (2006). Dentre as observações, sinaliza que a ZH explora novos formatos e canais de comunicação como estratégia de adaptação a uma nova realidade de mercado, pautada por mudanças sociais e tecnológicas e que têm tido como reflexo uma mudança na identidade da marca, a qual não reflete suas características transmidiáticas.

Palavras-chave: Cultura da Convergência. Jornalismo. Transmídia. Comunicação. Identidade.

Abstract: The article investigates which are the attributes of contemporary media that are the effect of sociocomunicacionais changes that lead to the convergence culture, identifying how the narrative issues become active in the formation of strong brand identities and appropriate to contemporary reality. From a case study about *Zero Hora*, addresses the use of multi-platform media reflecting the effort to adapt the conglomerates to new possibilities required by consumers. This is a theoretical and empirical article, guided by Wolton (2010) and Charaudeau (2014) in terms of Communication, discusses brand identity from Aaker and Joachimsthaler (2000) and Lopez (2010) knowledge and deepens the understanding of culture convergence and transme-

¹ Bacharel em Publicidade e Propaganda (PUCRS). Gestora Estratégica de Marcas. Especializada em Account Planning pela escola holandesa Hoala. Mestranda em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale. Nicolepcitton@gmail.com

² Jornalista. Mestre e doutora em Comunicação e Informação. Pós-doutora em Comunicação Midiática. Assessora de Imprensa da Fundação de Economia e Estatística. Docente na Universidade Feevale. Aneliserubescki@feevale.br



dia by the look of Jenkins (2006). Among the observations, indicates that the ZH explores new formats and channels of communication as a strategy to adapt to a new market reality, marked by social and technological changes and have had as a result a change in brand identity, which does not reflect their transmedia features.

Keywords: Culture Convergence. Jornalism. Transmedia. Communication. Identity.

INTRODUÇÃO

As transformações sociocomunicacionais originam movimentos de transmutação ligados também aos meios e plataformas de comunicação em estado convergente. A escolha pela temática se dá para verificar se – e de que forma - as identidades de marcas são influenciadas pelos processos e pelas manifestações culturais. Assim, neste artigo reflete-se sobre como os avanços comunicacionais estão se manifestando na identidade dos conglomerados jornalísticos contemporâneos, fomentando os debates relacionados ao jornalismo, identidade e comunicação, de forma interdisciplinar.

O estudo investiga questões relacionadas a plataforma jornalística do Grupo RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação) assumindo como objeto empírico o jornal *Zero Hora*, que tem investido em novas tecnologias e plataformas como forma de acompa-

nhar os movimentos comunicacionais dos meios e de seus públicos.

A investigação evidencia como o veículo está reinventando sua identidade a partir de uma nova realidade do mercado, investido em novas tecnologias e plataformas como forma de acompanhar os movimentos comunicacionais.

De cunho teórico-empírico, além do estudo de caso, o artigo traz conceitos de Charaudeau (2014), Wolton (2010), Aaker e Joachimsthaler (2000), Lopez (2010) e Jenkins (2006).

A TRANSMÍDIA COMO FERRAMENTA DE REINVENÇÃO

Viver em sociedade é comunicar-se, é fazer parte de um sistema complexo e em constante evolução social e cultural. O cenário contemporâneo é de significativas transformações culturais e sociais.

[...] a modernidade se cumpriu, quaisquer que sejam suas contradições e tensões concretas. Nesse sentido estamos tratando de um desenvolvimento histórico completo. Entretanto, seu desdobramento segue em frente; continuidades e rupturas ainda se processam. Na verdade, elas dependem de nós individual e coletivamente (DOMINGUES, 2002, p.11).

As constantes e inacabadas transformações pontuadas por Domingues (2002) causam reflexos às formas de comunicação, tanto interpessoais



quanto impessoais, via comunicação mediada por computador e/ou de massa, como transmissões radiofônicas, televisivas e jornais de ampla circulação. No cerne dessa mudança, encontram-se as mídias, com suas formas e dinâmicas de interação transformadas pela necessidade de adaptação aos novos sistemas sociais e culturais, conforme atesta Lopez (2010, p.5) ao dizer que "As formas de comunicação variam de acordo com mudanças pelas quais passa a sociedade em distintos campos". Na obra de Jenkins (2006), *A cultura da convergência*, o autor refere-se à historiadora Lisa Gitelman a qual afirma que "um meio é um conjunto de 'protocolos' associados ou práticas sociais e culturais que cresceram em torno dessa tecnologia" (JENKINS, 2006 p.41).

Jenkins (2006) afirma que a produção grupal de significados na cultura tem ocasionado mudanças nos mais diferentes aspectos sociais provocando processos de inteligência coletiva já que para ele "Investigar como as comunidades de conhecimento funcionam pode nos ajudar a compreender melhor a natureza social do consumo contemporâneo de mídia" (JENKINS, 2006 p.48). Uma mudança cultural significante que propicia e/ou demanda que a mídia passe a convergir a informação em seus mais diferentes suportes, a partir da digitalização

O termo convergência é polissêmico. Buscando clarificar a conceituação, Fagerjord e Storsul (2007) distinguem entre seis formas de convergência midiática³. Em primeiro lugar, há a "convergência de rede", na qual uma rede pode ser usada para transportar diferentes sinais digitais. Na sequência e também de viés tecnológico pelo aparelho em si, a "convergência de terminais", onde um dispositivo (um celular, por exemplo) pode oferecer ao usuário funcionalidades que até recentemente demandavam diferentes plataformas (telefonia e fotos, por exemplo). O terceiro tipo de convergência é a "convergência de serviços". Ainda que diretamente relacionada com a "convergência de terminais", tem como foco os serviços que podem ser oferecidos de forma convergente em um mesmo dispositivo, como na maioria dos celulares, por exemplo, que, além dos serviços de telefonia, disponibilizam serviços de acesso à internet, calendário, despertador, entre outros. A quarta forma de convergência refere-se narrativa e aos "gêneros textuais", da qual emergem características híbridas entre os gêneros estabelecidos. Resultante das mudanças sóciotécnicas em curso na sociedade, observa-se que a quinta forma de convergência especificada por Fagerjord e Storsul (2007) é a "convergência de mercado", que, por fim, naturalmente demanda uma "convergên-

³ No original, em inglês: "Convergence of networks, terminals, services, rhetorics, regulatory regimes and markets". Tradução, comentários e exemplos das autoras.



cia regulatória" que dê conta do cenário/mercado/ mídia atual. Especificamente no campo do jornalismo, Rich Gordon (2003) menciona cinco dimensões da convergência4, que se aplicam a diferentes aspectos em uma organização midiática. Entre elas, no âmbito da convergência de conteúdo, observa-se que a "convergência de coleta de dados" relaciona--se com as mudanças estruturais das redações e é um dos aspectos mais polêmicos da convergência jornalística, pois demanda o chamado "backpack journalists" (Gordon, 2003), isto é, aqueles que escrevem, entrevistam, tiram fotos, fazem vídeos, editam o áudio e disponibilizam tudo online, em tempo real ou que canalizam o material para plataformas diversas. A distribuição das notícias em multiplataformas pode ocorrer de forma autônoma ou relacionado-as entre si, incentivando o leitor a buscar mais informações em outras plataformas.

Quando o conteúdo é publicado de forma autônoma, tem-se a forma mais simples de distribuição multiplataforma. A cobertura jornalística é sobre o mesmo acontecimento, mas não há referências ou elos de ligação entre as notícias. Por outro lado, se o meio fornece caminhos (ícones, links, símbolos, por exemplo) e incentiva seus leitores a buscar outras plataformas para continuar a se informar sobre a notícia, tem-se então a 'transmídia' (JENKINS, 2006).

São termos utilizados para descrever a "comunicação ou a produção quando duas ou mais plataformas midiáticas estão envolvidas de uma maneira integrada. A essência é, então, se e de que maneira as diferentes plataformas "conversam entre si" (ERDAL, 2011, p.217). Na transmídia, o conteúdo, necessariamente, não pode ser simplesmente republicado.

"Os mercados midiáticos estão passando por mais uma mudança de paradigma. Acontece de tempos em tempos" afirma Jenkins (2006, p.31), o que não significa que, no meio desse processo de modificação, os meios de comunicação foram substituídos ou eliminados. Segundo o autor,

[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos" (JENKINS, 2006, p. 29).

O novo cenário de convergência coloca os conglomerados jornalísticos diante do desafio de se reinventarem, afirma Lopez (2010, p.1) no prefácio de seu livro Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica "[...] assistimos a uma nova mudança nos sistemas de comunicação, que obriga a repensar a forma de contar dos meios tradicionais". As mudanças so-

⁴ No original, em inglês: "ownership, tactics (cross promotion and sharing content across platforms), structure (organizational and functional changes), information gathering (for several platforms) and presentation".



ciais, atestadas por Lopez (2010) como grandes responsáveis pela evolução das plataformas e formatos midiáticos dos conglomerados jornalísticos, são também as responsáveis por conceder ao jornalismo um novo papel como agente social que se intensifica à medida que o processo de convergência vem sendo implementado aos meios de comunicação.

Ao final dos anos 1990, emissoras de televisão e jornais começaram a se arriscar em ambientes online, experimentando uma nova forma de gerar conteúdo e informação através da internet. Uma nova realidade que exigiu dos veículos de comunicação uma adequação não somente quanto aos meios disponíveis para propagar seus textos, mas também quanto aos padrões impressos e televisivos que agora encontravam uma plataforma online. Era um indício do futuro da comunicação que se desenharia a partir dos anos 2000 com a convergência dos meios de comunicação.

E a resposta está na própria origem deste novo cenário: a internet, que estabelece um novo modelo narrativo baseado na linguagem multimídia e no hipertexto; que impõe novas rotinas produtivas e novos tempos de programação e escuta; e que gera uma conversação renovada e interativa com o público. De todos os suportes digitais, a internet se apresenta como o espaço propulsor [...] exige a atualização das estratégias, conceitos e hábitos de trabalho tradicionais do meio para atender às novas demandas informativas de uma sociedade convergente e global. E através da internet é possível conquistar também os demais suportes digitais (LOPEZ, 2010, p.2).

Segundo Jenkins (2006), uma mudança na maneira como o público passa, a partir de então, a estabelecer uma relação com as mídias e as mídias com o público. É o momento em que o indivíduo vivencia a possibilidade de ouvir música, por exemplo, nas mais diferentes plataformas disponíveis alimentando a convergência tecnológica. A convergência dos meios, porém, conforme afirma Jenkins (2006, p.43) "[...] é mais do que apenas uma mudança tecnológica. [...] A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento". Um cenário que Lopez (2010) reforça ao trazer para o debate o fato de que a convergência nos conglomerados jornalísticos significa uma nova forma de exibir o conteúdo gerado.

Entende-se, dessa forma, que a definição de convergência passa não só por transformações culturais e sociais, mas também tecnológicas, já que fala-se aqui do curso múltiplo pelo qual os conteúdos transitam através das mais diferentes plataforma midiáticas, além da "cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e do comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...]", conforme descreve Jenkins (2006, p.29). Soma-se a esses fatores o aspecto mercadológico, foco do artigo, com tensão inevitável diante do cenário que se desenha.

A convergência como protagonista nas mudanças dos conglomerados midiáticos gera transformações também ao mercado do jornalismo. Segundo Erdal (2009), foi na última década que o



jornalista viu seu cenário profissional enfrentar intensas mudanças tecnológicas e processuais relacionados à convergência.

Nestes processos, fusões e revisões de rotinas e de definição de padrões de produção de meios de comunicação que tentavam se integrar ao processo de convergência levaram muitos jornalistas a uma situação de instabilidade e, em alguns casos, insatisfação. Estas alterações se fazem presentes a cada dia em um número maior de redações, e levam a posturas de gestão distintas, com investimento em tecnologia ou em capacitação e, em alguns casos, o uso do contexto e do debate da convergência como uma estratégia para alterar as dinâmicas de trabalho e sobrecarregar o jornalista (LOPEZ, 2010, p.17).

A inevitável mudança previu um período de transição que, segundo Jenkins (2006, p. 38) serviria para que "vários sistemas de mídia competir e colaborar entre si, buscando a estabilidade que sempre lhe escaparia.". O autor completa que o processo de convergência "[...] opera como uma força constate pela unificação, mas sempre em dinâmica tensa com a transformação". Toda a dinâmica decorrente do processo de adaptação exigido dos conglomerados jornalísticos que pretendem se adaptar a nova realidade convergente do mercado coloca à prova a identidade das marcas midiáticas. Essa situação gera, com frequência, incerteza quanto aos próximos passos a serem dados na empresa ao invés de enxergar o cenário como uma oportunidade de expansão dos conglomerados, conforme defende Jenkins (2006).

INFORMAR NÃO É COMUNICAR

Dominique Wolton (2010) é incansável em afirmar que informar não é comunicar, assim como é ativo na defesa de que a comunicação é, por si só, mais complexa que a informação. Ao classificá-la dessa forma, Wolton (2010, p.11) traz três características capazes de qualificar tal afirmação.

Primeira	Segunda	Terceira
Da informação depende a comunicação. É como se fosse, segundo a autor, uma evolução, já que a comunicação considera a alteridade.	Tem-se investido muito tempo e dinheiro no último meio século na tentativa de aprimorar a comunicação entre as pessoas.	Tanto a informação quanto a comunicação vêm trabalhando no combate pela emancipação individual e coletiva.

Quadro 1 – Comunicação segundo Wolton Fonte: sistematização das autoras a partir de Wolton (2010).

Ao entender essa diferença, os conglomerados - que enfrentam momentos de incerteza - buscam tomadas de decisão relacionadas aos desafios das plataformas de mídias pós-modernas. Wolton (2010) destaca o desafio da comunicação como matéria a ser estudada e entendida em uma realidade social em que a tecnologia e a informação são onipresentes e acabaram invadindo o cotidiano da sociedade.

O problema não é mais somente o da informação, mas antes de tudo o das condições necessárias para que milhões de indivíduos se comuniquem ou, melhor, consigam conviver num mundo onde cada um vê tudo e sabe tudo, mas



as incontáveis diferenças - linguísticas, filosóficas, políticas, culturais e religiosas – tornam ainda mais difícil a comunicação e a tolerância. (WOLTON, 2010, p.12)

O autor deixa clara a diferença entre informação e comunicação quando coloca a relação qualificada com o outro exclusivamente no processo de comunicação aferindo a ela a complexidade necessária que a mensagem proferida como informação precisa para ganhar significado. No avanço do conhecimento no sentido de aprimorar a comunicação, Wolton (2010) gera uma separação entre aquilo que é meramente um avanço tecnológico que possibilita à sociedade acesso a uma vasta gama de informação, e aquilo que é referente ao avanço do conhecimento humano em sociedade que torna possível a evolução que se espera da comunicação no século XXI. Um passo na direção da convivência entre indivíduos.

Com esse contexto desenhado, Wolton (2010, p. 13) reforça a importância do desenvolvimento de conhecimento acerca "[...] da relação, da alteridade e do receptor.". Um caminho traçado e defendido também por Charaudeau (2014) em sua clássica obra *Linguagem e Discurso*. Nela, o autor defende que o bom conhecimento acerca do sujeito destinatário torna possível a comunicação de qualidade proferida pelo sujeito emissor. As circunstâncias de discurso são, de fato, uma relação indissociável entre o processo de produção e interpretação do ato de linguagem. Uma correlação entre os saberes daquele que emite e daquele que recebe a informação.

Assim, o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético (encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística de elucidação dos sujeitos da linguagem) entre dois processos: processo de produção [...]; processo de interpretação [...]. (CHARAUDEAU, 2014, p. 44)

Charaudeau (2014), então, defende que o processo de comunicação se dá entre quatro sujeitos já que o método por ele desenvolvido evidencia que não existe apenas um emissor e um receptor e sim dois sujeitos em cada uma das pontas desse esquema que em algum momento encontram-se em uma zona de intercompreensão suposta. Os quatro indivíduos que compõe o processo são nominados pelo autor de EUe, EUc, TUd e TUi. Cada qual com um papel específico na situação de comunicação desenhada por Charaudeau (2014), conforme Quadro 2:

EUe	Sujeito enunciador, sujeito de fala. Realizado e instituído na fala.	
EUc	Sujeito comunicante, sujeito agente. Localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas responsável por sua organização	
TUd	Sujeito destinatário, sujeito de fala. Depende do EU já que é instituído por ele.	
TUi	Sujeito interpretante que age independente do EU	

Quadro 2 – Os sujeitos segundo Charaudeau Fonte: Autoras, a partir de Charaudeau (2014)



Ao estabelecer papéis para os sujeitos no ato de linguagem, Charaudeau (2014, p.52) atesta que o processo desenhado permite "[...] um jogo entre o implícito e o explícito [...]" planificado em uma situação de comunicação composta por um circuito de fala configurada (espaço interno) e um circuito externo à fala configurada (espaço externo), conforme Figura 1 desenvolvida pelo autor.

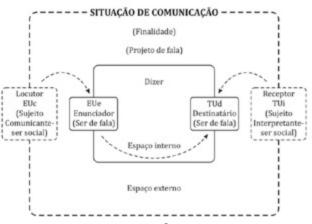


Figura 1 – Situação de Comunicação Fonte: Charaudeau, 2014, p.52

Percebe-se que só existe uma representação de uma situação de comunicação se a representação da situação discursiva for considerada no circuito externo. Desta forma, é nesse espaço que o sujeito comunicante se aventura e faz uso de contratos e de estratégias para garantir o sucesso jornada comunicacional. No que diz respeito à noção de contrato, Charaudeau (2014, p.56) afirma que existe, a partir

desse acordo, a dedução de que "[...] os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais". Como conseqüência, presume-se que os sujeitos envolvidos na situação de comunicação têm uma competência linguageira de reconhecimento correspondentes. No que diz respeito à noção de estratégia, parte-se da hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) faz uso de técnicas de persuasão e sedução que leva o sujeito interpretante (TUi) a identificar-se com o sujeito destinatário ideal (TUd) construído por quem comunica. Tudo isso a partir da expectativa do sujeito falante de que seu ato de comunicar surta efeito e seja bem recebido por seus receptores.

Se o desafio já era complexo em um cenário delimitado entre revistas, jornais, televisão e rádio, a convergência complexifica muito mais o desafio.

MARCA FORTE: IDENTIDADE RICA E CLARA

É nesse momento que ter clareza da sua identidade de marca é tão importante, já que é ela que "[...] oferece lugar para raciocínios que auxiliam a marca a ir além de atributos.", conforme defendem Aaker e Joachimsthaler (2000, p.69). A identidade possibilita à marca estabelecer uma orientação estratégica que guia seus passos em todos os âmbitos de modo aspiracional envolvendo não só todas



as áreas da empresa, mas também valores e cultura que são transformados em método de afirmação de identificação.

A definição da identidade de marca, porém, deve passar por um processo de aprimoramento para que deixe de ser somente termo ambíguo e passe a ser termo que oriente e inspire. Aaker e Joachimsthaler (2000, p.80) defendem que esse processo tem três metas: incluir interpretação e detalhes nos elementos da identidade para uma melhor tomada de decisão e definição de programas de fortalecimento da marca; "[...] intensificar a habilidade dos tomadores de decisão ao avaliar a capacidade das dimensões da identidade de ressoar com clientes e diferenciar a marca."; além de aprimorar a definição para o melhor fornecimento de ideias e conceitos que podem ser válidos para criarem vínculos fortes com os públicos da marca.

Segundo os autores, o diagnóstico proveniente do estudo desses insumos é capaz de reconhecer na cultura necessidades do ser humano ligadas ao seu negócio e que podem significar uma necessária adaptação de produto e discutível mudança de identidade de marca.

Um novo produto significa uma mudança estratégica na organização e, no caso dos conglomerados jornalísticos, pode significar um novo *mix* de mídia. Já o desenvolvimento de novos produtos está diretamente ligado com transformações identitárias, o que significa, também, uma mudança nas promessas fei-

tas aos clientes (AAKER; JOACHIMSTHALER, 2000, p.86). Em um universo cultural regido pela convergência, fruto da reconfiguração social, conforme afirma Jenkins (2006), a revisão de produtos e identidades torna-se inevitável. Saad (2003, p.56) afirma que "novas mídias não surgem de forma espontânea e independente, mas sim de uma metamorfose das velhas mídias que, por sua vez, não morrem, mas evoluem e se adaptam as transformações".

São estas transformações que se mapeia, especificamente, no jornal *Zero Hora*, objeto de análise do estudo de caso deste artigo.

A LÓGICA DE PESQUISA E ANÁLISE

De cunho teórico-analítico, a pesquisa é descritiva e qualitativa, conciliando revisão bibliográfica e estudo de caso."(PRODANOV; FREITAS, 2013). Tem por objetivo entender a relação existente entre as teorias aqui apresentadas acerca de comunicação, identidade e cultura da convergência e a Zero Hora – plataforma do Grupo RBS.

Através do cruzamento dos conceitos já apresentados, busca-se interpretar os fatos que ocorrem a partir do estudo do caso da Zero Hora, plataforma jornalística de origem impressa com circulação majoritária no estado do Rio Grande do Sul e que vem ampliando seus pontos de contato como forma de adaptação de seu conteúdo a novos meios e novos públicos.



A proposta do estudo é observar de que forma a inclusão de diferentes plataformas de contato entre a emissora e seu público e as inéditas dinâmicas de geração de conteúdo transmídia tem influenciado na maneira como a identidade da marca vem sendo comunicada. A partir da análise de seus discursos jornalísticos e publicitários veiculados na sua própria plataforma no mês de junho de 2016, será possível observar como essa ampliação vem sendo divulgada e absorvida como parte da personalidade da marca.

A ZERO HORA E SEUS 50 ANOS DE HISTÓRIA

O Grupo RBS, segunda Fonseca (2014), é considerado pioneiro em seus movimentos de adaptação a novos conceitos de gestão e inovação do mercado capitalista. Capaz de absorver as necessidades do sistema de comunicação vigente, a empresa, segundo a autora, fez boa utilização de novas tecnologias de comunicação e informação como ferramentas de integração de conteúdos e também plataformas. O que pode ser entendido como uma boa leitura da cultura e da sociedade consumidora de seus conteúdos, um movimento defendido por Wolton (2010) para aqueles que buscam vencer o desafio da comunicação a cada tempo.

Visando assumir a posição de um grupo comunicacional multiplataforma, o Grupo RBS investiu em inovação e, após superar a fase de crise dos anos de

1990, iniciou um processo de reestruturação que priorizou a flexibilidade e a integração entre as mídias.

A partir desses movimentos, o conglomerado passa a entender o futuro como algo ligado ao "(...) compartilhamento de conteúdos entre todas as mídias e entre todos os veículos de propriedade da empresa (...)", segundo cita Fonseca (2014, p.51), uma resposta ao novo capitalismo instaurado na época. Como planejamento evolutivo do Grupo RBS, a empresa projetou seus próximos anos a partir da evolução do processo de convergência entre as plataformas de rádio, televisão, jornal e web já no início dos anos 2000.

O jornal Zero Hora do ano de 2016 é o campo empírico em que se investiga essa nova realidade do mercado de comunicação explorado pelo conglomerado jornalístico do Grupo RBS. Ao longo de sua história, o jornal – fundado em 1964 - passou por uma séria de modificações editoriais e de leiaute. Foi em 2014, porém, que, ao completar 50 anos, a plataforma passou por uma grande reformulação tanto âmbito online como offline, seguindo uma tendência mundial de integração de plataformas de conteúdo que acompanha o movimento de consumo dos públicos e investe em novas tecnologias.

A adaptação do formato impresso as plataformas digitais como site, tablets e celulares foi uma das grandes novidades apresentadas pelo jornal *Zero Hora* na ocasião. "Além do lançamento do novo site para web, o endereço também será adap-



tável para navegação em celulares. A nova ZH também contará com novos aplicativos nativos para os smartphones Android e iOS." (PORTAL IMPRENSA, 2016). Nesse sentido, vale resgatar que Wolton (2010) faz uma dissociação entre o avanço que é meramente avanço tecnológico e que possibilita à sociedade acesso a uma vasta gama de informação, e aquilo que é referente ao avanço do conhecimento humano em sociedade e que torna possível a evolução que se espera da comunicação no século XXI. O que reforça, na visão do autor, a importância do conhecimento acerca do receptor. Um entendimento compartilhado por Charaudeau (2014) que defende o bom conhecimento do sujeito destinatário para a elaboração de uma comunicação de qualidade.

Atualmente, ao acessar a plataforma através do site http://zh.clicrbs.com.br/rs/ é possível ter acesso as principais notícias do veículo. Para livre circulação ao conteúdo, porém, é necessário ser assinante *Zero Hora*, opção feita pelo veículo ainda no ano de 2010.

Uma vez apto, o leitor consegue navegar pela versão online do jornal impresso, com acesso a recursos restritos de vídeos, fotos e informações exclusivas que complementam a versão impressa encerrada na noite anterior pela redação do jornal.





Figura 2 – Exemplo de transmídia na versão online de Zero Hora Fonte: Zero Hora, 2016

É possível, inclusive, ter versões atualizadas no turno da noite, com matérias que só serão disponibilizadas no formato impresso na manhã do dia seguinte. A transmidialidade, porém, só é percebida quando se acessa o conteúdo desenvolvido pela Zero Hora aos assinantes. Ao acessar cada canal do



conglomerado é possível identificar que a forma como a marca vem aderindo a essa identidade relaciona-se muito mais a um discurso multiplataforma do que a um discurso convergente e transmidiático. Conforme afirma Jenkins (2006) no momento em que o conteúdo é publicado de forma independente, classifica-se a distribuição como multiplataforma, já que não existem conexões entre as notícias em suas diferentes plataformas. E é isso que acontece quando a Zero Hora comunica sua plataforma. Já faz parte da sua mensagem de comunicação as novas tecnologias e a abordagem de um movimento cultural digital que exige mudanças na maneira como as plataformas jornalísticas devem comunicar-se com seus públicos. Em nenhum momento, porém, a Zero Hora explora em sua comunicação e adere como parte de sua identidade a questão da transmidialidade, tomando para si seu maior valor que é o complemento da mensagem em suas diferentes plataformas. Não há pró-atividade em incentivar seus leitores (ou novos) leitores a buscar outras plataformas para continuarem a se informar sobre a notícia, fórmula que Jenkins (2006) defende como sendo a da 'transmidialidade'. Ao contrário, a Zero Hora ignora esse discurso e gera prestígio ao trabalho multiplaforma, único ponto comunicado e tomado como identidade da marca.



Figura 3 – Comunicação institucional de Zero Hora Fonte: Autoras, a partir de Zero Hora (2016)

A promessa que a Zero Hora faz em sua comunicação é muito menor do que ela cumpre em seu dia a dia como jornal e talvez a falta de clareza quanto a sua identidade transmidiática gere desalinhamentos internos na plataforma que, conforme afirmam Aaker e Joachimsthaler (2000), poderiam criar, a partir dessa consciência, laços mais fortes com seus públicos.

Para completar, sendo o acesso ao jornal online restrito aos assinantes de Zero Hora, só quem compreende a identidade da marca e aquilo na qual ela se propõe a passar são seus assinantes. Os leitores que hoje não assinam a plataforma e a acessam somente pelos meios gratuitos, a entendem como um conglomerado multimídia. Mudou-se o produto, mas a comunicação acerca da Zero Hora não acompanhou. Na análise de Aaker e Joachimsthaler (2000), esse é um reflexo da má formação da identidade da marca



no seu processo de desenvolvimento de novos produtos. O resultado é uma promessa de ampliação de plataformas de contato com os públicos consumidores do veículo, mas nenhum discurso referente ao desenvolvimento de conteúdos transmidiáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conglomerados jornalísticos já vêm trabalhando na pesquisa e identificação de novos contextos sociais e hábitos cotidianos de consumo de informação. É a partir dessas novas informações sobre a maneira de consumir conteúdo que as plataformas têm adaptado suas ofertas e, consequentemente, suas identidades – aquilo que elas se propõem a entregar para seus leitores.

A transmidialidade parte do pressuposto que todo conteúdo precisa ser independente do outro, desenvolvido especificamente para aquela mídia. Na oportunidade em que se tem de comunicar e incentivar o consumo de informações complementares em diferentes plataformas, a transmidialidade parece ainda ser somente uma promessa de desempenho exclusiva para os assinantes do conglomerado – uma evolução acessível a poucos e que impede que se faça reflexo da identidade da marca.

Sendo esse é um estudo com base em uma plataforma jornalística, estudos posteriores são recomendados para que seja possível aprofundar a compreensão do fenômeno da convergência midiática, processo socieocultural ainda em pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AAKER, David A.; JOACHIMSTHALER, Erich. Como construir marcas lideres. São Paulo: Bookman, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2014.

DOMINGUES, José Mauricio. **Interpretando a modernidade:** imaginário e instituições. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ERDAL, I. Cross-Media (Re)Production Cultures. Convergence. v,15; n.2, 2009. p. 216-232.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Capitalismo e novas tecnologias na indústria de notícias.** Disponível em: http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Capitalismo-e-novas-tecnologias-na-industria-de-notpicias. pdf. Acesso em: 12 mai. 2016.

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006

JORNAL digital. **Zero Hora**. Disponível em: http://zh.clicr-bs.com.br/rs/. Acesso em: 28 jun. 2016

JORNAL "Zero Hora" promove mudanças em comemoração aos seus 50 anos. **Portal Imprensa.** Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/65505/jornal+zero+hora+promove+mudancas+em+comemoracao+aos+seus+50+anos. Acesso em: 22 jun 2016

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiá-tico:** tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. [s/c]: Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom, 2010.



NOSSAS empresas. **Grupo RBS**. Disponível em: http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/. Acesso em: 12 jun 2016

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas de pesquisa e de trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAAD, Elizabeth. **Estratégias para mídia digital:** internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac, 2003.

STEEL, Jon. **A arte do planejamento** – verdades, mentira e propaganda. São Paulo: Campos, 2006

ZERO Hora começa a cobrar por parte do seu conteúdo online. **Revista tecnologia gráfica.** Disponível em: http://www.revistatecnologiagrafica.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1176:zero-hora-comeca-a-cobrar-por-parte-de-seu-conteudo-online&catid=36:noticias&Itemid=196 Acesso em: 12 jun 2016

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução - Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.



FERNANDO PESSOA E O DIÁLOGO COM OS MITOS

FERNANDO PESSOA AND THE DIALOG WITH THE MYTHS

Odi Alexander Rocha da Silva - PUCRS¹

Resumo: O heterônimo Ricardo Reis é, na obra de Fernando Pessoa, o que mais se aproxima da abordagem greco-romana em suas Odes. Entretanto, cumpre pensar: como Fernando Pessoa através de seu "heterônimo pagão" aproveita a abordagem mítica, estando inserido em um mundo (ocidental) cujo imaginário já está impregnado pelo cristianismo? Será que se deixa influenciar pelo imaginário atual ou procura da melhor forma possível fixar-se na Grécia antiga, aproveitando a interação da religião com a natureza e o politeísmo? Uma análise de alguns poemas do referido heterônimo pode nos dizer a intensidade com que ocorre o diálogo com os mitos e em que sentido este diálogo influencia a própria poética de Ricardo Reis. Tal reflexão ajuda, inclusive, a que possamos entender o quanto os mitos gregos ainda influenciam o nosso imaginário e o quanto ainda estão presentes em nosso pensamento na literatura. Uma investigação dessa presença demonstra não apenas a nossa ligação com essas raízes distantes, mas também o quanto este vínculo contribui para pensarmos a abordagem dos mitos na atualidade.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Mitos. Poesia. Grécia. Atualidade.

Abstract: Ricardo Reis is, in Fernando Pessoa's opus, the writer that approaches the most greek roman culture in his Odes. However, is importante to think: how Fernando Pessoa through his "pagan writer" approaches his mytical shade in a world thoroughly dominated by cristianism? Does the imaginary of nowadays really influence him? Or does he as strongly as possible fix his ideas in the Ancient Greece, expressing the interaction of religion, nature and polytheism? Na analyse of some poems of this author can reveal how can occur the dialog with the myths in our era and in what sense this dialog influences in some sense the own Ricardo Reis' poetical pratice. Besides, this discussion help us to understand how myths still can influence the imaginary of our days and how they are presente in our thought and in our literatute. Some investigation of this presence can demonstrate not only our link with these ancient roots but also how this link contributes to our thought to understand the myths in our days.

Keywords: Fernando Pessoa. Myths. Poetry. Greece. Nowadays.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: o_alexander_r@hotmail.com.



1 O PAPEL DO MITO NA GRÉCIA ANTIGA

A perenidade dos mitos, revelados em sua grande maioria pela poesia épica da Grécia antiga, explica-se sobretudo pelo papel que o mito desempenhava no contexto cultural do povo grego. Acima de tudo, o mito é, de maneira geral "(...) a palavra que designa um estágio do desenvolvimento humano anterior à História, à Lógica e à Arte (Moisés, 1974, 342).

O arcabouço de histórias elencada pelas narrativas míticas são encaradas como verdadeira, uma vez que sempre se refere ao que é tido por realidade². Isto em nada surpreende na medida em que se observa que o mito tinha, no contexto da Grécia antiga, um objetivo primordial que não atingia apenas a religião, mas também a educação.

Uma vez que os mitos na Grécia antiga eram formados por um conjunto de histórias que se pretendiam como reais, não há problema algum no fato de tais histórias serem contadas/repetidas mesmo por quem não tenha visto de fato as questões por eles abordadas. Na Grécia homérica, os aedos (recitadores), embora não houvessem testemunhado os eventos abordados nas narrativas míticas, recitavam as narrativas, acreditando na veracidade das mesmas e elas eram recebidas como reais, o que era proporcionado principalmente pelo contexto social do momento.

Como tornar plausível a veracidade de um canto de que o poeta não foi testemunha ocular? Ao contrário do que se dá na idade da razão, na cultura mítica os ouvidos são testemunhas mais verdadeiras do que os olhos. O mito se sustenta na veracidade da palavra. A palavra inspiradora das musas, da tradição, do passado é mais verdadeira do que uma possível observação do poeta (SCHÜLER, 1972, p. 21, grifo nosso)

O mito, trazido ao poeta pela inspiração das musas, é, pois, o amparo da tradição para que esta possa reafirmar-se e perpetuar-se. Entretanto, já a partir do século VII a.C., as narrativas míticas começaram a ser contestadas pelos primeiros filósofos, os pré-socráticos, que "(...) inauguram um novo modo de reflexão concernente à natureza que tomam por objeto de uma investigação sistemática (...)" (Vernant, 1986, p. 73). As iniciativas destes filósofos promovem a queda do pensamento mítico enquanto explicação única para o mundo e seus fenômenos.

A importância das narrativas das façanhas dos heróis, por fazer parte da tradição, tinha o papel fundamental de ser a experiência de vida a ser passada para as novas gerações. As ações dos heróis eram, portanto, os modelos exemplares, ou seja, os exemplos a serem seguidos por aqueles que estão formando a sua personalidade. Deste modo, fica bastante claro que a função básica do mito era "(...) revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas" (Eliade, 1989, p. 13).

² (ELIADE, 1989, p. 12) "O Mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira".



Pela sua importância social, é bastante compreensível, pois, que o mito estivesse na literatura quando esta começou a ser cultivada sistematicamente.

O mito ocupava em primeiro lugar, a literatura; a literatura grega é, em grande parte, mítica, porque conta mitos, porque os utiliza [...] (Safo inventa aparições anteriores de Afrodite, os cômicos inventam mitos). [...] Ocupava o mito a escultura e a pintura, [...] ocupava os rituais: o que se fazia, muitas vezes, era encenar um mito. Mil rituais em Atenas e fora dela [...] se referiam às aventuras do deus, incluindo seus momentos eróticos, sua morte ou sono [...]. (ADRADOS, 1996, p. 109, tradução nossa).

O mito era, pois, um aporte cultural institucionalizado pela sociedade. Tal aporte estava tão vivo na arte, na literatura e, enfim, nas culturas locais que não havia como o homem não percebê-lo, já que:

Desde a escola em que se aprendia a *musiké*, isto é, a literatura, o cidadão grego estava cercado de mito por todas as partes. [...] Havia os deuses e havia os heróis, todos maiores que o tamanho humano, mais livres e mais fortes. [...] Mas há uma síntese: o mito grego é, com raras exceções, um mito humanizado. Os deuses são antropomorfos, suas paixões são humanas. Na verdade, mais que humanas e que não estão submetidas a coerções como se passa com as paixões humanas. (ADRADOS, idem, p. 111, tradução nossa).

O elemento mítico, pois, continuou a ser o parâmetro moral para o cidadão, a simbologia das suas raízes e da sua significação no contexto social em que vivia. O mito, se por um lado educa, também, esclarece questões quanto à natureza do homem.

A primeira apresentação dos problemas profundos da vida humana, incluindo os do amor, se fez na Grécia (na épica, na lírica, no teatro) através do mito. Está certo que humanizado, penetrado de vida contemporânea. [...] Impossível, em definitivo, compreender a sociedade grega, a vida sexual e erótica dos gregos sem saber que, ao lado de suas instituições tradicionais, havia a crítica das mesmas [...], e havia, sobretudo o mito, sem o qual resultaria impensável o desenvolvimento intelectual posterior [...]. E impensável também, é menos sabido, o desenvolvimento dos sentimentos individualistas na poesia. (ADRADOS, ibidem, p. 112, tradução nossa).

Neste sentido, o mito cercava todas as questões sociais, não deixando de atingir, consequentemente, a produção artística. Mas presença do mito se justifica também por um outro aspecto: a literatura a eles relacionada (lírica, épica, dramática) em geral aborda-os de maneira que " [...] as imagens transmitem associações de ideias que as transcendem e cooperam com o efeito emocional e imaginativo de um canto, ao elevá-lo até um nível mais misterioso que o de sua razão de ser imediata"³. Tudo isto

³ (BOWRA, 1958, p. 248, tradução nossa)



para dizer que a função básica do mito no contexto da Grécia antiga era fornecer arquétipos de caráter. Partindo do princípio de que as obras de Homero⁴ existiram muito mais para educar do que mesmo para entreter, o mito tem, no contexto dessas obras, um uso muito específico, que é apresentar modelos de virtude.

Entretanto, a presença dos mitos gregos não se limitou à antiguidade. Ele se propagou ao longo dos tempos e chegou até os nossos dias. Muitos escritores, seja romancistas ou poetas, buscaram amparo nos mitos para incrementar a sua prática literária. Abordamos aqui um dos que fez isso: o poeta Ricardo Reis.

2 ALUSÕES AO MITO EM RICARDO REIS

As alusões ao mito em Ricardo Reis expressa um fenômeno ocorrente em nossos dias atuais. Em maior ou menor grau, os mitos estão de alguma forma presentes em nossas vidas. Entende-se por cultura clássica, todo o patrimônio social, histórico e artístico formado pela civilização greco-romana e cuja perenidade é perceptível em nossa era. Este patrimônio se verifica mais especificamente nas heranças legadas pela antiguidade na forma de docu-

mentos históricos (poesia, epopeias, relatos, escrituras religiosas, peças de teatro) além de artefatos arqueológicos, esculturas e edificações. Em linhas gerais, sempre que olhamos o mais remotamente possível para trás (ou pensamos em termos de origens de nosso presente em termos ocidentais), o que vislumbramos é Grécia e Roma.

Entretanto, não é apenas nas coisas visíveis que a antiguidade se faz presente. Ela se faz sentir, também, em certos aspectos da nossa maneira de ver o mundo. Até hoje, agimos de forma aproveitar bem o momento presente, tendo a consciência de que ele logo se acabará, uma herança do provérbio "Dum loquimur fugerit invida aetas; carpe diem quam mínima credula postero" ("enquanto estivermos aqui falando o maldito tempo fugirá; aproveita o dia e te preocupa o mínimo possível com o amanhã).

Quando determinadas coisas acontecem rapidamente para logo perderem o efeito emotivo do princípio, falamos em "fogo de palha"; trata-se, frequentemente, de certo sentimento que se expande grandemente para logo exaurir-se com a mesma rapidez com que começou. Para falar sobre isso, aproveitamos um dito de Virgílio *ut quondam in stripulis magnus sine viribus ignis* ("na palha, o fogo é grande e sem força") .

⁴ Para os efeitos de nossa discussão, consideramos Ilíada e Odisseia como obras de Homero. Foge aos objetivos deste trabalho abordar a questão homérica, a qual problematiza a questão da autoria do poeta grego. Para maiores detalhes sobre este assunto, remetemos o leitor para AUBRETON, Robert. Introdução a Homero. São Paulo: USP/DIFEL, 1968 e MORRIS, Ian & POWELL, Barry. A New Companion to Homer. New York: Brill, 2011.



Quando desejamos dizer que a beleza de alguém é definida pela medida de apreço que temos por esse indivíduo, sem o saber, estamos utilizando um dito proverbial da lírica da Grécia do séc. VII a.C., que diz "κάλλιστον, ἐγὼ δὲ κῆν' ὅττω τις ἔραται ("o mais belo, para mim, é aquele a quem se ama"). Quando desejamos dizer da falsidade de certas pessoas que "choram" por algo que tenha sido por elas provocado, ou que fingem se compadecer da desgraça alheia (mas interiormente se regozijam com ela) usamos a expressão "lágrimas de crocodilo", que é uma tradução da expressão grega κροκοδείλια δάκρυα, utilizada por Miguel Apostólio.

Ricardo Reis, o chamado "poeta clássico", é um heterônimo do poeta Fernando Pessoa. Em linhas gerais, um heterônimo consiste em

(...) um personagem criado pelo poeta que escreve a sua própria obra. Tem nome próprio, biografia própria, obra própria e, sobretudo, um estilo próprio. Esse nome, essa obra e esse estilo são diferentes do nome da obra, da biografia e do estilo do poeta criador do personagem (TUTIKIAN, 2006, p. 12)⁶.

A criação do heterônimo Ricardo Reis deu-se antes de Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, criados no conhecido "dia triunfal". Pessoa escreve na biografia de Ricardo Reis que este surgiu da seguinte maneira:

O dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de janeiro de 1914, pelas 11 da noite. Eu estivera ouvindo na noite anterior uma discussão extensa sobre os excessos, especialmente de realização, da arte moderna. segundo o meu processo de sentir as cousas sem as sentir, fuime deixando ir na onda dessa reação momentânea. Quando reparei em que estava pensando, vi que tinha erguido uma teoria neoclássica e que a ia desenvolvendo. Achei-a bela e calculei interessante se a desenvolvesse segundo princípios que não adoto nem aceito⁷.

Ricardo Reis se propõe, portanto, a cultivar uma ressonância dos mitos, dos valores da Grécia clássica em nossa era. Embora segundo menciona Pessoa, ele defenda princípios não aceitos ou adotados pelo

⁵ Literalmente, "lágrimas crocodilescas". Miguel Apostólio (1422-1478) nasceu em Constantinopla e faleceu em Creta. Trabalhou toda a sua vida como professor e copiador de manuscritos gregos e latinos. A expressão em questão, a ele atribuída, se encontra em uma obra satírica bizantina do séc. XV. Muito embora a criação da expressão não remeta necessariamente à antiguidade, plasmou-se em uma língua, o grego, a qual possui vínculos com o passado remoto do Ocidente. Para outras informações, ver TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas* p. 105. Para maiores detalhes, vide referências

 $^{^6}$ TUTIKIAN, Jane. Apresentação de Fernando Pessoa. in: Fernando Pessoa Obra Poética III – Odes de Ricardo Reis. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 7-20.

 $^{^7}$ PESSOA, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-interpretação. LIND, Georg Rudolf & COELHO, Jacinto do Prado (orgs.). Lisboa: Ática, s/d., p. 385



ortônimo⁸, o que importa realmente é que Ricardo Reis surgiu com o fito de ser uma encarnação dos valores e, por extensão, da Grécia clássica em nossos dias.

Os tempos atuais, entretanto, notadamente no Ocidente, apresentam um imaginário religioso acima de tudo impregnado pelo cristianismo. A consciência desse fato, traz à baila a questão de se Ricardo Reis consegue de fato ficar totalmente isolado sobretudo do imaginário religioso cristão existente na atualidade para cultivar o paganismo no microcosmo particular da sua obra. Com efeito, a sua obra evidencia que Ricardo Reis não consegue ficar alheio à cultura que o cerca. A fim de constarmos isso, analisemos dois textos de "autoria" do poeta clássico.

2.1. O deus Pã não morreu

O poema "O deus Pã não morreu" é um dos momentos em que se percebe na obra de Ricardo Reis a percepção da existência do cristianismo. Na verdade, a nosso ver, não se trata exatamente de uma percepção, mas algo ainda mais sutil: uma porção que resvala do imaginário do autor para dentro de sua prática poética. Claro que, em termos práticos, isso nada mais é do que um sinal do ambiente sociocultural em que vive seu ortônimo, Fernando

Pessoa. Antes de discutir o texto, primeiramente o citemos na íntegra:

O deus Pã não morreu/ Cada campo que mostra/ Aos sorrisos de Apolo/ Os peitos nus de Ceres/ Cedo ou tarde vereis/ Por lá aparecer/ O deus Pã, o imortal. Não matou outros deuses/ O triste deus cristão/ Cristo é um deus a mais/ Talvez um que faltava. Pã continua a dar/ Os sons da sua flauta/ Aos ouvidos de Ceres/ Recumbente nos campos/ Os deuses são os mesmos/ Sempre claros e calmos/ Cheios de eternidade/ E desprezo por nós,/ Trazendo o dia e a noite/ E as colheitas douradas/ Sem ser para nos dar/ O dia e a noite e o trigo/ Mas por outro e divino/ Propósito casual (PESSOA, 2006, p. 36-37).

Embora o poema fale de Pã, o deus grego da natureza, ele estabelece um interessante diálogo com o cristianismo. Tal diálogo não se limita apenas à menção de Cristo e do "triste deus cristão". O texto de forma geral, apresenta os dois universos aos quais a matéria do imaginário do autor está atrelada. Ricardo Reis é uma criatura de dois mundos. Embora o mundo clássico predomine, ele não pode ignorar o cristianismo. Este "resvala", escorrega do imaginário poético, uma vez que a espontaneidade da criação poética lida com os elementos mais intrínsecos do autor: seus valores e a noção do mundo que o cerca.

⁸ O criador no heterônimo.

⁹ Os poemas de Ricardo Reis não são titulados. Adotamos, aqui, a praxe de fazer a referência ao texto pelo primeiro verso.



Não é possível dialogar com o cristianismo quando ele não faz parte da cultura de quem escreve. Mas quando ele está presente, ainda que seja para ser criticado ele aparecerá. Entretanto, mais do que a aparição ou não do cristianismo em um poeta de obra convictamente pagã não é o que de fato importa. Importa, sim, é como esses dois mundos convivem, tendo, cada um, suas próprias vicissitudes.

O texto ensaia uma resposta a isso. O deus Pã, não mata outros deuses. A mitologia nos dias atuais não ignora o que se formou depois que o cristianismo surgiu. O deus Pã considera apenas o seu mundo, tem seu mundo como permanente, mas este mundo não ignora elementos estranhos a ele. Então ocorre a incorporação, ou seja "o deus Pã não mata outros deuses", mas os incorpora ao seu cosmos.

Dentre os "outros deuses", curiosamente, está Cristo. Este é tratado como um "deus a mais", "um que faltava". Considerando-se o mundo grego como plêiade divina, é natural que motivos específicos fizessem surgir vários deuses. E aqui está mais um deus: Cristo, um deus pagão para figurar entre os deuses pagãos. O universo de Ricardo Reis não "matou" o universo externo a si, no qual Cristo e o Deus cristão estão incluídos. A expressão "deus cristão" é acima de tudo identitária, não tanto para o deus como para o poeta que escreve. a expressão deus cristão o afasta do cristianismo e permite a constatação sutil de que o universo cristão *não é* o universo do autor. Tem-se aqui a fronteira, a linha demar-

catória que separa as culturas cristãs e pagãs, ainda que o poeta, paradoxalmente, apresente-as como incorporadas uma na outra.

Entretanto, trata-se de uma incorporação específica: é o cristianismo incorporado ao paganismo e não o contrário. O paganismo absorve porque ele, aqui, é o maior. Ele absorve sem esquecer de si. Por isso, os deuses pagãos continuam na sua imortalidade, "claros e calmos" e "cheio de desprezo por nós", ao contrário do deus cristão que cuida das pessoas como um pastor cuida de suas ovelhas e que, em cuidando do ser humano, assemelha-se a um pai cuidando de um filho e daí o motivo de ser chamado de Pai (com "P" maiúsculo por ser tido como maior do que todos os pais, maior do que o pai que cada homem consegue ou imagine ser).

O universo pagão é diferente. Se os deuses ajudam o homem, é porque têm um "propósito casual" para isso e tal propósito o mais das vezes está relacionado ao culto que recebem dos humanos. É uma relação de troca, onde o humano tem por princípio pagar (com culto, veneração) pelo que recebe.

2.2. Vós que, crentes em Cristos e Marias

Enquanto que, em "O deus Pã não morreu", poeta absorve o cristianismo e, em certo sentido, transforma-o em paganismo, considerando um dos seus ícones como "um deus a mais", aqui em "Vós que, crentes em Cristos e Marias", o poeta se dedica



a tomar uma posição acerca desse mundo. Dito de outro modo, este poema nos revela o que Ricardo Reis pensa sobre o mundo cristão. É o que se depreende do texto do poema, que transcrevemos abaixo

Vós, que, crentes em Cristos e Marias,/ Turvais da minha fonte as claras águas/ Só para me dizerdes/ Que há águas de outra espécie/ Banhando prados com melhores horas/ Dessas outras regiões pra que falar-me/ Se essas águas e prados/ São de aqui e me agradam?/ Esta realidade os deuses deram/ E para bem real a deram externa/ Que serão os meus sonhos/ Mais que a obra dos deuses?/ Deixai-me a Realidade do momento/ E os meus deuses tranquilos e imediatos/ Que não moram no Vago/ Mas nos campos e Rios. Deixai--me a vida ir-se pagamente/ Acompanhada pelas avenas tênues/ Com que os juncos das margens/ Se confessam de Pã./ Vivei nos vossos sonhos e deixai-me/ O altar imortal onde é meu culto/ E a visível presença/ Dos meus próximos deuses./ Inúteis procos, do melhor que a vida/ Deixai a vida aos crentes mais antigos/ Que a Cristo e sua cruz/ E Maria chorando./ Ceres, dona dos campos me console/ E Apolo e Vênus e Urano antigo/ E os trovões com interesse/ De irem da mão de Jove (PESSOA, 2006, p. 61-62).

A caracterização do universo pagão reforça a identidade do poeta e seu distanciamento em relação ao mundo cristão. Para expressar por que não é

deste mundo (cristão) o poeta precisa descrevê-lo. O deus cristão não é visível, mora em um lugar vago, que seus adoradores não conhecem. O cristianismo, na visão do poeta, não conhece a proximidade com quem é cultuado.

Da mesma forma como ocorre com "O deus Pã não morreu", aqui Ricardo Reis refere-se aos mitos, colocando o cristianismo em paralelo. Entretanto, aqui, há um elemento a mais: a referência aos que creem no cristianismo, o que se depreende já pelo primeiro verso "Vós que, crentes em Cristos e Marias". Os crentes "turvam" as águas do eu-lírico na medida em que propalam uma crença diferente da que ele possui. O eu-lírico se identifica com entidades, deuses que ele pode ver, já que, segundo ele, possuem uma "visível presença" e não são deidades vagas, tal como é a deidade cristã e da qual os que a veneram, segundo o eu-lírico, não possuem nenhuma noção acerca da forma desta entidade.

O poema estabelece a identificação do eu-lírico com o cenário pagão na medida em que esse cenário é descrito, considerando o caráter dos deuses como "calmos" e "imediatos", que presidem um contexto de "avenas¹¹¹ tênues", os juncos das margens que se confessam de Pã", dentre outros elementos. Pã é um nome grego que significa "Tudo" ou "o Todo".

¹⁰ Avena é o nome dado à Flauta, formada por pedaços de cana de vários tamanhos, unidos uns aos outros. O instrumento é atribuído ao deus Pã, o qual, segundo a mitologia, tocava-o frequentemente. Avena é o nome latino para syrinx, nome pelo qual esta flauta é conhecida em grego. O nome greg teria sido dado pelo próprio deus em homenagem a uma ninfa que era assim chama e pela qual o deus se apaixonara.



Constitui uma divindade intrinsecamente ligada à natureza. Neste texto, Pã é mais relacionado ao seu elemento ou, dito de outra forma, neste texto Pã é abordado considerando-se os elementos da natureza, que a ele estão ligados.

O eu-lírico aceita que os crentes em Cristos e Marias têm prazer em seu culto e por isso diz "vivei vossos sonhos e deixai-me". De fato, o eu-lírico compreende que esse culto, o cristão, seja prazeroso a quem o pratica. Mas quando pede para que eles vivam seu próprio culto, isso significa também deixar a ele, o eu-lírico, viver o seu culto, o qual, segundo ele, também tem as suas belezas, também possui suas virtudes.

Os crentes das divindades expressadas pelo eu-lírico são, segundo ele mais "antigos que a cruz de Cristo". Sendo mais antigos, eles possuem suas próprias questões, sua própria liturgia, enfim, sua própria fé. Assim sendo, por terem sua própria fé eles não necessitam ser consolados pelo deus cristão, já que possuem Ceres, deusa das colheitas, Apolo, deus do conhecimento e Jove (Júpiter) deus dos deuses. aqui, o diálogo com o mito enfatiza o fato de que o eu-lírico de Ricardo Reis, tem consciente de que o mundo cristão existe, mas ele, entretanto, rejeita as ideias propostas por esse mundo. Ele é até capaz de incorporá-lo (tal como ocorre em "O deus Pã não morreu"), mas não pode adaptar-se a ele.

Este conflito cristianismo/paganismo pode ser lido, também, por outra perspectiva: a criação de

Ricardo Reis por Pessoa representou, pois, uma reação à arte moderna com uma retomada dos valores do passado. Representa, como disse Pessoa, uma "teoria neoclássica" que retoma a racionalidade e o equilíbrio formal observáveis na poesia, especialmente na lírica, da antiguidade. Mas a proposta de Ricardo Reis, para que de fato funcionasse, precisava trazer consigo as características presentes na poesia do passado. Daí, então, haver pontos de contato, por exemplo, com a poesia de Horácio. De fato, sobre a relação de Ricardo Reis com o poeta romano, pode-se afirmar que:

[...] a relação de Ricardo Reis com Horácio se dá sob o ponto de vista da forma das composições, na criação de odes clássicas, ricas em inversões vocabulares, mas também no modo de estar no mundo, quando alia o *estoicismo*, com seu enorme poder de aceitação e de resignação diante da vida e seus acontecimentos e o epicurismo, ao entender que o supremo bem está no prazer (TUTIKIAN *apud* PESSOA, 2006, p. 23)

Com efeito, dois são os pontos de contato entre Ricardo Reis e Horácio: a forma (odes) e o conteúdo dos textos. Sobretudo no conteúdo da poesia, as características que mais se destacam são a constante presença da morte, a busca do equilíbrio estético e o conflito paganismo x cristianismo. Cumpre salientar que tais pontos de contato são importantes para a coerência – e principalmente a verossimilhança do Ricardo Reis pessoano. De fato, Horácio, aborda



"[...] a vida interior do homem, que vê o equilíbrio da existência no viver, contentando-se com pouco, no aproveitar a hora que foge, no fugir das grandes ambições [...] (Leoni, 1967, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ricardo Reis evoca o mundo cristão que resvala de sua consciência. Entretanto, considera esse mundo menor do que o mundo pagão. Se a ele se refere em sua obra, é porque este mundo está aí. Faz parte do universo do mundo em que o poeta nasceu. Ricardo Reis transita entre os dois mundos na medida em que sabe o que esses dois mundos são. Entretanto, faz sua escolha. Prefere o mundo pagão, com quem mais se identifica.

Há mais textos em que Ricardo Reis se refere ao cristianismo. Escolhemos os dois, acima analisados uma vez que eles se coadunam com os propósitos de nossa discussão no que diz respeito a apresentar uma visão de Ricardo Reis sobre o cristianismo e por que maneira ele se desvincula deste mundo cristão que apresenta como distante de si, mas que, curiosamente, o incorpora a si. Esse é um aspecto de seu diálogo com os mitos. Ricardo Reis evoca os mitos para mostrar quem é e se posiciona sobre o cristianismo para enfatizar a sua, de Ricardo Reis, identidade. Eis, portanto, a necessidade do diálogo com os mitos.

Assim sendo, a evocação dos mitos funciona como uma expressão de identidade. O poeta se identifica a partir dos mitos, dos deuses que fazem parte do universo que escolheu integrar. É plausível pensar que Ricardo Reis tenha feito uma escolha, visto que os dois universos, pelo que se depreende dos textos examinados, coexistem em sua obra. Ao que parece, não há como não falar no mundo cristão porque ele existe, deu uma nova formatação ao Ocidente, o que vem perdurado há mais de dois mil anos. Esta formatação é tão veemente, tão pungente que se torna difícil ignorá-la, mesmo para um poeta de convicções pagãs.

Evidentemente que as discussões acima expostas não pretendem esgotar o tema do diálogo de Ricardo Reis com os mitos. Trata-se apenas de início de discussão, que é nosso desejo que se amplie em futuros trabalhos, seja nossos ou alheios, a fim de que possamos jogar novas luzes sobre a prática poética deste notável heterônimo de Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS

ADRADOS, Francisco Rodríguez. **Sociedad, Amor y Poesia en la Grecia Antigua.** Madrid: Alianza, 1996.

AUBRETON, Robert. **Introdução a Homero**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

BOWRA, C. M. **Historia de la Literatura Griega.** Tradução de Alfonso Reyes. Fondo de Cultura Económica México-Buenos Aires, 1958.



ELIADE, Mircea. **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 1989.

LEONI, G. D. **A Literatura de Roma**. São Paulo: Nobel, 1967.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORRIS, Ian & POWELL, Barry. **A New Companion to Homer**. New York: Brill, 2011.

PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto-interpretação**. LIND, Georg Rudolf & COELHO, Jacinto do Prado (orgs.). Lisboa: Ática, s/d., p. 385.

_____. **Fernando Pessoa Obra Poética III** – odes de Ricardo Reis. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SCHÜLER, Donaldo. **Aspectos Estruturais na Ilíada.** Porto Alegre: UFRGS, 1972.

TOSI, Renzo. **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego.** Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: DIFEL, 1986.



O DIREITO DE SOLIDARIEDADE NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, SEUS ASPECTOS JURÍDICOS, SOCIOLÓGICOS E PEDAGÓGICOS E SUA APLICABILIDADE NO ESTADO DEMOCRATICO DE DIREITO

THE SOLIDARITY RIGHTS IN THE FEDERAL CONSTITUTION OF 1988 ITS LEGAL, SOCIOLOGICAL AND PEDAGOGICAL ASPECTS AND ITS APPLICABILITY IN THE RIGHT DEMOCRATIC STATE

Patrícia Fontes Marçal (Feevale)¹ Dinora Tereza Zuccheti (Feevale)²

Resumo: Solidariedade era um conceito filantrópico, uma ação formada por religiosos para atender aqueles que não possuíam direitos, esses "não-cidadãos" eram vistos como coisa (res) de favores e não sujeitos de direito. Essa benevolência durou até 1988, com o advento da democracia que consagrou o principio da solidariedade no artigo 3°, incluindo os não-cidadãos como finalmente sujeitos de direito e não mais coisas de favores. O termo solidariedade tem sua origem associada ao étimo latino solidarium (inteiro, compacto). Define o termo como uma forma

de pensar contrária ao egoísmo. As Constituições de 1824 e 1891 sequer continham a palavra "solidariedade". A Constituição de 1937 no art. 40 assegurava regime de previdência de caráter contributivo e solidário. Durkheim no seu livro "A divisão do trabalho social", 1978, divide a solidariedade em orgânica e mecânica. A solidariedade mecânica é primitiva, arcaica, a orgânica é a que predomina nas sociedades modernas aplicável em sociedades capitalistas. A CF de 1988 no artigo 3º demanda um estudo sob a ótica de Durkeim para uma melhor compreensão do conceito, sua evolução no tempo e espaço. As duas visões trazem uma reflexão na interpretação do conceito de solidariedade para os dias atuais.

Palavras-chaves: Solidariedade. Constituição. Fraternidade.

Abstract: Solidarity was a philanthropic concept, an action made by religious to meet those who had no rights, these "non-citizens" were seen as a thing (res) favors and not subject to the law. This goodwill lasted until 1988 with the advent of democracy which enshrined the principle of solidarity in Article 3, including non-citizens as subjects of law and finally no longer things favors. The term solidarity has its origin associated with Latin etymology Soli-

¹ Graduada e mestre pela Universidade de Brasília, UnB. Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Feevale, Novo Hamburgo, RS. Professora de Direito Constitucional, Direito do Trabalho e Processo do Trabalho, email: pfmarcal@gmail.com.

² Professora no Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão social, Feevale, Novo Hamburgo, RS email: Dinorá@feevale. br.



darium (full, compact). Defines the term as a way of thinking contrary to selfishness. The Constitutions of 1824 and 1891 even contain the word "solidarity". The 1937 Constitution in art. 40 assured character contributory pension scheme and solidarity. Durkheim in his book "The division of labor", 1978 divides solidarity in organic and mechanical. Mechanical solidarity is primitive, archaic, organic is predominant in modern societies applicable in capitalist societies. The CF 1988 in Article 3 requires a study from the perspective of Durkeim to a better understanding of the concept, its evolution in time and space. The two visions bring a reflection on the interpretation of the concept of solidarity today. **Keywords:** Solidarity. Constitution. Fraternity

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a solidariedade tratava-se de um conceito filantrópico, uma ação formada por religiosos para atender aqueles que não possuíam direitos, digo isso porque, esses "não-cidadãos"³ eram vistos pela sociedade como coisa (*res*) de favores e não sujeitos de direito. Essa benevolência durou até 1988, com o advento do Estado Democrático de Direito que passou a consagrar um novo mode-

lo de sociedade ao elencar como um dos objetivos da nação é construir uma sociedade justa, livre e solidária. É a primeira vez depois de séculos que o princípio da solidariedade estampa a Carta Política como um dos objetivos do Estado sobre a sociedade brasileira. O principio da solidariedade no artigo 3°, tecnicamente, juridicamente, socialmente integra a inclusão dos não-cidadãos e de toda a pluralidade e diversidade social como sujeitos de direito e não mais coisas de favores. O artigo 3° da Constituição Federal consagra dentre outros princípios da Carta Maior "Construir uma sociedade justa, livre e solidária". É, portanto, a primeira vez que a palavra solidariedade aparece na Constituição brasileira como um objetivo de Estado.

Trata-se um termo novo constitucionalmente, embora velho lexicamente. Novo porque a solidariedade tinha um cunho religioso e não uma dimensão coletiva de sociedade. Neste diapasão, portanto, construir esta nova sociedade com base no princípio da solidariedade é um dos desafios da nova Constituição.

Segundo Rosso (2008, p. 28), solidariedade, conforme definido pelos dicionários é "sentimento que leva os homens a ajudarem-se mutuamente"; outro vocábulo, bastante próximo e por vezes utilizado como sinônimo é "fraternidade", definível

³ A cidadania concedida, que está na gênese da construção de nossa cidadania, está vinculada, contraditoriamente, à não-cidadania do homem livre e pobre, o qual dependia dos favores do senhor territorial, que detinha o monopólio privado do mando, para poder usufruir dos direitos elementares de cidadania civil. (SALES, 1994)



como "parentesco de irmãos, convivência como de irmãos, amor ao próximo". O termo solidariedade tem sua origem associada ao étimo latino *solidarium*, que vem de *solidum*, *soldum* (inteiro, compacto). O termo é tratado como uma forma de pensar contrária ao egoísmo. Prossegue:

No Estado clássico, de orientação liberal, a solidariedade não é posta como um princípio básico de atuação estatal. Embora não chegue a ser desestimulada, a liberdade é tomada como valor mais importante parecendo que a solidariedade é vista como preocupação da sociedade civil e não do Estado. No moderno Estado social, não se tem a mera pretensão de se garantir a liberdade, mas também de estimular a atuação de toda a sociedade em prol da igualdade. Daí a intenção de que a solidariedade deixe de ser apenas algo "desejável" para se tornar atuação obrigatória de toda a sociedade. O estado social não quer ser neutro e propõe-se a corrigir as desigualdades, posicionando-se como protetor do mais fraco. A solidariedade surge como justificadora dessa intenção. (ROSSO, idem, p. 29)

Conforme salienta Farias (1998, p. 190) a lógica da solidariedade se traduz por uma nova maneira de pensar a sociedade e por uma política concreta, não somente de um sistema de proteção social, mas também como "um fio condutor indispensável à construção e à conceitualização das políticas sociais.

Trata-se de um tema de grande relevância no atual momento democrático brasileiro e que requer uma analise histórica, jurídica, sociológica e pedagógica sobre o conceito e alcance conforme estampa o artigo 3º da Constituição Federal já citado e a internalização do sentido da solidariedade nos dias hodiernos para se construir uma sociedade, plural, diversa, em um modelo justo para todos e, principalmente solidário.

SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA CONSTITUCIONAL BRASILEIRA

No Brasil no fim do século XIX e início do século XX o discurso solidarista não passou despercebido por Rui Barbosa, Tobias Barreto e Joaquim Nabuco. Após 1919 Rui Barbosa negou o individualismo jurídico e passou a reconhecer a superioridade do trabalho sobre o capital e, que deu as constituições políticas um sentido puramente econômico. Para o jurista as velhas cartas precisavam ser revistas, uma vez que foram elaboradas sob o influxo dos princípios individualistas de 1789, insubsistentes diante da chamada socialização, que era aclamada por todo o mundo. Alguns juristas defendiam o direito como uma disciplina social. A luta estava sendo travada entre o individualismo jurídico e político já definido e a implantação do solidarismo, uma nova concepção de sociedade. Verificou-se que venceu a primeira teoria a do individualismo, por séculos. O próprio Código Civil de 1916 é um diploma de regramentos individualistas sobre posse, propriedade, família, empresas. Não tem nenhum condão solidarista, in-



clusive o novo Código de 2003 acabou reproduzindo o discurso individualista.

À luz de Farias (1998, pag. 185)

No início do Século XX, a ideia de solidariedade, lançada por filósofos, sociólogos e juristas, segue seu curso. Em 1902, na França, por exemplo, a Comissão parlamentar e segundo e de previdência toma uma resolução segundo a qual "a República deve instituir um serviço público de solidariedade social". Essa resolução representava uma política nova, um outro universo político e social diferente daquele do Estado liberal. Há um entendimento de que a dinâmica do reforço do Estado não é dissociável da emancipação da sociedade civil. A estatização e autonominização do social são dois vetores essências da lógica do Estado de solidariedade. É nessa maneira específica de se organizar que o imaginário político do Estado de solidariedade não pode ser reduzido ao imaginário político do Estado liberal. Para o discurso solidarista, o espaço social é formado pelas relações existentes na teia da solidariedade social. O espaço social é o campo da solidariedade social. O discurso solidarista procura criar um espaço social intermediário a fim de romper com as oposições tradicionais entre o público e o privado, o Estado e a sociedade civil, o Estado e o mercado, o político e o econômico, concebendo uma nova forma de Estado que não pode mais ser classificada no quadro do Estado liberal (Estado Protetor.

...no discurso solidarista, a solidariedade social não se realiza exclusivamente pela via do Estado; esta não é a única forma de vida coletiva. O discurso solidarista supõe a existência de uma pluralidade de solidariedades realizadas em todo

o espaço da sociedade civil, onde os grupos sociais são sujeitos de direitos no sentido de que são produtores de direitos autônomos em relação ao Estado.

Segundo FARIAS (idem, p. 194) a solidariedade é uma ideia-força de nossa contemporaneidade, e isso nos remete a um grande paradoxo, pois em uma democracia plural e social, a força motora está na liberdade e a sociedade ainda persiste em uma forma de vida individualista, com um Estado liberal.

Portanto, ao longo da história constitucionalista brasileira podemos observar que as Constituições de 1824 e 1891 sequer continham a palavra "solidariedade". A Constituição de 1937 apresentava somente no art. 40 que: "Aos servidores titulares de cargos efetivos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, incluídas suas autarquias e fundações, são asseguradas regime de previdência de caráter contributivo e solidário", [...]. Ainda no campo da educação afirmava no artigo 130 que: "o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados". A Constituição de 1967 mencionava ser princípio da ordem econômica a "harmonia e solidariedade entre as categorias sociais de produção" (art. 160, inc. IV). Citava-se a solidariedade como um princípio da área educacional (art. 176) o mesmo ocorrendo com as Constituições de 1946 (art. 176) e de 1934 (art. 149) que também lembravam o princípio da solidariedade humana, mas limitado ao capítulo educacional. A Constituição de 1937 que



contemplava em alguns dispositivos o termo solidariedade historicamente tratava-se de uma constituição autoritária, com um governo chefiado por Getulio Vargas que nesse momento fecha o Congresso Nacional e cerceia direitos trabalhistas e individuais. A Carta não representava os anseios populares. Mas certifica-se que o termo solidariedade constava em artigos, mas a internalização do sentido só seria possível com políticas públicas de acepção do real sentido axiológico do termo e a práxis desta assimilação.

Foi somente em 1988 com a inclusão do artigo 3º da Constituição Federal do Brasil que o termo solidariedade passa a ser um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, o qual afirma a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, que garanta o desenvolvimento nacional, a erradicação da pobreza e da marginalização e redução das desigualdades sociais e regionais e finalmente a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Esse artigo passa a ser um marco para um novo modelo de sociedade, de individualista por séculos para uma sociedade solidária, plural, não discriminadora e que promova o bem comum para todos. A adição deste valor nas Instituições brasileiras é que foi e é o grande desafio!

Rui Barbosa buscou na Constituição de 1891 a colação do sentido de solidariedade. Entretanto a elite brasileira preferiu manter o sentido da acepção da palavra para a caridade e deixou a cargo das igre-

jas e instituições filantrópicas a responsabilidade sobre os menos favorecidos. Fato esse que causou a enorme desigualdade social que assola o país até os dias de hoje.

SENTIDO DE SOLIDARIEDADE NA ESFERA JURÍDICA, PEDAGÓGICA E SOCIAL

Mas qual o significado da palavra solidariedade na esfera jurídica, pedagógica e social? Em um país com uma estrutura vertical, autoritária, hierárquica, patriarcal, patrimonial, individualista e dominante de poder, como podemos conceber a ideia de uma sociedade solidária, imiscuindo-se do conceito religioso e de dádivas que tanto imperou em nossa sociedade.

Quanto ao sentido de solidariedade temos que questionar e refletir.

Devemos admitir o fato de que nada é menos evidente que a necessidade de uma solidariedade de todos com todos para que o conjunto sobreviva. Isto é verdade em escala de planeta, de cada sociedade e mesmo de cada organização. Sendo assim, não basta, à maneira de uma "lição das coisas", dizer aos alunos: "Vejam o que se passa, vejam bem que cada um tem interesse em ser solidário". Eles olham e vêem que isso é falso, que muitos têm interesse em não ser solidários. Em suma, o espetáculo do mundo é eloqüente: por toda parte, os poderosos e os ricos prosperam em detrimento dos dominados e dos desfavorecidos. Como um professor pode demonstrar a seus alunos que a sociedade é impossível sem solidariedade? A televisão mostra o contrário



todos os dias. As sociedades e as organizações contemporâneas produzem a exclusão, a injustiça, o sofrimento, além de enormes desigualdades. Isto não provoca sua derrocada. (PERRENOUD, 2003, p. 19)

O sentido ao longo de séculos de história brasileira do real significado da palavra solidariedade ainda persiste obscuro no nosso país. Por longos anos nossos legisladores, juristas, pedagogos e sociólogos por terem tratado a solidariedade como caridade, deixaram para as igrejas e as benevolências o papel de cuidar daqueles menos favorecidos. Nossa sociedade deixou de aplicá-lo no sentido de dependência recíproca, estado o qual duas ou mais pessoas repartam entre si as responsabilidades de uma ação. E este sentido foi tatuado nas leis, na vida, nas escolas, nas igrejas e com isso constituímos até 1988 uma sociedade individualista e a palavra ficou nas Constituições anteriores obsoleta sem sentido prático algum e sem a compreensão de dependência recíproca e ajuda mútua.

E segundo Ferdinand LaSalle (1933, p.13), sociólogo polonês nascido em 1825 e falecido em 1864, no espírito unânime dos povos, uma Constituição deve ser qualquer coisa de mais sagrado, de mais firme de mais imóvel que uma lei comum. Para o sociólogo a Constituição é a soma dos fatores reais do poder que regem um país e que se estas forças não se apóiam resta uma Constituição como mera folha de papel. Lasalle sempre defendeu a colaboração

com o governo para a implementação de medidas socialistas, tendo colaborado com Otto Von Bismarck, precursor do direito previdenciário e da solidariedade entre os contribuintes do sistema de seguridade social. Ambos não apreciavam o laissez-faire. No seu discurso mais famoso em uma Universidade onde a pauta era o esclarecimento do significado da Essência de uma Constituição esclarece que a mesma deve ser o que há de mais sagrado em um país, de mais firme e de mais imóvel que uma lei comum e ela se apóia nos fatores reais de poder que regem uma sociedade.

Ora se temos um artigo 3º exaltando uma sociedade solidária assim sendo todo o governo que assume a pauta política, jurídica, social, pedagógica deve cumprir com o ideário do Poder Constituinte originário que encabeçou o projeto de 1988 e, finalmente fez constar e determinar como objetivo de Estado brasileiro constituir uma sociedade justa, livre e solidária. Anseios auspiciosos de Rui Barbosa desde 1891 e que somente em 1988 foi finalmente enraizado no espírito programático de nossa nação.

DURKHEIM E A SOLIDARIEDADE ORGÂNICA E MECÂNICA

Durkheim (1998, p. 47), sociólogo francês nascido em 1858 escreveu em seu livro "A divisão do Trabalho Social" sobre a interpretação dos vínculos sociais através do conceito de solidariedade mecânica



e solidariedade orgânica. Este registro foi um marco no campo do social sobre o individual. Afirmava que a solidariedade mecânica se referia ao vínculo moral entre indivíduo e sociedade, enquanto a solidariedade orgânica se referia a uma relação puramente econômica - interdependência funcional dentro da divisão do trabalho. Prossegue o autor que na solidariedade mecânica cada indivíduo permanece largamente inconsciente em seu "isolamento" como indivíduo já que, dominado pelo conscience colletive, ele compartilha traços similares com outros membros da sociedade, os limites da sua autonomia estão estritamente confinados. Já a solidariedade orgânica estava no fato de que o vínculo do indivíduo com a conscience colletive era mediado por seus laços com outros grupos, especialmente os criados pela especialização ocupacional na divisão do trabalho.

Segundo Vares (2013, p. 153)

O conceito de "solidariedade mecânica", tal como Durkheim o empregava, permite-lhe expor as fragilidades da argumentação utilitarista, que combateu nesta fase da vida. Segundo os seus representantes, a solidariedade social resultava de trocas econômicas espontâneas entre os indivíduos. Na contramão das explicações oferecidas pela filosofia utilitarista, Durkheim demonstra que não é o indivíduo que funda a sociedade, pois, enquanto categoria sociológica, sua emergência é mais recente do que os utilitaristas podiam antever. Ademais, este também não podia ser responsável pela solidariedade social, visto que qualquer laço contratual pressu-

põe uma estrutura moral minimamente ordenada. Assim, subjacente à utilização do conceito de "solidariedade mecânica" repousa a convicção de que é a sociedade que funda o indivíduo e não ao contrário, como pretendiam os representantes do pensamento utilitarista. Prova disso é o alargamento das liberdades individuais decorrente do advento moderno. Como tratou de demonstrar, o individualismo – entendido em um sentido muito especial, que nada tem a ver com o sentido que os utilitaristas lhe davam – é produto da emergente sociedade moderna, em que a forma de solidariedade difere da que caracterizava os organismos primitivos.

Para Durkheim (idem, p. 39) a solidariedade real liga as coisas as pessoas, mas não as pessoas entre si. As pessoas poderiam viver sozinhas no mundo fazendo abstrações entre si. Neste caso a solidariedade seria absolutamente negativa, pois ela não gravita a favor do bem comum, mas orbita entorno da vontade uns dos outros, e, portanto, não há consenso tampouco entram em conflito. Admite o autor que se imaginássemos uma sociedade em que um único indivíduo reinasse, ele reinaria sozinho, se parecerá com uma grande constelação, mas, neste caso esta solidariedade não contribuiu em nada para a unidade do corpo social. Há um esvaziamento do sentido da solidariedade.

A solidariedade mecânica para Durkheim é típica de sociedades primitivas, tribais, onde a compartilham-se cultura, noção de valores, tanto sociais e de interesses materiais. Essas vontades comuns que



irão assegurar a coesão social. A sociedade orgânica já aparece nas sociedades mais modernas, mais complexas, plural e diversa. Neste caso diante da complexidade e da crescente divisão do trabalho para a sociedade funcionar faz-se também necessária a interdependência entre os indivíduos. Para garantir o fluxo normal desta sociedade a solidariedade fica resguardada não na cultura, religião, nas crenças, nos valores sociais, mas, também fica garantida através de códigos e regras de conduta que irão disciplinar acerca dos valores, dos direitos e dos deveres que se darão através do direito. Por isso ressaltamos neste opúsculo o artigo 3º da Constituição Federal e a afirmação do direito de solidariedade como um dos objetivos da nação reafirmados na carta maior de nosso país, uma vez tratar-se de um país plural, diverso, e que foi colonizado por várias etnias.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das achegas teóricas pode-se verificar que o sentido do significado da palavra solidariedade ainda resta obsoleto, sem expressão em nosso país, embora passados 28 anos da promulgação da Carta de 1988 que edificou o Estado Democrático de Direito.

Ao longo da história brasileira percebe-se um esforço hercúleo de Rui Barbosa na implantação, não só da palavra solidariedade na Carta de 1891, como a sua adequação no novo modelo Republica-

no que se instalava no país após 60 anos da Carta Monárquica.

Vários são os teóricos que procuram entender e explicar o sentido de solidariedade novo cenário democrático.

Segundo Diniz (2007, p. 172)

O primeiro contato com a noção de solidariedade mostra uma relação de pertinência: as nossas ações sociais repercutem, positiva ou negativamente, em relação a todos os demais membros da Comunidade. A solidariedade implica, por outro lado, a co-responsabilidade, a compreensão da transcendência social das ações humanas, vem a ser, do co-existir e do conviver comunitário. Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento. A solidariedade, desse modo, exorta atitudes de apoio e cuidados de uns com os outros. Pede diálogo e tolerância, reconhecimento ético e, portanto, co-responsabilidade.

Santos (1999, p. 205) assevera que

Todo ato de conhecimento é uma trajetória de um ponto A, que designamos por ignorância, para um ponto B, que designamos por conhecimento. No projeto da modernidade, podemos distinguir duas formas de conhecimento: o conhecimento-regulação, cujo ponto de ignorância se designa por colonialismo e cujo ponto de saber, de solidariedade. Apesar destas duas formas de conhecimento estarem ambas inscritas na



matriz da modernidade eurocêntrica, a verdade é que o conhecimento-regulação veio a dominar totalmente o conhecimento emancipação. Isso deveu-se ao modo como a ciência moderna se converteu em conhecimento hegemônico e se institucionalizou como tal. Ao negligenciar a critica epistemológica da ciência moderna, a teoria critica, apesar de pretender ser uma forma de conhecimento-emancipação, acabou por se converter em conhecimento-regulação. Para a teoria crítica-moderna, ao contrário, todo conhecimento crítico tem de começar pela crítica do conhecimento. Na atual fase da transição paradigmática, a teoria crítica pós-moderna constrói-se a partir de uma tradição epistemológica marginalizada e desacreditada da modernidade, o conhecimento-emancipação. Nesta forma de conhecimento, a ignorância é o colonialismo e o colonialismo é a concepção do outro como objeto, e, consequentemente, o não reconhecimento do outro como sujeito. Nesta forma de conhecimento, conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito. Este conhecimento-reconhecimento é o que designo por solidariedade.

Ainda segundo Farias (idem, pag. 188);

No pensamento ocidental, a ideia de solidariedade não é nova. A origem da ideia de solidariedade teria duas vertentes intelectuais. O estoicismo e o cristianismo primitivo. Os juristas romanos também utilizavam a palavra solidariedade par designar o laço eu une os devedores de uma soma, de uma dívida, cada um sendo responsável pelo todo, era a responsabilidade *in solidum*, a responsabilidade solidária. Ser solidário é pensar no todo, é pensar no outro como colaborador de uma sociedade justa, livre e solidária. Um grande desafio para nós brasileiro, oriundos de um país de uma elite autoritária, vertical e hierárquica. Esse novo modelo de valor irá, sem dúvida, agregar um novo olhar para aqueles que nunca foram vistos e com a sua constituição de sujeito, com olhar solidário iremos construir uma sociedade não só justa, livre e solidária, mas acima de tudo emancipatória.

E para tal desafio precisamos de políticas públicas que não só tenham políticas de proteção como também de promoção ao desenvolvimento humano e consequentemente a emancipação do sujeito brasileiro.

Em uma sociedade, como a nossa, brasileira, constituída sobre uma estrutura patrimonialista, patriarcalista, vertical, individualista e autoritária que somente produzia herdeiros e mão de obra a serviços dos herdeiros, sem conseguimos nos desligarmos do modelo escravagista, como constituir novos sujeitos em um novo paradigma de sociedade, ou seja, horizontal, solidarista, comunitária, coletiva e harmônica e respeitando as diversidades?

Como podemos produzir novos sujeitos de direito em um novo paradigma societário, estatuído na nossa Carta Política? Somente positivar não reforma, é necessário conscientizar: Que tipo de pessoas (sujeitos de direito) queremos inserir nesta nova sociedade democrática brasileira? E, para isso



o papel mais importante desta transformação será feita através do professor, educador, através da escola, mudando em primeiro lugar seu paradigma de educação e seu olhar sobre a sociedade brasileira.

Como transformar uma sociedade enrijecida pelo tempo e consumida por ideais escravagistas para uma sociedade solidária, onde o outro faz parte de nós e sem o direito do outro o todo fica solapado? Este é o desafio deste trabalho, Como ultrapassar o modelo tradicional para o modelo solidarista de mundo? De uma sociedade liberal, individualista para uma sociedade social e solidária?

O discurso solidarista nasce de uma critica a democracia burguesa, ele é ao mesmo tempo o mais poderoso agente do reconhecimento e ampliação do sufrágio universal, das liberdades políticas, dos direitos sociais e da democracia representativa.

Para Eduardo Galeano, escritor uruguaio nascido em 1940 e falecido em 2015 acerca da solidariedade assim afirmava "Eu não acredito em caridade. Eu acredito em solidariedade. Caridade é tão vertical: vai de cima para baixo. Solidariedade é horizontal: respeita a outra pessoa e aprende com o outro. A maioria de nós tem muito o que aprender com as outras pessoas".

Acredito ser esse o novo desafio de nossa sociedade brasileira compreender e inserir a inserção da compreensão do sentido de solidariedade nas Instituições brasileiras, e que este sentido se desloque do sentido de caridade para o sentido de respeito ao outro e sua pluralidade.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Marcio Augusto de Vasconcelos. Estado Social e Principio da Solidariedade. **Revista Nomos** - Edição Comemorativa dos 30 anos do Mestrado em Direito / UFC. 2007 p. 171-184. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/ bitstream/ riufc/12347/1/2007_art_mavdiniz.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017

DURKHEIM, Émile. A função da Divisão do Trabalho. **Solidariedade mecânica ou por similitude**. São Paulo: Nova Cultural, 1978, p 13- 47. (Col. Os Pensadores).

FARIAS, A Origem do Direito de Solidariedade. **O Solidaris-mo Jurídico**. Rio de Janeiro: Renovar, 1998, p. 221-274

PERRENOUD, Philippe. As competências a serviço da solidariedade. In **pátio**, 2003, n° 25, p, 19-24. Disponível em: http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/ php_main/php_2003/2003_07.html>. Acesso em: 29 jun. 2016.

ROSSO, Paulo Sérgio. Solidariedade e Direitos Fundamentais na Constituição Brasileira de 1988. **Revista Eletrônica do CEJUR**, a. 2, v. 1, 2, ago/dez 2007, p. 7091- 7010. Disponível em: http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/paulo_sergio_rosso.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.

SALES, Teresa. Raízes da Desigualdade Social na Cultura Política Brasileira. **Rev. bras. Ci. Soc.** v.9 n.25 São Paulo jun. 1994. ANPOCS. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&i-d=212:rbcs-25&catid=69:rbcs&Itemid=399#2. Acesso em: 20 mai. 2015.



SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. Porque é tão difícil construir uma teoria critica? **Revista Critica de Ciências Sociais** nº 54, p. 197-215, jun 1999.

VARES, Sidnei Ferreira de. Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica em Emile Durkheim: Dois Conceitos e um Dilema. **Mediações Londrina** v. 18 n. 2, p. 148-171, Jul/Dez. 2013 DOI: 10.5433/2176-6665.2013v18n2p148. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/17317-71300-1-SM%20(1). pdf>. Acesso em: 01 ago. 2016.



ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM DESIGN EDITORIAL NO JORNALISMO: UMA APROXIMAÇÃO DA NOÇÃO DE CAMPO DE PIERRE BOURDIEU

PROFESSIONAL PERFORMANCE IN JOURNALISM EDITORIAL DESIGN: AN APPROACH PIERRE BOURDIEU FIELD NOTION

Patricia Lopes Damasceno¹ - UFRGS

Resumo: No presente trabalho busca-se uma aproximação entre a noção de campo de Pierre Bourdieu (1989; 2007) e a área de atuação do profissional de design editorial em jornalismo, com vistas a levantar parâmetros possíveis para identificar o que estrutura e como se configura a existência deste. Tal aproximação faz parte da fase inicial da exploração do tema de uma pesquisa de doutorado que pretende investigar como os profissionais que atuam no campo do design percebem a sua atuação no cenário editorial – de jornais e revistas – vigente. O estudo também se vincula às pesquisas que vêm sendo realizadas pelo Laboratório de Edição, Cultu ra e Design (LEAD) da UFRGS, o qual vem realizan

do pesquisas sistemáticas ao longo dos últimos anos no espaço da produção editorial.

Palavras-chave: Design editorial. Campo; Bourdieu. Atuação. Profissional.

Abstract: In the present work seeks an approximation between Pierre Bourdieu's notion of field (1989, 2007) and professional practice area of editorial design in journalism, in order to raise possible parameters to identify what structure and how to set up the existence of this. This approximation is part of the initial phase of exploration of the topic of a doctoral research aims to investigate how the professionals working in the design field realize his operations in publishing scene - newspapers and magazines - in force. The study also linked to the researches there are being conducted by Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) da UFRGS, which has been carrying out systematic researches over the past few years in the space of editorial production.

Keyword: Editorial design. Field. Bourdieu. Professional performance.

¹ Doutoranda e Mestre em Comunicação e Informação pela FABICO/UFRGS. Graduada em Design Gráfico pela UFPel e em Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda pela UCPel. E-mail: pldamasceno@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Um dos primeiros aspectos que justificam esse ensaio e a respectiva abordagem aqui proposta é que pouco se sabe sobre a atuação do profissional de design editorial em jornalismo e, consequentemente, como se conformou esse grupo que fez parte da construção dos produtos editoriais que, por sua vez, também configuram essa área de atuação. Muitos dos enfoques conferidos pelas pesquisas em design nessa ceara² se concentram na evolução da forma da notícia, citando em alguns momentos poucos nomes importantes que interferiram nesse contorno, mas principalmente abordando quais foram as principais reformulações gráficas ocorridas em cada período (SOUZA, 2005; 2008). Saliente-se ainda que, em uma primeira busca de trabalhos recentes a respeito do assunto - estado da arte ainda em construção -, percebe-se que raros discutem em profundidade a profissão do designer - competências, aspectos da identidade profissional, percepções, valorações, etc. Atitude que diz respeito ao que Lopes (2010) identifica como uma das carências nos estudos em comunicação, o fato de não se filiarem a um quadro teórico de referência que reflete a escolha por um critério epistemológico em torno da diversidade de paradigmas existentes.

Diante disso, visando a construção de uma pesquisa de doutorado e tendo por base o que Braga

(2005) observa sobre a elaboração de sua problemática central, começou-se pela formulação do que o autor indica como questão inicial. Atualmente essa questão compreende investigar como os profissionais que atuam no cenário editorial vigente - de jornais e revistas - conformam um campo específico do design e como percebem a sua atuação. Tendo essa temática como referência e considerando ainda a fase inicial da pesquisa, acabamos chegando naquilo que Braga (2005, p. 288) sugere por "sacações", ou seja, "aquelas ideias explicativas ou interpretativas que acabamos descobrindo simplesmente por nos envolvermos continuamente com um tema, por experiência prática ou por leituras". Dessa maneira, foi inevitável chegar na noção de campo de Pierre Bourdieu (1989; 2007), com vistas a levantar parâmetros possíveis para identificar o que estrutura e como se configura a existência do campo aqui visado. Inclusive, nesse estágio nos indagamos sobre se realmente se poderia afirmar a existência deste, questionamento que então norteou a construção deste ensaio.

Mesmo reconhecendo a complexidade da totalidade da obra de Bourdieu – até da própria a noção de campo –, sua densidade e que muitos são os estudiosos que se dedicam exaustivamente a compreensão de suas teorias, acreditamos ser possível algumas conjecturas teóricas iniciais – ação que por si só conformou um desafio, uma vez que muitos são os

² BARNHURST, 1994; FROST, 2003; GARCIA, 1987; LAREQUI, 1994; LOCKWOOD, 1992; ZAPPATERRA, 2007.



desdobramentos possíveis a partir da obra do filósofo. Saliente-se que também não se tem a intenção de reduzir os conceitos, nem mesmo construir um pretenso ar de familiaridade com uma concepção propositalmente complexa. Como o próprio Bourdieu (1989, p. 63) lembra, a pesquisa científica pode fornecer métodos de pensamento, princípios de composição, porém adverte que essa não é uma tarefa fácil: "a apropriação ativa de um modo de pensamento científico [...], é tão difícil e tão rara, não só pelos efeitos de conhecimento que produz, mas pela sua elaboração inicial". Então, nossa intenção não é a de esmiuçar as teorias bourdieusianas, tem-se finalidade de levantar ideias-chave, parâmetros para pensar o campo de atuação em design editorial de jornais e revistas, esboçando possibilidades analíticas que situem e contextualizem a atuação do designer³.

Considerando essa contextualização, de antemão já alertamos sobre dois pressupostos importantes antes de iniciar o desenvolvimento deste ensaio. Primeiro, de acordo com Mouillaud (2002) podemos considerar jornais e revistas como *dispositivos*, que dependem de sua forma para construir sentido junto ao leitor. Igualmente, a perspectiva histórica nos mostra que ao longo do tempo a atividade de de-

sign integrou-se cada vez mais ao fazer jornalístico, contribuindo para consolidação desses periódicos (SOUSA, 2005). A relação entre forma e conteúdo revela a atuação especializada do design, uma vez que passa a operar em um universo de códigos e práticas próprios, nesse caso, vinculados a uma cultura bastante particular que configura a práxis jornalística. Correspondendo a isso, o design passa a incorporar tais práticas de modo indissociável de sua atividade nesse contexto. Com efeito, entender mais sobre o campo de produção do jornalismo, é conhecer os parâmetros que guiam a atuação do designer editorial de jornais e revistas.

Em segundo lugar, essa situação da presença de designers nas redações é recente. No passado, observa-se que os profissionais que detinham a responsabilidade pela configuração gráfica de jornais e revistas eram oriundos das oficinas gráficas, aprendiam a função com outros profissionais que os precediam ou, ainda, o cargo era exercido pelos próprios jornalistas que se especializavam na atividade de planejamento gráfico. Mesmo assim, hoje se pode observar que essa é uma atividade predominantemente desenvolvida por designers⁴ (GRU-ZYNSKI; SANSEVERINO, 2014).

³ Para dar conta do questionamento central da pesquisa de doutorado, além da recuperação teórica, intentamos realizar entrevistas com profissionais do setor da produção editorial de jornais e revistas, a fim de captar os valores compartilhados por esse grupo e o que dizem sobre si, aspectos que se inserem tanto no conceito de campo como de *habitus*.

⁴ O campo do design em projeto editorial dispõe de uma condição estabelecida, haja vista o surgimento de escritórios especializados nessa área e a preocupação com espaço visual das publicações, que tem recebido evidente atenção por parte dos principais periódicos do país.



2 O GERAL DA TEORIA

Um dos primeiros e principais aspectos evidenciados por Bourdieu (1989; 2007) para compreender o conceito de campo é que este se constitui como um espaço social de relações objetivas, relações entre as posições ocupadas por agentes do campo que determinam a forma dessas interações. Então, a noção de campo compreende um universo relativamente autônomo de relações objetivas, onde se encontra objetivamente definida a relação entre cada agente e a sua própria ação. Portanto, segundo o sociólogo, em termos de análise, o objetivo do analista deve ser o desvelar essa lógica original das relações. Outra ideia central desse conceito é a autonomia relativa, que pode ser compreendida como aquilo que orienta e distingue cada campo de modo específico, para além de sinais externos, socialmente conhecidos e reconhecidos, da sua identidade.

Desse modo o autor começa esboçar o que chama de *teoria geral dos campos*, ou seja, um instrumento de pensamento passível de ser aplicado a diferentes domínios, a se considerar as propriedades específicas de cada campo. Com base nisso, afirma que são permitidas pela tradição epistemológica homologias estruturais e funcionais entre todos os campos.

Além disso, a paciência das aplicações práticas repetidas deste método é uma das vias possíveis da 'ascensão semântica' permitindo levar a um nível de generalidade e de formalização mais

elevado os princípios teóricos envolvidos no estudo empírico de universos diferentes e as leis invariantes da estrutura e da história dos diferentes campos. Estes, em consequência das particularidades das suas funções e do seu funcionamento, denunciam de maneira mais ou menos clara propriedades comuns a todos os campos (BOURDIEU, 1989, p. 67).

Conforme exemplifica o autor quando cita que a análise do campo da alta costura levou a uma das propriedades de todos os campos da produção cultural, onde percebeu a lógica da produção do produtor e do produto como feitiços (fetichismo da mercadoria), nessa progressão se acredita ser viável vislumbrar o campo da produção editorial em design considerando os exames que o próprio Bourdieu elabora a respeito do campo religioso, jurídico, político, intelectual, da produção cultural e outros, encontrando talvez ainda mais proximidades com os dois últimos.

2.1 A essência pela história

Nessa teoria geral dos campos, Bourdieu (1989) propõe ser fundamental a análise histórica do campo na busca por compreender não só sua lógica, mas a sua essência. Ao exemplificar essa abordagem no modo como a ciência deve apreender a *obra de arte*, o autor salienta a *dupla necessidade do campo*: a necessidade interna, de tornar-se necessário ele próprio; e a necessidade externa do encontro entre uma



trajetória e um campo. Assim, percebe-se a importância da busca pela gênese do fenômeno a partir de um viés histórico que dá conta da sua constituição enquanto produto da própria trajetória. A história, portanto, permite contextualizar o campo analisado em sua relação com os acontecimentos de modo a emergir sua essência⁵.

Disso, também podemos depreender a importância do produto do produtor para compreender o campo, pois as relações objetivas entre os agentes são também definidas por sua própria obra, passada ou presente, fato que também confere a autonomia relativa. As formas de expressão e representação, ou seja, aquilo que distingue e define de modo exclusivo a prática de um campo, encontram-se também situadas em sua trajetória histórica. A exemplo, é pertinente resgatar o que o autor esboça sobre esse aspecto no campo artístico

Para explicar o fato de arte parecer encontrar nela própria o princípio e a norma de sua transformação – como se a história estivesse no interior do sistema e como se o devir das formas de representação ou de expressão nada mais fizesse além de exprimir a lógica interna do sistema – não há necessidade de hipostasiar, como frequentemente se faz, as leis dessa evolução; se existe uma história propriamente artística, é, além do mais, porque os artistas e os seus pro-

dutos se acham objetivamente situados, pela sua pertença ao campo artístico, em relação a outros artistas e aos seus produtos [...] (BOURDIEU, 1989, p. 71 -72).

Em relação a história do campo que pretendemos investigar, nota-se que o design passa a se estabelecer enquanto profissão sob condições específicas de uma época em que o processo de fabricação já atingia recursos de produção em série por meios mecânicos. Cardoso (2004) explica que os primórdios da profissão caracterizam-se pelo momento de uma transição entre as etapas do processo fabril, em que antes o artesão era responsável por conceber o projeto e executar o artefato, passando, então, para a circunstância em que a tarefa de projetar separa-se da de fabricar. Assim, estabelece-se uma das principais conceituações sobre atividade, a de que o design opera em duas instâncias: "atribuindo forma material a conceitos intelectuais" (CARDOSO, 2004, p. 14). Disso, podemos depreender uma das essências do design: o fato de ser uma atividade intelectual ligada a concepção formal de objetos.

Diante de tal perspectiva, uma das primeiras manifestações genuínas de design se dá na produção de projetos gráficos para livros, paralela à introdução no século XV da imprensa com tipos móveis. Fato que marca na gênese da atividade sua relação

⁵ A exemplo Bourdieu (1989, p. 71) observa: "Com efeito, de depuração em depuração, as lutas que têm lugar no campo da produção poética conduziram a que se isolasse, pouco a pouco, o princípio essencial do efeito poético, quer dizer, o essencial daquilo que separa a poesia da prosa [...], o efeito poético de desbanalização das palavras e das coisas".



com a produção editorial. Inclusive, segundo o que indica a *Associação Nacional dos Designers* (2003), a atuação do designer em projeto gráfico para livros auxiliou a atividade a popularizar-se.

A primeira vez que a palavra designer foi empregada data, segundo registro do Oxford English Dictionary, do século XVII. No entanto, seu uso mais frequente ocorreu somente no início do século XIX, já com um número considerável de profissionais que assim de intitulavam. Logo depois, com a primeira Revolução Industrial, houve uma divisão mais marcante do trabalho nas indústrias com a instituição de diversas etapas do processo produtivo que ampliaram as possibilidades de atuação desse profissional. Além disso, esse período testemunhou uma mudança profunda nas relações sociais, em que o consumo passou a expressar a identidade de pessoas ou de grupos. Assim é que a figura do designer emerge do anonimato das grandes fábricas e se constitui como um profissional liberal mediante a afirmação de sua identidade social (CARDOSO, 2004).

Paralelamente, a história do design também nos mostra o quanto a sua origem esteve relacionada à diferentes áreas como a arquitetura e, principalmente, ao ensino e à arte⁶. (CARDOSO, 2004; NIE-MEYER, 2000). Mesmo assim, o conceito de design ainda é recente, pois se firmou no século XX. Sua consciência enquanto profissão e o entendimento do que faz seu profissional não é algo claro. Um dos aspectos que fortalece a confusão acerca da origem e das atribuições do designer diz respeito às muitas segmentações e especializações de design espalhadas pelo Brasil. Conforme exposto, outro fator é o caráter acessório atribuído ao design, como se este fosse algo superficial, cuja função seria puramente a ornamentação.

3 A LEGITIMAÇÃO

3.1 As esferas legítimas primárias

Para Montagner e Montagner (2011) textos posteriores de Bourdieu⁷, ampliam a teoria geral dos campos e fornecem novas nuances para reflexão. Dentre elas se situa a luta pela legitimidade um campo particular. Nessas construções o autor investiga mais detidamente o *campo do poder* e o *campo da produção* de bens simbólicos. Assim, Bourdieu

⁶ Muitos dos professores da Bauhaus (primeira escola de design, criada na cidade alemã de Weimar, em 1919) ou de Ulm (Escola Superior da Forma de Ulm, 1953-1968), até mesmo da brasileira ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial, criada no então estado da Guanabara, em 1962) foram artistas. Durante a primeira fase da Bauhaus, sob a direção de Gropius, a proposta do ensino sempre esteve relacionada ao fazer artístico e arquitetônico.

⁷ Por exemplo, presentes em seu livro *A economia das trocas simbólicas*, como: Mercado de bens simbólicos; Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe; Gênese e estrutura do campo religioso; entre outros.



inicia um processo de desvendar relações complexas entre as formas de poder e o modo de funcionamento de cada campo. No que se refere ao campo da produção em específico, o autor percebe tensões entre o campo da produção *erudita* e o da *indústria cultural* e as formas com que lutam pela legitimação de suas obras.

As invariantes estruturais que geram um campo específico integram sua luta pela legitimidade. Essa legitimidade seria a luta de um campo pelo domínio e posse de um elemento simbólico específico, referente ao espaço social ao qual pertence. Assim, torna-se reconhecível que cada campo apresenta suas "esferas de legitimação", aquelas oficiais, reconhecidas pelo poder político e pela sociedade. Por exemplo, no contexto do campo artístico seriam as universidades, as academias, as galerias e museus, onde estariam situadas todas as artes ditas nobres, como a música clássica, a pintura, a escultura, a literatura e o teatro. E as esferas extraoficiais, as "esferas do arbitrário", que compreenderiam instâncias de legitimação não reconhecidas socialmente enquanto tais, como a publicidade, jornais, revistas, eventos públicos, exposições, etc. Desse modo, entre essas duas dimensões pode existir uma produção cultural limiar que pode assumir feições de legítima, quando tratada de maneira culta, como o cinema, a fotografia, ou ainda admitir feições populares (MONTAGNER; MONTAGNER, 2011).

Sob esse aspecto, verifica-se que encontramos instâncias de legitimação da "esfera do legítimo" que marcam a existência do design como profissão. Haja vista que as universidades formam um campo de legitimação dos mais influentes para o autor, verifica-se que em 1976 já existiam dezesseis cursos de design no país, fenômeno desencadeado pelo incentivo do governo federal às áreas tecnológicas e os sucessivos cortes nas áreas sociais e artísticas que culminaram na transformação, às pressas, de quase a metade dos cursos de artes em design (NIEMEYER, 2000). No ano de 1985 foi feito um levantamento pelo CNPq, do qual resultou a publicação Desenho Industrial: uma perspectiva educacional, atestando que havia no Brasil 19 Instituições de Ensino Superior (IES) com cursos de design, das quais 42% eram do setor público. No início de 2000 já estavam em funcionamento no Brasil 54 IES com cursos na área. Em pouco tempo, 2004, tem-se outro crescimento notável, onde 107 instituições e 201 cursos já eram autorizados no país (DIAS, 2004).

A partir da instauração das novas Diretrizes Curriculares⁸ no Brasil, destaca-se outro aspecto dentre as esferas de legitimação, a criação, em 1998, da CEEDesign – Comissão de Especialistas de

⁸ DCNs, por intermédio dos Pareceres CES/CNE 0146/2002, 67/2003 e 0195/2003 –, onde foram constituídas as mais recentes orientações para elaboração dos currículos, tendo em vista conteúdos comuns, a flexibilidade e a qualidade da formação, movimento em resposta a rígida estrutura proposta pelo Currículo Mínimo (LDB 4.024/61) (COUTO, 2008).



Ensino do Design –, composta a partir da consulta realizada pela então SESu/MEC – Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto – às instituições de ensino de bacharelado em design do país.

Para alcançar tais objetivos, foi realizada uma série de eventos e atividades, que contaram com ampla participação de docentes e alunos de boa parte das IES do país, dentre eles: o primeiro Fórum de Dirigentes de Cursos de Desenho Industrial, em 1997, com a participação da Associação de Ensino de Design do Brasil (AEnD-BR) e de quatro Associações Independentes; na sequência, o II Fórum de Dirigentes de Cursos de Desenho Industrial, durante o VII Encontro Nacional de Ensino Superior de Design - ENESD, também em 1997, desta vez, com a presença do Conselho Nacional dos Estudantes de Design - CONE Design. Até esse momento, como resultado do trabalho desenvolvido, foi possível determinar um modelo básico que relacionava quatro grandes áreas de conhecimento relativas à formação do designer: (1) fundamentação, (2) planejamento e configuração, (3) sistemas de utilização e (4) sistemas de produção; por último o III Fórum de Dirigentes de Cursos de Desenho Industrial, durante o VIII Encontro Nacional de Ensino Superior de Design – ENESD, em 1998, onde o modelo básico anteriormente desenvolvido recebeu ajustes (COUTO, 2008; DIAS, 2004).

Saliente-se ainda que, com base na nomenclatura adotada pelo V Encontro Nacional de Desenho Industrial (ENDI), realizado em 1988, em Curitiba, o termo designº foi adotado no Brasil e foram sugeridas duas habilitações, design de produto e design gráfico, sendo o profissional nomeado designer. As próprias Diretrizes Curriculares específicas dos cursos de design definiram que a designação deveria ser 'Bacharelado em Design', seguido do nome da habilitação ou ênfase, conforme cada caso. Conforme apontado anteriormente, o design editorial é uma área de atuação específica do design gráfico que se dedica à elaboração de projetos para publicações – edições como livros, jornais e revistas.

O exposto permite notar que muitas são as instâncias legítimas e arbitrárias que atestam a atuação profissional em design, tendo como centro o ensino superior, característica que até poderia representar reserva de mercado a ser garantida pela regulamentação da profissão que não foi aprovada¹⁰. Mesmo sem a intenção de entrar no mérito dessa questão,

⁹ As palavras estão em itálico segundo grifo do próprio autor.

Projeto de Lei nº 1391, de 18 de maio de 2011, do Deputado Penna, que dispunha sobre a regulamentação do exercício profissional de design. Inicialmente teve aprovação na Câmara dos Deputados, da Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público e da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Porém a Presidente da República Dilma Rousseff o vetou integralmente.



na atividade de planejamento gráfico desenvolvida nas redações de jornais, a qual nos interessa, observa-se que nos primórdios esse posto normalmente era ocupado por um profissional de formação não ortodoxa. De um lado existia o profissional que emergia das oficias gráficas ou aprendia o "ofício" com outros que desempenhavam a função. De outro lado também encontramos a situação em que os próprios jornalistas realizavam o planejamento gráfico dos periódicos.

Na imprensa, por exemplo, projetos gráficos de revistas e suplementos de grandes jornais são comumente realizados por jornalistas que se especializam neste tipo de atividade (e que, no jargão do jornalismo, ainda são errônea e genericamente identificados como *diagramadores*) (VILLAS-BOAS, 2000, p. 35).

Foi somente no século XX que as páginas de jornais trouxeram nomes de profissionais responsáveis por sua configuração gráfica. Conforme indica Souza (2005), no Brasil na década de 1930 o design começou a ser uma expressão mais recorrente na imprensa com a introdução de conceitos de composição. Porém, expandiu sua atuação entre as décadas de 1950 e 1970, quando o setor gráfico vivenciou um grande crescimento, também graças ao desenvolvimento industrial do governo da época. Tal desenvolvimento atingiu também as redações, e a imprensa presenciou um momento de prestígio. Experiências editoriais como o *Diário Carioca*, reformulado por Pompeu de

Souza e como o *Jornal do Brasil* (JB), com projeto gráfico de Amilcar de Castro, consagraram uma nova dinâmica gráfica nas publicações (BAHIA, 1990).

3.2 As esferas legítimas secundárias

Nessa perspectiva, Bourdieu (2007) explica que após o renascimento surgiram outras instâncias de legitimidade, dessa vez criadas e reguladas por seus próprios agentes. Nessas o processo de autonomização da produção é decorrente da constituição de categorias de profissionais, então mais vinculados a corresponder a demanda de um público consumidor crescente, situação que propicia a independência econômica dos produtores. Essa profissionalização faz com que grupos de profissionais reconheçam um tipo de conhecimento próprio, de domínio técnico e passem a estabelecer suas normas - também herdadas de seus predecessores - que dão acesso a profissão e marcam esse ponto de ruptura dos controles sociais exclusivamente externos, como o acadêmico e o político. Esse princípio de legitimação paralelo possibilitou a diversificação e a multiplicação das instâncias de consagração e difusão, que no caso editorial inclui o próprio mercado especializado, como as editoras e veículos.

Desse modo, o capitalismo e a revolução industrial forneceram as condições necessárias para ampliação do campo de produção de bens culturais que, de acordo com o autor, são também os fatores



que determinam o processo de diferenciação das esferas da atividade humana e da constituição de sistemas dotados de independência relativa e regidas por leis próprias¹¹, situação na qual inferimos que Bourdieu (2007) situaria a produção editorial vinculada ao jornalismo e os seus profissionais.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular do jornalismo, área de atração para os intelectuais marginais que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face - mercadorias e significações -, cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos que a sanção econômica reafirma a consagração cultural (BOURDIEU, 2007, p. 103).

De um lado notamos que a partir do momento em que existe um mercado para o produto, seus profissionais podem afirmar a singularidade da sua condição intelectual e específica. Igualmente, a distinção e a condição de existência reside na natureza de cada bem simbólico. Por outro lado, cria-se outro tipo de dependência, que não mais somente a política ou religiosa, mas às leis do mercado de bens simbólicos, um mercado regido por sua própria dinâmica que se submete às exigências do seu grande público.

A partir disso, percebe-se esse processo de legitimação é altamente hierarquizado no campo de disputas conforme constata Bourdieu (2007). Para observar esse aspecto, primeiro necessitamos considerar o pressuposto de que o campo da produção deriva sua estrutura da oposição entre o campo de produção erudita do campo da produção industrial, "separados tanto pela natureza das obras produzidas, pelas ideologias políticas e teorias estéticas que as exprimem, como pela composição social dos diversos públicos aos quais tais obras são oferecidas" (BOURDIEU, 2007, p. 138). Mesmo assim, ambos modos de produção possuem em comum os processos de divisão do trabalho e a composição de esferas de fora da atividade que explicitam as funções competentes a cada uma delas e a organização dos meios técnicos adequados a estas funções.

Em segundo lugar, também é necessário considerar que seus produtos derivam de uma consagração desigual, pois os valores materiais e simbólicos não

¹¹ Bourdieu (2007) observa que o aparecimento do direito como "esfera autônoma" surge a partir da divisão do trabalho que leva a constituição de um corpo de juristas profissionais. Para o filósofo o mesmo acontece na religião com a instituição de um corpo sacerdotal e na arte, na correlação que os artistas possuem com os não artistas e os demais artistas, "resultando na constituição de um campo artístico relativamente autônomo e na elaboração concomitante de uma nova definição da função do artista e da sua arte" (BOURDIEU, 2007, p. 101).



são os mesmos, há sempre um mercado dominante do ângulo da legitimidade, o qual impõe suas normas de consagração. O valor social de um campo de produção confere sua posição no sistema, um sistema mais ou menos integrado, mas sempre hierarquizado – culturas distintas, mas *objetivamente* hierarquizadas. Assim, a indústria voltada a um público popular – ou médio como Bourdieu se refere – possui uma posição dominada na hierarquia das legitimidades. Desse modo, o que é produzido para o grande público só poderia renovar suas técnicas e suas temáticas quando se aproximando da cultura erudita. Para Bourdieu (2007) é a arte erudita que impõe as transformações técnicas e as leis da concorrência.

Com base nisso, percebe-se que os bens culturais situados fora da esfera erudita, aparecem como pertencentes à esfera legítima, à medida que reconhecem essa subordinação e alcançam patamares de consagração legítimos, como o sistema de ensino citado, pois é desse sistema que depende a competência e o seu grau de legitimidade. Nesse sentido, observamos no campo do design, até hoje, a valorização de um discurso sobre o indivíduo criador e seu "poder criativo", gestando a falsa sensação de que o profissional é absolutamente autônomo no exercício de sua prática. Esse discurso veiculado nas publicações de referência e nas universidades acaba por promover um profissional que não tem consciência da sua condição de agente. Forty (2007, p. 12) destaca que essa é uma herança cunhada "pela confusão do design com a arte e a consequente ideia de que artefatos manufaturados são obras de arte". Uma visão estimulada pelo tratamento que certos produtos de design receberam ao ocuparem certas esferas de legitimação, como exposições em museus de obras artísticas, e de declarações de que "o design industrial é arte do século XX" (FORTY, 2007, p. 13).

Nessa perspectiva, a respeito das hierarquias, nota-se que o design também se subordina à cultura de trabalho jornalística que é dominante. Conforme Traquina (2005), o jornalismo obteve êxito incomparável a outras profissões no que diz respeito à elaboração de sua cultura, valores e identidade profissional, os quais atingiram uma dimensão mitológica dentro e fora da mesma.

Sousa (2006) explica que, em essência, o jornalismo corresponde, dominantemente, à atividade de divulgação mediada, periódica, organizada e hierarquizada de informações com interesse para o público. Já para Franciscato (2005) o que justifica a existência do jornalismo e de seus veículos disseminadores de informação é a necessidade que as pessoas possuem de se informar sobre os acontecimentos. Traquina (2005), além de reconhecer isso, apresenta duas dimensões que auxiliam no entendimento da profissão de jornalista. Tendo como base a formulação de campo de Bourdieu, o autor afirma que o jornalista não só disputa o espaço designado ao campo intelectual, mas também, a partir de seu conhecimento especializado, luta pelo monopólio desse saber, precisamente o saber de produzir notícias. Igualmente, apresenta outra contribuição a de



pensar o jornalismo a partir de dois *polos*: o *polo eco- nômico* (a definição das notícias como um negócio)
e o *polo ideológico* (a noção das notícias como um serviço público). Sobre as questões que envolvem o *polo ideológico*, percebemos mais uma afinidade com o que Bourdieu propõe, a defesa da existência de uma *autonomia relativa* do campo jornalístico, característica que confere *poder* aos jornalistas.

Conforme explica Neveu (2004), a origem das práticas jornalísticas, que constituem a referência dessa profissão em boa parte dos países, se concentram nas características do modelo anglo-americano que responde: a) à lógica utilitarista, ou seja, necessidades práticas e cotidianas, a partir de editorias de serviços dos mais variados; b) outro traço decorre do status da imprensa como atividade empresarial, que provem de fatores como: ampliação do público leitor, o entendimento da notícia como mercadoria e do interesse pela atenção da publicidade. Acrescente-se que com esse contorno – no final do século XIX 60% da renda dos jornais já vinham da publicidade - criam-se grandes grupos economicamente poderosos; c) e por último, desse contexto, deriva a formalização do modelo anglo-americano, constituindo a profissionalização do jornalista. Então, tornando-se um assalariado com carteira profissional, distingue--se pelo domínio de habilidades técnicas e investigativas, por uma escrita normatizada e pelo surgimento dos cursos de jornalismo nas universidades.

Assim como o jornalismo, longe de ser uma atividade neutra, o design confere forma tangível e perene às ideias a partir de seus produtos, conforme já exposto. Com efeito, para Forty (2007) a essência do fazer em design está, sim, ligada a aparência das coisas, já que disso decorre as condições de sua existência, bem como aparência é uma das conseguência das condições de sua produção. Porém, conforme indica o autor, é uma atividade, por natureza, social e, desse modo, não faz sentido as associações puramente superficiais longamente atribuídas a esse, relegando por vezes seus aspectos econômicos e ideológicos e obscurecendo "o fato de que o design nasceu em um determinado estágio da história do capitalismo e desempenhou papel vital na criação da riqueza industrial" (FORTY, 2007, p. 11).

Esses aspectos apontados referentes as práticas de jornalismo e design, no que diz tange seus agentes, ao se subordinarem aos imperativos da concorrência pela conquista de mercado, é ressaltado por Bourdieu (2007), cujo esclarece que essa sujeição, além de corresponder a demanda do público, se dá em relação aos detentores dos instrumentos de produção e difusão, ao passo que a estrutura de seu produto procede de condições econômicas e sociais de sua produção, os quais comandam suas escolhas técnicas e estéticas, com o objetivo final de ser acessível ao maior número de pessoas¹². Com efeito, Bourdieu (2007) destaca que tal tipo de produção re-

¹² Qualidade também reconhecida no discurso jornalístico, conforme explica Traquina (2005), partindo do pressuposto de que o público das notícias é heterogêneo, é possível ressaltar a qualidade de ser compreensível, a utilização de uma sintaxe direta, econômica e concisa com o uso de palavras simples.



sulta da conjunção de dois processos principais: a) o produto de um sistema dominado pela rentabilidade e pela extensão máxima do público, orientado sempre para ampliação desse público; b) e o resultado de transações entre diferentes categorias de agentes do campo da produção técnica e socialmente diferenciada, onde estão envolvidos, além do proprietários dos meios de produção, as diferentes categorias dos próprios produtores¹³.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as possibilidades de desdobramento a partir das formulações de Bourdieu. Nesse ensaio, considerando o espaço disponível e o recorte necessário, optamos por alguns aspectos mais gerais, concentrando atenção sobre a teoria geral dos campos em detrimento de outras noções que ainda podem ser consideradas, como o próprio conceito correlato de *habitus*.

Com efeito, identifica-se que ficam mais indagações que respostas, existe uma história própria do design editorial de jornais e revistas? Qual a necessidade social do campo? Como se situam objetivamente os designers e seus produtos no campo editorial, inclusive em relação aos demais profissionais e produtos (posição relativa)? Qual a função da posição que ocupam? Qual o princípio da existência dos produtos editoriais (jornais e revistas)? Existem rupturas, dos que defendem uma certa tradição e daqueles que se esforçam por quebra-la? De fato, como salientou o próprio autor, que uma pesquisa que se propõe a iniciar esse modo pensamento é envolvido por processo nada fácil, entende-se como um esforço válido e necessário. Desse modo, são propriamente essas questões que dão luz à investigação e que forneceram parâmetros importantes para buscar no quadro teórico algumas das respostas pretendidas.

Ainda assim, acredita-se que, mesmo incialmente, conseguiu-se responder o que motivou a construção desse ensaio, se realmente era possível afirmar a existência de um campo de atividade profissional de design editorial em jornalismo aos termos de Bourdieu. Percebe-se que a condição de dupla necessidade como propõe o filósofo, da necessidade própria do campo em existir e da necessidade externa de sua própria existência é contemplada. Nesse sentido, nota-se que para desvendar a essência dessa existência é impossível dissociar a pesquisa da perspectiva histórica, parece que de alguma maneira sempre nos remetemos a isso. Porém há a igual necessidade de relativizar para o contexto atual em que a pesquisa se insere, pois hoje as con-

¹³ "[...] que se encontram, de maneira mais ou menos rigoroso, presos ao papel de puros técnicos encarregados de executar uma encomenda externa e mais ou menos dispostos e aptos a afirmar os direitos de sua competência específica" (BOURDIEU, 2007, p. 137-138).



dições de produção da notícia são muito diferentes de seu surgimento.

Atualmente tanto o jornalismo como o design vem sendo desafiados com o desenvolvimento de conteúdo para as mídias digitais, seja do ponto de vista tecnológico, seja comercial, editorial e gráfico. Ao confrontar o que era feito antes e depois da publicação de conteúdo na internet e em aplicativos para dispositivos móveis é possível notar que o imediatismo desencadeado por esse novo cenário fez com que jornais e revistas tivessem que prestar um serviço diferenciado a seus leitores. Assim, é possível notar dois movimentos que modificam profundamente o modus operandi do designer nesse contexto: um deles é a necessidade de atualização constante de suas habilidades práticas, técnicas e conceituais, bem como o conhecimento do campo jornalístico; a outra é desfiguração da fronteira daquilo que pertence a ordem da forma e o que é da ordem do conteúdo (ZAPPATERRA; CALDWELL, 2014).

Ao mesmo tempo em que a tecnologia proporciona a incorporação ainda mais enraizada do designer – e de outras habilitações como os programadores – na prática jornalística, é ela que o desafia. Nessa nova fase não é mais possível pensar essa profissão sem o conhecimento básico de codificação, domínio de gráficos interativos e imagem em movimento, por exemplo, elementos que agora fazem parte do vocabulário gráfico das novas mídias. Essa característica aponta para o cenário de conver-

gência, marcado por profissionais polivalentes, pela primazia do conteúdo digital sobre o impresso, mesmo assim, com a coexistência das diferentes ofertas de conteúdo, cada uma com sua especificidade de produção, circulação e consumo.

Portanto, vivemos um momento de extraordinária mudança social, marcada por tecnologias que estão transformando radicalmente as formas como nos relacionamos com o mundo. No atual contexto, diante de sua complexidade, é preciso reconfigurar as discussões sobre design e seus profissionais devem ter mais consciência do papel que desempenham na sociedade (BERWANGER, 2016).

REFERÊNCIAS

Associação dos designers gráficos. **O valor do design**: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. São Paulo: Editora SENAC; ADG Brasil, 2003.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo, Ática, 1990.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Revista Comunicação e Educação**, v. 10, n. 3, 2005.

BERWANGER, Ana. Os usos sociais do design e a sociedade dividida em classes: alguns apontamentos sobre a obra A distinção: crítica social do julgamento, de Pierre Bourdieu. **Revista Estudos em Design**, v. 24, n. 1, 2016.



Bourdieu Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

Bourdieu Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design.** São Paulo, Edgard Blücher, 2004.

COUTO, Rita Maria de Souza. **Escritos sobre Ensino de Design no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2008.

DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **O ensino do design:** a interdisciplinaridade na disciplina de projeto em design. 2004. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design, sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRANCISCATO, Carlos E. **A fabricação do presente**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GARCIA, Mario R. **Contemporary newspaper design.** 2.ed. Englewood Fields: Prentice-Hall, 1987.

GRUSZYNSKI, Ana; SANSEVERINO, Gabriela. Processos de produção e design editorial multiplataforma: um olhar sobre o jornal Zero Hora. **Lumina**, v.8, n.2, pp.1-23, dez. 2014.

LOPES, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo. Edições Loyola, 2010.

MONTAGNER, Miguel; MONTAGNER, Maria. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v.5, n. 2, 2011.

MOUILLAUD, M.; PORTO, S. (org.) **O jornal.** Da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil:** origens e instalação. Rio de Janeiro: 2AB, 3. ed., 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: SOUSA, Jorge Pedro. (Org). **Jornalismo:** história, teoria e metodologia da pesquisa. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. v.1. Florianópolis: Insular, 2005.

VILLAS-BOAS, André. O que é [e o que nunca foi] design gráfico. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

ZAPPATERRA, Yolanda; CALDWELL, Cath. **Design editorial:** jornais e revistas/mídia impressa e digital. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.



A DELIBERAÇÃO DO FEMINISMO ATRAVÉS DA CONVERSAÇÃO EM REDE NO FACEBOOK

THE DELIBERATION OF FEMINISM THROUGH THE NETWORKING CONVERSATION AT FACEBOOK

Paula Rickes Viegas (PUCRS)¹

Resumo: Cada dia mais, o sexismo, o racismo e a homofobia têm sido pautas para a conversão em rede, mediadas por sites de rede social. A violência doméstica, a divisão sexual do trabalho e as relações sociais estão sendo expostas e debatidas através da comunicação mediada pelo computador, mas também estão indo para as ruas através de manifestações e ocupações. O presente trabalho se propõe a discutir a deliberação do feminismo nos grupos de sites de rede social como o Facebook, com o objetivo de entender como o ambiente online pode ser um espaço social de deliberação pública democrática. A abordagem feminista se baseia na interseccionalidade, tendo como foco não apenas a desigualdade de gênero, mas também o que tange outros marcadores como raça, etnia, classe social, idade, etc. Na análise, será desenvolvido um estudo de caso, tendo como objeto de pesquisa o grupo Casa da Mãe Joanna TALK, que se propõe a deliberar sobre o feminismo de forma abrangente e democrática.

Palavras-chave: Comunicação Social. Deliberação. Feminismo. Sites de rede social.

Abstract: Every day more sexism, racism and homophobia have been guidelines for network conversion, mediated by social networking sites. Domestic violence, sexual division of labor and social relations are being exposed and debated through computer mediated communication, but also going to the streets through protests and occupations. This study aims to discuss the feminist deliberation in groups of social networking sites like Facebook, in order to understand how the online environment can be a social space of democratic public deliberation. The feminist approach is based on intersectionality, focusing not only gender inequality, but also considering other markers such as race, ethnicity, social class, age, etc. The analysis will develop a case study research, with Casa da Mãe Joanna TALK as object, which it is a group that intends to deliberate on feminism in a comprehensive and democratically way.

Keywords: Social Comunication. Deliberation. Feminism. Social networking sites.

¹ Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS, com bolsa integral PROSUP/CAPES. Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UCPel. E-mail: paularviegas@gmail.com



INTRODUÇÃO

A popularização dos sites de rede social, como o Facebook, e o aumento das discussões acerca do feminismo não são acontecimentos recentes. No Brasil, há um crescimento no debate sobre as questões de gênero nos fóruns online e conversações públicas na internet, mas este fenômeno ainda deixa inquietações e merece a dedicação de pesquisadores. O tema é relevante, pois, principalmente na internet, as interações se dão principalmente através do discurso, e podem tanto empoderar quanto minorizar.

O presente estudo se propõe a pensar sobre o ambiente *online* como espaço social de deliberação pública, neste caso, sobre conversações acerca do feminismo. O objetivo é entender se este tipo de participação e discussão – mesmo sendo submetida a conflitos internos – é benéfica para o movimento e para os participantes. Para isso, é necessário abordar questões como a relação entre o público e o privado, visto que muitas dessas discussões não eram possíveis há alguns anos atrás, se restringindo apenas ao ambiente privado. Além disso, nos grupos do Facebook é possível observar diversos relatos de mulheres referentes à suas vidas pessoais, relações amorosas, violências domésticas, etc. Neste sentido,

também preciso entender se a internet vem sendo um ambiente propício exercer a democracia (ou ciberdemocracia), colaborando com um debate plural e igualitário.

A análise terá como base um estudo de caso, tendo como foco o grupo do Facebook "Casa da Mãe Joanna TALK", que surgiu em 2015 e atualmente possui 2175 integrantes². A escolha metodológica foi feita principalmente porque este tipo de método abarca fenômenos contemporâneos e permite trabalhar com diversos tipos de evidências, por isso, as técnicas utilizadas serão: observação e participação da pesquisadora no grupo, entrevista com a idealizadora do projeto e aplicação de questionários entre integrantes do grupo. As evidências resultantes serão enquadradas no modelo de deliberação online proposto por Sampaio (2011). A reflexão se dará pela lente do feminismo interseccional, que é possivelmente a visão mais democrática e dialética do movimento. Esta visão não considera a desigualdade apenas de gênero, mas também de sexualidade, etnia, classe social, religião, deficiências físicas e mentais, regionalização, etc. Para Audre Lorde, poeta negra, lésbica e feminista, não há liberdade enquanto houver mulheres que não são livres, mesmo se as dominações sejam diferentes entre si³. Para

² Coleta feita no dia 4 de julho de 2016.

³ Mais informações em https://rizoma.milharal.org/2013/03/03/nao-existe-hierarquia-de-opressao-por-audre-lorde. Acesso em 4 jul. 2016.



ela, a interseccionalidade não se dá como uma hierarquia de opressão, mas como diferentes tipos de dominação, que combinados, potencializam a desigualdade e a violência estrutural.

O FEMINISMO INTERSECCIONAL E AS ESFERAS PÚBLICO/PRIVADO

A luta em prol da igualdade de gênero, apesar dos avanços significativos nos últimos anos, está longe de terminar. Scott (2012) aponta que até mesmo a questão mais básica relacionada ao gênero, sobre a relação entre sexo biológico e papéis construídos culturalmente para mulheres e homens, ainda não foi resolvida. E dessa forma, "em vez de [...] tornar-se mais claro ao longo do tempo, gênero se tornou mais impreciso" (SCOTT, 2012 p .331). Neste sentido, ela afirma que:

Parece não haver um único lugar no qual o gênero possa confortavelmente ou finalmente repousar. E é justamente por isso que, estes debates são políticos. As disputas políticas que se seguem a partir da incerteza sobre gênero, levam a uma proliferação dos seus significados, e deste modo, nas palavras de Barbara Johnson's, 'excedeu os limites de controle estável ou coerência. Tornou-se algo para se estar infinitamente em luta' (SCOTT, 2012 p. 332).

Neste sentido, pensar sobre as questões de gênero se torna um processo sem fim, algo para se estar sempre em luta. E quando pensamos gênero

como uma categoria de análise sócio-histórica, devemos buscar igualdade política não apenas nas diferenças sexuais, mas também relacionadas à classe e raça, apesar de estes marcadores não terem paridade (SCOTT, 1989). Um ponto de vista possível é o feminismo interseccional, que permite problematizar ainda mais a questão da democracia e da pluralidade, onde gênero se tenciona com outros marcadores, estendendo esta luta política.

De acordo com Hirata (2014), questões relacionadas a sexo, raça e classe representam um ponto central na questão da desigualdade, mas a interseccionalidade vai muito além dessas questões. O termo "interseccionalidade" foi usado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw em 1989, para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, e simboliza uma herança do black feminism. Interseccionar desigualdades sociais é levar em conta as múltiplas fontes de identidade e, nesse sentido, "a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto como um instrumento de luta política" (HIRATA, 2014, p. 69). Para Collins (2015), considerar o feminismo dessa forma não é apenas um projeto de conhecimento, mas também, uma arma política. Para a autora, "raça, classe, gênero, sexualidade, idade, capacidade, nação, etnia e categorias de análise semelhantes são melhor compreendidas em termos relacionais do que isoladamente uma da outra" (COLLINS, 2014, p. 14). Para isso, é preciso considerar os diferentes pontos de vista, realidades



e experiências, a diferença de tempo e espaço entre esses marcadores, levando em consideração que este é um processo social complexo.

Em relação ao âmbito político, não são apenas as questões púbicas que se tornam luta, mas também questões das esferas privadas. Apesar de não possuírem fronteiras perfeitamente definidas, essas esferas são conceitos-chave no debate, assim como indica o jargão da segunda onda feminista: "the personal is political", ou "o pessoal é político". Outro exemplo de problema pessoal/privado que merece atenção política é a violência doméstica. De acordo com Giffin (1994), as mulheres sofrem violência principalmente no âmbito doméstico, onde o agressor é, normalmente, o próprio parceiro. Para a autora, "anunciando que 'o privado é político', as relações sexuais/de gênero são enfocadas como um campo de luta estruturado, fundamentalmente, pelas recorrentes diferenças de poder entre homens e mulheres (GIFFIN, 1994, p. 150). Atualmente, no Brasil, 70% da população acredita que a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos⁴. Este tipo de violência é normalmente naturalizado tanto pela mulher e pelo homem quanto pelas testemunhas envolvidas⁵ e, consequentemente, pouco questionado, podendo até mesmo chegar a um feminicídio.

De acordo com Okin (2008), público e privado não podem ser interpretados isoladamente. Para ela, o âmbito privado é a raiz da desigualdade de gênero e a família vem se tornando um foco prioritário da teoria feminista. Biroli (2014) relembra que por muitos anos as mulheres não eram consideradas cidadãs, ou seja, estavam excluídas da vida pública. Para ela "o feminismo mostra, assim, que é impossível descolar a esfera política da vida social, a vida pública da vida privada, quando se tem como objetivo a construção de uma sociedade democrática" (BIROLI, 2014, p. 33), apesar de não ser um debate consensual no feminismo. Segundo Biroli (2014) para haver democracia é preciso haver relações igualitárias em todas as esferas da vida, inclusive na esfera doméstica, pois a pluralidade democrática só pode ser garantida se houver respeito no florescimento de identidades baseadas em crenças e práticas distintas.

DELIBERAÇÃO DEMOCRÁTICA EM REDE

Assim como nas teorias feministas, nas teorias deliberacionistas as esferas pública e privada também ganham destaque. Público, na antiguidade, era sinônimo de política e para o privado sobravam a vida doméstica e o trabalho. Atualmente, há uma

⁴ FONTE: http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/07/DATAPOPULAR_IPG_violenciaeas-sassinatos2013.pdf Acesso em 5 jul.2016.

⁵ FONTE: http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/08/Cejus_FGV_feminicidiointimo2015. pdf>. Acesso em 5 jul. 2016.



expansão do público e podemos considerar que o exercício da liberdade individual se dá ao tornar opiniões públicas e discutir sobre as demais opiniões expressas (ESTEVES, 2011). Para o autor,

O caso talvez mais marcante a este nível, pelo seu extenso significado social e pelo estimulante debate intelectual suscitado, é o que se refere ao feminismo, com a enérgica contestação a um modelo mais rígido de separação entre Público e Privado - que, como é sabido, se constituiu objetivamente como uma poderosa estrutura ideológica de dominação (de gênero) (ESTEVES, 2011, p. 171).

Esteves cita Maria João Silveirinha, que acredita que nem tudo que diz respeito à cidadania é apenas público ou apenas privado, mas as questões que relacionam a mulher à família desconsideram isso muitas vezes. Não se pode traçar fronteiras rígidas entre esses dois domínios, nem restringir a esfera pública à vida doméstica. No movimento feminista, é importante publicizar as questões de violência de âmbito privado. Esteves (2011) aborda a comunicação pública sempre relacionada com o espaço público e a opinião pública, tanto no sentido de ordenamento da vida social em um espaço público, quanto à evocação de uma opinião pública representativa. Estas questões também passam por um interesse público, que é a soma dos interesses públicos e privados. Não é preciso que todos concordem, mas é necessária certa confluência de opiniões e troca de argumentos. O debate é necessário justamente porque a opinião pública é produto das discussões. Assim, a ação dos públicos gera uma agonística social, pois "os conflitos e as lutas sociais passam a assumir uma dimensão essencialmente simbólica, o que significa que o controle da violência se torna a partir de então muito mais efetivo" (ESTEVES, 2011, p. 153). Agonístico no sentido que põe diversas opiniões em confronto e essa diversidade é benéfica para temas como o feminismo.

De acordo com Marques (2009), a comunicação vai além das atividades midiáticas e a prática da deliberação exige intercompreensão e um movimento em direção ao outro que se dá na troca argumentativa. Nesse sentido, a deliberação é processo social de comunicação que se desenvolve em diversos contextos, tanto face e a face, quanto de forma midiática, onde "os indivíduos têm a oportunidade de apresentar seus pontos de vista e suas perspectivas diante dos outros, interpelando-os e demandando-lhes a validação de seus argumentos após uma discussão baseada no respeito recíproco" (MARQUES, 2009, p. 13). Para a autora, a deliberação – que identifica e sinaliza problemas e potenciais crises – faz parte do processo democrático tanto quando as atividades centrais do sistema político de tomadas de decisões. Marques (2009) aponta que nas sociedades complexas atuais, quando questões como o feminismo são publicizadas e ganham visibilidade, mobilizando atores sociais com pontos de vistas diferenciados,



o processo de deliberação colabora tanto as instituições presentes no processo quando as formas de ver, entender e reconhecer o outro.

Segundo Cohen (2009), o procedimento deliberativo ideal deve: (1) ser livre, onde as decisões são alcançadas a partir da deliberação e por isso a importância de participar dos debates; (2) ser uma troca de razões em que todas as partes devem participar; (3) ter partes formais e iguais, onde todos que possuem capacidades deliberativas tem igual status; (4) chegar a um consenso racionalmente motivado, para que todas ajam de acordo com os resultados. O bem é comum é questão central neste debate, pois é em torno dele que o debate político é organizado em uma democracia bem-ordenada. Uma barganha entre grupos, onde cada um persegue seu interesse particular, não pode ser considerada justa (COHEN, 2009). Eis a importância da interseccionalidade: as discussões acerca da desigualdade de gênero devem considerar outras formar de opressão de forma colaborativa entre elas e não hierarquizada. Este debate não pode impor o que é uma vida adequada para o outro, e sim, utilizar da empatia para compreender as necessidades de cada um em prol do bem comum. Para isso é preciso que as diferentes vozes sejam ouvidas, em uma deliberação baseada no pluralismo, onde ideias diferentes são tencionadas e "os interesses, objetivos e ideais que compreendem o bem comum são aqueles que sobrevivem à deliberação" (COHEN, 2009, p. 96). A comunicação pública plural não deve vir apenas da mídia de massa, pois ela não ser a única responsável pela democracia ideal apesar da grande visibilidade que produz. Isto porque, acima de tudo, a instância midiática é uma indústria baseada em lógicas econômicas, nem sempre dando foco exclusivamente no interesse público. A democracia deliberacionista, então, deve ser exercida pela sociedade, através de redes conflito-colaborativas, tanto na internet quanto nas ruas.

Conversações em rede, comunidades virtuais e a deliberação online

Para entender como se dá a deliberação em rede é preciso entender como se dá o funcionamento da conversação em rede. De acordo com Recuero (2011), analisamos as pessoas envolvidas na rede e suas conexões, não as próprias redes sociais. Neste sistema, "os atores atuam de forma moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais (RECUERO, 2011, p. 25). As deliberações em grupos do Facebook se dão através das conversações em rede que são compostas por "milhares de novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos" (REUCERO, 2012, p. 121). São conversas que permanecem, ou seja, se alguém não estava online no momento que o debate começou, o mesmo pode ser retomado.



De acordo com Recuero (2012), as conversações em rede "podem organizar movimentos de ocupação em todo mundo e influenciam revoltas armadas. São, fundamentalmente, conversações amplificadas, emergentes e complexas, nascidas da interconexão entre os atores" (REUCERO, 2012, p. 122). Recuero (2012) defende que a comunicação mediada pelo computador é uma conversação que se apropria das ferramentas digitais, fazendo emergir novos usos através da coletividade.

A conversação em rede é, assim, pública, capaz de alastrar-se pelas redes sociais pela ação de seus participantes. Pode ter aspectos que se originam no espaço privado, mas a visibilidade é uma necessidade para que ela possa migrar dentro dos grupos. É uma multiconversação, no sentido que conecta várias outras conversações, várias discussões em vários grupos (RECUERO, 2012, p. 217).

De acordo com Malini e Antoun (2013), a internet não produz um movimento orquestrado e muitas vezes "a narrativa mais se assemelha a um filme experimental que vai sendo escrito não só pelo diretor, mas pelos atores e equipe, conforme a filmagem se desenrola" (MALINI e ANTOUN, 2013, p. 80). Há fundamentos políticos sendo disseminados pelos atores que constroem a internet, como discursos de liberdade, que geram novas narrativas que privilegiam a ação coletiva nos movimentos, onde a comunicação tem papel determinante. Nessas redes, os

atores são capazes de orientar movimentos através da circulação de interesses e afetos, apontando na direção de uma nova ordem democrática (MALINI e ANTOUN, 2013). O feminismo debatido em grupos do Facebook, por exemplo, cria uma rede de apoio virtual que muitas vezes ultrapassa os limites do computador. Eles podem ser considerados comunidades virtuais, que para Castells, são comunidades não físicas, mas

não são 'irreais', funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada (CASTELLS, 1999, 446).

Para Recuero (2011), as comunidades virtuais são estruturas dinâmicas e dependem de um núcleo fortalecido "que mantém um determinado grupo social coeso, porque é ali que existe o comprometimento, a organização e a predominância dos laços fortes" (RECUERO, 2011, p. 146). Nos grupos do Facebook, esse núcleo normalmente é formado pelos moderadores e seus contatos mais próximos, que se interessam pelo assunto e, normalmente, publicam mais que os demais usuários. A dinâmica das redes sociais na internet envolve cooperação e conflito, ruptura e agregação, em uma lógica de adaptação e auto-organização (RECUERO, 2012). As comunidades virtuais colaboram não apenas em um nível de



"concepção mental do mundo" a partir de uma rede, mas também gera efeitos fora do ambiente online

O movimento feminista na era da internet, segundo Castells (2013), se propagou e ganhou visibilidade, a partir de uma imagem diferente, talvez mais abrangente e inclusiva. Por outro lado, também gerou certo mal estar àqueles que estão satisfeitos com as estruturas socais baseadas na desigualdade de gênero. Quando um grupo de pessoas fica indignado por algum problema social, como é o caso da deliberação nos grupos feministas no Facebook, os movimentos sociais surgem, ressurgem ou apenas se reencontram para compartilhar emoções como medo, indignação e raiva, que fazem ações coletivas serem potencializadas. Para Castells (2013), "nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecionais, interativa, na internet (CAS-TELLS, 2013, p. 158). Este é o novo contexto em que se encontram os movimentos sociais no século XXI. Porém, para Castells (2013), a internet é um componente necessário para um movimento social, mas não suficiente, pois ela une indivíduos com indignações comuns que devem se expandir.

Neste sentido "a opinião pública vai se forjando progressivamente por meio dos marcos de discussão, fóruns, salas de chat, redes de sites interconectados e de outros mecanismos de comunicação característicos das comunidades virtuais" (LÉVY,

2004, p. 43). Para Lévy (2004), hoje em dia, é possível entender questões que não tínhamos acesso, pois dependíamos apenas de meios de comunicação como TV, rádio e jornal impresso ou do conhecimento de familiares e amigos. Por fim, Lévy aponta que a principal vantagem da internet é que ela permite que qualquer "cibercidadão" se expresse sem o filtro dos editores. "Resultado: a esfera pública está se estendendo, diversificando e complexificando-se de modo particular. Esta transformação da esfera público constitui um dos fundamentos da ciberdemocracia" (LÉVY, 2004, p.46).

Segundo Gomes (2011), a participação política é um dos temas mais tradicionais na pesquisa sobre democracia. O autor diferencia o tipo de participação que nasce na internet, onde este canal de comunicação é essencial, do tipo de participação que se estende no meio online, mas é existente longe do computador. O feminismo nasceu muito antes da internet e já mobilizou diversas pessoas pela igualdade de gênero, mas a comunicação pública mediada pelos sites de rede social possibilitou novas formas de interação e conversação para o movimento. Primeiramente, é preciso diferenciar ação de participação. De acordo com Gomes (2011), ação é ler jornais online e visitar sites políticos, enquanto participação é quem está presente e ativo em fóruns, compartilha vídeos e imagens, escreve um blog de política, escreve petições eletrônicas, manifesta em fóruns eletrônicos, etc.



De acordo com Sampaio (2011), nem toda participação civil é deliberativa, visto que existem diversas outras formas de participação política. Entretanto, os conceitos caminham juntos. Alguns autores apontam que em uma política mais deliberativa os cidadãos devem racionalizar sobre problemas públicos em conjunto, resolvendo questões através do discurso (SAMPAIO, 2011). A deliberação se trata de "processo aberto, contínuo, ou, ainda, a deliberação sempre estaria aberta para uma revisão dos posicionamentos dos participantes ou para uma mudança das escolhas" (SAMPAIO, 2011, p. 198). Neste sentido, no feminismo, a deliberação se torna essencial, pois cada contexto social e histórico merece uma retomada nas discussões. Sampaio (2011) faz um resgate nos trabalhos sobre deliberação online ou deliberação na rede, observando que não é um assunto ainda muito discutido no Brasil. Além disso, Sampaio (2011) apresenta um modelo de deliberação online um pouco mais completo, partindo de autores que já desenvolveram técnicas de análise dessas redes. Este modelo será utilizado no estudo de caso a ser desenvolvido a seguir, combinado com outras técnicas de pesquisa.

CASO: CDMJ TALK

Para ilustrar o fenômeno da deliberação em rede será analisado o grupo do Facebook "Casa da Mãe Jonna TALK"⁶, que é uma iniciativa da Casa da mãe Joanna⁷ (CDMJ), idealizado por Joanna Burigo. Segundo Burigo (2016), mesmo entendendo que já existiam diversos projetos feministas no Brasil, especialmente na internet, a CDMJ surgiu para suprir a falta de um projeto que contemplasse epistemicamente todas as correntes do feminismo e que se posicionasse como um espaço aberto para diálogo dentre todas essas vertentes. A CMDJ foi idealizada em março de 2015, enquanto o grupo no Facebook foi lançado em maio do mesmo ano. No começo, o grupo era composto por aproximadamente cinquenta pessoas e continha, principalmente, amigos e amigas da rede de Joanna, que já produziam conteúdo feminista no Facebook. Atualmente, o grupo possui 2175 membros, o que não era algo esperado pela idealizadora do projeto. O objetivo inicial era ter um espaço para diálogo sobre pontos difíceis do feminismo, como o debate sobre prostituição, mas o grupo recebe diversos tipos de publicações como desabafos, memes engraçados, etc. (BURIGO, 2016).

A metodologia utilizada na presente investigação será o estudo de caso combinado com algumas

⁶ Disponível em https://www.facebook.com/groups/cdmj.groupies>. Acesso em 3 jul. 2016

⁷ Disponível em http://casadamaejoanna.com. Acesso em 3 jul. 2016.



técnicas de pesquisa. De acordo com Yin (2005), "um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real" (YIN, 2005, p. 32). Sendo a deliberação em rede e o feminismo acontecimentos contemporâneos e em processo, esta parece ser a metodologia adequada. Além disso, o estudo de caso permite lidar com vários tipos de evidência. Muitos grupos no Facebook se propõem a abrir espaço para debate sobre o feminismo e o empoderamento da mulher, funcionando como fóruns. O grupo Casa da Mãe Joanna TALK foi escolhido, principalmente, por propor foco na diversidade de correntes e vertentes feministas. Sendo o pluralismo, a diversidade e o choque de ideias questões fundamentais para uma democracia deliberativa, este grupo se mostrou um objeto interessante para entender como tem funcionado a deliberação em rede. Isto porque, "qualquer iniciativa dedicada a garantir canais de expressões de minorias representa um passo da democracia digital" (GOMES, 2011, p. 35).

Para entender se há espaço para os grupos minorizados, na lente do feminismo interseccional, foram utilizadas algumas técnicas como observação e participação no grupo, entrevista com a idealizadora do projeto, aplicação de questionários para as participantes do grupo, que serão analisados dentro do modelo de deliberação *online* proposto por Sampaio (2011). Este modelo aponta pontos a serem observados dentro de duas categorias de análise: a análise

estrutural e a análise das falas. Visto que é possível "valorizar mais determinados operadores analíticos em detrimento de outros" (SAMPAIO, 2011, p. 216), na análise do presente estudo, a primeira categoria de análise será utilizada de forma mais abrangente que a segunda.

A análise estrutural: contexto em que o fórum está inserido

a) Estrutura comunicativa: esta categoria tem relação com o anonimato, a abertura dos discursos, a agenda da discussão, a moderação e a força do espaço público. Em primeiro lugar, na CDMJ TALK, os participantes não são anônimos e sim identificados, por ocorrer no Facebook, que é um site que necessita criar um perfil para visualizar o conteúdo e interagir com os demais usuários. Em relação à abertura dos discursos, não há limite de postagens, o que gera liberdade para todos participarem. A agenda de discussão é feita pelos próprios participantes, apesar da mediação sugerir pautas. Além disso, no grupo há moderação, contando com a supervisão e intervenção de 13 moderadoras. O trabalho da moderação normalmente é intervir em comunicações violentas e conflitos extremos, visando sempre a liberdade da conversação.

> Já tiveram conflitos no grupo que a gente fez intervenção/moderação, justamente para que as pessoas não se sintam coibidas de expressar



a sua voz. O grupo para mim, como fundadora dele, é democrático, no sentido de que eu faço questão que todas as pessoas saibam que a voz delas é tão válida quanto qualquer outra voz que exista dentro do grupo (BURIGO, 2016).

Porém, de acordo com as respostas do questionário, 50% das participantes já se sentiram coibidas ou censuradas, não especificando se isso ocorreu no grupo ou fora dele, o que pode ser uma questão aberta e pouco esclarecedora. Por último, é importante entender se o CDMJ TALK é um espaço público forte ou fraco. De acordo com Sampaio, "o espaço será forte quando os participantes acharem que sua participação será lida e considerada pelos outros usuários" (SAMPAIO, 2011, p. 203). Segundo as respostas dos questionários aplicados, 80% das usuárias se sentem ouvidas e consideradas pelo grupo, o que parece caracterizar a CDMJ TALK como um espaço público forte, baseado na deliberação democrática.

Cultura política e ideologia dos participantes: essa análise se dá por quatro níveis que são as diferenças culturais, o tipo de ator político, a ideologia das pessoas atraídas por esse ator e o tópico do debate. Aqui, é necessário, principalmente, observar o pluralismo do debate, por esta ser uma característica central da democracia. Para isto, é preciso entender qual é o espaço para as diferenças comportamentais, os pontos de vista diferentes e, consequentemente, para a democracia deliberativa.

Eu espero que a casa seja um espaço democrático, espero que seja assim que as pessoas vejam a casa, mas claro, a gente tem um problema que é a questão de representatividade, que está relacionada à minha rede. Então a casa é majoritariamente branca, majoritariamente classe média, está restrita a quem está na internet e especificamente no Facebook. Mas dentro desses parâmetros, eu acho que é democrático, no sentido de que toda voz é válida no grupo. Inclusive, a gente faz um esforço enorme para que ninguém se sinta ridicularizado por conhecer um pouco menos (BURIGO, 2016).

Há homens no grupo, mas entre as pessoas que responderam o questionário divulgado no grupo, todas eram mulheres, cisgêneras, heterossexuais e de classe média, sendo 80% da região sul do Brasil. Entre as respostas do questionário, também há pessoas do sudeste e centro-oeste. Quanto ao que consideram que é o feminismo, as respostas se divergem. Uma pessoa defende o feminismo interseccional, outra é mais teórica, outra é mais empírica e outra apenas define feminismo como uma luta das mulheres por direitos iguais. Em relação ao grupo, algumas sentem falta de mais articulação teórica, outras de mais ações em conjunto. Isto demonstra uma multiplicidade no debate feminista, o que é considerado fértil para a deliberação democrática no grupo. Porém, de acordo com uma participante, o exercício de reflexão e de crítica é importante, mas "há uma falta de uma articulação, de ação, pois no fim, todas permanecem sós e inertes". Outra



participante acredita que é preciso abrir ainda mais os conceitos, pois "não existe um feminismo, mas vários". Talvez em um ideal democrático, a CDMJ TALK esteja bem alinhada com os princípios da deliberação em rede, mas sempre há espaço para aprimoramentos, visto que é um processo.

A análise das falas: tópicos, debates e relevância

Como o foco principal deste trabalho não se dá no discurso e sim na contextualização do ambiente online, este operador analítico não será utilizado de forma integral. Aqui serão refletidas questões propostas por Sampaio (2011) como radicalização, respeito, reciprocidade e continuidade. O objetivo é entender o quão deliberativo é o grupo CDMJ TALK, isto porque, "um alto índice de mensagens irrelevantes tende a indicar baixo comprometimento com a discussão e, provavelmente, baixo índice de deliberatividade, sendo o inverso também verdadeiro" (SAMPAIO, 2011, p. 206). Em primeiro lugar, é preciso de entender se no grupo, o debate acerca do feminismo, mesmo através de conflitos, pode ser considerado um bem comum. Esta reflexão considera dois pontos importantes: a radicalização e o respeito. Segundo Burigo (2016), o conflito sobre o feminismo é um tema central no grupo, pois "ela não existe em função de deliberações a respeito do feminismo [...] mas nas formas como o diálogo acontece" (BURIGO, 2016). Para a idealizadora do projeto, as brigas decorrentes desse debate se dão por motivos como falta de educação, falta de articulação para o debate, por uma personalidade narcísica e diversas outras personalidades. Neste sentido, "conflitos não precisa existir quando o debate é bem fundamentado e as pessoas estão dispostas a conversar e dialogar com ouvidos generosos, usando comunicação não violenta" (BURIGO, 2016). Por fim, Burigo (2016) conclui que

deliberar sobre o feminismo fortalece e muito o movimento, não tem nada que tenha oferecido progressão à causa que não tenha passado por conflitos entre vertentes, é absolutamente necessário que isso aconteça. [...] É fundamental que o feminismo seja debatido e é só assim que a teoria progride (BURIGO, 2016).

Apesar da importância do debate, nem todos os participantes do grupo produzem conteúdo e participam das publicações. Segundo os resultados dos questionários aplicados apenas 50% publica conteúdo no grupo, o que pode ser considerada uma participação política, de acordo Gomes (2011), enquanto 60% curte e comenta publicações e 10% apenas observa, o que, segundo o mesmo autor, pode ser visto como uma ação. Quanto à continuidade do deba-



te, em uma análise quantitativa, com uma coleta de apenas uma semana⁸, foram postadas 134 publicações, uma média de 19 publicações por dia. Quando ocorrem grandes polêmicas, o número tende a aumentar consideravelmente. Quanto à reciprocidade do debate, foi contabilizado o número de interações com as publicações desta semana e constatou-se que neste período, cada publicação recebeu em média 18,9 curtidas e 3,2 comentários, o que parece ser uma quantidade significativa para grupos no Facebook. Outra questão aparentemente não proposta por Sampaio (2011), e que tem grande importância nesta análise, é compreender se o grupo promove o bem comum, de acordo com definição de Cohen (2009). Segundo Burigo,

conhecer o feminismo torna ele um bem comum, no sentido que ele visa melhorias sociais no viés de gênero, que estão pautadas nos direitos humanos, na justiça e no bem de todos. Então, é possível dizer que o feminismo, como movimento, visa o bem comum (BURIGO, 2016).

De acordo com as respostas dos questionários aplicados, em uma escala de zero a dez, a nota para a questão "você acredita que sua participação no grupo traz benefícios para ti?" teve média 9 – sendo zero "não traz benefícios" e dez "traz muitos benefícios". Quantitativamente, isso pode ser um indício de bem comum e também particular. Uma partici-

APONTAMENTOS FINAIS

A deliberação democrática não dá fim ao problema da desigualdade de gênero, mas fortalece o movimento feminista através de debates agonísticos e plurais. O tencionamento das esferas pública e privada parecem atravessar os três eixos propostos neste estudo: (1) o feminismo em sua visão interseccional e a importância da deliberação pública sobre

pante alega: "o grupo melhorou meu entendimento sobre feminismo e refletiu muito positivamente na minha vida", o que também nos traz um resultado mais qualitativo. Por outro lado, as respostam apontam que elas não sentem que a participação delas colaboram com o grupo. A nota para este questionamento teve média de 4,3, em uma escala de zero a dez - sendo zero "não colabora" e dez "colabora muito". Isto pode indicar que a principal colaboração vem de um grupo pequeno, mas quem se beneficia disso, como receptores, é um grupo maior. Esta questão parece estar relacionada ao funcionamento da comunidade virtual apontado por Recuero (2011), que são estruturas dinâmicas que dependem de um centro que possua comprometimento e organização. Neste núcleo, há uma predominância dos laços fortes, ou seja, é formado por usuários que possuem várias conexões com o grupo.

⁸ Coleta realizada no dia 4 de julho de 2016.



questões que, por muitos anos, se mantiveram no âmbito privado, como a violência doméstica; (2) a deliberação democrática através da prática da publicidade, buscando sempre o bem comum; (3) e como estes fenômenos ocorrem através da conversação em rede, através de sites de rede social, se estabelecendo como um espaço público forte. Esta é uma colaboração no sentido simbólico, mas não menos real, que quebra processos históricos da desigualdade de gênero e de outros tipos de opressão, apontados pelo feminismo interseccional. Os grupos no Facebook, como a Casa da mãe Joanna TALK, tonificam o empoderamento discursivo da mulher, trazendo novas reflexões e mudanças de comportamento. Neste sentido, deliberação online colabora como um dispositivo, através de ações e participações políticas, que se desenvolvem em redes através da conversação mediada pelo computador. As redes se auto-organizam através de uma lógica conflito-colaborativa e, por este motivo, a pluralidade de crenças e vivências são extremamente benéficas para o diálogo, sem o risco de enfraquecer o movimento, desde que visem o bem comum.

REFERÊNCIAS

BARABÁSI, Albert-László. **Linked**: a nova ciência dos networks. São Paulo: Leopardo, 2009.

BURIGO, Joanna. **Casa da Mãe Jonna TALK**. 2016. Entrevista concedida a Paula Viegas. Porto Alegre, 21 jun. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COHEN, Joshua. Deliberação e legitimidade democrática. In. MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (org). **A deliberação pública e suas dimensões sociais políticas e comunicativas**: textos fundamentais. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. Intersectionality's Definitional Dilemmas. **Annual Reviews of Sociology**, v. 41, n. 1, p. 1 - 20, 2015. Disponível em: http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-soc-073014-112142. Acesso em: 23 jun. 2016.

ESTEVES, João Pissara. **Sociologia da comunicação**. Lisboa: Gulbenkian, 2011.

GIFFIN, Karen. Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 146-155, 1994

GOMES, Wilson. Participação política *online:* questões e hipóteses de trabalho. In. MAIA, Rousiley; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco. (org.) **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**: ensayo sobre filosofía política. Barcelona: UOC, 2004.



MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. As interseções entre o processo comunicativo e a deliberação pública. In. MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (org). A deliberação pública e suas dimensões sociais políticas e comunicativas: textos fundamentais. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 2, mai-ago, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Quão deliberativas são discussões na rede? Um modelo de apreensão da deliberação *online.* In. MAIA, Rousiley; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco. (org.) **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. New York: Columbia University Press, 1989.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.



ASPECTOS INTERDISCIPLINARES NA ELABORAÇÃO DE UM DICIONÁRIO ON-LINE DE PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS PARA FALANTES DO INGLÊS

INTERDISCIPLINARY ASPECTS IN DESIGNING AN ON-LINE PORTUGUESE PRONUNCIATION DICTIONARY FOR SPEAKER OF ENGLISH

Paulo Roberto de Souza Ramos (UFRGS/UFRPE)1

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo detalhar uma proposta de desenho de um dicionário on-line de pronúncia do português brasileiro que tem como público-alvo falantes do inglês. Esse dicionário deverá servir tanto como obra de referência quanto instrumento de ensino-aprendizagem e seu caráter interdisciplinar pode ser visto já no arcabouço teórico, que compreende áreas relacionadas diretamente ligadas a aspectos do universo dos sons, como a Fonética e a Fonologia, mas também bebe nos achados da Sociolinguística e das Teorias de Aquisição de Segunda Língua e, de maneira mais especifica, na Lexicografia Eletrônica e na Lexicografia Pedagógica. Metodologicamente, este estudo incluirá levantamento e análise de dados relativos ao léxico do português brasileiro (PB) usando para isso, quando necessário, os referenciais teóricos e ferramentas encontrados em pesquisas linguísticas com corpus quando estes já não estiverem a disposição em trabalhos anteriores; também fará uso de um questionário on-line que verificará qual a preferência de falantes escolarizados brasileiros para aquelas pronúncias de itens lexicais que têm realizações concorrentes, como é o caso de do substantivo liquidificador>, ser realizado como li[ki]dificador ou li[kwi]dificador. A junção das diferentes áreas mencionadas anteriormente busca orientar o trabalho lexicográfico e lexicológico a fim de preencher uma lacuna existente na Lexicografia Pedagógica quanto ao ensino de pronúncia do PB.

Palavras-chave: Lexicografia. Pronúncia. Português. Interdisciplinaridade.

Abstract: This paper aims to detail a proposal for the design of an on-line Portuguese pronunciation dictionary for speakers of English. The proposed dictionary ought to work both as a work of reference and a teaching-learning tool, and its interdisciplinary aspect/character can be seen in the theoretical framework on which it is based, which comprehends areas directly linked to universe of sounds, such as Phonetics and Phonology, but also draws from the findings in Sociolinguistics and Theories of Second

¹ Mestre em Letras (UFRGS). Doutorando em Letras (UFRGS), na área de Estudos da Linguagem. Professor efetivo de inglês e português da UFRPE. E-mail: pauloroberto.souzaramos@gmail.com.



Language Acquisition, and more specifically, from E-Lexicography and Pedagogic Lexicography. Metodologically, this study will include gathering and analysing data related to the Brazilian Portuguese (BP) lexicon, using for this, whenever necessary, the theory and practice of linguistic research based on corpus, when these date were not available in previous works. It will also conduct an on-line survey to determine the preference of literate Brazilian Portuguese speaker regarding lexical itens with competing pronunciations, such as the noun < liquidificador> (Blender), which may be pronounced as [ki]dificador or li[kwi]dificador. The combination of the different areas mentioned above aim to guide the lexicographic and lexicological work in order to fill in an existing gap in Pedagogical Lexicography in terms of teaching of Brazilian Portuguese pronunciation.

Keywords: Lexicography. Pronunciation. Portuguese. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÂO

O presente trabalho objetiva detalhar uma proposta de um desenho de um dicionário on-line de pronúncia do português brasileiro direcionado a falantes do inglês. Esse dicionário deverá servir tanto como obra de referência para consulentes que bus-

quem sanar dúvidas relativas à pronúncia de itens lexicais do português falado no Brasil quanto como instrumento de ensino-aprendizagem para aprendizes e professores. Seu caráter interdisciplinar pode ser visto no arcabouço teórico, que compreende áreas relacionadas diretamente ligadas a aspectos do universo dos sons, como a Fonética e a Fonologia, mas também bebe nos achados da Sociolinguística e das Teorias de Aquisição de Segunda Língua e, de maneira mais especifica, na Lexicografia Eletrônica e na Lexicografia Pedagógica. Metodologicamente, este estudo incluirá levantamento e análise de dados relativos ao léxico do português brasileiro (PB) usando para isso, quando necessário, os referenciais teóricos e ferramentas encontrados em pesquisas linguísticas com corpus quando estes já não estiverem à disposição em trabalhos anteriores; este trabalho também fará uso de um questionário on-line que verificará qual a preferência de falantes escolarizados brasileiros para aquelas pronúncias de itens lexicais que têm realizações concorrentes, como é o caso do substantivo quidificador>, que pode ser realizado como li[ki]dificador ou li[kwi] dificador. A junção das diferentes áreas mencionadas aqui busca orientar o trabalho lexicográfico e lexicológico a fim de preencher uma lacuna existente na Lexicografia Pedagógica quanto ao ensino de pronúncia do PB.



PROPOSTA DE ELABORACAO DE UM DICIONÁRIO ON-LINE DE PRONÚNCIA

Crystal (2005) define dicionário como "um livro de referência que lista as palavras de uma ou mais línguas, geralmente em ordem alfabética, juntamente com informações sobre sua escrita, pronúncia, classe gramatical, significado, história e uso."² Esse livro de referência, justamente por trazer informações de cunho linguístico, é passível de ser usado por aprendizes de uma dada língua como ferramenta de aprendizado e por professores como ferramenta de ensino. Um dicionário, por exemplo, pode ser usado por um consulente como fonte de novas palavras para a produção de um texto, como ocorre com os chamados dicionários escolares. No entanto, como já foi listado acima, essa obra de referência traz também outros tipos de informação sobre a palavra lematizada. Entre as informações que traz um dicionário, Crystal inclui a pronúncia das palavras, que, em geral, é apresentada por meio de transcrições fonéticas usando ou o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) ou uma aproximação usando letras do idioma em que o dicionário foi feito. O AFI pressupõe um conhecimento de seus símbolos para sua adequada interpretação; já as aproximações feitas com letras do alfabeto são exatamente isso -- aproximações -- e muitas vezes não conseguem dar conta dos fonemas que não fazem parte do repertório fonético-fonológico da língua do aprendiz. Para exemplificar, tomemos o som representado na escrita pelo encontro consonantal <lh> na palavra <melhor>. Ele é fonte de dificuldade de pronúncia para falantes do inglês por não fazer parte do repertório fonético-fonológico desses falantes. Um dicionário de pronúncia interativo com amostras de áudio apoiado em transcrições fonéticas e que, ao mesmo tempo, traga explicações de como proceder para a articulação dos sons da língua que se está aprendendo pode facilitar a busca do aprendiz pela pronúncia, não somente de forma receptiva, mas também produtiva.

O interesse por dicionários para uso no processo de ensino-aprendizagem no Brasil parece assumir um carácter mais rigoroso no momento em que o Programa Nacional do Livro Didático cria a Comissão Técnica de Avaliação de Livros Didáticos e com ela busca avaliar a qualidade e eficácia de dicionários para o uso nas escolas do país. Além do papel pedagógico desses dicionários, o PNLD também passou a classificar os repertórios lexicais dessas obras conforme etapas do processo de alfabetização e letramento. Cabe esclarecer que esses dicionários são do tipo monolíngues e voltados a falantes do português como língua materna (L1).

² [A book of reference that lists words of one or more languages, usually, in alphabetical order, along with information about its spelling, pronunciation, grammar class, meaning, history and use.]



Tradicionalmente, os consulentes buscam dicionários com o intuito de achar o significado e a maneira correta de se escrever uma dada palavra. No caso do desenho de dicionário que se quer elaborar aqui, o qual se propõe a oferecer respostas quanto à pronúncia das unidades lexicais, o foco está no universo fônico. Para complementar o escopo deste dicionário, serão também incluídas informações sobre a classe gramatical da palavra, além da transcrição fonética, que terá papel duplo: ela apresentará por meio do Alfabeto Fonético Internacional a transcrição por meio dos símbolos elaborados pela Associação responsável pelo alfabeto fonético e ela também servirá de link de hipertexto para se acessar os clipes de áudio com a(s) pronúncia(s) disponíveis para o verbete. Quando houver pronúncias concorrentes, ou seja, quando numa mesma região ou comunidade houver duas ou mais realizações possíveis para um mesmo item lexical, como no substantivo <liquidificador> li[ki]dificador e li[kwi]dificador, as duas aparecerão; a ordem das pronúncias denotará a ordem de preferência apontada pelas pessoas que participaram da pesquisa para tal constatação. Tal preferência será levantada através de questionário com clipes de áudio em que o respondente ouvirá as formas concorrentes e optará pela forma que espelha sua preferência de uso.

A proposta de desenho do dicionário pedagógico on-line de pronúncia do português brasileiro para falantes do inglês tem o intuito de preencher

a lacuna existente e oferecer a comunidade acadêmica um trabalho que poderá servir de base para elaboração de outros dicionários de pronúncia para fins mais específicos ou simplesmente para uma otimização do enfoque dado a pronúncia em outros dicionários existentes no mercado.

De um dicionário on-line de pronúncia com os recursos do meio digital da Web, o esperado é uma maior possibilidade de oferta de informações sobre a pronúncia de uma dada palavra. Assim, além da inclusão de formas concorrentes de pronúncia de uma mesma unidade lexical, o dicionário em questão também trará a possibilidade de variação regional. Como a proposta do dicionário não é um levantamento de pronúncia nos moldes de um trabalho de geografia linguística, as variações regionais em questão que entrariam na microestrutura do dicionário seriam aquelas que têm penetração em outras comunidades de fala, mesmo que de forma receptiva. Por exemplo, o advérbio <muito> tem uma forma padrão de pronúncia que, excetuando-se contornos fonéticos, pode ser dita como de escopo nacional. Há uma variante não padrão encontrada na região nordeste, a qual, por conta de programas televisivos, geralmente, de humor, ganhou proeminência receptiva em outras comunidades de fala fora da região referida. Essa forma, realizada como <mu[tʃu]> por ser produtiva na fala de indivíduos não-escolarizados da região nordeste e na tentativa de sua representação no falar de atores que al-



mejam imitar essa pronúncia poderia justificar sua inclusão no dicionário, acrescido da classificação regionalismo. O mesmo poderia acontecer com a pronúncia dita sulista do substantivo <leite>, que da forma lei[tʃi] poderia também trazer o lei[te], pois tal pronúncia faria parte do imaginário fonético mesmo de falantes de outras comunidades de fala, seja por meio de estereótipos associados à fala dos habitantes do Rio Grande do Sul e Paraná ou assim como <mu[t[u]> por conta de representações humorísticas apresentadas em programas de TV como a empregada Bozena de Pato Branco-PR, personagem do programa humorístico Toma Lá Dá Cá, da Rede Globo, interpretada pela atriz Alessandra Maestrini. O levantamento de quais formas regionais são conhecidas nacionalmente pode também ser feito por meio de questionário seguindo os moldes dos aplicados nas pesquisas sociolinguísticas. Sem entrar no mérito de qual região usa a forma, como é o caso de lei[te] que poderia ser uma pronúncia encontrada em Pato Branco-PR ou Santo Ângelo-RS, por exemplo, o enunciado do questionário poderia ofertar para uma dada pronúncia tida como padrão nacional de uma palavra, e.g., lei[tʃi], uma ou mais variações regionais, que seriam marcadas pelo respondente como conhecida ou não. Assim, ao clicar no ícone para ouvir lei[te], a pessoa respondendo o questionário teria como opção marcar 'conheço', i.e., já ouvi esta forma de pronunciar esta palavra' ou 'não conheço', i.e., nunca ouvi essa forma de pronunciar esta palavra.

Tradicionalmente, as formas do sudeste do Brasil, em especial das capitais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, se apresentam como centros paradigmáticos de pronúncia no que tange um padrão a ser seguido. Historicamente, isso de explica pelo fato de o Rio de Janeiro ter sido por muito tempo não só a capital do Brasil, mas também um centro cultural e econômico no país. São Paulo-SP também teve desde muito tempo um papel importante no cenário econômico e cultural da nação. Cabe se questionar se essa explicação histórica justificaria a opção por um falante nativo de um desses centros para registro dos clipes de áudio representando a pronúncia da fala padrão do português brasileiro. Seguindo as opções tomadas por compiladores de dicionários de língua inglesa tanto na variedade dita americana quanto britânica, se diria que a resposta é não, pois se pegássemos um falante tipicamente carioca ou paulistano para a gravação, falantes pertencentes a outras comunidades de fala seriam rápidos em rotular tal pronúncia como tal, i.e., essa é uma pronúncia carioca ou uma pronúncia paulistana. Um aprendiz já traz na sua pronúncia as características fonético-fonológicas do sistema de sua língua materna; dessa forma, seria desejado uma forma que fosse não marcada. A referência às opções tomadas pelos compiladores de dicionários de língua inglesa se deve ao que eles entendem por língua padrão. Primeiramente, uma explicação sobre qual língua inglesa estou me referindo aqui. Por questões mercadológicas, falo das duas variedades mais



hegemônicas: a dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha. Como os adjetivos 'americano' e 'britânico' associados a 'inglês, do ponto de vista linguístico, não oferecem muitos detalhes sobre o que esperar do inglês falado por um determinado indivíduo, os autores de obras sobre o inglês padrão desses dois países usam os termos General American (GA) (Americano Geral³), nos EUA e o chamado Standard Southern British (SSB) (Britânico Sulista Padrão) na Grã-Bretanha. O GA é o inglês americano padrão obtido da mistura das formas faladas na costa leste, em especial, da cidade de Nova York, das principais cidades do centro-oeste e da costa oeste (por exemplo, Los Angeles). Já o SSB, mais que a fala da cidade de Londres, seria a forma amalgamada usada por comunicadores nos meios de comunicação de massa. Oferecida essa explicação sobre a opção feita por dicionaristas em língua inglesa, passemos agora para o que poderíamos ter aqui no Brasil como formas amalgamadas. Essa forma poderia ser extraída de variantes tidas como não marcadas a partir das falas de apresentadores de telejornais de grande audiência, que trazem formas que são ouvidas de norte a sul e que têm como características a eliminação consciente de marcas regionais dos indivíduos que apresentam esses jornais.

Por se tratar de um dicionário de aprendiz voltado para a pronúncia do português brasileiro, a pesquisa beberá de outras fontes além da Lexicologia e a Lexicografia. Das subdivisões da Lexicografia, aquela que mais apresenta consonância com a proposta de um dicionário voltado a aprendizes do português brasileiro é a chamada Lexicografia Pedagógica, que, segundo Welker (2008) inclui "todos os dicionários concebidos para aprendizes de uma língua estrangeira ou uma língua materna".

Se não há em estado pronto para uso de um levantamento numérico sobre os itens lexicais que um falante escolarizado do português brasileiro tem ao seu dispor, os achados dos estudos na área de fonética e fonologia do português brasileiro têm ofertado muitas respostas sobre o universo dos sons nas comunidades de fala no nosso país. Há vários estudos sobre os falares do Brasil, de forma que além da parte de pesquisa empírica proposta para levantamento de opções por formas concorrentes de pronúncia, esta pesquisa também poderá fazer uso da ampla literatura da área de fonética e fonologia do Português.

Se não há na literatura disponível sobre o léxico do PB um levantamento sobre o vocabulário básico que um falante escolarizado e efetivamente letrado precisa ter para realizar a leitura de um jornal popular ou empregue em uma conversa formal

³ Tradução do autor e uma consciente referência à Língua Geral falada no Brasil de forma ampla até a imposição do português como língua oficial por decreto do Marquês do Pombal em 1757.



com outro indivíduo que compartilhe de suas características, questões voltadas aos sons do português têm estudos novos e antigos em boa escala . Para ilustrar, pode-se citar Pádua (1942) e Leite & Callou (2004) para discussões sobre os dialetos do PB de uma forma ampla. Temos Votre (1978) sobre o dialeto carioca e Bisol & Collischonn (2010) sobre os falares do sul, para se citar apenas duas regiões. Esses e outros estudos na área de Fonética e Fonologia do português brasileiro e da dialetologia têm gerado muitas respostas sobre o universo fônico nas comunidades de fala no nosso país.

Já da sociolinguística, esta proposta de desenho de dicionário traz o cuidado necessário no momento de prescrever uma forma como padrão nacional ou de como classificar outra variante como regional. Há que se compreender que o que se elege como modelo traz em si opções de cunho extralinguísticos, como o poder econômico da região em que aquela comunidade de fala se insere. Outro aspecto a ser levado em consideração aqui é a co-ocorrência de formas de pronúncia. Os brasileiros podem dizer XErox e xeROX; poder dizer, como já mencionado, li[kui] dificador e li[ki]dificador. O dicionário de pronúncia terá de dar conta de incluir essa co-ocorrência, posto que não se trata de uma ocorrência restrita a uma região ou comunidade de fala fora do eixo de prestígio, como é o caso do abaixamento do vogal pretônica em «Petrolina» na fala de muitos falantes nordestinos. Na verdade, se formos usar variáveis como frequência de uso ou número de falantes que empregam essa pronúncia no país, seríamos levados a incluir essas variedades de pronúncia para uma dada entrada (headword). O mais comum das escolhas em manuais didáticos é pela pronúncia de uma comunidade apenas, digamos, do sudeste, e.g., São Paulo-SP ou Rio de Janeiro-RJ ou por uma forma não marcada que faria um amálgama do que se tem como português padrão falado e que poderia ser obtida através de uma garimpagem da fala de âncoras e demais repórteres de jornais nacionais de grande audiência como o Jornal Nacional da rede Globo e o Jornal da Band, da rede Bandeirantes. Para um maior detalhamento sobre o enfoque dispensado à pronúncia nos materiais didáticos disponíveis no mercado para ensino do PB, ver Silveira e Rossi (2006).

Contrariamente a situação do inglês, que conta com vastos corpora disponíveis para acesso via Internet (e.g. o COCA, the corpus of Contemporary American English, http://corpus.byu.edu/coca/), o português brasileiro está na infância de um corpus representativo da(s) sua(s) comunidade(s) de fala. O Grupo de Estudos de Linguística de Corpus (GELC) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é responsável pela criação e disponibilização de um corpus com um bilhão de palavras do português brasileiro contemporâneo com o projeto Corpus Brasileiro, que se propõe a apresentar um corpus geral do português brasileiro. O problema com esse corpus é que ele é o que se chama de corpus geral, que visa



ilustrar de forma genérica o léxico de uma comunidade de fala, no caso, os falantes do PB. Para os fins desta pesquisa, teríamos de ter corpora montados a partir do léxico contido em jornais, revistas, receitas e outras formas populares de veiculação de textos escritos posto que para um aprendiz do português, as formas mais eruditas encontradas em textos jurídicos ou em alguns textos do legislativo estariam fora do que se esperaria encontrar no português encontrada no dia a dia, seja na fala de um comunicador de rádio ou televisão receptivamente ou na interação com outros falantes de forma mais produtiva.

Dentro da proposta de elaboração do desenho de um dicionário de pronúncia, há alguns pontos preliminares que precisam ser levantados antes mesmo da construção desse dicionário:

- Com relação ao modelo de fala que será usado para a gravação dos verbetes, poder-se-á usar um padrão regional hegemônico nacionalmente como o português padrão usado na cidade de São Paulo, ou uma forma amalgamada nos moldes da língua usada nos jornais televisivos de grande audiência como o "Jornal Nacional" ou o "Jornal da Band".

- Em havendo pronúncias concorrentes de circulação nacional (em oposição às chamadas variações regionais), incluem-se as formas que têm maior incidência de uso. A mensuração dessa incidência poderá ser avaliada por meio de pesquisa de prefe-

rência na *Internet*, mediante o uso de questionário simples com duas ou mais formas de se pronunciar uma palavra. Assim, quem acessar o questionário poderá marcar qual é a sua preferência de pronúncia, i.e., qual é a forma que esse falante prefere.

O desenho aqui proposto é voltado a falantes do inglês e isso se explicada pela necessidade lexicográfica de se ter um grupo de consulentes em mente na hora de se conceber um dicionário, mas tal foco também apresenta consequências para o trabalho lexicográfico envolvido aqui. O guia de pronúncia deve apresentar subsídios gerais sobre a pronúncia do PB, mas também já direcionar tanto na recepção quanto na produção aqueles aspectos nos quais os anglófonos apresentam dificuldades constatadas na literatura de aquisição de L2 e em estudos contrastivos. Temos no PB o uso na nasalidade com função fonológica em pares como s[aw] e s[ãw] para <sal> e <são>, respectivamente e o som representando na escrita pelo encontro consonantal <lh>. Apesar da diferentes perspectivas teóricas existentes nos estudos de aquisição de segunda língua, diferenças no repertório fonético-fonológico entre o português e o inglês são aspectos que necessitam de atenção tanto nas partes de suporte geral sobre pronúncia como o equivalente on-line das front matters dos dicionários impressos ou no tipo de informação que se incluirá na microestrutura desse dicionário on-line.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como área de estudo e pesquisa, a Lexicografia de hoje naturalmente interage com outras grandes áreas como a Linguística, as Ciências da Informação e Antropologia Cultural. Um trabalho inserido na Lexicografia Pedagógica e Eletrônica enfocando a pronúncia de um item lexical, ao seu turno, irá dialogar com aquelas áreas dos Estudos da Linguagem que trabalham com o chamado universo fônico como a Fonética e a Fonologia, mas como há variáveis extralinguísticas a serem consideradas um balizamento filtrado pelos achados da Sociolinguística se fazem necessários. Do ponto de vista didático, o desenho de dicionário apresentado aqui tem muito a ganhar com os resultados de pesquisas sobre aquisição e processamento de segunda língua. Mais do que preencher uma lacuna existente, a oferta de um modelo possível de ferramenta lexicográfica para ensino-aprendizagem da pronúncia do português usado no Brasil para falantes do inglês visa problematizar o caráter prescritivista de um dicionário com as características do proposto aqui. Indicar uma forma de falar como forma a ser seguida em detrimento de tantas outras não é um decisão que se tome sem levar em consideração os impactos decorrentes dela. Por outro lado, mesmo com a possibilidade de inclusão de diversas variantes, há que se levar em conta o aspecto didático da obra de referência que não deve ser confundido com um atlas linguístico. Assim sendo, há necessidade de se fazer uma prescrição informada pelos dados de pesquisas prévias e se falar nos espaços adequados no dicionário sobre variação para que o consulente/ aprendiz não fique com a impressão errônea de que o caráter homogêneo da língua é o que impera.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G.G. et al. Interdisciplinaridade: Uma Mudança no Agir e Pensar. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVII, N.4, Agosto de 2013. Disponível em: http://www.filologia.org. br/xvii_cnlf/cnlf/04/07.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.

BASSI, A. **A Palatalização da Fricativa em Coda Silábica no Falar Florianopolitano e Carioca**: Uma Abordagem Fonológica e Geolinguística. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_alessandra_bassi.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. v. 2, n. 3, agosto de 2004. ISSN 1678-8931. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_3_entrevista_tony_berber_sardinha.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. A nasalidade, um velho tema. **D.E.L.T.A**., São Paulo, v. 14, n. especial, pp. 24-46, 1998.



BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (org.) **Português do Sul do Brasil**: Variação Fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística**: *uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 1 – Introdução. Londrina: Eduel, 2014.

_____. Atlas Linguístico do Brasil, v. 2 – Cartas Linguísticas 1. Londrina: Eduel, 2014.

CARVALHO, M.C.M. Dicionário Houaiss: Considerações sobre a microestrutura. **Revista Hispeci & Lema On-Line**. Bebedouro-SP, 2014. Disponível em: http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/32/05122014141722.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.). **A Linguagem Falada Culta Na Cidade de São Paulo**. Vol. I, Elocuções formais. São Paulo: TAQ/FAPESP, 1986.

. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Vol. II, Diálogos entre dois Informantes. São Paulo: TAQ/FAPESP, 1987.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Português Culto Falado No Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp,1989.

_____. A Língua Falada no Ensino do Português. 5a. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

COLANTONI, L. et al. **Second Language Speech**: Theory and Practice. Cambridge: CUP, 2015.

COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. XII Reunião Extraordinária do Conselho de Ministros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.cplp.org/Files/Billeder/cplp/1-Resol_PALis.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

COSTAS, R. Brasil em alta impulsiona ensino de português no mundo. *BBC Brasil em Londres* (10/10/2012). Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/120926_portugues_cursos_ru.shtml. Acesso em: 05 dez. 2014.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

_____. **Pronúncia do Inglês**: para falantes do português brasileiro - Os sons. 1a. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2005.

CRYSTAL, David. **How Language Works**. London: Penguin Books, 2005.

DURAN, M. & XATARA, C. As Funções da Definição nos Dicionários Bilíngues. **Alfa**. São Paulo, 50 (2), p. 145-154, 2006. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1416/1117>. Acesso em: 20 out. 2014.

FERNANDES, A. M. **Alfabetização e Letramento:** Definição de conceitos, apresentação de alguns dados sobre fracasso escolar e discussão do papel social da escola. São Carlos: Linguagem, 2010. Disponível em : http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao13/ref_01.pdf . Acesso em: 25 jun. 2016.



GODINHO, C. S. Variação das Oclusivas Alveolares no Falar Paraense (Dissertação de mestrado). Belém: UFPA, 2012. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_variacaooclusivasalveolares.pdf Acesso em: 01 ago. 2016.

IBGE. "Você sabia que o número de pessoas que não sabem ler ou escrever está diminuindo no Brasil?". Disponível em: http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-po-vo/educacao.html. Acesso em: 25 jun. 2016.

ILARI, R.; NEVES, M.; CASTILHO, A. T. (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. 1a. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

International Phonetic Alphabet. Disponível em: http://www.internationalphoneticalphabet.org/. Acesso em: 10 fev. 2015.

KENNEDY, G. D. **An introduction to corpus linguistics**. Nova York, Longman, 1998.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (orgs). **Ciências do Léxico**. Vol. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 133-152.

LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MCCARTHY, M. et al. **Vocabulary Matrix**: *Understanding, Learning, Teaching*. Heinle CENCAGE Learning: United Kingdom, 2010.

MENDES, E. Português gera interesse mundial 'nunca visto'. Disponível em: http://www.plataformamacau.com/macau/ portugues-gera-interesse-mundial-nunca-visto/>. Acessado em: 05 dez. 2014. Macau: Plataforma Macau. Entrevista concedida a Patrícia Neves.

MIRANDA, F.B. Balanço e perspectivas da lexicografia. In: **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 32 (2013). Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2013v-2n32p15/25491>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MIRANDA, F. V.; REOLON JARDIM, C. Ensino e aprendizagem de inglês e espanhol por meio de dicionário para aprendizes brasileiros: um estudo avaliativo. **Polifonia** (UFMT), v. 19, p. 241-261, 2012.

MIRANDA, F.; FARIAS, V. Demandas curriculares e lexicografia: os dicionários escolares são adequados para a produção textual?. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. [www.revel.inf.br].

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: O tratamento da Variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante: representação e análise sociolinguística. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. **Um reestudo da vibrante:** análise variacionista e fonológica. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 1997.

PÁDUA, C. T. **O dialeto brasileiro**: ensaio de filologia e sociologia sobre a língua falada no Brasil. Curitiba: Guaíra, 1942.



Para fugir de desemprego e crise, estrangeiros vêm trabalhar no Brasil. *Bom Dia Brasil* (21/07/2011). Disponível em: http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/07/para-fugir-de-desemprego-e-crise-estrangeiros-vem-trabalhar-no-brasil.html. Acesso em: 10 out. 2015.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Corpus Brasileiro. Disponível em http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html. Acesso em: 20 mar. 2015.

Portuguese language gaining popularity. *The Portugal News* (05/05/2007). Disponível em: http://www.theportugalnews.com/news/view/906-9 Acesso em: 26 out. 2015.

Portuguese|MIT Global Studies and Languages. Disponível em: https://mitgsl.mit.edu/language/portuguese. Acessado em: 01 out. 2015b.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology**: A Practical Course. 4a. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1983/2012.

SANTIAGO, M. S. Análises contrastivas de microestruturas em dicionários escolares. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, Rio de Janeiro, v.1, p. 1-14, 2012. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2014.

SILVA, A. R. A Ditongação em Sílabas Fechadas por /s/nas Trilhas das Capitais Brasileiras (Dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2014. Disponível em: https://alib.ufba.br/files/a_ditongacao_em_silabas_fechadas_por_s_nas_trilhas_das_capitais_brasileira_-amanda_dos_reis_silva.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SILVA, H. C. O /r/ Caipira no Triângulo Mineiro: Um Estudo Dialetológico e de Atitudes Linguísticas (Dissertação de mestrado). Londrina: UEL, 2012. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/silva_helen_c_me_2012.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SILVEIRA, R.; ROSSI, A. Ensino da pronúncia de português como segunda língua: considerações sobre materiais didáticos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf. br]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_ensino_da_pronuncia_de_portugues.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SOBKOWIAK, W. E-dictionaries and Phonolexicographic Needs of EFL Users. **Lexikos**. Vol. 17, 2007. Disponível em: http://lexikos.journals.ac.za/pub/article/viewFile/1168/684> Acesso em: 10 dez. 2015.

TARP, S. Pedagogical Lexicography: Towards a New and Strict Typology Corresponding to the Present State-of-the-Art. **Lexikos**. Vol. 21, 2011. Disponível em: http://lexikos.journals.ac.za/pub/article/view/44/52>. Acesso em: 26 mar. 2015.

_____. Lexicography in the Borderland between Knowledge and Non-knowledge: General Lexicographical Theory with Particular Focus on Learner's Lexicography. Tübingen: Max Niemeyer, 2008.



TROUCHE, L. M. G. O Marquês do Pombal e a Implantação da Língua Portuguesa no Brasil: Reflexões sobre a Proposta do Diretório de 1757. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_9.htm>. Acesso em: 01 ago. 2016.

VOTRE, S. J. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro (Tese de doutorado). Rio de janeiro: PUCRJ, 1978.

WEINRICH, H. A verdade dos dicionários. In: VILELA, M. (Org) **Problemas da Lexicologia e da Lexicografia.** Porto: Livraria Civilização, 1979. p. 314-337.

WELKER, H. A. **Dicionários:** Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004. Capítulos II (p. 15-33) e III (p.-35-54).

_____. Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica. Brasília: Thesaurus Editora, 2008.

WELLS, J.C. **Longman Pronunciation Dictionary**. 3a. ed. United Kingdom: Longman, 2008.

Why Learn Portuguese? Division of World Languages, Literatures & Cultures. College of Liberal Arts & Sciences – University of Iowa. Disponível em: http://clas.uiowa.edu/dwllc/spanish-portuguese/feature/why-learn-portuguese. Acesso em: 01 out. 2015a.



CICLO DE VIDA DAS DESTINAÇÕES TURÍSTICAS: O ESPAÇO RURAL DO COREDE DAS HORTÊNSIAS, RIO GRANDE DO SUL

CICLO DE VIDA DE LOS DESTINOS TURÍSTICOS: EL ESPACIO RURAL DEL COREDE DAS HORTÊNSIAS, RIO GRANDE DO SUL

Rafael Lima de Souza (UCS)¹ Marlei Salete Mecca (UFSC)²

Resumo: O Turismo surge como alternativa de desenvolvimento para muitas localidades rurais. Estas, quando possuem produtos turísticos integrados e uma área geográfica definida, formam uma destinação turística. Essa destinação passa por diversas fases desde o seu nascimento, podendo chegar ao declínio ou rejuvenescimento. Assim, o objetivo desse trabalho é identificar em qual fase do ciclo de vida das destinações turísticas, proposto por Butler (1980), se encontra a destinação que compreende o espaço rural do COREDE das Hortênsias, RS. Para isso foi realizado um estudo de caso exploratório de caráter qualiquantitativo, através de entrevistas semiestruturadas com a iniciativa pública e privada. Utilizou-se o programa estatístico IBM SPSS Esta-

tísticas 21 para tratar os dados e verificar a fase que mais se destacava no destino em questão. Através dessas informações foi possível inferir que a destinação se encontra na fase de envolvimento, na qual a população começa a despertar para o turismo adotando medidas locais para que este comece a se desenvolver de forma eficiente.

Palavras-chave: Turismo. Destinações turísticas. Ciclo de vida das Destinações Turísticas. COREDE das Hortênsias.

Resumen: El turismo aparece como una alternativa de desarrollo para muchas zonas rurales. Estos, cuando se han integrado los productos turísticos y un área geográfica definida, forman un destino turístico. Esta asignación pasa por diferentes etapas desde el nacimiento, capaz de llegar a disminuir o rejuvenecimiento. El objetivo de este trabajo es identificar en qué fase del ciclo de vida de los destinos turísticos propuestos por Butler (1980), es la asignación que comprende las zonas rurales de CO-REDES Hortênsias, RS. Para este fue un estudio de caso exploratorio y cuantitativo carácter cualitativo, a través de entrevistas semi-estructuradas con empresas públicas y privadas. Se utilizó el programa estadístico SPSS Statistics 21 para procesar los datos y comprobar la fase que la mayoría tomó el destino

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: Rafael@giraomundo.com.br

² Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: msmecca@ucs.br



de que se trate. Con esta información, se puede inferir que el destino se encuentra en la fase de compromiso, en el que la población empieza a despertar al turismo adopción de medidas locales para que se empieza a desarrollar de manera eficiente.

Palabras-clave: Turismo. Destinos turísticos. Ciclo de vida de los destinos turísticos. COREDE das Hortênsias.

INTRODUÇÃO

O turismo, como fenômeno cultural, social e atividade econômica dos tempos modernos, apresenta-se como um dos principais setores produtivos do cenário global. Em termos de perspectiva econômica, o turismo é visto hoje, como uma alternativa para muitas regiões com forte potencial de atratividade ambiental e cultural, de maneira que diversos atores sociais como governantes, empresários e cientistas, têm se interessado em compreender melhor este fenômeno, a fim de transformá-lo em uma ferramenta para o desenvolvimento.

No entanto, o que se vê, é um caminho ainda nebuloso para os setores públicos e privados e até mesmo para a sociedade civil que em muitos casos não se sente parte do processo. Este caminho ainda é, por tanto, difícil de ser planejado, a cima de tudo, se percorrido por um único setor social.

Fica claro, à medida que a realidade vem sendo descrita, que no Brasil, a iniciativa pública e priva-

da vêm trazendo o turismo como uma solução para o quadro de estagnação ou de declínio de muitas economias, ou mesmo como propulsor de uma atividade econômica significativa para os fluxos produtivos em locais com potencial para o turismo sustentável. Esta visão apenas econômica da atividade está ultrapassada como se pode observar:

O turismo tem sido tratado como uma alternativa [rentável] e que pode trazer desenvolvimento para as comunidades que o recebem, sem gerar grandes impactos ambientais. Entretanto, o tratamento da atividade turística apenas sob a ótica do aspecto econômico é limitado, uma vez que grande parte de seus impactos é social e, especialmente, cultural. (PÁDUA; LOMBARDO, 2010, p. 350).

A partir da citação pode-se notar que deve existir uma relação entre os três pilares da sustentabilidade para que se alcance o sucesso da atividade turística, são eles: pilar econômico, pilar social, pilar ambiental. Cada pilar é sustentado pela solução de outras necessidades, por exemplo, para que haja equilíbrio social deve haver a participação e o diálogo entre todos os agentes envolvidos.

A realidade explícita no Brasil está longe do ideal teórico e nela encontram-se desequilíbrios em todos os pilares da sustentabilidade, seguindo o mesmo exemplo, poder público e poder privado pouco dialogam, a falta de continuidade das políticas adotadas por um governo pelo que sucede prejudicam o processo, a sociedade civil na maioria dos



casos não participa do mesmo e em outros tantos casos é marginalizada e completamente afastada das etapas de tomadas de decisão.

Assim sendo, um ciclo vicioso e prejudicial para a aplicação do turismo se instala: a inércia dos atores, que sempre esperam a atuação do outro, consolida uma condição de pouco aproveitamento das potencialidades das cidades brasileiras e como consequência, pouco aproveitamento do turismo como potencial de atividade econômica, social, cultural, ambiental, político e comunitário.

Desta maneira pode-se evidenciar que a atividade turística deve abranger todos os atores sociais envolvidos, todos devem participar do processo de maneira que seus interesses sejam colocados em pauta no momento em que serão traçadas as diretrizes a serem seguidas coletivamente. O planejamento da atividade turística se torna por estes fatores elencados a cima fundamental para que o destino se consolide, e mais, para que o ciclo de vida desta atividade se torne cada vez maior.

Péres fala sobre a criação de um modelo teórico que vem sendo utilizado como uma importante ferramenta no planejamento de destinos turísticos:

A teoria TALC foi criada em 1972 por Richard W. Butler e James Brougham em uma conferência da Travel Research Association canadense. Em um primeiro momento, não causou grande sensação em estudos de turismo da época. (Pérez, 2012, p. 22).

A teoria de ciclos de vida da atividade turística de Butler (1980) fundamenta muitos estudos que buscam evidenciar a necessidade do alinhamento de todos estes pilares para que se efetive o turismo nas mais diversas regiões. Segundo Fernandes e Cepeda (2000), tendo em vista o caráter de produto que o turismo ganha, este modelo pode ser aplicado na análise da evolução dos destinos turísticos mediante o estudo das fases do seu desenvolvimento.

O conceito de Ciclo de Vida das Destinações Turísticas de Butler (1980) é um modelo teórico que auxilia na identificação do estágio em que se encontra uma localidade quanto ao desenvolvimento da atividade turística desde a sua implementação ou surgimento até seu declínio ou reinvenção. Ao ser aplicado em uma determinada localidade, este modelo possibilita a identificação do estágio atual da mesma permitindo assim um melhor entendimento da realidade, bem como corrobora para a criação de um plano de desenvolvimento turístico que possibilite o monitoramento, ajustes e direcionamentos necessários para que se possa criar expectativas futuras. Péres acrescenta:

Foi nos anos oitenta que o modelo começou a chamar a atenção de pesquisadores da área. Desde lá o modelo vem chamando atenção e sendo utilizados em muitos lugares do mundo como o Havaí, Austrália Gold Coast, a Veneza, e Lancaster Pensilvânia, terra de ammish. (Pérez, 2012, p. 22)



Cabe salientar que segundo, Fernandes e Cepeda, (2000), esta metodologia se adéqua a evolução de um destino turístico, mas não pode ser tida como universal uma vez que os mesmos nem sempre passaram ou virão a passar por todas as fases descritas por Butler (1980).

Portanto surge a questão de pesquisa: em que estágio se encontra a atividade turística na área rural do COREDE das Hortênsias no Estado do Rio Grande do Sul de acordo com o modelo teórico de Butler (1980)?

Sendo assim o objetivo geral deste artigo é identificar em que estágio se encontra a atividade turística na área rural do COREDE das Hortênsias no Estado do Rio Grande do Sul de acordo com o modelo teórico de Butler (1980), como recorte para tal selecionou-se a as propriedades rurais ativas em relação a atividade turística cadastradas no site da SETUR (Secretaria Estadual de Turismo do Rio Grande do Sul).

COREDE DAS HORTÊNSIAS

Esta pesquisa teve como local de estudo a região do Conselho Regional de Desenvolvimento das Hortênsias que faz parte dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. Estes Conselhos, (COREDES), caracterizam-se por ser um fórum de discussão e decisão a respeito de políticas e ações que visam o desenvolvimento

regional e foram criados oficialmente pela lei 10.283 de 17 de Outubro de 1994.

O COREDE das hortênsias é composto por sete municípios (Cambará do Sul, Canela, Gramado, Jaquirana, Nova Petrópolis, Picada Café e São Francisco de Paula), abrange uma área territorial de 6.261,7 Km², possui população total de 128.865 habitantes e sua densidade demográfica é de 20,4 hab./Km². O PIB per capita (2010) foi de R\$17.474, de acordo com os dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE, 2011).

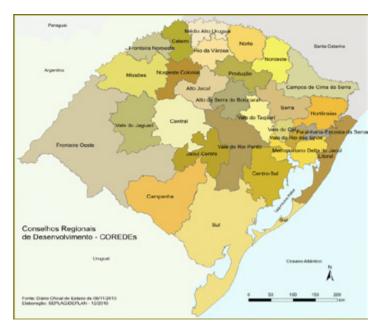


Figura 1 - Divisão dos COREDE's Fonte: Atlas Sócio Econômico, 2011.



REFERENCIAL TEÓRICO

O ciclo de vidas das destinações turísticas: o conceito de Butler (1980)

Existem diferentes teorias que tratam dos ciclos de vida, a maioria delas são oriundas das ciências biológicas, entretanto, as ciências sociais e as empresas se apropriaram deste conhecimento para criar teorias que formam a base epistemológica do ciclo de vida da atividade turística, entre estes autores pode-se destacar Kotler (1998), o autor mostra que os estudos e ensaios sobre o ciclo de vida normalmente são representados por uma curva em forma de sino que engloba quatro momentos da atividade: introdução, crescimento, maturidade e declínio.

Mauad (2005) em seu estudo sobre ciclo de vida industrial mostra que as empresas vêm utilizando modelos divididos em quatro fases, como mencionado a cima, e complementa através de uma visita a literatura existente, que existem indústrias que apresentam ciclos de vida divididos em três a dezessete fases.

A ideia dos destinos turísticos possuírem atratividade inesgotável diante do olhar do turista, segundo (BUTLER, 1980), vem sendo encarada como verdade absoluta pelos atores responsáveis pelo planejamento dos destinos turísticos, os responsáveis tratam o turismo como fonte interminável de acúmulo de capital. Entretanto existem exemplos a

favor e contra esta ideia, destinos consolidados que por si só se renovam e contam com o crescente número de visitantes e outros, onde isto não ocorre.

Conforme o que diz Butler (1980), mesmo que se possa traçar o ciclo de vida de determinada localidade turística, isso pode se dar de maneira mais fácil em umas do que em outras regiões. A maior dificuldade que o planejador encontra para aplicar de maneira satisfatória este modelo é a obrigatoriedade de se obter dados quantitativos da localidade por período longo de tempo. Estes dados, de acordo com Butler (1980), são muito raros é improvável que haja registros desde as primeiras visitações do local em questão.

Butler baseou o conceito de ciclo de vida das destinações turísticas em uma teoria desenvolvida pelo marketing de produtos em 1980. O mesmo autor testou o modelo ao verificar o crescimento e o declínio dos equipamentos turísticos e das regiões em que estes se encontravam. Diversos estudos de vários pesquisadores oriundos dos mais distintos lugares do planeta que se valeram do modelo de Butler (1980) comprovam sua aplicabilidade e eficiência para localidades turísticas.

Butler (1980) explicita em seus estudos que as destinações turísticas não são estáticas e que a realidade das mesmas está sempre mudando. O modelo proposto por ele é apresentado por uma curva, normalmente em forma de sino, como apresentada no gráfico um e pode ser adaptado para outras situações



sempre que necessário. O ciclo de vida de uma região turística depende de muitos fatores, por exemplo, a substituição de um atrativo natural por um artificial no caso de intensa deteriorização do mesmo, falta de interesse da comunidade local em participar do processo, etc. Os estágios do ciclo de vida das destinações turísticas estão ilustrados no Gráfico 1.

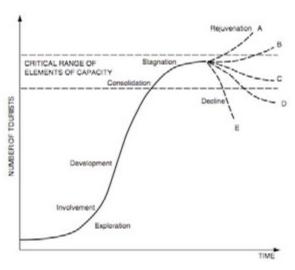


Gráfico 1 – O Ciclo de Vida das Destinações Turísticas Fonte: Butler, 1980, p.7.

Butler (1980) descreve o ciclo de vida das destinações turísticas da seguinte maneira: No início, os visitantes vão chegar a uma determinada localidade de forma espontânea, em busca de algum atrativo que lá exista (na maioria dos casos os atrativos são naturais), o contato com os locais é informal. O aumento deste fluxo de visitantes faz com que haja um proporcional aumento no número de equipamentos

destinados ao turismo. A informação, assim passa a ser disseminada e com a implementação do Marketing o número de turistas tende a aumentar significativamente, atraindo investimentos maiores. Pode acontecer, de determinada localidade possuir uma capacidade de carga menor e o número de turistas diminuir, esse limite poderá ser identificado a partir de diversos fatores como: ambientais (escassez de terra, qualidade da água, qualidade do ar), da infraestrutura (transportes, acomodações, outros serviços) ou de fatores sociais (multidões, descontentamento da população local). Quanto maior o número de visitantes, maior o impacto e possivelmente mais rápida é a perda de atratividade desta localidade que deve se reinventar para se recolocar no mercado.

Segundo Ruschmann (1997), constatou-se que de acordo com o serviço oferecido em cada fase, dependendo do preço e qualidade, o tipo de turista tende a mudar. Nas primeiras fases do desenvolvimento da localidade, aventureiros que buscam lugares inexplorados, que "abrem as trilhas", são os primeiros frequentadores, estes turistas são denominados alocêntricos, ou exploradores. Os turistas psicocêntricos, esperam que a localidade chegue em seu ponto máximo de desenvolvimento, pois buscam conforto, qualidade e segurança nos serviços. Já os visitantes "de massa" (mesocêntricos) são caracterizados por serem pessoas que desejam "conhecer" ou passar pelo maior número de destinos possível, pelo menor preço, sendo assim, buscam destinos que já estão em declínio.



Butler (1980) inicia o conceito de ciclo de vida das destinações turísticas com o estágio da exploração (*exploration*), que se caracteriza por um baixo número de turistas alocêntricos que buscam novos destinos e aventuras. A partir do modelo de Christaller, Butler (1980) afirma:

Estes visitantes "de fora" podem ter sido atraídos para este local por suas características naturais e culturais únicas e peculiares. Naquele momento, não haveria infraestrutura específica voltada para atender os visitantes. Desta forma, o uso de equipamentos públicos e o contato com a comunidade local provavelmente tenha sido mais frequente, o que pode ter constituído em um fator de atratividade para esta destinação turística. Naquele contexto, a chegada e partida dos turistas para a localidade teria tido relativamente pouco significado para a economia e vida social da população local. Butler (1980, p. 8).

À medida que o expoente de turistas cresce, algumas pessoas da localidade passam a se envolver no processo, criando infraestrutura e equipamentos turísticos para atender esta demanda que se criou de maneira espontânea, este estágio é a fase de envolvimento (*involvement*), este contato entre visitante e visitado se torna cada vez mais frequente e tende a aumentar visto que alguns dos visitados passam a trabalhar em atividades exclusivamente ligadas ao turismo. Neste estágio, normalmente começa a haver uma segmentação e a localidade passa a se especializar em determinada atividade e cria assim

sua imagem. A sazonalidade pode fazer com que se crie uma temporada para o turismo e alguns ajustes na maneira de viver desta comunidade pode ter que ser feito. Nesta fase também começam as pressões para que o poder público comece a participar do processo e investir em melhorias na infraestrutura e no transporte.

A terceira fase, do desenvolvimento (development) corresponde a um momento onde o destino faz parte de um mercado turístico bem definido, é conhecido e o marketing funciona muito bem. Durante esta fase, a população local perde o controle do crescimento do destino e seu envolvimento decresce vertiginosamente. Neste momento os equipamentos locais passam a ser substituídos por equipamentos maiores provenientes de grandes investimentos externos. Atrações naturais e culturais do local serão desenvolvidas e na falta de opções serão criadas atrações artificiais. Podem ocorrer alterações físicas marcantes na região que nem sempre são de acordo com a vontade dos locais. Segundo Butler, "este momento pode ser facilmente identificado em regiões do México, nas ilhas mais desenvolvidas do Pacífico e no litoral norte e oeste da África" (BUTLER, 1980, p. 8).

Nesta etapa do desenvolvimento, na alta temporada da destinação pode haver (normalmente há) uma importante inversão no que diz respeito ao expoente de visitantes que não muito raro são às vezes, passa a quantidade do número de moradores da localidade. Neste momento, muitas vezes se inicia a



busca de mão de obra de fora e se instalam pequenos equipamentos auxiliares como locadoras e lavanderias. O tipo de turista também muda, se tornando mais exigente e este passa a buscar o conforto e a qualidade dos equipamentos turísticos. O custo de vida local tende a aumentar muito neste momento.

Ao passo que se dá o inicio da fase da consolidação (consolidation), lembrando sempre que o desenvolvimento de um destino turístico não é algo estático e que a realidade é dinâmica e que uma localidade nunca está somente nesta fase ou naquela, o número total de turistas tende a diminuir mesmo sendo maior que a população local em algumas estações ou temporadas (no caso de destinos que sofram com a sazonalidade).

Grande parte da economia desta localidade estará ligada de alguma forma ao setor turístico e estratégias de marketing e propaganda serão adotadas com a finalidade de aumentar a permanência do turista no local. O grande número de visitantes e os investimentos públicos no setor podem causar descontentamento na população local, principalmente a que se encontra marginalizada do processo, "tais tendências estão presentes em áreas do Caribe e ao norte na costa do Mediterrâneo." (BUTLER, 1980, p. 8). Estas cidades concentram sua atratividade em "ilhas" formadas pelos resorts e fazem com que o restante seja considerado de segunda linha e assim indesejável para o turista.

O quinto estágio é a fase da estagnação (stagnation), onde o número máximo de visitantes já terá sido alcançado. O destino terá uma imagem bem estabelecida, mas não estará mais "na moda". A capacidade de carga terá sido alcançada ou excedida, como consequência, impactos ambientais, sociais e econômicos serão percebidos. Nesta fase, normalmente as localidades buscam captar eventos que tragam de volta os visitantes. A localidade fica conhecida pelos seus resorts e não mais por seu verdadeiro ambiente geográfico. Neste momento o perfil do turista também muda, passando a ser considerado turista de massa.

Na sexta fase, o estágio de declínio (decline), outras destinações turísticas entraram no mercado do segmento específico e a localidade perde força de atração, deixa de ser competitiva. Butler corrobora, "tais tendências podem ser facilmente percebidas em antigas áreas de resort na Europa, como por exemplo, Firth of Clyde na Escócia Ocidental. Miami beach está no início desta fase" (BUTLER, 1890, p. 9). Neste momento começam a ser substituídos os grandes equipamentos voltados para o turismo por equipamentos voltados a outras áreas, mudam os donos e os investimentos externos recuam e muitas vezes deixam de existir. Neste processo, o autor acredita que "Cada vez mais as instalações turísticas desaparecem na medida em que as destinações turísticas se tornam menos atraentes aos olhos dos turistas" (BUTLER, 1980, p. 9).



Esta fase também se caracteriza por uma volta da comunidade à atividade, isso por que os imóveis estão com os preços baixos e ainda existe uma demanda para pequenos equipamentos e instalações, passa-se a ter novamente o envolvimento da comunidade local. As grandes redes de hotéis acabam por sair da localidade, deixando ociosos grandes construções que se tornam condomínios, lares para idosos ou asilos. Em fim, o que antes foi uma destinação turística pode deixar de ser neste momento. Existe também a possibilidade de uma destinação ter o declínio forçado por uma catástrofe natural como, por exemplo, o sudeste asiático após os tsunamis de 2005. Se esta fase perdurar por muito tempo esta destinação pode não voltar a ser mais atraente mesmo após solucionar os problemas.

Ainda assim, o ciclo de vida da atividade turística apresenta possibilidades. O rejuvenescimento (rejuvenation) pode ocorrer, mas para isso devem ocorrer drásticas mudanças na destinação. Butler (1980) mostra duas maneiras de se alcançar o rejuvenescimento, a primeira pela construção de um novo atrativo pelo homem, cassinos, shoppings Center, etc. A segunda, de acordo com o autor, é aproveitar de melhor maneira os atrativos naturais do local. Nos dois caminhos, são necessários esforços combinados entre o governo e o setor privado. Butler (1980, p. 9) acrescenta um dado importante à sua análise: pode-se esperar que até mesmo as atrações de uma destinação turística rejuvenescida perderão

sua competitividade. Somente em casos de áreas verdadeiramente únicas seria possível manter uma atratividade atemporal capaz de suportar a pressão das visitações.

Dos exemplos citados por Butler (1980) de destinos que já passaram pelo rejuvenescimento e que sua atratividade parece se perpetuar frente aos olhos dos visitantes são a Disneylândia e Niágara Falls no Canadá.

Estas destinações que atraem constantemente os visitantes se renovam e se reinventam todo o tempo, não deixando chegar à fase do declínio sem antes já ter traçado um plano de rejuvenescimento. A velocidade com a qual a sociedade pós-moderna muda seus estilos e gostos refletem na velocidade com a qual os destinos devem se reinventar, oferecendo novas experiências e criando oferta para uma demanda criativa que está sempre atrás do novo, da descoberta.

METODOLOGIA

O método científico é a estrutura do conhecimento em que são elaboradas e testadas as hipóteses que dizem respeito à ciência (Magalhães, 2005). A escolha da metodologia depende do problema de pesquisa, pois este delineará as melhores alternativas a serem utilizadas com vistas a solucionar o problema em questão e atingir os objetivos propostos (Boaventura, 2004).



Para a realização deste estudo de caso, o turismo no espaço rural foi abordado a partir do bojo dos estudos turísticos, levando em consideração que nesta pesquisa foi analisada somente a óptica do proprietário rural.

O tipo de pesquisa escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi a quali-quantitativa de natureza exploratória. Segundo Malhotra (2006), a pesquisa pode ser classificada como exploratória ou conclusiva. A pesquisa exploratória tem como principal objetivo ajudar a compreender a situação-problema enfrentada pelo pesquisador. Já a pesquisa conclusiva é realizada para determinar, avaliar e selecionar o melhor curso de ação, e é eficaz para identificar características de determinada população ou fenômeno (BOAVENTURA, 2004).

O problema de pesquisa do presente estudo está ligado à visão geral de uma situação, que envolve a compreensão da fase em que o Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) das Hortênsias, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil se encontra de acordo com a atividade turística no modelo teórico proposto por Butler (1980). As respostas obtidas não são conclusivas; têm por objetivo compreender uma situação para, posteriormente, levantar hipóteses que poderão ser testadas.

Sendo assim, a pesquisa foi realizada em dois momentos, o primeiro de caráter exploratório para investigar as propriedades existentes e ativas no COREDE das hortênsias que se enquadrariam neste estudo. Para isso, foram utilizados dados disponibilizados pela Secretaria Estadual de Turismo, pela administração do COREDE, pelas prefeituras dos municípios, bem como pelas secretarias de turismo dos municípios onde foram feitas as pesquisas e ainda informações dos proprietários rurais.

No segundo momento foram visitados todos (censo) os estabelecimentos abaixo citados, e que se encontravam ativos no período de setembro a novembro de 2014 para a realização de uma entrevista em profundidade com os proprietários dos mesmos. Percebe-se que os municípios de Gramado e Picada Café não possuem propriedades ativas em relação a atividade turística cadastrados na SETUR – RS.

Tabela 1 - Lista das propriedades ativas do COREDE das Hortênsias

Hortensias	
Propriedades	Localização
Pampa Rural, Pesca e Lazer	Cambará do Sul
Pousada das Corucacas	Cambará do Sul
Eco parque Sperry	Canela
Parque Fazenda da Serra	Canela
Pousada Fazenda a Casa do Morro	Jaquirana
Associação Linha Brasil	Nova Petrópolis
Pousada Bienenfreund	Nova Petrópolis
Pousada Verde Vale	Nova Petrópolis
Recanto dos Pioneiros	Nova Petrópolis
Fazenda Hotel Invernadinha	São Francisco de Paula
Fazenda Remanso do Faxinal	São Francisco de Paula



Para a realização da entrevista, foi marcado um local, com data e horário previamente combinado e agendado com os proprietários rurais. Esta entrevista foi registrada por escrito no momento de sua realização, tendo em média duração de duas horas.

As respostas das questões fechadas foram tabuladas e analisadas a partir das categorias de respostas apresentadas nas entrevistas, analisando-se de forma descritiva conforme a frequência de respostas apresentadas a cada categoria. As abertas foram analisadas através de analise de conteúdo.

RESULTADOS

Estágio, de acordo com o modelo teórico proposto por Butler, das atividades turísticas desenvolvidas nas propriedades.

A fim de responder ao objetivo desta pesquisa, os resultados foram resumidos em um quadro dos estágios pelo qual a atividade turística passa no COREDE das Hortênsias de acordo com o modelo teórico desenvolvido por Butler na década de 1980 — ainda muito utilizado nos dias de hoje. Neste mesmo quadro, foram colocados extratos retirados das entrevistas realizadas com os proprietários rurais, que traziam informações importantes e valiosas para que se pudesse evidenciar em qual estágio a atividade turística se encontrava na região.

É importante ressaltar que nem sempre é possível encontrar todas as características de uma fase em um destino, pois se trata de um modelo evolutivo. Dessa forma, podem existir destinos que se encontram passando de uma fase para outra e ainda destinos que possuem algumas características de cada fase do modelo. O que vale é a predominância de características de um modelo para que se possa enquadrar o destino em tal fase.

Pôde-se verificar que o primeiro estágio, da "exploração", em que poucos turistas chegam até a região de maneira espontânea, estes normalmente são turistas alocêntricos, ou seja, turistas aventureiros, que não se preocupam com roteiros preestabelecidos, que procuram aspectos naturais e culturais, sem se preocupar com a infraestrutura, turismo de alto contato com os locais, sem influenciar o meio social e com pouco retorno econômico foi totalmente ultrapassado na região.

Já a segunda fase proposta por Butler (1980) é a do "envolvimento", e nessa fase encontra-se a comunidade receptora do Corede das Hortênsias totalmente engendrada. Os motivos foram o início do envolvimento do setor público a fim de suprir as necessidades básicas de infraestrutura como acesso, abastecimento de água e luz, entre outras necessidades, certo aumento no número de turistas e na regularidade de visitas dos mesmos e certo grau de envolvimento da comunidade local que começa a enxergar no turismo alguns benefícios, principalmente econômicos, como a geração de emprego e renda extra.



Figura 1 - Estágio das atividades turísticas desenvolvidas Fonte: (SOUZA, 2014).



REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da Pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004.

BUTLER, Richard. The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources. **Canadian Geographer**, v. 24, p. 5-12, 1980.

FERNANDES, Paula O; CEPEDA, Francisco J.T. **Evolução do turismo na região Norte de Portugal:** aplicação do ciclo de vida. In II Seminário Luso Espanhol de Economia Empresarial. Covilhã, 2000.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 2011. Disponível em: http://www.fee.rs.gov.br/>. Acesso em: 09 abr. 2014.

KOTLER, Philip. **Princípios de Marketing**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil Ltda., 1998.

MAGALHÃES, G. Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia. São Paulo: Ática, 2005.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MAUAD, Talita Marum. **Ciclo de vida setorial:** uma proposta para orientar o desenvolvimento local e as políticas públicas. Brasília: ANPAD, 2005. Disponível em: https://dedalus.usp.br/F/RSB3Y1X6BE9LUHXI63RN2QMHKNI-QN4YV6KGLEMYP65B14MIEYG-04633?func=full-set-setwet_number=031442&set_entry=000004&format=037. Acesso em: 11 set. 2013.

PÁDUA, L.C.T.; LOMBARDO, M.A. **Reflexões acerca da percepção como orientação teórico-metodológica para pesquisas em geografia do turismo.** In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO. Rio Claro: Unesp, 2010.

PÉREZ. P. L. **El ciclo de vida de un área turistica:** su aplicacion a la Costa del Sol española y su medio ambiente. In: OBSERVATORIO MEDIOAMBIENTAL, vol. 15, pp. 21-34, ISSN: 0211-9803, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. 1994, Disponível em: http://feedados.fee.tche.br/consulta/unidades_geo_coredes.asp. Acesso em: 09 abr. 2014.



ESTEREÓTIPO POLÍTICO E MÍDIA NO DISCURSO AUDIOVISUAL HUMORÍSTICO DO PORTA DOS FUNDOS

STEREOTYPE POLITICAL AND MEDIA AUDIODIOVISUAL HUMOROUS SPEECH OF PORTA DOS FUNDOS

Rafael Sbeghen Hoff (UFRGS)¹

Resumo: No jogo de poder e das tensões que emanam do campo político entre os agentes em disputa, a mídia ganha lugar privilegiado (Bourdieu, 1997,2002) pois dá existência social aos atores e reconhecimento aos lugares de fala. Tudo isso disfarçado de "verdade" e "naturalidade" num discurso estereotipado e marcado por silenciamentos. As esquetes humorísticas do Porta dos Fundos tomam a relação entre a mídia e o campo político como cenário para uma crítica às instituições, aos agentes e às ideias em jogo. Com o objetivo de mapear as estratégias discursivas do coletivo tomamos o conceito de Bergson (1983) de que o riso é um gesto social e que o fazer rir (humor) exige um reconhecimento mútuo (do espectador e do autor) do tempo e do lugar cultural e discursivo. A análise fílmica interna revela as narrativas humorísticas e a representação de personagens em suas relações com a mídia. Conclui-se que o humor do coletivo atualiza seu conteúdo na web em relação à TV pelo deslizamento do foco discursivo para os personagens com maior capital simbólico (políticos e candidatos), satirizando e debochando do poder governamental, suas instituições e da própria mídia no esforço de construir estas personas.

Palavras-chave: humor. Mídia. Política. Audiovisual. Porta dos Fundos.

Abstract: In the game of power and tensions emanating from the political field between the agents in dispute, the media gains privileged place (Bourdieu, 1997.2002) it gives the actors social existence and recognition of speech places. All disguised this "truth" and "naturalness" in a stereotypical and marked by silences speech. The humorous skits of the Porta dos Fundos take the relationship between the media and the political arena as a backdrop for a critique to institutions, agents and ideas into play. In order to map the discursive strategies of the collective take the concept of Bergson (1983) that laughter is a social gesture and make you laugh (mood) requires mutual recognition (of the spectator and the author) the time and place cultural and discur-

¹ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UCPel), Mestre em Letras e Cultura Regional (UCS) e doutorando em Comunicação e Informação (UFRGS). Professor na UNISC na Univates.



sive. The inner film analysis reveals the humorous narratives and the representation of characters in their relations with the media. We conclude that the collective mood updates its web content from the TV by sliding the discursive focus to the characters more symbolic capital (politicians and candidates), satirizing and mocking of government power, its institutions and the media itself in the effort to build these personas.

Keywords: Humor. Media. Politic. Audiovisual. Porta dos Fundos.

O PORTA DOS FUNDOS E O HUMOR NA WEB

O Porta dos Fundos é um grupo de produtores-autores de conteúdos audiovisuais que utiliza o Youtube como principal plataforma de difusão do material produzido. Fundado em setembro de 2012 por Gregório Duvivier, Fábio Porchat, Ian Raul Saramão Brandão Fernandes (Ian SBF), Antonio Tabet e João Vicente de Castro, utilizaram a web como plataforma de exibição de esquetes humorísticas (num primeiro momento). Em menos de três anos o canal do coletivo atingiu a marca de um dos cinco maiores canais mundiais em número de seguidores na plataforma.

Atualmente (agosto de 2016), o canal do Porta dos Fundos no Youtube alcança a marca de doze milhões, quatrocentos e setenta mil, cento e sessenta e nove (12.470.169) seguidores. Ainda contabiliza² um total de 2.694.062.793 visualizações (somados os views de todos os vídeos) desde sua abertura. Além de produzir esquetes humorísticas (vídeos de curta duração, com arco narrativo fechado em si), o canal ainda reproduz teasers de outros produtos midiáticos produzidos pelo grupo (chamadas para o programa exibido pelo canal Fox da TV por assinatura, anúncio do filme longa metragem exibido nos cinemas, etc.). Outras opções de canais de conteúdo administrados pelo grupo são Fundos da Porta (making of e erros de gravação), Porta Afora (programa de entrevistas voltado ao turismo com apresentação de Fabio Porchat e Rosana Hermann), Portaria (programa de comentários sobre o processo produtivo das esquetes e interação com os internautas por meio de mensagens eletrônicas lidas e respondidas, apresentado por vários integrantes da trupe em rodízio), Back Door (canal em que as esquetes são exibidas com legendas em inglês). Os canais Portaria e Back Door ainda disponibilizam seus conteúdos, mas não são atualizados há dois anos.

Este artigo elegeu utilizar o produto midiático esquete como objeto empírico para discutir as estratégias estéticas e narrativas que vão configurar

 $^{^{\}rm 2}$ Dados disponíveis no canal, na plataforma y outube.com , acessados em 28/08/2016.



as construções de tipos e a comicidade do grupo na web. Chamaremos de esquete ao produto midiático de curta duração, com arco narrativo fechado em sí, apresentado como uma narrativa audiovisual independente (em relação às outras esquetes) e com a comicidade como tom diegético. Esse produto difere-se de outros apresentados na grade de produtos audiovisuais disponibilizados no canal (webssérie, teaser...) e configura-se como principal (quantitativamente) entre os conteúdos veiculados.

O foco de investigação parte da proposta de Bergson (1983) de que o riso deve ser uma espécie de gesto social. Para o autor, a resposta à comicidade deriva de um reconhecimento daquilo que é caracterizado por ele como um desvio. O riso, em resumo, é uma resposta ao humor presente no enrijecimento da vida.

A comicidade é aquele aspecto da pessoa pelo qual ela parece uma coisa, esse aspecto dos acontecimentos humanos que imita, por sua rigidez de um tipo particularíssimo, o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem a vida. Exprime, pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos. (BERGSON,1983, p. 43)

O riso exige do espectador certa medida de reconhecimento dos valores e do *habitus* num contexto social determinado para que haja decodificação dos elementos textuais, cênicos, de performance da esquete que se quer cômica. Como afirma Bergson (1983, p.8-9) "o nosso riso é sempre o riso de um grupo. (...) O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social." Daí também buscamos justificar o estudo das esquetes humorísticas do Porta dos Fundos.

O aspecto político do riso se dá pela função de tentar corrigir essa inflexibilidade, essa rigidez mecânica de que deriva a comicidade. Para o autor, existe um papel social exercido pelo riso e reconhecido entre os que riem e os que dele são alvo.

Toda sociedade pequena que se forma assim no seio da grande é levada, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de amaciamento para a rigidez dos hábitos adquiridos noutros lugares e que será preciso modificar. A sociedade propriamente dita procede exatamente do mesmo modo. Impõe-se que cada um de seus membros fique atento ao que o circunda, sem o dele pelos circunstantes, e evite enfim se encerrar em seu caráter como numa torre de marfim. E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não a ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele. (BERGSON, 1983, p. 65)

Assim, tomamos a narrativa textual e estética das esquetes do Porta dos Fundos para analisar o que há nelas que faz rir. Como recorte, propomos



um olhar sobre as esquetes que tratam, simultaneamente, do campo midiático (representada pelos veículos de comunicação e seus agentes) e do campo político (representada pela figura do político e das instituições governamentais) veiculadas entre julho de 2015 e julho de 2016.

Pierre Bourdieu (1997) já reforçava a importância do agendamento midiático para a eficácia de ações políticas quando afirmava

Um dos móveis das lutas políticas, a nível das trocas cotidianas ou na escala global, é a capacidade de impor princípios de visão de mundo, óculos tais que as pessoas vejam o mundo segundo certas divisões. (...) Ao impor essas divisões, formam-se grupos, que se mobilizam e que, ao fazer isso, podem chegar a convencer de que existem, a fazer pressão e a obter vantagens. Nessas lutas, hoje, a televisão desempenha um papel determinante.(...) é preciso cada vez mais produzir manifestações que sejam de natureza a interessar às pessoas de televisão, dadas as suas categorias de percepção, e que, retomadas, amplificadas por elas, obterão plena eficácia. (BOURDIEU, 1997, p. 29-30)

Assim, quando a comicidade reconhece e retrata este encontro, o faz a fim de promover o riso. Se o riso é um ato político e social, aí se encontra a ação mobilizadora do cômico frente ao risível. E este é o viés que move este artigo – a identificação destas relações e suas representações.

O HUMOR E O EFEITO DE REAL NO DISCURSO AUDIOVISUAL

No período entre julho de 2015 e julho de 2016 foram postados no canal do Porta dos Fundos na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube um total de 160 esquetes (foram selecionados somente os conteúdos audiovisuais cômicos e sem viés comercial explícito, tipo teaser ou anúncio de outros produtos midiáticos, tais como chamadas de programas e webséries). Destes, dez apresentam de maneira explícita uma relação entre os campos da mídia e da política em seus conteúdos. São eles: Questão de Ordem (exibido em 31/08/15); Discurso (21/09/15); Escuta (12/12/15); Especial de Natal (24/12/15); Palavras (27/02/16); Reforma (03/03/16); Reunião de emergência 2 (22/03/16); Reunião de emergência 3, delação 2 (11/04/16); Indignado (30/04/16); Bloqueio (05/05/16). Várias outras esquetes apresentam um texto cômico sobre a política ou a mídia de maneira independente, porém estes compõem um primeiro recorte sobre o objeto empírico tendo como premissa a menção direta ou indireta à relação entre mídia e campo político. O segundo recorte que propomos para atender as exigências deste artigo é a seleção de alguns destes vídeos para análise, tomando como base a maior expressividade e conjunto de elementos textuais e imagéticos que exemplifiquem as categorias de análise aqui propostas. Para tanto, neste segundo recorte, elegemos analisar os vídeos Ques-



tão de Ordem, Discurso, Palavras, Reforma, Reunião de emergência 3 e Bloqueio.

Para analisar a comicidade dos vídeos selecionados é necessário antes elencar as categorias de comicidade detalhadas por Bergson (1983). São de quatro tipos: a) o cômico das formas; b) o cômico dos gestos; c) de situações; d) das palavras. O autor enfatiza que cada uma delas encerra em sí, na essência, um automatismo que contradiz a fluidez e a flexibilidade da vida cotidiana, a que ele insiste em chamar de rigidez.

Pelo primeiro tipo, a comicidade das formas, o autor enfatiza o que há de cômico na caricatura, na deformidade e no não natural.

Automatismo, rigidez, hábito adquirido e conservado, são os traços pelos quais uma fisionomia nos causa riso. Mas esse efeito ganha em intensidade quando podemos atribuir a esses caracteres uma causa profunda, e relacioná-los a certo desvio fundamental da pessoa, como se a alma se tivesse deixado fascinar, hipnotizar, pela materialidade de uma ação simples. Teremos então compreendido a comicidade da caricatura. (BERGSON, 1983, p. 16)

No segundo tipo, a comicidade dos gestos, o teórico explica que a comicidade habita na representação mecânica de gestos, repetíveis e imitáveis, que negam a fluidez e a espontaneidade da vida. Aí reside a essência humorística da paródia.

A preocupação constante com a forma e a aplicação maquinal das regras criam aqui uma espécie de automatismo profissional, comparável ao que os hábitos do corpo impõem à alma, e risível como ele. (...) o espírito se imobilizando em certas formas e o corpo se retesando segundo certos defeitos. Quer a nossa atenção se volte do fundo para a forma, ou do moral para o físico, a mesma impressão se transmite à nossa imaginação nos dois casos; é, em ambos os casos, o mesmo gênero de comicidade. (BERGSON, 1983 p.29-30)

O autor conclui que se torna risível o humano que é transformado em coisa, ou em outras palavras, a pessoa que confunde-se com a profissão ou função que exerce.

A comicidade de situação, terceiro tipo, enfatiza a relação entre histórias e acontecimentos aparentemente independentes, mas que são agrupadas, reunidas na diegese, interferindo umas sobre as outras. Em suas palavras, explica que "É cômico todo arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica." (BERGSON, 1983, p. 36)

Para melhor ilustrar como essa mecanicidade se manifesta na comicidade, o autor faz uso de três figuras de linguagem buscando analogia entre brinquedos de crianças e as estratégias narrativas empregadas pelos roteiristas das peças teatrais a que ele se refere como objetos empíricos na formulação de sua teoria sobre o riso e a comicidade. A primeira figura de linguagem é o brinquedo de mola ou pa-



lhaço de mola, que comprimido dentro de uma caixa causando tensão sobre a mola, em determinado momento salta diante da criança liberando a energia acumulada e distendendo-se, para logo em seguida ser comprimido novamente, repetindo o movimento entre tensão e distenção. Essa figura de linguagem busca expressar a estratégia da repetição por meio do jogo entre duas forças (morais ou físicas).

a repetição de uma expressão não é risível por si mesma. Ela só nos causa riso porque simboliza certo jogo especial de elementos morais, por sua vez símbolo de um jogo inteiramente material. (...)Numa repetição cômica de expressões, há em geral dois termos em confronto: um sentimento comprimido que se distende como uma mola, e uma ideia que se diverte em comprimir de novo o sentimento. (BERGSON, 1983, p. 37)

A segunda figura de linguagem são os títeres ou fantoches manipulados por cordas que aparentemente demonstra vontade própria, mas que ao ser observado de perto o personagem revela ser apenas uma marionete nas mãos de alguém que o manipula. A comicidade, neste caso, surge "por um instinto natural, e porque se prefere, pelo menos em imaginação, enganar-se a ser enganado, é do lado dos trapaceiros que se põe o espectador." (Bergson, 39-40)

A terceira é a analogia proposta entre a bola de neve e a comicidade que reside em uma causa simples que por força das circunstâncias vai se somando a outras, ampliando o resultado a dimensões inimagináveis. E ela se apresenta de forma direta e linear ou em forma circular, como explica Bergson:

A característica peculiar de uma combinação mecânica é de ser em geral reversível. (...)Em outras palavras, o mecanismo que há pouco descrevemos é já cômico quando retilíneo; fica mais engraçado quando se torna circular e os esforços do personagem conseguem reconduzi-lo pura e simplesmente ao mesmo lugar, por um encadeamento fatal de causas e efeitos. (Bergson, p. 42).

Para fechar sua teoria sobre o riso e a comicidade presentes na categoria de gestos, o autor apresenta três tipologias de análise dos textos cômicos (aqui aplicados sobre audiovisualidades). São elas: repetição, inversão, interferência de séries.

A repetição não consiste

de uma palavra ou expressão repetidas por certo personagem, mas de uma situação, isto é, uma combinação de circunstâncias, que se repete exatamente em várias ocasiões, contrastando vivamente com o curso cambiante da vida. (...)Elas serão tanto mais cômicas quanto a cena repetida for mais complexa e na medida em que representada do modo mais natural. (BERGSON, 1983, p. 45)

Já a inversão se dá quando os papéis entre dois personagens são invertidos. Essa comicidade não exige grandes caracterizações destes, mas apenas uma lembrança da ordem natural das coisas. O autor exemplifica com a figura do ladrão que dá lição de moral no juiz.



A interferência de séries é explicada da seguinte maneira: "Uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos." (BERGSON, 1983, p. 47-48) Nesta estratégia reside a habilidade do autor em constantemente chamar a atenção do espectador para a coincidência e para a independência dos fatos postos em relação.

Na comicidade das palavras, quarta categoria da comicidade proposta por Bergson (1983), corresponde à comicidade dos gestos e das situações, ponto a ponto, no âmbito das palavras. Fazem parte destas estratégias a repetição ou a fala deslocada (sem querer dizer, por impulso) ocasionada por uma rigidez do corpo. Rimos quando nossa atenção é desviada de uma questão moral para uma questão física da pessoa. Ainda torna-se risível a fala é tomada no sentido próprio quando era aplicada no sentido figurado. Também é alvo de riso quando a interlocução é prolongada ao ponto do porta-voz tornar-se "vítima" de suas próprias palavras. O autor sintetiza a comicidade das palavras:

É cômico porque significa obter da vida que ela se deixe tratar de modo mecânico. Mas o pensamento, por sua vez, é coisa que vive. E a língua, que traduz o pensamento, deveria ser também tão viva quanto ele. Pressente-se, pois, que uma frase se tornará cômica se ainda tiver sentido mesmo invertida, ou se exprimir indiferente-

mente dois sistemas de ideias totalmente independentes, ou enfim se a obtivemos transpondo a ideia a uma tonalidade que não é a sua. Essas são de fato as três leis fundamentais do que poderíamos chamar de a transformação cômica das proposições. (Bergson, p. 57-58)

Elizabeth Bastos Duarte sintetiza as categorias de Bergson em poucas palavras, descrevendo as estratégias na arquitetura do cômico:

A repetição de situações, comportamentos, atitudes; a referenciação, a alusão ao que não é do conhecimento de todos; a reversibilidade, a inversão de papéis, de situações; a ruptura com as expectativas sociais, a transgressão de gêneros, de convenções; a inflexibilidade, a falta de jeito; a oposição, a apresentação do que é no lugar daquilo que deveria ser, a ironia; o exagero na imitação dos personagens, das situações, a caricatura, a a paródia; a exibição da casualidade, dos revezes da sorte, das incoerências inerentes à vida; a superposição e interferência de duas ordens de fatos, de dois planos de realidade que permitem interpretações diversas, o quiproquó; a exibição do grotesco, do simplório, do grosseiro. (DUARTE, 2012, p.166).

Assim, partimos dessas categorias de análise do cômico propostas por Bergson (1983) para analisar os produtos audiovisuais exibidos pelo canal Porta dos Fundos no Youtube, caracterizados como esquetes e veiculados entre julho de 2015 e julho de 2016 reunindo em suas narrativas os campos midiático e político. A análise se dará pela identificação das



categorias acima expostas e descrição de como elas são empregadas / manifestas nos conteúdos audiovisuais. A partir daí, propomos uma reflexão entre os conteúdos, contextos e a representação midiática e política na comicidade proposta.

Estereótipos serão tratados a partir de algumas formulações apresentadas por Flavia Biroli que elenca e sintetiza o conceito como

dispositivos cognitivos que facilitam o acesso a novas situações e informações. São simplificações que permitem a previsibilidade (Newman, 1975, p. 207). Equivalem a padrões que correspondem às expectativas normativas sobre os comportamentos dos atores numa dada sociedade e, nesse sentido, remetem diretamente aos papéis socialmente definidos (Goffman, 2008 [1963]). (BIROLI, 2011, p. 76)

Aqui vale ressaltar que os estereótipos não são entendimentos falsos da realidade, mas esquemas cognitivos reducionistas. Essa diferenciação procura afastar a ideia de que todo constructo mental em torno do estereótipo seja falso, ou pelo contrário, afirma assim que haja um fundo de verdade (mesmo que proveniente de um conhecimento empírico) na experiência que o ordena e dá origem.

Ainda fechando o referencial teórico temos os conceitos de efeito de real e efeito de realidade oferecidos por Aumont (2002) para explicar como essa sensação construída na experiência estética e de consumo audiovisual se dá no espectador. Para o autor

O efeito de realidade designa, pois, o efeito produzido no espectador pelo conjunto dos índices de analogia em uma imagem representativa (quadro, foro ou filme, indiferentemente). Trata-se no fundo de uma variante, recentrada no espectador, da ideia de que existe um catálogo de regras representativas que permitem evocar ao imitá-la, a percepção natural. (...) o efeito do real, que é mais original (...) designa assim o fato de que, na base de um efeito de realidade suposto suficientemente forte, o espectador induz um "julgamento de existência" sobre as figuras da representação e atribui-lhes um referente real. Ou seja, o espectador acredita, não que o que vê é o real propriamente, mas, que o que vê existiu, ou pôde existir, no real." (AUMONT, 2002, p. 111).

Assim, podemos entender que efeito de realidade são os índices imagéticos e textuais que remetem a uma situação real e extra-diegética. Já o efeito de real seria o julgamento por parte do espectador de que a história é credível, ou seja, se ela não existiu ela poderia ter existido.

ANÁLISE

Por ordem cronológica decrescente, ou seja, do mais antigo ao mais recente dentro do recorte sobre o objeto empírico, o primeiro produto audiovisual analisado será o intitulado *Questão de Ordem*³, veiculado em 31 de agosto de 2015. Nele é mostrada a transmissão televisiva de uma sessão do Plenário da Câmara dos Deputados. Tal identificação é

³ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4D3oZXuWiPQ.



possível pelo reconhecimento das tarjas inseridas sobre os parlamentares que fazem uso da palavra, onde são inseridos caracteres identificando-os, bem como a inserção de horário, símbolo do Congresso Nacional como selo de identificação da emissora, funcionando como uma espécie de moldura à imagem transmitida. Além dos nomes e da identificação como deputado e deputada, os caracteres ainda explicam a localização da cena com o dizer "Sessão deliberativa no plenário – Projeto de Lei da Câmara nº95, de 2015". A redundância de informações, os trajes formais, a postura em púlpito com microfone a frente, os caracteres inseridos sobre a imagem dos deputados, o símbolo de TVCâmara sobreposto às cenas (como uma marca d'água) identificando o canal de veiculação das imagens reforça a percepção de uma transmissão midiática. O próprio corte de cenas que revela a interlocução entre os deputados Maria da Rosa (numa referência à deputada Maria do Rosário) e o deputado Welder Montenegro (numa referência metalinguística ao papel desempenhado pelo ator Vitor Leal na esquete intitulada Galã Global, onde ele grava cenas para a novela intitulada Correntes da Paixão) revela ao espectador habituado à gramática televisiva a relação entre o que é mostrado e o conteúdo televisionado a partir de um dos lugares de exercício da política partidária e do governo (representado pelo Poder Legislativo).

A comicidade desta cena pode ser analisada por um crescente de tensão entre os dois deputados em embate, tal como a figura do brinquedo de mola que

é tensionado até que se distende e volta a ser tensionado descrito por Bergson (1983) quando observamos as agressões e acusações trocadas entre os dois parlamentares. A distensão se dá no momento em que o presidente da Câmara, deputado Fernando Cunha (interpretado por Antonio Tabet e fazendo referência ao ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha) revela no microfone a condição dos dois deputados trocando agressões - são cônjuges. A tensão volta a se formar quando a situação, parecendo estar resolvida, ganha novo impulso na fala da deputada Maria da Rosa que relata ter ficado empolgada e "quando vi estava tudo preto na minha frente". A alusão à cor é tomada no sentido literal pelo deputado (negro) Orlando de Ogum (interpretado por Gustavo Chagas) no lugar do sentido figurado como foi proferido pela deputada, tal como descreve Bergson na categoria de comicidade das palavras.

A superposição entre os âmbitos do privado e do público se torna um elemento de comicidade associado à função de deputado, cargo político ocupado por cidadãos eleitos e que deveriam, via de regra, ocupar os espaços de tribuna e midiáticos de cobertura do Legislativo para se fazerem ouvir a partir das reivindicações e do interesse público. Em vez disso, por uma automação mecânica, o espetáculo midiático produzido e reproduzido pela TV na transmissão exibida é de uma discussão de cunho pessoal, íntimo, desviando a função e o espaço em que se encontram os protagonistas. Esse desvio de função, essa atitude mecânica da resposta à provocação, tal



como um boneco preso às cordas que o conduzem, também revela a comicidade explorada na esquete.

Por fim, o tom cômico e a relação entre a metalinguagem e o espetáculo midiático são revelados pela encenação revelada, pela mecanicidade das interpretações frente à câmera, num texto que faz alusão direta ao processo de Impeachment da presidenta Dilam Roussef. A crítica social aplicada aqui é feita pela transformação dos deputados em atores, remetendo à ideia de interpretação, ficção e falsidade dos discursos proferidos na defesa do processo que pode vir a cassar o mandato da presidenta eleita. A suavidade disso está na alusão à novela Correntes da Paixão, segunda parte, apresentada pela claquete ao início da cena que é retomada. A repetição mecânica (tanto da fala, quanto da gravação) é o artifício tônico nesta sequência, mostrada após a vinheta que identifica o grupo e o fim da primeira narrativa, ganhando contornos de "acréscimo" ou "making of", como uma narrativa extra. Pela edição, esta história está ligada à primeira, porém pela pontuação audiovisual proposta pela vinheta, há autonomia entre as duas. A comicidade das palavras e do gesto, pelo exagero e trejeito expressos na pronúncia da palavra Impeachment na fala deputado Welder Montenegro, sobrepõe as duas circunstâncias (a ficcionalidade da novela e a "verdade" da transmissão das sessões da Câmara).

A segunda esquete, sob o título *Discurso*⁴, exibida em 21 de setembro de 2015, explora um discurso sobre um plano econômico para o país, proferido por uma mulher em um púlpito, com a palavra Brasil escrita às suas costas em um quadro de giz e a bandeira nacional colocada ao lado do púlpito, reforçando o aspecto formal e oficial deste discurso. A mulher está de pé, em frente a uma plateia composta por jornalistas, que logo na primeira intervenção identificam-na com presidenta (em referência à Dilma Roussef). Em plano fechado para responder as perguntas, outro elemento reforça a presença da mídia na cobertura do discurso: microfones amontoados em frente à presidenta, com identificações de diferentes veículos midiáticos.

A sequência de perguntas feitas à presidenta pelos jornalistas insiste no enfoque sobre moda e vestuário, desconsertando a mulher frente à seriedade do tema de seu discurso – um novo plano econômico. A comicidade segundo as categorias propostas por Bergson (1983) está na comicidade das palavras, onde rimos do deslocamento das questões morais para as questões físicas. Esse deslocamento fica evidente também no trecho após a vinheta, onde a conversa entre dois comentaristas (de política, imagina-se) tratam da sandália e do vestido da presidenta em vez do seu discurso. A comicidade também está presente na repetição mecânica (insistência dos jornalistas nas questões ligadas ao vestu-

 $^{^{4}}$ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tXeqYKdTjwU .



ário da presidenta) e na reviravolta dada à entrevista quando, pelo constrangimento causado pela pergunta voltada à questão econômica e tomada como embaraçosa pela presidenta, esta volta-se para as perguntas relacionadas à moda falando sobre a sua aposta na tendência de cor verde-musgo para o verão (que pode ser caracterizada como a tensão provocada – boneco de mola – pelas perguntas fora de contexto, sobre moda, o ápice desta com a pergunta sobre economia e escândalos no BNDS e a tensão que dissipa com a resposta dada sobre a cor).

Também percebe-se aí um tratamento irônico dispensado aos jornalistas, num humor dedicado à profissão, quando estes são representados por pessoas desinteressadas em temas como economia e que facilmente substituem-no por elementos superficiais e de cunho menos impactante na vida e sociabilidade de uma nação. Essa perspectiva é expressa quando a repórter pergunta o que a presidenta calçava enquanto escrevia o plano econômico, em vez de preocupar-se com o conteúdo desse.

A esquete *Palavras*, exibida em 27 de fevereiro de 2016, exibe o discurso de uma mulher, política, de pé, em um púlpito, dirigindo-se a uma plateia. Atrás dela a palavra Brasil escrita em um painel e ao lado dela duas bandeiras nacionais. Durante o discurso, a mulher busca no assessor posicionado ao lado da plateia apoio na escolha das palavras. A

atitude mecância dela em tentar adivinhar o significado dos gestos do assessor ou a incompetência em articular as palavras descritas em cartazes torna o discurso inteligível. A situação ainda piora quando o assessor lhe volta as costas para atender o telefone celular e ela incorpora ao discurso já truncado algumas frases que fazem alusão à atitude do assessor. A mídia, neste caso, é representada pela presença dos microfones que identificam diferentes veículos de comunicação, colocados em frente à mulher que discursa, como numa transmissão ao vivo. Tal situação pode ser encarada como plausível / credível a partir das tentativas de improviso em alguns discursos da presidenta Dilma Roussef que ganharam as mídias sociais na forma de memes e edições audiovisuais ⁵enaltecendo a fala truncada, os erros gramaticais e as frases confusas por ela proferidos. A caricatura pela imitação e a repetição mecânica tornam-se os motes desta comicidade.

A esquete, exibida em 03 de março de 2016 com o título *Reforma*, mostra um homem chegando em casa e encontrando um trabalhador da construção civil dentro da sua cozinha. Surpreendido, outro pedreiro o ameaça com um uma chave de fenda no pescoço. O homem interpretado por Antonio Tabet se identifica como político e diz que os supostos ladrões podem levar o que quiserem. O pedreiro que o ameça com a ferramenta explica que eles são pe-

 $^{^{5}\} Como\ pode\ ser\ conferido\ em\ https://www.youtube.com/watch?v=2xNZf-pByvY\ ,\ https://www.youtube.com/watch?v=enEYt-k6q8sk\ ou\ https://www.youtube.com/watch?v=lzNXDkNNp90\ .$



dreiros a mando de uma empreiteira e que vão fazer uma reforma na residência do político (contra a sua vontade). A comicidade, num primeiro plano, reside na mecanicidade da repetição (pedreiros insistem nos itens a serem reformados na casa do político, mesmo sob protestos deste). A virada da narrativa (plot) se dá quando nos segundos finais a cena corta para uma coletiva de imprensa (identifica-se os veículos de comunicação pelos microfones posicionados em frente ao político num púlpito e os flashes de fotógrafos disparados sobre o homem que diz relatar os fatos tal qual aconteceram).

Aí encontram-se dois elementos risíveis: a) aquilo que Bergson (1983) chama de interferência de séries independentes, onde um acontecimento reflete num outro acontecimento aparentemente desconexo; b) o efeito de verossimilhança (e até de certa forma metalinguagem) da alusão à acusação feita contra o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva de que teria sido favorecido por empreiteiras em esquemas de corrupção e ganho "de presente" uma reforma em seu apartamento. Esse efeito de real e efeito de realidade (Aumont, 2002) constroem junto ao espectador um aspecto credível na história relata, e o absurdo da cena remete à mecanicidade da vida, que em seu fluxo deveria ser livre das repetições e dos "engessamentos" do mecanismo representado.

A mídia, neste caso, aparece como coadjuvante e é representada como aquela que exige explicações do político sobre a reforma em seu apartamento, realizada pela empreiteira beneficiada em esquemas de corrupção junto ao governo que este representa.

Em Reunião de Emergência 3, a Delação 2, disponibilizada em 14 de abril de 2016, o mote é uma reunião entre os integrantes do Porta dos Fundos para tratar sobre a perda de seguidores no canal por conta do desmascaramento da vinculação entre eles e o governo do PT. A comicidade se dá pela caricaturização e exagero dos personagens (vestidos com camisetas com símbolos do PT e da Central Ùnica dos Trabalhadores) e pela comicidade das palavras (pronúncia correta e mecânica de palavras como "dinheiros" remete à figura do fantoche preso por fios que age manipulado por alguém). Mais uma vez, o efeito de real e de realidade aparecem quando os personagens interpretados são os mesmos atores. A referência à mídia aparece quando as redes sociais são citadas como parâmetro de sucesso do grupo, quando os supostos agentes do desmascaramento do grupo são os comentaristas políticos do Facebook, quando os elementos sígnicos utilizados no discurso midiático (inclusive nas mídias sociais, por internautas em geral) como por exemplo o rótulo de "comunista caviar" (Gregório Duvivier é taxado assim e,

 $^{^6}$ Conforme pode ser conferido em http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/03/imagens-mostram-reforma-emtriplex-que-seria-de-lula-em-guaruja.html e http://oglobo.globo.com/brasil/pf-encontra-documentos-de-reforma-do-sitio-em-apartamento-de-lula-18899674 .



no vídeo, come algo de uma latinha com um adesivo identificado como caviar), o sanduíche de mortade-la como símbolo daqueles afinados com o governo de Dilma Roussef, entre outros. Neste caso, satiricamente, a mídia é tratada como watchdog (cão de guarda) que zela pelos interesses públicos e desmascara vinculações (inclusive políticas) e favorecimentos (as vezes ilícitos) entre governo e organizações.

Na última esquete deste pequeno recorte sobre o objeto empírico, sob o título Bloqueio⁷ e exibida em 05 de maio de 2016, a narrativa explora o que seria o processo de determinação judicial para bloqueio do Whatsapp⁸ (aplicativo de conversação para dispositivos móveis). Na história, um homem não identificado usa como argumento o aborrecimento por receber vídeos que ele não gostou ou porque um parente parece chatear a família com postagens contínuas para solicitar a outro, numa mesa, ambos engravatados, a suspensão do aplicativo ou seu retorno. Elementos de cunho pessoal pautam decisões judiciais que afetam a dinâmica comunicacional de um país inteiro (já que os bloqueios efetivamente deixaram o aplicativo fora do ar) neste vídeo. A comicidade está na mecanicidade com que a decisão é tomada e com que é posta em prática. A repetição é explorada como estratégia narrativa quando os argumentos para suspender o serviço ou deixa-lo novamente operacional se intercalam. Ainda a mecanicidade é reforçada quando para fazer funcionar ou suspender o serviço, basta um apertar de botão do homem à mesa, solicitando a uma mulher que faça a ativação / desativação do aplicativo. O efeito de real e de realidade, mais uma vez, são tomados como cenário já que o serviço do Whatsapp realmente foi desabilitado no país em mais de uma oportunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o humor do Porta dos Fundos utiliza as estratégias descritas por Bergson (1983) para promover a comicidade e o riso, há, porém, dois fatores importantes para contribuir ao sucesso e à inovação do coletivo em seus esquetes. A primeira poderíamos chamar de deslizamento do "alvo" das críticas, passando dos desvalidos e do grotesco para os abastados e poderosos. É verdade que a crítica social e política sempre existiu na TV brasileira, em períodos mais explícita ou mais velada. Porém, depois da exibição do último episódio do programa Casseta e Planeta pela Rede Globo de Televisão em 21 de dezembro de 2010, instaurou-se uma lacuna na grade de programação da emissora com maior audiência em sinal aberto no país.

⁷ http://www.portadosfundos.com.br/video/bloqueio/

 $^{^{8}\} Conforme\ pode\ ser\ conferido\ em\ http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1766869-justica-determina-bloqueio-dowhatsapp-em-todo-o-brasil-por-72-horas.shtml\ e\ https://tecnoblog.net/198626/justica-bloqueio-whatsapp-brasil-de-novo/\ .$



Associada a esta lacuna, em que nenhum outro programa de humor televisivo explorou intensamente a crítica política e social ou mesmo o humor pelo viés do realismo, com alusão a fatos e situações do cenário político e midiático (metalinguagem) contemporâneos, pode-se também sobrepor a expansão dos serviços de internet para dispositivos móveis e o relativo barateamento dos *hardwares* do tipo *smartphones*, importantes atores na consolidação de uma cultura digital brasileira contemporânea.

Essas duas instâncias indicam conjunções entre a redundância e mesmice no humor audiovisual brasileiro, porém com pistas a uma possível conjunção de fatores que imprimem sobre a contemporaneidade uma inovação, pelo menos em relação ao programa vigente em termos de grade de programação televisiva em sinal aberto. E também sinaliza que a migração entre televisão, cinema e web, o fluxo entre plataformas de acesso ao audiovisual, não configura necessariamente uma "perda" de audiência de um ou outro veículo, mas trânsitos possíveis entre telas numa época de cultura da convergência digital.

Para finalizar, um dado empírico ainda foco de estudo na construção de tese do autor está a importância do produtor-autor de conteúdos audiovisuais na administração da liberdade criativa e das estratégias estéticas e discursivas empregadas nas suas obras. Essa figura do produtor que descobre e "aposta" em determinadas situações em detrimento de outras, a partir do empreendedorismo e do *know*-

-how adquirido (no caso dos integrantes do Porta dos Fundos) junto ao broadcast televisivo pode ser outro elemento importante na construção da rede de relações que levam a marca a ocupar determinado espaço e produzir determinadas relações no campo do audiovisual. Essas percepções serão melhor discutidas em outro momento, a partir das incursões realizadas pelo autor sobre o objeto empírico e contexto brasileiro da produção audiovisual para web.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2002.

BERGSON, Henry. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. 1983. Disponível em http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Bergson/BERGSON,%20Henri.%20O%20Riso.pdf . Consultado em 28/08/2016.

BIROLI, Flavia. Mídia, tipificação e exercício de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. In **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 71-98. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04 . Consultado em 28/08/2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão** seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.



DUARTE, Elizabeth Bastos. Sitcoms: das relações com o tom. In SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina. (orgs.) **Humor e riso na cultura midiática**: variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012. Págs. 147-171.

MONTAÑO, Sonia. **Plataformas de vídeo**: apontamentos para uma ecologia do audiovisual na web contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina. (orgs.) **Humor e riso na cultura midiática**: variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012.



HERANÇA E ERRÂNCIA EM *BARBA ENSOPADA DE SANGUE*, DE DANIEL GALERA

HERITAGE AND WANDERINGS IN BEARD SOAKED OF BLOOD, BY DANIEL GALERA

Ricardo Postal¹- (UFPE)

Resumo: Esse trabalho analisa dois temas conjugados no romance *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera, quais sejam, a ancestralidade legada de geração em geração e a maldição de errância. O protagonista, em sua jornada para descobrir quem foi seu avô, empreende por espelhamento a jornada de descoberta de si mesmo. Portanto, para saber quem é, a personagem tem de sair de Porto Alegre e partir para onde o avô morreu. Ele deve sair do espaço seu para ir ao espaço de errância e encontrar as raízes moventes de sua própria história. Deste modo, busca-se compreender o papel de mitos em recorrência e do imaginário na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Deslocamento. Literatura contemporânea. Daniel Galera

Abstract: This paper analyzes two connecting themes in the novel *Beard soaked of blood*, by Daniel Galera, namely the ancestry bequeathed from generation to generation and the curse of wandering. The main character on his journey to find out who was his grandfather, relflects the journey of self-discovery. Therefore, to know who he is the character has to leave Porto Alegre to the place where his grandfather died. He must leave his own space to go to the wandering space and find the moving roots of its own history. Thus, we seek to understand the role of recurrent myths and imagination in contemporary Brazilian literature.

Keywords: Displacement. Contemporary literature. Daniel Galera

Barba ensopada de sangue (2012), de Daniel Galera, acompanha a jornada de um homem em busca da resolução do mistério do assassinato do avô, ao mesmo tempo em que empreende uma fuga de sua Porto Alegre natal para a pacata Garopaba, no litoral de Santa Catarina.

O abandono da vida regular, que por vezes nem é conhecida do leitor, em prol dessa aventura aberta que não necessariamente leva a uma nova condição tem sido recorrente na literatura brasileira contem-

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto de Literatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). ricapostal@gmail.com



porânea (sendo Bernardo Carvalho talvez o exemplo mais eloquente em que essa trama se encontra como tema). Isso promove a sensação de que a migração (e o que se desenvolverá mais adiante como migrância) é uma condição que precisa ser observada teórica e criticamente pelos estudos literários, visto que está sinalizando algo ao reverberar num conjunto de romances coetâneos.

No caso específico de *Barba ensopada de sangue* queremos propor que o desenraizamento do protagonista provém já de sua inadequação no espaço original, no cepo da família em que ele não vinga, e da qual se vinga com o afastamento. O protagonista, a quem chamaremos de "Barba", uma vez que o mesmo não é nomeado, sai da proximidade dos seus a partir do corte realizado pelo pai, e tenta, ao encontrar o avô (a história de sua morte) propor algum sentido para si próprio.

Cremos que ao fazer o trajeto do avô, para além da herança que recebe do pai, assume a errância como legado vindo do pai do pai, encontrando para si uma ancestralidade que o projeta, em essência, para ser algo além do que era antes da jornada. O curioso é que Barba encontra o que há de mais seu ao desenraizar-se e fugir da proximidade confortável da origem.

Estaremos tencionando o conceito de herança, o que vem diretamente do pai e o de ancestralidade, o que no sujeito provêm de um antepassado mais antigo e que promete fazer sentido na história de vida como um legado memorial, da cultura, e no presente caso, de atitude frente à vida, ao mundo e à família. Também estaremos propondo uma discussão sobre a errância, sua conotação negativa e sua possível substituição pela deambulação, um estado daquele que não quer se fixar e que não considera isso "errado", pois se satisfaz na movência e que aporta consigo, ao migrar, sua cultura, sua memória, seus bens maiores através das histórias que pode contar, instigar e promover.

O enredo se desenvolve a partir de um fato específico, um pai chama seu filho para uma conversa e lhe conta que vai se suicidar no dia seguinte, pedindo que o filho faça um último favor e leve a cachorra, sua companheira, para ser sacrificada. Depois da morte do pai o filho, que não cumpre o que tinha prometido, chega a Garopaba no dia de seu aniversario para viver ali e investigar a morte/ assassinato de seu avô paterno. Começa a trabalhar como instrutor de natação (ele é triatleta), envolve--se com algumas mulheres, faz algumas amizades, mas em geral a população local se mantém distante, visto que ele faz perguntas sobre o Gaudério, o avô, de quem todos querem esquecer. Ele deixa para trás Porto Alegre, a morte do pai, que ele acha absurda, a mãe com quem pouco convive e a história de desavença com o irmão, homem pelo qual foi abandonado por sua antiga namorada.

A conversa inicial como pai, que abre o romance, é definidora de vários elementos, visto que Bar-



ba, que possui uma condição neurológica rara que o impede de lembrar dos rostos das pessoas, passa a se considerar parecido com o avô que ele acreditava ter desaparecido da vida deles, mas de quem não conhecia a história, que seu pai descortina durante a despedida. Existe então, no final da vida do pai, uma passagem de bastão, a transferência de responsabilidade pelos cuidados de Beta, a cachorra, e sem que o pai intua, do legado provindo do avô, na aparência, no jeito, na trajetória.

O pai, ainda que ache que o gosto pelas mulheres ruivas o Barba herdou dele, lhe diz:

O teu sorriso é igual ao do teu avô, sabia? [...] O pai diz que ele e o avô não eram semelhantes apenas no sorriso, mas em numerosos aspectos físicos e de comportamento. Que o vô tinha esse mesmo nariz, mais estreito que o dele próprio. O rosto meio largo, os olhos meio afundados no crânio. A mesma cor de pele. Que aquele sanguezinho indígena do avô tinha pulado o filho e caído no neto. Esse teu porte atlético, diz o pai, pode ter certeza que vem do teu vô. (GALERA, 2012, p. 18)

Para Barba, que normalmente não reconhece o próprio rosto, esses detalhes de contexto, essas pistas da geografia da face são muito importantes, porque vão imprimindo o rosto possível do avô e, agora descobre, dele mesmo. O pai lhe está entregando uma cara, uma parecença com alguém que não é ele. Barba pede a foto que sabe que o pai tem do avô, vai ao espelho e se compara, encontrando então sua identidade num outro. Passa a ser não mais o filho

que não sabe se pode cumprir o pedido do pai, mas o neto que pode encontrar e encerrar o enigma do desaparecimento do avô.

Quando estiver em Garopaba, a transformação vai se ampliando, pois ele tem uma foto sua em tamanho passaporte, recente, que usa para lembrar do próprio rosto:

Encontra a fotografia do avô que ganhou de presente do pai e a compara com sua foto de passaporte. Depois vai ao banheiro e ergue a fotografia do avô ao lado do espelho. Olha alternadamente para o rosto do avô e para o próprio reflexo. Passa a mão na barba que está crescendo em seu rosto desde que conversou com o pai pela última vez. (GALERA, 2012, p. 67-68)

Recorta a foto do avô e a guarda onde antes levava a própria foto. Assumindo a errância do avô, ele assume o avô em si, torna-se um novo Gaudério (como o vô era conhecido). Ele é a rasura da imagem já fugida do avô.

Herda muito pouco do pai, o bem mais precioso é Beta, não pelo animal em si mas pela lembrança de sua incapacidade de cumprir o dever de levá-la à morte, e quer distância de qualquer inventário, já que teria que dividir com o irmão qualquer que fossem as vantagens. Do irmão não quer nada, nem mesmo vê-lo no velório do pai.

De uma mensagem da mãe a Dante, lida em nota de rodapé do romance, sabemos, porém:



Nunca vi teu irmão desse jeito, parecia apavorado. Tava com medo de te ver, é claro. Ele ficou um tempo ali no caixão. [...] [teu pai] ia querer que vocês fizessem as pazes, e teu irmão só riu. [...] não sei por quê, não entendi, mas ele e teu pai sempre tiveram uma coisa só deles, vai entender. Ele tava com a Beta dentro do carro. [...] também acho estranho demais, mas tenho medo até de perguntar. Tinha um bilhete do teu pai... ele deixou a casa pra mim e um dinheirinho pra vocês. A gente vai ver o testamento amanhã. Ele não tinha mais nada, é incrível. Torrou tudo. E agora demora porque tem uma burocracia [...] (GALERA, 2012, p. 53)

Significativo é que essa mensagem nos chegue entrecortada, cheia de elipses marcada pelos colchetes com reticências. Não sabemos de outras coisas que foram ditas, assim como sabemos da conversa do pai com o filho a que a mãe não teve acesso, por isso não entende o riso de Barba. Ele não espera burocracia alguma, e parte.

Ao chegar em Garopaba e encontrar o seu elemento, o mar, vem a memória do pai:

A água muito fria e transparente molha sua barriga e ele ergue os braços em reflexo. Enfia as mãos na água para molhar os pulsos e minimizar o choque térmico, coisa que aprendeu com o pai. Não funcionava, mas nunca deixou de fazer. Em dias assim o mar faz ressuscitar nele uma visão infantil que miniaturizava tudo. (GALERA, 2012, p. 38)

O ritual inútil do pai o infantiliza frente ao elemento em que ele se perde por horas a nadar, e que

também o liga ao avô, que quando morto, foi esperado na praia pela população como se fosse possível seu retorno, redivivo.

Ao perguntar aos pescadores sobre a história do assassinato do avô ouve: "Muita gente passa por aqui. A maioria acaba esquecida" (GALERA, 2012, p. 67). Porém para ele é fundamental que essa história não seja esquecida, visto que ela o constitui como sujeito no presente.

[...] a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado [...], mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. (SAID, 1995, p. 11)

A busca de um elo com o passado que justifique a existência presente, no caso de Barba, elide o pai e sua herança para centrar o foco naquele que não conheceu, que precisa construir a partir de pistas minúsculas provindas de pessoas que não querem mostrar o que sabem e o que realmente aconteceu. Desse modo, o Gaudério, esfumado que era, vai tomando corpo na própria inscrição que Barba faz de sua presença na cidade, uma fantasmagoria que é o avô a reviver e ao mesmo tempo é o neto a sobreviver às suas perdas, seus fracassos, sua falta de memória e de perspectiva.



O homem estável, o escritor de sucesso e sujeito promissor é aquele a quem a mãe respeita, a quem a sua antiga namorada ama e com quem foi viver, seu irmão Dante. Ele, errado, parte na errância que depois da migração (deslocamento que se conclui na chegada ao espaço outro) segue provocando uma sensação de desacerto, inadequação e não fixidez. Essa flutuação poderia fazer surgir uma memória do local de origem, uma nostalgia recuperadora do lugar abandonado, e a reiteração e renarração do vivido promoveria a migrância, estado de interstício cultural em que há a afirmação do seu no território do outro, no desajustamento do diálogo intercultural. Não é nosso caso presente.

Para além da falta de memória visual de rostos, Barba cortou rente e definitiva a vida anterior, não trouxe consigo nenhuma ritualização do passado a não ser nadar e manter Beta viva e saudável. A memória ancestral ele não tem como bagagem, mas como projeto, que é o saber, entender e poder contar a história do avô. Ele faz um movimento contrário ao migrado, já que não afirma nada em seu deslocamento a não ser o deslocamento em si, o que possui de mais ancestral através dos traços a percorrer para se tornar tão fluido quanto o avô.

O pai lhe havia dito:

[...] tu e ele são de outra espécie. E vocês são parecidos no temperamento também. Teu vô era meio quieto assim que nem tu. Sujeito calado e disciplinado. Não era de encher linguiça, falava só quando precisava e se irritava com os outros quando falavam demais nos ouvidos dele. Mas a semelhança para por aí. Tu é mansinho, educado. Teu vô tinha pavio curto. Ô velho desaforado. Era famoso por puxar a faca por qualquer coisa. [...] uma vez tua avó me disse que ele era daquele jeito porque tinha alma de artista mas tinha escolhido a vida errada. Que ele deveria ter percorrido o mundo tocando música e botando pra fora os sentimentos filosóficos dele [...] (GA-LERA, 2012, p.19)

Aqui compreendemos que a vida errada para o avô era a fixa, a estável, trabalhar a terra e casar e ter filhos. A vida correta teria sido a errância, a liberdade e o deslocamento. O embotamento da natural essência desse homem fez dele amargo, e extravasava-se em violência (não realizada, mas sempre amedrontadora). Depois de viúvo ele parte para o deslocamento que o fará mais realizado. Não deixará de ser violento e não aflorará seus sentimentos filosóficos, já que os anos na vida "correta" podaram algo de sua essência. Sem saber ele, tal fundamento existencial agora é passado adiante no exemplo não de errância, já que se está na via correta, mas de deambulação em prol da fruição do próprio ser².

² Estamos sugerindo, com vida certa e errada, uma interpretação a ser desenvolvida em outro momento, que elabore essas pistas sobre a "diritta via era smarrita", provinda da abertura do Inferno da *Divina Comédia*. Isso é insinuado com as mais referências, como o irmão chamado Dante, a jornada com auxílio de um guia (Bonobo), a subida da montanha, etc. Parece que *Barba ensopada de sangue* bebe muito de referências da *Divina Comédia*.



Barba entra em contato com um morador local, Bonobo, dono de uma pousada, que lhe oferece amizade, alguns conselhos, percepções sobre a vida em discussões sobre budismo, e simbolicamente lhe dá um instrumento que lhe liga ao avô: um arpão para pesca em apnéa, prática em que o avô fora insuperável durante sua permanência em Garopaba.

Entre místico e fanfarrão, Bonobo conta uma história local para explicar forças insondáveis: um homem saia para pescar garoupas todos os dias e encontrou uma delas gigante que mais nenhum pescador tinha visto, ainda que ouvissem histórias a respeito. Ele quase a pesca e obcecado, a persegue. Quando o filho do pescador percebe que há algo errado, o pai já não volta. É encontrado enrolado à corda do arpão, que havia ferido, mas não matado o peixe. Bonobo diz:

É como uma fábula. Tu vê que a vida do cara e a vida da garoupa tavam ligadas de alguma forma, como a tua vida e a dessa cachorra. A gente não consegue entender exatamente como, não consegue ver o caminho todo que os dois seres percorreram até ali. Mas uma coisa dessas faz a gente pensar, não faz? Não pode ser por acaso. (GALERA, 2012, p.124-125)

Percebe-se pela lição dessa fábula que Barba está ligado à Beta sem que saiba dos caminhos, assim como está ligado ao avô, sem que se conheçam seus descaminhos.

Depois de um tempo sem procurar mais informações sobre seu ancestral, consegue a informação sobre a mulher de seu avô. Ao encontrá-la, descobre a verdade sobre o assassinato:

Apagaram a luz e botaram faca nele. Foram vários homens ao mesmo tempo e sei o nome de cada um. Tentaram esconder de mim, mas com o tempo descobri tudo. Essa gente que tentou matar ele já morreu toda. Diz que botaram mais de cem furos nele. Acenderam a luz e o corpo estava ali. Alguém foi trazer um lençol para enrolar e largar em alguma cova no meio do mato. Isso demorou um tempo e antes de arrumarem o que precisava ele levantou. Depois de ficar um tempão deitado ali. Começou a se mexer e levantou. Ele ainda tava com a faca dele na cintura e tirou. Abriram distância dele e ele ficou olhando no olho de cada um dizendo que ia matar. Começou uma gritaria mas ninguém teve coragem de chegar perto e terminar o serviço. Não era possível que ele ainda tivesse vivo. Em volta era como se tivessem carneado um boi. Foram acuando ele na direção da praia. Ele fazia assim com a faca e dizia que ia voltar pra pegar cada um. Que ia matar as mulheres e os filhos de cada um. Tem gente que diz que ele gritou coisas em línguas que não existem. Tem gente que diz que ele tinha fogo nos olhos. Ele foi tropegando pela areia e entrou no mar. Saiu nadando pro fundo e desapareceu. Até hoje o povo acha que ele é assombração. (GALERA, 2012, p. 306-307)

Apesar de longa, a citação é importante tanto porque afirma, em sua sequencia, que o avô está vivo e vive nas montanhas, pelos matos, como de-



monstra um aspecto sobrehumano do Gaudério, alguém que voltou à vida quando deveria ter morrido pela conspiração dos que não o entendiam, sobreviveu e sumiu no mar. Essa ligação inexplicável com o neto se provará pelo legado da ancestralidade quando do encontro definitivo entre ambos.

Barba parte na caçada ao velho da gruta, passa dias enfrentando chuva, as matas, a solidão, e vai encontrando pistas, pessoas, indicações que lhe fazem se aproximar de seu objetivo. À noite, debaixo de chuva, carregando Beta no colo, ele parece estar enfrentando uma prova de exaustão física até chegar e esgueirar-se na "caverna do velho", como é conhecida;

O velho está de frente para ele, olhando, acomodado no que parece ser uma velha cadeira de balanço forrada de pelegos de ovelha. A luminosidade do lampião a gás pendurado numa das paredes de rocha revela de imediato o tamanho da caverna mas esconde os detalhes na penumbra. O velho está com os dois braços apoiados nos encostos e sua barba cinzenta desce até a metade do peito. Ainda possui alguns fios brancos nos lados da cabeça. Tem o rosto largo, um nariz estreito e olhos afundados no crânio. É um homem alto que encolheu. [...] a intensidade de sua figura cadavérica é reforçada pela presença de uma moça mulata de no máximo vinte anos sentada num banco bem ao lado, um pouco atrás da cadeira de balanço. [...] um de seus braços está pousado com delicadeza no ombro do velho. Os dois observam o invasor com o mesmo olhar petrificado e reluzente. (GALERA, 2012, p.363)

Os detalhes, que são muito importantes para gerar contexto de reconhecimento, delineiam no rosto do velho as características também suas, é seu avô morto que está diante dele.

O velho se inclina um pouco para a frente e faz sinal com o indicador para que ele se aproxime. [...] O que tu quer comigo, diz o velho. É a voz de seu pai. Queria te conhecer. Veio me buscar? Não, só vim te ver. Eu sou teu neto. É mesmo? O velho ri pelo nariz. Que interessante. (GALERA, 2012, p.364)

Barba tira um espelho da mochila para lembrar da própria aparência, ao que o velho diz: "Já duvidei da minha imagem no espelho, [...] mas é a primeira vez que a minha imagem duvida dela mesma." (GA-LERA, 2012, p.365). Numa sequência de espanto e reconhecimento, Barba mostra a foto ao velho. Este tem então a prova do que o estranho (sua imagem mais jovem, está dizendo): "Seus olhos pulam algumas vezes do retrato para o rosto do homem mais jovem à sua frente e sua fisionomia vai se transfigurando aos poucos em algo mais perplexo e ameaçador." (GALERA, 2012, p.365) A tensão então vai aumentando, num diálogo em que pouco escuta o velho, cada vez mais ameaçado e nervoso: "tu é real? [...] tu não devia tá aqui. [...] isso não tá certo, tu não devia tá aqui. [...] Fora." (GALERA, 2012, p. 366).

Note-se que as coisas ficam fora do lugar quando o passado e a vida deixada para trás, a correta vida enraizada, vem se mostrar lembrando que ele



não está seguro na deambulação que construiu para si. Fazendo-se quem sempre foi, Gaudério puxa a faca e ataca o neto, ferindo-o no abdômen. Barba foge depois de empurrar o velho, sai da caverna, teme ser perseguido, perde-se, despenca do penhasco ao mar. Está sem a mochila, perdeu a cachorra, sangra e nada tentando vencer mais esse obstáculo da jornada. Acorda na praia, é ajudado por um passante a se erguer, e nega a receber maior auxílio.

Depois de recuperar-se por uns dias, acontece a reatualização do ato sobrehumano do avô. Ao encontrar a cachorra num quiosque, presa, e pedir que a soltem e a devolvam, é surrado por um grupo de nativos, levado até a praia quase desfalecido, se ergue, retorna e ameaça o líder do grupo, que lhe bate, e a quem se atira às partes viris e à traqueia prometendo não mais soltar. São apartados pela multidão incrédula com a tenacidade, coragem e resiliência do Barba. Ao fim da briga, ouve um "ele é neto do Gaudério", fechando assim o ciclo e assumindo em si, na valentia, na teimosia e nas cicatrizes, a ancestralidade do avô que ao reconhecê-lo, o negou.

Do epílogo, ou seja, do capítulo final em que a antiga namorada, esposa agora de seu irmão, vem contar que está grávida, não trataremos nesse ponto, só anotaremos algo da fala derradeira dela, falando do filho que terá: "se tu não tiver a dignidade, a hombridade de ir conhecer ele, talvez um dia ele mesmo te procure, quando tiver idade. Porque é as

sim que tu prefere, né? Que te procurem. Que venham atrás de ti" (GALERA, 2012, p.422).

Fica a sugestão de que ao se tornar um novo Gaudério, alguém que assumiu um legado ancestral de deambulação, Barba deixa a linha solta para que mais alguém a ele vinculado venha procurar sua história, seu exemplo e sua vida, mesmo que ele nada faça para isso, como também não o fez seu avô.

Sabemos que isso realmente aconteceu pelo prólogo em que conhecemos os caminhos da história que só agora, finda a leitura, sabemos reconhecer, pelos detalhes formadores de contexto e produtores de memória:

> Quando meu tio morreu eu tinha dezessete anos e o conhecia somente a partir de fotografias antigas. Por algum motivo insondável, meus pais diziam que a iniciativa da visita deveria partir dele e se recusavam a me levar para o litoral catarinense com esse propósito. [...] meu tio morreu afogado tentando resgatar uma banhista [...] o corpo do meu tio nunca foi encontrado. Houve um enterro simbólico em Garopaba e nós comparecemos. [...] O enterro tinha pouca gente. Minha mãe teve uma crise de choro incompreensível e mais tarde ficou cerca de meia hora olhando para o mar e falando sozinha, ou conversando com alguém. Havia outras pessoas olhando o mar como se esperassem alguma coisa e tive a estranha impressão de que todos estavam pensando no meu tio, embora ele fosse descrito como uma figura reclusa e pouco conhecida, um remanescente de outra época. (GA-LERA, 2012, p. 7-8)



A população local, mesmo que não diga, imagina, uma vez que não há corpo, que ele possa voltar, como o fez o avô, e histórias novas devem surgir sobre o Barba como houve sobre o Gaudério.

Herdeiro, barba foi em busca de seu eu possível na busca do avô e encontrou a ambos no abraço cortante da violência em que lhe é passada a imortalidade, isso depois de ter insistido na errância, na busca sem descanso por encontrar esse laço com o que não se pode enlaçar.

Barba ensopada de sangue nos diz de um deslocamento, de um desacerto do indivíduo e de como se encontrar nesse mesmo deslocamento, fazendo--se história.

Essa narração torna-se o vínculo possível com a ancestralidade e garante, minimamente, uma identidade dentro do desenraizamento.

Dentro do espaço e comunidade original, esse sujeito não conseguia ser ninguém. Barba vive tensionado entre o pai – publicitário de sucesso e corpo em decadência pela doença que o acomete e contra a qual não tem mais vontade de lutar – e o irmão, escritor de sucesso que pela vivacidade que promete levou dele Viviane, a namorada com quem poderia ter tido um futuro tranquilo, preso à terra e à vida correta.

Ao não se saber a si mesmo, esquecível que é dentre todos os rostos que também não apreende, ele encontra um ancoramento na parecença com o avô, o rosto que conseguem ver em si próprio, e a

atitude que permite, se não a fuga, mas a busca. Parte o Barba em direção não a um Gaudério preciso, afinal essa figura inapreensível na família é ainda mais esfumada pelos mitos gerados a respeito dele em Garopaba. Ele empreende a viagem tanto para cortar o laço com o tronco quanto para encontrar seu lugar entre os ramos da árvore genealógica. Ele deseja se tornar águem que não é ninguém, seu avô, um homem que era inexistente para a família, foi dado como morto, renascido, desaparecido, porém é presença constante na ameaça que a população sente quando desaparecem garotas na região, que eles julgam ser a vingança do Gaudério.

Esse homem viveu malquisto na cidade que escolheu para morar, devido ao seu paviu curto, essa constante possibilidade de violência, ainda que não concretizada, que o tornava não abordável, isolado. Também era afamado pela sua capacidade para a apneia, tornando-o um pescador lendário entre os nativos. Esse homem aguerrido e sobrehumano atrai para si a violência suprema do assassinato em uma celebração pública de ódio ao diferente, numa desconcertante afirmação da comunidade e da regularidade, em que ele, um forasteiro, um errante, um solitário casmurro não se enquadra. Depois da extinção do elemento diverso, ocorre o inimaginável, ele não morre, sangra em público e singra mar adentro para não mais ser visto. Ferido, imbatível, bestial e íntegro, Gaudério vai à água onde afundava sem temor para não mais voltar. Na mitologia local ele



pode ter morrido, pode ter se tornado outra coisa. Saberemos depois que ele passou a viver no centro da terra, na caverna que tomou como lar depois que não mais foi possível ajudá-lo, como conta a Barba sua antiga companheira. Alguns lhe dão comida na beirada da cerca, ninguém de lá se aproxima. Ninguém o vê. Gaudério ganha uma existência sendo ninguém para a cidade litorânea, mas ofuscando a vida de todos os descendentes de seus assassinos, sendo alguém que pode voltar para matá-los a qualquer momento.

Estranhamente Barba corta-se, lança-se no desprendimento dos galhos, perde-se nessa queda no absoluto buscando a raiz primeva, o avô, que iniciou o processo de não se radicar. Assumir a herança da errância é o ponto fundamental de seu processo de construção identitária e diz muito não só sobre a personagem, mas também sobre o mundo em que vivemos:

Este processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos

confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente." (HALL, 2005. p.12-13)

Alguém que não tem identidade visual estabelecida para si nem para os que o rodeiam está constantemente posto em contato com desconhecidos, com identidades novas que lhe são apresentadas constantemente. Ele deveria ser a personagem símbolo da pós-modernidade, porém não existe uma perfomance afirmativa ou uma imersão no oceano das não-identidades, na fragmentação ou na constante mutação.

Barba procura fixar-se num "eu coerente", centrado na prática profissional, no cuidar de Beta, na preocupação com os alunos de natação e corrida nessas regularidades que parecem cada vez mais fixá-lo a Garopaba. Tal como fez o avô, ele, depois da deambulação, procura a resolução do enigma do avô e do seu mesmo.

O neto entra em território estranho e vai sendo recusado pelos nativos ao fazer perguntas sobre o que ninguém quer falar nem lembrar. Ele é parecido, cada vez mais, com aquele de quem eles não querem mais saber, num esquecimento que é rompido pela presença incômoda dessa nova versão de Gaudério. Ele é tomado como diferente (desligado, aquele que não se lembra das pessoas), o grande "outro" e só é aceito no que melhor sabe fazer, ensinar a nadar e a correr. No mundo imenso da solidão aquática, ele



é senhor de sua técnica, de seus músculos, de seu vigor. Porém ele falhou em uma competição e carrega o peso desse fracasso enquanto atleta, somado ao fracasso enquanto namorado, já que não foi tão bom quanto o irmão para Viviane.

Revivendo os passos do avô ele pode ser bem sucedido em algo, o desvelamento do mistério. Porém, ele revive os mesmos enganos, o mesmo desconforto e desconfiança provocados pelo Gaudério. Ninguém lhe disse para ali ir, mas também ninguém quer que ele volte a Porto Alegre, nem mesmo há muita vontade de que ele ali fique. Tanto não tem ele para onde voltar como não possui para onde ir. Esse abandonar-se reverbera outras obras da literatura contemporânea brasileira, em especial, como já referimos, a de Bernardo Carvalho, sobre a qual já dissemos:

As personagens se reelaboram na missão e preenchem sua vida com as vidas outras a serem resgatadas e contadas para salvar do esquecimento o que buscam, mas nesse processo não se salvam a si mesmas. Mostram-nos que a fragmentação e a incompletude são chaves possíveis para compreendê-las e a nós mesmos quando confrontados com tamanhas angústias e com a facilidade de abandonar as identidades pré-enigmas por existências transitórias vividas no centro da incompreensão e insolubilidade dos mistérios. (POSTAL, 2012, p. 09)

Note-se que ecoa a mesma formulação de jornada arquetípica da pós-modernidade: nada se sabe na narração da vida pregressa, somente o que se in-

diciará indiretamente por mensagens de outrem (no presente caso conversas telefônicas ou mails trocados por personagens secundárias); existe um chamado à aventura decifratória que não foi imposto, mas que descentra a personagem principal fazendo com que aquilo, a peregrinação, se torne o fundamento accional da existência. Para Barba, em certo momento do romance, esse assunto até se esvai, mas retorna com força definitiva. Existe o encontro decisivo que nada resolve: em Bernardo Carvalho tanto a ida à Nova York em Nove Noites, o encontro final na festa de As Iniciais em que nada é provado, nenhum ciclo se fecha e as personagens seguem suas vidas sem que saibamos à que "harmonia inicial" retornarão, visto que não existe harmonia alguma na contemporaneidade. Barba definitivamente encontra seu avô, tem a prova quando o mesmo lhe toca o rosto e faltam-lhe dedos na mão, o que bate com o relato que lhe fizera seu pai.

O choque de tal encontro, porém, não produz uma harmonia entre ancestral e descendente e sim um assombro inexplicável. Gaudério se manifesta como sempre fora, Barba não entende que não poderia ser de outra forma. Cristalizado dentro da pedra, rudimentarmente radicado, o avô não é mais a essência da deambulação, mas sim da fuga, do encerramento fora do mundo correto das comunidades, alheio à família, memória e descendência. O legado é o da imortalidade, a ferida, o sangramento e a ida ao mar, elemento que os liga.



Da herança à ancestralidade, da errância à deambulação, *Barba ensopada de sangue*, para além de várias características contemporâneas discute elementos de imaginários míticos de jornadas primitivas em busca de identidade e do passado, através da memória vertida em narrativa. Saber dos antecessores através de traços investigáveis une noções de história e narrativa dentro da literatura numa obra que tensiona os descaminhos da pós-modernidade através da recuperação de um mito de eterno retorno, visto que o neto repete a lenda do avô ao procurar compreender a lenda mesma.

O sobrinho do neto, ao olhar o mar, não terá certeza de que ele guarde seus ancestrais, mas sabe que sua história, ao deambular para dela saber e contar, lhe insere numa cadeia de elementos não explicáveis vindos de antanho e que lhe constituem enquanto ser humano e narrador. Não é possível colocar as barbas de molho, mas sim esopá-las no sangue dos seus e se tornar então mais um deles. Irado, sumido e contado.

REFERÊNCIAS

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernida-de**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

POSTAL, Ricardo. **O mais longe ir:** identidades transversas em Bernardo Carvalho. Ângulo (FATEA), v. 129, p. 05-09, 2012.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



ELECTRA NO CIRCO

ELECTRA IN THE CIRCUS

Roseli Bodnar UFT/PUCRS¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura do mito grego de Electra, em uma tragédia moderna, intitulada Electra no circo (1944), escrita por Hermilo Borba Filho em parceria com Valdemar de Oliveira. Na escrita contemporânea, a figura mítica aparece inovada, mas ainda guarda em si, o destino trágico. A tragédia grega inspira a tragédia brasileira, com tramas familiares, intrigas e conflitos. Borba Filho revela uma intensa preocupação com a brasilidade, sobretudo com a cultura nordestina, assim os pontos de convergência e de divergência entre o mito grego e a peça são muitos, a começar pela transposição para o espaço cultural nordestino e para o circo. A figura feminina, A Moça do Arame, pela força do mito refaz seu percurso redimensionado no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Electra. Teatro brasileiro moderno. Hermilo Borba Filho.

Abstract: This paper proposes a reading of the Greek myth Electra, in a modern tragedy, named Electra in the circus (1944), written by Hermilo Borba Filho and Valdemar de Oliveira. In contemporary writing, the mythical figure is renewed, but still keeps the tragic destiny in it. Greek tragedy inspires Brazilian tragedy with family plots, intrigues and conflicts. Borba Filho reveals an intense worry about Brazilian characteristics especially the northeastern culture, this way there are a lot of points of convergence and divergence between the Greek myth and the play, the first one being the transposition to the northeastern cultural space and to the circus. The female figure, The Lady of the Tightrope, based on the myth's strength remakes her path resizing it in time and space.

Keywords: Electra. Modern Brazilian Theater. Hermilo Borba Filho.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma leitura do mito grego de Electra, em uma tragédia moderna, intitulada **Electra no circo** (1944), escrita por Hermilo Borba Filho² em parceria com Valdemar de Oliveira. A tra-

¹ Doutoranda em Letras, em Teorias críticas da Literatura, pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e professora adjunta do Curso de Teatro, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: roseliteratura@hotmail.com.

² Hermilo Borba Filho (nasceu em Engenho Verde/Palmares, PE, em 1917 e faleceu em Recife, em 1976). Autor, encenador, professor, crítico e ensaísta. Diretor artístico do Teatro do Estudante de Pernambuco e fundador do Teatro Popular do Nordeste.



gédia grega inspira a tragédia brasileira, recheada de intrigas, relação incestuosa e assassinato.

Para iniciar a reflexão, cabe abordar, inicialmente, dois conceitos importantes para o estudo: mito e tragédia. Esses elementos são relevantes para se pensar como o mito de Electra se apresenta nos três tragediógrafos, para só então abordá-lo na sua transposição para o teatro moderno nordestino.

De modo geral, os mitos consistem nas lendas "(...), isto é, nas narrativas maravilhosas (...) e porque fazem intervir forças ou seres considerados superiores aos humanos, pertencem ao domínio da religião" (GRIMAL, s/d, p. 17).

Este vínculo com o contexto religioso conferia acima de tudo realidade a essas narrativas:

O Mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira" porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico³ é "verdadeiro" porque a existência do Mundo está aí para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente "verdadeiro" porque é provado pela mortalidade do homem e assim por diante (ELIADE, 1989, p. 12, grifo do autor).

O fato de as narrativas míticas serem consideradas como "verdadeiras" não é surpreendente, uma vez que tinham como meta primordial a educação do ser humano pelo exemplo dos antepassados, cuja estirpe era tida como vinculada aos deuses. Neste sentido, fica bastante claro que a função do mito era "(...) revelar os *modelos exemplares* de todos os ritos e atividades humanas significativas" (ELIADE, 1989, p. 13, grifo meu). Por *modelos exemplares*, entendese, sobretudo, os exemplos de caráter e de conduta que eram transmitidos ao longo das gerações, valores estes que tinham a religião por veículo e sustentáculo.

Teriam sido de fato os personagens míticos seres históricos? Ou estes personagens e suas ações seriam criação do imaginário coletivo? Muito se tem discutido a respeito do tema. Uma vez que os objetivos deste trabalho não contemplam uma descrição aprofundada sobre a natureza histórica do mito, não se abordará a questão. De todo modo, há certo consenso no sentido de que os mitos carreguem consigo um fundamento básico trazido do momento de sua formação, o que permite pensar que o ponto de partida das lendas teriam sido fatos reais⁴.

³ Isto é, da origem do mundo.

⁴ "Não há, podemos afirmar, nenhum mito que seja pura fantasia destituída de fundamento. Os que assim hoje se nos apresentam não foram exceções; são, apenas, mitos cujo sentido íntimo ainda não conseguimos penetrar ou que ainda não logramos compreender" (SPALDING, 2004, p. 14). Ver também: VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento Grego**; ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**; do mesmo autor: **Mito e realidade**; SNELL, Bruno. **A descoberta do Espírito**. SCHÜLER, Donaldo; GOETTEMS, Miriam Barcellos (Orgs.). **O mito ontem e hoje**. GRIMAL, Pierre. **A mitologia Grega**.



Uma vez que os mitos na Grécia antiga eram formados por um conjunto de histórias que se pretendiam como reais, não há problema algum no fato de tais histórias serem contadas/repetidas mesmo por quem não tenha visto de fato às questões por eles abordadas. Por exemplo, na Grécia homérica, os *aedos* (recitadores), embora não houvessem testemunhado os eventos citados nas narrativas míticas, recitavam as narrativas, acreditando na veracidade das mesmas e elas eram recebidas como reais, o que era proporcionado principalmente pelo contexto social do momento.

Como tornar plausível a veracidade de um canto de que o poeta não foi testemunha ocular? Ao contrário do que se dá na idade da razão, na cultura mítica os ouvidos são testemunhas mais verdadeiras do que os olhos. O mito se sustenta na veracidade da palavra. A palavra inspiradora das musas, da tradição, do passado é mais verdadeira do que uma possível observação do poeta (SCHÜLER, 1972, p. 21, grifo meu).

O mito, trazido ao poeta pela inspiração das musas, é, pois, o amparo da tradição para que esta possa reafirmar-se e perpetuar-se. Entretanto, já a partir do século VII a.C., as narrativas míticas começaram a ser contestadas pelos primeiros filósofos, os pré-socráticos, que "(...) inauguram um novo modo de reflexão concernente à natureza que tomam por objeto de uma investigação sistemática (...)" (VERNANT, 1986, p. 73). As iniciativas destes filósofos promovem a queda do pensamento mítico enquanto explicação única para o mundo e seus fenômenos. É neste estado de coisas que surgem as peças trágicas.

Em seu sentido primordial, a tragédia consistia em um evento em honra do deus Dionísio, no qual havia um concurso de recitações (*odes*) de caráter satírico, nos quais os participantes do coro "(...) arranjavam os cabelos de modo a imitarem a figura dos bodes (*trágoi*)"⁵. Da mistura de duas palavras, *tragos* (bode) e *ode*, (canto, recitação), provém a origem do termo tragédia, uma modalidade teatral, a qual, segundo Aristóteles (Poética 1449a 9-14) era uma arte "(...) nascida dos solistas do ditirambo⁶ (...) pouco a pouco foi evoluindo à medida que se desenvolvia tudo quanto nela se manifestava"⁷.

⁵ SOUZA, Eudoro de. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Poética**. p. 39.

⁶ O ditirambo consistia primordialmente em um canto endereçado a Dionísio, exaltando os prazeres da mesa. Era executado em geral com o acompanhamento de dança e música de flauta. Para maiores detalhes, ver MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**, p. 157.

⁷ Esta é uma ideia bastante geral da origem da tragédia. Entretanto, o tema está longe de ter consenso, considerando-se as várias peculiaridades que o tornam bastante complexo, as quais não são abordadas aqui, uma vez que fogem aos objetivos de minha abordagem. Para um panorama abrangente dessa problemática, ver LESKY, Albin. **A tragédia Grega**, p. 65.



A partir de seu elemento primordial, a face satírica evoluiu para a tragédia tal qual a conhecemos hoje: a dramatização de elementos retirados da mitologia grega, e que enfatiza determinados aspectos da conduta dos heróis, permitindo uma reflexão sobre o caráter de suas ações. De fato, Aristóteles menciona que

(...) a tragédia é a imitação de uma ação e se executa mediante personagens que agem e que diversamente se apresentam conforme o próprio caráter e pensamento (porque é segundo essas diferenças que de caráter e pensamento que nós qualificamos as ações), daí vem por consequência o serem duas as causas naturais que determinam as ações: pensamento e caráter; e, nas ações assim determinadas, tem origem a boa ou má fortuna dos homens (POÉTICA, 1449b 35 - 1450a 2).

Basicamente, a tragédia reexamina a figura dos heróis míticos não raro expondo as suas fragilidades. O reexame do caráter do herói constitui uma "atualização do mito" (SCHELL, 1999, p. 109). Ou seja, o mito é relido, reinterpretado à luz das concepções sociais, históricas e culturais do momento em que a reinterpretação ocorre. Qualquer que seja a "nova" interpretação a ser dada, o mito é o elemento fundamental de que o poeta trágico se vale para a expressão de sua visão da existência humana.

Por trás de todos os heróis que, lutando, livram os países de grandes desgraças ou sucumbem heroicamente a forças superiores, (...) se encontra afinal o que determina todo nosso ser: o perigo e a afirmação da existência humana. E quando vemos que nisso se trata sempre da existência humana, que não há compromisso nem fuga diante das forças inimigas, e da vontade indomável em nosso próprio peito, com isso já temos determinado de antemão um dos traços essenciais da humanidade trágica, que, em igual medida pertence também às figuras do mito helênico (LESKI, 1996, p. 80).

Neste sentido, o que ocorre na tragédia é basicamente uma humanização do herói. O mito fornece o arquétipo, isto é, a descrição conhecida das ações do herói, de suas experiências. Entretanto, na tragédia, ele é afastado das ações, das experiências pelas quais ele é conhecido para configurar-se em outra esfera: a existência humana com todos os seus dilemas, indecisões e fraquezas. O herói trágico não se destaca pelo vínculo com os deuses, mas pela atitude diante do inevitável. Distante da perfeição mítica, o herói está à mercê da falibilidade humana e a sua conduta diante desta falibilidade humana o identifica com o homem comum face às questões complexas da existência tais como, religião, moral, ética, dentre outras. Assim, a expressão de características humanas tais como falhas de caráter, maldade, insegurança, aproxima o herói do homem comum que assiste à peça. É justamente tal aproximação que proporciona a compaixão do espectador na medida em que este se projeta para o palco e vive a experiência do personagem trágico, purgando a experiência e a desgraça dos dilemas vividos pelo



herói, fenômeno que Aristóteles chama de Catarse, termo grego para "purificação"⁸.

A expressão trágica se configura mediante a percepção de elementos trágicos no ser humano. Tais elementos se manifestam mediante várias perspectivas, todas elas ligadas à própria imperfeição humana; uma vez que o homem não está acima de suas próprias limitações, ele está sujeito ao que tais limitações possam causar em sua vida:

Como explicar a dimensão trágica da realidade humana? Deve haver algo no homem que possibilite a vivência trágica. poderíamos chamar de finitude, de contingência, de imperfeição ou ainda de limitação o elemento possibilitador do trágico. (...) Portanto, se o homem é um dos supostos fundamentais do trágico, outro suposto não menos importante é constituído pela ordem ou pelo sentido que forma o horizonte existencial do homem (BORNHEIM, 1965, p. 94-97).

O trágico se abastece das circunstâncias ligadas ao existir do homem. O mito mascara a realidade humana quando apresenta o homem com qualidades que se confundem com as dos deuses. A tragédia lança o homem nas circunstâncias da mera vida, nos desafios da realidade nos quais o indivíduo é obrigado a ser como de fato é, sujeito a erros e falhas de caráter.

Nota-se, na evolução da tragédia, um amadurecimento progressivo não apenas da arte dramática em si, mas principalmente do próprio ser humano no constante devir de suas reflexões sobre o mundo e seu papel nele, já que "(...) o homem arrebatado pelo deus, transportado para o seu reino por meio do êxtase é diferente do que era no mundo cotidiano. Mas a transformação é também aquilo de onde, e somente daí, pode surgir a arte dramática (LESKY, 1996, p. 74).

A tragédia, em linhas gerais, constitui, pois, uma transformação do mito. É bastante claro que os tragediógrafos forneçam aos espectadores de suas peças um mito com novos sentidos, novos símbolos, novas perspectivas. Entretanto, a atualização do mito só faz reafirmar a importância do próprio mito não apenas para a tragédia, mas para a cultura grega em si.

1 AS TRÊS ELECTRA(S), NA TRAGÉDIA GREGA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

O mito de Electra é o fio condutor de três tragédias gregas: **As Coéforas**, de Esquilo; **Electra**, de Sófocles; **Electra**, de Eurípedes. A fatalidade que perseguia Agamêmnon e seus filhos forneceu o mote para o teatro grego, dando origem a várias

⁸ POÉTICA, 1449b24-27. "É, pois, a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão (...), [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação, dessas emoções".



versões trágicas do mito. Entre três delas, duas versões levam o nome de **Electra**, em grego Ἡλέκτρα, e a outra, supõe-se que a mais antiga, recebe o título de **As Coéforas**, em grego Χοηφόροι.

Ésquilo escreveu uma trilogia chamada Orestéia, com a qual venceu o concurso de tragédias das Dionísias Urbanas, de - 458, composta pelas seguintes tragédias: Agamêmnon; As Coéforas; As Eumênides, acrescido do drama satírico Proteu⁹. Essas peças foram escritas por volta de -420/-410. A tragédia As Coéforas, possui este título, em virtude do coro de escravas troianas "as coéforas", entrarem em cena levando libações para o túmulo de Agamêmnon.

Nesta peça, Ésquilo mostra como Orestes e Electra conspiram para matar Clitemnestra e Egisto¹⁰. Orestes e Pílades apresentam-se sob disfarce no Palácio real de Argos, a pretexto de informar a Clitemnestra à morte de seu filho. Na sequência Orestes mata Egisto, todavia hesita em matar a mãe, vindo a matá-la somente quando Pílades recorda que essa era uma ordem do Oráculo de Apolo. Depois da morte de Clitemnestra, surgem as "Fúrias vingadoras" e Orestes foge apavorado.

Sófocles retoma o mito na tragédia **Electra**. A peça foi representada em Atenas pela primeira vez quando o autor já estava consagrado e idoso.

Desconhece-se a data exata da peça, contudo a partir de critérios literários, pode-se situá-la por volta -420 e -410, portanto, bem anterior a peça de Eurípedes. Existe uma probabilidade que essa peça tenha sido apresentada nas Dionísias Urbanas. Nessa tragédia sofocliana, Orestes volta a Micenas a fim de vingar a morte de seu pai Agamêmnon. Electra encontra Crisótemis, sua irmã, a caminho do túmulo do pai, onde deverá fazer libações, a pedido da mãe, depois de um sonho que a preocupara. Orestes faz correr o boato de sua morte, no entanto, Electra ao saber do fato, entra em desespero, o que faz com que o irmão se revele a ela. Depois disso, Orestes procura a mãe e mata-a cruelmente, auxiliado por Electra. Egisto chega para comprovar a suposta morte de Orestes e percebe horrorizado de que se trata do corpo de Clitemnestra. Em seguida, Egisto é assassinado.

Eurípedes apresenta os mesmos fatos e as mesmas personagens das outras duas tragédias em sua **Electra**, datada de -413. Nesta versão, um camponês narra os primeiros fatos e relata que fora coagido, por Egisto, a se casar com Electra, mesmo contra a sua vontade. Esse casamento objetivava fazer com que Electra tivesse filhos sem estirpe e sem nobreza, desta forma, não se tornariam sucessores ao trono. Diante desse cenário, o camponês não consuma o

⁹ Infelizmente esse drama satírico se perdeu, ao contrário das tragédias que alcançaram o nosso tempo, praticamente intactas.

¹⁰ Egisto era filho de Tiestes, irmão gêmeo de Agamêmnon, portanto, sobrinho de Agamêmnon e Clitemnestra.



casamento, e vive uma relação fraternal com Electra. Ela lamenta sua sina e o coro "das jovens micenianas" tenta confortá-la. Neste momento, surgem Orestes e Pílades disfarçados, com o pretexto de trazer notícias a ela do seu irmão. Os dois forasteiros hospedam-se na casa de Electra. Electra envia o camponês, como portador, para buscar um preceptor, já ancião, que havia salvado a vida de Orestes ainda criança. O objetivo desse encontro, entre o preceptor e os forasteiros, seria para demonstrar hospitalidade e para obter o maior número possível de informações a respeito do paradeiro de seu irmão. Ao chegar, o ancião reconhece imediatamente Orestes, por meio de uma cicatriz. Após o (re) encontro e feitas todas as justificativas sobre o disfarce, Electra, Orestes e o ancião tramam a morte de Egisto e Clitemnestra. Orestes sai para executar Egisto, enquanto isso o ancião parte em busca de Clitemnestra. O ancião armou um ardil com uma falsa notícia de que Electra havia dado à luz. Esse estratagema deu certo, trazendo Clitemnestra a casa de Electra. Orestes hesita em matá-la, porém consuma o ato instigado pela irmã e pela lembrança da ordem oracular. Mais tarde, arrepende-se. Em seguida, surgem os Dióscuros (Castor e Pólux) anunciando o julgamento do crime de Orestes pelo Tribunal de Palas (Minerva), em Atenas. Orestes é absolvido graças a sentença da deusa e os mesmos deuses decidem o destino de Electra, ao determinar que ela fosse dada em casamento a Pílades e que partisse com seu marido para o novo lar.

Pela leitura de Eurípedes é possível perceber a diferença de estilo com Ésquilo e Sófocles, em especial, porque as cenas e as personagens por ele imaginadas se aproximam mais da realidade, com uma construção mais próxima do agir e do sentir dos mortais. Por isso, talvez, dos três dramaturgos é a obra que mais inspira versões modernas.

Após abordar o mito de **Electra** nas três tragédias, percebe-se que todas as peças trazem Electra como agente mitológico e Orestes como o agente trágico. Obviamente que o mito pode ser lido das mais diferentes maneiras e por diversos pontos de vista ou áreas do conhecimento.

2 ELECTRA NO TEATRO NORDESTINO: DO CASTELO AO CIRCO

As três tragédias têm Electra como figura central. Como toda a lenda, oriunda da tradição oral, o mito de Electra sofreu algumas variações no enredo, dependendo da versão.

Neste trabalho, dialoga-se com a versão de Sófocles, por ser a versão que possui mais pontos de contato com **Electra no circo**, de Borba Filho, como, por exemplo, o desejo latente de vingança de Electra; a ameaça de Clitemnestra em encarcerar a filha viva, caso não mudasse seu comportamento agressivo para com ela e para com o padrasto; o sonho de Clitemnestra com o marido morto; a chegada de uma "suposta mensagem" contendo a notícia da morte de Orestes.



Sófocles, em Electra, revela a vingança dos filhos contra Clitemnestra, que assassinou o marido, com o objetivo de unir-se ao amante. O espaço retratado é a cidade grega, especificamente as cenas se passam no palácio, na porta do palácio e no túmulo de Agamêmnon.

Borba Filho revisita o mito, mas faz transposição para o espaço circense, em uma cidadezinha qualquer, do sertão nordestino. E, para marcar o ambiente, Borba Filho canibaliza o discurso do espetáculo circense: "Hoje vai ter espetáculo? Vai ter sim senhor!" (BORBA FILHO, 2007, p. 32). Ainda, há outro espaço, bem marcado no texto dramático, o sanatório, em que se passa o último ato.

Electra no circo divide-se em três atos e apresenta três planos superpostos: realidade, memória e alucinação (ou delírio). Peça ação sabe-se quando é um ou outro plano. O primeiro ato é chamado de "Antes do espetáculo", sendo apresentados a trama, o espaço circense e o ambiente de intriga e de suspense que antecede o espetáculo. Neste ato sabe-se da morte do dono do circo e do desejo de vingança da Moça do Arame que arquiteta um plano para eliminar a mãe e o padrasto. O segundo ato, "Durante o Espetáculo", os dois irmãos recebem apoio e incentivo na logística e concretização dos assassinatos, tanto pelo pai (em aparições em flashes fantasmagóricos) como do Palhaço e do Homem Lagarto. Os filhos cegados pelo ódio e pelo desejo de vingança matam a mãe, no camarim do circo e, em seguida, executam o padrasto, condenando-o a uma morte idêntica ao do Dono do Circo.

Na peça, os diálogos são fragmentados e, por vezes, desconexos, porque unem e confundem as vozes do plano da realidade com as vozes do plano da alucinação. Infere-se que as vozes desconectadas da ação principal e do plano da realidade pertencem ao plano da alucinação e são utilizadas, apenas, pela Moça do Trapézio, no primeiro e segundo atos, conforme se pode observar nas falas marcadas como pertencendo a "voz":

Voz: Os pés estão pesando como se fossem de chumbo. Que pressentimento! Eu não posso continuar a viver assim. É como se sentisse alguém do meu lado... (pausa) Os meus pés estão pesando... estão pesando... Como posso andar no arame? E logo hoje, que vai estrear o meu novo companheiro... (p. 30).

Voz: Estarei mesmo louca? (p. 39).

Voz: Quando chegará meu irmão? (p. 39).

Voz: Sozinha. Mas tenho que matá-los. Sozinha mesmo (p. 43).

Voz: Helena? (p. 45).

Voz: Meu irmão... meu irmão... meu irmão... meu irmão... (p. 45).

Voz: O tempo passou... e chegou o momento (p. 51).

Voz: Papai... (p. 52).

Voz: Não, meu irmão. Não o mate. Traga-o aqui. Ele deve morrer como morreu o meu pai. Ele tem que morrer assim (p. 57).

Voz: Agora, cortar as amarras! (BORBA FILHO, 2007, p. 60).



O terceiro ato, "Depois do espetáculo" tem início com o mestre de cerimônias que se desculpa pelos artistas desvirtuarem o espetáculo, preferindo "viver" a própria tragédia, em vez de realizar o espetáculo propriamente dito. Neste ato, o Rapaz do Arame é internado em uma clínica psiquiátrica e assume a identidade de Orestes. Há uma justaposição de cenas, mesclando realidade e alucinação.

Neste ato, há dois palcos superpostos, o de cima, representa a sala do sanatório, onde se movimentam "pessoas reais" e, o debaixo, é "a representação do cérebro do Rapaz do Trapézio", criadas pelo processo de delírio. No último ato, desaparece a "voz" não nomeada, do plano da alucinação, ficando todas as vozes vinculadas a algum personagem.

Borba Filho, assim como outros dramaturgos modernos, especialmente, europeus e americanos¹¹, retomam a tragédia antiga para pensar o "sofrimento humano". Esse fato vem de encontro à peça estudada, pois o narrador ou mestre de cerimônias anuncia ironicamente que o espetáculo não terá feras, terá somente humanos, homens e mulheres

(...) sofrendo, amando, rindo, chorando. Um espetáculo, respeitável público, um espetáculo! Nem sempre vocês têm, a preços tão razoáveis,

cenas como essas. Grandes acontecimentos vistos a uma nova luz. Grande dores estranguladas por uma gargalhada brutal. Apenas um pouco da vida do Grande Circo do Mundo. E vai começar a função! Vai começar! Música, maestro! (BORBA FILHO, 2007, p. 29).

O fio condutor da peça é a trama articulada pela Moça do Arame para eliminar a mãe e o padrasto. Ela remete ao mito, sobretudo, pelo ódio exacerbado, nutrido pela mãe e, o amor desmedido, dedicado ao pai.

É possível observar esses fatos nos seguintes trechos da peça:

A voz: Ela assassina. Ela! Meu irmão...

A equitadora: O que é que você está fazendo aqui?

A voz: Não respondo. Não respondo.

A equitadora: Já recomeçou com as suas mentiras?

A moça do arame: Eu não digo mentiras.

A equitadora: Diz mais do que isso. Diz infâmias.

A moça do arame: Eu só falo a verdade.

A equitadora: Vive gritando aos quatro ventos que matei seu pai. Não me tem o menor respeito.

A moça do arame: Como posso ter?

A equitadora: Está vendo?

A voz: Ela matou o meu pai (BORBA FILHO, 2007, p. 40)

¹¹ Pode-se citar como exemplo **Mourning becomes Electra (Electra fica bem de luto**), considerada uma das obras mais importantes, de Eugene Gladstone O'Neill. Essa trilogia é composta por três peças: **The homecoming (A volta para casa)**, **The hunted (O caçado**), **The haunted (Os assombrados**) e foi montada em 1931, com duração de cerca de seis horas consecutivas de espetáculo. A trilogia teve como inspiração a trilogia **Orestéia**, de Ésquilo. A peça **Mourning becomes Electra** ganhou adaptação para o cinema em 1947, com direção e adaptação de Dudley Nichols.



Coro dos meninos: Charuto!

Segundo servente: Vocês viram que pedaço de

homem é o rapaz do trapézio? Terceiro servente: Cada braço!

Quarto servente: A moça até se esqueceu um bocadinho do pai dela. Você não viram como eles

dois estavam conversando lá dentro? Quinto servente: Como se fossem velhos conhe-

cidos.

Coro dos meninos: Olhe a hora! Olhe a hora! Sexto servente: Também, aqui pra nós, nem parece que foi o pai que morreu. Parece até que ela perdeu um marido.

Terceiro servente: Coitadinha... Eu tenho pena dela.

Segundo servente: Ela vive dizendo horrores da mãe.

Quarto servente: E do domador.

Palhaço: Que é que vocês tanto conversam ai? Olhe que o público chega e não fazemos o ensaio (BORBA Filho, 2007, p. 50).

O texto possui elementos para que se possa observar a existência de uma tensão sexual entre a filha e o pai. Neste sentido, pode-se perceber, na peça, clara referência ao complexo de Electra. De acordo com o **Dicionário técnico de Psicologia**, a Síndrome de Electra, possui suas raízes na infância, pois

no decurso de seu desenvolvimento psicossexual, a criança também busca um objeto externo para satisfazer seus desejos eróticos e, em virtude, da proximidade e da ternura parental, o objeto escolhido é a mãe (ou o pai, isto é, sempre o indivíduo de sexo oposto ao da criança). No rapaz, esse complexo de desejos recebeu o nome de Complexo de Édipo; na menina, Complexo de Electra (CABRAL, 2006, p. 312).

Este fato volta à cena, durante um episódio de psicose, sofrido pelo Rapaz do Arame, em que ele recebe a visita da irmã vestida de noiva. Durante a visita, A moça do Arame, informa que é o dia do casamento deles. O irmão tenta lembrá-la de que são irmãos e que por isso não devem se casar. Neste exato momento chega o Dono do Circo, pai de ambos, e que se dá o seguinte diálogo:

O dono do circo – Já está na hora?

A moça do arame – Já. Vamos embora.

A voz do rapaz – O que ele quer?

A moça do arame - Nada. É o meu noivo.

A voz do rapaz – Esse? Esse é o nosso pai?

A moça do arame – E que tem isso?

A voz do rapaz – O noivo sou eu.

A moça do arame – (*Ao dono do circo*) – Ele estava pensando que era o noivo.

O dono do circo – Coitado...

A voz do rapaz – Você não pode se casar com esse homem. É seu pai.

A moça do arame – E você não ia se casar comigo?

A voz do rapaz – Mas eu sou somente seu irmão. A moça do arame – Que cínico! (*Ri e toma o braço do dono do circo*)

A voz do rapaz – Vocês não podem fazer isso. Que diria a mãe?

A moça do arame – E você já não a matou?

A voz do rapaz – Ah!

A moça do arame – Matou-a. E agora vamos nos casar, não é, paizinho?

O dono do circo - Vamos. Tenho pressa.

A moça do arame – Vê como ele está impaciente?

A voz do rapaz – Miseráveis! (BORBA FILHO, 2007, p. 73)



O dramaturgo pode ter se inspirado nas peças de Nelson Rodrigues, para construir sua tragédia, sobretudo, na peça **Vestido de Noiva** (1943), que foi a precursora na elaboração e no uso cênico de três planos: realidade, memória e alucinação. Borba Filho, como um homem de teatro, escrevia com frequência em jornais, sobre suas impressões estéticas e leituras. Ele publicou, no Jornal do Commercio, ao longo do ano de 1944, algumas notas sobre teatro¹², entre elas destacam-se duas, uma escrita sobre O'Neill e outra sobre Nelson Rodrigues. Na mesma proporção que Borba Filho se revelava entusiasmado diante da obra do americano, mostrava-se, igualmente, encantado pela *escrita rodrigueana*.

Neste sentido, as influências detectadas na peça estudada podem ter advindo de ambos os dramaturgos, ainda muitas outras influências diretas, pois Borba Filho era um leitor atento, também tradutor, do teatro americano e europeu. Igualmente, era um profundo conhecedor e divulgador da cultura erudita e popular brasileira.

Para concluir, é evidente que Borba Filho se inspira na tragédia grega para criar a sua tragédia brasileira, com muitos pontos de contato e alguns distanciamentos. Contudo, percebe-se também seu diálogo com O'Neill e Nelson Rodrigues.

A releitura enfatiza a importância do que é (re) lido e, na reflexão sobre a existência do humano at

ravés da lenda reconfigurada, o mito de Electra sobrevive e se faz eterno como sombra do passado e intuição do futuro.

REFERÊNCIAS

BORBA FILHO, Hermilo. **Teatro selecionado.** Vol. I, II e III. Leda Alves; Luís Augusto Reis (Org.) Rio de Janeiro: Funarte, 2007.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BORNHEIM, Gerd. **O Sentido e a máscara**. Porto Alegre: UFRGS, 1965.

CABRAL, Álvaro. **Dicionário técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1989.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. Lisboa: Europa-America, s/d.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia Grega**. São Paulo: Cultrix, 1972.

LESKI, Albin. **A Tragédia Grega**. Tradução de J. Guinsburg, Geraldo de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 1996.

¹² Consultar Borba Filho, in Jornal do Commercio, 27/08/44.



MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCHELL, Denis. Eurípides e as Troianas. In: **Organon**: o mundo clássico (Grécia, Roma e Índia). Porto Alegre: UFR-GS, 1999, v. 13, n. 27.

SCHÜLER, Donaldo. **Aspectos estruturais na Ilíada**. Porto Alegre: UFRGS, 1972.

SCHÜLER, Donaldo; GOETTEMS, Miriam Barcellos (orgs.). **Mito ontem e hoje**. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SNELL, Bruno. **A descoberta do espírito**. Lisboa: Edições 70, 2003.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da mitologia lati- na**. São Paulo: Cultrix, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento Grego**. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: DIFEL, 1986.



LINGUAGEM NA AFASIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS EXPERIMENTAIS REALIZADOS NO BRASIL

LANGUAGE IN APHASIA: A SYSTEMATIC REVIEW ON EXPERIMENTAL STUDIES DEVELOPED IN BRAZIL

Sabrine Amaral Martins (PUCRS)¹ Fernanda Schneider (PUCRS)² Lisandra Rutkoski Rodrigues (PUCRS)³

Resumo: No Brasil, as doenças cerebrovasculares são a segunda principal causa de mortes entre adultos de meia idade e idosos. Embora 85% das vítimas sobrevivam ao acidente vascular encefálico, a maioria permanece com algum prejuízo, como a afasia. Sob uma perspectiva neuropsicolinguística, o presente artigo investiga as características metodológicas dos estudos experimentais realizados no Brasil entre 2012 e 2015, para verificar os instrumentos de avaliação da afasia, os instrumentos neuropsicológicos, os critérios de seleção dos participantes

e as habilidades linguísticas investigadas. Realizou-se uma pesquisa nas bases de dados SCOPUS, PEPSIC, ScienceDirect, EMBASE, EBSCO, LILACS, PubMed/Medline, Web of Science, SCIELO Brasil e Biblioteca Digital da UNICAMP. Dos 407 artigos encontrados, 8 foram selecionados. Os resultados identificaram uma urgência na ampliação dos dados representativos da população brasileira e um desenvolvimento de mais baterias e instrumentos eficientes para avaliação e tratamento da linguagem, pois os testes e parâmetros utilizados não contemplaram as características peculiares da população. Assim, depreendeu-se que é preciso haver multidisciplinaridade nas pesquisas sobre linguagem na afasia para um maior entendimento do problema.

Palavras-chave: Afasia. AVE. Linguagem. Avaliação. Neuropsicolinguística. Brasil.

Abstract: In Brazil, cerebrovascular diseases are the second leading cause of death of middle-aged and adults. Although 85% of victims survive the stroke, most remain with some permanent sequelae, such as aphasia. Under a neuropsycholinguistic approach, this paper investigates the methodological cha-

¹ Mestre em Letras, doutoranda em Letras – Linguística (PUCRS) e bolsista integral do CNPQ. Email: sabrine.martins@acad. pucrs.br.

² Mestre em Letras, doutoranda em Letras – Linguística (PUCRS), professora do IFRS - Câmpus Ibirubá e bolsista parcial da CAPES. Email: fernanda.schneider.001@acad.pucrs.br.

³ Mestre em Letras, doutoranda em Letras – Linguística (PUCRS), e bolsista integral da CAPES. Email: lisandra.rodrigues@ acad.pucrs.br.



racteristics of the experimental studies conducted in Brazil between 2012 and 2015, in order to verify the instruments for the assessment of aphasia, the neuropsychological instruments, the criteria adopted to participants' recruitment, and the language skills investigated. The article search was conducted in the following databases: SCOPUS, PEPSIC, ScienceDirect, EMBASE, EBSCO, LILACS, PubMed/ Medline, Web of Science, SCIELO Brasil and Digital Library of UNICAMP. From the 407 articles found, 8 were selected. The results identified an urgency to expand the representative data of the Brazilian population and the development of more batteries and efficient instruments for the assessment and treatment of language, since the tests and parameters used do not contemplate the unique characteristics of the population. Thus, we understand, from this review, that there is a need for a multidisciplinary approach in the research on language in aphasia for a growing understanding of the problem.

Keywords: Aphasia. Stroke. Language. Assessment. Neuropsycholinguistics. Brazil.

INTRODUÇÃO

As mudanças no ritmo de vida dos brasileiros, junto a fatores como o sedentarismo, hipertensão, diabetes, tabagismo e consumo de bebidas alcóolicas (CHAVES, 2000), podem contribuir para o aparecimento de doenças cardiovasculares, como o aciden-

te vascular encefálico (AVE). Ele corresponde, hoje, às principais causas de internações hospitalares de adultos e idosos e são um problema de saúde pública, uma vez que é ainda precária a infraestrutura dos hospitais brasileiros para as demandas da doença. Ele ocorre quando há uma anormalidade do tecido encefálico, como uma "lesão da parede do vaso, alteração da permeabilidade vascular, oclusão da luz vascular por trombo, ruptura do vaso e alteração da viscosidade ou qualidade do sangue" (FUKUJIMA, 2010, p. 34).

Uma das principais sequelas decorrentes do AVE é a afasia, concebida como uma redução ou disfunção da capacidade linguística (CHAPEY, 1996; COUDRY, 1988/2008; FABBRO, 2003; MORATO, 2010; ORTIZ, 2010), alterando, em diversos graus, o conteúdo, a forma e o uso da linguagem e processos cognitivos subjacentes (CHAPEY, 1996; ORTIZ, 2010). Pode afetar a produção oral/escrita, a compreensão auditiva/leitora, e também a nomeação de objetos e a organização sintática de frases. Ela é prevalente em 38% dos casos de AVE (PEDERSEN et al., 1995), e uma das consequências mais graves da doença.

Nesse contexto, com o objetivo de prover mais dados e assim oferecer contribuições ao diagnóstico e ao tratamento, pesquisas sobre os distúrbios de linguagem, particularmente a afasia, são um campo em plena expansão e podem apresentar contribuições promissoras para o entendimento do processamento da linguagem no cérebro. Longe de se poder considerar como um tema recente, a afasia tem sido investigada por diferentes grupos de pesquisadores



e muitas têm sido as contribuições, tanto de estudos experimentais⁴ quanto não-experimentais.

Assim, esta revisão tem o objetivo de discutir pesquisas experimentais que abordem a linguagem na afasia, realizadas com amostras da população brasileira e publicadas entre 2012 e 2015. Para tanto, optou-se pela revisão sistemática, em bases de dados internacionais e nacionais, atentando para questões metodológicas como: os instrumentos utilizados para a avaliação da afasia e suas respectivas adaptações/versões; instrumentos neuropsicológicos aplicados nas pesquisas e critérios de seleção dos participantes, bem como inclusão ou não de dados de neuroimagem funcional e/ou estrutural. O presente estudo tem também, como pano de fundo, o objetivo de conhecer os estudos linguísticos experimentais realizados no Brasil, verificando assim, que aspectos, sob uma perspectiva neuropsicolinguística, têm sido abordados.

A seguir, é apresentado o método adotado para a elaboração desta revisão.

MÉTODO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão de estudos experimentais sobre afasia realizados no Brasil e publicados entre 2012 e 2015. A

escolha por essa delimitação parte da necessidade de se investigar o tipo de pesquisa experimental e seu enfoque linguístico no período selecionado. A partir da análise, pretende-se discutir as seguintes questões norteadoras: 1) quais são as características metodológicas dos estudos sobre linguagem e afasia realizados com a população brasileira nos últimos anos? e 2) quais aspectos da linguagem, como produção oral e escrita, compreensão leitora e escrita, são avaliados nessas investigações? Para discutir essas questões, foi realizada uma busca sistemática de estudos sobre afasia, nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) LILACS, Scielo Brasil, PubMed/Medline, PEPSIC, da CAPES, Web of Science e SCOPUS, da Elsevier EMBASE e ScienceDirect, do portal EBSCO e da Biblioteca Digital da UNICAMP. A escolha dessas bases justifica-se por disponibilizarem artigos nacionais e internacionais interdisciplinares incluindo áreas como linguística, biomedicina, psicologia, medicina e fonoaudiologia.

A consulta foi feita a partir das palavras-chave <afasia>, , , podendo aparecer tanto nos títulos dos artigos quanto no corpo do resumo ou *abstract*. Para as bases que utilizam descritores, foram usados os termos <afasia> e guagem>, obtidos no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). Adicionalmente, o local <Brasil> foi

⁴ Os estudos experimentais – de acordo com a psicolinguística experimental – têm o objetivo de descrever e analisar a forma como o ser humano compreende e produz linguagem, ou seja, os fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem (LEITÃO, 2008).



usado, embora não seja comumente indexado como descritor nas publicações. Para as bases que permitiam palavras-chave, foram feitas as seguintes associações para a busca: <aphasia> AND <language> AND <stroke> AND <Brazil>. Destaca-se que as palavras-chave foram selecionadas com base no objetivo deste artigo. Monografias, dissertações e teses foram excluídas por se partir do pressuposto de que os resultados desses estudos são publicados em forma de artigos, evitando assim a repetição de estudos com os mesmos dados analisados.

A partir das buscas, 407 artigos foram encontrados, sendo que desses, 377 foram excluídos após a leitura do título e do resumo. Foram selecionados para a leitura 30 textos completos, que deveriam

atender aos critérios de adequação: 1) tratar de lesões circunscritas ao hemisfério esquerdo; 2) incluir afasia por decorrência de AVE; 3) tratarem-se de estudos experimentais. Foram excluídos artigos que não se enquadravam nos seguintes casos: 1) artigos repetidos nas bases de dados; 2) amostras de indivíduos com afasia primária progressiva; 3) artigos sem relação com a linguagem; 4) revisões sistemáticas; 5) estudos conduzidos por pesquisadores brasileiros, mas não realizados no Brasil; e 6) monografias, dissertações, teses e capítulos de livros. Após a aplicação dos critérios, 8 artigos completos foram selecionados. O fluxo de seleção de artigos pode ser visualizado na Fig. 1.

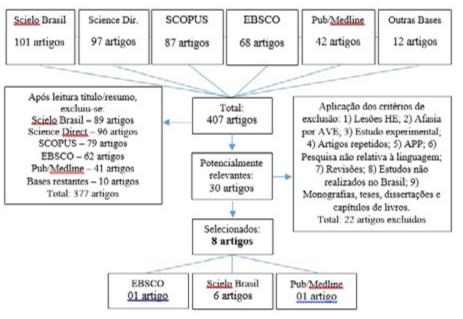


Figura 1 - Fluxo de seleção de artigos Fonte: as autoras.





Na sequência, encontram-se descritos os resultados da revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de pesquisa, foram encontrados muitos estudos de natureza não experimental, ou em forma de dissertações ou teses, por isso não incluídos. Frisa-se que, por se tratar de uma revisão sistemática em bases de dados e ser necessário adotar uma série de critérios de exclusão, alguns estudos podem não ter sido contemplados. Assim, as restrições comuns a esse tipo de trabalho podem ter feito com que o universo de pesquisas experimentais em afasia no país não fosse totalmente contemplado, em especial as que não foram publicadas nas bases selecionadas. O Quadro 1 sintetiza alguns dados, incluindo o perfil dos participantes, objetivos e resultados.

	AUTORES	PARTICIPANTES	OBJETIVOS	RESULTADOS
1	ARRUDA, REIS, FONSE- CA, (2014)	17 H e 14 M (16 de 30-65 anos e 15 de 66-94 anos)	Estudar a ocorrência de distúrbios de linguagem em vítimas de AVE.	Homens com menos de 65 anos e escolaridade maior que 8 anos apre- sentaram escores mais altos. Ainda, houve prevalência dos distúrbios de compreensão na amostra.
2	KUNST et al. (2013)	1 H (68 anos)	Relato de tratamento fonoaudi- ológico com mutismo de indivíduo afásico.	O tratamento imediato após o AVE pode ter influenciado positivamente a expansão do vocabulário e outros avanços relativos ao mutismo do indivíduo afásico.
3	BAHIA; CHUN (2014)	1 H e 4 M afásicos não fluentes (59, 37, 50, 59, 67 anos)	Verificar se a CSA influi positi- vamente na produção oral de afásicos.	A CSA foi um facilitador da comunicação, diminuindo a incidência de adivinhações e aumentando a produção oral.
4	FRANCO et al. (2015)	2 H (53 e 77 anos) afásicos não fluentes	Averiguar se o uso da CSA auxilia na leitura e na recuperação lexical.	A CSA beneficiou os participantes, tornando sua comunicação mais eficiente e aprimorando habilidades de leitura e nomeação.
5	CARDOSO; BISSO; BRAGA (2012)	8 participantes	Referenciar o desenho de afásicos como comunicação escrita, sob a ótica do discurso.	Os dados encontrados consolidam a ideia de (re)significação da linguagem utilizada por estes participantes.
6	SILAGI; HIRATA; MEN- DONÇA (2014)	1 M (35 anos) afásica de Broca (na fase aguda afasia global)	Apurar se o programa de estru- turação de sentenças é eficaz na reabilitação a longo prazo da afasia.	O indivíduo afásico apresentou generalização e resultados positivos na fala espontânea somente durante a reabilitação e não a longo prazo.
7	SANTOS et al. (2013)	9 H e 10 M (idade média 53,3 anos)	Verificar a recuperação da lingua- gem através de estimulação tran- scraniana em indivíduos afásicos.	Houveram diferenças relevantes nas etapas pré e pós-estimulação para compreensão de frases simples, nomeação e fluência verbal para animais.
8	SANTOS; GAGLIARDI; MAC-KAY (2012)	13 afásicos e 18 não afásicos (14 desses entre 15-39 anos, 11 entre 40-69 anos e 6 acima de 70 anos)	Analisar aspectos da linguagem em afásicos correlacionando com a topografia da lesão.	Não foi observada relação direta entre a topografia da lesão, a afasia e o desempenho nas provas de linguagem.

Nota: M = mulher; H = homem

Quadro 1 - Detalhamento dos estudos selecionados para a revisão Fonte: As autoras



O estudo 1 (ARRUDA; REIS; FONSECA, 2014) (ver Quadro 1) teve por objetivo averiguar qual habilidade linguística foi mais afetada na ocorrência de afasia no estado do Sergipe. O trabalho apresentou dados da afasia gerada por AVE com uma população de idade, escolaridade e gênero distintos, com o objetivo de investigar as habilidades mais comprometidas e promover foco na reabilitação. O estudo apresentou testes e baterias adaptados e validados para o português e, durante seis meses, analisou a ocorrência de distúrbios de linguagem em indivíduos que sofreram AVE atendidos em um centro de saúde. Dois pontos são salientados: a avaliação da linguagem e a heterogeneidade dos participantes. O Teste de Reabilitação do Rio de Janeiro foi utilizado, tendo sido adaptado às condições sociolinguísticas do país. A partir dos dados desse teste, que avalia diversos aspectos da comunicação linguística, poderia haver uma descrição das habilidades mais comumente prejudicadas na população investigada, fornecendo evidências para a seleção de um determinado tratamento.

As adaptações dos testes internacionais para a realidade brasileira são, de fato, um grande desafio. Não basta uma tradução para o português brasileiro. Para que não haja um viés, devem ser controladas as possíveis variáveis que se apresentam na adaptação de um teste, tarefa ou bateria para outra língua, como a frequência das palavras, a imageabilidade, categoria dos termos, extensão, dentre

outras características (FONSECA et al., 2011). Além disso, Kiran, Balachandran e Lucas (2014) afirmam que o protocolo dos testes precisa de aprimoramentos, pois examinar o número de palavras corretas não é o suficiente para avaliar alguns aspectos linguísticos, como a nomeação em afasia. Para o Teste de nomeação de Boston (TNB), Mansur et al. (2006) consideram que é possível a aplicação da versão traduzida sem adaptações para a população brasileira, desde que o nível educacional seja observado nos resultados. Portanto, ainda há muita discussão sobre as variáveis consideradas na confecção das baterias e testes de avaliação da linguagem na afasia. Porém, é inegável que deve haver cautela na aplicação de testes não validados.

O aspecto heterogeneidade dos participantes também precisa ser destacado. Em Arruda, Reis e Fonseca (2014), foram selecionadas 31 pessoas, 17 homens e 14 mulheres, com idades entre 30 e 94 anos, entre analfabetos e alfabetizados. Houve o cuidado de não incluir indivíduos com qualquer acometimento demencial e/ou neurodegenerativo pré-morbido, ou que apresentassem histórico de distúrbios de linguagem antes do AVE. É bastante comum observar nas pesquisas internacionais uma heterogeneidade nos grupos pesquisados. Em se tratando de afasia, considerando que não existem dois afásicos iguais (ORTIZ, 2010), o grupo heterogêneo é uma opção de pesquisa, assim como os estudos de caso. É sabido que os AVEs acometem também adul-



tos jovens – de 30-40 anos – e idosos – com mais de 60 anos. Nas pesquisas com um grupo de faixa etária variada, deveriam ser consideradas, para aqueles com mais de 60 anos, as mudanças funcionais e neurológicas que decorrem do envelhecimento, uma vez que mesmo os indivíduos sadios tendem a demonstrar uma diminuição em algumas capacidades cognitivas, especialmente na memória, muito avaliada nos testes de afasia.

Além da questão da faixa etária, é necessário investigar influência de gênero na avaliação das afasias. Sabe-se que mulheres têm mais AVE por causa do uso de métodos contraceptivos de via oral, maior incidência de fumantes, sobrepeso e sedentarismo (ANDRÉ, 1999), além do fato de sua expectativa de vida ser maior que a dos homens (IBGE, 2009; KAI-SER, 2004).

Em países como o Brasil, o AVE é a segunda causa de morte mais prevalente, enquanto que em países desenvolvidos, é a terceira, perdendo para cardiopatias e câncer (FUKUJIMA, 2010). Em um hospital de São Paulo, Mansur et al. (2002) apontaram que, da amostra de 192 pacientes brasileiros vítimas de AVE, 70% apresentavam afasia. Todavia, não é possível afirmar que esse índice seja referência, pois ainda há muito poucos dados sobre a população afásica brasileira. Em muitos casos, para a realização das pesquisas, é preciso adotar os parâmetros internacionais, que não condizem com a realidade etária, social e educacional brasileira (MANSUR et al., 2002).

O estudo 2 (KUNST et al., 2013) apresenta um estudo de caso com um afásico que apresenta afasia de expressão oral e escrita, com diagnóstico obtido por meio de dois instrumentos fonoaudiológicos validados - o teste para avaliação da afasia da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) e o Token Test. O foco foi essencialmente a eficácia da atuação fonoaudiológica já nos primeiros dias pós AVE, pois a melhora é considerada mínima sem o devido tratamento. O participante apresentou inicialmente um quadro de mutismo, comunicando-se com uma única estereotipia verbal. Ao iniciar a terapia, ele conseguiu expandir seu vocabulário, apresentando ainda muitas parafasias e neologismos, partindo da produção de poucas palavras e aumentando de forma gradual para a emissão de frases simples. É interessante observar que se trata de um participante que apresentou uma recuperação bastante positiva quando consideradas a extensão e localização da lesão, fato que se atribuiu principalmente à precocidade - 15 dias após AVE das medidas terapêuticas. O estudo também salienta a importância de elementos como a estimulação e o papel da família do paciente para evitar a solidão que pode se instaurar a partir da ruptura do processo de comunicação e ao longo da recuperação.

Os artigos 3 (BAHIA; CHUN, 2014) e 4 (Franco et al., 2015) apresentam estudos longitudinais sobre a eficácia da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA) (VON TETZCHNER; JENSEN, 1996),



a qual se utiliza de recursos visuais (figuras) para auxiliar os pacientes afásicos que precisam de recursos não verbais para se comunicarem, servindo, assim, de substituição das formas de produção e interpretação verbal. Embora os dois estudos tratem da tarefa CSA, apenas o último explica que as gravuras foram selecionadas conforme sua iconicidade e como foram confeccionados os álbuns ou as placas contendo as figuras utilizadas com os afásicos.

O estudo 5 (CARDOSO; BISSO; BRAGA, 2012) procura responder de que forma é possível interpretar os desenhos utilizados por alguns pacientes afásicos como comunicação escrita. Os autores apontam para o fato de que o funcionamento da linguagem em um afásico "dispõe de recursos de produção e interpretação, os quais podem ser afetados em diferentes medidas pelo acometimento neurofisiológico, o que gera diferenças individuais quanto ao desempenho linguístico" (CARDOSO; BISSO; BRAGA, 2012, p. 42). Os autores afirmam que a escrita desses indivíduos e os traços dos estágios do grafismo, como os da aquisição infantil, podem ser uma pista de reorganização da linguagem dessas pessoas. De acordo com a perspectiva discursiva adotada pelos autores, a representação da linguagem escrita por meio do desenho indica um estágio de (re)significação da linguagem.

Os estudos 3, 4 e 5 focam em opções alternativas de comunicação dos afásicos, as quais não são propriamente linguísticas ou verbais. É notável em

todas essas pesquisas a contribuição desses meios para o aumento da qualidade de vida dos afásicos, visto que muitos encontram-se deprimidos por terem sua habilidade de comunicação restringida pelo distúrbio. É importante destacar que os estudos sobre comunicação alternativa na afasia podem influenciar a confecção, validação e adaptação de baterias para a avaliação não só da linguagem, como de outros construtos cognitivos. Sabe-se que há limitações em testes de memória porque normalmente sua avaliação é mediada pela linguagem. Em afásicos, é preciso considerar sua limitação linguística e buscar alternativas para os testes utilizados em não afásicos, para que haja uma avaliação justa desse construto cognitivo. Um exemplo é o Mini Exame do Estado Mental (MMSE) (FOLSTEIN; FOLSTEIN; MCHUGH, 1975), normalmente utilizado para eliminar a suspeita de problemas neurológicos, que possui quase metade dos itens avaliados em tarefas linguísticas. A afasia, por sua restrição, dificulta ao indivíduo realizar as tarefas pedidas com acurácia, podendo, erroneamente, se não consideradas as limitações linguísticas, uma pessoa com afasia ser diagnosticada com comprometimento neurológico. Uma versão alternativa do MMSE, incluindo figuras, particularmente nas tarefas que envolvem linguagem, mostra-se aplicável a afásicos com prejuízo na compreensão e/ou produção de respostas envolvendo linguagem (ver MATOS; JESUS, 2011). Outra adaptação realizada para a população afásica é o



Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve para pacientes com afasia expressiva – NEUPSILIN-Af (FONTOURA et al., 2011), que propõe formas alternativas e variadas de avaliação da comunicação e da cognição, com uma adequação de seus parâmetros de pontuação.

O artigo 6 (SILAGI; HIRATA; MENDONÇA, 2014) apresenta um estudo de caso com um paciente com afasia de Broca, com o objetivo de discutir, entre outras questões, o agramatismo como um dos déficits morfossintáticos na produção de sentenças. As autoras apontam para a escassez de estudos dentro dessa temática no Brasil e alegam que a falta de homogeneidade entre os pacientes com agramatismo justifica que se façam estudos de caso com foco na reabilitação do repertório gramatical dos afásicos. O estudo faz um detalhamento, advindo de dados de neuroimagem estrutural e funcional, sobre os locais das lesões e a evolução do quadro de afasia.

Por fim, os estudos 7 e 8 (SANTOS et al., 2013; SANTOS; GAGLIARDI; MAC-KAY, 2012) utilizaram os mesmos instrumentos para caracterização das respectivas amostras, o Montreal Toulouse Battery (Alpha version), o Boston Naming Test e o Verbal Fluency Test (FAS). Santos et al. (2013) utilizaram estimulação transcraniana por corrente contínua a fim de induzir plasticidade e facilitar a recuperação da linguagem em pacientes afásicos. Já Santos, Gagliardi e Mac-Kay (2012) investigaram as relações entre a topografia das lesões cerebrais dos

afásicos com seu desempenho nas tarefas linguísticas, incluindo grupos de faixas etárias e graus de escolaridade diferentes, apresentando uma descrição bastante detalhada da topografia da lesão, tipo de afasia, escolaridade e o desempenho nos testes linguísticos, bem como os dados sobre os participantes controle não afásicos. Contudo, os pesquisadores afirmam não terem encontrado significância relevante entre a topografia das lesões e os dados dos testes linguísticos.

Os estudos 6, 7 e 8 contribuem para uma tendência internacional de utilização de dados de exames de neuroimagem estrutural, de estimulação transcraniana por corrente contínua e da topografia de lesão. Esses exames foram relacionados às habilidades que permaneceram após o acometimento de AVE. Embora ainda embrionários no Brasil, estudos que se utilizam dos dados desses exames podem contribuir para a descrição e detalhamento da afasia na população brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o número final de trabalhos selecionados para a realização deste estudo ser reduzido, é possível ter uma visão geral e atualizada dos instrumentos utilizados nas pesquisas e uma ideia sobre os aspectos linguísticos contemplados. Nesse contexto, equiparando-se a produção de pesquisa em afasia no Brasil à produção internacional – dada a impor-



tância dos Estados Unidos e Europa nesse tema – faz-se necessário não só produzir mais pesquisas, como também considerar fatores como a escolaridade, que pode influenciar nos resultados de testes linguísticos. E, por fim, é preciso publicar, divulgando e compartilhando dados, em bases internacionais e nacionais indexadas, possibilitando assim a ampliação das pesquisas e conhecimentos dos dados.

No que diz respeito aos componentes linguísticos avaliados, destaca-se que é preciso desenvolver, adaptar, validar e/ou divulgar mais baterias, testes de avaliação da linguagem na afasia, bem como os testes neuropsicológicos mais eficientes e necessários para uma avaliação cognitiva mais abrangente. Há uma dependência muito grande dos renomados testes internacionais traduzidos para o português brasileiro e dos parâmetros de avaliação internacionais, fazendo com que, muitas vezes, os contextos educacional, demográfico, cultural e linguístico da população brasileira sejam ignorados. E, nesse sentido, reforça-se o cuidado que se deve ter na adaptação - visto que aspectos como familiaridade, frequência, categoria das palavras, dentre outros, influenciam nos resultados dos testes. Outro fato a ser destacado é, por um lado, a existência de poucos bancos de dados sobre a população acerca dessas características, e por outro lado, a pouca utilização e divulgação dos bancos existentes.

No que se refere aos testes mencionados anteriormente, exemplos deles, adaptados, recentemente, para a realidade brasileira são: o de avaliação de lesados de hemisfério direito MAC-BREVE (CASA-RIN et al., 2014); o de avaliação da afasia, Bateria Montreal-Toulouse – MTL Brasil (PARENTE et al., 2016); e o Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve para pacientes com afasia expressiva – NEUPSILIN-Af (FONTOURA et al., 2011). Cabe ressaltar que há restrições quanto à administração por linguistas ou fonoaudiólogos de certos testes de avaliação da linguagem e da comunicação na afasia, bem como os neuropsicológicos, o que implica a necessidade de formação de equipes multidisciplinares para as pesquisas em geral.

Nesse sentido, acredita-se que o aspecto mais importante a ser destacado é a necessidade da interface de áreas distintas para estudar o tema. Cada área pode contribuir com sua especificidade para um maior aprofundamento nos estudos em afasia. No entanto, reforça-se que a linguística pode ocupar maior espaço nos estudos experimentais em afasia, colaborando com a medicina, a psicologia e a fonoaudiologia, que já têm tradição no tema. É interessante formar uma equipe multidisciplinar e dialogar sobre os dados encontrados sob óticas distintas, considerando que essas áreas estão interessadas em facetas diferentes da afasia. Nesse contexto, Hübner (2015) destaca que a cooperação entre essas áreas vem sendo cada vez mais amparada por técnicas de imageamento estrutural ou funcional do cérebro, além das técnicas eletrofisiológicas e ele-



tromagnéticas e de estimulação magnética transcraniana. Sampaio, França e Maia (2015) destacam que a união dessas áreas pode corroborar e permitir novas perspectivas aos modelos de computação linguística. Portanto, é crucial o desenvolvimento de mais pesquisas multidisciplinares para que haja mais testes e baterias e, principalmente, mais dados sobre a população afásica brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Charles. **Manual de AVC**. 1. ed. Rio de janeiro: Revinter, 1999.

ARRUDA, João Sigefredo; REIS, Francisco Prado; FONSECA, Vânia. Assessment of language after stroke in adults in the state of Sergipe. **Revista CEFAC**, 16(3), São Paulo May/June, p. 853-862, 2014.

BAHIA, Mariana Mendes; CHUN, Regina Yu Shon. Repercussão da comunicação suplementar e/ou alternativa na afasia não fluente. **Revista CEFAC**, 16(1), p. 147-160, 2014.

BERTOLUCCI, Paulo Henrique Ferreira et al. Desempenho da população brasileira na bateria neuropsicológica do Consortium to Establish a Registry for Alzheimer's Disease (CERAD). **Revista de Psiquiatria Clínica**, 25, p. 80-83, 1998.

CARDOSO, Maria Cristina Almeida Freitas; BISSO, Marlise; BRAGA, Adrian Conci. O uso do desenho como comunicação nas afasias. **Letras de Hoje**, 47(1), p. 39-44, 2012.

CASARIN, Fabíola et al. **Bateria Montreal de Avaliação** da Comunicação – versão abreviada – Bateria MAC Breve. São Paulo: Pró-Fono, 2014.

CHAPEY, Roberta (Ed.). Language Intervention in Adult Aphasia and Related Neurogenic Communication Disorders. Baltimore: Williams & Wilkins, 1996.

CHAVES, Márcia. Acidente vascular encefálico: conceituação e fatores de risco. **Revista Brasileira de Hipertensão**, 7(4), p. 372-382, 2000.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de narciso: Discurso e afasia**. 1ª. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988/2008.

FABBRO, Franco. The neurolinguistics of bilingualism: An introduction. NY: Psychology Press, 3a ed, 2003.

FOLSTEIN, Marshal F.; FOLSTEIN Susan E.; MCHUGH, Paul R. Mini-mental state. A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Journal of Psychiatric Research**, 12(3), p. 189-98, 1975.

FONSECA, Rochele Paz et al. Adaptação de instrumentos neuropsicológicos verbais: um fluxograma de procedimentos para além da tradução. **Interação em Psicologia**, v.15 (n. especial), p. 59-69, 2011.

FONTOURA, Denise et al. Adaptação do Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve NEUPSILIN para avaliar pacientes com afasia expressiva: NEUPSILIN-Af. **Ciências & Cognição**, 16(3), p. 78-94, 2011.

FRANCO, Elen et al. Intervention in aphasia using the augmentative and alternative communication. **Revista CEFAC**, 17(3), p. 956-964, 2015.

FUKUJIMA, Márcia. Acidente vascular cerebral. In: ORTIZ, Karin Zazo (Org.). **Distúrbios Neurológicos adquiridos: Linguagem e cognição**. 2a. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2010, p. 34-36.



HARRY, Alexandra; CROWE, Simon F. Is the Boston Naming Test still fit for purpose? **The Clinical Neuropsychologist**, 28(3), p. 486-504, 2014.

HÜBNER, Lilian Cristine. Distúrbios da Linguagem. In: MAIA, Marcus. (Org.). **Psicolinguística**, **Psicolinguística**: **cas: uma introdução**. 1 ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2015, p. 99-112.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil.** Estudos e pesquisa: informações demográficas e socioeconômicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://biblioteca. ibge.gov.br/visualizacao/ livros/ liv42597.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2015.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**, Editora Cultrix, São Paulo, 1973, p. 34-62.

KAISER, Sérgio Emanuel. Aspectos epidemiológicos nas doenças coronariana e cerebrovascular. **Revista da SOCERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.11-18, 2004.

KIRAN, Swathi; BALACHANDRAN, Isabel; LUCAS, Jason. The Nature of Lexical-Semantic Access in Bilingual Aphasia. **Behavioural Neurology**. v. 2014, p. 1-18, 2014.

KUNST, Leticia Regina et al. Speech therapy effectiveness in a case of expressive aphasia resulting from stroke. **Revista CEFAC**, 15(6), p. 1712-1717, 2013.

LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem. In: MARTE-LOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 217-234.

MANSUR, Letícia Lessa et al. Descriptive study of 192 adults with speech and language disturbances. **São Paulo Medical Journal/Revista Paulista de Medicina**, 120(6), p. 170-174, 2002.

MANSUR, Letícia Lessa et al. Teste de nomeação de Boston: desempenho de uma população de São Paulo. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, 18(1), p. 13-20, 2006.

MATOS, Maria da Assunção Coelho de; JESUS, Luís Miguel Teixeira de. **Mini-Mental State Modificado** (MMSM) (Processo INPI 483183 com despacho de concessão em 3/8/2011, inserido no Boletim da Propriedade Industrial Número 2011/08/08 (150/2011); Deferimento pela IGAC em 4/07/2011 – N° 3303/2011).

MORATO, Edwiges. **A Semiologia das afasias:** perspectivas linguísticas. São Paulo: Cortez, 2010.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde.** Estados Unidos da América: OMS, 2015. Disponível em: http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port. pdf>. Acesso em: 08 nov. 2015.

ORTIZ, Karin Zazo. **Distúrbios Neurológicos Adquiridos: Linguagem e Cognição**, 2ª ed, Baurueri, SP: Manole, 2010.

PARENTE, Maria Alice Mattos Pimenta et al. **Bateria Montreal-Toulouse de Avaliação da Linguagem** – Bateria MTL-Brasil. São Paulo: Vetor Editora, 2016.

PEDERSEN, Palle Moller et al. Aphasia in acute stroke: incidence, determinants, and recovery. **Annals of Neurology**, 38, p. 659-66, 1995.



SAMPAIO, Thiago Oliveira de Mota; FRANÇA, Aniela; MAIA, Marcus. Linguística, psicologia e neurociência: a união inescapável dessas três disciplinas. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 11(1), p. 230-251, 2015.

SANTOS, Michele Devido et al. Transcranial direct-current stimulation induced in stroke patients with aphasia: a prospective experimental cohort study. **São Paulo Medical Journal**, 131(6), p. 422-426, 2013.

SANTOS, Michele Devido; GAGLIARDI, Rubens José; MAC-KAY, Ana Paula. Language disorders and brain lesion topography in aphasics after stroke. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, 70(2), p. 129-133, 2012.

SILAGI, Marcela Lima; HIRATA, Fernanda; MENDONÇA, Lúcia Iracema Zanotto de. Sentence production in rehabilitation of agrammatism. **Magnetic Resonance Imaging** (MRI), 24, p. 297-301, 2014.

SOARES, Ellen Cristina Siqueira; ORTIZ, Karin Zazo. Influence of schooling on language abilities of adults without linguistic disorders. **São Paulo Medical Journal**, 127(3), p. 134-139, 2009.

VON TETZCHNER, Stephen; JENSEN, Mogens Hygum. Introduction. In: VON TETZCHNER, Stephen; JENSEN, Mogens Hygum. **Augmentative and alternative communication European: perspectives.** London: Whurr Publishers Ltd, 1996, p.1-18.



ENTENDENDO E ANALISANDO JOGOS SÉRIOS: O CASO DO ZOMBIE RUN!

UNDERSTANDING AND ANALYZING SERIOUS GAMES: THE ZOMBIE RUN!'S CASE

Samara Kalil (PUC-RS)¹

Resumo: Os estudos sobre pós-modernidade aguçam para processos que ainda estão sendo entendidos, envolvem cultura, mídia, interação e tecnologia. Por isso, neste artigo, discutiremos sobre a característica "não séria" dos jogos e analisaremos de forma breve como os jogos eletrônicos evoluíram para contribuir e auxiliar em reflexões e mudanças de comportamentos. Focaremos, posteriormente, em uma ramificação dos jogos eletrônicos, os chamados "jogos sérios" ou purpouse games, para analisar por meio do método analítico de Mitguisch e Alvarado (2013) um game disponível junto ao movimento Games for Change, intitulado Zombies, Run!. Entendemos que ao longo da história dos videogames, a relação do jogador com o jogo e com a tela foi se modificando. Se inicialmente o jogador utilizava basicamente as mãos e os olhos, sem nenhuma conexão externa, hoje ele possui uma infinidade de outras ferramentas que proporcionam uma imersão diferenciada, seja com sensores de movimentos, realidade virtual ou comunicação móvel, em jogos que se fundem com o seu cotidiano, fazendo dele um grande jogo e proporcionando experiências diferenciadas relacionadas tanto às questões pessoais – corpo, saúde, alimentação, autoestima - quanto sociais, como conscientização, meio ambiente, simuladores e outros.

Palavras-chave: Jogo sério. Serious Games. Porpouse Games. Games for Change.

Abstract: Studies sharpen postmodernity for processes that are still being understood, involving culture, media, interaction and technology. Therefore, in this article we will discuss about the feature "not serious" games and we will review briefly how the electronic games have evolved to help and assist in thinking and behavior changes. We will focus later in a branch of electronic games, the so-called "serious games" or purpouse games, to look through the analytical method Mitguisch and Alvarado (2013) an available game with the movement Games for Change, entitled Zombies, Run!. We understand that throughout the history of video games, the relationship between the player and the game and the screen was changing. If initially the player basically used their hands and eyes, without any external

¹ Me. em Comunicação Social (PUC/RS), Jornalista (UPF/RS), Esp. em Jornalismo: Gestão de Novas Mídias (ESPM-Sul) e doutoranda em Comunicação Social (PUC/RS). E-mail: samarakalil@gmail.com



connection, today it has a multitude of other tools that provide a differentiated immersion, either with motion sensors, virtual reality or mobile communications, games that merge with their daily lives, making it a great game and providing unique experiences related both to personal issues - body, health, nutrition, self-esteem - and social, as awareness, environment, simulators and others.

Keywords: Serious Games. Porpouse Games. Games for Change.

INTROUÇÃO: JOGO É SÉRIO

Os jogos e toda a sua complexidade de produção nos dias atuais, utilizam de uma trajetória primitiva de construção, ligada ao comportamento dos seres há milhares de anos. Huizinga (1971, p.3) ao teorizar sobre a natureza e o significado do jogo como fenômeno cultural, enfatiza características importantes dos jogos. Para ele, "mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica". O autor refere-se ao jogo como portador de uma função significante, munida de sentido que "transcende as necessidades imediatas da vida e confere sentido à ação".

Dentro dessa ideia, Huizinga aponta que, nos estudos sobre os jogos da área da psicologia ou da

filosofia, um pressuposto é comum: "o jogo se acha ligado a alguma coisa que não seja o próprio jogo, que dele deve ter alguma espécie de finalidade biológica" (p.4). No entanto, esse caminho de análise não leva em consideração elementos que ele julga imprescindíveis no jogo e que estão relacionados à intensidade, como o prazer e a paixão dos jogadores.

A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. O mais simples raciocínio nos indica que a natureza poderia igualmente ter oferecido a suas criaturas todas essas úteis funções de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação de desejos insatisfeitos etc., sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicos. Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo (p.5)

Huizinga (1971) defende o divertimento como essência do jogo e entende que ele é uma "realidade autônoma", imaterial e voluntária. Considera-o em suas análises como um fator cultural da vida e busca entender por meio do valor e do significado, as imagens de realidade propostas que preenchem a "imaginação". Para tanto, um ponto que ressaltamos de suas pesquisas é o conflito existente no senso comum de que o jogo "é uma função que facilmente poderia ser dispensada, algo supérfluo. Só se torna



uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma em uma necessidade." (p.10). A característica relacionada ao imaginário, ao "faz de conta", exprime, de certa forma, um sentimento de inferioridade.

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como "não séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. (p.16).

Por essa perspectiva, entendemos o jogo como elemento cultural que, presente ao longo do desenvolvimento da sociedade, evoluiu em diferentes frentes. Talvez o advento dos jogos eletrônicos e a sua explosão junto a indústria de entretenimento façam com que, até os dias atuais, ainda existam barreiras relacionadas a sua seriedade. No entanto, é inegável que, o avanço da tecnologia, aliada a produção de jogos eletrônicos, vem angariando espaços cada vez mais significativos na vida das pessoas e, a indústria de *games*, se ramificado em diferentes áreas e para atender os mais diversos anseios.

De acordo com Pinheiro (2007), a indústria dos jogos eletrônicos está inteiramente ligada ao desenvolvimento de toda a indústria do entretenimento. Para ele, as tecnologias aplicadas na criação de novos formatos demonstram o mesmo ímpeto do passado. Segundo o autor, a história dos jogos eletrônicos tem início na concepção das primeiras máquinas de *pinball* e nos fliperamas. Entre as décadas de 60 e 70 o jogo tomou outro rumo – o primeiro dispositivo de jogos em televisão é criado em 1968.

(...) a partir da década de 70 os videogames vão começar a fazer parte da vida das pessoas. Mas durante a década de 80 é que se começa a evidenciar um cuidado com a criação de jogos. (...) Essa [Atari] vai ser uma empresa pioneira do desenvolvimento do processo criativo de jogos, fazendo com que este se aproxime ainda mais da forma de criação dos produtos midiáticos. (Pinheiro, 2007, p.6).

A ligação dos *games* com a comunicação de massa e com o cotidiano das pessoas só se intensifica com o tempo. E, segundo Pinheiro (2007), tem relação direta com as características técnicas – que hoje são muito mais complexas – e as narrativas exigidas pela demanda de novos jogos. O autor ressalta que, apesar de historicamente marginalizado pela cultura ou fora do cenário "sério", o jogo renasce nos anos de 1990, junto a um movimento de cultura *pop*. Por isso, quando pensamos em jogos, na maioria das vezes, pensamos em entretenimento, envolvimento e diversão/satisfação. E, sem dúvidas, é explorando essas características que as diversas frentes da sociedade se apropriaram dos jogos para



transmitir mensagens e diversificar seus canais de comunicação.

Quando os jogos foram para as telas e puderam fazer parte da vida das pessoas, eles entraram em outra esfera. Com o advento da internet uma outra porta se abriu. Caracterizados como uma mídia de entretenimento, passaram a contar com o elemento da interação homem-máquina em rede. E mais recentemente, com a popularização do uso de smartphones e da comunicação móvel, ganharam ainda mais força.

ENTENDENDO OS JOGOS SÉRIOS: GAMES FOR CHANGE

Os jogos, de uma forma geral, são muito eficazes na transmissão de informações e sua natureza multimídia e interativa potencializam isso. É nesse caminho que queremos intensificar nosso olhar, pois existe uma vertente de jogos que usam da dinâmica do jogo tradicional para ir além do objetivo contido no jogo em si, fazendo do jogo, inclusive, uma ferramenta de mudança social. Consideramos três categorias de jogos *online* expostas por Marques (2013 *apud* Derryberry, 2007), como importantes em se tratando de jogos com um propósito: jogos casuais, "jogos sérios" e *advergames*. O primeiro está mais ligado ao entretenimento e sua aprendizagem deve ser considerada um subproduto – um exemplo são os jogos de origem nos computadores, como

campo minado. Os "jogos sérios" ou *serious games* não objetivam ao entretenimento, mas sim a algum aspecto específico da aprendizagem – alguns exemplos aparecem em setores estratégicos da sociedade, como segurança e educação. Os *advergames* mesclam características dos outros dois jogos para persuadir e são comumente utilizados junto aos setores de *marketing* e propaganda.

Todavia, é nos "jogos sérios" que focaremos nossa atenção. Essa linha de jogos busca, de forma específica e intencional, resultados de aprendizagem, alterações de comportamento e desempenho dos jogadores.

Este gênero de videojogos permite ao jogador testar condições reais baseadas em situações culturais, econômicas ou governamentais. Para além do potencial de representar a realidade, os Jogos Sérios podem modelá-la através de simulações. Este formato pode ser usado para representar a realidade não apenas numa junção de imagens e textos, mas como um sistema dinâmico no qual o utilizador pode intervir, sendo este processo conhecido como agenciamento (Marques, 2013, apud Pereira, & Carvalho, 2005: 478).

Mitgutsch e Alvarado (2012, p.2) explicam que, a denominação "jogos sérios" ou *serious games* foi cunhada por Clark Abt nos anos de 1970 e que naquela época ele já defendia a ideia de que esse tipo de jogo, que nasceu com um propósito mais educacional, ligado às simulações, apesar de não terem



uma concepção calcada no entretenimento, não é sinônimo de chatice, muito menos desinteressantes. Uma característica importante é que os "jogos sérios" estão em ambientes lúdicos com propósitos destinados a impactar os jogadores para além do objetivo contigo no jogo". Ao mesmo tempo, esse tipo de jogo busca ser agradável e eficaz e, por meio do seu *design*, angaria resultados específicos de aprendizagem focados em um objetivo.

(...) pode-se argumentar que o que todos os jogos sérios têm em comum não é seu conteúdo, a sua capacidade de persuasão ou a falta de entretenimento, mas sua finalidade orientada para o impacto. Jogos sérios são intencionalmente projetados para ter um impacto proposital na vida dos jogadores para além do objetivo contido no jogo em si.

Marques (2013) atenta para as características vantajosas próprias dos jogos eletrônicos, como interatividade e envolvimento, para ressaltar que nos jogos sérios elas podem ser utilizadas para melhorar a qualidade de vida dos jogadores, ajudando-os em uma consciência crítica, por exemplo. Diversos jogos visam a conscientizar jogadores para determinadas causas, que podem ir de questões ambientais e sociais até questões de saúde e políticas. O autor retoma em sua pesquisa a classificação de Alvarado (2009, p.5) e destaca cinco tipos de "jogos sérios". São eles:

1.Jogos para Entretenimento (ou Jogos de Treino): Aqueles que têm como objetivo o treino do jogador em relação a uma tarefa que ele vai desempenhar na vida real. 2. Jogos Educacionais: Aqueles que têm como objetivo a transmissão de conhecimento ou treino específico. 3. Jogos Publicitários (ou Advergames): Aqueles cujo objetivo é transmitirem uma mensagem ou divulgar um produto comercial. 4. Jogos de Simulação: Aqueles cujo objetivo é experimentar um determinado cenário, seja ele um cenário social, um processo natural, um esquema de relações económicas, entre outros. 5. Jogos Noticiosos (ou Newsgames): Aqueles cujo objetivo é informar e refletir acerca de um evento real de grande ou pequena relevância.

Mitgutsch e Alvarado (2012, p. 1) destacam que a intenção nesses formatos geralmente é a de apresentar ideias, valores, persuadir o usuário e, até mesmo, influenciar pensamentos e ações em contextos da vida real. De acordo com os autores, essa modalidade ascendeu rapidamente na última década, em especial, pela popularidade dos *videogames* e pelo desenvolvimento da tecnologia audiovisual e da conexão.

Jogos sérios são muitas vezes considerados bemsucedidos se eles geram discussão e atraem a atenção - a qualidade do design do jogo ou o impacto real sobre os jogadores permanece praticamente despercebido. Muitas vezes, a sua "boa" causa e conteúdo sério supera preocupações sobre sua capacidade real para evocar a aprendizagem dos jogadores ou para impactar suas vidas. (Mitgutsch e Alvarado 2012, p. 1).



Os pesquisadores refutam as críticas às potencialidades e aos limites dos "jogos sérios" com um aprofundamento metodológico. Entendem que "se os 'jogos sérios' aspiraram a ser validados como ferramentas úteis e construtivas para promover a aprendizagem, a mudança social ou a compreensão avanço de questões sociais", é preciso analisar o seu impacto junto aos jogadores e, principalmente, a sua qualidade por meio de seu projeto conceitual.

Dentro desta perspectiva, nos deparamos com o movimento *Games for Change*², que possui um portal na internet com acesso a uma porção de "jogos sérios". De uma forma engajada, sua missão é catalisar o impacto social através dos jogos eletrônicos, então, ele facilita a criação e a distribuição de jogos que servem como ferramentas críticas em esforços humanitários e educacionais, com objetivo de alavancar o entretenimento e o engajamento para o bem social.

Na área de *games* do site, 147 projetos estão cadastrados. É possível buscar jogos por meio de palavras-chave ou buscar dentre as categorias pré-estabelecidas, como Arte e empatia, Baby Castells, Hall of Fame, Cidades da Aprendizagem, Civics, Conflito, Economia, Educação, Ambiente, Família, Fitness, G4C Award Nominees, Award Winners, Sexo, Global Game Jam, Saúde, Direitos Humanos, Aprender,

NewsGames, Pobreza, Reciclagem, STEM e Youth Produzido. Em cada jogo há, ainda, uma classificação por meio de pontuação, que vai de zero a dez, estabelecida pelos jogadores.

Gostaríamos de destacar e trazer para aprofundamento a categoria saúde – podendo se ramificar em outras, como *fitness*. Entendemos que ela pode nos remeter a algum projeto que trabalhe ações ligadas ao corpo além da tela, com ações no mundo real, impactando diretamente a vida das pessoas, e direcionando para uma mudança específica de comportamento.

Thompson (2012, p. 808), estudioso dos "jogos sérios" para a saúde, explica que esse grupo de jogos (sérios/saúde) são mais certeiros se tiverem como alvo fatores que estão perto e causalmente relacionados com o comportamento da ciência comportamental, visando a um objetivo duplo: entreter e promover uma mudança de comportamento de saúde. Com isso, o autor aponta conceitos que podem orientar as decisões de *design* de um jogo. Um deles é unir conhecimento e habilidade por meio de conhecimentos básicos de comportamento de saúde e permitir que o jogador tome decisões, defina metas realistas e resolva problemas. Um exemplo com esse viés é o *game* Re-Mission. Presente no portal *Games for Change* e direcionado a pacientes com câncer,

² O movimento *Games for Change* nasceu durante a conferência *Serious Issues, Serious Games* ("Problemas sérios, jogos sérios"), realizada na Academia de Ciências de Nova York, em 8 de junho de 2004. Disponível em: http://www.gamesforchange.org/about. Acesso em: 07 jun. 2016.



simula a operação por um robô que precisa destruir células cancerígenas e controlar efeitos colaterais do tratamento dentro do corpo de um jovem doente.

Outra linha destacada por Thompson (2012) relacionada ao comportamento é a opção por pessoalizar a experiência. "Segundo a teoria social cognitiva, uma importante maneira de aprender uma nova habilidade ou comportamento é para realizá--lo com sucesso a si mesmo", com metas específicas e precisas que devem ser alcançadas no mundo real e relatadas no mundo do jogo. De acordo com o autor, a automonitorização e a revisão do objetivo no mundo do jogo, com comentários específicos relacionados com o desempenho provável facilita esse processo. O uso de avatares pode também ser uma técnica útil para a promoção do domínio pessoal. A observação do comportamento alheio é também uma maneira de os jogadores entenderem os possíveis efeitos de suas escolhas sobre os outros e isso pode ser aplicado a essa categoria de jogos com tranquilidade.

> Para atrair e manter a atenção, mensagens e opções no jogo, especialmente em um jogo sério para a saúde, devem ser adaptados às percepções, expectativas, problemas, soluções e situações dos jogadores. A pesquisa formativa deve ser realizada ao longo do desenvolvimento para assegurar a compreensão dos participantes e o apelo e pessoal relevância das mensagens, opções e atividades

incluídas no game. Esta abordagem é particularmente crítica em um jogo sério para a saúde, onde o objetivo é ajudar o jogador modificar um comportamento de saúde. (p. 809)

Thompson (2012, p.809) não descarta de forma alguma o caráter divertido e interessante dos jogos, uma vez que os jogadores esperam isso dos jogos. "É essencial que os componentes de mudança de comportamento e os recursos de entretenimento sejam perfeitamente integrados para alcançar um equilíbrio entre diversão e seriedade". Para ele, um jogo sério e divertido para a saúde provavelmente motive e incentive um jogador continuar a jogar, em última análise, proporcionando uma maior oportunidade para a mudança de comportamento pela exposição crescente aos componentes de mudança de comportamento incorporados no game.

No portal *Games For Change*, na categoria saúde, estão postados 28 jogos. Desses, escolhemos analisar o *Zombies, Run!*, um *game* que possui uma pontuação alta junto aos jogadores/público (9,7 pontos) e é executado em *smartphones* com sistema iOS ou Android. Além de ser possível experenciar o jogo, sem ser necessária a compra, o *game* destacase pela quantidade de usuários: em 2015, no Brasil, 15 mil estavam cadastrados. Isso representa 1% do total naquele ano.³ O jogo objetiva motivar o jogador a se exercitar, basicamente.

³ Fonte: http://brasileiros.com.br/2015/08/correr-de-zumbis-sera-este-o-futuro-fitness. Acesso em 8 de jun de 2016.



METODOLOGIA DE ANÁLISE

Com a intensão de ampliar nossa pesquisa, buscamos no material desenvolvido por Mitgutsch e Alvarado (2012) critérios de avaliação de jogos sérios. A proposta dos autores traz à tona a coesão dos elementos de *design* essenciais e a coerência em relação à finalidade dos jogos por meio de um quadro de avaliação específico, intitulado *Serious Game Design Assessment Framework* (SGDA Framework).

Se o design de jogos sérios é baseado em um propósito específico e com a intenção de afetar os jogadores, estes aspectos devem ser refletidos e conceituados na concepção holística do jogo. Avaliar como o objetivo é canalizado no processo de design e qual o impacto que tem sobre o jogador é um desafio fundamental para a pesquisa jogos.

Os autores descrevem o quadro como uma ferramenta construtiva para oferecer motivos para discussõe críticas sobre "jogos sérios". "É uma tentativa de oferecer uma base para estudar como os elementos de *design* são configurados formal e conceitualmente em relação ao objetivo do jogo e propósito". (p.3). São considerados essenciais para a estrutura de um jogo sério os seguintes componentes: objetivo do jogo/propósito (força motriz), o conteúdo, a ficção e narrativa, a mecânica, a estética e os gráficos, o enquadramento, coesão e coerência. Para eles, a ordem de avaliação e discussão dos elemen-

tos é flexível e depende do jogo e do ponto de vista da crítica. Reproduzimos, abaixo, o quadro proposto pelos autores, para melhor visualização da lógica:



Figura 1 - Serious Game Design Assessment Framework (Mitgutsch e Alvarado, 2012).

Descreveremos as categorias trabalhadas por Mitgutsch e Alvarado (2012, p.3), visando a mais clareza na descrição dos elementos junto à análise final.

1) *Propósito:* Remete ao efeito do *game* para impactar os jogadores. Jogos projetados para atingir finalidade específica para além do jogo



- em si. O objetivo é refletido diretamente no jogo e em seu tema, mas também nas intenções do *designer* e em seu objetivo de impactar os jogadores de uma maneira específica. Ou seja, "se um jogo sério não tem impacto sobre o jogador em um contexto de vida real, ele perde o seu propósito fundamental. Por esta razão, o propósito do jogo age como a força motriz que molda a dinâmica e a coerência do sistema de jogo como um todo". Reconhecer que os jogadores trazem suas próprias intenções e seus propósitos também é fundamental, juntamente com a configuração do sistema do jogo.
- 2) Conteúdo e informação: São fatos e dados oferecidos e utilizados pelo jogo. Representam todos os dados e as palavras fornecidas que são visíveis e acessíveis aos jogadores. No entanto, dependendo do jogo, nem todo conteúdo/informação é destacado.
- 3) Mecânica do jogo: São os métodos invocados pelos agentes para interagir com o mundo do jogo, ou seja, as regras que definem o espaço de possibilidades de operações no mundo do jogo. Envolvem sistemas de recompensas, obstáculos, desafios, dificuldades e a condição de vitória. Uma técnica utilizada pelos designers é a tradução da mecânica em verbos de ação.

- 4) Ficção e narrativa: A dimensão da ficção narrativa introduz o contexto ficcional. O espaço ficcional do jogo se relaciona com o propósito do jogo por meio da história, do cenário, dos personagens, dos problemas e assim por diante. O jogo pode oferecer uma história linear ou simular/representar um problema, deixando um espaço para que os jogadores criem suas próprias histórias.
- 5) Estética e gráficos: Linguagem audiovisual escolhida e utilizada para a visualização e exibição dos elementos envolvidos no jogo. Definem os aspectos gerais formais que emolduram o conteúdo (informação), a ficção (o mundo e os personagens do jogo), o enquadramento (grupo-alvo), o cenário, e os mecânicos (instruções, recompensas) do jogo.
- 6) Enquadramento: Além dos cinco elementos fundamentais finalidade, conteúdo e informações, mecânica, ficação e narrativa e estética/gráficos, outro aspecto é a definição deses elementos em termos de público-alvo. Atenção para a alfabetização do grupo-alvo e sua influência na experiência de jogo. Se perguntar sobre se esse público tem problemas para usar controles, sobre a compreensão da interface e da ficção e quais são as competências necessárias para isso, além dos níveis de dificuldade são de suma importância.



7) Coerência e coesão do sistema de jogo: A maneira como os elementos se relacionam entre si e com o propósito do jogo. Oferece potencial para um discurso crítico sobre a força e as fraquezas de um jogo sério.

Mitgutsch e Alvarado (2012, p.7) constatam que a vantagem da aplicação da análise com o SGDA Framework é que um debate estruturado sobre os elementos de design do jogo em relação a finalidade dos jogos é possível e oferece insights construtivos. Ou seja, o objetivo do jogo precisa ser refletido em todo o sistema/projeto conceitual formal de forma coerente, caso contrário, haverá conflito. "O Quadro SGDA propõe um quadro construtivo para avaliar "jogos sérios", mas ainda deixa espaço para diferentes interpretações e deve ser entendida como um primeiro passo que leva a ainda mais discursos", ressaltam.

ANALISANDO O GAME ZOMBIES, RUN!

O jogo *Zombies, Run!*, está no portal *Games for Change* desde 24 de fevereiro de 2012. Já possui diversas versões e segue em atualização. O *game* utiliza o mote da sobrevivência a um apocalípse zumbi para motivar o jogador a se exercitar – ele vira um personagem da história. Enquanto o jogador se exercita e escuta suas músicas preferidas, interferências/mensagens são transmitidas pela rádio da base Abel Township, como um rádio de ondas curtas, reportanto que está acontecendo na cidade após

a tomada dos zumbis. Diversos personagens fazem parte desse canal. A base informa objetivos, localizações de zumbis, alertas, incentivos e outros. Em determinados momentos os zumbis seguem o jogador via GPS ou acelerômetro no smartphone e ele precisa intensificar o exercício. Missões são passadas ao jogador, que as executará fora dos muros da base. Diversos sinais sonoros utilizados para alertar e informar o jogador de determinadas situações, como por exemplo, se os zumbis estão próximos ou longe; o jogador vai, ao longo dos percursos, recolhendo itens e utilizando-os para fortalecer a ajuda vinda da base e para manter sua motivação para jogar e exercitar-se. Há a possibilidade de acompanhar as estatísticas da missão e o progresso, além de mapas das corridas.

Após essa breve apresentação, aplicaremos a metodologia já ressaltada anteriormente do SGDA Framework, seguindo as categorias apresentadas, descrevendo e analisando o que nos é pertinente em cada uma delas para o todo do jogo. Na categoria *Propósito*, identificamos que o jogo *Zombie, Run*! Objetiva a transformar o exercício em um jogo, inserindo o jogador em uma história fictícia. Dentro dessa ideia, e da esfera lúdica do jogo, esse objetivo está em conformidade com o tema do jogo: incentivo e motivação para exercitar-se. O impacto específico desse objetivo junto aos jogadores, no seu contexto de vida, é o de melhorar seu desempenho físico, fazendo com que toda a dinâmica e a coerência do



sistema do jogo circundem esse ponto – o jogador fica imerso na narrativa, buscando garantir a sobrevivência por meio de missões em uma cidade tomada por zumbis. Como a ideia é correr/caminhar/mexer-se, a experiência de jogo acontece, basicamente, pelo som. O jogador pode ajustar o tempo que vai realizar o exercício, dentre outros ajustes.

Em relação ao Conteúdo e informação, podemos separar em duas situações, aquilo que é transmitido pela rádio e aquilo que o jogador pode acessar via smartphone, no aplicativo. Pela transmissão via rádio, destacamos que, nessa comunicação, está a base do game e, principalmente, o envolvimento do jogador com a narrativa. Além de chamadas para ação e incentivos, são canalizadas nesse espaço as descrições das missões a serem realizadas, os alertas de zumbis e outras situações. O ambiente sonoro criado para a imersão é bem completo e chama atenção pela riqueza de detalhes. Tanto informações quanto conteúdos são apresentados por meio da rádio e de interferências audíveis constantes, mantendo o jogador informado sobre a situação do local. Dentro do aplicativo do jogo é possível visualizar mapa por geolocalização, estatísticas, desempenho relacionado à missão/ atividade física e outras infomações complemementares, como suprimentos coletados, situação da base, missões, artefatos encontrados e suprimentos.

Sobre a *Mecânica do jogo*, ou as regras do jogo, identificamos que a cada tempo de exercício, missões são dadas ao jogador e, que ao completá-las,

ele passa de fase – e vai para a próxima missão. Um objetivo maior dentro do jogo, além de garantir a própria sobrevivência, é o de auxiliar na construção da base central, onde os sobreviventes estão se reunindo e de onde a rádio faz suas transmissões. Dentro dessas missões, existe um sistema de recompensa, que faz com que o jogador empolgue-se para continuar jogando, obstáculos, que podem ser exemplificados pela orda de zumbies que a qualquer momento podem atacar o jogador e itens que são coletados ao longo do exercício, que podem ser utilizados dentro do próprio jogo. As missões podem ter seu tempo e sua quilometragem ajustadas pelo jogador. A cada nova temporada do jogo - já está na quinta – aproximadamente 40 diferentes missões são adicionadas, com inúmeros roteiros e desafios. Ainda vale ressaltar que é possível se conectar com outros usuários por meio do prórpio aplicativo ou compartilhar em outras redes sociais.

A Ficção e narrativa do Zombies, Run!, ligada ao conteúdo e as possibilidades dentro do jogo, faz com que o jogador sinta-se imerso em um mundo no qual os zumbis estão atacando e é preciso, literalmente, correr para sobreviver. O interessante é que, a presença e o envolvimento no mundo ficcional - o contato com a base, o personagem, o auxiliar na construção de um espaço e a desbravar a cidade que foi dominada pelos zumbis – são um reflexo do que se está fazendo fora (exercício), auxiliando, de certa forma, na criação na narrativa. A história é baseada



na ideia de que os zumbis estão dominando o planeta. Existem sobreviventes, e o jogador é um deles. Além do jogador, outros personagens aparecem via base, pelo rádio. Diversos problemas são distribuídos nas missões. Poderiamos pesar que dentro de um todo, pequenas histórias são desenvolvidas.

Sobre a *Estética e gráficos* do jogo – linguagem audiovisual – por se tratar de um jogo para utilização em *smartphone*, sem que o usuário consulte a todo tempo, há uma utilização e uma ambientação através do som com muito mais ênfase. A contextualização se dá através do áudio da base, onde outros sobreviventes estão. Diálogos entre outros sobreviventes e impressões sobre o espaço também são apresentadas por meio desse canal. Cada nova fase ou nova missão começa com as instruções. Mesmo assim, as telas e as opções dentro do aplicativo, assim como os gráficos, são bem-construídos e de fácil navegabilidade – informações importantes podem ser consultadas por ali.

No Enquadramento do game, observamos que o tema pode, em um primeiro momento, afastar possíveis jogadores. A ideia de um mundo com zumbis parece casar bem com aficcionados por histórias com essa temática ou com pessoas mais curiosas, mas também pode parecer muito espetaculosa para outros. Imaginamos que o público-alvo seja tanto pessoas sedentárias, que precisam de uma motivação, quanto pesoas que já se exercitam e que gostariam de ter uma experiência diferente. O que faz do

jogo um filão para qualquer público, no entanto, é a sua mecânica de fácil compreensão e a facilidade de instalação e uso. Os desafios são equilibrados e atraentes e, realmente, empolgam o jogador.

Em relação a *Coerência e coesão do sistema de jogo*, entendemos que em conformidade com o propósito e a finalidade do jogo, todos os elementos encontram-se interligados para uma experiência de jogo diferenciada. Tanto o conteúdo quanto sua contextualização ficcional não esquecem do real objetivo do jogo. Diante dessas relações, destacamos a força do jogo para uma mudança de comportamento e uma motivação ao exercício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando idealizamos esse artigo, queríamos estudar como aconteceu ao longo do tempo a interação corpo-videogame-games. Passamos a entender como os jogos são ricos para os mais diversos setores e como eles podem auxiliar no cotidiano das pessoas e influenciando ou motivando-as para determinadas ações. A partir de uma breve revisão bibliográfica, fizemos um recorte sobre o porquê, muitas vezes, os jogos não são considerados sérios. A partir daí, direcionamo-nos para uma esfera mais específica, pensar os "jogos sérios" relacionando-os com aplicativos voltados para a área da saúde.

Ao analisarmos o *Zombies, Run!*, constatamos que a essência do jogo ressaltada por Huizinga não



é perdida. Além do divertimento, o game permite um preenchimento da realidade com o lúdico, com um objetivo específico e sério relacionado ao comportamento. Identificamos, ainda, que nesse caso, o objetivo encontra-se ao longo de todo o jogo. O caráter fitness e de incentivo ao exercício, promovidos por uma narrativa envolvente e muito diferente de qualquer aplicativo ou jogo do gênero, são trabalhados no projeto com muito êxito.

Percebe-se ao desmembrarmos os itens do quadro SGDA que as conexões foram desenhadas e as propostas calcadas em uma demanda comportamental real (pessoas que precisam de incentivo para se exercitarem). O jogo transformou a necessidade em um desafio dentro da sua lógica e com os seus mecanismos. Os recursos de entretenimento atuam como componentes de mudança. A chance de o jogador voltar ao jogo é muito grande, o que aciona diretamente o objetivo.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Narda; MITGUSCH, Konstantin. Purposeful by Design. A Serious Game Design Assessment Model. INTERNACIONAL CONFERENCE ON THE FOUNDATIONS OF DIGITAL GAMES, 2012, **Anais**... Nova York: ACM New York, 2012. Disponível em http://gambit.mit.edu/readme/academic_papers/fdg2012_submission_82-1.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

COSTA, Rachel. A dica dos britânicos para sair do sedentarismo é um app para 'correr de zumbis'. Disponível em: http://brasileiros.com.br/2015/08/correr-de-zumbis-sera-es-te-o-futuro-fitness>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FREIRE, Raquel. Zombies, Run! estimula usuários a se exercitar através de jogo Disponível em: http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/zombies-run.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

HUIZINGA, Johan. Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural. In: HUIZINGA, Johan. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2000. 4ª edição. Disponível em: https://dl.dropboxusercontent.com/u/66600754/huizinga_ludens.pdf>. Acesso em 07 jun. 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LOURES, Renata Rocha. Zombies, Run! Disponível em: http://www.aplicativosdesaude.com.br/zombies-run-aplicativo-para-corrida/. Acesso em: 20 jun. 2016.

MARQUES, Pedro Dias. 2013 (32-39) **Jogos Sérios:** Ferramentas do Novo Jornalismo. 24 de maio de 2013. 515 p. Dissertação – Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2013. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bits-tream/10400.5/6172/2/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Pedro_Marques.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

ORIN, Andy. *Behind the App*: The Story of Zombies, Run! Disponível em: http://lifehacker.com/behind-the-app-the-story-of-zombies-run-1632445358>. Acesso em: 07 jun. 2016.

PINHEIRO, Cristiano Max. A história da utilização dos games como mídia. Porto Alegre: UFRGS, 2007.



THOMPSON, Debbe. *Designing Serious Video Games for Health Behavior Change*: Current Status and Future Directions. In: **Journal of Diabetes Science and Technology,** v. 6, 4, 2012. Disponível em: http://www.jdst.org/July2012/PDF/Articles/VOL-6-4-SYM10-THOMPSON.pdf Acesso em: 07 jun. 2016.

Zombies, run! Disponível em: https://zombiesrungame.com>. Acesso em: 20 jun. 2016.



A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO SOB NOVA PERSPECTIVA

THE LITERATURE IN HIGH SCHOOL UNDER NEW PERSPECTIVE

Seli Blume Alles (Feevale)¹ Juracy Assmann Saraiva (Feevale)²

Resumo: O ensino de literatura e língua é o tema central do presente artigo, que visa apresentar uma nova abordagem de prática de leitura de textos literários no ensino médio. As teorias que sustentam a pesquisa versam sobre a leitura e suas funções, o papel da literatura, e o ensino de literatura em sala de aula. Partindo da teoria, propõe-se uma possibilidade de abordagem de textos literários para o estímulo da leitura de textos literários pelos jovens, por meio de roteiros de contos e da construção de um *blog*, para registro das atividades realizadas. Somado a isso, a abordagem enfoca o cotidiano dos jovens, considerando seus hábitos de leitura e interesses, além de valer-se das tecnologias digitais que se fazem presentes no mundo contemporâneo.

A pesquisa objetiva mostrar que há outras possibilidades de se trabalhar a literatura, que vai além da periodização e do trabalho com fragmentos de obras literárias.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Contos. Ensino.

Abstract: The teaching of literature and language is the central theme of this article. It intends to present a new approach to the reading practice of literary texts in high school. Theories supporting the research deal with the reading and its functions, the role of literature and also its teaching approach in the classroom. From the theory, a possibility for literary text approach is proposed to the fostering of literary reading performed by youngsters through reading scripts from stories, and building a blog to record the activities performed. In addition, there is a focus on the daily lives of youngsters towards their reading habits and interests added to digital technologies presented in the contemporary world. The research aims to show there are other possibilities to work with literature, which goes beyond the periodization and the work with literary fragments. Keywords: Reading. Literature. Tales. Teaching.

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Feevale, Especialista em Educação: Espaços e possibilidades para a Educação, pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense- IFSUL, Graduada em Letras Português∕ Inglês, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos − Unisinos.

² Pós-doutorado em Teoria da Literatura, professora e pesquisadora da Universidade Feevale e do CNPq.



INTRODUÇÃO

O ensino de literatura tem deixado a desejar no que tange à prática da leitura nas escolas. Há uma falta de interesse por parte dos alunos pelos clássicos e também certos equívocos, por parte dos professores, na mediação da leitura desses textos literários. O hábito da leitura é pouco comum entre os jovens e parece estar diminuindo cada vez mais, o que se deva, talvez, à gama de opções midiáticas a que estão submetidos e aos inúmeros outros interesses que possuem nesta fase da vida.

Com base em estudiosos da área da leitura e literatura, apresenta-se neste artigo, *A literatura no Ensino Médio sob nova perspectiva*, uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, que visa elucidar alguns aspectos relevantes no que tange à prática da leitura de textos literários nas escolas. O artigo versa sobre a função da leitura; a leitura de mundo; o papel da literatura e sobre as mudanças necessárias em relação ao uso dos textos literários em sala de aula.

A necessidade de se modificar a mediação da leitura dos clássicos da literatura brasileira em sala de aula, e, ainda, a indissociabilidade entre o ensino de língua e literatura permeiam as falas dos teóricos. Língua e literatura imprescindívelmente devem aliarse na prática do professor de Língua Portuguesa.

Os desafios perante o ensino de língua e literatura, com os quais muitos professores se deparam, e a clareza da importância da contribuição do universo literário, devido a sua função humanizadora para a formação do sujeito, é que mobiliza a realização de um estudo investigativo e, ao mesmo tempo, a apresentação de novas possibilidades de abordagem de ensino de literatura e língua, no Ensino Médio, por meio da exploração de contos literários. Existe, de fato, uma relação entre os temas abordados por renomados escritores da literatura, que perpassam o tempo e se tornam atuais. A exposição de sentimentos, de inquietações, de dúvidas, de angústias, as paixões de amor e ódio que estão explícitos no cotidiano dos jovens, mostram-se em seus relatos e, também, estão expressos nas letras das canções de seus ídolos.

Portanto, o universo contemporâneo serve de ponto partida e de condutor para uma viagem pelo universo da língua e da literatura, recuperado por meio de contos da literatura brasileira, que abordam a temática da violência na sociedade. A partir de contos de Machado de Assis, Rubem Fonseca, Sergio Faraco, Jane Tutikian, Dalton Trevisan entre outros, propõem-se fomentar o hábito da leitura de textos literários pelos jovens, através de roteiros de leitura e da produção de um blog para registrar a abordagem da leitura na disciplina de Literatura. Busca-se comprovar que há formas diferentes de estudar a literatura em sala de aula, forma que vai além da periodização e do estudo de textos fragmentados dos escritores brasileiros.



A LEITURA E SUAS FUNÇÕES

Em nosso país, a necessidade de formação de uma sociedade leitora surgiu somente em meados de 1840, com a expansão da cafeicultura e dos interesses britânicos em nossa economia, que se encontrava em constante progresso. A cidade do Rio de Janeiro passou a ter algumas das características necessárias, como a implantação de escolas, tipografias, livrarias e bibliotecas, para formação de uma sociedade leitora. Esse leitor que se iniciava no mundo da literatura era considerado, conforme LAJOLO & ZILBERMAN (2003) um leitor frágil e despreparado. Sendo assim, os escritores preocupavam-se em conduzir seu leitor de modo paternalista, guiando-o pelas nuances da obra, devido ao temor de que qualquer dificuldade o fizesse desistir da leitura. A maioria da população era analfabeta e a leitura era elitizada, não somente pelo fato de que poucos tinham acesso a ela, mas também por ser um privilégio da sociedade burguesa.

A valorização da família foi um ponto importante para expandir a leitura e transformá-la em prática social. A família burguesa tornou-se o espaço ideal para a intensificação pelo gosto da leitura e essa passou a ser considerada necessária para a formação moral da sociedade.

Atitude individual ou praxe coletiva, silenciosa ou em voz alta, a leitura do folhetim semanal ou das Sagradas Escrituras invade o lar burguês, integrando-se ao cotidiano familiar e passando a constar das representações imaginárias da classe média, traduzida, por exemplo, por pinturas e fotografias que retratam a paz doméstica abrigada pelo livro. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p. 16)

As autoras supramencionadas ressaltam que a propagação da leitura estava relacionada a uma posição positiva de lazer, pois os livros foram uma das primeiras manifestações de entretenimento que era acessível à sociedade. E assim, a leitura se tornou parte da sociedade carioca.

O conceito do que é leitura para os leitores do século XIX, com certeza difere do conceito dos leitores de hoje. Se perguntássemos a uma criança o que é a leitura talvez ela dissesse que a leitura é uma forma de aprender e de conhecer os sentimentos do autor. Se perguntássemos a um adolescente apaixonado por livros, possivelmente, diria que a leitura não é só pegar qualquer livro e ler. É sentir o desejo de ler, abrir seu coração, se deixar envolver, chorar, rir, às vezes até gargalhar em espaço público, sem se importar com a opinião alheia. O adolescente diria, ainda, que leitura é viajar pela narrativa, sentir-se no meio dela. Já um leitor adulto poderia definir a leitura como uma forma de viajar sem sair do lugar, uma diversão barata e que pode ser praticada em qualquer lugar, além de proporcionar novos conhecimentos.

A leitura é um prazer benéfico, que conduz à alteridade, que não é realizada tão somente por nos levar a lugares inimagináveis, por proporcionar o conhecimento de um grande número de pessoas, ou por mera informação. Ela faz refletir, avaliar, satisfaz



interesses pessoais, diverte, transforma. (BLOOM, 2001) "[...] ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana". (SILVA, 1987)

LAJOLO (2002) enfatiza que "ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Portanto, as vivências, o meio e o que fazemos e buscamos é o que enriquece ou não o nosso repertório, nossa visão de mundo. Ainda conforme LAJOLO (2000) "em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. Somado a isso, JOUVE (2002) define a leitura "[...] como uma atividade de antecipação, de estruturação e de interpretação".

A leitura para BLOOM (2001) é um hábito pessoal, que leva à reflexão, à avaliação e à transformação. "Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal". (BLOOM, 2001). Isso ocorre por que as experiências decorrentes da leitura refletem-se sobre a conduta do sujeito leitor e, consequentemente, na sociedade.

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser humano numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 1987, p. 38).

Como se verifica, as funções da leitura são várias, pois ela é algo essencial tanto no que se relaciona ao conhecimento, quanto ao que se refere à vida do ser humano. O ato de ler articula-se ao sucesso escolar, propicia instrumentos que favorecem a interação mais significativa entre sujeitos, pois leva a discussões críticas, e à compreensão do lugar do eu e do outro na sociedade, possibilita a instalação de diferentes pontos de vista, que contribuem para a formação de um ser humano mais crítico, original e autêntico. (SILVA, 1987)

No ato da leitura, o leitor está exposto a um pluralismo de significados, que fazem com que, ao finalizar a leitura, esteja diferente em relação ao que era no início. Fato que se pode equiparar com um dito popular que diz que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Assim, também ocorre com o texto literário: cada vez que for lido, haverá um novo diálogo entre leitor e texto, pois novas nuanças, antes não percebidas, se tornam evidentes, mesmo se o texto for o mesmo, por que o leitor se transforma.

O ato de mergulhar neste universo literário depende de muitos fatores, desde a acessibilidade ao entendimento da essência da literatura, até a capacidade de compreensão do leitor. No momento em que ela se torna realmente significativa, é que o leitor passa a buscar avidamente por mais conhecimento. E é esse despertar para a leitura de textos literários que se torna necessário estimular na sala de aula, pois a literatura é fundamental na formação do ser humano.



O PAPEL DA LITERATURA

A função e características da literatura é temática recorrente entre os estudiosos, devido à complexidade em defini-la e das inúmeras possibilidades de caracterizá-la. Para Candido (2004, p. 175) a literatura pode ser equiparada a um sonho, "[...] o sonho acordado das civilizações". A literatura de que ele fala, é a que está relacionada a todo tipo de criação, poética, dramática ou ficcional. "Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura". (p.175). Em conformidade com Antônio Candido (2004), a literatura é um bem assim como a moradia, o alimento, a roupa. Mais ainda, é um direito, uma herança que cada um recebe ao nascer, mas de que poucos usufruem. A literatura exerce um papel muito importante na sociedade, pois representa a evolução social e fatos históricos, abordando temáticas inerentes ao ser humano, indiferente às épocas.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p.174).

Ademais, Antônio Candido (2004) ressalta que "[...] a literatura aparece claramente çomo manifestação universal de todos os homens em todos os tempos". Para conhecer o homem de hoje, torna-se imprescindível conhecer o homem de ontem. A literatura, que está diretamente vinculada à sociedade em que está inserida, é capaz de apresentar este homem, a sociedade de tempos passados, o que possibilita significar o presente. Ainda segundo o autor "não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação". (CANDIDO, 2004)

Na medida em que o leitor se apropria do texto literário, ele amplia seus conhecimentos, se identifica com as personagens, quando apresentadas situações semelhantes as do seu cotidiano e, ainda, sente prazer, reflete e avalia sua própria vida e seu entorno. "As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem e da vida". (ECO, 2003)

Essa exposição à interpretação de literatura se intensifica a partir do momento em que a criança começa a decodificar os signos e aprende a ler, passando a ser exposta a diferentes tipos de livros em que se encontram fixados "[...] o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade". (SILVA, 1987)



ENSINO DE LITERATURA EM SALA DE AULA

Como parte do acesso cultural, a literatura não pode estar desvinculada da língua, visto que ela se utiliza das palavras para fazer arte. Portanto, o ensino da língua e da literatura deve caminhar junto, ser uma única via, mantendo uma relação de unidade, para formar um leitor competente, com habilidades que permitam perceber o que não está explícito nos textos literários. Conforme Saraiva,

a separação do ensino da língua e da literatura se alicerça em duas perspectivas aparentemente opostas, mas que têm em comum a compreensão equivocada de que as manifestações da língua e a literatura se situam em campos distintos, sendo tão-somentes produtos acabados, e não um processo de produção de sentido. (SARAIVA, 2005, p.46).

A construção de sentido na literatura está ligada à compreensão da língua. Assim como o escritor necessita de técnicas e sensibilidade para escrever, também o leitor precisa desses recursos para conseguir abstrair o máximo do texto. Portanto, conhecer a língua e fazer o uso adequado dela permite ao leitor se aproximar do texto literário. Sob esse enfoque, o papel do professor é de mediar o diálogo do aluno com o texto literário, desenvolvendo sua capacidade linguística, para que a leitura seja significativa.

Para tanto, Saraiva (2005) enfatiza que "[...] a aprendizagem da língua materna e a experiência da leitura de textos literários devem progredir *pari passu*, porque ambas se completam e se associam formando um conhecimento único". Todavia, vale ressaltar que os textos literários não devem servir exclusivamente como um meio de estudo da língua, porque o ensino da língua não deve se ater somente a esta modalidade, mas servir-se também da pluralidade de gêneros e de discursos, no processo de aprendizagem.

Superada a divisão entre o ensino de língua e de literatura, o que fazer do ou com o texto literário em sala de aula é uma dúvida frequente. Além disso, os professores queixam-se de que os alunos não leem, que consideram os textos literários difíceis de serem compreendidos, em função da linguagem.

Muitas são as propostas de projetos de leitura elaborados e aplicados, permeados de boas intenções, mas que não é o suficiente para lhe dar com a superficialidade com que os clássicos da literatura são trabalhados em sala de aula.

De acordo com Lajolo (2002, p. 14)

Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato da leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede. Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.



Assim, embora o texto literário possa integrar-se ao ensino da língua, isso não é o suficiente para transformar alunos em leitores. É preciso que o professor procure inserir o cotidiano do aluno, para que ele se identifique e se encontre no texto literário.

UMA POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM DE TEXTOS LITERÁRIOS

Os interesses e temáticas comuns ao cotidiano dos alunos são uma boa opção para o trabalho com textos literários na disciplina de literatura. As letras de canções, filmes, seriados e programas de televisão, por eles apreciados, e até mesmo romances "água com açúcar", podem servir de ponto de partida para chegar aos textos literários de escritores brasileiros. Despertar o interesse dos alunos é fundamental para que se tenha uma participação ativa em sala de aula. Somado a isso, atividades de leitura que envolvam contos, podem ser uma boa escolha em detrimento da leitura de obras literárias mais amplas, para um público que não tem o hábito da leitura.

O trabalho com a literatura nas escolas, muitas vezes, é direcionado somente a periodização e ao estudo de textos fragmentados, apresentados, em grande parte, nos livros didáticos. Além disso, a interpretação é deixada por conta do livro didático, sem uma preparação prévia do professor, que limita o estudo do texto literário, prejudicando a interação texto-leitor. "Para que ocorra a simbiose texto-lei-

tor, o ato da leitura exige procedimentos de análise, compreensão e interpretação que não se restringem à reconstituição de uma mensagem, passível de esgotar-se na apreensão superficial de seus significados". (SARAIVA, 2006)

A interação entre texto e leitor deve ser mediada pelo professor, pois o aluno, que se inicia no universo literário, nem sempre consegue preencher as lacunas do texto e compreender o explícito e alcançar o implícito. A falta de domínio do processo comunicativo do texto literário pode implicar a não compreensão, ou até o estranhamento que leva o leitor a desistir da leitura, devido à dificuldade encontrada no que se refere às lacunas textuais e à linguagem.

Em uma obra literária, há muitas significações explícitas e outras tantas, implícitas, cabendo ao leitor a percepção do que está dito ou não dito, o que o obriga a dialogar constantemente com o texto. Jauss (1979) ressalta que a relação dialógica texto e leitor ocorre devido à carga cultural e vivências que ambos possuem. Tanto o leitor quanto o texto estão carregados de trajetórias e influências de textos e de leituras diferentes. E essa carga, esse baú de tesouros, que é a bagagem cultural do leitor, interfere diretamente na recepção de uma obra literária e, ainda, no prazer que o processo dialógico pode proporcionar. O baú de tesouros pode ser rico ou pobre. Isso está diretamente ligado à prática leitora do leitor.

Segundo Saraiva (2006, p. 37),



a leitura do texto literário é um exercício que pressupõe comportamentos antagônicos: por um lado, ela exige do leitor a fidelidade à intenção do texto, que determina o ponto de partida das interpretações, deixando, porém, uma margem para a imprevisibilidade; por outro, ela prevê a liberdade de interpretação do leitor e a influência de sua historicidade no ato que realiza.

Sob esse enfoque, o ensino de literatura, a partir de contos de autores consagrados da literatura brasileira, tais como Machado de Assis, Rubem Fonseca, Sergio Faraco, Jane Tutikian, Dalton Trevisan entre outros, propõe-se um trabalho com roteiros de leitura, que se organizam em três etapas norteadoras. A primeira é a atividade introdutória à recepção do texto, depois vem a leitura compreensiva e interpretativa e a terceira etapa é a da transferência e aplicação da leitura.

Esta metodologia se baseia nos estudos de Saraiva (2006) e visa contemplar vários aspectos, como o desempenho do professor; a clareza de critérios na seleção dos textos; a leitura voltada para a exploração e produção textual; o envolvimento do contexto educacional; o uso de estratégias diversificadas para o estimulo à leitura e à apreensão da significação do texto. Todos os textos selecionados tratam da questão da violência e seguem os aspectos acima relacionados, conforme a metodologia da autora citada.

Na elaboração dos roteiros de leitura é considerada a realidade da turma onde serão aplicados, com base na pesquisa previamente realizada acerca de suas práticas de leitura e sobre seu leque de interesses. Somado a esse contexto, busca-se contemplar as mais variadas tecnologias, como ferramentas de aprendizagem, pois as TICs³ se fazem presente no cotidiano dos jovens.

O registro de todo processo de leitura e produção, sugerida pelos roteiros, é feito em um *blog*, onde os alunos são os autores juntamente com o professor, deixando as marcas de suas leituras e produções para posteriores estudos e análises. Os alunos se tornam autores não só do *blog*, mas também do registro de sua formação como leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias sobre a temática deste artigo são várias, e muito ainda precisa ser feito em relação à abordagem dos textos literários em sala de aula. Por mais que grande parte dos professores busque contemplar os textos literários, ainda o fazem de forma superficial. A tarefa não é fácil, mas se torna necessária quando se objetiva formar leitores de literatura brasileira, que façam valer seu direito à literatura, parte de sua herança e da história da sociedade em que estão inseridos.

³ Tecnologias da informação e comunicação.



A exposição do aluno ao texto literário, de forma a despertar seu interesse é função da escola, pois é nesse espaço que ele terá a maior possibilidade de estar exposto a esse tipo de discurso. A formação do aluno como leitor não se resume a aprender a ler e vai além da decodificação dos signos linguísticos, sendo um constante ato de lapidar este leitor que se inicia na escola e se torna leitor para a vida toda.

Esta proposta de abordagem do ensino de literatura, sem estar desvinculada do ensino de língua, que busca fomentar o gosto pela leitura, é uma possibilidade de prática na sala de aula. Ela não tem a pretensão de ser a correta, ou de ser uma receita de como trabalhar a leitura em sala de aula. Todavia, mostra ser um caminho viável para tal, como as atividades já desenvolvidas demonstram.

Até este momento foram realizadas ações que contemplam a organização de *blog*, a redação de um diário de classe, que faz o registro cotidiano do processo, a leitura do conto Gente grande, de Domingues Pellegrini, e do conto Fragilidade do autor Sergio Faraco. Dessas atividades, registra-se o envolvimento prazeroso dos alunos e o fato de terem sido desafiados, por estarem diante de algo novo.

O interesse em escrever também se fez notar, particularmente porque as produções, divulgadas no *blog*, se constituem em rastros das vivências dos alunos.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CANDIDO, A. Direito à Literatura. In: _____. Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**. Trad. De Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. 26-47.

ECO, Umberto. Lector in Fabula. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JAUSS, Hans Robert e outros. **A literatura e o leitor**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. São Paulo: Objetiva, 2002.



SARAIVA, J. A. A indissociabilidade entre língua e literatura no ensino fundamental: uma metodologia integradora. In: SARAIVA, J. A.; MÜGGE, E. **Literatura na escola.** Propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artimed, 2005. p 45-51.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.



MEMÓRIA E MODERNIDADE NA PORTO ALEGRE DE VIRGÍLIO CALEGARI

MEMORY AND MODERNITY IN PORTO ALEGRE VIRGILIO CALEGARI

Sinara Sandri (UFRGS)1

Resumo: A obra do fotógrafo italiano Virgilio Calegari deixa ver o impacto da modernização urbana na cidade de Porto Alegre, no início do século XX, período em que a rápida construção de uma ideia de futuro provocou o apagamento de referências do passado. O trabalho analisa tanto a experiência humana da passagem do tempo quanto o espaço construído da cidade como materialização desta vivência. Ao permitir identificar como as ideias de progresso e decadência perpassaram a obra do fotógrafo e localizar os elementos que demonstram a permanência de materialidades e sociabilidades diante da construção de um novo código de urbanidade, o estudo autoriza a defesa da pertinência do uso da fotografia como aliada na busca de sensibilidades do passado. No cenário de uma pequena capital afoita em atualizar-se, o produtor de imagem enfrentou a iminência de desaparecimento de um modo de viver, construindo referências visuais que tanto projetaram o futuro quanto apreenderam como memória as feições urbanas e sociabilidades em processo de transformação.

Palavras-chave: Porto Alegre. Reforma Urbana. Memória. Fotografia. Virgílio Calegari.

Abstract: The work of Virgilio Calegari, as italian photographer, allows to observe the impact of urban modernization in the city of Porto Alegre, in the early twentieth century, moment in that a rapid construction of a future idea caused the pasts references erasure. The study analyzes both the human experience of time as the built space of the city as the embodiment of this experience. By allowing identify how ideas of progress and decay permeated the photographer's work and find the elements that demonstrate the materiality of permanence and sociability before the construction of a new urbanity code, the study allows the defense the use of photography as an tool in search of the past sensibilities. In the scenario of a small capital daring to upgrade itself, the image producer faced the imminent disappearance of a way of living, building visual references that both designed the future and seized memory as the urban features and sociability in the process of transformation.

Keywords: Porto Alegre. Urban Reform. Memory. Photography. Virgilio Calegari.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (UFRGS), Mestre em História (UFRGS), Especialista em História do Brasil (UFF), Jornalista (UFRGS). Sinara.sandri@gmail.com



INTRODUÇÃO

Desde sua entrada no cenário da chamada revolução documental, a fotografia vem sendo objeto de interesse crescente entre historiadores e pesquisadores. Com a ampliação do acesso à fotografia, a sociedade ficou diante de uma nova possibilidade de popularizar a fixação de imagens e perenizar seus valores. Frente a este novo artefato, os historiadores precisaram estabelecer as diferenças entre o texto escrito e a imagem como suporte de representações, além de analisar os processos de percepção próprios da imagem, além de mergulhar nas peculiaridades do "fazer" fotográfico.

Entretanto, ao longo destas décadas em que a pesquisa histórica acentuou seu interesse pela fotografia, houve dificuldade em superar alguns problemas teóricos que poderiam ser considerados iniciais. Particularmente, uma das sínteses interessantes parece ser a feita por Maurício Lissovsky (2008). Ele localiza a distinção feita entre fotografia documental / fotografia de arte como atualização de uma polêmica inaugural que teria surgido durante aparecimento da fotografia: a possibilidade de obter uma imagem de forma acidental através do manuseio de um artefato teria secundarizado o papel do sujeito e, portanto, seu valor como arte. A ênfase da subjetividade do "artista-fotógrafo" no pictorialismo teria sido uma reação contra a objetividade dos simples retratistas. O autor classifica como "verdadeiramente espantosa" a persistência de certos "problemas" e pontua o que considera seriam falsas questões: a fotografia ser ou não arte, a distinção entre fotografia pura e fotografia construída ou manipulada. Lissovsky lembra que os tribunais franceses teriam reconhecido já em 1862 a fotografia como 'arte', sendo justificada a proteção do seu copyright e observa que a insistência na separação entre fotografia experimental e documental, ou entre realismo e abstração inibe a visualidade das questões que a produção fotográfica apresenta.

"Delas (as questões), no modo como foram então formuladas, só me interessa aquilo que possa iluminar, o que, na experiência fotográfica, se faz pensamento diante da técnica". (Lissovsky, 2008,13).

Para Lissovsky, o desafio seria estudar a fotografia não em função de sua história interna, mas como um campo de jogo organizado a partir de um critério cronotópico – que as agrupa a partir de sua relação com o tempo e não segundo o período ao qual pertencem cronologicamente. No seu percurso analítico, o autor parte de uma investigação sobre o destino do tempo – elemento que pertence à essência do fazer fotográfico – depois que a fotografia tornou-se hegemonicamente instantânea. Aplica o conceito de duração e chega, a partir de um estudo sobre a fotografia de paisagem (Lissovsky, 2011), a identificar a agenda do invisível como pauta para



a fotografia do século XIX. Naquele momento, a fotografia não seria apenas uma representação do visível, seria uma forma de tornar visível, como parte do esforço contemporâneo de desvelamento do mundo e da luta contra o obscurantismo. Esta agenda do invisível só seria rompida com o surgimento do modernismo e da fotografia do século XX, momento em que a superação do choque pelo novo e o entediamento da sociedade moderna teria o instantâneo – fetiche da interrupção - como instrumento de uma nova percepção da realidade.

Além disso, ao longo do século XX, a testemunha ocupa um lugar novo ao ser vista como portadora de memória. Segundo Hartog, a reflexão sobre testemunho parte da centralidade de Auschwitz e do Holocausto. O plano de extermínio previa a supressão das testemunhas e dos vestígios do crime, por isso o testemunho assumiu um lugar crucial e colocou-o em primeiro plano. O velho imperativo de checar a versão de duas testemunhas deixa de vigorar dando lugar ao esforço de permitir que cada uma conte sua história. A passagem a primeiro plano muda a noção de testemunha, principalmente diante do fato de que o peso de testemunhar é ainda mais forte em um acontecimento sem possibilidade de atestação partilhada, pois os que sobreviveram não encontram parceiros de experiência.

Neste contexto, além da testemunha deixar de ter como expectativa transformar-se em historiador para reivindicar seu reconhecimento como presença e vítima, a circulação de fotografias retratando os campos ampliaria a importância da imagem como testemunho.

A partir das fotos dos campos no momento de sua liberação, a parcela cada vez maior do visual no testemunho ('As fotos não mentem', dizia o editorial de 26 de abril de 1945 do Stars and Stripes) é constitutiva de sua autenticidade e de sua verdade. As fotos republicadas desde então na imprensa por ocasião das comemorações, as fotos nas exposições e nos museus. Essas fotos que, a partir de então, são a referência para medir o horror. Quanto mais cercado e encurralado, mais o real parece escapar. (HARTOG, 1999).

Além da questão do testemunho, a fotografia também deve ser analisada como suporte e projeção de memória. Fernando Catroga analisa a relação da memória e da história e observa que a recordação é uma possibilidade de atribuir novos futuros ao passado. A memória é ativa e a recordação não resulta da oposição ou separação entre passado, presente e futuro. Toda retrospectiva seria uma pretensão já que o passado enquanto memória participaria da edificação do futuro.

Na formulação do autor, a memória tem necessidade de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, motivados por traços que são vestígios do passado. Como o conteúdo da memória é inseparável dos seus campos de objetivação e transmissão – linguagem, imagens, relíquias, escrita, monumentos



- não haveria memória coletiva, sem suportes ritualisticamente compartilhados. E qual suporte seria mais adequado a rituais de compartilhamento que a fotografia? A partir de reminiscências comuns, criam-se sentimento de pertencimento que ligam os indivíduos verticalmente – a grupos ou entidades – e em uma vivência horizontal e encadeada no tempo (subjetivo e social) que integra cada existência numa "filiação escatológica" garantida pela reprodução (sexual e histórica) das gerações e por um ideal de sobrevivência da memória dos vivos.

A raiz da memória mergulha, portanto, num 'espaço de experiência' aberto tanto à recordação como às expectativas, horizonte que o recebe como herança e como possibilidade de se vencer a morte, num jogo ilusório que finge esquecer que, tarde ou cedo, também os mortos ficarão órfãos de seus próprios filhos. (HARTOG, 1999).

O autor observa que a seleção do passado é feita sob condicionantes, em um processo psicológico em que as escolhas são acompanhadas do que se deseja, de forma consciente ou não, esquecer. Na modernidade, este processo ocorreria no âmbito da família e sublinhamos novamente a presença da fotografia no rol de artefatos que assumem grande importância também em ambiente privado. Além disso, o aparecimento da fotografia marca o século XIX, considerado como século da memória e da construção das nacionalidades, momento onde a ideia de Nação toma corpo. Indivíduos, classes e os novos

Estados-Nação buscavam legitimação, resgatando um passado –em atitude típica da antiga aristocracia – ou construindo rapidamente uma procedência, tarefa que encontrou na fotografia uma enorme aliada capaz de gerar uma posteridade imediata e criar um novo circuito de pertencimento, muito evidenciado pela ampla circulação de retratos e vistas urbanas e paisagens.

FOTOGRAFIA E CIDADE

O italiano Virgílio Calegari chegou a Porto Alegre, em 1881, aos 13 anos. Aprendeu a profissão com fotógrafos experientes e, no início do século XX, era considerado o principal retratista da pequena capital, justamente em um período em que a cidade vivia uma longa sucessão de governos de orientação positivista e esforçava-se em constituir-se como urbe moderna. Como fotógrafo, participou de vários eventos e foi premiado em concursos nacionais e internacionais, sendo reconhecido como exemplo de sucesso entre os imigrantes na América. Para Santos (1998, 30), estes prêmios colaboraram para gerar uma "aura civilizatória" em torno do seu nome e de sua ligação com a Europa.

Em Porto Alegre, o processo de reforma urbana não teve a mesma intensidade que o vivido nas cidades que serviram como referência para o processo de modernização. Mesmo em escala menor, foram oferecidos à população elementos para perceber a



capital como metrópole, ancorando este desejo em marcos edificados que funcionariam como uma representação simbólica da modernidade. Na cidade que sonhava ser moderna e atualizada, o trabalho de Calegari perpetuou o progresso e ajudou a projetar um futuro, mas foi igualmente atento à cidade que desaparecia. O desafio enfrentado pela elite na pequena capital sulista era incorporar os padrões de urbanidade, em um processo tensionado pela intensa presença de aspectos marcadamente rurais fundadores da sociedade gaúcha. Na capital, o dilema era o fato da intervenção humana ter resultados aquém da intensa beleza natural da cidade².

Calegari observou de forma sistemática as transformações de Porto Alegre, repetiu tomadas e registrou a evolução da conformação urbana em locais como o bairro Menino Deus e a Praça Marechal Deodoro, confirmando o interesse particular e o investimento pessoal do fotógrafo no tema, transformando-o em um leitor privilegiado da cidade e uma fonte importante para estudos históricos. Na sua longa trajetória de apreensão e interpretação da cidade, algumas evidências que puderam ser recolhidas permitem assinalar que ao recortar a natureza para transformar a geografia da capital em paisagem, construiu imagens bucólicas que, em casos como as vistas feitas a partir do rio e da série sobre

Belém Velho, igualam e por vezes superam em importância os marcos da cidade construída. Seu interesse não estava dirigido apenas à materialidade do espaço urbano e não deixou escapar o que hoje convencionamos chamar de patrimônio cultural imaterial. Na cidade que ia sendo modificada, atividades como o movimento nas docas do mercado e o trabalho de carga e descarga junto à ponte de pedra do Arroio Dilúvio, antes da retificação, fariam parte de um passado retido como memória de vivências já impossíveis na urbe modernizada. Retido também como imagem.

Neste inventário do imaterial, não ficou restrito à apresentação de "tipos" peculiares do cenário local, como gaúchos, carreteiros, viajantes colonos e a precariedade dos ranchos habitados pela população pobre. Na sua atividade como retratista, registrou a presença de personagens e hábitos que não faziam parte do código de comportamento autorizado pela onda modernizante. Em alguns momentos, o fotógrafo tentou representar setores não integrados sem assinalar de forma negativa seu descompasso com o ritmo do desejado progresso.

² Apesar do aumento da edificação no "quadriênio glorioso" (1910-1914), o Plano de Melhoramentos (1914), considerado o marco de instalação de modernidade em Porto Alegre, precisou ser reeditado em 1927 e, com exceção da abertura da Avenida Borges de Medeiros, as grandes obras propostas só foram realizadas entre 1938 e 1943.





Imagem 1 - Negra com turbante preto e branco (s/d) Fonte: Foto 596 – Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

Nas imagens identificadas como "Mãe Rita e "Mulher de Turbante Branco e Preto", não há ostentação ou a imitação de padrões característicos de modelos brancos, nem a repetição do estereótipo africano, esperável nas fotografias do padrão "typo negro" ou mesmo das imagens dedicadas a retratar os costumes desta população.

Nas duas fotografias, a identidade negra das modelos é demonstrada de forma clara. Entretanto, o que chama atenção na imagem da mulher é a relação de cumplicidade, necessária para que a modelo se mostrasse de forma tão intensa frente às lentes do retratista. Em um cenário de recursos mínimos, onde não precisou disfarçar nem mascarar os traços

do seu cotidiano, a mulher parece muito à vontade em um sorriso bastante familiar. Ao lançar um olhar muito íntimo, a mulher deixa entrever a pessoa que está atrás das lentes.



Imagem 2 - Mãe Rita (s/d) Fonte: Foto 595 – Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

No retrato identificado como "Mãe Rita", a mulher que seria a responsável pela introdução dos cultos africanos, em Porto Alegre, é apresentada com seus colares rituais em um olhar sério e enviesado. Não fosse por uma leve insinuação de sorriso, seria possível dizer que mostra uma quase desconfiança diante do fotógrafo. Apesar da relevância da sua tarefa, dificilmente gozaria de reconhecimento público uma vez que não fazia parte dos grupos econômica e socialmente favorecidos. Entretanto, sua importân-



cia e a função que ocupava não passaram despercebidas pelo fotógrafo. Longe da imagem do exótico, o retrato de Mãe Rita poderia ser tomado como exemplo da preocupação do autor com personagens, hábitos e modos de viver existentes na cidade.



Imagem 3 - Acendedores de Lampião (s/d) Fonte: Foto 190 - Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

Outra imagem que pode servir como exemplo é a fotografia conhecida como "Acendedores de lampião", sem datação estimada pela instituição de guarda. São os trabalhadores responsáveis pelo acionamento dos lampiões de iluminação pública, atividade que já na virada do século XX estaria com os dias contados. Dessa forma, é possível concluir que, na iminência de uma mudança substancial na feição urbana e, em determinada medida, em uma atividade econômica da capital, o fotógrafo optou por retratar o elemento humano. Ao priorizar o trabalhador e não o sistema de iluminação, imortali-

zou uma profissão em vias de extinção e ofereceu a possibilidade de salvar do esquecimento algumas vítimas inevitáveis do progresso e da modernidade.



Imagem 4 - Vista do Bairro Belém Velho (1922) Fonte: Foto 371 – Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

Calegari observou e fotografou sistematicamente a cidade, as obras de melhoramento e a movimentação das ruas de comércio. Este esforço resultou em uma narrativa que dá conta da constituição de uma visualidade de modernidade. Seu trabalho deixa evidente o processo desigual de incorporação dos novos padrões urbanos como na imagem que evidencia a presença do casario colonial e de uma figueira – árvore típica do sul do Brasil – em Belém



Velho, um dos redutos de memória da colonização açoriana da cidade.



Imagem 5 - Riachuelo x Gal. Bento Martins Fonte: Foto 237 – Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

As evidências da urbanização incipiente na jovem capital também ficam claras na tomada do casario da rua Riachuelo. A imagem tornou-se muito conhecida e demonstra a pequena dimensão do núcleo urbano em relação ao rio e as vastas áreas de montanhas desocupadas.

É apenas na década de 20 que a cidade conquista referenciais de uma visualidade moderna. Neste momento, há uma inversão nas tomadas para vistas da cidade e a opção não é mais vê-la a partir do rio e sim a partir da nova praça do poder, onde está instalado um monumento ao positivismo e seu líder, Júlio de Castilhos.



Imagem 6 - Praça Marechal Deodoro (década 20) Fonte: Foto 596 - Acervo do Museu Joaquim Felizardo / Fototeca Sioma Breitman

CONCLUSÕES

Virgilio Calegari fotografou os marcos da cidade moderna, mas deixou ver pistas sobre a heterogeneidade da utilização dos espaços urbanos como fica evidente nas imagens do novo sistema de abastecimento de água e nas tomadas que mostram o movimento das ruas da capital. Ao enfrentar a transição de registros de temporalidades, o autor foi sensível à existência simultânea de experiências diferentes em relação à aceleração imposta pelo novo mundo que se anunciava. Neste limiar, usou suas lentes para salvar do esquecimento uma cidade que desaparecia. Poderíamos ler a obra de Calegari, suas lacunas e aparentes contradições como indicativo de um período em que o dilema que contrapunha civilidade e natureza não estava resolvido em termos de materialidade construída e valores incorporados.





Dessa foram, apesar de um desejo manifesto de adequar-se aos novos padrões, a cidade não tinha chegado a uma síntese de modernidade eficaz, tanto do ponto de vista do volume de espaços modernizados quanto da constituição de uma visualidade urbana necessária para consolidar estes ideais. Esse descompasso é percebido pelo fotógrafo e aparece em suas imagens.

Na pequena capital do início do século, Virgílio Calegari operava uma máquina capaz de produzir um passaporte para a modernidade, mas em momentos substanciais de sua obra parece ter os olhos e objetivas apontados para o passado. Calegari viveu e fotografou uma cidade que não era e faltava muito para parecer moderna. Em um presente empenhado em construir o futuro, parece estranhar o novo mundo e volta-se para trás, imortalizando espaços e vivências condenados ao desaparecimento.

REFERÊNCIAS

CATROGA, Fernando. Memória e História. IN PESAVENTO, Sandra. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre. Ed. Universidade, 1999.

DOBERSTEIN, Arnoldo. **Estatuária e Ideologia: Porto Alegre 1900-1920**. Porto Alegre. Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

LISSOVSKY, Mauricio. **A máquina de esperar:** origem e estética da fotografia moderna. Rio de Janeiro, Mauad, 2008.

_____. Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos Lugares. Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In PESAVENTO, Sandra (org). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SANDRI, Sinara. **Um fotógrafo na mira do tempo. Porto Alegre, por Virgilio Calegari**. Dissertação de mestrado. PPG História UFRGS. Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Alexandre Ricardo dos. O gabinete do Dr. Calegari : considerações sobre um bem-sucedido fabricante de imagens. In. Achutti, Luiz Eduardo. **Ensaios sobre o fotográfi-co.** Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Porto Alegre, 1998.



SUVENIR CULTURAL: PRODUTO MEMORIALÍSTICO E CRIATIVO

CULTURAL SOUVENIR: MEMORIALISTIC AND CREATIVE PRODUCT

Susana de Araújo Gastal (UCS)¹ Felipe Zaltron de Sá (UCS)²

Resumo: A pós-modernidade alterou o tratamento dado à Cultura, em termos de ampliação de tipologias e abrangência temporal, permitindo que mesmo prédios de arquitetura contemporânea possam ser patrimonializados – caso dos novos museus como o Guggenheim Bilbao ou o Iberê Camargo, em Porto Alegre – e que manifestações como a gastronomia e a dança de rua, por exemplo, possam ser também tratadas como tal. Mas, o momento contemporâneo também alça a cultura a segmento econômico, a exigir novas performances de criadores e produtores culturais. O presente artigo propõe uma reflexão teórica sobre tal cenário, a partir de revisão de literatura, e coloca em discussão a categoria suvenir cultural, em desdobramento ao suvenir turístico,

como objeto com independência em termos de autonomia artística, mas semantizado por forte carga memorialística, apoiando-se em princípios da economia criativa.

Palavras-chave: Cultura. Memória. Economia Criativa. Suvenir Cultural.

Abstract: Postmodernism changed the culture understanding in terms of typologies and temporal scope, allowing that even contemporary architecture can be patrimonializated - for example, museums like the Guggenheim Bilbao or Iberê Camargo in Porto Alegre - and the food and street dance can be considered as cultural. But the contemporary moment also handle culture as an economic segment, require new performances of creators and cultural producers. This paper proposes a theoretical reflection on such a scenario from the literature review, and calls into question the cultural souvenir category, which is like the tourist souvenir an object with artistic autonomy, semanticized by strong memorialistic charge, relying on principles of creative economy.

Keywords: Culture. Memory. Creative Economy. Cultural Souvenir.

¹ Doutor. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS. susanagastal@gmail.com

² Graduando do curso de Bacharel em Turismo no Programa de Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS. Bolsista IC-CNPq. fzsa@ucs.br



INTRODUÇÃO

O suvenir, na sua formulação tradicional, parece acompanhar os viajantes desde os primórdios dos deslocamentos humanos. Seja na forma de um produto local, adquirido como recuerdo ou lembrancinha, ou de objetos singelos como uma pequena pedra, concha, folha ou flor catados juntos aos caminhos, eles devem demarcar o lugar e o momento. No seu tratamento mais tradicional, incorporado pelo turismo, são objetos que miniaturizam, em diferentes materiais, formas, códigos, os ícones significativos dos lugares; sua função memorialística, mantendo-se constante, indica sua íntima relação com processos da memória.

O turismo tem na memória um insumo importante. Por um lado, ela é presença subjacente quando se trata de museus ou arquitetura, folclore ou artesanatos tradicionais. Por outra, há uma preocupação recorrente dos viajantes em registrar em foto, em vídeo ou em escritos, os lugares por onde passam, ou em adquirir os já referidos *suvenires*, em seus diferentes formatos. A **memória**, desta maneira, será questão fundamental para a reflexão sobre o suvenir, seja espontânea – quando expressa a subjetividade pessoal ou coletiva em uma peça de artesanato, por exemplo –, seja ela induzida, quando o suvenir comercial busca colocar-se como parte da experiência de viagem.

Outra questão importante é a econômica, considerando-se que a produção do suvenir implica sua criação, fabricação, distribuição, comercialização e consumo. Nesses termos, se o turismo tradicional, de massa, era pouco exigente em termos de qualidade, produção e até mesmo dos significados daquela peça, o turista contemporâneo é mais seletivo, exigindo produtos pautados pela qualidade de design, de acabamento e ineditismo das peças, e de fácil aquisição, daí sua presença em lojas de equipamentos culturais. São peças, além do mais, com conteúdo simbólico tematizado em associação à instituição em que o espaço comercial esteja instalado. Tais espaços atraem turistas, mas também um público local significativo, que adquire os objetos por motivos próprios, sejam eles quais forem. A esses produtos, vendidos em espaços culturais mas, aos poucos, como oferta presente em espaços comerciais mais genéricos - estamos propondo tratar como suvenir³ cultural.

Nesses termos, o presente artigo tem por objetivo introduzir e discutir a expressão suvenir cultural, olhando com mais vagar as construções teóricas associadas aos dois termos, suas analogias com o suvenir turístico e sua pertinência e possibilidade como conceito independente, considerando sua autonomia artística associada ao design, mas, a exemplo do predecessor, com forte semantização memorialística e carga simbólica tematizada, associadas

³ Optou-se por utilizar a palavra de forma abrasileira, pois, a mesma já se encontra dicionarizada.



a objetos cotidianos ou com diferencial artístico. A pesquisa baseia-se em revisão de literatura.

O texto a seguir inicia por discutir o conceito 'cultura', já em associação aos ditames da Economia Criativa, para depois percorrer as construções de sentidos de 'memória', pois este seria o significado implícito no suvenir. Na parte seguinte, retomam-se 'cultura' e 'memória', para discutir as possibilidades da expressão *suvenir cultural*.

CULTURA E MEMÓRIA

Em textos anteriores (GASTAL, 2012) propôs-se, seguindo Bosi (1992) e outros, que a definição de Cultura implicaria a presença de expressões materiais ou imateriais, em ambos os casos resultante do trabalho de alguém e significativas de saberes e fazeres humanos acumulados, que os gera mas que também nelas se marca. Por fim, tais expressões devem apresentar valor simbólico para um determinado grupo. Um exemplo seria a Mona Liza, resultado de dois anos de trabalho de Leonardo da Vinci, que a pintou entre 1503 e 1504. Mas o trabalho também foi possível graças aos avanços pictóricos, ao aperfeiçoamento das telas e do quadro de cavalete como suporte, e do desenvolvimento de tintas e pigmentos. Hoje, a pintura de Leonardo agrega alto valor simbólico, mas o

mesmo raciocínio poderia ser aplicado a objetos mais singelos, cotidianos e anônimos, como uma canção de ninar, o pão ou o sanduíche, todos integrados ao que temos denominado como cultura.

A Economia Criativa, de certa maneira, incorpora tal significação da Cultura, ao destacar a criatividade como diferencial a ser valorizado [economicamente] no trabalho de produção de bens e serviços. A ênfase no valor mercado, antes centrada na materialidade do produto final, passa a considerar os aspectos intangíveis do fazer, assim, valorizando-o. No caso brasileiro, os saberes estão destacados quando a então Secretaria da Economia Criativa⁴ propunha a diversidade cultural entre seus princípios norteadores, ou seja, a valorização, proteção e promoção dos saberes e fazeres locais, não se restringindo aqueles dos grupos hegemônicos ou eruditos. Como registrado nos documentos oficiais, a diversidade cultural "não deve mais ser compreendida somente como um bem a ser valorizado, mas como um ativo fundamental para uma nova compreensão do desenvolvimento. [...] Assim, seja na produção de vivências ou de sobrevivências, a diversidade cultural vem se tornando o 'cimento' que criará e consolidará, ao longo desse século, uma nova economia" (BRASIL, 2012b, p. 19).

⁴ A Secretaria da Economia Criativa foi Instituída pelo Ministério da Cultura através do decreto 7743/2012 e extinta em 12 de maio de 2016.



Essa diversidade cultural atua como forma de diferenciar os bens e serviços artesanais, pois cada técnica, saber ou fazer são coletivos a um grupo, suas características únicas levando a que não haja produtos parecidos. Na atualidade tal situação se expande, pois, as "veias globais de distribuição da produção cultural impulsionam a criatividade de atores sociais que buscam diferenciar seus produtos vivendo a localidade de sua cultura". (COSTA, 2006, p. 3).

Poder-se-ia acrescentar, ainda, que a Economia Criativa está associada às definições mais contemporâneas de Cultura, passando a ser "entendida como algo mais amplo que a arte, acolhendo um conjunto de crenças, costumes, valores e hábitos adotados por sociedades ou grupos de pessoas. Esse insumo cultural é empregado como fator de diferenciação e mesmo de inovação" (LIMA, 2011/2012, p. 12) e, pretende-se, em um novo modelo econômico. A *inovação* era outros dos itens na proposta oficial brasileira, entendendo-se por tal, por um lado, a capacidade de gerar novos produtos ou aperfeiçoar os já existentes, ou seja, ampliar e valorizar os fazeres e saberes.

Ainda seguindo a proposta brasileira, a *inova*ção também deverá estar presente no identificar oportunidades de produção [fazeres e saberes] e comercialização e, seguindo a construção teórica aqui proposta, agregar valor simbólico aos mesmos. Os discursos associados à Economia Criativa ainda reiteram a importância da tecnologia para impulsionar tanto a produção como a acessibilidade aos produtos e serviços o que, certa forma, vem na contramão de outro dos princípios da mesma proposta, qual seja, a *inclusão social* como forma de gerar emprego e renda. As palavras do autor De Marchi (2014, p. 194, tradução dos autores) reforçam essa preocupação, quando afirma ser importante promover "diferentes setores produtivos que possuam como denominador comum a capacidade de gerar inovação a partir de um saber local, agregar valor simbólico a bens e serviços, além de gerar e explorar direitos de propriedade intelectual".

Retomando os fazeres e saberes, estes se constroem ao longo do tempo e são transmitidos, de diferentes maneiras, de geração em geração, sendo ato contínuo associá-los à memória. Esta tem duas origens etimológicas, que podem contribuir para melhor entendimento do proposto no âmbito deste artigo: *memor*, do latim, refere aquele que lembra⁵. A lembrança está presente no convívio social e aquele que lembra, lembra de algo, o que é fundamental para manutenção dos processos sociais. Outra derivação remete à mitologia greco-romana, na figura da "deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História" (CHAUI, 2000, p.159). Olhando por essa segunda perspectiva, amplia-se a questão, pois se colocam as formas de ex-

⁵ Etimologias. Disponível em: http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/memoria/. Acesso em 23 ago. 2016.



pressão, como a escrita e poesia, o desenho e a pintura, o artesanato, o design e a arte, sob o manto da memória, já que "a deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade" (Idem).

Ambas as derivações apresentadas têm como base o *lembrar*; no "francês *se souvenir*, significaria um movimento de 'vir de baixo': *sous-venir* vir à tona o que está submerso" (BOSI, 1994, p.47). A memória seria um afloramento do passado, trazido pela lembrança, estando ligada a percepção do sujeito, que para Bosi significaria uma concepção de passado a ser incorporada ao presente. Outra perspectiva interessante, trás que o *venire*, do latim, teria como raíz o indo europeu 'gwa', significando andar e/ou vir, daí passando para o grego *bainein* também como caminhar⁶, e permitindo associar o suvenir ao movimento, ao deslocamento e à viagem.

Os viajantes teriam sido os primeiros sujeitos a ter interesse em manter vivas as memórias, no caso, as 'lembranças de viagens', caracterizadas como *suvenir*. Elas se associam ao turismo de forma mais intrínseca na Modernidade, quando as viagens ganham expressão e envolvem maior número de pessoas. O *suvenir* "como um objeto real, concretiza ou torna

tangível o que seria, caso contrário, apenas um estado intangível⁷" (GORDON, 1986, p. 135), que desta forma "ajuda a localizar, definir e congelar no tempo uma experiência passageira, transitória, e trazer de volta para experimentar algo ordinário da qualidade de uma experiência extraordinária⁸" (Idem).

SUVENIR CULTURAL

A pós-modernidade – ou o momento e a forma de expressão cultural do capitalismo avançado (JAMESON, 1996) – traz como marca novas percepções em termos de tempo e espaço; a hegemonia do urbano; e uma nova maneira de ver e tratar a cultura. Em termos temporais, a vivência de novos tempos acelerados e simultâneos sobrepõe-se ao tempo cíclico marcado pelas forças naturais e mesmo ao tempo cronológico, objetivado pelo relógio e pelo calendário. Quanto ao espaço, a ligação direta com o território é substituída pela ideia de espaços globalizados, anulando distâncias e o reduzindo ao tempo necessário para percorrê-las (GASTAL, 2006)

Sob o paradigma pós-moderno, as concepções e tipologias intituladas como 'Cultura' foram ampliadas. Em termos temporais, porque não apenas os

⁶ Disponível em: http://etimologias.dechile.net/?souvenir. Acesso em: 23 ago. 2016.

⁷ Tradução dos autores para: "As an actual object, it concretizes or makes tangible what was otherwise only an intangible state."

⁸ Tradução dos autores para: "helps locate, define, and freeze in time a fleeting, transitory experience, and bring back into ordinary experience something of the quality of an extraordinary experience."



bens centenários são reconhecidos como expressão patrimonial-cultural significativa, haja visto os prédios dos neomuseus — caso do Guggenheim espanhol ou do Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre —, prontamente incorporados como signos do patrimônio local. Tipologicamente, porque se rompe com caracterizações tradições de expressões como 'arte maior', 'cultura erudita', 'cultura popular', para tratá-las, de forma direta, como bem cultural. Outra alteração importante é o reconhecimento e incorporação aos discursos, dos bens imateriais, incluindo entre outros, saberes, fazeres, falares, sotaques, gastronomia e intervenções de design.

Neste contexto, o artesanato transforma-se no objeto turístico (SANTANA, 1997 p. 63). Para o turista que o adquire, além de ser a expressão da cultura visitada, ele significaria recordação, uma memória da memória: um objeto memorialístico a alimentar a memória da viagem, no retorno ao lar. Mas, se objeto turístico, ele deverá também se adequar às contingências do viajante, ou seja, ser pequeno, barato, não demasiadamente exótico, além de conotar simbolicamente a área visitada, para cumprir a função recordatória (Idem, p. 100). Nasce o suvenir que, na Modernidade, desenvolver-se-á em paralelo ao artesanato, primeiro como cópia em série e miniaturizada da peça original, mas, depois – e hoje, cada vez mais - ganhando independência do artesanal para tornar-se o *objeto turístico* por excelência.

A produção industrial permite que o suvenir seja fabricado em quantidade e velocidade (que a produção manual não alcança), mas também que passe a contar com a intervenção do desenho industrial e do design. Entretanto, tanto no artesanato-suvenir como no suvenir-turístico propriamente dito, mantêm-se a marcas do lugar e da identidade do local, ou, nas palavras de Santana (1997), o conotar simbolicamente a área visitada. Ou seja, constitui-se como concentração de memória sobre o lugar, a qual se soma uma segunda camada de rememoração: a experiência pessoal da viagem do turista.

Mas, cada vez mais, a suvenir turístico será constituído não num deslocamento de função - sua função original, desde sua concepção, será a de objeto turístico -, mas em um deslocamento semiótico, no qual abandona o significado, para construir-se como significante. Ou seja, neste deslocamento, o objeto recua na sua função de significar a identidade local, para passar denotar simbolicamente a área visitada, ou seja, tornar-se um significante, uma intensidade significativa da experiência única realizada por cada turista, na visita ao local. As alterações na percepção do tempo e, portanto nas concepções de memória, trazendo novo olhar sobre a Cultura (e sobre as viagens), levam a que o suvenir transcenda o turismo e se faça presente em novas situações, entre outras, agora associado à Economia Criativa.



Mais recentemente, à experiência acumulada pelo artesanato suvenir e pelo suvenir turístico, agrega-se o que se denomina, no âmbito deste artigo, como suvenir cultural, que poderá estar associado, mais precisamente, a uma instituição cultural ou a uma cidade, sem ter como consumidores prioritários, necessariamente, o turista. Os souvenires institucionais talvez tenham no grupo Disney, sua primeira grande visibilidade. A corporação Disney apresentaria cinco grandes áreas de negócios: Cinema, Entretenimento [onde estão os parques], Televisão, Música e Produtos e Serviços, onde se inclui a criação de suvenires e de outros produtos com a marca da empresa. As cinco áreas atuam com fortes sinergias, "dentro da ideia de 'magia da simbologia' [onde] absolutamente tudo que é da Disney fala dela mesma, de forma que quem é responsável por montar e manter a imagem da empresa em vigor é ela mesma, através de seus produtos e serviços" (SOUZA, 2012, p. 3).

Outro momento dessa nova inserção do suvenir, mais uma vez pela sua visibilidade midiática, foi à introdução da Pirâmide como área de comercialização, no complexo do Museu do Louvre, pois, "bajo la misma se ofrece un gran complejo de tiendas que permite adquirir reproducciones, libros, souvenirs, sin entrar en el museo. El significado espacial viene determinado por donde se vende [...]" (ESCALONA, 2006, p. 402), o que transforma em objeto memorialístico associado ao Museu, mesmo um livro

que não o tenha como temática. Sacolas e embalagens charmosas, peças tão cobiçadas como o próprio objeto adquirido, se encarregaram de instituir e ou reforçar a construção memorialística. Escalona também destaca os percursos das relíquias buscadas pelos peregrinos medievais, talvez um momento importante na proto história do suvenir:

La común concha de un molusco se transforma en reliquia de la peregrinación a Santiago, y hoy en objeto de comercialización, reproducción en diferentes formato y material, y marca del itinerario en puentes, bifurcaciones, pueblos y albergues, sirviendo de logotipo y guía del 'Camino'. La comercialización de los recuerdos representa diferentes memorias de distintas personas en una sociedad de consumo en donde se intenta mediante un producto reproducir una experiencia: la infancia del hijo mediante la metalización del chupete o la botita; la reunión empresarial, regalando un objeto de escritorio con el logotipo de la firma, y el congreso científico mediante la consiguiente carpeta, además de la variedad de pins, pegatinas, imanes, gorros, camisetas, etc., que conlleva la celebración de cualquier evento deportivo o cultural (ESCALONA, 2006, p. 402).

Gordon (1986, p. 139), propõe uma diferenciação e caracteriza os souvenires a partir do ponto de vista memorialístico; segundo ela, quando se acrescenta 'souvenir de...', cria-se uma memória do local visitado, o que o leva a classificá-los em: (a) *Pictorial Images*⁹, incluindo cartões postais, fotos, livros, etc; (b) *Pieces-of-the-rock* são objetos salvos do meio

⁹ Escolheu-se a não tradução dos conceitos.



natural ou retirado de um ambiente construído; (c) *Symbolic Shorthand* seriam miniaturas fabricadas ou objetos de grandes dimensões; (d) *Markers*: lembranças que em si mesmo não tem qualquer referência a um lugar ou evento específico, mas são inscritos com palavras que as localize no tempo e espaço; (e) *Local Products*: roupas e comidas étnicas.

Alçado ao cultural, o suvenir ganha requintes de design, com alta qualidade estética. Mais do que isso, sua comercialização passa a ser item importante na sustentação financeira de museus, centros culturais, jardins botânicos, entre outros locais de cultura. O elenco de objetos passíveis de serem tratados como souvenires é cada vez maior. Pode incluir agendas, cadernos de todos os formatos, canecas, sombrinhas, lenços e mesmo joias, mas também perfumes, especiarias e bebida, para ficar em apenas alguns itens. E, mesmo sem ter sido ainda consagradas na literatura como tal, o souvenir cultural já apresenta subcategorias, como o souvenir de modas, incluindo roupas e acessórios, ou o souvenir gastronômico, onde estão produtos com selo de origem, especiarias, bebidas ou os pratos da boa lembrança (ALMEIDA et al, 2014), introduzidos nos restaurantes.

O valor agregado nos bens intangíveis elaborados pela Economia Criativa deve ser colocado para valorizar o produto e/ou serviço, contribuindo para o local. Este aspecto também contribui com a sua exclusividade distinguindo-o dos produtos feitos em larga escala (LIMA, 2011/2012), e como os

categoriza Gordon, citado anteriormente, na sua classificação dos suvenires. As manifestações culturais, junto à criatividade, são as impulsionadoras da Economia Criativa, proporcionando a elaboração de bens e serviços criativos que em sua maioria conta a história de uma região ou local.

Para encerrar, destaque-se que o que diferenciaria o souvenir cultural dos brindes com logomarca de empresas, seria a sua função memorialística, e sua qualidade cultural ao se constituir em um objeto de qualidade artística, independente de sua situação de representar uma instituição, conforme prega a Economia Criativa. Exemplo expressivo seriam as camisetas, canecas e outros objetos criados para comercializar grandes shows musicais, e que acabam por ganhar vida própria e se perpetuar no tempo para muito além do espetáculo que representam.

ENCAMINHAMENTOS PROVISÓRIOS

As alterações na percepção do tempo e, portanto, nas concepções de memória, trazendo novo olhar sobre a Cultura (e sobre as viagens), levam a que o suvenir transcenda o turismo e se faça presente em novas situações, entre outras, agora associado à Economia Criativa. E para isso, a situação da Cultura, que de 'mera' significação como expressão criativa ou como acúmulo histórico patrimonial de bens materiais e imateriais, tornou-se um importante segmento de econômico, exige que a área passe



a considerar outros parâmetros para sua sustentabilidade, mesmo quando frente a proposta sem fins lucrativos. Para isso, enquanto conceitos, produção e comercialização, o *suvenir cultural*, como proposto nestes estudos iniciais, mostra sua qualidade e possibilidades de estudos, em múltiplas derivações.

O grupo Disney sinaliza caminhos, assim como a experiência da Pirâmide do Louvre e de outros grandes Museus. Mas o importante é considerar que a memória – e o colecionismo de objetos que ajudem a demarcar momentos, lugares e agora instituições – é parte integrante do modo de ser contemporâneo. Assim, poderíamos dizer que estamos qualificando o antigo colecionismo de cartazes de cinema, de programa de teatro ou mesmo dos tickets de ingresso, com novos objetos memorialísticos. A área cultural precisa tratar dessas questões com carinho, para que não sejamos vítimas de intervenções puramente mercadológicas, que ao invés de ampliar a presença do fato cultural, precarizam a sua inserção no rol das memórias pessoais e coletivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabele Oliveira; SALAZAR, Viviane Santos; LEITE, Yákara Vasconcelos Pereira. Consumidor colecionador de pratos da boa lembrança. **Rosa dos Ventos** – Turismo e Hospitalidade, v. 6, n. 1, p.76- 86, 2014.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Economia Criativa. Relatório da economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2012a.

_____. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2012b.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática,2000. Disponível em: http://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia São Paulo _Etica/Convite%20%20Filosofia%20 -%20Marilena%20Chaui.pdf. Acesso em: 10 fev. 2016.

COSTA, Aline de Caldas. Rumo à Economia Criativa: Artesanato e Turismo em Itabuna. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL,4., 2006, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2006. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/gt07>. Acesso em: 25 AGO 2016.

DE MARCHI, Leonardo. Analysis of the Secretariat of the Creative Economy Plan and the transformations in the relation of State and culture in Brazil. **Intercom**, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo , v. 37, n. 1, p. 193-215, 2014.

ESCALONA, Emilia García. De La relíquia al souvenir. **Revista de Filología Románica**, v. 4, p. 399-408, 2006.

GASTAL, Susana. O tempo na tissitura pós-moderna: entre o museu-acontecimento e o souvenir-memória, 2012. **Anais...** Disponível em: http://www.portcom.intercom.org. br/pdfs/82485475616077616163715567597342740708.pdf. Acesso em: 10 ago. 2016.



GORDON, Beverly. **The Souvenir:** Messenger of the Extraordinary. Journal of Popular Culture, Winter, p. 135-146, 1986.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Selma Maria Santiago. **Polos Criativos:** um estudo sobre os pequenos territórios criativos brasileiros. Brasileia: Ministério da Cultura, 2011/2012. Disponível em: http://docplayer.com.br/4184453-Polos-criativos-um-estudo-sobre-os-pequenos-territorios-criativos-brasileiros.html. Acesso em: 10 ago. 2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento:** uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Disponível em: http://www.isegnet.com.br/siteedit/arquivos/Economia_Criativa_Estrategias_Ana%20Carla_Itau.pdf. Acesso em: 10 fev. 2014.

SANTANA, Agustin. **Antropología y turismo:** nuevas hordas, viejas culturas. Barcelona: Ariel Antropología, 1997.

SOUZA, Ana Carolina Almeida. A Disney e ela mesma: considerações sobre a Metassimbologia. **Anais...** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE, 2012.



ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO EM UMA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

ANALYSIS OF THE CREATIVE PROCESS AT AN ADVERTISING AGENCY

Tais Bitencourt Valente (Feevale)¹ Cristiano Max Pereira Pinheiro (Feevale)² Dusan Schreiber (Feevale)³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo descrever como se dá o processo criativo em uma agência de publicidade e propaganda, entendendo-se por processo criativo o conjunto das etapas de exame, incubação, sonhos, entusiasmo e cair na real. Nos anos 90 o termo "indústrias criativas" foi cunhado para agrupar os setores nos quais a criatividade é matéria prima primordial. Portanto, pode-se incluir neste contexto o setor de publicidade e propaganda. Para atingir os resultados deste trabalho, procurou-se identificar, nos setores de Atendimento, Planejamento, Criação, Mídia e Produção, a possibilidade de existência do processo criativo, buscando-se observar também as peculiaridades desse processo criativo nos diferentes setores da agência, apontan-

do semelhanças e diferenças. Além da revisão bibliográfica, este estudo deu-se por meio de observação participativa e não participativa, através do acompanhamento de um trabalho numa agência de publicidade e propaganda de Porto Alegre / RS, desde o briefing até a entrega do produto criativo final ao cliente. Por fim utilizou-se a pesquisa comparativa para detectar as semelhanças e diferenças do processo criativo nos diferentes setores da agência. **Palavras-chave**: Processo criativo. Publicidade e propaganda. Criatividade. Indústrias Criativas.

Abstract: This paper aims to describe how the creative process is in an advertising agency, understanding for creative process the following steps: examination, incubation, dreams, enthusiasm and get real. In the 90s the term "creative industries" was coined to group the sectors in which creativity is primary raw material. Therefore, we can include in this context the advertising and publicity sector. To achieve the results of this study, we sought to identify the sectors Account Service, Account Planning, Creative, Media Buying and Production, the possibility of existence of the creative process. Also sought to observe the peculiarities of this creative process in different sectors of the agency and point out simila-

¹ Mestranda em Indústria Criativa pela Feevale. taisvalente@gmail.com.

² Doutor em Comunicação Social e professor do Mestrado em Indústria Criativa da Feevale. max@feevale.br.

³ Doutor em Administração e coordenador do Mestrado em Indústria Criativa da Feevale. dusan@feevale.br.



rities and differences of the creative process. In addition to the literature review, this study took place through participatory observation and not participatory by monitoring a job at an advertising agency and advertising of Porto Alegre / RS, from briefing to delivery of the final creative product to the customer. Finally, we used the comparative research to detect the similarities and differences of the creative process in different sectors of the agency.

Keywords: Creative process. Advertising. Creativity. Creative Industries.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo descrever como se dá o processo criativo em uma agência de publicidade e propaganda, sendo este um segmento compreendido pelas *indústrias criativas*.

De acordo com Bendassoli, Wood, Kirschbaum e Cunha (2008), nos anos 90 o termo indústrias criativas foi cunhado para agrupar os setores nos quais a criatividade é matéria prima primordial. Para Howkins (2013, p.12) esta indústria é o resultado do talento individual e da exploração econômica deste talento, gerando valor e riqueza em forma de um produto criativo. Já em estudo realizado pela UNC-TAD – *United Nations Conference on Trade and De-*

velopment, defende-se que a indústria criativa é capaz de gerar novos empregos e renda, promovendo a diversidade cultural e o desenvolvimento humano, o que, por fim, é capaz de promover o crescimento econômico e o desenvolvimento (HANSON, 2012, p.224). No Brasil, segundo dados do Sistema FIRJAN de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) da indústria criativa cresceu 69,8% no período de dez anos, gerando um PIB de R\$126 bilhões ao ano.

Neste contexto inegável de crescimento econômico e desenvolvimento encontra-se a publicidade como um dos setores mais representativos da indústria criativa, pela sua própria natureza de transformação da criatividade em um produto criativo com alto potencial de comercialização e geração de valor econômico.

Portanto, pelo anteriormente exposto e pelo reconhecimento de que, como defende Howkins (2013, p. 14) um produto criativo com valor econômico reconhecível é resultado de uma atividade criativa, este trabalho tenta elucidar, num primeiro momento, questões sobre o talento criativo. Na sequência a investigação procura identificar onde (em que setores) e de que maneira se dá o processo criativo em uma agência de publicidade e propaganda, para então passar para a observação das peculiaridades, semelhanças e diferenças desse processo criativo nos diferentes setores da agência.



O TALENTO CRIATIVO

Florida (2011, p.21) considera a criatividade fator essencial para se viver e trabalhar nos dias de hoje. Porém, de acordo com Simonton (2000, p.152), apesar da significância e da onipresença da criatividade, somente a partir dos anos 60 e início dos 70 é que a Psicologia passou a realizar mais frequentemente pesquisas científicas sobre o tema.

A partir de então, muito se tem discutido sobre o tema, porém ainda não se chegou a um consenso entre os estudiosos da área em torno do conceito de criatividade. Apesar da crença no fato de que a criatividade é uma característica excepcional possuída por poucos, alguns estudos têm demostrado que os talentos excepcionais são mais desenvolvidos do que uma característica com a qual se nasce com ela (ERICSSON apud SIMONTON, 2000, p.152).

Todos nós somos criativos segundo o nosso próprio jeito, na forma como nos vemos e nos apresentamos para o mundo. Nossos lampejos de criatividade revelam nossa personalidade. Algumas poucas pessoas vão além e fazem de suas imaginações criativas o ponto central de sua vida profissional, não apenas em termos de sua personalidade, na forma como sobrevivem disso e auferem lucros com isso. (HOWKINS, 2013, p.13).

Ward, Smith e Finke (1996, p.190) afirmam que a capacidade criativa é uma propriedade essencial da cognição humana, ideia reforçada por Simonton (2000, p.152, tradução nossa⁴), que diz que "a criatividade é um fenômeno mental que resulta da aplicação de processos cognitivos comuns", o que permite crer que o pensamento criativo pode ser acessível a quase todas as pessoas. Este autor ressalta ainda que é preciso cerca de uma década de treino e prática para se desenvolver habilidades e conhecimento necessários para atingir a excelência em uma atividade, o que distancia ainda mais da crença de que os gênios criativos são pessoas dotadas de dons divinos.

De acordo com Florida (2011, p. 68) classe criativa é o grupo de pessoas envolvidas em atividades com o objetivo de "inovar de forma significativa". O autor aponta a existência de dois componentes da classe criativa: o primeiro é o "Centro Hipercriativo", formado por profissionais que se envolvem completamente no processo criativo, independente da natureza de sua profissão. Esses profissionais dedicam-se a gerar conteúdos inovadores, com utilidade e aplicação imediata. O segundo componente da classe criativa é o que o autor chama de "profissionais criativos", cuja função é valer-se de seu vasto conhecimento em determinada área para resolver problemas específicos inerentes à sua função profissional.

⁴ Do original: "creativity is a mental phenomenon that results from de application of ordinary cognitive processes".



O processo criativo segundo Howkins

Este estudo é baseado no conceito de HOWKINS (2013, p.37-38) para processo criativo, que é o conjunto dos cinco itens explicados a seguir:

- Exame: é o processo de avaliar e questionar atentamente as ideias e coisas.
- Incubação: é o tempo de repouso necessário para a maturação das ideias.
- Sonhos: é deixar que a mente vagueie livremente, aberta a influências externas, aos devaneios e ao desconhecido.
- Entusiasmo: é a permissão da impulsividade e da intuição, das respostas sem reflexão anterior, sem se preocupar com a sensatez.
- Cair na real: é a volta à realidade, depois dos sonhos e intuições. É dar-se conta de onde se está e analisar se as respostas que surgiram são coerentes ao problema inicial.

O autor ressalta que não existe uma ordem lógica no processo criativo, as etapas acontecem de acordo com o modo de pensar e agir de cada indivíduo.

Por fim, o resultado de todo esse processo poderá tomar a forma de um produto provido de valor comercial, o produto criativo.

O raciocínio criativo na publicidade

Vieira (2001, p.17) trata o processo criativo na publicidade como a soma de dois tipos de dados: o briefing, parte racional do processo, e as informações acumuladas ao longo da vida, que dizem respeito às emoções. O primeiro é o conjunto de informações sobre o produto ou serviço e a intenção que o departamento de marketing tem a respeito de como aquele produto ou serviço deve se posicionar diante do seu público alvo. A segunda é o conjunto de vivências que o publicitário traz consigo. A associação das vivências (emoções) ao briefing (razão) é o que faz a diferença na mensagem publicitária.

O autor explica que não existe fórmula para ser criativo e sim uma forma de agir, aberta a todo tipo de informação e a reflexão:

A criatividade é um estado latente em todos nós; não a ignorássemos tanto, não a desprezássemos tanto, não a maltratássemos tanto, provavelmente muitos mais de nós comporíamos o palco das pessoas chamadas iluminadas. Pode-se dizer que iluminado é aquele que não deixa faltar em sua lamparina o combustível que alimenta a chama. (VIEIRA, 2001, p. 19).

Sant'anna (1998, p. 147) concorda com o fato de não existirem fórmulas na propaganda, mas acredita que algumas práticas podem estimular o pensamento criativo, tais como ter clareza sobre qual problema a publicidade precisa resolver; procurar obter o máximo de informação possível em torno do tema; desenvolver número razoável de alternativas para resolver o problema; estabelecer prazos condizentes com o trabalho e realizar atividades que estimulem a imaginação.



METODOLOGIA

Para atingir os resultados deste trabalho, procurou-se identificar, nos diferentes setores de uma agência de publicidade e propaganda envolvidos no trabalho analisado, as peculiaridades, semelhanças e diferenças do processo criativo.

Além da revisão bibliográfica que serve como base teórica para a análise dos resultados obtidos, este estudo deu-se por meio de observação participativa e não participativa, através do acompanhamento de um trabalho na Selling Comunicação e Marketing, agência de publicidade e propaganda de Porto Alegre / RS, desde o briefing até a entrega do produto criativo final ao cliente. Para tanto foi observado, durante o período de 30/07/2016 a 29/08/2016, as etapas de elaboração de briefing, criação, produção e aprovação do trabalho intitulado *Audiovisual Competências*, realizado para o cliente Unicred Central RS.

De acordo com Peruzzo (2003), a observação participante é uma modalidade de pesquisa participante que "consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada". Desta forma o pesquisador pode observar os fatos "do lado de dentro" do fenômeno investigado, envolvendo-se pessoalmente nas atividades observadas, passando, de certo modo, a "assumir o papel do outro". Já a observação não participativa, segundo Ferreira, Tor-

rencilha e Machado (2012), é quando o pesquisador permanece alheio ao processo pesquisado, não se envolvendo diretamente nem interagindo com a comunidade e/ou objeto da pesquisa.

Por fim utilizou-se a pesquisa comparativa para detectar as semelhanças e diferenças do processo criativo nos diferentes setores da agência. Para Bulgacov (1998), este método permite estabelecer comparações entre setores diferentes de uma mesma organização, podendo assim identificar suas semelhanças e diferenças.

RESULTADOS OBTIDOS

O trabalho analisado teve o envolvimento dos departamentos de atendimento, criação, produção eletrônica e estúdio. Não houve envolvimento dos departamentos de mídia por se tratar de um material com veiculação interna (evento e intranet), e de produção gráfica por se tratar de uma peça eletrônica. O departamento de planejamento não se envolveu pontualmente neste trabalho, porém, no início do ano, foi desenvolvido o planejamento estratégico anual do cliente, que norteia todas as ações de comunicação realizadas durante o ano de 2016.

Apresenta-se agora todas as etapas deste trabalho, bem como a análise de como se deu o processo criativo em cada uma dessas etapas, de acordo com HOWKINS (2013).



Etapa 1: briefing

O trabalho teve início no setor de atendimento, responsável pelo relacionamento com o cliente e a elaboração do briefing, que é o documento com informações sobre as necessidades do cliente, o problema que se pretende resolver e os objetivos da campanha ou peça publicitária a ser elaborada.

O pedido do cliente em análise neste estudo é derivado de uma campanha de comunicação interna previamente criada, cujo objetivo era disseminar os valores que o cliente julga como essenciais para seus funcionários. A partir de uma linguagem já apresentada em outras peças publicitárias (com o tema super-herói), o cliente solicitou a criação de um audiovisual, a ser exibido em um evento de integração dos 150 colaboradores da Unicred Porto Alegre no dia 30/07/2016, em um hotel da cidade. O audiovisual tem como função apresentar o personagem criado - Capitão Competência - aos colaboradores, fazendo alusão às competências de cada colaborador da Unicred POA.

O papel do atendimento foi fazer a interface entre cliente e agência, transformando o briefing num Pedido Interno de Trabalho (PIT), documento que formaliza o trabalho no sistema operacional da agência.

Pode-se identificar, nesta primeira etapa de elaboração do briefing, apenas o item *exame* do pro-

Etapa 2: criação

Posteriormente a elaboração do PIT, o documento foi entregue à dupla de criação que, após reunião com o atendimento para passagem do briefing, realizou um brainstorming. Na sequencia a dupla apresentou várias ideias para o head de criação⁵ da agência e, junto com ele, concebeu uma linha criativa para o material. Essa linha criativa (a saber, fazer uma associativa entre as competências desejáveis para ser um bom profissional e os poderes dos super-heróis) foi materializada em forma de redação de uma sinopse explicando, em linhas gerais, a ideia e a linguagem do audiovisual.

Concebida a ideia criativa, a dupla de criação realizou uma reunião com o produtor eletrônico da agência, a fim de discutir questões técnicas da peça a ser desenvolvida. Depois da retomada do briefing e apresentação da ideia criativa, o produtor eletrônico pesquisou referências e definiu, junto à dupla de criação, que seriam duas as linguagens mais adequadas para o material em questão: pesquisa e "colagens" de cenas de filmes já consagrados com a temática super-herói, e a criação de um personagem próprio para a realização de uma animação.

cesso criativo de Howkins, pois o atendimento limitou-se a entender as necessidades do cliente e tirar dúvidas a respeito do trabalho a ser desenvolvido.

⁵ cargo equivalente a gerente de criação.



Na segunda etapa do trabalho, identificaram-se os itens *exame*, quando foi apresentado o briefing do trabalho à dupla de criação; *incubação* quando os criativos refletiram sobre o problema a ser resolvido; *sonhos* no momento em que a dupla realiza o brainstorming; *entusiasmo* quando as ideias foram apresentadas e defendidas para o head de criação; e cair na real quando a ideia criativa foi discutida com o produtor gráfico, que propôs formas de viabilizar o trabalho dentro do prazo e da verba disponíveis.

Para encerrar esta segunda etapa, os criativos defenderam a ideia criativa e formatos propostos para o audiovisual ao atendimento, aqueles dando argumentos para que este possa "vender" a ideia ao cliente.

Etapa 3: apresentação da ideia criativa

Nesta etapa, que consistiu na apresentação ao cliente da ideia criativa e formas de produção da mesma, não se deu o processo criativo, e sim a argumentação do atendimento sobre o resultado final de todo o processo: o produto criativo em forma de sinopse do audiovisual.

Etapa 4: desenvolvimento do roteiro

Após aprovação da ideia criativa pelo cliente, o trabalho voltou para a pauta do redator para que fosse redigido o roteiro do audiovisual. É neste momento que foram criadas todas as cenas do audiovisual, incluindo o texto da narrativa e a descrição das situações vividas pelos personagens que, através da sua atuação como super-heróis e dos seus super-poderes, passarão a mensagem de eficiência que o cliente quer transmitir aos seus colaboradores.

Aqui se verificou a ocorrência dos itens sonhos e entusiasmo quando da criação das personagens e situações do roteiro, e exame e cair na real quando o redator redige o texto, atentando para que o conteúdo desejado seja transmitido, seja factível dentro da linguagem aprovada pelo cliente (animação) e fique dentro do limite de tempo pré-estabelecido para o audiovisual (dois minutos de duração).

Etapa 5: apresentação e ajustes do roteiro

O material é, mais uma vez, apresentado ao cliente, que avalia questões como forma, conteúdo e pertinência com o briefing.

Neste momento do trabalho começa a acontecer uma sucessão de alterações no material. A fim de tornar mais claro o fluxo do trabalho e sua análise, faz-se aqui o registro dessas várias alterações, porém não se descreve todas elas. Não cabe aqui analisar o motivo dessas alterações (que podem acontecer devido ao briefing incorreto e/ou incompleto, produto criativo que não obedece ao briefing, mudança de briefing no decorrer do trabalho, defesa inconsistente do material apresentado, entre outras



razões), e sim o impacto delas no processo criativo. O que se vê é que, diante dos vários pedidos do cliente de inclusão e supressão de informações e mudanças no estilo e técnica do roteiro, o processo criativo cessa, transformando-se em uma atividade quase burocrática de realizar os ajustes solicitados. O trabalho "mecânico" segue até que o roteiro seja totalmente aprovado pelo cliente. Portanto, pelo acima exposto, não se detectou a ocorrência do processo criativo na realização da maioria dos ajustes ocorridos nesta etapa.

Etapa 6: criação do storyboard

Com o roteiro aprovado, a próxima etapa do trabalho foi a construção do *storyboard*. O diretor de arte ilustrou as principais situações roteirizadas, passando a representar graficamente personagens e quadros de ação que foram anteriormente descritos. Estas ilustrações servem como guia para o desenvolvimento das demais ilustrações, que irão conferir movimento ao audiovisual.

Como neste momento o trabalho é representar graficamente situações anteriormente criadas, verificou-se a ocorrência das etapas de *exame*, *sonhos* e *cair na real*.

Aqui se realizou também o orçamento final do trabalho, já com roteiro, técnica e duração do material definidos.

Etapa 7: apresentação e ajustes do storyboard

O *storyboard* foi apresentado ao cliente, que solicitou alguns ajustes. O trabalho foi alterado pelo diretor de arte consecutivas vezes, até sua aprovação definitiva. Idem ao item 5, como os ajustes solicitados foram totalmente direcionados pelo cliente e apenas executados pelo diretor de arte, considerase inexistente o processo criativo nesta etapa.

Etapa 8: finalização do storyboard

A arte-final é uma etapa essencialmente técnica, que prepara o arquivo para a produção, neste caso para a animação. Portanto, nesta etapa não se deu o processo criativo.

Etapa 9: produção do audiovisual

A produção dos materiais criados por uma agência de publicidade e propaganda é, via de regra, terceirizada. O presente trabalho foi produzido por uma produtora de áudio e vídeo, que "deu vida" ao roteiro e *storyboard* criados pela dupla de criação. Este trabalho foi conduzido pelo produtor eletrônico, que fez a interface entre a agência e o fornecedor.

O trabalho da produtora consistiu em ilustrar mais detalhadamente o *storyboard* feito anteriormente, criando mais quadros e posições diferentes para as personagens. Após essa etapa de ilustração, iniciou-se a animação propriamente dita.



Toda a evolução do trabalho foi sendo apresentada ao produtor eletrônico e à dupla de criação na medida em que ia sendo realizada. Desta forma a agência supervisionou e influenciou no trabalho durante todo o processo.

Nesta etapa observou-se a ocorrência dos itens exame e cair na real, da parte da dupla de criação e do produtor eletrônico que conduziam o trabalho criativo da produtora, e os itens sonhos, entusiasmo, exame e cair na real durante o processo de animação, edição e sonorização do audiovisual realizado pela produtora.

Etapa 10: apresentação e ajustes do audiovidual

O audiovisual foi apresentado ao cliente e aprovado com poucos ajustes, visto que o acompanhamento intensivo da dupla de criação corrigiu eventuais desvios de rota durante o próprio processo de edição do material. Como o roteiro e o *storyboard* já haviam sido alterados diversas vezes anteriormente, a agência tinha pleno conhecimento das expectativas do cliente. Devido aos ajustes totalmente indicativos solicitados pelo cliente, também não foi observado na etapa de ajustes do audiovisual a ocorrência do processo criativo.

Etapa 11: entrega do material

Após correções pontuais, o material foi entregue ao cliente e exibido no evento ao qual se destinava.

ETAPA DO TRABALHO	DEPTO DA AGÊNCIA ENVOLVIDO	ITENS DO PROCESSO CRIATIVO*
Briefing	Atendimento	Exame
Criação	Atendimento dupla de criação produtor eletrônico	Exame incubação sonhos entusiasmo cair na real
Apresentação da ideia criativa	Atendimento	Não ocorreu o processo criativo
Roteiro	Redator	Sonhos entusiasmo exame cair na real
Apresentação e ajustes do roteiro	Atendimento redator	Não ocorreu o processo criativo
Storyboard	Diretor de arte	Exame sonhos cair na real
Apresentação e ajustes do storyboard	Atendimento Diretor de Arte	Não ocorreu o processo criativo
Finalização	Estúdio	Não ocorreu o processo criativo
Produção	Dupla de criação produtor eletrônico	Exame cair na real
	Fornecedor	Sonhos entusiasmo exame cair na real
Apresentação e ajustes do audiovisual	Atendimento dupla de criação produtor eletrônico	Não ocorreu o processo criativo
Entrega do material	Atendimento	Não ocorreu o processo criativo

^{*}Processo criativo de acordo com HOWKINS (2013, p.37-38)

Quadro 1 - Comparativo da ocorrência do processo criativo em cada item do trabalho analisado



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da afirmativa de Sampaio (1999, p. 51) de que o principal papel de uma agência de publicidade é "a criação das melhores alternativas de propaganda para cada problema de cada cliente", observa-se uma evolução constante no mercado publicitário. Fatores como a cocriação com o cliente, a necessidade cada vez maior de agilidade nas respostas e as verbas publicitárias cada vez mais enxutas vêm forçando uma mudança de postura. Mais do que fazer peças publicitárias super criativas, as agências precisam entender do negócio do cliente para se diferenciarem.

Essa evolução do papel da publicidade exige cada vez mais profissionais multifacetados, criativos e estratégicos, independente da função que possuem dentro da agência.

Esta observação permite concluir que, no trabalho analisado, o atendimento limitou-se a intermediar as relações entre cliente e demais departamentos da agência, podendo ter contribuído mais na diminuição do número de ajustes no trabalho. Uma vez exercendo o papel de representante das necessidades do cliente dentro da agência, se completamente em sintonia com ele, saberá transmitir suas necessidades à equipe que vai realizar o trabalho e também avaliar se o mesmo está adequado ao briefing, antes de submetê-lo a aprovação.

Por outro lado, observou-se do produtor eletrônico um papel fundamental para o desenvolvimento criativo do trabalho, função esta, via de regra, essencialmente técnica. No caso analisado, a atuação deste profissional pesquisando e apontando referências e técnicas possíveis de serem empregadas definiu os rumos do trabalho da dupla de criação.

Sobre o processo criativo, observou-se que, depois da concepção da ideia criativa, as etapas a seguir são muitas vezes mais técnicas do que criativas. No acompanhamento e análise do trabalho aqui apresentado, pode-se observar que, excetuando a etapa de briefing, sempre que se deu o processo criativo os itens exame e cair na real estiveram presentes. Conclui-se, portanto, que o trabalho publicitário é, muitas vezes, mais técnico do que criativo, mesmo o realizado no departamento de criação. O profissional criativo deixa a mente vaguear livre, sem censura e sem muita reflexão apenas no início do processo, quando da concepção da ideia criativa. Porém, uma vez que o trabalho publicitário consiste em resolver um problema através de uma peça de comunicação, o trabalhador criativo está a todo o momento revisitando o briefing e voltando aos itens exame e cair na real, para que o foco do trabalho não se desvie.

Outro fator observado é que, não raro, não há tempo para *incubação*. A teoria mostra que uma ideia deve repousar, amadurecer. Howkins (2013, p. 38) diz que "a pessoa criativa deve reconhecer quan-



do a incubação se faz necessária e deve ter recursos suficientes (dinheiro, tempo, etc.) para sustentá-la". O que se pode observar é que o tempo é um recurso cada vez mais escasso em uma agência de publicidade e propaganda.

Uma questão que deve ser discutida em profundidade é a administração da criatividade. Se as indústrias criativas têm como premissa básica a criatividade como matéria prima primordial, como será possível administrar o processo criativo e fazer dele parte de uma atividade rentável, posto que o resultado dessa atividade depende intimamente deste bem intangível e incomensurável? Faz-se necessário um estudo aprofundado acerca de como administrar o trabalho criativo sem que o foco no resultado da indústria seja nefasto à criatividade.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, Pedro F., WOOD JR, Thomaz, KIRS-CHBAUM, Charles e CUNHA, Miguel Pina e. Indústrias criativas: definições, limites e possibilidades. **RAE-Revista de Administração de empresas**. Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas, São Paulo, SP. Jan./mar. 2009. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

BULGACOV, Sérgio. Estudos Comparativo e de Caso de Organizações de Estratégias. Revista **Organizações & Sociedade (O&S).** Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. Vol 5, n. 11. Jan. a abr. 1998. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/osoc/v5n11/01.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FERREIRA, Luciene Braz, TORRECILHA, Nara e MACHA-DO, Samara Haddad Simões. A técnica de observação em estudos de administração. **ANPAD-Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração**. Rio de Janeiro, RJ. 22 a 26 set. 2012. Online. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FINKE, Ronald A., WARD, Thomas B., SMITH, Steven M. Creative Cognition: Theory, Research, and Applications. Bradford Book, 1996.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

HOWKINS, John. **Economia Criativa**: como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo, SP: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2013.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: INTERCOM 2003 – XXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. **Anais...** Belo Horizonte, MG. 02 a 06 set. 2003. Online. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf. Acesso em: 26 jul. 2016.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**: como usar a propaganda para construir marcas de sucesso. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1999.

SANT'ANNA, Armando. **Propaganda**: teoria, técnica e prática. 7. ed. rev. São Paulo, SP: Pioneira, 1998.



SIMONTON, Dean Keith. Creativity: Cognitive, Personal, Developmental, and Social aspects. **American Psychologist**, Vol. 55, n. 1, p.151-158, jan 2000.

VIEIRA, Stalimir. **Raciocínio criativo na publicidade**: uma proposta. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001, 2. ed.



"A GENI" MORA AQUI?!: FEMINISMOS E VIOLÊNCIAS

GENI LIVES HERE?! FEMINISMS AND VIOLENCES

Tatiana Marques da Silva Parenti Filha (UFRGS)¹
Tatiane Plentz (SMEE)²
Kênia Carvalho da Silva (SMEE)³

Resumo: O presente texto trata-se de uma reflexão sobre as diferentes formas de violência que mulheres têm vivido reiteradamente em nossa sociedade, bem como algumas ações que realizamos para desnaturalizar tais situações. Selecionamos duas situações ocorridas em ambiente escolar que intitulamos cenas da vida de Geni para descrever, analisar e problematizar, multiplicando olhares, sentidos das relações de poder envolvidas nas cenas. A partir de tais análises organizamos um colóquio para ampliar a discussão acerca das diferentes formas de violência a que mulheres são submetidas diariamente. No colóquio propomos pensar junto com os diferentes sujeitos, instituições e setores sociais os trânsitos e as formas como as mulheres têm sido vistas, pensa-

das e tratadas. Objetivamos com essa reflexão multiplicar os olhares, sentidos, lacunas e possibilidades destas ações, a fim de multiplicar iniciativas de combate à invisibilidade a violência cotidiana que meninas e mulheres são submetidas diariamente, numa sociedade em que "Geni" somos todas em algum momento de nossas vidas, com vistas a construção de uma sociedade equânime.

Palavras-chave: Relações de gênero. Escola. Violências. Relações de poder.

Abstract: This text it is a reflection about the different forms of violence that women have repeatedly been living in our society, as well as some actions we take to denature such situations. We selected two situations that occurred in school environment that have entitled scenes Geni's life to describe, analyze and problematize, multiplying viewpoints, sense of power relations involved in the scenes. From these analyzes organized a colloquium to broaden the discussion about the different forms of violence to which women are subjected daily. In the conference we propose to think along with the different individuals, institutions and social sectors transits and the ways in which women have been seen, thought

¹ Mestre em Educação (UFRGS), doutoranda em Educação (UFRGS), especialista em Culturas Juvenis, Subjetividade e Educação (UNILASALLE), licenciada em Filosofia (UNISINOS) tatianafilha@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia (UNINTER), Curso Normal (Instituto Estadual de Educação Professor Pedro Schneider) e Assessoria pedagógica SMEE. taty.aplentzs@gmail.com

³ Bacharel em Direito (ULBRA), Magistério (LA SALLE) e Assessoria pedagógica SMEE. kenia.carva@hotmail.com



and treated. We aim with this reflection multiply the looks, way, gaps and possibilities of these actions in order to multiply to combat invisibility initiatives everyday violence that girls and women are subjected daily, in a society where "Geni" we are all at some point in our lives with a view to building an equitable society.

Keywords: Gender Relations. School. Violences. Power Relations.

CENAS NO CONTEXTO ESCOLAR: FACES DA "GENI": UMA INTRODUÇÃO

Somos professoras da rede municipal de Esteio. Atualmente trabalhamos como assessoras pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação e Esportes (SMEE), sendo requisitadas por equipes diretivas e educadores/as⁴ para auxiliar tanto na reflexão, quanto nos encaminhamentos de situações envolvendo conflitos decorrentes de questões de gênero e sexualidade no contexto escolar. Para este texto, selecionamos duas situações ocorridas na rede municipal de ensino que intitulamos *cenas*, para descrever, analisar e problematizar, multiplicando olhares, sentidos e relações de poder em tais situações. Onde o poder, a partir do pensamento de Michel Foucault

(2003, p.175), "não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força". De maneira geral, os/as profissionais que trabalham na instituição escola pouco propõem reflexões relacionadas a tais conflitos em seu cotidiano, contudo, proliferam-se no contexto escolar situações que revelam violência simbólica, práticas discriminatórias e, em casos extremos, agressões físicas, verbais e evasão escolar.

Intitulamos a presente reflexão "A Geni estuda aqui?!": Reflexões sobre gênero no contexto escolar em alusão à música "Geni e o Zepelin", de Chico Buarque de Holanda, composta para o musical Ópera do Malandro, do mesmo autor, lançado em 1978. A letra descreve a história de Geni, uma travesti que era hostilizada na cidade onde vivia: "Dá-se assim desde menina na garagem, na cantina, atrás do tanque, no mato. É a rainha dos detentos, das loucas, dos lazarentos, dos moleques do internato. E também vai amiúde com os velhinhos sem saúde e as viúvas sem porvir. Ela é um poço de bondade e é por isso que a cidade vive sempre a repetir: Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um!

⁴ Por uma posição política e teórica escrevemos as palavras com terminação indicada para o masculino seguida de barra e a terminação indicada para o feminino por uma questão de representatividade de gênero.



Maldita Geni! ". A cidade é visitada por um Zepelin que destrói os lugares por onde passa. Ocorre que o comandante se encanta com os dotes de Geni, e esta acaba sendo, provisoriamente, tratada de um modo diferenciado pelos seus detratores. Assim é convencida a ter relações sexuais com o comandante do Zepelin, em troca de poupar a cidade da destruição: "Acontece que a donzela (E isso era segredo dela) Também tinha seus caprichos e ao deitar com homem tão nobre, tão cheirando a brilho e a cobre, preferia amar com os bichos. Ao ouvir tal heresia a cidade em romaria foi beijar a sua mão. O prefeito de joelhos, o bispo de olhos vermelhos e o banqueiro com um milhão: Vai com ele, vai, Geni! Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar. Você vai nos redimir. Você dá pra qualquer um Bendita Geni!" Passada a ameaça, ela retorna ao seu dia-a-dia normal, voltando a ser tratada como alguém que merece todo tipo de mau trato: "Num suspiro aliviado ela se virou de lado e tentou até sorrir; Mas logo raiou o dia e a cidade em cantoria não deixou ela dormir. Joga pedra na Geni! Joga bosta na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni! "

Essa narrativa fictícia demonstra o grau de intolerância e hipocrisia relacionado à sexualidade, em especial à feminina. Enquanto servindo às necessidades sociais, o corpo feminino é valorizado e destacado. No momento em que se torna livre e autônomo, deixa de ser "bendito" e passa a carregar o peso e a cobrança da "moral" e dos bons costumes.

Nesta perspectiva, trazemos à tona duas cenas do cotidiano escolar. Aparentemente cenas desconectas e independentes. Mas se analisadas com mais cuidado, podemos perceber a estreita relação entre estas cenas, Geni e tantos outros corpos femininos, todos os dias acusados, acuados, agredidos e explorados.

As cenas escolhidas para descrever e problematizar esta reflexão tratam de situações distintas ocorridas em duas escolas da rede municipal. Em ambas, os conflitos não foram desencadeados por atitudes das alunas envolvidas, contudo, no decorrer dos encaminhamentos, foi atribuída a elas a centralidade dessas situações. Tais encaminhamentos foram pautados em concepções moralistas, machistas e sexistas, haja vista que o *machismo* se manifesta de diversas formas: desde uma palavra que ofende, menospreza e/ou inferioriza a pessoa - pelo fato de ser mulher - até formas de violência consideradas mais graves como a violência física, sexual e patrimonial (Balestrin, 2007).

Na descrição das cenas selecionadas para desenvolver essa reflexão as meninas posicionadas como protagonistas de tais situações foram julgadas e, por isso, as denominamos, respectivamente, como "Geni Um", por se tratar da aluna protagonista da primeira cena descrita que denominamos "Geni no banheiro da escola" e "Geni Dois", a aluna protagonista da segunda cena que intitulamos "A escolha e o julgamento de Geni". Não poderíamos, no entanto, dar início a descrição e problematização de



tais cenas sem situar a palavra protagonista. Segundo o dicionário Houaiss, de língua portuguesa, por protagonista (s.m e s.f) "compreende-se pessoa que possui um papel relevante ou de destaque numa situação, acontecimento". Contudo, acreditamos que tais meninas receberam destaque e relevância negativa sob o julgo de adultos, homens e mulheres que as recriminaram, insultaram e excluíram do ambiente escolar, que as inferiorizaram e humilharam, assim como Geni de Chico Buarque e muitas de nós em nosso cotidiano e ao longo de nossas vidas.

CENAS NO AMBIENTE ESCOLAR: VIOLÊNCIAS E INVISIBILIDADE

Cena 1: "Geni no banheiro da escola"

"Dá-se assim desde menina Na garagem, na cantina Atrás do tanque, no mato" (HOLANDA,1978.)

"É que tinha uma guria que tava afim de um guri há um tempão, mas ele não queria ficar com ela. Então um dia, numa aula de Educação Física, o guri chamou ela no banheiro e disse que pra ela ficar com ele, ela tinha que fazer um "boquete" em um outro guri... E ele chamou esse outro guri e ela fez, ali mesmo, no banheiro da escola. Só que daí ele disse que depois disso ele estava com nojo dela e que não ia ficar com ela. E ela ficou com raiva e saiu do banheiro correndo e beijou o primeiro guri que encontrou no pátio. Só que o guri que ela fez o "boquete" contou pra todo mundo. Dizem, que o pai dela bateu nela de cinta na rua, na frente da casa dela. Daí os pais deles foram chamados e eles saíram da escola e até hoje tem gente que passa na frente da casa dela, ela mora aqui pertinho da escola, e chama ela de tudo. Dizem até que filmaram com o celular!"

Esse registro é oriundo da escuta de seis colegas de escola dos jovens envolvidos nessa situação. Foi coletado em uma conversa no grupo focal durante a pesquisa para a elaboração de minha dissertação⁵. Indaguei-as sobre o que pensavam sobre tal situação e as jovens explicitaram que "achavam muito errado", pois "todo mundo 'tava' falando da guria". "Ela estragou a vida dela" – ressaltou uma delas. Indaguei-as sobre o que aconteceu depois do "episódio do banheiro", e elas explicaram que ficou mais difícil "ficar" com alguém dentro da escola, pois agora os banheiros ficavam chaveados.

Ao conversar com a equipe pedagógica sobre tal situação, as professoras se declararam "chocadas" com o fato ocorrido. "Que foi uma situação difícil de ser encaminhada", pois, após uma reunião com os pais dos alunos/as dessa turma foi decidida a saída definitiva de "Geni Um" e do aluno, que recebeu o sexo oral, da escola. Segundo as educadoras

⁵ MEIRELLES, Tatiana. "Pegar, ficar" namorar... Jovens mulheres e suas práticas afetivo/sexuais na contemporaneidade. UFRGS, 2011.



integrantes da equipe diretiva "não havia condições dos mesmos permanecerem na escola". Perguntamos, então, como tal situação fora encaminhada junto aos professores/as, e fomos informadas de que ocorrera uma reunião pedagógica, na qual o afastamento da aluna e do aluno tinham sido decididos coletivamente. Nesta situação, todos os olhares foram focados na menina que realizou o sexo oral, dando centralidade a ela e às possíveis e hipotéticas consequências desse ato, como a possibilidade de alguma criança ter entrado no banheiro no momento em que o fato ocorria, ou ainda, de tal prática ser repetida, de que poderiam fazer "coisas piores" entre outras hipóteses. Em momento algum os adultos refletiram sobre o envolvimento do menino que solicitou que a menina fizesse sexo oral em outro menino como condição para ele a beijar, ou do menino que serviu de mensageiro e articulador da situação. Todos os relatos, sejam das alunas ouvidas que souberam de partes dessa história pelos corredores da escola, seja dos/das professoras, como da equipe diretiva, a centralidade estava na "Geni Um" e em como punir os envolvidos. Não havendo reflexões das razões que desencadearam tal situação, escuta de como a garota e os garotos se sentiram e como se envolveram de fato no ocorrido.

Ainda hoje, muitas das construções socioculturais em torno do "*universo feminino*" são pautadas em concepções essencialistas de docilidade, sensibilidade, discrição, passividade (PERROT, 2007), en-

tre outras, uma vez que essa foi e em muitos locais ainda \acute{e} a narrativa dominante quando se trata da constituição do feminino e das expectativas acerca dos modos de ser mulher. Nesta perspectiva não se concebe o fato de que jovens mulheres desejem e anseiem as práticas de afetividade e sexualidade tanto quanto os garotos. Contudo "os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta" (BUTLER, 1999, p.154). Frente a tal fato, surgem reações repressivas e agressivas, afim de punir tais transgressões e reafirmar comportamentos adequados às normas vigentes impostas. Essa é a concepção que nos parece pautar a repugnância como reação ao comportamento dessa jovem. O fato desse grupo de pessoas não compreender e aceitar que essa e outras jovens mulheres anseiam e desejam as práticas de afetividade/ sexualidade tanto quanto os homens. Em nenhum momento foi questionado ou refletido o fato dessa menina ter sido chantageada e, talvez, coagida por seus colegas à prática do sexo oral. É unânime que tais práticas sejam inadequadas e devam ser proibidas no ambiente escolar. O que nos questionamos é sobre a ausência de escuta e reflexão sobre tais fatos, sobre a falta de diálogo com os alunos dessa escola, sobre como podem ou devem ser as dinâmicas de afetividade. O que é se valorizar? O que cada um/ uma de nós já fez para conquistar alguém? O que temos direito ou não de exigir, esperar, solicitar ao outro que gostamos? Essas são algumas das ques-



tões que poderiam ser pautadas a partir de tal cena. Em vez disso... Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni!

Cena 2: "A escolha e o julgamento de Geni"

"Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar Você vai nos redimir Bendita Geni! (HOLANDA,1978)

O segundo caso veio à tona quando um aluno da EJA6 (Educação de Jovens e Adultos) de outra escola municipal suicidou-se. O rapaz de 17 anos foi para casa, após a aula e se enforcou. Segundo familiares, ele sofria de depressão desde que fora abandonado pelos pais na casa do avô, juntamente com irmãos mais novos. Na mesma noite do suicídio, os colegas da escola e alguns professores, através das redes sociais, começaram a especular sobre as possíveis causas da atitude do colega. Logo surgiram comentários de que ele seria "apaixonado" por uma colega, que seria namorada de outro. Segundo relatos de algumas professoras, o menino mantinha uma "paixão platônica" por essa menina, que chegou a ficar com o colega algumas vezes, mas não tinha interesse em namorar com ele. Uma profesUma dessas colegas era uma mulher em torno de cinquenta anos que, segundo relatos de alunos/ as e professores/as, inventava e aumentava fatos, incitando a turma e, principalmente, outra estudante de 16 anos da mesma turma, a agredir "Geni Dois". Essa menina passou a perseguir a colega insultando-lhe e ameaçando lhe bater.

As situações ocorridas no ambiente escolar reverberavam, diariamente, nas redes sociais, tendo inclusive a participação de professores no julgamento e desmoralização da aluna. A professora que tentara convencê-la de ficar com o colega se empenhava em apontar a "Geni Dois" como causadora desta fatalidade.

Após três semanas de discussões e brigas, a aluna pediu transferência para outra escola municipal

sora chegou a conversar com a aluna com o objetivo de convencê-la a namorar o garoto. No dia seguinte, todos compareceram ao enterro do aluno. Assim como os demais colegas, a menina também foi se despedir do amigo. Ao chegar, foi xingada, empurrada, levou tapas e cuspidas. Os professores presentes não tomaram nenhuma atitude, alegando que não poderiam "se meter", já que estavam fora do espaço escolar. A mãe dela teve que tirá-la do velório antes que apanhasse mais. Nas aulas seguintes a "Geni Dois" passou a ser alvo de vários episódios de brigas e provocações dos colegas de turma.

⁶ Educação de Jovens e Adultos.



próxima a esta. Como a comunidade era praticamente a mesma, quando "Geni Dois" chegou à nova escola, a versão sobre o suicídio do colega, em que a posicionava como culpada, já se espalhara e fora absorvida por alunos e professores desta segunda escola, por decorrência, as provocações continuaram. Tal situação tomou proporções que extrapolaram os muros das referidas escolas e comunidades até que a família resolveu sair da cidade.

Como apontado anteriormente, de maneira geral em nossa sociedade, as meninas são criadas para serem contidas e recatadas no que se trata de sexualidade. Desde muito cedo as orientamos a fechar as pernas, falar baixo e "se comportar", como uma princesa. Pois que as criamos para serem "salvas por um príncipe". Tais discursos vão sendo repetidos e cristalizados como verdades. De acordo com Foucault (1995, p.12) "os discursos enunciados em determinadas épocas constituem regimes de verdades nas sociedades em que são proferidos e reafirmados, onde "cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros". Partindo de tais "verdades", enquadramos e excluímos os sujeitos, entre outros, por seus comportamentos. A "Geni Dois", ao contrário da situação da aluna narrada na cena anterior, foi julgada e agredida por não ter se relacionado com o colega que queria ficar com ela. O que nos leva a refletir quão perversa e discriminatória é a sociedade em que vivemos, na qual a mulher é vista e julgada a partir da expectativa do homem. Neste caso, assim como a Geni da música do Chico Buarque deveria servir à necessidade da sociedade naquele momento (apaziguar a fúria do comandante do Zepelin), "Geni Dois" deveria ter ficado com seu colega, para que ele se sentisse melhor, tivesse um sentido para a sua vida. Não importando o que essa jovem sentia por ele, ou planejava para si. "Vai com ele, vai, Geni! Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar. Você vai nos redimir. Você dá pra qualquer um Bendita Geni!"

RESPONSÁVEIS SOMOS TODOS/AS NÓS...

"(...) é por isso que a cidade vive sempre a repetir: Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni!"(HOLANDA,1978)

Tais narrativas nos impeliram a refletir sobre a implicação dos educadores/as nestas situações, não no sentido de avaliar os encaminhamentos docentes, muito menos de julgar moralmente tais práticas juvenis, mas, talvez, de pensar acerca da importância da escola, enquanto espaço de convivência para os/as jovens de periferia. Ao que parece eles/elas atribuem à escola um papel que não está na lista de suas funções usuais. Aliás Dayrell (1999, p. 144) já destacava a importância de olhar-se a escola como um espaço sociocultural ao salientar que "a escola é polissêmica (...) e que não podemos considerá-la como um dado universal, com um sentido único,



principalmente quando esse é definido pelos sistemas ou pelos professores". Assim, segundo o referido autor ela é tanto o lugar de conviver com os amigos, quanto o lugar onde se aprende a ser educado, e, ainda, o lugar onde se aumentam os conhecimentos ou "onde se "tira" o diploma que possibilita passar em concursos". A escola é também o lugar onde as identidades sociais podem ser (re)produzidas, (re)significadas, problematizadas ou reafirmadas. E junto com os estudantes, a escola recebe através de seus corpos, suas práticas e seus discursos, a sexualidade, pois "a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". (LOURO, 2008, p. 81).

O desfecho das duas cenas foi a saída das *Genis* da escola. Em nenhum momento a palavra expulsão é explicitada, contudo, os relatos apontam que as alunas passaram a ser alvo de brincadeiras jocosas, comentários agressivos, distanciamento de colegas, entre outras situações que as levaram a, junto com suas famílias, decidir a sair das escolas em que estudavam e se afastaram dessas comunidades. Tais comunidades escolares não reconhecem estes afastamentos como resultantes de seus encaminhamentos, silenciam-se, isentam-se e incentivam o desligamento como medida de segurança para as mesmas. O que nos aponta para o envolvimento de pais, colegas e educadores/as, ainda que estes não se vejam como parte dessas cenas, assim como para

as relações de poder envolvidas nelas, uma vez que acreditamos sermos corresponsáveis pelas relações sociais (re)produzidas no espaço escolar, como nos aponta Guacira Lopes Louro (2008, p.85)

Admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; (...) a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com a nossa participação ou omissão (...).

O não posicionamento frente às situações cotidianas e o silenciamento também demarca, inscreve e comunica. Pela perspectiva foucaultina, acreditamos que algumas escolas, ainda hoje, são instituições de regulação e vigilância por via de discursos e do disciplinamento dos corpos, visando produzir sujeitos obedientes e normatizados. O poder normalizador permeia todas as relações existentes no espaço escolar, criando padrões, sancionando condutas, punindo desvios. (FOUCAULT, 1987). Tais aprendizagens ocorrem no seio do cotidiano e das práticas escolares. Contudo, a escola é também lugar de resistência (...), de questionamentos, reflexões e produção de outros modos de ser. Nas duas cenas, a desigualdade entre gêneros é evidente e acentuada desde a maneira como os fatos inicialmente foram interpretados até o desfecho dos mesmos.



Segundo John Scott: "Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos, é a forma primária de dar significado ás relações de poder" (1995, p. 86). A maneira como os alunos e as alunas envolvidos/ as nas cenas descritas aqui foram posicionados/as e julgados/as corrobora e reafirma tais desigualdades existentes na sociedade em que vivemos. Em tal contexto, mulheres são subjulgadas, inferiorizadas, invisibilizadas e agredidas. As cenas descritas nesta reflexão são exemplos de realidades vividas, se não por todas, por muitas de nós, mulheres, cotidianamente. Contudo acreditamos que a função social da escola deva ir além de transmitir, (re) produzir conhecimentos e cidadãos normatizados ao convívio social, mas também, que seja "(...) indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz". (LOURO, 2008, p. 80-81).

Por acreditar que situações como as descritas neste texto sejam decorrentes de falta de reflexão e assunção de que as relações de gênero e sexualidade povoam e pertençam ao ambiente escolar, decidimos organizar um colóquio, a fim de ampliarmos a discussão acerca das diferentes formas de violência a que mulheres são submetidas diariamente. Intitulamos o colóquio e a presente reflexão de "A Genimora aqui?!":

Feminismos e Violências.

Neste colóquio propomos pensar junto com os diferentes sujeitos, instituições e setores sociais os trânsitos e a forma como as mulheres têm sido vistas, pensadas e tratadas. Esse colóquio foi um momento muito rico de debates e reflexões acerca dos lugares ocupados pela mulher em nossa sociedade. Lugares esses em que horas somos posicionadas, hora nos posicionamos. Debatemos com mulheres e homens de diferentes instituições sociais. Profissionais atuantes na área da educação, saúde, assistência social, segurança e diversos atores/atrizes da sociedade civil, cidadãs e cidadão que relataram diferentes formas de violência endereçadas à mulher em diferentes momentos da sua vida e, portanto, de diferentes faixas etárias. Mapeamos e avaliamos as políticas públicas e serviços disponibilizados na cidade para o atendimento e prevenção a violência contra as mulheres, desde a sua divulgação até a formação e perfil de quem faz tais atendimentos. Mais do que respostas e um diagnóstico fechado, nosso ganho situou-se no diálogo, nas percepções e vivências diferencias. Ampliamos nossa visão acerca das vivências e trânsito das meninas e mulheres em nossa cidade. Meninas/mulheres estudantes, meninas/mulheres trabalhadoras, meninas/mulheres desempregadas, meninas/mulheres deficientes, meninas/mulheres moradoras de rua, meninas/mulheres negras, meninas/mulheres indígenas, meninas/mu-



lheres transsexuais, meninas... mulheres que vivem essa condição das mais diferentes maneiras... A partir do referido colóquio constituímos um grupo de discussão permanente chamado "Geni" que pretende se reunir mensalmente para debater a situação da mulher em nossa cidade.

Objetivamos com essa reflexão multiplicar os olhares, sentidos, lacunas e possibilidades destas ações, a fim de multiplicar iniciativas de combate à invisibilidade, à violência cotidiana que meninas e mulheres são submetidas diariamente, numa sociedade em que "Geni" somos todas em algum momento de nossas vidas, com vistas a construção de uma sociedade equânime.

GENI TRÊS, GENI QUATRO, GENI CINCO... GENI SOMOS TODAS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS, ENCAMINHAMENTOS POSSÍVEIS – CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Bendita Geni!" (BUARQUE, 1978).

Pensamos que as ações aqui descritas são alternativas para possibilitar visibilidade e reflexões acerca das questões envolvendo gênero e sexualidade não só no contexto escolar, mas na cidade como um todo. São passos pequenos e, muitas vezes de importância negada, contudo, a cada passo que trilhamos juntas, pedras são recolhidas e não arremessadas.

Acreditamos que a sociedade urja de atitudes ativas de combate ao sexismo, respeito às múltiplas

sexualidades, identidades de gênero, enfim, respeite a todas as pessoas participantes das diversas instituições sociais que compõem a sociedade.

Geni Três: Minha mãe! Geni Quatro: Eu! Geni Cinco: Tu! Geni Seis: Tua irmã!

Geni Sete... E as pedras são a cada dia mais pesadas, violentas e nocivas.

Pedra: A desigualdade salarial entre os gêneros naturalizada em nosso país, mantêm-nos trabalhando a mesma quantidade ou mais horas e recebendo menos. Segundo o Observatório Brasil da Igualdade de gênero o Brasil apresenta um dos maiores níveis de disparidade salarial. No país, os homens ganham aproximadamente 30% a mais que as mulheres de mesma idade e nível de instrução.

Pedra: A violência doméstica, muitas vezes invisibilizada e reafirmada em nossa cultura, entre outras, por músicas, piadas e ditos populares, como "em briga de marido e mulher não se mete a colher", segue vitimando brasileiras. De acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) 43% das mulheres em situação de violência sofrem agressões diariamente; para 35%, a agressão é semanal. Em 2014, do total de 52.957 denúncias de violência contra a mulher, 27.369 corresponderam a denúncias de violência física (51,68%), 16.846 de violência psicológica (31,81%), 5.126 de violência moral (9,68%), 1.028 de violência patrimonial (1,94%), 1.517 de violência sexual (2,86%), 931 de cárcere privado (1,76%) e 140



envolvendo tráfico (0,26%). Dos atendimentos registrados em 2014, 80% das vítimas tinham filhos, sendo que 64,35% presenciavam a violência e 18,74% eram vítimas diretas juntamente com as mães.

Pedra: A violência sexual, que nos persegue desde os primórdios da humanidade, continua nos ferindo, conforme dados do Anuário 2013 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que apontou que em 2012 foram notificados 50.617 casos de estupro no Brasil, onde 88,5% das vítimas eram do sexo feminino, mais da metade tinha menos de 13 anos de idade, 46% não possuía o ensino fundamental completo (entre as vítimas com escolaridade conhecida, esse índice sobe para 67%), 51% dos indivíduos eram de cor preta ou parda e apenas 12% eram ou haviam sido casados anteriormente. Por fim, mais de 70% dos estupros vitimizaram crianças e adolescentes.

Essas são algumas das pedras que nos espreitam, das quais nós, mulheres, somos o alvo. Pedras, pedras e mais pedras decorrentes de uma ideologia patriarcal que demarca e determina as relações de poder entre homens e mulheres. Sob a égide da cultura machista, algumas vezes reproduzida e fortalecida pela escola, mulheres são posicionadas como objeto de desejo e propriedade do homem, tendo como consequência, entre outras, a naturalização dos diversos tipos de violência, além da culpabilização das vítimas.

Cenas como as descritas nesta breve reflexão, que apontam para a violência a que todas nós seguimos sendo submetidas, não podem ser discutidas isoladamente, como um fato escolar, ou uma "briguinha", mas devem ser analisadas e problematizadas, situando os sujeitos, as relações de poder e as relações histórico culturais a que todos/as nós estamos envolvidos/as. Não podemos mais fazer de conta que tais questões não nos dizem respeito, não fazem parte do contexto e realidade, pois tais questões são partes constituintes de todos/as nós, balizando o que e como falamos, fazemos, podemos e somos... Ops olha a pedra aí!

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, P. A. **Onde está a sexualidade?** Representação de sexualidade num curso de formação de professores. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Louro, Guacira L. (Org.) **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil**: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar) Brasília, março de 2014. IPEA.

Compromisso e Atitude. Disponível em: http://www.com-promissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-a-mulher/ Acesso em 06 ago. 2016.



FOUCAULT, M **História da Sexualidade II:** *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

HOUAISS. **Grande Dicionário online de Língua Portuguesa**. Disponível em: http://houaiss.uol.com.br/

LOURO, Guacir. NECKEL, Jane F., GOELLNER, Silvana V. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação, Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEIRELLES, Tatiana. "PEGAR, FICAR, NAMORAR..." Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Disponível em: http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/. Acesso em 06 ago. 2016.

PERROT, Michele. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise his-tórica de Joan Scott**. Educação & Realidade. Porto Alegre. vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.



A PRESENÇA DA ALTERIDADE NA TRADUÇÃO ESTRANGEIRIZANTE

THE PRESENCE OF ALTERITY IN THE FOREIGNIZING TRANSLATION

Valdirene Alves Fontanella (UniRitter)¹

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão, ao colocar em evidência um fenômeno que parece ser intrínseco tanto à natureza dialógica da linguagem, quanto à da tradução, o qual denomina-se alteridade. Percebe-se que a tradução de narrativas literárias é um meio propício para a observação e exemplificação de tal fenômeno, uma vez que sua presença pode ser analisada em diversas traduções já realizadas ao longo da história, entre as quais, distinguem-se as que seguiram pelo caminho da tradução domesticadora e as que foram conduzidas pela tradução estrangeirizante. Este trabalho propõe-se a analisar, por meio da leitura, como o fenômeno da alteridade apresenta-se como elemento fundamental na tradução interlinguística estrangeirizante de narrativas literárias. A fundamentação teórica acerca do tema alteridade, em uma perspectiva lingüístico-filosófica, baseia-se, principalmente, nas ideias de Lévinas e Bakhtin. Ao que se refere aos estudos da tradução, apóia-se nos estudos de Schleiermacher, Berman e Venuti. Espera-se que este trabalho possa contribuir como um estímulo à reflexão sobre os estudos de leitura e de tradução de narrativas literárias, levando-se em consideração o fenômeno da alteridade como base na relação ética que se instaura na tradução estrangeirizante.

Palavras-chave: Linguagem. Alteridade. Tradução.

Abstract: This paper proposes a reflection, highlighting a phenomenon that seems to be intrinsic both to the dialogic nature of language, as well to the nature of translation, which is called otherness. It is noticed that the translation of literary narrative is a suitable way for observation and illustration of this phenomenon, since this process can be evidenced in diverse translations of literary works already carried out throughout history, some of which followed the path of domesticating and other by foreignizing translation. This paper proposes to examine, by reading, how the phenomenon of otherness appears in the interlinguistic translation in order to highlight the presence of this element in literary narrative. The theoretical foundation about the topic of otherness, in a linguistic-philosophical perspective, is based mainly on the studies of Lévinas and Bakhtin. Refering to translation studies, it

¹ Estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter. Especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa. valfontanella32@gmail.com



is based on studies of Schleiermacher, Berman and Venuti. It is hoped that this work can contribute as a stimulus to reflection on the reading studies and translation of literary narratives, taking into account the otherness based on an ethical relationship that is established in a foreignizing translation.

Keywords: Language. Otherness. Translation.

INTRODUÇÃO

O autor, ao escrever suas obras, independente do gênero que segue a sua escrita, obviamente, usa uma língua que o representa e que também identifica culturalmente a sua narrativa. Uma obra literária costuma ser repleta de cultura, por refletir as tradições, a vida, a sociedade e seus costumes, assim como abrange e sinaliza um pouco do conhecimento de mundo que o autor e também o seu possível leitor possuem.

Por considerar todos estes fatores, sabe-se que traduzir uma obra literária é muito mais do que decodificar os códigos linguísticos de uma língua estrangeira, visto que a tradução trata-se de um amplo processo e envolve diversos elementos, entre eles a parte sociocultural, considerada como o elemento fundamental para a formação do caráter identitário da língua e de suas representações. Percebe-se que, ao longo das últimas décadas, grande parte dos estudos realizados na área dos Estudos

da Tradução têm discutido o papel da tradução, o qual, tradicionalmente, conduz à ideia de um dizer de outra forma, de um dizer pelo outro, mesmo que tenha que moldar esta fala para adaptar-se ao seu meio. Contrariando esta tradicional ideia, começou a se organizar uma noção de responsabilidade em função do que foi dito pelo outro. Assim, o pensamento contemporâneo que vem ocupando espaço nos Estudos de Tradução consideram a relação com o "diferente" como fundamental para a formação intelectual e cultural do indivíduo.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a evidência do fenômeno da alteridade no exercício da tradução literária que pensa na língua estrangeira a ser traduzida e na cultura do outro em primeiro lugar, com o objetivo de manter as estranhezas como uma forma de respeito e, também, como uma forma de enriquecer a cultura receptora de tal tradução. Ao se pensar na tradução não como um ato de repetição, mas como um meio de transformar um texto em outro texto, o qual procura manter e respeitar as estranhezas e excentricidades do primeiro, percebe-se que o fenômeno conhecido como "alteridade" encontra um campo de atuação que lhe pertence, e mostra-se como o princípio fundamental na prática da tradução conhecida aqui como "estrangeirizante", denominação esta, particularmente, dada por Lawrence Venuti.

O trabalho estrutura-se da seguinte forma: primeiramente é analisado como o fenômeno da alte-



ridade configura-se na linguagem, segundo os estudos da área linguístico-filosófica. Para isto, aborda as principais considerações realizadas por Mikhail Bakhtin e Emmanuel Lévinas. A segunda seção explora as ideias de Schleiermacher, Antoine Berman e Lawrence Venuti a fim de se observar a alteridade como o fenômeno que permeia o processo de tradução por eles defendido. Espera-se que o presente trabalho possa gerar uma reflexão sobre o concepção de tradução que prima por uma postura ética em relação ao outro, e que possui um importante papel social, ao manter os diversos elementos que envolvem a língua a ser traduzida, aproximando o leitor de uma outra cultura e, consequentemente, conduzindo-o à reflexão e à ação sobre a sua própria realidade.

A ALTERIDADE PRESENTE NA LINGUAGEM

Esta seção expõe algumas definições atribuídas ao fenômeno conhecido como "alteridade", sob uma perspectiva linguístico-filosófica. Para isto, o estudo realizado nesta seção apoia-se, principalmente, nas ideias de Lévinas e Bakhtin. Busca-se aqui analisar como esses teóricos, de áreas diferentes, mas afins, abordam a questão da alteridade e, especialmente, como este fenômeno torna-se visível no processo de tradução literária que opta pelo método estrangeirizante.

Iniciando sob uma concepção ampla e genérica, o termo alteridade compreende a figura do outro e expressa o modo como uma pessoa se relaciona com a outra e como essa relação acontece. A Grande Enciclopédia Larousse Cultural define o termo alteridade como o "estado, qualidade daquilo que é outro, distinto (antônimo de Identidade)" (1998, p.220). A mesma enciclopédia apresenta o significado de alteridade para a filosofia como "... a relação de oposição entre o sujeito pensante (o eu) e o objeto pensado (o não eu)" e, em relação à psicologia, como as "relações com outrem".

Ainda no âmbito da filosofia, o Dicionário de Filosofia de Abbagnano apresenta o termo Alteridade como: "ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro" (2007, p. 35). No E-dicionário de termos literários, Ceia (2015) define o termo em questão, em linhas gerais, como o fato ou estado de ser outro; a diferenciação do sujeito em relação ao outro, o que se opõe à identidade, ao mundo interior e à subjetividade. O autor ainda acrescenta que um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem no seu meio social tem uma relação de interação e dependência com "o outro". Por esse motivo, o "Eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com "o outro". Esse tema tem aparecido com frequência em estudos pós-coloniais, feministas, desconstrucionistas e psicanalíticos, assim como observa-se a presença, igualmente, no dialogismo de Bakhtin e na filosofia da ética de Lévinas.



A alteridade na filosofia de Lévinas

A nova filosofia proposta por Lévinas considera a ética como filosofia primeira e aborda o conceito de alteridade como o princípio fundamental das relações humanas. Para Lévinas (2009, p.28), o outro não é objeto de compreensão nem interlocutor, só se compreende uma pessoa "ao falar-lhe". Conscientizar-se sobre a existência do outro, deixando-a ser, é já ter aceitado essa existência. Porém, o "ter aceitado" e o "ter considerado" não correspondem a uma compreensão, a um "deixar ser". "Compreendo o outro, a partir de sua história, do seu meio, de seus hábitos". (LÉVINAS, 2009, p.28)

A filosofia de Lévinas aponta para uma responsabilidade que pode ser pensada na dimensão prática e ética dos deveres que a tradução, hoje, parece tentar seguir. Sabe-se que, tradicionalmente, os deveres da tradução partem da ideia de um dizer novamente, de dizer em nome do outro. A partir de então, instaurou-se a noção de uma responsabilidade que se organiza em volta do dito do outro. Contudo, o perfil da arte do pensamento contemporâneo não admite reduzir o outro apenas à esfera do dito, sem considerar, também, os silêncios que o constituem.

A noção levinassiana propõe a responsabilidade para o outro como o princípio ético da relação, porém não se limita apenas a uma forma de respeito, cuidado, solidariedade ou piedade para com um outro. Esse modo de relação com o outro tem também um papel fundante e constitutivo deste outro, possibilitando que o outro tenha o seu próprio espaço como um outro "outro", pelo fato de sua alteridade ser irredutível.

O outro é pensado em suas semelhanças e diferenças em relação a nós, mas também quanto àquilo que nele se diferencia além da relação que tem conosco. Pensar o outro a partir de suas continuidades e descontinuidades implica, também, pensar na possibilidade do corte e da interrupção serem considerados como gestos constitutivos da percepção do outro em sua alteridade.

Por meio de Lévinas, surge então uma reorientação como uma ética da não-indiferença na leitura do outro em tradução: a não-indiferença à tendência de reduzir o outro a um *continuum* de nós mesmos; a não-indiferença à condição de recorte e assinatura de toda a leitura; a não-indiferença ao trabalho de escutar, o qual funda toda a tradução. Conforme acrescenta Cardozo,

a responsabilidade para o outro revela-se com o próprio gesto da relação tradutória, um gesto que assina o outro com o nome do outro na relação. Um gesto que transforma o outro, a fim de mantê-lo como a força que ressignifica o eu. (CARDOZO 2013, p.33)



A alteridade nos estudos de Bakhtin

Toda a obra intelectual de Mikhail Bakhtin aborda a linguagem em uma dimensão social. O autor vê o sujeito como um indivíduo que se constitui discursivamente, na medida em que interage com vozes sociais que fazem parte de sua realidade semiótica. Para Pucci, "Essas vozes possibilitam o encontro do sujeito com as consciências de outros indivíduos, isto é, diferentes sentidos constituem o discurso do outro e abrem possibilidades para novas construções discursivas". (2011, p.44).

Para Bakhtin, todas as instâncias que constituem o sujeito, a sua consciência, o seu pensamento, a sua individualidade e responsabilidade são guiadas pelo fenômeno da alteridade. O sujeito para Bakhtin é inteiramente social, e assim nega a posição da consciência como individual e a ideologia como social. Dessa forma, "O indivíduo, enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos (...) apresenta-se como um fenômeno puramente sócio ideológico". (BAKHTIN, 2006, p.58).

A partir destas considerações, percebe-se que a teoria bakhtiniana fundamenta-se no discurso do Outro, porque é para o Outro que o sujeito se refere e também responde, concorda ou discorda, como explica Bakhtin:

Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre tem expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro, e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. O enunciado está voltado não só para seu objeto, mas também para os discursos dos outros sobre ele. (2006, p.300).

De acordo com Pucci (2011), a consciência do "Eu" se realiza e é percebida através da consciência que o outro tem sobre ela. As palavras do outro é impregnada de valores, de intenções, de um conjunto de ideologias que fazem parte de um grupo social e de uma época. A constituição do discurso do sujeito acontece de forma dialógica, quando ele entra na sequência da interação verbal,quando ele percebe as vozes e faz delas suas próprias palavras. Conforme Pucci afirma, "Em cada palavra ressoam duas vozes, a minha e a do Outro". (2011, p.45). Bakhtin também refere-se à palavra:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKH-TIN,1990, p.113).



O sujeito consciente é compreendido como um ser totalmente constituído no social, como se refere Bakhtin (2006, p.378):

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (...) e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo (...). Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro.

O ser humano considerado por Bakhtin também se constitui por meio da linguagem num contexto social concreto, e se constitui ao longo da vida numa relação de alteridade. Bakhtin defende a idéia de que o homem vive num mundo cercado pelas palavras do outro, desde o processo de assimilação inicial da fala até a assimilação das riquezas culturais humanas. O autor afirma que o sentido não está na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor, mas sim no processo animado da compreensão ativa e responsiva, fruto da interação entre eles. Para Bakhtin, a alteridade se encontra dentro do sujeito, e a linguagem é sempre do outro, fornecida pelo dado exterior e permanece alheia, embora o eu tente torná-la própria.

Para Bakhtin, os conceitos de dialogia e alteridade são muito importantes para a compreensão da linguagem. O autor define dialogismo como sendo o elemento fundador da natureza interdiscursiva da linguagem e o relaciona diretamente ao conceito de alteridade, pois, segundo ele, os indivíduos se constituem e se transformam sempre pela relação com o outro, ou seja, em uma relação de alteridade, em um processo que surge a partir de relações sócio históricas situadas temporalmente.

Bakhtin oferece uma reflexão que, embora trate do diálogo de culturas no campo da literatura, pode ser estendida à tradução como diálogo e interação entre culturas, como pode-se observar nesta passagem:

Existe uma concepção muito vivaz, embora unilateral e por isso falsa, segundo a qual, para melhor se interpretar a cultura do outro, é preciso como que transferir-se para ela e, depois de ter esquecido a sua, olhar para o mundo com os olhos da cultura do outro. É claro que certa compenetração na cultura do outro, a possibilidade de olhar para o mundo com os olhos dela é um elemento indispensável no processo de sua interpretação; entretanto, se a interpretação se esgotasse apenas no momento ela seria uma simples dublagem e não traria consigo nada de novo e enriquecedor. A interpretação criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a distância do intérprete - no tempo, no espaço, na cultura - em relação àquilo que pretende interpretar de forma criativa...



Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém sua unidade e sua integridade aberta, mas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 2003, p. 365-6).

Segundo a perspectiva bakhtiniana, a tradução é, portanto, uma espécie de estratégia dialógica para adentrar a cultura do outro, por meio de uma interpretação que aproxima, mas mantém as suas particularidades e a individualidade como marca de sua própria cultura. Assim, para Bakhtin, o tradutor deve utilizar todos os recursos lingüísticos que possui para recriar o espírito do texto original, o mais próximo possível, das formas de ser do outro, revelando a cultura estrangeira pela tradução.

A ALTERIDADE NA TRADUÇÃO ESTRANGEIRIZANTE

A presente seção tem como objetivo apresentar as teorias e reflexões realizadas por Scheleiermacher, Berman e Venuti, assim como outros autores que, em suas obras, consideram a o fenômeno da alteridade como a ética norteadora do método de tradução que respeita e preserva a identidade do Outro. Para isso, primeiramente, será realizada uma análise, com base, principalmente no estudo realizado por Snell- Hornby sobre como Venuti recepciona os conceitos mais importantes de Schleiermacher e, também, sobre os aspectos que não foram conside-

rados pelo teórico americano. A seguir, será exposto um panorama geral das propostas de Berman, as quais parecem unificar as idéias e as teorias de Schleiermacher e de Venuti, por meio da reflexão sobre a prática tradutória.

Schleiermacher e o interesse pelo Outro na tradução

Segundo a professora britânica de Estudos da Tradução Snell- Hornby (2012, p.188), em 24 de junho de 1813, Schleiermacher leu na Academia Real de Ciências, em Berlim, o seu ensaio " *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersezens*". Em seu discurso, o professor, tradutor e filósofo alemão ressalta que existem apenas dois possíveis métodos de tradução: o que leva o leitor até o autor, mostrando-lhe as diversidades existentes entre as culturas envolvidas, ou aquele tipo de tradução que leva o autor até o leitor, adaptando e modificando alguns elementos para que o estranhamento entre as culturas seja menor.

Após a publicação deste ensaio, em 1890, Schleiermacher ficou conhecido como o teórico que sistematizou os dois possíveis métodos de tradução, embora saiba-se que Goethe já havia mencionado as mesmas máximas da tradução anteriormente. Contudo, a conferência de Schleiermacher é mais conhecida do que os textos de outros autores, e grande parte de sua notoriedade deve-se ao fato dele ter sido o primeiro a clamar por uma disciplina



autônoma, que se dedicasse ao tema e que tivesse um perfil próprio. Percebe-se que, mesmo após mais de duzentos anos, os postulados de Schleiermacher são bastante conhecidos e aparecem frequentemente entre as mais recentes teorias tradicionais de tradução. Além de todos os conceitos formulados por Schleiermacher, foram as suas máximas sobre os métodos de tradução que entraram para a história, que aqui são citadas:

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem,o tradutor deixa o escritor o mais trangüilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá ao seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. A diferenca entre ambos os métodos, onde reside a sua relação mútua, será mostrada a seguir. Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da lígua original, do qual carece o leitor. A mesma imagem, a mesma impressão que ele,com seu conhecimento da língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores, movendo-os, por conseguinte, até o lugar que ele ocupa e que propriamente lhe é estranho. Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como, se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois, tampouco para este o autor fala em alemão, senão latim; antes coloca-o diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso." (SCHLEIER-MACHER 1813 in HEIDERMANN 2010: 57-59, apud SNELL-HORNBY 2012, p. 190).

É possível distinguir a clássica dicotomia de palavra e sentido, a tradução "literal" em oposição à tradução "livre", que permeia a teoria tradicional da tradução. Schleiermacher formula distintamente: ou o método de alheamento de um lado. ou o de familiarização, de outro. A discussão sobre a dicotomia persiste e Schleiermacher deixa claro, posteriormente, sua preferência pelo método de alheamento, porque considera o método de " levar o autor até o leitor" equivalente ao tradutor que produz um texto, considerando aquilo que o autor original faria se escrevesse sua obra na língua de chegada; o primeiro método revela um tradutor que se esforça para escrever um texto, da mesma forma que o autor original faria, se realmente quisesse que sua obra fosse traduzida para a língua alemã. Como Schleiermacher exemplifica:

A primeira tradução será perfeita a sua maneira, quando se puder dizer que, se o autor tivesse aprendido tão bem alemão quanto o tradutor



aprendeu romano, então aquele não teria traduzido sua obra original composta em romano de forma diferente de como o tradutor realmente o fez. A outra tradução, porém, ao não mostrar o autor como ele mesmo teria traduzido, mas como ele teria originalmente escrito em alemão, dificilmente tem outro critério de perfeição, além de que se pudesse garantir que todos os alemães em conjunto tivessem se deixado transformar em conhecedores e contemporâneos do autor; assim, a própria obra teria se tornado no que é agora a tradução para eles, pelo fato de o autor ter se transformado em um alemão. (SCHLEIER-MACHER, 2001, p.45)

A diferença entre os métodos é bastante distinta. Um deles é traduzir uma obra considerando o que o autor original teria feito se tivesse originalmente escrito sua obra em língua alemã, e assim, desta forma, limita-se o texto traduzido ao formato das expressões que existem em alemão. Schleiermacher afirma que: "Cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo o seu pensamento são um produto dela (...)" (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 35-37). Em outras palavras, o autor alemão quer dizer que seus compatriotas são condicionados pela língua materna, o alemão é que lhes determina os limites de suas compreensões de mundo, ou seja, se alguma expressão estiver fora das formas determinadas pela língua materna não poderá ser compreendido pelo indivíduo.

Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa

língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 37).

Como uma segunda alternativa de método, Schleiermacher sugere que a língua materna abra as portas para receber novas expressões e conceitos advindos de outras línguas, conforme expõe:

Toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua a sua maneira. Pois, se não por essa influência, como poderia ela ter se desenvolvido de seu estado inicial cru para a sua formação mais avançada na ciência e na arte? Nesse sentido, pois, é a força viva do indivíduo que dá novas formas à matéria formadora da língua, inicialmente só para comunicar um estado de consciência passageiro para a finalidade do momento, das quais, às vezes mais, às vezes menos, algumas vão ficando na língua e, acolhidas por outras, vão se propagando e se aperfeiçoando. (SCHLEIERMACHER, 2001, p.37).

Para Schleiermacher (2001, p.37), todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelos elementos que formam o espírito da língua e, por outro lado, requer ser concebido pela alma do enunciador como forma de ação. O discurso deve ser entendido como um produto da língua que formou o enunciador. Ou seja, é pela presença do Outro que o enunciador se constitui.



O filósofo alemão defende a idéia de que a cultura de um povo está ligada intrinsecamente à sua língua, e ambas atuam e representam-se mutuamente. O termo cultura abrange um conjunto de valores como a identidade, as características, a personalidade e as idéias de um povo, ou seja, fatores extralinguísticos –repletos de cultura – que podem influenciar no resultado das possíveis escolhas feitas pelo tradutor. O termo cultura pode abranger muitas interpretações, porém aqui neste trabalho, o conceito limita-se nos âmbitos da sociologia e da antropologia.

Segundo Schleiermacher (2001, p. 39) "para que os leitores de uma obra traduzida entendam, eles precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam olhar a forma de pensar e sentir particular do autor." Para apresentar essas particularidades do autor estrangeiro aos leitores da tradução, Schleiermacher afirma que isso só é possível se a língua alemã se curvar diante da língua estrangeira, e não o contrário. Para Schleiermacher, a tradução que leva o leitor até o autor é o método que acrescenta ganhos para que a tradução se desenvolva plenamente. Segundo ele, um dos principais objetivos da tradução é "iluminar a língua com o espírito próprio de um mestre estrangeiro, mas este totalmente separado e desligado de sua língua" (SCHLEIER-MACHER, 2001, p.81). Assim, pode-se perceber a alteridade como o fundamento ético norteador da ação do tradutor que opta por mostrar as diferenças do outro, com respeito e com o objetivo de agregar valores à cultura receptora.

A alteridade na tradução segundo Antoine Berman

Antoine Berman, filósofo contemporâneo francês, também busca apoio nas teorias tradicionais, principalmente nas alemãs do século XIX, com o intuito de abrir um espaço para que os estudos da tradução discutam os problemas e, também, as soluções encontradas pelos tradutores durante o decorrer dos seus trabalhos. No ensaio "A Tradução em Manifesto", em 1981, o teórico expõe que:

[...] a reflexão sobre a tradução tornou-se uma necessidade interna da própria tradução, como o havia sido parcialmente na Alemanha clássica e romântica. Essa reflexão não apresenta forçosamente a feição de uma "teoria"(...) Mas, em todos os casos, ela indica a vontade de definir-se e situar-se por si mesma e, por conseguinte, ser comunicada, partilhada e ensinada. (BERMAN, 2002, p. 12).

Para Berman, a idéia de tradução não é apenas uma simples questão técnica, mas relaciona-se com a idéia de formação cultural de um povo, a partir do contato com o Estrangeiro. Desta forma, a tradução assum seu princípio fundamental de agregar valores à cultura de chegada. Percebe-se que seu pensamento é inspirado na teoria desenvolvida pelo pensador alemão Friedrich Schleiermacher, sem o intuito de criar uma nova teoria da tradução. O autor francês não acreditava na possibilidade de existir apenas uma regra geral para a tradução, e afirma que "o espaço da tradução é babélico, isto é, recusa



qualquer totalização". (BERMAN, 2002, p. 21). Sua intenção é clara: quer apenas promover uma reflexão sobre o fazer tradutório, sobre o que está sendo realizado e, com isso, promover uma "nova visada" do processo tradutório.

Berman aproxima-se da filosofia de Lévinas e o cita, em linhas gerais, quando se refere à ética:

O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto outro. Refiro-me aqui a toda meditação de Levinas em *Totalidade e infinito*.10 Essa natureza do ato ético está inserida implicitamente nas sabedorias gregas e hebraicas, para as quais, sob a figura do Estrangeiro (por exemplo, do suplicante), o homem encontra Deus ou o Divino. Acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo, não é um imperativo. Nada nos obriga a fazê-lo. (BERMAN, 2002,p.68).

Venuti e a defesa pelas visibilidades do tradutor e do Outro

Em 1995, com a publicação do livro *The translator's Invisibility: A history of translation*, Venuti esclarece as diferenças entre "posturas" e "estratégias discursivas". Para o autor, a "estrangeirização" e a "domesticação" são posturas, enquanto a escrita fluente e a resistente são estratégias discursivas. Seu trabalho obteve destaque no âmbito dos Estudos da Tradução, com a tese sobre a invisibilidade do tradutor. Segundo Venuti (1995, p.111), no cenário an-

glo-americano contemporâneo, o tradutor é tratado como se fosse invisível, isto é, as traduções são lidas como se fossem os textos originais e o nome do tradutor não tem relevância. Além disso, apresentou várias evidências para provar a invisibilidade da tradução, incluindo fatores como a baixa remuneração dos tradutores, entre eles.

Venuti reconhece que as condições de trabalho dos tradutores são tão críticas a ponto de interferirem na percepção que eles têm de si mesmos, levando-os a conceberem as suas relações com o texto estrangeiro como se fosse um processo de identificação com o próprio autor. Segundo ele,

a invisibilidade do tradutor, portanto, é em parte um efeito estranho de sua manipulação da língua, um auto-aniquilamento que resulta do próprio ato da tradução como ele é concebido e praticado hoje [...]. Entretanto, os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho. (1995, p. 111-112)

Venuti aponta a exigência de fluência na tradução como grande responsável tanto pela desvalorização da tradução quanto pelo trabalho do tradutor. Segundo Venuti (1992, p.11-12) o termo "fluência" significa uma escrita livre de peculiaridades linguísticas ou estilísticas que dão a impressão de que o texto traduzido foi originalmente produzido na cultura de chegada, isto é, cria a ilusão de que a tradu-



ção não é mesmo uma tradução, e sim o texto original. Esta ilusão está associada com o esforço que o tradutor faz para garantir que a leitura do texto traduzido seja fácil. Para isso, aderem ao uso corrente da linguagem, mantendo a continuidade da sintaxe e fixando um significado preciso.

Venuti procura, então, uma forma de salvar a tradução e o tradutor da invisibilidade e sugere uma prática de tradução "resistente", ou seja, o tradutor deve tentar tornar-se visível e resistir às condições sob as quais a tradução é tratada, teorizada e praticada atualmente, sobretudo nos países de língua inglesa. Segundo Venuti, o tradutor deve dar preferência à tradução que lida com a estranheza do texto estrangeiro, pois só assim é possível uma reflexão sobre as condições, os dialetos domésticos e discursos em que ela é escrita e a situação de recepção em que é lida. O autor acrescenta ainda que:

o estrangeiro, na tradução estrangeirizadora, não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e que tenha valor em si, mas uma construção estratégica cujo valor depende da situação em vigor na cultura receptora. A tradução estrangeirizadora mostra as diferenças do texto estrangeiro, porém somente por meio da ruptura dos códigos culturais que prevalecem na cultura-alvo. No empenho de fazer o que é próprio à cultura de partida, essa prática tradutória deve fazer o que é impróprio à cultura de chegada, desviando-se o suficiente das normas para apresentar uma experiência de leitura estranha — escolhendo

para traduzir um texto estrangeiro excluído pelos cânones literários da cultura receptora, por exemplo, ou usando um discurso marginal para traduzi-lo. (VENUTI, 2008, p. 15-16).

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou evidências nas teorias lingüístico-filosóficas para demonstrar que a tradução estrangeirizante pode ser um dos meios mais radicais de se conhecer a alteridade na prática, pois entende-se que, sempre depois da tentativa frustrada de fusão entre o eu e o outro, a alteridade mostra-se como o resultado de tudo o que foi subtraído dessa união, como a sobra que não pertence ao Eu, que é, portanto, do outro. Desta mesma forma, a tradução pode ser considerada como uma vã tentativa de fusão do eu na identidade alheia, pois para aproximar-se do texto do outro é preciso antes entender o mundo em que ele está inserido. O "eu" sabe que, por mais que se esforce, nunca será o outro. Contudo, não tem como de ir ao encontro do estranho senão abandonando a subjetividade e aventurando-se na essência e na identidade daquele que se apresenta como diferente do "eu".

Além disso, o tradutor que trata de uma obra de ficção deve levar em consideração o fato de que não opera com significados, mas com sentidos, tal como ocorre com a própria literatura enquanto vista como arte. A tradução como arte é produto de uma subjetividade especial que, mesmo traduzindo



obra alheia, procura dar vida própria na língua de chegada, fazendo do original uma obra independente numa outra língua, numa outra cultura, dando--lhe uma nova existência histórica.

Pode-se concluir que a tradução é um diálogo entre culturas, uma interação do que é "meu" com o que é "do outro", uma troca solidária na qual a língua de chegada, transformada em narrativa pelo tradutor, empresta-se à obra do outro para torná-la uma realidade estética em um contexto estranho. Primeiramente, ela pertence à arte da palavra comum ao sistema literário da língua de partida, depois à arte da palavra comum ao sistema literário da língua de chegada. A partir daí, a obra traduzida ganha vida própria e autonomia em relação ao sistema que a gerou. Passa a integrar o sistema da língua da tradução, e, por meio desse, alcança o sistema da literatura universal. A arte de traduzir possibilita a uma obra transcender seu espaço, seu tempo e sua cultura e universalizar-se na língua do outro, transcendendo seu espaço e seu tempo. (2012, p.52)

Associa-se a idéia de alteridade, presente nos pensamentos de Bakhtin e Lévinas, à prática da tradução estrangeirizante, uma vez que esta se fundamenta no respeito às estranhezas que demandam do outro. Ao que se refere aos estudos da Tradução, constatou-se que os pontos de vista de Schleiermacher, Berman e Venuti delineiam a mesma imagem do verdadeiro tradutor como sendo aquele que, por meio da apreciação da língua e através de um pro-

fundo conhecimento da vida histórico-cultural de um povo, apresenta de forma mais precisa possível algumas obras e seus autores. Ou seja, tomam as estranhezas e as diferenças do outro como o ponto de partida para a tradução. Pôde-se igualmente perceber as principais convergências entre os trabalhos desses teóricos, pelo modo como defendem um método de tradução que propicia a aproximação multilateral com outra cultura, através de uma prática que dá ênfase à estranheza do texto traduzido, apresentando-o como um texto estrangeiro e não como uma obra produzida originalmente, segundo eles, em alemão ou em língua inglesa.

Assim como Lévinas defende a ética como a filosofia primeira, Schleiermacher, Berman, Venuti também propõem a sistematização do processo tradutório por meio de uma abordagem ética. Percebe--se que a alteridade presente nesta metodologia visa, entre outras coisas, a realização de um trabalho que respeita as diferenças lingüístico-culturais do texto de partida e que acredita no reconhecimento da visibilidade do tradutor como um caminho para que isto aconteça. De acordo com Spivak (2005, p. 58), nenhuma fala é fala enquanto não é ouvida. É esse ato de ouvir-para-responder que se pode chamar de o imperativo para traduzir. A tradução fundadora entre as pessoas é um ouvir atentamente, com afeto e paciência, a partir da normalidade do outro, o suficiente para perceber que o outro, silenciosamente, já fez esse esforço. Isso revela a importância irredu-



tível do idioma, que uma língua padrão, por mais nativa que seja, não pode anular.

Com base nas considerações realizadas, espera--se que este trabalho tenha contribuído, ao propor reflexões sobre a presença do fenômeno da alteridade na linguagem em geral e, especialmente, na área dos estudos de tradução literária. Acredita-se que os pensamentos dos teóricos analisados neste trabalho aproximam-se pelo fato de defenderem a posição de que é a partir da palavra do outro que as relações se constituem e se enriquecem. A alteridade na linguagem e no discurso mostra-se como elemento intrínseco, constante e fundamental, tanto no discurso interpessoal, como também na tradução literária estrangeirizante. Este tipo de tradução assume a ética de responsabilidade pelo outro, no momento em que traz para a cultura receptora as diferenças deste universo estrangeiro, além de defender a atuação de um tradutor cada vez mais livre, que age como mediador cultural e que agrega elementos novos à cultura receptora.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mickhail M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1990.

BAKHTIN, Mickhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2006.

BERMAN, Antoine. "A tradução em manifesto". In: **A Prova do Estrangeiro:** cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. A Tradução e a Letra, ou, O Albergue do Longínquo. Tradução: MarieHélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

CARDOZO. Maurício Mendonça. Escuta e responsabilidade na relação com o outro. Programa de Pós- Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina. **Outra Travessia**. 15, p.13-35, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/30875. Acesso em: 13 abr. 2016.

CEIA. Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/business-directory/6596/alteridade/> Acesso em: 02 mar. 2015.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL.São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda.1998

LÉVINAS. Emmanuel. **Entre Nós.** Ensaios sobre alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

·	Totalidade e Infinito . Lisboa: Edições 70, 1980.
l Edições ?	É tica e <i>Infinito.</i> Tradução de João Gama. Lisboa: 70, 1982.
	O Humanismo do Outro Homem. 3 ed. Petrópo- ozes, 2009.

PUCCI. Renata. Questões de Alteridade e Identidade. **Impulso**, Piracicaba. Jan-jun. 2011. Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/viewFile/517/548 Acesso em: 02 mar. 2016.



SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: Antologia Bilíngüe – Clássicos da Teoria da Tradução. Volume 1 – Alemão/Português. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. Heidermann (org.). Florianópolis: NUT, 2001.

SNELL-HORNBY, Mary- A estrangeirização de Venuti: o legado de Fredrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? 2012. **Revista Pandaemonium germanicum**. Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39802/42666

SPIVAK, Gayatry. C. Tradução como Cultura. **Revista Ilha do Desterro**. Florianópolis n. 48, p.041-064, jan./jun. 2005.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução:** por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence. Introduction. In: **Rethinking Translation**: Discourse, Subjectivity, Ideology. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-17

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. **Palavra 3**, p. 111-134, 1995. Tradução de The Translator's Invisibility.

VENUTI, Lawrence **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London/New York: Routledge, 2008.



CULTURA E AUDIOVISUAL: O CAMPO DO CINEMA CONTEMPORÂNEO E OS DESAFIOS POLÍTICOS DA REPRESENTATIVIDADF

CULTURE AND AUDIOVISUAL: CONTEMPORARY CINEMA FIELD AND THE CHALLENGES OF POLITICAL REPRESENTATION

Vanessa Kalindra Labre de Oliveira (UFRGS)¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a organização do campo comercial do cinema brasileiro tendo como base discursiva a trajetória historiográfica do conceito de cultura e suas implicações para o contexto político das práticas representativas na contemporaneidade. Desenvolvendo historicamente o conceito de cultura, busca--se aproximar tais concepções às dinâmicas cinematográficas do mercado brasileiro da pós-retomada, principalmente a partir de uma análise acerca da atuação da empresa Lereby Produções - criada pelo diretor Daniel Filho e que tem participado ativamente dos principais recentes sucessos de bilhe teria nacional, dentre eles cinco dos dez filmes mais vistos no período -, de modo a problematizar como certos modelos de produção e de representação têm agido como uma força de moldagem no mercado. Palavras-chave: Cultura. Cinema comercial brasi-

leiro. Lereby Produções. Representatividade.

Abstract: This article aims to discuss the organization of the Brazilian film market having as discursive base the historiographical trajectory of the concept of culture and its implications for the political context of current representative practices. Developing the notion of culture in a historical way, we seek to connect this concept to the cinematographic practices of the Brazilian post-recovery market, concentrating on an analysis of the performance of Lereby Produções, in order to discuss how certain modes of production and representation have acted as a shaping force in the market. Created by director Daniel Filho Lereby has its productions among the national highest-grossing films, including five out of the ten most viewed movies in the period.

Keyword: Culture. Brazilian commercial cinema. Lereby Produções. Representativity.

¹ Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista Capes. vanessaklabre@gmal.com.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a organização do campo comercial do cinema brasileiro tendo como base discursiva a trajetória historiográfica do conceito de cultura e suas implicações para o contexto político das práticas representativas na contemporaneidade. Desta forma, concentra-se na discussão teórica sobre a importância da diversidade dos modos de produção fílmica e dos espaços de visualidade para a construção de visões múltiplas sobre o mundo, agindo como potencial para a desmistificação de olhares e discursos hegemônicos.

Desenvolvendo historicamente o conceito de cultura, busca-se aproximar tais concepções às práticas cinematográficas do mercado brasileiro da pós-retomada, principalmente a partir da atuação da empresa Lereby Produções – criada pelo diretor Daniel Filho e que tem participado ativamente dos principais recentes sucessos de bilheteria nacional, dentre eles cinco dos dez filmes mais vistos no período -, de modo a analisar como certos modos de produção e de representação têm agido como um fator de moldagem no mercado. A relevância desse trabalho está na análise acerca da organização do mercado cinematográfico brasileiro e na problematização do modo como ele tem articulado ou não o princípio da alteridade, latente da cultura brasileira, contribuindo para o entendimento sobre os agentes do campo e o modo como eles operam sistemas

simbólicos que dominam o mercado, atuando como força de moldagem que implica condições específicas às produções e determinados tipos de representatividade no cinema nacional.

CULTURA: PRÁTICA E COMPARTILHAMENTO

Ao longo da história, muitos estudos já foram realizados sobre cultura, e em diferentes momentos este conceito possuiu significados muito distintos. Como revela Eagleton (2011), a noção de cultura começou a ser pensada em relação à terra, à lavoura, ao trabalho rural, ao cultivo daquilo que cresce, portanto, naturalmente. Já no século XVIII o conceito deixa de ter uma perspectiva material, física, para possuir um sentido abstrato, vinculando-se à noção de civilização, muito em função da mudança das sociedades europeias – que deixavam de ser predominantemente rurais para serem urbanas –, e dos princípios iluministas desenvolvidos na época. Nesse momento, tratou-se de vincular cultura ao processo individual dos sujeitos em função de seu crescimento material, espiritual e intelectual, por meio de uma visão burguesa de progresso que hierarquizava as culturas, na medida em que valorizava algumas em detrimento de outras.

No século seguinte, no entanto, cultura passou a se opor à noção de civilização, uma vez que saiu da discussão no âmbito do indivíduo para ser



pensada no contexto social, em função das práticas socioculturais que ocorrem fundamentalmente no espaço público e coletivo, sendo este formado historicamente (CAUNE, 2014). De cunho aristocrático e popular, o conceito obteve, pois, um valor descritivo ao romper com qualquer tipo de distinção valorativa entre as culturas, excluindo, no âmbito acadêmico, os juízos de valores sobre elas. Na contemporaneidade, por sua vez, Eagleton (2011) sugere que o conceito passa por outra grande mudança. Nesse contexto, não se pensa mais em uma cultura, e sim em diferentes culturas, dentro de diferentes períodos, entre nações, ou mesmo dentro de uma mesma nação e território. Assim, os estudos sociais passam a ser desenvolvidos no sentido de abarcar essa multiplicidade, dando legitimidade e autonomia a tais culturas - gerando o que o autor denomina de política de identidade.

O que este cenário nos mostra, como afirma Stuart Hall (2003; 1997), é que ao longo dos tempos passamos por uma espécie de revolução cultural, resultado de uma série de mudanças empíricas, tais como: as novas proposições do tempo-espaço na contemporaneidade, a homogeneização das trocas e fluxos simbólicos, a revalorização do local, o sincretismo cultural e novas perspectivas sobre identidade, que tornam-se cada vez mais múltiplas e fragmentadas – tanto que o autor prefere pensar em identificações e não identidades, visto sua fluidez e mutabilidade. Essa realidade vai gerar toda uma mudança episte-

mológica no cenário mundial, contribuindo para que o conceito de cultura passe a ser central nas pesquisas das Ciências Humanas e Sociais, e novos sistemas discursivos e classificatórios sejam adotados. Muito disso se deve à fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, em 1964, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

Considerando essas proposições, Hall (2003) define cultura como o conjunto de práticas de significação que constitui a vida social a partir da produção, circulação e consumo de bens materiais e simbólicos. Ela possui dimensão subjetiva, institucional e estrutural e revela-se a partir da relação com o outro, perpetuando-se em função de seu compartilhamento, como uma herança social – embora para Mattelart (2005) as relações sociais que revelam o princípio da alteridade sejam quase sempre assimétricas no contexto da globalização. É neste sentido que Caune (2014) vê cultura como acontecimento social, já que ela não existe se não manifestada, transmitida e vivenciada pelos sujeitos, pois como afirma o autor (2014, p.02), "a cultura existe, antes de mais nada, como herança e para compreendê-la devemos analisar os modos de transmissão desta, que é elemento da cultura".

Assim, além de pensar as práticas culturais em si, nos vale também considerar seus modos de produção, condições inerentes que perpassam as instâncias de poder e de representatividade dos diferentes grupos sociais existentes em uma dada re-



alidade. Pensando, pois, a cultura como conjuntos de manifestações de diversas ordens, ela reproduz sentido, informação e valores, criando determinados centros e esferas marginalizadas no âmbito da representação. Nessa perspectiva, tendo em vista o conceito de cultura associado às esferas do poder, faz-se necessário analisar as condições materiais e institucionais que criam e transformam a produção simbólica, ou seja, conhecer os aparelhos de reprodução simbólica que estruturam a sociedade e o cotidiano (BOURDIER, 2009).

Se para Bourdieu (2009), as opiniões e gostos dos sujeitos são formados culturalmente através de jogos de socialização, tendo como principais esferas de fomento as instituições familiares, religiosas e escolares, na contemporaneidade, no entanto, outra instância tem se valorizado: as mídias. É dentro deste contexto teórico e epistemológico, isto é, onde possuímos uma concepção múltipla e dinâmica de cultura, tendo os meios de comunicação de massa importância basilar em sua propagação, que se ressalta a relevância de pensar o cinema, uma vez que este meio age tanto como arte, mecanismo usado pelos sujeitos para se expressarem, quanto como meio de comunicação de massa, prestando-se à formação, consolidação e veiculação de ideias e simbologias. Sua indústria cultural tem impacto direto no contexto político das práticas representativas na contemporaneidade, agindo sobre os espaços de visualidade dos agentes sociais, a construção de visões múltiplas sobre o mundo, bem como na mistificação e no potencial para a desmistificação de olhares e discursos hegemônicos, em especial pelo alcance global que possui.

CAMPO COMERCIAL DO CINEMA BRASILEIRO E O CASO LEREBY PRODUÇÕES

O campo cinematográfico comercial brasileiro tem suas particularidades na contemporaneidade, tendo em vista o contexto de Retomada e pós-Retomada do cinema nacional, quando o mercado consegue, a partir de uma reestruturação institucional, legislativa e estética, recuperar-se da crise instaurada no primeiro biênico da década de 1990. Com a economia e a política nacionais novamente estáveis, ele entra em um momento de crescimento, ampliando a produção e o escoamento do filme nacional, bem como alargando os imaginários acerca da produção brasileira de filmes, até então muito arraigada na estética do Cinema Novo (ROSSINI, 2007).

Neste período, ainda que sempre múltiplo e dinâmico, algumas tendências estético-narrativas se sobressaem, como os filmes que exploram a violência e a favela como espaço urbano de aproximação com o real e seus efeitos de verdade – embora resgatem a dimensão da exclusão sem o caráter políti-



co da mobilização social visto na década de 1960²; filmes que dialogam com as questões da migração, onde os personagens são, por diferentes motivos, levados a sair de suas cidades ou países para encontrar aquilo de que necessitam – às vezes a si mesmos, revelando um tom existencialista marcado, principalmente, pelas coproduções internacionais³; e, sobretudo, filmes que dialogam com os códigos e as convenções historicamente consolidados na cultura brasileira pela televisão, marcados principalmente pela abordagem do gênero da comédia⁴.

Mas alcançar representatividade em um mercado tão hostil continua sendo o maior desafio do cinema nacional. Segundo dados atualizados da Agência Nacional do Cinema, por exemplo, possuímos atualmente 3.005 salas de exibição no país⁵, e anualmente cerca de 85% delas são ocupadas por produtos estrangeiros, cenário que dificulta a exibição do produto nacional e conduz o filme brasileiro a uma posição de marginalização dentro de nosso próprio mercado. Quem melhor tem conseguido lidar com esse cenário hostil são as produções da terceira tendência apontada acima, pois para vencer as barreiras dos eixos mais problemáticos do campo, isto é, os setores da distribuição e da exibição, e dar

representatividade à cultura nacional, tem se destacado essencialmente por (1) buscar parcerias com distribuidoras estrangeiras, as chamadas *majors*, (2) promover aproximações com a televisão, através de narrativas que se assemelham à teledramaturgia brasileira, (3) por fazer uso de atores e atrizes da telinha, (4) explorar produções ágeis, muitas vezes realizadas em estúdios e (5) com o propósito de atender ao grande público. Essas estratégias beneficiam o processo de marketing dos filmes, geralmente muito caro, ampliando o alcance dos produtos, as possibilidades de competitividade no setor e de visualidade em outras janelas de exibição de grande apelo popular.

Dentro desse contexto de dominação do cinema estrangeiro no mercado nacional, as estratégias utilizadas por esta parcela do cinema brasileiro contemporâneo podem ser vistas como estruturas de resistência, pois sem conseguir estabelecer barreiras ao produto importado, principalmente aos filmes de origem estadunidense, a produção nacional precisou se organizar e ressignificar o modo de atuação no mercado como mecanismo de manobra dentro do contexto de produção e de consumo.

² Tais como: Cidade de Deus (Fernando Meirelles, 2002), O invasor (Beto Brant, 2002) e Tropa de Elite (José Padilha, 2007).

³ São exemplos: *Terra estrangeira* (Walter Salles e Daniela Thomas, 1995), *Cinema, aspirinas e urubus* (Marcelo Gomes,2005) e *Praia do Futuro* (Karim Aïnouz, 2014).

⁴ Como: Se eu fosse você (Daniel Filho, 2006), A grande família: o filme (Maurício Farias, 2007) e De pernas pro ar (Roberto Santucci, 2010).

⁵ Informação disponível em: http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2301-2016.pdf. Acessado em agosto de 2016



Essas estratégias são utilizadas, por exemplo, pela empresa de audiovisual Lereby Produções, criada pelo diretor Daniel Filho em 1996, e que desde então tem participado dos maiores sucessos de bilheteria da Retomada e Pós-Retomada do cinema nacional. A empresa tem sido referência na interlocução do cinema com a televisão, imprimindo no mercado um modelo de produção e de representação que tem se valorizado em função do resultado de público obtido, tornando-se hegemônico no país.

Daniel Filho, que começou suas atividades artísticas no circo e no teatro de revistas, fez sua carreira como diretor e produtor cultural na televisão, atuando nas principais funções do campo do entretenimento brasileiro (FILHO, 2003). Depois de décadas de experiência e grande recepção do público nas telinhas, migrou para o cinema em meados dos anos 1990, contribuindo para rearticular o campo do audiovisual brasileiro e transformar as expectativas do público em relação ao produto nacional, na medida em que passa a ser responsável por grandes sucessos de bilheteria, os blockbusters brasileiros (ROSSINI, 2014). Tornou-se, com isso, um dos principais agentes do cinema nacional na contemporaneidade, imprimindo uma nova cara ao cinema comercial no país e contribuindo para desenvolver industrialmente o setor.

Muitas de suas produções nascem com um discurso pertinente e relativamente necessário para a representatividade cultural, que é a necessidade de proteger a cultura brasileira da intervenção simbólica do produto estrangeiro, partindo do pressuposto que o poder simbólico interfere no âmbito social, influenciando ações e eventos, pois como destacam Shohat e Stam (2006, p.262) "o fato de que filmes são representações não os impede de ter efeitos reais sobre o mundo". Esse discurso, no entanto, não é algo novo. Ao longo dos anos, o cinema nacional encontrou como estratégia midiática de apelo ao consumo do filme brasileiro o fato de ser brasileiro, de representar a realidade nacional, a suposta identidade verde-amerela. Ou seja, independentemente do valor artístico e linguístico do filme, um discurso patriótico instaurou-se como estratégia de superação das barreiras do mercado, ganhando espaço desde os anos 1920 (AUTRAN, 2008).

O fator negativo desse tipo de discussão e estratégia de apelo popular está no ato de tornar superficial a problemática da identidade cultural de um país tão grande, diverso e múltiplo como o Brasil. Certamente, a representatividade é um ato político e ela deve sempre estar calcada na multiplicidade de representações que abarquem o máximo possível de questões e pontos de vistas. Mas frente à dificulda-

⁶ Exemplo disso são os filmes nazistas realizados durante a Segunda Guerra Mundial, responsáveis por consolidar e legitimar frente à sociedade as iniciativas bárbaras do regime alemão, liderado por Adolf Hitler.



de em se chegar às salas de exibição, são poucas os tipos de produtos culturais que conseguem grande visualidade, fazendo com que o grande público relacione o conteúdo nacional a uma parcela pequena de filmes e estéticas, e que muitas vezes restringem o tipo de abordagem, modo de produção e de representação não ao conteúdo diversificado da expressão cultural do país, mas ao alcance de público e, portanto, às chances de lucro.

A empresa Lereby Produções tem inferência neste sistema e tem tido espaço privilegiado no campo do cinema desde 1999, quando passou a produzir para a sétima arte. Desde então, suas estratégias de mercado, com intensos resultados positivos, passaram a agir como uma espécie de moldagem para o meio, levando outros profissionais e produtoras a reproduzirem seu modo de produção e representação para alcançarem igual abertura no mercado, principalmente em relação ao setor de exibição, que tende a selecionar produtos com maior potencial de retorno de público e capital – logística que pode acarretar relevantes implicações políticas na esfera da representatividade de uma cultura fundamentada na multiplicidade e na alteridade.

Em função da trajetória artística de Daniel Filho na televisão, a Lereby Produções tem sido uma das principais produtoras cinematográficas do campo audiovisual contemporâneo a articular códigos, convenções e um sistema articulado de parcerias com a televisão – ao lado da Globo Filmes, empresa vinculada à Rede Globo de Televisão, também idealizada e criada por Daniel Filho em 1998. Sua proposta estética e narrativa tem sido empreendida em diferentes gêneros, conseguindo, no entanto, demarcar um certo estilo identificável às produções, tornando-se, com isso, responsável por importantes sucessos de bilheteria. Constam em sua lista os filmes: O Auto da Compadecida (Guel Arraes, 2000), filme adaptado de uma minissérie realizada em 1999 na Rede Globo de Televisão; Cazuza - o Tempo Não Para (Sandra Werneck e Walter Carvalho, 2004), que enaltece a tendência das cinebiografias do período; e A mulher invisível (Cláudio Torres, 2009), comédia que devido ao sucesso inspirou o seriado homônimo transmitido dois anos depois na Rede Globo de Televisão. Todos eles atingiram mais de dois milhões de espectadores, e contribuíram na formação de um modelo de produção mainstream no Brasil.

Impera ainda no portfólio da empresa outros grandes sucessos: *Carandiru*, do argentino naturalizado brasileiro Hector Babenco, de 2003; *Dois Filhos de Francisco: a História de Zezé Di Camargo & Luciano*, dirigido por Breno Silveira, de 2005; *Se eu fosse você* e sua continuação, *Se eu fosse você 2*, ambos dirigidos por Daniel Filho, em 2006 e 2009, respectivamente; e *Até que a sorte nos separe 2*, filme de Roberto Santucci, lançado em 2013. Além de possuírem a produção da Lereby e a participação ativa de Daniel Filho, uma outra coisa une esses últimos filmes: todos estão presentes na lista dos dez filmes brasileiros



mais vistos na contemporaneidade, demonstrando, de fato, a importância da empresa e seu espaço no mercado. O próprio Daniel Filho, que dirigiu 10 filmes lançados desde 2001 – sendo que cinco deles conseguiram ultrapassar a margem de um milhão de espectadores –, pode ser uma chave importante para compreender como se organiza o cinema comercial brasileiro atualmente e como tem imperado as relações de poder neste campo, justificando, pois, nosso interesse em pensar a atuação da Lereby Produções frente as questões de diversidade cultural.

Esses sucessos de bilheteria elencados acima destoam do campo como um todo, demonstrando grande assimetria entre as produções nacionais. Silva (2011) aponta que, na primeira década do século XX, por exemplo, foram lançados 519 filmes brasileiros, 68% deles alcançaram no máximo 50 mil espectadores e apenas 5% superaram a marca de um milhão de espectadores, controlando 70% da bilheteria do período. Estes dados acentuam, pois, a noção de controle de mercado e a importância das estratégias adotadas para reconfigurar e recompor o campo do audiovisual na contemporaneidade, onde atua com grande importância Daniel Filho e a Lereby Produções.

Entre 1999-2010⁷, seguindo dados do site oficial da Lereby Produções, bem como da Ancine, a empresa de Daniel Filho participou de 48 produções, e em termos de gênero, o que pode nos conferir um entendimento melhor sobre a natureza de seus investimentos no mercado, os filmes são classificados da seguinte forma: 24 dramas (50%), gênero de maior importância quantitativa, 16 comédias (33,33%), 4 documentários (8,33%), 3 infantis (6,25%) e 1 ação/policial (2,08%) – desses, apenas um não possui a coprodução da Globo Filmes, qual seja: *O Homem Que Engarrafava Nuvens* (Lírio Ferreira, 2010).

Em relação a distribuição desses filmes, embora a Lereby estabeleça ao longo do período observado parceria com 19 distribuidoras diferentes, as principais empresas associadas aos seus projetos são as *majors*, isto é, conglomerados comunicacionais estrangeiros que tem um grande trânsito e apelo comercial no mercado. É o caso da Columbia Pictures, da Buena Vista internacional, da Fox Film do Brasil e da Warner Bros, presentes em nove dos dez filmes de maior bilheteria da Lereby Produções no período selecionado, como consta na tabela abaixo.

⁷ O recorte de tempo foi selecionado em função da página oficial da Lereby Produções, que se manteve atualizada apenas até 2010.



Tabela 1 - Os dez filmes de maior bilheteria da Lereby Produções entre 1999-2010

Filme	Diretor	Ano	Distribuidor	Público	Cópias	Gênero
Se eu fosse você 2	Daniel Filho	2009	Fox Film do Brasil	6.112.851	315	Comédia
2 filhos de Francisco	Breno Silveira	2005	Columbia TriStar	5.319.677	329	Drama
Carandiru	Hector Babenco	2003	Columbia TriStar do Brasil	4.693.853	298	Drama
Cazuza - o Tempo Não Para	Sandra Werneck e Walter Carvalho	2004	Columbia Pictures	3.082.522	292	Drama
Cidade de Deus	Fernando Meirelles	2002	Lumière	3.370.871	176	Drama
Chico Xavier	Daniel Filho	2010	Downtown Filmes - Sony Pictures - Columbia	3.413.231	392	Drama
Se eu fosse você	Daniel Filho	2006	Fox Film do Brasil	3.644.956	197	Comédia
O auto da Compadecida	Guel Arraes	2000	Columbia Pictures do Brasil	2.157.166	199	Comédia
Sexo, amor & traição	Jorge Fernando	2004	Fox Film do Brasil	2.219.423	157	Comédia
A mulher invisível	Cláudio Torres	2009	Warner	2.353.646	220	Comédia romântica

Fonte: Dados da Ancine e do site oficial da Lereby Produções organizados pela autora



Dos dez filmes mais vistos produzidos pela Lereby no período apenas um não é distribuído por uma empresa major, é o caso de *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002), que teve distribuição realizada pela Lumière filmes, uma empresa nacional. Esse é um critério fundamental, também, para observar a composição dos filmes de menor bilheteria da empresa, haja vista que nestes constata-se um predomínio de distribuidoras nacionais, como pode ser observado na tabela abaixo, revelando um forte indicativo de organização do mercado.

Tabela 2 - Os dez filmes de menor bilheteria da Lereby Produções entre 1999-2010

Filme	Diretor	Ano	Distribuidor	Público	Cópias	Gênero				
Tempos de paz	Daniel Filho	2009	Downtown Filmes	95.792	52	Drama				
Anjos do sol	Rudi Lagemann	2006	Downtown Filmes	79.800	44	Drama				
Aventuras do Surf II	Roberto Moura	2009	Universal Pictures	64.017	61	Documentário				
Cartola: música para os olhos	Líro Ferreira e Hilton Lacerda	2007	RioFilme	63.924	14	Drama				
Inesquecível	Paulo Sérgio Almeida	2007	Buena Vista Internacional	59.397	53	Drama				
O signo da cidade	Carlos Alberto Riccelli	2008	Europa	58.631	11	Drama				
O Homem Que Engarrafava Nuvens	Lírio Ferreira	2010	Espaço Filmes	19.247	15	Documentário				
Querido Estranho	Ricardo Pinto e Silva	2004	Imagem	18.103	27	Drama				
Bodas de papel	André Sturm	2008	Pandora	16.462	15	Drama				
Paulo Gracindo - O Bem Amado	Gracindo Jr.	2009	Filmes do Estação	8.968	08	Documentário				
Fonte: Dados da Ancine e do site oficial da Lereby Produções organizados nela autora										

Fonte: Dados da Ancine e do site oficial da Lereby Produções organizados pela autora



Assim, enquanto entre os filmes mais vistos a distribuição das majors é predominante, na tabela das piores bilheterias oito produções são distribuídas por empresas nacionais. Isso ocorre porque as majors têm grande influência e autonomia no campo cinematográfico brasileiro, em função do catálogo de sucessos que possuem e dos altos recursos para marketing e reprodução de cópias. A atuação destas empresas contribui para o controle do segmento cinematográfico nacional, problematizando, assim, o tema da diversidade cultural na medida em que impõe ainda mais empecilhos ao filme brasileiro independente (RUY, 2011). Seus alcances de mercado dificilmente são comparáveis a atuações de empresas nacionais - ainda que quantitativamente a Downtown Filmes se mostre relevante no mapeamento realizado, seu retorno de mercado é infinitamente inferior.

Isto aponta uma dificuldade da atividade cinematográfica no Brasil de superar as barreiras da distribuição e exibição, uma desvantagem histórica que pouco conseguimos reaver, ainda que no contexto de pós-Retomada do cinema nacional algumas mudanças tenham sido realizadas em todos os eixos do campo – muito em função do Fundo Setorial do Audiovisual, medida legislativa criada em 2006 para atender e apoiar, justamente, os gargalos mais problemáticos da indústria do audiovisual no Brasil.

Além disso, vale ressaltar que são comédias os filmes da Lereby mais vistos, ainda que sejam as produções dramáticas as mais produzidas, já em relação aos gêneros dos filmes menos populares, concentram-se os dramas e os documentários. Assim, além das distintas bases no setor de distribuição, entre empresas nacionais e internacionais, e de exibição, se considerarmos a imensa diferença no número de cópias que os filmes de maiores bilheterias chegaram ao mercado em comparação aos demais, outra discrepância entre estas duas tabelas está no fato de que nenhuma comédia consta entre os filmes de pior êxito de público, mostrando-se, novamente, como o gênero de maior responsabilidade no crescimento da empresa.

No recorte de tempo selecionado, isto é, entre 1999 e 2010, a Lereby Produções desenvolveu seus trabalhos como produtora, coprodutora e produtora associada, crescendo consideravelmente ao longo dos anos. Em termos de bilheteria: quatro dos seus filmes alcançaram até 50 mil espectadores, 22 deles, a grande maioria, encontram-se na faixa entre 50 mil e 500 mil espectadores; nove estão entre 500 mil e um milhão de espectadores; e 13 dos 48 filmes estudados alcançaram mais de um milhão em público.

A quantidade e continuidade de filmes desenvolvidos pela empresa não são comuns a uma produtora brasileira, e seu alcance de bilheteria é igualmente representativo no mercado, como já apontamos. Parte desse espaço foi conseguido através da parceria que constantemente estabelece com a Globo Filmes e pela própria história e atuação de



Daniel Filho como homem de negócio e mente criativa da empresa. Essa relação de aproximação estética e produtiva entre televisão e cinema é o que permite, por exemplo, que o próprio Daniel Filho seja diretor de três dos dez filmes mais vistos na primeira década dos anos 2000, além de ser o segundo cineasta de produção ficcional que mais produziu no período, depois do potiguar Moacyr Góes, com onze produções lançadas (EDUARDO, *et al.* 2011).

A existência dos filmes da Lereby Produções é importante para a representatividade da cultura brasileira no circuito comercial das salas de cinema, no entanto faz-se necessário pensar também nas implicações que tais estratégias suscitam para a perspectiva cultural do povo brasileiro. Como o mercado não consegue atender a quantidade total de filmes produzidos no País, e a parcela disponível é muito pequena e competitiva, o setor de exibição tende a priorizar filmes com potencial de bilheteria alto, acabando por dar espaço a uma parcela muito pequena de representatividade cultural e fazendo deste modelo um imperativo no mercado, um fator de moldagem (BOURDIEU, 2009), se perpetuando e dominando certos sistemas de valores.

Inserindo-se dentro da logística da indústria cultural, que obedece à lei da concorrência para a conquista do maior mercado possível, a produção da Lereby procura atender a um grande número de espectadores, fazendo uso, para isso, de uma produção pautada no gosto do público médio (MORIN, 1997),

e no que Justin Wyatt (2006) chama de *high concept*, ou seja, produções com características claras, de fácil compreensão visual e temática, filmes definidos rapidamente e baseados em gêneros estabelecidos historicamente pelo meio, trilhas sonoras com apelo popular e grande atuação de marketing, impulsionando muitas vezes sequências de grandes sucessos. Assim, pensando na lógica do mercado e na reprodução de fórmulas já testadas e aceitas pelo público, os filmes comerciais acabam muitas vezes representando a realidade, que é, no contexto da contemporaneidade, múltipla, instável e fragmentada, como algo estável, sem ambiguidades e de fácil apreensão.

Essas decisões têm impactado o mercado de filmes comerciais no Brasil, atuando como uma força de moldagem – não por acaso, cada vez mais é possível encontrar filmes brasileiros em salas de exibição explorando narrativa com códigos e convenções televisivos, uso de atores famosos em outras mídias, distribuição feita por empresas internacionais, produções ágeis, lineares, uso de estúdios e foco no grande público. Um modelo que tomou forma e força na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a representação da identidade brasileira sempre existiu no cinema nacional, mas conquista ainda mais força a partir de meados da década de 1990. Depois de um breve período de crise,



há um desejo evidente no cinema nacional de voltar a falar coisas sobre e para o povo, ressaltando as múltiplas realidades existentes no país. Embora uma certa diversidade de representação e de modos de produção sejam evidenciados no campo cinematográfico contemporâneo, a disputa pelas salas comerciais engendra uma batalha difícil para os pequenos investidores independentes, sufocando o mercado e favorecendo uma parcela muito pequena de produções.

Em termos de representatividade, esse fator é prejudicial para o cinema nacional e, principalmente, para o povo brasileiro, tendo em vista que, como sugere Goffman (2006), não há cultura homogênea, e a indústria precisa representar a diversidade de manifestações, crenças, ideologias e identidades da sociedade. O problema não está essencialmente nos discursos fílmicos como os desenvolvidos pela Lereby Produções, pois é natural que em toda cinematografia exista um modelo com mais capital financeiro e simbólico capaz de abrir espaço midiático, mas está efetivamente na organização do mercado que tende a supervalorizar esse sistema, beneficiando-o muitas vezes em função do apelo comercial que possui, e negligenciando a esfera política que a dominação das salas de exibição nacionais acarreta para o país. Desta forma, além de bombardeados por referências norte-americanas, a única grande representação que temos acesso no mercado comercial nos apresenta uma visão limitada de cultura brasileira, quando na verdade somos múltiplos e fragmentados.

Assim, considerando que a linguagem cinematográfica, como outra qualquer, é um sistema de representação onde são veiculados os significados sociais, sendo estes móveis, fluídos (HALL, 1997), e na medida em que o outro é importante para a formação de nossa própria cultura e identidade nacional, pois nenhuma cultura é isolada, se construindo na relação com o(s) outro(s), dentro do processo de alteridade (HALL, 2003), entende-se que o mercado cinematográfico não pode ser um caminho de veiculação de tradições dominantes, e sim um campo artístico-comunicacional que artícule as diversidades e multiplicidades da sociedade na qual se insere, e que precisam, em alguma instância, poder se representar e se ver representadas.

REFERÊNCIAS

AUTRAN, Arthur. **As concepções de público no pensamento industrial cinematográfico**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 36, p. 84-90, agosto de 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009. 361 p.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 137 p.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 208 p.





EDUARDO, Cléber; VALENTE, Eduardo & VIEIRA, João Luiz. **Cinema Brasileiro Anos 2000, 10 Questões**. Centro Cultural Banco do Brasil, 2011. Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/anos2000/downloads/Catalogo_completo.pdf. Acessado em 08 de agosto de 2016.

FILHO, Daniel. **O circo eletrônico**: fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 259 p.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 236 p.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 439 p.

. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: Educação & Realidade. v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005. 168 p.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 204, p.

ROSSINI, Miriam de Souza. **As marcas televisivas na atual produção cinematográfica brasileira**. Revista GEMInIS, ano 5, n°1, vol. 1, p.19-33, 2014.

______. **O corpo da nação**: imagem e imaginários no cinema brasileiro. Porto Alegre: Revista Famecos, n°34, p.22-28, 2007.

RUY, Karine dos Santos. **Para onde vão nossos filmes**: um estudo sobre a circulação do blockbuster nacional no mercado de salas. Dissertação de Mestrado: PUCRS, 2011. 180p.

SHOHAT, Ella & STAM, Robert. **Crítica à imagem euro-cêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 528 p.

SILVA, João Guilherme Barone e. **Assimetrias, dilemas e axiomas do cinema brasileiro nos anos 2000.** Porto Alegre: Revista Famecos, vol. 18, n°3, p. 916-932, 2011.

WYATT, Justin. **High concept**: movies and marketing in Hollywood. Austin: University of Texas Press, 2006. 249 p.

